

MAIS DE DOIS MILHÕES DE EXEMPLARES  
VENDIDOS EM QUARENTA PAÍSES

# SHANTARAM

Gregory David Roberts



Um fenômeno editorial. *The Sunday Times*

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



GREGORY DAVID ROBERTS

# SHANTARAM

TRADUÇÃO DE LIVIA DE ALMEIDA





## **SUMÁRIO**

PARTE UM

PARTE DOIS

PARTE TRÊS

PARTE QUATRO

PARTE CINCO

Para minha mãe



**PARTE U M**

PRECISEI DE MUITO TEMPO e de atravessar a maior parte do mundo para aprender o que sei sobre o amor, o destino e as escolhas que fazemos, mas pude ter um vislumbre de sua essência em uma fração de segundo, enquanto eu era torturado, acorrentado a uma parede. Entre um grito e outro, de alguma forma percebi que mesmo naquele estado de impotência, algemado e sangrando, eu ainda era livre: livre para odiar os homens que me torturavam ou para perdoá-los. Não parece muita coisa, eu sei. Mas sob o peso e o aperto da corrente, quando isso é tudo o que se tem, tal liberdade representa um universo de possibilidades. E a escolha entre odiar e perdoar pode se transformar na história de nossa própria vida.

No meu caso, trata-se de uma história longa e agitada. Fui um revolucionário que perdeu seus ideais para a heroína, um filósofo que perdeu a integridade para o crime, e um poeta que perdeu a alma em uma prisão de segurança máxima. Quando fugi daquela prisão, pulando o muro da frente, entre as duas guaritas, tornei-me o homem mais procurado de meu país. Tive sorte e viajei meio mundo até chegar à Índia, onde entrei para a máfia de Bombaim.<sup>1</sup> Fui traficante de armas, contrabandista, falsificador. Fui algemado em três continentes, espancado, esfaqueado, passei fome. Fui para a guerra. Enfrentei o fogo inimigo. E sobrevivi enquanto outros morriam a minha volta. A maioria dos que morriam era melhor que eu: homens melhores cujas vidas foram destruídas por erros e desperdiçadas em uma fração de segundo pelo ódio, pelo amor ou pela indiferença de outra pessoa. E eu também enterrei muitos desses homens, e lamentei suas histórias e suas vidas como se fossem minhas.

Porém, minha história não começa com eles ou com a máfia: remonta àquele primeiro dia em Bombaim. O destino me pôs ali para que eu entrasse no jogo. A sorte embaralhou as cartas que me levaram a Karla Saaranen. E comecei a jogar com aquela mão desde o primeiro momento em que olhei dentro de seus olhos verdes. Assim começa esta história, como tudo o mais: com uma mulher, uma cidade e uma pitada de sorte.

A primeira coisa que percebi em Bombaim, naquele primeiro dia, foi seu cheiro peculiar. Eu podia senti-lo antes de ver ou ouvir qualquer coisa da Índia, ainda quando caminhava pelo túnel de acesso que ligava o avião ao aeroporto. Ele me deixou excitado e maravilhado já naquele primeiro minuto na cidade, foragido da prisão e recém-chegado ao grande mundo, mas não consegui identificá-lo. Agora sei que é o cheiro doce e refrescante da esperança, o oposto do ódio. E é o cheiro azedo e sufocado da ganância, o oposto do amor. É o cheiro de deuses, demônios, impérios e civilizações redivivos e decadentes. É o cheiro da superfície azulada do mar, não importa onde se esteja na cidade-ilha, e o cheiro de sangue metálico das máquinas. É o cheiro da agitação, do sono e dos dejetos de sessenta milhões de animais, mais da metade deles humanos e ratos. Cheiro de desilusão, da luta pela sobrevivência, dos amores e dos fracassos

cruciais que geram nossa coragem. Cheiro de dez mil restaurantes, cinco mil templos, capelas, igrejas e mesquitas e de uma centena de bazares nos quais se vendiam apenas perfumes, especiarias, incenso e flores frescas. Certa vez Karla chamou aquilo de o pior cheiro bom do mundo, e tinha razão, naturalmente, como costumava acontecer. Mas agora, quando retorno a Bombaim, essa é minha *primeira* sensação da cidade. É aquele cheiro, acima de tudo, que me dá as boas-vindas e me diz que estou de volta ao lar.

Em seguida, reparei no calor. Fiquei nas filas do aeroporto menos de cinco minutos depois de deixar o ar-condicionado do avião, e minhas roupas já grudavam com o suor repentino. Meu coração batia forte sob o comando do novo clima. Cada respiração era uma vitoriazinha na marra. Vim a descobrir que a umidade dos trópicos nunca cessa, porque o calor que a provoca, noite e dia, é um calor pegajoso. Em Bombaim, a umidade asfixiante nos transforma em anfíbios, respirando água no ar. A gente aprende a viver assim, aprende a gostar, ou então vai embora.

E havia as pessoas. Assameses, jats e punjabis; gente do Rajastão, Bengala e Tamil Nadu. De Pushkar, Cochin e Konarak. Da casta dos guerreiros, brâmanes, intocáveis, hindus, muçulmanos, cristãos, budistas, parses, jainistas, animistas. De pele clara e escura, olhos verdes, castanhos dourados e negros. Todos os rostos e formas diferentes daquela diversidade extravagante, daquela beleza incomparável: a Índia.

Todos aqueles milhões em Bombaim, e mais um. Os dois melhores amigos do contrabandista são a *mula* e o *camelo*. As mulas passam pela fronteira com muamba, a serviço de um contrabandista. Os camelos são turistas acima de qualquer suspeita, que ajudam o contrabandista a atravessar a fronteira. Para disfarçar, ao usar passaportes e documentos de identidade falsos, os contrabandistas cativam a amizade de outros viajantes — os camelos —, que os levarão em segurança, discretamente, a passar pelo aeroporto e pelos controles de imigração sem que ninguém perceba.

Eu não sabia de nada disso naquela época. Aprendi os macetes do contrabando bem depois, anos mais tarde. Naquela primeira viagem à Índia, eu agia apenas na base do instinto e a única mercadoria que contrabandeava era a *min mesmo*, minha frágil e perseguida liberdade. Eu utilizava um passaporte neozelandês falso, em que minha foto substitua a original. Eu mesmo tinha feito o trabalho, que estava longe de ser perfeito. Estava certo de que passaria em uma inspeção de rotina, mas sabia que, se despertasse alguma suspeita e alguém resolvesse checar com a New Zealand High Commission, eu seria desmascarado bem rápido. Na viagem de Auckland para a Índia, eu havia rodado pelo avião em busca do grupo certo de neozelandeses. Encontrei um pequeno grupo de estudantes que viajava pela segunda vez ao subcontinente. Quando insisti que dividissem suas experiências e dicas de viagem comigo, estimei uma ligeira camaradagem que nos manteve juntos até o controle de imigração do aeroporto. Os diversos oficiais indianos presumiram que eu viajava com aquele grupo descontraído e insuspeito e fizeram apenas uma inspeção superficial.

Continuei sozinho e recebi os golpes do sol do lado de fora do aeroporto,

inebriado com a euforia da fuga: mais uma parede escalada, outra fronteira atravessada, outro dia e noite para fugir e me esconder. Eu tinha escapado da prisão havia quase dois anos, mas a realidade da vida de um foragido é que precisamos fugir a cada dia e a cada noite. Embora não fosse completamente livre — nunca completamente livre —, havia a esperança e a empolgação assustada diante do novo: um novo passaporte, um novo país, e novas rugas de temor em meu rosto jovem, sob meus olhos cinzentos. Fiquei ali, na balbúrdia da rua, sob a cúpula azul abrasadora do céu de Bombaim, e meu coração estava puro e ansioso por promessas, como uma manhã de monção nos jardins de Malabar.

— Senhor! Senhor! — uma voz clamava atrás de mim.

A mão de alguém segurou meu braço. Parei. Tensioniei todos os músculos do corpo e engoli o medo. *Não corra. Não entre em pânico.* Virei-me.

Um homenzinho estava atrás de mim, vestido com um uniforme marrom imundo, segurando meu violão. Não era apenas pequeno, era um homem minúsculo, um anão com cabeça grande e a inocência espantada da síndrome de Down nos seus traços. Ele empurrou o violão para mim.

— Sua música, senhor. Está perdendo sua música, não é?

Era o *meu* violão. Percebi na mesma hora que o esquecera perto da esteira da bagagem. Não conseguia imaginar como o homenzinho sabia que aquilo me pertencia. Quando sorri com alívio e surpresa, o homem devolveu o sorriso com aquela sinceridade perfeita que tanto tememos e que costumamos chamar de simplória. Ele me entregou o violão e reparei que seus dedos eram colados como o pé de uma ave aquática. Tirei algumas notas do bolso e lhe ofereci, mas ele recuou com suas pernas grossas, desajeitadamente.

— Nada de dinheiro. Estamos aqui para ajudar, senhor. Seja bem-vindo à Índia — disse ele e se afastou correndo, imerso na floresta de corpos no caminho.

Comprei uma passagem para a cidade com o Serviço de Ônibus dos Veteranos, mantido por ex-integrantes do Exército indiano. Observei quando minha mochila e minha bolsa de viagem foram postas no alto de um ônibus e despejadas sobre uma pilha de bagagem com uma intensidade precisa e indiferente. Decidi manter o violão comigo. Peguei um lugar no banco na traseira do ônibus. Dois viajantes de cabelos compridos vieram me fazer companhia. O veículo lotou rapidamente com uma mistura de indianos e estrangeiros, a maioria jovem e viajando da forma mais barata possível.

Quando o ônibus estava quase cheio, o motorista se voltou para nós, fez uma careta ameaçadora, cuspiu pela porta aberta um jato vermelho vivo de suco de bétel e anunciou nossa iminente partida.

— *Thik hain, challo!*

O motor roncou, as marchas foram engrenadas com um rosnado e batidas surdas, e partimos a uma velocidade alarmante por entre multidões de carregadores e pedestres que mancavam, saltavam ou se desviavam de nosso caminho por questão de milímetros. Nosso condutor, no degrau mais baixo do ônibus, xingava a todos com uma surpreendente animosidade.

A viagem do aeroporto até a cidade começou por uma autoestrada larga e moderna, ladeada por arbustos e árvores. Parecia muito com a paisagem ordenada e pragmática das imediações do aeroporto de Melbourne, minha cidade natal. Esse aspecto familiar me induziu a tamanha serenidade que, assim que a estrada se estreitou, o contraste e o efeito foram tão drásticos que pareceram calculados. A primeira visão das favelas, no momento em que as muitas pistas da estrada se fundiram em uma e as árvores desapareceram, ficou cravada em meu coração com as garras da vergonha.

Semelhante a dunas negras e marrons, a imensidão das favelas se derramava a partir do acostamento e alcançava o horizonte com miragens sórdidas provocadas pelo calor. Os barracos miseráveis eram montados com farrapos, pedaços de plástico e papelão, esteiras de junco e varetas de bambu. Ficavam grudados uns nos outros, amontoados, com estreitas passagens a seu redor. Em toda sua extensão, não havia nada que se erguesse muito acima da altura de um homem.

Parecia impossível que um aeroporto moderno, cheio de viajantes prósperos e importantes, estivesse a apenas alguns quilômetros daqueles sonhos esmagados, cobertos de fuligem. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi que alguma catástrofe devia ter acontecido e que as favelas eram campos de refugiados para abrigar os desnorteados sobreviventes. Meses depois, descobri que, de fato, os favelados *eram* sobreviventes: as catástrofes que os levaram a deixar suas aldeias e ir para lá foram a pobreza, a fome, o derramamento de sangue. E cinco mil novos sobreviventes chegavam à cidade todas as semanas, semana após semana, ano após ano.

Enquanto avançávamos, à medida que centenas de pessoas naquelas favelas se transformavam em milhares e em dezenas de milhares, minha determinação foi abalada. Senti-me corrompido pela minha própria saúde e pelo dinheiro em meu bolso. O primeiro confronto com os miseráveis da terra é de uma culpa dilacerante, se você consegue entender isso. Eu assaltara bancos, traficara drogas e, na cadeia, levava surras de partir os ossos. Havia trocado facadas com outros homens. Fugira de uma prisão brutal, cheia de homens brutais, da maneira mais difícil — pelo muro da frente. No entanto, aquele primeiro contato com a miséria esfarrapada da favela, com o sofrimento que se estendia até a linha do horizonte, feriu meus olhos. Por algum tempo, era como se estivesse andando sobre pregos.

Então as fagulhas da vergonha e da culpa ganharam força e se transformaram em raiva, tornaram-se uma fúria arrebatadora diante da injustiça. *Que tipo de governo, pensei, que tipo de sistema permite um sofrimento como esse?*

Mas as favelas se estendiam por quilômetros e quilômetros, atenuadas apenas pelo terrível contraste entre empreendimentos suntuosos e prédios decadentes, cobertos de musgo, onde moravam os relativamente mais abastados. As favelas se estendiam, e sua mera onipresença logo exauriu minha indignação de estrangeiro. Uma espécie de espanto tomou conta de mim. Comecei a olhar além da imensidão da coletividade e a perceber os que ali habitavam. Uma mulher se debruçava para escovar a cortina de seda negra de seus cabelos. Outra

banhava os filhos com a água de um prato de ágata. Um homem levava três bodes com fitas vermelhas amarradas nos pescoços. Outro se barbeava diante de um espelho quebrado. Havia crianças brincando em toda parte. Homens carregavam água dentro de baldes. Outros faziam remendos em um dos barracos. E por toda parte as pessoas riam e gargalhavam.

O ônibus parou em um engarrafamento e um homem surgiu de um dos barracos perto da minha janela. Era um estrangeiro, com a pele tão clara quanto qualquer um dos recém-chegados, e vestia apenas um pano enrolado de algodão com desenhos de hibiscos. Ele se espreguiçou, bocejou e coçou a barriga nua com despreocupação. Havia uma placidez bovina, definitiva, em seu rosto e sua postura. Surpreendi-me invejando tal satisfação e os sorrisos com que um grupo que cruzava com ele na estrada o saudou.

O veículo se pôs mais uma vez em movimento e perdi de vista o tal homem. Mas aquela imagem mudou por completo minha postura em relação à favela. Ao vê-lo ali, um homem tão estrangeiro quanto eu, pude me inserir naquele mundo. O que parecera de uma estranheza inimaginável e distante da minha experiência de repente se tornou possível, compreensível e, por fim, fascinante.

Olhei então para as pessoas e vi como eram *ocupadas* — de quanto trabalho diligente e energia eram constituídas suas vidas. Ao vislumbrar vez ou outra o interior dos barracos, revelava-se a surpreendente limpeza daquele ambiente pobre: assoalhos impecáveis e painéis reluzentes de metal em pilhas ordenadas. E finalmente percebi o que deveria ter notado primeiro. Vi como eram belos: as mulheres enroladas em escarlate, azul e dourado; outras caminhando descalças pelo emaranhado miserável da favela com graça etérea e paciente; os olhos castanhos e os dentes brancos dos homens; e a amizade afetuosa das crianças de pernas finas, as mais velhas brincando com as mais jovens, muitas carregando seus irmãos bebês amarrados nos quadris esguios. E, meia hora depois de a viagem de ônibus ter começado, eu sorri pela primeira vez.

— Não é uma visão bonita — disse o jovem a meu lado, contemplando a cena pela janela. Ele era canadense, como deixava claro o emblema com a folha de bordo em sua jaqueta: alto e corpulento, olhos claros, cabelos castanhos na altura dos ombros. Seu companheiro parecia uma versão mais baixa e compacta dele. Os dois usavam até calças jeans idênticas, desbotadas, sandálias e jaquetas macias de brim.

— Pode repetir?

— É sua primeira vez? — respondeu ele com outra pergunta. Assenti. — Imaginei que sim. Não se preocupe. Daqui para a frente melhora um pouco. Menos favelas, essas coisas. Mas não há um lugar muito bom em Bombaim. É a cidade mais horrenda da Índia, pode ter certeza.

— Você tem razão — concordou o homem mais baixo.

— Mas daqui para a frente você encontra alguns templos bonitos e uns prédios grandes dos britânicos que são interessantes: leões de pedra, postes de metal, coisas do gênero. Mas isso aqui não é a Índia. A verdadeira Índia está lá em cima, perto do Himalaia, em Manali, ou na cidade sagrada de Varanasi, ou ao sul, na costa, em Kerala. A gente precisa sair da cidade para encontrar a Índia de verdade.

— Para onde vocês estão indo?

— Vamos ficar em um *ashram* — anunciou o amigo. — Pertence à comunidade Rajneesh, em Poona. É o melhor do país.

Dois pares de olhos azul-claros, límpidos, me fitaram com uma vaga censura, quase acusatória, daqueles que se convenceram de ter encontrado o único caminho verdadeiro.

— Você vai ficar?

— Como assim?

— Você vai ficar em um hotel ou está apenas de passagem por Bombaim?

— Não sei — respondi, virando para olhar mais uma vez pela janela. Era verdade. Eu não sabia se queria ficar em Bombaim por um tempo ou seguir para... outro lugar. Não sabia e não me importava. Bem, naquele momento eu era o que Karla uma vez chamou de animal mais perigoso e fascinante do planeta: um homem corajoso, determinado, sem um plano. — Para falar a verdade, não tenho planos. Mas acho que vou ficar em Bombaim por algum tempo.

— Bem, vamos passar a noite e pegar o trem amanhã. Se você quiser, podemos dividir o quarto. É bem mais barato para três pessoas.

Encontrei seu olhar azul e sincero. *Talvez fosse melhor, a princípio, dividir um quarto*, pensei. Os documentos autênticos e os sorrisos tranquilos fariam meu passaporte passar despercebido. Seria bem mais seguro.

— E é bem mais seguro — acrescentou.

— Isso é verdade — concordou o amigo.

— Mais seguro? — perguntei com um tom de indiferença que na realidade eu não sentia.

O ônibus avançava lentamente, por estreitos becos com prédios de três ou quatro andares. O trânsito se agitava nas ruas com uma eficiência misteriosa e maravilhosa — uma frenética dança de ônibus, caminhões, bicicletas, carros, charretes, lambretas e gente. As janelas abertas de nosso estropeado veículo deixavam entrar aromas de especiarias, perfumes, fumaça de diesel e do esterco de gado, em uma combinação fumegante, mas não necessariamente desagradável. Por todo lado ouviam-se vozes sobre acordes de uma música desconhecida. Cada esquina guardava gigantescos cartazes anunciando filmes indianos. As cores sobrenaturais dos pôsteres se projetavam por trás do rosto bronzeado do canadense alto.

— Com certeza, é bem mais seguro. Isto aqui é Gotham City, cara. Os meninos de rua sabem mais formas de passar a mão em seu dinheiro do que o cassino do inferno.

— É uma coisa de *cidade grande*, cara — explicou o baixinho. — São todas iguais. Não é só aqui. Acontece a mesma coisa em Nova York, no Rio, em Paris. São todas sujas e são todas loucas. Uma coisa de *cidade grande*, sabe do que estou falando? Você chega ao resto da Índia e vai adorar. É um país fantástico, mas as cidades estão todas fodidas, tenho que dizer.

— E os malditos hotéis ficam nelas — acrescentou o alto. — A gente pode ser roubado só por estar sentado no quarto de hotel fumando um baseado. Fazem

acordos com os tiras para levá-lo em cana e ficar com todo o seu dinheiro. A coisa mais segura a fazer é andar acompanhado, viajar em grupo, pode ter certeza.

— E você precisa sair das cidades o mais rápido possível — disse o baixinho. — Minha nossa, vocês viram aquilo ali?

O ônibus tinha feito a curva em uma larga avenida ladeada por enormes pedras, que se derramavam no mar turquesa. Um pequeno grupo de miseráveis barracos negros se amontoava sobre a rocha, como restos do naufrágio de uma embarcação sinistra e primitiva. Os barracos estavam em chamas.

— Porra! Olha só *aquilo!* Aquele sujeito está *cozinhando*, cara! — gritou o canadense alto, apontando para um homem que corria para o mar com as roupas e os cabelos em chamas. O homem escorregou e se atirou contra as grandes pedras. Uma mulher e uma criança o alcançaram e abafaram as chamas com suas mãos e roupas. Outras pessoas tentavam conter o fogo nos barracos ou simplesmente ficavam ali e observavam suas precárias casas arderem. — Você viu aquilo? O sujeito está morto, tá sabendo?

— Tem razão — disse o mais baixo, ofegante.

O motorista diminuiu a velocidade, assim como os outros veículos, para olhar o incêndio, mas logo acelerou e seguiu em frente. Nenhum carro parou naquela estrada movimentada. Voltei-me para olhar pela janela traseira do ônibus até que as carcaças queimadas dos barracos se tornaram minúsculas manchinhas, e a fumaça marrom do incêndio, apenas um sussurro da ruína.

No final da longa avenida à beira-mar, fizemos uma curva para a esquerda para entrar numa rua larga, cheia de prédios modernos. Havia hotéis de luxo, com porteiros de libré sob toldos coloridos. Perto deles estavam os restaurantes caros adornados por jardins internos. A luz do sol reluzia nas fachadas de vidro polido e metal dos escritórios das companhias aéreas e outros estabelecimentos. Bancas de rua se protegiam da luz do sol sob amplos guarda-sóis. Os indianos que transitavam por ali usavam sapatos resistentes e ternos ocidentais, e as indianas, seda cara. Pareciam decididos e sérios, com expressões graves enquanto corriam de um lado para o outro em grandes prédios comerciais.

O contraste entre o familiar e o inusitado estava em tudo à minha volta. Havia um carro de boi parado ao lado de um moderno carro esporte esperando o sinal abrir. Um homem se agachou para fazer suas necessidades atrás do discreto abrigo fornecido por uma antena parabólica. Um moderno caminhão-guindaste descarregava mercadorias de uma carroça arcaica com rodas de madeira. A impressão era de que um passado infatigável, laborioso e distante se chocava intacto com as barreiras do tempo e encontrava seu próprio futuro. Gostei disso.

— Estamos quase chegando — declarou meu companheiro. — O centro da cidade fica a poucos quarteirões. Não é exatamente o que você chamaria de centro comercial. É só a zona turística onde ficam os hotéis baratos. É a última parada. Chama-se Colaba.

Os dois jovens retiraram os passaportes e os cheques de viagem de dentro do bolso e os colocaram na cueca. O homem mais baixo chegou a tirar o relógio, que foi se juntar ao dinheiro e outros valores na bolsa improvisada dentro das calças. Ele percebeu que eu olhava para ele e sorriu.

— Ei — disse com um sorriso —, é melhor se prevenir!

Levantei e, aos trambolhões, fui para a parte da frente. Quando o ônibus parou, fui o primeiro a descer os degraus, mas uma multidão na calçada impedia que eu avançasse. Eram camelôs — gente a serviço dos hoteleiros, traficantes de drogas e outros comerciantes da cidade — anunciando em um inglês precário quartos de hotel baratos e ofertas imperdíveis. O primeiro deles era um homenzinho com cabeça grande e quase perfeitamente redonda. Vestia uma camisa de brim e calça de algodão azul. Aos berros, mandou que os companheiros se calassem, então virou para mim com um sorriso enorme, o mais radiante que eu já vira.

— Bom dia, ilustres senhores — saudou-nos. — Sejam bem-vindos a Bombaim. Desejam um hotel muito bom e barato, não é?

Ele fitou meus olhos, sem deixar murchar aquele sorriso enorme. Havia alguma coisa naquele sorriso — uma exuberância moleca, mais honesta e animada do que a mera felicidade — que tocou meu coração. Foi uma questão de segundos, o contato entre nossos olhos, mas o bastante para que eu resolvesse confiar nele — o homenzinho com um sorrisão. Não sabia disso naquele momento, mas foi uma das melhores decisões que tomei na vida.

Um grupo de passageiros que descia do ônibus começou a empurrar e a forçar passagem pelo enxame de camelôs. Os dois jovens canadenses abriram caminho pela aglomeração sem serem incomodados, com grandes sorrisos que brindavam tanto os diligentes camelôs quanto os turistas agitados. Ao observá-los driblar a multidão, percebi pela primeira vez sua ótima forma física, como eram saudáveis e boas-pintas. Naquele momento decidi aceitar a oferta para dividir a diária de um quarto. Em sua companhia, o crime da minha fuga da prisão, o crime da minha existência no mundo, era invisível e inconcebível.

O pequeno guia me agarrou pela manga e me levou para longe do grupo, na direção da traseira do ônibus. O motorista subiu no teto com a agilidade de um macaco e jogou a mochila e a bolsa de viagem em meus braços. Outras malas começaram a desabar sobre a calçada, em uma assustadora cadência de rangidos e baques. Enquanto os passageiros corriam para deter a chuva de seus pertences, o guia novamente me levou para outro lugar, um canto tranquilo a alguns metros do ônibus.

— Meu nome é Prabaker — declarou em um inglês melodioso. — Qual é seu ilustre nome?

— Meu ilustre nome é Lindsay — menti, usando o nome que constava no meu passaporte falso.

— Sou guia de Bombaim. Um guia excelente, o número um, é o que sou. Conheço Bombaim inteira muito bem. Você quer ver tudo. Sei exatamente onde você vai encontrar a maior parte de tudo. Posso até lhe mostrar *mais* do que tudo.

Os dois jovens viajantes se juntaram a nós, perseguidos por um insistente bando de camelôs e guias esfarrapados. Prabaker berrou com seus indisciplinados colegas e eles recuaram um pouco, fitando avidamente nossa coleção de malas e mochilas.

— O que quero ver neste instante — disse eu — é um quarto de hotel limpo e barato.

— Certo, senhor! — O rosto de Prabaker se iluminou. — Posso levá-lo a um hotel barato, a um  *muito* barato, a um barato  *demais*  e até mesmo a um hotel tão barato que ninguém em seu juízo perfeito ficaria lá.

— Tudo bem. Mostre o caminho, Prabaker. Vamos dar uma olhada.

— Ei, espere um minuto — exclamou o mais alto dos dois jovens. — Você vai pagar esse cara? Quer dizer, eu sei como chegar aos hotéis. Sem querer ofendê-lo, companheiro... Tenho certeza de que você é um ótimo guia e tudo mais... Mas não precisamos de você.

Olhei para Prabaker. Os olhos grandes, castanho-escuros, estudavam meu rosto com ar divertido. Jamais conhecera um homem com menos hostilidade dentro de si do que Prabaker Kharre: ele era incapaz de erguer a voz ou a mão em um momento de raiva, e pude sentir alguma coisa já naquele momento, nos primeiros minutos com ele.

— Será que eu  *preciso*  de você, Prabaker? — perguntei-lhe, com ar ao mesmo tempo sério e gozador.

— Claro! — exclamou ele em resposta. — Você precisa tanto de mim que estou quase chorando com a sua situação! Só Deus sabe que coisas terríveis podem acontecer com você sem a minha boa pessoa a guiá-lo ao coração de Bombaim!

— Vou pagar — disse aos meus companheiros. Eles deram de ombros e levantaram as mochilas. — Tudo bem. Vamos lá, Prabaker.

Comecei a erguer a mochila, mas Prabaker a agarrou rapidamente.

— Vou levar sua bagagem — insistiu ele, com delicadeza.

— Não, não precisa. Estou bem.

O imenso sorriso se esvaiu até se transformar em uma careta suplicante.

— Por favor, senhor. É minha tarefa. É meu dever. Minhas costas são fortes. Não há problema. Vai ver só.

Todos os meus instintos se rebelaram contra a ideia.

— Não é preciso mesmo...

— Por favor, senhor Lindsay, é uma honra. Olhe as pessoas.

Prabaker gesticulou com a palma da mão virada para cima em direção a todos aqueles camelôs e guias que haviam conseguido arranjar clientes entre os turistas. Cada um segurava uma bolsa, mala ou mochila e seguia em frente, levando seu grupo para o burburinho com animada determinação.

— Muito bem, está certo... — resmunguei, confiando em seu discernimento. Foi apenas a primeira entre as incontáveis rendições que viriam a definir nosso relacionamento. O sorriso mais uma vez se abriu em seu rosto redondo, e ele pelejou com a mochila, colocando as alças nos ombros com a minha ajuda. Estava pesada, obrigando-o a jogar o pescoço para a frente, curvar-se e disparar em um pesado galope. Minhas passadas mais largas logo me colocaram a seu lado, e observei o esforço em seu rosto. Senti-me como um  *bwana*  branco, uma espécie de chefe, transformando-o em minha besta de carga, e detestei a ideia.

Mas ele riu, aquele pequeno indiano. Tagarelou sobre Bombaim e as atrações a serem visitadas, chamando a atenção para os marcos da cidade enquanto caminhávamos. Ele conversou com respeitosa simpatia com os dois canadenses.

Sorria e cumprimentava efusivamente os conhecidos por quem passava. E era forte, muito mais forte do que parecia. Não parou nem titubeou nos quinze minutos de caminhada até o hotel.

Quatro lances íngremes de uma escadaria escura e coberta de musgo, nos fundos de um grande edifício com vista para o mar, e estávamos no saguão da Pensão da Índia. Cada andar no caminho trazia uma placa diferente — Apsara Hotel, Pensão Star of Asia, Seashore Hotel —, indicando que aquele prédio, na realidade, abrigava quatro hotéis diferentes, um por andar, com seus próprios empregados, serviços e estilos. Os dois jovens viajantes, Prabaker e eu fomos parar com nossas bagagens em um pequeno salão. Um indiano alto e musculoso, vestido com uma camisa incrivelmente branca e uma gravata preta, estava sentado em uma escrivaninha de aço, num canto do corredor que conduzia aos quartos.

— Bem-vindos — disse ele, com um sorriso pequeno e cauteloso que formava covinhas em suas bochechas. — Bem-vindos, jovens senhores.

— Que pardieiro! — resmungou meu companheiro alto, olhando em volta e encontrando pintura descascada e divisórias de compensado.

— Este é o senhor Anand — exclamou Prabaker, rapidamente. — O melhor gerente do melhor hotel de Colaba.

— Cale a boca, Prabaker! — rosnou o senhor Anand.

Prabaker abriu um sorriso maior ainda.

— Está vendo só que ótimo gerente é o senhor Anand? — cochichou, sorrindo para mim. Então voltou o sorriso para o ótimo gerente. — Estou trazendo três ilustríssimos turistas para o senhor. Os melhores clientes para o melhor hotel, não é?

— Eu mandei calar a boca! — retrucou Anand.

— Quanto é? — perguntou o canadense baixo.

— Como assim? — resmungou Anand, ainda olhando com raiva para Prabaker.

— Três pessoas, um quarto, uma noite. Quanto é?

— Cento e vinte rúpias.

— *O quê?* — explodiu o baixinho. — Você está brincando?

— É caro demais — acrescentou seu amigo. — Vamos dar o fora daqui.

— Tudo bem — disparou Anand. — Vocês podem ir para outro lugar.

Eles começaram a juntar as malas, mas Prabaker os deteve com um grito angustiado.

— Não! Não! Este é o hotel mais bonito de todos. Por favor, o quarto, vejam! Por favor, senhor Lindsay, veja só que quarto lindo! Vejam só o quarto lindo!

Houve uma pausa momentânea. Na entrada, os dois jovens hesitaram. Anand examinava os registros do hotel, subitamente fascinado pelas anotações feitas à mão. Prabaker me agarrou pela manga da camisa. Eu sentia certa simpatia pelo guia e admirava o estilo de Anand. Ele não ia implorar, nem tentar nos convencer a ficar com um quarto. Se quiséssemos, teríamos que aceitar suas condições. Quando ele tirou os olhos dos registros, seus olhos encontraram os meus e me fitaram de forma franca e honesta, de um sujeito confiável para outro. Gostei dele na mesma hora.

— Eu gostaria de ver o quarto lindo — disse eu.

— Sim! — riu Prabaker.

— Tudo bem, lá vamos nós! — suspirou o canadense, sorridente.

— No final do corredor — Anand devolveu o sorriso, esticando o braço atrás de si para pegar uma chave pendurada em um painel cheio de ganchos. Ele jogou a chave e sua pesada placa de latão sobre a escrivaninha, na minha direção. — Último quarto à direita, meu amigo.

Era um quarto espaçoso com três camas de solteiro cobertas por lençóis, uma janela com vista para o mar e uma fileira de janelas que dava para uma rua movimentada. Cada parede estava pintada com um tom diferente de verde berrante. O teto era guarnecido com rachaduras. Lascas de tinta ressecada pendiam das paredes. O piso de cimento fazia um declive na direção das janelas que davam para a rua, com misteriosas saliências e ondulações irregulares. Três mesinhas de cabeceira de compensado e uma penteadeira surrada com espelho rachado eram os únicos móveis adicionais. Hóspedes anteriores haviam deixado marcas de sua passagem: uma vela derretida no gargalo de uma garrafa de Bailey's Irish Cream, um calendário com uma cena napolitana preso à parede, e dois balões esquecidos e murchos, presos no ventilador de teto. Era o tipo de quarto que levava as pessoas a escrever os nomes e outros recados nas paredes, como fazem os prisioneiros em suas celas.

— Vou ficar com ele — decidi.

— Sim! — exclamou Prabaker, correndo de volta ao saguão.

Meus companheiros do ônibus se entreolharam e riram.

— Não vou me dar o trabalho de discutir com esse cara. Ele é maluco.

— Concordo — disse o baixinho, dando risada. Ele se abaixou e cheirou os lençóis antes de sentar, cheio de cuidados, em uma das camas.

Prabaker voltou com Anand, que trazia o pesado livro de registros do hotel. Registramos nossos dados no livro, um de cada vez, enquanto Anand verificava nossos passaportes. Paguei uma semana adiantado. Anand devolveu os passaportes dos outros, mas permaneceu com o meu, dando batidinhas com ele no rosto, pensativamente.

— Nova Zelândia? — murmurou.

— E daí? — franzi a testa, sem saber se ele tinha visto ou percebido alguma coisa. Eu era o homem mais procurado da Austrália, tinha escapulado de uma sentença de vinte anos na cadeia por assaltos à mão armada e virara um nome quente na lista de foragidos da Interpol. *O que ele quer? O que ele sabe?*

— Hummm. Tudo bem, Nova Zelândia, Nova Zelândia, você deve estar querendo fumar alguma coisa, bastante cerveja, umas garrafas de uísque, trocar dinheiro, profissionais, boas festas. Se quiser comprar algo, me diga.

Ele me devolveu o passaporte bruscamente e deixou o quarto, com um olhar malicioso para Prabaker. O guia se encolheu para deixá-lo passar pela porta, ao mesmo tempo assustado e sorrindo feliz.

— Um grande homem. Um grande gerente — Prabaker entusiasmou-se depois de Anand ter ido embora.

— Vocês recebem muitos neozelandeses aqui, Prabaker?

— Nem tantos assim, senhor Lindsay. Ah, excelentes sujeitos, eles são. Rir,

fumar, beber, fazer sexo com mulheres a noite inteira, depois rir mais, fumar e beber.

— É. Será que você sabe onde eu posso arranjar um pouco de haxixe, Prabaker?

— Nenhuuuuuum problema! Posso arranjar uma *tola*, um quilo, dez quilos, e sei até onde há um armazém cheio...

— Não preciso de um armazém cheio de haxixe. Só quero dar uns tapinhas.

— Por acaso, eu tenho no bolso uma *tola*, dez gramas do melhor bagulho afegão. Quer comprar?

— Quanto é?

— Duzentas rúpias — sugeriu, esperançoso.

Calculei que deveria custar menos da metade daquele valor. Mas duzentas rúpias — cerca de doze dólares americanos, naqueles tempos — era um décimo do preço na Austrália. Joguei-lhe um maço de cigarros e seda para enrolar.

— Tá bom. Enrole aí um baseado para a gente experimentar. Se gostar, eu compro.

Meus dois colegas de quarto estavam largados em suas camas paralelas. Olharam um para o outro e trocaram caretas parecidas, fazendo ruguinhas na testa e franzindo os lábios no momento em que Prabaker tirou uma pedra de haxixe do bolso. Observaram com fascínio e horror enquanto o guiazinho se ajoelhava para fazer o baseado sobre a superfície empoeirada da penteadeira.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia, cara?

— É, eles podem estar querendo armar um flagrante por porte de drogas ou coisa parecida!

— Eu confio em Prabaker. Não acho que vamos levar um flagrante — retruquei, desenrolando meu saco de dormir e esticando em cima da cama sob os janelões. Havia uma reentrância na beirada da janela e comecei a dispor ali minhas lembranças, bugigangas, amuletos — uma pedra negra que ganhei de uma criança na Nova Zelândia, a concha fossilizada de um caramujo que um amigo tinha encontrado e uma pulseira de garras de falcão feita por outro. Eu estava fugindo. Não tinha lar nem país. Minha bagagem estava cheia de objetos que ganhara: um enorme estojo de primeiros socorros comprado por um grupo de amigos, desenhos, poemas, conchas, plumas. Até as roupas que eu usava e as botas que calçava eram presentes. Todos os objetos eram importantes. Em meu exílio forçado, a beirada da janela se tornou minha casa, e os talismãs, minha nação.

— Cara, se vocês não se sentem seguros, por favor, podem sair e dar uma volta, esperar lá fora um pouquinho. Quando eu estiver com a cabeça feita, chamo vocês. É que prometi para alguns amigos que, se viesse para a Índia, a primeira coisa que eu faria seria fumar um haxixe e pensar neles. Pretendo cumprir a promessa. Além do mais, o gerente parece ser bem tranquilo em relação a isso. Tem algum problema fumar um baseado aqui, Prabaker?

— Fumo, bebida, dança, música, sexo, sem problemas aqui — Prabaker nos garantiu, sorrindo feliz, por um momento desviando os olhos da sua tarefa. — Tudo permitido, sem problemas. A não ser brigar. Brigar não é de bom-tom na

Pensão da Índia.

— Estão vendo só? Nenhum problema.

— E morrer — acrescentou Prabaker, abanando pensativamente a cabeça redonda. — O senhor Anand não gosta que as pessoas morram aqui.

— O que é isso? O que ele está dizendo sobre morrer?

— Fala sério! Quem está *morrendo* aqui? *Meu Deus!*

— Não tem problema morrer, *baba* — tranquilizou Prabaker, oferecendo aos canadenses nervosos o baseado perfeitamente enrolado. O homem mais alto pegou e acendeu. — Não tem muita gente morrendo aqui na Pensão da Índia, geralmente só viciados com rostos esqueléticos. Não vai ter problema com vocês, com seus corpos belos, grandes e gordos.

Seu sorriso era de uma simpatia apaziguadora quando ele passou o baseado para mim. Assim que o devolvi, ele deu um tapa com prazer evidente e voltou a passá-lo para os canadenses.

— Bagulho bom, não é?

— Muito bom — disse o sujeito mais alto. Seu sorriso era caloroso, generoso — o sorriso aberto que os anos que se seguiram me ensinaram a associar ao Canadá e aos canadenses.

— Vou querer — disse eu. Prabaker passou para mim e eu quebrei a pedra de dez gramas em duas partes, jogando uma delas para um dos meus companheiros de quarto. — Ai. Uma presença para a viagem a Poona, amanhã.

— Valeu, cara — respondeu ele, mostrando para o amigo. — Sabe, você é do bem. Maluco, mas do bem.

Retirei uma garrafa de uísque da mochila e rompi o lacre. Era outro ritual, outra promessa para uma amiga na Nova Zelândia, uma garota que tinha pedido que eu bebesse e pensasse nela se conseguisse entrar na Índia com meu passaporte falso. Os pequenos rituais — fumar o baseado e beber o uísque — eram importantes para mim. Eu tinha certeza de ter perdido aqueles amigos, como perdera minha família e todos os amigos que havia feito, ao fugir da prisão. De uma forma difícil de entender, eu estava certo de que jamais os veria de novo. Eu estava sozinho no mundo, sem esperanças de voltar, e toda minha vida se resumia a memórias, talismãs e promessas de amor.

Estava a ponto de dar um gole na garrafa, mas um impulso me fez oferecê-la primeiro a Prabaker.

— Muito obrigado, senhor Lindsay — exultou, com olhos arregalados de prazer. Ele jogou a cabeça para trás e despejou uma dose de uísque na boca, sem encostar os lábios no gargalo. — É o melhor de todos, o número um, Johnnie Walker. É, sim.

— Beba mais, se quiser.

— Só um pouquinho, muito obrigado. — Ele bebeu de novo, sorvendo o uísque com goles que faziam seu pomo de adão subir e descer. Parou, lambeu os lábios, então entornou a garrafa pela terceira vez. — Lamento, aaah, sinto muito. Esse uísque é tão bom que me faz perder a compostura.

— Escute, se você gosta tanto dele, pode ficar com a garrafa. Tenho outra. Comprei baratinho no aeroporto.

— Puxa, muito obrigado... — respondeu ele, mas o sorriso deu lugar a uma expressão de desgosto.

— Qual é o problema? Você não quer?

— Quero, senhor Lindsay, quero muito. Mas se eu soubesse que este uísque era *meu* e não *seu*, eu não teria sido tão generoso comigo mesmo ao bebê-lo.

Os jovens canadenses riram.

— Sabe de uma coisa, Prabaker? Eu vou lhe dar a garrafa cheia, para guardar, e vamos todos dividir a garrafa aberta. Que tal? E aqui estão as duzentas rúpias pelo fumo.

O sorriso voltou a brilhar e ele trocou a garrafa aberta pela cheia, acalentando-a com os braços dobrados, carinhosamente.

— Mas, senhor Lindsay, o senhor está cometendo um engano. Digo que esse maravilhoso bagulho custa *cem* rúpias, não duzentas.

— Ahã.

— É, sim. Apenas *cem* rúpias — declarou ele, devolvendo uma das notas para mim, com aparente desinteresse.

— Tudo bem. Escute, estou com fome, Prabaker. Não comi no avião. Você acha que poderia me mostrar um restaurante bom e limpo?

— Com toda a certeza, senhor Lindsay! Conheço restaurantes tão excelentes, com comidas tão incríveis, que o senhor vai ficar até enjoado de tanta felicidade.

— Já me convenceu — disse eu, levantando-me e pegando o passaporte e o dinheiro. — Vocês vêm?

— O quê? *Lá* fora? Está de brincadeira.

— Bem, talvez mais tarde. Tipo, *bem* mais tarde. Mas vamos tomar conta das suas coisas aqui, e esperar você voltar.

— Tudo bem, como quiserem. Dentro de algumas horas estou de volta.

Prabaker fez uma reverência e se despediu educadamente. Fui com ele, mas no momento em que ia fechar a porta, o jovem alto falou.

— Escute... tome cuidado na rua, tá? Quer dizer, você não sabe como são as coisas aqui. Não se pode confiar em ninguém. Não é uma aldeia. Os indianos na cidade são... Bem, tome cuidado, tá?

No balcão da recepção, Anand guardou meu passaporte, cheques de viagem e a maior parte do dinheiro no cofre, entregando-me um recibo detalhado, e eu saí pelas ruas com as palavras do jovem canadense dando voltas na minha cabeça como gaiotas que sobrevoam a maré crescente.

Prabaker nos tinha levado até o hotel por uma avenida larga, arborizada e relativamente vazia, que contornava a baía desde o imponente arco de pedras do monumento Porta da Índia. Mas a rua diante do prédio estava tomada de gente e veículos, e o som das vozes, buzinas e da agitação do comércio era como uma chuvarada sobre telhados de madeira e metal.

Centenas de pessoas caminhavam por ali ou conversavam em grupos. Lojas, restaurantes e hotéis ocupavam os dois lados da rua, por toda a sua extensão. Cada loja ou restaurante tinha uma barraquinha na frente. Dois ou três empregados, sentados em banquinhos dobráveis, cuidavam daqueles pequenos anexos na calçada. Eram africanos, árabes, europeus e indianos. Os idiomas e a

música se modificavam a cada passo, e cada restaurante despejava um perfume diferente no ar escaldante.

Homens em carroças de tração animal e carrinhos de mão serpenteavam em meio ao trânsito pesado para fazer entregas de melancias, sacos de arroz, refrigerantes, roupas penduradas em cabide, cigarros e pedras de gelo. O dinheiro estava em toda parte: ali funcionava o mercado negro de câmbio, Prabaker me contou, e imensos maços de notas eram contados e mudavam de mãos abertamente. Havia mendigos, malabaristas, acrobatas, encantadores de serpentes, músicos, astrólogos, quiromantes, cafetões e traficantes de drogas. E a rua era imunda. Lixo era despejado das janelas sem aviso e empilhava-se nas calçadas e na rua, onde ratos gordos e intrépidos faziam a festa.

Na rua, o que mais me chamava a atenção era o número de mendigos aleijados e doentes. Todos os tipos de moléstia, incapacidade e privação desfilavam por ali, postavam-se na entrada dos restaurantes e das lojas ou abordavam as pessoas na rua com gemidos e lamentos profissionais. Como a primeira visão das favelas da janela do ônibus, o simples vislumbre do sofrimento da rua fez corar de vergonha meu rosto saudável. Mas, enquanto me conduzia pela multidão turbulenta, Prabaker desviou minha atenção daqueles mendigos para imagens que atenuavam a terrível caricatura apresentada pela encenação da sua infelicidade. Um grupo de mendigos jogava baralho na porta de uma casa. Alguns cegos e seus amigos saboreavam uma refeição de peixe e arroz. Crianças sorridentes se revezavam na condução do trole de um homem sem pernas.

Prabaker me olhava de esguelha, observando meu rosto enquanto caminhávamos.

— O que está achando da nossa Bombaim?

— Estou adorando — respondi, e era verdade. Aos meus olhos, a cidade era bela. Era selvagem e emocionante. Prédios do período colonial britânico, em estilo romântico, se erguiam ao lado de modernos arranha-céus com fachadas de vidro. O desleixo indiscriminado dos abandonados conjuntos residenciais contrastava com as extravagantes exposições de verduras e sedas no mercado. Ouvia a música que vinha de cada loja, de cada táxi que passava. As cores eram vibrantes. As fragrâncias, atordoantemente deliciosas. E havia mais sorrisos nos olhos, naquelas ruas movimentadas, do que em qualquer outro lugar que já conhecera.

Acima de tudo, Bombaim era livre... de uma liberdade alucinante. Por toda parte eu via aquele espírito libertário, incontrolável, e me flagrei reagindo àquilo com todo o meu coração. Mesmo a onda de vergonha que senti ao ver pela primeira vez as favelas e os mendigos se dissolveu na compreensão de que aqueles homens e mulheres eram livres. Ninguém tirava os mendigos das ruas. Ninguém removia os moradores da favela. Por mais dolorosas que fossem suas vidas, eles eram livres para vivê-las nos mesmos parques e avenidas por onde andavam os ricos e poderosos. Eram livres. A cidade era livre. E eu a amava.

Apesar disso, estava um pouco *incomodado* com a densidade de intenções, o carnaval de necessidades e vontades, a intensidade absoluta dos pedidos e do que se tramava na rua. Não falava nenhuma das línguas que escutava. Nada sabia

sobre as culturas existentes, envoltas em túnicas, sáris e turbantes. Era como se eu me descobrisse em meio à apresentação de alguma peça complexa e extravagante, mas não conhecesse o roteiro. Eu sorria, e sorrir era fácil, por mais que a rua fosse estranha e confusa. Eu era um fugitivo. Um homem procurado, caçado, minha cabeça tinha um preço. E ainda assim eu estava um passo à frente deles. Eu era livre. Cada dia é a história da nossa vida inteira quando a gente está em fuga. Cada minuto de liberdade é um conto com final feliz.

E eu me sentia feliz em estar na companhia de Prabaker. Reparei que ele era bem conhecido na rua, que era cumprimentado com frequência e com considerável afeição por um amplo círculo de pessoas.

— O senhor deve estar faminto, senhor Lindsay — observou Prabaker. — O senhor é um sujeito feliz, se me permite dizer, e estar feliz sempre abre o apetite.

— Bem, estou com bastante fome, é verdade. Onde é o tal lugar? Se soubesse que levaria tanto tempo para chegar ao restaurante, teria trazido um sanduíche.

— Só falta um pouquinho, não é muito longe daqui — respondeu animadamente.

— Muito bem...

— Ah, sim! Vou levá-lo ao melhor restaurante, com as melhores comidas de Maharashtra. O senhor vai gostar, vai ver só. Todos os guias de Bombaim como eu gostam de comer ali. O lugar é tão bom que eles só precisam pagar metade da *baksheesh* habitual, a propina da polícia. *Tão* bom que ele é.

— Muito bem...

— Ah, sim! Mas primeiro me deixe arranjar um cigarro indiano para o senhor, e para mim também. Aqui, vamos dar uma parada.

Ele me levou a uma banca que não era mais do que uma mesa de baralho dobrável com dúzias de marcas de cigarros arrumadas em uma caixa de papelão. Sobre a mesa havia uma grande bandeja de latão com diversos pratinhos de prata. Os pratos continham coco ralado, especiarias e uma variedade de pastas que não consegui identificar. Ao lado da mesinha havia um balde cheio de folhas pontiagudas que flutuavam na água. O vendedor de cigarros secava as folhas, besuntava-as com pastas variadas, recheava com tâmaras moídas, coco, bétel e especiarias, formando pequenos embrulhos. Os muitos clientes amontoados em volta da banca adquiriam as folhas assim que as mãos habilidosas do vendedor terminavam de recheá-las.

Prabaker deu um jeito de se aproximar do homem, esperando a chance de fazer seu pedido. Esticando o pescoço para observá-lo entre a multidão de clientes, encaminhei-me para a beirada da calçada. Ao dar um passo na rua, ouvi um grito.

— *Cuidado!*

Um par de mãos agarrou meu braço pelo cotovelo e me puxou para trás no exato instante em que um imenso ônibus de dois andares passou por mim a toda a velocidade. O ônibus teria me matado se aquelas mãos não houvessem me detido. Virei-me para olhar meu salvador. Era a mulher mais bonita que já tinha visto na vida. Esguia, com cabelos negros na altura dos ombros, e pele clara. Embora não fosse alta, sua presença física demonstrava uma determinação

tranquila, graças aos ombros largos, à postura ereta e aos dois pés firmemente plantados no chão. Usava calças de seda, amarradas com firmeza nos tornozelos, sapatos pretos de salto baixo, uma camisa larga de algodão e um xale de seda grande e comprido. Usava o xale ao contrário, com as duas pontas do tecido delicado esvoaçando nas costas. As roupas que vestia eram todas em diversos tons de verde.

A pista de tudo que um homem poderia amar e temer já se encontrava ali, bem no começo, no sorriso irônico que se abriu no arco formado pelos lábios carnudos. Havia orgulho naquele sorriso e segurança no desenho de seu belo nariz. Sem compreender bem por quê, não tive a menor dúvida de que muita gente tomava o orgulho por arrogância, e confundia sua segurança com soberba. Não cometi aquele erro. Meus olhos se perderam, a nadar, a flutuar livremente na laguna cintilante de seu olhar firme e direto. Os olhos eram grandes, de um verde esplendoroso. Era o verde das árvores nos sonhos mais intensos. Era o verde que o mar teria se fosse perfeito.

A mão dela ainda estava pousada na dobra do meu braço, perto do cotovelo. O toque era exatamente como deveria ser o toque da mão de uma amante: familiar, mas ao mesmo tempo excitante, como uma promessa sussurrada. Senti uma vontade quase irresistível de lhe tomar a mão e colocá-la sobre meu peito, perto do coração. Talvez eu devesse ter feito aquilo. Agora sei que ela teria achado graça e teria gostado de mim por causa disso. Mas, mesmo desconhecidos naquele momento, ficamos ali por cinco longos segundos, olhando um para o outro, enquanto todos os mundos paralelos, todas as vidas paralelas que poderiam ter sido e nunca seriam, giravam em torno de nós. Então ela falou.

— Foi por um triz. Você tem sorte.

— Sim, eu tenho — sorri.

A mão dela deixou lentamente meu braço. Foi um gesto tranquilo e relaxado, mas senti a separação com a mesma intensidade que teria experimentado o despertar abrupto de um sonho feliz e profundo. Debrucei-me sobre ela, olhando por trás, para a esquerda e então para a direita.

— O que é isso? — perguntou.

— Estou procurando as asas. Você é meu anjo da guarda, não é?

— Acho que não — respondeu ela, enquanto um sorriso irônico formava covinhas em seu rosto. — Sou muito diabólica para isso.

— Muito diabólica quanto? — sorri.

Algumas pessoas formavam um grupo no outro lado da banca. Uma delas — um homem bem-apegoado, atlético, com vinte e poucos anos — desceu para a rua e a chamou.

— Karla! Venha cá, *yaar!*<sup>2</sup>

Ela se virou e acenou para ele, então estendeu a mão em minha direção e deu um aperto firme, mas emocionalmente indefinível. O sorriso também era ambíguo. Talvez tivesse gostado de mim, ou quem sabe estivesse apenas feliz por estar se despedindo.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta — disse, enquanto a mão dela deixava a minha.

— Sobre o quão diabólica eu sou? — respondeu ela com um meio sorriso se insinuando nos lábios. — É uma pergunta muito pessoal. Para falar a verdade, talvez seja a pergunta mais pessoal que alguém já me fez. Olha só, se você passar no Leopold um dia desses, vai poder descobrir.

Os amigos dela agora estavam do nosso lado da banca, e ela me deixou para se juntar a eles. Eram todos indianos, jovens, vestidos com roupas limpas, elegantes, em estilo ocidental de classe média. Riam muito, se encostavam com familiaridade, mas ninguém tocava em Karla. Ela parecia projetar, ao mesmo tempo, uma aura atraente e inviolável. Cheguei mais perto, fingindo curiosidade pelo trabalho do vendedor de cigarros, com suas folhas e pastas. Prestei atenção enquanto ela conversava com eles, mas não sabia que idioma era aquele. Sua voz, naquela língua, naquela conversa, era surpreendentemente profunda e sonora. Os pelos de meus braços se eriçaram com aquele som. E acho que isso também deveria ter me servido de aviso. *A voz, segundo casamenteiros afegãos, é mais da metade do amor.* Mas eu não sabia disso naquela época e meu coração disparou, num território que até mesmo os casamenteiros temeriam explorar.

— Veja só, senhor Lindsay, comprei apenas dois cigarros para nós — disse Prabaker, voltando para o meu lado e me oferecendo um dos cigarros com um floreio. — Aqui é a Índia, país de pobres. Ninguém precisa comprar um maço inteiro. A gente pode comprar só um cigarro. E ninguém precisa comprar fósforos.

Ele se inclinou para a frente e pegou um pedaço de corda de cânhamo que ardia, pendurada num gancho do poste do telégrafo, ao lado da banca de cigarros. Prabaker soprou as cinzas na ponta, revelando uma pequena brasa alaranjada que usou para acender o cigarro.

— O que ele está fazendo? O que estão mastigando naquelas folhas?

— Chamam de *paan*. Sabor muito, muito bom e mastigar é gostoso. Todo mundo em Bombaim masca e cospe, masca e cospe de novo, sem problemas, dia e noite também. Faz muito bem para a saúde, mascar muito e cuspir tudo. Quer experimentar? Vou conseguir um pouco para você.

Assenti e deixei que ele fizesse o pedido, nem tanto pela nova experiência, mas sobretudo pela desculpa para permanecer por ali e observar Karla. Ela estava muito descontraída, bastante à vontade, completamente integrada à rua e a sua sabedoria impenetrável. Aquilo que me causava perplexidade parecia ser corriqueiro para ela. Lembrei-me do estrangeiro na favela — o homem que tinha visto pela janela do ônibus. Como ele, Karla parecia calma e satisfeita em Bombaim. Parecia em casa. Invejei o carinho e a boa acolhida que ela recebia dos que a cercavam.

Mais que isso, meus olhos eram atraídos por sua beleza encantadora. Eu olhava para ela, uma desconhecida, e a minha respiração ficava difícil. Sentia um aperto no coração, como o peso de um punho. Uma voz em meu sangue dizia *sim, sim, sim...* As antigas lendas sânscritas falam de um amor predestinado, uma ligação cármica entre almas que estão fadadas a se encontrar, a colidir, a se deixar fascinar mutuamente. As lendas dizem que a pessoa amada é reconhecida na mesma hora, pois é amada em cada gesto, em todas as manifestações de

pensamento, em cada movimento, em cada som, e em cada estado de espírito revelado pelo olhar. As lendas dizem que sabemos quem é por causa de suas asas — que só nós podemos ver —, e porque o desejo por ela elimina qualquer outro desejo de amar.

As mesmas lendas avisam que tal amor predestinado algumas vezes pode ser a possessão e a obsessão de uma — de apenas uma — das duas almas gêmeas aproximadas pelo destino. Mas a sabedoria, em certo sentido, é o oposto do amor. O amor sobrevive dentro de nós justamente por não ser sábio.

— Ah, você olha aquela garota — observou Prabaker, voltando com o *paan* e seguindo a direção do meu olhar. — Acha que ela é bonita, não é? O nome dela é Karla.

— Você a *conhece*?

— Ah, claro. Todo mundo conhece Karla — respondeu ele com um cochicho teatral tão ruidoso, que fiquei com medo que ela tivesse ouvido. — Você quer conhecê-la?

— Conhecê-la?

— Se você quiser, vou falar com ela. Você quer ser amigo dela?

— O quê?

— Ah, sim! Karla é minha amiga e também será sua amiga, eu acho. Talvez sua ilustríssima pessoa ganhe muito dinheiro fazendo negócios com Karla. Talvez se tornem tão amigos e tão íntimos, que vão fazer muito sexo juntos e tirar o máximo de seus corpos. Tenho certeza de que gozarão com muito amor.

Ele chegava a esfregar as mãos, de tanto entusiasmo. Os sumos vermelhos do *paan* manchavam os dentes e os lábios que sorriam. Tive de segurar seu braço para impedi-lo de abordar Karla, ali, no meio do grupo de amigos.

— Não! Pelo amor de Deus, fale baixo, Prabaker. Se eu quiser falar com ela, posso fazer isso sozinho.

— Puxa, eu entendo — disse ele, parecendo desconcertado. — É o que os estrangeiros chamam de *preliminares*, não é?

— Não! Preliminares são... esqueça preliminares!

— Ah, ótimo! Nunca preste atenção em preliminares, senhor Lindsay. Sou um indiano e nós, indianos, não nos preocupamos com preliminares, partimos direto para a ação. Ah, sim!

Ele segurava uma mulher imaginária e dava estocadas nela com seus quadris estreitos, sem interromper aquele sorriso avermelhado.

— Pare com isso! — ralhei, procurando ver se Karla e seus amigos o observavam.

— Tudo bem, senhor Lindsay — suspirou ele, diminuindo a intensidade das suas estocadas rítmicas até interrompê-las por completo. — Mas, se o senhor quiser, posso ajudá-lo a se tornar amigo da senhorita Karla.

— Não! Quer dizer... não, obrigado. Não quero pedi-la em casamento. Eu... Meu Deus, de que adianta. Diga apenas... o homem que está falando agora... qual é a língua que ele fala?

— Ele está falando híndi, senhor Lindsay. Espere aqui um minuto e vou lhe contar o que está dizendo.

Prabaker foi até o outro lado da banca e se aproximou do grupo disfarçadamente, inclinando-se para escutar. Ninguém prestou atenção nele. Ele balançou a cabeça várias vezes, riu com os outros e voltou depois de alguns minutos.

— Ele está contando uma história muito engraçada sobre um inspetor da polícia de Bombaim, que é muito importante nesta área. O tal inspetor trancafiou na cadeia um sujeito muito inteligente, que o convenceu a deixá-lo sair da prisão dizendo que tinha ouro e joias. Mas não eram ouro e joias de verdade. Eram imitações, e bem baratas, não eram as coisas verdadeiras. E o pior é que, antes de vender as joias falsas, o sujeito passou uma semana na casa do inspetor. E há um forte rumor de que teve um caso com a mulher do inspetor. Agora o inspetor está maluco e tão zangado que todo mundo sai correndo quando ele aparece.

— Como é que você a conheceu? Ela mora aqui?

— Conheceu quem, senhor Lindsay, a mulher do inspetor?

— Não, claro que não! Estou falando da garota, Karla.

— O senhor sabe — disse ele pensativamente, franzindo muito a testa pela primeira vez —, há muitas garotas nessa nossa Bombaim. Estamos a apenas cinco minutos do seu hotel. Nesses cinco minutos, vimos centenas de garotas. Em mais cinco minutos, mais centenas de garotas. E, depois de caminhar um pouco, vamos ver centenas e centenas, centenas e centenas...

— Puxa, centenas de garotas, que ótimo! — interrompi, cheio de sarcasmo, com um tom de voz mais alto do que pretendia. Olhei em volta. Muita gente me fitava sem esconder o desprezo. Continuei, com a voz mais baixa. — Não quero saber sobre centenas de garotas, Prabaker. Só estou... curioso... sobre... sobre *aquela* garota, está bem?

— Muito bem, senhor Lindsay, vou lhe contar tudo. Karla... ela é uma famosa empresária de Bombaim. Está aqui há muito tempo. Talvez uns cinco anos. Tem uma casinha, não muito longe daqui. Todo mundo conhece Karla.

— De onde ela é?

— Alemanha, eu acho, ou coisa parecida.

— Mas falava como americana.

— Sim, *falava*, mas é da Alemanha ou de um lugar como a Alemanha. E agora, de qualquer maneira, é quase uma indiana. Você quer comer sua comida agora?

— Quero, só um minuto.

O grupo de jovens amigos se despediu de outras pessoas perto da banca de *paan* e se embrenhou na agitação da multidão. Karla foi com eles, afastando-se com a cabeça erguida, com aquela postura ereta, quase desafiadora. Eu a observei até que fosse engolida pela maré de gente, mas ela não olhou para trás.

— Você conhece um lugar chamado Leopold? — perguntei a Prabaker depois que ele se juntou a mim e voltamos a caminhar.

— Sim! Lugar belo e maravilhoso, a cervejaria Leopold. Cheio das pessoas mais maravilhosas e belas, as pessoas muito, muito boas e bonitas. O senhor encontra todo tipo de estrangeiro lá, todos fazendo bons negócios. Transações de sexo, drogas, dinheiro, mercado negro, fotos pornográficas, contrabando e

passaportes e...

— Tá bom, Prabaker, entendi o espírito da coisa.

— O senhor quer ir até lá?

— Não, talvez mais tarde. — Parei de andar e Prabaker postou-se a meu lado. — Escuta, como é que os amigos o chamam? Quer dizer, você tem um apelido mais curto do que Prabaker?

— Ah, sim, também tenho apelido. É Prabu.

— Prabu... gostei.

— Quer dizer *Filho da Luz* ou coisa assim. Bom nome, não é?

— Bom nome, sim.

— E seu ilustríssimo nome, senhor Lindsay, não é assim tão bom, se o senhor me perdoa a franqueza. Não gosto desse nome comprido e meio esganiçado para os indianos falarem.

— Você não gosta?

— Sinto muito dizer. Não, não gosto. De maneira nenhuma. Nem um pouquinho. Nem um tiquinho de nada...

— Bem — sorri —, infelizmente não posso fazer muita coisa a respeito disso.

— Estou achando que um nome curto — *Lin* — é bem melhor — sugeriu. — Se o senhor não se importar, vou chamá-lo de Lin.

Era um nome tão bom quanto qualquer outro, nem mais, nem menos falso do que as dúzias de nomes que usei desde a fuga. Para falar a verdade, nos últimos meses me peguei respondendo com estranho fatalismo aos novos nomes que fui forçado a adotar, em um ou outro lugar, e aos novos nomes que os outros me davam. *Lin*. Era um diminutivo que eu nunca teria inventado. Mas soava bem, o que quer dizer que eu escutei uma reverberação fantasmagórica de algo estabelecido, predestinado: um nome que na mesma hora tornou-se meu, tão seguramente quanto o nome secreto, perdido, com que nasci, com o qual fui condenado a passar vinte anos na prisão.

Baixei o olhar para observar o rosto redondo de Prabaker, seus olhos grandes, escuros e travessos. Assenti, sorri e aceitei o nome. Não tinha como saber então que aquele pequeno guia de Bombaim tinha me dado o nome pelo qual milhares de pessoas, de Colaba a Kandahar, de Kinshasa a Berlim, passariam a me conhecer. O destino precisa de cúmplices, e as pedras das paredes do destino são assentadas com pequenas cumplicidades descuidadas como essa. Agora, olho para trás e sei que o momento em que ganhei o nome, que parecia então tão insignificante, que parecia exigir não mais que um supersticioso “sim” ou “não”, aquele momento, na realidade, foi decisivo na minha vida. A função que exerci com aquele nome, a pessoa que me tornei — *Linbaba* —, era mais real, mais fiel a minha natureza, do que qualquer coisa ou qualquer pessoa que eu tinha sido antes.

— Sim, tudo bem. Pode ser Lin.

— Muito bem! Estou *tão* feliz que tenha gostado desse nome. E tal como meu nome, que significa *Filho da Luz* em hindí, o seu, *Lin*, também tem um significado muito bom, de muita sorte.

— É mesmo? O que significa *Lin* em hindí?

— Significa *pênis*! — explicou ele com um prazer que esperava que eu também sentisse.

— Ah, ótimo! É uma coisa... genial.

— Sim, muito genial, muita sorte. Não significa exatamente isso, mas é parecido com *ling*, ou *lingam*, e isso significa pênis.

— Dá um tempo, cara — protestei, voltando a caminhar. — Como é que eu posso sair por aí me apresentando como senhor *Pênis*? Você está de sacanagem? Já estou imaginando — *Olá, prazer em conhecê-lo, meu nome é Pênis*. Impossível. Esquece. Acho que vamos mesmo ficar com Lindsay.

— Não! Não! Lin, eu juro, este é um ótimo nome, um nome muito poderoso, de *muita* sorte. As pessoas vão adorar quando ouvirem. Venha, vou lhe mostrar. Quero deixar essa garrafa de uísque que você me deu com um velho amigo, senhor Sanjay. Aqui, bem aqui nesta loja. *Veja* só como ele vai gostar do seu nome.

Mais alguns passos pela rua movimentada nos levaram até uma lojinha com placa pintada à mão sobre a porta aberta.

### RÁDIO DODÓI

Consertos em equipamentos elétricos  
Vendas de equipamentos elétricos e concertos  
Proprietário Sanjay Deshpande

Sanjay Deshpande era um homem parrudo na casa dos cinquenta anos, com uma aureola de cabelos grisalhos e sobrancelhas brancas e cerradas. Estava sentado atrás de um balcão de madeira maciça, cercado por aparelhos de rádio detonados, toca-fitas com vísceras expostas e caixas com peças. Prabaker o cumprimentou, tagarelando velozmente em hindí, e colocou a garrafa de uísque sobre o balcão. O senhor Deshpande a agarrou com a mão carnuda, sem olhar para ela, e fez com que desaparecesse do seu lado do balcão. Tirou um maço de notas de rúpia de dentro do bolso da camisa, separou algumas e as passou adiante com a palma da mão virada para baixo. Prabaker pegou o dinheiro e o guardou no bolso com um movimento tão rápido e fluido como o de um tentáculo de lula. Finalmente, ele parou de falar e me fez avançar.

— Este é meu grande amigo — informou ao senhor Deshpande enquanto dava tapinhas no meu braço. — Ele é da Nova Zelândia.

O senhor Deshpande grunhiu.

— Chegou hoje a Bombaim. Pensão da Índia, é onde está hospedado.

O senhor Deshpande grunhiu mais uma vez. Ele me examinava com uma curiosidade levemente hostil.

— O nome dele é Lin. Senhor Linbaba — disse Prabaker.

— Qual é o nome dele? — perguntou o senhor Deshpande.

— Lin — exclamou Prabaker, abrindo o sorriso. — O nome dele é Linbaba.

O senhor Deshpande ergueu as impressionantes sobrancelhas com um sorriso surpreso.

— Linbaba?

— Ah, sim! — festejou Prabaker. — Lin. Lin. Também é um sujeito muito bom.

O senhor Deshpande estendeu a mão e eu a apertei. Depois que nos cumprimentamos, Prabaker começou a puxar a manga da minha camisa, me levando para a porta.

— Linbaba! — chamou o senhor Deshpande, no momento em que estávamos prestes a pôr os pés na rua. — Seja bem-vindo a Bombaim. Se tiver *walkman* ou câmara ou um daqueles aparelhos de som portáteis para vender, venha me procurar, Sanjay Deshpande, na Rádio Dodói. Eu pago os melhores preços.

Fiz que sim e então saímos da loja. Prabaker me arrastou pela rua mais alguns metros e depois parou.

— Está vendo só, senhor Lin? Vê como ele gosta do seu nome?

— Parece que sim — resmunguei, surpreso pelo seu entusiasmo e também pela breve negociação com o senhor Deshpande. Depois de conhecê-lo melhor, quando comecei a valorizar sua amizade, descobri que Prabaker acreditava sinceramente que seu sorriso fazia diferença no coração das pessoas e no mundo. Ele estava certo, mas levei muito tempo para compreender aquela verdade e aceitá-la.

— O que é aquela parte *baba* no final? Lin, eu consigo entender. Mas que história é essa de *Linbaba*?

— *Baba* é uma forma de tratamento respeitosa — sorriu Prabaker. — Se colocamos *baba* no final do seu nome, ou do nome de qualquer pessoa especial, é porque queremos tratá-lo com o mesmo respeito que dedicamos a um professor, aos líderes espirituais, ou a um velho muito, muito velho...

— Saquei. Saquei, mas ainda não me sinto à vontade com o nome, Prabu, para falar a verdade. Essa história de *pénis*... Sei não.

— Mas o senhor viu o senhor Sanjay Deshpande! Viu como ele gostou do seu nome! Olhe, olhe como as pessoas adoram esse nome. O senhor veja agora, veja, vou dizer para todo mundo! Linbaba! Linbaba!

Ele estava gritando, dirigindo-se aos desconhecidos que passavam por nós pela rua.

— Tudo bem, Prabu, tudo bem. Confio no que você está dizendo. Fique tranquilo. — Agora foi minha vez de puxar a manga da camisa *dele* para que fosse em frente. — Pensei que você queria *beber* o uísque.

— Ah, sim — suspirou. — Queria e já estava bebendo na minha cabeça. Mas agora, Linbaba, com o dinheiro que ganhei da venda de seu belo presente para o senhor Sanjay, posso comprar duas garrafas de uísque indiano muito ruim e maravilhosamente barato para tomar e me sobra bastante dinheiro para uma linda camisa nova, vermelha, uma *tola* de um bagulho do bom, entradas para assistir a um filme híndi no ar-condicionado e dois dias de comida. Mas espere aí, Linbaba, você não está comendo o *paan*. Você deve colocá-lo no canto da boca e mastigar, antes que fique sem gosto.

— Tudo bem. Como eu faço? Assim?

Pus a trouxinha de folha, que tinha quase o tamanho de uma caixa de fósforos, dentro da boca, entre a bochecha e os dentes, como tinha visto os outros

fazerem. Em questão de segundos uma explosão de doçura aromática tomou conta da minha boca. O sabor era forte e exuberante — melado e sutilmente picante ao mesmo tempo. A trouxinha começou a se desfazer e pedacinhos sólidos e crocantes de noz de bétel descascada, tâmara e coco rodopiaram para dentro da calda doce.

— O senhor precisa cuspir uma parte do *paan* agora — disse Prabaker, olhando para o movimento das minhas mandíbulas em completa concentração. — O senhor faz assim, está vendo? Ponha para fora, assim.

Ele cuspiu um jato de suco vermelho que aterrissou no meio da rua, a um metro de onde estávamos, e formou uma mancha do tamanho de uma palma da mão. Ele o fez com experiência e precisão. Nenhum vestígio de suco permanecia em seus lábios. Tentei imitá-lo, enquanto ele me encorajava com entusiasmo, mas um pouco do suco escarlate vazou da minha boca, deixou uma trilha em meu queixo e na frente da minha camisa, fazendo um ruído de esguicho ao aterrissar sobre minha bota direita.

— Não se preocupe com a camisa — Prabaker franziu a testa, tirando um lenço do bolso e espalhando o fluido vermelho-sangue pela minha camisa com esfregadas vigorosas e pouco eficazes. — Sem problema também com as botas. Vou passar o pano nelas bem assim, viu? Preciso perguntar agora: o senhor gosta de nadar?

— De nadar? — perguntei, engolindo um pouco da mistura do *paan* que ainda estava na minha boca.

— Isso. Nadar. Vou levá-lo para a praia de Chowpatty, muito bela, e lá o senhor pode praticar mascar e cuspir, mascar e cuspir mais *paan*, mas sem tanta roupa, para economizar com a lavanderia.

— Escute, sobre isso... sobre sair pela cidade... você trabalha como o guia, não é?

— Isso. O melhor guia de Bombaim, e também guia para toda a Índia.

— Quanto você cobra por dia?

Ele olhou para mim com as bochechas levantadas pelo sorriso maroto que eu estava aprendendo a reconhecer como a faceta esperta do seu sorriso aberto e gentil.

— Cobro cem rúpias pelo dia inteiro — disse ele.

— Tudo bem...

— E os turistas pagam o almoço.

— Certo.

— E o táxi, os turistas também pagam.

— Claro.

— E as passagens de ônibus em Bombaim, eles pagam.

— Sim.

— E o *chai*, se for uma tarde quente e a gente precisar se refrescar.

— Ahã.

— E as garotas sensuais, se formos lá em uma noite fresca e sentirmos um grande desejo crescer em nossas...

— Tá bom, tudo bem. Escute, vou lhe pagar por uma semana inteira. Quero

que você me mostre Bombaim, me ensine um pouco sobre a cidade. Se trabalhar bem, você recebe uma recompensa no final da semana. Que tal?

O sorriso se acendeu em seus olhos, mas a voz, por incrível que pareça, estava sombria quando ele me respondeu.

— É uma boa decisão sua, Linbaba. Decisão muito boa.

— Bem — disse eu com um sorriso —, vamos ver. E quero que você me ensine algumas palavras em hindí, está bem?

— Isso! Posso ensinar tudo. *Ha* quer dizer sim; *nahin*, não. *Pani* é água, *khanna*, comida, e...

— Tudo bem, tudo bem, a gente não precisa aprender tudo de uma só vez. Este aqui é o restaurante? Ótimo. Estou morrendo de fome.

Eu estava prestes a entrar no restaurante sombrio e desprezioso quando ele me deteve, com expressão repentinamente séria. Franziu a testa e engoliu em seco, como se não soubesse muito bem como começar.

— Antes de comermos essas comidas muito boas — disse ele, afinal —, antes... antes de fecharmos qualquer negócio, tem uma coisa que eu preciso lhe dizer.

— Tudo bem...

Ele parecia tão sem graça que senti uma pontada de apreensão.

— Bem, vou contar agora... aquele bagulho de uma *tola*, aquele que vendi para você no hotel...

— Sim?

— Bem... aquele foi o preço *comercial*. O preço *de verdade*, camarada, é cinquenta rúpias por *tola* de bagulho afegão. — Ele ergueu os braços e então deixou que caíssem sobre suas coxas. — Cobrei cinquenta rúpias a mais.

— Entendo — respondi calmamente. A questão era tão trivial do meu ponto de vista que fiquei tentado a cair na gargalhada. Obviamente, era importante para ele, e suspeitei que não costumasse fazer esse tipo de confissão. Na realidade, como me contou bem depois, Prabaker tinha resolvido gostar de mim, e para ele aquilo significava um compromisso de honestidade escrupulosa em tudo que fizesse ou falasse. Aquilo era ao mesmo tempo sua característica mais adorável e a mais irritante: me falar sempre toda a verdade.

— E aí, o que você pretende fazer em relação a isso?

— Minha sugestão — disse ele com seriedade — é que a gente fume o bagulho com preço comercial bem rápido, até acabar, então compro *outro* para nós. Daqui para a frente, será tudo com preço camarada, para você e para mim também. Não tem problema nisso, não é?

Eu ri e ele riu comigo. Passei o braço por trás de seu ombro e o levei ao burburinho escaldante do movimentado restaurante.

— Lin, acho que sou um amigo muito bom — concluiu Prabaker, sorrindo feliz — Somos sujeitos de sorte, não é?

— Talvez — retruquei. — Talvez.

Horas depois, eu estava deitado na confortável escuridão, ouvindo o som repetitivo e incessante de um ventilador de teto. Estava cansado, mas não conseguia dormir. Sob as janelas, a rua que se revolia e batalhava durante o dia

havia se tornado silenciosa, abafada pela calmaria da noite coberta de estrelas. Imagens atordoantes e desconcertantes da cidade davam voltas na minha cabeça como folhas que voam com um pé de vento. Meu sangue estava tão animado pela esperança e pela oportunidade que não pude deixar de sorrir, deitado ali no escuro. Ninguém no mundo que eu havia deixado para trás sabia onde eu me encontrava. Ninguém no novo mundo de Bombaim sabia quem eu era. Naquele momento, naquelas sombras, eu estava quase em segurança.

Pensei em Prabaker, na promessa que havia feito de voltar amanhã cedo para me ensinar a andar pela cidade. *Será que ele vem?*, duvidei. *Ou será que vou vê-lo em algum lugar, mais tarde, acompanhando outro turista recém-chegado?* Resolvi, com a dureza impessoal e precipitada dos solitários, que se ele cumprisse a palavra e aparecesse pela manhã, eu começaria a gostar dele.

Pensei na mulher, Karla, sem parar, surpreso por ver seu rosto contido e sério invadir com tanta frequência meus pensamentos. *Se um dia você for ao Leopold, talvez descubra.* Foi a última coisa que ela me disse. Eu não sabia se era um convite, um desafio ou um aviso. Fosse o que fosse, eu usaria aquilo como pretexto para encontrá-la. Pretendia ir até lá e procurá-la. Mas ainda não. Não antes que eu aprendesse um pouco mais sobre a cidade que ela parecia conhecer tão bem. *Vou esperar uma semana*, pensei. *Uma semana na cidade...*

E para além daquelas reflexões, como sempre, se encontravam os pensamentos sobre minha família e meus amigos, em órbitas fixas em torno da esfera fria de minha solidão. Infundável. Inalcançável. Cada noite girava em torno da saudade insaciável daquilo que a liberdade havia me privado e de tudo que estava perdido. Cada noite era perfurada pelo espinho da vergonha pelo preço que ainda pagavam por minha liberdade as pessoas queridas, que jamais voltaria a ver.

— A gente podia ter convencido o cara, sabe? — disse o canadense alto, de um canto escuro do outro lado do quarto, sua voz repentina no silêncio soava como pedras lançadas sobre um telhado de metal. — A gente podia ter convencido o gerente a baixar a diária do quarto. Está saindo seis dólares por dia. Podia ter ficado por quatro. Não é muito dinheiro, mas é como as coisas são feitas por aqui. Você precisa convencer os sujeitos a baixar o preço, pechinchar tudo. Amanhã vamos para Délhi, mas você vai ficar aqui. Enquanto você estava fora, nós conversamos e ficamos meio preocupados com você. Você precisa negociar. Se não aprender isso, se não começar a pensar assim, essa gente vai foder com você. Os indianos que vivem nas cidades são totalmente mercenários. É um país maravilhoso, não me entenda mal. É por isso que voltamos para cá. Mas eles são diferentes de nós. Eles... que diabo... eles simplesmente esperam que seja assim, é isso. Você precisa pechinchar.

Ele estava certo em relação à diária, é claro. Podíamos ter economizado um ou dois dólares por dia. Pechinchar é a conduta mais econômica. Na maior parte do tempo, é a forma astuta e amistosa de resolver as coisas na Índia.

Mas ele também estava errado. O gerente, Anand, e eu nos tornamos bons amigos nos anos que se seguiram. O fato de ter confiado nele de imediato e não ter pechinchado naquele primeiro dia, de não ter pressionado para economizar

um dólar, de ter acreditado em um instinto que mostrava que eu o respeitava e estava predisposto a gostar dele, aquilo o fez gostar de mim. Ele me contou isso mais de uma vez. Sabia, como nós, que seis dólares não era um preço excessivo para três estrangeiros. Os donos do hotel recebiam quatro dólares pela diária do quarto. Era o preço mínimo. Um ou dois dólares era tudo o que Anand e sua equipe de três camareiros dividiam como pagamento diário. As pequenas vitórias pechinchadas por turistas estrangeiros custavam a Anand seu alimento diário e os faziam perder a chance de se tornar amigo dele.

A verdade simples e desconcertante sobre a Índia e os indianos é que, quando se vai para lá, quando se interage com eles, o coração é sempre um guia mais sábio do que a cabeça. Não existe outro lugar no mundo onde isso seja tão verdadeiro.

Eu não sabia disso naquele momento, enquanto fechava os olhos na escuridão do silêncio quebrado apenas por nossas respirações, naquela primeira noite em Bombaim. Estava confiando no instinto e testando minha sorte. Não sabia que já entregara o coração para a mulher e para a cidade. E, sem saber disso, mergulhei em um sono tranquilo e sem sonhos, antes que o sorriso desaparecesse de meus lábios.

---

1 Bombaim, a capital de Maharashtra, é a maior cidade da Índia. Em 1995, o governo local trocou a versão inglesa do nome da cidade (Bombay) por Mumbai, conforme o idioma local, o marata. (*N. do E.*)

2 Caro, amigo. (*N. do E.*)

ELA ENTROU NO LEOPOLD na hora de sempre e, quando se deteve em uma mesa perto de mim para falar com amigos, tentei mais uma vez encontrar palavras para descrever o brilho daqueles olhos verdes. Pensei em folhas e opalas, e nas águas rasas e cálidas das ilhas. Mas as esmeraldas naturais dos olhos de Karla, que ganhavam luminosidade com os girassóis de luz dourada que cercavam as pupilas, eram mais suaves, bem mais suaves. Acabei encontrando aquela cor na natureza, exatamente igual ao verde de seus lindos olhos, mas só muitos meses depois daquela noite no Leopold. E, de um modo estranho e inexplicável, não lhe disse nada. Hoje me arrependo, do fundo do coração, de não ter falado. O passado se reflete eternamente em dois espelhos: no espelho reluzente das palavras e atos, e no sombrio, cheio das coisas que não fizemos nem dissemos. Hoje eu gostaria de ter encontrado desde o começo, desde as primeiras semanas depois de conhecê-la, mesmo naquela noite, as palavras para lhe dizer... para lhe dizer que eu gostava dela.

E eu gostava — gostava de tudo nela. Gostava da sonoridade helvética do seu inglês, que misturava sotaque suíço e americano; gostava do jeito como ela jogava o cabelo para trás lentamente com o polegar e o indicador quando se irritava com alguma coisa. Gostava da inteligência ferina de sua conversa e da forma tranquila e delicada como tocava nas pessoas de quem gostava quando passava por elas, ou sentava ao seu lado. Gostava do jeito como fixava os olhos em mim até o momento em que aquilo me deixava pouco à vontade e ela então sorria, amenizando o ataque, mas sem nunca desviar o olhar.

Ela olhava o mundo nos olhos e o encarava. Eu gostava disso porque não amava o mundo naquele tempo. O mundo queria me matar ou me capturar. O mundo queria me mandar de volta para a mesma jaula de onde eu havia fugido, onde os mocinhos, os caras com uniformes da guarda penitenciária, que ganhavam para fazer a coisa certa, tinham me acorrentado a uma parede e me chutado até quebrar meus ossos. E talvez o mundo tivesse razões para isso. Talvez não fosse mais do que eu merecia. Mas a repressão, dizem, semeia a resistência em alguns homens, e eu resistia ao mundo a cada minuto de minha vida.

*Eu e o mundo não estamos nos falando*, Karla me disse uma vez, naqueles primeiros meses. *O mundo continua tentando me reconquistar*, disse ela, *mas não consegue. Acho que não sou do tipo que perdoa*. E também identifiquei isso nela, desde o princípio. Desde o primeiro minuto eu sabia o quanto ela se parecia comigo. Conhecía sua determinação, quase brutal, sua coragem, quase cruel, e seu desejo solitário e ressentido de ser amada. Sabia de tudo isso, mas não disse nada. Não contei o quanto gostava dela. Estava entorpecido naqueles primeiros anos após a fuga, traumatizado pelos desastres que haviam sacudido minha vida. Meu coração se movimentava em águas profundas e silenciosas. Nada nem ninguém podia me ferir. Nada nem ninguém podia me fazer feliz. Estava endurecido, o que provavelmente é a coisa mais triste que se pode dizer sobre um

homem.

— Você está virando freguês — provocou ela, mexendo no meu cabelo com uma das mãos enquanto sentava a minha mesa.

Adorava quando fazia aquilo: significava que ela conseguia me interpretar corretamente, que tinha certeza de que eu não me ofenderia. Eu estava com trinta anos na época — feio, mais alto do que a média, ombros largos, peito afundado e braços grossos. As pessoas não costumavam mexer no meu cabelo.

— É, acho que estou.

— E aí, você fez outra excursão com Prabaker? Como foi?

— Ele me levou até a ilha, Elephanta, para ver as cavernas.

— Um lugar lindo — comentou ela baixinho, olhando para mim mas sonhando com outra coisa. — Se você puder, visite as cavernas de Ajanta e Ellora, no norte do estado. Passei uma noite lá, em Ajanta, em uma das cavernas. Meu patrão me levou.

— Seu patrão?

— Sim, meu patrão.

— Esse seu patrão é europeu ou indiano?

— Nem uma coisa nem outra, para falar a verdade.

— Fale-me dele.

— Por quê? — perguntou ela, franzindo a testa e me olhando diretamente.

Eu estava apenas puxando assunto, tentando mantê-la perto de mim, falando comigo. Fiquei surpreso com a súbita cautela que impregnou aquela simples pergunta.

— Nada de mais — respondi, sorridente. — Estou só curioso para saber como as pessoas arranjam trabalho por aqui, como ganham a vida. Só isso.

— Bom, eu o conheci há cinco anos, numa longa viagem de avião — disse ela, olhando para as mãos, parecendo relaxar novamente. — Nós dois embarcamos em Zurique. Eu estava indo para Cingapura, mas, quando chegamos a Bombaim, ele já tinha me convencido a saltar do avião e trabalhar para ele. A viagem para as cavernas foi... algo especial. Ele fez algum acordo com as autoridades, e eu fui com ele e passei a noite em uma grande caverna, cheia de esculturas em pedra do Buda e com milhares de morcegos barulhentos. Eu estava segura. Ele pôs um guarda-costas de prontidão lá fora. Mas foi incrível. Uma experiência fantástica. E aquilo sem dúvida me ajudou a... me concentrar no que interessa. Às vezes uma desilusão nos faz bem, não sei se você me compreende.

Eu não sabia muito bem se entendia, mas quando ela fez uma pausa, à espera de uma resposta, assenti como se tivesse compreendido.

— A gente aprende algo ou *sente* alguma coisa completamente nova quando se desilude assim — disse ela. — Algo que só a gente pode saber ou sentir dessa forma. E eu sabia, depois daquela noite, que jamais sentiria aquilo em outro lugar fora da Índia. Eu sabia — não sei como explicar, só sei que *sabia* — que estava em casa, abrigada e protegida. Bem, ainda estou aqui...

— Qual o tipo de negócio dele?

— O quê?

— Seu chefe... o que ele faz?

— Importação — disse ela. — E exportação.

Ela ficou em silêncio, virando a cabeça para examinar as outras mesas.

— Você sente saudade da sua casa?

— Da minha casa?

— É, quer dizer, da sua *outra* casa. Você nunca sente saudade da Suíça?

— De alguma forma, sim. Sou da Basileia... já esteve lá?

— Não, nunca fui à Europa.

— Bem, precisa ir, e, quando for lá, deve visitar a Basileia. Na verdade, é uma cidade bem europeia, sabia? É dividida pelo rio Reno em Grande e Pequena Basileia, e as duas partes da cidade realmente têm estilos e atitudes muito diferentes; é como morar em duas cidades ao mesmo tempo. Houve uma época em que eu gostava disso. E fica bem no limite de três países, assim você pode atravessar a fronteira e ir para a Alemanha e a França. A gente pode tomar café da manhã na França, sabe, café com baguete, almoçar na Suíça e jantar na Alemanha sem se afastar mais que alguns quilômetros da cidade. Sinto mais saudade de Basileia que da Suíça.

Ela parou, recuperou o fôlego e olhou para mim por entre as pestanas suaves, sem maquiagem.

— Desculpe, estou dando uma aula de geografia.

— Não, por favor, continue. É interessante.

— Sabe — disse ela lentamente. — Eu gosto de você, Lin.

Ela me fitou com aquela fogueira verde. Senti que estava ficando vermelho, não de constrangimento, mas de vergonha, por ela ter conseguido dizer com tanta facilidade aquelas palavras — *eu gosto de você* — que eu não me permitia dizer a ela.

— Gosta? — perguntei, tentando fazer a pergunta parecer mais desinteressada do que na verdade era. Observei os lábios dela formarem um pequeno sorriso.

— Sim, você é um bom ouvinte. Isso é perigoso, porque é muito difícil de resistir. Ser ouvida, ouvida pra valer, é a segunda melhor coisa do mundo.

— Qual é a melhor coisa?

— Todo mundo sabe dessa. A melhor coisa do mundo é o poder.

— Ah, é? — perguntei, rindo. — E o sexo?

— Não, além da questão biológica, o sexo só tem a ver com o poder. Por isso dá tanta confusão.

Ri de novo.

— E o amor? Muitas pessoas acham que a melhor coisa do mundo é o amor, não o poder.

— Estão erradas — disse ela com sólida convicção. — O amor é o contrário do poder. Por isso temos tanto medo dele.

— Karla, minha querida, que coisas você diz! — exclamou Didier Levy, juntando-se a nós e sentando ao lado dela. — Devo concluir que você está com péssimas intenções em relação a nosso Lin.

— Você não ouviu nada do que falamos — reclamou ela.

— Não preciso *ouvi-la*. Basta ver seu rosto. Andou contando seus enigmas, virando a cabeça dele. Você esquece que eu a conheço bem demais, Karla. Lin, vamos curá-lo imediatamente!

Ele gritou para um dos garçons de jaqueta vermelha, chamando o homem pelo número quatro bordado no bolso do uniforme.

— Ei! Número *char!* Cerveja! O que você toma, Karla? Café? Ei, número *char!* *Ek coffee aur. Jaldi karo!*

Didier Levy tinha apenas trinta e cinco anos, mas aqueles anos haviam se manifestado nele sob a forma de volumosas camadas de carne e rugas profundas que lhe davam a aparência rechonchuda e desgastada de um homem bem mais velho. Apesar do clima úmido, ele usava calça folgada e camisa de brim, e um agasalho esportivo de lã cinza sempre amarrotado. O cabelo cheio, negro e encaracolado nunca estava nem acima nem abaixo da linha do colarinho, bem como a barba por fazer em seu rosto cansado, que nunca parecia ter menos de três dias. Ele falava inglês com sotaque carregado, usando o idioma para provocar igualmente amigos e desconhecidos com uma perversidade indolente. Havia gente que se ressentia de suas grosserias e seus foras, mas muitos o toleravam porque ele costumava ser útil e, às vezes, indispensável. Ele sabia onde tudo podia ser encontrado — uma pistola, uma pedra preciosa, a melhor heroína da Tailândia. E, como costumava às vezes se gabar, havia pouca coisa que não faria em troca de uma boa grana, desde que não houvesse um risco significativo a seu conforto e sua segurança pessoal.

— A gente estava falando das diferentes ideias que as pessoas têm sobre o que é a melhor coisa do mundo — disse Karla. — Mas não preciso perguntar a você.

— Você diria que *eu* acho que o dinheiro é a melhor coisa do mundo — sugeri eu preguiçosamente — e nós dois estaríamos certos. Toda pessoa sã e racional percebe, um belo dia, que o dinheiro é quase tudo. Os grandes princípios, as nobres virtudes, são todos muito bonitos do ponto de vista da história. Mas, quando se fala no dia a dia, o dinheiro é que nos faz andar para a frente — e a sua falta nos leva a ficar por baixo, na grande roda. E você, Lin? O que você disse?

— Ele ainda não disse nada e, agora que você está aqui, não vai ter uma oportunidade.

— Não seja injusta, Karla. Conte para nós, Lin. Eu gostaria de saber.

— Bem, se vocês insistem, eu diria que é a liberdade.

— A liberdade de fazer o quê? — perguntou ele, dando uma risadinha ao pronunciar a última palavra da frase.

— Não sei. Talvez só a liberdade de dizer não. Se você tem essa liberdade, não precisa de mais nada.

A cerveja e o café chegaram. O garçom colocou as bebidas na mesa com uma grosseria afobada. O serviço nas lojas, hotéis e restaurantes de Bombaim, naqueles dias, variava de uma gentileza charmosa ou bajuladora até uma grosseria repentina ou hostil. A má vontade dos garçons do Leopold era lendária. É meu lugar favorito no mundo, Karla disse certa vez, *para ser tratada como lixo*.

— Um brinde! — anunciou Didier, erguendo o copo para tocar no meu. — À liberdade... para beber! *Salut!*

Ele tomou metade do copo, soltou um suspiro ruidoso, retumbante, de contentamento, e bebeu o resto. Estava se servindo de uma segunda dose quando outras duas pessoas, um homem e uma mulher, se juntaram a nós, sentando-se entre mim e Karla. O jovem moreno, ensimesmado e subnutrido era Modena, um espanhol amargo e taciturno que fazia transações no mercado negro com turistas franceses, italianos e africanos. Sua companheira, uma prostituta alemã esguia e bonita chamada Ulla, permitia havia algum tempo que ele se apresentasse como seu amante.

— Ah, Modena, você chegou a tempo de pagar a próxima rodada — berrou Didier, estendendo a mão por cima de Karla para dar um tapinha no ombro do outro. — Vou tomar um uísque com soda, por favor.

O homem mais baixo tentou tirar o corpo fora e fez uma careta de infelicidade. Mas Didier chamou o garçom e pediu as bebidas. Ulla estava falando com Karla em uma mistura de inglês e alemão, o que dificultava a compreensão das partes mais interessantes da conversa, por acaso ou de propósito.

— Como eu podia saber, *na?* Como eu ia adivinhar que ele era um *Spinner?* Um completo *verrukt*, estou lhe dizendo. No começo, ele me pareceu totalmente hétero. Você acha que isso talvez fosse um sinal? Talvez ele parecesse um pouquinho hétero *demais*. *Na ja*, depois de dez minutos no quarto e *er wollte auf der Klamotten kommen*. No meu melhor vestido! Tive que brigar com ele para salvar minha roupa, *der Sprintficker! Spritzen wollte er*, em toda minha roupa! *Gibt's ja nicht*. E depois, quando fui ao banheiro para dar uma cafungada, voltei e encontrei *daß er seinen Schwanz ganz tief in einer meiner Schuhe hat!* Dá para acreditar? No meu sapato? *Nicht zu fassen*.

— Vamos falar com franqueza — disse Karla, com delicadeza. — Os malucos sempre sabem como encontrar você, Ulla.

— *Ja, leider*. O que posso fazer? Os malucos me amam.

— Não dê ouvidos a ela, Ulla querida — consolou-a Didier. — Maluquice é a base de ótimos relacionamentos. Na realidade, a maluquice é a base de *todos* os ótimos relacionamentos!

— Didier — suspirou Ulla, pronunciando o nome com um sorriso extremamente doce. — Já mandei você se foder?

— Não! — respondeu ele, às gargalhadas. — Mas eu perdoo você pelo lapso. Aqui entre nós, querida, esse tipo de coisa é sempre insinuado e compreendido.

O uísque chegou em quatro garrafinhas e o garçom tirou as tampas de duas garrafas de soda com um abridor de metal que ficava pendurado numa corrente presa a seu cinto. Ele deixou as tampas quicarem na mesa e caírem no chão, então passou um pano imundo na superfície úmida da mesa, obrigando-nos a pular e nos jogar para trás para evitar respingos vindos de todas as direções.

Dois homens chegaram a nossa mesa, de diferentes partes do restaurante, um para falar com Didier e o outro, com Modena. Ulla aproveitou a oportunidade

para se aproximar de mim. Por baixo da mesa, ela apertou alguma coisa contra a minha mão — parecia um rolinho de notas de dinheiro — e seus olhos imploravam que eu disfarçasse. Enquanto ela conversava comigo, guardei as notas no bolso sem olhar.

— Já decidi quanto tempo vai ficar por aqui? — perguntou.

— Ainda não sei bem. Não estou com pressa.

— Você não tem ninguém esperando por você em algum lugar, ou alguém que precise encontrar? — ela perguntou sorridente, com ar coquete, mas sem paixão.

A sedução era um hábito dela. Ela ativava aquele mesmo sorriso para tratar com seus clientes, os amigos, os garçons e até Didier, de quem obviamente não gostava... Usava a tática com todo mundo, na realidade, até mesmo com o amante, Modena. Nos meses e anos que se seguiram, ouvi muitas pessoas criticarem Ulla, algumas com crueldade, por sua mania de flertar. Não lhes dava razão. Depois que a conheci melhor, percebi que ela flertava com todo mundo porque o ato de flertar era a única delicadeza que conhecia ou transmitia: era sua forma de ser gentil, de garantir que as pessoas — os homens — fossem gentis com ela. Achava que não havia gentileza suficiente no mundo e me disse isso, com essas palavras, mais de uma vez. Não era um sentimento ou um pensamento profundo, mas era sincero e não fazia mal a ninguém. E, diabos, ela era uma moça bonita, com um sorriso encantador.

— Não — menti. — Não há ninguém me esperando, e ninguém que eu deva procurar.

— E você não tem nenhum *wie soll ich das sagen*, nenhuma programação? Nenhum plano?

— Não. Estou trabalhando num livro.

Desde a minha fuga, aprendera que contar às pessoas uma pequena parte da verdade — que eu era escritor — me fornecia uma fachada útil e flexível. Era uma história vaga o bastante para explicar estadas prolongadas ou partidas súbitas. E a palavra *pesquisa* era abrangente o bastante para justificar perguntas sobre determinados assuntos, como transporte e viagem, e a disponibilidade de documentos falsos, que às vezes eu era obrigado a fazer. Além disso, a fachada me garantia alguma privacidade: a simples ameaça de contar para as pessoas, em detalhes, sobre o desenvolvimento da minha obra costumava desencorajar todos, menos os curiosos mais persistentes.

E eu *era* um escritor. Na Austrália, escrevia desde os vinte anos. Acabara de ganhar reconhecimento com minha primeira obra publicada, quando meu casamento chegou ao fim, perdi a guarda da minha filha e perdi a vida para as drogas, o crime, a cadeia e a fuga. Mesmo na condição de fugitivo, a escrita ainda era um hábito diário, parte da minha rotina instintiva. Mesmo ali, no Leopold, tinha os bolsos cheios de anotações rabiscadas em guardanapos, recibos e pedaços de papel. Nunca parei de escrever. Era o que fazia em qualquer lugar onde me encontrava, a despeito das mudanças na minha situação. Uma das razões pelas quais me recordo tão bem daqueles primeiros meses em Bombaim é que, sempre que estava sozinho, escrevia sobre aqueles amigos novos e sobre

as conversas que tínhamos. E escrever foi uma das coisas que me salvaram: a disciplina e a abstração necessárias a transpor minha vida em palavras, diariamente, me ajudaram a lidar com a vergonha e com seu primo-irmão, o desespero.

— Bem, *Scheisse*, droga, não sei o que você pode escrever sobre Bombaim. Não é um bom lugar, *ja*. Minha amiga Lisa costuma dizer que quem inventou a palavra *pardieiro* estava pensando em Bombaim. E eu acho que é correto chamar isso aqui de *pardieiro*. Talvez você devesse procurar outro lugar para escrever, como o Rajastão. Ouvi dizer que lá não é um *pardieiro*.

— Ela está certa, Lin — concordou Karla. — Isto aqui não é a Índia. Aqui estão pessoas de todas as partes da Índia, mas Bombaim não é a Índia. Bombaim é um *mundo paralelo*, um mundo próprio. A Índia de verdade está lá fora.

— Lá fora?

— Lá fora, onde a luz acaba.

— Acho que você deve estar certa — respondi, sorrindo com a frase. — Mas até agora estou gostando daqui. Gosto de cidades grandes, e esta é a terceira maior cidade do mundo.

— Você está começando a parecer seu guia — brincou Karla. — Acho que Prabaker talvez esteja lhe ensinando bem demais.

— Acho que sim. Ele vem enchendo minha cabeça com informações e números, diariamente, há duas semanas — o que é impressionante para um cara que largou a escola aos sete anos e aprendeu sozinho a ler e escrever, aqui, nas ruas.

— Que informações e números? — indagou Ulla.

— Bem, por exemplo, a população oficial de Bombaim é de onze milhões de habitantes, mas Prabu diz que os caras que fazem as estatísticas ilegais têm uma ideia melhor do tamanho real da população e calculam que esteja entre treze e quinze milhões de habitantes. E existem duzentos dialetos e idiomas falados na cidade diariamente. *Duzentos*, pelo amor de Deus! É como estar no centro do mundo.

Como se tivesse sido provocada por essa conversa sobre idiomas, Ulla começou a conversar com Karla em alemão, depressa e concentradamente. A um sinal de Modena, ela se levantou e pegou a bolsa e os cigarros. O espanhol caladão deixou a mesa sem dizer uma palavra e caminhou na direção de um arco que servia de passagem para a rua.

— Tenho que cuidar do trabalho — anunciou Ulla, fazendo beicinho. — Vejo você amanhã, Karla. Por volta das onze horas, *ja*? Talvez a gente possa jantar junto, se você estiver por aí, Lin. Eu adoraria. Até mais! *Tschus!*

Ela saiu depois de Modena, seguida por uivos e olhares de admiração de muitos homens no bar. Didier aproveitou aquele momento para se juntar a alguns amigos em outra mesa. Karla e eu estávamos a sós.

— Ela não vai, sabe?

— Não vai o quê?

— Ela não vai jantar com você amanhã à noite. É o jeito dela.

— Eu sei — disse sorrindo.

- Você gosta dela, não é?  
— Gosto, sim. Por quê? Você acha isso engraçado?  
— De certa forma, acho. Ela também gosta de você.

Ela fez uma pausa e achei que estava a ponto de dar explicações sobre o comentário, mas, quando voltou a falar, o assunto era outro.

— Ulla lhe deu um dinheiro. Dólares americanos. Ela me contou em alemão, para que Modena não compreendesse. Você deve me entregar o dinheiro, pois ela vai passar na minha casa para pegá-lo amanhã, às onze.

— Certo. Quer que eu lhe entregue agora?

— Não, não me entregue aqui. Preciso sair agora. Tenho um compromisso. Vou estar de volta daqui a uma hora. Será que você pode esperar? Ou voltar e me encontrar depois? Você pode me acompanhar até em casa, se quiser.

— Claro, estarei por aqui.

Ela se levantou para partir e eu também me levantei, puxando sua cadeira. Ela me deu um sorrisinho, com uma sobranceira arqueada e ar de ironia, gozação ou as duas coisas ao mesmo tempo.

— Eu estava falando sério. Você deveria mesmo sair de Bombaim.

Observei-a chegar à rua e entrar em um táxi que obviamente estava ali a sua espera. Enquanto o carro bege avançava para dentro do lento fluxo do trânsito noturno, a mão de um homem surgiu pela janela do carona, dedos grossos agarrando-se a uma fieira de contas verdes, acenando para que os pedestres se afastassem.

De novo sozinho, sentei, encostei a cadeira na parede e me deixei ocupar pelo burburinho do Leopold e de seus barulhentos fregueses. O Leopold era o maior bar e restaurante de Colaba e um dos maiores da cidade. O salão retangular, instalado no térreo, ocupava sozinho uma área equivalente à de quatro restaurantes. Tinha duas portas de metal que se abriam para arcos de madeira, permitindo uma ampla visão da Causeway, a rua mais movimentada e exuberante de Colaba. Havia um bar menor, mais discreto, com ar-condicionado, no primeiro andar, apoiado por sólidas colunas que dividiam o térreo em segmentos quase do mesmo tamanho, e em torno das quais se agrupavam muitas das mesas. Os espelhos nas colunas e dispostos em boa parte das paredes forneciam uma das principais atrações para a clientela: a oportunidade de inspecionar, admirar e azarar outras pessoas de uma maneira cautelosa, embora não totalmente anônima. Para muitos, a duplicação da própria imagem, em dois ou mais espelhos ao mesmo tempo, não era o menor dos prazeres fornecidos pela distração. O Leopold era um lugar para ver pessoas, para ser visto e para se ver enquanto se era visto.

Havia umas trinta mesas, todas com tampo de mármore indiano cor de pérola escurificada. Cada mesa tinha quatro ou mais cadeiras de cedro — *cadeiras de sessenta minutos*, como Karla costumava chamá-las, pois eram pouco confortáveis para desencorajar os fregueses a permanecerem no local por mais de uma hora. Um enxame de grandes ventiladores zumbia no teto alto, levando as luminárias pendulares a oscilar, com um movimento lento e majestoso. Um acabamento em mogno adornava as paredes pintadas, contornava portas e

janelas e emoldurava os espelhos. Deliciosas frutas usadas em sobremesas e sucos — asimina, papaia, fruta-de-conde, lima-da-pérsia, uvas, melancia, banana, laranja, e, durante a estação, quatro variedades de manga — eram exibidas em toda a extensão de uma parede em deslumbrante abundância. Um imenso balcão em teca maciça supervisionava tudo, como se fosse a ponte de comando de um navio, sobre o movimentado deck do restaurante. Atrás dali, no final de um estreito corredor, um canto da frenética cozinha ficava ocasionalmente visível, além da correria dos garçons e das escaldantes nuvens de vapor.

Uma elegância desbotada, mas ainda suntuosa, atraía os olhos de todos os que atravessavam os amplos arcos e penetravam no mundinho do Leopold, feito de luz, cor e ricos revestimentos em madeira. Mas seu maior esplendor só podia ser verdadeiramente admirado pelos empregados mais humildes. Quando o bar estava fechado e os faxineiros retiravam a mobília, todas as manhãs, vinha à luz a beleza do piso. O intrincado trabalho de azulejaria reproduzia o padrão usado em um palácio do norte da Índia, com hexágonos em preto, bege e marrom, que se irradiavam a partir de uma explosão central. E assim um piso criado para príncipes, invisível para os turistas de olho em seus próprios reflexos nos atordoantes espelhos, revelava sua exuberante perfeição, em segredo, para os pés descalços dos faxineiros, os homens mais pobres e humildes da cidade.

Durante uma hora agradável e preciosa a cada manhã, logo depois da limpeza do piso e da abertura das portas, o Leopold era um oásis de paz na agitada cidade. A partir de então, até o fechamento à meia-noite, ficava constantemente lotado de visitantes de centenas de países e muitos residentes locais, tanto estrangeiros quanto indianos, que vinham de toda parte da cidade para fazer negócios. Negócios que variavam de tráfico de drogas, moedas, passaportes, ouro e sexo ao intangível, mas não menos lucrativo, tráfico de influência — o sistema informal de propinas e trocas de favores por meio do qual muitas indicações, promoções e contratos eram facilitados na Índia.

O Leopold era uma zona livre informal, escrupulosamente ignorada pelos eficientes policiais da delegacia de Colaba que ficava bem em frente, do outro lado da rua movimentada. Uma peculiar dialética se aplicava aos relacionamentos entre o andar de cima e o de baixo, o lado de dentro e o de fora do restaurante, e determinava todos os negócios ali realizados. Prostitutas indianas, enfeitadas com guirlandas de jasmim, enroladas em luxuosos sáris, não podiam ficar no andar de baixo, e só subiam para o bar no primeiro piso acompanhadas de clientes. As prostitutas europeias tinham permissão apenas para sentar no andar de baixo, atraindo a atenção dos homens que sentavam nas outras mesas ou que simplesmente paravam na rua, do lado de fora. Realizavam-se nas mesas, às claras, transações de drogas e contrabando, mas as mercadorias tinham de ser entregues fora do bar. Era bastante comum ver comprador e vendedor fecharem um preço, caminharem para fora para efetuar a troca de bens e de dinheiro e depois voltarem, retomando seus lugares à mesa. Mesmo os burocratas e os lobistas obedeciam àquelas regras subentendidas: acordos fechados nas escuras cabines do bar do primeiro piso só podiam ser selados com apertos de mão e dinheiro na calçada do lado de fora, para que ninguém pudesse

dizer que tinha pagado ou recebido propina entre as paredes do Leopold.

Embora as tênues linhas que dividiam e uniam o legal e o ilegal fossem ali esboçadas da maneira mais elegante, não eram exclusividade da variada comunidade de frequentadores do Leopold. Os camelôs lá fora vendiam imitações de Lacoste, Cardin e Cartier com uma petulância imprudente, os motoristas de táxi estacionados na rua aceitavam gorjetas para desviar o espelho retrovisor dos atos ilegais ou proibidos que aconteciam no banco traseiro e vários policiais que cumpriam diligentemente seu dever, na delegacia do outro lado da rua, precisaram pagar pesadas propinas pelo privilégio de ocupar posto tão lucrativo no centro da cidade.

Sentado no Leopold noite após noite, escutando a conversa das outras mesas, ouvi muitos estrangeiros e indianos reclamarem da corrupção inerente a todos os aspectos da vida pública e comercial em Bombaim. Minhas poucas semanas na cidade já haviam me mostrado que essas queixas costumavam ser justas e verdadeiras. Mas não existe nação livre da corrupção. Não existe um sistema imune ao mau uso do dinheiro. As elites privilegiadas e poderosas lubrificam as engrenagens do seu progresso com contribuições e campanhas de doações nas mais nobres das assembleias. E os ricos, no mundo inteiro, levam vidas mais longas e mais saudáveis do que os pobres. *Existe uma diferença entre o suborno honesto e o desonesto*, Didier me disse certa vez. *O suborno desonesto é igual em todos os países, mas o honesto é exclusividade da Índia*. Eu sorri quando ele me falou aquilo, porque sabia o que ele queria dizer. A Índia era aberta. A Índia era honesta. E gostei disso desde o primeiro dia. Meu instinto me dizia para não criticar. Na cidade que estava aprendendo a amar, meu impulso era observar, me envolver e apreciar. Naquele momento, eu não poderia saber que, nos meses e nos anos por vir, minha liberdade e até mesmo minha vida dependeriam da boa vontade dos indianos em virar o espelho retrovisor.

— O quê? *Sozinho*? — espantou-se Didier ao voltar para a mesa. — *C'est trop!* Você não sabe, meu querido amigo, que é ligeiramente desagradável ficar sozinho aqui? E preciso lhe dizer que ser desagradável é um privilégio reservado exclusivamente a mim. Venha, vamos beber.

Ele desabou em uma cadeira a meu lado e chamou o garçom para pedir mais bebidas. Quase todas as noites, fazia semanas, eu conversava com ele no Leopold, mas nunca tínhamos ficado sozinhos. Surpreendeu-me que ele tivesse decidido se juntar a mim antes da volta de Ulla, Karla ou outro de seus amigos. Em alguma medida, era uma espécie de aceitação, e fiquei grato por isso.

Ele tamborilou sobre a mesa até que o uísque chegou. Bebeu metade do copo em um gole guloso e depois relaxou, virando-se para mim com um sorriso matreiro.

— No que tanto você pensa?

— Estava pensando no Leopold — olhando em volta e assimilando tudo.

— Um lugar terrível — suspirou ele, sacudindo os pesados cachos de seu cabelo. — Eu me odeio por gostar tanto deste lugar.

Dois homens de calças largas que ficavam justas na altura dos tornozelos e coletes verde-escuros sobre camisas longas de mangas compridas se

aproximaram de nós e atraíram a atenção aguçada de Didier. Eles o cumprimentaram, provocando um grande sorriso e um aceno, e então se juntaram a um grupo de amigos em uma mesa não muito distante da nossa.

— Homens perigosos — resmungou Didier, com o sorriso ainda armado no rosto, enquanto fitava as costas deles. — Afegãos. Rafiq, o pequeno, já controlou o mercado negro de livros.

— Livros?

— Passaportes. Era o chefe. Um sujeito muito importante antigamente. Hoje ele vende heroína pelo Paquistão. Ganha bem mais dinheiro com a droga, mas ficou muito ressentido por perder o negócio de livros. Nesse conflito, homens foram mortos — a maior parte, homens *dele*.

Não era possível que eles tivessem ouvido o comentário, mas, bem naquele momento, os dois afegãos se viraram nos assentos e olharam fixamente para nós com expressões sérias e sombrias, como se reagissem às palavras. Um dos companheiros de mesa se inclinou para falar com eles. Apontou para Didier e depois para mim e os dois desviaram o olhar para dentro dos meus olhos.

— Mortos... — repetiu Didier baixinho, sorrindo ainda mais até que os dois nos deram as costas novamente. — Eu me recusaria a trabalhar com eles, se não fizessem negócios tão bons.

Ele falava com o canto da boca, como um prisioneiro sob a vigilância dos guardas. Aquilo me pareceu estranho. Nas prisões australianas, a técnica de cochichar é conhecida como *usar a válvula lateral*. A expressão ainda estava muito viva na minha cabeça e, junto com o maneirismo de Didier, as palavras me devolveram à cela da prisão. Eu podia sentir o cheiro de desinfetante barato, ouvir o silvo metálico das chaves e sentir a pedra úmida sob a ponta dos meus dedos. Flashbacks são comuns para ex-prisioneiros, tiras, soldados, motoristas de ambulância, bombeiros e outros que assistem ou são submetidos a experiências traumáticas. Às vezes, acontece tão subitamente e é tão inadequado em determinadas circunstâncias que a única reação saudável é rir de uma forma tola e incontrolável.

— Você acha que estou brincando? — bufou Didier, indignado.

— Não, de forma alguma.

— É a verdade, garanto a você. Houve uma pequena guerra para disputar esse negócio. Veja só, agora mesmo enquanto falamos, os vencedores estão chegando. Aquele ali é Bairam com seus homens. Ele é iraniano. É um operador, um dos que trabalham para Abdul Ghani, que por sua vez trabalha para um dos chefões do crime na cidade, Abdel Khader Khan. Eles ganharam essa guerrinha e agora controlam o negócio de passaportes.

Ele meneou a cabeça discretamente para indicar um grupo de jovens, vestidos ao estilo ocidental, com jeans e jaquetas incrementados, que haviam acabado de atravessar um dos arcos. Eles se dirigiram à mesa do gerente e cumprimentaram os donos do Leopold calorosamente antes de ocupar uma mesa no outro lado do salão. O líder do grupo era um homem alto e robusto, por volta dos trinta anos. Ele ergueu o rosto rechonchudo e jovial sobre as cabeças dos amigos e esquadrinhou o salão da direita para a esquerda, retribuindo saudações

respeitosas e sorrisos amistosos de vários conhecidos nas mesas vizinhas. Quando os olhos dele nos encontraram, Didier o cumprimentou com um aceno.

— Sangue — disse ele baixinho, enquanto sorria. — Por algum tempo, esses passaportes vão ser carimbados com sangue. Para mim, não é nada. Quando o assunto é comida, sou francês, se é amor, sou italiano, e, quando se trata de negócios, sou suíço. Muito suíço. Absolutamente neutro. Porém mais sangue vai manchar esses passaportes, posso garantir.

Ele virou-se para mim e piscou uma, duas vezes, como se interrompesse uma divagação com seus cílios espessos.

— Devo estar bêbado — disse ele, agradavelmente surpreso. — Vamos tomar mais um drinque.

— Vá em frente. Vou passar essa rodada. Quanto custa um desses passaportes?

— Varia entre cem e mil... dólares. Você quer comprar um?

— Não...

— Ah. Esse é o típico *não* dos negociantes de ouro de Bombaim. É um *não* que quer dizer *talvez* e quanto mais veemente for o *não*, mais concreto é o *talvez*. Quando quiser um, venha me procurar. Eu providencio para você... em troca de uma pequena comissão, naturalmente.

— Você ganha muitas... *comissões* por aqui?

— Humm. Dá para o gasto. Não posso reclamar — sorriu ele, com os olhos azuis reluzindo através de lentes rosadas, embaçadas pelo álcool. — Dá para sobreviver e, como se diz, junto as duas partes e, quando tudo dá certo, ganho comissão dos dois lados. Agora mesmo, combinei uma venda... dois quilos de haxixe de Manali. Está vendo aqueles turistas italianos ali, perto das frutas, o sujeito louro de cabelo comprido e a moça de vermelho? Eles queriam comprar. Alguém — tá vendo, lá na rua, aquele cara descalço, com a camisa suja, esperando sua comissão? — lhes deu meu contato e eu, por minha vez, fiz a ponte com Ajay. Seu negócio é haxixe e ele é muito bom no que faz. Olhe agora, ele está sentado com eles e todos estão sorridentes. O acordo foi fechado. Meu trabalho acabou, por esta noite. Sou um homem livre!

Ele deu uma pancada na mesa para pedir outro drinque, mas quando a garrafinha chegou, ele a ficou segurando por um tempo com ambas as mãos, com olhar fixo e ar pensativo.

— Quanto tempo você vai ficar em Bombaim? — perguntou, sem olhar para mim.

— Não sei. É engraçado, todo mundo parece me fazer a mesma pergunta nos últimos dias.

— Você já está aqui há mais tempo que o normal. A maioria das pessoas quer sair da cidade o mais rápido possível.

— Tenho um guia, o nome dele é Prabaker. Você o conhece?

— Prabaker Kharre? Que tem um sorriso?

— É ele. Ele andou me mostrando a cidade nas últimas semanas. Vi todos os templos, museus, galerias de arte e muitos bazares. A partir de amanhã de manhã, ele prometeu me mostrar alguma coisa do outro lado da cidade — a

cidade *de verdade*, como chamou. Ele fez aquilo parecer interessante. Vou ficar para ver e então decidir qual será meu próximo destino. Não estou com pressa.

— É uma coisa muito triste não estar com pressa, e eu não sairia por aí dizendo isso se fosse você — disse ele, ainda fitando a garrafa. Quando não estava sorrindo, seu rosto parecia flácido, frouxo, cinza pálido. Ele não estava nada bem, mas era um estado de *nada bem* conquistado bravamente. — Temos um ditado em Marselha: um homem sem pressa chega rápido a lugar nenhum. Ando sem pressa há oito anos.

De repente, seu estado de espírito mudou. Ele se serviu da bebida, olhou para mim com um sorriso e levantou o copo.

— Então, vamos beber! A Bombaim, um ótimo lugar para não se estar com pressa! E aos policiais civilizados que aceitam suborno para manter a ordem, embora descumpram a lei. *À baksheesh!*

— Eu brindo a isso — disse eu, batendo meu copo contra o dele. — Então me conte, Didier, o que o prende a Bombaim?

— Sou francês — retrucou, admirando a umidade que cobria metade de seu copo. — Sou homossexual, judeu e criminoso, mais ou menos nessa ordem. Bombaim é a única cidade que encontrei que me permite ser essas quatro coisas ao mesmo tempo.

Rimos e bebemos e ele voltou o olhar para o salão, os olhos famintos finalmente pousando num grupo de indianos sentado próximo a uma das entradas. Ele os examinou por algum tempo, bebericando lentamente o uísque.

— Bem, se você decidir ficar, escolheu uma ótima ocasião. É tempo de mudanças. Grandes mudanças. Está vendo aqueles homens que devoram a comida com tanto apetite? Eles são Sainiks, partidários do Shiv Sena. *Asseclas*, acho que essa seria a encantadora palavra na sua língua. O seu guia lhe falou de Sena?

— Acho que não.

— Um lapso consciente, acho eu. O partido Shiv Sena é a cara do futuro de Bombaim. Talvez sua proposta e sua *politique* sejam o futuro em toda parte.

— Que tipo de política?

— Ah, regional, baseada na linguagem, na etnia, no “nós contra eles” — respondeu, com um sorriso de escárnio enquanto eliminava cada uma dessas características dos dedos da mão esquerda. Eram mãos muito brancas e macias. As unhas longas estavam sujas nos cantos. — A política do medo. Detesto política e mais ainda os políticos. Eles fazem da ganância uma religião. É imperdoável. O relacionamento de um homem com sua ganância é uma coisa profundamente pessoal, você não acha? O Shiv Sena controla a polícia porque é um partido marata, e a maior parte dos integrantes do baixo escalão da polícia é de maratas. Eles também controlam boa parte das favelas, muitos sindicatos e um pouco da imprensa. Têm tudo, na realidade, com exceção do dinheiro. Ah, eles têm o apoio dos barões do açúcar e de alguns comerciantes, mas o dinheiro de verdade — das indústrias e do mercado negro —, isso está nas mãos dos parses e dos hindus de outras cidades da Índia, e nas mãos dos mais odiados de todos, os muçulmanos. E aqui acontece a luta, a *guerre économique*, a verdade por trás da

conversa sobre raça, idioma e região. Eles estão mudando a cidade, um pouco mais, um pouco menos, a cada dia. Até o nome mudou de Bombaim para Mumbai. Eles ainda não conseguiram mudar os mapas, mas vão conseguir. E vão fazer qualquer coisa, vão se aliar praticamente a qualquer um, nessa missão. Existem oportunidades. Fortunas. Só nos últimos meses alguns Sainiks — ah, não os homens públicos, não os do alto escalão — fizeram um acordo com Rafiq, seus afegãos e a polícia. Em troca de certo montante em dinheiro e de concessões, a polícia fechou praticamente todas as casas de ópio da cidade. Dezenas das melhores casas, lugares que servem à comunidade há gerações, foram fechadas em uma única semana. Fechadas para sempre! Normalmente não me interesse pelo chiqueiro da política, aliás nem pelo abatedouro dos negócios graúdos. A única força mais impiedosa e inescrupulosa do que o negócio da política graúda é a política dos negócios graúdos. Mas isso aí é política graúda e negócios graúdos unidos para acabar com o consumo de ópio. E isso me deixa indignado! Pergunto a você, o que é Bombaim sem o *chandu* — sem o ópio — e as casas de ópio? Que mundo é esse? É uma vergonha.

Observei os homens que ele descrevera enquanto se concentravam energeticamente na refeição. A mesa estava lotada de pratos de arroz, frango e verduras. Nenhum dos cinco homens falava, nem sequer se entreolhavam enquanto comiam, debruçados sobre os pratos, levando a comida à boca rapidamente.

— Gostei daquela frase — comentei, com um enorme sorriso. — Aquela sobre o negócio da política graúda e a política dos negócios graúdos. Gostei dela.

— Ah, meu querido, não posso reivindicar a autoria. Foi Karla quem disse isso para mim e desde então tenho repetido. Sou culpado de muitos crimes — da maior parte dos crimes, para falar a verdade —, mas nunca me apropriei de uma ideia que não fosse minha.

— Admirável — gargalhei.

— Bem — bufou —, um homem precisa estabelecer seus limites em algum lugar. A civilização, afinal de contas, é definida mais pelas proibições que pelas permissões.

Ele fez uma pausa, tamborilando com os dedos da mão direita no tampo de mármore frio. Depois de algum tempo, me encarou.

— Esta última é minha — disse ele, aparentemente contrariado por eu não ter prestado atenção à frase. Diante da minha falta de reação, ele falou de novo. — Essa sobre a civilização... é uma das minhas.

— Grande sacada — respondi depressa.

— Nada de mais — disse ele com modéstia, então olhou para mim e nós dois caímos na gargalhada.

— E o que Rafiq ganha com isso, se você não se importa com a pergunta? O que ele ganha com o fechamento das casas de ópio? Por que entrou nessa?

— Entrou nessa? — exclamou Didier franzindo o cenho. — Mas foi ideia dele. É possível ganhar mais dinheiro com *garad* — heroína *brown sugar* — do que com ópio. E agora todo mundo, todos os pobres que fumavam *chandu*, eles se tornaram fumantes de *garad*. Rafiq controla o *garad*, o *brown sugar*. Claro que

não controla tudo. Nenhum homem controla sozinho todos os milhares de quilos de *brown sugar* que vêm do Afeganistão, através do Paquistão, para a Índia. Isso aí é dinheiro graúdo, meu amigo, dinheiro graúdo.

— Por que os políticos entraram nessa?

— Ah, não é só heroína e haxixe que vêm do Afeganistão para a Índia — cochichou, voltando a falar com o canto da boca. — Vêm também armas, armamentos pesados, explosivos. Os *sikhs* estão usando essas armas agora, no Punjab, e os separatistas muçulmanos, na Caxemira. São armas, sabe? E há o poder, o poder de falar por muitos dos muçulmanos pobres que são inimigos do Shiv Sena. Se você controla um ramo, as drogas, pode influenciar o outro, os armamentos. E o partido Sena quer porque quer controlar a entrada de armas em seu estado, Maharashtra. Dinheiro e poder. Olhe ali, na mesa ao lado de Rafiq e seus homens. Está vendo três africanos, dois homens e uma mulher?

— Sim, reparei nela antes. É muito bonita.

O rosto jovem, com maçãs proeminentes, nariz ligeiramente largo e lábios bem carnudos, parecia esculpido em pedra vulcânica pela correnteza de um rio. O cabelo dela estava arrumado com uma infinidade de tranças finas e longas, arrematadas por contas. Ela ria, contando uma piada aos amigos, e os dentes reluziam, grandes e perfeitamente brancos.

— Bonita? Não acho. Entre os africanos, os homens são belos, na minha opinião, enquanto as mulheres são apenas muito atraentes. Com os europeus acontece o contrário. Karla é bonita, e nunca conheci um europeu que fosse bonito desse jeito. Mas isso é outro papo. Queria dizer que eles são clientes de Rafiq, da Nigéria, e que seus negócios entre Bombaim e Lagos é uma das concessões — acho que o termo é *subproduto* — do acordo com os Sainiks. O Sena tem um homem na alfândega de Bombaim. Um bocado de grana está passando de mão em mão. O projetinho de Rafiq é um emaranhado de países, Afeganistão, Índia, Paquistão e Nigéria, e de poderes — polícia, alfândega e políticos. Tudo isso é parte de uma luta pelo controle aqui em nossa maldita e amada Bombaim. E tudo isso, toda essa intriga, começa com o fechamento das queridas casas de ópio. Uma tragédia.

— Esse tal Rafiq — murmurei, parecendo talvez mais irreverente do que pretendia — é um sujeito e tanto.

— Ele é afegão, e seu país está em guerra, meu amigo. Isso lhe confere certa *agressividade*. E ele trabalha para o conselho da máfia Walidlalla — uma das mais poderosas. Seu grande parceiro é Chuha, um dos homens mais perigosos de Bombaim. Mas o verdadeiro homem forte aqui, nesta parte da cidade, o chefeão, é o lorde Abdel Khader Khan. É poeta, filósofo e chefeão do crime. É chamado *Khaderbhai*, o *irmão mais velho* de Khader. Há outros com mais dinheiro e mais armas do que Khaderbhai — ele é um homem de princípios rígidos, sabe, e existem muitas atividades lucrativas em que não se envolve. Mas aqueles mesmos princípios lhe conferem — não sei bem como dizer isso em inglês — uma espécie de ética *imoral*, talvez não exista ninguém neste lado de Bombaim com mais poder que ele. Muita gente acredita que é um santo com poderes sobrenaturais. Eu o conheço e posso garantir que Khaderbhai é o homem mais

fascinante que já encontrei. Se você me perdoar a falta de modéstia, isso faz dele um indivíduo verdadeiramente notável, pois tive a oportunidade de conhecer muitos homens interessantes em minha vida.

Ele deixou que as palavras bailassem no ar enquanto nossos olhos se encontraram.

— Vamos lá, você não está bebendo! Detesto quando as pessoas demoram um tempão para esvaziar o copo. É como usar camisinha para se masturbar.

— Não é bem assim — disse eu, rindo. — Eu, bem, estou esperando Karla voltar. Ela deve chegar a qualquer momento.

— Ah, Karla... — Ele disse o nome com um demorado ronronar. — E quais são suas intenções com nossa inescrutável Karla?

— O quê?

— Talvez seja mais útil perguntar quais são as intenções dela com  *você* , não?

Ele despejou o que sobrava da garrafa de um litro em seu copo, misturando com o que havia sobrado da soda. Ele bebia sem parar havia mais de uma hora. Seus olhos estavam injetados e vermelhos como a parte de trás do punho de um boxeador, mas o olhar que emanava deles era firme e as mãos, precisas nos movimentos.

— Eu a encontrei na rua, poucas horas depois de desembarcar em Bombaim — peguei-me dizendo. — Havia alguma coisa nela... acho que ela é uma das razões que me levam a permanecer aqui tanto tempo. Ela e Prabaker. Gosto deles... gostei deles à primeira vista. Não sei se você me entende, mas gosto de gente. Eu ia preferir um barraco de zinco ao Taj Mahal se as pessoas no barraco de zinco fossem interessantes... o que não significa que eu já tenha visto o Taj Mahal.

— Tem goteiras — desdenhou Didier, desqualificando a maravilha arquitetônica em duas palavras. — Mas você usou a palavra  *interessante* ? Karla é  *interessante* ?

Ele voltou a cair na gargalhada. Era uma gargalhada estranhamente aguda, áspera, quase histérica. Deu um forte tapa nas minhas costas, derramando um pouco da sua bebida.

— Ah! Sabe, Lin, eu  *aprovo*  você, mesmo que uma recomendação minha não valha grande coisa.

Ele enxugou o copo, bateu-o na mesa e enxugou o bigode bem-aparado com as costas da mão. Quando viu minha expressão de perplexidade, abaixou-se e aproximou-se até que a distância entre nossos rostos fosse de apenas alguns centímetros.

— Deixe-me explicar uma coisa. Olhe em volta. Quantas pessoas acha que estão aqui?

— Bem, talvez umas sessenta, oitenta.

— Oitenta pessoas. Gregos, alemães, italianos, franceses, americanos. Turistas de todos os cantos. Comendo, bebendo, conversando, rindo. E de Bombaim — indianos, iranianos, afegãos, árabes e africanos. Quantas dessas pessoas têm poder de verdade, predestinação, a verdadeira  *dynamique*  para o lugar onde vivem, para seu tempo e para a vida de milhares de pessoas? Vou lhe

dizer... são quatro. Há quatro pessoas neste salão com poder, e as outras são como o resto das pessoas em toda parte: impotentes, sonâmbulas, anônimas. Quando Karla voltar, haverá cinco pessoas neste salão com poder. Esta é a Karla que você acha *interessante*. Vejo na sua cara, meu jovem amigo, que você não está compreendendo o que eu digo. Vou tentar explicar: Karla pode ser uma amiga razoavelmente boa, mas é uma inimiga incrivelmente boa. Quando a gente julga o poder de alguém, deve julgar suas habilidades como amigo e como inimigo. E não há ninguém nesta cidade capaz de ser um inimigo pior ou mais perigoso do que Karla.

Ele olhou fixamente em meus olhos, em busca de alguma coisa, indo de um olho para o outro, sem parar.

— Você conhece o tipo de poder a que estou me referindo, não é? Poder *verdadeiro*. O poder de fazer com que os homens brilhem como estrelas ou de esmagá-los impiedosamente. O poder dos segredos. Segredos terríveis, terríveis. O poder de viver sem remorso ou arrependimento. Você já fez alguma coisa na vida, Lin, da qual se arrependeu? Existe alguma coisa que você fez e depois se arrependeu?

— Sim, acho eu...

— *Claro que sim!* E eu também me arrependo... de coisas que fiz... E que não fiz. Mas isso não acontece com Karla. E é por isso que ela é como os outros, esses poucos no salão com poder verdadeiro. Seu coração parece com o deles, e os nossos, não. Ah, me desculpe, estou quase bêbado e vejo que meus italianos estão indo embora. Ajay não vai esperar muito mais. Preciso pegar minha comissãozinha antes de me permitir ficar completamente bêbado.

Recostou-se na cadeira e então fez força para ficar de pé, apoiando-se com firmeza na mesa com as mãos brancas e macias. Sem outra palavra ou olhar, ele partiu e eu o observei enquanto caminhava para a cozinha, ziguezagueando entre as mesas com o passo ondulante de um bebedor experiente. O agasalho esportivo estava marcado, enrugado na parte de trás, por ter ficado tanto tempo recostado à cadeira, e os fundilhos da calça pendiam, folgados. Antes de conhecê-lo bem, antes de perceber o quanto significava viver uma vida de crime e paixão em Bombaim por oito anos sem fazer um inimigo e sem pegar emprestado um único dólar, eu tendia a considerar Didier pouco mais que um bêbado incorrigível, mas divertido. Era um erro fácil de cometer e que ele próprio encorajava.

A regra número um do mercado negro em qualquer lugar é: *não deixe que ninguém saiba o que você está pensando*. O adendo que Didier fazia a esta regra era: *sempre saiba o que os outros pensam de você*. As roupas surradas, o cabelo encaracolado, embaraçado com as marcas do travesseiro da noite anterior, até sua queda pela bebida, que parecia exagerada, um vício debilitante — todas essas características eram facetas de uma imagem que ele cultivava, cuidadosamente combinadas, como se fosse um ator profissional. Queria dar a impressão de ser inofensivo e indefeso porque era exatamente o contrário da verdade.

Mas tive pouco tempo para pensar em Didier e em suas declarações intrigantes, pois Karla logo retornou e saímos do restaurante quase na mesma hora. Pegamos o caminho mais longo para a casinha dela, andando pela

amurada da orla que vai da Porta da Índia ao Radio Club Hotel. A rua longa e larga estava deserta. À nossa direita, por trás de uma fileira de plátanos, ficavam hotéis e edifícios residenciais. Algumas luzes acesas aqui e ali revelavam cenas vividas naqueles cômodos: uma escultura na parede, uma estante cheia de livros em outra, um pôster com alguma divindade indiana em uma moldura de madeira, cercado de flores e fios de fumaça de incenso e, bem no canto de uma janela ao nível da rua, duas mãos finas, postas em oração.

À nossa esquerda estava um vasto segmento do maior porto do mundo, as águas escuras pontilhadas pelas luzes de uma centena de navios ancorados. Atrás deles, o horizonte tremulava com os fogos expelidos pelas torres de refinarias em alto-mar. Não havia lua. Já era quase meia-noite, mas o ar continuava tão quente quanto no início da tarde. A maré alta no mar da Arábia ocasionalmente lançava borrifos sobre a amurada: umidade que rodopiava no simum, desde a costa da África.

Caminhávamos devagar. Eu olhava o céu com frequência, tão cheio de estrelas que a rede negra da noite parecia a ponto de derramar sua carga cintilante. O aprisionamento significava passar anos sem a aurora, o crepúsculo ou o céu noturno, trancado em uma cela dezesseis horas por dia, do início da tarde ao final da manhã. O aprisionamento significava roubarem o sol, a lua e as estrelas. Estar na prisão não era o mesmo que estar no inferno, mas também não havia nenhum paraíso possível lá dentro. O que de certa forma é tão ruim quanto o inferno.

— Você pode estar levando esse negócio de ser um bom ouvinte longe demais, sabe?

— O quê? Desculpe-me. Eu estava pensando — justifiquei-me e me obriguei a trazer a mente de volta para aquele momento. — Ei, antes que eu me esqueça, aqui está o dinheiro que Ulla me deu.

Ela aceitou o maço e o jogou para dentro da bolsa sem olhar.

— É uma coisa estranha, sabe? Ulla ficou com Modena para se afastar de alguém que a controlava como se ela fosse uma escrava. E agora, de certa forma ela é escrava de Modena. Mas ela o ama e por isso fica com vergonha de ter de mentir para ele, para guardar um dinheirinho para si.

— Algumas pessoas precisam desse negócio de senhores e escravos.

— Não são apenas *algumas* pessoas — retrucou ela com uma súbita e desconcertante amargura. — Quando você estava falando com Didier sobre liberdade, quando ele lhe perguntou *liberdade para fazer o quê?*, você disse: a liberdade de dizer *não*. É engraçado, mas eu estava pensando que mais importante era a liberdade de dizer *sim*.

— Por falar em Didier — disse eu com leveza, tentando mudar de assunto e animá-la —, tive uma longa conversa com ele esta noite, enquanto esperava por você.

— Creio que *Didier* falou por vocês dois — supôs ela.

— Bem, isso mesmo, mas achei interessante. Eu gostei. Foi a primeira vez que conversamos assim.

— O que ele lhe contou?

— O que me *contou*? — A pergunta me pareceu esquisita. Sugeriria que havia coisas que ele não deveria me dizer. — Ele estava me dando os antecedentes de algumas pessoas do Leopold. Os afegãos, os iranianos, os Shiv Sainiks, ou coisa parecida, e os chefões da máfia local.

Ela deu um sorrisinho maroto.

— Eu não prestaria muita atenção no que Didier diz. Ele pode ser muito superficial, especialmente quando está falando sério. É o tipo de sujeito que se satisfaz com a superfície das coisas, se é que você me entende. Uma vez eu lhe disse que ele é tão raso que só consegue entender uma coisa de cada vez. O engraçado é que ele gostou disso. Um ponto a favor de Didier: é impossível ofendê-lo.

— Pensei que vocês fossem amigos — comentei, resolvendo não mencionar o que Didier dissera sobre ela.

— Amigos? Bem, às vezes. Não sei bem o que é amizade. Nós nos conhecemos há anos. Chegamos a morar juntos, ele lhe contou isso?

— Não.

— Moramos. Durante um ano, logo que cheguei a Bombaim. Dividimos um apartamentozinho caindo aos pedaços, na área de Fort. O prédio estava praticamente desmoronando. Todas as manhãs a gente acordava com pedaços de estuque caídos do teto na nossa cara, e nos corredores sempre havia novos pedaços de pedra, madeira e outras coisas. O prédio inteiro desabou há alguns anos, na época das monções, e algumas pessoas morreram. Às vezes passo por ali e olho o buraco aberto no lugar onde costumava ficar o meu quarto. Acho que é possível dizer que Didier e eu somos próximos, mas *amigos*? Amizade é uma coisa que se torna mais difícil de entender a cada maldito ano que passa na minha vida. Amizade é como uma espécie de prova de álgebra em que ninguém é aprovado. Nos meus piores momentos, acho que o melhor que se pode dizer é que um amigo é qualquer pessoa que você não despreza.

Seu tom de voz era sério, mas eu me permiti um sorriso discreto.

— Um pouco exagerado, não é?

Ela me olhou, franzindo muito a testa, mas acabou rindo também.

— Talvez eu esteja cansada. Não durmo bem há várias noites. Não tinha intenção de ser dura com Didier. É que às vezes ele pode ser muito desagradável, sabe? Ele falou alguma coisa sobre mim?

— Ele... disse que acha você bonita.

— Ele disse isso?

— Sim. Estava falando sobre a beleza nas pessoas brancas e negras e disse *Karla é bonita*.

Ela ergueu as sobrancelhas, um pouco surpresa.

— Bem. Vou considerar um elogio sincero, embora ele seja um mentiroso inveterado.

— Gosto de Didier.

— Por quê? — perguntou ela rapidamente.

— Ah, não sei. Acho que é pelo seu profissionalismo. Gosto de pessoas que se excedem naquilo que fazem. E tem também uma tristeza nele que... Eu acho

que entendo. Ele me lembra alguns caras que conheci. Amigos.

— Pelo menos ele não esconde de ninguém sua decadência — explicou ela, e me fez lembrar o que Didier havia me falado sobre Karla e a força dos segredos. — Talvez seja isso o que a gente tem em comum, eu e Didier. Nós dois odiamos os hipócritas. A hipocrisia é apenas mais um tipo de crueldade. E Didier não é cruel. Ele é doido, mas não é cruel. Ele anda tranquilo ultimamente, mas houve um tempo em que seus casos passionais escandalizavam a cidade, pelo menos entre os estrangeiros que moram aqui. Um amante ciumento, um garoto marroquino, o perseguiu com uma espada pela Causeway certa noite. Os dois estavam completamente pelados — situação bastante chocante em Bombaim, e, no caso de Didier, um espetáculo e tanto, garanto a você. Ele correu até a delegacia de Colaba e os policiais o salvaram. Aqui na Índia, as pessoas são muito conservadoras em relação a essas coisas, mas Didier segue uma regra: nunca procura relacionamentos sexuais com indianos, e acho que eles respeitam isso. Muitos estrangeiros vêm para cá só pelo sexo com garotos indianos. Didier os despreza, e se limita a ter casos com estrangeiros. Não me surpreenderia se fosse essa a razão para ele lhe contar, esta noite, tanto sobre a vida das pessoas. Ele estava tentando seduzi-lo, talvez, impressionando-o com seus conhecimentos sobre negócios sinistros e pessoas sinistras. Oi! *Katzeli!* De onde *você* saiu?

Passamos por um gato acororado na amurada da orla, comendo de um embrulho que alguém jogara ali. Magro e cinzento, o animal devorava a comida, grunhia e choramingava ao mesmo tempo. Mas permitiu que Karla fizesse carinho nas suas costas, ao baixar a cabeça para comer, mais uma vez. Era um animal encarquilhado e repugnante, com uma das orelhas mordidas, reduzida ao formato de um botão de rosas, e áreas sem pelo nas laterais e nas costas, que expunham feridas crônicas. Achei impressionante que uma criatura tão selvagem e esquelada permitisse que uma desconhecida lhe fizesse carinho, e também que Karla quisesse fazer isso. Ainda mais estarrecedor para mim, na época, era o fato de o gato ter tamanho apetite para consumir verduras e arroz cozidos em um molho com pimentas inteiras, muito ardidas.

— Olhe só — disse Karla, serena —, ele não é lindo?

— Bem...

— Você não admira sua coragem, sua garra para sobreviver?

— Acho que não gosto muito de gatos. Gosto de cachorros, mas gatos...

— Você *tem* que amar os gatos! Em um mundo perfeito, todas as pessoas seriam como os gatos às duas horas da tarde.

Eu ri.

— Alguém já lhe disse que você tem uma forma muito particular de expressar as coisas?

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela, virando-se para mim prontamente.

Mesmo na iluminação da rua, eu percebi que seu rosto estava corado, quase furioso. Eu não sabia que o domínio da língua inglesa era uma pequena obsessão dela; que havia estudado, escrito e dado duro para compor aqueles astutos fragmentos de conversa.

— Só estou dizendo que você tem uma forma singular de se expressar. Não me interprete mal. Eu gosto. Gosto muito. É como... bem... ontem, quando conversávamos sobre a verdade. A Verdade com V maiúsculo. A verdade absoluta. A verdade final. *Existe* verdade, *alguma coisa* é verdadeira? Todo mundo tinha algo a dizer sobre o assunto — Didier, Ulla, Maurizio, até Modena. Então você disse: *A verdade é um brutamontes de quem todos nós fingimos gostar*. Aquilo me derrubou. Você leu em algum livro, ouviu isso em uma peça ou em um filme?

— Não. Eu mesma inventei.

— É isso o que quero dizer. Acho que não conseguiria repetir nada do que os outros disseram exatamente com aquelas palavras. Mas a sua frase... Eu nunca vou esquecê-la.

— Você concorda com ela?

— Com o quê? Que a verdade é um brutamontes de quem todos fingem gostar?

— É.

— Não, de maneira nenhuma. Mas adoro a ideia, e a forma como você expressou o que pensava.

Seu meio sorriso prendeu o meu olhar. Ficamos em silêncio por algum tempo, e bem na hora em que ela ia desviar os olhos, falei de novo, para manter sua atenção.

— Por que você gosta de Biarritz?

— O quê?

— Outro dia, anteontem, você disse que Biarritz era um de seus lugares favoritos. Nunca estive lá, por isso não faço a mínima ideia de como seja. Mas gostaria de saber por que *você* gosta tanto de lá.

Ela sorriu, franzindo o nariz com um ar inquisidor que tanto poderia ser de escárnio como de prazer.

— Você se lembra disso? Então, acho melhor lhe dizer. Biarritz... Como explicar? Acho que é o oceano. O Atlântico. Adoro Biarritz no inverno, quando não há mais turistas e o mar fica tão bravo que paralisa as pessoas. A gente se encontra ali, nas praias desertas, de olhos grudados no mar — estátuas espalhadas pela praia, entre os rochedos, congeladas pelo terror que sentem quando olham o oceano. Não é como os outros — como o cáldio Pacífico ou o Índico. O Atlântico ali, no inverno, é realmente implacável e cruel. Pode-se ouvir seu chamado. A gente sabe que ele deseja nos arrastar e nos levar para as profundezas. É tão lindo que eu simplesmente caí em prantos a primeira vez que prestei atenção nisso. E queria entrar nele. Queria me deixar levar pelas ondas grandes e ameaçadoras. É a coisa mais assustadora. Mas as pessoas de Biarritz são as mais tranquilas e tolerantes da Europa, eu acho. Nada as assusta. Nada é excessivo. É meio esquisito... na maior parte dos balneários as pessoas são mal-humoradas e o mar é calmo. Em Biarritz, acontece o contrário.

— Você acha que vai voltar para lá um dia? Para ficar, quero dizer.

— Não — disse ela rapidamente. — Se algum dia sair daqui em definitivo, será para voltar para os Estados Unidos. Fui criada lá, depois que meus pais

morreram. E gostaria de voltar algum dia. Acho que é o lugar que mais amo. Há uma coisa tão confiante, tão receptiva e... *corajosa* nos Estados Unidos e nos americanos. Não me sinto americana, pelo menos acho que não me sinto, mas fico à vontade entre eles, entende, mais do que com qualquer outro povo, em qualquer lugar.

— Fale-me sobre os outros — perguntei, querendo que continuasse a falar.

— Os outros? — indagou, franzindo de repente a testa.

— A turma do Leopold. Didier e os outros. Para começar, me fale de Letitia. Como a conheceu?

Ela se descontraiu e deixou que os olhos vagassem pelas sombras do outro lado da rua. Ainda pensativa, pesando as palavras, ergueu o olhar para o céu noturno. A luz branco-azulada do poste se dissolvia, líquida, sobre seus lábios e sobre as esferas de seus olhos grandes.

— Lettie morou um tempo em Goa — começou, com um tom afetoso na voz. — Ela veio para a Índia pelo motivo de sempre: festas e revelações espirituais. Encontrou as festas e curtiu muito, eu acho. Lettie adora uma festa. Mas nunca deu muita sorte com o lado espiritual das coisas. Retornou a Londres — duas vezes no mesmo ano —, mas depois voltou à Índia para procurar esse negócio da alma pela última vez. Está numa busca espiritual. Apesar de falar duro, é uma garota muito espiritualizada. Acho que, na realidade, é a mais espiritualizada entre nós.

— Como ela vive? Não quero me intrometer... como disse antes, só quero descobrir como as pessoas ganham a vida por aqui. Ou melhor, como os estrangeiros fazem isso.

— Ela é especialista em pedras preciosas — as próprias pedras, e joias. Trabalha para alguns compradores estrangeiros em troca de comissões. Foi Didier que lhe conseguiu o emprego. Ele tem contatos em toda a Bombaim.

— Didier? — sorri, sinceramente surpreso. — Achei que eles se odiavam... Bem, não exatamente *se odiavam*. Achei que não se suportavam.

— Ah, um provoca o outro, naturalmente. Mas ali existe amizade verdadeira. Se alguma coisa ruim acontecesse com um deles, o outro ficaria arrasado.

— E Maurizio? — perguntei, tentando manter um tom neutro. O italiano alto era bonito demais, confiante demais, e eu o invejava pelo que considerava ser um conhecimento mais profundo de Karla e por sua amizade com ela. — Qual é a história dele?

— A história dele? Não sei qual é a *história* dele — retrucou ela, franzindo mais uma vez a testa. — Os pais morreram e lhe deixaram muito dinheiro. Ele gastou tudo e acho que desenvolveu um talento para gastar dinheiro.

— Dinheiro dos outros? — perguntei. Talvez eu parecesse ansioso demais para que isso fosse verdade, porque ela me respondeu com uma pergunta.

— Você conhece a história do escorpião e da rã? Sabe, a rã concorda em carregar o escorpião para a outra margem do rio, porque o escorpião promete não lhe dar uma ferroadada?

— Sei. E depois, na metade do caminho, o escorpião lhe dá uma ferroadada. A rã moribunda pergunta por que o escorpião fez aquilo, pois os dois vão morrer. E

o escorpião responde que ele é um escorpião e faz parte da sua natureza dar ferroadas.

— Isso — suspirou ela, assentindo lentamente, até a testa ficar sem rugas. — Maurizio é assim. Se estiver *ciente* disso, você não vai ter problemas, porque não vai se oferecer para carregá-lo nas costas na travessia. Entende o que quero dizer?

Estive na prisão. Entendia perfeitamente o que ela estava dizendo. Assenti e então quis saber sobre Ulla e Modena.

— Gosto de Ulla — respondeu ela rapidamente, abrindo de novo aquele meio sorriso para mim. — É maluca, não dá para confiar nela, mas tenho carinho por ela. Era uma garota rica na Alemanha, e brincou com heroína até ficar viciada. A família não quis mais saber dela, então Ulla veio para a Índia. Estava com um sujeito horrível, um alemão, viciado como ela, que a botou para trabalhar em um lugar muito complicado. Um lugar horrível. Ela amava o cara. Fez aquilo por ele. Teria feito qualquer coisa por ele. Algumas mulheres são assim. Alguns amores são assim. *A maioria* dos amores é assim, pelo que vejo. O coração começa a parecer um bote salva-vidas superlotado. A gente descarta o orgulho para manter o bote flutuando, junto com o amor-próprio, a independência. Depois, a gente começa a botar para fora as pessoas — os amigos, todos os conhecidos. E ainda não basta. O bote continua a afundar e sabemos que ele nos levará para o fundo. Já vi isso acontecer com muitas garotas por aqui. Acho que é por isso que não quero saber de amor.

Não dava para dizer se ela estava falando de si ou apenas insinuando algo para mim. De uma forma ou de outra, eram palavras duras e eu não queria ouvi-las.

— E Kavita? Em que time ela joga?

— Kavita é ótima! Trabalha como *freelance*, uma escritora *freelance*. Quer ser jornalista e acho que vai conseguir. *Espero* que consiga. É inteligente, honesta e corajosa. Também é bonita. Você não acha que ela é uma garota linda?

— Com certeza — concordei, lembrando-me dos olhos cor de mel, dos lábios cheios e bem-desenhados, dos dedos longos e expressivos. — É uma garota bonita. Mas acho que *todos* aqui têm boa aparência. Até o Didier, com seu jeito amarrutado, tem um quê de lord Byron. Lettie é uma bela garota. Os olhos dela estão sempre sorrindo. São mesmo de um azul glacial, não são? Ulla parece uma boneca, com aqueles olhos grandes e aquela boca grande no rosto redondo. Mas é o rosto de uma boneca bonita. Maurizio é atraente como um modelo de revista, e Modena é atraente de outro jeito, como um toureiro ou coisa parecida. E você é... Você é a mulher mais bonita que os meus olhos já viram.

Muito bem, eu tinha dito aquilo. E, mesmo em estado de choque por ter transformado o pensamento em palavras, fiquei me perguntando se ela entendera, se ela havia sido tocada pelas palavras sobre a beleza dos outros e a dela, e descoberto o tormento que as inspirara: o tormento que um homem feio sente em cada minuto consciente de amor.

Ela riu — uma boa risada, verdadeira e profunda — e agarrou meu braço impulsivamente, conduzindo-me pela calçada. Naquele instante, como se tivesse

saído das sombras atraído pelo seu riso, ouviu-se o chacoalhar metálico de um mendigo que se locomovia sobre uma pequena tábua de madeira com rodinhas, deslizando pela calçada do outro lado da rua. Ele usou as mãos para avançar até o centro da rua deserta, interrompendo o percurso com uma pirueta teatral. Suas pernas esqueléticas estavam dobradas e enfiadas sob seu corpo na plataforma, que não era maior do que um jornal dobrado. Usava um uniforme escolar com short cáqui e camisa azul. Embora tivesse uns vinte anos, as roupas eram grandes demais para ele.

Karla o chamou, cumprimentando-o pelo nome, e paramos em sua frente. Os dois conversaram em híndi por algum tempo. Olhei fixamente para os dez metros que nos separavam, fascinado pelas mãos do homem. Eram imensas, tão largas quanto seu rosto. A iluminação da rua me permitia ver que as palmas e os dedos eram almofadados como as patas de um urso.

— Boa noite! — exclamou ele em inglês, depois de um minuto. Levou uma das mãos até a testa e depois ao coração, em um delicado gesto de desabrido galanteio. Com outra veloz pirueta exibicionista, usou as mãos para avançar, ganhando velocidade à medida que deslizava pela suave descida até a Porta da Índia.

Ficamos olhando até que desaparecesse, então Karla puxou meu braço, conduzindo-me mais uma vez pelo caminho. Eu me deixava ser levado. Permiti-me ser arrastado pelas ondas suaves e convidativas, pela melodia de sua voz, pelo céu escuro, pela noite mais escura no cabelo dela; pelo cheiro de mar e árvores da rua adormecida, e pelo sublime perfume de sua pele morna. Permiti-me ser arrastado para dentro da vida dela e da vida da cidade. Levei-a para casa. Deilhe boa-noite. E, ao voltar pelas ruas silenciosas até meu hotel, eu cantarolava baixinho.

— ENTÃO VOCÊ ESTÁ ME DIZENDO que vamos finalmente conhecer o verdadeiro negócio.

— *Verdadeiro* de sobra, *baba* — garantiu-me Prabaker —, e negócio também não vai faltar. Agora você vai ver a cidade de verdade. Não costume levar turistas a esses lugares. Eles não gostam e não gosto de que não gostem. Ou talvez gostem demais desses lugares, e eu gosto disso menos ainda, não é? A gente precisa de uma cabeça boa para gostar dessas coisas, e precisa de um coração bom para não gostar demais. Como você, Linbaba. Você é meu bom amigo. Soube disso muito bem naquele primeiro dia, quando bebíamos uísque no seu quarto. Você vai ver toda a minha Bombaim, com sua cabeça boa e seu coração bom.

Estávamos dentro de um táxi que seguia pela avenida Mahatma Gandhi depois da fonte Flora, rumo à estação Victoria. Eram onze horas e o fluxo do trânsito que passava por aquele corredor de pedra era aumentado pelo grande número de entregadores empurrando carrinhos de marmitas. Eles pegavam as refeições em casas e apartamentos e os colocavam dentro de cilindros metálicos chamados *jalpaans*, ou marmitas. Empurravam enormes bandejas de marmitas em compridas carroças de madeira — eram seis homens ou mais em cada. Enfrentando o pesado trânsito de ônibus, caminhões, lambretas e carros, eles faziam entregas nas repartições e escritórios de toda a cidade. Ninguém além dos homens e mulheres que cuidavam do serviço sabia exatamente como era feito: como pessoas quase analfabetas desenvolveram um sistema surpreendentemente complexo de símbolos, cores e códigos numéricos para marcar e identificar os cilindros; como, dia após dia, centenas de milhares daquelas embalagens idênticas atravessavam a cidade em veículos de madeira, lubrificadas com suor, e chegavam sempre à pessoa certa, entre milhões; e como tudo era obtido com um custo medido por centavos em vez de dólares. A mágica, o truque que faz a ligação entre o corriqueiro e o impossível, era o rio invisível que passava por cada rua e cada coração na Bombaim daqueles tempos. E nada, dos serviços postais aos mendigos, funcionava sem alguma participação dele.

— Qual o número daquele ônibus, Linbaba? Responda rápido.

— Um segundo — vacilei, olhando pela janela semiaberta do táxi para tentar decifrar os caracteres desenhados na frente de um ônibus vermelho de dois andares parado na nossa frente naquele momento. — É um... Um, zero, quatro, não é?

— Muito bem! Você aprendeu os números em hindí muito rapidamente. Não tem a menor dificuldade para ler números de ônibus, de trem, no cardápio e nas compras de drogas, entre outras coisas. Agora me diga, o que é *alu palak*?

— *Alu palak* é batata com espinafre.

— Bom. E também é bom para comer, você se esqueceu de dizer. Adoro comer *alu palak*. O que é *phul gobhi* e *bhindi*?

— Isso aí é... couve-flor e... quiabo.

— Correto. Também é bom de comer, de novo você se esqueceu. O que é *baingan masala*?

— É... berinjela temperada.

— Certo de novo! Qual é o problema, você não gosta de comer *baingan*?

— Sim, sim, tudo bem! *Baingan* também é bom de se comer.

— Não gosto tanto assim de *baingan* — desdenhou ele, enrugando o narizinho.

— Diga, o que estou chamando de *chehra, munh e dil*?

— Tudo bem, não me diga... Rosto, boca e coração. Está certo?

— Certíssimo, nenhum problema. Andei vendo como você come direitinho a comida com a mão, em um bom estilo indiano. E como aprende a pedir coisas — quanto é isso, quanto é aquilo, me dê duas xícaras de chá, quero mais haxixe — falando apenas híndi com as pessoas. Vi tudo. Você é meu melhor aluno, Linbaba. E sou seu melhor professor também, não é?

— É sim, Prabu — eu ri. — Ei, cuidado!

Meu grito alertou o motorista de táxi, que desviou a tempo de evitar uma carroça de boi que tentava fazer uma curva na nossa frente. O motorista do táxi — um homem corpulento, de pele escura, com bigode eriçado — pareceu ficar ultrajado pela minha impertinência em salvar nossas vidas. Logo que pegamos o táxi, ele ajustou o retrovisor para não ver nada além do meu rosto. Depois da quase batida, ele me olhou feio, soltando grunhidos com insultos em híndi. Ele dirigia o carro como se estivesse sendo perseguido, costurando para a esquerda e para a direita para ultrapassar os veículos mais lentos. Havia uma intensidade furiosa em sua atitude em relação a todos os outros carros. Ele avançava até ficar a poucos centímetros de cada automóvel mais lento que lhe atravessasse o caminho, apertando a buzina, e praticamente empurrando-o para fora do caminho. Se um veículo mais lento desviasse um pouco para a esquerda, para deixá-lo passar, nosso motorista colava ao seu lado, acompanhava-o por algum tempo e praguejava aos berros. Quando vislumbrava outro carro lento adiante, acelerava para repetir o procedimento. De tempos em tempos, abria a porta e se abaixava para cuspir o caldo do *paan* no asfalto, tirando os olhos do trânsito a sua frente por longos segundos, enquanto chacoalhávamos no banco traseiro.

— Esse sujeito é um louco — resmunguei para Prabaker.

— A direção não é muito boa — retrucou Prabaker, segurando-se ao banco do motorista com ambos os braços. — Mas preciso admitir que as cuspidas e os insultos são de primeira.

— Pelo amor de Deus, diga para ele parar — berrei enquanto o táxi acelerava rumo a um nó do trânsito, zigzagueando da esquerda para a direita. — Ele vai nos matar!

— *Band karo!* — gritou Prabaker. *Pare!*

Ele ainda xingou o motorista, com motivo de sobra, mas o homem ficou apenas mais enfurecido. Enquanto o carro se sacudia a toda a velocidade, ele virou a cabeça para trás para nos lançar um olhar enfezado. A boca estava completamente aberta, os dentes, expostos. Os olhos eram imensos, negros e injetados de ódio.

— *Arrey!* — guinchou Prabaker, apontando alguma coisa atrás do motorista.

Era tarde demais. O homem se virou rapidamente. Os braços seguraram o volante com toda a força e ele pisou fundo no freio. Houve um segundo escorregadio, deslizante... dois segundos... três segundos. Ouvi o ruído gutural de quem busca ar no fundo da garganta. Era uma espécie de sucção, como acontece quando se levanta uma pedra chata da lama úmida à beira do rio. Depois, veio a pancada, na hora em que batemos em um carro que tinha parado diante de nós para entrar numa rua. Fomos jogados para a frente, contra a parte de trás do assento do motorista, e ouvimos o som de mais batidas quando dois outros veículos se chocaram contra o nosso.

Estilhaços de vidro e fragmentos de cromo despencaram no asfalto como um fraco aplauso metálico diante do súbito silêncio que se seguiu às colisões. Minha cabeça tinha se chocado contra a porta durante o frenesi da batida. Senti que saía sangue de um corte acima do meu olho, mas eu estava inteiro. Enquanto lutava para sair do piso do carro e voltar para o banco traseiro, senti as mãos de Prabaker sobre mim.

— Não quebrou nada, Lin? Você está bem?

— Estou bem, estou bem.

— Tem certeza? Nada quebrado?

— Minha nossa, Prabu, não quero saber se esse sujeito é bom em xingar — disse eu, rindo de nervoso e de alívio —, ele não vai ganhar gorjeta. Você está bem?

— A gente precisa sair daqui, Lin! — respondeu ele, levantando a voz em um gemido histérico. — Para fora! Para fora daqui! Agora!

A porta do lado dele estava emperrada e ele começou a empurrá-la com o ombro, sem sucesso. Esticou-se para testar a porta do meu lado, mas na mesma hora viu que havia outro carro jogado contra ela, impedindo que a abrissemos. Nossos olhares se encontraram, e havia tal medo no dele, tanto terror em seus olhos arregalados, que senti um frio no fundo do peito. Ele se virou imediatamente e se jogou contra a porta a seu lado.

Minha mente estava turva e uma ideia veio à tona, clara e nítida: FOGO. É disso que ele está com medo? Depois que fiz essa pergunta a mim mesmo, não consegui parar de pensar nela. Via o pânico que desfigurava a boca arfante de Prabaker e tive certeza de que o táxi ia se incendiar. Sabia que não tínhamos como sair dali. As janelas traseiras, como em todos os táxis que eu vira em Bombaim, não abriam mais do que alguns centímetros. As portas estavam emperradas, as janelas não desciam; o táxi ia pegar fogo e estávamos presos. *Queimados vivos... É por isso que ele está com tanto medo?*

Olhei para o motorista. Estava preso entre o volante e a porta. O corpo estava imóvel, mas ouvi seus gemidos. Por baixo da camisa fina, as costelas subiam e desciam a cada respiração lenta e superficial.

Rostos apareceram nas janelas do táxi e ouvi vozes exaltadas. Prabaker olhou para eles, virando-se para lá e para cá, o rosto carregado por uma expressão de angústia terrível. De repente ele pulou para o banco da frente e, com dificuldade, conseguiu abrir a porta do carona. Virou-se rapidamente, agarrou meus braços com uma força surpreendente e tentou me arrastar por cima do banco que nos

separava.

— Por aqui, Lin! Saia daí, agora! Depressa! Depressa!

Escalei o banco. Prabaker saiu do carro, abrindo caminho à força por entre a multidão de curiosos. Estendi a mão para alcançar o motorista, para tentar livrá-lo da beirada do volante que o imobilizava, mas as mãos de Prabaker estavam de novo sobre mim, com uma brutalidade cruel. As unhas de uma das mãos arranharam as minhas costas e a outra mão torceu o colarinho da minha camisa.

— Não toque nele, Lin — ele praticamente gritou. — Não toque nele. Deixem-o aí e saia. Saia daí agora!

Ele me arrastou para longe do carro, pelo meio da multidão que tomava conta da cena do acidente. Em uma calçada próxima, nós nos sentamos sob a cobertura de folhas de espinheiro que pendiam de uma cerca de lanças de ferro fundido e nos examinamos mutuamente, em busca de ferimentos. O corte na minha testa, sobre o olho direito, não era tão sério quanto eu pensava. O sangramento já tinha estancado, e agora a ferida eliminava uma secreção clara de plasma. Sentia dores em vários lugares, mas não havia motivo para preocupação. Prabaker segurava o braço — o mesmo que me arrancara do carro com força irresistível — e era óbvio que sentia dor. Um inchaço significativo já havia se formado próximo ao cotovelo. Eu sabia que ele ficaria com um hematoma horrível, mas nada parecia estar quebrado.

— Parece que você estava errado, Prabu — provoqueei-o, sorridente, enquanto acendia um cigarro para ele.

— Errado, *baba*?

— Em tirar a gente do carro com todo aquele pânico. Você me deu o maior susto. Pensei que ia pegar fogo, mas parece que está tudo bem.

— Ah — exclamou baixinho, olhando fixamente para a frente. — Você acha que eu estava assustado com fogo? Não com fogo no carro, Lin, mas com o fogo nas *peessoas*. Olha lá, veja como as pessoas estão.

Ficamos de pé alongando os ombros e o pescoço para afastar a dor e observamos o desastre, a uns dez metros de distância. Cerca de trinta pessoas haviam se aglomerado em torno dos quatro veículos envolvidos no acidente. Algumas ajudavam os motoristas e os passageiros dos carros abalroados. O resto formou grupos, gesticulando agitadamente e gritando. Mais gente chegou ao local, vinda de todas as direções. Os motoristas impedidos de avançar abandonaram os veículos e se juntaram à massa. Enquanto observávamos, as trinta pessoas se transformaram em cinquenta, em oitenta, em cem.

Um homem era o centro das atenções. Era o carro dele que tinha tentado virar à direita, o carro com o qual colidimos apesar da brusca freada. Ele estava ao lado do táxi, possesso. Era um homem de ombros arredondados, de quarenta e poucos anos, usando um conjunto de safári de algodão verde feito sob encomenda para acomodar a protuberância fora do comum de sua enorme barriga. O cabelo ralo estava em desalinho. O bolso superior do conjunto tinha sido arrancado, havia um rasgão nas calças e ele perdera uma das sandálias. Tal desarrumação, combinada a seus gestos teatrais e gritos persistentes, parecia fornecer um espetáculo mais arrebatador para a multidão do que os carros

batidos. A mão dele estava cortada da palma ao pulso. Enquanto a multidão atenta ficava mais silenciosa, subjugada pelo drama, ele passou o sangue da ferida no rosto e espalhou o vermelho sobre as roupas cinza, sem parar de berrar.

Nesse momento, alguns homens carregaram uma mulher para a pequena clareira aberta em torno do homem e a colocaram sobre um pedaço de pano estendido no chão especialmente para ela. Aos gritos, deram instruções para a multidão, e, depois de alguns instantes, apareceu um carro de madeira empurrado por homens sem camisa, vestidos apenas com regatas e *lungis* curtos. A mulher foi erguida até o carro, seu sári vermelho se enrolou entre suas pernas. Talvez fosse a esposa do homem — não dava para saber direito —, mas subitamente a raiva dele chegou às raíais da histeria. Ele a agarrou com força pelos ombros e começou a sacudi-la. Puxou seu cabelo. Fez apelos para a multidão com gestos largos e histriônicos, abrindo bem os braços e depois batendo na própria cara manchada de sangue. Eram gestos de pantomima, a exagerada simulação dos filmes mudos, e eu não conseguia parar de achar aquilo absurdo e engraçado. Mas os ferimentos sofridos pelas pessoas eram verdadeiros, bem como as ameaças ruidosas que se fizeram ouvir em meio à multidão crescente.

Enquanto a mulher semiconsciente era levada no humilde carrinho, o homem se lançou na porta do táxi, fazendo força até abri-la. A multidão teve uma reação uniforme. No mesmo instante, as pessoas arrastaram para fora do carro o motorista atordoado e ferido e o jogaram no capô. Ele levantou os braços, implorando debilmente, mas uma dúzia, vinte, cinquenta mãos caíram sobre ele. Recebeu socos no rosto, no peito, na barriga, na virilha. Unhas arranhavam e rasgavam, abrindo um dos cantos de sua boca até quase a orelha, e transformando sua camisa em farrapos.

Foi uma questão de segundos. Disse a mim mesmo, enquanto assistia ao linchamento, que tudo aconteceu rápido demais, que eu estava atordoado e não houve tempo para reagir. O que costumamos chamar de covardia é apenas outro termo para ser pego de surpresa, e a coragem raramente é mais do que apenas estar bem-preparado. E eu poderia ter feito mais, poderia ter feito alguma coisa, qualquer coisa, se fosse na Austrália. *Este não é o seu país*, disse para mim mesmo enquanto acompanhava os golpes. *Não é a sua cultura...*

Mas havia ainda outro pensamento, sombrio e secreto então, e completamente claro para mim agora: o homem era um idiota, um idiota grosseiro e beligerante, cuja estupidez irresponsável havia posto em risco a vida de Prabaker e a minha. Uma farpa de rancor havia atravessado meu coração quando a multidão entrou em ação e pelo menos uma pequena partícula de sua revanche — um soco, um grito, um empurrão — era só minha. Impotente, covarde e envergonhado, eu não fiz nada.

— Precisamos fazer alguma coisa... — disse, sem jeito.

— Já tem gente demais fazendo, *baba* — retrucou Prabaker.

— Não, não é isso. Precisamos... Não podemos ajudá-lo de alguma forma?

— Não há como ajudar esse sujeito — suspirou. — Veja só, Lin. Um acidente é um negócio muito ruim em Bombaim. Melhor sair do carro, táxi, ou

seja lá o que for bem rápido. O povo não tem paciência com essas coisas. Veja agora, é tarde demais para aquele sujeito.

A surra foi rápida, mas feroz. O sangue corria dos numerosos cortes no rosto do homem e em seu peito. A um sinal reconhecido de alguma forma em meio aos uivos e rugidos da massa, ele foi erguido e carregado à altura das cabeças. Juntaram e esticaram suas pernas, seguras com firmeza por dezenas de mãos. Os braços foram abertos em ângulo reto em relação ao corpo e agarrados com força. A cabeça balançava para a frente e para trás, um pedaço mole e úmido de pele pendurado da bochecha à mandíbula. Os olhos estavam abertos, alertas, olhando fixamente para trás e de cabeça para baixo: olhos negros tomados de medo e de uma esperança imbecil. O trânsito do outro lado da rua abriu passagem para as pessoas e o homem desapareceu lentamente, crucificado nas mãos e nos ombros da multidão.

— Vamos, vamos, Lin. Você está bem?

— Estou — balbuciei, obrigando-me a caminhar a seu lado. Minha autoconfiança havia se derretido através dos músculos e ossos e fora parar nos meus joelhos. Cada passo era pesado, voluntário. Não era a violência que me abalava. Já tinha visto coisa pior, com bem menos provocação, na prisão. O que me abalava era o colapso repentino da minha tola presunção. As semanas na cidade que eu pensara estar começando a conhecer, a Bombaim dos templos, bazares, restaurantes e dos novos amigos, tinham sido incineradas na fogueira do desvario coletivo.

— O que... o que vão fazer com ele?

— Vão levá-lo para a polícia, acho. Atrás do mercado Crawford fica a delegacia desta área. Talvez ele tenha sorte — quem sabe chegue vivo lá. Talvez não. Ele tem um carma muito turbulento, esse sujeito.

— Já o viu antes?

— Ah, muitas vezes, Linbaba. Às vezes dirijo o táxi do meu primo Shantu. Já vi tanta gente furiosa. É por isso que estava tão preocupado por você e pela minha boa pessoa também.

— Por que as coisas acontecem assim? Por que ficaram tão enlouquecidos?

— Isso ninguém sabe, Lin — Prabaker deu de ombros, acelerando um pouco o passo.

— Espere aí — parei, fazendo-o diminuir o ritmo ao colocar a mão no seu ombro. — Onde vamos?

— Ainda vamos sair para fazer um passeio, não é?

— Achei que... talvez... Você quisesse adiar por hoje.

— Adiar *por quê?* Temos que ver o negócio verdadeiro, Linbaba. Então vamos, *na?*

— E o seu braço? Não é melhor ir ao médico?

— Não se preocupe com os braços, Lin. Para terminar o passeio, vamos tomar uísque em um lugar extraordinário que eu conheço. Vai ser um bom remédio. Então vamos logo, *baba*.

— Bem, tudo bem, se você diz. Mas a gente estava indo em outra direção, não era?

— *Ainda* vamos para o outro lado, *baba* — respondeu Prabaker com alguma pressa —, mas primeiro vamos por *aqui!* Ali, na estação, tem um telefone. Preciso ligar para meu primo que está trabalhando agora no restaurante Sunshine, lavando louça. Ele quer um emprego de taxista para o irmão, Suresh, e preciso passar o número e o nome do patrão daquele motorista que foi levado pelas pessoas. O patrão daquele sujeito vai precisar de um novo motorista e temos de correr atrás dessa boa oportunidade, não é?

Prabaker fez a ligação. Segundos depois, prosseguiu com a excursão ao lado sombrio da cidade sem um instante de hesitação, em outro táxi, como se nada tivesse acontecido. Nem voltou a mencionar o assunto. Quando eu falava, ele reagia dando de ombros ou com algum comentário ameno sobre nossa *sorte* por termos saído quase ilesos. Para ele, o incidente era como uma briga em uma casa noturna ou o confronto entre torcedores de clubes rivais em um jogo de futebol — lugar-comum, nada de mais, a menos que a gente desse o azar de estar participando da situação.

Mas para mim aquele tumulto súbito, selvagem e desconcertante, a visão do taxista flutuando sobre uma onda de mãos, ombros e cabeças, foi um divisor de águas. Dali nasceu uma nova percepção. De repente constatei que se quisesse ficar ali, em Bombaim, na cidade pela qual me apaixonara, eu precisava mudar. Precisava me envolver. A cidade não me permitiria ser apenas um espectador, indiferente, distante. Se quisesse ficar, teria de me deixar afundar no rio de seu êxtase e de sua fúria. Mais cedo ou mais tarde, eu sabia, precisaria descer para o asfalto, me misturar à multidão sanguinária e me expor.

E, com a semente dessa decisão, nascida daquela convulsão e daqueles presságios, teve início o circuito sombrio de Prabaker. Quando retomamos o passeio, ele me levou ao mercado de escravos não muito distante de Dongri, um subúrbio conhecido pelas mesquitas, pelos bazares e pelos restaurantes especializados em pratos da cozinha Mughlai, do norte da Índia. A avenida principal se transformou em ruas, as ruas, em vielas, e quando as vielas se tornaram estreitas demais para permitir a passagem do táxi, deixamos o veículo e caminhamos juntos pela sinuosa agitação da multidão. Quanto mais avançávamos pelos becos de Catiline, mais nos distanciávamos do dia, do ano, da própria época em que vivíamos. Quando os carros e as lambretas desapareceram, o ar se tornou mais claro, mais vivo, com aromas de especiarias e perfumes que não eram obscurecidos pela fumaça de gasolina e diesel que prevalecia em outras partes. O rumor do trânsito diminuiu, acabou e foi substituído pelo som das ruas — uma turma de crianças recitando versos do Alcorão em um pequeno pátio, o raspar de pedra contra pedra, enquanto as mulheres moíam as especiarias nas portas de casa, e o lamuriante otimismo dos gritos dos amoladores de faca, estofadores de colchão, consertadores de fogão e outros ambulantes. Eram sons de gente em toda parte, interpretados com vozes e mãos.

Numa curva em um dos becos labirínticos, passamos por um enorme suporte de metal para estacionar bicicletas. Dali para a frente, até essas simples máquinas desapareceram. As mercadorias eram transportadas por carregadores

com imensos embrulhos na cabeça. Fomos liberados de um fardo costumeiramente carregado por todos: a pressão avassaladora do sol de Bombaim. As vielas eram escuras, frias, sem sombras. Embora só tivessem, no máximo, três ou quatro andares, os prédios se inclinavam sobre os caminhos labirínticos e o céu foi reduzido a uma fina pincelada de azul-claro.

Os prédios eram antigos e decadentes. Fachadas de pedra que haviam sido suntuosas e impressionantes, praticamente caíam aos pedaços, encardidas, remendadas de qualquer maneira. Aqui e ali, pequenas sacadas se projetavam até quase se encontrar sobre nossas cabeças, tão próximas que os vizinhos podiam esticar os braços e passar coisas para o outro lado. Dentro das casas, era possível ver paredes sem pintura e escadarias em péssimas condições. Muitas janelas do térreo se abriam para revelar lojas improvisadas para a venda de doces, cigarros, comida, verduras e utensílios. Não havia dúvida de que o encanamento era precário, se é que existia. Passamos por vários locais onde mulheres com painéis de metal ou barro esperavam sua vez de pegar água de uma única torneira ao ar livre. E espalhados sobre os prédios, como teias de aranha metálicas, encontravam-se intrincados percursos de cabos de eletricidade e fios, como se até mesmo aquele símbolo e fonte da era moderna e de seu poder não fosse mais que uma frágil e temporária rede passível de ser eliminada por um gesto mais brusco.

Da mesma forma que a cada curva as vielas pareciam pertencer a outra era, a aparência das pessoas também mudava à medida que penetrávamos no labirinto. Via cada vez menos camisas e calças de algodão ao estilo ocidental, tão comuns no restante da cidade, até que afinal esses trajes desapareceram por completo, a não ser nas crianças mais jovens. Os homens usavam vestimentas tradicionais de uma variedade de cores. E havia longas camisas de seda que chegavam até os joelhos, abotoadas com pérolas do pescoço à cintura, caftans coloridos ou listrados, capas com capuzes que lembravam o hábito dos monges; uma infundável diversidade de casquetes em branco e cores vivas, e turbantes amarelos, vermelhos e azuis berrantes. As mulheres se enfeitavam ostensivamente com joias, apesar da pobreza do bairro. O que faltava em valor àquelas joias sobrava na extravagância de seus desenhos. Também chamavam a atenção as tatuagens com símbolos de castas, encontradas em algumas testas, bochechas, mãos e pulsos. Todos os pés descalços femininos eram adornados por tornozeleiras com sinos de prata e anéis de latão retorcido.

Era como se todas aquelas centenas de pessoas estivessem arrumadas para ficar em casa, para si mesmas, e não para desfilarem em público. E as ruas eram limpas. Os prédios tinham rachaduras e manchas, as passagens estreitas eram tomadas por bodes, galinhas, cães e gente, e cada rosto magro revelava a sombra e as rugas da penúria. Mas as ruas e as pessoas estavam impecáveis, limpíssimas.

Entramos então em becos mais antigos, tão estreitos que duas pessoas só conseguiam passar ao mesmo tempo com dificuldade. As pessoas postavam-se nas soleiras das portas e esperavam que a gente passasse, para então se movimentar. As passagens tinham sido cobertas com tetos falsos e toldos estendidos, e na escuridão não era possível ver mais do que alguns metros adiante ou para trás. Fiquei com os olhos grudados em Prabaker, com medo de me

perder se ficasse sozinho. O pequeno guia se virava com frequência, chamando minha atenção para uma pedra solta no caminho a nossa frente, ou para um degrau, ou algum tipo de obstrução na altura de nossas cabeças. Concentrado nesses obstáculos, perdi a noção de onde me encontrava. Meu mapa mental da cidade virou de cabeça para baixo, borrado, desbotado, e eu não conseguia adivinhar a direção do mar ou dos marcos — a fonte Flora, a estação Victoria, o mercado Crawford — pelos quais havíamos passado no caminho para aquele bairro. Senti-me tão profundamente envolvido pelo fluxo e refluxo daquelas vielas estreitas, tão sufocado pela intimidade das portas abertas e dos corpos perfumados, que era como se andasse dentro dos prédios, dentro daqueles lares, em vez de simplesmente no espaço entre eles.

Encontramos uma banca onde um homem com um colete de algodão manchado de suor remexia bolinhos em uma panela de óleo fervente. As chamas azuis do fogareiro a querosene, bruxuleantes, fantasmagóricas, forneciam a única fonte de luz. A emoção assombrava seu rosto. Era angústia, algum tipo de angústia, e a raiva estoica e entorpecida que paira diante de um trabalho repetitivo e malpago. Prabaker passou por ele e mergulhou na escuridão. Quando me aproximei do homem, ele virou o rosto para mim e nossos olhares se encontraram. Por um momento, toda a intensidade daquela raiva iluminada pela luz azul foi dirigida a mim.

Muitos anos depois daquele dia, guerrilheiros afegãos que se tornaram meus amigos conversaram durante horas sobre filmes indianos e seus astros favoritos de Bollywood, em uma montanha próxima ao cerco de Kandahar. *Os atores indianos são os melhores do mundo*, disse um deles, *porque os indianos sabem gritar com os olhos*. O cozinheiro de frituras do beco me fitava com olhos que gritavam e me fez parar como se tivesse jogado a mão contra meu peito. Eu não conseguia me mexer. Nos meus próprios olhos, havia palavras — *Sinto muito, sinto muito que você tenha que fazer este trabalho. Sinto muito que seu mundo, sua vida, seja tão quente, sombria e esquecida. Sinto muito por estar me intrometendo...*

Ainda com os olhos fixos em mim, ele segurou o cabo da panela. Durante o tempo de uma ou duas batidas tonitruantes do meu coração, fui tomado pela ideia ridícula e assustadora de que ele ia jogar o óleo quente na minha cara. O medo fez meus pés se moverem e fui em frente, me esgueirando para passar por ele com as mãos espalmadas contra a superfície úmida da parede de pedra. Dois passos depois, prendi o pé em uma rachadura do caminho, tropecei e caí, arrastando comigo outro homem. Ele era idoso, magro e frágil. Eu podia sentir seus ossos finos através da túnica grosseira. Caímos pesadamente, aterrissando perto da porta aberta de uma casa, e o velho bateu com a cabeça. Levantei-me com dificuldade, escorregando e deslizando sobre uma pilha de pedras soltas. Tentei ajudá-lo a se levantar, mas uma mulher idosa, acocorada na soleira da porta aberta, deu um tapa na minha mão, me impedindo. Pedi desculpas em inglês, lutando para encontrar as palavras para *Sinto muito* em hindí — *Como se diz? Prabaker me ensinou as palavras... Mujhako afsos hain... é isso* —, e disse três, quatro vezes. Naquele corredor escuro e silencioso, entre os prédios, as

palavras ecoaram como a oração de um bêbado em uma igreja vazia.

O velho gemeu baixinho, com o corpo dobrado na soleira. A mulher enxugou o rosto dele com um canto do lenço e me mostrou o pano, para que eu visse uma mancha brilhante de sangue. Ela nada falou, mas seu rosto enrugado estava franzido pelo desprezo. Com aquele gesto simples, mostrando o pano manchado de sangue, parecia dizer: *Veja só, seu bárbaro estúpido e desajeitado, veja o que você fez aqui...*

Sentia-me sufocado pelo calor, asfiziado pela escuridão e pela estranheza do local. As paredes pareciam pressionar minhas mãos, como se a força dos meus braços as impedisse de me encerrar completamente. Recuei, afastando-me do casal de idosos, primeiro tropeçando e depois mergulhando de cabeça nas sombras da rua-túnel. Uma mão se estendeu para tocar no meu ombro. Foi um toque suave, mas eu quase gritei.

— Por aqui, *baba* — disse Prabaker rindo baixinho. — Para onde acha que está indo? Siga apenas *por aqui*. Agora, por aqui. Você precisa manter os dois pés nas beiradas porque há sujeira demais no meio do caminho.

Ele estava na entrada de um estreito vão formado entre os muros de dois prédios. Uma luz débil reluzia nos dentes e nos olhos do seu sorriso, mas atrás dele havia apenas escuridão. Deu as costas para mim, abriu as pernas até que os pés tocassem as paredes, apoiou-se com as mãos e começou a avançar, deslizando os pés junto às paredes em passinhos lentos. Ele esperava que eu o seguisse. Hesitei, mas, quando seu vulto rastejante foi engolido pela escuridão e desapareceu, eu também pus os pés contra as paredes e cambaleei atrás dele.

Eu podia ouvir Prabaker adiante, mas estava tão escuro que não conseguia vê-lo. Um dos meus pés se afastou da beirada e minha bota chafurdou numa lama viscosa, acumulada no meio do caminho. Um cheiro azedo subia daquele lodo. Forcei meus pés contra as paredes, deslizando em passos curtos. Alguma coisa atarracada e pesada serpenteou perto de mim, esbarrando o corpo roliço contra minha bota. Segundos depois, outra e mais outra criatura passaram por mim na escuridão. Pude sentir seu peso na ponta das minhas botas.

— Prabu! — berrei, sem saber se ele estava muito longe de mim. — Tem umas coisas aqui com a gente!

— Coisas, *baba*?

— No chão! Alguma coisa está andando por cima dos meus pés! Alguma coisa pesada!

— Aqui só tem ratos andando, Lin. Não tem *coisa* alguma.

— Ratos? Você está brincando? Essas coisas têm o tamanho de cachorros. Meu Deus, que caminho, amigo!

— Ratos grandes não são problema, Lin — respondeu Prabaker calmamente, da escuridão diante de mim. — Ratos grandes são amigáveis, não fazem mal às pessoas. Se a gente não partir para cima deles. Só uma coisa os faz morder, arranhar, essas coisas.

— E o que é, pelo amor de Deus?

— Gritos, *baba* — respondeu ele, baixinho. — Eles não gostam de vozes altas.

— Que maravilha! E você só me avisa agora — grasnei. — Ainda falta

muito? Estou começando a ficar assustado e...

Ele havia parado e esbarrei nele, apertando-o contra a superfície de uma porta de madeira.

— Chegamos — sussurrou, estendendo o braço para dar uma série complicada de pancadas e pausas. Houve um som de raspar e de batidas enquanto um pesado ferrolho era destravado, e a porta se abriu, nos atordoando com a súbita claridade. Prabaker segurou a manga da minha camisa e me arrastou consigo.

— Depressa, Lin. Os ratos grandes não podem entrar aqui.

Entramos em um pequeno cômodo formado por paredes sem pintura e iluminado por um retângulo de seda bruta de céu, ao alto. Podia ouvir vozes vindas do fundo do beco sem saída. Um homem enorme bateu o portão. Deu as costas para ele e nos fitou com cara feia, os dentes à mostra. Prabaker começou a falar imediatamente, tentando acalmá-lo com palavras suaves e gestos aduladores. O homem balançava a cabeça sem parar, exclamando repetidamente *não, não, não*.

Era muito maior do que eu. E eu estava tão perto dele que conseguia sentir o ar que saía de suas narinas largas, cujo som era como o vento que assobia nas cavernas em uma praia rochosa. O cabelo era muito curto, mostrando orelhas tão grandes e deformadas quanto as luvas de treino de um boxeador. O rosto quadrado parecia ter o vigor de tecidos musculares mais sólidos do que os músculos dorsais dos homens comuns. O peito era tão largo quanto a distância entre os meus ombros, e subia e descia a cada respiração, assentado sobre uma imensa barriga. O bigode finíssimo acentuava a careta e ele me olhava com uma aversão tão genuína que comeci a rezar em silêncio. *Meu Deus, por favor, não me faça brigar com este homem.*

Ele ergueu as palmas das mãos para interromper a cantilena de bajulações de Prabaker. Eram mãos enormes, tão calosas e nodosas que poderiam perfeitamente raspar as cracas instaladas no fundo de um petroleiro atracado em um dique seco.

— Ele diz que não temos permissão para entrar — explicou Prabaker.

— Bem — respondi passando pelo homem e tentando abrir a porta com entusiasmo espontâneo. — Ninguém pode dizer que não tentamos.

— Não, não, Lin! — Prabaker me interrompeu. — Precisamos discutir esse assunto com ele.

O homenzarrão dobrou os braços, alisando as costuras da camisa cáqui ruidosamente.

— Não acho que seja uma boa ideia — balbuciei, mantendo um sorriso tenso.

— Claro que é! — insistiu Prabaker. — Os turistas não têm permissão para entrar aqui ou em qualquer outro mercado de gente, mas eu lhe disse que você não é um desses turistas. Expliquei que você aprendeu a língua marata. Ele não acredita em mim. É o nosso único problema. Não acredita que nenhum estrangeiro fale marata. Por essa razão você deve falar um pouco de marata com ele. Você vai ver. Ele vai nos deixar entrar.

— Eu sei apenas umas vinte palavras em marata, Prabu.

— Não tem problema, *baba*. É só começar, você vai ver. Diga seu nome para ele.

— Meu nome?

— Isso! Como eu lhe ensinei. Não em híndi, mas em maratá. Tudo bem, comece.

— Ah, ah, *maza nao* Lin *ahey* — balbuciei, inseguro. *Meu nome é Lin*.

— *Baapree!* — espantou-se o homenzarrão, com os olhos arregalados de verdadeira surpresa. *Por Deus!*

Encorajado, experimentei mais algumas frases que Prabaker havia me ensinado nas últimas semanas.

— *Maza Desh New Zealand ahey. Ata me Colabala rahella ahey.* — disse. *Meu país é a Nova Zelândia. Agora moro em Colaba.*

— *Kai garam mad'chud!* — rosnou o sujeito, sorrindo pela primeira vez. A frase significa, ao pé da letra, *Que grandessíssimo filho da puta!* Mas é tão usada, e com tanta inventividade, que pode ser traduzida como *Filho da mãe!*

O gigante segurou meu ombro, espremendo-o com uma severidade amistosa.

Usei todo meu repertório de frases em maratá, começando pelas primeiras palavras que pedi que Prabaker me ensinasse — *Amo muito seu país* — e terminando com um pedido que eu com frequência era obrigado a fazer nos restaurantes, mas que deve ter parecido extremamente inadequado no pequeno recanto: *Por favor, desligue o ventilador enquanto tomo minha sopa.*

— Por ora está bom, *baba* — murmurou Prabaker com seu enorme sorriso. Quando fiquei quieto, o homenzarrão falou com rapidez e exuberância. Prabaker fez a tradução, assentindo e gesticulando com as mãos de forma expressiva. — Ele diz que é um policial de Bombaim e se chama Vinod.

— Ele é um tira?

— Ah, sim, Lin. Um policial-tira, é, sim.

— Os tiras mandam neste lugar?

— Ah, não. É apenas um bico. Ele diz que está muito, muito feliz em conhecer você...

“Ele diz que você é o primeiro *gora*<sup>1</sup> que conheceu que fala maratá...

“Ele diz que alguns estrangeiros falam híndi, mas nenhum consegue falar maratá.

“Ele diz que maratá é seu idioma. Ele nasceu em Pune...

“Ele diz que se fala um maratá muito correto em Pune, e que você precisa ir lá para ouvi-lo.

“Ele diz que está muito feliz! Você é como um filho para ele...

“Ele diz que você precisa ir à casa dele, comer e conhecer sua família.

“Ele diz que vai custar cem rúpias”

— Para quê?

— *Baksheesh*, Lin. Para entrar. Cem rúpias, é isso. Pague a ele agora.

— Ah, claro — desajeitado, tirei do bolso algumas notas, separei cem rúpias e ofereci a ele. Existe um movimento de mão especial que é peculiar aos policiais: com o truque, escondem notas com uma habilidade capaz de matar de

inveja qualquer trapaceiro dos jogos de baralho. O homenzarrão pegou o dinheiro com um aperto das duas mãos, passou uma das palmas no peito como se estivesse se livrando de migalhas depois de comer um sanduíche, e então coçou o nariz com uma inocência ensaiada. O dinheiro havia desaparecido. Ele indicou o corredor comprido. Tínhamos permissão para entrar.

Depois de duas viradas bruscas e de uma dúzia de passos a partir do portão e seu feixe de luz intensa, chegamos a uma espécie de pátio. Vários homens estavam sentados em bancos toscos de madeira ou em pé conversando em grupos de dois ou três. Alguns eram árabes, vestidos com túnicas largas de algodão, com *keffiyehs*.<sup>2</sup> Um menino indiano se movimentava entre eles, servindo chá preto em copos altos. Alguns homens olhavam para mim e Prabaker, franzindo a testa com curiosidade. Quando Prabaker abria o grande sorriso e os saudava com um aceno, eles se viravam, voltando a se concentrar na conversa. Às vezes, um ou outro levantava os olhos para inspecionar um grupo de crianças que estavam sentadas juntas, em um longo banco de madeira, sob um toldo de lona esfarrapado.

Ali estava mais escuro, depois da luminosidade da antessala. Uma verdadeira colcha de retalhos de pedaços de lona fornecia uma cobertura irregular que escondia a maior parte do céu. Paredes marrons e magenta se erguiam ao nosso redor. As poucas janelas que pude ver, através dos buracos na cobertura de lona, estavam fechadas com tábuas. Não se tratava de um pátio de verdade, o espaço praticamente quadrado não parecia ter sido planejado, era uma espécie de erro, um acidente arquitetônico quase esquecido, formado pela construção e reconstrução sobre as ruínas de outras estruturas naquele quarteirão congestionado. O chão era revestido por um acúmulo caótico de cerâmicas que haviam servido de piso para cozinhas e banheiros. Duas lâmpadas forneciam pouca luz pareciam estranhas frutas pendendo de trepadeiras estorricadas formadas por fios expostos.

Fomos para um canto tranquilo, aceitamos o chá quando nos foi oferecido e o tomamos em silêncio por algum tempo. Então, falando baixo e lentamente, Prabaker me contou sobre o lugar que ele chamava de mercado de gente. As crianças sentadas sob o toldo esfarrapado eram escravas. Vinham de um ciclone em Bengala Ocidental, de uma seca em Orissa, da epidemia de cólera em Haryana, das lutas de secessão no Punjab. Fornecidas pela calamidade, recrutadas e compradas por intermediários, as crianças haviam viajado de trem para Bombaim, muitas vezes sozinhas, por centenas de quilômetros.

Os homens reunidos no pátio eram compradores ou agentes. Embora não parecessem demonstrar muito interesse, conversando entre si, e ignorando as crianças na maior parte do tempo, Prabaker me garantiu que um discreto processo de barganha estava acontecendo e que grandes negócios eram fechados enquanto assistíamos à cena.

As crianças eram magras, frágeis e pequenas. Duas estavam sentadas com as quatro mãos entrelaçadas. Uma criança enlaçou outra em um abraço protetor. Todas olhavam fixamente para os compradores e agentes bem-alimentados e bem-vestidos, acompanhando todas as mudanças de expressão, os gestos

enfáticos de suas mãos cheias de anéis. E os olhos delas eram como o brilho escuro do fundo de um poço de água potável.

O que é preciso para endurecer o coração de um homem? Como pude ver aquele lugar, olhar aquelas crianças e não pôr um fim naquilo? Por que não entrei em contato com as autoridades? Por que não arranjei uma arma e acabei, eu mesmo, com aquilo? As respostas para essas perguntas, como para todas as grandes questões, tinham muitas variáveis. Eu era um homem procurado, um criminoso perseguido, vivendo na clandestinidade. Para mim, não existia a opção de entrar em contato com a polícia ou as autoridades governamentais. Eu era um estrangeiro naquela terra estranha: não era o meu país nem a minha cultura. Eu precisava saber mais. Eu precisava pelo menos conhecer a língua que estava sendo falada antes de pretender interferir. E eu havia aprendido da maneira mais difícil que algumas vezes mesmo com as intenções mais puras, nós podemos piorar as coisas quando fazemos o maior esforço possível para melhorá-las. Se eu voltasse armado e acabasse com o mercado de escravos ali, naquele labirinto de concreto, ele recomençaria em outro lugar. Mesmo sendo estrangeiro, eu sabia disso. E talvez o novo mercado de escravos, em outro lugar, fosse pior. Eu não tinha poder, e sabia disso.

O que eu não sabia na época, e que me perturbou por muito tempo depois daquele Dia dos Escravos, era como podia estar ali, e olhar as crianças, sem ficar completamente arrasado. Percebi, bem mais tarde, que parte da resposta estava na prisão australiana e nos homens que lá conheci. Alguns deles, muitos na verdade, cumpriam sua quarta ou quinta pena. Muitos haviam passado por reformatórios — Casa dos Meninos, como eram chamados, e Centros de Treinamento da Juventude — quando eram pouco mais velhos do que aquelas crianças escravas indianas. Alguns foram torturados, passaram fome, ficaram trancados na solitária. Vários tinham sofrido abuso sexual. Pergunte a qualquer homem com longa experiência em prisões e ele lhe dirá que o que endurece o coração das pessoas é o sistema de justiça.

E, por mais estranho e vergonhoso que seja admiti-lo, eu estava feliz porque alguma coisa, alguém, alguma experiência havia tocado meu coração. Aquela pedra dura dentro do meu peito era tudo que me protegia daqueles primeiros sons e imagens do sinistro passeio com Prabaker pela cidade.

Palmas soaram com ecos secos e uma garotinha se levantou do banco para cantar e dançar. Era uma canção de amor de um filme híndi muito popular. Eu a ouviria muitas vezes, centenas de vezes, nos anos seguintes, e sempre me lembraria daquela criança, com dez anos de idade, e sua voz de uma força surpreendente, alta e aguda. Ela balançou os quadris, levantando os seios inexistentes em uma imitação infantil de mulher sedutora e provocou novas demonstrações de interesse dos compradores e agentes.

Prabaker bancou o Virgílio. Sua voz baixa era incessante, explicando tudo o que víamos e tudo o que ele sabia. Contou-me que as crianças teriam morrido se não tivessem chegado ao mercado de gente. Recrutadores profissionais, conhecidos como caçadores de talentos, vagavam de uma catástrofe a outra, de secas a terremotos, passando por enchentes. Pais famintos, que já tinham visto outros filhos adoecer e morrer, abençoavam esses intermediários, ajoelhando-se

para lhes beijar os pés. Imploravam que lhes comprassem um filho ou uma filha, para que pelo menos uma criança sobrevivesse.

Os meninos ali à venda trabalhariam como jóqueis de camelo na Arábia Saudita, no Kuwait e em outros países do Golfo. Alguns ficariam aleijados nas corridas que forneciam entretenimento vespertino para xeiques ricos, disse Prabaker. Outros morreriam. Os sobreviventes costumavam ser abandonados à própria sorte quando grandes demais para as corridas. As meninas trabalhariam em casas em todo o Oriente Médio. Algumas se prostituiriam.

Mas estavam vivos, disse Prabaker, aqueles meninos e meninas. Eram os sortudos. Para cada criança que chegava ao mercado de gente, havia centenas, ou mais, que passavam pelas inomináveis agonias da fome e morriam.

Os famintos, os mortos, os escravos. E durante todo o tempo, o ronronar, o farfalhar da voz de Prabaker. Há uma verdade que é mais profunda que a experiência. Está além do que vemos, e mesmo do que sentimos. É uma categoria de verdade que separa o profundo do que é simplesmente astucioso; a realidade, da percepção. Normalmente, somos impotentes diante dela, e o preço de conhecê-la, como o preço de conhecer o amor, é às vezes mais alto do que qualquer coração estaria disposto a pagar. Nem sempre nos ajuda amar o mundo, mas nos impede de odiá-lo. E a única forma de conhecer essa verdade é revelá-la, de coração aberto, exatamente como me disse Prabaker, exatamente como estou contando a vocês agora.

---

1 Homem de pele branca, estrangeiro ou mesmo indiano. (*N. do E.*)

2 Lenço palestino usado ao pescoço. (*N. do E.*)

## CAPÍTULO QUATRO

— VOCÊ CONHECE o teste do chapéu Borsalino?

— O quê?

— O teste do chapéu Borsalino. É o teste que revela se um chapéu é um autêntico Borsalino ou uma imitação barata. Você já ouviu falar de Borsalino, *non?*

— Não, não posso dizer que tenha ouvido falar.

— Aaaaah — sorriu Didier. O sorriso era composto por uma parcela de surpresa, uma parcela de malícia e outra de desdém. De alguma forma, aqueles elementos se combinavam e produziam um efeito de um charme irresistível. Ele curvou-se ligeiramente para a frente e inclinou a cabeça para o lado, o cabelo negro cacheado balançando como para enfatizar os tópicos da explicação. — O Borsalino é uma peça de primeira, da melhor qualidade. Muitos acreditam, e eu me incluo entre eles, que se trata da mais notável proteção de cabeça masculina já produzida.

Suas mãos desenharam um chapéu imaginário sobre sua cabeça.

— Tem abas largas, em preto ou branco, feito com pelo de *lapin*.

— Então é apenas um chapéu — acrescentei, no que imaginei ser um tom de voz amigoso. — Estamos falando de um chapéu de pelo de coelho.

Didier ficou ultrajado.

— Só um chapéu? Ah, não, meu amigo! O Borsalino é mais do que um simples chapéu, é uma obra de arte. É escovado dez mil vezes à mão antes de ser vendido. Por muitas décadas, era o estilo favorito de exigentes gângsteres franceses e italianos de Milão e Marselha. O próprio nome se tornou *sinônimo* de gângster. Os violentos jovens do submundo de Milão e Marselha eram chamados de *Borsalinos*. Eram tempos em que os gângsteres tinham algum estilo. Achavam que, se era preciso viver como marginal, roubar e atirar em pessoas para ganhar a vida, tinham a responsabilidade de se vestir com alguma elegância. Não é?

— Era o mínimo que podiam fazer — concordei sorridente.

— Claro! Agora, por azar, tudo é atitude e nenhum estilo. É a marca da época em que vivemos: o estilo se transformou em atitude, em vez de a atitude se transformar em estilo.

Ele fez uma pausa para me permitir um momento para apreciar a inversão da frase.

— Então — continuou ele —, o teste do chapéu Borsalino verdadeiro é enrolá-lo como um cilindro, transformá-lo em um tubo bem fino e passá-lo por uma aliança de casamento. Se ele sair do teste sem marcas permanentes, se voltar à forma original, se a experiência não danificá-lo, então é um Borsalino autêntico.

— Se você diz...

— É isso! — gritou Didier, batendo com um punho na mesa.

Estávamos sentados no Leopold, perto do arco quadrado das portas para a

Causeway, às oito horas. Alguns estrangeiros na mesa ao lado viraram a cabeça para olhar aquela ruidosa manifestação, mas os empregados e os fregueses contumazes ignoraram o francês. Didier comia, bebia e discursava no Leopold havia nove anos. Todos sabiam até onde podiam chegar com ele, o limite da sua tolerância, e que era um homem perigoso se esse limite não fosse respeitado. Sabiam também que esse limite não era traçado na areia macia de sua própria vida, das suas crenças e sentimentos. O limite de Didier era traçado pelo coração das pessoas que ele amava. Se alguém as ferisse de qualquer forma, despertava nele uma fúria fria e mortal. Mas nada que qualquer um dissesse ou lhe fizesse, excluindo a agressão física, jamais lhe ofendia ou o deixava irritado.

— *Comme ça!* É onde quero chegar! Seu amiguinho, Prabaker, fez você passar pelo teste do chapéu. Ele transformou você em um cilindro, atravessou você pela aliança, para ver se você é ou não é um Borsalino autêntico. Era o objetivo dele ao levá-lo para visitar as piores atrações da cidade. Era o teste do Borsalino.

Dei um gole no café em silêncio, sabendo que ele tinha razão — o passeio sinistro de Prabaker tinha sido *mesmo* uma espécie de teste —, mas não estava disposto a admitir para Didier que ele tinha razão.

A multidão noturna de turistas da Alemanha, Suíça, França, Inglaterra, Noruega, Estados Unidos, Japão e de outras dezenas de países diminuiu, dando lugar à multidão de indianos e expatriados que chamava Bombaim de lar. Os residentes tomavam conta de lugares como o Leopold, o Mocambo, o Café Mondegar e o Light of Asia todas as noites, quando os turistas buscavam a segurança dos hotéis.

— Se era um teste — finalmente admiti —, devo ter passado. Ele me convidou para visitar sua família, numa aldeia no norte do estado.

Didier ergueu as sobrancelhas fazendo um ar teatral de surpresa.

— Por quanto tempo?

— Não sei. Alguns meses, eu acho. Talvez mais.

— Ah, então é assim — concluiu ele. — Seu amiguinho está começando a amar você.

— Acho que é um certo exagero — discordei, franzindo a testa.

— Não, não, você não está entendendo. A gente precisa ser cauteloso aqui com o afeto verdadeiro daqueles que encontra. Este não é um lugar como os outros. Aqui é a Índia. Todo mundo que vem para cá se apaixona — a maioria de nós se apaixona diversas vezes. E os indianos amam mais do que ninguém. Seu amiguinho pode estar começando a amar você. Não há nada de estranho nisso. Falo a partir da minha longa experiência neste país, e em especial nesta cidade. Acontece com frequência e facilidade para os indianos. É assim que conseguem viver juntos, um bilhão deles, em razoável paz. Não são perfeitos, naturalmente. Sabem brigar, mentir, passar a perna nos outros e todas as coisas que nós fazemos. Porém, mais do que qualquer outro povo no mundo, os indianos sabem amar.

Ele fez uma pausa para acender um cigarro e então o sacudiu como se fosse uma bandeirinha até que o garçom reparou e fez que sim para seu pedido de

outro copo de vodca.

— A Índia é seis vezes maior que a França — prosseguiu, enquanto o copo de bebida e uma tigela de aperitivos apimentados chegavam à nossa mesa —, mas tem uma população quase vinte vezes maior. Vinte vezes! Acredite em mim, se um bilhão de franceses vivessem em um espaço tão apertado, haveria rios de sangue. Rios de sangue! E todo mundo sabe que nós, os franceses, somos o povo mais civilizado da Europa. Para falar a verdade, do *mundo* inteiro. Não, não, sem amor, a Índia seria inviável.

Letitia se juntou a nós, sentando-se a minha esquerda.

— O que você tanto fala agora, Didier, seu filho da mãe? — perguntou ela de forma amigável, o sotaque do sul de Londres emprestando um tom explosivo à última palavra.

— Ele acabou de me dizer que os franceses são o povo mais civilizado do mundo.

— Não é segredo para ninguém — acrescentou ele.

— Quando vocês produzirem um Shakespeare nas suas *villes* e vinhedos, companheiro, talvez eu concorde com você — murmurou Lettie, com um sorriso que parecia ser metade carinho, metade condescendência.

— Minha querida, por favor, não pense que eu não respeito seu Shakespeare — contra-atacou Didier, rindo feliz. — *Adoro* a língua inglesa, porque um *tanto* dela é francês.

— *Touché* — sorri —, como dizemos em inglês.

Ulla e Modena chegaram naquele momento e se sentaram. Ulla estava vestida para trabalhar com um vestido frente única preto, curto e justo, meia-calça arrastão e sapatos com salto agulha. Usava uns deslumbrantes diamantes falsos na garganta e nas orelhas. O contraste entre suas roupas e as de Lettie era absoluto. Lettie usava uma bela jaqueta de brocado cor de marfim sobre calças de cintura alta em cetim marrom-escuro e botas. No entanto, os rostos das duas mulheres produziam o mais intenso e inesperado dos contrastes. O olhar de Lettie era sedutor, direto, seguro de si, efervescente de ironias e segredos, enquanto os grandes olhos azuis de Ulla, apesar de toda a maquiagem e do figurino típico de uma prostituta, não mostravam nada além de inocência — uma inocência honesta e vazia.

— Não me dirija a palavra, Didier — disse Ulla imediatamente, com um beicinho inconsolável. — Passei três horas muito desagradáveis com Federico, e é tudo culpa sua.

— *Bah!* — exclamou Didier. — Federico!

— Ah — foi a vez de Lettie, que fez três longos sons com apenas uma vogal. — Alguma coisa aconteceu com o jovem e belo Federico, não é? Vamos lá, Ulla querida, conte todas as fofocas.

— *Na ja*, Federico tem religião e está me deixando louca com isso, e é tudo culpa de Didier.

— Sim! — exclamou Didier, visivelmente aborrecido. — Federico descobriu a religião. É uma tragédia. Ele parou de beber, de fumar, de usar drogas. E, *é claro*, deixou de fazer sexo com qualquer pessoa, até com ele mesmo! É um

terrível desperdício de talento. O homem era um gênio da corrupção, meu melhor aluno, minha *obra-prima*. É de enlouquecer. Agora ele é um homem *bom*, no *pior* sentido da palavra.

— Bem, ganha-se dali, perde-se daqui — suspirou Lettie com uma compaixão maliciosa. — Você não deve se deixar abater, Didier. Vão aparecer outros peixes para você fritar e devorar.

— Sua compaixão deveria ser dirigida a *mim* — lamentou-se Ulla. — Depois de encontrar Didier com péssimo humor ontem, ele apareceu hoje na minha porta aos prantos. *Scheisse! Wirklich!* Durante três horas, chorou e exaltou-se ao falar sobre seu renascimento. No fim, senti muita pena dele. Foi com dor no coração que deixei que Modena o jogasse na rua, junto com seus livros bíblicos. É culpa sua, Didier, e não vou perdoá-lo tão cedo.

— Fanáticos — refletiu Didier, sem ligar para a reclamação — parecem sempre ter os mesmos olhos arregalados e desesperados. Têm o olhar de gente que não se masturba mas pensa nisso quase o tempo todo.

— Eu realmente amo você, sabe, Didier? — gaguejou Lettie em meio a borbulhar de sua gargalhada. — Mesmo sendo um sapão desprezível.

— Não, você o ama *justamente* por ser um dedão desprezível — declarou Ulla.

— É *sapão*, querida, e não *dedão* — corrigiu Lettie pacientemente, ainda às gargalhadas. — Ele é um sapão e não um dedão. Não faria sentido falar de um dedão desprezível, não é? A gente não o amaria ou odiaria por um dedão, não é querida. Mesmo se entendêssemos o que isso quer dizer.

— Não sou muito boa com piadas em inglês, você sabe disso, Lettie — insistiu Ulla. — Mas acho que ele é um dedão feio e cabeludo.

— Garanto a vocês — protestou Didier — que meus dedões e meus pés, aliás, são excepcionalmente belos.

Karla, Maurizio e um indiano com uns trinta anos chegaram da rua movimentada. Maurizio e Modena juntaram mais uma mesa à nossa, e então nós oito pedimos bebidas e comida.

— Lin, Lettie, este aqui é meu amigo Vikram Patel — anunciou Karla quando houve um momento de relativo silêncio. — Ele voltou há algumas semanas de longas férias na Dinamarca, e acho que vocês são os únicos que não o conheceram.

Lettie e eu nos apresentamos ao recém-chegado, mas minha atenção estava mesmo voltada para Maurizio e Karla. Ele se sentou ao lado dela, na minha frente, e pousou a mão nas costas de sua cadeira. Ele se inclinava bem perto dela e as cabeças quase se tocavam quando se falavam.

Existe um sentimento tenebroso — menor que ódio, porém maior que a simples aversão — que os homens feios sentem em relação aos atraentes. Não é razoável nem justificável, naturalmente, mas sempre está ali, escondido nas sombras compridas da inveja. Ele se esgueira para a luz de seus olhos quando a gente está prestes a se apaixonar por uma mulher bonita. Olhei para Maurizio e um pouco daquele sentimento tenebroso começou a ter lugar no meu coração. Seus dentes brancos e perfeitos, a pele lisa, os cabelos espessos e escuros fizeram

com que eu antipatizasse com ele mais rápida e seguramente do que as falhas de seu caráter.

E Karla *estava* linda: o cabelo, preso em um coque, brilhava como água de um rio correndo sobre pedras negras, e os olhos verdes irradiavam determinação e prazer. Usava a túnica de um *sabwar* indiano, de mangas compridas, que passava dos joelhos, onde se encontrava com calças na mesma seda verde-oliva.

— Foi bom demais, *yaar* — dizia Vikram, o recém-chegado, quando meus pensamentos voltaram ao presente. — A Dinamarca é muito legal. As pessoas são bastante sofisticadas. São tão controladas que eu não conseguia acreditar. Fui a uma sauna em Copenhague. Era um lugar enorme, *yaar*, mista, com homens e mulheres juntos, andando por ali completamente pelados. Nus em pelo. E ninguém tinha nenhuma reação. Nem piscavam os olhos, *yaar*. Os homens indianos não iam aguentar uma coisa dessas. Iam ficar *ferendo*, garanto a vocês.

— *Você* ficou *ferendo*, querido Vikram? — perguntou Lettie com doçura.

— Você está de sacanagem? Eu era o único cara naquele lugar enrolado em uma toalha. E o único de pau duro.

— Não compreendo — disse Ulla, quando paramos de rir. Era uma declaração pura e simples; não se tratava de uma queixa nem de um pedido de explicações.

— Ei, fui lá diariamente, durante três semanas, *yaar* — prosseguiu Vikram. — Achei que, se passasse tempo ali suficiente, eu ficaria acostumado como todos aqueles dinamarqueses descoladíssimos.

— Acostumado com o quê? — perguntou Ulla.

Vikram franziu a testa, confuso, então se virou para Lettie.

— Não adiantou. Foi inútil. Depois de três semanas, eu ainda tinha de usar a toalha. Por mais que eu fosse lá, quando via aquelas protuberâncias pulando para cima e para baixo, indo de um lado para o outro, eu ficava cheio de tesão. O que posso dizer? Sou indiano demais para um lugar desses.

— A mesma coisa acontece com as mulheres indianas — observou Maurizio. — Mesmo quando estão transando, é impossível ficarem nuas.

— Bem, isso nem sempre é verdade — prosseguiu Vikram. — De qualquer maneira, o problema aqui são os caras. As mulheres indianas estão prontas para mudar. As gatinhas indianas de famílias de classe média estão doidas para mudar, *yaar*. Elas são instruídas, estão prontas para cabelos e vestidos curtos, e casos de curta duração. Estão preparadas para isso, mas os caras as impedem. O indiano médio tem a maturidade sexual de um rapaz de catorze anos.

— Não me diga — resmungou Lettie.

Kavita Singh havia se aproximado da nossa mesa alguns momentos antes e estava de pé atrás de Vikram enquanto ele fazia suas observações sobre as mulheres indianas. Com cabelo curto, bem-cortado, de jeans e camiseta branca com o emblema da Universidade de Nova York, ela era a mulher em carne e osso, a personificação daquilo que Vikram estava falando. No sentido exato.

— Você é um tremendo *chudd*, Vikkie — disse ela, sentando-se à frente dele, à minha direita. — Você diz tudo isso, mas é tão ruim quanto os outros. Olhe só

como trata sua própria irmã, *yaar*, se ela ousar vestir jeans e um suéter apertado.

— Ei, eu *comprei* esse suéter apertado para ela em Londres, no ano passado — protestou Vikram.

— Mas você jogou um balde de água fria quando ela resolveu usá-lo para ir ao festival *Jazz Yatra*, *na?*

— Bem, como eu poderia imaginar que ela ia querer usar aquilo para *sair* do apartamento? — ele se defendeu, sem jeito, provocando risadas e exclamações de protesto de todo o grupo. Ninguém riu mais do que o próprio Vikram.

Vikram Patel tinha altura e constituição medianas, mas nele o mediano parava aí, nessas duas características. O cabelo negro, espesso e encaracolado emoldurava um rosto atraente e inteligente. Os olhos castanho-claros, brilhantes e vivos, reluziam confiantes sobre um nariz longo e aquilino e um bigode fino, imaculadamente aparado, ao estilo Zapata. As roupas eram negras — botas de vaqueiro, jeans, camisa e colete de couro —, e ele usava um chapéu flamenco espanhol, preto e achatado, pendurado ao pescoço por uma tira de couro. A gravata com pontas metálicas, cinto com moeda de um dólar e a faixa do chapéu eram todos em prata. Ele parecia o herói de um *western spaghetti*, o que era, aliás, a inspiração para seu estilo. Vikram era obcecado pelos filmes de Sergio Leone, *Era uma vez no Oeste* e *Três homens em conflito*. Mais tarde, quando eu o conheci melhor, quando o vi conquistar o coração da mulher que ele amava e quando enfrentamos juntos inimigos que queriam me matar, descobri que ele era um *herói*, que não ficaria atrás de nenhum daqueles pistoleiros que adorava.

Sentado diante dele naquele primeiro encontro, fiquei impressionado com a facilidade com que assumia seu sonho de ser um caubói vestido de negro e a segurança elegante com que punha aquilo em prática. *Vikram é do tipo que não faz segredo de seus sentimentos*, disse Karla uma vez. Era uma brincadeira carinhosa, que todos nós compreendíamos, mas havia um toque de escárnio naquilo também. Eu não ri junto com todo mundo quando ela falou aquilo. Gente como Vikram, gente que pode vestir uma obsessão com desenvoltura, sempre me conquista porque sua honestidade fala direto ao meu coração.

— Não, é verdade — insistiu ele. — Em Copenhague, havia um clube. Eles chamavam de clube do telefone. Tinha um monte de mesas, *yaar*, cada uma com um número iluminado por luzes vermelhas. Se você vê alguém interessante, alguém realmente atraente, sentado na mesa doze, você disca o número doze e fala com a pessoa. Sistema *matador*, cara. Metade do tempo a gente não sabe quem está ligando ou elas não sabem quem é você, porque todo mundo está falando ao mesmo tempo. E então a gente diz em que mesa está. Eu me diverti muito ali, juro. Mas se tentassem fazer uma coisa dessas aqui, não ia durar cinco minutos, porque os caras não iam aguentar. Há muitos indianos *chutias*,<sup>1</sup> *yaar*. Iam todos falar palavrões, dizendo todo tipo de merda indecente, filhos da mãe infantíloides. É o que eu digo. Em Copenhague, as pessoas eram bem mais legais, e ainda temos um longo caminho pela frente, até a Índia chegar no nível delas.

— Acho que as coisas estão melhorando — arriscou Ulla. — Tenho a sensação de que o futuro da Índia é bom. Estou certa de que as coisas vão ser

boas, melhores do que agora, e que muita gente vai viver melhor.

Todos nos voltamos para olhá-la fixamente. Fez-se silêncio na mesa. Ficamos estarelecidos de ouvir tais opiniões expressas por uma jovem que ganhava a vida como brinquedo sexual daqueles indianos ricos o bastante para explorá-la. Ela era usada e sofria abusos e eu, pessoalmente, esperaria que fosse mais descrente. O otimismo é primo-irmão do amor, e é exatamente como o amor em três aspectos: é enxerido, não tem senso de humor e aparece onde menos se espera.

— Francamente, minha querida e tola Ulla, nada muda — disse Didier, franzindo o lábio com desdém. — Se você quiser azedar o leite da sua gentileza humana, ou transformar compaixão em desprezo, arranje um emprego como garçõnete ou faxineira. As duas formas mais rápidas de se desenvolver uma saudável aversão pela raça humana e seu futuro é servir alimentos ou limpar, ganhando um salário mínimo. Já fiz as duas coisas naqueles tempos terríveis em que fui obrigado a trabalhar para sobreviver. Era horrível. Tremo só em pensar. Foi quando aprendi que nada jamais se transforma. E, para falar a verdade, fico feliz que seja assim. Em um mundo melhor ou pior, eu não ganharia dinheiro algum.

— Babaquice — declarou Lettie. — As coisas podem melhorar e podem piorar muito. Pergunte aos moradores da favela. Eles são especialistas em dizer o quanto as coisas podem piorar, não é, Karla?

Nossa atenção se voltou para Karla. Ela brincou com a xícara por um instante, girando-a lentamente sobre o prato com seu longo indicador.

— Acho que todos nós, cada um de nós, precisa *lutar* por seu futuro — disse ela, devagar. — O futuro é como qualquer outra coisa importante. Precisa ser conquistado. Se não lutamos por ele, não temos nenhum futuro. E se não *lutamos* por ele, se não o merecemos, temos que viver no presente mais ou menos para sempre. Ou, pior, temos que viver no passado. Acho que o amor talvez seja isso... Uma forma de lutar pelo futuro.

— Bem, eu concordo com Didier — declarou Maurizio, encerrando a refeição com um copo de água gelada. — Gosto das coisas do jeito que são, e fico satisfeito se não mudarem.

— E você? — perguntou Karla, virando-se para mim.

— Eu o quê? — disse com um sorriso.

— Se você pudesse ser feliz, realmente feliz, por algum tempo, mas soubesse desde o começo que tudo terminaria em tristeza e que lhe traria sofrimentos depois, você escolheria sentir essa felicidade ou evitá-la?

A atenção e a pergunta me perturbaram. Por um instante me senti constrangido no silêncio cheio de expectativa que aguardava minha resposta. Eu tinha a sensação de que ela já havia feito a pergunta antes, que era uma espécie de teste. Talvez já a tivesse feito para as outras pessoas da mesa. Talvez elas tivessem dado suas respostas e aguardassem a minha. Eu não sabia bem o que Karla queria que eu dissesse, mas o fato era que a minha vida já havia respondido à pergunta. Fiz a minha escolha ao fugir da prisão.

— Eu escolheria a felicidade — respondi e fui brindado com um meio sorriso de reconhecimento ou prazer, talvez as duas coisas ao mesmo tempo, de Karla.

— Eu não faria isso — disse Ulla, franzindo a testa. — Detesto a tristeza. Não suporto. Prefiro não ter absolutamente nada a sentir até mesmo uma pequena tristeza. Acho que é por isso que gosto tanto de dormir, *na*? É impossível ficar triste de verdade quando a gente dorme. A gente pode ficar feliz, ou com medo, ou irritada nos sonhos. Mas precisa estar bem acordada para se sentir triste, não acha?

— Estou com você, Ulla — concordou Vikram. — Já existe tristeza demais no mundo, *yaar*. É por isso que todo mundo anda tão chapado o tempo todo. Eu sei que é por isso que *eu* ando tão chapado o tempo todo.

— Hummmm... não. Concordo com *você*, Lin — interveio Kavita, embora eu não soubesse ao certo se ela concordava tanto assim comigo ou se era simplesmente o reflexo de contrariar Vikram. — Se você tem uma chance de obter a felicidade verdadeira, precisa aproveitar.

Didier ficou indócil, irritado com o rumo que a conversa tinha tomado.

— Vocês todos estão sendo sérios demais.

— *Eu não!* — contrariou Vikram, ofendido pela ideia.

Didier fixou o olhar nele, com uma sobrancelha erguida.

— O que quero dizer é que vocês estão tornando as coisas mais difíceis do que são ou do que precisam ser. Os fatos da vida são muito simples. No princípio, tínhamos medo de tudo — dos animais, do clima, das árvores, do céu noturno —, de tudo menos uns dos outros. Agora tememos uns aos outros e quase nada além disso. Ninguém sabe o que está por trás de qualquer gesto de qualquer pessoa. Ninguém está feliz. Ninguém está seguro. Diante de tudo que existe de tão errado no mundo, a pior coisa que se pode fazer é sobreviver. No entanto, é preciso sobreviver. É o dilema que nos faz acreditar e nos apegar à mentira de que temos uma alma e de que existe um Deus que se importa com seu destino. E é isso.

Ele se recostou na cadeira e revirou as pontas de seu bigode de D'Artagnan com ambas as mãos.

— Não estou muito certo sobre o que ele acabou de dizer — balbuciou Vikram, depois de uma pausa —, mas de alguma forma concordo com ele e me sinto insultado ao mesmo tempo.

Maurizio se levantou da cadeira para ir embora. Deixou a mão pousada no ombro de Karla e virou para nós com um brilhante sorriso afável e charmoso. Não tinha como deixar de admirar aquele sorriso, ao mesmo tempo que resolvia odiá-lo.

— Não fique confuso, Vikram — disse ele em um tom de voz agradável. — Didier tem um único assunto: ele mesmo.

— E o diabo — acrescentou Karla rapidamente — é que se trata de um assunto fascinante.

— *Merci*, Karla, querida — murmurou Didier, curvando-se numa saudação discreta.

— *Allora*, Modena, vamos lá. A gente talvez se veja mais tarde, no President, *sì*? *Ciao*.

Ele beijou Karla no rosto, colocou os óculos escuros Rayban e partiu para a noite movimentada, com Modena a seu lado. O espanhol não tinha aberto a boca

a noite inteira, nem mesmo para sorrir. Quando suas silhuetas se perderam no movimento incessante da rua, porém, eu vi que ele falava com Maurizio apaixonadamente, sacudindo o punho fechado. Eu os observei até desaparecerem e fiquei estarelecido ao ouvir Lettie dizer em voz alta o menor e mais perverso dos meus pensamentos.

— Ele não é tão legal quanto aparenta ser — grasnou.

— Nenhum homem é tão legal quanto aparenta — disse Karla, sorrindo, e pegando a mão de Lettie.

— Você não gosta mais de Maurizio? — perguntou Ulla.

— Eu o odeio. Não, eu não o odeio. Mas o desprezo. Fico doente só de olhá-lo.

— Minha querida Letitia... — começou Didier, mas foi interrompido por Karla.

— Agora não, Didier. Dá um tempo.

— Não sei como pude ser tão estúpida — rosnou Lettie, cerrando os dentes.

— *Na ja...* — disse Ulla, lentamente. — Não quero dizer *eu avisei*, mas...

— Ah, por que não? — perguntou Kavita. — *Adoro* dizer que eu avisei. Digo isso para Vikram pelo menos uma vez por semana. Prefiro dizer *eu avisei* a comer chocolate.

— Gosto do sujeito — interveio Vikram. — Vocês sabiam que ele é um cavaleiro incrível? Ele pode montar como Clint Eastwood, *yaar*. Eu o vi em Chowpatty na semana passada, cavalgando na praia com uma sueca loura e deslumbrante. Ele montava exatamente como Clint em *O estranho sem nome*, juro para vocês. De matar.

— Puxa, que bom, ele anda *a cavalo* — disse Lettie. — Como pude me enganar tanto com ele? Retiro tudo o que disse.

— Ele também tem um som maneiro no apartamento — acrescentou Vikram, aparentemente indiferente ao humor de Lettie. — E tem algumas maravilhosas trilhas sonoras de filmes italianos.

— É isso! Estou indo embora! — declarou Lettie, levantando-se e agarrando a bolsa e o livro que trouxera. O cabelo vermelho, caindo em cachos suaves que emolduravam seu rosto, tremulava com sua irritação. A pele pálida cobria tão impecavelmente as curvas suaves de seu rosto em forma de coração que, por um momento, na intensa luz branca, ela era uma furiosa Madona de mármore e eu me lembrei do que Karla havia dito sobre ela. *Acho que Lettie é a mais espiritualizada de nós...*

Vikram levantou-se depressa.

— Vou acompanhá-la até o hotel. Estou indo na sua direção.

— Você jura? — perguntou Lettie, voltando-se para ele tão depressa que ele vacilou. — Qual seria esse caminho, então?

— Eu... eu... eu vou meio que para qualquer lugar, *yaar*. Vou dar um passeio bem longo. Então... Então... não importa para onde você vá, passarei pelo seu caminho.

— Ah, tudo bem, se você faz questão — murmurou ela, os dentes cerrados e os olhos soltando faíscas azuis. — Karla, meu amor, vejo você amanhã no Taj, para tomarmos um café. Prometo não me atrasar dessa vez.

— Estarei lá — concordou Karla.

— Bem, adeus para todos — disse Lettie, acenando.

— Adeus também! — acrescentou Vikram, correndo atrás dela.

— Sabe, a coisa que mais gosto em Letitia — disse Didier — é que não tem nada de francês nela. Nossa cultura, a cultura francesa, é tão onipresente e influente que quase todo mundo, no mundo inteiro, tem pelo menos alguma coisa de francês. Isso é especialmente verdadeiro com as mulheres. Quase todas têm algo de francês, de alguma forma. Mas Letitia é a mulher menos francesa que já conheci.

— Você é muito metido, Didier — comentou Kavita. — E esta noite está pior do que de costume. O que houve? Você se apaixonou ou deixou de estar apaixonado?

Ele suspirou, fitou as mãos e as dobrou.

— Um pouco das duas coisas, acho. Estou me sentindo muito melancólico. Federico, você sabe quem é, descobriu a religião. É um negócio terrível e me entristeceu, confesso. Na verdade, a religiosidade dele partiu meu coração. Mas chega disso. Imtiaz Dharker está com uma nova exposição no Jehangir. A obra dela é sempre sensual e um pouquinho extravagante e me ajuda a voltar a ser quem sou. Kavita, você gostaria de ir vê-la comigo?

— Claro — sorriu Kavita. — Eu adoraria.

— Vou caminhar até Regal Junction com vocês — suspirou Ulla. — Tenho que me encontrar com Modena.

Eles se levantaram, despediram-se e saíram pelo arco da Causeway, mas depois Didier voltou e ficou do meu lado na mesa. Pousou a mão no meu ombro, como para se equilibrar, e sorriu para mim com uma expressão de surpreendente carinho.

— *Vá com ele, Lin* — disse ele. — *Vá com Prabaker para a aldeia. Toda cidade no mundo guarda uma aldeia em seu coração. Você só vai compreender a cidade depois de compreender a aldeia. Vá para lá. Quando voltar, verei o que a Índia fez com você. Bonne chance!*

Ele partiu apressado, deixando-me a sós com Karla. Quando Didier e os outros estavam à mesa, havia muito barulho no restaurante. De repente, tudo estava tranquilo, ou parecia estar, e eu tinha a impressão de que cada palavra que eu dissesse ecoaria de mesa em mesa no salão.

— Você vai nos deixar? — perguntou Karla, quebrando generosamente o silêncio.

— Bem, Prabaker me convidou para fazer uma viagem com ele até a aldeia de seus pais. Seu *lugar de nascimento*, é assim que ele chama.

— E você vai?

— Sim, sim. Acho que vou. Parece que é uma honra ser convidado, pelo que entendi. Ele me contou que volta para a aldeia, para visitar os pais, de seis em seis meses mais ou menos. Tem feito isso nos últimos nove anos, desde que começou a trabalhar com turistas em Bombaim. Mas sou o primeiro estrangeiro convidado a acompanhá-lo.

Karla piscou para mim, com o princípio de um sorriso repuxando os cantos

da boca.

— Talvez você não seja o primeiro que ele convidou. Deve ser o primeiro dos turistas que ele convidou que foi doido o bastante para aceitar, mas, no final das contas, dá no mesmo.

— Você acha que sou doido em aceitar o convite?

— De maneira nenhuma! Ou pelo menos, se está doido, está doido da forma certa, como o resto de nós. Onde é a aldeia?

— Não sei exatamente. É no norte do estado. Ele me disse que é preciso pegar o trem e dois ônibus para chegar lá.

— Didier tem razão. Você deve ir. Se quiser ficar aqui em Bombaim, como diz, então precisa passar um tempo na aldeia. A aldeia é o segredo.

Um garçom que passava por ali anotou nosso último pedido e trouxe, momentos depois, um *lassi*<sup>2</sup> de banana para Karla e um *chai* para mim.

— Quanto tempo levou para você se sentir à vontade por aqui, Karla? Quer dizer, você sempre parece estar tão à vontade, tão em casa. É como se estivesse aqui desde sempre.

— Ah, não sei. É o lugar certo para *mim*, se você me entende, e eu soube disso no primeiro dia, na primeira hora em que cheguei. De certa forma, me senti à vontade desde o princípio.

— É engraçado ouvir você dizer isso. Eu também me senti um pouco assim. Uma hora depois de aterrissar no aeroporto, eu tinha essa sensação incrivelmente forte de que este era o lugar certo para mim.

— E imagino que o verdadeiro avanço veio com o idioma. Quando comecei a sonhar em hindí, sabia que estava em casa. Tudo ficou claro desde então.

— É isso então? Você vai ficar aqui para sempre?

— “Para sempre” não existe — respondeu ela do seu jeito lento e cauteloso. — Não sei por que usamos a expressão.

— Sei o que você quer dizer.

— Sim, sim. Bem, vou ficar até conseguir o que quero. Então, talvez eu vá para outro lugar.

— O que você quer, Karla?

Ela franziu a testa enquanto se concentrava, então voltou o olhar para mim, para fitar meus olhos diretamente. Era uma expressão que vim a conhecer muito bem e que parecia dizer: *Se você precisa perguntar, não tem direito à resposta.*

— Eu quero tudo — respondeu, com um leve sorriso irônico. — Sabe, uma vez falei isso para um amigo e ele me disse que o grande truque na vida é não querer nada e ser bem-sucedido nisso.

Mais tarde, enquanto abríamos caminho pelas multidões na Causeway e Strand e caminhávamos pelas arcadas cobertas de folhas das ruas vazias atrás do agora silencioso mercado de Colaba, paramos em um banco sob um gigantesco olmo, perto de seu apartamento.

— É uma verdadeira mudança de paradigmas — disse eu, tentando explicar uma questão de que tratei enquanto caminhávamos. — Uma forma completamente diferente de olhar as coisas e pensar sobre elas.

— Você está certo. É isso mesmo.

— Prabaker me levou a uma espécie de sanatório, um antigo prédio perto do hospital St. George. Estava cheio de gente doente e moribunda que ganhou um pedaço de chão para se deitar e morrer. E o dono desse lugar, que tem reputação de ser uma espécie de santo, caminhava em volta, colocando etiquetas nas pessoas com sinais que informavam quantos órgãos úteis elas tinham. Era um imenso banco de órgãos, cheio de gente viva que paga pelo privilégio de ter um lugar tranquilo e limpo para morrer, fora das ruas, fornecendo órgãos quando esse sujeito precisa. E as pessoas eram pateticamente gratas a esse cara. Elas o reverenciavam. Olhavam para ele como se o amassem.

— Esse seu amigo, Prabaker, fez você passar poucas e boas nessas últimas duas semanas, não foi?

— Bem, houve coisa bem pior. Mas o problema de verdade é que não se pode *fazer* nada. Você vê meninos que... bem, que estão muito encrencados, e vê gente nas favelas... ele me levou à favela onde mora, e o fedor de esgoto a céu aberto, a irremediável bagunça do lugar, as pessoas que olham para a gente da porta dos barracos e... a gente não pode mudar nada. A gente não pode fazer coisa alguma. Precisa aceitar que as coisas poderiam ser piores e que nunca serão muito melhores, e está completamente impotente diante de tudo.

— É bom saber o que há de errado no mundo — disse Karla, depois de uma pausa. — Mas tão importante quanto isso é saber que, algumas vezes, apesar de estar errado, não é possível mudar nada. Muita coisa ruim no mundo não era tão ruim assim antes que alguém resolvesse tentar mudá-la.

— Não sei se concordo com isso. Sei que você está certa. Sei que às vezes pioramos as coisas quanto mais nos esforçamos para melhorá-las. Mas acho que, se agirmos certo, todas as coisas e todas as pessoas podem mudar para melhor.

— Sabe, para falar a verdade, hoje esbarrei em Prabaker. Ele me disse para lhe perguntar sobre a água, seja lá o que queira dizer isso.

— Ah, é — eu ri. — Justamente ontem, desci do hotel para me encontrar com Prabaker na rua. Mas na escadaria, havia alguns indianos, um atrás do outro, carregando grandes vasos de água na cabeça e subindo as escadas. Tive que ficar espremido contra a parede para dar passagem. Quando cheguei lá embaixo, vi um grande barril de madeira com rodinhas de ferro. Era uma espécie de carro-pipa. Outro sujeito usava um balde. Ele mergulhava no barril e enchia os grandes vasos com água.

“Observei aquilo por um tempão, e os homens faziam muitas viagens, para cima e para baixo pelas escadas. Quando Prabaker chegou, perguntei o que estavam fazendo. Ele disse que era a água para o meu chuveiro. Explicou que a água vinha de um tanque no telhado e que eles o enchiam com os vasos.”

— Claro.

— É, *você* sabe disso e eu sei *agora*, mas ontem foi a primeira vez que ouvi falar sobre isso. Nesse calor, tenho o hábito de tomar três banhos por dia. Nunca percebi que aqueles homens tinham que subir seis lances de escada, encher o maldito tanque, para que eu pudesse tomar chuveiradas. Eu me senti horrível, sabia? Disse para Prabaker que nunca mais tomaria banho naquele hotel. Nunca.

— O que ele falou?

— Ele disse: *Não, não, você não entende*. Chamou aquilo de *trabalho de gente*. É só por causa de turistas como eu, explicou, que muitos indianos têm um emprego. E me contou que cada um sustenta sua família com o salário. *Você deve tomar três, quatro, até cinco chuvaradas todos os dias*, ele me disse.

Ela concordou com a cabeça.

— Então ele me falou para observar esses homens quando se aprontavam para atravessar mais uma vez a cidade, empurrando o carro-pipa. Acho que sei o que ele quis dizer, o que queria que eu visse. Aqueles caras eram fortes. Fortes, orgulhosos, saudáveis. Não estavam pedindo esmola nem roubando. Davam duro para ganhar a vida, e se orgulhavam disso. Quando desapareceram no trânsito, com os músculos fortes, ganhando olhares de cobiça de algumas indianas, percebi que tinham as cabeças erguidas e olhavam para a frente.

— E você ainda toma chuvaradas no hotel?

— Três vezes por dia — gargalhei. — Conte-me, por que Lettie estava tão perturbada com Maurizio?

Ela olhou para mim, fitando-me dentro dos olhos com dureza pela segunda vez na noite.

— Lettie tem um ótimo contato no Setor de Registros de Estrangeiros. É um velho policial obcecado por safiras e ela lhe fornece pelo preço de atacado, ou mesmo um pouquinho mais barato. Às vezes, em troca desse... favor... ela pode providenciar a renovação de um visto quase indefinidamente. Maurizio queria estender seu visto por mais um ano. Ele deixou Lettie pensar que estava apaixonado por ela... Bem, pode-se dizer que ele a seduziu... e depois que conseguiu o que queria, deu um fora nela.

— Lettie é sua amiga...

— Eu avisei. Maurizio não é um homem para se amar. A gente pode fazer tudo com ele, menos amá-lo. Ela não me deu ouvidos.

— Você ainda gosta do Maurizio? Mesmo depois do que ele fez com sua amiga?

— Maurizio fez exatamente o que eu sabia que ele faria. Na cabeça dele, trocou sua afeição pelo visto, e era uma troca justa. Ele nunca tentaria uma coisa dessas comigo.

— Ele tem medo de você? — perguntei sorridente.

— Sim, acho que tem, um pouco. É uma das razões por que gosto dele. Nunca poderia respeitar um homem que não tivesse o bom senso de pelo menos ter um pouquinho de medo de mim.

Ela se levantou e eu a acompanhei. Sob a luz dos postes, seus olhos verdes eram joias do desejo, com um brilho úmido. Os lábios se abriram para um meio sorriso que era meu — um momento só meu —, e o mendigo, meu coração, começou a nutrir esperanças e a implorar.

— Amanhã — disse ela —, quando você for para a aldeia de Prabaker, tente ficar completamente descontraído e se deixar levar pela experiência. Apenas... se deixe levar. Na Índia, às vezes é preciso se render antes de ganhar.

— Você tem sempre algum conselho sábio, não é? — disse eu, rindo com delicadeza.

— Isso não é sábio, Lin. Acho que a sabedoria é muito superestimada. A sabedoria é apenas astúcia despida de qualquer coragem. Prefiro sempre ser astuciosa a ser sábia. A maior parte das pessoas sábias que conheço me dão dor de cabeça, mas nunca conheci um homem ou uma mulher astuciosa de quem não gostasse. Se eu *estivesse* lhe dando conselhos sábios — coisa que não estou fazendo —, eu diria para você não ficar bêbado, não gastar todo o seu dinheiro e não se apaixonar por uma bela garota da aldeia. *Isso* seria sábio. Essa é a diferença entre sabedoria e astúcia. Prefiro ser astuta, e é por isso que lhe disse para se render, ao chegar na aldeia, não importa o que encontre lá. Tudo bem. Já vou. Venha me ver quando voltar. Vou estar esperando ansiosamente. De verdade.

Ela beijou meu rosto e se afastou. Não consegui obedecer ao impulso de prendê-la em meus braços e beijar seus lábios. Observei-a caminhar, a silhueta negra como parte da própria noite. Então ela adentrou a luz morna e amarela da porta de seu apartamento e era como se meus olhos tivessem dado vida à própria sombra, como se meu coração sozinho a tivesse pintado na escuridão com as cores e a luz do amor. Ela se virou uma vez para ver se eu a observava, antes de fechar a porta suavemente e trancá-la. Aquela última hora com ela tinha sido um teste do Borsalino. Eu estava certo disso. E, enquanto caminhava de volta para o hotel, me perguntei se conseguira passar na prova ou se havia fracassado. Ainda penso nisso, depois de todos esses anos. E ainda não sei.

---

1 Idiotas, tolos. (*N. do E.*)

2 Bebida à base de iogurte gelado. (*N. do E.*)

## CAPÍTULO CINCO

AS PLATAFORMAS LONGAS E PLANAS das linhas de trem interestaduais da estação Victoria Terminus se estendiam sob a cobertura de abóbadas metálicas, até desaparecerem na distância. Os querubins daquele céu arquitetônico eram os pombos, que batiam as asas tão acima, indo de poleiro em poleiro, que mal podiam ser distinguidos, criaturas distantes, celestiais e aladas, de luz branca. A grande estação — quem a usava diariamente a chamava de VT — era merecidamente famosa pelo esplendor de sua fachada de detalhes rebuscados, pelas torres e pelos ornamentos externos. Mas sua beleza mais sublime, ao que me parecia, estava em seu interior, semelhante ao de uma catedral. Ali, os limites da funcionalidade se encontravam com as ambições da arte, pois a temporalidade das tabelas de horário e a atemporalidade mereciam o mesmo respeito.

Durante uma hora que me pareceu excessivamente longa, fiquei sentado sobre nossa bagagem, e cercado por esta, no final da plataforma interestadual que se dirigia para o norte. Eram seis horas da tarde e a estação estava cheia de gente, bagagens, embrulhos de mercadorias e uma variedade de animais vivos e recentemente abatidos.

Prabaker correu pelo meio da multidão que se acumulava entre dois trens parados. Era a quinta vez que eu o via partir. E então, minutos depois, pela quinta vez, eu o vi correr de volta.

— Pelo amor de Deus, sente-se, Prabu.

— Não posso sentar, Lin.

— Então vamos entrar no trem.

— Também não posso entrar no trem, Lin. Agora não é a hora de entrar no trem.

— E aí... quando *vai ser* a hora de entrar no trem?

— Acho... que daqui a pouquinho, logo, logo, não vai demorar. Escute! Escute!

Houve um anúncio. Talvez tivesse sido feito em inglês, mas era o tipo de som que seria produzido por um bêbado rabugento, amplificado com as distorções singulares de diversos alto-falantes arcaicos no formato de cones. Enquanto ouvia, o rosto de Prabaker passou da apreensão à angústia.

— Agora! Agora, Lin! Depressa! Temos que correr! Você tem que correr!

— Espere aí, espere aí. Você me fez sentar aqui como um Buda de metal por uma hora. Agora, de repente, está com toda a pressa do mundo e eu tenho que correr?

— Sim, *baba*. Não há tempo para bancar o Buda; o Sagrado Buda que me desculpe. Precisa correr muito. Ele está chegando! Você tem de estar pronto. Ele está chegando.

— Quem está chegando?

Prabaker se virou para olhar a plataforma. O anúncio, fosse lá qual fosse,

havia incitado as multidões, que corriam para os trens parados, lançando-se com as trouxas pelas portas e janelas. Do meio daquele emaranhado fervilhante de corpos, surgiu um homem que caminhou na nossa direção. Era enorme, um dos maiores que já havia visto. Tinha dois metros, era musculoso, com uma barba longa e espessa que chegava a seu peito amplo. Usava o uniforme dos carregadores de bagagem dos trens de Bombaim: boné, camisa e bermuda de linho grosseiro vermelho e cáqui.

— Ele! — disse Prabaker, encarando o gigante com admiração e horror. — *Vá agora com este homem, Lin.*

Com longa experiência com estrangeiros, o carregador assumiu o controle da situação. Estendeu os dois braços. Achei que ele queria apertar as mãos e por isso ofereci as minhas, como se fosse cumprimentá-lo. Ele ignorou aquilo com um olhar que deixou claro como considerava aquele gesto repugnante. Então, pôs as mãos sob meus sovacos e me levantou e me tirou do caminho, colocando-me do outro lado da bagagem.

Quando se pesa noventa quilos, ser levantado assim por outro homem, com tamanha facilidade, é uma experiência desconcertante e ao mesmo tempo arrebatadora. Decidi naquele momento cooperar com o carregador dentro dos limites da decência.

Quando o homenzarrão pôs minha mochila pesada na cabeça e juntou o resto das malas, Prabaker me pôs nas costas dele e pegou um pedaço da camisa de linho vermelho do homem.

— Aqui, Lin, segure esta camisa — instruiu-me. — Segure e não solte nunca. Por favor, me faça essa promessa sincera e especial. Você nunca vai soltar esta camisa.

A expressão dele era tão séria e intensa que concordei com um sinal de cabeça e segurei na camisa do carregador.

— Não, Lin, você diz também! Repita estas palavras: nunca vou soltar esta camisa. Depressa!

— Tá bom, pelo amor de Deus. *Eu nunca vou soltar esta camisa.* Está satisfeito?

— Adeus, Lin — berrou Prabaker, disparando para o meio do burburinho da multidão.

— O quê? *O quê?* Aonde você vai? Prabu! *Prabu!*

— Muito bem! Agora vamos — rugiu o carregador com uma voz trovejante que ele provavelmente encontrou na caverna de um urso e deixou curando no tambor de um canhão enferrujado. Mergulhou na multidão, arrastando-me atrás dele e abrindo caminho ao erguer seus poderosos joelhos bem alto a cada passo. Os homens davam passagem para ele. Quando não o faziam, eram derrubados.

Enquanto urrava ameaças, insultos e maldições, ele avançava pela aglomeração asfixiante. Homens caíam e eram empurrados cada vez que ele levantava e jogava as pernas poderosas. No centro da multidão, o rumor era tão intenso que eu podia senti-lo vibrar na minha pele. As pessoas gritavam e berravam como se fossem vítimas de uma catástrofe terrível. Anúncios distorcidos e indecifráveis retumbavam pelos alto-falantes sobre nossas cabeças.

Sirenes, sinos e apitos não paravam de ecoar.

Chegamos a um vagão que estava, como todos os outros, completamente lotado, com uma barreira sólida de corpos na entrada. Era uma barreira humana aparentemente impenetrável composta de pernas, costas e cabeças. Atônito e sem vergonha nenhuma, agarrei-me ao carregador enquanto ele abria caminho pelo vagão com as marteladas de seus joelhos irrefreáveis e incansáveis.

Seu avanço implacável cessou em certo ponto, no meio do vagão. Presumi que a densidade da multidão havia detido até aquele rolo compressor. Agarrei-me à camisa, determinado a não perder o contato com ele, quando começou a se movimentar de novo. Em meio ao barulho enfurecido da nauseante prensa de corpos, percebi que uma palavra era repetida insistentemente, como um mantra atormentado: *Sarr... Sarr... Sarr... Sarr... Sarr...!*

Percebi, afinal, que a voz era do meu próprio carregador. A palavra que ele repetia com tanta agonia era irreconhecível para mim, pois eu não estava acostumado a tal tratamento: *Senhor*.

— Senhor! Senhor! Senhor! Senhor! — gritava.

Soltei a camisa e olhei em volta. Encontrei Prabaker esticado em um banco inteiro do trem. Ele havia brigado para entrar na nossa frente e reservar um assento no vagão e agora o guardava com o corpo. Os pés estavam enrolados no braço da cadeira do corredor. As mãos, presas no braço próximo à janela. Meia dúzia de homens haviam se amontoado naquela parte do carro e cada um tentava tirá-lo dos assentos com vigor e violência sem limites. Puxavam seu cabelo, socavam-no, chutavam-no e esbofeteavam seu rosto. Ele não tinha como reagir àquele massacre, mas quando seus olhos encontraram os meus, um sorriso triunfante reluziu por trás das caretas de dor.

Irritado, empurrei os homens para longe, agarrando-os pelos colarinhos e lançando-os com a força da ira justiceira que formigava nos braços. Prabaker pôs os pés no chão e me sentei ao lado dele. Logo teve início uma briga pelo terceiro assento. O carregador despejou a bagagem a nossos pés. O rosto, o cabelo e a camisa estavam úmidos de suor. Ele fez um sinal com a cabeça para Prabaker, transmitindo seu respeito. Que era absolutamente equivalente ao desprezo que sentia por mim — seus olhos furiosos não davam margem a dúvidas. Em seguida saiu empurrando a multidão, rosnando insultos até sair pela porta.

— Quanto você pagou para aquele cara?

— Quarenta rúpias, Lin.

*Quarenta rúpias*. O sujeito tinha atravessado aquele campo de batalha até o vagão, com toda a nossa bagagem, por dois dólares americanos.

— Quarenta rúpias!

— Sim, Lin — suspirou Prabaker. — É muito caro. Mas joelhos tão bons são muito caros. Aquele cara tem joelhos famosos. Muitos guias estavam competindo por seus dois joelhos. Mas eu o convenci a nos ajudar, porque expliquei que você era, não sei bem como dizer isso em inglês, eu falei que você não era muito bom da cabeça.

— Retardado. Você disse a ele que eu era retardado?

— Não, não — ele franziu a testa, em busca de opções. — Acho que *bobão* é a palavra mais correta.

— Vamos deixar isso claro: você disse a ele que eu era bobão e por isso ele concordou em nos ajudar.

— Sim — disse ele, abrindo o sorriso. — Mas que não era só um pouquinho bobo. Eu lhe disse que você era muito, muito, muito, muito, muito...

— Tudo bem. Já entendi.

— Então o preço foi vinte rúpias por joelho. E agora nós temos este bom lugar.

— Você está bem? — perguntei, irritado por ele ter permitido que o machucassem por minha causa.

— Sim, *baba*. Tenho escoriações por todo o corpo, mas nada está quebrado.

— Bem, que diabos você pensou que estava fazendo? Eu lhe dei dinheiro para comprar as passagens. A gente podia ficar sentado na primeira ou na segunda classe, como gente civilizada. O que estamos fazendo aqui?

Ele me fitou com reprovação e desapontamento que pareciam transbordar dos grandes olhos castanho-escuros. Tirou um pequeno maço de notas do bolso e entregou para mim.

— Este é o troco do dinheiro dos bilhetes. Qualquer um pode comprar passagens de primeira classe, Lin. Se você quiser comprar passagens na primeira classe, pode fazer isso sozinho. Não precisa de um guia de Bombaim para comprar passagens para vagões confortáveis e vazios. Mas você precisa de um guia de Bombaim tão bom quanto eu para pegar este vagão na estação VT e conseguir bons assentos, não é? Este é o meu trabalho.

— Claro que é — amoleci, ainda irritado com ele, pois continuava me sentindo culpado. — Mas por favor, no resto da viagem, não leve nenhuma surra só para conseguir um maldito assento, está bem?

Ele refletiu por um momento, franzindo a testa em sinal de concentração, e então seu rosto iluminou-se novamente, o sorriso familiar fulgurante no vagão mal-iluminado.

— Se uma surra for absolutamente *necessária* — disse ele, negociando com firmeza e simpatia as condições de seu trabalho —, vou gritar ainda mais alto e você pode impedir minhas escoriações no último minuto. Estamos de acordo?

— Estamos — suspirei e o trem se jogou subitamente para a frente, começando a ranger para deixar a estação.

No instante em que a viagem começou, os arranca-rabos, as mordidas e as brigas cessaram por completo e foram substituídos por uma cortesia estudada e refinada que persistiu pelo resto do caminho.

Um homem na minha frente mudou a posição dos pés, esbarrando acidentalmente contra os meus. Foi um toque suave, quase imperceptível, mas o homem logo estendeu o braço para tocar no meu joelho e depois em seu próprio peito com a ponta dos dedos da mão direita, no gesto indiano de pedido de desculpas por ofensa não intencional. No vagão e no corredor, os outros passageiros eram igualmente respeitosos, generosos e solícitos uns com os outros.

No começo, naquela primeira viagem para fora da cidade, achei irritante

aquela súbita cortesia, depois da luta violenta para embarcar no trem. Pareciam hipocrisia que demonstrassem tanta preocupação com um esbarrão de um pé quando, minutos antes, estavam se atirando pelas janelas.

Agora, muitos anos depois, e muitas viagens depois daquela no trem rural lotado, sei que as brigas furiosas e a deferência cortês são expressões da mesma filosofia: a doutrina da necessidade. A quantidade de força e violência necessárias para embarcar no trem, por exemplo, não era maior nem menor que a quantidade de cortesia e consideração necessárias para depois garantir que a viagem em ambiente tão apertado fosse a mais agradável possível. *O que é necessário?* Essa era a pergunta silenciosa, implícita, mas inevitável em todos os lugares da Índia. Quando compreendi aquilo, muitos aspectos da vida pública que costumavam me deixar atônito se tornaram compreensíveis: da aceitação da expansão das favelas pelas autoridades municipais à liberdade que as vacas dispunham de vagar aleatoriamente no meio do trânsito; da tolerância com os mendigos nas ruas à complexidade intrincada das burocracias; e do deslumbrante e assumido escapismo dos filmes de Bollywood à acomodação de centenas de milhares de refugiados do Tibete, do Irã, do Afeganistão, da África e de Bangladesh em um país já excessivamente povoado com dramas e carências próprios.

A verdadeira hipocrisia, como vim a perceber, estava nos olhos, nas mentes e nas críticas dos oriundos de terras de fartura, onde ninguém precisava brigar por um assento no trem. Mesmo durante aquela primeira viagem de trem, eu sabia, no fundo do coração, que Didier estava certo ao comparar a Índia e seus bilhões de almas com a França. Eu tinha uma intuição, influenciada por seu pensamento, de que, se um bilhão de franceses, australianos ou americanos vivessem em espaço tão limitado, a briga para embarcar no trem teria sido maior, e a cortesia posterior, menor.

E, para falar a verdade, a cortesia e a consideração demonstradas pelos camponeses, caixeiros-viajantes, trabalhadores itinerantes, filhos, pais e maridos que voltavam ao lar, tornaram a viagem agradável, apesar do aperto e do calor cada vez maior. Todos os centímetros de espaço disponíveis para sentar estavam ocupados, até mesmo a sólida prateleira de metal para as malas sobre as nossas cabeças. Os homens no corredor se revezavam, se sentando ou se agachando em uma área do chão que fora separada e limpa com esse objetivo. Cada homem sentia a pressão de pelo menos dois outros corpos contra o seu. Não houve uma única demonstração de rabugice ou mau humor.

Porém, quando deixei meu assento por quatro horas de viagem para dar lugar a um senhor idoso com um punhado de cabelos brancos e óculos tão grossos quanto as lentes dos binóculos de um batedor do Exército, Prabaker não conteve sua exasperação indignada.

— Batalhei tanto com gente boa por seu lugar, Lin. Agora você desiste, como se cuspsse os sucos de *paan*, e fica aí no corredor e sobre suas próprias pernas também.

— Deixa disso, Prabu. É um senhor de idade. Não posso deixar que fique de pé enquanto eu estou sentado.

— É fácil... Basta não *olhar* para o velho, Lin. Se ele está de pé, não *olhe* para ele. Ficar de pé é um problema dele apenas, não tem nada a ver com seu lugar.

— É meu jeito de ser — insisti, rindo meio sem graça da conversa que ele dirigia em meio a um vagão inteiro de passageiros interessados.

— Tenho tantos arranhões e hematomas em meu corpo, Lin — choramingou ele, falando comigo mas apelando para toda a galeria de curiosos. Ele levantou a camisa e a camiseta para exibir o que, de fato, era um arranhão assustador e um hematoma em formação. — Para que esse velho coloque o lado esquerdo da bunda no assento, tenho muitos desses arranhões e hematomas. Para o lado direito, tenho mais hematomas do outro lado também. Para ele botar o traseiro inteiro no assento, estou com o corpo coberto de arranhões e hematomas. É uma grande vergonha, Lin. É o que digo. É uma grande vergonha.

Ele passou do inglês para o híndi até que todos tomassem conhecimento do teor de sua queixa. Todos os meus companheiros do trem me olharam com rugas na testa ou balançando a cabeça, censurando-me. O olhar mais implacável, naturalmente, veio do idoso para quem eu cedera o lugar. Ele me olhou de forma cruel durante quatro horas inteiras. Quando finalmente se ergueu e retomei meu lugar, ele resmungou um xingamento tão grosseiro que os outros passageiros quase engasgaram de tanto gargalhar, e alguns se condoeram de mim, me dando tapinhas no ombro e nas costas.

Durante a noite sonolenta e o amanhecer róseo, o trem sacudiu, seguindo seu caminho. Observei e ouvi, enquanto esbarrava em pessoas de cidadezinhas de interior e aldeias. E, durante aquelas catorze horas apertadas, e praticamente silenciosas, na lotada classe econômica, aprendi mais do que teria aprendido em um mês de viagens na primeira classe.

Nenhuma descoberta me agradou mais, naquela primeira excursão para fora da cidade, do que a tradução completa do famoso meneio de cabeça ao estilo indiano. Nas semanas que havia passado em Bombaim com Prabaker, eu aprendera que balançar ou menear a cabeça de um lado para o outro — um dos gestos expressivos mais característicos dos indianos — era o equivalente ao aceno para a frente com a cabeça e queria dizer *Sim*. Também havia percebido sentidos mais sutis, como *Concordo com você* e *Sim, gostaria disso*. O que aprendi no trem era que havia uma mensagem universal agregada ao gesto, quando usado como cumprimento, o que o tornava singularmente útil.

A maior parte dos que entravam no vagão aberto cumprimentava os outros homens sentados ou de pé com um pequeno meneio de cabeça. O gesto sempre provocava um movimento recíproco de pelo menos um, às vezes de diversos passageiros. Vi-o se repetir de estação em estação, sabendo que os recém-chegados não poderiam estar indicando *Sim* nem *Concordo com você*, pois nada havia sido dito e não houvera nenhum outro contato além do próprio gesto. Aos poucos percebi que aquele sinal indicava para os outros uma mensagem amistosa e tranquilizadora: *Sou um homem de paz. Não quero causar mal a ninguém*.

Resolvi experimentar o maravilhoso gesto, movido pela admiração e por uma inveja nada pequena. O trem parou em uma minúscula estação rural. Um

desconhecido se juntou a nosso grupo no vagão. Quando nossos olhares se encontraram pela primeira vez, fiz um pequeno meneio de cabeça e um sorriso. O resultado foi surpreendente. O homem abriu um sorriso tão grande que chegava a ter metade da intensidade daquele de Prabaker, e começou a menear a cabeça com tanta efusão, em retribuição, que a princípio fiquei um pouco alarmado. No final da jornada, porém, eu já havia praticado o suficiente para executar o movimento de modo tão espontâneo quanto os outros no vagão e transmitir a mensagem de delicadeza do gesto. Foi a primeira forma de expressão verdadeiramente indiana que meu corpo aprendeu e foi o princípio de uma transformação que guiou minha vida nos longos anos que se seguiram àquela viagem de corações amontoados.

Deixamos o trem em Jalgaon, um centro regional que exibia ruas comerciais largas e movimentadas. Eram nove horas e a manhã se agitava em roncões, rolagens, estrondos e balanços. Matérias-primas como ferro, vidro, madeira, produtos têxteis e plástico eram descarregadas do trem quando deixamos a estação. Uma série de produtos, como cerâmicas, roupas e esteiras artesanais, chegava à estação para ser enviada às cidades.

O aroma de comida feita na hora, muito temperada, abriu meu apetite, mas Prabaker insistiu que seguíssemos até a rodoviária. Para falar a verdade, a rodoviária era apenas um terreno amplo com piso irregular que servia de área de embarque para dúzias de ônibus que faziam longas jornadas. Passamos de um ônibus para outro depois de meia hora, carregando nossa bagagem volumosa. Eu não conseguia ler os textos em hindí e marata na frente e nas laterais de cada ônibus. Prabaker podia ler os letreiros, mas ainda assim sentia necessidade de perguntar o destino a cada motorista.

— Mas não está escrito na frente dos ônibus para onde eles vão? — exigiu saber, irritado pela demora.

— Diz, sim, Lin. Veja, este aqui diz Aurangabad e aquele ali, Ajanta, e o outro diz Chalisgao e aquele outro diz...

— Tá bom, tá bom. Então... Por que temos que perguntar para todos os motoristas para onde eles vão?

— Ah! — exclamou ele sinceramente surpreso pela pergunta. — Porque nem tudo que está escrito é mesmo verdade.

— O que você quer dizer com *nem tudo é mesmo verdade*?

Ele parou, pousando sua parte da bagagem, e me ofereceu um sorriso de paciência indulgente.

— Bem, Lin, veja só, alguns desses motoristas vão para lugares que *ninguém* quer ir. São lugarezinhos com pouca gente. Então, eles põem um letreiro para lugares mais populares.

— Você está me dizendo que eles põem um letreiro dizendo que vão para uma cidade grande, aonde muita gente quer ir, mas na verdade vão para algum outro lugar aonde ninguém quer ir?

— É isso mesmo, Lin — disse com um sorriso.

— Por quê?

— Veja bem, porque talvez o motorista consiga convencer os que embarcam

no ônibus querendo ir para o lugar popular a ir para o lugar que não é popular. É o negócio, Lin. É uma questão comercial.

— Isso é uma maluquice — exclamei, exasperado.

— Você precisa compreender um pouco esses sujeitos, Lin. Se pusessem o letreiro verdadeiro no ônibus, ninguém ia falar com eles o dia inteiro e eles se sentiriam muito solitários.

— Ah, bom. *Agora* está tudo explicado — resmunguei com sarcasmo. — A gente não ia querer que eles se sentissem solitários.

— Eu sei, Lin — sorriu Prabaker. — Você tem um coração bom em seu corpo.

Quando finalmente embarcamos em um ônibus, parecia que tínhamos escolhido um dos destinos populares. O motorista e seu ajudante interrogavam os passageiros para determinar exatamente onde cada homem ou mulher pretendia saltar, antes de permitir que entrassem no veículo. Aqueles que viajavam para mais longe eram encaminhados para os últimos assentos. Pilhas crescentes de bagagens, crianças e animais enchiam o corredor até a altura dos ombros e, no final das contas, três passageiros ocupavam bancos projetados para dois.

Como eu tinha um assento no corredor, me pediam para passar variados itens, de trouxas a bebês, para os fundos do carro, sobre o corredor lotado. O jovem fazendeiro que me passou o primeiro item hesitou por um momento, fitando meus olhos cinzentos. Quando meneei a cabeça de um lado para o outro e sorri, ele me retribuiu com outro sorriso e me entregou a trouxa. Assim que o ônibus deixou o movimentado terminal, eu aceitava sorrisos e meneios de cabeça de todos os homens a minha volta, sacudindo e meneando para eles, em retribuição.

O letreiro atrás da cabeça do motorista, com grandes letras vermelhas em marata e inglês, dizia que o ônibus tinha capacidade máxima para quarenta e oito passageiros sentados. Ninguém parecia preocupado com o fato de haver setenta, além de duas ou três toneladas de carga. O velho ônibus Bedford sacudia sobre suas molas exauridas como um rebocador no meio da tempestade. Rangidos, gemidos, guinchos saíam de todos os lados, de cima e de baixo, e os freios faziam ruídos alarmantes cada vez que eram usados. Apesar de tudo, quando o ônibus saiu do perímetro urbano, o motorista conseguiu imprimir uma velocidade de oitenta ou noventa quilômetros por hora. Considerando-se a estrada estreita, a tendência do ônibus de pender para um lado, as frequentes colunas de pessoas e animais amontoadas no outro lado, a densidade espantosa de nossa arquejante arca de Noé sobre quatro rodas e a vertiginosa hostilidade com que o motorista enfrentava cada curva, a velocidade era suficiente para me dispensar da necessidade de dormir ou de relaxar na viagem.

Nas três horas decorridas naquela perigosa aceleração, subimos até o alto de uma cadeia de montanhas na extremidade de um vasto planalto conhecido como Deccan e voltamos a descer em planícies férteis às margens do planalto. Com orações de gratidão e um renovado reconhecimento da fragilidade do dom da vida, deixamos aquele primeiro ônibus em um ponto empoeirado e deserto, marcado apenas por uma bandeirola remendada presa ao galho de uma árvore esguia. Depois de uma hora, outro ônibus parou.

— *Gora kaun hain?* — perguntou o motorista quando subimos os degraus.  
*Quem é o sujeito branco?*

— *Maza mitra ahey* — Prabaker respondeu com uma indiferença forçada, tentando em vão disfarçar o orgulho. *Ele é meu amigo.*

O diálogo foi em marata, a língua do estado de Maharashtra, que tem Bombaim como capital. Eu não compreendia muito naquela época, mas as mesmas perguntas e respostas foram repetidas com tanta frequência naqueles meses na aldeia que aprendi a maior parte das frases de cor, com algumas variações.

— O que ele está fazendo aqui?

— Veio visitar minha família.

— De onde ele é?

— Da Nova Zelândia — respondia Prabaker.

— Nova Zelândia?

— Sim, Nova Zelândia. Na Europa.

— Muito dinheiro na Nova Zelândia?

— Sim, sim. Muito. Todos são ricos, os brancos de lá.

— Ele fala marata?

— Não.

— Híndi?

— Não. Só inglês.

— Só inglês?

— Sim.

— Por quê?

— Eles não falam híndi no país dele.

— Não falam híndi lá?

— Não.

— Nem marata? Nem híndi?

— Não. Só inglês.

— Pai do Céu! Pobre tolo.

— Sim.

— Quantos anos ele tem?

— Trinta.

— Parece mais velho.

— E todos eles parecem. Todos os europeus parecem mais velhos e mais nervosos do que são na verdade. É coisa de branco.

— Ele é casado?

— Não.

— Não é casado? Trinta anos e ainda não casou? O que há de errado com ele?

— Ele é europeu. Muitos deles só casam quando ficam velhos.

— Que maluquice.

— É.

— O que ele faz?

— Ele é professor.

— Professor é bom.

— Sim.

— Ele tem mãe e pai?

— Sim.

— Onde eles estão?

— No lugar onde ele nasceu. A Nova Zelândia.

— Por que ele não está com os pais?

— Ele está viajando. Está conhecendo o mundo inteiro.

— Por quê?

— Os europeus fazem isso. Trabalham um pouco, então saem viajando, sozinhos, por um tempo, sem família, até ficarem velhos. Então se casam e ficam sérios.

— Que maluquice.

— É.

— Ele deve se sentir sozinho, sem a mãe e o pai, sem esposa e filhos.

— É, mas os europeus não se importam com isso. Estão muito acostumados com a solidão.

— Ele tem um corpo grande e forte.

— Sim.

— Um corpo muito forte.

— Sim.

— Não deixe de alimentá-lo devidamente e de lhe dar muito leite.

— Sim.

— Leite de búfala.

— Sim, sim.

— E não deixe que aprenda palavrões. Não lhe ensine xingamentos. Já existem muitos idiotas e canalhas que vão ensinar palavras chulas a ele. Mantenha-o afastado de filhos da mãe desse tipo.

— Pode deixar.

— E não permita que ninguém se aproveite dele. Ele não parece muito esperto. Fique de olho nele.

— Ele é mais esperto do que parece, mas pode deixar, vou cuidar dele.

O fato de essa conversa, que durou vários minutos, ter acontecido antes de embarcarmos no ônibus e seguirmos viagem não incomodou nenhum dos passageiros. O motorista e Prabaker fizeram questão de falar em um volume adequado à tarefa de incluir todos na conversa. Aliás, assim que saímos, o motorista procurou incluir mesmo os que estavam *fora* do ônibus naquela nova experiência. Quando via homens e mulheres caminhando pela estrada, ele apertava a buzina para chamar a atenção, gesticulava com o polegar para indicar o estrangeiro na traseira do ônibus e diminuía a velocidade até praticamente não sair mais do lugar para que todos os pedestres pudessem me examinar de forma bem detalhada.

Com tal acesso democrático à surpreendente nova atração, a viagem de uma hora acabou demorando quase duas. Chegamos à estrada empoeirada que dava acesso à aldeia de Sunder no final da tarde. O ônibus gemia e sacudia, deixando-nos em um silêncio tão profundo que a brisa que passava pelas minhas orelhas

não era mais do que o sussurro sonolento de uma criança. Havíamos passado por incontáveis plantações de milho e alamedas de bananeiras na última hora da viagem, e então, a pé, avançamos com dificuldade pela estrada de terra que seguia por incontáveis fileiras de painço. Já chegando a sua altura máxima, as árvores eram um pouco mais altas do que nós, e depois de alguns minutos de caminhada estávamos em meio a um labirinto de paredes espessas. A amplitude do céu se reduziu a um pequeno arco azul, e o caminho a nossa frente ou atrás de nós se dissolvia em curvas verdes e douradas, como cortinas que se fechavam no palco vivo do mundo.

Eu estava preocupado fazia algum tempo, incomodado por alguma coisa que eu deveria ter previsto ou percebido. O pensamento, meio submerso, me incomodou por quase uma hora antes de se materializar dentro da minha cabeça. Não havia postes telegráficos. Não havia postes de energia. Não vira sinal de energia elétrica durante a maior parte daquela última hora — nem mesmo cabos distantes.

— Há energia elétrica em sua aldeia?

— Ah, não — sorriu Prabaker.

— Não tem energia elétrica?

— Não. Nada.

Houve silêncio por algum tempo, enquanto eu lentamente desligava todos os aparelhos que até então considerava essenciais. Sem luz elétrica. Sem chaleira elétrica. Sem televisão. Sem aparelho de som. Sem rádio. Sem música. Eu nem sequer tinha um *walkman* comigo. Como ia viver sem música?

— O que vou fazer sem música? — perguntei, consciente de como deveria estar parecendo patético, mas ainda assim incapaz de conter o tom de desapontamento na voz.

— Vai haver música e muita, *baba* — respondeu ele, animado. — Vou cantar. Todo mundo vai cantar. Vamos cantar, cantar e cantar.

— Ah, bom. *Agora* está tudo bem

— E você vai cantar também, Lin.

— Não conte com isso, Prabu.

— Na aldeia, todo mundo canta — disse ele, subitamente sério.

— Ahã.

— É. Todo mundo.

— Vamos deixar esse assunto para quando chegar a hora. Quanto falta para chegar à aldeia?

— Ah, só um pouquinho mais, não é muito longe daqui. E, sabe, agora a gente também tem água na aldeia.

— O que quer dizer com *agora* a gente tem água?

— Quero dizer que agora tem uma bica na aldeia.

— Uma bica. Para toda a aldeia.

— Sim. E sai água dela durante uma hora, às duas da tarde.

— Uma hora inteira por dia...

— Ah, sim. Bem, na maioria dos dias. Alguns dias ela só vem por meia hora. Noutros dias, ela não vem. Então voltamos a esfregar para tirar aquela coisa

verde da água do poço, e assim não falta água. Ah! Veja! Aquele ali é meu pai!

A nossa frente, no caminho tortuoso e cheio de ervas, havia um carro de boi. O boi, um animal com imensos chifres curvos, cor de café com leite, estava acorrentado a um carro alto no formato de um cesto, montado sobre duas rodas de madeira com aros de metal. As rodas eram finas, mas altas. Chegava à altura do meu ombro. Sentado na cangalha, no alto do carro, com as pernas balançando, com um cigarro de *bidi* na boca, lá estava o pai de Prabaker.

Kishan Mango Kharre era um homem minúsculo, ainda menor que Prabaker, com cabelo grisalho bem curto, bigode curto, também grisalho, e uma proeminente barriga que se destacava na silhueta esguia. Usava um gorro branco, camisa *kurta*<sup>2</sup> de algodão e o *dhoti* da casta dos agricultores. O *dhoti* pode ser descrito tecnicamente como um pano para amarrar nas pernas, mas a descrição despe a roupa de sua elegância graciosa e serena. Pode ser enrolado para se transformar em bermuda para o trabalho nos campos, ou solto para ser usado como calça no estilo pantalone, liberando os tornozelos. O próprio *dhoti* nunca para de se movimentar e segue os contornos humanos em todos os momentos, da corrida ao ato de se sentar quieto. Ele capta as brisas do meio-dia e protege da friagem do alvorecer. É prático e discreto, e ao mesmo tempo, atraente e elegante. Gandhi tornou o *dhoti* famoso em suas viagens à Europa, na luta que empreendeu para tornar a Índia independente da Inglaterra. Com todo o respeito pelo Mahatma, porém, não se pode apreciar completamente a beleza delicada e nobre desse simples pedaço de pano enrolado antes de se viver e de se trabalhar com os camponeses indianos.

Prabaker largou as malas e correu. O pai pulou do assento na cangalha e os dois se abraçaram timidamente. O sorriso do homem mais velho era o único sorriso capaz de rivalizar com o de Prabaker. Era um sorriso imenso, que usava o rosto inteiro, como se tivesse sido congelado no meio de uma boa gargalhada. Quando Prabaker se virou para me olhar, ao lado do pai, sujeitando-me à dose dupla de sorrisos gigantesco — o original e a cópia genética ligeiramente aumentada —, o efeito foi tão avassalador que me peguei sorrindo involuntariamente.

— Lin, este é meu pai, Kishan Mango Kharre. E, pai, este é o senhor Lin. Estou feliz, feliz demais, que vocês estejam conhecendo suas ilustres pessoas.

Apertamos as mãos e nos olhamos nos olhos. Prabaker e o pai tinham o mesmo rosto de esfera quase perfeita e o nariz pequeno e arrebitado. Porém, enquanto o rosto de Prabaker era completamente aberto, sincero e sem marcas, o rosto de seu pai tinha rugas profundas. E, quando ele não estava sorrindo, uma sombra cansada pairava sobre seus olhos. Era como se ele trancasse algumas portas dentro de si e ficasse de guarda, apenas com os olhos. Havia orgulho no seu rosto, mas ele estava triste, cansado e preocupado. Levei muito tempo para perceber que todos os agricultores, em todos os lugares, tinham o mesmo cansaço, as mesmas preocupações, o mesmo orgulho e a mesma tristeza: que o solo que se revira e a semente que se planta são tudo que a gente tem quando vive da terra. E, com muita frequência, não há nada além daquilo — a alegria comovente, secreta e silenciosa com que Deus provê as coisas que crescem e

florescem — para ajudar a enfrentar o medo da fome e o pavor do mal.

— Meu pai é um homem de muito sucesso — festejou Prabaker, orgulhosamente, com o braço em torno dos ombros do homem mais velho. Como eu falava muito pouco marata e Kishan não falava inglês, Prabaker repetia tudo nas duas línguas. Ouvindo a frase em sua própria língua, Kishan ergueu a camisa com um gesto simples e gracioso, e deu tapinhas em sua grande barriga peluda. Os olhos reluziam enquanto falava comigo, sacudindo a cabeça o tempo todo com um olhar malicioso que parecia ser perturbadoramente sedutor.

— O que ele disse?

— Ele quer que você dê uns tapinhas na barriga dele — explicou Prabaker, sorridente.

Kishan sorria com a mesma intensidade.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Ah, sim, Lin. Ele quer que você dê uns tapinhas.

— Não.

— Ele quer *muito* que você lhe dê um tapinha — insistiu.

— Diga a ele que me sinto lisonjeado e que acho que é uma barriga maravilhosa. Mas que acho que vou ficar devendo essa, Prabu.

— Dê só um tapinha, Lin.

— Não — disse eu com mais firmeza.

O sorriso de Kishan aumentou e ele ergueu as sobrancelhas diversas vezes, como forma de me encorajar. Ainda mantinha a camisa erguida na altura do peito, exibindo a barriga redonda e peluda.

— Vá em frente, Lin. Só uns tapinhas. A barriga de meu pai não vai morder você.

*Algumas vezes a gente precisa se render*, disse Karla, *antes de vencer*. E ela estava certa. Render-se é o cerne da experiência indiana. Eu me entreguei. Olhando em volta, no caminho deserto, estendi o braço e dei um tapinha na barriga morna e peluda.

Naquele momento, os talos altos de painço atrás de nós, no caminho, se separaram e revelaram quatro rostos morenos. Eram rapazes. Fitaram-nos com olhos arregalados com uma espécie de espanto, ao mesmo tempo assustado, chocado e alegre.

Lentamente, e com toda a dignidade que pude reunir, retirei a mão da barriga de Kishan. Ele me olhou e então olhou para os outros com uma sobrancelha erguida e os cantos da boca abaixados, formando o sorriso presunçoso de um promotor de justiça que acaba de encerrar um caso.

— Não quero acabar com a alegria do seu pai, Prabu, mas a gente não deveria seguir em frente?

— *Challo!* — Kishan anunciou, adivinhando o significado das minhas palavras. — *Vamos!*

Enquanto pegávamos a bagagem e subíamos na traseira do carro, Kishan assumiu seu assento na canga, ergueu uma longa vara de bambu com um prego na ponta e nos pôs em movimento com um tremendo golpe nas ancas do animal.

Em reação ao violento golpe, o boi se jogou para a frente e então partiu em

uma lentidão pesada e tediosa. Nosso avanço contínuo mas extremamente lento me fez questionar a escolha daquele animal, entre tantos outros, para executar tal tarefa. Para mim o boi indiano, conhecido como *baille*, parecia o animal de carga mais lento do mundo. Se eu descesse do carro e caminhasse a uma velocidade moderada, ainda assim andaria com o dobro da velocidade dele. De fato, as pessoas que nos observavam por entre os pés de painço corriam na nossa frente em meio à espessa plantação, nos dois lados do caminho, para anunciar nossa chegada.

A cada vinte ou cinquenta metros mais ou menos, novos rostos apareciam entre os pés de milho, trigo e painço. A expressão era sempre a mesma — espanto sincero, estupefato, de arregalar os olhos. Se Prabaker e o pai houvessem capturado um urso selvagem e lhe ensinassem a falar, as pessoas não poderiam ter reagido com maior assombro.

— Todos estão muito felizes — gargalhou Prabaker. — Você é o primeiro estrangeiro a visitar minha aldeia em vinte e um anos. O último estrangeiro que veio aqui era da Bélgica. Faz vinte e um anos. Todas as pessoas com menos de vinte e um anos nunca viram um estrangeiro com os próprios olhos. O último, o belga, era um homem bom. Mas você é um homem muito, muito bom, Lin. As pessoas vão amá-lo demais. Você vai ficar muito feliz aqui, se sentirá fora de si. Tenha certeza.

As pessoas que me encaravam dos canteiros e arbustos nas laterais da estrada pareciam mais angustiadas e ameaçadas do que felizes. Na esperança de dissipar tamanha apreensão, comecei a praticar o meneio de cabeça ao estilo indiano. A reação foi imediata. Todos sorriam, gargalhavam, retribuíaam com outros meneios e corriam adiante, gritando para avisar os vizinhos sobre o divertido espetáculo que se arrastava pela trilha, rumo a suas casas.

Para garantir o avanço contínuo do boi, Kishan batia no animal com frequência e intensidade. A vara subia e caía com uma pancada retumbante a intervalos regulares de alguns minutos. O ritmo daqueles golpes fortes era pontuado por estocadas nos flancos do animal com o prego preso na ponta da vara. Cada estocada penetrava no couro grosso e levantava um pequeno tufo de pelos castanho-claros.

O boi não reagia aos ataques, a não ser prosseguindo seu passo arrastado pelo caminho. De qualquer maneira, eu sofria pelo pobre animal. A cada golpe e estocada, minha compaixão aumentava ao ponto de não conseguir mais suportar aquilo.

— Prabu, você pode me fazer um favor? Por favor, peça para seu pai parar de bater no animal.

— Parar... parar *de bater*?

— Sim. Peça para ele parar de bater no boi, por favor.

— Não, não é possível, Lin — respondeu ele, às gargalhadas.

A vara bateu com força contra as costas largas do boi, seguindo-se duas rápidas espetadas do prego.

— Estou falando sério, Prabu. Por favor, peça para ele parar.

— Mas, Lin...

Eu me encolhi quando a vara desceu mais uma vez, e minha expressão lhe implorava que interferisse.

Com relutância, Prabaker transmitiu o pedido ao pai. Kishan ouviu atentamente e então teve um incontrolável acesso de riso. Depois de um tempo, percebeu a angústia do filho, porém, e as risadas diminuíram e acabaram morrendo, dando lugar a uma série de perguntas. Prabaker se esforçou ao máximo em respondê-las, mas afinal acabou voltando-se para mim mais uma vez, o rosto cada vez mais desconsolado.

— Meu pai, Lin, quer saber por que você quer que ele pare de bater.

— Não quero que ele machuque o boi.

Dessa vez Prabaker caiu na gargalhada, e, quando conseguiu traduzir minhas palavras ao pai, os dois gargalharam juntos. Conversaram um pouco, ainda rindo, e então Prabaker se dirigiu a mim.

— Meu pai está perguntando se é verdade que em seu país as pessoas comem vacas.

— Bem, sim, é verdade. Mas...

— Quantas vacas vocês comem lá?

— Nós... Bem... Nós as exportamos para outros países. Nós não comemos todas.

— Quantas?

— Ah, centenas de milhares delas. Talvez milhões, se você contar também as ovelhas. Mas usamos métodos humanitários e não somos a favor de machucá-las sem necessidade.

— Meu pai está dizendo que ele acha muito difícil *comer* um desses grandes animais sem *machucá-los*.

Ele então procurou explicar minha natureza ao pai, relatando a história de como tinha deixado meu assento na viagem de trem para dar lugar a um idoso, como eu havia compartilhado minhas frutas e outros alimentos com meus companheiros de viagem e como costumava dar esmolas aos mendigos das ruas de Bombaim.

Kishan parou o carro abruptamente e saltou da canga de madeira. Ele despejou uma série de ordens sobre Prabaker, que por fim se virou para mim para traduzir.

— Meu pai quer saber se nós estamos com os presentes de Bombaim, para ele e sua família. Disse que sim. Agora ele quer que entreguemos esses presentes aqui, neste lugar, antes de seguirmos adiante.

— Ele quer que a gente revire as bagagens aqui, nesta trilha?

— Sim. Ele tem medo de que, ao chegarmos à aldeia de Sunder, você tenha tão bom coração que queira dar todos os presentes para outras pessoas, e aí ele vai ficar sem. Ele quer todos os presentes agora.

E foi o que fizemos. Sob o toldo azul-escuro do céu do início da noite, naquela trilhazinha de nada entre os campos ondulantes de milho e painço, espalhamos as cores da Índia, os amarelos, vermelhos, azuis-pavão das camisas, dos *lungi* e dos *sáris*. Então, refizemos as malas com sabonetes perfumados, agulhas de costura, incensos, alfinetes de segurança, perfumes, xampus e óleos de massagem, de

forma que uma mala inteira tivesse apenas as coisas que trouxemos para a família de Prabaker. Com aquela mala guardada em segurança, presa aos arreios do carro de boi, Kishan Mango Kharre deu início à última etapa da viagem, batendo no animal estupidamente paciente com mais frequência e muito mais vigor do que havia feito antes que eu interferisse em seu favor.

E então, finalmente, as vozes das mulheres e das crianças, elevadas pelos risos e gritinhos de excitação, nos saudaram. Os sons nos alcançaram momentos antes de fazermos uma última curva fechada e entrar na aldeia de Sunder, restrita a uma única rua larga, varrida e batida, de areia dourada do rio. Nos dois lados havia casas, distribuídas de tal forma que nenhuma ficasse de frente a outra do outro lado da rua. As casas eram arredondadas, feitas de barro marrom-claro, com janelas redondas e portas abauladas. Os telhados eram feitos com pequenas cúpulas de palha.

A notícia da chegada do estrangeiro já havia se espalhado. Juntaram-se às duzentas almas da aldeia de Sunder outras tantas centenas, vindas de aldeias da vizinhança. Kishan nos levou ao meio da multidão, parando do lado de fora de sua própria casa. Sorria tanto que todo mundo que o olhava sentia vontade de rir também.

Saímos da carroça e ficamos com a bagagem a nossos pés no meio de seiscentos olhares e cochichos. O silêncio caiu sobre a multidão, tão comprimida que cada pessoa se encostava no vizinho. Estavam tão perto de mim que eu podia sentir a respiração deles em meu rosto. Eram seiscentos pares de olhos me encarando fixamente com a intensidade de seu fascínio. Ninguém falou. Prabaker estava ao meu lado. Embora sorrisse e apreciasse a celebridade que o momento lhe emprestava, ele também estava impressionado demais com toda aquela atenção e a muralha humana de admiração e expectativa.

— Suponho que estejam pensando por que chamei todos vocês aqui — disse eu, no tom de voz sério que seria engraçado se uma única pessoa da multidão compreendesse a piada. Ninguém entendeu, é claro, e o silêncio aumentou, pois até os murmúrios distantes cessaram.

O que se diz para uma imensa multidão de desconhecidos que esperam que você diga alguma coisa e você não fala aquela língua?

Minha mochila estava aos meus pés. No bolso de fora, havia um souvenir que um amigo me dera de presente. Era um chapéu de bobo da corte em preto e branco, até com sininhos em cada uma das três pontas de tecido. O amigo, um ator na Nova Zelândia, usava o chapéu como parte de um figurino. No aeroporto, minutos antes de meu voo para a Índia, ele tinha me dado o chapéu como amuleto de boa sorte, uma lembrança dele, e eu o tinha enfiado no bolso de fora da mochila.

Há um tipo de sorte que não é muito mais do que estar no lugar certo na hora certa, um tipo de inspiração que não é mais do que fazer algo da forma correta. E isso só acontece quando a gente esvazia o coração da ambição, dos objetivos, dos planos. Quando nos entregamos por completo ao momento favorável e fatídico.

Tirei o chapéu da mochila e o coloquei, prendendo-o sob meu queixo e aqueitando os chifres de pano com os dedos. Todos na primeira fila deram um

passo para trás, fazendo uma pequena exclamação de sobressalto. Então eu sorri e fiz um meneio com a cabeça, soando os sinos.

— Olá, gente! — disse eu. — Está na hora do espetáculo!

O efeito foi eletrizante. Todo mundo riu. O grupo inteiro de mulheres, crianças e homens reagiu em uníssono, rindo, brincando e soltando exclamações. Uma pessoa estendeu o braço para tocar meu ombro. As crianças na frente pegaram as minhas mãos. Então todos que se encontravam nas proximidades me deram tapinhas, passaram a mão e me seguraram. Encontrei o olhar de Prabaker. A alegria e o orgulho que vi neles eram uma espécie de oração.

Ele permitiu o delicado ataque por alguns minutos, então estabeleceu sua autoridade sobre a nova atração, fazendo a multidão se afastar. Finalmente conseguiu abrir caminho até a casa do pai e, ao entrarmos no escuro círculo do lar de Kishan, a tagarelice e as risadas começaram a se dispersar.

— Você precisa tomar um banho, Lin. Depois de uma viagem tão longa, você deve estar fedendo. Venha por aqui. Minhas irmãs já aqueceram a água no fogo. Os vasos estão prontos para seu banho. Venha.

Passamos por um arco baixo e ele me levou a uma área ao lado da casa, cercada por três tapetes pendurados. Seixos achatados formavam o que seria uma base para a chuveirada, e três grandes potes de barro com água morna estavam arrumados perto deles. Uma canaleta havia sido aberta para permitir que a água escorresse para a parte de trás da casa. Prabaker me disse que uma pequena jarra de metal deveria ser usada para derramar água sobre meu corpo e me deu uma saboneteira.

Enquanto ele falava, eu desamarrava as botas. Eu as pus de lado, tirei a camisa e o jeans.

— Lin! — urrou Prabaker em pânico, saltando de uma só vez os dois metros que nos separavam. Ele tentou cobrir meu corpo com as mãos, mas então olhou em volta, angustiado, para ver que a toalha estava na minha mochila, a outros dois metros de distância. Deu outro salto para recuperar a toalha, saltou de volta, dando um gritinho de pânico — *Yaaah!* — a cada vez. Enrolou-me na toalha e olhou para todas as direções, aterrorizado.

— Você ficou maluco, Lin? O que está fazendo?

— Estou tentando... tomar um banho...

— Mas assim? *Assim?*

— Qual é o problema, Prabu? Você me disse para tomar um banho. Você me trouxe aqui para isso. E agora estou tentando tomar um banho, mas você está pulando de um lado para o outro como um coelho. Qual é o problema?

— Você está *nu*, Lin! Nu, sem *roupa nenhuma!*

— Mas é assim que eu tomo banho — disse, exasperado com seu horror misterioso. Ele corria de um lado para o outro, olhando entre os tapetes em vários lugares. — Não é assim que as pessoas tomam banho?

— Não! Não! Não, Lin! — Ele se voltou para mim, para me corrigir. Uma expressão desesperada distorcia seus traços habitualmente felizes.

— Vocês não tiram as roupas?

— Não, Lin! Aqui é a Índia. Ninguém pode tirar completamente as roupas,

nem mesmo para lavar o corpo. Aqui é a Índia. Ninguém fica nu na Índia. E, especialmente, ninguém fica nu em pelo.

— Então... Como vocês tomam banho?

— Nós vestimos a roupa de baixo para tomar banho na Índia.

— Então tudo bem — disse eu, largando a toalha para mostrar minhas cuecas pretas. — Estou usando roupa de baixo.

— *Yaaah!* — berrou Prabaker, mergulhando ao chão para pegar a toalha e voltar a me cobrir.

— Essa coisinha de nada, Lin? Isso não é roupa de baixo. Isso é só a roupa de baixo da roupa de baixo. Você precisa usar roupas por cima dessa roupa de baixo.

— Roupa... por cima da roupa de baixo?

— Sim. Claro. Como essas calças que estou usando.

Ele desabotoou as próprias calças para me mostrar que usava um calção verde sob as roupas.

— Na Índia, os homens usam esta roupa sobre as roupas de baixo o tempo todo, em todas as situações. Mesmo se estão usando as roupas de baixo, *também* usam roupas por cima. Entendeu?

— Não.

— Bem, espere aqui então. Vou procurar uma roupa de cima para a roupa de baixo e você vai tomar seu banho. Por favor, não tire a toalha. Por favor! Prometa! Se as pessoas virem você sem a toalha com aquela coisinha de nada, vão ficar loucas. Espere aqui.

Ele saiu correndo e depois de alguns minutos voltou com dois calções de futebol vermelhos.

— Aqui, Lin — bufou ele. — Você é um cara tão grande, tomara que caiba. Pertencem ao Gordo Satish. Ele é tão gordo que achei que talvez coubessem em você. Conte uma história e ele me deu esses dois. Disse a ele que durante a viagem você ficou com as tripas soltas e que sujou tanto suas roupas de cima das roupas de baixo que tivemos que jogá-las fora.

— Você disse a ele que eu caguei nas calças? — perguntei.

— Ah, sim, Lin. Naturalmente eu não poderia dizer que você não tem roupa por cima da roupa de baixo.

— Bem, claro que *não*.

— Quer dizer, o que ele pensaria de você?

— Obrigado, Prabu — resmunguei entre os dentes. Se meu tom fosse um pouco mais seco, eu nem precisaria de uma toalha.

— Faça com prazer, Lin. Somos grandes amigos. Então, por favor, me prometa que não vai ficar nu na Índia. Especialmente sem suas roupas.

— Eu prometo.

— Estou tão feliz que você tenha feito essa promessa, Lin. Você é meu muito bom amigo, não é? Agora, vou tomar um banho também, como dois irmãos, e vou lhe mostrar o estilo indiano.

Então nós dois tomamos um banho, na área reservada da casa do pai dele. Eu o observava e imitava. Molhei o corpo em uma primeira lavagem com duas

jarras de água que retiramos de um dos vasos grandes e passei sabonete por baixo do short sem tirá-lo. Depois da última enxaguada, e de me secar rapidamente com a toalha, ele me ensinou como amarrar o *lungi* em volta do calção molhado. O *lungi* era um retângulo de algodão, parecido com um sarongue, usado da cintura ao tornozelo. Ele apanhou as duas pontas ou cantos do *lungi* pela frente, passou-as em torno da minha cintura e enrolou-as sob a parte de cima, nas minhas costas. Envolto pelo *lungi*, retirei o calção molhado e vesti o outro, seco, por baixo. Com aquela técnica, Prabaker me garantiu, eu poderia tomar banho em público sem ofender os vizinhos.

Depois do banho e de uma deliciosa refeição de *dhal*,<sup>3</sup> arroz e pães chatos caseiros, Prabaker e eu observamos enquanto os pais e as duas irmãs abriam os presentes. Em seguida bebemos chá, e durante duas horas respondemos perguntas sobre mim, sobre minha casa, minha família. Tentei responder com sinceridade — sem falar na verdade crucial de que, em meu exílio involuntário, eu não imaginava rever minha casa ou minha família. Finalmente, Prabaker anunciou que estava cansado demais para fazer mais traduções e que eu deveria ter permissão para descansar.

Uma cama feita de madeira de coqueiros coberta por um colchão formado por uma teia de cordas de fibra de coco foi montada para mim ao ar livre, do lado de fora da casa de Kishan. Era a cama do próprio Kishan. Prabaker me contou que seriam necessários dois dias para fazer outra capaz de satisfazer seu pai. Até então, Kishan dormiria ao lado do filho no chão da casa, enquanto eu usaria a cama. Tentei resistir, mas meus protestos foram afogados em um mar de insistência suave e inexorável. Assim, deitei-me na cama do pobre agricultor e minha primeira noite naquela primeira aldeia indiana terminou como tinha começado, com minha rendição.

Prabaker me contou que sua família e seus vizinhos estavam preocupados com minha solidão, achavam que eu devia me sentir solitário em um lugar estranho, sem minha própria família. Eles decidiram me acompanhar naquela primeira noite, mantendo uma vigília na escuridão até terem certeza de que eu dormia profundamente. Afinal de contas, como destacou o pequeno guia, as pessoas no meu país, na minha aldeia, fariam o mesmo por ele se ele fosse lá e sentisse a falta de sua família, não é?

Eles ficaram sentados no chão, em volta da minha cama baixa, Prabaker, os parentes e os vizinhos, fazendo-me companhia na noite morna, escura, com cheiro de canela. Formavam um anel de proteção a minha volta. Pensei que seria impossível dormir cercado por espectadores, mas em questão de minutos eu comecei a flutuar e a boiar nas ondas murmurantes de suas vozes; ondas suaves e rítmicas que se agitavam sob uma noite impenetrável, em que se ouviam os sussurros das estrelas brilhantes.

Em certo momento, o pai de Prabaker estendeu o braço, de seu lugar à minha esquerda, e pousou a mão em meu ombro. Foi um gesto simples de gentileza e conforto, mas seu efeito sobre mim foi profundo. Um momento antes, eu tinha caído no sono. De repente, fiquei completamente alerta. Mergulhei nas lembranças e pensamentos sobre minha filha, meus pais, meu irmão; pensei nos

crimes que cometi, nos amores que trai e perdi para sempre.

Talvez pareça estranho e até impossível para qualquer um compreender, mas até aquele momento eu não tinha uma real compreensão do mal que havia feito e da vida que perdera. Enquanto cometia roubos à mão armada, eu usava drogas, era viciado em heroína. Uma névoa de entorpecentes se estabelecera sobre tudo o que eu pensava e fazia, e até mesmo sobre o que eu me lembrava daquele tempo. Depois, durante o julgamento e os três anos na prisão, eu estava sóbrio, consciente de minha condição, e deveria saber então o que os crimes e as punições significavam para mim, para minha família e para as pessoas a quem havia roubado sob a mira de uma arma. Mas eu não sabia, nem sentia coisa alguma naquela época. Tanto a punição quanto a sensação de estar sendo punido me mantinham muito ocupado, não dava para abrir meu coração. Mesmo com a fuga da prisão, a vida como foragido, correndo e me escondendo, um homem procurado com a cabeça a prêmio — mesmo então, eu não havia captado de uma forma definitiva, clara e abrangente os atos e as consequências que geraram a nova e amarga história da minha vida.

Foi só ali, na aldeia da Índia, naquela primeira noite, à deriva numa canoa de vozes murmurantes, com os olhos cheios de estrelas; só então, quando o pai de outro homem procurou me confortar e colocou a mão áspera e calosa de um agricultor sobre o meu ombro, eu percebi e senti o tormento do que eu havia feito, do que havia me tornado — a dor, o medo, o desperdício. O estúpido e imperdoável desperdício de tudo. Meu coração se partiu com vergonha e tristeza. Subitamente, eu sabia quanto choro havia dentro de mim, e como havia pouco amor. Eu sabia, afinal, como era solitário.

Mas não pude reagir. Minha cultura havia me ensinado muito bem todas as coisas erradas. Fiquei completamente imóvel e não esbocei nenhuma reação. Mas a alma não conhece as culturas. A alma não tem país. A alma não tem cor, sotaque ou estilo de vida. A alma é para sempre. A alma é uma. E quando o coração tem seu momento de verdade e tristeza, a alma não pode ser silenciada.

Carrei os dentes diante das estrelas. Fechei os olhos. Entreguei-me ao sono. Uma das razões pelas quais ansiamos pelo amor e o procuramos tão desesperadamente é porque o amor é a única cura para a solidão, a vergonha e a tristeza. Mas alguns sentimentos calam tão fundo no coração que apenas a solidão pode ajudá-lo a reencontrá-los. Algumas verdades sobre nós são tão dolorosas que apenas a vergonha pode nos ajudar a viver com elas. E algumas coisas são simplesmente tão tristes que só resta à alma chorar por você.

---

1 Referência à palavra inglesa *Sir*, que significa “senhor”. (*N. do E.*)

2 Camisa unissex longa e larga, de mangas compridas. (*N. do E.*)

3 Enspado de grãos, em geral lentilhas, que acompanha o arroz, como o nosso feijão. (*N. do E.*)

O PAI DE PRABAKER me apresentou à aldeia de Sunder, mas foi a mãe quem me fez sentir em casa. Sua vida envolveu a minha com triunfos e tristezas com a mesma facilidade com que usava seu xale vermelho para embalar alguma criança chorosa que aparecia na porta de sua casa. Sua história, contada para mim por muitas vozes, mês a mês, se transformou em todas as histórias, até mesmo nas minhas. E seu amor — e sua disposição em conhecer a verdade sobre meu coração e me amar — mudou o rumo da minha vida.

Quando a conheci, Rukhmabai Kharre tinha quarenta anos e estava no auge do seu poder pessoal e prestígio público. O marido batia no seu ombro, e aquela diferença de altura, combinada a uma silhueta ampla e curvilínea, dava a falsa impressão de que ela era uma espécie de amazona sempre que o casal estava junto. Os cabelos negros, que reluziam com óleo de coco, nunca haviam sido cortados e, majestosos, despencavam na altura dos joelhos. A pele era da cor da canela. Os olhos, âmbar e ouro rosado. O branco dos olhos estava sempre rosado, dando a impressão de que ela havia acabado de chorar ou estava prestes a fazê-lo. A grande separação entre os dentes da frente dava um toque malicioso ao sorriso, enquanto a curva soberba do nariz adunco dotava seu ar sério de uma imponente autoridade. A testa era alta e larga — exatamente como a de Prabaker — e as curvas das maçãs do rosto eram as montanhas do alto das quais os olhos de âmbar examinavam o mundo. Era dona de uma inteligência rápida e sentia profunda compaixão pelo sofrimento dos outros. Mantinha-se fora das disputas entre os vizinhos até que lhe pedissem a opinião. E costumava dar a última palavra. Era uma mulher para se admirar ou desejar, mas a mensagem em seus olhos e em sua pose era inequívoca: ofendê-la ou desrespeitá-la era um risco que a pessoa não devia correr.

Dentro da aldeia, a força de sua personalidade mantinha um status que provinha do fato de Kishan ser proprietário de terras e da administração que ela fazia de seus poucos recursos pessoais. O casamento com Kishan fora arranjado. Quando era uma tímida adolescente de dezesseis anos, ela havia espiado por trás de uma cortina para inspecionar seu prometido e o viu pela primeira e única vez antes do casamento. Quando aprendi a falar sua língua razoavelmente bem, ela me contou com desconcertante sinceridade como ficara desapontada ao examinar Kishan pela primeira vez. Ele era baixo. A pele, escurecida pelo ofício de agricultor até ficar da cor da própria terra, era mais escura que a dela, e aquilo a deixou preocupada. As mãos eram ásperas, e sua fala, rude. As roupas eram limpas, mas simples. E ele era analfabeto. O pai dela ocupava o posto de chefe do conselho da aldeia, um *panchayat*, e Rukhmabai sabia ler e escrever em híndi e marata. Ao olhar para Kishan pela primeira vez, o coração batia seus segredos de forma tão tempestuosa que ela temia que ouvissem tudo. Sabia que não poderia amá-lo e de que estava fazendo um casamento a quem de sua condição social.

No exato momento daquela descoberta perturbadora, Kishan virou a cabeça para olhar bem na direção do esconderijo, o lugar onde ela estava abaixada, escondida atrás da cortina. Rukhmabai tinha certeza de que não podia ser vista, mesmo assim ele olhou fixamente como se estivesse fitando seus olhos. Então sorriu. Era o maior sorriso que ela já vira. Era radiante, permeado por um bom humor irrepreensível. Ela olhou para aquele sorriso prodigioso e um estranho sentimento tomou conta de si. Ela devolveu o sorriso involuntariamente e experimentou uma sensação de bem-estar, uma alegria indefinível, mas irresistivelmente ardente. *As coisas vão dar certo*, lhe disse a voz do coração. *Tudo vai dar certo*. Ela soube, da mesma forma que eu soube quando vi Prabaker pela primeira vez, que um homem que sorria daquela forma, com todo o coração, seria incapaz de fazer mal ou ferir outra pessoa por querer.

Quando desviou o olhar de novo, era como se o cômodo tivesse escurecido, e ela compreendeu que havia começado a amá-lo simplesmente pela tranquilizadora incandescência daquele sorriso. Não protestou quando o pai anunciou o acordo matrimonial e, dois meses depois de vislumbrar pela primeira vez o sorriso mágico de Kishan, ela se casou e engravidou do primeiro filho, Prabaker.

O pai de Kishan separou dois terrenos produtivos para o filho mais velho, na época do casamento, e o pai de Rukhmabai acrescentou um terceiro como dote para o jovem casal. Desde os primeiros dias da união, a esposa assumiu o controle daquela pequena fortuna. Utilizando-se de sua habilidade em ler e escrever, ela mantinha registros meticulosos dos lucros e prejuízos em simples cadernos escolares, que amarrava e guardava em um baú de zinco.

Graças aos investimentos inteligentes em empreendimentos dos vizinhos e a uma administração cuidadosa de seus recursos, eles tiveram poucos prejuízos. Com o nascimento do terceiro filho, uma menina, quando tinha vinte e cinco anos, Rukhmabai havia conseguido transformar sua modesta fortuna na maior da aldeia. Eram donos de cinco terrenos. Plantavam produtos de muita liquidez. Tinham três búfalas leiteiras, três bois, bem como duas cabras e uma dúzia de galinhas poedeiras. Havia dinheiro suficiente no banco para fornecer um dote substancioso para as duas filhas. As moças fariam bons casamentos, decidiu ela, para dar um status mais elevado aos netos.

Quando tinha nove anos, Prabaker foi enviado a Bombaim, para trabalhar como auxiliar de um tio que era motorista de táxi e morou em uma imensa favela da periferia da cidade. Rukhmabai começou a caprichar em suas orações matinais, com esperanças e planos para o futuro da família. Então sofreu um aborto natural. Em menos de um ano, perdeu outros dois bebês. Os médicos concluíram que seu útero tinha ficado comprometido depois do nascimento do terceiro filho. Recomendaram uma histerectomia total. Foi o que ela fez. Tinha vinte e seis anos.

O coração de Rukhmabai vagava pelos quartos vazios de sua vida: os quartos reservados aos três bebês perdidos e a todas as outras vidas que estavam por vir. Durante dois anos ficou inconsolável. Nem o maravilhoso sorriso de Kishan, invocado por entre suas próprias lágrimas, conseguia animá-la. Desesperada, de

coração partido, desconsolada, mal tinha forças para levar adiante a rotina mínima de cuidados com as filhas. O riso a deixou e a tristeza baixou nas terras abandonadas.

A alma de Rukhmabai estava morrendo, e talvez ela tivesse mergulhado naquela tristeza para sempre se não fosse arrancada de seu luto por um acontecimento cataclísmico que ameaçou toda a aldeia. Um bando de *dacoits*, bandidos armados, se estabeleceu na área e começou a exigir tributos. Um homem de uma aldeia vizinha foi retalhado com um facão. Uma mulher da mesma aldeia foi estuprada pelos *dacoits*. Depois, eles atiraram e mataram um homem da aldeia de Kishan que se rebelou.

Rukhmabai conheceu o morto muito bem. Era um dos primos de Kishan e se casara com uma moça da aldeia da própria Rukhmabai. Todos os homens, mulheres e crianças de Sunder compareceram ao enterro. No final, Rukhmabai se dirigiu aos aldeões reunidos. O cabelo estava em desalinho, os olhos cor de âmbar ardiavam com fúria e determinação. Ela recriminou os que queriam se sujeitar aos *dacoits*, exortando-os a resistir, a lutar e, se necessário, matar para defender suas vidas e suas terras. Surpresos com seu ânimo renovado, depois do torpor de dois anos de luto, bem como pelo discurso marcial, os aldeões se sentiram encorajados. Criaram ali mesmo um plano de ação e resistência.

Chegou aos ouvidos dos *dacoits* que o povo da aldeia de Sunder estava decidido a lutar. Ameaças, escaramuças e ataques exploratórios levaram finalmente o conflito ao ponto em que uma batalha se tornou inevitável. Os *dacoits* enviaram avisos ameaçadores para que os aldeões lhes entregassem um tributo significativo em determinado dia, caso contrário sofreriam terríveis consequências.

As pessoas se armaram com foices, machados, bastões e facas. Mulheres e crianças foram levadas para uma aldeia vizinha. O medo e o arrependimento varreram as fileiras dos homens que haviam permanecido. Vários argumentaram que a luta era uma estupidez, que pagar o tributo seria menos doloroso do que a morte. Os irmãos do homem assassinado circulavam entre eles, oferecendo estímulo e consolo, ao mesmo tempo que castigavam os desertores pela covardia.

O sentinela avisou que os homens se aproximavam pela estrada. Os aldeões se esconderam atrás de barricadas erguidas apressadamente entre suas casas de barro. Exultantes e assustados, estavam a ponto de atacar quando perceberam que os homens que chegavam eram, na realidade, aliados. Ao ouvir falar sobre a guerra com os *dacoits* na semana anterior, Prabaker havia reunido um grupo de seis amigos e primos da favela onde morava e partira para se juntar à família. Estava com apenas quinze anos na época e o mais velho dos amigos tinha apenas dezoito, mas eles eram lutadores de rua de uma das áreas mais violentas de Bombaim. Um deles, Raju, um rapaz alto com rosto atraente e o cabelo armado de um astro de cinema da cidade, tinha um revólver. Ele mostrou a pistola para os aldeões e encorajou a todos.

Os *dacoits*, arrogantes e excessivamente confiantes, desfilaram pela aldeia meia hora antes do crepúsculo. A primeira ameaça aterradora ainda não havia

deixado os lábios do líder quando Raju deixou o esconderijo e caminhou em direção aos bandidos, atirando uma vez a cada três passos. Machados, foices, facas e bastões despencaram das barricadas, lançados com efeitos mortais pelos agricultores desesperados. Raju não interrompeu sua caminhada em momento algum, e com a última bala atingiu no peito, à queima-roupa, o líder dos *daicots*. Segundo os aldeões, o homem já estava morto antes de chegar ao chão.

O restante dos *daicots* feridos se dispersou, e eles nunca mais foram vistos. O corpo do líder abatido foi enviado ao posto policial de Jamner District. Todos os aldeões contaram a mesma história: haviam resistido aos *daicots* e, na confusão da batalha, um dos bandidos atirara nos próprios companheiros. O nome de Raju jamais foi mencionado. Depois de dois dias de festa, os rapazes voltaram para a cidade com Prabaker. Alucinado e corajoso, Raju morreu durante uma briga num bar, um ano depois. Dois dos jovens morreram em circunstâncias violentas semelhantes. Outro cumpria uma longa pena por crime passionais que envolvia o amor de uma atriz e a inimizade de um rival.

Os aldeões me contaram sobre a grande batalha muitas vezes, enquanto eu aprendia a falar a língua marata. Levaram-me aos lugares históricos onde se esconderam e os confrontos haviam ocorrido. Fizera-me assistir a reconstituições do acontecimento. Os jovens em geral competiam pela honra de interpretar o papel de Raju. Ao contarem a história, não menos importante eram os destinos dos rapazes que lutaram a seu lado. O que aconteceu com cada um — informado por Prabaker em suas visitas à aldeia — era lembrado e contado como parte da grande saga. E, em todas as histórias e conversas, havia um afeto especial, um orgulho por Rukhmabai Kharre. Ela era amada e admirada pelo papel arrebatador que teve seu discurso no enterro — a primeira e última vez em que assumiu um papel público na aldeia. Reconhecia-se sua coragem e respeitava-se sua força de vontade. Acima de tudo, celebrava-se a volta da mulher forte, astuta e sorridente que sempre havia sido, resgatada do luto e do desespero graças à luta contra os *dacoits*. Naquele vilarejo pobre e simples, ninguém duvidava ou se esquecia de que o maior tesouro eram seus próprios moradores.

Estava tudo ali naquela bela face. As rugas no alto das maçãs do rosto eram as represas que ela usava para deter as lágrimas em seus olhos. Perguntas não explicitadas, irrespondíveis, abriam seus lábios vermelhos e carnudos, quando estava sozinha ou absorva no trabalho. A determinação enrijeceu o desafiador movimento de erguer o queixo com uma covinha. E a testa estava sempre ligeiramente enrugada no meio, entre as sobrancelhas, como se ela estivesse captando, nas dobras macias da pele, a compreensão monstruosa e lamentável de que não existe felicidade sem dor, nem riqueza sem preço, nem vida sem um grau máximo de tristeza e morte, mais cedo ou mais tarde.

Minha relação com Rukhmabai foi estabelecida na primeira manhã. Eu tinha dormido bem na cama de cordas, do lado de fora da casa de Kishan — tão bem, na verdade, que ainda roncava alto quando Rukhmabai passou por perto com suas búfalas, logo depois do alvorecer. Uma das criaturas, atraída pelo zumbido, decidiu investigar. Levei um susto, despertei com uma sensação úmida e

sufocante. Abri os olhos e vi a imensa língua rosada de uma gigantesca búfala descer mais uma vez para asfixiar meu rosto. Ao gritar com medo e surpresa, caí da cama e me afastei sobre minhas mãos e calcanhares.

Rukhmabai começou a rir à minha custa, mas era uma boa risada — honesta, bondosa e sem esconder nada. Quando veio me ajudar, peguei sua mão e ri com ela.

— *Gae!* — disse ela, apontando a búfala e estabelecendo as regras que usaríamos para nos comunicar com palavras. *Eu* seria aquele que ia aprender uma língua estrangeira. *Búfala!*

Ela pegou um copo e se abaixou junto à teta do imenso animal negro, de chifres recurvados, para tirar o leite. Observei enquanto o leite jorrava direto no copo. Ela encheu o copo com movimentos experientes e então o trouxe até mim, limpando a beirada com uma ponta do xale de algodão vermelho.

Sou um moço da cidade. Nasci e cresci em uma cidade razoavelmente grande, de três milhões de habitantes. Uma das razões que me permitia passar anos em fuga era o fato de adorar cidades grandes e de me sentir completamente confiante e à vontade nelas. Toda a gama de suspeitas e horrores de um moço da cidade em relação ao campo tomou conta de mim quando segurei o copo com leite recém-tirado. Era morno. Cheirava a vaca. Parecia haver coisas fluando no copo. Hesitei. Tinha a impressão de que Louis Pasteur estava bem atrás de mim, olhando o copo por trás do meu ombro. Eu podia ouvi-lo. *Bem, se eu fosse você, ferveria esse leite primeiro, monsieur...*

Engoli o preconceito, o medo e o leite de uma só vez, tragando tudo o mais rápido possível. O sabor não era tão ruim quanto eu esperava — cremoso, denso, com um toque de grama seca, deixando um gostinho bovino no final. Rukhmabai tirou o copo da minha mão e agachou-se para enchê-lo de novo, mas meus insistentes protestos a convenceram de que eu tinha ficado muito satisfeito com apenas um copo.

Depois da higiene matinal, de lavar o rosto e escovar os dentes, Rukhmabai se postou perto de Prabaker e de mim enquanto tomávamos um lauto café da manhã, composto de *roti* e *chai*. O *roti*, pão fino sem fermento, era feito especialmente para o café da manhã, cozido no fogo em uma panela *wok* ligeiramente besuntada com óleo. O pão quente, parecido com uma panqueca, era recheado com uma pincelada de *ghee*, manteiga purificada, e uma colher cheia de açúcar. Então era enrolado para formar um cilindro tão espesso que mal cabia na mão. Comia-se com uma caneca de chá quente e doce, com leite.

Rukhmabai prestava atenção em cada mordida e mastigada, cutucando-nos com um dedo ou dando tapinhas na cabeça ou no ombro, caso um de nós demonstrasse a menor tendência de fazer uma pausa para respirar durante o desjejum. Aprisionados enquanto nossas mandíbulas se ocupavam em mastigar aquela comida sem dúvida deliciosa, nós dois lançávamos, disfarçadamente, olhares para as moças que cozinhavam com a *wok*, esperando que cada *roti*, depois do terceiro ou quarto que comemos, fosse o último.

E assim, por muitas semanas, todos os dias na aldeia começavam com um copo de leite de búfala, seguido pela higiene, e finalmente um longo desjejum

com *chai* e *roti*. Na maior parte das manhãs, eu me juntava aos homens nos campos, trabalhando na colheita de milho, trigo, feijões e algodão. O dia de trabalho era dividido em dois tempos com cerca de três horas, com direito a uma pausa para o almoço e sesta entre eles. As crianças e as moças traziam o almoço para nós em uma infinidade de pratos de aço inoxidável. A refeição normalmente consistia no infalível *roti*, *dhal* apimentado de lentilha, *chutney* de manga e cebolas cruas, servidas com suco de lima. Depois de comer a refeição em grupo, os homens se afastavam para procurar um lugar tranquilo e sombreado para cochilar por mais ou menos uma hora. Quando o trabalho recomeçava, os agricultores alimentados e descansados se dedicavam a ele com grande energia e entusiasmo até que o mais experiente do grupo mandava que parassem. Depois de se reunirem em uma das trilhas principais, os agricultores então atravessavam os campos que haviam semeado, que eles próprios cuidavam, rindo e fazendo piadas até chegar à aldeia.

Havia pouco trabalho a ser feito pelos homens na própria aldeia. Cozinhar, limpar, lavar e até mesmo a manutenção rotineira da casa eram tarefas das mulheres, especialmente das mais jovens, supervisionadas pelas mais velhas. Em geral, as mulheres trabalhavam quatro horas por dia. Passavam boa parte do tempo livre brincando com as crianças pequenas. Os homens trabalhavam seis horas por dia, em uma semana de quatro dias. Era necessário um esforço especial na época do plantio e das colheitas, mas em geral os aldeões de Maharashtra trabalhavam menos horas que os trabalhadores das cidades.

Não era o paraíso. Alguns homens se exauriam, depois de trabalhar nos campos coletivos, tentando arrancar lucros de uma safra de algodão em um terreno particular com chão rochoso. As chuvas chegavam cedo ou tarde. Os campos ficavam alagados ou sucumbiam aos danos provocados por insetos e pragas. Sem contar com um canal para dar vazão à criatividade, as mulheres suportavam a silenciosa e demorada decadência de seus talentos. Outros observavam o lento desperdício de crianças inteligentes, que poderiam se desenvolver e produzir mais em lugares mais movimentados, mas que jamais conheceriam nada além da aldeia, dos campos e do rio. Às vezes, raramente, um homem ou mulher ficava tão infeliz que a noite, para todos que ouviam na escuridão da aldeia, era recortada por soluços.

Mas, como Prabaker garantira, as pessoas cantavam quase todos os dias. Se abundância de boa comida, de risos, de cantoria e uma índole amigável podem servir de indicadores do bem-estar e da felicidade, então os aldeões superavam seus colegas ocidentais nesses aspectos da vida. Nos seis meses que passei lá, nunca ouvi uma voz cheia de crueldade, nem mão erguida com raiva. Além disso, os homens e mulheres da aldeia de Prabaker tinham uma saúde de ferro. Os avós eram rechonchudos sem ser gordos, os pais tinham olhos brilhantes e estavam em boa forma, e as crianças tinham as pernas retas, eram espertas e vivazes.

E havia uma sensação de segurança na aldeia que nenhuma cidade que conheci me transmitiu: a segurança que se revela quando o solo e as gerações que o trabalham se tornam intercambiáveis; quando as identidades dos seres

humanos e da natureza do lugar se tornam uma coisa só. As cidades são centros de mudanças constantes e irreversíveis. O som que define uma cidade é o chacoalhar de cascavel de uma britadeira — o aviso que se ouve quando o réptil dos negócios ataca. Mas a mudança na aldeia é incessante. O que muda na natureza é restaurado pela roda das estações. O que vem da terra sempre retorna. O que floresce morre para poder renascer.

E, depois de estar na aldeia por três meses, Rukhmabai e o povo de Sunder me deram um fragmento daquela segurança: uma parte deles e de suas vidas mudou minha vida para sempre. No dia do início das monções, eu estava nadando no rio com uma dúzia de outros jovens e cerca de vinte crianças. As nuvens escuras, que pintavam o céu em cores sombrias havia semanas, cobriram todo o horizonte e pareciam pressionar o topo das árvores mais altas. O ar, depois de oito meses de seca, trazia um perfume tão extravagante de chuva que estávamos praticamente embriagados de empolgação.

— *Paous alla! S'alla ghurree!* — gritaram as crianças repetidamente, segurando minhas mãos. Elas apontaram as nuvens e me arrastaram para a aldeia. *A chuva está chegando! Vamos para casa!*

Os primeiros pingos de chuva caíram enquanto corríamos. Em questão de segundos, se transformaram em uma chuvarada. Minutos depois, parecia uma cachoeira. Em uma hora, a monção se tornou uma torrente incessante, tão densa que era difícil respirar ao ar livre sem proteger a boca com as mãos para fazer uma pequena caverna de ar.

A princípio, os aldeões dançaram na chuva e fizeram brincadeiras uns com os outros. Alguns pegaram o sabonete e se lavaram naquele chuveiro enviado pelos céus. Muitos foram para o templo local, onde se ajoelharam na chuva para rezar. Outros se ocuparam em fazer consertos nos telhados das casas e nas canaletas de drenagem que cercavam todas as paredes de tijolos de barro.

Com o passar do tempo, todo mundo simplesmente parou para olhar a movimentação, a agitação das cortinas de chuva. As portas de todas as casas estavam cheias de rostos, e cada relâmpago mostrava um quadro paralisado de espanto.

Aquela chuvarada de várias horas foi seguida por um hiato de duração quase igual. O sol brilhou intermitentemente e a água da chuva se evaporou na terra morna. Os primeiros dez dias da estação foram do mesmo jeito, alternando tempestades violentas e hiatos de tranquilidade, como se a monção estivesse testando as fraquezas dos aldeões antes de preparar o assalto final.

Então, quando a grande chuva veio, era como se houvesse um lago cheio de água no ar, e choveu quase sem parar por sete dias e noites. No sétimo dia, eu estava na beira do rio, lavando minhas poucas roupas, quando a torrente implacável despencou. Em certo momento, fui procurar o sabão e percebi que a pedra onde o havia colocado estava submersa. A água, que simplesmente acariciava meus pés descalços, subiu do meu tornozelo para o joelho em segundos. Quando olhei para a caudalosa correnteza rio acima, a água já chegava na altura das minhas coxas e continuava a subir.

Assustado e preocupado, andei dentro da água com minhas roupas molhadas

e comecei a caminhar até a aldeia. No caminho, parei duas vezes para olhar o que acontecia com o rio. As margens íngremes foram rapidamente submersas e a ampla planície inclinada começava a ser tomada pela enchente. O avanço era tão veloz que o caudaloso rio consumia as terras e se arrastava de modo inexorável em direção à aldeia à velocidade de quem caminha lentamente. Alarmado, corri para avisar os aldeões.

— O rio! O rio está subindo! — gritei, em um marata precário.

Ao sentir meu desespero mesmo sem me compreender muito bem, os habitantes se reuniram e então chamaram Prabaker, bombardeando-lhe com perguntas.

— Qual é o problema, Lin? As pessoas estão muito preocupadas com você.

— O rio! Está subindo muito rapidamente. Vai arrasar a aldeia.

Prabaker sorriu.

— Ah, não, Lin. Isso não vai acontecer.

— Estou lhe dizendo! Eu vi. Não estou brincando, Prabu. A porra do rio está transbordando.

Prabaker traduziu minhas palavras para os outros. Todos riram.

— Vocês estão malucos? — gritei exasperado. — Não tem nenhuma graça!

Eles riram ainda mais e me cercaram, procurando acalmar meu medo com tapinhas e carinhos, as vozes risonhas repletas de palavras tranquilizadoras e suspiros. Então, com Prabaker à frente, a multidão de aldeões insistiu até me arrastar na direção do rio.

O rio, a apenas algumas centenas de metros de distância, era cenário de um dilúvio: uma enorme massa de água lamacenta que rasgava o vale em ondas e ferozes redemoinhos. A chuva redobrou de intensidade enquanto ficamos ali com as roupas tão encharcadas quanto o solo. E o volume das águas continuava a aumentar, a engolir mais terra a cada pancada do coração.

— Você está vendo aquelas varetas, Lin? — disse Prabaker, em sua mais irritante tentativa de adotar um tom tranquilizador. — Aquelas varetas são para o jogo da enchente. Você lembra quando as pessoas as puseram no chão? Satish e Pandey, Narayan e Bharat... Você lembra?

Eu me lembrava. Dias antes acontecera uma espécie de sorteio. Os nomes de cento e vinte pessoas — todos os homens da aldeia — foram escritos em pedacinhos de papel e misturados em uma moringa de barro vazia, chamada de *matka*. Os homens fizeram fila para tirar os números e, em seguida, uma nova série com os mesmos números foi embaralhada no vaso. Coube a uma garotinha a honra de tirar os seis números vencedores. A aldeia inteira acompanhou a cerimônia e aplaudiu alegremente os ganhadores.

Os seis sorteados tinham conquistado a oportunidade de martelar na terra uma vareta de madeira com pouco mais de um metro de comprimento. Além deles, os três homens mais idosos da aldeia tinham o direito de cravar suas varetas sem precisar participar do sorteio. Eles indicaram devidamente a posição e, delicadamente, homens mais jovens fincaram as varetas no lugar marcado. Quando as nove estavam posicionadas, bandeirolas com os nomes foram amarradas a cada uma, e as pessoas voltaram para casa.

Observei o evento de um lugar sombreado sob a copa de uma árvore. Na

época, eu estava trabalhando em meu pequeno dicionário da língua marata, baseado na fonética das palavras que eu ouvia todos os dias na aldeia. Dediquei pouca atenção à cerimônia e nem me dei o trabalho de perguntar qual era o seu propósito.

Enquanto permanecíamos sob aquela chuva estonteante e cruel, observando o sorrateiro avanço do rio, Prabaker explicou que as varetas de madeira eram parte do jogo da enchente, que acontecia todos os anos. Os homens mais velhos da aldeia e os seis sorteados tinham a oportunidade de prever até que ponto o rio subiria. Cada vareta com a bandeirinha de seda amarela representava seus palpites.

— Está vendo aquela bandeirinha? — perguntou Prabaker, mostrando a que estava mais distante do lugar onde nos encontrávamos. — Aquela ali praticamente já era. O rio vai alcançá-la e cobri-la hoje à noite, ou no máximo amanhã.

Ele traduziu suas palavras para a multidão, e todos empurraram para a frente um pastor robusto chamado Satish. A vareta quase submersa era dele, que aceitou com risos tímidos e olhos baixos as brincadeiras bem-humoradas dos amigos e a zombaria dos idosos.

— E esta aqui — prosseguiu Prabaker, apontando a vareta que estava mais perto de nós —, esta o rio nunca vai tocar. O rio nunca passa deste lugar. O velho Deepakbhai escolheu para si este lugar, para colocar sua vareta. Ele acha que a monção deste ano vai ser muito forte.

Os aldeões haviam perdido o interesse e já se dispersavam e voltavam para a aldeia. Eu e Prabaker ficamos a sós.

— Mas... Como você sabe que o rio não vai chegar a este ponto?

— Estamos aqui há muito tempo, Lin. A aldeia de Sunder está neste local há dois mil anos. A aldeia seguinte, Natinkerra, é ainda mais antiga, tem uns três mil anos. Em outros lugares — que não ficam próximos daqui —, as pessoas têm experiências ruins com as enchentes na época das monções. Mas aqui não. Não em Sunder. Nosso rio nunca avança tanto. Este ano eu não acho que ele virá até aqui, embora o velho Deepakbhai ache isso. Todo mundo sabe onde o rio vai parar, Lin.

Ele levantou os olhos para mirar as nuvens que descarregavam água sobre nós.

— Mas normalmente nós esperamos que a chuva pare, antes de sair de casa para olhar as varetas do jogo da enchente. Se você não se importa, Lin, estou ensoado e vou ter de espremer toda a água dos meus ossos antes de entrar em casa.

Olhei para a frente. Ele voltou a mirar o negreume das nuvens mais uma vez e fez uma pergunta.

— No seu país, Lin, vocês não sabem onde o rio vai parar?

Não respondi. Algum tempo depois, ele esticou o braço, me deu tapinhas nas costas, e então fomos embora. Sozinho, o observei, por mais algum tempo, o mundo encharcado pela chuva, e finalmente levantei o rosto para o céu que desabava sobre nós.

Estava pensando sobre outro tipo de rio, aquele que passa dentro de cada um

de nós, não importa de onde venhamos, de qualquer lugar do mundo. É o rio do coração e dos desejos do coração. É a verdade pura e essencial daquilo que cada um de nós é e pode obter. Fui um lutador a vida inteira. Eu estava pronto, pronto demais, para lutar pelo que eu amava e enfrentar o que deplorava. No final das contas, incorporei a feição daquela luta, e minha verdadeira natureza ficou oculta por trás de uma máscara de ameaças e hostilidade. A mensagem de meu rosto e dos movimentos de meu corpo era a mesma de muitos outros homens endurecidos: *Não se meta comigo*. No fim, passei a exprimir esse sentimento com tanta sinceridade que toda a minha vida tornou-se aquela mensagem.

Aquilo não funcionava na aldeia. Ninguém podia decifrar minha linguagem corporal. Não conheciam outros estrangeiros, não tinham referências. Quando estava amargurado, ou mesmo carrancudo, eles riam e me davam tapinhas encorajadores nas costas. Tomavam-me por um homem de paz, sem levar em consideração a minha cara. Eu era um brincalhão, alguém que dava duro, bancava o bobo para as crianças, cantava com elas, dançava com elas e ria de coração aberto.

E acho que ria assim naquele momento. Eu tinha recebido a chance de me reinventar, de seguir o rio interior e me tornar o homem que sempre quis ser. No próprio dia em que descobri o jogo das varetas da enchente, menos de três horas antes de ficar sozinho na chuva, a mãe de Prabaker me contou que tinha convocado uma reunião das mulheres da aldeia: ela decidira me dar um novo nome, um nome de Maharashtra, como o seu. Por estar na casa de Prabaker, resolveram que eu deveria assumir o sobrenome Kharre. Pelo fato de Kishan ser o pai de Prabaker e meu pai adotivo, a tradição decretava que eu deveria assumir seu nome como nome do meio. E, por julgarem que minha natureza fora abençoada com uma felicidade pacífica, Rukhmabai concluiu, as mulheres haviam concordado com sua proposta para meu primeiro nome. Era *Shantaram*, que quer dizer *homem de paz* ou *homem da paz de Deus*.

Eles fincaram varetas na terra da minha vida, aqueles agricultores. Sabiam dizer em que lugar, dentro de mim, o rio parava, e o marcaram com um novo nome. Shantaram Kishan Kharre. Não sei se encontraram o nome no coração do homem que acreditavam que eu era, ou se o plantaram ali, como a promessa de uma árvore, para crescer e florescer. Seja como for, se encontraram aquela paz ou a inventaram, a verdade é que o homem que sou nasceu naqueles momentos, enquanto eu estava perto das varetas de enchente com o rosto erguido para receber o batismo da chuva. Shantaram. O homem melhor que, lentamente e tarde demais, comecei a ser.

## CAPÍTULO SETE

— É UMA BELA PROSTITUTA — argumentou Prabaker. — Ela é muito gorda, e nos lugares certos e mais importantes. Você pode encher a mão de carne em qualquer lugar que quiser. Vai ficar tão excitado que vai passar mal!

— A proposta é tentadora, Prabu — respondi, tentando não rir. — Mas realmente não estou interessado. Deixamos a aldeia ontem e acho que minha cabeça ainda está por lá. Não estou... no clima.

— Clima não é problema, *baba*. Basta você dançar um pouco, que entra no clima rapidinho.

— Talvez você tenha razão, mesmo assim fica para outra ocasião.

— Mas ela é tão experiente — choramingou ele. — Aqueles sujeitos me disseram que ela vendeu o corpo *muitas* vezes, para muitas centenas de clientes só *neste* hotel. Eu a vi. Olhei dentro de seus olhos e sei que é uma grande especialista no negócio do sexo.

— Não quero uma prostituta, Prabu. Por mais experiente que seja.

— Mas você precisa pelo menos *olhá-la*. Vai ficar louco por ela.

— Sinto muito, Prabu.

— Mas eu disse a eles... Que você ia dar uma olhada nela. Só *olhar*. Não há mal em olhar, Linbaba.

— Não.

— Mas... Não vão me devolver o depósito em dinheiro se você não for lá e *olhá-la* um pouquinho.

— Você pagou adiantado?

— Sim, Lin.

— Você pagou adiantado para que eu fizesse sexo com uma mulher neste hotel?

— Sim, Lin — suspirou ele, erguendo os braços e deixando que despençassem em um gesto desesperado. — Você passou seis meses na aldeia. Seis meses sem sexo. Fiquei pensando que você devia estar sentindo uma necessidade enorme. E agora não vou receber meu dinheiro de volta, se você não der pelo menos uma olhadinha nela.

— Tudo bem — suspirei, repetindo seu gesto de desamparo —, vamos lá dar uma olhada, só para tirar você da encrenca.

Bati a porta do quarto de hotel e a tranquei. Partimos juntos pelo amplo corredor. O hotel Apsara, em Aurangabad, ao norte de Bombaim, tinha mais de cem anos e foi construído para funcionar em uma época de mais esplendor. Os quartos amplos, com pé-direito alto, tinham sacadas que davam para a rua movimentada e eram decorados com cornijas elaboradas e rosetas no teto. Mas a mobília era surrada e disposta de modo desleixado, e o carpete dos corredores estava tão gasto que buracos desgrehados se abriam em muitos lugares. A pintura descascava, as paredes eram marcadas pela sujeira, e os quartos eram

baratos. O lugar perfeito, segundo Prabaker, para passar uma noite feliz no caminho de volta para Bombaim.

Paramos diante de uma porta do outro lado de nosso andar, dentro do prédio. Prabaker tremia de empolgação. Seus olhos estavam assustadoramente arregalados.

Eu bati. A porta se abriu quase de imediato. Uma mulher com mais de cinquenta anos estava parada na porta. Usava um sári vermelho e amarelo e nos olhava com cara de poucos amigos. Atrás dela, no quarto, estavam vários homens. Usavam *dhotis* e gorros brancos como os agricultores da aldeia de Prabaker e sentavam no chão para saborear uma refeição consistente de *dhal*, arroz e *roti*.

A mulher deu um passo no corredor e fechou a porta atrás de si. Olhou fixamente para Prabaker. Ele batia na altura dos ombros da mulher, e lhe devolveu o olhar sinistro com a intensidade de um escudeiro menos importante do valentão da escola.

— Você está vendo, Lin? — resmungou ele, sem tirar os olhos da mulher. — Está vendo o que eu lhe disse?

O que eu via era um rosto largo e sem graça, com um nariz bulboso, lábios tão finos e distorcidos pelo desprezo que faziam sua boca parecer uma concha que alguém havia cutucado com um graveto. A maquiagem no rosto e no pescoço era tão pesada que lembrava a de uma gueixa e acrescentava a seu ar carrancudo uma intensidade maldosa.

Prabaker falou com a mulher em marata.

— Mostre a ele!

Ela afastou para o lado o xale que cobria o sári para revelar uma barriga rechonchuda. Beliscou uma generosa quantidade de carne com seus dedos gorduchos e apertou, olhando para mim com uma sobrancelha erguida, à espera de elogios.

Prabaker gemeu baixinho, os olhos arregalados.

Ainda de cara feia, a mulher olhou teatralmente para um lado e para o outro do corredor antes de levantar a blusa alguns centímetros e mostrar um seio murcho e caído. Ela segurou o seio com as mãos e o balançou, olhando para mim, erguendo as sobrancelhas várias vezes com uma expressão desconcertantemente impenetrável. Meu palpito, arriscado na mais absoluta ignorância, é de que se tratava de um desdém irônico e ameaçador.

Os olhos de Prabaker se arregalaram mais ainda e ele começou a respirar pela boca ruidosamente.

A mulher cobriu o seio e então jogou a comprida trança de cabelos negros por cima do ombro, com um trejeito. Pegou a trança com as duas mãos e começou a espremê-la para baixo com os dedos, até a ponta, como se fosse um tubo de pasta de dentes. Uma gota grossa de óleo de coco se formou em seus dedos e respingou no carpete gasto.

— Sabe de uma coisa, Lin? — balbuciou Prabaker embasbacado, com voracidade e quase assustado, enquanto contemplava as gotas de óleo. Começou a bater suavemente com o pé direito no carpete. — Se você não quer pagar para

fazer amor com essa mulher... Se... se você não quer mesmo... Bem... eu podia usar o adiantamento comigo mesmo...

— Então vejo você no quarto, Prabu — respondi, sorrindo educadamente para a mulher. Fiz uma pequena saudação para ela e voltei para o quarto levando seu olhar de desdém comigo.

Pensei em usar o tempo disponível para atualizar meu dicionário de marata. Já continha umas seiscentas palavras de uso diário. Eu havia anotado em pedaços de papel, enquanto as pessoas da aldeia me forneciam palavras e frases, antes de transferi-las para um caderno mais grosso para futuras consultas. As anotações mais recentes estavam espalhadas em uma pequena escrivadinha, e eu mal tinha começado a passá-las para o caderno, quando a porta se abriu e Prabaker entrou cambaleante. Passou por mim sem falar e se jogou de costas na cama. Não haviam decorrido mais de nove minutos desde que eu o deixara na porta da prostituta.

— Puxa, Lin! — gemeu ele, feliz, sorrindo para o teto. — Eu sabia. Eu sabia que ela era uma mulher muito experiente.

Encarei-o completamente perplexo.

— Ah, sim! — exultou, sentando-se e deixando que as perninhas balançassem na cama. — Ela valeu o dinheiro. E eu lhe dei sexo muito, muito bom. E agora! Vamos sair! Vamos comer e beber e farrear!

— Se você acha que ainda aguenta — resmunguei.

— Ah, não precisa aguentar nesse lugar, *baba*. O lugar para onde vou levá-lo é tão bom que a gente pode até sentar enquanto bebe.

Como havia prometido, Prabaker nos levou a um barraco que ficava a uma hora de caminhada depois do ponto final do ônibus, nos confins da cidade. Depois de pagar uma rodada de bebidas, nos insinuamos entre a turma de bebedores empoeirados e determinados que ocupavam o único e estreito banco de pedra do bar. O lugar era o que os australianos chamam de *sly grog shop*: um bar clandestino onde os homens podem tomar bebidas fortes a preço de mercado negro.

Os homens que estavam no bar eram trabalhadores, agricultores e os marginais de sempre. Todos tinham caras emburradas e atormentadas. Falavam pouco ou nada. Faziam caretas intensas que desfiguravam suas feições quando entornavam as bebidas caseiras de gosto horrendo e acompanhavam cada copo com uma variedade de grunhidos, rosnados e gorgolejos. Quando nos juntamos a eles, Prabaker e eu engolimos as bebidas de uma só vez, tapando o nariz com a mão e despejando o líquido venenoso e enjoativo goela abaixo. Foi preciso uma determinação feroz para manter aquela coisa dentro da barriga. E quando estávamos recuperados o bastante, não relutamos em partir para a próxima rodada peçonhenta.

Era uma birosca sombria e desagradável. A tensão aparecia em cada rosto. Alguns achavam a barra pesada demais e davam o fora, decepcionados. Outros vacilavam, mas eram pressionados pelos incentivos angustiados dos companheiros de infortúnio. Prabaker se demorou longamente no quinto copo daquele fluido volátil. Achei que estava a ponto de admitir a derrota, mas por fim

ele respirou fundo e engoliu tudo até esvaziar o copo. Então, um homem jogou o copo para o lado, levantou-se, foi até o centro do sórdido salãozinho. Ele começou a cantar com uma voz desafinada e trovejante. O fato de todos nós termos demonstrado ruidosamente nossa aprovação acalorada e peremptória indicava que todos sabíamos que estávamos bêbados.

Cada um de nós cantou suas canções. Uma lacrimajante apresentação do hino nacional indiano foi seguida por cânticos religiosos. Canções de amor em hindí tilintavam ao lado de comoventes gazais. Os dois garçons corpulentos perceberam o novo estágio da bebedeira e abandonaram as bandejas e os copos por algum tempo. Assumiram posição, sentando-se nas banquetas localizadas nas laterais da porta de entrada. Sorriam muito, meneavam a cabeça e embalavam carinhosamente longos e espessos bastões de madeira nos braços robustos. Todos nós batíamos palmas e aplaudíamos todas as canções. Quando chegou a minha vez, cantei — não sei por quê — a velha canção do Kinks, *You really got me*:

*Girl, you really got me goin'  
You got me so I can't sleep at night...*

Eu estava bêbado o bastante para ensinar a letra a Prabaker, e ele bêbado o bastante para aprender o refrão.

*Oh, yes, by God, you are a girl!  
And you really, really got me, isn't it going?*

Ainda estávamos cantando no trecho escuro e deserto da estrada que conduzia de volta à cidade. Ainda estávamos cantando quando um Embaixador branco passou lentamente por nós e deu meia-volta. E ainda estávamos cantando quando o carro voltou a passar por nós e virou para bloquear nossa passagem no acostamento da estrada. Quatro homens saíram do carro. Um ficou ao volante. O mais alto deles agarrou minha camisa e rosnou ordens para mim em marata.

— O que é isso? — respondi em marata numa pronúncia indistinta.

Outro sujeito veio da lateral e me atingiu com um curto golpe de direita, que fez minha cabeça ir para trás com um estalo. Mais dois socos rápidos esmagaram minha boca e meu nariz. Cambaleei para trás e senti uma das pernas ceder. Ao cair, vi Prabaker se lançar sobre os quatro homens com os braços abertos, tentando impedi-los de me atacar novamente. Levantei e reuni energia suficiente para me lançar ao ataque. O gancho de esquerda e a cotovelada alta de direita, os melhores golpes em qualquer briga de rua, foram perfeitos e entraram com força. A meu lado, Prabaker caiu uma vez, voltou a ficar de pé e recebeu em cheio um soco que o fez cair no chão atordoado. Tentei ficar perto dele e protegê-lo com as pernas, mas tropecei e caí desajeitadamente. Choveram socos e chutes. Tentei me proteger, ouvindo uma vozinha dentro da minha cabeça que dizia: *Já passei por isso... Já passei por isso...*

Os homens me mantiveram no chão enquanto um deles inspecionava meus bolsos com rigor decorrente de muita prática. Bêbado e machucado, eu mal tinha

noção dos vultos escuros que me rodeavam. Então ouvi outra voz, a voz de Prabaker, e compreendi algumas das palavras de seu apelo e das ofensas desafiadoras que fazia a eles. Ele repreendeu os homens por estarem envergonhando seu país e seu povo ao roubar e espancar um estrangeiro, um visitante que não lhes havia feito nenhum mal. Era um discurso feroz em que ele os chamava de covardes e invocava Mahatma Gandhi, Buda, o deus Krishna, madre Teresa de Calcutá e Amitabh Bachchan, estrela de Bollywood, na mesma frase. Funcionou. O líder do grupo se agachou perto de mim. Em meu torpor alcoólico, tentei me levantar para voltar a lutar, mas os outros me jogaram no chão e me imobilizaram. *Já passei por isso... Já passei por isso...*

O homem se debruçou para olhar meus olhos. O rosto dele era embrutecido, impassível, muito parecido com o meu. Ele abriu minha camisa rasgada e jogou alguma coisa lá dentro. Eram meu passaporte e meu relógio de pulso.

Eles se levantaram, fizeram uma última careta de ódio incompreensível para Prabaker e entraram no carro. As portas bateram enquanto o veículo se afastava velozmente, lançando pedrinhas e poeira sobre nós.

Prabaker ficou inconsolável depois que se assegurou de que eu não tinha ficado muito ferido, e encontrou tempo para choramingar e ganir. Ele se culpava, em altos brados e a toda hora, por ter nos levado àquele bar longínquo e por ter permitido que bebêssemos tanto. Disse com total sinceridade que gostaria de ficar com os ferimentos de meu corpo, se fosse possível. O orgulho de ser o melhor guia de Bombaim estava em frangalhos. E seu imenso e incondicional amor ao seu país, *Bharat Mataji, Mãe Índia*, sofreu golpes mais duros do que qualquer corpo teria capacidade de suportar.

— Só há uma coisa boa a se fazer, Lin — concluiu ele, enquanto eu lavava o rosto na pia do enorme banheiro revestido de azulejos brancos, no hotel. — Quando voltarmos a Bombaim, você precisa mandar um telegrama para sua família e seus amigos pedindo dinheiro, e deve ir à embaixada da Nova Zelândia para pedir uma ajuda de emergência.

Sequei o rosto e me debrucei sobre a pia para olhar o espelho. Os ferimentos não eram graves. Começava a ficar com um olho preto. Meu nariz estava inchando, mas não tinha quebrado. Os lábios estavam cortados e inchados e havia mais alguns arranhões no rosto e no queixo, onde os chutes arrancaram a pele. Podia ter sido muito pior, e eu sabia disso. Tinha crescido em um bairro violento, onde gangues das classes trabalhadoras se enfrentavam e costumavam ser impiedosas com tipos solitários como eu, que se recusavam a entrar para uma ou outra. E depois houve a prisão. Nenhuma surra que levei foi tão selvagem quanto as aplicadas por homens uniformizados, pagos para manter a ordem, os guardas da prisão. Era disso que a voz, a minha própria voz, havia se recordado... *Já passei por isso...* Era esta a lembrança: ser agarrado por três ou quatro guardas, na ala de disciplina, enquanto dois ou três usavam os punhos, os cassetetes e as botas. É sempre pior levar uma surra deles, evidentemente, porque se presume que sejam os mocinhos. A gente compreende e aceita quando bandidos nos derrubam. Mas quando mocinhos usam algemas para prender alguém a uma parede e então se revezam para pisar e chutar essa pessoa, é o sistema inteiro, é

o mundo inteiro que está partindo seus ossos. E também havia os gritos. Os gritos dos outros homens, de outros prisioneiros. Todas as noites.

Olhei para meus olhos no espelho e pensei na sugestão de Prabaker. Era impossível entrar em contato com a embaixada da Nova Zelândia — ou com qualquer embaixada. Eu não podia entrar em contato com familiares nem com amigos, pois a polícia devia estar vigiando, à espera de um contato. Não havia ninguém. Nenhuma ajuda. Nenhum dinheiro. Os ladrões tinham levado até os últimos centavos que eu tinha no mundo. Não deixei de perceber a ironia de tudo: o ladrão à mão armada, foragido, tinha sido roubado, destituído de tudo o que possuía. O que Karla havia dito antes de eu partir para a aldeia? *Não tome bebidas alcoólicas na viagem...*

— Não há dinheiro na Nova Zelândia, Prabu — disse a ele enquanto caminhávamos de volta para o quarto de hotel. — Não tenho família para ajudar, nem amigos, nem posso procurar a ajuda da embaixada.

— Nenhum dinheiro?

— Nada.

— E você não pode conseguir mais? De lugar nenhum?

— Não — respondi, arrumando meus poucos pertences na mochila.

— É uma situação muito séria, Lin, se você não se importa que eu diga assim na sua cara inchada e arranhada.

— Eu sei. Você acha que a gente consegue vender o relógio para o gerente do hotel?

— Consegue, Lin, tenho certeza. É um relógio muito bom. Mas não acho que ele vai nos pagar um preço muito justo. Na hora de fazer negócios, o indiano esquece a religião e pechinha tudo o que pode.

— Não importa — respondi, fechando a mochila. — Desde que seja suficiente para pagar a conta e pegar aquele trem noturno de que você falava, de volta para Bombaim. Vamos lá, arrume suas coisas e vamos embora.

— É muita, muita, muita encrenca — disse ele enquanto fechávamos a porta do quarto pela última vez e percorríamos o corredor. — Não tem a menor graça ficar sem dinheiro na Índia, Lin, estou dizendo.

A cara de preocupação que comprimia seus lábios e consumia suas feições permaneceu conosco durante todo o caminho de volta a Bombaim. A venda do relógio cobriu a conta do hotel em Aurangabad e deixou o suficiente para dois ou três dias na Pensão da Índia, em Bombaim. Com as tralhas guardadas em meu quarto favorito, levei Prabaker de volta ao pequeno saguão da entrada, enquanto tentava em vão reviver o pequeno milagre do seu sorriso maravilhoso.

— Você vai deixar todos esses assuntos desagradáveis por minha conta — disse ele, sincero e solene. — Vai ver, Lin. Vou resolver tudo da melhor maneira possível.

Eu o vi descer as escadas e então ouvi o gerente, Anand, se dirigir a mim amistosamente em marata.

Virei-me e começamos a conversar. Os seis meses passados na aldeia me forneceram as expressões simples das conversas, perguntas e frases do cotidiano. Fora um avanço modesto, mas obviamente tinha agradado muito Anand e o surpreendera. Depois de alguns minutos de conversa, ele chamou os outros

gerentes e os camareiros para me ouvir falar a sua língua. Todos reagiram com o mesmo ar de surpresa e satisfação. Conheciam estrangeiros que falavam um pouquinho de hindí ou até falavam a língua bem. Mas nenhum deles havia encontrado um estrangeiro que conseguisse manter uma conversa com eles na sua querida língua marata.

Eles me fizeram perguntas sobre a aldeia de Sunder — nunca tinham ouvido falar nela — e conversamos sobre a vida cotidiana que eles conheciam muito bem de suas próprias aldeias, que tendiam a idealizar nas memórias. Quando a conversa acabou, voltei ao quarto, e mal havia fechado a porta quando escutei uma batida vacilante.

— Com licença, por favor. Lamento incomodar. — O dono da voz era um estrangeiro alto e magro, alemão ou suíço talvez, com uma barba rala na ponta de seu rosto comprido e o cabelo claro puxado para trás em uma grossa trança. — Ouvi você falando com o gerente e os camareiros há pouco e... Bem, você com certeza está aqui na Índia há muito tempo... e... *Na ja*, nós acabamos de chegar, eu e minha namorada, e queremos comprar haxixe. Você... Você talvez possa nos dizer onde podemos arranjar haxixe sem que tentem nos enganar e sem ter problemas com a polícia?

Eu sabia, é claro. Antes do fim da noite, também os ajudei a trocar dinheiro no mercado negro sem serem enganados. O alemão barbado e a namorada ficaram felizes com a negociação e me deram uma comissão. Os cambistas, amigos e contatos de Prabaker na rua, ficaram felizes com os novos clientes e também me deram uma comissão. Eu sabia que haveria outros estrangeiros em cada rua de Colaba que precisariam de ajuda para se dar bem. Aquela conversa casual em marata com Anand e os camareiros do hotel, entreouvida pelo casal alemão, me proporcionara uma forma de sobreviver na cidade.

Um problema mais premente, porém, era meu visto de turista. Quando Anand me registrou no hotel, ele me avisara que o visto estava vencido. Todos os hotéis de Bombaim precisavam fornecer um registro dos hóspedes estrangeiros com um visto válido para cada nome estrangeiro e o número do passaporte. O registro era conhecido como Formulário C, e a polícia vigiava sua aplicação. Permanecer na Índia com visto vencido era considerado uma infração séria. As sentenças de até dois anos de prisão às vezes eram aplicadas, e a polícia cobrava penas das multas dos hotéis que permitiam irregularidades com o Formulário C.

Anand havia me explicado tudo, com ar preocupado, antes de adulterar os números do registro e fazer minha ficha. Ele gostava de mim. Era de Maharashtra e eu era o primeiro estrangeiro que conhecia que falava sua língua. Não se importou em violar as regras para mim, por uma vez, mas me aconselhou a ir imediatamente ao Serviço de Registro de Estrangeiros, na sede da polícia, para prorrogar meu visto.

Sentei-me no quarto e avaliei as opções. Não eram muitas. Eu tinha pouquíssimo dinheiro. Sim, por acaso eu havia descoberto uma forma de ganhar dinheiro como intermediário, agenciando transações entre estrangeiros e os cambistas. Porém, não sabia ao certo se aquilo me daria dinheiro suficiente para viver em hotéis e comer em restaurantes. Com certeza não pagaria um voo para fora da Índia. Além do mais, meu visto já estava vencido e, tecnicamente, minha

situação no país era irregular. Anand me assegurou que os tiras considerariam a expiração do visto um desleixo meu e o prorrogariam sem muitas perguntas, mas eu não podia contar com isso e arriscar minha liberdade. Eu não podia ir ao Serviço de Registro de Estrangeiros. Portanto, não podia alterar a situação do meu visto, nem ficar em um hotel de Bombaim sem um visto válido. Eu estava preso entre o rochedo dos regulamentos e o mar agitado da vida de foragido.

Deitei-me na cama, no escuro, ouvindo os sons da rua que atravessavam minha janela aberta: o *paanwall*, chamando clientes para experimentar as delícias de seus petiscos aromáticos; o vendedor de melancias, penetrando o calor e a umidade da noite com seu grito plangente; o artista de rua, berrando durante seus movimentos suados executados para um grupo de turistas, e música, sempre música. Será que alguém gostava mais de música do que os indianos?

Pensamentos sobre a aldeia, pensamentos que eu evitara e aos quais resistira até a música começar, dançaram na minha cabeça. No dia em que Prabaker e eu deixáramos a aldeia, as pessoas haviam me convidado para morar com elas. Ofereceram-me uma casa e um emprego. Nos últimos três meses da minha estada, eu ajudara o professor da escola local com aulas especiais de conversação em inglês. Ensinei-lhe pronúncias claras das palavras, ajudando-o a corrigir o sotaque carregado que vinha ensinando às crianças. O professor e o conselho da aldeia insistiram que eu ficasse. Havia um lugar para mim — um lugar e uma missão.

Mas não era possível voltar para a aldeia Sunder. Não naquele momento. Um homem pode abrir caminho em uma cidade com o coração e a alma esmigalhados dentro de um punho cerrado. Mas para viver em uma aldeia ele precisa revelar o coração e a alma nos olhos. Eu carregava crime e castigo comigo, em cada hora de minha vida. O mesmo destino que me ajudou a escapar da cadeia havia cravado suas garras sobre o meu futuro. Mais cedo ou mais tarde, se olhassem bem, por bastante tempo, as pessoas veriam as garras dentro de meus olhos. Mais cedo ou mais tarde perceberiam. Eu havia passado por um homem livre, pacífico, e por algum tempo havia conhecido a verdadeira felicidade na aldeia, mas minha alma não estava limpa. O que eu faria para evitar minha recaptura? O que eu não faria? Seria capaz de matar para fugir da prisão?

Eu sabia as respostas para aquelas perguntas e sabia que minha presença em Sunder conspurcava a aldeia. Sabia que cada sorriso que eu ganhava era roubado. A vida de foragido põe uma mentira no eco de cada risada, e pelo menos um pouquinho de pilhagem em cada ato de amor.

Houve uma batida na porta. Avisei que estava aberta. Anand entrou no quarto e anunciou com desgosto que Prabaker tinha vindo me ver, com dois amigos. Dei um tapinha nas costas de Anand, sorrindo por sua preocupação comigo, e caminhamos para o saguão do hotel.

— Ah, Lin! — festejou Prabaker quando nossos olhares se encontraram. — Tenho notícias muito boas para você. Aqui está meu amigo Johnny Cigar. Ele é um amigo muito importante na *zhopadpatti*, a favela onde moramos. E aqui está Raju. Ele ajuda o senhor Qasim Ali Hussein, que é o dono da favela.

Apertei a mão dos dois homens. Johnny Cigar tinha praticamente a minha altura e o meu corpo, o que o tornava maior e mais forte do que o indiano médio. Imaginei que ele tivesse uns trinta anos. O rosto comprido era franco e alerta. Os olhos cor de areia estavam fixos em mim, com um olhar firme e confiante. O bigode fino era aparado de maneira a formar uma linha precisa sobre a boca expressiva e o queixo determinado. O outro homem, Raju, era só um pouco mais alto que Prabaker, e ainda mais franzino. Seu rosto delicado estava marcado por uma tristeza que convidava à compaixão. Era o tipo de tristeza que é companheira, com muita frequência, de uma honestidade escrupulosa, sem concessões. Sobrancelhas espessas sombreavam seus olhos escuros e inteligentes. Eles me encaravam, aqueles olhos sábios e atenciosos, de um rosto cansado e abatido que parecia bem mais velho do que os trinta e cinco anos que supus que ele tivesse. Gostei dos dois na mesma hora.

Conversamos por algum tempo. Meus novos conhecidos faziam perguntas sobre a aldeia de Prabaker e sobre minhas impressões da vida no lugar. Perguntaram-me também sobre a cidade, desejando saber quais eram meus lugares preferidos de Bombaim e o que eu mais gostava de fazer. Quando a conversa parecia ter engrenado, convidei-os a me acompanhar a um dos restaurantes das imediações, para tomarmos *chai*.

— Não, não, Lin — Prabaker recusou, sacudindo a cabeça. — Precisamos ir embora agora. Só queria que você conhecesse o Johnny e o Raju e que eles conhecessem sua ilustríssima pessoa também. Acho que Johnny Cigar tem algumas coisas para lhe dizer, não é?

Ele olhou para Johnny, com os olhos e a boca bem abertos, as mãos erguidas em expectativa. Johnny o olhou com cara feia, mas a careta logo se transformou em um grande sorriso e ele voltou a atenção para mim.

— Tomamos uma decisão por você — declarou Johnny Cigar. — Você vai morar conosco. Você é um grande amigo de Prabaker. Há lugar para você.

— Sim, Lin! — acrescentou Prabaker rapidamente. — Uma família vai partir amanhã. E depois de amanhã a casa será sua.

— Mas... mas... — gaguejei, lisonjeado pela generosidade do gesto, mas ao mesmo tempo horrorizado com a ideia de viver na favela. Lembrava-me muito bem da minha visita à favela de Prabaker. O cheiro dos esgotos a céu aberto, a pobreza dolorosa, o ajuntamento e o movimento das pessoas, milhares e milhares de pessoas — era uma espécie de inferno, na minha memória, uma nova metáfora para o pior, ou para quase o pior, que podia acontecer.

— Nenhum problema, Lin — gargalhou Prabaker. — Você vai ficar muito feliz conosco, vai ver. E, sabe, você parece um sujeito diferente agora, é verdade, mas depois de alguns meses conosco, vai ficar exatamente igual a todo mundo. As pessoas vão pensar que você mora na favela há anos e anos e anos. Vai ver.

— É um lugar para você — disse Raju, esticando o braço lentamente para tocar no meu. — Um lugar seguro, até você conseguir economizar dinheiro. Nosso hotel é de graça.

Os outros riram com aquilo e eu os acompanhei, inspirado pelo seu otimismo

e entusiasmo. A favela era imunda e mais populosa do que se podia imaginar, mas era gratuita e não havia Formulários C para os moradores. Eu ganharia tempo para pensar e planejar.

— Eu... puxa... obrigado, Prabu. Obrigado, Johnny. Obrigado, Raju. Eu aceito o convite. Estou muito grato. Muito obrigado.

— Sem problemas — retrucou Johnny Cigar, sacudindo minha mão e me dirigindo um olhar penetrante e determinado.

Eu não sabia então que Johnny e Raju haviam sido enviados pelo dono da favela, Qasim Ali Hussein, para me avaliar. Na minha ignorância e egocentrismo, ficara horrorizado ao pensar nas terríveis condições da favela, e aceitara a oferta com relutância. Não sabia que os barracos eram muito procurados e que havia uma longa lista de famílias esperando uma vaga. Eu não podia saber, então, que, ao me oferecerem uma vaga, outra família perdia a vez. Como último passo para tomar a decisão, Qasim Ali Hussein havia enviado Raju e Johnny ao meu hotel. A tarefa de Raju era determinar se eu poderia morar com eles. A tarefa de Johnny era ter certeza de que *eles* poderiam viver *comigo*. Tudo que eu sabia, na noite de nosso primeiro encontro, era que o aperto de mãos de Johnny era honesto o suficiente para servir de base a uma amizade e que o sorriso triste de Raju me oferecia mais aceitação e confiança do que eu merecia.

— Muito bem, Lin — sorriu Prabaker. — Depois de amanhã, vamos pegar todas as suas coisas e a sua pessoa também, no final da tarde.

— Obrigado, Prabu. Tudo bem. Mas espere aí! Depois de amanhã... mas será que não vai atrapalhar nosso compromisso?

— Compromisso? Que compromisso, Linbaba?

— Os... os... Babas de Pé — respondi, sem graça.

Os Babas de Pé, lendário abrigo de monges loucos e inspirados, comandavam um salão de haxixe em Byculla, na periferia. Prabaker havia me levado lá durante a excursão pelo lado sombrio da cidade, meses antes. Na volta para Bombaim, depois da temporada na aldeia, eu o fiz prometer voltar lá comigo, na companhia de Karla. Sabia que ela nunca tinha estado naquele lugar e que era fascinada pelas histórias que ouvira. Tocár no assunto diante daquela oferta hospitalar parecia indelicado de minha parte, mas eu não queria perder a oportunidade de impressionar Karla com a visita.

— Ah, sim, Lin, tudo bem. Primeiro a gente leva a senhorita Karla para conhecer os Babas de Pé e depois vem pegar suas coisas. Passo aqui depois de amanhã, às três da tarde. Estou muito feliz porque você vai morar na nossa comunidade, Lin! Muito feliz!

Ele saiu do saguão e desceu as escadas. Observei-o enquanto se misturava às luzes e ao trânsito que movimentava a rua barulhenta, três andares abaixo. As preocupações desapareciam e voltavam. Eu tinha uma forma de ganhar um dinheirinho. Tinha um lugar seguro para ficar. E então, como se aquela segurança me desse permissão para isso, meus pensamentos mudaram de direção e seguiram a espiral das ruas e dos becos que conduziam a Karla. Peguei-me pensando em seu apartamento, nas janelas que davam para o térreo, aquelas portas duplas altas que se abriam para a rua coberta de pedras, a menos de cinco minutos do hotel. Mas as portas que enxerguei na minha cabeça

permaneciam fechadas. E, enquanto tentava e não conseguia formar a imagem do seu rosto, de seus olhos, subitamente percebi que, se me tornasse um morador da favela, se eu vivesse naqueles terrenos sórdidos e conturbados, talvez eu a perdesse. Provavelmente a perderia. Sabia que se descesse tanto, da forma como via aquilo, minha vergonha me impediria de me aproximar dela de modo tão absoluto e impiedoso quanto as paredes de uma prisão.

Fui me deitar em meu quarto. A mudança para a favela me daria tempo. Era uma solução difícil para o problema do visto, mas era uma solução possível. Senti-me aliviado e otimista, e estava muito cansado. Deveria ter dormido bem, mas meus sonhos naquela noite foram violentos e inquietos. Certa vez Didier me disse, em um momento de divagação tarde da noite, que o sonho é o lugar onde um medo e um desejo se encontram. *Quando o desejo e o medo são exatamente os mesmos*, disse ele, *chamamos o sonho de pesadelo.*

## CAPÍTULO OITO

OS BABAS DE PÉ eram homens que haviam feito o voto de nunca mais se sentar ou se deitar. Ficavam de pé dia e noite, eternamente. Faziam as refeições e sua higiene de pé. Oravam, trabalhavam e cantavam de pé. Até dormiam de pé, suspensos por arreios que mantinham o peso sobre suas pernas, mas que os impediam de cair quando ficavam inconscientes.

Nos primeiros cinco ou dez anos em pé, suas pernas começavam a inchar. O sangue circulava lentamente pelas veias exaustas e os músculos engrossavam. As pernas ficavam imensas, inchadas a ponto de não ter mais um formato identificável, e se cobriam de furúnculos varicosos de cor púrpura. Os dedos saíam de pés grossos e carnudos, como os de elefantes. Nos anos seguintes, aos poucos as pernas se tornavam mais e mais delgadas. Com o tempo, sobravam apenas os ossos cobertos por uma fina camada de pele e as marcas das veias ressecadas.

A dor era terrível e infundável. Pregos e espinhos de agonia atravessavam os pés a cada pressão para baixo. Atormentados, torturados, os Babas de Pés nunca paravam. Mudavam constantemente de posição, de um pé para o outro, em uma dança oscilante e suave que para quem via era tão fascinante quanto as mãos musicais de um encantador de serpentes tocando sua flauta.

Alguns dos Babas haviam feito o voto quando tinham dezesseis ou dezessete anos de idade. Foram levados por algo semelhante à vocação que em outras culturas leva pessoas a se tornarem padres, rabinos ou imames. Um número maior, composto por homens mais velhos, havia renunciado ao mundo como preparação para a morte e o próximo nível de encarnação. Não eram poucos os Babas que haviam sido empresários que dedicaram suas vidas produtivas à busca implacável do prazer, do poder e da riqueza. Havia homens santos que tinham passado por muitos outros credos, e dominado outros sacrifícios punitivos antes de fazer o voto final de Baba de Pé. E havia também criminosos — ladrões, assassinos, chefões da máfia e até mesmo comandantes militares — que procuravam expiação ou perdão nas infinitas agonias do voto.

O salão de haxixe não passava de um corredor entre dois prédios de tijolos nos fundos do templo. Eternamente escondidos dos olhares, dentro do complexo do templo, ficavam jardins secretos, clausuras e dormitórios que apenas aqueles que faziam e mantinham o voto viam. Um telhado de ferro cobria o recanto. O chão era revestido de pedras chatas. Os Babas de Pé entravam pela porta nos fundos do corredor. Outras pessoas entravam e saíam por um portão de ferro no final da rua.

Os clientes, homens de todas as partes do país e de todos os níveis sociais, ficavam em pé junto às paredes dos corredores. Ficavam de pé porque, obviamente, ninguém jamais sentava diante dos Babas de Pé. Havia uma torneira presa junto a um ralo perto da entrada, onde os homens bebiam água ou se debruçavam para cuspir. Os Babas iam de homem em homem, de grupo em

grupo, preparando, para os clientes, o haxixe em cachimbos de barro com forma de funil, e fumando com eles.

O sofrimento dos Babas tornava seus rostos radiantes. Mais cedo ou mais tarde, em meio ao tormento de uma dor que não parava de crescer, cada um assumia um ar de beatitude luminosa e transcendente. A luz, produzida pelas agonias que sofriam, jorrava de seus olhos, e nunca conheci uma fonte humana mais reluzente do que seus sorrisos torturados.

Os Babas, o que é compreensível, também viviam celestial e magnificamente doidões. Só fumavam Kashmiri — o melhor haxixe do mundo —, cultivado e produzido aos pés do Himalaia, na Caxemira. E fumavam o dia inteiro e a noite inteira, durante toda a vida.

Fiquei ao lado de Karla e Prabaker na parede de trás daquele local estreito. Atrás de nós estava a porta trancada por onde haviam entrado os Babas de Pé. Na nossa frente, havia duas fileiras de homens de pé, junto às paredes que se estendiam até o portão de ferro na ponta que dava para a rua. Alguns dos homens usavam ternos. Outros, jeans de marca. Trabalhadores com *lungis* desbotados se encontravam ao lado de homens em trajes regionais de diversas partes da Índia. Eram jovens e velhos, ricos e pobres. Os olhos a toda hora se voltavam para Karla e para mim, estrangeiros de pele clara, de pé, de costas para a parede. Estava claro que alguns deles ficaram chocados em ver uma mulher naquela toca. Apesar da óbvia curiosidade, ninguém nos abordou ou se dirigiu a nós diretamente. Na maior parte do tempo, a atenção estava voltada para os Babas de Pé e o haxixe. O suave rumor de conversas, misturado à música e aos cânticos, vinha de algum lugar no interior do complexo.

— E então, o que você acha?

— É incrível! — respondeu ela, com os olhos reluzindo contra a luz rarefeita das lamparinas. Estava entusiasmada e talvez um pouco intimidada. O bagulho havia relaxado os músculos de seu rosto e dos ombros, mas havia tigres se movimentando rapidamente nos olhos de seu sorriso suave. — É incrível. É horrível e sagrado ao mesmo tempo. Não consigo decidir qual é a parte sagrada e qual é a horrível. Horrível... não é a palavra correta, mas é alguma coisa parecida.

— Entendo o que você quer dizer — concordei, animado por ter conseguido impressioná-la. Ela já estava na cidade fazia cinco anos e ouvira falar nos Babas muitas vezes, mas era a primeira vez que os visitava. Meu tom dava a entender que eu conhecia bem o local, mas, para ser honesto, o mérito da experiência não era meu. Sem Prabaker, que havia batido no portão e conquistado acesso para nós com seu sorriso dourado, não teríamos permissão para entrar.

Um dos Babas de Pé se aproximou de nós lentamente, com um acólito que segurava uma bandeja de prata com os cachimbos, o haxixe e a parafernália para se fumar. Outros monges se balançavam e se sacudiam por todo o corredor, fumando e orando. O Baba diante de nós era alto e magro, mas suas pernas estavam tão intensamente inchadas que terríveis cordões de veias distendidas pulsavam em sua superfície. O rosto dele era magro. Os ossos do crânio, perto das têmporas, eram bem definidos. As majestosas maçãs do rosto dominavam os profundos vales que corriam até uma mandíbula dura e faminta. Os olhos eram

imensos, dentro das cavernas cercadas por suas sobranceiras. Havia tanta loucura, desejo e amor neles que o homem era, ao mesmo tempo, assustador e digno de infinita pena.

Ele preparou o cachimbo, balançando de um lado para o outro e ostentando um sorriso vazio. Não nos olhou, mas ainda assim aquele parecia o sorriso de um amigo muito chegado: complacente, cheio de sabedoria e de perdão. Ele estava balançando tão perto de mim que eu podia ver cada fiozinho da floresta de suas sobranceiras. Ouvi o som de sua respiração alterada. A rápida saída do ar era como o som de pequenas ondas batendo contra uma costa íngreme. Ele terminou de preparar o cachimbo e me olhou. Por um momento me perdi no interior da visão que se agitava e guinchava dentro de seus olhos. Por um instante ínfimo do seu sofrimento infinito, eu quase fui capaz de sentir o que a força de vontade pode levar o corpo humano a suportar e conquistar. Quase entendi aquele sorriso, que se tornava insano devido à força empregada para fazê-lo brilhar. Eu estava certo de que ele se comunicava comigo — ele queria que eu soubesse. E tentei lhe dizer, apenas com o olhar, que eu quase conseguia perceber, quase conseguia sentir. Então ele levou o cachimbo à boca, apoiado na palma da mão, deu uma bafarada e o ofereceu para mim. Aquela intimidade terrível com sua dor infinita murchou, a visão tremulou e o momento se esvaiu em sombras esbranquiçadas de fumaça. Ele se virou, cambaleante, seguiu lentamente na direção do portão que dava para a rua, balbuciando orações em um tom monótono e suave.

Um grito atravessou o ar. Todos se voltaram para o portão da rua. Um homem com turbante vermelho, colete e calças de seda características do norte estava postado ali, perto do portão, urrando o mais alto que sua voz forte permitia. Antes que pudéssemos identificar a mensagem ou esboçar alguma reação, o homem retirou da faixa de sua cintura uma espada comprida, de lâmina grossa, e a ergueu. Ainda berrando, começou a percorrer o corredor. Olhava diretamente para mim enquanto caminhava, com passos pesados e ritmados. Eu não conseguia entender o que ele guinchava, mas sabia o que tinha na cabeça: ele queria me atacar, queria me matar.

Os homens nas laterais encostaram-se instintivamente nas paredes. Os Babas de Pé se afastaram cambaleando do caminho do louco. A porta atrás de nós se fechou. Não havia como fugir. Estávamos desarmados. O sujeito continuou a caminhar na nossa direção e, segurando a espada com ambas as mãos, fazia círculos sobre sua cabeça. Não tínhamos para onde ir, nada a fazer, a não ser brigar com ele. Dei um passo para trás com o pé direito e ergui os punhos. Era uma posição de caratê. Sete anos de treinamento em artes marciais pulsavam e formigavam em meus braços e pernas. Eu me sentia bem. Como qualquer pessoa dura na queda, eu evitava a luta até que ela se tornasse inevitável. Depois, eu gostava dela.

No último segundo, um homem se afastou da parede na lateral e deu uma rasteira no sujeito que avançava com passos de ganso, que desabou com estrondo no chão de pedras. A espada caiu de sua mão e foi parar aos pés de Karla. Eu a peguei e observei como o homem que derrubara nosso agressor o mantinha paralisado de maneira firme, mas misericordiosa. Ele lhe dera uma chave de braço. Ao mesmo tempo, torcia a gola da camisa, dificultando-lhe a respiração.

A raiva ou a loucura que haviam possuído o espadachim cederam e ele se rendeu passivamente. Aqueles que o conheciam se apresentaram e acompanharam-no até o beco, depois do portão de ferro. Segundos mais tarde, um deles voltou e me procurou. Olhando-me nos olhos, estendeu as mãos, com as palmas para cima, pedindo o sabre. Hesitei, mas acabei entregando. Ele nos saudou de forma educada, como se pedisse desculpas, e então foi embora.

No burburinho que se seguiu a sua partida, fui ver como estava Karla. Os olhos estavam arregalados e havia um sorriso surpreso em seus lábios, mas não parecia assustada. Tranquilizado, fui agradecer ao homem que tinha entrado em cena para nos ajudar. Ele era alto, mais alto do que eu alguns centímetros, e tinha um corpo forte e atlético. O cabelo espesso e negro era mais longo do que se costumava usar em Bombaim naquela época e ele o prendia em um rabo de cavalo. A camisa de seda e as calças largas eram negras, bem como as sandálias de couro.

— Abdullah — respondeu ele, depois que eu lhe disse meu nome —, Abdullah Taheri.

— Eu lhe devo uma, Abdullah — disse eu, dando um sorriso que era tão circunspecto quanto agradecido. Ele havia se movimentado com tal graça letal que fez o truque de desarmar o espadachim parecer simples. Mas não era tão fácil quanto parecia. Eu sabia quanta habilidade e quanta coragem eram necessárias, e o enorme papel do instinto para escolher o momento certo. Tratava-se de um lutador nato. — Essa foi por pouco.

— Tudo bem — sorriu ele. — Aquele sujeito estava bêbado, eu acho, ou não é bom da cabeça.

— Não sei qual é o problema dele, mas ainda lhe devo uma — insisti.

— Que nada — riu ele.

Era um riso fácil que revelava dentes brancos. O som vinha do fundo do peito. Uma risada do coração. Os olhos eram da cor de areia na palma da mão, alguns minutos antes de o sol afundar no mar.

— De qualquer maneira, quero lhe agradecer.

— Tudo bem — cedeu ele, batendo em meu ombro com a mão.

Voltei para Karla e Prabaker. Quando nos preparávamos para sair, Abdullah já havia ido embora. Lá fora, a rua estreita estava deserta. Minutos depois, pegamos um táxi de volta para Colaba. Karla ficou silenciosa durante a viagem e eu também não falei nada, infeliz pelo fato de minha tentativa de impressioná-la ter acabado em tanta confusão e quase em desastre. Apenas Prabaker se sentiu livre para falar.

— Que sorte, a nossa! — disse ele, do banco dianteiro, sorrindo para cada um de nós, pois nos sentávamos juntos, mas afastados na traseira do táxi. — Achei que aquele sujeito não faria em pedacinhos. Algumas pessoas não deveriam fumar haxixe, não é? Ficam muito furiosas quando relaxam o cérebro.

No Leopold, deixei o táxi e acompanhei Karla, enquanto Prabaker esperava. A turma do final da tarde se movimentava em torno da ilha formada por nossos olhares silenciosos.

— Você não vai entrar?

— Não — respondi, desejando que o momento se assemelhasse à cena de

força e confiança que eu havia imaginado a maior parte do dia. — Vou pegar minhas coisas na Pensão da Índia e me mudar para a favela. Para falar a verdade, não vou aparecer no Leopold por algum tempo, ou melhor, não vou aparecer em parte alguma. Vou... tentar me reerguer sobre meus próprios pés... Ou... Não sei... Encontrar meus pés... Ou... vou... O que eu estava dizendo?

— Alguma coisa sobre seus pés.

— É — gargalhei. — Bem, preciso começar por algum lugar.

— Isso aqui é uma espécie de despedida, não é?

— Não — balbuciei. — Bem, é. É, sim.

— E você acabou de voltar da aldeia.

— É — ri de novo. — Da aldeia para a favela. É um salto e tanto.

— Só preste atenção para aterrissar nos próprios...

— ...Pés. Pode deixar. Eu sei.

— Escuta, se o problema é dinheiro, eu poderia...

— Não — disse eu rapidamente. — Não. Quero fazer isso. Não é apenas o dinheiro. Eu...

Por três segundos estive a ponto de lhe contar sobre a questão com o visto. Lettie, a amiga dela, conhecia alguém no Serviço de Registos de Estrangeiros. Tinha ajudado Maurizio, como eu sabia, e talvez pudesse me ajudar. Mas então recuei e disfarcei a verdade com um sorriso. Contar para Karla a respeito do visto poderia levar a outras perguntas que eu não poderia responder. Eu estava apaixonado, mas não sabia se podia confiar nela. Uma das verdades da vida de foragido é que amamos mais do que confiamos. Para os que vivem em segurança, acontece justamente o contrário.

— Eu... acho que vai ser uma aventura. Estou... mesmo ansioso pela experiência.

— Tudo bem — disse ela, meneando a cabeça lentamente, em sinal de que aceitava a ideia. — Tudo bem. Mas você sabe onde eu moro. Passe lá para me ver quando tiver uma oportunidade.

— Com certeza — respondi, e nós dois sorrimos, e ambos sabíamos que eu não a visitaria. — Com certeza. E você sabe onde estou, com Prabaker. Faça o mesmo.

Ela tomou minha mão na dela e então se curvou para me dar um beijo no rosto. Virou-se para partir, mas prenda sua mão.

— Você não tem nenhum conselho para mim? — perguntei, tentando encontrar outra razão para rir.

— Não — disse ela com indiferença. — Só lhe daria conselho se não me importasse com o que acontece com você.

Era alguma coisa. Não era muito, mas era algo a que me agarrar, para dar forma ao meu amor e me manter desejando. Ela se afastou. Observei enquanto entrava na claridade e no tumulto do Leopold e sabia que uma porta para seu mundo havia se fechado por algum tempo. Enquanto vivesse na favela, eu ficaria exilado daquele pequeno reino de luz. A vida na favela me consumiria, me esconderia como se aquele espadachim louco tivesse me atingido com a lâmina.

Bati a porta do táxi e olhei para Prabaker, cujo sorriso enorme e reluzente, no banco da frente, se tornou o mundo.

— *Thik hain. Challo!* — disse eu. *Tudo bem. Vamos!*

O carro parou, quarenta minutos depois, na entrada da favela em Cuffe Parade, ao lado do World Trade Centre. O contraste entre os dois terrenos adjacentes, de tamanhos semelhantes, era chocante. À direita, a partir da rua, o World Trade Centre era um prédio enorme, moderno, com refrigeração. Havia três andares repletos de lojas e vitrines com joias, sedas, tapetes e artesanato sofisticado. À esquerda, ficava a favela, esparramada em quarenta mil metros quadrados da mais porca miséria, com sete mil barracos minúsculos que abrigavam vinte e cinco mil dos habitantes mais pobres da cidade. À direita havia letreiros em neon e chafarizes iluminados. À esquerda, não havia eletricidade, água corrente, esgotos, nem certeza de que toda aquela desorganização e burburinho não seriam varridos, de um dia para o outro, pelas mesmas autoridades que toleravam tudo com relutância.

Desviei meu olhar das limusines deslumbrantes, estacionadas do lado de fora do Trade Centre, e comecei a longa caminhada para dentro da favela. Havia uma latrina a céu aberto perto da entrada, oculta pelo mato crescido e telas feitas com esteiras de junco. O fedor era atroz, quase avassalador. Era como se um elemento físico permeasse o ar, e me parecia poder senti-lo se depositando sobre minha pele como uma gosma espessa e pegajosa. Com esforço, contive a ânsia de vômito e olhei para Prabaker. O sorriso havia perdido o brilho, e pela primeira vez encontrei nele alguma coisa parecida com sarcasmo.

— Veja só, Lin — disse ele com aquele sorrisinho endurecido, tão pouco característico, que despontava nos cantos da boca. — Veja como as pessoas vivem.

Mas, assim que passamos as latrinas, na primeira viela formada pelos barracos, havia rajadas de vento proveniente do imenso arco costeiro no qual a favela começava a se formar. O ar era quente e úmido, mas a brisa dispersava o nauseante fedor das latrinas. Predominavam os odores das especiarias, das cozinhas e de incenso. De perto, os barracos não passavam de precárias estruturas criadas com pedaços de plástico e papelão, varas finas de bambu e esteiras de junco que serviam de paredes. Eram erguidos sobre a terra nua. Ocasionalmente, surgiam em alguns lugares vestígios de concreto e alvenaria, onde estavam à mostra, intactos, os antigos pisos e fundações das construções originais, demolidas anos antes.

Enquanto eu caminhava pelas estreitas vielas de farrapos e plásticos da favela, correu a notícia de que o estrangeiro estava a caminho. Um grande grupo de crianças se reuniu à nossa volta, perto de nós, mas sem nos tocar. Os olhos arregalados com surpresa e animação. Elas tinham acessos de um riso nervoso, gritavam umas com as outras e executaram uma coreografia desajeitada e espontânea à medida que nos aproximávamos.

As pessoas saíam dos barracos e ficavam nas portas. Dezenas e, depois, centenas de pessoas se amontoaram pelas vielas e no ocasional vão existente entre as casas. Todos me olhavam com tanta seriedade, com tanta preocupação, que tive certeza de que estavam contrariadíssimos com minha presença. Eu estava errado, naturalmente. Não podia saber na ocasião, no meu primeiro dia, que as pessoas estavam apenas observando meu medo. Tentavam entender que

demônios assaltavam minha mente e me faziam temer a tal modo o lugar que eles sabiam ser um santuário para destinos muito piores do que a vida na favela.

E o fato era que, apesar de todo o medo que tinha daquele ajuntamento e daquela miséria, eu sabia de um destino muito pior do que aquele. Era um destino tão ruim que me fizera escalar o muro de uma prisão e desistir de tudo que eu conhecia, de tudo que eu era, de tudo o que eu amava, só para fugir dele.

— Agora, esta aqui é a sua casa, Lin — anunciou orgulhosamente Prabaker, quando chegamos, com os risinhos e a tagarelice das crianças como pano de fundo. — Entre. Veja com seus próprios olhos.

O barraco era idêntico aos outros a sua volta. O telhado era um pedaço de plástico negro. A estrutura era formada por finas varas de bambu amarradas com cordas de fibra de coco. As paredes eram de esteiras de junco feitas à mão, com chão de terra batida e alisada pelos pés dos antigos moradores. A porta era um fino pedaço de compensado, que balançava em dobradiças de corda. O teto plástico era tão baixo que eu precisava me curvar, e o cômodo inteiro tinha quatro passos de comprimento por dois de largura, praticamente do mesmo tamanho da cela da prisão.

Pus meu violão no canto e então retirei da mochila o estojo de primeiros socorros, colocando-o no outro canto. Eu tinha alguns cabides de arame e estava pendurando minhas poucas roupas no barraco quando Prabaker, lá fora, me chamou.

Saí e encontrei Johnny Cigar, Raju, Prabaker e vários outros homens juntos, na viela. Cumprimentei os que conhecia e fui apresentado aos outros.

— Este aqui é Anand, vizinho de lado... do lado esquerdo — disse Prabaker, me fazendo apertar a mão de um jovem *sikh* alto e boa-pinta, que mantinha os longos cabelos negros bem-presos sob um lenço amarelo.

— Olá — disse eu, sorrindo diante do calor de seu forte aperto de mão. — Conheço outro Anand, o gerente da Pensão da Índia.

— Ele é um homem bom? — perguntou Anand, com expressão confusa.

— É um bom sujeito. Gosto dele.

— Ótimo — respondeu Anand, com um sorriso de menino incompatível com a seriedade do tom grave de sua voz. — Então estamos num bom caminho para virar amigos, *na*?

— Anand divide a casa com outro jovem de nome Rafiq — prosseguiu Prabaker.

Rafiq tinha uns trinta anos. Uma barba desgrenhada pendia do seu queixo pontudo. Os dentes muito proeminentes se destacavam de um sorriso opaco. Os olhos se apertavam infelizes no rosto, dando-lhe uma aparência astuciosa, quase vil.

— Do outro lado, seu excelente vizinho é Jeetendra. A esposa dele se chama Radha.

Jeetendra era baixo e gorducho. Sorriu alegremente e apertou minha mão, esfregando com força a barriga proeminente o tempo inteiro. A esposa, Radha, retribuiu meu sorriso e cumprimento cobrindo a cabeça com o xale vermelho de algodão e segurando-o no rosto com os dentes.

— Sabe — disse Anand, em um tom gentil e descontraído que me pegou de surpresa —, acho que é um *incêndio*.

Ele estava na ponta dos pés, usando a mão para proteger os olhos do sol da tarde enquanto olhava a distância, para as dunas negras de barracos. Todos seguiram seu olhar. Houve um silêncio úmido e sinistro. Então, a muitas centenas de metros, uma deslumbrante plumagem de chamas alaranjadas subiu aos céus. Seguiu-se uma explosão parecida com um tiro de carabina em uma parede de metal. Todos os homens correram o mais rápido possível na direção das chamas amarelas que se erguiam à distância.

Fiquei imóvel, fascinado, estarrecido, olhando fixamente para as chamas e as espirais de fumaça. Enquanto observava, as línguas de fogo se expandiram e se transformaram em um lençol, e depois em uma muralha de chamas abrasadoras. A muralha vermelha, amarela e laranja começou a avançar, impulsionada pela brisa do mar, engolindo novos barracos a cada segundo. Vinha na minha direção, a passos lentos, consumindo tudo que estava no caminho.

Em meio às labaredas, ouvia-se o trovejar de explosões — uma, duas, mais outra. Percebi, finalmente, que eram dos fogareiros a querosene. Cada um dos sete mil barracos tinha um fogareiro. Aqueles que estavam acesos e com pressão explodiam quando as chamas o alcançavam. A última chuva das moções tinha caído semanas antes. A favela era um enorme monte de lenha seca, e a brisa do mar, cada vez mais forte, alimentava as chamas que encontravam grande quantidade de combustível e de vidas humanas.

Atordado, assustado, mas sem estar em pânico, observei o inexorável avanço daquele inferno e concluí que a causa estava perdida. Corri para o barraco, peguei a mochila e minhas coisas e procurei a porta. Na soleira, deixei a mochila cair e me abaixei para recuperar as roupas e outros itens no chão. Naquele momento, levantei os olhos e vi um grupo de umas vinte mulheres e crianças me observando. Por um breve instante de comunicação silenciosa, eu sabia exatamente o que estavam pensando. Enquanto nos encarávamos, eu ouvia o que diziam em suas cabeças.

*Veja só o estrangeiro grande e forte, tentando se salvar, fugindo do fogo enquanto nossos homens vão tentar apagá-lo.*

Envergonhado, enfiei minhas coisas na mochila e a deixei aos pés de Radha, a mulher que fora apresentada como minha vizinha. Corri então na direção do incêndio.

As favelas são ajuntamentos orgânicos, sem planejamento. Existe uma razão de ser para suas vielas estreitas e tortuosas, mas não há lógica. Depois de virar três ou quatro vezes, eu estava perdido. Encontrei uma fileira de homens que avançava na direção da fumaça e das chamas. Na contramão, vinha um constante fluxo de pessoas correndo, cambaleando, esbarrando nas paredes, se afastando do fogo. Estavam ajudando os idosos e orientando as crianças. Algumas carregavam seus pertences — roupas, panelas, fogareiros e caixas de papelão com documentos. Muitas estavam feridas, apresentavam cortes, lesões sangrentas e queimaduras graves. O cheiro de plástico derretido, combustível, roupas, cabelo e pele queimados era amargo e desolador.

Virei uma esquina, e outra, mais outra, até estar perto o bastante para ouvir os

gritos e berros sob o alarido das labaredas. Então, uma bola de fogo atordoantemente brilhante irrompeu por um vão entre dois barracos. Estava gritando. Era uma mulher envolta em chamas. Ela correu direto para mim e nos chocamos.

Meu primeiro impulso foi me afastar quando senti meu cabelo, minhas sobrancelhas e meus cílios se queimarem. Ela cambaleou e caiu para trás, ainda gritando e se agitando. Rasguei a camisa e a usei para proteger minhas mãos e meu rosto e me joguei sobre a mulher, abafando as chamas com minha pele e minhas roupas. Outros apareceram depressa e foram cuidar dela. Corri para o fogo mais uma vez. Ela ainda estava viva quando a deixei, mas uma voz em minha cabeça declarava sua morte. *Ela está morta... ela se foi... não vai sobreviver...*

O núcleo do incêndio, quando o alcancei, era aterrador. As línguas de fogo rugiam com duas ou três vezes o tamanho do barraco mais alto e se espalhavam por uma frente semicircular, afastada de nós, com a largura de mais de cinquenta barracos. Poderosas rajadas de vento levavam o arco para a frente, avançando sorratamente, acendendo subitamente em um lado, e depois ganhando vida de uma direção diferente a nossa volta. Atrás dele vinha o inferno, um caldeirão de barracos incinerados, explosões e fumaça tóxica.

Um homem mantinha-se no centro da grande área vazia diante da muralha de chamas, dando ordens aos que lutavam contra o fogo como se fosse um general comandando as tropas durante a batalha. Era alto e esguio, com cabelos grisalhos e uma barba prateada curta e pontuda. Vestia-se com camisa e calças brancas, e sandálias. Tinha um lenço verde amarrado no pescoço e segurava um cajado de madeira com ponta de metal. Seu nome era Qasim Ali Hussein e esta foi a primeira vez que vi o dono da favela.

A tática de Qasim Ali era, simultaneamente, enviar batedores para tentar diminuir o avanço do fogo enquanto outros grupos demoliam as cabanas em seu caminho e levavam para longe o que havia em seu interior, para privar o incêndio de combustível. Isso envolvia uma retirada vacilante, abandonando terreno para as chamas durante um tempo para em seguida contra-atacar onde o fogo parecia enfraquecer. Virando a cabeça lentamente e lançando o olhar para um lado e outro do incêndio, Qasim apontava o cajado e dava ordens aos berros.

O dono voltou o olhar na minha direção. Uma ponta de surpresa reluziu no bronze polido de seus olhos. Seu exame levou em consideração a camisa escurecida na minha mão. Em silêncio, ele ergueu o cajado para apontar as chamas. Era um alívio e uma honra obedecê-lo. Corri até me juntar a um grupo de batedores. Fiquei feliz em encontrar Johnny Cigar entre eles.

— Tudo bem? — gritou ele. Era ao mesmo tempo uma pergunta e um incentivo.

— Tudo bem! — gritei de volta. — Precisamos de mais água!

— Não há mais água! — exclamou ele, tossindo enquanto a fumaça subia a nossa volta. — O reservatório está vazio. Os caminhões vão enchê-lo amanhã. A água que as pessoas estão usando aqui é a de consumo pessoal delas.

Descobri mais tarde que todas as casas, inclusive a minha, recebiam uma cota de dois ou três baldes de água por dia para cozinhar, beber e lavar. Os

moradores da favela tentavam apagar o fogo com sua água de beber. Cada balde despejado — e eram muitos — obrigava um lar a passar uma noite sedenta, à espera da entrega matinal de água pelos carros-pipas municipais.

— Odeio a porra desses incêndios! — esbravejou Johnny, batendo no chão com um saco molhado para enfatizar as palavras. — Venha aqui, seu filho da puta! Você quer me *matar*? Venha cá! Vamos *acabar* com você! Vamos *acabar* com você!

Um golpe inesperado do fogo enviou labaredas laranja na nossa direção. O homem ao meu lado caiu de costas, gritando e segurando o rosto queimado. Qasim Ali mandou um time de resgate para ajudá-lo e tirá-lo dali. Peguei o saco que ele havia deixado ali e me coloquei ao lado de Johnny, batendo nas chamas com uma das mãos e usando a outra para proteger o rosto.

Olhávamos para trás com frequência, para receber ordens de Qasim Ali Hussein. Não podíamos ter a esperança de apagar o fogo com nossos trapos úmidos. Nosso papel era ganhar tempo para as equipes de demolição que lutavam para remover os casebres em situação de risco. Era um trabalho triste. Salvavam a favela destruindo as próprias casas. E, para ganhar tempo para essas equipes de destruição, Qasim nos enviava para a esquerda e para a direita, em perigosas jogadas de xadrez, conquistando terreno lentamente.

Quando uma forte corrente de ar cobriu nossa clareira com fumaça negra e marrom, perdemos completamente de vista Qasim Ali Hussein. Eu não fui o único homem que pensou em bater em retirada. Então, em meio a fumaça e poeira, vimos o lenço verde no ar, flutuando contra a brisa. Ele manteve a posição e vislumbrei seu rosto calmo tentando avaliar as condições da luta e calculando a próxima jogada. O lenço verde tremulava sobre sua cabeça como um estandarte. O vento mudou mais uma vez e nos lançamos de novo à tarefa, com a coragem renovada. O coração do homem com o lenço verde batia dentro de mim, dentro de todos nós.

No final, quando varremos pela última vez as velas chamuscadas e os restos incinerados de casas, procurando por sobreviventes e contando os mortos, nos reunimos em uma assembleia melancólica para ouvir o saldo. Sabia-se que doze pessoas haviam morrido, seis delas homens e mulheres idosos, e quatro crianças. Mais de cem estavam feridas com queimaduras e cortes. Muitas tinham ferimentos graves. Cerca de seiscentas casas haviam sido destruídas — um décimo da favela.

Johnny Cigar traduzia os números para mim. Eu o ouvia com a cabeça próxima à dele, mas observando o rosto de Qasim Ali enquanto ele lia a lista improvisada de mortos e feridos. Quando voltei a olhar Johnny, percebi que ele estava chorando. Prabaker abriu caminho em meio à multidão para se juntar a nós no momento em que Johnny me contou que Raju era um dos mortos no incêndio. Raju, com o rosto honesto e amigável. O homem que havia me convidado para morar na favela. Morto.

— Tivemos uma sorte danada — resumiu Prabaker, animadamente, quando Qasim Ali terminou o balanço. Seu rosto redondo estava tão escurecido com a fuligem que os olhos e os dentes tinham um brilho quase sobrenatural. — O último grande incêndio, no ano passado, queimou um terço inteiro da *zhopadpatti*.

Uma entre três casas! Mais de duas mil casas se foram! *Kalaass!* Também morreram mais de quarenta pessoas. *Quarenta.* É gente demais, Lin, é o que digo. Esse ano tivemos muita sorte com o incêndio. E nossas casas também estão a salvo! Que Bhagwan abençoe nosso irmão Raju.

Nossa atenção foi desviada por gritos que vinham dos confins da multidão melancólica, e nos voltamos para ver que uma das equipes de busca abria caminho até Qasim Ali. Uma mulher do grupo segurava um bebê resgatado dos escombros fumegantes. Prabaker traduziu para mim o grito excitado e a conversa. Três barracos vizinhos haviam desabado, soterrando uma família. Por conta de um desses inexplicáveis caprichos do fogo, os pais da criança morreram sufocados e o bebê, uma menina, sobrevivera. O rosto e o corpo estavam intactos, mas a garota tinha graves queimaduras nas pernas. Alguma coisa havia caído sobre ela na altura das coxas, que estavam negras, fendidas e quebradas. A menina gritava de dor e medo.

— Diga a eles para vir conosco! — gritei para Prabaker. — Leve-me de volta ao meu barraco e diga para nos seguirem. Eu tenho remédios e curativos!

Prabaker já vira o grande e impressionante estojo de primeiros socorros muitas vezes. Ele sabia que ali se encontravam curativos, pomadas, cremes, soluções antissépticas, cotonetes, sondas e uma série de instrumentos cirúrgicos. Compreendendo na mesma hora o que eu queria dizer, ele deu aos gritos o recado para Qasim Ali e os outros. Ouvi as palavras *remédios* e *médico* serem repetidas várias vezes. Então ele puxou a manga da minha camisa e me arrastou, correndo de volta para o barraco.

Com o estojo aberto no chão, na frente do barraco, passei uma grossa camada de creme anestésico nas pernas do bebê. Teve efeito quase imediato. A criança se acalmou até gemer baixinho e se aconchegou nos braços de seu salvador.

— Doutor... doutor... doutor... — as pessoas diziam a minha volta.

Qasim mandou que se trouxessem lamparinas enquanto o sol se punha no mar da Arábia e a longa tardinha de Bombaim finalmente sucumbia e se transformava em uma noite quente e cheia de estrelas. Sob a luz trêmula e amarelada das lamparinas, cuidamos dos feridos, usando o estojo de primeiros socorros como base de nossa pequena clínica ao ar livre. Johnny Cigar e Prabaker trabalhavam junto comigo nas funções de tradutor e enfermeiro. Os ferimentos mais frequentes eram queimaduras, cortes e arranhões profundos, mas um bom número de pessoas também tinha sido afetado pela inalação de fumaça.

Qasim Ali Hussein nos observou por algum tempo e então partiu para supervisionar a construção de abrigos de emergência, o racionamento do que havia sobrado de água, o preparo de alimentos e dúzias de tarefas que ocupariam a noite toda até a manhã do dia seguinte e muito mais. Uma xícara de chá apareceu ao meu lado. Minha vizinha Radha a preparara e a trouxera para mim. Foi a primeira vez que comi ou bebi na favela e foi o melhor *chai* que tomei em toda a vida. Uma hora depois, ela obrigou o marido e dois rapazes a me arrastarem para longe dos feridos para comer uma refeição de *roti*, arroz e

*bhaji*.<sup>1</sup> As verduras cozidas ao *curry* tinham um tempero delicioso. Limpei o prato com o último pedaço de *roti*.

E mais uma vez, horas mais tarde, depois da meia-noite, foi Jeetendra, marido de Radha, quem me puxou pelo braço e me levou para meu barraco, onde um cobertor de crochê feito à mão tinha sido estendido sobre o chão de terra. Sem conseguir oferecer resistência, desabei sobre o cobertor para minha primeira noite de sono na favela.

Sete horas depois — horas que se passaram como minutos — despertei e vi o rosto de Prabaker pairando no ar. Pisquei e forcei a vista e percebi que ele estava agachado sobre os quadris com os cotovelos sobre os joelhos e o rosto envolto pelas mãos. Johnny Cigar se agachava ao lado dele, à esquerda, e Jeetendra, à direita.

— Bom dia, Linbaba! — disse ele animadamente, quando meus olhos pousaram nos dele. — Seus roncos são fabulosos. Tão altos! É como ter um boi preso dentro deste barraco, como disse o Johnny.

Johnny meneou a cabeça, concordando, e Jeetendra balançou a cabeça de um lado para o outro.

— A velha Sarabai tem a cura perfeita para roncos — informou-me Prabaker. — Ela pega um pedaço bem afiado de bambu, do tamanho de meu dedo, e enfia lá dentro do seu nariz. Depois disso, não se ronca mais. *Bas!*<sup>2</sup> *Kalaass!*

Sentei no cobertor e espreguicei-me para alongar as costas e os ombros. Meu rosto e meus olhos ainda ardiam por causa do fogo e eu podia perceber que a fumaça havia endurecido em meu cabelo. Raios da luz matinal penetravam por buracos nas paredes do barraco.

— O que você está fazendo, Prabu? — perguntei com irritação. — Há quanto tempo está me olhando dormir?

— Há pouco tempo, Lin. Só por uma meia hora, mais ou menos.

— Não é uma coisa educada, sabe? — resmunguei. — Não é de bom-tom ficar olhando as pessoas quando estão dormindo.

— Lamento, Lin — disse ele suavemente. — Aqui na Índia, podemos olhar todo mundo dormindo, quando quisermos. E dizemos que o rosto, quando está no sono, é o amigo do mundo.

— Seu rosto é muito bondoso quando você está dormindo, Lin — acrescentou Johnny Cigar. — Fiquei muito surpreso.

— Não tenho palavras para dizer o que isso significa para mim, rapazes. Vou encontrar vocês aqui dentro do barraco *toda* manhã, ao acordar?

— Bem, se você fizer muita questão, Lin — ofereceu Prabaker, ficando de pé. — Mas hoje só viemos para lhe dizer que seus pacientes estão esperando.

— Meus... *pacientes?*

— Isso. Venha ver.

Eles se levantaram e abriram a porta do barraco. A luz do sol feriu meus olhos irritados. Pisquei e saí, atrás dos homens, para a manhã brilhante às margens da baía, e encontrei uma fila de pessoas agachadas do lado de fora. Eram umas trinta pessoas ou mais, formando uma fila que se estendia até a

primeira esquina da viela.

— Doutor... doutor... — murmuravam e cochichavam as pessoas quando deixei o barraco.

— Venha! — insistiu Prabaker, puxando-me pelo braço.

— Para onde?

— Primeiro para o banheiro — respondeu alegremente. — Você precisa botar o intestino para funcionar, não é? Vou mostrar onde a gente bota o intestino para funcionar, no mar, no pier comprido de cimento. É onde os rapazes e os meninos fazem as necessidades todas as manhãs no oceano... necessidades no oceano, não é? Você só precisa se agachar com a bunda na direção do mar. Então lava sua ilustríssima pessoa no chuveiro e toma seu café da manhã feliz. Aí pode cuidar de seus pacientes com toda a tranquilidade. Sem problema.

Caminhamos até o final da fila. Havia jovens e velhos, homens e mulheres. Os rostos apresentavam cortes, hematomas, inchaços. As mãos estavam escurecidas, com bolhas, ensanguentadas. Os braços em tipóias, as pernas em talas. Na primeira volta, vi com horror que a fila se estendia pela viela seguinte e era mais longa, muito mais longa.

— Precisamos... Fazer alguma coisa... — balbuciei. — Eles estão... Esperando.

— Não há problema em esperar, Lin — respondeu Prabaker, com suavidade. — As pessoas já estão esperando há mais de uma hora. Se você não estivesse conosco, ainda estariam esperando, mas esperando apenas por nada. Esperar por nada é o que acaba com o coração de um homem, não é? Agora as pessoas estão esperando por *alguma coisa*. Esperam por  *você* , não é? E  *você*  é  *de fato*  alguma coisa, Lin-Shantaram, se me permite dizer assim na sua cara chamuscada com cabelos espetados. Mas primeiro  *você*  precisa fazer suas necessidades, se lavar, e depois tomar café da manhã. E temos que ir andando — alguns jovens estão esperando lá no pier e querem ver  *você*  fazer suas necessidades.

— Eles o quê?

— Ah, sim, estão fascinados por  *você* . É como um herói do cinema para eles. Estão morrendo de vontade de ver como  *você*  faz suas necessidades. E depois, depois de tudo isso,  *você*  vai voltar e cuidar dos pacientes, como um herói de verdade, não é?

E foi assim que meu papel na favela foi criado.  *Se o destino não faz  *você*  ir* , disse Karla em uma das minhas primeiras conversas com ela,  *é  *você*  que não consegue entender a piada* . Quando adolescente, fiz um curso técnico de enfermagem. Aprendi então a cuidar de cortes, queimaduras, torções, fraturas e uma ampla variedade de procedimentos diagnósticos e de emergência. Mais tarde, eu tinha ganhado o apelido de  *Doc*  por fazer massagem cardiopulmonar para ressuscitar viciados que haviam tomado overdoses e salvar suas vidas. Havia centenas de pessoas que me conheciam apenas como  *Doc* . Muitos meses antes daquela manhã na favela, meus amigos na Nova Zelândia tinham me dado o estojó de primeiros socorros como presente de despedida. Estava certo de que esses fios — o treinamento, o apelido, o estojó de primeiros socorros, o trabalho como médico informal na favela — estavam todos trançados de uma forma que

não podia ser chamada de acidente ou coincidência.

E tinha que ser eu. Outro homem com meu curso de enfermagem ou mais qualificado não seria obrigado a viver na favela por causa do crime e por uma fuga da cadeia. Outro criminoso, preparado para viver entre os pobres, não teria minha formação. Eu não consegui entender a ligação naquela primeira manhã. Não entendi a piada e o destino não me fez rir. Mas sabia que havia alguma coisa — algum significado, algum objetivo — que me conduzia àquele lugar, àquela função, exatamente naquela época. E essa força era poderosa o bastante para me prender ao trabalho quando todas as outras intuições mandavam que eu me afastasse.

Assim, trabalhei aquele dia inteiro. Uma a uma, as pessoas me davam seus nomes e sorrisos, e fiz o melhor que pude para tratar das feridas de cada uma. Em algum momento da manhã, alguém colocou um fogareiro a querosene no meu barraco. Outra pessoa forneceu uma caixa de metal à prova de ratos para o armazenamento de alimentos. Um tamborete apareceu por lá, bem como uma maringa de água — a infalível *matka* — e um conjunto de painéis com alguns talheres.

Quando a noite pulsou no arco escarlate do céu, sentei com um grupo, perto do barraco, para comer e conversar. A tristeza permanecia nas vielas movimentadas e as lembranças daqueles que haviam morrido sumiam e reapareciam como ondas em movimento no grande oceano do coração. Porém, grudada àquela tristeza, uma parte do próprio sofrimento, era a determinação dos que haviam resistido. A terra queimada tinha sido limpa e muitos barracos voltavam a ser erguidos. As esperanças se renovavam a cada humilde lar reconstruído.

Olhei para Prabaker, rindo e brincando enquanto comia, e pensei em nossa visita com Karla aos Babas de Pé. Um momento daquela noite, com a duração de um batimento cardíaco, enquanto o homem enlouquecido nos atacava com a espada, estava gravado na minha memória. No exato instante em que dei um passo para trás e me pus em posição de luta, Prabaker deu um passo para o lado e ficou na frente de Karla. Ele não estava apaixonado por ela e não era um lutador. Mas sua primeira reação foi ir para o lado e proteger Karla com o próprio corpo enquanto o que passou na minha cabeça foi dar um passo para trás e brigar.

Se o espadachim maluco não tivesse sido derrubado, ele nos alcançaria. Eu o enfrentaria. E, provavelmente, teria nos salvado: já havia brigado a socos, com facas e bastões antes, e tinha vencido. Mas mesmo assim, mesmo se tivesse chegado a esse ponto, Prabaker teria sido o verdadeiro herói pela coragem daquele pequeno e instintivo passo para o lado.

Tinha começado a gostar de Prabaker. Aprendera a admirar seu otimismo inabalável. Passara a depender do calor reconfortante fornecido por seu grande sorriso. E apreciei sua companhia, dia e noite, nos meses na cidade e na aldeia. Mas naquele minuto, na minha segunda noite na favela, enquanto o olhava sorrir com Jeetendra, Johnny Cigar e outros amigos, comeci a amá-lo.

A comida era boa e havia o suficiente para todos. A música vinha do rádio, em algum lugar. Eram as vozes de uma soprano, insuportavelmente doce, e de

um tenor feliz e pomposo em um dueto de algum filme indiano. As pessoas falavam, acalentando-se mutuamente com sorrisos e conversas. E em algum momento durante aquela canção de amor, em algum lugar da paisagem em meio à tranquilidade dos moradores da favela, talvez pelo fato de termos sobrevivido, seu mundo envolveu minha vida com seus sonhos, de uma forma tão gentil e completa como a maré cheia que abraça uma pedra fincada na costa.

- 
- 1 Purê de verduras bem picante, servido com pão, introduzido na Índia pelos portugueses. (*N. do E.*)
  - 2 Basta, chega. (*N. do E.*)



**PARTE DOIS**

FUGI DA PRISÃO em plena luz do dia, como se costuma dizer, às treze horas, pelo muro da frente entre duas guaritas. O plano era complexo e foi meticulosamente executado até certo ponto, mas a fuga deu certo por ser ousada, desesperada. A moral da história é que, uma vez colocado em prática, o plano tinha de dar certo. Se falhasse, os guardas da ala disciplinar seriam capazes de nos chutar até a morte.

Éramos dois. Meu amigo era um cara de vinte e cinco anos e desvairado, dono de um coração enorme, condenado à prisão perpétua por assassinato. Tentamos convencer outros a fugir conosco. Falamos com oito dos homens mais durões que conhecíamos, todos com penas de dez anos ou mais por crimes violentos. Um a um, eles encontraram desculpas para não participar da tentativa. Não os culpei. Meu amigo e eu éramos jovens e cumprimos a primeira sentença. Não tínhamos antecedentes criminais. Íamos passar muitos anos na cadeia, mas não tínhamos uma reputação no sistema carcerário. E a fuga que planejávamos era do tipo que as pessoas chamam de heroica, se é bem-sucedida, ou de insana, se fracassa. No final das contas, ficamos sozinhos.

Aproveitamos as grandes reformas em curso no prédio da segurança interna — um edifício de dois andares e salas de interrogatórios perto da entrada principal, no muro da frente. Trabalhávamos como jardineiros. Os guardas que serviam naquela área nos viam todos os dias. Quando fomos trabalhar no dia da fuga, eles nos observaram por algum tempo, como sempre, e então foram cuidar de outros afazeres. O prédio estava vazio. Os peões encarregados da reforma estavam no almoço. Nos poucos e longos segundos do pequeno eclipse criado pelo tédio dos guardas e sua familiaridade conosco, tornamo-nos invisíveis e executamos nosso plano.

Depois de abrir caminho pela cerca de malha em torno da área em reforma, abrimos uma porta para o prédio deserto e fomos para o andar de cima. A área interna tinha sido esvaziada por causa das obras. O teto ainda sem forro deixava à vista o esqueleto da estrutura formado por estacas perpendiculares e vigas mestras. Os degraus de madeira sem polimento da escadaria estavam brancos de poeira, tomados por fragmentos de tijolo e gesso. Havia uma abertura no teto do andar superior. Subi nos atléticos ombros de meu amigo e soquei a porta de madeira na abertura até arrombá-la. Eu levava uma extensão elétrica enrolada no corpo, sob o macacão. Desenrolei-a e deixei que se soltasse. Prendi uma ponta numa viga do teto e passei a outra para meu amigo, lá embaixo. Ele usou a extensão para subir.

O telhado se espalhava em zigue-zagues. Arrastamo-nos na direção do exíguo espaço onde ele se unia ao muro da frente da prisão. Escolhi um caminho pelas calhas, esperando que as partes mais altas dos dois lados escondessem a abertura da observação das guaritas. O forro inteiro se encontrava às escuras, mas aquela estreita faixa perto da parede estava mais preta que o cassetete de um guarda.

Usando um isqueiro como lanterna, tentamos abrir um buraco na grossa madeira que nos separava do zinco do lado de fora do telhado. Uma longa chave de fenda, um cinzel e um alicate eram nossas únicas ferramentas. Depois de quinze minutos cortando, raspando e cavando a madeira, tínhamos conseguido um buraco do tamanho de um olho humano. Quando balançávamos a chama do isqueiro para a frente e para trás, podíamos perceber o brilho do telhado metálico por trás do pequeno buraco. Mas a madeira era dura demais, grossa demais. Com as ferramentas de que dispúnhamos, levaríamos horas para fazer uma abertura com tamanho suficiente para a passagem de um homem.

Não tínhamos horas. Calculávamos ter trinta minutos, ou talvez um pouco mais, antes que os guardas fizessem a verificação de rotina da área. Nesse tempo, precisávamos atravessar a madeira, abrir um buraco no metal, descer no telhado, usar a extensão elétrica como corda e alcançar a liberdade. Lutávamos contra o relógio. Estávamos presos no telhado do prédio da segurança. Sabíamos que a qualquer momento os guardas podiam perceber a cerca cortada, ver a porta arrombada e a abertura destruída. A qualquer momento eles poderiam adentrar aquela caverna escura e escaldante e nos encontrar.

— Temos que voltar — sussurrou meu amigo. — Nunca vamos conseguir passar pela madeira. Temos que voltar e fingir que nada aconteceu.

— Não podemos voltar — disse categoricamente, embora o mesmo pensamento também gritasse dentro de minha cabeça. — Vão descobrir as coisas quebradas, a cerca cortada, e não terão dúvida de que fomos nós. Só nós temos autorização para entrar nessa área. Se voltarmos, vamos passar um ano na surda.

Surda era a gíria da prisão para a cela na ala disciplinar. Naqueles anos, esse setor do presídio era um dos mais desumanos do país. Era um local de torturas brutais e gratuitas. Uma tentativa fracassada de fugir pelo telhado do edifício — o prédio *deles*, o quartel-general dos guardas da ala disciplinar — era garantia de que as sessões de tortura seriam mais gratuitas e mais brutais.

— O que vamos fazer, *porra*? — quis saber meu amigo, gritando com todo o seu corpo, mas sem elevar a voz. O suor pingava de seu rosto, as mãos estavam tão úmidas de medo que ele não conseguia segurar o isqueiro.

— Acho que temos duas possibilidades — declarei.

— E quais são?

— Primeiro, a gente pode usar aquela escada que está presa à parede, lá embaixo. Podemos descer, arrebentar a corrente da escada, amarrar a extensão no alto dela, encostá-la contra a parede, subir, jogar a extensão para o outro lado. Por fim, podemos escorregar até a rua.

— É isso?

— É o primeiro plano.

— Mas... Eles vão ver a gente — meu amigo protestou.

— É.

— E começarão a atirar.

— É.

— Vão atirar.

— Você já disse.

— Bem, foda-se — sibilou. — Acho que *vale a pena* repetir. É uma questão importante pra caralho, não acha?

— Calculo que um de nós vai escapar, talvez, e um de nós vai ser atingido. As chances são de cinquenta por cento.

Avaliamos a situação em silêncio durante um tempo.

— Detesto esse plano — disse meu amigo com um sobressalto.

— Eu também.

— Qual é o segundo plano?

— Você viu a serra elétrica no térreo, quando subimos para cá?

— Sim...

— Se a trouxermos para cá, poderemos utilizá-la para serrar a madeira. Usaremos o alicate para cortar o zinco. Depois disso, voltamos ao plano original.

— Mas eles vão ouvir aquele troço — sussurrou meu amigo, com ênfase. — Posso ouvi-los falando na droga do telefone. Eles estão logo ali. Se a gente ligar a serra aqui, vai parecer a porra de um motor de helicóptero.

— Eu sei. Mas pensarão que são os operários trabalhando.

— Mas eles não estão aqui.

— Não, mas está na hora da mudança de turno no portão. Os guardas do próximo plantão estão chegando. É um grande risco, mas acho que eles vão pensar que são os pedes. Há semanas eles escutam britadeiras, martelos e serras. E não há como imaginarem que *nós* estamos fazendo isso. Não passa pela cabeça deles que os presos são tão loucos a ponto de usar uma serra elétrica bem ao lado do portão principal. Acho que é a nossa melhor opção.

— Detesto bancar o pessimista — interveio ele. — Mas não há eletricidade no prédio. Desligaram para as obras. O único ponto de energia fica lá fora. A extensão chega lá embaixo, eu acho, mas a tomada fica do lado *de fora* do prédio.

— Eu sei, eu sei. Um de nós vai ter que descer, passar de mansinho pela porta que arrombamos e ligar a extensão na tomada lá fora. É o único jeito.

— Quem vai descer?

— Eu desço — disse eu. Tentei parecer confiante e forte, mas existem mentiras em que o corpo não acredita, e as palavras saíram da minha boca em uma voz esganiçada.

Voltei a me arrastar para a abertura. Minhas pernas estavam duras de medo e tensão. Deslizei pela extensão e desci a escada até o térreo, sempre puxando o fio. Alcancei a porta e ainda havia sobra. A serra elétrica estava pousada perto da porta. Amarrei a extensão em volta do cabo e subi correndo as escadas. Meu amigo puxou a serra pela abertura e então me devolveu o fio. Voltei a passar pela porta. Com o corpo colado à parede, respirei com dificuldade e tentei encontrar coragem para abrir a porta. Finalmente, com uma enorme descarga de adrenalina que fez meu coração acelerar, empurrei a porta e fui ligar a extensão na tomada.

Os guardas, armados com pistolas, conversavam a menos de vinte metros da porta. Se um deles olhasse na minha direção, estaríamos perdidos. Percebi que

olhavam para todas as direções, menos para a minha. Conversavam enquanto caminhavam pela área do portão, rindo da piada que alguém acabara de fazer. Ninguém me viu. Entrei no prédio, me pus de quatro como um lobo para subir as escadas e usei a extensão para escalar até a abertura.

No canto escuro perto da calha, no espaço em zigue-zague do forro, meu amigo acendeu o isqueiro. Vi que ele havia ligado a serra elétrica à extensão. Estava pronto para começar. Peguei o isqueiro e segurei para ele. Sem um só segundo de hesitação, ele colocou a serra na posição e a ligou. A máquina rugia como uma turbina de avião na decolagem. Meu amigo me olhou e um imenso sorriso tomou conta de seus lábios. Os dentes estavam cerrados e os olhos reluziam com o reflexo do fogo. Então ele posicionou a serra na chapa de madeira. Com quatro movimentos rápidos e ensurdecedores, fez um buraco perfeito que revelou um quadrado de zinco reluzente.

Esperamos no silêncio que se seguiu, nossos ouvidos zumbindo com os ecos que diminuía. Depois de um instante, ouvimos a campainha de um telefone nas proximidades, no portão principal, e achamos que era o fim. Alguém atendeu a ligação. Era um dos guardas do portão. Nós o ouvimos rir e conversar em um tom descontraído. Tudo ia bem. Estávamos salvos. Eles haviam escutado a serra, é claro, mas, como eu esperava, imaginaram que fosse um ruído produzido pelos trabalhadores.

Animado, abri um buraco no zinco com a chave de fenda. A luz do sol vinda do céu aberto se derramou sobre nós. Aumentei o buraco e então usei o alicate para cortar três lados da folha de zinco. A quatro mãos, forçamos o metal para fora e coloquei a cabeça no buraco. Vi que havíamos de fato aberto passagem em uma das calhas do telhado. A parte mais profunda da vala em forma de V era um ponto cego. Se nos arrastássemos por aquele vão estreito, não conseguiríamos ver os guardas da guarita, nem eles nos veriam.

Havia mais um trabalho a ser feito. A extensão ainda estava ligada na tomada, lá embaixo, do lado de fora do prédio. Precisávamos dela. Era a nossa corda. Precisávamos dela para descer pelas paredes da prisão até a rua. Um de nós tinha de descer as escadas, passar pela porta correndo o risco de ser visto pelos guardas da área adjacente ao portão, tirar a extensão da tomada e depois voltar a subir até o forro. Olhei meu amigo, com o rosto suado na luz forte que nos banhava, entrando pelo buraco que havíamos aberto no telhado. Eu sabia que tinha que fazer aquilo.

Lá embaixo, com as costas contra a parede, próximo à porta, fiz mais uma pausa e tentei domar meus braços e minhas pernas para convencê-los a se arriscar lá fora. Minha respiração estava tão acelerada que eu me sentia tonto e enjoado. Meu coração, como um passarinho engaiolado, se jogava contra as costelas. Depois de alguns longos momentos, eu sabia que não seria capaz de fazê-lo. Tudo em mim gritava contra aquele gesto, da cautela criteriosa ao terror supersticioso. E eu não consegui.

Eu precisava cortar a extensão. Não havia outro jeito. Peguei o cinzel de dentro de um bolso do macacão. Estava bem afiado, mesmo depois de ter sido usado para tentar penetrar a barreira de madeira do telhado. Coloquei-o contra o fio estendido, no lugar onde ele passava por baixo da porta. Ergui a mão para dar

o golpe. Passou pela minha cabeça que se cortasse a extensão, talvez fizesse soar um alarme e um guarda entrasse no prédio para averiguar. Não importava. Eu não tinha escolha. Sabia que não podia ir lá fora novamente. Bati com força. O cinzel atravessou o fio e se alojou no chão de madeira. Separei as pontas do fio e esperei o alarme ou o rumor de vozes vindas da área do portão. Nada aconteceu. Nada. Eu estava a salvo.

Peguei a ponta solta da extensão, voltei correndo para cima e entrei no forro. Através da nova abertura que havíamos feito no telhado, prendemos o fio em uma pesada viga de madeira. Então meu amigo começou a sair pelo buraco. Quando já tinha passado metade do corpo, ele ficou entalado. Por alguns instantes, não podia ir para cima nem para baixo. Começou a se contorcer violentamente, usando toda a força que podia, mas era inútil. Estava completamente preso.

O forro estava de novo às escuras, pois seu corpo fechara o buraco que havíamos aberto. Tateei na poeira, entre as juntas do telhado, e encontrei o isqueiro. Quando acendi, vi imediatamente o que tinha feito meu amigo entalar. Era a bolsa de tabaco — uma carteira de couro, grossa, que ele fizera para si em uma das atividades de terapia ocupacional. Disse-lhe para ficar parado e usei o cinzel para cortar o bolso traseiro do macacão. Quando arrebentei o bolso, a carteira voou para minhas mãos e meu amigo atravessou o buraco e chegou ao telhado.

Fui atrás dele. Rastejando como minhocas pela calha, avançamos até o muro fortificado da frente da prisão. Ajoelhamo-nos para olhar o muro. Ficamos visíveis naquele ponto, por alguns segundos, mas os guardas da guarita não estavam olhando na nossa direção. Essa área da prisão era um ponto cego psicológico. Os guardas a ignoravam, pois não acreditavam que alguém seria louco o suficiente para tentar uma fuga à luz do dia, bem no muro da frente.

Arriscamos uma olhada rápida e nervosa na rua lá embaixo e vimos que havia uma fila de veículos do lado de fora da prisão. Eram caminhões de entrega, esperando para passar pelo portão principal. Como cada veículo era cuidadosamente revistado e verificado com espelhos na parte de baixo, a fila avançava devagar. Meu amigo e eu nos abaixamos mais uma vez na calha para analisar nossas possibilidades.

— Tem muita gente lá embaixo.

— Por mim, vamos agora — disse ele.

— Temos de esperar — me opus.

— Nem fodendo. Jogue o fio e vamos nessa.

— Não — sussurrei. — Tem gente demais lá embaixo.

— E daí?

— Alguém vai querer bancar o herói, com certeza.

— Foda-se. Deixe que banque o herói. A gente pula em cima dele.

— Tem gente demais.

— Fodam-se todos. A gente derruba todo mundo. Não vão saber nem o que aconteceu. São eles ou nós, companheiro.

— Não — disse eu, finalmente. — Temos de esperar. Temos de descer quando não houver mais ninguém lá embaixo. Precisamos esperar.

E assim fizemos, por uma eternidade de vinte minutos, durante a qual me arrastei para a frente e para trás diversas vezes, arriscando-me a ser visto em cada ocasião em que tentei olhar o muro. Então, afinal, vi que a rua estava completamente vazia dos dois lados. Fiz sinal para meu amigo. Ele se arrastou até o muro e desceu, saindo do meu campo de visão. Rastejei para a frente para olhar, esperando vê-lo descer pelo fio, mas ele já estava na rua. Eu o vi desaparecer em uma ruela estreita, do outro lado da rua da prisão. E eu ainda estava lá em cima, no telhado.

Subi no parapeito de arenito azul-acinzentado e segurei a corda. Com as pernas contra a parede, o fio nas duas mãos, minhas costas para a rua, olhei para a guarita, à esquerda. O guarda falava ao telefone e gesticulava com a outra mão. Tinha um fuzil automático pendurado no ombro. Olhei para a outra guarita. O guarda, também armado com um fuzil, se dirigia a alguém no interior do presídio. Ele sorria descontraído. Eu estava invisível. Encontrava-me no alto da parede frontal da prisão de segurança máxima mais rigorosa do estado e estava invisível.

Dei um impulso com as pernas e comecei a descida, mas minhas mãos estavam escorregadias — o medo, o suor — e soltei o fio. Comecei a cair. Era um muro bem alto. Sabia que morreria se despencasse lá embaixo. Na agonia do terror e do desespero, agarrei o fio com força. Minhas mãos foram os freios que suavizaram a queda. Senti a pele ser esfolada nas palmas das mãos e nos dedos. Queimava e ardia. Consegui amortecer a queda, mas ainda assim me machuquei ao cair no chão. Fiquei de pé e saí cambaleando até o outro lado da rua. Eu estava livre.

Olhei mais uma vez para a prisão. O fio ainda balançava junto ao muro. Os guardas ainda conversavam nas guaritas. Um carro passou pela rua, com o motorista tamborilando no volante ao ritmo de uma canção. Virei de costas. Entrei na viela e dei início à vida de foragido que me custou tudo que eu amava.

Quando participei de assaltos à mão armada, assustei as pessoas. Desde aquele tempo — mesmo quando cometia tais crimes —, passando pela cadeia e pela vida de foragido, o destino me amedrontou. As noites estavam impregnadas de medo e às vezes me parecia que o sangue e o ar em meu corpo estavam coagulados de pavor. O medo que infligi aos outros se transformou em dez, cinquenta, mil medos que recheavam as horas mais solitárias de cada noite.

Durante o dia, naqueles primeiros meses em Bombaim, enquanto o mundo trabalhava e se preocupava a minha volta, eu ocupava minha vida com uma vasta gama de tarefas, necessidades e pequenos prazeres. Mas à noite, quando a favela adormecida sonhava, o pavor percorria minha pele. Meu coração se recolhia em uma caverna escura de lembranças. E na maioria das noites eu caminhava enquanto a cidade dormia. Eu caminhava e me obrigava a não olhar para trás, para as guaritas e a extensão elétrica balançando no muro alto que não estavam lá.

Pelo menos as noites eram tranquilas. Naquela época, à meia-noite a polícia impunha um toque de recolher em Bombaim. Às onze e meia, os jipes de patrulhamento se reuniam nas principais ruas do centro da cidade e obrigavam os restaurantes, os bares, as lojas e mesmo as minúsculas bancas de calçada que

vendiam cigarros e *paan* a fechar. Os mendigos, viciados e prostitutas que ainda não estavam em casa ou em seus abrigos eram expulsos das calçadas. As portas de metal das vitrines eram baixadas. Toalhas de algodão branco eram jogadas sobre as mesas em todos os mercados e bazares. O silêncio e o vazio tomavam conta de tudo. No burburinho, na agitação da Bombaim diurna, era impossível imaginar toda aquela desolação. Mas todas as noites eram exatamente iguais: silenciosas, belas e ameaçadoras. Bombaim se transformava em uma casa mal-assombrada.

Durante duas ou três horas após a meia-noite, numa operação conhecida como “recolhimento”, esquadrões de tiras à paisana percorriam as ruas vazias em busca de criminosos, viciados, suspeitos, sem-teto e desempregados. Mais de metade das pessoas da cidade *era* sem-teto, e muitas viviam, comiam e dormiam nas ruas. Os dorminhocos estavam em toda parte, estirados nas calçadas, protegidos da umidade da noite apenas por um cobertor fino e um lençol de algodão. Solteiros, famílias e comunidades inteiras que haviam escapado de uma seca, de uma enchente ou da fome dormiam nas calçadas ou em umbrais, amontoados, reunidos pela necessidade.

A rigor, era ilegal dormir nas ruas de Bombaim. Os tiras faziam cumprir essa lei, mas eram tão pragmáticos em relação a ela quanto ao cumprimento das leis contra a prostituição na rua das Dez Mil Prostitutas. Certo discernimento era necessário e, de fato, a lista daqueles que *não* eram presos por dormir ao relento era bem longa. Os *sadhus* e outros religiosos, por exemplo, não eram incomodados. Idosos, aleijados, os doentes ou feridos não encontravam muita complacência, e às vezes eram obrigados a se mudar para outra rua, mas não eram presos. Os malucos, excêntricos, artistas itinerantes, como músicos, acrobatas, malabaristas, atores e encantadores de serpente, levavam *duras* ocasionais, mas eram invariavelmente excluídos da operação de recolhimento. As famílias, sobretudo aquelas com crianças pequenas, não recebiam nada além de um aviso ríspido para não permanecer mais do que algumas noites em determinada área. Qualquer homem que pudesse provar que tinha um emprego, por mais insignificante que fosse, apresentando um cartão de visita ou endereço do empregador por escrito, também era poupado. Homens solteiros que fossem limpos e respeitosos, e que pudessem demonstrar algum nível de educação, também podiam se livrar da prisão, mesmo se não estivessem empregados. E, é claro, qualquer um que pudesse pagar *baksheesh* estava a salvo.

Sobravam os rapazes solteiros muito pobres, sem-teto, desempregados e sem escolaridade no grupo de alto risco da operação de recolhimento da meia-noite. Sem dinheiro para corromper os policiais, e sem lãbia para levá-los na conversa, dezenas daqueles jovens eram presos pela cidade inteira, todas as noites. Alguns se encaixavam nas descrições de homens procurados; outros eram flagrados com drogas ou mercadorias roubadas. Havia os muito manjados, e os policiais os prendiam regularmente por serem eternos suspeitos. Muitos, porém, eram apenas sujos, pobres e com um ar desamparado e rabugento.

A cidade não tinha verba para comprar milhares de pares de algemas metálicas. E, mesmo se o dinheiro existisse, provavelmente os tiras não sairiam

por aí com correntes pesadas. Em vez disso, levavam pedaços de uma corda tosca feita com fibra de cânhamo e coco, que usavam para amarrar os presos uns aos outros pela mão direita. Bastava uma corda fina para prender os homens, pois as vítimas da operação noturna, em sua maioria, eram fracas demais, subnutridas e espiritualmente derrotadas para ousarem fugir. Eles se entregavam com humildade, em silêncio. Quando um grupo de doze a vinte homens havia sido preso e amarrado, seis ou oito policiais da ronda noturna o conduzia às celas.

Os tiras eram mais justos do que eu esperava, e sem a menor dúvida corajosos. Trabalhavam apenas com uma fina vara de bambu chamada *lathi*. Não tinham cassetetes, gás ou armas. Não dispunham de *walkie-talkies*, e por isso não podiam pedir reforço se as equipes passassem por algum aperto. Como não tinham viaturas, a ronda era feita toda a pé. E, embora em geral usassem o *lathi*, surras cruéis ou mesmo graves eram raras — bem menos frequentes que as agressões policiais na moderna cidade ocidental onde eu fora criado.

De qualquer maneira, a ronda significava dias, semanas ou mesmo meses de confinamento para os jovens em prisões tão ruins quanto qualquer outra na Ásia. E as caravanas de homens presos e amarrados que desfilavam pela cidade após a meia-noite pareciam mais melancólicas e infelizes do que a maioria dos cortejos fúnebres.

Nas minhas caminhadas pela cidade madrugada adentro, eu me encontrava invariavelmente sozinho na hora da ronda. Meus amigos ricos temiam os pobres. Meus amigos pobres temiam os tiras. A maior parte dos estrangeiros temia todo mundo e ficava nos hotéis. As ruas eram minhas enquanto eu vistoriava seus silêncios frios.

Em uma daquelas andanças noturnas, cerca de três meses depois do incêndio, dei por mim na amurada da Marine Drive. A ampla calçada em frente ao mar estava praticamente deserta e limpa. Uma avenida com seis pistas de rolamento separava o caminho à beira-mar de um horizonte tomado por uma enseada de riqueza: belas casas, apartamentos caros, consulados, restaurantes sofisticados e hotéis que contemplavam o mar escuro e agitado.

Havia poucos carros na rua naquela noite; a cada quinze ou vinte minutos passava um, em baixa velocidade. Poucas luzes estavam acesas nas janelas da rua atrás de mim. Rajadas irascíveis de um vento fresco transportavam o ar limpo e salgado. Tudo estava calmo. O mar fazia mais barulho do que a cidade.

Alguns de meus amigos da favela se preocupavam com meus solitários passeios noturnos pelas ruas. *Não caminhe à noite*, diziam-me. *A noite não é segura em Bombaim*. Mas não era a cidade que eu temia. Eu me sentia a salvo nas ruas. Estranha e conturbada, minha vida era abraçada pela cidade como milhões de outras, como se... como se eu pertencesse àquele lugar como qualquer pessoa.

E o trabalho que eu fazia reforçava essa sensação de pertencimento. Eu assumia com regularidade o papel de médico da favela. Comprei livros sobre medicina diagnóstica e os estudava sob a luz do lampião em meu barraco. Acumulei um estoque modesto de remédios, pomadas e bandagens, comprado dos farmacêuticos da região com dinheiro que eu ganhava dos turistas em

transações no mercado negro. E eu permanecia ali, naquele território miserável, mesmo depois de ter conseguido dinheiro suficiente para partir. Ficava naquele barraco apertado quando poderia ter mudado para um apartamento confortável. Permiti que minha vida fosse arrebatada pela vida tumultuada e animada de vinte e cinco mil pessoas. Liguei-me a Prabaker, a Johnny Cigar e a Qasim Ali Hussein. E, embora tentasse não pensar em Karla, meu amor fincava garras no céu. Eu beijava o vento. Dizia seu nome quando estava sozinho.

Na amurada junto ao mar, senti a brisa fresca lavar a pele do meu rosto e do meu peito como a água despejada por uma *matka* de barro. Não havia outro som além da minha respiração ao vento e das ondas quebrando nas rochas, três metros abaixo da amurada. As ondas arrebentavam soltando espumas e respingando em mim. *Esqueça. Deixe isso para lá. Acabe com tudo de uma vez. É só se jogar e morrer. Tão simples.* Não era a voz mais forte em minha mente, mas vinha de uma das regiões mais profundas — a vergonha que asfixiava a autoestima. Quem sente vergonha conhece aquela voz: *Você decepcionou todo mundo. Você não merece viver. O mundo ficaria melhor sem você...* E mesmo com todo o esforço que eu fazia para pertencer àquele lugar, para me curar com o trabalho da clínica, para me salvar com a tola ideia de estar apaixonado por Karla, a verdade era que eu vivia sozinho com aquela vergonha, e perdido.

O mar crescia e batia contra as rochas lá embaixo. Bastaria um pulo para acabar com tudo. Eu podia imaginar a queda, o barulho do meu corpo ao se chocar nas rochas, a frieza escorregadia da morte por afogamento. *Tão fácil.*

Senti a mão de alguém tocar em meu ombro. O toque era suave e delicado, mas firme o bastante para me manter ali. Virei rapidamente, surpreso e chocado. Lá estava um homem alto e jovem, de pé atrás de mim. Sua mão permaneceu sobre meu ombro como se para me prender ali: como se tivesse lido meus pensamentos de alguns minutos antes.

— Você é o senhor Lin, imagino — disse ele mansamente. — Não sei se você se lembra de mim. Meu nome é Abdullah. Nós nos conhecemos na casa dos Babas de Pé.

— Sim, sim — gaguejei. — Você nos ajudou, me ajudou. Lembro-me bem de você. Você partiu, desapareceu, antes que eu pudesse lhe agradecer como deveria.

Ele sorriu descontraído e tirou a mão para passá-la pelos cabelos espessos e negros.

— Não há o que agradecer. Você teria feito o mesmo por mim em seu país, não é? Venha, tem alguém que gostaria de conhecê-lo.

Ele fez um gesto na direção de um carro estacionado na beira da calçada, a dez metros de distância. Tinha estacionado atrás de mim com o motor ainda ligado, mas por alguma razão eu não tinha ouvido nada. Era um *Ambassador*, a modesta versão indiana de um carro de luxo. Havia dois homens lá dentro — o motorista e um passageiro no banco traseiro.

Abdullah abriu a porta traseira e me abaixei para olhar o interior. Vi um homem com uns sessenta e cinco anos, o rosto semi-iluminado pela luz da rua. Era um semblante descarnado, forte, inteligente, com um nariz comprido

e afilado e maçãs do rosto pronunciadas. Fiquei impressionado e preso na mesma hora pelo olhar, um brilho cor de âmbar, de ironia, compaixão e algo mais... brutalidade, talvez, ou amor. O cabelo e a barba eram grisalhos e bem-aparados.

— É o senhor Lin? — disse ele. A voz era profunda, retumbante e completamente segura de si. — Estou feliz em conhecê-lo. Sim, muito feliz. Ouvi coisas boas sobre o senhor. É sempre um prazer ouvir coisas boas... É ainda melhor quando têm relação com estrangeiros, aqui na nossa Bombaim. Talvez o senhor já tenha também ouvido falar de mim. Meu nome é Abdel Khader Khan.

Claro. Tinha ouvido falar dele. Todo mundo em Bombaim ouvira falar dele. Seu nome aparecia nos jornais semana sim, semana não. As pessoas falavam sobre ele nos bazares, nas casas noturnas e nas favelas. Era admirado e temido pelos ricos. Era respeitado e endeusado pelos pobres. Seus sermões sobre teologia e ética, proferidos no pátio da mesquita de Nabila, em Dongri, eram famosos na cidade inteira e atraíam muitos intelectuais e estudantes de todos os credos. Não menos famosas eram suas amizades com artistas, empresários e políticos. Era também um dos chefões da máfia de Bombaim — um dos fundadores do sistema que dividiu a cidade em feudos governados por conselhos independentes de chefões da máfia. O sistema era bom, diziam as pessoas, e popular, porque havia trazido ordem e uma paz relativa ao submundo depois de uma década de sangrentas disputas pelo poder. Ele era poderoso, perigoso e brilhante.

— Sim, senhor — respondi, chocado por ter usado involuntariamente a palavra *senhor*. Odiava a palavra. Na ala disciplinar, apanhávamos toda vez que deixávamos de nos dirigir aos guardas como *senhor*. — Conheça-o de nome, é claro. As pessoas o chamam de Khaderbhai.

A palavra *bhai* no final de seu nome significava *irmão mais velho*. Era um tratamento carinhoso e respeitoso. Ele sorriu e meneou a cabeça lentamente quando eu disse aquilo: Khaderbhai.

O motorista ajustou o espelho retrovisor e me olhou, encarando-me de forma inexpressiva. Havia jasmims frescos em guirlandas penduradas no espelho e o perfume era inebriante, quase atordoante depois da brisa do mar. Enquanto me debruçava na porta do carro, tive plena consciência de minha situação: minha postura inclinada, as rugas na minha testa ao levantar o rosto para ver seus olhos, a beira da calha no teto do carro sob meus dedos e um adesivo colado no painel onde se lia **GRAÇAS A DEUS ESTOU DIRIGINDO ESTE CARRO**. Não havia mais ninguém na rua. Nenhum carro passava. Estava silencioso; ouviam-se apenas o motor ligado e o abafado rumor das ondas revoltas.

— O senhor é médico na favela de Colaba. Ouvi falar sobre isso logo que foi morar lá. Isso é raro, um estrangeiro vivendo na favela. Ela me pertence, o senhor compreende. A terra onde estão aqueles barracos... é minha. Gostei muito do seu trabalho.

O espanto me calou. A favela onde eu morava, conhecida como *zhopadpatti* ou acampamento de barracos, meio quilômetro quadrado, com vinte e cinco mil homens, mulheres e crianças, era dele? Eu morava ali havia meses e ouvi o nome de Khaderbhai ser mencionado diversas vezes, mas ninguém me disse que ele era dono do lugar. *Não pode ser, pensei comigo mesmo. Como pode um*

*homem ser dono de um lugar daqueles e de todas as suas vidas?*

— Eu... eu... Não sou médico, Khaderbhai — consegui lhe dizer.

— Talvez por isso esteja se saindo tão bem ao cuidar dos doentes, senhor Lin. Os médicos não têm boa vontade para ir à favela. Podemos impedir que os homens sejam maus, mas não podemos obrigá-los a serem bons, não acha? Meu jovem amigo Abdullah o reconheceu agora, quando passamos e vimos o senhor sentado na amurada. Pedi para fazer o retorno, para que pudesse encontrá-lo. Venha... Sente-se aqui dentro comigo. Eu posso levá-lo a algum lugar.

Eu hesitei.

— Por favor, não se incomode. Eu...

— Não é incômodo algum, senhor Lin. Entre e sente. Nosso motorista é meu grande amigo Nazeer.

Entrei no carro. Abdullah fechou a porta atrás de mim e então sentou na frente, ao lado do motorista, que voltou a ajustar o retrovisor de modo a me observar. O carro não saiu do lugar.

— *Chillum bono* — disse Khaderbhai para Abdullah. *Prepare um cachimbo.*

Abdullah retirou um cachimbo em forma de funil do bolso da jaqueta e o pôs ao seu lado no assento, começando em seguida a preparar uma mistura de haxixe e tabaco. Ele enfiou uma bola de haxixe, chamada de *goli*, na ponta de um palito de fósforo e a queimou com outro fósforo. O cheiro do bagulho se misturou ao perfume de jasmim. O carro ainda estava parado, com o motor ligado, silenciosamente. Ninguém falava.

Em três minutos o cachimbo foi preparado e oferecido a Khaderbhai para a primeira *dumm*, ou primeira baforada. Ele fumou e passou o cachimbo para mim. Abdullah e o motorista fumaram em seguida, dando sequência a mais uma rodada. Abdullah limpou o cachimbo com rapidez e eficiência e então o recolocou no bolso.

— *Challo* — disse Khader. *Vamos.*

O carro se afastou lentamente da calçada. A luz da rua se refletia no parabrisa. O motorista pôs uma fita cassete no som do painel. Os acordes tristonhos de uma canção romântica ecoaram a todo o volume pelos alto-falantes atrás de nossas cabeças. Eu estava tão chapado que chegava a sentir o cérebro estremecer dentro do crânio, mas quando olhei os outros três, eles aparentavam estar na mais perfeita paz e tranquilidade.

O passeio foi estranhamente parecido com centenas de outros que fiz chapado com amigos na Austrália e na Nova Zelândia, quando fumávamos haxixe ou maconha, colocávamos o som do carro no volume máximo e saíamos para rodar. Na minha cultura, porém, quem fazia isso eram os jovens. Ali eu estava na companhia de um senhor muito poderoso e influente, bem mais velho que Abdullah, o motorista ou eu. E, embora as canções seguissem ritmos convencionais, eram numa língua que eu não conseguia compreender. A experiência era familiar e perturbadora ao mesmo tempo — semelhante a voltar, já adulto, ao pátio da escola — e apesar da pegada soporífera da droga, eu não conseguia relaxar por completo.

Não tinha a menor ideia de nosso destino. Não fazia ideia de como ou quando

voltaríamos. Estávamos viajando rumo a Tardeo, na direção oposta à minha casa, em Colaba. Com o passar do tempo refleti sobre o peculiar costume indiano do sequestro amigável. Durante meses, na favela, eu havia sucumbido a convites vagos e misteriosos dos amigos para acompanhá-los a lugares não especificados, com objetivos desconhecidos. *Você vem*, diziam as pessoas com um sorriso suplicante, sem nunca sentir a necessidade de me dizer aonde íamos ou por quê. *Você vem agora!* Havia resistido algumas vezes, a princípio, mas logo descobri que aquelas jornadas obscuras e indesejadas invariavelmente valiam a pena, costumavam ser interessantes e agradáveis, e com muita frequência, importantes. Pouco a pouco aprendi a relaxar, a me render, a acreditar em meus instintos, como fazia agora com Khaderbhai. Nunca me arrependi, jamais me machuquei ou fiquei desapontado com os amigos que me sequestravam.

Enquanto o carro subia a longa colina que dava na mesquita Haji Ali, Abdullah desligou o toca-fitas e perguntou a Khaderbhai se ele queria fazer sua costumeira parada no restaurante dali. Khader olhou-me fixamente, com ar pensativo por um momento, depois sorriu e assentiu para o motorista. Bateu duas vezes na minha mão com os nós dos dedos da mão esquerda e tocou os lábios com o polegar. *Agora fique em silêncio*, me dizia o gesto. *Olhe, mas não fale*.

Paramos no estacionamento, um pouco afastado de uma fileira de uns vinte carros do lado de fora do restaurante Haji Ali. Embora a maior parte de Bombaim dormisse depois da meia-noite, ou pelo menos fingisse dormir, havia núcleos de som, cor e atividade na cidade. O difícil era saber onde encontrá-los. O restaurante perto do templo Haji Ali era um deles. Centenas de pessoas se reuniam ali todas as noites para comer, se encontrar, comprar bebidas, cigarros ou doces. Vinham de táxi, em carros particulares e motocicletas, hora após hora, até o amanhecer. O restaurante em si era pequeno e vivia lotado. A maior parte dos fregueses preferia ficar em pé na calçada e comer dentro dos carros ou sobre eles. A música estava a toda em muitos deles. As pessoas gritavam em urdu, híndi, marata e inglês. Os garçons corriam do balcão para os carros, levando bebidas, embrulhos e bandejas, com habilidade e estilo.

O restaurante não respeitava o toque de recolher e deveria ter sido fechado pelos policiais da delegacia de Haji Ali, que ficava a apenas vinte metros de distância. Mas o pragmatismo indiano reconhecia o fato de que pessoas civilizadas, nas cidades grandes e modernas, necessitavam de lugares para se encontrar e paquerar. Os donos de certos oásis de barulho e diversão tinham permissão para subornar diversas autoridades e policiais e permanecer com as portas abertas praticamente a noite inteira. Porém, não era a mesma coisa que se ter um alvará. Esses restaurantes e bares funcionavam de forma clandestina, e às vezes eram obrigados a aparentar certa subserviência. Eventuais telefonemas para a delegacia de Haji Ali alertavam que um delegado, um ministro ou outra autoridade pretendia passar por ali. Com um tumultuado espírito cooperativo, apagavam-se as luzes, os carros deixavam o local e o restaurante era forçado a fechar as portas temporariamente. Longe de desencorajar os frequentadores, o pequeno inconveniente dava um toque de charme e aventura a um simples lanche. Todo mundo sabia que o restaurante em Haji Ali, como qualquer outra

casa noturna clandestina da cidade que fingisse estar fechada, reabriria em menos de meia hora. Todo mundo sabia sobre os subornos. Todo mundo sabia sobre os telefonemas de alerta. Todo mundo se dava bem e todo mundo estava feliz. *A pior coisa sobre a corrupção como sistema de governo*, disse Didier uma vez, *é que funciona muito bem.*

O *maître*, um jovem de Maharashtra, veio correndo até o carro e meneou a cabeça energicamente enquanto nosso motorista fazia os pedidos. Abdullah saltou do carro e caminhou até o balcão de pedidos para viagem, que estava lotado. Eu o observei. Ele andava com a graça delicada de um atleta. Era mais alto do que a maior parte dos outros jovens que o cercava. Uma notável confiança chamava a atenção em sua postura. O cabelo negro, longo atrás da cabeça, chegava quase à altura dos ombros. Ele usava roupas simples e baratas — sapatos pretos macios, calças pretas e uma blusa de seda branca —, mas que lhe caíam bem e ele expunha com certo ar de elegância marcial. O corpo era musculoso e ele parecia ter uns vinte e oito anos. Ele se voltou para o carro e pude olhar seu rosto. Era uma face bela, serena e controlada. Eu sabia de onde vinha aquele controle. Já tinha visto a forma veloz e letal com que ele se movimentara para desarmar o espadachim na casa dos Babas de Pé.

Alguns fregueses e todos os funcionários do balcão reconheceram Abdullah e conversavam, sorriam ou faziam piadas enquanto ele pedia cigarros e *paan*. Seus gestos eram exagerados. Riam mais alto que uns segundos antes. Amontoavam-se e procuravam tocá-lo com frequência. Pareciam ansiosos, de modo quase desesperado, pela sua aprovação, ou pelo menos que ele as percebesse. Mas também havia uma hesitação — um tipo de relutância —, como se, apesar de toda a conversa e dos sorrisos, não gostassem dele, nem confiassem nele. Também estava claro que tinham medo.

O garçom voltou, passou a comida e a bebida para o motorista. Ele se demorou diante da janela aberta ao lado de Khaderbhai, com o olhar de quem implorava a oportunidade de falar.

— Seu pai, Ramesh, está bem? — perguntou Khader.

— Sim, *bhai*, ele está bem. Mas... Mas... Estou com um problema — respondeu o jovem garçom em hindi. Ele puxava a ponta do bigode com nervosismo.

Khader franziu a testa e olhou fixamente para o rosto preocupado.

— Que tipo de problema você tem, Ramesh?

— É... É o meu senhorio, *bhai*. Está havendo... Vai haver uma ação de despejo. Eu, nós, minha família, já estamos pagando o dobro do aluguel. Mas o senhorio... O senhorio é ganancioso e quer nos despejar.

Khader assentiu pensativamente. Seu silêncio encheu Ramesh de coragem, e ele prosseguiu, falando rápido em hindi.

— Não é apenas a minha família, *bhai*. Todas as famílias no prédio vão ser despejadas. Já tentamos de tudo, fizemos ofertas muito boas, mas o senhorio não nos ouve. Ele tem *goondas*, bandidos que fazem ameaças e já nos agrediram algumas vezes. Até meu pai foi agredido. Tenho vergonha de não ter matado o senhorio, *bhai*, mas sei que isso só traria mais problemas para minha família e

para as outras que moram no prédio. Eu disse para o meu muito honrado pai que a gente devia falar com o senhor e que o senhor nos protegeria. Mas meu pai é muito orgulhoso. O senhor o conhece. E ele o adora, *bhai*. Ele não vai incomodá-lo com um pedido de ajuda. Se souber que lhe falei de nossos problemas, vai ficar muito zangado. Mas quando eu o vi hoje à noite, meu senhor Khaderbhai, pensei que... Que o Bhagwan tinha lhe trazido aqui para me ajudar. Eu... eu sinto muito por incomodá-lo.

Ele ficou em silêncio, engolindo em seco. Segurava a bandeja de metal com tanta força que os nós dos dedos ficaram pálidos.

— Vamos ver o que podemos fazer em relação a seus problemas, Ramu — disse Khaderbhai lentamente. O tratamento carinhoso do nome de Ramesh, *Ramu*, fez com que se abrisse um sorriso enorme e infantil no rosto jovem. — Venha me ver amanhã, às duas em ponto. Vamos conversar mais. Vamos ajudá-lo, *Inshallah*. Ah, Ramu... não há necessidade de contar a seu pai sobre isso até que o problema, *Inshallah*, tenha sido resolvido.

Ramesh parecia querer agarrar a mão de Khader e beijá-la, mas se limitou a curvar-se e recuar, balbuciando um agradecimento. Abdullah e o motorista tinham pedido pratos de salada de fruta e iogurte de coco, que saborearam ruidosamente quando ficamos a sós. Khaderbhai e eu pedimos apenas *lassi* de manga. Enquanto bebíamos, outro visitante se aproximou da janela do carro. Era o chefe da delegacia de Haji Ali.

— É uma grande honra voltar a vê-lo, Khaderji — disse ele, com o rosto se contraindo em uma careta que poderia ser uma reação a uma cólica estomacal ou um sorriso servil. Falava híndi com forte sotaque de algum outro dialeto, e era difícil entender o que dizia. Perguntou pela família de Khaderbhai e então fez algumas referências a negócios.

Abdullah pousou o prato vazio no banco da frente e pegou, debaixo do assento, um embrulho feito com folhas de jornal. Ele passou o embrulho para Khader, que abriu um canto, deixando à mostra um grosso maço de notas de cem rúpias. Com displicência, passou o pacote pela janela, para entregar ao policial. Tudo foi feito tão às claras, quase ostensivamente, que tive certeza de que era importante para Khader que todo mundo em um raio de cem metros testemunhasse o ato de suborno.

O policial enfiou o embrulho dentro da camisa e inclinou-se duas vezes para cuspir para o lado, para dar sorte. Aproximou-se da janela mais uma vez e começou a murmurar de modo rápido e desagradável. Captei as palavras *corpo* e *barganha* e alguma coisa sobre o *bazar do ladrão*, mas não consegui entender nada. Khader mandou que ele se calasse, erguendo a mão. Abdullah olhou para Khader e depois para mim e abriu um sorriso maroto.

— Venha comigo, senhor Lin — disse ele mansamente. — Vamos ver a mesquita, não é?

Quando saímos do carro, pude ouvir o policial falando alto: *O gora fala hindi? Bhagwan nos proteja dos estrangeiros!*

Caminhamos até um lugar deserto na amurada à beira-mar. A mesquita em Haji Ali foi construída sobre uma ilha pequena e plana, ligada ao continente por

um caminho de pedra com 333 passos de comprimento. Do alvorecer ao crepúsculo, quando a maré permitia, a larga faixa ficava repleta de peregrinos e turistas. Na maré alta, submergia completamente e águas profundas isolavam a ilha. Vista à noite, da amurada da avenida à beira-mar, a mesquita parecia um grande navio atracado. Lanternas de latão, presas em forquilhas nas paredes de mármore, despejavam luz verde e amarela. Ao luar, os arcos em forma de lágrima e os contornos arredondados emanavam um fulgor branco e se transformavam nas velas daquele navio místico, e os minaretes, em numerosos mastros elevados às alturas.

Naquela noite, a lua amarela, grande e achatada — conhecida na favela como *lua dos sofredores* —, pairava hipnoticamente cheia sobre a mesquita. Havia uma brisa vinda do mar, mas o ar estava quente e úmido. Multidões de morcegos voavam perto da rede elétrica, milhares deles, como se fossem notas musicais em uma partitura. Uma garotinha bem pequena, de pé muito depois da hora de dormir e ainda vendendo guirlandas de jasmim, se aproximou de nós e deu uma para Abdullah. Ele pôs a mão no bolso para lhe dar dinheiro, mas ela recusou sorrindo, e foi embora cantando o refrão de uma canção de um popular filme híndi.

— Não existe ato de fé mais belo do que a generosidade dos miseráveis — disse Abdullah, com brandura. Eu tinha a impressão de que ele jamais erguia a voz acima daquele tom suave.

— Você fala inglês muito bem — comentei, sinceramente impressionado pela sutileza do pensamento e pela forma como ele havia se expressado.

— Não, não falo bem. Conheci uma mulher e ela me ensinou essas palavras — respondeu. Esperei por mais alguma coisa, e ele hesitou, contemplando o mar, mas quando voltou a falar, foi para mudar de assunto. — Me diga uma coisa, senhor Lin, naquela vez na casa dos Babas de Pé, quando o homem ia atacá-lo com a espada... O que teria feito se eu não estivesse ali?

— Eu o enfrentaria.

— Eu acho... — Ele se voltou para fitar meus olhos, e senti um calafrio de pavor inexplicável percorrer meu couro cabeludo. — Acho que você teria morrido. Teria sido assassinado e agora estaria morto.

— Não. Ele tinha uma espada, mas era velho e maluco. Eu o teria derrotado.

— Sim — disse ele sem sorrir. — Sim, acho que você tem razão. Você o teria derrotado. Mas os outros, a garota e seu amigo indiano, um deles ficaria ferido ou talvez morresse, se você tivesse sobrevivido. Quando a espada baixasse, se ela não pegasse em você, teria atingido um deles. É o que eu acho. Um de vocês estaria morto. Você ou seus amigos... alguém estaria morto.

Foi a minha vez de ficar em silêncio. A sensação de pavor que eu sentira um momento antes deu lugar a um repentino estado de prontidão. Meu coração bombeava o sangue ruidosamente. Ele estava falando sobre como havia salvado minha vida, no entanto me senti ameaçado por suas palavras. Não gostei daquilo. A raiva começou a crescer. Fiquei tenso, pronto para lutar com ele, e olhei em seus olhos com dureza.

Ele sorriu e pôs a mão no meu ombro, como fizera havia menos de uma hora em outra amurada à beira-mar, em Marine Drive. O formigamento intuitivo do

estado de alerta passou tão repentinamente quanto começara. Apesar de ter sido tão intenso, tinha simplesmente desaparecido. Levei meses para voltar a pensar no assunto.

Virei-me e vi o policial fazer uma saudação e se afastar do carro de Khader.

— Khaderbhai foi muito indiscreto ao pagar a propina para aquele policial.

Abdullah riu e me lembrei da primeira vez que tinha ouvido sua gargalhada, na casa dos Babas de Pé. Era uma boa risada, ingênua e desinibida. Subitamente, passei a gostar dele por causa daquela risada.

— Existe um ditado persa que diz: *Às vezes o leão precisa rugir só para não deixar o cavalo esquecer o medo.* Esse policial vem criando casos aqui, em Haji Ali. As pessoas não o respeitam. Por isso está infeliz. A infelicidade o faz criar problemas. Quanto mais problemas inventa, menos respeito as pessoas têm por ele. Agora o estão vendo receber tanta *baksheesh*, mais do que outro policial como ele recebe, e vão respeitá-lo um pouco. Vão ficar impressionados porque o grande Khaderbhai lhe paga tão bem. Com um pouco de respeito, ele vai criar menos casos para todos nós. Porém, a mensagem ainda é clara. Ele é um cavalo, mas Khader é um leão. E o leão rugiu.

— Você é segurança de Khaderbhai?

— Não, não! — voltou a rir. — Lorde Abdel Khader não precisa de proteção. Mas... — Ele fez uma pausa e nós dois olhamos para o homem de cabelos grisalhos no banco de trás de uma modesta limusine. — Mas eu daria a vida por ele, se é o que você quer dizer. Isso e muito mais, eu seria capaz de fazer por ele.

— Não há muito mais que você possa fazer por alguém, além de morrer por ele — respondi, sorrindo tanto pela sua sinceridade quanto pela estranheza da ideia.

— Ah, sim — disse ele, colocando o braço em volta do meu ombro e nos conduzindo de volta ao carro. — Há muito mais.

— Você está fazendo amizade com nosso Abdullah, senhor Lin? — disse Khaderbhai enquanto entrávamos de novo no carro. — É uma coisa boa. Vocês deveriam ser bons amigos. Vocês parecem irmãos.

Abdullah e eu nos entreolhamos e rimos com delicadeza daquelas palavras. Meu cabelo era louro; o dele, completamente negro. Meus olhos eram cinzentos; os dele, castanhos. Ele era iraniano, e eu, australiano. À primeira vista, não poderíamos ser mais diferentes. Mas Khaderbhai olhava para um e para outro com ar tão intrigado, estava tão sinceramente surpreso com nossa reação, que engolimos o riso e o transformamos em sorrisinhos. E enquanto o carro seguia pela estrada de Bandra, pensei no que Khader tinha dito. Surpreendi-me pensando que, apesar de todas as diferenças, talvez houvesse mesmo uma verdade na observação do homem mais velho.

O carro seguiu por quase uma hora. Diminuiu a velocidade, por fim, nos arredores de Bandra, em uma rua de lojas e armazéns, e então se enfiou na entrada de uma estreita viela. A rua estava escura e deserta, assim como a viela. Quando as portas do carro se abriram, eu pude ouvir música e cantoria.

— Venha, senhor Lin. Chegamos — disse Khaderbhai, sem sentir a menor necessidade de me explicar para onde íamos ou por quê.

O motorista, Nazeer, permaneceu no carro, encostado no capô, e finalmente se deu ao luxo de desembulhar o *paan* que Abdullah havia lhe comprado em Haji Ali. Ao passar por ele para descer a viela, percebi que Nazeer não havia pronunciado uma palavra sequer e pensei nos longos silêncios que tantos indianos praticavam naquela cidade barulhenta e populosa.

Atravessamos um grande arco de pedra em um corredor, e depois de subir dois lances de escada entramos em um vasto cômodo repleto de gente, fumaça e música barulhenta. Era um aposento retangular, decorado com sedas verdes e tapetes. Na outra extremidade havia um pequeno palco elevado onde quatro músicos se sentavam em almofadas de seda. Junto às paredes havia mesas baixas, cercadas por almofadas confortáveis. Lanternas verde-claras, com o formato de sino, penduradas no teto de madeira, lançavam arcos trêmulos de uma luz amarelo-dourada. Os garçons se deslocavam de grupo a grupo, servindo chá preto em copos longos. Em algumas mesas havia narguilés, enchendo o ar com fumaça azul e o perfume do haxixe.

Vários homens se levantaram imediatamente para cumprimentar Khaderbhai. Abdullah também era bem conhecido naquele lugar. Muitas pessoas o saudaram com um sinal de cabeça, gesto ou palavras. Reparei que os homens naquele local, ao contrário daqueles em Haji Ali, o abraçavam carinhosamente e se demoravam, enquanto seguravam a mão dele entre as suas. Reconheci um homem na multidão. Era Shafiq *Gussa*, ou Shafiq, o Zangado, que controlava a prostituição no quartel da Marinha, perto da favela onde eu morava. Conhecia alguns outros rostos — um poeta famoso, um conhecido sufi e um astro de cinema de segundo escalão — pelas fotos nos jornais.

Um dos homens próximos a Khaderbhai era o gerente do clube. Era um sujeito baixo, gorducho, vestido com uma longa túnica de caxemira, toda abotoada. A touca de renda branca de um hadji, aquele que já fez a peregrinação a Meca, lhe cobria a cabeça calva. A testa tinha uma mancha escura e circular que alguns muçulmanos adquirem de tanto bater com a testa na pedra em suas orações. Ele gritou instruções, e na mesma hora os garçons trouxeram uma nova mesa e diversas almofadas, arrumando tudo em um canto do salão com uma vista privilegiada para o palco.

Sentamo-nos de pernas cruzadas, com Khader ao centro, Abdullah a sua direita, e eu, à esquerda. Um menino com touca hadji e roupas afegãs nos trouxe uma tigela de arroz apimentado e um prato com uma miscelânea de nozes e frutas secas. O garçom do *chai* despejou líquido quente e negro de uma chaleira com bico fino, a um metro de altura, sem derramar uma única gota. Ele colocou a bebida diante de nós e então nos ofereceu cubos de açúcar. Eu estava prestes a beber o chá sem açúcar, mas Abdullah me interrompeu.

— Vamos lá, senhor Lin — sorriu ele. — Vamos beber chá da Pérsia no autêntico estilo iraniano, não é?

Ele pegou um cubo de açúcar e o colocou na boca, segurando-o com firmeza entre os dentes da frente. Ele então levantou o copo e bebericou o chá através do cubo. Segui seu exemplo, imitando todos os passos. O cubo de açúcar se desfez lentamente e derreteu e, embora o sabor fosse doce demais para o meu paladar,

apreciei a estranheza diante de um novo hábito.

Khaderbhai também pegou um cubo de açúcar e sorveu o chá através dele, lendo ao pequeno costume uma dignidade e uma solenidade peculiares, como de fato fazia em todas as suas expressões, e mesmo nos gestos mais casuais. Era o ser humano mais imponente que eu conhecera. Olhando para ele naquele momento, enquanto inclinava a cabeça para ouvir a conversa despreocupada de Abdullah, pensei que em qualquer vida, e em qualquer mundo, ele comandaria os homens e lhes inspiraria obediência.

Três cantores se juntaram aos músicos e sentaram um pouco à frente deles. Um silêncio gradual tomou conta do salão e então, subitamente, os três homens começaram a cantar com vozes arrebatadoras e potentes. Era um som sedutor — uma música deslumbrante e cheia de nuances, com uma intensidade apaixonada. Não estavam apenas cantando, mas choravam e gemiam com a canção. Lágrimas de verdade saíam de seus olhos fechados e pingavam em seus peitos. Eu estava encantado por ouvi-los, mas ao mesmo tempo envergonhado. Era como se os cantores tivessem me levado para conhecer seus sentimentos mais íntimos e profundos de amor e tristeza.

Entoaram três canções e então deixaram o palco em silêncio, passando por uma cortina que conduzia a outro cômodo. Ninguém falou nem se mexeu durante a apresentação, mas agora todos falavam ao mesmo tempo, enquanto nós tentávamos quebrar o encanto que nos envolvia. Abdullah se levantou e atravessou o salão para conversar com um grupo de afegãos que estava em outra mesa.

— O que achou das canções, senhor Lin? — perguntou-me Khaderbhai.

— Gostei muito. É incrível, impressionante. Nunca ouvi nada parecido. Havia tanta tristeza, mas também tanta força. Que língua era aquela? Urdu?

— Isso. Você entende urdu?

— Não, é uma pena. Falo apenas um pouquinho de marata e de híndi. Reconheci que era urdu porque algumas pessoas falam essa língua no lugar onde moro.

— Urdu é a língua dos gazais. E esses são os melhores cantores de gazais de Bombaim — respondeu.

— Eles estão cantando canções de amor?

Ele sorriu e se debruçou de forma a pousar a mão no meu antebraço. Por toda a cidade as pessoas se tocavam com frequência durante as conversas, chamando a atenção para o que queriam dizer com uma delicada pressão. Conhecia bem o gesto graças ao contato diário com meus amigos na favela, e tinha passado a gostar dele.

— São canções de amor, é verdade, mas as melhores e mais sinceras de todas. São canções de amor a Deus. O canto daqueles homens é em louvor a Deus.

Assenti, sem dizer nada, mas o silêncio o fez falar de novo.

— Você é cristão? — perguntou ele.

— Não. Não acredito em Deus.

— Não há como acreditar em Deus — declarou ele, sorrindo de novo. — Ou a gente *conhece* Deus, ou não conhece.

— Bem — disse, rindo. — Com certeza, não *conheço* Deus e, francamente, tendo a pensar que é impossível acreditar em Deus, pelo menos nas concepções que me foram apresentadas.

— Ah, claro, Deus é impossível. Essa é a primeira prova de que Ele existe. Ele me fitava com seriedade, a mão quente ainda pousada em meu braço.

*Tenha cuidado*, pensei. *Você está embarcando em uma discussão filosófica com um homem que é famoso por elas. Ele está testando você. É um teste e as águas são profundas.*

— Deixe-me entender uma coisa... O senhor está dizendo que a impossibilidade de uma coisa a faz existir? — perguntei, empurrando uma canoa de pensamentos para dentro dos mares desconhecidos das suas ideias.

— Correto.

— Bem, então isso não significaria que todas as coisas *possíveis* não existem?

— Exatamente — disse ele, com um sorriso ainda maior. — Fico feliz que tenha entendido.

— Eu posso *dizer* tais palavras — respondi, acompanhando seu riso —, mas isso não significa que eu as *compreenda*.

— Vou explicar. Nada existe do jeito como enxergamos. Nada do que vemos está mesmo ali, como pensamos que está. Nossos olhos são mentirosos. Tudo que parece real é apenas parte da ilusão. Nada existe da forma como pensamos que existe. Nem você. Nem eu. Nem este salão. Nada.

— Ainda não entendo. Não vejo como as coisas *possíveis* não existem.

— Deixe-me dizer de outra forma. Os agentes da criação, a energia que na realidade anima a matéria e a vida que achamos que vemos a nossa volta, não podem ser medidos, nem pesados, nem calculados no tempo, pelos critérios conhecidos. De certa forma, aquela energia consiste em fótons de luz. O menor dos objetos é um universo de espaço para eles, e o universo inteiro não é mais do que um grão de poeira. O que chamamos de mundo é apenas uma ideia. E, por enquanto, não é uma ideia muito boa. Do ponto de vista da luz, do fóton de luz que o anima, o universo que *nós* conhecemos não é real. Nada é real. Você compreende agora?

— Para falar a verdade, não. Parece-me que se tudo que pensamos conhecer está errado ou é uma ilusão, então nenhum de nós pode saber o que fazer, ou como viver, ou como manter a saúde mental.

— Nós mentimos — disse ele com um toque de humor sincero no âmbar manchado de dourado de seus olhos. — O homem com a mente sã apenas mente melhor do que o louco. Você e Abdullah são irmãos. Sei disso. Seus olhos mentem e lhe dizem que isso não é verdade. E você acredita na mentira porque é mais fácil.

— E é assim que permanecemos mentalmente sãos?

— Sim. Deixe-me dizer que posso vê-lo como meu filho. Não me casei, não tenho filhos, mas houve um momento em que, sim, seria possível casar e ter um filho. E aquele momento foi... Qual a sua idade?

— Tenho trinta anos.

— Exatamente! Eu sabia. O momento em que poderia ter me tornado pai

aconteceu há exatamente trinta anos. Mas se eu lhe disser que vejo com clareza que você é meu filho e eu sou seu pai, você vai achar impossível. Vai resistir à ideia. Não verá a verdade, como a enxergo agora, e como a vi assim que nos conhecemos, há algumas horas. Vai preferir uma mentira conveniente e acreditar nela... a mentira de que somos desconhecidos e de que não existe ligação entre nós. Mas o destino... você conhece o destino? Na língua urdu, a palavra é *kismet*. O destino tem todos os poderes sobre nós, menos dois: não pode controlar nosso livre-arbítrio e não pode mentir. Os homens mentem mais para si mesmos do que para os outros, e para os outros mais do que dizem a verdade. Mas o destino não mente. Percebe?

Eu percebia. Meu coração sabia do que ele estava falando, mesmo quando minha mente rebelde rejeitava as palavras e o homem que as proferia. De alguma forma ele havia descoberto a tristeza dentro de mim. O vazio em minha vida que deveria ter sido preenchido por um pai era uma vastidão de desejos insatisfeitos. Nas horas mais solitárias daqueles anos como fugitivo, perambulei por ali, tão faminto pelo amor paterno quanto uma ala cheia de homens condenados na hora que antecede o Ano-novo.

— Não — menti. — Sinto muito, mas não concordo. Não acho que a gente possa transformar as coisas em verdade só por acreditar nelas.

— Eu não disse isso — respondeu ele, com paciência. — O que estou dizendo é que a realidade, do jeito como você e a maioria das pessoas veem, não passa de uma ilusão. Existe outra realidade, além daquela capturada por nossos olhos. A gente precisa *sentir* o caminho para essa realidade com o coração. Não existe outra maneira.

— Mas é... Muito confusa essa sua forma de encarar as coisas. Caótica, para falar a verdade. Você não acha que é caótica?

Ele sorriu de novo.

— É estranho, a princípio, pensar da forma correta. Mas há algumas coisas que podemos saber, sobre as quais devemos ter certeza, e que são relativamente simples. Deixe-me mostrar. Para saber a verdade, tudo que a gente precisa fazer é fechar os olhos.

— É tão fácil assim? — gargalhei.

— Sim. Tudo que a gente precisa fazer é fechar os olhos. Podemos conhecer Deus, por exemplo, e podemos conhecer a tristeza. Podemos conhecer os sonhos e o amor. Mas nada disso é real, pelo menos do modo como entendemos as coisas que existem no mundo e parecem reais. Não podemos pesá-las, medi-las ou identificar suas partes em um desintegrador de átomos. E é por isso que são possíveis.

Minha canoa de pensamento estava fazendo água e decidi cair fora rapidamente.

— Nunca ouvi falar deste lugar antes. Existem muitos como este?

— Talvez uns cinco — respondeu ele, aceitando a mudança de assunto com uma tranquilidade condescendente. — Você acha que são muitos?

— Acho que deve ser o bastante. Não há mulheres. As mulheres são proibidas de entrar?

— Não há proibição — disse, franzindo a testa e procurando as palavras certas. — Elas têm permissão para entrar, mas não querem vir. Há outros lugares onde as mulheres se reúnem e cuidam de seus assuntos, ouvem música e cantores. Homem nenhum ia querer incomodá-las ali.

Um homem muito idoso se aproximou de nós e sentou-se aos pés de Khaderbhai. Usava uma camisa de algodão simples e calças largas e finas, conhecidas como *kurta pyjama*. O rosto tinha rugas profundas, e o cabelo branco e rente estava malcortado. Ele era magro, encurvado e obviamente muito pobre. Com um aceno seco mas respeitoso, dirigido a Khader, ele começou a misturar tabaco e haxixe em suas mãos nodosas. Depois de alguns minutos, entregou um imenso cachimbo para Khader e aguardou, munido de fósforos para acendê-lo.

— Este homem é Omar — disse Khaderbhai, fazendo uma pausa com o cachimbo quase nos lábios — É o melhor preparador de cachimbos em toda a Bombaim.

Omar acendeu o cachimbo para Khaderbhai, abrindo um sorriso desdentado de regozijo diante do elogio. Ele o passou para mim, analisou minha técnica e a força dos meus pulmões com olhar crítico, e grunhiu alguma coisa em sinal de aprovação. Depois que Khader e eu havíamos fumado duas vezes, Omar pegou o cachimbo e acabou com ele, com baforadas gigantescas que faziam seu peito magro parecer a ponto de explodir. Quando terminou, bateu para retirar uma pequena quantidade de cinzas esbranquiçadas. Ele havia acabado com o conteúdo do cachimbo e aceitou orgulhosamente um sinal de reconhecimento de Khaderbhai. Apesar da idade, levantou-se com facilidade, sem apoiar as mãos no chão. Afastou-se mancando, enquanto os cantores voltavam ao palco.

Abdullah tornou a juntar-se a nós, trazendo uma tigela de vidro trabalhado repleta de fatias de manga, mamão e melancia. O perfume das frutas nos cercou enquanto seu sabor se dissolvia dentro de nossas bocas. Os cantores começaram a apresentar um novo número, entoando apenas uma canção com quase meia hora de duração. Era uma harmonia exuberante, dividida em três partes, composta sobre uma melodia simples e cadências improvisadas. Os músicos que acompanhavam com o harmônio e os tablas eram animados, mas os cantores eram inexpressivos, imóveis, com olhos fechados e as mãos pousadas.

Como antes, a multidão silenciosa do clube irrompeu em uma tagarelice animada quando os cantores deixaram o pequeno palco. Abdullah debruçou-se para falar comigo.

— Durante a viagem de carro até aqui, fiquei pensando sobre a ideia de sermos irmãos, senhor Lin. Estava pensando no que Khaderbhai disse.

— Engraçado, eu também.

— Meus dois irmãos... éramos três na minha família, lá no Irã... agora meus dois irmãos estão mortos. Morreram na guerra contra o Iraque. Tenho uma irmã no Irã, mas nenhum irmão. Sou o único agora. Isso é uma coisa triste, não é?

Não pude responder diretamente. Meu próprio irmão estava perdido para mim. Minha família inteira estava perdida e eu tinha certeza de que nunca mais os veria.

— Estava pensando que a visão de Khaderbhai talvez tenha sido verdadeira. Talvez a gente pareça de fato irmãos.

— Quem sabe somos mesmo?

Ele sorriu.

— Acho que gosto de você, senhor Lin.

Ele disse aquilo com tamanha solenidade, apesar do sorriso, que soltei uma gargalhada.

— Bem, então acho melhor você parar de me chamar de *senhor Lin*. De qualquer maneira, isso me dá calafrios.

— Calafrios? — perguntou sinceramente curioso. — É uma palavra em árabe?

— Deixa para lá. Pode me chamar de Lin.

— Tudo bem. Vou chamá-lo de *Lin*. Vou chamá-lo de *irmão Lin*. E você vai me chamar de Abdullah, não é?

— Acho que sim.

— Então vamos nos lembrar desta noite, na apresentação dos cantores cegos, pois nos tornamos irmãos.

— Você disse cantores *cegos*?

— Sim. Você não os conhecia? São os Cantores Cegos de Nagpur. São famosos em Bombaim.

— Eles pertencem a alguma instituição?

— Instituição?

— É, uma escola para cegos, talvez. Algo parecido.

— Não, irmão Lin. Houve tempo em que podiam ver exatamente como nós. Mas muitos homens ficaram cegos em um vilarejo perto de Nagpur, e esses homens estavam entre eles.

O barulho à minha volta era ensurdecedor, e o cheiro agradável das frutas e do haxixe começava a ficar enjoativo.

— O que quer dizer com “muitos homens ficaram *cegos*”?

— Bem, havia rebeldes e bandidos escondidos nas montanhas próximas ao vilarejo — explicou ele do seu jeito lento e ponderado. — Os aldeões precisavam alimentá-los e ajudá-los. Não tinham escolha. Mas, quando a polícia e os soldados chegaram, eles deixaram vinte pessoas cegas, para que aprendessem, como um aviso para os moradores de outros vilarejos. Isso às vezes acontece. Os cantores não eram de lá. Estavam de passagem para cantar em um festival. Foi puro azar. Ficaram cegos com os outros. Todos eles, aqueles homens e mulheres, vinte pessoas, foram amarrados no chão e tiveram os olhos perfurados com varas de bambu muito afiadas. Agora eles cantam aqui, em todos os lugares, e são muito famosos. E ricos também...

Ele continuou a falar. Eu ouvia, mas não conseguia responder nem reagir. Khaderbhai sentou a meu lado, conversando com um jovem afegão de turbante. O rapaz se curvou para beijar a mão de Khader, deixando à mostra a coroa de um revólver entre as dobras da sua túnica. Omar voltou e começou a preparar outro cachimbo. Ele sorriu para mim, as gengivas manchadas, e meneou a cabeça.

— Sim, sim — ceceou, me olhando nos olhos. — Sim, sim, sim.

Os cantores voltaram para o bis, a fumaça subia em espirais até chegar aos

ventiladores que giravam lentamente no teto, e aquele salão revestido de seda verde, repleto de música e conspirações, se tornou um começo para mim. Sei agora que *existem* começos, momentos de virada, muitos deles, em todas as vidas. Questões de sorte, vontade e destino. O dia em que ganhei um nome, o dia das varas de enchente no vilarejo de Prabaker, quando as mulheres me batizaram de Shantaram, foi um começo. Sei disso agora. E sei que tudo o que fui e fiz na Índia até aquela noite e a apresentação dos cantores cegos, talvez na minha vida inteira, foi uma preparação para aquele começo com Abdel Khader Khan. Abdullah se tornou meu irmão. Khaderbhai se tornou meu pai. Quando compreendi aquilo totalmente e descobri as razões para que isso tivesse acontecido, minha nova vida como irmão e filho já tinha me levado à guerra, me envolvera em assassinatos, e tudo havia mudado para sempre.

Khaderbhai se debruçou para a frente quando a cantoria acabou. Seus lábios se moviam e eu sabia que ele falava comigo, mas por um momento não conseguia escutar.

— Perdão, não consegui ouvi-lo.

— Eu disse que a verdade costuma ser encontrada com mais frequência na música — repetiu ele — que nos livros de filosofia.

— O que é a verdade? — perguntei-lhe. Para ser sincero, eu não queria saber. Estava tentando manter a conversa; bancando o inteligente.

— A verdade é que não existem homens bons ou ruins — disse ele. — São as ações que contêm bondade ou maldade. Existem boas e más ações. Os homens são apenas homens. O que eles fazem ou se recusam a fazer é o que os vincula ao bem e ao mal. A verdade é que um instante de amor verdadeiro no coração de qualquer pessoa, do mais nobre dos homens ao mais perverso, tem todo o objetivo, o processo e o significado de vida dentro das pétalas da flor de lótus de sua paixão. A verdade é que todo mundo, cada um de nós, cada átomo, cada galáxia e cada partícula de matéria do universo, se encaminha na direção de Deus.

Aquelas palavras agora são minhas para todo o sempre. Posso ouvi-las. Os cantores cegos são eternos. Posso vê-los. A noite e os homens que eram o começo, pai e irmão, são eternos. Posso me lembrar deles. É fácil. Tudo que preciso fazer é fechar os olhos.

ABDULLAH LEVOU A SÉRIO A CONDIÇÃO DE IRMÃO. Uma semana depois da Noite dos Cantores Cegos, ele apareceu no meu barraco na favela de Cuffê Parade carregando uma bolsa cheia de remédios, pomadas e ataduras. Também levou uma pequena caixa metálica que continha alguns instrumentos cirúrgicos. Revistamos a bolsa juntos. Perguntou-me sobre os medicamentos, querendo saber sobre sua utilidade e sobre as quantidades de que eu necessitaria no futuro. Quando ficou satisfeito, tirou a poeira de um banquinho de madeira e sentou. Ficou em silêncio por alguns minutos, observando enquanto eu arrumava os suprimentos que ele havia levado em uma estante com prateleiras de bambu. A favela abarrotada tagarelava, fazia arruaças, cantava e ria à nossa volta.

— Bem, Lin, onde eles estão? — finalmente perguntou.

— Eles quem?

— Os pacientes. Onde estão? Quero ver meu irmão curá-los. Não pode haver cura sem doentes, não é?

— Eu... eu não estou com nenhum paciente nesse momento.

— Ah — suspirou. Ele franziu a testa e tamborilou sobre o joelho. — Bem, você acha que eu deveria sair e arranjar alguns?

Ele chegou a se levantar do assento, e o imaginei arrastando doentes e feridos à força para o meu barraco.

— Não, não, calma. Eu não atendo as pessoas todos os dias. Mas quando *atendo* as pessoas, se estou *aqui*, elas costumam chegar por volta das duas da tarde. Não aparecem de manhã tão cedo. Quase todo mundo trabalha pelo menos até o meio-dia. Eu mesmo costumo estar trabalhando. Também preciso ganhar dinheiro, sabe?

— Mas não está fazendo isso esta manhã?

— Não, hoje não. Fiz um bom dinheiro na semana passada. Vai dar para eu me virar por algum tempo.

— Como ganhou dinheiro?

Ele me fitava com ingenuidade, sem perceber que a pergunta poderia me constranger ou ser considerada impertinente.

— Não convém perguntar a um estrangeiro como ele ganha dinheiro, Abdullah — eu lhe informei aos risos.

— Ah, entendi — disse, sorrindo. — Você ganhou dinheiro de forma ilegal.

— Bem, não é exatamente isso o que eu queria dizer. Mas, é verdade, já que você mencionou. Uma garota francesa queria comprar meio quilo de haxixe. Eu consegui a mercadoria para ela. E ajudei um alemão a vender uma câmera Canon por um bom preço. Ganhei comissão nos dois casos.

— Quanto ganhou com essas transações? — perguntou, sem piscar os olhos. Eram castanhos bem claros, aqueles olhos, quase dourados. Eram da cor das dunas do deserto de Thar, no dia que antecede as chuvas.

— Ganhei umas mil rúpias.

— Por cada negócio, mil rúpias?

— Não, pelos dois.

— É muito pouco dinheiro, irmão Lin — disse ele, torcendo o nariz e a boca com desdém. — É um dinheirinho de nada, uma merreca.

— Pode ser uma merreca para você — resmunguei, na defensiva. — Mas eu vivo algumas semanas com isso.

— E agora você está livre, certo?

— Livre?

— Não tem pacientes?

— Não.

— E não tem nenhum negócio para intermediar?

— Não.

— Bom. Então vamos sair juntos, agora.

— É mesmo? E para onde vamos?

— Venha, vou lhe dizer quando chegarmos lá.

Deixamos o barraco e fomos saudados por Johnny Cigar, que, obviamente, ouvira tudo atrás da porta. Ele sorriu para mim, fez uma careta para Abdullah, e depois sorriu para mim de novo, ainda com vestígios daquela careta.

— Oi, Johnny. Vou sair um pouco. Não deixe as crianças mexerem nos remédios, está bem? Tem coisas novas nas prateleiras, e algumas são perigosas.

Johnny jogou o queixo para a frente, para defender seu orgulho ferido.

— Ninguém vai tocar em nada no seu barraco, Linbaba! O que você está dizendo? Você pode deixar milhões de rúpias ali e ninguém vai tocar em nada. Também pode deixar ouro. Nem o Banco da Índia é tão seguro quanto o barraco de Linbaba.

— Eu só quis dizer...

— E diamantes também, você pode deixar lá. E esmeraldas. E pérolas.

— Entendi o recado, Johnny.

— Você não precisa se preocupar — intrometeu-se Abdullah. — Ele ganha tão pouco que ninguém ia se interessar em levar. Você sabe quanto ele ganhou na semana passada?

Johnny Cigar parecia suspeitar de Abdullah. A careta hostil ficou mais evidente em seu rosto, mas ele estava intrigado com a pergunta e não conseguiu controlar a curiosidade.

— Quanto?

— Não acho que a gente precisa entrar em detalhes, cara — resmunguei, lutando para pôr um ponto final em uma discussão sobre a minha merreca com potencial para durar uma hora.

— Mil rúpias — disse Abdullah, cuspidando para dar ênfase.

Peguei-o pelo braço e empurrei-o pelo caminho entre os barracos.

— Tudo bem, Abdullah. A gente estava indo a algum lugar, não era? Vamos lá, irmão.

Demos alguns passos, mas Johnny Cigar veio atrás de nós e puxou a manga da minha camisa, me fazendo ficar um ou dois passos atrás de Abdullah.

— Pelo amor de Deus, Johnny! Não quero falar agora sobre meus ganhos. Prometo, você pode me perturbar mais tarde, mas...

— Não, Linbaba, não é isso — grasnou, em um sussurro áspero. — Aquele homem, aquele Abdullah... Você não deve confiar nele! Não faça negócios com ele!

— O que é isso? Qual é o problema, Johnny?

— Não faça nada. Só isso! — disse ele e talvez ainda fosse acrescentar alguma coisa, mas Abdullah se virou e me chamou. Johnny afastou-se, amuado, desaparecendo em uma das voltas do caminho.

— Qual é o problema? — perguntou Abdullah quando o alcancei e seguimos o tortuoso caminho entre as fileiras de barracos.

— Ah, nada — balbuciei, sabendo que na realidade havia alguma coisa. — Problema nenhum.

A motocicleta de Abdullah estava estacionada na rua, na entrada da favela, onde vários garotos tomavam conta dela. O mais alto dos meninos pegou a gorjeta de dez rúpias que Abdullah deu para eles e depois se afastou com o bando de guris esfarrapados em uma correria vertiginosa. Abdullah deu partida no motor e eu subi na garupa. Sem capacetes e usando apenas camisas finas, mergulhamos no amigável caos do trânsito, fazendo um trajeto paralelo ao mar em direção a Nariman Point.

Quando se entende alguma coisa de motos, é possível decifrar a personalidade de uma pessoa só de observar a forma como ela dirige. Abdullah dirigia mais com base nos reflexos que na concentração. O controle da moto em movimento era tão natural quanto o das pernas quando caminhava. Ele interpretava o trânsito com uma combinação de habilidade e intuição. Por diversas vezes diminuía a velocidade antes que houvesse necessidade óbvia e evitava as freadas bruscas que outros motoqueiros menos instintivos eram obrigados a dar. Às vezes, acelerava para avançar em um vão invisível que se abria magicamente para nós, no mesmo instante em que uma colisão parecia iminente. Embora a princípio fosse assustador, a técnica logo me inspirou uma espécie de confiança relutante. Relaxe.

Na praia de Chowpatty, afastamo-nos do mar e a brisa fresca da baía diminuiu, e depois foi abafada pelas ruas tomadas por altas sacadas. Mergulhamos em fluxos de trânsito que seguiam freneticamente em direção a Nana Chowk. A arquitetura ali era do período em que Bombaim se consolidara como grande cidade portuária. Alguns dos prédios, construídos em sólidas geometrias do estilo colonial britânico, tinham cerca de duzentos anos. Os detalhes intrincados das varandas, das molduras das janelas e das fachadas escalonadas refletiam uma elegância luxuosa que a cidade moderna, a despeito de cromados e glamour, raramente exibia.

O trecho entre Nana Chowk e Tardeo era conhecido como a área parse. No início me surpreendera que uma cidade tão heterogênea quanto Bombaim, com uma incessante diversidade de pessoas, idiomas e ocupações, se prestasse a abrigar colônias tão específicas. Os joalheiros tinham seu bazar, assim como os mecânicos, os bombeiros, os carpinteiros e outros profissionais. Os muçulmanos tinham seu bairro, assim como os cristãos, os budistas, os *sikhs*, os parses e os jainistas. Se a gente quisesse comprar ou vender ouro, precisava visitar o bazar Zhaveri, onde centenas de ourives disputariam sua preferência. Se quisesse

visitar uma mesquita, encontraria várias, uma perto da outra.

Mas, depois de um tempo, percebi que as demarcações, como tantas outras linhas divisórias na cidade complexa e culturalmente poliglota, não eram tão rígidas quanto pareciam. O bairro muçulmano tinha templos hinduístas; o bazar de Zhaveri contava com bancas de verduras entre as de joias reluzentes, e praticamente todos os espigões com apartamentos de luxo ficavam ao lado de uma favela.

Abdullah estacionou a moto em frente ao Hospital Bhatia, um dos diversos estabelecimentos médicos modernos mantidos por instituições de caridade dos parses. O prédio grande abrigava alas sofisticadas para os ricos e centros de tratamento gratuito para os pobres. Subimos os degraus e entramos em um saguão de mármore imaculadamente limpo, refrescado de forma agradável por grandes ventiladores. Abdullah falou com a recepcionista e então me levou por um corredor até o movimentado setor de emergência e entrada. Depois de mais algumas perguntas para um porteiro e uma enfermeira, ele finalmente encontrou o homem que procurava — um médico baixo e muito magro, sentado a uma mesa atulhada.

— Doutor Hamid? — perguntou Abdullah.

O médico escrevia e não levantou os olhos.

— Sim, sim — respondeu com impaciência.

— Venho da parte do xeique Abdel Khader. Meu nome é Abdullah.

A caneta parou imediatamente e o doutor Hamid ergueu a cabeça devagar. Ele nos fitou com um misto de curiosidade e apreensão. Era o olhar que às vezes se vê no rosto dos que casualmente testemunham uma briga.

— Ele lhe telefonou ontem e avisou que eu vinha? — perguntou Abdullah suavemente.

— Claro, claro — disse Hamid, recuperando a compostura com um sorriso tranquilo. Levantou-se para apertar as mãos por sobre a mesa.

— Este aqui é o senhor Lin. — Abdullah fez as apresentações, enquanto eu e o médico apertávamos as mãos. A dele era muito seca e frágil. — Ele é o médico da comunidade de Colaba.

— Não, não — protestei. — Não sou médico. Fui quase obrigado a dar uma ajuda ali. Não tenho... Não tenho formação médica... Nem sou muito bom nisso.

— Khaderbhai me disse que, quando conversou com ele, você falou do problema dos pacientes que tem encaminhado para o St. George e outros hospitais — disse Hamid, indo direto ao assunto e ignorando meus protestos com ar de quem andava ocupado demais para se preocupar com a modéstia dos outros. Seus olhos eram castanho-escuros, quase negros, reluzindo por trás das lentes polidas de sua armação dourada.

— Bem, é verdade — respondi, surpreso pelo fato de Khaderbhai ter se lembrado de minha conversa com ele e ter achado que era importante o bastante para ser reportada ao médico. — O problema é que estou no meio de um voo cego, se entende o que quero dizer. Não tenho conhecimento para resolver todos os problemas que as pessoas trazem para mim. Quando deparo com doenças que não consigo identificar, ou com o que acho que são possíveis doenças, eu

encaminho os pacientes para a clínica de diagnóstico do hospital St. George. Não sei mais o que fazer com eles. Mas muitas vezes voltam para mim sem ter visto ninguém... Nem médicos, nem enfermeiras, ninguém.

— Você não acha que essas pessoas estão simulando doenças?

— Não, tenho certeza. — Fiquei um pouco ofendido por mim mesmo, e mais indignado ainda pelos favelados. — Eles não têm nada a ganhar fingindo que estão doentes. E são pessoas orgulhosas. Não pedem ajuda à toa.

— Claro — murmurou ele, retirando os óculos para massagear os vincos que deixavam em seu nariz. — E você já esteve pessoalmente no St. George? Já falou com alguém de lá sobre o assunto?

— Sim. Já fui lá duas vezes. Eles me disseram que estão trabalhando além da capacidade e que fazem o melhor que podem. Sugeriram que, se os pacientes fossem encaminhados por médicos de verdade, os moradores da favela poderiam então furar a fila, por assim dizer. Não estou reclamando do pessoal do St. George. Eles têm seus próprios problemas. Sofrem com falta de pessoal e excesso de lotação. Na minha pequena clínica, atendo cerca de cinquenta pacientes por dia. Eles recebem seiscentos. Às vezes até mil. Tenho certeza de que o senhor entende como é. Acho que estão fazendo o melhor possível, e vão até o limite de suas forças para tentar atender os casos de emergência. Mas o problema é que meu povo não tem condições de pagar um médico de verdade, que possa encaminhá-lo com urgência ao hospital. São pobres demais. É por isso que *me* procuram.

O doutor Hamid ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso descontraído.

— Você falou *meu povo*. Está se tornando indiano, senhor Lin?

Eu dei uma risada e respondi em híndi, pela primeira vez, usando uma frase da música-tema de um filme popular, exibido naquela época em muitos cinemas.

— *Nesta vida, fazemos o possível para melhorar.*

Hamid também riu, batendo palmas uma vez, em sinal de agradável surpresa.

— Bem, senhor Lin, acho que talvez eu possa ajudá-lo. Dou dois plantões por semana aqui, mas posso ser encontrado o resto do tempo no meu consultório, em Fourth Pasta Lane.

— Conheço Fourth Pasta Lane. Fica perto da gente.

— Exatamente, e depois de falar com Khaderbhai concordei em receber os pacientes que você encaminhar para mim quando precisar, e vou providenciar para que sejam atendidos no hospital St. George quando eu achar necessário. Podemos começar a partir de amanhã, se você quiser.

— Quero, sim — disse depressa. — Quer dizer, isso é ótimo, muito obrigado, muito obrigado mesmo. Não sei como vamos pagá-lo, mas...

— Não é preciso agradecer nem se preocupar com o valor das consultas — respondeu ele, dando uma olhada para Abdullah. — Trabalharei de graça para *seu povo*. Vocês gostariam de tomar uma xícara de chá? Vou fazer uma pausa daqui a pouco. Há um restaurante em frente ao hospital. Se me esperarem lá, posso atravessar e me juntar a vocês. Acho que temos muita coisa para

conversar.

Abdullah e eu o deixamos e esperamos vinte minutos no restaurante, observando por uma grande janela o movimento dos pacientes pobres, que caminhavam com dificuldade até a porta do hospital, e dos pacientes ricos, deixados por táxis e carros particulares. O doutor Hamid se encontrou conosco e delineou os procedimentos que eu deveria seguir ao encaminhar os moradores da favela a seu consultório em Fourth Pasta Lane.

Bons médicos têm pelo menos três coisas em comum: sabem observar, sabem ouvir e andam sempre muito cansados. Hamid era um bom médico e, depois de uma hora de conversa, quando olhei seu rosto prematuramente enrugado, os olhos vermelhos pela falta de sono, senti-me constrangido com sua sincera exaustão. Ele poderia fazer fortunas, eu sabia, viver cercado de riquezas, com um consultório na Alemanha, no Canadá ou nos Estados Unidos, mas escolhera ficar ali, com seu próprio povo, ganhando muito menos. Era um dos milhares de profissionais de saúde em atividade na cidade, com carreiras notáveis tanto pelo que negavam a si mesmos quanto pelo que conquistavam a cada dia de trabalho. E o que conquistavam era nada menos do que a sobrevivência da cidade.

Quando Abdullah nos levou novamente para a confusão do trânsito e a moto costurava um progresso tortuoso entre ônibus, carros, caminhões, bicicletas, carroças puxadas a boi e pedestres, ele me chamou para contar que o doutor Hamid já havia morado em uma favela. Disse que Khaderbhai havia retirado crianças talentosas de diversas favelas da cidade e financiado sua formação em universidades particulares. Do ensino básico ao superior, as crianças foram financiadas e incentivadas. Tornaram-se médicos, cirurgiões, enfermeiros, professores, advogados e engenheiros. Hamid era uma dessas crianças talentosas, selecionadas havia mais de vinte anos. Para atender as demandas da minha pequena clínica, Khaderbhai estava cobrando alguns favores.

— Khaderbhai é um homem que *faz* o futuro — concluiu Abdullah, quando paramos em um sinal de trânsito. — A maioria de nós, eu e você, meu irmão, espera que o futuro chegue para si. Mas Abdel Khader Khan sonha com o futuro e depois planeja e o faz acontecer. É a diferença entre ele e o resto de nós.

— E *você*, Abdullah? — perguntei com um grito enquanto arrancávamos mais uma vez com o trânsito. — Khaderbhai planejou *você*?

Ele soltou uma gargalhada, o peito arfando com a alegria e a força do seu riso.

— Acho que sim! — respondeu.

— Ei! Esse não é o caminho de volta para a favela. Para onde vamos agora?

— Vamos visitar o lugar de onde virão seus remédios.

— Meus o quê?

— Khaderbhai providenciou para que você receba remédios toda semana. O que eu lhe trouxe hoje... é o primeiro lote. Vamos para o mercado negro de remédios.

— Um mercado negro de remédios? Onde fica?

— Na favela dos leprosos — respondeu Abdullah com naturalidade. Então ele

riu de novo enquanto acelerava ainda mais a moto para ocupar uma brecha do trânsito que se abriu para ele no momento em que a alcançou. — Deixe comigo, irmão Lin. Agora  *você faz parte do plano, não é?*

Aquelas palavras —  *agora você faz parte do plano*  — deveriam ter me despertado medo. Mas não fiquei com medo. Estava quase feliz. As palavras me deixaram empolgado. Fizeram meu sangue correr mais rápido. Quando minha vida de foragido começou, eu me exilei de minha família, minha pátria e cultura. Pensei que era tudo. Banido havia anos, percebi que também me exilara  *para*  alguma coisa. Conquistara a liberdade solitária e inconsequente dos proscritos. Como acontece com os proscritos em todos os lugares, eu cortejava o perigo porque era uma das poucas coisas com força suficiente para me ajudar a esquecer o que eu perdera. E, fitando o calor do vento vespertino, percorrendo com Abdullah a teia de ruas, rendi-me sem medo ao meu destino naquela tarde, como um homem que se apaixonou pelo melhor sorriso de uma mulher tímida.

A viagem até o reduto dos leprosos nos levou aos confins da cidade. Havia diversas colônias de tratamento para leprosos em Bombaim, mas os homens e mulheres que fomos visitar se recusavam a morar nelas. Financiadas pelo Estado e por contribuições particulares, as colônias forneciam cuidados médicos, apoio logístico e um ambiente limpo. As regras e regulamentos que as geriam, porém, eram rígidos, e nem todos conseguiam se adaptar. Por isso, alguns optavam por partir e outros eram expulsos. Havia sempre algumas dezenas de homens, mulheres e crianças que moravam fora das colônias, na grande comunidade da cidade.

A conhecida tolerância dos favelados — que abrigava todas as castas, raças e tipos de gente no conglomerado de barracos — raramente se estendia aos leprosos. Os conselhos municipais e associações de moradores não suportavam sua presença por muito tempo. Temidos e rejeitados, os leprosos criaram para si favelas móveis que se estabeleciam de uma hora para outra em qualquer espaço aberto que pudessem encontrar, e que desapareciam sem deixar vestígios em menos tempo ainda. Algumas vezes, estabeleciam-se durante semanas ao lado de um depósito de lixo, defendendo-se dos catadores permanentes que resistiam à incursão. Em outras ocasiões, montavam o acampamento em um terreno pantanoso e desocupado ou em algum lugar de despejo de lixo industrial. Quando os visitei pela primeira vez, naquele dia com Abdullah, descobri que haviam construído seus abrigos miseráveis sobre a ferrugem das pedras ao lado de uma ferrovia próxima ao subúrbio de Khar.

Fomos obrigados a estacionar a moto de Abdullah e a entrar no terreno da ferrovia, como faziam os leprosos, através de brechas nas cercas e passando pelo esgoto. O platô enferrujado era a plataforma de estacionamento para a maior parte dos trens que cumpriam a rota urbana e para muitos dos vagões que carregavam mantimentos e artigos manufaturados para fora da cidade. Além da própria subestação, havia prédios de escritórios, armazéns e galpões de manutenção. Adiante, havia uma área para manobras — um espaço aberto demarcado por dezenas de trilhos e seus pontos de confluência. Na parte externa, era rodeado por altas cercas de arame.

Lá fora ficava o comércio e o aconchego do subúrbio de Khar: trânsito e jardins, sacadas e bazares. Lá dentro, a aridez da função e dos sistemas. Não havia plantas, nem animais, nem gente. Até mesmo os trens eram trens fantasmas, rodando de parada em parada sem funcionários nem passageiros. E lá estava a favela dos leprosos.

Eles se apossaram de uma área livre em forma de diamante e construíram seus barracos entre os trilhos. Nenhum barraco ia além da altura do meu peito. À distância, pareciam tendas para mascotes caninos de um acampamento militar encoberto pela fumaça das fogueiras usadas para cozinhar. Quando nos aproximamos, porém, vimos sua desesperadora precariedade, capaz de fazer com que os barracos da favela onde eu morava parecessem estruturas sólidas e confortáveis. Eram feitos com pedaços de cartolina e plástico que se mantinham em pé com a ajuda de galhos retorcidos, reforçados com barbante fino. Eu poderia ter transformado em escombros todo o ajuntamento com uma só mão, em menos de um minuto. Apesar disso, trinta homens, mulheres e crianças viviam ali.

Entramos na favela sem que ninguém viesse ter conosco e nos dirigimos a um dos barracos no centro. As pessoas paravam e olhavam fixamente para nós, mas ninguém falava. Era difícil não olhar para elas, e, depois de olhar, era difícil não olhar fixamente. Alguns não tinham narizes, a maioria não tinha dedos. Os pés de muitos estavam envoltos em curativos manchados de sangue e alguns estavam em estágio tão avançado de degeneração que lhes faltavam os lábios e as orelhas.

Não sei por quê — talvez seja o preço que as mulheres pagam por sua beleza —, mas as deformações pareciam mais aterradoras nas mulheres que nos homens. Muitos deles exibiam um ar desafiador, até mesmo orgulhoso — uma espécie de feiura rebelde que era fascinante em si mesma. Mas a timidez parecia atemorizada nas mulheres, e a fome, predatória. A doença era praticamente imperceptível em muitas das crianças que vi. Elas pareciam em boa forma e com boa disposição, mesmo sendo muito magras. E trabalhavam muito, todas aquelas crianças. Seus dedinhos eram úteis para a tribo inteira.

Haviam visto a nossa chegada, e a notícia deve ter corrido, pois quando nos aproximamos do barraco um homem se arrastou para fora e se levantou para nos cumprimentar. Duas crianças apareceram imediatamente e o ajudaram. Ele era minúsculo, mal batia na minha cintura, gravemente comprometido pela doença. Os lábios e a parte inferior do rosto haviam se consumido, dando lugar a uma carne escura que se estendia até a articulação da mandíbula. A mandíbula em si estava exposta, assim como os dentes e as gengivas, e os furos no lugar onde antes ficava um nariz.

— Abdullah, meu filho — disse ele em hindí. — Como vai você? Já comeu?

— Estou bem, Ranjitbhai — respondeu Abdullah, em tom respeitoso. — Trouxe o *gora* para conhecê-lo. Acabamos de comer, mas aceitamos chá, obrigado.

As crianças nos trouxeram banquinhos e ficamos sentados ali, no espaço livre diante do barraco de Ranjit. Um pequeno grupo se reuniu, com pessoas sentadas no chão ou de pé a nossa volta.

— Este é Ranjitbhai — disse-me Abdullah, em híndi, falando alto para que todos pudessem ouvir. — Ele é quem manda aqui, o mais velho da favela dos leprosos. É o rei daqui, neste clube para *kala topis*.

*Kala topi* significa *chapéu preto* em híndi, expressão às vezes usada para descrever um ladrão, em referência aos chapéus com faixas pretas que os ladrões presos eram obrigados a usar na prisão de Arthur Road, em Bombaim. Eu não entendi exatamente o que Abdullah queria dizer com aquele comentário, mas Ranjit e os outros leprosos apreciaram bastante, sorrindo e repetindo a expressão diversas vezes.

— Prazer, Ranjitbhai — disse eu em híndi. — Meu nome é Lin.

— *Aap doctor hain?* — perguntou ele. *Você é médico?*

— Não! — quase gritei, em pânico, desconcertado pela doença e pela minha ignorância a seu respeito, e com medo de que ele me pedisse para ajudá-los. Virei-me para Abdullah e passei a falar em inglês. — Diga a ele que não sou médico, Abdullah. Diga a ele que faço apenas primeiros-socorros, trato de mordidas de rato e arranhões causados por arame farpado, coisas assim. Explique a ele. Diga-lhe que não tenho uma formação de verdade, que não sei nada sobre lepra.

Abdullah assentiu e então encarou Ranjitbhai.

— Sim — disse ele. — Ele é médico.

Muito obrigado, Abdullah — proferi, rangendo os dentes.

As crianças nos trouxeram copos cheios de água em xícaras lascadas. Abdullah bebeu a água em goles rápidos. Ranjit inclinou a cabeça para trás e uma das crianças derramou a água goela abaixo. Hesitei, amedrontado pela doença grotesca que me cercava. Uma das palavras em híndi usada na favela para se referir a *leprosos* pode ser traduzida como *mortos-vivos* e era como se segurasse os pesadelos dos mortos-vivos em minhas mãos. Todo o sofrimento que cercava a doença estava concentrado naquele copo de água, ao que me parecia.

Mas Abdullah havia bebido. Eu tinha certeza de que ele calculara os riscos e concluía que era seguro. E todos os dias da minha vida eram de risco. Todas as horas tinham seus contratempos, depois da grande aposta da fuga da prisão. A inconsequência voluptuosa de um foragido levou meu braço até a boca e me fez beber toda a água. Quarenta pares de olhos me observaram enquanto eu engolia.

Os olhos de Ranjit eram cor de mel e encobertos pelo que julguei ser catarata. Ele me examinou atenciosamente, o olhar vagando dos meus pés ao cabelo e de volta, diversas vezes, com uma curiosidade ostensiva.

— Khaderbhai me contou que você precisa de medicamentos — disse lentamente em inglês.

Os dentes batiam quando ele falava e, sem lábios que o ajudassem a formar as palavras, era difícil compreender o que dizia. As letras B, F, P e V eram impossíveis, por exemplo, enquanto o M e o W saíam como sons completamente diferentes. A boca forma mais do que apenas palavras, é claro: forma atitudes, temperamentos e nuances de significado, e ele não podia contar com esses recursos. Ele não tinha dedos. Assim, até essa forma de auxílio à comunicação

lhe era negada. Em vez disso, havia uma criança, talvez seu filho, de pé, próxima a seu ombro, que repetia as palavras com voz baixa mas firme, sempre um passo atrás do ritmo de sua fala, como se fosse uma espécie de tradutor.

— Ficamos sempre felizes em ajudar o lorde Abdel Khader — disseram as duas vozes. — Tenho a honra de servi-lo. Podemos lhe dar muitos remédios toda semana, sem problemas. Material de primeira, como você pode ver.

Ele gritou um nome, e em seguida um garoto alto, nos primeiros anos da adolescência, abriu caminho na multidão para deixar uma trouxa de lona a meus pés. Ajoelhou-se para abrir a lona e revelar uma coleção de ampolas e garrafas plásticas. Havia cloridrato de morfina, penicilina e antibióticos para tratar infecções por estafilococos e estreptococos. As embalagens tinham rótulos e eram novas.

— Onde eles arranjam essas coisas? — perguntei a Abdullah enquanto examinava os medicamentos.

— Eles roubam — respondeu-me em hindí.

— Roubam? Como roubam?

— *Bahut hoshiyaar* — disse ele. *Muito espertamente.*

— *Sim, sim.*

Um coro de vozes nos cercou. Não havia humor naquela manifestação de assentimento. Eles aceitavam o elogio de Abdullah de forma solene, como se ele estivesse admirando uma obra de arte que haviam produzido coletivamente. *Bons ladrões, ladrões espertos*, ouvi as pessoas murmurarem.

— O que fazem com isso?

— Vendem no mercado negro — disse ele, ainda em hindí, para que todos os presentes pudessem acompanhar nossa conversa. — Eles conseguem sobreviver muito bem dessa forma e com outros roubos muito bons.

— Não entendo. Por que alguém ia querer comprar remédios com eles? Você pode comprar essas coisas em praticamente qualquer farmácia.

— Você quer saber tudo, irmão Lin, não é? Bem, então precisamos de outra xícara de chá, porque essa é uma história para duas xícaras.

A multidão riu e se aproximou mais, escolhendo lugares para se sentar perto de nós para ouvir a história. Um vagão grande, sem nenhuma mercadoria dentro, avançava lentamente em um trilho adjacente, perigosamente próximo dos barracos. Ninguém deu mais do que uma olhada despreocupada. Um funcionário da estrada de ferro, vestido com camisa e bermuda cáqui, passeava entre as linhas, vistoriando os trilhos. Ele olhava para o ajuntamento dos leprosos de tempos em tempos, mas sua pequena curiosidade desapareceu tão logo passou por nós, e ele não voltou o olhar para trás. O chá foi servido e demos alguns goles quando Abdullah começou a história. Várias crianças estavam sentadas contra nossas pernas, abraçadas umas às outras. Uma garotinha passou o braço em volta da minha perna direita e me abraçou com uma ternura inocente.

Abdullah falou em um hindí primário, repetindo algumas partes em inglês quando percebia que eu não compreendia. Ele começou a falar do período colonial britânico, época em que os europeus controlavam toda a Índia, da passagem de Khyber à baía de Bengala. Os *firengi*, estrangeiros, disse ele,

davam aos leprosos o mais baixo nível de prioridade em sua escala de direitos e privilégios. Como últimos da fila, eram privados do limitado suprimento de remédios, bandagens e cuidados médicos. Quando havia fome ou inundações, faltavam-lhes até os medicamentos tradicionais e os à base de ervas. Os leprosos aprenderam a roubar o que não conseguiam obter de outras formas — tanto que acumularam excedentes e passaram a vender os produtos em seu próprio mercado negro.

Na vastidão da Índia, prosseguiu Abdullah, sempre existiram conflitos — banditismo, rebeliões, guerras. Os homens lutavam e derramavam sangue, porém morriam mais deles com feridas gangrenadas e epidemias do que nas batalhas. Os melhores quadros da polícia do governo trabalhavam no controle de medicamentos, bandagens e conhecimento médico. Todas as vendas feitas por farmacêuticos, farmácias hospitalares e atacadistas eram registradas. Qualquer compra ou série de compras significativamente maior do que a norma estabelecida atraía atenção, algumas vezes acarretando prisões ou mortes. Um rastro suspeito de medicamentos, em especial de antibióticos, havia derrubado muitos *dacoits* e revolucionários. No mercado negro, porém, os leprosos não faziam perguntas e vendiam para qualquer um que pudesse pagar. Suas redes e mercados secretos existiam em todas as grandes cidades da Índia. A clientela era de terroristas, espíões, separatistas ou simplesmente de delinquentes mais ambiciosos do que a média.

— Essas pessoas estão morrendo — concluiu Abdullah, com uma expressiva mudança de tom ao dizer a frase, coisa que eu estava aprendendo a esperar dele — e roubam a vida para si mesmas e depois a vendem para outros que estão morrendo.

Quando Abdullah terminou de falar, houve um silêncio denso e reflexivo. Todos me olhavam. Pareciam esperar alguma reação à história de seus infortúnios e habilidades, de seu isolamento cruel e de seu papel indispensável em meio à violência. Respirações sibilantes saíam por dentes cerrados em bocas sem lábios. Olhos sérios e pacientes me encaravam com uma atenção cheia de expectativa.

— Será... Será que posso tomar outro copo d'água, por favor? — perguntei em hindi, e deve ter sido a coisa certa a dizer, pois toda a multidão caiu na gargalhada. Diversas crianças correram para buscar a água e muitas mãos me deram tapinhas nas costas e nos ombros.

Ranjitbhai me explicou então como o Sunil, o garoto que nos mostrara a trouxa de lona com os medicamentos, fazia as entregas no meu barraco na favela, de acordo com as minhas necessidades. Antes que pudéssemos partir, ele pediu que eu ficasse sentado um pouco mais. Então mandou que todos os homens, mulheres e crianças do grupo fossem para a frente e tocassem nos meus pés. Era um flagelo, um suplício, e implorei para que não levasse aquilo adiante. Ele insistiu. Uma expressão sombria, quase severa, queimava em seus olhos enquanto os leprosos cambaleavam, um a um, e batiam os tocos grosseiros ou as unhas enegrecidas e carcomidas nas unhas dos meus pés.

Uma hora depois, Abdullah estacionou a moto perto do World Trade Centre. Ficamos juntos por um momento e então ele se aproximou impulsivamente e me

envolveu em um caloroso abraço de urso. Dei uma risada quando nos afastamos e ele franziu a testa, obviamente confuso.

— É engraçado? — indagou.

— Não — tranquilizei-o. — Só não esperava receber um abraço de urso, só isso.

— Urso? Como assim?

— Não, não. Chamamos isso de *abraço de urso* — expliquei, fazendo gestos como se as mãos fossem garras. — Ursos, sabe, animais peludos que comem mel e dormem em cavernas. Quando você abraça alguém dessa forma, dizemos que está dando um abraço de urso.

— Cavernas? Dormindo em cavernas?

— Tudo bem. Não se preocupe. Gostei. Foi... Um bom sinal de amizade. Era o que os amigos faziam, em meu país, davam abraços assim.

— Meu irmão — disse ele, com um sorriso tranquilo. — Venho vê-lo amanhã, com Sunil dos leprosos, com novos remédios.

Ele partiu e caminhei sozinho para dentro da favela. Olhei em volta e aquele lugar que eu vira a princípio como dolorosamente miserável agora me parecia sólido, cheio de vida, uma cidade em miniatura de esperanças e possibilidades ilimitadas. As pessoas com que cruzava eram fortes e saudáveis. Sentei-me no meu barraco com a porta de compensado fechada e chorei.

*O sofrimento*, Khaderbhai certa vez me disse, *é a forma como testamos nosso amor, especialmente nosso amor a Deus*. Eu não conhecia Deus, da forma como ele dissera, mas mesmo na condição de ateu fui reprovado no teste daquele dia. Eu não conseguia amar a Deus — ao Deus de ninguém — e não conseguia perdô-lo. As lágrimas pararam depois de alguns minutos, mas foi a primeira vez que chorei tanto, e ainda estava chafurdando naquele pântano quando Prabaker veio até meu barraco e se acocorou a meu lado.

— Ele é um homem perigoso, Lin — disse sem rodeios.

— O quê?

— Esse tal de Abdullah, que esteve aqui hoje. Ele é um homem perigoso. É melhor você não se relacionar com ele. *E fazer coisas* com ele é ainda pior e perigoso também.

— Do que você está falando?

— Ele é... — Prabaker fez uma pausa e o conflito estava explícito em seu rosto gentil e sincero. — Ele é um matador, Lin. Um assassino. Ele mata pessoas para ganhar dinheiro. É um *goonda* — um gângster — de Khaderbhai. Todo mundo sabe disso. Todo mundo, menos você.

Eu sabia que era verdade sem nenhuma pergunta a mais, sem precisar de nenhuma prova além da palavra de Prabaker. *É verdade*, disse para mim mesmo. Ao dizê-lo, percebi que já sabia ou que suspeitava. Estava escrito na maneira como as pessoas o tratavam, nos sussurros que inspirava e no medo que vi em tantos olhares com que cruzaram com o dele. Estava na semelhança que Abdullah tinha com os melhores e mais perigosos homens que conheci na cadeia. Aquilo, ou algo parecido, tinha que ser a verdade.

Tentei pensar claramente sobre o que ele era e o que fazia, e em como meu

relacionamento com ele deveria ou não deveria ser. Khaderbhai tinha razão. Abdullah e eu éramos muito parecidos. Éramos homens da violência, quando a violência era necessária, e não tínhamos medo de desrespeitar a lei. Éramos delinquentes, os dois. Ambos éramos sozinhos no mundo. E Abdullah, como eu, estava pronto para morrer por qualquer motivo que parecesse bom o bastante na ocasião. Mas eu nunca havia matado ninguém. Nesse ponto éramos diferentes.

Entretanto, eu gostava dele. Pensei naquela tarde na favela dos leprosos e lembrei-me de como me sentira seguro com Abdullah. Sabia que a tranquilidade que eu demonstrara, talvez a maior parte dela, na realidade se devia a ele. Com ele, eu tivera força e conseguira lidar com a situação. Era o primeiro homem que eu conhecia desde a fuga da prisão que provocava esse efeito sobre mim. Era o tipo de homem que os bandidos experientes chamam de *sangue-bom*: o tipo de cara que arrisca a própria vida se considera você um amigo; que vai ficar ombro a ombro com você, sem perguntas nem queixas, e enfrentar o que vier.

Homens assim aparecem com frequência como heróis de filmes e livros, mas nos esquecemos de como são raros na vida real. Mas eu sabia. Era uma das coisas que a prisão me ensinou. A cadeia tira a máscara de todo mundo. Você não pode esconder o que é. Não se pode bancar o durão. A gente é ou não é, e todo mundo sabe disso. E quando as facas foram sacadas contra mim, o que aconteceu mais de uma vez, era uma questão de matar ou morrer, aprendi que apenas um homem, entre centenas, vai ficar ao nosso lado até o fim em nome da amizade.

A prisão também me ensinou a reconhecer esses raros homens quando eu os encontrava. Sabia que Abdullah era um deles. Em meu exílio involuntário, engolindo o medo, pronto para lutar e morrer assombrado a cada dia, a força, a selvageria e a vontade que encontrei nele eram maiores e melhores do que toda a verdade e a bondade do mundo. E sentado ali no barraco, sob listras desenhadas pela luz branca e quente e as sombras frescas, passei a considerá-lo meu irmão e amigo, sem levar em consideração o que ele fizera e quem era.

Olhei para o rosto preocupado de Prabaker e sorri. Ele devolveu o sorriso por reflexo, e em um instante de clareza incomum, percebi que, para ele, *eu* era a pessoa que inspirava aquele tipo de confiança: o que Abdullah era para mim, eu era para Prabaker. A amizade também é uma espécie de medicamento que às vezes se negocia em mercados negros.

— Não se preocupe — disse eu, pousando a mão em seu ombro. — Está tudo bem. Vai dar tudo certo. Nada vai acontecer comigo.

OS LONGOS DIAS trabalhando na favela e arrancando comissões de turistas de olhos ambiciosos e espantados se desdobraram, um após outro, no tumulto das horas amontoadas como pétalas de lótus no alvorecer da manhã. Havia sempre algum dinheiro e às vezes muito dinheiro. Certa tarde, algumas semanas depois de fazer aquela primeira visita aos leprosos, aproximei-me de um grupo de turistas italianos que planejava vender drogas para outros turistas em uma das maiores festas de Goa. Com a minha ajuda, eles compraram quatro quilos de haxixe e dois mil comprimidos de Mandrix. Gostava de fazer transações ilegais com os italianos. Além de hedonistas obstinados e sistemáticos, honravam a palavra empenhada. A maioria era generosa, pois tinha por princípio fazer pagamentos rápidos e justos por um trabalho rápido e justo. Essas comissões me deram dinheiro suficiente para sair de circulação por algumas semanas. A favela absorvia meus dias e a maior parte das minhas noites.

Era o final de abril e faltava pouco mais de um mês para a monção. Os favelados estavam ocupados com os preparativos para a chegada da chuva. Havia uma premência silenciosa no trabalho. Sabíamos das dificuldades que o céu escuro poderia trazer. Ao mesmo tempo, havia felicidade em cada viela e animação nos sorrisos descontraídos dos jovens, porque, depois dos meses quentes e secos, estávamos todos ansiosos pela chegada das nuvens.

Qasim Ali Hussein destacou Prabaker e Johnny Cigar como cabeças de duas equipes que ajudariam as viúvas, os órfãos, os incapacitados e as esposas abandonadas a consertar seus barracos. Prabaker recebeu a ajuda de alguns rapazes de boa vontade para reunir varas de bambu e pedaços de madeira retirados de uma obra atrás de nossa favela. Johnny Cigar escolheu transformar um grupo de meninos de rua em um bando de saqueadores que pilhavam pedaços de zinco, lona e plástico na vizinhança. Todo tipo de coisa que pudesse ser empregada como impermeabilizante começou a desaparecer das redondezas da favela. Uma notável expedição dos pequenos gatunos afanou um enorme encerado que, por seu tamanho, devia ter servido para camuflar um tanque de guerra. Aquele material foi cortado em nove pedaços e usado para proteger muitos barracos.

Juntei-me ao grupo de rapazes que tinha recebido a tarefa de limpar o entulho dos valões. Meses de negligência haviam entupido esses lugares com latas, garrafas plásticas e vasos — tudo que os ratos não comiam e os abutres não haviam encontrado. Era um trabalho sujo e eu estava feliz em fazê-lo. Ele me levou a todos os cantos da favela e me colocou em contato com centenas de pessoas que talvez eu nunca conhecesse. E havia certa glória naquilo: as tarefas humildes e importantes eram respeitadas na favela na mesma proporção que desprezadas pela grande comunidade. Todos os grupos que trabalhavam para proteger os barracos da chegada das chuvas eram premiados com amor. Era só erguermos as cabeças das valas nojentas para descobrir que estávamos em um

exuberante jardim de sorrisos.

Como homem forte da favela, Qasim Ali Hussein estava envolvido em todos os planos e decisões desses preparativos. Sua autoridade era clara e inquestionável, mas ao mesmo tempo era uma liderança sutil e discreta. Um incidente ocorrido naquelas semanas antes da chuva me fez compreender o escopo de sua sabedoria e me revelou por que ela era tão reverenciada.

Certa tarde, um grupo estava reunido no barraco de Qasim Ali para ouvir seu filho mais velho contar as histórias de suas aventuras no Kuwait. Iqbal, um rapaz alto e musculoso de vinte e quatro anos, dono de um olhar sincero e de um sorriso tímido, havia voltado recentemente de uma temporada de seis meses de trabalho naquele país. Muitos jovens estavam ansiosos por aprender com sua experiência. Quais eram os melhores trabalhos? Quem eram os melhores patrões? E os piores? Como se ganhava um dinheirinho extra nos emergentes mercados negros dos países do Golfo e de Bombaim? Iqbal deu aulas improvisadas todas as tardes, durante uma semana, no principal aposento do barraco do pai, e a multidão se espalhava pela frente da casa para compartilhar seus preciosos conhecimentos. Naquele dia, porém, a palestra foi interrompida abruptamente por gritos e berros.

Saímos correndo do barraco, seguindo a direção do som. Não muito distante, encontramos um grupo barulhento de homens, mulheres e crianças. Abrimos caminho até o meio, onde dois rapazes trocavam socos. Seus nomes eram Faroukh e Raghuram. Eram do grupo que ajudava Prabaker a juntar varas e pedaços de madeira. Iqbal e Johnny Cigar os separaram e Qasim Ali ficou entre os dois. Sua presença na mesma hora silenciou a multidão barulhenta.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele com a voz inusitadamente ríspida. — Por que estão brigando?

— O Profeta, que Alá lhe conceda a paz! — berrou Faroukh. — Ele insultou o Profeta!

— E *ele* insultou o Senhor Rama! — contra-atacou Raghuram.

A multidão apoiava um ou outro com gritinhos e desaprovação. Qasim Ali permitiu meio minuto de altercação e então ergueu a mão pedindo silêncio.

— Faroukh, Raghuram, vocês dois são amigos, bons amigos — disse ele. — Sabem que brigar não é a forma de resolver suas diferenças. E vocês sabem que as brigas entre amigos e vizinhos são as piores de todas.

— Mas o *Profeta*, que esteja em paz! Raghuram insultou o Profeta. Eu *tinha* que brigar com ele — choramingou Faroukh. Ele ainda estava nervoso, mas o olhar implacável de Qasim Ali o fazia desanimar, e ele não conseguia olhar o homem mais velho nos olhos.

— E o insulto ao Senhor Rama? — protestou Raghuram. — Não é também uma razão para...

— Não tem desculpa — trovejou Qasim Ali, silenciando todas as vozes. — Nada justifica uma briga entre nós. Somos todos pobres. Já temos inimigos de sobra lá fora. Ou nos unimos, ou morremos. Os dois idiotas ofenderam nosso povo, seu próprio povo. Ofenderam todo o nosso povo, de todas as religiões, me encheram de vergonha.

A multidão já passara de cem pessoas. As palavras de Qasim provocaram

um zum-zum-zum que atravessava as pessoas à medida que as cabeças se tocavam. Aqueles que estavam mais próximos do meio repetiam o que ele havia dito, passando a mensagem para os que se encontravam mais atrás. Faroukh e Raghuram baixaram as cabeças, com ar miserável. A declaração de Qasim Ali, de que eles o haviam envergonhado mais do que a si mesmos, foi um duro golpe.

— Vocês devem ser punidos — disse Qasim, um pouco mais suavemente, quando a multidão ficou mais silenciosa. — Seus pais e eu escolheremos uma punição para os dois esta noite. Até lá, vocês vão trabalhar o resto do dia limpando a área em torno da latrina.

Novos murmúrios zumbiram pela multidão. Os conflitos por razões religiosas eram potencialmente perigosos, e as pessoas ficaram felizes em ver que Qasim tinha levado o assunto a sério. Muitas vozes a minha volta falavam da amizade entre Faroukh e Raghuram e percebi que o que Qasim dissera era verdade — as brigas entre amigos próximos de diferentes credos ofendiam a comunidade. Então, Qasim Ali retirou o grande lenço verde que usava no pescoço e o levantou bem alto, para que todos pudessem ver.

— Vocês agora vão trabalhar na latrina. Mas primeiro, Faroukh e Raghuram, vou amarrá-los com meu lenço. Isso os fará lembrar que vocês são amigos e irmãos, ao mesmo tempo que limpar a latrina vai encher seus narizes com o fedor do que fizeram um com o outro.

Ele ajoelhou e amarrou os dois jovens pelo calcanhar, o direito de Faroukh ao esquerdo de Raghuram. Quando concluiu, ficou de pé e mandou que se fossem, apontando na direção da latrina com o braço estendido. A multidão se abriu para que passassem, e os jovens tentaram caminhar, mas começaram a tropeçar e logo perceberam que precisavam se segurar e caminhar juntos se quisessem sair do lugar. Prenderam os braços um no outro e cambalearam sobre três pernas.

A multidão os observou e então começou a reverenciar a sabedoria de Qasim Ali. Subitamente, havia risos onde um minuto antes havia tensão e medo. As pessoas se viraram para falar com ele, mas descobriram que Qasim já se encaminhava de volta ao barraco. Eu estava perto o bastante para ver que ele sorria.

Tive sorte e naqueles meses desfrutei com frequência daquele sorriso. Qasim visitava meu barraco duas, e às vezes três, vezes por semana, verificando meu progresso com o crescente número de pacientes que vinha me ver depois que o doutor Hamid começou a aceitar os que eu encaminhava. Às vezes, o chefe trazia alguém consigo — uma criança mordida por ratos, um rapaz que se machucara na construção ao lado da favela. Depois de um tempo, percebi que eram pessoas que ele escolhera trazer para mim pessoalmente porque, por uma razão ou outra, relutavam em vir sozinhas. Algumas eram apenas tímidas. Outras tinham fobia de estrangeiros e se recusavam a confiar neles. Outras não desejavam experimentar nenhuma forma de medicamento além dos tradicionais remédios desenvolvidos pela sabedoria popular.

Tive problemas com os remédios populares. De modo geral, eu os aprovava e até os adotava quando possível, preferindo alguns dos medicamentos ayurvédicos a seus equivalentes ocidentais. Alguns tratamentos, porém, pareciam ter como base superstições obscuras em vez de tradições terapêuticas e

contrariavam o bom senso da mesma forma que contrariavam todos os princípios da ciência médica. A prática de aplicar um torniquete de ervas no antebraço como forma de curar a sífilis, por exemplo, me parecia particularmente contraproducente. A artrite e o reumatismo eram às vezes tratados com brasas vivas retiradas do fogo com garras de metal e aplicadas nos joelhos e nos cotovelos dos doentes. Qasim Ali me falou, em particular, que ele não aprovava os tratamentos mais radicais, mas não os proibia. Em vez disso, ele me visitava regularmente e, pelo fato de as pessoas o adorarem, elas seguiam seu exemplo e chegavam a mim em número cada vez maior.

A pele escura de Qasim Ali, esticada sobre o corpo esguio e musculoso, era lisa e macia como a luva de um boxeador. O cabelo espesso e grisalho era curto e ele tinha um cavanhaque ligeiramente mais claro que o cabelo. Geralmente usava um *kurta* de algodão e calças brancas no estilo ocidental. Embora fossem roupas simples e baratas, estavam sempre bem lavadas e passadas. Ele as trocava duas vezes ao dia. Outro homem qualquer, menos reverenciado, com hábitos semelhantes para se vestir, seria considerado uma espécie de almofadinha. Mas Qasim Ali despertava sorrisos de amor e admiração sempre que ia à favela. As roupas brancas, imaculadamente limpas, pareciam a todos nós um símbolo de sua espiritualidade e sua integridade moral — qualidades das quais dependíamos, naquele mundinho de lutas e esperança, com tanta premência quanto da água do poço comunitário.

Seus cinquenta e cinco anos não pesavam sobre seu corpo com altura acima da média. Mais de uma vez observei quando corria dos tanques de água ao barraco, na companhia do filho, carregando pesados recipientes de água nos ombros, e os dois ficavam lado a lado o tempo todo. Quando se sentava nas esteiras de junco no cômodo principal do barraco, ele não precisava colocar as mãos no chão. Cruzava os pés e se abaixava até a posição, apenas dobrando os joelhos. Era um homem belo, e grande parte dessa beleza provinha da vitalidade saudável e da graça natural que serviam de base para sua sabedoria inspiradora.

Com seu cabelo curto e grisalho, a figura esguia e a voz trovejante, Qasim costumava me lembrar de Khaderbhai. Aprendi algum tempo depois que os dois chefões se conheciam bem e que, na realidade, eram muito amigos. Mas havia diferenças consideráveis entre eles, e talvez nenhuma fosse mais significativa do que a autoridade de suas lideranças e a forma como a haviam conquistado. Qasim foi conduzido ao poder por pessoas que o amavam. Khaderbhai arrebatara o poder e o mantinha porque não abria mão dele, pela força das armas. Quando se comparavam os poderes, era o chefe da máfia que prevalecia. As pessoas da favela escolheram Qasim Ali como líder e protetor. Mas foi Khaderbhai que aprovou a escolha e permitiu que se concretizasse.

Qasim era convocado com frequência a exercer o poder, pois sua autoridade era a única no dia a dia da favela. Ele resolvia as disputas que haviam se transformado em conflitos. Mediava divergências relativas a direitos de propriedade e de acesso. E muita gente simplesmente buscava seu conselho para tratar de qualquer assunto, de emprego a casamentos.

Qasim tinha três esposas. A primeira, Fatimah, era dois anos mais jovem que ele. A segunda, Shaila, era dez anos mais jovem. A terceira, Najimah, tinha

apenas vinte e oito anos. O primeiro casamento foi por amor. Os seguintes foram com viúvas pobres que talvez não conseguissem encontrar outros maridos. As esposas lhe deram dez filhos ao todo — quatro meninos e seis meninas —, e havia outras cinco crianças que vieram com as viúvas. Para dar liberdade financeira às mulheres, ele comprou quatro máquinas de costura manuais. A primeira esposa, Fatimah, instalou as máquinas sob um toldo de lona, fora do barraco, e contratou um, dois, três e finalmente quatro homens para trabalhar como alfaiates, fazendo camisas e calças.

O modesto empreendimento garantia salários para os alfaiates e suas famílias e algum lucro, dividido igualmente entre as três esposas. Qasim não participava do negócio e pagava todas as despesas de casa. Dessa forma, o dinheiro obtido pelas mulheres ficava com elas para que gastassem ou economizassem da forma que preferissem. Com o passar do tempo, os alfaiates compraram barracos na favela, próximos ao de Qasim, e suas esposas e filhos viviam lado a lado com os dele, formando uma imensa família estendida, de trinta e quatro pessoas, que considerava o dono da favela pai e amigo. Era um lar descontraído e harmonioso. Não havia mau humor nem impicâncias. As crianças brincavam felizes e faziam suas tarefas com boa vontade. E diversas vezes por semana ele abria o grande aposento principal ao público como um *majlis*, ou fórum, onde os favelados podiam apresentar suas queixas ou fazer pedidos.

Nem todas as intrigas ou problemas da favela chegavam à casa de Qasim Ali para serem resolvidos a tempo, naturalmente, e às vezes Qasim era obrigado a assumir os papéis de policial e magistrado naquele sistema não oficial, com regras próprias. Eu estava tomando café diante de sua casa, certa manhã, algumas semanas depois de Abdullah me levar até os leprosos, quando Jeetendra chegou correndo com a notícia de que um homem estava batendo na esposa. Temia-se que ele a matasse. Qasim Ali, Jeetendra, Anand, Prabaker e eu caminhamos rapidamente pelas vielas estreitas até uma fileira de barracos na fronteira com o manguzal. Uma enorme multidão se reunia do lado de fora de um barraco e, conforme nos aproximávamos, podíamos ouvir gritos pungentes e o barulho dos golpes que vinham do interior.

Qasim Ali viu Johnny Cigar por perto, e abriu caminho em meio à multidão silenciosa para se juntar a ele.

— O que está acontecendo? — quis saber.

— Joseph está bêbado — respondeu Johnny, amargamente, cuspidando com ruído na direção do barraco. — O *bahinchudh* está batendo na mulher a manhã inteira.

— A manhã inteira? Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Há três horas, talvez mais. Acabei de chegar. Foi o que me disseram. É por isso que mandei chamá-lo, Qasimbhai.

Qasim Ali franziu as sobrancelhas com ar feroz, e fitou os olhos de Johnny com irritação.

— Não é a primeira vez que Joseph bate na mulher. Por que você não deu um fim nisso?

— Eu... — Johnny começou, mas não conseguiu sustentar o olhar. Baixou os

olhos para o chão pedregoso aos nossos pés. Havia uma espécie de fúria dentro dele, que parecia à beira das lágrimas. — Eu não tenho *medo* dele! Não tenho medo de *nenhum* homem daqui! Você sabe disso! Mas eles são... Eles são... Ela é esposa dele...

Os moradores da favela viviam em uma proximidade densa, quase promíscua. Os sons e movimentos mais íntimos de suas vidas se entrelaçavam constantemente. E, como em qualquer outro lugar, eles relutavam em interferir no que costumamos chamar diferenças domésticas, mesmo quando essas diferenças descambavam para a violência. Qasim se aproximou e pôs a mão no ombro de Johnny, em um gesto de compaixão, para acalmá-lo, e ordenou que ele contivesse Joseph imediatamente. Nesse exato momento, uma nova onda de insultos e golpes veio da casa, seguida por um grito lancinante.

Muitos deram passos à frente, determinados a encerrar a surra. De repente, a frágil porta do barraco se abriu e a esposa de Joseph caiu pela soleira e desmaiou aos nossos pés. Estava nua. O cabelo longo, embaraçado e empapado de sangue. Tinha sido surrada impiedosamente com uma espécie de vara, e marcas vermelhas e azuis cruzavam suas costas, nádegas e pernas.

A multidão ficou paralisada, horrorizada. Estavam todos tão abalados pela sua nudez, eu sabia, quanto pelas terríveis feridas no corpo. Eu também estava abalado. Naqueles anos, a nudez era uma religião secreta na Índia. Ninguém além dos loucos e dos homens santos aparecia nu em público. Amigos da favela me disseram, com a mais total sinceridade, que estavam casados havia anos e que nunca tinham visto as próprias esposas nuas. Fomos todos tomados pelo sentimento de compaixão pela esposa de Joseph, e a vergonha nos atravessou, fazendo arder nossos olhos.

Um grito veio de dentro do barraco e Joseph cambaleou porta a fora com as calças de algodão mijadas e a camiseta rasgada e imunda. Uma bebedeira selvagem e estúpida contorcera seus traços. O cabelo estava desarrumado e o sangue manchava seu rosto. Nas mãos, a vara de bambu que usara para bater na mulher. Ele apertou os olhos ao entrar em contato com a luz do sol e depois seu olhar turvo pousou sobre o corpo da mulher, caída de barriga para baixo entre ele e a multidão. Ele a xingou e deu um passo à frente, erguendo a vara para bater mais uma vez.

O choque que nos paralisara extravasou em uma exclamação coletiva. Corremos para detê-lo. Por incrível que pareça, foi o pequeno Prabaker quem primeiro alcançou Joseph e se atracou com o homem bem maior do que ele, empurrando-o para trás. A vara foi arrancada da mão de Joseph e ele foi imobilizado no chão. Debatia-se e gritava. Um rosário de maldições se derramava de seus lábios, misturado com saliva. Algumas mulheres se apresentaram, lamentando-se como se estivessem de luto. Cobriram a esposa de Joseph com um sári de seda amarela, levantaram-na e a levaram embora.

A multidão poderia ter iniciado um linchamento naquele momento, mas Qasim Ali assumiu o comando da situação imediatamente. Mandou que as pessoas se dispersassem ou se afastassem e disse para os homens que seguravam Joseph que era para mantê-lo imobilizado ao chão. Sua ordem seguinte me

deixou atônito. Achei que ele fosse chamar a polícia ou pedir que tirassem Joseph dali. Em vez disso, ele perguntou qual era a bebida que Joseph estivera tomando e mandou que lhe trouxessem duas garrafas. Também pediu haxixe e um cachimbo e disse para Johnny Cigar preparar o fumo. Quando a bebida caseira conhecida como *daru* apareceu, ele instruiu Prabaker e Jeetendra a obrigarem Joseph a beber.

Joseph sentou-se no meio de um círculo de moços fortes e lhe foi oferecida uma das garrafas. Por alguns instantes ele olhou para todos com ar desconfiado, mas em seguida pegou a garrafa e deu um gole longo e voraz. Os jovens em volta dele lhe deram tapinhas nas costas. Ele deu um novo gole do rascante *daru* e tentou se livrar da garrafa, dizendo que estava satisfeito. Os rapazes, no entanto, se tornaram impositivos. Riam e faziam piadas com ele, segurando a garrafa entre seus lábios e colocando-a entre seus dentes. Johnny Cigar acendeu o cachimbo e passou para Joseph. Ele fumou, bebeu e fumou de novo. Então, uns vinte minutos depois de ter cambaleado para fora do barraco com a vara ensanguentada nas mãos, Joseph baixou a cabeça e apagou no caminho coberto de pedregulhos.

A multidão observou seus roncões por um tempo, depois as pessoas aos poucos se afastaram para seus barracos e seus afazeres. Qasim mandou que o grupo permanecesse em volta do corpo de Joseph e que o vigiasse atentamente. Ele passou meia hora ausente, cuidando da oração da manhã. Quando voltou, pediu chá e água. Johnny Cigar, Anand, Rafiq, Prabaker e Jeetendra faziam parte do círculo de vigilantes. Um pescador jovem e forte chamado Veejay também fazia parte do grupo, bem como um puxador de carroça esguio e em boa forma conhecido como *Andhkaara*, ou *Escuridão*, devido à cor de sua pele luminosamente negra. Eles conversavam tranquilamente enquanto o sol chegava ao ponto culminante e a umidade escaldante do dia apertava suas garras sobre nós.

Eu teria ido embora naquele momento, mas Qasim Ali me pediu que ficasse. Por isso, sentei-me sob a sombra de uma cobertura de lona. Sunita, filha de Veejay com quatro anos de idade, me trouxe um copo de água, sem que eu tivesse pedido. Bebi o líquido morno cheio de gratidão.

— *Tsangli mulgi, tsangli mulgi* — agradei em marata. *Boa menina, boa menina.*

Sunita ficou feliz de me agradar e me olhou com uma caretinha sorridente. Usava um vestido escarlate com as palavras MEU ROSTO BOCHECHUDO escritas na frente, em inglês. Reparei que o vestido estava rasgado e apertado e fiz uma anotação mental para me lembrar de comprar roupas para ela e para algumas outras crianças no bazar de vestimentas baratas conhecido como rua da Moda. Era a mesma anotação mental que eu fazia todos os dias, sempre que conversava com crianças felizes e espertas na favela. Ela pegou o copo vazio e se afastou enquanto os sinos de metal de sua tornozeleira tilintavam musicalmente, os pés descalços pisando na superfície dura das pedras.

Quando todos os homens haviam tomado chá, Qasim Ali mandou que acordassem Joseph. Começaram a cutucá-lo duramente, gritando para que

levantasse. Ele se mexeu, resmungou contrariado, despertando bem lentamente. Abriu os olhos e balançou a cabeça pesada, pedindo água de forma petulante.

— *Pani nahin* — disse Qasim. *Sem água.*

Obrigaram-no a beber a segunda garrafa, insistindo com aspereza, mas papricando-o com piadas e tapinhas nas costas. Outro cachimbo apareceu e os rapazes fumaram também. Ele rosnou repetidamente pedindo por água. Todas as vezes, ele recebia um forte jato de álcool na boca. Antes que uma terceira garrafa se acabasse, ele desmaiou mais uma vez, desabando para o lado com a cabeça inclinada em um ângulo esquisito. O rosto estava exposto aos rigores do sol. Ninguém fez o menor esforço para protegê-lo.

Qasim Ali permitiu que cochilasse por apenas cinco minutos, antes de mandar acordá-lo. Joseph protestou ferozmente ao despertar, começando a rosnar e a praguejar. Tentou se pôr de joelhos e se arrastar até o barraco. Qasim Ali pegou a vara de bambu ensanguentada e a entregou para Johnny Cigar. Disse apenas uma palavra. *Comece!*

Johnny ergueu a vara e baixou-a sobre as costas de Joseph com um ruído assustador. Joseph urrou e tentou se afastar, mas o círculo de rapazes o devolveu ao meio do grupo. Johnny deu-lhe outra varada. Joseph gritou com raiva, mas os jovens lhe deram uns tapas e exigiram silêncio. Johnny ergueu a vara e Joseph encolheu-se, tentando enxergar com seus olhos lacrimejantes.

— Você sabe o que fez? — perguntou Johnny com aspereza. Ele deu uma varada no ombro de Joseph. — Fale, seu cachorro bêbado! Você sabe a besteira que fez?

— Pare de me bater! — resmungou Joseph. — Por que está fazendo isso?

— Você sabe o que fez? — repetiu Johnny, dando um novo golpe.

— Ai! — gritou Joseph. — O quê? O que foi que eu fiz? Não fiz nada!

Veejay pegou a vara e bateu no antebraço de Joseph.

— Você bateu na sua mulher, seu porco bêbado! Bateu nela e ela pode morrer!

Ele passou a vara para Jeetendra, que a usou para golpear a coxa de Joseph.

— Ela está morrendo! Você é um assassino! Matou a própria esposa.

Joseph tentou se proteger com os braços, procurando febrilmente com o olhar alguma chance de escapar. Jeetendra ergueu novamente a vara.

— Você passou a manhã inteira batendo na sua mulher, e a expulsou, nua, do barraco. Tome isso, seu beberrão! E isso! Como você fez com ela. Que tal, seu assassino?

A lenta chegada de uma névoa de compreensão endureceu o rosto de Joseph, carregando-o com uma angústia aterrorizada. Jeetendra passou a vara para Prabaker e o golpe seguinte encheu-lhe os olhos de lágrimas.

— Ah, não! — soluçou ele. — Não é verdade! Não fiz nada! O que vai acontecer comigo? Eu não queria matá-la! Deus do céu, o que vai acontecer comigo? Água, preciso de água!

— Nada de água — disse Qasim Ali.

A vara baixou mais uma vez e outra. Estava na mão de Andhkaara.

— Está preocupado com a sua pele, cachorro? E a sua pobre esposa? Você

não ficou preocupado quando bateu nela. Não é a primeira vez que usou esta vara nela, não é? Agora está acabado. Você a matou. Não vai poder voltar a bater nela nem em mais ninguém. Vai morrer na cadeia.

Johnny Cigar pegou a vara novamente.

— Você é muito forte e corajoso na hora de bater na mulher, que tem a metade do seu tamanho. Mas eu quero ver o machão bater em *mim*. Venha cá, pegue essa vara e veja se consegue bater em um homem, seu *goonda* de meia-tigela.

— Água... — balbuciou Joseph, desabando no chão em meio a lágrimas de autocomiseração.

— Nada de água — disse Qasim Ali, e Joseph voltou a mergulhar na inconsciência.

Quando o acordaram mais uma vez, Joseph já estava ao sol havia quase duas horas e seu sofrimento era grande. Ele berrava pedindo água, mas lhe ofereceram apenas a garrafa de *daru*. Vi que ele queria recusar, mas a sede se tornava desesperadora. Ele aceitou a garrafa com mãos trêmulas. Assim que as primeiras gotas caíram em sua boca ressequida, a vara voltou a ser usada. O *daru* escorreu por seu queixo malbarbeado e saiu pela boca aberta. Ele deixou a garrafa cair. Johnny a pegou e despejou a bebida que sobrava sobre sua cabeça. Joseph urrou e tentou fugir engatinhando, mas o círculo de homens o reconduziu ao centro, à força. Jeetendra segurava a vara e a usou para golpeá-lo nas nádegas e nas pernas. Joseph choramingava, chorava e gemia.

Qasim Ali estava sentado ao lado, na sombra do umbral de um barraco. Pediu que Prabaker se aproximasse e ordenou que chamasse um grupo de amigos e familiares de Joseph, bem como os parentes de Maria, esposa de Joseph. À medida que chegavam, as pessoas tomavam o lugar dos rapazes no círculo, e o tormento de Joseph prosseguiu. Por muitas horas os amigos, parentes e vizinhos se revezaram na tarefa de insultá-lo e acusá-lo, batendo com a mesma vara que ele havia usado para espancar a mulher com tanta selvageria. Os golpes eram fortes e doíam, mas não chegavam a lanhar a pele. Era uma punição calculada, dolorosa, sem ser cruel.

Deixei o local e voltei algumas vezes durante a tarde. Muitos dos favelados que passavam pelo caminho paravam para assistir. As pessoas se juntavam ao círculo em torno de Joseph ou saíam dele, se quisessem. Qasim Ali ficou sentado na porta do barraco, as costas eretas, com ar sério, sem tirar os olhos do círculo. Ele dirigia a punição com uma palavra em voz baixa ou com um gesto sutil, mantendo uma pressão incessante sobre o homem, mas evitando qualquer excesso.

Joseph desmaiou mais duas vezes antes de finalmente sucumbir. Estava destroçado. Não se via nem sombra do ódio e da rebeldia que antes havia dentro dele. Ele soluçava sem parar o nome da esposa. *Maria, Maria, Maria...*

Qasim Ali se levantou e aproximou-se do círculo. Era o momento que ele aguardava. Fez um sinal para Veejay, que trouxe um prato de água morna, sabão e duas toalhas de um barraco das imediações. Os mesmos homens que bateram em Joseph o aconchegaram em seus braços e lavaram seu rosto, seu

pESCOÇO, suas mãos e seus pés. Deram-lhe água. Pentearam seus cabelos. Tranquilizaram-no com abraços e as primeiras palavras gentis que ele ouvira desde o início do castigo. Disseram-lhe que, se estivesse sinceramente arrependido, seria perdoado e receberia ajuda. Muitas pessoas foram chamadas à frente — eu entre elas —, e Joseph precisou tocar nossos pés. Vestiram-no com uma camisa limpa e ajudaram-no a sentar, apoiando-o com os braços e os ombros cuidadosamente. Qasim Ali se acocorou perto dele e fitou seus olhos injetados de sangue.

— Maria, sua esposa, não morreu — disse Qasim Ali com suavidade.

— Não... Não morreu? — balbuciou.

— Não, Joseph, ela não morreu. Está muito mal, mas está viva.

— Graças a Deus, graças a Deus.

— As mulheres da sua família e da família de Maria decidiram o que deve ser feito — disse Qasim lentamente, com firmeza. — Você lamenta... Você tem consciência do que fez à sua esposa e está arrependido?

— Sim, Qasimbhai — choramingou Joseph. — Estou arrependido, muito arrependido.

— As mulheres decidiram que você vai passar dois meses sem ver Maria. Ela está muito mal. Você quase a matou e ela vai precisar de dois meses para se recuperar. Durante esse período, você vai trabalhar todos os dias. Vai trabalhar muito, durante muitas horas. Vai guardar o dinheiro. Não vai beber nem uma gota de *darü* nem de cerveja. Nada além de água. Entendeu? Nem *chai*, nem leite. Apenas água. A abstinência vai fazer parte de seu castigo.

Joseph sacudiu a cabeça fracamente.

— Sim, sim, eu vou fazer isso.

— Talvez Maria não queira aceitá-lo de volta. Você também precisa saber disso. Ela talvez queira se divorciar, mesmo depois de dois meses. E, se quiser, eu vou ajudá-la. Mas ao final de dois meses, se ela resolver aceitá-lo de volta, você vai usar o dinheiro que guardou com todo esse trabalho e vai levá-la para umas férias na serra. Durante a temporada, com sua esposa, você enfrentará a monstruosidade que existe dentro de si e tentará superá-la. *Inshallah*, você vai ter um futuro feliz e virtuoso com sua esposa. Essa é a decisão. Vá agora. Não se fala mais. Vá comer e dormir.

Qasim se levantou, virou-se e saiu. Os amigos de Joseph o ajudaram a se erguer e a entrar no barraco. O local havia sido limpo e todas as roupas e artigos pessoais de Maria, retirados. Deram arroz e *dhal* para Joseph. Ele comeu um pouquinho, depois se deitou no colchão fino. Dois amigos sentaram perto dele e abanaram seu corpo desacordado com leques de papel verde. Uma corda foi amarrada a uma das pontas da vara ensanguentada, e Johnny Cigar pendurou-a em um poste na frente do barraco de Joseph, para que todos pudessem ver. Ela permaneceria ali durante os dois meses do castigo.

Alguém ligou o rádio em um barraco nas proximidades e os gemidos de uma canção de amor híndi atravessaram os becos e vielas da favela movimentada. Uma criança chorava. Galinhas ciscavam no lugar que tinha servido de círculo de tormentos para Joseph. Em outra parte, uma mulher ria, as crianças

brincavam, o vendedor de pulseiras fazia seu pregão em marata. *Uma pulseira é uma beleza e a beleza é uma pulseira!*

Enquanto a vida na favela retomava o ritmo normal, eu caminhava de volta para o meu barraco, pelos becos tortuosos. Pescadores e pescadoras voltavam para casa, vindos da doca Sassoon, com cestas cheirando a mar. Em um daqueles contrastes da vida da favela, também foi a hora escolhida para que os vendedores de incenso desfilassem pelo caminho, queimando amostras de sândalo, jasmim, rosa e patchuli.

Pensei no que havia visto naquele dia, no que as pessoas faziam por si mesmas na sua minúscula cidade de vinte e cinco mil almas, sem policiais, nem juizes, nem tribunais, nem prisões. Pensei numa coisa que Qasim Ali havia dito, semanas antes, quando dois rapazes, Faroukh e Raghuram, se apresentaram para receber sua punição, depois de passar um dia inteiro amarrados, trabalhando na latrina. Após se limparem cuidadosamente com um balde de água quente e vestirem novos *lungis* e camisas regatas brancas e limpas, os dois jovens ficaram diante de uma assembleia composta por suas famílias, seus amigos e vizinhos. As lamparinas balançavam com a brisa, despejando um brilho dourado em cada olhar, à medida que as sombras dançavam pelas esteiras de junco das paredes dos barracos. Qasim Ali anunciou a decisão de um conselho formado por amigos e vizinhos hindus e muçulmanos. Como punição por terem brigado por causa de religião, cada um precisava aprender uma oração inteira da tradição religiosa do outro.

— E assim a justiça será feita — disse Qasim Ali naquela noite, com os olhos escuros com um olhar mais terno para os garotos —, pois só se faz justiça quando todas as partes estão satisfeitas, mesmo os que nos ofenderam e que precisam ser punidos. Você vê, através do que fizemos com esses dois rapazes, que a justiça não serve apenas para punir quem faz coisas erradas. É também a forma pela qual tentamos salvá-los.

Sei essas palavras de cor. Eu as escrevi no meu diário pouco depois de Qasim Ali tê-las dito. E, quando voltei para meu barraco no dia da agonia de Maria e da vergonha de Joseph, acendi um lampião, abri o caderno de capa preta e fiquei olhando para as palavras na página. Em algum lugar perto de mim, as irmãs e as amigas confortavam Maria e abanavam seu corpo dolorido. No casebre de Joseph, Prabaker e Johnny Cigar assumiam o primeiro turno para vigiar o sono do vizinho. Estava quente, então, quando as sombras compridas da tarde se transformaram em noite. Senti a imobilidade do ar, poeirento e perfumado com os aromas das comidas no fogo. E havia silêncio naqueles momentos sombrios e reflexivos: silêncio o bastante para ouvir gotículas de suor descendo pelo meu rosto melancólico e caírem na página, cada círculo úmido como uma lágrima derramada sobre as palavras *justiça... perdão... punição... e salvação...*

UMA SEMANA se transformou em três; um mês virou cinco. De tempos em tempos, enquanto trabalhava nas ruas de Colaba com minha clientela de turistas, eu esbarrava em Didier, Vikram ou algum outro frequentador do Leopold. Às vezes, via Karla, mas nunca me dirigia a ela. Não queria encontrar seu olhar enquanto estivesse pobre e morando na favela. A pobreza e o orgulho são irmãos unidos até que um deles, inevitavelmente, destrua o outro.

Não vi sinal de Abdullah naquele quinto mês, mas uma sucessão de mensageiros estranhos e às vezes grotescos apareceu em meu barraco com notícias dele. Eu estava sentado à mesa, certa manhã, escrevendo, quando os vira-latas da favela me fizeram interromper o trabalho, com latidos frenéticos como eu jamais ouvira. Havia fúria e terror naquele som. Pousei a caneta, mas não abri a porta, nem mesmo me mexi na cadeira. Os cães costumavam ser cruéis à noite, mas aquela era a primeira vez que ouvia tal ferocidade à luz do dia. O som era ao mesmo tempo fascinante e alarmante. Quando percebi que a matilha se aproximava lentamente, meu coração acelerou.

Raios da luz dourada da manhã atravessavam fendas e vãos das frágeis paredes de junco. Aqueles pequenos raios iam e vinham conforme as pessoas passavam lá fora, no beco. Gritos e insultos se juntaram aos rosnaços. Olhei em volta. A única arma que havia em minha casa era uma grossa vara de bambu. Eu a apanhei. A confusão de latidos e vozes se concentrou na frente do barraco e parecia ter minha porta como centro.

Afastei a fina peça de compensado que servia de porta. Quando abri, deixei a vara cair na mesma hora. Lá, a meio metro de distância, estava um enorme urso marrom. O animal era muito mais alto do que eu e tomava conta da entrada com seus impressionantes músculos cobertos por pelos. Equilibrava-se com facilidade nas duas patas traseiras, e as enormes garras estavam erguidas na altura dos meus ombros.

A presença do animal levou os vira-latas à loucura. Sem ousar se aproximar, eles se limitavam a alimentar a fúria uns dos outros. Ignorando os cães e a multidão excitada, o urso se abaixou e se debruçou na direção da porta para olhar dentro de meus olhos. Seus olhos eram grandes e melancólicos, cor de topázio. Ele rosnava. Longe de ser um som ameaçador, aquele rosnado era uma corrente contínua de sons surdos e estranhamente tranquilizantes, mais eloquentes do que a oração que eu recitava em minha cabeça. Aquele som tirou meu medo. Através daquele meio metro de ar, eu sentia as reverberações do som da fera pulsando contra meu peito. O urso se curvou mais, até que entre meu rosto e o focinho dele só restassem alguns centímetros. Uma espuma se transformou em líquido e respingou das mandíbulas úmidas e negras. O animal não queria me atacar. De alguma forma, eu tinha certeza disso. Os olhos dele falavam de outra coisa. Foram apenas poucos segundos, mas naquela palpitante imobilidade a comunicação da tristeza do animal, não diluída pela razão e inteira em sua

entrega, era tão intensa e pura, olho no olho, que pareceu durar muito tempo e eu queria perpetuá-la.

Os cães mijavam uns nos outros, ganindo e rosnando em uma agonia de ódio e medo, de desejo de atacar a fera, mas o medo era maior que a fúria. As crianças gritavam e as pessoas se esgueiravam para evitar a agitação. O urso se virou, lento e pesado, mas então soltou sua fúria rapidamente, sacudindo uma pata imensa na direção dos cães. Eles desapareceram e um grupo de rapazes aproveitou a oportunidade de enxotá-los para mais longe, com pedras e gravetos.

O urso balançava de um lado para outro, perscrutando a multidão com aqueles olhos grandes e sofridos. Com ampla vista para o animal, reparei que ele usava uma coleira de couro com pequenas pontas de metal. Duas correntes presas na coleira se estendiam até as mãos de dois homens. Eu não os havia visto até então. Eram os domadores de urso, vestidos com coletes, turbantes e calças de um azul perturbador. Até seus rostos e o peito estavam pintados de azul, bem como as correntes metálicas e a coleira do urso. O bicho se virou e ficou de frente para mim mais uma vez. Da forma mais inesperada, um dos homens que seguravam as correntes disse meu nome.

— Senhor Lin? Você é o senhor Lin, não é? — perguntou ele.

O urso inclinou a cabeça como se também estivesse fazendo a pergunta.

— Sim! — exclamaram algumas vozes na multidão. — Sim! Este é o senhor Lin! Linbaba!

Eu ainda estava em pé na entrada do barraco, surpreso demais para falar ou me mexer. As pessoas riam e vibravam. Algumas crianças mais intrépidas se aproximaram a ponto de tocarem no urso com dedos velozes. As mães berçavam, riam, e as recolhiam de volta a seus braços.

— Somos seus amigos — disse um dos homens de cara azul em híndi. Os dentes pareciam incrivelmente brancos, contra o azul. — Viemos lhe trazer uma mensagem.

O segundo homem pegou um envelope amarelo amassado de dentro do bolso do colete e segurou para que eu pudesse ver.

— Uma mensagem? — consegui perguntar.

— Sim, uma mensagem importante para o senhor — disse o primeiro homem. — Mas antes o senhor deve fazer uma coisa. Só posso entregar a mensagem depois que pagar uma prenda. Uma grande prenda. O senhor vai gostar muito.

Eles falavam em híndi e eu não estava familiarizado com a palavra *vachan*, que significa prenda. Sai do barraco contornando o urso. Havia mais gente do que eu imaginara e estavam todos amontoados, fora do alcance das patas do bicho. Muita gente repetia a palavra *vachan*. Uma balbúrdia de vozes em diversos idiomas somou-se aos gritos, às pedradas e ao latido dos cães, provocando os efeitos sonoros de um pequeno motim.

A poeira dos caminhos pedregosos se levantou em nuvens e redemoinhos e, embora estivéssemos no centro de uma cidade moderna, aquele lugar cheio de barracos de bambu e multidões espantadas parecia um vilarejo em algum vale esquecido. Os domadores de urso eram criaturas fantásticas, concluí quando

consegui vê-los com mais clareza. Sob a camada de tinta azul, os braços e peitos nus eram muito musculosos. Sinos e discos de prata e franjas de seda vermelha e amarela enfeitavam suas calças. Os dois homens tinham tranças com a grossura de dois dedos, amarradas com tiras de arame prateado.

Senti alguém tocar no meu braço e quase dei um pulo. Era Prabaker. Seu sorriso parecia quase sobrenatural de tão amplo, e os olhos negros irradiavam felicidade.

— Temos muita sorte por você viver conosco, Lin. Você está sempre trazendo aventuras muito divertidas!

— Eu não fiz nada, Prabu. Que diabos estão dizendo? O que querem?

— Eles têm uma mensagem para você, Lin. Mas há um *vachan*, uma prenda, antes que eles a entreguem. É uma... Você sabe... Uma pegadinha.

— Pegadinha?

— Isso mesmo. A palavra é esta, não é? *Pegadinha*. É uma espécie de punição por ser legal. — Prabaker sorria feliz, aproveitando a oportunidade para compartilhar comigo uma de suas definições linguísticas. Tinha o hábito ou o azar de encontrar os piores momentos para me brindar com elas.

— É, sei o que é *pegadinha*, Prabu. O que eu não sei é quem são esses caras. Quem está mandando a mensagem?

Prabaker começou a tagarelar rapidamente em hindi, adorando ser o centro das atenções. Os domadores de urso responderam com alguns detalhes, falando tão depressa quanto ele. Eu não consegui entender a maior parte do que disseram, mas aqueles que estavam mais próximos caíram na gargalhada. O urso ficou de quatro e farejou meus pés.

— O que disseram?

— Lin, eles não vão contar quem está mandando a mensagem — disse Prabaker contendo o riso com alguma dificuldade. — É um grande segredo e não vão contar. Receberam instruções para lhe entregar essa mensagem sem explicações e com uma pegadinha para você como prenda.

— Qual é a pegadinha?

— Bem, você tem que abraçar o urso.

— Eu devo fazer o quê?

— Abraçar o urso. Você tem que dar um abraço apertado, assim.

Ele se aproximou e me deu um abraço apertado, a cabeça contra meu peito. A multidão aplaudiu animadamente, os domadores soltaram gritos estridentes e até o urso foi obrigado a ficar de pé e executar uma dança com passos pesados. O estarrecimento e minha óbvia relutância levaram as pessoas a rir mais ainda.

— Sem chance — respondi, sacudindo a cabeça.

— Ah, sim — riu Prabaker.

— Está brincando? Sem chance, cara.

— *Takleef nahin!* — exclamou um dos domadores. *Não tem problema!* — É seguro. Kano é mansinho. Kano é o urso mais manso da Índia. Kano adora as pessoas.

Eles se aproximaram do urso, gritando ordens em hindi. Quando Kano, o urso, mostrou toda a sua estatura, o domador se aproximou dele e o abraçou. O

urso cerrou as patas em torno dele e balançou para a frente e para trás. Depois de alguns segundos, ele soltou o homem, que se virou para receber o entusiasmado aplauso da multidão com um sorriso resplandecente e agradecendo como um artista.

— Sem chance — repeti.

— Puxa, Lin. Abraça o urso — implorou Prabaker, rindo mais.

— Não vou abraçar urso nenhum, Prabu.

— Puxa vida, Lin. Você não quer saber qual é a mensagem?

— Não.

— Pode ser importante.

— Não estou nem aí.

— Talvez você *goste* de abraçar o urso, não é, Lin?

— Não.

— Talvez *goste*.

— Não vou.

— Bem, talvez você prefira que *eu* lhe dê outro grande abraço para acostumar?

— Não, obrigado de qualquer maneira.

— Então vá lá e abraça o urso, Lin.

— Sinto muito.

— Puxa, por favooooor — Prabaker disse em tom adulator.

— Não.

— Sim, Lin, por favor, abraça o urso — encorajou-me Prabaker, pedindo o apoio da multidão. Havia centenas de pessoas amontoadas na via próxima a minha casa. As crianças haviam descoberto arriscados pontos de observação no alto dos barracos mais resistentes.

— *Abraça, abraça, abraça!* — berravam todos.

Ao olhar em volta, de rosto em rosto risonho, percebi que não tinha opção. Dei dois passos e, me aproximando trêmulo e devagar, apertei-me contra o pelo desganhado de Kano, o urso. O surpreendente é que ele era macio sob o pelo — quase fofo. As sólidas patas dianteiras, no entanto, eram só músculo, e se fecharam em torno de mim na altura dos ombros com imenso vigor e uma força sobre-humana. Descobri o que era sentir-se completamente indefeso.

Uma ideia gerada pelo medo atravessou minha cabeça: Kano poderia partir minhas costas com a mesma facilidade com que eu poderia partir um lápis. A voz do urso roncava em seu peito, contra minha orelha. Um cheiro parecido com o de musgo úmido encheu minhas narinas. Misturado a ele vinham outros, como o de um par de sapatos de couro novinhos em folha e o cobertor de lã de uma criança. Depois disso, havia um intenso cheiro de amônia, como um osso cortado com uma serra. O barulho da multidão diminuiu. Kano era quente. Ele se mexia de um lado para o outro. O pelo era macio ao toque dos meus dedos e formava dobras de pele que lembravam aquelas na parte de trás do pescoço de um cão. Agarrei-me ao pelo e balancei com ele. Era como se estivesse flutuando ou talvez caindo de algum lugar maravilhoso de paz e promessas inexprimíveis.

Senti mãos sacudirem meus ombros. Abri os olhos e vi que havia caído de

joelhos. Kano, o urso, havia liberado o abraço e já estava no final do beco, afastando-se em seu passo lento e pesado, na companhia dos domadores e do cortejo de gente e cães furiosos.

— Linbaba, você está bem?

— Estou bem, estou bem. Devo ter... Fiquei tonto ou coisa parecida.

— Kano estava lhe dando um aperto muito bom, não é? Aqui está sua mensagem.

Voltei para o barraco e me sentei à mesinha que montei com caixotes. Dentro do envelope amassado havia um bilhete datilografado em um papel amarelo. Estava escrito em inglês e suspeitei de que tivesse sido datilografado por um escritor de cartas profissional da rua dos Escritores. Era de Abdullah.

Meu querido irmão,

*Salaam aleikum.* Você me disse que dá abraços de urso nas pessoas. Acho que é um costume de seu país, e mesmo achando muito esquisito e sem compreender, acho que você deve se sentir muito solitário por aqui, pois quase não há ursos em Bombaim. Por isso, estou mandando um urso para alguns abraços. Por favor, aproveite. Espero que ele abrace tão bem quanto os ursos de seu país. Ando ocupado com os negócios e a saúde está boa, graças a Deus. Depois dos negócios, voltarei logo para Bombaim, *Inshallah*. Deus abençoe a você e a seu irmão.

Abdullah Taheri

Prabaker estava atrás do meu ombro esquerdo, lendo o bilhete em voz alta, lentamente.

— Ah, é do Abdullah. Eu não deveria lhe dizer que ele anda fazendo coisas ruins, mas está fazendo, mesmo quando não lhe digo isso.

— É uma grosseria ler a correspondência dos outros, Prabu.

— Grosseria, sim. Grosseria quer dizer que gostamos de fazer mesmo quando os outros mandam que a gente não faça, não é?

— Quem são os sujeitos com o urso? — perguntei-lhe. — Onde eles estão?

— Estão ganhando dinheiro com o urso dançarino. Eles são de U.P., Uttar Pradesh, no norte da nossa Mãe Índia, mas viajam por toda parte. Agora estão na *zhopadpatti* da área da Marinha, em Nagar. Quer que leve você até lá?

— Não — resmunguei, lendo o bilhete novamente. — Não, agora não. Talvez mais tarde.

Prabaker foi até a porta aberta do barraco e fez uma pausa ali, olhando-me fixamente, pensativo, com a cabeça pequena e redonda inclinada para um lado. Pus o bilhete no bolso e olhei para ele. Achei que ele queria dizer algo — havia uma espécie de esforço de concentração em sua testa —, depois pareceu mudar de ideia. Deu de ombros. Sorriu.

— Vem algum doente hoje?

— Alguns. Eu acho. Mais tarde.

— Bem, vejo você no almoço, não é?

— Claro.

- Você... Você quer que eu faça alguma coisa?
- Não, obrigado.
- Você quer que meu vizinho, a esposa dele, lave sua camisa?
- Lavar minha camisa?
- Sim. Está com cheiro de urso. Você está com cheiro de urso, Linbaba.
- Tudo bem — dei uma risada. — Acho que gosto disso.
- Bem, já vou. Vou trabalhar no táxi de meu primo Shantu.
- Tudo bem.
- Muito bem, estou saindo.

Ele foi embora e, quando fiquei sozinho, fui cercado mais uma vez pelos sons da favela: o pregão dos ambulantes, a brincadeira das crianças, a risada das mulheres e canções de amor retumbando de aparelhos de rádio totalmente distorcidas. Também havia sons de animais, centenas deles. Há apenas alguns dias para a temporada de chuva, muitos ambulantes e artistas, como os dois domadores de urso, haviam procurado abrigo nas favelas da cidade. A nossa abrigava três grupos de encantadores de serpentes, um de domadores de macaco e vários criadores de papagaios e aves canoras. Os homens que normalmente amarravam os cavalos na clareira próxima ao quartel da Marinha trouxeram as montarias para nossos estábulos improvisados. Cabras, ovelhas, porcos, galinhas, bois e búfalos, até um camelo e um elefante — o terreno ocupado pela favela se transformara em uma espécie de arca horizontal, fornecendo abrigo para as inundações que se aproximavam.

Os animais eram bem-vindos, e ninguém questionava seu direito a um abrigo, mas sua presença trazia novos problemas. Na primeira noite, os domadores de macacos deixaram que um dos animais escapasse enquanto todos dormiam. A inquieta criatura percorreu o telhado de diversos barracos e resolveu entrar no que vinha sendo usado por um grupo de encantadores de serpentes. Os encantadores guardavam as cobras em cestas de vime cobertas, que eram mantidas fechadas por uma trava de bambu e uma pedra colocada no alto de cada tampa. O macaco tirou uma das pedras e abriu um cesto onde estavam três cobras. Da segurança do telhado do barraco o macaco berrou até acordar os encantadores, e eles fizeram soar o alarme.

— *Saap alla! Saap alla! Saap!* — avisaram. *Soltaram as cobras! Cobras!*

Houve um verdadeiro pandemônio em seguida, enquanto os sonolentos favelados corriam de um lado para o outro com lampiões a querosene e tochas acesas, atacando todas as sombras e atingindo pés e canelas alheios com bastões e varas. Alguns dos barracos mais precários chegaram a ser derrubados durante o tumulto. Qasim Ali afinal restaurou a ordem e organizou os encantadores em dois grupos de busca que varreram sistematicamente toda a favela até encontrar as serpentes e as devolverem ao cesto.

Entre outras habilidades os macacos tinham sido treinados para ser excelentes ladrões. Como a maioria das favelas da cidade, a nossa era uma área onde não aconteciam roubos. Sem trancas nas portas nem lugares secretos para esconder as coisas, os macacos estavam no paraíso dos saqueadores. Todos os dias, constrangidos, os domadores eram obrigados a montar uma mesa do lado de fora de seu barraco onde eram exibidos todos os itens surrupiados pelos animais, para

que fossem recuperados pelos verdadeiros donos. Os macacos tinham uma preferência toda especial pelas pulseiras de vidro, pelas tornozeleiras e pulseiras de latão usadas pela maior parte das meninas. Mesmo depois que os domadores compraram para eles um estoque próprio de bijuterias e ornamentaram seus braços e pernas peludos, os macacos ainda consideravam irresistível o roubo de tais acessórios.

Qasim Ali determinou que se colocassem guizos barulhentos em todos os macacos enquanto estivessem dentro da favela. As criaturas demonstravam enorme criatividade para se livrar dos guizos ou para encontrar uma forma de abafar o som. Certa vez, ao anoitecer, vi dois macacos andando sorrateiramente pelo beco deserto onde ficava meu barraco, com olhos arregalados de culpa e malícia símias. Um deles tinha conseguido remover os guizos do pescoço. Ele andava sobre as patas traseiras e abafava o som dos guizos do outro a seu lado, segurando-os com as duas mãozinhas. Apesar da esperteza, a música dos guizos transformou as travessuras normalmente silenciosas em alguma coisa mais evidente, diminuindo o número de pequenos delitos e a vergonha de seus donos.

Além daquela população flutuante, muitas pessoas que viviam nas ruas próximas à favela se sentiram atraídas pela relativa segurança de nossos barracos. Conhecidos como moradores das calçadas, eram pessoas que faziam casas para si em qualquer pedaço disponível de terreno desocupado ou em qualquer calçada larga o bastante para abrigar suas casas precárias e ao mesmo tempo permitir a passagem dos pedestres. As casas eram as mais primitivas e as condições sob as quais viviam, as mais brutais e cruéis de todos os milhões de sem-teto de Bombaim. Quando a monção chegava, estavam sempre em uma situação de risco, às vezes, insustentável. Muitos procuravam refúgio nas favelas.

Vinham de todas as partes da Índia: assameses, tâmeis e guzerates, gente de Karnataka, Trivandrum, Bikaner e Konarak. Durante a monção, cinco mil almas a mais se espremiavam na favela, que já era superpovoada. Descontado o espaço reservado para os abrigos de animais, lojas, armazéns, ruas, becos e latrinas, sobravam dois metros quadrados para cada homem, mulher e criança.

A aglomeração maior do que a habitual criava alguma tensão e dificuldades adicionais, mas a maior parte dos recém-chegados era tratada com tolerância. Nunca ouvi alguém sugerir que eles não deveriam receber ajuda nem serem bem-vindos. Os únicos problemas sérios, na realidade, vinham de fora. Aquelas cinco mil pessoas a mais e outros tantos milhares que enchiam outras favelas com a proximidade da monção estavam vivendo nas ruas. Compravam o que precisavam em lojas da região. As compras, individualmente, eram pequenas: ovos, leite, chá, pão, cigarros, verduras, querosene, roupas infantis e assim por diante. Em conjunto, porém, movimentavam grandes somas e respondiam por parte considerável do comércio local. Quando se mudavam, porém, os recém-chegados tendiam a gastar seu dinheiro nas dezenas de biroscas dentro das favelas. Os estabelecimentos minúsculos e ilegais forneciam quase tudo que podia ser comprado nas lojas legalizadas dos bairros comerciais. Havia lojas de alimentos, roupas, óleos, sementes, querosene, álcool, haxixe e até de equipamentos elétricos. A favela era praticamente autossuficiente, e Johnny Cigar — consultor financeiro e fiscal do comércio na comunidade — estimava

que os moradores gastavam vinte rúpias na própria favela para cada rúpia que gastavam fora dela.

Os lojistas e pequenos negociantes de toda parte se ressentiam daquela queda no volume de vendas e do sucesso do próspero comércio local. Quando a ameaça da chuva empurrava para lá os moradores das calçadas, seu ressentimento se transformava em fúria. Juntavam-se aos proprietários de terras, construtores e outros que temiam e se opunham à expansão das favelas. Eles se cotizavam para recrutar duas gangues de fora de Colaba a fim de que interrompessem o abastecimento das lojas da favela. Quem voltava dos supermercados com carrinhos lotados de hortaliças, peixe ou outras mercadorias era ameaçado, tinha seus produtos estragados, e às vezes era até agredido.

Eu tratei de diversas crianças e jovens atacados por aquelas gangues. Haviam ameaçado usar ácido. Sem condição de recorrer à ajuda da polícia — os tiras tinham recebido dinheiro para fazer vista grossa —, os moradores se uniram para se defender. Qasim Ali formou brigadas infantis para vigiar a entrada da favela, e pelotões de jovens fortes para escoltar quem ia fazer compras.

Já haviam acontecido conflitos entre nossos rapazes e os bandidos contratados. Sabíamos que, quando a monção chegasse, a violência ia aumentar. A tensão era grande. Porém, a guerra com os lojistas não desanimava os favelados. Pelo contrário, nossos comerciantes se tornaram populares. A condição de semideuses levou-os a promover liquidações especiais, descontos e uma atmosfera de parque de diversões. O gueto era um organismo vivo. Para combater as ameaças externas, ele respondia com os anticorpos da coragem, da solidariedade e daquele amor magnífico e desesperado que costumamos chamar de instinto de sobrevivência. Se a favela fraquejasse, não haveria nenhum outro lugar, nem nada mais.

Um dos jovens feridos em combate era um trabalhador da obra ao lado da favela. Chamava-se Naresh. Tinha dezenove anos. Foi sua voz e uma batida confiante na porta aberta do meu barraco que acabaram com a breve solidão que experimentei quando meus amigos e vizinhos foram seguir Kano e os domadores de urso em sua saída da favela. Naresh não esperou minha resposta para entrar.

— Olá, Linbaba — cumprimentou-me em inglês. — Você anda abraçando urso, pelo que todo mundo diz.

— Oi, Naresh. Como está seu braço? Quer que eu dê uma olhada?

— Se você tiver tempo, quero, sim — respondeu ele, passando a falar em maratá, sua língua. — Fiz uma pausa no trabalho e tenho que voltar dentro de quinze ou vinte minutos. Posso aparecer em outra hora, se você estiver ocupado.

— Não, pode ser agora. Entre e sente. Vamos dar uma olhada.

Naresh havia recebido um corte de navalha de barbeiro no antebraço. Não era profundo e deveria ter sarado rapidamente com apenas um curativo. A umidade insalubre do seu ambiente de trabalho, porém, aumentava o risco de infecção. O curativo que eu tinha colocado em seu braço dois dias antes já estava imundo e empapado de suor. Eu o retirei e coloquei-o dentro de um saco plástico para jogá-lo mais tarde em uma das fogueiras comunitárias.

A ferida começava a cicatrizar, mas estava inflamada, com alguns pontos

amarelados. Os leprosos de Khaderbhai haviam me fornecido um galão com dez litros de desinfetante cirúrgico. Empreguei-o para lavar as mãos e depois limpar a ferida, esfregando até que os vestígios da infecção desaparecessem. Deve ter doído, mas Naresh suportou a dor sem mudar de expressão. Quando secou, despejei um talco antibiótico na abertura do corte e pus um novo curativo.

— Prabaker me contou que você escapou por pouco da polícia uma noite dessas, Naresh — disse eu, enquanto trabalhava, brigando para usar o meu precário conhecimento de marata.

— Prabaker tem o péssimo hábito de falar demais — respondeu Naresh, franzindo a testa.

— E eu não sei? — respondi rapidamente. Nós dois caímos na gargalhada.

Como a maioria dos nativos de Maharashtra, Naresh ficava feliz por me ver tentar aprender seu idioma e ele falava lentamente, de forma bem clara, facilitando minha compreensão. Não havia nenhum paralelo entre o marata e o inglês, até onde podia perceber: nenhuma das semelhanças ou das palavras parecidas comuns ao inglês e ao alemão, por exemplo, ou ao inglês e ao italiano. No entanto o marata era uma língua fácil de aprender porque o povo de Maharashtra ficava empolgado pelo fato de eu querer aprendê-la, ensinando-a a mim com toda a boa vontade.

— Se você continuar a roubar com Aseef e sua gangue — disse eu, mais seriamente —, você vai ser pego.

— Sei disso, mas espero que não aconteça. Espero que o Iluminado esteja do meu lado. É para minha irmã. Rezo para que nenhum mal me aconteça porque não estou roubando para mim, mas para minha irmã. Ela está de casamento marcado e não temos o suficiente para pagar o dote prometido. A responsabilidade é minha. Sou o filho mais velho.

Naresh era corajoso, inteligente, trabalhador e carinhoso com as crianças. Seu barraco não era muito maior do que o meu, mas ele o dividia com os pais, seis irmãos e irmãs. Dormia do lado de fora, no chão duro, para dar mais espaço aos pequenos. Eu havia visitado o local diversas vezes e sabia que tudo que ele possuía cabia em uma sacola plástica: uma muda de roupas para trabalhar, um par de calças boas e uma camisa para ocasiões formais e visitas ao templo, um livro de versos budistas, várias fotografias e alguns artigos de toalete. Ele não tinha mais nada. Dava cada rúpia que ganhava no trabalho ou com pequenos roubos para a mãe, pedindo a ela algum troco, quando necessário. Não bebia, não fumava nem jogava. Por ser um homem pobre e sem perspectivas, não tinha namorada e eram remotas suas chances de conseguir uma. A única diversão a que se permitia era uma ida a um cinema poeira, com os amigos de trabalho, uma vez por semana. Apesar de tudo, era um rapaz otimista e divertido. Algumas vezes, quando atravessava a favela voltando à noite para casa, eu o via encolhido no caminho, fora do barraco da família, o rosto magro e jovem descontraído no sorriso exausto do sono.

— E você, Naresh? — perguntei enquanto prendia o curativo com um alfinete. — Quando vai se casar?

Ele se levantou, dobrando o braço esguio para afrouxar o curativo apertado.

— Depois de Poonam se casar, há duas outras irmãs que precisam se casar

— explicou ele, sorrindo e balançando a cabeça de um lado para o outro. — Elas precisam casar primeiro. Nessa nossa Bombaim, o homem pobre precisa encontrar maridos antes de procurar uma esposa. Não é uma maluquice? *Amchi Mumbai, Mumbai amchi! É nossa Bombaim e Bombaim é nossa!*

Ele deixou o barraco sem me agradecer, como costumava acontecer com meus pacientes. Sabia que ele me convidaria para jantar em sua casa um dia desses, ou me presentearia com frutas ou um incenso especial. As pessoas demonstravam a gratidão, em vez de expressá-la com palavras, e eu tinha aprendido a aceitar aquilo.

Quando Naresh deixou o barraco com o novo curativo, diversas pessoas que o viram se aproximaram de mim para serem tratadas. Cuidei de cada uma — mordidas de rato, febre, feridas infeccionadas, doenças de pele —, conversando com todas e ficando em dia com as fofocas que circulavam pelos becos e vielas como diabinhos onipresentes.

A última paciente foi uma senhora idosa, acompanhada pela sobrinha. Ela reclamava de dores no peito, do lado esquerdo, mas o extremo pudor indiano transformou o exame em um procedimento complexo. Pedi à garota que chamasse outras pessoas para ajudar. Duas jovens amigas da sobrinha vieram ter com ela no barraco. As amigas usaram um tecido grosso para erguer uma parede entre mim e a senhora, fazendo-a desaparecer completamente da minha vista. A garota estava de pé ao lado da tia, em uma posição que lhe permitia olhar sobre o pano e me ver sentado do outro lado. Então, conforme eu tocava em diferentes pontos do meu peito, a jovem sobrinha me imitava, tocando nos seios da tia.

— Dói aqui? — perguntei, apertando meu peito acima do mamilo.

Atrás do pano, a sobrinha apalpou a tia, fazendo a pergunta.

— Não.

— E aqui?

— Não, aqui não.

— E aqui?

— Sim. Está doendo — respondeu ela.

— E aqui? Ou aqui?

— Não, aqui não. Um pouquinho aqui.

Com aquela pantomima e a ajuda das mãos invisíveis da sobrinha, cheguei afinal à conclusão de que a senhora idosa tinha dois nódulos dolorosos no seio. Também descobri que sentia algumas dores quando respirava profundamente e ao levantar objetos pesados. Escrevi uma mensagem para o doutor Hamid, descrevendo minhas observações indiretas e minhas conclusões. Havia acabado de explicar para a garota que ela deveria levar a tia para visitar o consultório do doutor Hamid o quanto antes e lhe entregar minha mensagem, quando uma voz souou por trás de mim.

— Sabe, a pobreza cai bem em você. Se realmente chegar ao fundo do poço, vai ficar irresistível.

Surpreendido, virei-me e encontrei Karla apoiada com os braços na soleira da porta. Um meio sorriso irônico guiava os cantos de sua boca. Estava vestida de

verde — calças de seda largas e uma blusa de manga comprida, com um xale em tom verde mais escuro. O cabelo negro estava solto, com reflexos cor de cobre por causa da luz do sol. O verde das águas rasas e cálidas de uma laguna idealizada reluzia em seus olhos. Ela era quase bonita demais: tão bonita quanto o rubor de um crepúsculo de verão em um céu coberto de nuvens.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntei, rindo.

— O suficiente para ver esse estranho sistema de consulta que você inventou em ação. Você agora anda fazendo diagnósticos por telepatia?

— As indianas são muito teimosas quando se trata de permitir que estranhos toquem seus seios — respondi, quando a paciente e suas parentes passaram por Karla e deixaram o barraco.

— Ninguém é perfeito, como diria Didier — disse de forma arrastada, com uma careta que quase se transformou em sorriso. — Aliás, ele sente sua falta. Pediu que lhe desse um oi. Na verdade, todos sentem sua falta. Não temos visto você no Leopold desde que abriu esse posto avançado da Cruz Vermelha.

Estava feliz por Didier e os outros não terem me esquecido, mas não olhei dentro dos olhos dela. Quando estava sozinho, me sentia seguro e satisfatoriamente ocupado na favela. Nas ocasiões em que via os amigos de fora daquela imensidão, uma parte de mim se corria de vergonha. *O medo e a culpa são anjos das trevas que assombram os ricos*, Khader me disse certa vez. Não sabia muito bem se isso era verdade ou se ele simplesmente queria que fosse verdade, mas minha experiência me provava que o desespero e a humilhação assombram os pobres.

— Entre, entre. Que surpresa! Sente-se... Sente-se aqui, enquanto eu... me limpo um pouco.

Ela se sentou no banquinho de madeira enquanto eu pegava um saco plástico com cotonetes usados e velhos curativos e jogava nele o resto do lixo. Lavei as mãos com desinfetante mais uma vez e guardei os medicamentos nas prateleiras.

Karla olhou em volta do pequeno barraco, examinando tudo com olhar crítico. Enquanto meus olhos a acompanhavam, vi minha casinha como a cabana miserável que era. Por viver sozinho ali, eu tinha começado a considerá-la tremendamente espaçosa, em comparação com o amontoado que havia a minha volta. Com Karla a meu lado, parecia pobre e apertada.

O chão de terra batida estava rachado e formava ondulações irregulares. Havia buracos do tamanho de um punho em cada parede, que expunham minha vida à balbúrdia e à agitação do beco lá fora. As crianças bisbilhotavam, olhando para mim e Karla, enfatizando a minha falta de privacidade. As esteiras de junco do teto haviam cedido e estavam soltas em alguns lugares. Minha cozinha consistia em um fogareiro de uma boca a querosene, duas xícaras, dois pratos de alumínio, uma faca, um garfo, uma colher e alguns potes com temperos. O conjunto cabia em uma caixa de papelão e estava guardado em um canto. Eu costumava comprar apenas o suficiente para uma refeição por vez, por isso não havia comida. A água estava armazenada em uma *matka* de cerâmica. Era água da favela. Eu não poderia oferecê-la, pois sabia que Karla não conseguiria bebê-la. A única mobília era um armário para medicamentos, uma mesinha, uma

cadeira e um banquinho de madeira. Lembrei-me de como fiquei satisfeito quando me deram esses trastes. Que raridade eram ali, na favela. Com os olhos dela, vi as rachaduras na madeira, as manchas de mofo, os reparos feitos com arame e barbante.

Olhei para o lugar onde ela estava sentada no banquinho, acendendo um cigarro e soltando a fumaça pelo canto da boca. Uma onda de ressentimento irracional tomou conta de mim. Fiquei quase irritado por ela me ter feito ver a verdade nada agradável sobre minha casa.

— Não é... Não é muito. Eu...

— É ótima — disse ela, lendo o meu coração. — Morei em um barraco como este em Goa durante um ano. E fui feliz. Não há um dia em que eu não sinta vontade de voltar para lá. Às vezes penso que o tamanho da nossa felicidade é inversamente proporcional ao tamanho da casa.

Ela arqueou a sobrancelha esquerda ao dizer aquilo, desafiando-me a reagir e responder em seu nível, e com aquele gesto ficou tudo bem entre nós. A raiva havia passado. Eu sabia, de alguma forma tinha certeza, que querer que minha casa fosse maior, mais iluminada ou mais imponente era coisa da minha cabeça, não da dela. Ela não julgava. Só estava olhando, vendo tudo, até o que eu sentia.

Satish, filho de doze anos da minha vizinha, entrou no barraco, carregando a priminha de dois anos nos quadris. Ele se aproximou de Karla, olhando-a fixamente sem a menor censura. Ela devolveu o olhar igualmente intenso e fiquei surpreso em notar como os dois eram semelhantes naquele instante, o menino indiano e a mulher europeia. Ambos tinham bocas expressivas, lábios carnudos e cabelos negros como o céu noturno. E, embora os olhos de Karla fossem de um verde marinho e os do menino, cor de bronze escuro, cada par apresentava o mesmo ar sério, cheio de interesse e personalidade.

— Satish, *chai bono* — disse a ele. *Faça chá.*

Ele me deu um sorrisinho rápido e saiu correndo. Karla era a primeira *estrangeira* que ele via na favela, até onde eu sabia. Estava empolgado com a possibilidade de servi-la. Eu sabia que ele comentaria o assunto com os outros meninos durante semanas.

— Então me conte, como você me encontrou? Como conseguiu chegar aqui? — perguntei-lhe quando ficamos a sós.

— Chegar aqui? — ela franziu a testa. — Visitar você não é ilegal, certo?

— Não — disse eu rindo. — Mas também não é um acontecimento comum. Não recebo muitas visitas aqui.

— Para falar a verdade, foi fácil. Assim que entrei na favela, pedi que as pessoas me trouxessem até você.

— E elas a trouxeram aqui?

— Não exatamente. Elas o protegem muito, você sabe. Primeiro me levaram até seu amigo Prabaker, depois ele me trouxe até aqui.

— Prabaker?

— Sim, Lin, você precisa de mim? — disse Prabaker, aparecendo na porta, depois de sair de seu esconderijo.

— Achei que você ia dirigir seu táxi — resmunguei, assumindo uma

expressão severa que eu sabia que o divertia muito.

— O táxi de meu primo Shantu — disse ele, sorrindo. — Estava dirigindo, sim, mas agora meu outro primo, Prakash, está no volante enquanto eu tiro minhas duas horas de almoço. Eu estava na casa de Johnny Cigar quando algumas pessoas chegaram com a senhorita Karla. Ela queria ver você e vim para cá. Está tudo certo, não é?

— Tudo certo, Prabu — suspirei.

Satish voltou carregando uma bandeja com três xícaras de chá quente e doce. Distribuiu as xícaras e então abriu uma caixinha com quatro biscoitos Parle Gluco, que nos ofereceu com ar solene, cerimonioso. Eu esperava que ele comesse o quarto biscoito, mas o colocou na palma da mão, demarcou duas seções iguais com a unha suja do polegar, e então quebrou em duas partes. Depois de comparar os dois fragmentos, escolheu aquele que era infimamente maior e entregou para Karla. O outro pedaço foi para a priminha, que estava sentada na entrada do barraco e ficou mordiscando o biscoito com cara feliz.

Eu estava sentado na cadeira com espaldar, e Satish se aproximou e se acocorou no chão, ao lado dos meus pés. Encostou o ombro no meu joelho. Eu era vivo e o bastante para saber que aquela rara demonstração de afeição era uma enorme novidade, em se tratando de Satish. Ao mesmo tempo, era infantil o suficiente para esperar que Karla percebesse aquilo e se impressionasse.

Terminamos o chá, Satish juntou as xícaras vazias e saiu do barraco sem dizer uma palavra. Na porta, abriu um sorriso demorado para Karla enquanto pegava na mão da priminha para levá-la embora.

— Ele é um ótimo menino — comentou ela.

— É, sim. É filho do meu vizinho de porta. Você despertou alguma coisa nele. Normalmente é muito tímido. Então, o que traz você aqui a meu modesto lar?

— Ah, por acaso eu estava passando pela área — disse ela, com indiferença, olhando as frestas na parede, por onde uma dúzia de carinhas nos observavam. As vozes das outras crianças podiam ser ouvidas, fazendo perguntas a Satish. *Quem é ela? É a esposa de Linbaba?*

— Passando por acaso, é? Não seria, talvez, porque você sentiu um pouco a minha falta?

— Não force a barra — zombou ela.

— Não consigo evitar. É uma característica genética. Venho de uma longa linhagem de forçadores de barra. Nada pessoal.

— Eu levo tudo para o lado pessoal... é o que dá ser uma *pessoa*. E vou levá-lo para almoçar, se já tiver terminado de atender seus pacientes.

— Para falar a verdade, tenho um compromisso no almoço...

— Ah. Tudo bem...

— Não, não. Você será bem-vinda, se quiser ir. É uma espécie de convite aberto. Hoje, vamos ter um almoço comemorativo, bem aqui. Eu ficaria muito feliz se você... aceitasse ser nossa convidada. Acho que vai gostar. Diga que ela vai gostar, Prabu.

— Vamos ter um almoço muito bom! — disse Prabu. — Minha excelentíssima pessoa deixou a barriga completamente vazia para enchê-la

todinha. De *tão* boa que é a comida. Você vai gostar muito, as pessoas vão achar que você tem um bebê debaixo da roupa.

— Tudo bem — disse ela lentamente. Depois olhou para mim. — Ele é muito persuasivo, esse seu Prabaker.

— Você precisa conhecer o pai dele — respondi, balançando a cabeça com ar resignado.

O peito de Prabaker se inflou de orgulho e ele balançou a cabeça com ar de felicidade.

— Então, aonde vamos?

— É na Aldeia do Céu — falei para ela.

— Acho que nunca ouvi falar — disse, franzindo a testa.

Prabaker e eu rimos e as rugas de desconfiança na testa dela se aprofundaram.

— Não, você nunca ouviu falar, mas acho que vai gostar. Escute, você vai na frente com Prabaker. Vou me lavar e trocar de camisa. Vou demorar apenas alguns minutos, tudo bem?

— Tudo bem.

Nossos olhares se encontraram e se sustentaram. Por alguma razão, ela se demorou, observando-me em expectativa. Eu não conseguia entender a expressão e ainda tentava interpretá-la quando ela se aproximou de mim e beijou meus lábios rapidamente. Era um beijo desprezioso, impulsivo, generoso e jovial, mas eu me permiti pensar que havia segundas intenções nele. Ela saiu com Prabaker e eu girei sobre um pé, mal contendo um grito de alegria enquanto fazia uma pequena coreografia. Levantei o olhar e vi as crianças bisbilhotando pelos barracos do barraco e dando risadinhas. Fiz uma cara assustadora para elas, que riram mais ainda, começando a fazer suas próprias versões da minha coreografia. Dois minutos depois, vooi pelas vielas da favela atrás de Prabaker e Karla, enfiando a camisa limpa dentro da calça e sacudindo a água do cabelo.

Nossa favela, como tantas outras em Bombaim, começou a existir para atender às necessidades de uma obra — dois prédios de trinta e cinco andares, os espigões do World Trade Centre, construídos na costa de Colaba Back Bay. Os operários, artesãos e trabalhadores que ergueram as torres foram abrigados em acampamentos precários no terreno ao lado da construção. Naquela época, as empresas que planejavam e construíam grandes prédios eram obrigadas a fornecer um terreno para a moradia. Muitos dos trabalhadores eram migrantes que se deslocavam para os locais onde conseguiam emprego, cujas casas de verdade ficavam a centenas de quilômetros, em outros estados. A maior parte dos trabalhadores de Bombaim simplesmente não tinha outra moradia além daquela. Na realidade, muitos aceitavam os riscos do trabalho difícil e perigoso só para garantir a segurança de um daqueles acampamentos.

As empresas obedeciam com prazer às leis que tornavam as terras e os barracos disponíveis, pois o arranjo lhes era bastante conveniente. O companheirismo forjado nas favelas dos trabalhadores garantia uma noção de unidade, de solidariedade familiar e de lealdade à empresa, o que era ótimo para seus donos. Os deslocamentos de casa para o trabalho e do trabalho para casa eram eliminados quando os homens moravam no local. As esposas, as crianças e

outros dependentes dos empregados forneciam uma fonte inesgotável de mão de obra. Eram contratos temporários, que apareciam de uma hora para outra. E a força de trabalho formada por milhares de pessoas era bem mais fácil de ser influenciada e, de certa forma, controlada, quando viviam todos em uma única comunidade.

Quando as torres do World Trade Centre começaram a ser planejadas, separou-se um grande terreno que foi dividido em mais de trezentos lotes do tamanho de um barraco. À medida que eram contratados, os trabalhadores recebiam um dos lotes e uma soma em dinheiro para comprar varas de bambu, esteiras de junco, cordas de cânhamo e pedaços de madeira. Cada homem então construía a própria casa com o auxílio da família e dos amigos. As frágeis estruturas se espalharam como se compusessem a trama de raízes que dariam sustentação às imensas torres que estavam por vir. Vastos poços subterrâneos foram cavados para fornecer água à comunidade. Caminhos e ruelas rudimentares foram abertos. Finalmente, uma cerca alta de arame farpado foi colocada em torno do perímetro para afastar os invasores. A favela legal havia nascido.

Atraídos pelos salários que aqueles trabalhadores recebiam para gastar e também pelo abundante suprimento de água potável, os invasores logo chegaram e se estabeleceram do lado de fora da cerca. Primeiro vieram empreendedores que abriram casas de *chai* e pequenas biroskas grudadas à divisão. Os trabalhadores do conjunto legalizado se esgueiravam pelas fendas no arame e saíam para gastar dinheiro. Quitandas, alfaiatarias e botequins vieram em seguida. Casas de jogo e outras que vendiam álcool ou haxixe também chegaram. Cada novo empreendimento se espremia junto à cerca do conjunto até finalmente não haver mais espaço. A favela ilegal então começou a crescer para fora, nos terrenos vizinhos que iam até o mar. Era cada vez maior a desproporção entre o número de desabrigados e as áreas para construir suas casas. Novos buracos foram abertos na cerca. Os invasores se utilizavam deles para entrar na favela legal e pegar água. Os trabalhadores os usavam para fazer compras na favela ilegal ou para visitar os novos amigos.

A favela dos invasores cresceu rapidamente, mas de forma aleatória, gerada pela necessidade, em uma falta de planejamento que fazia um contraste caótico com os caminhos mais bem-traçados da favela dos trabalhadores. Com o tempo, havia oito invasores para cada pessoa no conjunto dos trabalhadores, mais de vinte e cinco mil pessoas no total, e a divisão entre legal e ilegal se tornou indistinta, camuflada pela multidão.

Embora a Câmara Municipal de Bombaim condenasse a favela ilegal e os representantes das empresas de construção desencorajassem o contato entre trabalhadores e invasores, as pessoas se consideravam parte de um único grupo. Seus dias e seus sonhos se entrelaçavam no emaranhado da vida do gueto. Para trabalhadores e invasores, a cerca da empresa era como todas as cercas: arbitrária e irrelevante. Alguns trabalhadores que não tiveram permissão para trazer mais do que os parentes mais próximos para a favela legal convidaram os familiares para ocupar terrenos nas proximidades, além do arame farpado. Amizades se multiplicaram entre as crianças dos dois lados, casamentos por

amor ou arranjados tornaram-se comuns. As festas de um lado do arame contavam com a presença de moradores dos dois lados. E, como incêndios, enchentes e epidemias não discriminam cercas, as emergências em uma parte da favela exigiam ampla cooperação de todos.

Karla, Prabaker e eu nos abaixamos para passar em uma abertura do arame e entramos na favela legalizada. Um bando de crianças marchava ao nosso lado, de camisetas e vestidos limpos. Todas conheciam bem Prabaker e eu. Eu tratara de muitos dos pequenos, limpando e fazendo curativos em machucados, arranhões e mordidas de rato. E também diversos trabalhadores, que temiam ser afastados quando sofriam pequenos acidentes no canteiro de obras, haviam visitado minha clínica gratuita em vez de procurar o atendimento de primeiros-socorros da empresa.

— Você conhece todo mundo por aqui — comentou Karla quando fomos parados pela quinta vez por um grupo de vizinhos. — Vai concorrer a algum cargo político ou coisa parecida?

— Que horror, de jeito nenhum. Não suporto políticos. Um político é alguém que promete uma ponte mesmo quando não existe rio.

— Até que a definição é boa — murmurou ela. Os olhos estavam sorridentes.

— Queria poder dizer que a frase é minha — sorri. — Um ator chamado Amitabh é seu autor.

— Amitabh Bachchan? — perguntou ela. — O Grande B em pessoa?

— Sim. Você gosta de filmes de Bollywood?

— Claro, por que não gostaria?

— Não sei — respondi, sacudindo a cabeça. — É que... achei que você não gostasse.

Houve um momento de pausa que se transformou em um silêncio incômodo. Ela foi a primeira a falar.

— Mas você *conhece* muitas pessoas aqui e elas gostam muito de você.

Aquele comentário me fez franzir a testa, surpreendido. Nunca me havia passado pela cabeça que as pessoas da favela talvez *gostassem* de mim. Eu sabia que alguns homens — Prabaker, Johnny Cigar, até Qasim Ali Hussein — me consideravam seu amigo. Sabia que muitos me tratavam com um respeito que parecia sincero e verdadeiro. Mas eu não achava que a amizade ou o respeito tivesse relação com o fato de gostarem de mim.

— Este é um dia especial — disse eu, sorridente, tentando mudar de assunto. — Há anos as pessoas vêm lutando por uma escola primária na área. São cerca de oitocentas crianças em idade escolar, mas não há vagas nos estabelecimentos de ensino das redondezas. As pessoas contrataram seus próprios professores e encontraram um lugar adequado para a escola, mas as autoridades ainda criaram caso.

— Porque é uma favela...

— É. Temem que uma escola possa dar alguma espécie de legitimidade ao lugar. Teoricamente, a favela não existe porque não é legal nem reconhecida.

— Somos não pessoas — disse Prabaker com ar feliz — E essas são as não casas onde não vivemos.

— E agora temos uma não escola para completar — concluí o raciocínio dele. — A prefeitura afinal aceitou uma espécie de acordo. Permitiram que se instale uma escola temporária perto daqui, e logo haverá outra. Mas vão ter que demoli-las quando a obra acabar.

— Quando será?

— Bem, eles estão construindo as torres há cinco anos, e deve haver pelo menos mais uns três anos de trabalho pela frente. Ninguém tem muita certeza do que vai acontecer quando os prédios ficarem prontos. Teoricamente, pelo menos, a favela vai ser removida.

— Então não vai sobrar nada disso? — perguntou Karla, voltando-se para varrer com o olhar a cidade-acampamento.

— Não vai sobrar nada — suspirou Prabaker.

— Mas hoje é um grande dia. A campanha foi longa e em alguns momentos descambou para a violência. O povão enfim venceu e vamos ter nossa própria escola. Por isso vai haver uma grande festa hoje à noite. Além disso, um dos homens que trabalha aqui finalmente teve um filho, depois de ter cinco meninas seguidas. Por isso ele convidou todo mundo para um almoço especial antes da comemoração.

— A Aldeia do Céu! — riu Prabaker.

— Mas onde é esse lugar? Para onde estão me levando?

— Bem aqui — respondi, apontando para o alto. — Bem aqui em cima.

Havíamos chegado ao limite da favela legal e estávamos diante da imensidão megalítica dos dois arranha-céus. A concretagem tinha sido concluída em três quartos dos prédios, mas nenhum dos dois tinha janelas, portas ou acabamentos. Sem brilhos, nem reflexos, nem detalhes que amenizassem a imensidão cinzenta das estruturas, elas engoliam a luz e a extinguíam, tornando-se silos de armazenamento de sombras. As centenas de orifícios parecidos com cavernas, que futuramente se transformariam em janelas, permitiam uma espécie de visão longitudinal da construção — um retrato de um formigueiro de homens, mulheres e crianças em cada andar, caminhando para lá e para cá, para cima e para baixo, cuidando de suas tarefas. No térreo, o barulho era uma música percussiva e contagiante de ambições desmedidas: a irritação nervosa dos geradores, o impiedoso bater de metal contra metal no refrão dos martelos e a lamúria insistente de furadeiras e trituradores.

Filas sinuosas de mulheres vestidas de sáris com bandejas de pedregulho na cabeça atravessavam toda a área, das dunas de pedrinhas feitas pelo homem às bocas bocejantes das betoneiras, que revolviam o cimento sem parar. Para meus olhos ocidentais, aquelas figuras femininas e fluidas em seda vermelha, azul, verde e amarela eram incompatíveis com a turbulência do canteiro de obras. Mas eu sabia, depois de tê-las observado durante meses, que eram indispensáveis ao trabalho. Carregavam grande volume de pedras, aço e cimento nas costas esguias, uma bandeja redonda de cada vez. Os andares superiores ainda não haviam sido concretados, mas a estrutura de vigas mestras, traves e pilastras já estava montada e mesmo ali, a trinta e cinco andares de altura, as mulheres trabalhavam ao lado dos homens. Em sua maioria, eram pessoas simples de pequenos vilarejos, mas a vista que tinham da grande cidade não encontrava

paralelo, pois estavam construindo os maiores prédios de Bombaim.

— Os maiores edifícios de toda a Índia — disse Prabaker com um gesto amplo, com um orgulho de proprietário. Ele morava na favela ilegal e não tinha nenhuma relação com a construção, mas se gabava dos prédios como se ele mesmo os tivesse projetado.

— Bem, de qualquer forma, os maiores edifícios de Bombaim — corrigi. — A vista lá de cima é maravilhosa. Vamos almoçar no vigésimo terceiro andar.

— Lá... *em cima*? — disse Karla com uma expressão de intenso terror.

— Não se preocupe, senhorita Karla. Não vamos subir o prédio a pé. Vamos viajar de primeira classe, naquele maravilhoso elevador.

Prabaker apontou para o elevador de carga que estava instalado do lado de fora do prédio, dentro de uma estrutura amarela de aço. Ela observou como a plataforma sacudia e chacoalhava ao subir, sustentada por cabos pesados, carregando sua carga de homens e equipamentos.

— Ah, que bom — disse Karla. — Isso me deixa aliviada.

— Eu também me sinto ótimo, senhorita Karla! — concordou Prabaker, com um sorriso imenso ao puxar a manga dela e conduzi-la para o elevador. — Venha, vamos pegar a próxima viagem. São belos prédios, não são?

— Não sei. Eles se parecem com monumentos a alguma coisa morta — ela resmungou para mim enquanto o seguíamos. — Alguma coisa muito pouco popular... como... o espírito humano, por exemplo.

Os trabalhadores que manobravam o elevador de carga gritaram algumas instruções de segurança, orgulhosos com o papel que desempenhavam. Subimos na plataforma instável com vários outros homens e mulheres e um carrinho de mão com ferramentas e baldes de rebites. O condutor soprou duas vezes um apito de metal, soltando um som estridente, e puxou a alavanca que ativava os poderosos geradores que controlavam nossa subida. O motor roncou, a plataforma tremeu, obrigando-nos a agarrar as correias de segurança, presas nas pilstras. O elevador gemia, subindo lentamente. Não havia grades em volta da plataforma, apenas uma barra amarela na altura de nossa cintura, que circundava os três lados expostos. Em poucos segundos estávamos a cinquenta, oitenta, cem metros do chão.

— Você está gostando? — gritei.

— Estou completamente apavorada — respondeu ela, também aos gritos, com os olhos negros reluzentes. — É ótimo!

— Você tem medo de altura?

— Só quando estou no alto! Espero que você tenha feito uma reserva nesse maldito restaurante de vocês! Afinal de contas, por que vamos almoçar aqui? Você não acha que eles deveriam primeiro terminar o prédio?

— Estão trabalhando nos andares superiores, no momento. Este elevador é usado constantemente. Normalmente não pode ser usado pelos trabalhadores. É reservado para os carrinhos de mão, os materiais de construção e coisas desse tipo. A subida é longa, trinta lances de escada todo dia, e é meio traiçoeira em alguns lugares. Muitas das pessoas que trabalham nos pavimentos superiores ficam a maior parte do tempo lá em cima. Moram ali. Comem, trabalham e dormem. Elas têm animais e cozinhas. Cabras para dar leite e galinhas para pôr

ovos, tudo de que precisam é enviado para elas. É parecido com o acampamento base dos alpinistas que escalam o Everest.

— A Aldeia do Céu! — exclamou ela.

— Você sacou!

O elevador parou no vigésimo terceiro andar e saímos cambaleando para uma superfície de concreto da qual brotavam feixes de barras de ferro e arames, como se fossem ervas daninhas metálicas. Era um espaço vasto e cavernoso, dividido por colunas equidistantes e coberto por um teto nivelado de concreto, enfeitado por um emaranhado de cabos. Toda a superfície era uniformemente cinzenta, o que dava uma nitidez atordoante às figuras humanas e animais aglomeradas do outro lado do andar. Uma área em torno de um dos pilares estava cercada de junco e bambu, para ser usada como abrigo para os bichos. O piso era coberto de palha e estopa, para servir de cama para cabras, galinhas, gatos e cães, que vagavam entre restos de comida e lixo dentro do cercado. Cobertores e colchões enrolados, destinados às pessoas que dormiam ali, estavam amontoados em volta de outro pilar. Um pilar diferente fora reservado para servir de área de lazer das crianças, com alguns jogos, brinquedos e pequenas esteiras espalhadas.

Enquanto nos aproximávamos da multidão, vimos que um grande banquete era servido sobre limpíssimas esteiras de junco. Imensas folhas de bananeira faziam as vezes de prato. Um grupo de mulheres servia porções de arroz de açafraão, *alu palak*, *keema*, *bhajee* e outros pratos. Uma bateria de fogareiros a querosene estava nas imediações e mais comida era preparada neles. Lavamos as mãos em um tambor de água e nos juntamos aos outros, sentando no chão entre Johnny Cigar e Kishore, amigo de Prabaker. A comida, temperada com pimentas e *curries*, era bem mais picante do que a que costumava ser encontrada nos restaurantes da cidade e muito mais saborosa. Como de hábito, as mulheres tinham seu próprio banquete, montado a uns cinco metros de distância. Karla era a única mulher em nosso grupo de vinte homens.

— O que você está achando da festa? — Johnny perguntou a Karla, quando a segunda série de pratos estava prestes a ser servida.

— Está ótima — respondeu ela. — Comida danada de boa. Um lugar danado de bom para comê-la.

— Ah! Aqui está o novo papai! — exclamou Johnny. — Venha cá, Dilip. Venha conhecer a senhorita Karla, amiga de Lin que veio comer conosco.

Dilip se curvou com as mãos postas em saudação e então se afastou, sorrindo timidamente, para supervisionar a preparação do chá em dois grandes fogões. Ele trabalhava na instalação de estruturas metálicas na construção. O gerente da obra lhe dera um dia de folga para que organizasse o banquete para a família e os amigos. O barraco dele ficava do lado legalizado da favela, mas era próximo do meu, do outro lado da cerca.

Ao lado da área reservada para as mulheres, logo atrás dos fogões de Dilip, dois homens tentavam limpar alguma coisa na parede. Uma palavra que alguém havia pintado ali ainda estava legível, apesar de todo o esforço deles. Era a palavra SAPNA, escrita em letras maiúsculas.

— O que é *isso*? — perguntei para Johnny Cigar. — Ando vendo isso por toda parte ultimamente.

— É ruim, Linbaba — cuspiu ele, fazendo o sinal da cruz, supersticiosamente. — É o nome de um ladrão, um *goonda*. É um sujeito mau. Ele anda fazendo coisas ruins pela cidade inteira. Vem arrombando casas, roubando e até matando.

— Você disse *matando*? — perguntou Karla. Os lábios estavam cerrados e o queixo firme fazia uma linha dura e sombria.

— Sim! — insistiu Johnny. — Primeiro, eram apenas palavras nos cartazes e pichações. Agora, começaram os assassinatos... assassinatos a sangue-frio. Duas pessoas foram mortas em suas casas na noite passada.

— Ele é tão maluco, o tal Sapna, que usa um nome de *mulher* — desdenhou Jeetendra.

Era uma observação oportuna. A palavra *sapna*, que quer dizer *sonho*, era feminina e muito usada como nome de menina.

— Não é tão maluco assim — discordou Prabaker, com olhos reluzentes, mas expressão séria. — Ele diz que é o rei dos ladrões. Fala sobre fazer guerra, para ajudar os pobres matando os ricos. É maluquice, sim, mas o tipo de maluquice que muita gente apoia em silêncio.

— Quem é ele? — indaguei.

— Ninguém sabe, Lin — disse Kishore, o inglês arrastado, com sotaque americano, que aprendeu com os turistas. — Muita gente comenta sobre ele, mas ninguém com quem eu falei o viu. As pessoas falam que ele é filho de um homem rico. Dizem que é de Délhi e que foi deserddado. Mas também contam que é um demônio. Alguns acham que não é um homem, mas uma espécie de organização. Existem cartazes por toda parte, incentivando os ladrões e os infelizes das *zhopadpattis* a fazerem maluquices. Como Johnny acabou de dizer, agora duas pessoas foram *assassinadas*. O nome Sapna está sendo pintado nos muros e nas ruas de toda a Bombaim. Os tiras andam fazendo muitas perguntas. Acho que estão com medo.

— Os ricos também estão com medo — acrescentou Prabaker. — Eram pessoas ricas, aqueles infelizes assassinados em casa. Esse tal de Sapna está escrevendo seu nome no alfabeto ocidental, e não em híndi. É um sujeito culto. E quem pintou o nome *aqui*, neste lugar? As pessoas estão sempre por aqui, sempre trabalhando ou dormindo, mas ninguém viu quem pintou o nome. Um fantasma com boa formação! Os ricos também estão com medo. Não é tão maluco assim, esse tal de Sapna.

— *Madachudh! Pagal!* — Johnny cuspiu novamente. — *Filho da mãe! Maluco!* — Ele está encrencado, esse Sapna, e a encrenca vai ser nossa, você sabe, porque encrenca é o único bem que gente pobre como nós tem permissão de possuir.

— Acho que a gente devia mudar de assunto, rapazes — interrompi, olhando para Karla. Seu rosto estava pálido, os olhos arregalados com o que parecia ser medo. — Você está bem?

— Estou — respondeu rapidamente. — Aquela subida de elevador talvez

tenha sido mais assustadora do que eu imaginava.

— Desculpe o incômodo, senhorita Karla — desculpou-se Prabaker, com o rosto franzido e ar solícito. — De agora em diante, só conversas felizes. Não vamos mais falar de mortes, assassinatos, sangue em todas as casas e tudo isso.

— Chega, Prabu — resmunguei entre os dentes, olhando furiosamente para ele.

Várias jovens se aproximaram para pegar as folhas de bananeira e distribuir pratinhos de sobremesa de *rabdi* doce. Elas olhavam fixamente para Karla, totalmente fascinadas.

— As pernas dela são muito finas — disse uma delas em hindi. — Dá para ver através das calças.

— E os pés são grandes demais — disse outra.

— Mas o cabelo é muito macio e tem uma cor boa, um preto indiano — disse uma terceira.

— Os olhos têm cor de planta fedorenta — disse a primeira, com desdém.

— Atenção, irmãs — caçoei em hindi. — Minha amiga fala hindi perfeitamente e compreende tudo o que vocês dizem.

As mulheres reagiram com um ceticismo chocado, tagarelando entre si. Uma delas se abaixou para encarar o rosto de Karla e lhe perguntou, bem alto, se ela falava hindi.

— Minhas pernas podem ser muito finas, e meus pés, grandes demais — respondeu Karla fluentemente em hindi —, mas eu ouço muito bem.

As mulheres deram gritinhos de prazer e se aglomeraram em volta dela, rindo felizes. Elas imploraram que se juntasse a elas, levando-a para o banquete feminino. Eu a observei por algum tempo, surpreso em vê-la sorrir e até dar gargalhadas na companhia das outras mulheres e meninas. Era a mulher mais bonita que eu conhecera. Tinha a beleza do deserto ao alvorecer: uma beleza que enchia meus olhos e me deixava sem ar, em um estado de admiração silenciosa.

Ao vê-la ali, na Aldeia do Céu, e observar sua risada, fiquei chocado em pensar que passara meses evitando-a deliberadamente. Não fiquei menos surpreso em constatar a facilidade com que as mulheres a tocavam, como se aproximavam para acariciar-lhe os cabelos ou pegar na sua mão. Eu a considerara uma pessoa altiva, quase fria. Em menos de um minuto aquelas mulheres tomavam mais liberdades com ela do que eu me atrevia depois de mais de um ano de amizade. Lembrei-me do beijo rápido e impulsivo que ela me dera no barraco. Lembrei-me do cheiro de canela e jasmim em seu cabelo e da pressão de seus lábios, como uvas doces inchadas ao sol de verão.

O chá chegou. Peguei meu copo e me postei perto de uma das grandes aberturas com vista para a favela. Lá embaixo, o manto maltrapilho do gueto se espalhava a partir do canteiro de obras até a beirada do mar. Becos estreitos, obscurecidos por coberturas esfarrapadas, estavam apenas parcialmente visíveis e pareciam mais túneis do que ruas. A fumaça saía dos fogareiros e se deslocava na brisa preguiçosa rumo ao mar, até se dispersar sobre alguns barcos que pescavam na costa de águas turvas.

Do outro lado, havia grande número de edifícios residenciais com muitos andares, moradias caras da classe média alta. De onde eu estava empoleirado,

admirava fabulosos jardins de palmeiras e trepadeiras no alto de alguns deles e as favelas em miniatura que os criados dos ricos haviam construído para si, no topo de outras construções. O mofo e a umidade deixavam marcas em todos os prédios, mesmo nos mais novos. Eu tinha passado a achar que aquilo era belo, a decadência e a decomposição que se esgueiravam sobre as fachadas mais grandiosas: a mancha do fim que se espalhava sobre todos os inícios promissores de Bombaim.

— Você tem razão, é uma bela vista — disse Karla mansamente, ao se juntar a mim.

— Às vezes, venho aqui à noite, quando todos estão dormindo — disse eu, no mesmo tom. — É um dos meus lugares preferidos para ficar sozinho.

Mantivemos silêncio por algum tempo, observando os corvos sobrevoarem a favela.

— E qual é o *seu* lugar favorito para ficar sozinha?

— Não gosto de ficar sozinha — disse categoricamente. Virou-se a tempo de ver a minha cara. — Qual é o problema?

— Acho que fiquei surpreso. Eu, bem, eu pensei que você era do tipo que lida muito bem com a solidão. Não quero dizer que é uma coisa ruim. É que às vezes penso que você é... assim, altiva, superior a tudo.

— Bola fora — sorriu ela. — Inferior a tudo seria mais correto.

— Uau. Duas vezes em um só dia.

— O quê?

— É a segunda vez em um dia que vejo um grande sorriso. Você estava rindo com as mulheres antes e pensei que era a primeira vez que via você sorrir de verdade.

— Mas é *claro* que eu rio.

— Não me leve a mal. Gosto disso. Não sorrisos podem ser muito atraentes. Prefiro uma sincera testa franzida a um sorriso falso. Parece combinar com você. Você parece, não sei, meio *satisfeita* em não sorrir, ou talvez *sincera* seja a palavra correta. Combina com você, de alguma forma. Ou eu *pensei* que combinava, até vê-la sorridente, hoje.

— É *claro* que eu sorrio — repetiu ela com a testa enrugada, enquanto os lábios comprimidos lutavam para segurar o riso.

Ficamos mais uma vez em silêncio, olho no olho, em vez de apreciar a vista. Os olhos dela eram da cor verde dos recifes, salpicados de dourado, e brilhavam com a intensidade luminosa que geralmente é sinal de sofrimento ou inteligência, ou de ambos. Um vento suave agitou seus cabelos, que chegavam à altura dos ombros — cabelos muito escuros, da mesma cor das sobrancelhas e dos longos cílios. Os lábios finos, rosados, sem pintura e entreabertos revelavam a ponta da língua entre os dentes brancos. Ela se apoiou na moldura em que a janela seria montada, com os braços cruzados. A brisa soprava a seda folgada de sua blusa, revelando e escondendo os contornos do seu corpo.

— Você e as garotas estavam rindo do quê?

Ela ergueu uma sobrancelha para dar o conhecido meio sorriso sarcástico.

— Você está jogando conversa fora comigo?

— Talvez — eu ri. — Acho que você está me deixando nervoso. Desculpe.

— Não se preocupe. Considero isso um elogio... para nós dois. Quer mesmo saber? O assunto principal era você.

— Eu?

— É, elas estavam me contando o abraço que você deu num urso.

— Ah, isso. Bem, *foi* muito engraçado, acho.

— Uma das mulheres estava imitando a sua cara na hora, pouco antes de dar o abraço, e elas morreram de rir daquilo. Porém o mais engraçado foi a conclusão a que chegaram sobre a *razão* de você ter feito aquilo. Cada uma deu o seu palpite. Radha... ela me disse que é sua vizinha, certo?

— Isso, ela é a mãe de Satish.

— Bem, Radha disse que você abraçou o urso porque ficou com pena dele. Todo mundo riu muito disso.

— Aposto que sim — resmunguei secamente. — O que *você* disse?

— Disse que o mais provável é que tenha feito aquilo porque é um cara interessado em tudo e que quer saber de tudo.

— É engraçado você dizer isso. Uma vez, há muito tempo, uma namorada minha falou que se sentia atraída por mim porque eu era interessado em tudo. Ela terminou comigo pela mesma razão.

O que não contei para Karla foi que a tal namorada me descrevera como interessado em tudo e comprometido com nada. Aquilo ainda me incomodava. Ainda doía. Ainda era verdade.

— Você... você teria interesse em *me* ajudar numa coisa? — perguntou Karla. O tom de voz ficou subitamente sério e soturno.

*Então é isso, pensei. Foi por isso que ela me procurou. Quer alguma coisa.* Com o orgulho ferido, o gato ressentido se arqueou por trás dos meus olhos. Ela não sentia a minha falta — queria alguma coisa de mim. Mas ela me *procurara* e estava *me* pedindo alguma coisa. Não recorrera a outra pessoa. Ainda havia uma possibilidade nisso. Ao olhar aqueles olhos verdes tão sérios, percebi que raramente ela pedia ajuda a alguém. Também tive a impressão de que havia muita coisa em jogo, talvez em excesso.

— Com certeza — disse eu, preocupado em não hesitar por tempo demais. — O que quer de mim?

Ela engoliu em seco, superando uma evidente relutância, e falou às pressas.

— Tem uma garota, uma amiga minha. O nome dela é Lisa. Ela se meteu numa grande encrenca. Começou a trabalhar num lugar... um lugar para garotas de programa estrangeiras. De qualquer modo, Lisa meteu os pés pelas mãos. Agora deve dinheiro, muito dinheiro, e a Madame que toma conta do lugar onde ela trabalha não vai deixá-la ir embora. Quero tirá-la dali.

— Não tenho muito dinheiro, mas acho...

— Não se trata de dinheiro. Eu tenho o dinheiro. Mas a dona do lugar está na bronca com Lisa. Mesmo se pagarmos, ela não vai deixar Lisa partir. Sei como ela é. Virou uma questão pessoal. O dinheiro é só uma desculpa. O que ela quer na verdade é liquidar Lisa aos pouquinhos, até que não sobre mais nada. Ela a odeia porque Lisa é bonita, inteligente e tem coragem. Não vai deixá-la partir.

— E você quer que a gente a tire de lá?

— Não exatamente.

— Conheço algumas pessoas — disse eu, pensando em Abdullah Taheri e seus amigos da máfia. — Eles não têm medo de briga. Poderíamos pedir ajuda a eles.

— Não, também tenho amigos aqui. Eles poderiam tirá-la de lá facilmente, mas não impediriam que os bandidos a encontrassem e se vingassem depois. Eles não brincam em serviço. Usam ácido. Lisa não seria a primeira garota a ter o rosto deformado por ter contrariado Madame Zhou. Não podemos correr esse risco. Não importa o que façamos, precisa ser de um jeito que a convença a deixar Lisa em paz, para sempre.

Fiquei constrangido. Senti que havia mais coisas ali do que Karla estava me contando.

— Você disse Madame Zhou?

— Sim. Você já ouviu falar dela?

— Um pouco — assenti. — Não sei se devo acreditar em tudo. As pessoas dizem coisas terríveis e sórdidas sobre ela.

— As coisas terríveis... não sei... Mas as sórdidas são todas verdadeiras, posso garantir.

Aquilo não fez com que me sentisse melhor.

— Por que ela não foge, essa sua amiga? Por que não pega um avião e volta para... De onde mesmo você diz que ela é?

— É americana. Olhe, se eu pudesse obrigá-la a voltar para os Estados Unidos, não haveria problema. Mas ela não vai voltar. Não vai deixar Bombaim. Ela é viciada em drogas. Essa é uma grande parte do problema. Mas tem mais... tem coisas no passado dela, dilemas que não quer enfrentar. Por isso ela não vai voltar. Já tentei convencê-la, mas não adiantou. Ela... simplesmente não quer ir embora. E não posso dizer que eu a culpo. Tenho também minhas questões — coisas no passado que prefiro não rever. Coisas que *prefiro* não reencontrar.

— E você já pensou em um plano... para tirar a garota de lá, quero dizer?

— Sim. Quero que você finja ser alguém da embaixada americana, uma espécie de diplomata. Já pensei em tudo. Você não vai precisar fazer muita coisa. Sou eu quem vai falar a maior parte do tempo. Vamos dizer a eles que Lisa é filha de alguém importante nos Estados Unidos, com ligações com o governo, e que você tem ordens de tirá-la de lá e ficar de olho nela. Quando você entrar, já estará tudo certo.

— Isso me parece bastante esquisito, Karla. Você acha que vai funcionar?

Ela pegou um maço de *bidis* do bolso e acendeu dois com o isqueiro, segurando os cigarrinhos em uma das mãos e brincando com a chama em suas pontas. Entregou-me um deles e deu uma baforada profunda antes de me responder.

— Acho que sim. Foi o melhor plano que pude pensar. Conversei com Lisa e ela diz que acha que vai funcionar. Se Madame Zhou ficar com o dinheiro e acreditar que você é da embaixada, e se ela se convencer de que vai arranjar uma encrenca com a embaixada e o governo se continuar a perturbar Lisa, acho

que vai deixá-la em paz. Sei que são muitos *se*... Boa parte depende de você.

— Depende dela também, da Madame. Você acha que ela vai acreditar...  
Acreditar em *mim*?

— Vamos ter que fazer tudo certo. Ela é mais esperta do que inteligente, mas não é boba.

— *Você* acha que eu consigo fazer isso?

— Que tal seu sotaque americano? — perguntou ela com uma risadinha constrangida.

— Já fui ator — resmunguei — em outra vida.

— Que ótimo! — disse ela, tocando meu antebraço. Os dedos longos e finos estavam frios sobre a minha pele quente.

— Não sei — franzi a testa. — É muita responsabilidade se alguma coisa não der certo. Se algo acontecer com a garota ou com você...

— Ela é minha amiga. A ideia foi minha. A responsabilidade é minha.

— Eu preferiria entrar e sair na marra. A história da embaixada... Isso tem tudo para dar errado.

— Eu não o colocaria nessa se não achasse que esse é o melhor caminho e se não estivesse segura de que você pode fazê-lo, Lin.

Ela ficou em silêncio, esperando. Deixei que aguardasse, mas já sabia a resposta. Ela talvez tenha pensado que eu estava avaliando o assunto, tentando me decidir. Para falar a verdade, eu estava apenas pensando em *por que* eu ia fazer aquilo. *É por ela?*, perguntei a mim mesmo. *Estou comprometido ou apenas interessado? Por que abracei o urso?*

Sorri.

— Quando vamos fazer isso?

Ela devolveu o sorriso.

— Em breve. Primeiro, preciso tomar algumas providências, para deixar tudo armado.

Ela jogou fora a guimba do cigarro e deu um passo na minha direção. Acho que talvez ela fosse me beijar, mas naquele minuto o clamor assustado de gritos e berros começou entre as pessoas, que correram para se juntar a nós, nas janelas. Em meio à confusão, Prabaker pôs a cabeça sob meu braço e ao lado de Karla.

— Prefeitura! — gritou ele. — Os homens da prefeitura estão vindo! Olhe lá!

— Qual é o problema? O que está acontecendo? — perguntou Karla. Sua voz era praticamente abafada pela gritaria.

— É a administração pública. Vão demolir algumas casas — respondi, com os lábios próximos a sua orelha. — Eles fazem isso quase todo mês. Estão tentando manter a favela sob controle, para evitar que ultrapasse aquele limite ali, onde ela se encontra com a rua.

Olhamos para baixo, perto da rua principal, e vimos quatro, cinco, seis grandes caminhões azul-escuros da polícia avançando em uma área aberta que era uma espécie de terra de ninguém, cercada pelo arco da favela. Os pesados caminhões estavam cobertos com lonas. Não podíamos ver seu interior, mas sabíamos que continham esquadrões de tiras, vinte ou mais em cada unidade.

Um caminhão de carroceria aberta, lotado de funcionários da prefeitura e seus equipamentos, passou pelos veículos policiais estacionados e parou perto dos barracos. Vários oficiais desceram dos caminhões da polícia e dividiram os homens em duas fileiras.

Os funcionários da prefeitura, que em sua maioria também moravam em favelas, saltaram do caminhão e deram início à remoção. Cada homem tinha uma corda e um gancho de demolição que ele jogava no telhado de um barraco até engatá-lo. Ele então puxava a corda, fazendo com que a frágil construção desabasse. As pessoas tinham apenas tempo de juntar o mínimo necessário — bebês, dinheiro, documentos. Tudo o mais era posto abaixo e varrido para o monte de entulhos: fogões a querosene, panelas, bolsas e colchões, roupas e brinquedos das crianças. As pessoas se dispersavam em pânico. A polícia parava algumas e então conduzia uns rapazes para os caminhões estacionados.

Quem estava nas janelas observava em silêncio. Do nosso posto de observação, podíamos ver a destruição lá embaixo, mas não ouvíamos nenhum ruído. De alguma forma o silêncio daquela destruição metódica e minuciosa afetava todos nós. Eu não havia percebido o vento até então. Era um gemido lamuriento naquele silêncio fantasmagórico. Eu sabia que em todos os trinta e cinco andares do edifício, acima e abaixo de nós, outras pessoas assistiam a tudo como testemunhas silenciosas, como acontecia conosco.

Embora as casas dos trabalhadores da obra, na favela legal, estivessem a salvo, todo o trabalho no canteiro foi interrompido em solidariedade. Os operários compreendiam que, quando a obra estivesse pronta, seria a vez de suas próprias casas serem postas abaixo. Sabiam que o ritual que haviam visto tantas vezes seria repetido pela última vez. O gueto seria viscerado e queimado e em seu lugar surgiria um estacionamento para carros de luxo.

Olhei nos rostos em minha volta, cheios de compaixão e terror. Nos olhos de alguns, vi vestígios da vergonha pelos pensamentos que o poder da guarda municipal tanto nos obrigava a formular: *Graças a Deus... Graças a Deus não sou eu...*

— Que sorte, pouparam sua casa, Linbaba! A sua e a minha também. — Prabaker falou enquanto observávamos os tiras e os funcionários da prefeitura subirem de volta nos caminhões e partirem. Eles haviam arrasado uma faixa com cem metros de comprimento por dez metros de largura no canto nordeste da favela ilegal. Cerca de sessenta casas haviam sido demolidas, abrigos de pelo menos duzentas pessoas. A operação inteira não durara mais que vinte minutos.

— Para onde eles vão? — perguntou Karla em voz baixa.

— A maior parte vai estar de volta amanhã, a esta hora. No mês que vem, eles virão e demolirão tudo novamente, ou então pegarão outro grupo de barracos idênticos, em outra parte da favela. Então tudo vai ser reconstruído. Ainda assim, é um grande prejuízo. Perderam tudo o que tinham. Eles têm que comprar novas esteiras de bambu e outras coisas para reconstruir as casas. E as pessoas foram presas... talvez só voltemos a vê-las daqui a alguns meses.

— Não sei o que me assusta mais — declarou ela —, se é a loucura que esmaga a vida das pessoas ou se é a capacidade de suportar uma coisa dessas.

A maioria havia deixado a janela, mas Karla e eu permanecemos próximos,

como se ainda estivéssemos no meio da aglomeração. Meu braço estava ao redor de seu ombro. No chão, vinte andares abaixo, muitos começavam a recolher o que havia sobrado de suas casas. Abrigos de lona e plástico já estavam sendo erguidos para os idosos, os bebês e as crianças menores. Ela virou o rosto para mim e eu a beijei.

A curva rígida de seus lábios se dissolveu nos meus numa concordância carnal. Havia uma ternura melancólica naquilo e, por um ou dois segundos, flutuei livremente e vaguei em sua inefável doçura. Pensei que Karla fosse vivida e dura, quase fria, mas o beijo era puro, de uma vulnerabilidade indizível. A suave beleza daquilo me chocou, e fui o primeiro a me afastar.

— Sinto muito, eu não... — gaguejei.

— Está tudo bem — sorriu ela, afastando-se de mim com as mãos em meu peito. — Mas pode ser que a gente esteja deixando uma daquelas moças bonitas do banquete com ciúmes.

— Quem?

— Você está me dizendo que não tem uma namorada por aqui?

— Não. Claro que não — franzi a testa.

— Preciso parar de dar ouvido a Didier — suspirou ela. — Foi ideia dele. Ele acha que você tem uma namorada aqui. Pensa que é a única razão que levaria você a permanecer na favela. Ele disse que é a única razão que faria *qualquer* estrangeiro permanecer na favela.

— Não tenho namorada, Karla, nem aqui nem em qualquer lugar. Estou apaixonado por você.

— Não, você não está! — retrucou ela, de forma áspera como um tapa.

— Não posso fazer nada. Há muito tempo, eu...

— Pare! — voltou a me interromper. — Você não está apaixonado. *Não* está. *Ai meu Deus*, como eu *detesto* o amor.

— Você não pode detestar o amor, Karla — disse eu, rindo suavemente, e tentando fazer com que mudasse de humor.

— Talvez não, mas você pode ter certeza que isso vai adoecê-lo. É uma tremenda arrogância amar alguém, e há amor demais a nossa volta. Existe amor demais no mundo. Às vezes eu penso que o paraíso é... um lugar onde todos estão felizes porque ninguém ama ninguém nunca.

O vento jogou o cabelo em seu rosto e ela o afastou com as mãos, segurando com os dedos espalhados sobre a testa. Olhava fixamente para os próprios pés.

— Que merda aconteceu com o bom e velho sexo pelo sexo, sem compromisso? — disse asperamente, mordendo os lábios.

Não era uma pergunta, mas eu a respondi mesmo assim.

— Não estou eliminando essa possibilidade... Como uma segunda opção, por assim dizer.

— Olha aqui, não quero me apaixonar — afirmou ela em um tom mais suave. Ela levantou o olhar para fitar o meu. — Não quero que ninguém se apaixone por mim. Não foi boa para mim, essa história de romance.

— Acho que não é bom para ninguém, Karla.

— É exatamente isso o que quero dizer.

— Mas, quando acontece, a gente não tem opção. Não acho que seja uma coisa que a gente faz porque escolhe fazer. E... Não quero pressioná-la. Estou apaixonado por você, só isso. Estou apaixonado por você durante todo esse tempo e finalmente tinha que dizer isso. Não significa que você tenha algo a ver com isso, ou comigo, aliás.

— Ainda estou... Não sei. Estou só... *Meu Deus!* Mas estou feliz por *gostar* de você. Gosto muito de você. Você pode até virar minha cabeça, Lin, se isso for o suficiente.

Os olhos dela eram sinceros, mas ao mesmo tempo eu sabia que ela estava omitindo muita coisa. Os olhos eram corajosos, mas ela estava assustada. Quando capitulei e abri um sorriso, ela riu. Eu ri também.

— É o suficiente no momento?

— Claro — menti. — Claro.

Mas naquele momento, como as pessoas do gueto, lá embaixo, eu estava examinando os escombros das casas destruídas no meu coração e reconstruindo sobre as ruínas.

APESAR DE POUCAS PESSOAS poderem dizer que já tinham visto Madame Zhou pessoalmente, ela era a atração principal, segundo Karla, para muitos que visitavam o Palácio. Seus clientes eram homens ricos: executivos, políticos e bandidos. O lugar lhes oferecia moças estrangeiras — exclusivamente, pois ali nunca trabalharam meninas indianas — e instalações bem-equipadas para realizar suas fantasias sexuais mais selvagens. Os prazeres ilícitos mais estranhos, criados pela própria Madame Zhou, eram comentados à boca pequena por toda a cidade, mas contatos com personalidades influentes e propinas substanciais garantiam que o Palácio jamais fosse alvo de batidas ou mesmo de uma revista mais minuciosa. E, embora outros locais de Bombaim fornecessem as mesmas gratificações e segurança, nenhum era tão popular quanto o de Madame Zhou, pois nenhum outro tinha a própria Madame. No final das contas, o que fazia os homens voltarem ao Palácio não eram as habilidades nem a beleza das mulheres que eles *podiam* ter. Era o mistério da mulher que não podiam ter — a beleza invisível de Madame Zhou.

As pessoas diziam que ela era russa, mas tal detalhe, como todos os outros que diziam respeito a sua vida privada, jamais fora confirmado. Aceitava-se como verdade, disse Karla, simplesmente por ser o boato mais repetido. Um fato indiscutível era que ela havia chegado a Nova Délhi na década de 1960, uma década tão selvagem para essa cidade quanto havia sido para a maior parte das capitais ocidentais. A parte nova da cidade celebrava então o trigésimo aniversário, enquanto a Velha Délhi já contabilizava trezentos anos. Segundo a maioria das fontes, Madame Zhou tinha vinte e nove anos. A lenda contava que ela fora amante de um oficial da KGB que contratara sua beleza singular para subornar proeminentes representantes do Partido do Congresso. O Partido do Congresso governou a Índia durante todos aqueles anos com o que parecia ser uma popularidade imbatível em todas as eleições nacionais. Muitos de seus adeptos, até mesmo seus inimigos, acreditavam que o Partido do Congresso continuaria a governar a mãe Índia por cem anos. O poder sobre seus representantes, portanto, era o poder sobre toda a nação.

As fofocas sobre os anos passados em Délhi resvalavam de escândalos a suicídios, passando por assassinatos políticos. Karla disse que tinha ouvido tantas versões das histórias, e de pessoas tão diferentes, que começou a pensar que a verdade, fosse qual fosse, não era de fato importante. Madame Zhou havia se tornado uma espécie de baú onde se colocavam detalhes das obsessões pessoais de cada um. Alguém falou que ela possuía uma fortuna em pedras preciosas que guardava em um saco de estopa; outra pessoa afirmava com autoridade sobre seu vício em variadas drogas; uma terceira sussurrou informações sobre ritos satânicos e canibalismo.

— Dizem coisas muito esquisitas sobre ela, e acho que uma parte é bobagem. Mas a moral da história é simples: ela é perigosa — disse Karla. — Perversa e

perigosa.

— Ahã.

— Não estou brincando. Não a subestime. Quando ela se mudou de Délhi para Bombaim, há seis anos, estava envolvida em um assassinato. Dois sujeitos muito importantes acabaram mortos no seu Palácio, em Délhi, ambos com as gargantas cortadas. Um deles, por acaso, era um inspetor de polícia. O julgamento não deu em nada porque uma das testemunhas de acusação desapareceu e outra foi encontrada enforcada na porta de casa. Ela deixou Délhi para abrir uma casa em Bombaim e, menos de seis meses depois, houve outro assassinato, a apenas um quarteirão do Palácio, e muita gente achou que ela estava envolvida. Mas ela tem tantos dossiês contra tanta gente... é capaz de formar uma pilha. Ninguém pode tocá-la. Pode fazer o que quiser, pois sabe que nada vai lhe acontecer. Se você quiser dar o fora, a hora é essa.

Estávamos em um Bumblebee, um dos onipresentes Fiats amarelos e pretos que serviam de táxi, rumo ao sul, atravessando o Bazar do Aço. O trânsito estava intenso. Centenas de carroças de madeira, maiores, mais altas e mais largas do que um carro quando totalmente carregadas, arrastavam-se entre ônibus e caminhões, cada uma delas empurrada por seus carregadores descalços. As principais ruas do Bazar do Aço tinham inúmeras lojas pequenas e médias. Vendiam todo tipo de apetrechos metálicos para o lar, de fogareiros a querosene a pias de aço inoxidável e a maior parte dos produtos de ferro fundido e metal de que construtores, lojistas e decoradores precisam. As próprias lojas estavam enfeitadas com reluzentes artigos metálicos, pendurados em tão polida abundância que o conjunto costumava atrair as lentes das câmeras dos turistas. Por trás do burburinho lustroso das ruas comerciais, porém, havia ruelas ocultas onde homens pagos em centavos, e não em dólares, trabalhavam em fornalhas escuras e insalubres para produzir aqueles itens sedutores.

As janelas do táxi estavam abertas, mas não entrava brisa nenhuma. O ar estava quente e abafado enquanto o trânsito avançava lentamente. No caminho, tínhamos parado no apartamento de Karla, onde eu trocara a camiseta, os jeans e as botas por um par de sapatos sociais, calça preta de corte convencional, uma camisa branca engomada e uma gravata.

— Daria tudo para me livrar dessas roupas agora — resmunguei.

— O que há de errado com elas? — perguntou, com um brilho maroto no olho.

— Elas pinicam e são horríveis.

— Vão funcionar.

— Espero que não aconteça nenhuma desgraça com a gente... eu detestaria morrer nessas roupas.

— Para falar a verdade, elas caem bem em você.

— Merda, ganhei o dia.

— Ei, deixe disso — ralhou, abrindo-me um sorriso adorável. O sotaque dela, o sotaque que eu passara a amar e a considerar o mais interessante do mundo, dava a cada palavra uma ressonância arredondada que me encantava. A música daquele sotaque era italiana; a forma, alemã; o humor e a atitude, americanos, e o colorido, indiano. — Criar tanto caso para se vestir com simplicidade, como

você está fazendo, é um tipo de vaidade, sabe? É uma coisa meio esnobe também.

— Eu não me visto com simplicidade. Eu só detesto roupas.

— Não, você não detesta. Você *adora* roupas.

— O que é *isso*? Tenho um par de botas, uma calça jeans, uma camisa, duas camisetas e uns dois *lungis*. É tudo... Meu guarda-roupa inteiro. Quando não estou vestido com alguma peça, ela fica pendurada em um prego no meu barraco.

— É aí que quero chegar. Você gosta tanto de roupas que não suporta usar nada além daquelas poucas coisas que lhe parecem perfeitas.

Tentei afrouxar o colarinho apertado da camisa.

— Bem, Karla, estas roupas estão longe de ser perfeitas. Como você tem tantas roupas masculinas na sua casa, afinal de contas? Você tem mais roupas masculinas do que eu.

— Os dois últimos caras que moraram comigo foram embora com um pouco de pressa.

— Tanta pressa assim que deixaram as roupas?

— Sim.

— Por quê?

— Um deles... ficou muito ocupado — disse ela, baixinho.

— Fazendo o quê?

— Estava infringindo tantas leis que provavelmente não ia querer que eu sáisse por aí falando no assunto.

— Você o dispensou?

— Não.

Ela disse aquilo categoricamente, mas parecia tão arrependida que decidi não perguntar mais nada sobre o assunto.

— E... o outro cara?

— Você não vai querer saber.

Eu queria saber, mas ela virou o rosto para olhar pela janela e a gravidade embutida naquele gesto alertava para o risco de novas perguntas. Eu ouvira dizer que Karla havia morado com alguém chamado Ahmed, um afegão. As pessoas não falavam muito sobre o assunto e presumi que eles haviam se separado anos antes. Quando a conheci, ela morava sozinha no apartamento e eu não percebera até aquele momento como aquela imagem que eu tinha dela interferia profundamente na minha percepção de quem era e de como vivia. Apesar de garantir que não gostava de ficar sozinha, eu pensava nela como uma pessoa que nunca morava com outras: alguém que recebia visitas e até deixava que passassem a noite, mas nada além disso.

Olhei sua nuca, uma pequena parte do perfil, para o desenho quase imperceptível dos seios sob o xale verde e os dedos finos e longos entrelaçados no colo. Não conseguia imaginá-la vivendo com alguém. Café da manhã e costas despidas, barulhos no banheiro e mau humor, caseira e casada: era impossível vê-la assim. De uma forma perversa, achei mais fácil imaginar Ahmed, o companheiro afegão que eu nunca conhecera, do que visualizá-la em outra

condição que não fosse sozinha... e autossuficiente.

Passamos uns cinco minutos em silêncio. Um silêncio pontuado pelo som lento e ritmado do taxímetro. Uma bandeira alaranjada, pendurada no painel do carro, declarava que o motorista, como tantos outros em Bombaim, era de Uttar Pradesh, um estado grande e populoso no nordeste da Índia. Nosso lento avanço ao longo do engarrafamento lhe forneceu muitas oportunidades para nos examinar através do espelho retrovisor. Estava intrigado. Karla tinha falado fluentemente em hindí, dando-lhe instruções precisas, rua a rua, de como chegar ao Palácio. Éramos estrangeiros que nos comportávamos como nativos. Ele decidiu nos testar.

— Trânsito filho da mãe — resmungou em um hindí coloquial, como se estivesse falando sozinho, mas sem tirar os olhos do retrovisor. — Esta droga de cidade parece estar com prisão de ventre hoje.

— Uma gorjeta de vinte rúpias talvez funcione bem como laxante — disparou Karla, em hindí. — O que você está fazendo, alugando este táxi por hora? Vá em frente, irmão.

— Sim, senhorita! — respondeu o motorista em inglês, enquanto ria encantado. Ele se dedicou com mais energia a abrir caminho pelo trânsito.

— E aí, o que aconteceu mesmo com ele? — perguntei.

— Aconteceu com quem?

— Com o outro cara com quem você vivia... aquele que *não* infringiu um monte de leis.

— Ele morreu, se faz questão de saber — disse ela, com os dentes cerrados.

— E... como foi que ele morreu?

— Disseram que ele se envenenou.

— *Disseram?*

— É — suspirou, desviando o olhar para a multidão agitada na rua.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, então tive que falar.

— A quem... A quem pertencia a roupa que estou usando? Ao marginal ou ao defunto?

— Ao defunto.

— Tudo... bem.

— Comprei para o enterro.

— Merda!

— Merda... *o quê?* — retrucou, virando-se para mim mais uma vez, com a testa muito franzida.

— Merda... nada... Mas me lembre de pegar com você o nome da lavanderia.

— Não precisamos disso. Enterraram-no com... uma muda de roupas diferentes. Levei o terno, mas acabamos não usando.

— Entendo...

— Eu disse que você não ia querer saber.

— Não, não, está tudo bem — balbuciei, e de fato sentia um alívio secreto e cruel em saber que o antigo amante estava morto, e que não competiria comigo. Eu era jovem demais naquela época para saber que os amantes mortos são os

rivais mais difíceis. — De qualquer maneira, Karla, não quero ser desagradável, mas você deve admitir que é um pouquinho assustador. Estamos indo para uma missão perigosa e estou sentado aqui com o terno do enterro de um sujeito.

— Você está sendo supersticioso.

— Não estou.

— Está, sim.

— Não sou supersticioso.

— É, sim.

— Não sou, não.

— *Claro* que é! — exclamou, dando o primeiro sorriso de verdade desde que embarcamos no táxi. — Todo mundo é supersticioso.

— Não quero discutir com você. Pode dar azar.

— Não se preocupe — zombou ela. — Vai dar tudo certo. Olhe, aqui está seu cartão de visita. Madame Zhou gosta de colecioná-los. Ela vai pedir o seu. E vai guardá-lo, caso precise de algum favor seu. Mas, mesmo se isso acontecer, ela vai descobrir que você deixou a embaixada há muito tempo.

Os cartões eram em papel branco perolado, em linho texturizado, e as palavras estavam gravadas em relevo em itálico, com tinta negra. Declaravam que Gilbert era subsecretário consular na embaixada dos Estados Unidos.

— Gilbert? — grunhi.

— E daí?

— E daí que, se esse táxi sofrer um acidente e resgatarem meu corpo das ferragens com *essas* roupas, vou ser identificado como Gilbert. Não estou me sentindo melhor, Karla, preciso dizer.

— Bem, você vai precisar se conformar em ser Gilbert por enquanto. Existe realmente um Gilbert Parker na embaixada. Sua temporada de trabalho em Bombaim acaba hoje. É por isso que eu o escolhi. Ele volta para os Estados Unidos hoje à noite. Por isso, todas as informações vão bater. De qualquer maneira, acho que ela não vai fazer nenhuma consulta a seu respeito. Talvez um telefonema, ou nem isso. Se quiser entrar em contato com você, terá de fazê-lo com a minha ajuda. Ela teve alguns problemas com a embaixada britânica no ano passado. Custou-lhe caro. E um diplomata alemão aprontou uma grande confusão no Palácio, há alguns meses. Preciso cobrar muitos favores para acobertar essa história. Os funcionários das embaixadas são as únicas pessoas que podem de fato prejudicá-la, por isso ela não vai forçar a barra. Seja apenas firme e educado ao falar. E fale um pouco em híndi. Ela vai esperar que você faça isso. E disfarçará qualquer dificuldade em relação ao sotaque americano. É uma das razões pelas quais eu pedi sua ajuda, sabe? Você aprendeu um bocado de híndi para quem está aqui há apenas um ano.

— Catorze meses — eu a corriji, sentindo-me diminuído por sua estimativa mais curta. — Dois meses na primeira temporada em Bombaim, seis meses na aldeia de Prabaker e agora quase seis meses na favela. Catorze meses.

— Sim... Tudo bem... catorze meses.

— Achei que ninguém era recebido por essa tal Madame Zhou — disse eu, esperando modificar o ar constrangido e intrigado do rosto dela. — Você me

disse que ela vivia reclusa e nunca falava com ninguém.

— É verdade, mas é um pouco mais complicado do que isso — respondeu Karla, baixinho. Lembranças turvaram seus olhos por um momento, mas em seguida ela fez um óbvio esforço para se concentrar novamente. — Ela mora no andar de cima e tem tudo de que precisa lá. Nunca sai. Tem dois empregados que levam alimentos, roupas e tudo o mais. Ela pode se movimentar pelo prédio sem ser vista porque existem muitas passagens secretas e escadarias. Pode olhar para o que acontece na maioria dos quartos graças a espelhos de duas faces e dutos de ventilação. Ela gosta de observar. Às vezes fala com as pessoas através de uma tela. Você não consegue *vê-la*, mas ela consegue ver *você*.

— Então como sabe qual é a aparência dela?

— Por causa do fotógrafo dela.

— O quê?

— Ela manda tirar fotos de si. Uma nova a cada mês, mais ou menos. Manda para seus clientes favoritos.

— É muito esquisito — resmunguei, sem estar interessado de verdade na Madame Zhou, mas querendo que Karla continuasse a falar. Eu observava seus lábios vermelhos rosados formarem cada palavra — os lábios que eu havia beijado dias antes — e sua boca falando era uma sublime demonstração da perfeição da carne. Ela poderia estar lendo um jornal do mês passado e eu teria ficado igualmente encantado em observar seu rosto, seus olhos e seus lábios enquanto falava. — Por que ela faz isso?

— Faz o quê? — perguntou ela, apertando os olhos ao fazer a pergunta.

— Por que ela vive tão reclusa?

— Acho que ninguém sabe. — Ela pegou dois *bidis*, acendeu-os e me entregou um deles. As mãos pareciam trêmulas. — É como eu dizia antes... inventam muitas histórias. Ouvi dizer que ficou terrivelmente deformada em um acidente e por isso esconde o rosto. Dizem que as fotos são retocadas para disfarçar as cicatrizes. Ouvi falar que teve lepra, ou outro tipo de doença. Um amigo meu jura que ela não existe, que é apenas uma lenda, uma espécie de conspiração, para ocultar quem realmente manda no lugar e o que acontece ali.

— O que você acha?

— Eu... eu falei com ela através da tela. Acho que ela é tão incrível e patologicamente vaidosa que *odeia* a si mesma por estar envelhecendo. Não suportaria a ideia de ser menos que perfeita. Muita gente diz que ela era linda. Juro, você ficaria surpreso. *Muita* gente diz isso. Nas fotos, ela não parece ter mais de vinte e sete, trinta anos. Não existem linhas de expressão nem rugas. Não há olheiras sob seus olhos. Não tem um fio de cabelo branco. Acho que ela é tão apaixonada pela própria beleza que nunca vai deixar ninguém *vê-la* do jeito que é. Acho que é... como se estivesse loucamente apaixonada por si mesma. Ela pode chegar aos noventa anos, mas aquelas fotos mensais continuarão a mostrá-la com os mesmos trinta.

— Como é que você sabe tanto sobre ela? — perguntei. — Como a conheceu?

— Sou uma facilitadora. Fazia parte do meu trabalho.

— Isso não me diz nada.

— Você precisa saber alguma coisa?

Era uma pergunta simples e havia uma resposta simples — *eu te amo e quero saber de tudo* —, mas havia uma aspereza na sua voz e uma frieza em seu olhar que me fizeram vacilar.

— Não estou querendo me meter em sua vida, Karla. Não sabia que era um assunto tão delicado. Conheço você há mais de um ano e, tudo bem, não nos vemos todos os dias, nem mesmo todos os meses, mas nunca perguntei o que você faz, nem como ganha a vida. Não acho que eu possa ser classificado como intrometido.

— Eu junto pessoas — disse ela, um pouco mais descontraída — e faço com que se divirtam o suficiente para selar um acordo. Sou paga para criar um clima propício para que as pessoas fechem um negócio, e dou a elas o que desejam. Alguns — muitos deles, por acaso — querem passar um tempo no Palácio de Madame Zhou. A pergunta verdadeira é: por que existe tanto *interesse* nela? Ela é perigosa. Acho que é completamente maluca. Mas as pessoas fariam qualquer coisa para conhecê-la.

— E o que *você* acha?

Ela suspirou, exasperada.

— Não sei dizer. Não é só o sexo. É claro, as mais lindas estrangeiras de Bombaim trabalham lá, e ela lhes ensina os truques mais exóticos, mas ainda seria procurada mesmo se lá não houvesse garotas deslumbrantes. Não consigo entender. Fiz o que as pessoas queriam e as levei ao Palácio. Algumas chegaram a conhecê-la, como eu, através da tela, mas nunca consegui entender. Vão ao Palácio como se fossem para uma audiência com Joana d'Arc. Ficam fora de si. Eu não. Ela me dá calafrios, e sempre foi assim.

— Você não gosta muito dela, não é?

— É pior do que isso. Eu a odeio, Lin. Eu a odeio e queria que estivesse morta.

Foi minha vez de me retrair. Embrulhei-me no silêncio como se ele fosse um cachecol e contemplei a beleza aleatória da rua por trás do perfil suave e escultural de Karla. Na verdade, não me importava o mistério de Madame Zhou. Naquele momento, a única coisa que me interessava era a missão designada por Karla. Eu estava apaixonado pela bela suíça sentada ao meu lado no táxi, e ela já era misteriosa o bastante. Eu queria saber mais sobre *ela*. Queria saber como veio parar em Bombaim e que ligação tinha com a excentricidade de Madame Zhou e por que nunca falava de si. No entanto, por mais que eu quisesse saber... de tudo... de tudo sobre ela, não poderia pressioná-la. Não tinha direito de lhe fazer mais perguntas, porque eu escondia todos os meus segredos dela. Havia mentido dizendo que era da Nova Zelândia e que não tinha parentes. Não lhe dissera sequer meu nome verdadeiro. E, por estar apaixonado por ela, sentia-me aprisionado por aquelas ficções. Ela havia me beijado e tinha sido bom. Sincero e bom. Mas eu não sabia se na verdade aquele beijo era o começo ou o fim para nós. Minha maior esperança era que a missão nos aproximasse. Esperava que fosse o bastante para derrubar nossas muralhas de segredos e mentiras.

Não subestimei a tarefa que ela havia me passado. Sabia que alguma coisa

poderia dar errado e talvez eu tivesse que lutar para retirar Lisa do Palácio. Eu estava preparado para isso. Havia uma faca em uma bainha de couro enfiada na cintura da minha calça, sob a camisa. Tinha uma lâmina longa, pesada e afiada. Sabia que com uma boa faca eu poderia dar conta de dois homens. Havia usado facas em brigas na prisão. Uma faca na mão de um homem que sabe usá-la e não tem medo de enfiá-la em outros corpos ainda é, apesar de sua origem remota, a arma mais eficiente para a luta corpo a corpo, depois do revólver. Sentado ali no táxi, silencioso e imóvel, preparei-me para a luta. Um filminho, como um trailer do derramamento de sangue que estava por vir, passou na minha cabeça. Eu teria de deixar a mão esquerda livre para conduzir ou arrastar Lisa e Karla para fora do Palácio. A mão direita teria de abrir caminho e encarar qualquer tipo de resistência. Eu não estava com medo. Sabia que, se e quando a briga começasse, eu retalharia, golpearia e esfaquearia sem pensar.

O táxi dera um jeito de abrir caminho pelo congestionamento, e ganháramos velocidade em ruas mais largas, perto de um íngreme viaduto. Fomos abençoados com um vento fresco e o cabelo que estava úmido de suor secou em segundos. Karla se mexia para lá e para cá, inquieta, jogou fora o cigarro pela janela aberta e vasculhou o interior da bolsa tiracolo de couro envernizado. De dentro dela retirou um maço de cigarros. Ele continha baseados grossos, já enrolados, com as pontas finas e retorcidas. Acendeu um deles.

— Preciso de alguma coisa para fazer a cabeça — disse ela, inalando a fumaça profundamente. O cheiro de flores e folhas desabrochou no interior do táxi. Ela tragou algumas vezes e depois me ofereceu o baseado.

— Você acha que isso vai ajudar?

— Provavelmente não.

Era um bagulho bom, um haxixe da Caxemira. Os músculos do estômago, do pescoço e dos ombros relaxaram à medida que a droga fazia efeito. O motorista fungou estrepitosamente, de forma teatral, ajeitando o espelho para olhar melhor o banco traseiro. Devolvi o baseado para Karla. Ela deu mais alguns tragos e então passou para o motorista.

— *Charras pitta?* — ela perguntou. *Você fuma haxixe?*

— *Ha, munta!* — disse rindo e aceitando feliz a oferta. *Com certeza!* Ele fumou metade e passou de volta para trás. — *Achaa charras!* Do bom. Tenho música americana, discoteca, o que tem de melhor na música dos Estados Unidos. Vão gostar de ouvir.

Ele enfiou uma fita cassete no som do painel e colocou o volume no máximo. Segundos depois a canção “We Are Family”, de Sister Sledge, retumbava pelos alto-falantes atrás das nossas cabeças em uma intensidade ensurdecadora. Karla soltou gritinhos de alegria. O motorista abaixou o volume e perguntou se havíamos gostado. Karla soltou outro gritinho e lhe passou o baseado. Ele voltou a colocar a música no máximo. Fumamos, cantamos juntos e passamos por mil anos de evolução das ruas, de meninos camponeses descalços em carros de boi a homens de negócio comprando computadores.

Quando o Palácio apareceu, o motorista estacionou o carro ao lado de uma loja de *chai* aberta. Ele apontou para essa loja com o polegar e disse a Karla que

a esperaria ali. Eu sabia o suficiente sobre motoristas de táxi e já havia andado bastante nos carros de Bombaim para saber que a oferta do motorista era um sincero gesto de preocupação com Karla, e não apenas ganância de trabalho, gorjetas ou algo mais. Ele gostou dela. Eu já tinha visto aquilo antes, aquele gostar impulsivo e espontâneo. Karla era jovem e atraente, com certeza, mas a reação do motorista era inspirada principalmente pela fluência dela no idioma dele e pela maneira como o tratou. Um taxista alemão talvez ficasse feliz ao encontrar um estrangeiro que tivesse aprendido alemão. Talvez ele até dissesse que estava contente. Ou talvez não dissesse nada. O mesmo poderia acontecer com um taxista francês, americano ou australiano. Mas um indiano vai ficar tão feliz se gostar de alguma coisa em você — seus olhos, seu sorriso, ou a forma como reage à abordagem de um mendigo na janela do carro — que se sentirá ligado a você na mesma hora. Estará disposto a fazer coisas por você, desviar-se do próprio caminho, arriscar-se e até cometer atos perigosos ou ilegais. Se você lhe der um endereço de que não gosta, como o do Palácio, ele vai esperá-lo, só para ter certeza de que tudo terminou bem. Você pode sair uma hora depois, ignorá-lo completamente e ele vai sorrir e ir embora, feliz em saber que está tudo bem. Aconteceu muitas vezes comigo em Bombaim, mas nunca em nenhuma outra cidade. É uma das quinhentas coisas que eu adoro nos indianos: se eles gostam da gente, gostam rapidamente e por inteiro. Karla pagou a corrida e a gorjeta prometida e disse para não esperar. Nós dois sabíamos que ele esperaria.

O Palácio era um prédio imenso, com fachada tripla e três andares. As janelas que davam para a rua tinham barras de ferro fundido enfeitadas com as formas da folha do acanto. Era mais antigo do que a maior parte das construções da rua, restaurado, sem ter sido reformado. Os detalhes originais foram preservados com muito cuidado. Havia coroas de estrelas esculpidas nas arquivadas de pedra pesada sobre a porta e as janelas. Aquele trabalho meticuloso, que fora comum na cidade, agora era uma arte esquecida. Havia um beco do lado direito e os pedreiros tinham caprichado no acabamento dos cantos — pedra sim, pedra não, do piso até as calhas, era lavrada como pedra preciosa. Uma sacada de vidro se estendia por toda a fachada do terceiro andar. Os quartos ficavam escondidos por trás de persianas de bambu. As paredes eram cinzentas; a porta, preta. Para minha surpresa, a porta simplesmente se abriu quando Karla a tocou. Nós entramos.

Seguimos por um corredor longo e arejado, mais escuro do que a rua ensolarada, mas suavemente iluminado por luminárias com o formato de lírios, em vidro trabalhado. Havia papel de parede — muito incomum na umidade de Bombaim — com o repetitivo padrão Compton de William Morris em verde-oliva e rosa. Um cheiro de incenso e flores pairava no ar, e o silêncio abafado e assustador dos quartos fechados nos cercava.

Um homem estava em pé no corredor, e nos encarava com as mãos cruzadas diante de si. Era alto e magro. O cabelo castanho-escuro e fino fora puxado para trás e preso numa longa trança que ia até os quadris. Não tinha sobrancelhas, mas cílios espessos, tão espessos que cheguei a pensar que eram falsos. Dos lábios ao queixo pontudo, havia arabescos e traços desenhados em seu

rosto pálido. Estava vestido com um *kurta pyjama* de seda preta e usava sandálias de plástico transparente.

— Olá, Rajan — saudou Karla com frieza.

— *Ram Ram*, senhorita Karla — respondeu ele, com o cumprimento hindu. A voz era sibilante, cheia de desdém. — A Madame vai vê-los imediatamente. Podem subir. Vou levar bebidas geladas. Você conhece o caminho.

Ele se pôs de lado, apontando na direção das escadas no final do corredor. Os dedos da mão estendida estavam pintados com hena. Eram os dedos mais longos que eu já vira. Quando passamos por ele, percebi que os desenhos sob o lábio inferior e o queixo eram, na realidade, tatuagens.

— Rajan é um tanto estranho — resmunguei, enquanto Karla e eu subíamos as escadas juntos.

— É um dos dois criados pessoais de Madame Zhou. É um eunuco, um *castrato*, bem mais estranho do que aparenta ser — sussurrou ela, de forma enigmática.

Subimos a ampla escadaria até o segundo andar, nossos passos abafados pelo espesso carpete e pelos balaústres e corrimãos de madeira maciça. Havia fotografias e pinturas emolduradas nas paredes, só retratos. Ao passar por aquelas imagens, tive a sensação de que havia outros seres vivos nos quartos fechados a nossa volta. Mas não havia som. Nada.

— Está silencioso demais — disse eu quando paramos em frente a uma das portas.

— É hora da sesta. Todas as tardes, das duas às cinco. Mas está mais silencioso do que o habitual, porque ela está esperando você. Está pronto?

— Acho que sim.

— Então vamos.

Ela bateu duas vezes, virou a maçaneta e nós entramos. Não havia nada na pequena área quadrada além do carpete no chão, das cortinas de renda fechadas na janela e duas grandes almofadas achatadas. Karla pegou meu braço e me conduziu até as almofadas. A meia-luz do final da tarde reluzia através da renda de cor creme. As paredes eram nuas, pintadas de um marrom-claro. Havia uma grade de metal, com aproximadamente um metro quadrado, instalada em uma delas, logo acima do rodapé. Ajoelhamo-nos nas almofadas diante da grade, como se tivéssemos vindo fazer a confissão.

— Não estou feliz com você, Karla — disse uma voz por trás da grade.

Estupefato, olhei pela trama de metal, mas o cômodo por trás dela estava às escuras e eu não conseguia ver nada. Sentada ali, na penumbra, Madame Zhou estava invisível.

— Não gosto de me sentir infeliz. Você sabe disso.

— A felicidade é um mito — retrucou Karla, furiosamente. — Foi inventada para nos fazer consumir.

Madame Zhou riu. Era um som gorgolejante, vindo dos brônquios. Era o tipo de risada que perseguia as coisas engraçadas e as matava.

— Ah, Karla, Karla, sinto sua falta. Mas você me ignora. Faz muito tempo que não me visita. Acho que ainda me culpa pelo que aconteceu com Ahmed e

Christina, mesmo quando jura que não é verdade. Como posso acreditar que não guardou rancor, se passou a me ignorar? E agora deseja levar minha favorita.

— É o pai dela que deseja levá-la, Madame — respondeu Karla com um pouco mais de delicadeza.

— Ah, sim, o pai...

Ela disse a palavra como se fosse um insulto desprezível. A voz áspera quase arranhou a palavra na nossa pele. Foram necessários muitos cigarros, fumados de forma particularmente desdenhosa, para deixar a voz daquele jeito.

— Suas bebidas, senhorita Karla — disse Rajan, e eu quase dei um pulo. Ele se aproximara por trás de mim sem fazer o menor ruído. Abaixou-se para colocar a bandeja no chão, entre nós, e por um momento fitei a movediça escuridão de seus olhos. O rosto era impassível, mas não havia como confundir a emoção daqueles olhos. Era um ódio gelado, nu, incompreensível. Fiquei hipnotizado, e ao mesmo tempo confuso e estranhamente constrangido.

— Este é o seu americano? — perguntou Madame Zhou, quebrando o encanto.

— Sim, Madame. O nome dele é Parker, Gilbert Parker. Ele trabalha na embaixada, mas naturalmente não se trata de uma visita oficial.

— Claro. Entregue seu cartão para Rajan, senhor Parker.

Era uma ordem. Peguei um dos cartões no bolso e entreguei a Rajan. Ele o segurou pelas beiradas, como se tivesse medo de se contaminar, e saiu do cômodo, fechando a porta atrás de si.

— Karla não chegou a me dizer, quando telefonou, senhor Parker... O senhor está em Bombaim há muito tempo? — perguntou Madame Zhou, passando a falar híndi.

— Não muito tempo, Madame.

— Você fala híndi muito bem. Meus parabéns.

— O híndi é um belo idioma — respondi, usando uma das frases feitas que Prabaker me ensinou a recitar. — É uma língua para a música e a poesia.

— Também é a língua para o amor e o dinheiro — disse com uma risadinha maliciosa. — Está apaixonado, senhor Parker?

Tinha pensado muito no que ela poderia me perguntar, mas não havia previsto essa pergunta. E, naquele exato momento, talvez não houvesse nenhum outro assunto capaz de me abalar tanto. Olhei para Karla, mas ela olhava fixamente para as mãos e não me deu qualquer dica. Não sabia o que Madame Zhou queria dizer com aquela pergunta. Não havia me perguntado se eu era casado, solteiro, comprometido ou envolvido com alguém.

— Apaixonado? — balbuciei, e as palavras soavam como um feitiço em híndi.

— Sim, sim, amor romântico. O coração perdido em sonhos com o rosto de uma mulher, a alma perdida em sonhos com o corpo dela. *Paixão*, senhor Parker. O senhor está *apaixonado*?

— Sim. Sim, eu estou.

Não sei por que disse aquilo. A impressão de que eu estava fazendo uma confissão para um padre, ali, de joelhos, diante da grade metálica, ficou ainda

mais evidente.

— Lamento muito, meu querido senhor Parker. Você está apaixonado por Karla, é claro. Foi assim que ela conseguiu que o senhor fizesse este pequeno trabalho para ela.

— Garanto à senhora...

— Não, senhor Parker, eu *lhe* garanto. Ah, talvez seja verdade que o pai de Lisa esteja ansioso por rever a filha e que tenha poder para mexer os pauzinhos. Mas foi Karla quem o convenceu a participar disso. Tenho certeza absoluta. Conheço minha querida Karla e sei como funciona. Não pense por um momento sequer que ela vai retribuir seu amor ou cumprir qualquer uma das promessas que lhe fez. Nem imagine que esse seu amor *lhe* dará alguma coisa, além de tristezas. Ela nunca vai amá-lo. Digo isso como sua amiga. É um presentinho para o senhor.

— Com todo o respeito — disse eu, com dentes cerrados —, viemos aqui para falar sobre Lisa Carter.

— Claro. Se eu deixar minha Lisa ir com vocês, onde ela vai morar?

— Eu... eu não sei ao certo.

— Você não sabe ao certo?

— Não, eu...

— Ela vai morar em... — começou Karla.

— Cale a boca, Karla! — disparou Madame Zhou. — Perguntei a Parker.

— Não sei onde ela vai morar — respondi com toda a firmeza que pude encontrar. — Acho que isso é um problema dela.

Houve um longo silêncio. Ouvir e falar híndi começava a me exigir um esforço de concentração. Sentia-me perdido. A situação estava saindo do controle. Ela havia me feito três perguntas e eu me enrolara completamente em duas delas. Karla era minha guia naquele mundo estranho, mas parecia tão confusa e desastrada quanto eu. Madame Zhou *lhe* mandara calar a boca e ela havia aceitado aquilo com uma humildade que eu nunca tinha visto nem imaginara existir nela. Peguei um copo e bebi um pouco de *nimbu pani*. O suco gelado de lima estava temperado com alguma coisa picante, parecida com pimenta em pó. Houve um movimento quase imperceptível e sussurros na escuridão do quarto por trás da grade de metal. Perguntei-me se Rajan estaria ali com ela. Eu não conseguia distinguir as formas.

Ela falou.

— Pode levar Lisa, senhor Parker apaixonado. Mas, se ela decidir voltar para cá, para ficar comigo, não vou deixá-la partir. Compreende? Ela vai ficar aqui, se voltar, e ficarei triste se tornarem a me incomodar com esse assunto. Você é bem-vindo para apreciar nossas muitas atrações, quando quiser, como meu convidado. Eu gostaria de vê-lo... *relaxar*. Será que quando Karla acabar com você, vai se lembrar do meu convite? Enquanto isso, lembre-se: Lisa é minha se voltar. O assunto está encerrado entre nós, hoje, aqui e agora.

— Sim, sim, compreendo. Muito obrigado, Madame.

O alívio era enorme. Senti-me tomado por ele. Tínhamos vencido. Estava feito. A amiga de Karla estava livre para ir embora conosco.

Madame Zhou começou a falar de novo, muito rápido, e em outra língua. Supus que fosse alemão. Parecia áspero, ameaçador e irritado, mas eu não sabia falar alemão naquela época, e as palavras talvez fossem mais gentis do que me pareciam. Karla respondia, de tempos em tempos com um *Ja* ou *Natürlich nicht*, pouco além disso. Balançava o corpo de um lado para o outro, sentada com as pernas dobradas. As mãos estavam pousadas no colo. Os olhos, fechados. Enquanto eu a observava, ela começou a chorar. As lágrimas, quando vieram, escorreram das pálpebras cerradas como contas de um rosário. Algumas mulheres choram facilmente. As lágrimas escorrem suavemente como gotas perfumadas de uma chuva de verão e deixam o rosto límpido, claro, quase radiante. Outras choram com força, e toda a beleza que possuem desmorona naquela agonia. Karla era uma dessas mulheres. Havia uma angústia terrível escrita nas marcas daquelas lágrimas e no tormento que vincava seu rosto.

Por trás da grade, a voz rouca cheia de sons sibilantes, cuspidos e palavras esmagadoras prosseguia. Karla oscilava e soluçava em completo silêncio. A boca se abriu e se fechou sem deixar escapar um som. Gotículas de suor escorriam de suas têmporas, perto da maçã do rosto. Mais suor se acumulava sobre os lábios, dissolvendo-se em lágrimas. Então, não havia mais nada por trás da grade metálica: nem som, nem movimento, nem sequer a sensação de uma presença humana. Com um esforço que deixou suas mandíbulas esbranquiçadas e fez seu corpo tremer, Karla passou as mãos no rosto e parou de chorar.

Estava muito serena. Estendeu uma das mãos para me tocar. A mão pousou sobre minha coxa e então a apertou, fazendo pressões constantes e delicadas. Era o gesto gentil e reconfortante que ela poderia ter usado para acalmar um animal amedrontado. Olhava dentro dos meus olhos, mas eu não sabia muito bem se me perguntava ou se me dizia alguma coisa. Ela inspirou profunda e rapidamente. Os olhos verdes estavam quase negros no quarto em sombras.

Eu não entendia nada. Não compreendia a tagarelice em alemão e não tinha a menor ideia do que se passava entre Karla e a voz por trás da grade de metal. Queria reconfortá-la, mas não sabia por que ela chorara e provavelmente estávamos sendo observados. Levantei-me e ajudei-a a se levantar. Por um momento, ela pousou o rosto contra o meu peito. Pus as mãos em seus ombros para que ficasse ereta e se afastasse de mim. Então a porta se abriu e Rajan entrou no cômodo.

— Ela está pronta — sibilou Rajan.

Karla passou a mão nos joelhos das calças folgadas, pegou a bolsa e passou por mim a caminho da porta.

— Venha — disse ela. — A entrevista acabou.

Por um momento contemplei as marcas que os joelhos dela deixaram na almofada de brocado ao meu lado, no chão. Senti-me cansado, irritado e confuso. Virei e vi que Karla e Rajan me encaravam com impaciência da porta. Enquanto os seguia pelos corredores do Palácio, fui ficando mais mal-humorado e indignado a cada passo.

Rajan nos conduziu a um cômodo bem no final do corredor. A porta estava aberta. O quarto era decorado com grandes cartazes de filmes — Lauren Bacall em uma foto de *Uma aventura na Martinica*, Pier Angeli em *Mercado pela*

sarjeta e Sean Young em *Blade Runner*. Uma mulher jovem e bela estava sentada em uma grande cama no centro do quarto. O cabelo louro era comprido e pesado, terminando em exuberantes cachos espiralados. Os olhos azul-claros eram grandes e muito separados. A pele tinha um tom impecavelmente rosado. Os lábios estavam pintados com um batom vermelho intenso. Uma mala e uma bolsa de cosméticos estavam fechadas e descansavam no chão, junto a seus pés calçados com sandálias douradas.

— Que merda. Vocês estão atrasados. Vou ficar maluca aqui. — Tinha uma voz grossa. O sotaque era californiano.

— Gilbert teve que trocar de roupas — respondeu Karla, voltando a seu controle habitual. — E o trânsito para chegar até aqui... você não queira saber.

— Gilbert? — ela torceu o nariz com desdém.

— É uma longa história — disse eu, sério. — Está pronta?

— Não sei — disse ela, olhando para Karla.

— Você *não sabe*?

— Ei, vá se foder, seu otário! — explodiu ela, despejando tanta fúria sobre mim que não consegui perceber o medo que havia por trás daquilo. — O que você tem a ver com isso, afinal de contas?

Existe uma raiva especial reservada aos que não permitem que a gente os ajude. Meus dentes começaram a ranger com essa raiva.

— Olha aqui, você vem ou não vem?

— Ela deixou? — Lisa perguntou a Karla. As duas olharam para Rajan e depois para o espelho na parede atrás dele. A expressão de ambas me dizia que Madame Zhou nos observava e ouvia o que dizíamos.

— Está tudo bem. Ela disse que você pode ir — disse a ela, esperando que não fizesse comentários sobre meu precário sotaque americano.

— Está falando sério? Não é sacanagem?

— Sem sacanagem — disse Karla.

A garota se levantou rapidamente e agarrou as malas.

— Então o que estamos esperando? Vamos dar o fora desta porra de lugar antes que ela mude de ideia.

Rajan me fez parar na porta de entrada e me entregou um envelope grande, lacrado. Mais uma vez, me lançou aquele olhar de desnoateante malícia antes de fechar a porta. Alcancei Karla e a puxei para que me encarasse.

— O que foi *isso*?

— O que você quer dizer? — perguntou ela com um sorrisinho que tentava iluminar seus olhos. — Funcionou. Conseguimos tirá-la.

— Não estou falando disso. Estou falando de nós dois, daquele joguinho maluco de Madame Zhou lá em cima. Por que aquele choro todo, Karla?

Ela voltou o olhar para Lisa, que estava a seu lado, impaciente, protegendo os olhos, embora a luz do final da tarde não fosse forte. Olhou para mim de novo, com os olhos verdes confusos e cansados.

— Temos que falar disso agora, em público?

— Não, não temos! — Lisa respondeu por mim.

— Não estou falando com você — rosnei, sem olhá-la. Meu olhar estava

grudado no rosto de Karla.

— Você também não vai falar comigo — disse Karla com firmeza. — Aqui não. Agora não. Vamos embora.

— O que é isso? — quis saber.

— Você está exagerando, Lin.

— Eu estou *exagerando!* — disse, quase aos gritos, e demonstrando que ela tinha razão. Eu estava furioso por ela ter me contado tão pouco da verdade e me preparado tão mal para aquele encontro. Sentia-me ultrajado por ela não confiar em mim o bastante para me contar a história inteira. — Isso é engraçado. É engraçado *mesmo*.

— Quem é esse babaca?

— Cala a boca, Lisa — ordenou Karla, exatamente como Madame Zhou lhe havia feito, minutos antes. Lisa reagiu como Karla na ocasião, com um silêncio humilde e melancólico. — Não quero falar sobre isso agora, Lin — disse Karla, voltando-se para mim com uma expressão totalmente decepcionada. Existem poucas coisas mais dolorosas que as pessoas podem fazer com os olhos. Detestei ver aquilo. Os pedestres paravam perto de nós na rua, olhando e tentando ouvir a conversa sem disfarçar.

— Olhe, sei que a história é mais complicada do que simplesmente tirar Lisa do Palácio. O que *aconteceu* lá em cima? Como ela... como ela sabia sobre *a gente*? Teoricamente, eu era um sujeito da embaixada e ela começa a falar sobre como estou apaixonado por você. Não compreendo. E quem são Ahmed e Christina? O que aconteceu com eles? Do que ela estava falando? Numa hora, você é indestrutível; na outra desmorona enquanto a Madame Doida fala sem parar em alemão, ou seja lá que língua era aquela.

— Na verdade, era suíço-alemão — retrucou ela, com um rasgo de rancor no brilho de seus dentes cerrados.

— Suíço, chinês, e daí? Só quero saber o que está acontecendo. Quero ajudá-la. Quero saber... bem, em que pé estamos.

Mais algumas pessoas se juntaram aos desocupados. Um grupo de três rapazes, apoiados nos ombros uns dos outros, observava tudo com uma curiosidade ostensiva. O motorista de táxi que nos havia levado estava de pé, ao lado do carro, a cinco metros de distância. Ele se abanava com o lenço, olhando para nós, sorridente. Era bem mais alto do que eu pensava. Alto, magro e vestido com calça e camisa brancas, bem justas. Karla olhou para ele, por cima do ombro. Ele passou o lenço vermelho no bigode e depois o amarrou como se fosse um cachecol, em volta do pescoço. Ele sorriu para ela. Os dentes fortes e brancos reluziam.

— Você *fica* bem *aqui*, na rua, na porta do Palácio — disse Karla. Estava irritada, triste e segura, mais segura do que eu naquele momento. Eu quase a odiava por causa disso. — E eu estou *entrando* naquele *táxi*. E, para onde *vou*, não é da sua conta.

Ela se afastou.

— Onde você *arranjou aquele* sujeito? — ouvi Lisa dizer, enquanto se aproximavam do carro.

O motorista de táxi cumprimentou as duas, sacudindo a cabeça com ar feliz. Quando passaram por mim, ouvi a música, “Freeway of Love”, e eles riam. Por um surto, de fantasia delirante, imaginei todos juntos, nus, o motorista, Lisa e Karla. Era algo improvável e ridículo, e eu sabia disso, mas eu estava possuído e uma onda causticante de fúria pulsou pela linha do tempo e do destino que me ligou a Karla. Então lembrei que havia deixado as botas e as roupas no apartamento dela.

— Ei! — exclamei enquanto corria atrás do táxi que se afastava. — Minhas roupas! Karla!

— Senhor Lin?

Havia um homem a meu lado. O rosto era familiar, mas não consegui reconhecê-lo imediatamente.

— O que foi?

— Abdel Khader deseja vê-lo, senhor Lin.

A menção do nome de Khader refrescou minha memória. Era Nazeer, o motorista de Khaderbhai. O carro branco estava estacionado nas proximidades.

— Como... como você... O que você está fazendo aqui?

— Ele disse que é para você vir agora. Vou levá-lo — ele fez um gesto para o carro e deu dois passinhos para me encorajar.

— Acho que não dá, Nazeer. Foi um dia complicado. Pode dizer para Khaderbhai que...

— Ele disse para você vir agora — disse Nazeer, com ar sombrio. Não estava sorrindo e tive a sensação de que teria de sair no braço com ele se não quisesse entrar no carro. Eu estava tão irritado, confuso e cansado que cheguei a considerar a hipótese por um momento. *Talvez me custe menos energia, no final das contas, brigar com ele do que acompanhá-lo*, pensei. Mas Nazeer franziu o rosto num esforço para concentrar-se e falou com uma cortesia pouco característica.

— Khaderbhai disse: *Venha, por favor*. Khaderbhai falou bem assim: *Por favor, venha me ver, senhor Lin*.

A expressão *por favor* não combinava muito com ele. Estava claro que, para ele, dom Abdel Khader Khan dava ordens que os outros cumpriam com rapidez e boa vontade. Mas ele recebera ordens para solicitar minha companhia, em vez de exigí-la, e as palavras em inglês que acabava de dizer com tanto esforço tinham sido cuidadosamente decoradas. Imaginei-o atravessando a cidade recitando a sequência de palavras estrangeiras sozinho, constrangido e infeliz com elas, como se fossem fragmentos da oração da religião de outro homem. Por mais estranhas que lhe parecessem, as palavras tiveram efeito sobre mim. Ele pareceu aliviado quando sorri, me rendendo.

— Tudo bem, Nazeer, tudo bem — suspirei. — Vamos ver Khaderbhai.

Ele começou a abrir a porta traseira do carro, mas insisti em me sentar na frente. Assim que nos afastamos da calçada, ele ligou o rádio e deixou o volume bem alto, talvez para impedir a conversa. O envelope que Rajan tinha me entregado ainda estava em minhas mãos. Virei-o de um lado para outro, para examinar. Era de papel artesanal, rosado, do tamanho da capa de uma revista.

Não havia nada escrito do lado de fora. Rasguei o canto e abri. Encontrei uma fotografia em preto e branco. Era uma foto tirada dentro de um quarto, semi-iluminado e repleto de ornamentos dispendiosos de vários períodos e culturas. No meio daquela barafunda esnobe, havia uma mulher sentada em uma cadeira que mais parecia um trono. Usava um vestido de noite de comprimento extravagante, que se espalhava pelo chão e ocultava seus pés. Uma das mãos estava pousada no braço da cadeira. A outra simulava um aceno real ou um elegante gesto de desdém. O cabelo era escuro e arrumado com esmero, caindo em anéis que emolduravam o rosto arredondado, um tanto gorducho. Os olhos amendoados fitavam a câmera diretamente. Tinham um olhar levemente neurótico de indignação estarecida. Os lábios de sua minúscula boca faziam um beicinho determinado, que erguia o pequeno queixo.

Uma mulher bonita? Eu não achei. E uma variedade de impressões nada amáveis partia daquele rosto — altivez, rancor, medo, mimos, obsessão. A foto dizia que ela era todas aquelas coisas e mais. E pior. Mas havia mais alguma coisa na foto, algo mais repugnante e assustador do que o rosto nada gracioso. Era o recado que ela havia escolhido escrever em letras de fôrma vermelhas, na parte de baixo. Dizia: MADAME ZHOU AGORA ESTÁ FELIZ.

## CAPÍTULO CATORZE

— ENTRE, ENTRE, senhor Lin. Não, por favor, sente-se aqui. Estávamos aguardando-o.

Abdel Khader indicou um lugar a sua esquerda. Deixei os sapatos na porta, onde havia diversos outros pares de sandálias e sapatos, e me sentei em uma almofada de brocado. Era uma sala enorme — éramos nove, sentados em torno de uma mesa baixa de mármore, mas não ocupávamos mais do que um cantinho dela. O piso era de lajotas pentagonais lisas e creme. Um tapete de Ishfan quadrado cobria a cerâmica no nosso canto do salão. Um mosaico de miniaturas em azul-claro e branco revestia as paredes e o teto abobadado, criando o efeito de um céu com algumas nuvens. Dois arcos abertos ligavam o salão a corredores largos. Três janelas se abriam para um pátio cheio de palmeiras. Eram emolduradas por pilares esculpidos e coroadas por domos com o formato de minaretes com inscrições no alfabeto árabe. Ouvia-se o barulho da água de uma cascata no pátio, em algum lugar por trás daquelas janelas.

O ambiente era de um esplendor perfeitamente austero. A mobília resumia a uma mesa baixa de mármore e nove almofadas distribuídas de modo uniforme em torno do tapete. A única decoração era uma representação do Kaaba, em Meca, em uma moldura preta e folheada a ouro. Porém os oito homens sentados ou os recostados ali pareciam à vontade em meio àquela simplicidade sem ornamentos, e certamente eram livres para escolher o estilo que preferissem, pois havia a riqueza e o poder de um pequeno império entre eles: um império do crime.

— Está se sentindo melhor, senhor Lin? — perguntou Khaderbhai.

Quando cheguei ao prédio ao lado da mesquita de Nabila, em Dongri, Nazæer havia me conduzido a um banheiro grande e bem-equipado, onde usei o toalete e depois lavei as mãos e o rosto. Naqueles tempos Bombaim era a cidade mais voluptuosamente sórdida do mundo. Não era apenas quente e de uma umidade nauseante: nos oito meses sem chuva do ano, era varrida por nuvens de poeira imunda que se assentavam e manchavam todas as superfícies expostas com uma variedade infundável de sujeiras. Se a gente limpasse o rosto com um lenço depois de meia hora de caminhada por qualquer rua, o pano ficaria preto.

— Sim, muito obrigado. Estou cansado quando cheguei, mas agora estou renovado por uma combinação de gentilezas e instalações sanitárias. — Eu estava falando em híndi e era uma luta manter o bom humor, a sensatez e as boas intenções daquela pequena frase. Não conhecemos realmente o prazer de nos comunicar em nossa própria língua até sermos obrigados a falar a de outra pessoa. Foi um grande alívio quando Khaderbhai falou em inglês.

— Por favor, fale em inglês, senhor Lin. Fico muito feliz que esteja aprendendo nosso idioma, mas hoje gostaríamos de praticar o seu. Todos nós aqui sabemos falar, ler e escrever um pouco em inglês. No meu caso, fui educado em inglês, híndi e urdu. De fato, costume dar por mim pensando em

inglês, antes de outras línguas. Meu amigo Abdul, que está a seu lado, chamaria o inglês de sua primeira língua, eu acho. E todos nós, a despeito de nosso nível de conhecimento, levamos o estudo do inglês muito a sério. É uma questão fundamental para nós. Uma das razões pelas quais o chamei para vir aqui esta noite foi simplesmente para que pudéssemos aproveitar a oportunidade de falar inglês com você, que tem o inglês como língua natal. Este é nosso encontro mensal, você vê, e nosso grupinho conversa sobre... Mas, espere, deixe-me primeiro apresentá-lo às pessoas.

Ele pousou a mão em um gesto carinhoso no braço grosso de um homem idoso e robusto, sentado a sua direita. Ele estava vestido com calça verde e túnica longa, trajes tradicionais do Afeganistão.

— Este aqui é Sobhan Mahmoud. Vamos usar os prenomes depois das apresentações, Lin, pois somos todos amigos aqui. Está bem?

Sobhan sacudiu a cabeça grisalha para me cumprimentar, perscrutando-me com um olhar inflexível, talvez para garantir que eu compreendesse a honra implícita no ato de usar os nomes de batismo.

— Aquele cavalheiro muito grande e sorridente ao lado dele é meu velho amigo de Peshawar, Abdul Ghani. A seu lado está Khaled Ansari, originário da Palestina. Rajubhai, ao lado dele, é da cidade sagrada de Varanasi... já esteve lá? Não? Bem, você precisa arrumar um tempo para visitá-la logo.

Rajubhai, homem calvo e pesado, com um bigode cinzento bem-aparado, sorriu diante da apresentação feita por Khaderbhai e virou-se para mim com as mãos postas, em um cumprimento silencioso. Os olhos, sobre os dedos, eram duros e desconfiados.

— Ao lado do nosso querido Raju — prosseguiu Khaderbhai — está Keki Dorabjee, que veio para Bombaim de Zanzibar com outros parses indianos, há vinte anos, quando foram expulsos da ilha pelo movimento nacionalista.

Dorabjee, um homem muito alto e magro, na casa dos cinquenta anos, dirigiu os olhos negros para mim. A expressão dele parecia tomada de tanta melancolia, que me senti compelido a lhe oferecer um pequeno e reconfortante sorriso em retribuição.

— Em seguida, ao lado de nosso irmão Keki, está Farid. Ele é o mais jovem do grupo e o único de nós que é natural de Maharashtra, pois nasceu em Bombaim, embora sua família seja de Gujarat. A seu lado está Madjid, nascido em Teerã, que vive em nossa cidade há mais de vinte anos.

Um jovem criado trouxe uma bandeja com xícaras e um bule de prata com chá preto. Ele nos serviu, começando por Khaderbhai e terminando em mim. Deixou o salão e voltou imediatamente com duas tigelas de doces *ladoo* e *barfi* que pôs sobre a mesa, antes de partir novamente.

Logo depois, três homens se juntaram a nós no salão, arranjando lugar para si em outro pedaço do tapete, próximo mas ao mesmo tempo um pouco afastado de nós. Eles me foram apresentados — Andrew Ferreira, de Goa, Salman Mustaan e Sanjay Kumar, ambos de Bombaim —, mas daquele momento em diante não abriram mais a boca. Eram, ao que parecia, jovens chefetes em um patamar inferior do conselho: podiam ouvir as reuniões, mas não falar. E ouviram, com muita atenção, observando-nos cuidadosamente. Virei-me com

frequência e descobri seus olhos pousados sobre mim, avaliando-me com um tipo de seriedade que conhecera muito bem na prisão. Estavam julgando se podiam ou não confiar em mim e se seria difícil — apenas por especulação profissional — me matar sem um revólver.

— Lin, normalmente discutimos alguns temas nessas noites — disse Abdul Ghani em um inglês com sotaque britânico que lembrava o de um locutor da BBC —, mas primeiro gostaríamos de lhe perguntar o que você acha disto.

Ele estendeu o braço, empurrando para mim um cartaz enrolado que estava sobre a mesa. Eu o abri e li os quatro parágrafos escritos com letras grandes, em negrito.

### SAPNA

Povo de Bombaim, ouça a voz de seu Rei. Seu sonho chegou e eu sou Sapna, Rei dos Sonhos, Rei do Sangue. Sua hora chegou, meus filhos, e as amarras do sofrimento serão retiradas de vocês. Eu cheguei. Sou a lei. Meu primeiro mandamento é: abram os olhos. Quero que vocês vejam nossa fome, enquanto eles desperdiçam alimentos. Quero que vejam nossos farrapos, enquanto eles usam seda. Vejam como vivemos na sarjeta, enquanto eles habitam palácios de mármore e ouro. Meu segundo mandamento é: matem todos. Façam-no com violência cruel.

Façam em minha memória, Sapna. Eu sou a lei.

Havia mais, muito mais, tudo no mesmo estilo. A princípio, aquilo me pareceu absurdo e comecei a rir. O silêncio no salão e os olhares de concentração tensa que eles me lançaram transformaram o riso em uma careta. Eles levavam aquilo a sério, percebi. Tentei ganhar tempo, pois não sabia o que Ghani queria de mim e li todo aquele panfleto insano e ressentido mais uma vez. Enquanto lia as palavras, lembrei que alguém havia pintado o nome Sapna na parede, na Aldeia do Céu, a vinte e três andares de altura. Lembrei-me do que Prabaker e Johnny Cigar haviam dito sobre os assassinatos brutais em nome de Sapna. O silêncio prolongado e a seriedade cheia de expectativas naquele salão me fizeram sentir um calafrio. Os pelos do meu braço se eriçaram e gotículas de suor começaram a descer pela minha espinha.

— E então, Lin?

— Sim?

— O que você acha disso?

O silêncio era tamanho que eu conseguia me ouvir engolindo em seco. Eles queriam que eu lhes desse algo e esperavam que fosse bom.

— Não sei o que pensar. Quer dizer, é tão ridículo, tão insensato, que é difícil levar a sério.

Madjid grunhiu e pigarreou alto. Juntou as sobrancelhas grossas enquanto franzia a testa.

— Se você considera *sério* retalhar um homem da virilha à garganta e depois deixar seus órgãos e seu sangue esparramados pela casa toda, então este é um assunto sério.

— Sapna fez isso?

— Seus seguidores fizeram, Lin — Abdul Ghani respondeu pelo outro. — Isso e pelo menos outros seis assassinatos parecidos no último mês. Alguns foram ainda mais hediondos.

— Já ouvi as pessoas falarem em Sapna, mas pensei que fosse apenas uma história, uma espécie de lenda urbana. Não li nada sobre o assunto nos jornais, e eu os leio diariamente.

— É um assunto que está sendo tratado da forma mais cautelosa — explicou Khaderbhai. — O governo e a polícia pediram a cooperação da imprensa. As notícias têm saído como se não tivessem relação entre si, como se as mortes fossem consequência de simples assaltos, sem uma ligação. Mas sabemos que os seguidores de Sapna são os autores, pois o sangue das vítimas foi usado para escrever a palavra Sapna nas paredes e no chão. E, apesar da terrível violência dos ataques, nada de muito valor foi roubado das vítimas. Por enquanto esse Sapna não existe oficialmente. Mas é apenas uma questão de tempo até que todo mundo fique sabendo dele e do que é feito em seu nome.

— E vocês... vocês não sabem quem ele é?

— Estamos muito interessados nele, Lin — respondeu Khaderbhai. — O que você acha do cartaz? Foi colocado em muitos mercados e favelas e está escrito em inglês, como você vê. Seu idioma.

Senti um leve tom de acusação naquelas duas últimas palavras. Embora eu não tivesse nenhuma relação com Sapna e não soubesse quase nada sobre ele, meu rosto adquiriu aquele rubor característico da culpa de um homem completamente inocente.

— Não sei. Não acho que possa ajudar nesse caso.

— Vamos lá, Lin — ralhou Abdul Ghani. — Você deve ter alguma impressão, algum palpite. Aqui não há compromissos. Não tenha vergonha. Diga apenas as primeiras coisas que lhe passarem pela cabeça.

— Bem — comecei com relutância —, a primeira coisa é... acho que esse Sapna... ou seja lá quem escreveu este material... deve ser cristão.

— Cristão! — desdenhou Khaled. Ele era um jovem perto dos trinta e cinco anos, com cabelo escuro curto e olhos verdes gentis. Uma larga cicatriz desenhava uma curva delicada que vinha da sua orelha esquerda ao canto da boca, paralisando aquele lado de seu rosto. O cabelo escuro estava ficando prematuramente grisalho. Era um rosto inteligente, sensível, mais desfigurado pelo rancor e pelo ódio do que pelo ferimento à faca. — Tenho a impressão de que deviam *amar* seus inimigos, e não retirar suas tripas!

— Deixe-o concluir — sorriu Khaderbhai. — Vá em frente, Lin. O que faz você pensar que Sapna é um cristão?

— Eu não disse que Sapna é cristão... apenas que quem escreveu essas coisas está usando palavras e expressões cristãs. Veja aqui, na primeira parte, onde ele diz *Eu cheguei...* e... *Façam em minha memória*; essas palavras podem ser

encontradas na Bíblia. E aqui, no terceiro parágrafo... *Sou a verdade em seu mundo de mentiras, sou a luz na sua escuridão de ganância, meu caminho de sangue é a sua liberdade*, ele está parafraseando alguma coisa... *Sou o Caminho, a Verdade e a Luz...* que também está na Bíblia. Nas últimas linhas, ele fala... *Bem-aventurados sejam os assassinos, pois deverão roubar vidas em meu nome*. Isso é uma referência ao Sermão da Montanha. Foi tudo retirado da Bíblia e provavelmente há outras alusões que eu não reconheci. Mas foi tudo alterado. É como se esse cara, seja lá quem escreveu essas coisas, tivesse pegado trechos da Bíblia e virado de cabeça para baixo.

— De cabeça para baixo? Explique, por favor — pediu Madjid.

— Quer dizer, é contra *as ideias* no texto da Bíblia, mas usa o mesmo tipo de *linguagem*. Ele escreveu de forma a obter exatamente o oposto em significado e intenção em relação ao original. Ele meio que virou a Bíblia de cabeça para baixo.

Eu poderia ter falado mais, mas Abdul Ghani interrompeu a conversa abruptamente.

— Muito obrigado, Lin. Você ajudou muito. Mas vamos mudar de assunto. Eu sinceramente não gosto de falar sobre coisas tão desagradáveis quanto esse maluco do Sapna. Só toquei no assunto porque Khader me pediu que o fizesse; e o desejo de Khader Khan é uma ordem para mim. Mas realmente deveríamos tratar de outras questões. Se não começarmos o tema da noite, vamos acabar perdendo a oportunidade. Por isso, vamos fumar e ao que interessa. É nosso costume pedir ao convidado para começar, você poderia nos fazer essa delicadeza?

Farid se levantou e colocou entre nós um enorme narguilé adornado com seis mangueiras serpenteantes, perto da mesa. Distribuiu os tubos de inalação e acocorou-se ao lado do narguilé com diversos fósforos prontos para serem acesos. Os outros fecharam os tubos com os polegares e, enquanto Farid dava vida a uma chama no forninho em forma de tulipa, eu dei uma tragada. Era uma mistura de haxixe e maconha chamada *ganga-jamuna*, cujo nome homenageava os dois rios sagrados, o Ganges e o Jamner. Era tão poderosa e veio com tanta intensidade do cachimbo de água que quase na mesma hora meus olhos injetados perderam o foco e experimentei um leve efeito alucinógeno: a indefinição dos contornos do rosto das pessoas e um ínfimo atraso nos movimentos. Os *Lewis Carrolls*, como Karla chamava. *Estou tão chapada*, dizia ela, *que deu uma onda tipo Lewis Carroll*. Aspirei tanta fumaça do tubo que não consegui mantê-la nos pulmões. Fechei o cachimbo e observei enquanto os outros fumavam em câmera lenta, um após o outro. Eu tinha acabado de domar o sorriso desleixado que se grudara como massa de modelar aos músculos do meu rosto, quando chegou a minha vez de fumar de novo.

O ritual era sério. Não havia risadas nem sorrisos. Ninguém conversava ou trocava olhares. Os homens fumavam com a mesma indiferença melancólica e sincera que poderia ser encontrada em uma longa viagem num elevador repleto de desconhecidos.

— Agora, senhor Lin — disse Khaderbhai, sorrindo gentilmente enquanto

Farid retirava o narguilé e se encarregava de limpar o forninho cheio de cinzas. — Também é parte de nossos costumes pedir ao convidado que escolha o tema da discussão. Costuma ser um tema religioso, mas é facultativo. Sobre o que gostaria de conversar?

— Eu... eu... não sei se estou entendendo muito bem — gaguejei. Meu cérebro explodia silenciosamente em repetições fragmentadas da estampa do tapete aos meus pés.

— Escolha um assunto, Lin. Vida e morte, amor e ódio, lealdade e traição — explicou Abdul Ghani, sacudindo a mão rechonchuda em pequenos círculos enquanto falava de cada par de conceitos. — Fazemos aqui uma coisa parecida com um grupo de estudos, sabe? Nós nos encontramos todos os meses, pelo menos uma vez, e, após acertadas as questões comerciais e pessoais, discutimos temas filosóficos e coisas parecidas. É nossa diversão. E hoje temos você, um inglês, para escolher um assunto para ser discutido em sua língua.

— Para falar a verdade, não sou inglês.

— Não é inglês? Então, de onde você é? — Madjid quis saber. Profundas suspeitas estavam instaladas nos vincos de sua testa.

Era uma boa pergunta. O passaporte falso guardado dentro da mochila, na favela, dizia que eu era cidadão da Nova Zelândia. O cartão de visitas no meu bolso dizia que eu era um americano chamado Gilbert Parker. As pessoas no vilarejo de Sunder deram-me o nome de Shantaram. Na favela, conheciam-me como Linbaba. Muita gente de meu país tinha visto meu rosto em cartazes de bandidos procurados. *Mas será que é mesmo o meu país*, perguntei a mim mesmo. *Será que tenho um país?*

Foi só depois de me fazer tal pergunta que descobri que já tinha a resposta. Se eu tinha um país, uma nação do coração, era a Índia. Eu sabia que não passava de um refugiado, um pária, sem pátria, como milhares de afegãos, iranianos e outros que vinham para Bombaim depois de atravessar uma ponte em chamas. Exilados que usavam montanhas de esperança para enterrar o passado na terra de suas próprias vidas.

— Sou australiano — disse eu, admitindo o fato pela primeira vez desde a minha chegada à Índia. Eu obedecia a um instinto que me avisava que era melhor dizer a verdade a Khaderbhai. Estranhamente, me parecia uma mentira maior do que qualquer história que eu tivesse inventado antes.

— Muito interessante — comentou Abdul Ghani, erguendo uma sobrancelha ao fazer um aceno de cabeça para Khaderbhai. — E qual vai ser o assunto, Lin?

— Qualquer assunto? — perguntei, tentando ganhar tempo.

— Sim, a escolha é sua. Na semana passada, falamos sobre o patriotismo: as obrigações de um homem com Deus e seu dever em relação ao Estado. Um tema que dá pano para mangas. O que gostaria de conversar conosco esta semana?

— Bem, há uma frase naquele cartaz de Sapna que diz... *nosso sofrimento é nossa religião*, ou algo parecido. Isso me levou a pensar em outra coisa. Há alguns dias, a polícia derrubou muitas casas na *zhopadpatti*. Enquanto observávamos, uma das mulheres perto de mim disse... *nosso missão é trabalhar*

*e sofrer*, mais ou menos isso, pelo que pude entender. Ela falou aquilo com muita calma e simplicidade, como se aceitasse, estivesse resignada e compreendesse completamente. Mas eu não compreendo, e acho que nunca vou compreender. Então, talvez a pergunta pudesse ser esta. Por que as pessoas sofrem? Por que as pessoas ruins sofrem tão pouco? E por que as pessoas boas sofrem tanto? Vejam bem, não estou falando de mim. Todo o sofrimento por que passei, a maior parte pelo menos, foi causado por mim mesmo. E Deus sabe que eu causei muito sofrimento a outras pessoas. Mas ainda não entendo isso, especialmente o sofrimento que acomete as pessoas que vivem na favela. Então... sofrimento. Poderíamos falar sobre isso... que tal?

Parei de falar um tanto sem jeito diante do silêncio que saudou minha sugestão, mas alguns momentos depois fui brindado com um caloroso sorriso de aprovação de Khaderbhai.

— É um bom tema, Lin. Sabia que você não nos desapontaria. Madjidbhai, peça que inicie esta discussão.

Madjid pigarreou e abriu um sorriso mal-humorado para seu anfitrião. Coçou as sobrancelhas espessas com o polegar e o indicador e então mergulhou na discussão com o ar seguro de um homem muito acostumado a expressar suas opiniões.

— Sofrimento, deixe-me ver. Acho que o sofrimento é uma questão de escolha. Acho que não temos de sofrer nesta vida, se formos fortes o bastante para recusá-lo. O homem forte pode dominar seus sentimentos de tal forma que é quase impossível fazer que ele sofra. Quando sofremos, com a dor, por exemplo, significa que perdemos o controle. Por isso, vou dizer que o sofrimento é uma fraqueza humana.

— *Achaa-cha* — Khaderbhai murmurou, empregando a forma repetitiva da palavra hindí para *bom*, que pode ser traduzida como *Sim, sim* ou *Bom, bom*. — Sua sugestiva ideia me obriga a fazer a seguinte pergunta: de onde vem a força?

— Força? — grunhiu Madjid. — Todo mundo sabe que... Bem... o que você quer dizer?

— Nada, meu amigo. Mas não é verdade que parte de nossas forças vem do sofrimento? Que passar por dificuldades nos torna mais fortes? Que quem nunca conheceu dificuldades e sofrimento verdadeiros não pode ter a mesma força que outros, que sofreram muito? E, se é verdade, isso não significa que seu argumento é a mesma coisa que dizer que temos de ser fracos para sofrer e temos de sofrer para ser fortes, então temos de ser fracos para ser fortes?

— Sim — admitiu Madjid, sorrindo. — De certa forma, talvez seja verdade, talvez seja um pouco como você diz. Mas ainda acho que é uma questão de força e de fraqueza.

— Não concordo com tudo que nosso irmão Madjid disse — comentou Abdul Ghani —, mas admito que temos certo controle sobre o sofrimento. Isso não é possível negar.

— E onde obter esse controle e de que forma? — indagou Khaderbhai.

— Eu diria que é diferente para cada um de nós, mas acontece quando crescemos, quando amadurecemos e superamos a infantilidade de nossas

lágrimas juvenis para nos tornarmos adultos. Acho que aprender a controlar o sofrimento é parte do processo de crescimento. Quando crescemos e aprendemos que a felicidade é um artigo raro, que dura pouco, ficamos desiludidos e ressentidos. E nosso grau de sofrimento mostra até que ponto tal descoberta nos feriu. O sofrimento é uma espécie de raiva, sabe? Temos raiva da injustiça que é ter de viver nossa cota de tristeza e infelicidade. E esse ressentimento fervilhante, essa *raiva*, é o que chamamos sofrimento. É também o que nos leva à maldição do herói, como eu poderia acrescentar.

— *Maldição do herói!* Chega dessa tal maldição do herói! Você usa *qualquer* pretexto para falar nisso — rosnou Madjid, fazendo uma careta em resposta ao sorriso presunçoso de seu amigo corpulento.

— Há uma teoria que é cara a Abdul, Lin — disse Khaled, o palestino melancólico. — Ele acredita que certos homens são amaldiçoados com virtudes como uma enorme coragem, que os fazem cometer atos desesperados. Ele chama isso de maldição do herói, que os compele a conduzir outros homens ao derramamento de sangue e ao caos. Talvez esteja certo, acho, mas ele fala tanto sobre o assunto que nos deixa malucos.

— Deixando isso de lado, Abdul — insistiu Khaderbhai —, quero fazer uma pergunta sobre o que você disse. Em sua opinião, existe diferença entre o sofrimento que experimentamos e o que causamos aos outros?

— Claro que sim. Aonde quer chegar, Khader?

— É que, se existem pelo menos dois tipos de sofrimento muito diferentes, um que sentimos e outro que provocamos, dificilmente ambos poderiam ser constituídos pela raiva de que você acabou de falar. Não é? Qual é qual?

— Ora... ah! — riu Abdul Ghani. — Você me pegou, Khader, sua raposa velha! Você sempre sabe quando uso argumentos retóricos, *na?* E eu que acreditava ser tão esperto! Mas não se preocupe, vou pensar no assunto e depois volto a falar com você.

Ele pegou uma porção de *barfi* no prato sobre a mesa, mordeu um pedaço e mastigou feliz da vida. Gesticulou para o homem a sua direita, empurrando o doce com os dedos gorduchos.

— E o que você acha, Khaled? O que tem a dizer sobre o tema de Lin?

— Sei que o sofrimento é a verdade — disse Khaled em voz baixa. Os dentes estavam cerrados. — O sofrimento é a ponta afiada do chicote, e *não* sofrer é a outra ponta, aquela que o mestre segura em suas mãos.

— Khaled, meu querido — protestou Abdul Ghani. — Você tem dez anos a menos que eu e o vejo, carinhosamente, como se fosse um irmão mais novo, mas devo lhe dizer que este é um pensamento extremamente deplorável e que você está estragando o prazer que obtivemos de um excelente haxixe.

— Se você tivesse nascido e sido criado na Palestina, saberia que alguns nasceram para sofrer. E, para eles, esse sofrimento não tem fim. Nem por um segundo. Você saberia de onde vem o sofrimento de verdade. É do mesmo lugar onde nascem o amor, a liberdade e o orgulho. E é onde aqueles sentimentos e ideais morrem. O sofrimento nunca acaba. Apenas fingimos que cessa. Só dizemos isso para nós mesmos para que as crianças parem de choramingar na

hora de dormir.

Ele fitou as mãos fortes, lançando-lhes um olhar furioso como se dois inimigos desprezados e derrotados lhe implorassem misericórdia. Um silêncio lúgubre começou a ganhar corpo a nossa volta. Olhamos instintivamente para Khaderbhai. Ele estava sentado com as pernas cruzadas, as costas eretas, balançando um pouco em sua posição. Parecia dedicar às palavras um grau preciso de reflexão respeitosa. Finalmente, fez um sinal com a cabeça para Farid, convidando-o a falar.

— Acho que nosso irmão Khaled está correto, de certa maneira — começou Farid mansamente, quase tímido. Voltou os olhos grandes e castanhos para Khaderbhai. Encorajado pela demonstração de interesse do homem mais velho, ele proseguiu. — Acho que a felicidade é uma coisa real, uma coisa verdadeira, mas é o que nos deixa malucos. A felicidade é tão estranha e poderosa que nos deixa doentes, como uma espécie de micróbio. E o sofrimento é o que nos cura daquilo, do excesso de felicidade. Como é que se diz *bhari vazan*?

— O *fardo* — Khaderbhai traduziu para ele. Farid falou depressa em híndi e Khader nos apresentou com um inglês tão elegantemente poético que percebi, ainda chapado, como seu inglês era melhor do que ele me deixara perceber em nosso primeiro encontro. — *O fardo da felicidade só pode ser aliviado pelo bálsamo do sofrimento.*

— Sim, sim, é o que eu quero dizer. Sem sofrimento, a felicidade nos esmagaria.

— É uma ideia muito interessante, Farid — disse Khaderbhai, e o jovem marata deixou transparecer a satisfação em ouvir aquele elogio.

Senti uma fisgada de ciúmes. A sensação de bem-estar provocada pelo sorriso benévolo de Khaderbhai era tão inebriante quanto a mistura forte que havíamos fumado com o narguilé. O desejo de se tornar um filho para Abdel Khader Khan, de merecer a bênção de seus elogios, era avassalador. O espaço vazio em meu coração, onde poderia e deveria estar o amor por um pai, ganhou a forma de sua silhueta e assumiu os traços de seu rosto. As maçãs do rosto altas e a barba prateada bem-aparada, os lábios sensuais e os olhos profundos, cor de âmbar, se transformaram no rosto perfeito de pai.

Agora, olho para trás — vejo minha prontidão em servi-lo como um filho serviria ao pai, meu desejo de amá-lo de verdade, e como isso aconteceu de forma rápida e inquestionável na minha vida — e me pergunto até que ponto esses sentimentos eram decorrentes de seu grande poder na cidade, sua cidade. Nunca havia me sentido tão seguro em nenhum lugar no mundo como na sua companhia. E esperava que o rio de sua vida pudesse lavar o cheiro, despistar os cães farejadores. Perguntei a mim mesmo milhares de vezes, ao longo dos anos, se eu o teria amado de modo tão rápido e intenso se ele não fosse rico e poderoso.

Sentado ali, naquele salão com teto abobadado, sentindo a fisgada de ciúmes quando ele sorriu para Farid e o elogiou, eu sabia que, embora Khaderbhai tivesse falado em me adotar como filho em nosso primeiro encontro, na realidade, fora eu quem o havia adotado como pai. E, enquanto a discussão

continuava ao meu redor, disse as palavras com bastante clareza, na voz secreta da oração e dos sortilégios... *Pai, pai, meu pai...*

— Você não compartilha nossa alegria de falar inglês, tio Sobhan — disse Khaderbhai, dirigindo-se a um homem grisalho, mais velho, a sua direita. — Então, por favor, permita-me responder por você. Você diria, eu sei, que o Alcorão afirma que nossos pecados e erros são a causa de nosso sofrimento, não é?

Sobhan Mahmoud sacudiu a cabeça, assentindo, os olhos reluzentes acomodados sob um tufo saliente de sobranceiras grisalhas. Parecia divertir-se com o palpite de Khaderbhai sobre sua posição em relação ao tema.

— E acrescentaria que viver de acordo com os princípios corretos, com os ensinamentos do Alcorão sagrado, vai banir o sofrimento da vida de um bom muçulmano e conduzi-lo à felicidade eterna do paraíso, depois da morte.

— Todos nós sabemos o que tio Sobhan pensa — interrompeu Abdul Ghani, impaciente. — Ninguém vai discordar de seus argumentos, tio-ji, mas me permita dizer que você apresenta uma tendência a ser um pouco radical, *na*? Lembro-me bem da vez em que bateu no jovem Mahmoud com uma vara de bambu por ele ter chorado quando a mãe morreu. Naturalmente, é verdade que não devemos questionar a vontade de Alá, mas um toque de compaixão, nesses assuntos, é uma questão de humanidade, não é? Mas, seja como for, estou interessado em *sua* opinião, Khader. Por favor, nos diga, o que você pensa sobre o sofrimento?

Ninguém falou nem se moveu. Houve um aumento perceptível na concentração e na atenção no breve silêncio que se fez enquanto Khaderbhai organizava as ideias. Cada homem tinha sua própria opinião e sua capacidade de articulação, mas tive a nítida impressão de que a contribuição de Khaderbhai costumava ser a última palavra. Senti que sua reação daria o tom, ou talvez se tornasse a resposta que aqueles homens passariam a dar se a pergunta sobre o sofrimento voltasse a ser formulada. A expressão dele era impassível, os olhos baixos, modestamente, porém ele era inteligente demais para não perceber a admiração que inspirava nos outros. Pensei que seria natural sentir-se lisonjeado por aquilo. Quando passei a conhecê-lo melhor, descobri que ele sempre se interessava avidamente pelo que os outros pensavam dele, sempre estava consciente de seu carisma e do efeito que causava nas pessoas a sua volta, e que cada palavra que dizia para todos, menos para Deus, era uma encenação. Ele era um homem que tinha a ambição de mudar o mundo para sempre. Nada do que dizia ou fazia — nem mesmo a tranquila humildade em sua voz profunda, quando se dirigia a nós naquela ocasião — era um inesperado, por acaso ou qualquer coisa que não fosse um fragmento calculado do seu plano.

— Em primeiro lugar, queria fazer um comentário geral. Então, na sequência darei uma resposta mais detalhada. Vocês me permitiriam tal coisa? Bom. Então aqui está o comentário geral: acho que o sofrimento é a forma como testamos nosso amor. Todo ato de sofrimento, por menor ou desesperadamente maior que seja, de alguma forma é um teste do amor. Na maior parte do tempo, o sofrimento também testa nosso amor a Deus. Essa é minha primeira declaração.

Alguém gostaria de discutir esse ponto antes que eu prossiga?

Olhei cada um daqueles rostos. Alguns homens sorriam aprovando seu comentário, outros assentiam e alguns franziam a testa em sinal de concentração. Todos pareciam ansiosos para que Khaderbhai prosseguisse.

— Muito bem, vou partir para a resposta mais detalhada. O sagrado Alcorão nos diz que todas as coisas do universo estão relacionadas e que mesmo os opostos de alguma maneira se atraem. Acho que existem dois pontos sobre o sofrimento que devemos lembrar, e que têm relação com o prazer e a dor. A primeira coisa é: a dor e o sofrimento estão ligados, mas não são a mesma coisa. A dor pode existir sem o sofrimento e também é possível sofrer sem sentir dor. Concordam com isso?

Ele examinou os rostos atentos, em expectativa, e encontrou aprovação.

— A diferença entre eles é a seguinte, eu acho: o que aprendemos com a dor — por exemplo, o fogo queima e é perigoso — é sempre individual, só para nós mesmos, mas o que aprendemos com o sofrimento é o que nos une como seres humanos. Se não sofremos com a nossa dor, não fomos capazes de aprender sobre nada além de nós mesmos. A dor sem o sofrimento é como a vitória sem a luta. Não aprendemos com ela o que nos torna mais fortes, nem melhores, nem mais próximos a Deus.

Todos sacudiram a cabeça, uns para os outros, assentindo.

— E a outra parte, a do prazer? — perguntou Abdul Ghani. Alguns dos homens sorriram suavemente para Ghani enquanto ele olhava um por um. Ele retribuiu a risada. — O quê? *O quê?* Um homem não pode ter um interesse saudável e científico no prazer?

— Ah — prosseguiu Khader —, acho que é mais ou menos como o tal de Sapna fez com as palavras da Bíblia cristã, como nos disse o senhor Lin. É o contrário. O sofrimento é exatamente igual à felicidade, ao contrário. Um é a imagem refletida do outro e não tem significado real nem existência sem o outro.

— Perdoe-me. Não compreendo — disse Farid com humildade, olhando para os outros e corando intensamente. — Pode me explicar, por favor?

— É assim — disse Khaderbhai com doçura. — Use minha mão como exemplo. Se eu abrir a mão assim, esticando os dedos e mostrando a palma, ou se abrir a mão e a colocar em seu ombro, com os dedos abertos assim, isso é felicidade, ou podemos chamá-la dessa forma, neste momento. E, se eu dobrar os dedos e fechar a mão, desse jeito, podemos chamar isso de sofrimento. O significado e o poder dos dois gestos são opostos. Um é completamente diferente do outro na aparência e no que pode desencadear, mas a mão que faz o gesto é a mesma. O sofrimento é a felicidade, ao contrário.

Cada homem teve nova oportunidade de expor seus pensamentos, e a discussão foi e voltou durante duas longas horas, retornando ao ponto inicial à medida que os argumentos eram elaborados ou abandonados. Fumamos haxixe. O chá foi servido mais duas vezes, sendo que Abdul Ghani resolveu misturar uma pedrinha de ópio no dele, bebendo-o com uma careta experiente.

Madjid acabou concordando que o sofrimento não era necessariamente um sinal de fraqueza, mas insistiu que poderíamos nos resguardar com a ajuda de uma força de vontade proveniente de uma rígida autodisciplina, uma espécie de

sofrimento autoimposto. Farid aprofundou sua concepção sobre o sofrimento como uma antitoxina ao veneno da felicidade, recordando-se de incidentes específicos da vida de amigos. O velho Sobhan murmurou algumas frases em urdu e Khaderbhai as traduziu para nós: existem algumas coisas que nós, seres humanos, nunca entenderemos, coisas que apenas Deus pode compreender, e o sofrimento pode ser uma delas. Keki Dorabji afirmou que o universo, segundo a religião parse, é um processo de conflito entre opostos — luz e escuridão, calor e frio, sofrimento e prazer —, e nada pode existir sem a existência de seu oposto. Rajubhai acrescentou que o sofrimento é uma condição da alma que ainda não foi iluminada e que permanece presa à roda do carma. Khaled não disse mais nada, apesar das provocações de Abdul Ghani, que o incitou e o bajulou diversas vezes antes de desistir, visivelmente irritado com a insistência na recusa.

De sua parte, Abdul Ghani se mostrou o mais falante e agradável do grupo. Khaled era um homem intrigante, mas havia rancor — rancor excessivo, talvez — se remoendo dentro dele. Madjid havia sido soldado profissional no Irã. Parecia corajoso e direto, mas dado a uma visão simplista do mundo e das pessoas. Sobhan Mahmoud era, sem a menor dúvida, piedoso, mas havia nele um cheiro vagamente antisséptico de inflexibilidade. O jovem Farid era aberto, humilde e, pelo que suspeitei, facilmente dominável. Keki era melancólico e pouco participativo, e Rajubhai parecia suspeitar de mim, quase ao nível da grosseria. De todos, apenas Abdul Ghani demonstrou algum senso de humor e só ele dava gargalhadas. Ele ficava à vontade tanto com os mais jovens quanto com os mais velhos. Espalhava-se na cadeira, enquanto os outros se sentavam comportadamente. Ele interrompia, soltava interjeições quando queria, e comia, bebia e fumava mais do que qualquer outro no salão. Era especialmente carinhoso e irreverente com Khaderbhai. Tive certeza de que eram grandes amigos.

Khaderbhai fez perguntas, sondou, fez comentários, mas não acrescentou uma palavra ao que dissera. Fiquei em silêncio, acompanhando o que se falava, cansado e grato por ninguém me pressionar a falar.

Quando Khaderbhai deu a reunião por encerrada, ele caminhou comigo até a porta que se abria para a rua ao lado da mesquita Nabila e me parou ali, com um toque suave da mão em meu antebraço. Disse que estava feliz por eu ter vindo e que esperava que eu tivesse me divertido. Então me pediu que voltasse no dia seguinte, pois havia um favor que eu poderia lhe prestar, se estivesse disposto. Surpreso e lisonjeado, concordei na mesma hora, prometendo encontrá-lo no mesmo lugar na manhã seguinte. Mergulhei na noite e praticamente tirei aquilo da cabeça.

Na longa caminhada de volta para casa, meus pensamentos examinavam as ideias apresentadas por aquele grupo erudito de criminosos. Lembrei-me de outras discussões semelhantes que tivera com companheiros de prisão. Apesar da baixa escolaridade deles, ou talvez por causa disso, muitos homens que conheci na cadeia tinham um interesse fervoroso pelo mundo das ideias. Não chamavam aquilo de filosofia, e talvez nem soubessem do que se tratava, mas o assunto das conversas costumava ser exatamente isto: questões abstratas sobre a moral e a ética, significado e objetivo.

Aquele havia sido um dia muito longo, com uma noite mais longa ainda. Com a fotografia de Madame Zhou no bolso traseiro, os pés apertados nos sapatos comprados para enterrar o ex-amante de Karla e a cabeça cheia de definições sobre o sofrimento, caminhei nas ruas cada vez mais vazias e me lembrei de uma cela em uma prisão australiana onde os assassinos e ladrões a quem chamava de amigos costumavam se reunir para discutir, de forma apaixonada, a verdade, o amor e a virtude. Perguntei-me se eles se lembrariam de mim de vez em quando. *Será que virei uma lenda para eles*, perguntei-me, *uma lenda de liberdade e fuga? Como eles responderiam à pergunta sobre o que é o sofrimento?*

Eu sabia. Khaderbhai nos deixara atordoados com a sabedoria de sua rara lucidez e sua astúcia e seu talento para expressá-la. A definição dele era precisa e mordaz — *o sofrimento é a felicidade ao contrário* — para fígar um peixe na memória. Mas a verdade sobre o que de fato significa o sofrimento humano, na boca seca e amedrontada da vida, não passou pela astúcia de Khaderbhai naquela noite. Pertenceu a Khaled Ansari, o palestino. Sua definição me acompanhava. As palavras simples e diretas foram a expressão mais clara daquilo que todos os prisioneiros e qualquer um que viva o bastante compreende perfeitamente bem — que o sofrimento, de todos os tipos, sempre envolve uma perda. Quando somos jovens, achamos que o sofrimento é algo que fazem conosco. Quando ficamos mais velhos — quando damos de cara com a porta de aço —, sabemos que o verdadeiro sofrimento é medido por aquilo que nos é tirado.

Sentindo-me pequeno, sozinho e solitário, percorri os becos escuros da favela graças à memória e ao tato. Ao entrar pela última viela antes de chegar a meu barraco vazio, vi uma luz acesa. Um homem com uma lanterna na mão estava não muito distante de minha porta. Ao lado dele, uma criança, uma menininha, com cabelo preso e desarrumado. Aproximei-me e vi que o homem com a lanterna era Joseph, o bêbado que havia surrado sua mulher, e que Prabaker estava com ele, nas sombras.

— O que está acontecendo? — sussurrei. — Já é tarde.

— Olá, Linbaba. Belas roupas você está usando, para variar — sorriu Prabaker, o rosto redondo flutuando na luz amarela. — Adoro os sapatos... tão limpos e brilhantes. Chegou bem na hora. Joseph está fazendo coisas boas. Ele gastou dinheiro para colocar o sinal de boa sorte nas portas de todo mundo. Como deixou de ser um bêbado, agora trabalha muitas horas extras e, com uma parte do dinheiro que ganhou, ajuda a trazer boa sorte para todos nós.

— O sinal de boa sorte?

— Sim, veja esta criança. Olhe a mão dela. — Ele ergueu os punhos da garotinha e exibiu as mãos. Na luz fraca, não estava muito claro o que eu deveria ver. — Veja, aqui, ela só tem quatro dedos. Veja só! Quatro dedos. Muito boa sorte.

Eu vi. Dois dedos das mãos da criança eram imperceptivelmente colados, como se formassem apenas um dedo grosso entre o indicador e o médio. As palmas da mão estavam azuis. Joseph segurava um prato raso com tinta azul. A criança mergulhava as mãos nele e deixava a marca nas portas de todos os

barracos de nosso beco, para proteger contra muitas das aflições atribuídas ao Olho Grande. Os favelados, supersticiosos, pareciam considerá-la uma pessoa especialmente abençoada por ter nascido com a rara diferença de ter apenas quatro dedos em cada mão. Enquanto eu observava, a criança se aproximava para deixar a impressão de suas mãozinhas na minha frágil porta. Com um aceno rápido e sério de cabeça, Joseph levou a menina para o barraco seguinte.

— Estou ajudando esse sujeito que costumava bater na mulher e bebia pra caramba, o Joseph — disse Prabaker em um murmúrio teatral que poderia ser ouvido a vinte metros de distância. — Você quer alguma coisa, antes que eu vá embora?

— Não, obrigado. Boa noite, Prabu.

— *Shuba ratri*, Lin — sorriu ele. *Boa noite*. — Tenha bons sonhos para mim, certo?

Ele se virou para partir, mas eu o impedi.

— Ei, Prabu.

— Sim, Lin?

— Diga-me, o que é sofrimento? O que você acha? Por que você acha que as pessoas sofrem?

Prabaker olhou para a viela escura, ladeada por barracos caindo aos pedaços, até a luz trêmula do lampião de Joseph. Ele me olhou de volta. Apenas seus olhos e dentes estavam visíveis, embora estivéssemos bem próximos.

— Está se sentindo bem, Lin?

— Estou ótimo — gargalhei.

— Você por acaso bebeu *darú* esta noite, como o beberão do Joseph?

— Não, nada disso. Estou ótimo. Vamos lá, você sempre dá definições de tudo para mim. Conversamos sobre o sofrimento esta noite, e estou interessado em saber o que você pensa disso.

— É fácil. Sofrimento é fome, não é? Fome de qualquer coisa significa sofrimento. Não ter fome de alguma coisa significa não sofrer. Mas todo mundo sabe disso.

— Sim, acho que todo mundo sabe. Boa noite, Prabu.

— Boa noite, Lin.

Ele se afastou, cantando, e sabia que nenhuma das pessoas que dormiam naqueles barracos miseráveis se importaria. Ele sabia que, se despertassem, ouviriam por um momento, e depois voltariam a dormir com um sorriso, pois ele estava cantando o amor.

— ACORDE, LIN! Ei, Linbaba, você precisa acordar agora.

Um olho se abriu e focalizou um balão moreno e flutuante com a cara de Johnny Cigar. O olho voltou a fechar.

— Cai fora, Johnny.

— Também gosto muito de você, Lin — riu ele, irritantemente feliz — Você precisa se levantar.

— Você é insuportável, Johnny. É um homem cruel e diabólico. Sai daqui.

— Um sujeito se feriu, Lin. Precisamos de sua caixa de primeiros socorros e de suas habilidades médicas também.

— Ainda está escuro — grunhi. — São duas da manhã. Diga para ele voltar quando o dia clarear, quando eu acordar.

— Puxa, com certeza vou lhe dizer e ele vai voltar, mas acho que você deveria saber que ele está sangrando muito. Mas, se você insiste em dormir mais, vou enxotá-lo da sua porta agora mesmo, com três ou quatro boas chineladas.

Eu mergulhava nas águas profundas do sono, mas aquela palavra, *sangrando*, me trouxe de volta para a margem. Sentei-me, assustado com a dormência no quadril. Minha cama, como a maioria das camas na favela, era um cobertor dobrado duas vezes, colocado sobre a terra batida. Poderia conseguir colchões de paina, mas eles eram pouco práticos. Ocupavam espaço demais nos pequenos barracos e logo eram infestados por piolhos, pulgas e outras pragas, considerados irresistíveis pelos ratos. Depois de longos meses dormindo no chão, eu estava acostumado, mas não havia muita carne sobre meus quadris e eu acordava dolorido todas as manhãs.

Johnny segurava um lampião bem próximo ao meu rosto. Pisquei, afastando-o de modo a poder ver outro homem acororado à porta, com o braço estendido diante de si. Havia um grande corte ou rasgão no braço, e o sangue gotejava dentro de um balde. Ainda meio adormecido, fiquei olhando estupidamente o balde de plástico amarelo. O homem tinha trazido o próprio balde consigo, para evitar que o sangue manchasse o chão de meu barraco. De certa forma, aquilo parecia mais perturbador do que a própria ferida.

— Desculpe o incômodo, senhor Lin — disse o rapaz.

— Este é Ameer — grunhiu Johnny Cigar, acertando a nuca do ferido com um tapa retumbante. — É um sujeito muito estúpido, Lin. *Agora*, ele lamenta muito o incômodo. Eu deveria usar meu chinelo para dar-lhe uma surra.

— Meu Deus, que horror. É um corte feio, Johnny. — O talho longo e profundo ia do ombro até a ponta do cotovelo. Um pedaço de pele grande e triangular, com a forma da lapela de um paletó, começava a pender da ferida. — Ele precisa de um médico. Tem que dar pontos. Você tem que levá-lo ao hospital.

— Hospital *naya!* — choramingou Ameer. — *Nahin*, baba!

Johnny deu-lhe um tapa na orelha.

— Cale a boca, imbecil! Ele não vai para o hospital nem para o médico, Lin. É um sujeito perigoso, um *goonda*. Tem medo da polícia. Não é, seu estúpido? Medo da polícia, *na*?

— Pare de bater nele, Johnny. Não está ajudando em nada. Como isso aconteceu?

— Briga. A gangue dele contra outra gangue. Eles lutam com espadas e machadinhas, esses bandidinhos de rua, e o resultado é esse.

— Eles começaram. Estavam fazendo provocação de Eva! — reclamou Ameer. *Provocação de Eva* era o nome empregado para atentado violento ao pudor, que na Índia cobria uma variada gama de ofensas que ia do uso de linguagem chula ao abuso sexual. — Mandamos que parassem. Nossas mulheres estavam incomodadas. Foi só por isso que fomos brigar com eles.

Johnny ergueu a mão aberta, silenciando o protesto de Ameer. Ele queria bater mais uma vez no jovem, mas minha testa franzida obrigou-o a fazer uma pausa relutante.

— Você acha que isso é motivo para brigar com espadas e machadinhas, seu estúpido? Sua mãe vai ficar muito feliz quando souber que você quase perde o braço só porque uns bandidinhos não estavam respeitando suas mulheres, *na*? Muito feliz, ela vai ficar! E agora você quer que Linbaba lhe costure e deixe seu braço direitinho. *Sem-vergonha*, é o que você é!

— Espere um minuto, Johnny. Não posso fazer isso. É muito grande e complicado... é demais.

— Você tem agulhas e algodão nas suas caixas, Lin.

Ele tinha razão. O estojo continha agulhas de sutura e fios de seda. Mas eu nunca havia usado aquilo.

— Eu nunca usei, Johnny. Não posso fazer isso. Ele precisa de um profissional... um médico ou uma enfermeira.

— Já disse, Lin. Ele não vai ao médico. Tentei obrigá-lo. Alguém da outra gangue se feriu ainda mais gravemente do que esse garoto estúpido. Talvez ele até *morra*, o outro cara. Virou assunto policial e estão fazendo perguntas. Ameer não vai a nenhum médico ou hospital.

— Se você me der, eu mesmo faço — disse Ameer, engolindo em seco.

Os olhos dele estavam arregalados com medo e uma determinação provocada pelo terror. Pela primeira vez, olhei direto em seu rosto e vi como era jovem: dezesseis ou dezessete anos. Usava tênis Puma, jeans e uma camiseta de basquete com o número vinte e três na frente. As roupas eram cópias indianas de famosas marcas ocidentais, mas eram cobçadas por seus colegas na favela, outros rapazes sem barriga e com a cabeça repleta de sonhos estrangeiros. Jovens que ficavam sem comer para comprar roupas que imaginavam que os deixariam idênticos aos estrangeiros descolados nas revistas e nos filmes.

Eu não conhecia o garoto. Era um dos milhares que eu nunca tinha visto, apesar de já estar ali há quase seis meses e de ninguém morar a mais de quinhentos ou seiscentos metros do meu barraco. Alguns homens, como Johnny Cigar e Prabaker, pareciam conhecer todo mundo na favela. Eu achava extraordinário que soubessem detalhes íntimos da vida de tantos milhares de

peessoas. Mais notável ainda era o fato de se importarem — de incentivarem, ralharem e se preocuparem com todos eles. Tentei imaginar qual seria a ligação do rapaz com Johnny Cigar. Ameer tremia com a friagem da noite, apertando os lábios em um gemido sem som, enquanto contemplava a hipótese de pegar a agulha e costurar a própria carne. Perguntei-me como Johnny, de pé, atrás dele, o conhecia bem o bastante para garantir que ele o faria; para acenar com a cabeça para mim, indicando: *Sim, se você lhe der a agulha, ele mesmo vai fazer.*

— Tudo bem, tudo bem. Vou fazer — cedi. — Vai doer. Não tenho nenhum anestésico.

— Doer! — Johnny exclamou retumbante. — A dor não é problema, Lin. Bom que você tenha dores, Ameer, seu *chutia*. Deveria estar sentindo dores no *cérebro*.

Fiz Ameer sentar na minha cama, cobrindo-lhe os ombros com outro cobertor. Tirei o fogareiro a querosene da minha caixa de artigos de cozinha, coloquei-o no lugar, acendi-o e pus uma panela de água para ferver. Johnny saiu para pedir que alguém fizesse chá quente e doce. Lavei o rosto e as mãos apressadamente, no escuro, no espaço aberto reservado para ser usado como banheiro, ao lado do barraco. Quando a água ferveu, pus um pouco em um prato e joguei duas agulhas na panela para serem esterilizadas pelo calor. Com antisséptico, água morna e sabão, lavei a ferida e então a sequei com gaze limpa. Enrolei o braço firmemente com a gaze, deixando que ficasse no lugar por dez minutos, para juntar a ferida, na esperança de que aquilo facilitasse a sutura.

Insisti para que Ameer bebesse duas grandes canecas de chá doce, para amenizar o choque cujos sinais já se faziam notar. Ele estava com medo, mas calmo. Confiava em mim. Não poderia saber que eu só tinha feito o procedimento uma vez e em circunstâncias ironicamente semelhantes. Um homem fora esfaqueado durante uma briga na prisão. O problema entre os dois antagonistas, fosse o que fosse, tinha sido resolvido naquele conflito violento e o assunto estava encerrado entre eles. Mas, se o ferido se apresentasse na enfermaria da prisão para receber tratamento, as autoridades o enfiariam em uma unidade de isolamento para presos sob proteção. Para alguns homens, pedófilos e delatores, principalmente, não havia alternativa, pois de outra forma não sobreviveriam. Para outros, colocados ali contra a vontade, a ala de proteção era uma maldição: a maldição da suspeita, das calúnias, com a companhia de homens que desprezavam. O esfaqueado me procurou. Suturei a ferida com uma agulha de sapateiro e linha de costura. A ferida fechou, mas deixou uma cicatriz feia e ondulada. Aquela lembrança nunca saiu da minha cabeça e eu não estava muito seguro quanto aos resultados que obteria no braço de Ameer. O sorriso manso e confiante que o rapaz me oferecia não ajudava. *As pessoas sempre nos ferem com a sua confiança*, disse Karla, certa vez. *A forma mais segura de magoar uma pessoa de quem se gosta é depositar toda a confiança nela.*

Bebi chá, fumei um cigarro e comecei a trabalhar. Johnny ficou na soleira, tentando inutilmente espantar diversos vizinhos curiosos e seus filhos. A agulha de sutura era curva e muito fina. Supus que deveria ser usada com algum dos alicates, mas não tinha nenhum no estojo. Emprestara-os a um dos garotos para

que consertasse uma máquina de costura. Tive de enfiar a agulha na pele e puxá-la pelo outro lado com meus dedos. Era um movimento complicado, escorregadio, e os primeiros pontos em forma de cruz ficaram horríveis. Ameer tremia e fazia todo tipo de caretas, mas não gritou de dor. Depois do quinto ou sexto ponto, eu já havia desenvolvido uma técnica que tornava sua aparência mais aceitável, além de diminuir a dor.

A pele humana é mais resistente e flexível do que parece. Também é relativamente simples de costurar. O fio pode ser puxado bem apertado, sem comprometer o tecido. No entanto, por mais fina e afiada que seja, a agulha ainda é um objeto invasor, e quem ainda não repetiu o trabalho tantas vezes para se acostumar com ele tem de arcar com um sofrimento psicológico sempre que a enfia na carne de outro ser. Comecei a suar intensamente, apesar de ser uma noite fresca. Enquanto o trabalho progredia, Ameer foi ficando mais animado, e eu, mais tenso e exaurido.

— Você deveria ter insistido para ele ir a um hospital! — explodi com Johnny Cigar. — Isso é ridículo!

— Você está costurando muito bem, Lin — protestou ele. — Poderia fazer uma bela camisa, com pontos como esses.

— Não está tão bom quanto deveria. Ele vai ficar com uma cicatriz enorme. Não sei o que estou fazendo aqui, porra.

— Você anda com problemas com o banheiro, Lin?

— O quê?

— Não tem ido ao banheiro? Está com o intestino preso?

— Pelo amor de Deus, Johnny! Do que está falando?

— Seu mau humor, Lin. Esse não é seu comportamento habitual. Talvez seja um problema de prisão de ventre, não é?

— Não! — grunhi.

— Então é intestino *solto*, eu acho.

— No mês passado ele ficou com o intestino solto durante três dias — contribui uma das minhas vizinhas, pela porta aberta. — Meu marido me contou que Linbaba estava indo três ou quatro vezes ao toalete durante o dia e mais três ou quatro vezes à noite. A rua inteira estava comentando.

— Ah, sim, eu lembro — recordou-se outra vizinha. — Estava com muita dor! Que caras ele fazia quando ia ao toalete, *yaar*. Como se estivesse parindo um bebê. E era muito líquido, muito solto. Como água. E saía tão rápido, como os canhões que explodem no dia da Independência. *Dadung!* Fazia assim! Recomendei que bebesse *chandu-chai* naquela vez, e ele voltou a ter fezes duras e de cor muito boa.

— Boa ideia — apoiou Johnny. — Vá e providencie um pouco de *chandu-chai* para a barriga de Linbaba.

— Não! — gemi. — Não *estou* com o intestino solto. Não estou com o intestino *preso*. Não tive sequer oportunidade de *ir* ao banheiro hoje. Mal acabei de acordar, pelo amor de Deus! De que adianta? Pronto, acabei. Você vai ficar bem, Ameer, eu acho. Mas precisa tomar uma vacina antitetânica.

— Não preciso, Linbaba. Tomei a vacina há três meses, depois da última

briga.

Limpei o ferimento mais uma vez, polvilhei com talco antibiótico. Cobri os vinte e seis pontos com um curativo frouxo. Alertei que tomasse cuidado para não molhar e recomendei que voltasse em dois dias para que pudesse olhá-lo. Ele tentou me pagar, mas recusei o dinheiro. Ninguém pagava pelo tratamento que eu ministrava. Mas essa não foi a principal razão para a minha recusa. A verdade é que eu sentia uma irritação curiosa, inexplicável — com Ameer, com Johnny e comigo mesmo — e dispensei-o sumariamente. Ele tocou meus pés e saiu, recebendo de Johnny Cigar mais um tapa na cabeça.

Eu ia começar a arrumar a bagunça no barraco quando Prabaker entrou correndo, agarrou minha camisa e tentou me arrastar porta a fora.

— Que bom que não está dormindo, Linbaba — exclamou sem fôlego. — Podemos economizar o tempo de acordá-lo. Você tem que vir comigo agora! Depressa, por favor!

— Pelo amor de Deus, o que houve agora? — resmunguei. — Solte-me, Prabu. Preciso arrumar essa bagunça.

— Não há tempo para isso, baba. Venha agora, por favor. Nenhum problema!

— *Muito* problema! — contradisse-o. — Não vou a lugar nenhum até que me explique que diabos está acontecendo. É isso, Prabu. Minha última palavra. Nenhum problema.

— Você *precisa* vir com toda a certeza, Lin — insistiu ele, arrastando-me pela camisa. — Seu amigo está na cadeia. Você precisa ajudar!

Abandonamos o barraco e disparamos pelas vielas escuras da favela adormecida. Na rua principal, na frente do hotel President, pegamos um táxi e percorremos as vias limpas e silenciosas da colônia parse, a doca Sassoon e o mercado de Colaba. O táxi parou em frente à delegacia de Colaba, bem diante do Leopold. O bar estava fechado, como era natural, com as portas de metal abaixadas até a calçada. Parecia excepcionalmente tranquilo: o silêncio cheio de ecos de um bar popular quando fechado.

Prabaker e eu passamos pelos portões da delegacia e entramos no complexo. Meu coração batia depressa, mas eu parecia estranhamente calmo. Todos os tiras falavam marata — era uma exigência para a contratação. Eu sabia que não tinham nenhum motivo especial para suspeitar de mim ou para me provocar. Meu conhecimento do idioma marata tanto lhes agradaria quanto os surpreenderia. Assim me tornaria popular entre eles, e essa pequena dose de notoriedade me protegeria. De qualquer maneira, era uma viagem ao território inimigo. Em meus pensamentos, empurrei a caixa pesada e trancada dos medos para o fundo do porão.

Prabaker falou em voz baixa com um *havaladar*, ou comissário de polícia, aos pés de uma longa escada metálica. O homem assentiu e deu um passo para o lado. Prabaker fez um movimento com a cabeça para que o seguisse, subindo os degraus até um patamar com uma porta pesada, no primeiro andar. Um rosto apareceu atrás da abertura da porta. Grandes olhos castanhos fitaram à esquerda e à direita antes que a porta fosse aberta para nós. Entramos em uma antessala

onde havia uma escrivaninha, uma cadeirinha de metal e uma cama de bambu. O guarda que abriu a porta estava de plantão naquela noite. Falou rapidamente com Prabaker e depois me olhou com raiva. Era um homem alto, com uma barriga proeminente, bigode grande, muito peludo, com alguns fios brancos. Atrás dele havia uma grade metálica, de correr. Depois desse portão, os rostos de dezenas de prisioneiros nos observavam com grande interesse. O guarda virou as costas largas para eles e estendeu a mão.

— Ele quer que você... — começou Prabaker.

— Eu sei — interrompi, remexendo o bolso de meus jeans. — Ele quer *baksheesh*. Quanto?

— Cinquenta rúpias — sorriu Prabaker, encarando o guarda alto com seu melhor sorriso.

Entreguei uma nota de cinquenta rúpias, logo embolsada pelo policial. Ele me deu as costas e se aproximou da grade. Nós o seguimos. Mais homens haviam se reunido ali, completamente despertos, tagarelando, apesar do avançado da hora. O guarda encarou cada um deles, até que todos fizessem silêncio. Então, pediu que eu me aproximasse. Quando olhei pelas grades do portão, a aglomeração de homens se dividiu e duas figuras fantásticas abriram caminho até chegar à frente. Eram os domadores de urso, os homens de pele azul que haviam acompanhado Kano, o urso, até a favela, a pedido de Abdullah. Eles se aproximaram do portão e agarraram a grade, falando tão rápido e com tanta ansiedade que eu só conseguia entender uma a cada quatro ou cinco palavras.

— O que está acontecendo, Prabu? — perguntei, espantadíssimo. Quando Prabaker disse que *meu amigo* estava na cadeia, presumi que se referia a Abdullah. Eu esperava encontrar Abdullah atrás das grades, e me movi para a esquerda e para a direita tentando ver quem estava por trás dos domadores e dos outros homens amontoados junto ao portão.

— São seus amigos, certo? — perguntou Prabaker. — Você lembra, Lin? Eles levaram Kano para lhe dar abraços de urso.

— Sim, claro, eu me lembro deles. Você me trouxe para *vê-los*?

Prabaker piscou e, em seguida, voltou-se rapidamente para verificar as expressões do carcereiro e dos domadores.

— Sim, Lin — disse baixinho. — Esses homens pediram que você viesse. Você... você quer ir embora?

— Não, não é isso... deixa para lá. O que eles querem? Não consigo entender o que estão dizendo.

Prabaker lhes pediu que explicassem o que queriam, e os dois sujeitos de pele azul contaram sua história aos berros, agarrados à grade de metal como se fossem tábuas de um bote em alto-mar.

— Eles dizem que estavam ali perto da Marinha em Nagar e encontraram outros sujeitos que também eram domadores de urso, que tinham um urso muito triste e magrelo — explicou Prabaker, pedindo que os homens se acalmassem e falassem mais devagar. — Dizem que esses outros não estavam tratando o urso com respeito. Eles batiam nele com chicote, o urso chorava, estava cheio de dores.

Os domadores falavam tão depressa que mantinham Prabaker em silêncio, ouvindo e meneando a cabeça, com a boca aberta para traduzi-los. Os outros prisioneiros se aproximaram do portão para escutar. O corredor por trás do portão tinha longas janelas com uma grade de metal. Do outro lado do abarrotado corredor, havia diversas celas. Homens saíam delas, aumentando a aglomeração diante do portão que já contava com mais de cem prisioneiros, todos ouvindo fascinados a história dos domadores de urso.

— Estavam judiando do pobre animal — traduziu Prabaker. — E, mesmo quando ele chorava, os sujeitos não paravam de maltratá-lo. E além do mais era uma *fêmea*!

Os homens no portão reagiram com gritos raivosos, ultrajados, e manifestações de compaixão.

— Nossos amigos aqui ficaram muito aborrecidos com os caras que batiam no urso. Então, aproximaram-se deles e disseram que não deviam bater em nenhum urso. Mas eles eram maus e mal-humorados, aqueles sujeitos. Houve muitos gritos, empurrões e xingamentos. Um deles chamou as irmãs de nossos amigos de putas. Eles, por sua vez, os chamaram de babacas. Os caras chamaram nossos amigos de canalhas filhos da puta. Nossos amigos os chamaram de veados. Os outros disseram mais alguma coisa sobre foder todo mundo. Nossos amigos responderam...

— Vá direto ao assunto, Prabu.

— Sim, Lin — disse ele, ouvindo atentamente. Houve uma pausa demorada.

— E aí? — quis saber.

— Ainda muitos palavões, Lin — respondeu, dando de ombros. — Mas alguns deles, devo admitir, são muito, muito bons, você quer ouvir?

— Não!

— Tudo bem — disse ele, finalmente —, no final alguém chamou a polícia. Então houve uma grande briga.

Ele fez outra pausa para ouvir a próxima parte da história. Voltei-me para dar uma olhada no carcereiro e vi que ele estava tão profundamente absorvido no desdobramento da saga quanto qualquer um dos prisioneiros. Ele mascava *paan* enquanto ouvia, o bigode basto como um arbusto subindo e descendo e, inconscientemente, enfatizando seu interesse. Um rugido de aprovação em relação a alguma parte da história foi lançado pelos prisioneiros atentos, manifestação de apreço à qual o carcereiro se juntou.

— A princípio, os caras estavam ganhando a grande luta. Foi tanta pancadaria, que parecia o Mahabharata. Os amigos deles entraram na briga, distribuindo socos, chutes e chineladas. Então Kano, o urso, ficou bravo. Pouco antes de a polícia chegar, Kano entrou na briga, para ajudar seus domadores. Ele acabou com a briga bem rápido. Golpeou os sujeitos à esquerda e à direita. Kano é um urso bom de briga. Deu uma tremenda surra nos caras e nos amigos deles.

— Então os caras azuis foram presos — concluí por ele.

— É triste, mas é verdade. Eles foram presos, acusados de perturbar a ordem pública.

— Tudo bem. Vamos conversar.

Prabaker, o carcereiro e eu nos afastamos dois passos do portão e ficamos perto da escrivanhinha de metal. Atrás de mim, eu via que os homens se esforçavam para ouvir nossa conversa.

— Qual é a palavra em hindí para *fiança*, Prabu? Veja se nós podemos pagar a fiança desses caras, para eles saírem da cadeia.

Prabaker perguntou, mas o carcereiro balançou a cabeça e disse que estava fora de questão.

— É possível pagar a *multa*? — perguntei em marata, empregando o eufemismo mais usado para designar a propina policial.

O carcereiro sorriu e balançou a cabeça. Um policial tinha ficado ferido no confronto, explicou ele, e o assunto estava fora do seu controle.

Dei de ombros, impotente, e me virei de novo para o portão. Expliquei para os homens que não podíamos pagar fiança nem propina para tirá-los da cadeia. Eles responderam tão rápido, em um hindí tão truncado, que não consegui entender o que diziam.

— Não, Lin! — anunciou Prabaker, sorrindo para mim. — Eles não estão preocupados com o que vai acontecer com eles. Estão preocupados com Kano! Ele também foi preso, aquele urso. Estão muito preocupados com o urso. É para isso que querem sua ajuda!

— O *urso* está preso? — perguntei ao carcereiro, em marata.

— *Ji, ha!* — respondeu ele com uma onda de orgulho sacudindo o bigode. *Sim, senhor!* — O urso está na custódia, no andar de baixo!

Olhei para Prabaker e ele deu de ombros.

— Talvez a gente deva ver o urso — sugeriu.

— Acho que a gente *deve* ver o urso! — respondi.

Descemos os degraus metálicos até o térreo, onde nos indicaram uma série de celas, exatamente embaixo dos cômodos que tínhamos visto lá em cima. Um carcereiro do térreo abriu uma delas e nos inclinamos para dentro e vimos Kano sentado no meio da cela vazia e escura. Era um cômodo amplo, com um buraco no chão, que servia de privada, em um dos cantos. O imenso urso, de focinheira, estava com o pescoço e as patas acorrentados. As correntes atravessavam a grade de metal de uma das janelas. Estava sentado com as costas largas contra a parede, as patas traseiras estendidas à frente. A expressão — não tenho como descrever seus traços de outra forma, a não ser como uma expressão — era de desalento e profundo sofrimento. Ele soltou um suspiro longo e comovente enquanto o olhávamos.

Prabaker estava um pouco atrás de mim. Virei-me para lhe fazer uma pergunta e descobri que estava chorando, o rosto deformado por soluços trágicos. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele passou por mim e foi na direção do urso, esquivando-se do braço estendido do carcereiro. Deu um grande abraço em Kano, apertando a criatura, pousando a cabeça contra a cabeça do bicho e acariciando o pelo desganhado com murmúrios carinhosos. Troquei olhares com o carcereiro do térreo. O homem ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça com força. Estava obviamente impressionado.

— Eu fiz isso primeiro, sabe — peguei-me dizendo em marata. — Há

algumas semanas. Eu fui o primeiro a abraçar esse urso.

O carcereiro franziu os lábios, fazendo uma careta de desdém e compaixão.

— Claro que sim — zombou ele. — Com toda a certeza você fez isso.

— Prabaker! — exclamei. — Podemos resolver logo isso?

Ele deixou o urso e se aproximou de mim, enxugando as lágrimas com as costas das mãos enquanto caminhava. Seu desalento era tão absoluto que pus um braço em volta dele para consolá-lo.

— Espero que você não se importe, Lin — avisou ele. — Estou cheirando a urso.

— Tudo bem — respondi baixinho para ele. — Tudo bem. Vamos ver o que podemos fazer.

Dez minutos de discussão com os guardas nos mostraram que era impossível pagar a fiança dos domadores ou do urso. Não havia nada a fazer. Voltamos para o portão de metal e informamos aos domadores que não foi possível ajudá-los. Eles iniciaram outro diálogo animado com Prabaker.

— Eles sabem que não podemos ajudar — esclareceu Prabaker, depois de alguns minutos. — O que querem é ficar naquela cela com Kano. Estão preocupados com Kano porque ele está solitário. Desde filhote, ele nunca dormiu sozinho, nem uma noite sequer. Por isso, estão muito preocupados. Dizem que Kano vai ficar assustado. Vai dormir mal e ter muitos pesadelos. Vai chorar de solidão. E ficará envergonhado de estar na cadeia, porque normalmente é um cidadão muito correto, aquele urso. Eles só querem descer até aquela cela para ficar com Kano e lhe fazer companhia.

Um dos domadores olhou dentro dos meus olhos, ao fim da explicação de Prabaker. O homem estava inconsolável. O rosto estava deformado de tanta preocupação. A angústia retorcia seus lábios para trás em uma expressão que lembrava um rosnado. Ele repetia uma frase sem parar, esperando que a repetição e a força da sua emoção pudessem me ajudar a compreendê-la. De repente Prabaker caiu em prantos mais uma vez, soluçando como uma criança, enquanto agarrava as grades de metal.

— O que ele está dizendo, Prabu?

— Ele diz que *um homem deve amar seu urso*, Lin — traduziu Prabaker. — Ele diz isso. *Um homem deve amar seu urso*.

As negociações com os carcereiros e outros guardas ficaram animadas a partir do momento em que lhe apresentamos um pedido que poderia ser concedido sem forçar a barra a ponto de ir contra o regulamento. Prabaker teve um grande momento na negociação enérgica e teatral, protestando e implorando com igual vigor. Finalmente, chegou a uma quantia — duzentas rúpias, cerca de doze dólares americanos —, e o carcereiro bigodudo destrancou o portão para os domadores enquanto eu lhe entregava um maço de notas. Enchemos a escadaria com um estranho cortejo de pessoas e intenções, e o carcereiro do térreo abriu a cela que abrigava Kano. Ao ouvir as vozes dos domadores, o grande urso se levantou, em seguida e caiu para a frente, de quatro, derrubado pelas correntes. Balançou a cabeça de um lado para o outro em uma dança alegre, batendo as patas no chão. Quando os domadores correram para saudá-lo, Kano enfiou o

focinho em suas axilas e brincou com seus cabelos trançados, fungando e farejando seus cheiros. Por sua vez, os homens azuis lhe afogaram em muitos carinhos e procuraram aliviar a pressão das correntes pesadas. Saímos enquanto estavam naquele abraço. Quando a porta de aço da cela bateu, fechando Kano e os domadores, o som se espalhou pelo chão vazio, produzindo ecos na pedra. Aquele som me fez sentir um calafrio percorrendo a espinha enquanto Prabaker e eu deixávamos a delegacia.

— Foi uma coisa muito boa o que você fez esta noite, Linbaba — exultou Prabaker. — Um homem deve amar seu urso. É o que dizem aqueles domadores, e você tornou isso realidade. Foi uma coisa muito, muito, muito boa o que você fez.

Acordamos o motorista de um táxi estacionado na frente da delegacia, em Colaba Causeway. Prabaker se juntou a mim no banco de trás, aproveitando a oportunidade de bancar o turista em um dos táxis que ele costumava dirigir. Enquanto o carro se afastava da calçada, virei-me para o lado e descobri que ele me olhava fixamente. Desviei o olhar. Um momento depois, virei a cabeça e descobri que ele continuava a me olhar. Franzi a testa e ele meneou a cabeça. Sorrii aquele imenso sorriso capaz de abraçar o mundo e pôs a mão no coração.

— O que foi? — perguntei irritado, embora seu sorriso fosse irresistível e ele soubesse disso. Eu já estava sorrindo com ele em meu coração.

— Um homem... — começou, dando uma entonação solene para as palavras.

— De novo não, Prabu.

— ...deve amar seu urso — concluiu ele, dando tapinhas no peito e sacudindo a cabeça freneticamente.

— Ai, Deus, me ajude — gemi, voltando-me para os primeiros movimentos das ruas.

Na entrada da favela, Prabaker e eu nos separamos, pois ele seguiu para a casa de *chai* de Kumar para tomar o café da manhã ainda cedo. Estava animado. Nossa aventura com Kano, o urso, lhe fornecera uma história nova e fascinante — na qual ele desempenhava um papel importante — para dividir com Parvati, uma das duas belas filhas de Kumar. Ele não havia me contado nada a respeito, mas eu já o tinha visto conversar com ela e imaginava que estava se apaixonando. Prabaker não fazia a corte levando flores ou bombons para a mulher que amava. Ele levava histórias do grande mundo, em que os homens batalhavam com os demônios da luxúria e da injustiça monstruosa. Contava fofocas, escândalos e segredos íntimos; levava a verdade de seu coração corajoso e a capacidade de se surpreender, que era a mola propulsora de suas risadas e daquele sorriso do tamanho do céu. E, enquanto eu o observava apressado, dirigindo-se para a casa de *chai*, vi que sua cabeça já balançava e as mãos já gesticulavam à medida que ensaiava a história que havia trazido para lhe oferecer como prenda do dia.

Penetrei na madrugada nublada enquanto a favela acordava. A fumaça rodopiando de uma centena de pequenas fogueiras pontilhava as passagens. Silhuetas embrulhadas em xales coloridos emergiam e desapareciam em

correntes de névoa. Os cheiros dos *rotis* cozidos em fogareiros a querosene e dos aromáticos bules de chá se misturavam aos perfumes de gente: óleo de coco para os cabelos, sabonete de sândalo e roupas banhadas em cânfora. Rostos sonolentos me saudavam em cada curva dos caminhos tortuosos, sorrindo e me oferecendo bênçãos pela manhã em seis idiomas e em muitos credos diferentes. Entrei no barraco e olhei com renovado carinho para a humildade e o conforto de sua pobreza. Era bom estar em casa.

Arrumei a bagunça e me juntei ao cortejo matinal dos homens que partiam rumo ao píer de concreto que usávamos como latrina. Quando voltei, descobri que meus vizinhos haviam preparado dois baldes de água quente para meu banho. Eu raramente me dava o trabalho demorado de aquecer várias painelas de água no fogareiro. Preferia a opção mais preguiçosa, porém menos confortável, de tomar banho de água fria. Como sabiam disso, meus vizinhos às vezes me forneciam água quente. Não era pouca coisa. A água, o bem mais precioso em qualquer favela, precisava ser trazida do poço comunitário na parte legalizada, uns trezentos metros depois do arame farpado. Como o poço só era aberto duas vezes por dia, havia centenas de pessoas disputando água, e cada balde era puxado com esforço, empurrões e gritos. Depois de atravessar o arame, a água precisava ser fervida em painelas sobre pequenos fogareiros a querosene, o que consumia algum combustível relativamente caro. Mas, quando faziam aquilo para mim, meus vizinhos nunca se identificavam nem esperavam agradecimentos. A água que eu usava poderia ter sido fervida e trazida pela família de Ameer para retribuir o tratamento que lhe dispensei. Poderia ter vindo de meu vizinho mais próximo ou ter sido fornecida por uma das pessoas do grupinho que me observava tomar banho. Jamais saberia. Era uma das pequenas e discretas gentilezas com que as pessoas me brindavam a cada semana.

Em certo sentido, o gueto tinha como base aqueles gestos anônimos, impossíveis de se agradecer. Insignificantes e quase triviais, mas, no conjunto, eram essenciais para a sobrevivência da favela. Consolávamos os filhos dos vizinhos como se fossem nossos, quando choravam. Apertávamos uma corda frouxa no barraco de alguém, ao perceber que estava se soltando, e ajeitávamos a cobertura de plástico quando passávamos. Ajudávamos uns aos outros sem que nos pedissem, como se fôssemos todos membros de uma enorme tribo ou família e aqueles milhares de barracos não fossem mais do que os quartos da nossa mansão.

Fui convidado para tomar café da manhã com Qasim Ali Hussein. Bebemos chá doce temperado com cravo e comemos *rotis* parecidos com *waffles*, recheados com *ghee* e açúcar, enrolados. Os leprosos de Ranjit haviam entregado uma nova leva de medicamentos e curativos no dia anterior. Como fiquei fora a tarde inteira, deixaram os pacotes com Qasim Ali. Examinamos tudo juntos. Qasim Ali não lia nem escrevia em inglês e insistia que eu lhe explicasse o conteúdo e as aplicações de variados comprimidos, cápsulas e pomadas que eu encomendara. Um de seus filhos, Ayub, sentou conosco e escreveu o nome e a descrição de cada medicamento em letras do alfabeto urdu, sobre minúsculos pedaços de papel e, pacientemente, prendeu com fita adesiva

uma etiqueta em cada recipiente ou bisnaga. Eu não sabia na época, mas Qasim Ali havia escolhido Ayub para ser meu assistente, para aprender tudo que fosse possível sobre os remédios e suas aplicações, e assim poder me substituir quando chegasse a hora da minha partida — coisa que o chefe da favela dava como certa.

Eram onze horas da manhã quando tive tempo de passar na pequena casa de Karla, perto do mercado de Colaba. Não houve resposta quando bati. Os vizinhos me informaram que ela saíra uma hora antes. Não tinham ideia de quando estaria de volta. Fiquei incomodado. Havia deixado as botas e a calça jeans lá dentro e estava ansioso para recuperá-las, para me livrar das roupas largas mas desconfortáveis que ela me emprestara. Eu não exagerara ao lhe dizer que o jeans, a camiseta e as botas eram minhas únicas roupas. No barraco havia apenas dois *lungis* que eu usava para dormir, tomar banho ou quando lavava o jeans. Poderia comprar roupas novas — camiseta, jeans e tênis não me custariam mais do que quatro ou cinco dólares americanos no bazar de roupa de Fashion Street —, mas eu queria as *minhas* roupas, as roupas em que eu me sentia bem. Deixei um bilhete desafortado, e parti para honrar meu compromisso com Khaderbhai.

A grande casa em Mohammed Ali Road parecia vazia quando cheguei. Os seis painéis da porta da rua haviam sido recolhidos e o espaçoso saguão de mármore estava à vista. Milhares de pessoas passavam por ali a toda hora, mas a casa era bem conhecida e ninguém na rua parecia prestar atenção em mim quando entrei, batendo nos painéis verdes para anunciar minha chegada. Depois de alguns momentos, Nazeer veio me receber, com ar ligeiramente hostil. Mandou que eu trocasse os sapatos usados na rua por um par de chinelos e então me conduziu por um corredor estreito, com pé-direito alto, na direção oposta à do aposento que eu visitara na noite anterior. Passamos por uma série de salas fechadas, seguindo um corredor que quebrou duas vezes para a direita antes de dar para um pátio interno.

O espaço oval, muito amplo, se abria para o céu ao centro, como se um grande buraco tivesse sido cavado na grossa camada de reboco do teto. Era pavimentado com pedras pesadas e quadradas de Maharashtra e cercado por arcos com pilares que criavam o efeito de claustro. Havia muitas plantas e arbustos floridos em um jardim interno largo e redondo, além de cinco palmeiras altas e delgadas. A fonte que eu ouvira da sala de reuniões, enquanto falávamos sobre sofrimento, ficava bem ao centro. Era um círculo de mármore com cerca de um metro de altura e quatro de diâmetro com um único pedaço de rocha não lapidada no meio. A água parecia brotar do interior dessa enorme pedra. No alto, a pequena fonte jorrava, formando o desenho de uma flor-de-lis antes de rolar suavemente nas superfícies lisas e arredondadas da pedra, fluindo com floreios rítmicos e musicais dentro de um lago. Khaderbhai estava sentado em uma cadeira de junco de espaldar alto, ao lado da fonte. Lia um livro que fechou e pôs sobre uma mesa com tampo de vidro quando cheguei.

— *Salaam aleikum*, senhor Lin — sorriu. *Que a paz esteja com você.*

— *Wa aleikum salaam. Aap kaise hain?* — retribuí. *E que esteja com você*

*também. Como vai o senhor?*

— Estou bem, obrigado. Pode ser que os cães raivosos e os ingleses não se importem de estar por aí sob o sol do meio-dia, mas prefiro me sentar aqui, à sombra de meu humilde jardim.

— Nem tão humilde assim, Khaderbhai — comentei.

— Você o considera muito imponente?

— Não, não. Não quis dizer isso — apressei-me em corrigir, pois era exatamente o que eu estava pensando. Não conseguia deixar de lembrar que ele era o dono da favela onde eu morava. A favela poeirenta e árida de vinte e cinco mil habitantes, onde não restara nada verde depois de oito meses sem chuva, e a única água, racionada, vinha de poços que ficavam trancados na maior parte do tempo. — É o lugar mais belo que já vi em Bombaim. Da rua, não poderia imaginar que fosse assim.

Ele me encarou por alguns instantes como se medisse o tamanho e a profundidade da mentira, e apontou um banquinho sem encosto, o único outro assento no pátio.

— Por favor, sente-se, senhor Lin. Já comeu?

— Sim, obrigado. Tomei o café da manhã bem tarde.

— Permita-me que eu pelo menos lhe sirva um chá. Nazeer! *Idhar-ao!* — gritou ele, a voz espantando dois pombos que comiam as migalhas a seus pés. As aves voaram e bateram as asas perto do peito de Nazeer quando ele entrou. Pareciam não ter medo dele, e até reconhecê-lo, e voltaram a pousar sobre as pedras, seguindo-o como cãezinhos mansos.

— *Chai bono*, Nazeer — ordenou Khaderbhai. O tom empregado com o motorista era altivo sem no entanto ser autoritário, e imaginei que seria o único tom de voz que fazia Nazeer se sentir à vontade e respeitado. O afeição robusto se recolheu silenciosamente à casa, com os pássaros saltando atrás dele.

— Khaderbhai, tem uma coisa que eu queria dizer antes de... conversarmos sobre qualquer outro assunto — comecei em voz baixa. As palavras seguintes o fizeram erguer a cabeça rapidamente e percebi que tinha toda a sua atenção. — É sobre Sapna.

— Sim, diga — murmurou.

— Bem, passei a noite pensando no que conversamos em nosso último encontro, na ajuda que me pediu. E tenho uma preocupação.

Ele sorriu, ergueu uma sobrancelha com ar intrigado, mas, como não disse nada, fui obrigado a me explicar.

— Sei que não estou sendo muito claro, mas não me sinto bem. Não importa o que o sujeito fez, não quero fazer o papel... bem, de uma espécie de tira. Não me sentiria bem em trabalhar com eles, mesmo que indiretamente. Em meu país, a expressão *ajudar a polícia nas investigações* é um eufemismo para delatar alguém. Sinto muito. Entendo que esse cara matou gente. Se você quer pegar o cara, é um assunto seu, e adoraria poder ajudá-lo. Mas não quero me envolver com a polícia ou *ajudá-la*. Se você for agir à *margem* da lei, por sua conta... se quiser ir atrás dele e tirá-lo de combate pessoalmente, por qualquer razão... ficarei feliz em ajudar. Pode contar comigo se quiser enfrentar a gangue dele,

seja lá quem for.

— Mais alguma coisa?

— Não. É... é... tudo.

— Muito bem, senhor Lin — respondeu ele. O rosto estava impassível enquanto ele me examinava, mas havia um riso intrigante em seus olhos. — Acho que posso tranquilizá-lo. Apesar de dar uma ajuda financeira, por assim dizer, a grande número de policiais, jamais trabalho com eles. Posso lhe garantir, porém, que o assunto Sapna é profundamente pessoal. Pediria que, caso deseje falar alguma coisa a respeito desse sujeito terrível, o senhor se dirija apenas a mim. Não comente nada sobre esse Sapna com nenhum dos cavalheiros que conheceu aqui na noite passada nem... nem com mais ninguém. Estamos entendidos?

— Sim, sim. Entendidos.

— Mais alguma coisa?

— Não.

— Ótimo. Então vamos ao que interessa. Tenho muito pouco tempo hoje, senhor Lin, por isso quero ir direto ao assunto. O favor que mencionei ontem: quero que ensine a língua inglesa a um garoto chamado Tariq. Não precisa ensinar tudo, é claro, apenas o suficiente para dar uma bela melhorada nos seus conhecimentos, de forma que ele possa ter alguma facilidade ao iniciar os estudos formais.

— Bem, ficarei feliz em tentar — gaguejei, surpreso com o pedido, mas sem me deixar intimidar. Eu me sentia capaz de ensinar os fundamentos do idioma que eu usava para escrever todos os dias da minha vida. — Não sei se vou me sair tão bem. Acho que existe muita gente que faria um trabalho melhor, mas gosto do desafio. Onde o senhor deseja que eu dê as aulas? Eu viria aqui para ensiná-lo?

Ele olhou para mim com um ar de condescendência benévola, quase carinhosa.

— Ora, ele vai ficar com *ocê*, naturalmente. Quero que fique dez ou doze semanas com ele. Ele vai morar com você, comer com você, dormir na sua casa, ir aonde você for. Não quero apenas que ele aprenda *frases* em inglês. Quero que ele aprenda *o jeito* inglês. *O seu jeito*. Quero que ele aprenda isso graças a sua companhia constante.

— Mas... não sou inglês — protestei estupidamente.

— Não se trata disso. Você não é meio inglês? É um estrangeiro e vai ensinar-lhe o jeito dos estrangeiros. É o que eu quero.

Estava com a cabeça quente, os pensamentos dispersos e batendo asas como os pássaros que ele assustara com a voz. Precisava achar uma saída honrosa. Aquilo não tinha o menor cabimento.

— Mas eu moro na *zhopadpatti*. O senhor sabe disso. É uma vida muito dura. Meu barraco é pequeno e não há nada lá dentro. Ele não vai ficar bem-acomodado. E é... sujo e cheio de gente e... Onde ele dormiria e essas coisas?

— Estou a par da sua situação, senhor Lin — respondeu ele com certa aspereza. — É exatamente isso, sua vida na *zhopadpatti*, que eu quero que ele

conheça. Diga-me com toda a sinceridade: a favela tem algo para ensinar? Acha que vai ser bom para ele passar um tempo com as pessoas mais pobres da cidade?

Eu achava que sim, é claro. Parecia-me que *toda* criança, a começar pelos filhos e filhas dos ricos, devia conhecer a vida na favela.

— Sim, acho que sim. É importante ver como as pessoas vivem lá. Mas o senhor precisa compreender que é uma imensa responsabilidade para mim. Mal dou conta de mim mesmo. Não sei como poderia cuidar de uma criança.

Nazeer chegou com o chá e um cachimbo pronto.

— Ah, aqui está nosso chá. Vamos fumar primeiro, certo?

Fumamos primeiro. Nazeer se acorou para fumar conosco. Enquanto Khaderbhai tragava o funil de barro, Nazeer fez uma complexa seqüência de meneios, caretas e piscadelas que pareciam dizer: *Olhe, veja como o mestre fuma, como ele é imponente, como é importante, de uma forma que nem eu nem você jamais seremos, veja como temos sorte de estarmos aqui com ele.*

Nazeer batia no meu ombro, mas devia ser bem mais pesado do que eu. O pescoço era tão roliço que dava a impressão de ligar seus ombros fortes às orelhas. Os braços volumosos, que forçavam as costuras da sua túnica, pareciam ser apenas um pouco mais finos do que as coxas. O rosto largo, com uma carranca permanente, era composto de três curvas para baixo, como a insígnia de um sargento. A primeira, formada pelas sobrancelhas, começava um pouco acima e entre os olhos e descia rebelde a colina de sua testa até o nível dos próprios olhos. A segunda curva começava nos vincos profundos no canto das narinas e dividia o rosto até a mandíbula. A terceira era desenhada pela infelicidade intensa e desesperada da boca, uma ferradura de cabeça para baixo, sinal da má sorte, que o destino havia pregado na porteira de sua vida.

O sulco de uma cicatriz púrpura se destacava sobre a pele morena da sua testa. Os olhos escuros se movimentavam nas profundezas, como criaturas perseguidas, numa busca sem fim de esconderijo. As orelhas pareciam ter sido mastigadas por alguma fera que afiara os dentes nela e desistira da tarefa. O traço mais marcante era o nariz, tão imenso e magnificamente suspenso que parecia ter sido projetado para uma tarefa bem mais grandiosa do que simplesmente inalar ar e aromas. Quando o conheci, o achei feio, não tanto pelo conjunto pouco atraente de seus traços, mas pela completa falta de alegria. Parecia que jamais vira um rosto humano em que o sorriso tivesse sido tão completamente ofuscado.

O cachimbo voltou para mim pela terceira vez, mas a fumaça estava quente, com um gosto terrível. Anunciei que havia se acabado. Nazeer o arrancou de mim abruptamente e tragou com determinação furiosa, conseguindo produzir uma nuvem de fumaça amarronzada. Bateu o cachimbo até que a pedra saísse e revelasse um minúsculo resíduo de cinzas brancas. Depois de se certificar de que eu estava observando, ele soprou as cinzas das mãos para o chão a meus pés, pigarreou ameaçadoramente e partiu.

— Nazeer não vai muito com a minha cara.

Khaderbhai soltou uma gargalhada. Foi um gesto inesperado, muito jovial.

Gostei dela e estava a ponto de fazer a mesma coisa, embora não compreendesse muito bem por que ele ria.

— Você vai com a cara de Nazeer? — perguntou ele, ainda rindo.

— Não, acho que não — respondi, e rimos mais ainda.

— Você não quer ensinar inglês para Tariq porque não deseja a responsabilidade — disse ele, quando as risadas diminuíram.

— Não é bem isso... Bem, sim, é isso. É... — olhei dentro daqueles olhos dourados, implorando-lhes. — Não administro bem as responsabilidades. E isso... Isso é muita responsabilidade. É demais. Não consigo.

Ele sorriu e estendeu o braço para pousar a mão no meu antebraço.

— Compreendo. Você está preocupado. É natural. Está preocupado que alguma coisa possa acontecer com Tariq. Receia perder a liberdade de ir aonde quiser e fazer o que quiser. É natural.

— Sim — murmurei aliviado. Ele compreendia. Sabia que eu não poderia fazer o que pedia. Ele ia me liberar. Sentado ali, no banquinho do lado da cadeira, eu precisava olhar para cima para falar com ele e me sentia em desvantagem. Também senti uma súbita onda de carinho por ele, um carinho que parecia ser formado e depender das desigualdades entre nós. Era um amor de vassalo, uma das emoções humanas mais fortes e misteriosas.

— Muito bem. Minha decisão é a seguinte, Lin: você vai levar Tariq e ficar com ele por dois dias. Se depois de 48 horas você achar a situação insustentável, vai trazê-lo de volta e não vou lhe pedir mais nada. Mas tenho certeza de que ele não lhe trará problemas. Meu sobrinho é um bom garoto.

— Seu... *sobrinho*?

— Sim, o quarto filho da minha irmã caçula, Farishta. Ele tem onze anos. Aprendeu algumas palavras em inglês e fala híndi, pachto, urdu e marata fluentemente. Não é muito alto para a idade, mas tem uma saúde muito boa.

— Seu sobrinho... — comecei de novo, mas ele me interrompeu rapidamente.

— Se você achar que *pode* fazer isso para mim, vai ver que meu querido amigo na *zhopadpatti*, Qasim Ali Hussein, você o conhece com certeza como dono, ele vai ajudá-lo de todas as formas possíveis. Ele pedirá que algumas famílias, inclusive a dele, dividam a responsabilidade com você e abram suas casas para o menino dormir, além da sua. Haverá muitos amigos que o ajudarão a cuidar de Tariq. Quero que ele conheça as dificuldades das pessoas mais pobres. Mas, acima de tudo, desejo que tenha a experiência de um professor de inglês. Isso significa muito para mim. Quando eu era criança...

Ele fez uma pausa, permitindo que o olhar viajasse e pousasse sobre a fonte e a superfície úmida da grande pedra arredondada. Os olhos reluziam, ao refletir a luz líquida sobre a pedra. Então uma expressão séria os atravessou como a sombra de uma nuvem se esgueirando sobre as colinas em um dia ensolarado.

— Então, quarenta e oito horas — suspirou ele, voltando ao momento presente. — Depois disso, se trouxer o menino de volta, não vou ficar com raiva de você. Agora é hora de conhecê-lo.

Khaderbhai fez um gesto na direção dos arcos do claustro, atrás de mim, e ao

me virar constatei que o menino já estava ali, de pé. Ele *era* pequeno para a idade. Khaderbhai dissera que ele tinha onze anos, mas não parecia ter mais do que oito. Vestido com um *kurta pyjama* limpo e passado, sandálias de couro, ele segurava uma trouxa de algodão nos braços. Olhou-me com ar tão infeliz e desconfiado que achei que fosse cair em prantos. Khaderbhai mandou que ele se apresentasse e o garoto se aproximou de nós, dando uma grande volta em torno de mim para chegar ao outro lado da cadeira do tio. Quanto mais próximo ele chegava, mais infeliz parecia se sentir. Khaderbhai falou-lhe rapidamente em tom severo em urdu, apontando para mim diversas vezes. Quando acabou, o garoto caminhou até o meu banquinho e estendeu a mão.

— Muitas vezes olá para você — disse ele, com olhos arregalados de relutância e medo.

Apertamos as mãos. A dele, pequenina, desaparecia na minha. Nada cabe tão bem na palma da mão, nem parece tão perfeito, nem inspira tanto o instinto de proteção quanto a mão de uma criança.

— Oi para você também, Tariq — disse eu, sorrindo, sem querer.

Um minúsculo sorriso de esperança tremulou em seus olhos, rapidamente sufocado pela dúvida. Ele voltou a olhar o tio. Era um olhar de desespero, infelicidade, que alargava sua boca fechada e repuxava tanto o narizinho que seus cantos pareciam perder a cor.

Khaderbhai devolveu o olhar, tentando transmitir-lhe força, e então se levantou e chamou Nazeer mais uma vez com seu vozeirão.

— Você vai me perdoar, senhor Lin. Existe uma série de assuntos que exigem minha atenção urgente. Vou esperá-lo dentro de dois dias, se não estiver feliz, *na?* Nazeer vai acompanhá-lo até a porta.

Ele deu as costas sem olhar para o menino e entrou na sombra dos arcos. Tariq e eu o observamos partir, ambos se sentindo abandonados e traídos. Nazeer nos acompanhou até a porta. Enquanto eu colocava de novo os sapatos de usar na rua, Nazeer ajoelhou e apertou o menino contra o peito com um carinho intenso e surpreendente. Tariq se segurou nele, agarrando seu cabelo. Foi preciso alguma força para lhe tirar daquele abraço. Quando estávamos mais uma vez de pé, Nazeer me lançou um olhar demorado, eloquente e ameaçador — *Se alguma coisa acontecer com este garoto, você vai se ver comigo* — e se afastou de nós.

Um minuto depois, estávamos lá fora, na rua ao lado da mesquita de Nabila, menino e homem, unidos fortemente pelas mãos, porém por mais nada além de nossa perplexidade diante do poder da personalidade que nos juntou contra nossas vontades. Tariq simplesmente tinha obedecido, mas havia algo de covarde na *minha* incapacidade de resistir a Khaderbhai. Eu tinha me rendido rápido demais e sabia disso. O desprezo por mim mesmo logo se transformou em sentimento de superioridade moral. *Como ele pode fazer tal coisa com uma criança*, perguntei a mim mesmo, *deixar o próprio sobrinho nas mãos de um desconhecido? Será que não percebia como o menino estava relutante? Era uma insensibilidade, uma falta de consideração pelos direitos e pelo bem-estar de uma criança. Só um homem que pensava nos outros como simples objetos entregaria uma criança para alguém... alguém como eu.*

Furioso com minha condescendência — *Como deixei que ele me obrigasse a fazer tal coisa?* — e ardendo de rancor e egoísmo, arrastei Tariq em marcha acelerada, enquanto avançava pela rua fervilhante. No momento em que passamos pela entrada principal da mesquita, o muezim começou a recitar o chamado para preces do minarete sobre nossas cabeças.

*Allah hu Akbar Allah hu Akbar  
Allah hu Akbar Allah hu Akbar  
Ash-hadu an-la Ila ha-illallah  
Ash-hadu an-la Ila ha-illallah*

Deus é grande, Deus é grande  
Sou testemunha de que não existe outro Deus além de Deus.

Tariq puxou meus punhos com as duas mãos, me fazendo parar. Apontou a entrada da mesquita, e depois a torre lá em cima, onde os alto-falantes amplificavam a voz do muezim. Sacudi a cabeça e disse que não tínhamos tempo. Ele fincou o pé e puxou meu punho com mais força. Disse-lhe em hindi e em marata que eu não era muçulmano e não queria entrar na mesquita. Ele foi irredutível, tentando me arrastar para a porta até as veias saltarem em suas têmporas. Finalmente se soltou e correu, subindo os degraus da mesquita. Chutando as sandálias, disparou para dentro antes que eu pudesse impedir.

Frustrado e vacilante, hesitei diante da grande arcada aberta da mesquita. Eu sabia que não era preciso ser muçulmano para entrar. Pessoas de qualquer fé podem entrar em qualquer mesquita, orar, meditar ou apenas observar e admirar. Mas os muçulmanos se consideravam uma minoria sitiada em uma cidade de predominância hindu. Violentos confrontos religiosos eram bastante comuns. Prabaker me avisou certa vez que conflitos entre hindus e muçulmanos haviam acontecido do lado de fora desse mesmo templo.

Eu não tinha ideia do que fazer. Estava certo de que havia outras saídas e, se o menino decidisse fugir, haveria poucas chances de encontrá-lo. Um medo arrebatador martelou em meu coração ao pensar que talvez tivesse de voltar à casa de Khaderbhai e lhe dizer que eu havia perdido seu sobrinho a menos de cem metros do local onde ele me havia confiado o menino.

Bem no momento em que decidi entrar e vasculhar a mesquita, Tariq apareceu, passando da direita para a esquerda, atravessando um enorme vestibulo revestido de azulejos decorativos. As mãos, os pés e a cabeça estavam úmidos e parecia que ele havia se lavado apressadamente. Inclinei-me entrada adentro o máximo que ousava e vi o menino postar-se na parte de trás de um grupo de homens e começar suas orações.

Sentei-me em um carrinho de mão e fumei um cigarro. Para meu grande alívio, Tariq apareceu depois de alguns minutos, recuperou as sandálias e veio se juntar a mim. Bem perto de mim, ele olhou para meu rosto e deu um sorriso sério, uma daquelas expressões maravilhosamente contraditórias que só as crianças parecem dominar, como se estivesse com medo e feliz ao mesmo

tempo.

— *Zuhr! Zuhr!* — disse ele, indicando que estava na hora da oração do meio-dia. Sua voz era surpreendentemente firme para uma criança tão pequena. — Eu grato por Deus. *Você* grato por Deus, Linbaba?

Abaixei sobre um joelho diante dele e o peguei pelos braços. Ele se agitou, mas não o soltei. Havia fúria em meus olhos. Sabia que meu rosto parecia duro e talvez até cruel.

— Nunca mais faça isso! — ralhei em híndi. — *Nunca mais* fuja de mim!

Ele franziu a testa, desafiador e assustado. Então seu rosto jovem se endureceu para assumir a máscara que usamos para lutar contra as lágrimas. Vi seus olhos se umedecerem e uma lágrima escapou e rolou por sua bochecha corada. Fiquei de pé e dei um passo para trás. Olhando a minha volta, vi alguns homens e mulheres que haviam parado para nos encarar. Tinham expressões sérias, mas ainda não pareciam alarmados. Estiquei o braço para oferecer ao menino a palma da mão aberta. Ele pôs a mão dentro da minha, com relutância, e parti pela rua rumo ao ponto de táxi mais próximo.

Virei para trás uma vez e vi que as pessoas nos seguiam com os olhos. Meu coração batia depressa. Uma pegajosa mistura de emoções fervilhava dentro de mim, mas eu sabia que grande parte era raiva, principalmente raiva de mim mesmo. Parei e o menino parou comigo. Respirei fundo por alguns instantes, tentando recuperar o controle. Quando olhei para ele, encontrei Tariq me encarando atentamente, com a cabeça inclinada para um lado.

— Desculpe-me por ter ficado zangado com você, Tariq — disse eu, com calma, repetindo as palavras em híndi. — Não vai acontecer de novo. Mas, *por favor*, por favor, não fuja de mim desse jeito. Isso me assusta muito e me deixa bastante preocupado.

O menino sorriu para mim. Era o primeiro sorriso sincero que ele me dava. Fiquei surpreso ao ver que era um sorriso muito parecido com o sorriso em forma de lua de Prabaker.

— Ai, que Deus me ajude — disse eu, suspirando até os ossos. — Outro, não.

— Sim, tudo muito bem! — concordou Tariq, apertando minha mão com um entusiasmo atlético. — Que Deus ajude você e a mim, o dia todo, por favor!

## CAPÍTULO DEZESSEIS

— QUANDO ELA VAI VOLTAR?

— Como vou saber? Talvez não demore. Ela disse para você esperar.

— Não sei. Está ficando tarde. Preciso levar esse menino para casa e botá-lo na cama.

— Como quiser. Para mim dá no mesmo, cara. Ela disse para esperar. Só isso.

Olhei para Tariq. Ele não parecia cansado, mas eu sabia que devia estar com sono. Achei que seria uma boa ideia descansar um pouco antes de caminhar para casa. Tiramos os sapatos e entramos na casa de Karla, fechando a porta da rua. Encontrei água gelada em uma geladeira grande e antiquada. Tariq aceitou um copo e sentou-se em uma pilha de almofadas para folhear um exemplar da revista *India Today*.

Lisa estava no quarto de Karla, sentada na cama com os joelhos levantados. Usava a parte de cima de um pijama de seda vermelha e nada mais. Um tufo de pelos pubianos louros estava visível e eu olhei sobre os ombros para ter certeza de que o menino não via o interior do quarto. Ela acalentava uma garrafa de Jack Daniel's nos braços dobrados. O cabelo comprido e cacheado estava preso em um coque meio desarrumado. Ela me encarava com uma expressão calculada de admiração, um olho quase fechado. Aquilo me lembrou o olhar dos atiradores quando se concentram em um alvo.

— Então, onde foi que arranjou o menino?

Sentei-me em uma cadeira de espaldar reto, de forma a deixar meus antebraços descansarem no encosto.

— É como se o tivesse herdado. Estou fazendo um favor para uma pessoa.

— Um favor? — indagou, como se a palavra fosse um eufemismo usado para designar uma espécie de infecção.

— É. Um amigo me pediu que ensinasse um pouquinho de inglês para o garoto.

— E o que ele está fazendo aqui? Por que não está em casa?

— Parece que eu preciso ficar com ele. É assim que ele deve aprender.

— Você quer dizer que vai ficar com ele o tempo todo? Em todos os lugares aonde você for?

— Este é o acordo. Mas espero devolvê-lo em dois dias. Para início de conversa, não sei como me deixei convencer.

Ela soltou uma gargalhada. Não era um som agradável. No estado em que se encontrava, havia um toque forçado, quase perverso. Mesmo assim, no fundo era intensa, vibrante, e pensei que deveria ter sido uma boa gargalhada há um tempo. Ela deu um gole na garrafa, deixando um seio arredondado à mostra com o movimento.

— Não gosto de crianças — disse ela, com orgulho, como se anunciasse que acabara de receber algum prêmio importante. Deu outro longo gole. A garrafa

estava pela metade. Percebi que estava começando a ficar bêbada, naquele rasgo de coerência que antecipa a fala arrastada, a falta de jeito e a prostração.

— Olha, só quero pegar minhas roupas — resmunguei, procurando-as no quarto. — Vou pegá-las e depois volto para ver Karla em outra ocasião.

— Vamos fazer um trato, Gilbert.

— Meu nome é Lin — insisti, embora este também fosse um nome falso.

— Vamos fazer um trato, Lin. Vou lhe dizer onde estão as roupas se você topar vesti-las aqui, na minha frente.

Nós não gostávamos um do outro. Encarávamo-nos com uma espécie de hostilidade encrespada que às vezes é tão boa ou melhor do que a atração mútua.

— Se você consegue encarar — disse, arrastando a voz, sem conseguir evitar um sorriso —, o que eu ganho com isso?

Ela deu outra gargalhada, mais forte, mais sincera.

— Você é legal, Lin. Pegue um pouco de água para mim, tá? Quanto mais bebo esse negócio, mais a droga da sede aumenta.

No caminho para a pequena cozinha, dei uma olhada em Tariq. O menino tinha adormecido. A cabeça estava recostada nas almofadas, e a boca, aberta. Uma das mãos estava sob o queixo e a outra ainda segurava debilmente a revista. Tirei a revista e o cobri com um leve xale de lã que estava pendurado em uns ganchos na parede. Ele não se mexeu e parecia dormir profundamente. Na cozinha, peguei uma garrafa de água da geladeira, dois copos, e voltei para o quarto.

— O menino está dormindo — disse eu, entregando-lhe o copo. — Vou deixar ele apagado por um tempo. Se não acordar sozinho, eu o acordo mais tarde.

— Sente-se aqui — ordenou, dando tapinhas na cama, ao lado dela.

Sentei-me. Ela me observou pela beirada de seu copo enquanto eu bebia um copo de água gelada e logo em seguida, outro.

— A água está boa — disse ela, depois de um tempo. — Você já reparou que a água daqui é boa? Boa mesmo. Era de se esperar que fosse uma merda nojenta, já que estamos em Bombaim, na Índia, essas coisas. As pessoas ficam tão apavoradas com a água, mas na verdade é muito melhor do que aquele mijo de cavalo com gosto de química que sai da torneira lá em casa.

— Onde é a casa?

— Que diferença isso faz, porra? — Ela me observou franzir a testa com impaciência e acrescentou depressa. — Não fique puto, não esquite a cabeça. Não estou tentando dar uma de espertinha. Falo sério... que diferença isso faz? Nunca mais vou voltar para lá, e você jamais irá até lá, para início de conversa.

— Acho que não.

— Meu Deus, como está quente! Detesto esta época do ano. Fica sempre pior antes da monção. Isso me deixa maluca. Você não fica maluco com esse tempo? É minha quarta monção. A gente começa a contar as monções depois de algum tempo. Didier é um sujeito de nove monções. Dá para acreditar? Nove monções filhas da puta em Bombaim. E você?

— É a minha segunda. E espero por ela ansiosamente. Adoro a chuva, mesmo quando transforma a favela em um pântano.

— Karla me contou que você mora em uma das favelas. Não sei como você aguenta... aquele cheiro, todas aquelas pessoas amontoadas. Você nunca me convenceria a entrar num lugar daqueles.

— Como a maioria das coisas e das pessoas, não é tão ruim quanto parece.

Ela deixou a cabeça pender sobre um ombro e me olhou. Não conseguiu decifrar a expressão dela. Os olhos reluziam em um sorriso radiante, quase convidativo, mas a boca estava contorcida pelo desdém.

— Você é mesmo um sujeito engraçado, Lin. Como foi que você se envolveu com aquele menino?

— Eu já lhe disse.

— E como ele é?

— Achei que você não gostasse de crianças.

— Não gosto. São tão... inocentes. Mas na verdade não são. Sabem exatamente o que querem e não desistem até conseguir. É revoltante. As piores pessoas que conheço são exatamente como crianças grandes. É tão repugnante que chega a me revirar o estômago.

Crianças talvez fossem capazes de revirar o estômago dela, mas o órgão parecia imune aos efeitos devastadores do uísque azedo. Ela virou a garrafa e tomou mais um quarto da bebida em goles longos e lentos. *É agora*, pensei. Se ela não estava bêbada antes, agora está. Lisa secou os lábios com as costas da mão e sorriu, mas a expressão parecia meio fora de esquadro, os olhos azul-celeste perdiam o foco. A ponto de desmoronar e apagar, a máscara da sua aspereza começou a se desmanchar e subitamente ela parecia muito jovem e vulnerável. O queixo que até então assumia uma feição raivosa, assustada e desagradável relaxou em uma expressão que surpreendia pela delicadeza e pela compreensão. As bochechas eram redondas e rosadas. A ponta do nariz era ligeiramente arredondada, com contornos suaves. Era uma mulher de vinte e quatro anos com rosto de menina, sem os vincos do compromisso, nem as rugas profundas das decisões difíceis. Pelo pouco que Karla me dissera sobre ela e pelo que eu vira na casa de Madame Zhou, sua vida, na realidade, tinha sido mais difícil que a da maioria das pessoas, mas aquilo não transparecia em seu rosto.

Ela me ofereceu a garrafa e eu aceitei, dando um gole. Segurei-a por alguns instantes e, quando ela não estava olhando, coloquei-a no chão, ao lado da cama, discretamente fora de seu alcance. Lisa acendeu um cigarro, brincou com o cabelo, soltando o coque frouxo até que os longos cachos despencassem sobre um dos ombros. Com a mão ali, sobre a cabeça, a manga larga do paletó do pijama de seda escorregou até o cotovelo e expôs a pele pálida da axila depilada.

Não havia sinal de drogas no quarto, mas as pupilas contraídas, do tamanho da ponta de um alfinete, sugeriam que ela havia usado heroína ou outro entorpecente. Fosse o que fosse, ela estava indo rapidamente ladeira abaixo. Encostada de forma pouco confortável na cabeceira da cama, respirava pela boca com muito ruído. Um fio de uísque e saliva escorria pelo canto do lábio inferior, que estava caído.

Ainda assim, era bonita. Passou pela minha cabeça que ela sempre parecia bonita, mesmo quando estava largada. O rosto era grande, belo e vazio, como o de uma líder de torcida em uma partida de futebol americano; o tipo que os

publicitários usam para vender produtos ridículos e desnecessários.

— Vamos lá, me conte. Como é aquele menininho?

— Bem, acho que é uma espécie de fanático religioso — confidencieei, sorrindo enquanto olhava sobre o meu ombro e via o menino adormecido. — Ele me fez parar três vezes hoje para fazer suas orações. Não sei se isso lhe faz bem à alma, mas a barriga funciona maravilhosamente bem. Ele come como se estivesse participando de alguma competição. Passamos mais de duas horas no restaurante hoje à noite, enquanto ele comia tudo, de macarrão e peixe grelhado a sorvete e gelatina. É por isso que estamos atrasados. Eu teria chegado em casa há horas, mas não conseguia tirá-lo do restaurante. Vai me custar rios de dinheiro mantê-lo alimentado nos próximos dias. Ele come mais do que eu.

— Você sabe como Aníbal morreu? — perguntou ela.

— O quê?

— Aníbal, o cara dos elefantes. Você não conhece a história? Ele atravessou os Alpes com os elefantes para atacar os romanos.

— Sim, sei do que você está falando — disse eu impacientemente, irritado com a súbita mudança de assunto.

— Bem, como ele morreu? — perguntou ela. Exagerava nas caras e bocas, uma paródia grotesca do estado de bebedeira.

— Não sei.

— Ah! — zombou ela. — Você não sabe tudo?

— Não, eu não sei tudo.

Houve um silêncio prolongado. Ela me fitou com um olhar vazio. Era como se eu conseguisse ver os pensamentos escorrendo através do azul de seus olhos, como flocos brancos no interior de uma bola de cristal.

— E então, você vai me contar? — provoquei, depois de um tempo. — Como foi que ele morreu?

— Quem morreu? — perguntou espantada.

— Aníbal. Você ia me contar como ele morreu.

— Ah, ele. Bem, ele meio que comandou um exército de trinta mil homens pelos Alpes até chegar à Itália, e lutou dezesseis anos com os romanos. Dezesseis malditos anos! E nunca foi derrotado, nem uma vez. Então, depois de muita merda, ele voltou a seu país, onde se tornou um figurão, um grande herói, essas coisas. Mas os romanos, aqueles caras nunca esqueceram que tinham sido sacaneados, então usaram a política e fizeram o povo do país se voltar contra ele e o mandar embora. Você está acompanhando?

— Claro.

— Quer dizer, será que não estou desperdiçando meu maldito tempo aqui com essa história? Não tenho que fazer isso, você sabe. Posso passar meu tempo com gente bem melhor que você. Posso estar com qualquer um que escolher. Qualquer um!

O cigarro esquecido estava quase queimando seus dedos. Coloquei um cinzeiro embaixo dele e o soltei da mão dela, deixando que caísse lá dentro. Ela não pareceu notar.

— Muito bem, então os romanos obrigaram o povo de Aníbal a mandá-lo embora — repeti, realmente curioso em relação ao destino do guerreiro

cartaginês.

— Eles o exilaram — ela corrigiu, de mau humor.

— Exilaram-no. E depois o que aconteceu? Como ele morreu?

Lisa mexeu subitamente a cabeça nos travesseiros, completamente grogue, e me lançou um olhar raivoso, cheio do que me pareceu ser maldade pura.

— O que há de tão especial em Karla, hein? — quis saber, enfurecida. — Eu sou mais bonita que ela! Olhe bem: meus peitos são melhores que os dela.

Ela abriu a blusa de seda até ficar praticamente nua, tocando os seios de modo desajeitado.

— E aí? Não são melhores?

— São... muito bonitos — balbuciei.

— Bonitos? Porra, eles são maravilhosos, é o que são. São perfeitos! Você quer tocá-los, não quer? Aqui!

Ela agarrou meu pulso com uma rapidez surpreendente e conduziu minha mão até a coxa, na altura do quadril. A carne era morna, lisa e firme. Nada no mundo é tão macio, tão agradável ao toque como a pele da coxa de uma mulher. Não há flor, pluma ou tecido que possa se igualar àquele sussurro aveludado de pele. Todas as mulheres — velhas e jovens, gordas e magras, belas e feias — compartilham daquela perfeição, a despeito de suas diferenças. Em grande parte é o que leva os homens a desejar possuí-las, e tão frequentemente convencê-las a deixarem-nos possuí-las: a coxa, aquele toque.

— Karla lhe contou o que eu fazia no Palácio, hein? O que eu costumava fazer por lá? — exclamou com uma surpreendente hostilidade, colocando minha mão sobre o montinho rijo de pelos dourados entre suas pernas. — Madame Zhou mandava a gente fazer algumas brincadeiras. Adoram brincadeiras no Palácio. A Karla lhe contou sobre aquelas brincadeiras, contou? Hein? Bunda-cega, ela lhe falou sobre isso? Os clientes usavam vendas e ganhavam um prêmio ao adivinhar quem estavam fodendo. Sem as mãos, entende? É o truque. Ela lhe contou essas histórias? Falou sobre a Cadeira? Era muito popular. Uma garota fica de quatro e outra se deita de costas, sobre as costas dela. As duas são amarradas. Os clientes vão de uma para a outra, em uma espécie de múltipla escolha. Essa conversa está deixando você excitado, Lin? Você está ficando com tesão? Costumava deixar os clientes de Karla doidos quando ela os levava ao Palácio. Karla tem cabeça de empresária. Você sabia disso? Trabalhei no Palácio, mas era apenas um emprego, e eu só estava ganhando dinheiro com aquilo. Era ela quem fazia tudo ficar sujo. Era quem fazia tudo ficar... doentio. Karla é capaz de fazer qualquer coisa para conseguir o que quer. É isso aí. Uma cabeça de empresária e um coração que combina bem com ela.

Ela esfregava minha mão contra si, usando as próprias mãos, remexendo-se sobre ela com os quadris. Minha mão foi conduzida aos lábios inchados e úmidos da sua vagina. Ela enfiou dois de meus dedos dentro do calor escuro.

— Você está sentindo? — balbuciou, com os dentes cerrados, expostos em um sorriso sombrio. — É a força dos músculos, garoto. É isso aí. Treinamento e prática, horas e horas, meses e meses. Madame Zhou fazia a gente se agachar e espremer um lápis com força, para que ficasse forte como um punho. Fiquei tão boa que posso escrever uma carta com a boceta. Você está sentindo como é

bom? Não vai encontrar nada tão apertado assim, em lugar nenhum. Karla não é tão boa. Eu sei que não é. Qual o seu problema? Não quer me comer? Você é veado ou algo do tipo? Eu...

Ela ainda estava espremendo meus dedos, ainda agarrada ao meu pulso, mas o sorriso forçado se apagou e o rosto afastou-se lentamente.

— Acho que... Acho que vou vomitar.

Tirei os dedos do corpo dela, liberei a mão que ela agora segurava apenas debilmente, e corri até o banheiro. Molhei uma toalha apressadamente na água fria e peguei uma grande bacia e, ao voltar, encontrei-a desabada de forma estranha, com as mãos na barriga. Coloquei-a em uma posição mais confortável, cobrindo-a com uma colcha de algodão. Envolvi a testa com a toalha fresca. Ela se mexeu um pouco, mas não opôs resistência. Aos poucos, a careta se desfez e se transformou na sincera máscara de quem não está se sentindo bem.

— Ele se suicidou — disse ela, suavemente, com os olhos fechados. — O tal do Aníbal. Iam extraditá-lo para Roma, para julgá-lo. Então ele se matou. Que tal? Depois de toda aquela luta, de todos aqueles elefantes, de todas aquelas grandes batalhas, ele se matou. É verdade. Karla me contou. Karla sempre diz a verdade... Mesmo quando está mentindo... Ela me disse isto uma vez... “Eu sempre digo a verdade, mesmo quando estou mentindo...” Merda, eu amo aquela garota. Eu amo aquela garota. Sabe, ela me salvou daquele lugar, você também, e está me ajudando a ficar limpa... me desintoxicar... Preciso disso, Lin... Gilbert... Preciso largar as drogas... Amo aquela garota...

Ela dormiu. Observei-a por um tempo, esperando para ver se ia passar mal, se ia acordar, mas ela dormia sem se incomodar. Fui olhar Tariq, e ele também dormia profundamente. Decidi não acordá-lo. Estar sozinho no silêncio era um prazer muito intenso. A riqueza e o poder numa cidade onde metade da população estava desabrigada podia ser medida pela privacidade que só o dinheiro pode comprar, e pela solidão que só o poder pode exigir e ver atendida. Os pobres quase nunca ficavam sozinhos em Bombaim. E eu era pobre.

Ali, onde o único som vinha das respirações, nenhum ruído da rua tranquila me alcançava. Andei pelo apartamento livremente, sem que ninguém me observasse. E o silêncio era mais doce, me parecia, a paz era mais profunda, pela presença da mulher e da criança adormecidas. Um bálsamo de fantasia me confortou. Houve um tempo, no passado, em que conhecera tal vida: quando uma mulher e uma criança adormecida me pertenciam e eu era o homem da casa.

Parei na escrivaninha entulhada de Karla e de repente me olhei no grande espelho acima dela. A momentânea fantasia de pertencimento, aquele pequeno sonho de lar e família, endureceu e rachou diante dos meus olhos. A verdade era que meu próprio casamento havia se transformado em ruína, e eu perdera minha filha. A verdade era que Lisa e Tariq não significavam nada para mim, nem eu significava nada para eles. A verdade era que eu não pertencia a lugar nenhum nem a ninguém. Cercado de pessoas e com fome de solidão, eu estava sempre sozinho, em todos os lugares. Pior do que isso, eu era oco, vazio, carcomido, consumido pela fuga e pelo escapismo. Perdera a família, os amigos da juventude, meu país e sua cultura — todas as coisas que me definiam como

pessoa, que me davam identidade. Como todo fugitivo, quanto mais sorte eu tinha, quanto mais corria, quanto mais longe eu ia, menos de mim me sobrava.

Mas algumas pessoas podiam me mobilizar, alguns amigos novos para a nova pessoa que eu aprendia a me tornar. Havia Prabaker, aquele minúsculo homem que amava tanto a vida. Havia Johnny Cigar, Qasim Ali, Jeetendra e sua esposa, Radha: heróis do caos, que mantinham de pé uma cidade desmontável com a ajuda de varas de bambu e insistiam em amar seus vizinhos, por mais arrasados ou indesejáveis que fossem. Havia Khaderbhai, Abdullah, Didier e Karla. E, enquanto olhava meus próprios olhos endurecidos no espelho de moldura verde, pensei em todos eles e me perguntei o que havia de diferente neles. Por que eles? O que há de tão especial neles? Um grupo tão desigual — o mais rico e o mais miserável, culto e ignorante, virtuoso e criminoso, velho e jovem —, e me parecia que a única coisa que tinham em comum era o poder de me fazer sentir... alguma coisa.

Na escrivaninha à minha frente havia um livro grosso com encadernação de couro. Eu o abri e vi que era o diário de Karla, cheio de anotações feitas com sua letra elegante. Apesar de saber que não deveria fazê-lo, folheei as páginas e li seus pensamentos. Não era um diário. Não havia datas em nenhuma página nem relatos do cotidiano, dos encontros com pessoas. Em vez disso, havia fragmentos. Alguns selecionados de diversos romances e outros textos, cada um com o respectivo autor, além de comentários e críticas dela. Havia muitos poemas. Alguns tinham sido copiados de coletâneas e antologias, até mesmo de jornais, com a fonte e o nome do poeta anotados embaixo. Outros eram dela, escritos várias vezes com a mudança de uma palavra ou uma frase, ou com o acréscimo de um verso. Certas palavras, e seus significados no dicionário, eram listadas por todo o diário e marcadas com asteriscos, formando um glossário de palavras obscuras e incomuns. E havia trechos escritos de forma aleatória, um fluxo de consciência, que descrevia o que ela estivera pensando ou sentindo em determinado dia. Outras pessoas eram mencionadas com frequência, mas nunca eram identificadas, a não ser pelos pronomes ele e ela.

Em uma página, havia uma referência misteriosa e perturbadora ao nome Sapna. Estava escrito:

A PERGUNTA: O que Sapna vai fazer?

A RESPOSTA: Sapna vai matar todos nós.

Meu coração começou a bater mais rápido à medida que lia e relia as palavras. Não tive dúvidas de que ela se referia ao mesmo homem — o Sapna cujos seguidores cometeram os crimes medonhos que Abdul Ghani e Madjid tinham comentado; o Sapna que era perseguido pela polícia e pelo submundo. E, ao ler aquelas estranhas linhas, me pareceu que ela sabia alguma coisa, talvez até sua identidade. Perguntei-me o que aquilo queria dizer e se ela estava correndo perigo.

Examinei as páginas anteriores e posteriores àquela anotação com mais cuidado, mas não encontrei mais nada que tratasse dele ou da relação de Karla

com ele. Na penúltima página do diário, porém, havia um trecho que se referia claramente a mim.

Ele queria me dizer que está apaixonado por mim. Por que o impedi? Fico tão constrangida assim porque pode ser verdade? A visão daquele lugar era incrível, impressionante. Estávamos a uma altura tão grande que víamos lá embaixo as pipas que voavam muito acima das cabeças das crianças. Ele disse que eu não sorrio. Gostei que ele tivesse dito isso e me pergunto por quê.

Depois daquela anotação, ela escreveu as palavras:

Não sei o que me causa mais medo,  
se o poder que nos esmaga  
ou nossa infinita capacidade de suportá-lo.

Lembrava-me muito bem daquele comentário. Ela disse aquilo depois que os barracos da favela foram destroçados e removidos. Como tantas coisas que ela dizia, tinha o tipo de inteligência que se insinuava na minha memória. Fiquei surpreso e talvez um pouco chocado ao constatar que ela também se lembrava da frase e que a copiara ali — até mesmo desenvolvendo a ideia, dando uma forma mais aforística do que o comentário improvisado tivera. *Será que ela planeja usar aquelas palavras de novo*, perguntei a mim mesmo, *com outra pessoa?*

A última página trazia um poema de sua autoria — a anotação mais recente do diário quase completo. Por aparecer na página seguinte ao comentário sobre mim, e por eu ansiar tanto aquilo, li o poema e concluí que era para mim. Eu me permiti acreditar que tinha sido feito para mim, ou que pelo menos em parte tivesse nascido dos sentimentos que eram para mim. Sabia que não era verdade, mas o amor raramente se preocupa com o que sabemos ou com o que é verdade.

Para ter certeza de que ninguém nos seguiria  
usei meu cabelo para esconder nosso rastro.  
O sol se pôs na ilha de nossa cama  
a noite chegou  
comendo os ecos  
e ficamos ali, naquela praia, em retalhos de velas bruxuleantes  
que murmuravam nas nossas costas à deriva.  
Seus olhos sobre mim  
com medo das promessas que talvez eu cumprisse  
lamentando a verdade do que dissemos  
menos do que a mentira do que não dissemos,  
mergulhei fundo, mergulhei fundo,  
para lutar contra o passado, por você.  
Agora nós dois sabemos

as tristezas são as sementes do amor.  
Agora nós dois sabemos que eu viverei e  
morrerei por este amor.

Ali mesmo, de pé, diante da escrivaninha, peguei uma caneta e copiei o poema em uma folha de papel. Com as palavras roubadas dobradas secretamente em minha carteira, fechei o diário e voltei a colocá-lo exatamente na posição onde o havia encontrado.

Caminei até a estante. Queria examinar os títulos para saber mais da mulher que os havia escolhido e lido. A pequena biblioteca de quatro prateleiras era surpreendentemente eclética. Havia textos sobre a história da Grécia, sobre filosofia e cosmologia, sobre poesia e teatro. *A cartuxa de Parma*, de Stendhal, em uma tradução italiana. Um exemplar de *Madame Bovary* no francês original. Thomas Mann e Schiller em alemão. Djuna Barnes e Virginia Woolf em inglês. Peguei um exemplar de *Os cantos de Maldoror*, de Isidore Ducasse. As páginas tinham orelhas e muitas anotações com a letra de Karla. Peguei outro livro, uma tradução para o alemão de *Almas mortas*, de Gógol, e lá estavam também anotações de Karla em muitas páginas. Ela consumia seus livros, percebi. Devorava os livros e não tinha medo de deixar marcas nele, até mesmo cicatrizes, com seus comentários e sistemas de referências.

Uma série de diários parecidos com aquele que eu descobrira sobre a escrivaninha ocupava metade de uma prateleira, uns vinte livros no total. Peguei um deles e folheei. Pela primeira vez me dei conta de que, como os outros, aquele era escrito em inglês. Ela tinha nascido na Suíça, era fluente em alemão e francês. Isso eu sabia. Mas, quando escrevia seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, usava o inglês. Agarrei-me àquilo, dizendo a mim mesmo que era um sinal muito bom e promissor. O inglês era o meu idioma. Ela falava para si mesma, de coração, na minha língua.

Andei pelo apartamento, examinando os objetos que ela escolheu para cercá-la em seu espaço pessoal. Havia uma pintura a óleo de mulheres carregando água de um rio, com *matkas* equilibradas nas cabeças, e crianças as seguindo com jarros menores nas próprias cabeças. Em destaque em uma prateleira separada, encontrava-se a imagem da deusa Durga, em madeira entalhada à mão. Ela estava cercada por porta-incensos. Reparei no arranjo de sempre-vivas e outras flores secas. Eram as minhas favoritas e muito pouco comuns em uma cidade onde as flores frescas eram abundantes e baratas. Havia também uma coleção de objetos encontrados — uma enorme folha de tamareira que ela pegara em algum lugar e prendera na parede; conchas e seixos que enchiam um grande aquário sem água; uma roca de fiar onde pendurara uma série de pequenos sinos de latão.

As peças mais coloridas do apartamento — suas roupas — estavam penduradas numa arara em um canto do quarto, em vez de ficarem dentro de um armário. Dividiam-se em dois grupos distintos, à esquerda e à direita da arara. À esquerda estavam suas roupas de trabalho — conjuntos elegantes com saias longas e justas, um vestido de noite prateado, que deixava as costas de fora,

entre outros trajes glamorosos. À direita ficavam os trajes informais, as calças largas de seda, longas echarpes e blusas de algodão de manga comprida, coisas que ela vestia porque gostava.

Embaixo da arara havia uma fileira de calçados, duas dúzias de pares. No final da fileira estavam minhas botas, recém-engraxadas e com os cadarços no lugar. Ajoelhei-me para pegá-las. Seus sapatos pareciam tão pequenos ao lado dos meus que peguei um deles e o segurei em minhas mãos por um momento. Era italiano, de Milão, em couro verde-escuro, com uma fivela decorativa costurada na lateral, envolta em torno do salto baixo. Era um sapato elegante e caro, mas o salto estava gasto em um dos lados, e o couro um pouco machucado em alguns pontos. Vi que ela ou alguém havia tentado disfarçar os arranhões pálidos com uma caneta pilot de um tom de verde parecido, mas que não era exatamente o mesmo.

Encontrei minhas roupas em um saco plástico atrás das botas. Tinham sido lavadas e cuidadosamente dobradas. Peguei-as e fui me trocar no banheiro. Deixei a cabeça sob a água fria durante um minuto inteiro. Vestido com meu velho jeans e botas confortáveis, com o cabelo curto jogado para trás naquela desordem costumeira, me senti revigorado, com o espírito renovado.

Voltei para o quarto para dar uma olhada em Lisa. Ela dormia com ar satisfeito. Um sorriso fugidivo vacilava em seus lábios. Enfiei o lençol nas laterais da cama para impedir que ela caísse e pus o ventilador de teto na velocidade mínima. As janelas tinham grades e a porta da frente se trancava quando fechada pelo lado de fora. Eu sabia que poderia deixá-la em segurança. Enquanto olhava seu peito subir e descer no ritmo do sono, pensei em deixar um bilhete para Karla. Resolvi não fazê-lo, pois queria que ela pensasse em mim — perguntasse a si mesma sobre o que eu andava pensando e o que teria feito ali, na casa dela. Para dar a mim mesmo uma desculpa para encontrá-la, dobrei as roupas que ela havia me emprestado, as roupas do enterro do amante morto que eu acabara de tirar, e pus dentro de um saco plástico. Eu planejava lavá-las e devolvê-las dentro de alguns dias.

Fui acordar Tariq para voltarmos para casa, mas o garoto estava na porta, segurando uma pequena bolsa a tiracolo. O rosto sonolento tinha uma expressão de mágoa e acusação.

— Você quer me deixar? — perguntou.

— Não — eu ri —, mas você ficaria melhor se eu fizesse isso. Mais confortável, pelo menos. Minha casa não é tão boa quanto esta.

Ele franziu a testa, quebrando a cabeça com as palavras em inglês e nem um pouquinho tranquilizado.

— Você está pronto?

— Sim, pronto — resmungou, fazendo que sim com a cabeça.

Pensando na latrina e na falta de água da favela, disse-lhe que usasse o banheiro antes de sairmos, e o instruí a lavar bem o rosto e as mãos. Depois que ele terminou, dei-lhe um copo de leite e um bolinho que encontrei na cozinha de Karla. Saímos para a rua deserta, trancando a porta atrás de nós. Ele olhou para a casa e para os prédios que a cercavam, à procura de referências que demarcassem o local em seu mapa mental. Então, apertou o passo, a meu lado,

mas um pouco afastado.

Caminhamos pela pista, pois as calçadas estavam ocupadas em muitos pontos por moradores de rua adormecidos. Os únicos carros que passavam eram um táxi ou jipe da polícia. Todas as lojas e firmas estavam fechadas, e apenas algumas casas ou apartamentos tinham luzes nas janelas. A lua estava quase cheia, mas desaparecia de tempos em tempos sob densas nuvens. Era o prenúncio da monção. As nuvens, que se reuniam e se avolumavam a cada noite, se dilatariam nos próximos dias até que todo o céu estivesse carregado. Então a chuva chegaria a toda parte, o tempo todo.

Não levamos muito tempo no percurso. Apenas meia hora depois de deixarmos o apartamento de Karla, chegamos à pista ampla que contornava a curva oriental da favela. Tariq não tinha dito nada no caminho e eu, preocupado em como lidar com ele e com a responsabilidade por seu bem-estar — absorvido pelo próprio menino, era o que me parecia então —, mantive um silêncio nada cortês. À nossa esquerda, havia um grande descampado, mais ou menos do tamanho de um campo de futebol, separado para servir de latrina para mulheres, crianças e idosos. Nada crescia ali e toda a área estava empoeirada e árida depois de oito meses de sol. À nossa direita via-se o canteiro de obras, demarcado aqui e ali por algumas pilhas de madeira, treliças de aço e outros materiais. Lâmpadas suspensas por longos fios iluminavam o material que seria usado na construção. Não havia outra luz no caminho, e a favela, distante ainda cerca de meio quilômetro, só aparecia graças ao brilho esmaecido de alguns lampiões a querosene.

Mandei que Tariq seguisse exatamente meus passos, por saber que muita gente com medo de encontrar ratos ou cobras no descampado, usava a trilha como latrina depois de escurecer. Por algum acordo tácito e misterioso, uma parte estreita e irregular no meio do caminho sempre ficava limpa, para que quem chegasse tarde pudesse entrar na favela sem pisar na imundície que se acumulava. De tanto chegar tarde em casa, eu havia aprendido a atravessar aquele labiríntico caminho limpo sem tropeçar ou cair nos muitos buracos que ninguém parecia se lembrar de aterrar.

Tariq me seguiu de perto, esforçando-se para pisar exatamente onde eu caminhava. O fedor na entrada da favela era insuportável e provocava náuseas nos visitantes. Eu sabia disso. Tinha me acostumado e passara até a pensar naquilo com uma espécie de carinho, como os favelados faziam. Aquele cheiro significava que estávamos em casa, seguros, protegidos por nossa miséria coletiva dos perigos que assombravam os pobres nas ruas da cidade, mais limpas e nobres. Porém, nunca me esqueci do meu espasmo de náusea quando entrei pela primeira vez na favela. E me lembrei do medo que senti ao respirar aquele ar tão insalubre que parecia envenenar meus pulmões a cada lufada e manchar o suor sobre a minha pele.

Lembrei-me e sabia que Tariq com certeza estava sofrendo, enjoado e assustado. Mas não disse nada para confortá-lo. Resisti ao impulso de segurar sua mão. Não queria ficar com a criança e estava furioso comigo mesmo por não ter conseguido dizer aquilo para Khaderbhai. Eu queria que o menino se sentisse enjoado e assustado. Queria que ficasse tão enjoado, assustado e infeliz que

implorasse ao tio para levá-lo para longe de mim.

A tensão crepitante daquele silêncio cruel foi estilhaçada por uma explosão de latidos ferozes. Os uivos daquele cão logo despertaram latidos violentos de outros tantos, e então de outros mais. Parei subitamente e Tariq esbarrou nas minhas costas. Os cães estavam no descampado, não muito distante. Procurei na escuridão, mas não conseguia vê-los. Senti que era um grupo grande, espalhado por uma ampla área. Olhei para a massa de barracos, calculando a distância até a favela e a segurança das casas. Naquele momento, os uivos alcançaram um crescendo de violência e os animais vieram correndo até nós, no meio da noite.

Vinte, trinta, quarenta cães enlouquecidos formavam a matilha que avançava contra nós em um amplo arco, impedindo que nos refugiássemos na favela. O perigo era extremo. Aqueles cães, que eram tão covardes e servis durante o dia, se transformavam em uma matilha feroz e cruel à noite. Sua agressividade e sua ferocidade eram famosas em todas as favelas da cidade e inspiravam muito medo. Ataques a seres humanos eram frequentes. Eu tratava de mordidas de cães e ratos quase todos os dias na pequena clínica em meu barraco. Um bêbado tinha sido brutalmente atacado por um bando de cães nos arredores da favela e ainda convalescia no hospital. Um menininho morrera naquele mesmo lugar, um mês antes. O corpo foi destruído e os fragmentos se espalharam por uma área tão grande que havia sido necessário um dia inteiro para localizá-los e recuperá-los.

Estávamos encurralados no caminho escuro. Os cães se aproximaram, ficando a alguns metros de nós enquanto latiam furiosamente. Era ensurdecedor, aterrorizante. Os mais corajosos avançavam aos poucos, cada vez mais próximos. Eu sabia que dentro de alguns segundos eles fariam o primeiro ataque. A favela estava distante demais para ser alcançada em segurança. Pensei que, se estivesse sozinho, poderia escapar levando apenas algumas mordidas, mas sabia que eles alcançariam Tariq nos primeiros cem metros. Bem mais próxima de nós estava uma pilha de madeira e outros materiais de construção. Ali encontraríamos objetos para nossa defesa e uma área bem-iluminada para lutar. Disse a Tariq que se preparasse para correr assim que eu mandasse. Quando tive certeza de que ele compreendera, joguei no meio da matilha o saco plástico com as roupas que Karla havia me emprestado. Eles saltaram sobre o saco imediatamente, mordendo e rosnando uns com os outros no frenesi de rasgar e estraçalhar.

— Agora, Tariq! Agora! — berrei, empurrando o menino na minha frente e me virando para dar cobertura a sua fuga. Os cães estavam tão distraídos com o saco de roupas que ficamos em segurança por um momento. Corri para a pilha com restos de madeira e peguei um maciço pedaço de bambu justamente no momento em que a matilha perdeu o interesse em destruir o saco de roupas e voltou a avançar sobre nós.

Ao identificar a arma, os animais enfurecidos hesitaram um pouco, a alguma distância de nós. Eram muitos. *Cães demais*, peguei-me pensando. *Há cães demais aqui*. Era a maior matilha que eu já vira. Os uivos desvaierados incitavam os mais enlouquecidos a simular uma série de ataques de diferentes direções.

Ergui a vara pesada e disse a Tariq para subir nas minhas costas. O garoto obedeceu na mesma hora. Escalou minhas costas e agarrou meu pescoço firmemente com seus bracinhos finos. A matilha se aproximou um pouco mais. Um cão negro, maior do que os outros, saiu em disparada com a mandíbula aberta e mirou as minhas pernas. Baixei a vara com toda a força, errando o focinho, mas atingindo-lhe a coluna. Ele ganiu em agonia e saiu do meu alcance. A batalha começou.

Um atrás do outro, da esquerda, da direita e a nossa frente, eles atacaram. A cada ataque, eu os fustigava com a vara para afastá-los. Chegou a me passar pela cabeça que, se eu ferisse seriamente, ou mesmo matasse, um dos cães, talvez os outros se intimidassem. Mas nenhum dos meus golpes foi tão forte a ponto de desencorajá-los por mais do que alguns instantes. De fato, eles pareciam perceber que a vara podia feri-los, mas não era capaz de matar. Ficaram mais audaciosos.

Toda a matilha se aproximava de forma inevitável. Os ataques individuais se tornaram mais frequentes. Depois de dez minutos de luta, eu suava intensamente e começava a ficar cansado. Sabia que não demoraria muito até que meus reflexos se tornassem mais lentos e uma das feras conseguisse dar uma mordida em um braço ou uma perna. E, com o cheiro de sangue no ar, a fúria desvairada se tornaria ainda mais raivosa, violenta e destemida. Esperava que alguém ouvisse aquele clamor ensurdecedor e viesse nos ajudar. Mas eu já havia sido despertado mais de cem vezes, tarde da noite, pelos mesmos latidos provenientes dos arredores da favela, e voltara a dormir sem pensar no assunto.

O grande cão negro que parecia ser o líder da matilha ameaçou me atacar pelo lado. Quando me virei, rápido demais, para enfrentá-lo, meu pé se prendeu a uma tábuia e eu caí. Sempre ouvi falar que, em um acidente ou diante de um perigo súbito, a sensação é de que o tempo fica mais lento, quase paralisado, que tudo parece acontecer em câmera lenta. Aquela queda para o lado foi minha primeira experiência desse tipo. Entre o tropeção e a queda, houve um túnel de tempo estendido e perspectivas estreitadas. Vi o cão negro vacilar no ritmo de seus recuos instintivos e se virar para nos encarar mais uma vez. Vi as patas dianteiras deslizarem, escorregarem com a energia de uma virada desajeitada, e então traçarem um percurso sobre a trilha poeirenta para correr e saltar. Vi os olhos da fera, de crueldade quase humana, ao perceber minha vulnerabilidade e a proximidade daquele mortífero segundo. Vi os outros cães fazerem uma pausa, quase ao mesmo tempo, e depois se arrastarem para a frente com passos miúdos. Tive tempo de pensar em como era estranho e inadequado que agissem tão furtivamente, num momento em que eu estava tão vulnerável. Tive tempo de sentir as pedras ásperas arranharem a pele da parte de trás do meu cotovelo quando atingi o chão e de me preocupar brevemente com o ridículo risco de infecção, que se esvaiu diante do perigo maior e mais imediato, dos cães. Eles estavam em toda parte.

E, desesperado, com um medo doentio do que lhe aconteceria, pensei em Tariq, a pobre criança que tinha sido jogada aos meus cuidados apesar de tão contrariada. Eu o senti escorregar pelo meu pescoço, os braços frágeis soltaram minhas mãos enquanto eu tombava sobre a madeira espalhada. Eu o vi cair e se

levantar com agilidade felina, com um pé de cada lado das minhas pernas. Então, seu corpo se enrijeceu com a intensidade de sua fúria e sua coragem, o menininho gritou, agarrou um pedaço de madeira e golpeou o focinho do cão negro. O animal foi gravemente atingido. Seus ganidos de dor se sobrepujaram ao rumor dos latidos e uivos, e dos gritos do garoto.

— *Allah hu Akbar! Allah hu Akbar!* — Tariq berrou. Ele se agachou e golpeou o vazio, com o rosto tão selvagem quanto o dos outros animais, a postura feroz. No último daqueles segundos impossivelmente longos da minha percepção aguçada, tive tempo de sentir os olhos arderem com lágrimas, ao vê-lo se agachar e golpear e lutar para nos defender. Eu via o contorno das suas vértebras contra a camisa, os ossos de seus joelinhos magros delineados nas calças. Havia tanta coragem naquela pequena embalagem! A emoção que fez meus olhos arderem se chamava amor, o amor puro e orgulhoso de um pai pelo filho. Eu o amei com todo o coração naquele segundo. Enquanto me debatia para ficar de pé e o tempo voltava a se acelerar, a se desprender da cola do medo e do fracasso, algumas palavras se repetiram na minha cabeça, palavras do poema de Karla. Eu vou morrer por esse amor, morrer por esse amor.

Tariq havia ferido o líder da matilha, que foi se refugiar atrás dos outros, desencorajando-os por algum tempo. Os uivos ficaram mais intensos, porém, e ganharam outra característica, um gemido pulsante de frustração. Era como se estivessem doentes com a vontade de matar e atormentados pelo fracasso. Eu tinha esperança de que a agonia de tal desapontamento pudesse fazer com que se voltassem uns contra os outros caso não conseguissem nos derrubar logo. Então, inesperadamente, eles voltaram a saltar sobre nós.

Vieram em grupos de dois e três. Atacaram dos dois lados ao mesmo tempo. O menino e eu ficamos de costas um para o outro, desferindo golpes desesperados. Os cães estavam ensandecidos com a sede de sangue. Batemos neles com força, mas só recuavam alguns segundos antes de voltarem a saltar sobre nós. Estávamos cercados por dentes e rosnados, mordidas e uivos. Inclinei-me sobre Tariq para ajudá-lo a repelir um ataque muito determinado de três ou quatro animais. Um cão conseguiu correr pelas minhas costas e morder com força meu tornozelo. A bota de couro me protegeu e consegui afastar o animal, mas sabia que estávamos perdendo a batalha. Tínhamos recuado bastante contra o monte de madeira e não havia mais para onde ir. A matilha inteira rosnava e nos rodeava a menos de dois metros de distância. Então, pelas nossas costas, houve um rosnado e o barulho de madeira contra a madeira cedendo ao peso de alguma coisa que havia pulado naquela superfície. Pensei que alguns cães tinham conseguido de alguma forma contornar a pilha, mas ao me virar para enfrentar o desafio, vi Abdullah, vestido de negro, pulando sobre nossas cabeças e se jogando no meio das mandíbulas destruidoras da matilha.

Ele rodopiou, golpeando à esquerda e à direita. Pulou, juntando os joelhos com firmeza e aterrissou com a flexibilidade e a tensão de um lutador bem-treinado. Os movimentos eram fluidos, rápidos e econômicos. Era a bela e terrível sobriedade da cobra e do escorpião. Letal. Exata. Perfeita. Ele havia se munido de uma barra de metal com cerca de três centímetros de diâmetro e mais de um metro de comprimento. Manejava essa barra com ambas as mãos,

como se fosse uma espada. Mas não foi a qualidade superior de sua arma ou mesmo sua agilidade incomum que aterrorizou os cães e os fez recuar. O que os obrigou a fugir em pânico, deixando para trás dois mortos, com os crânios esmigalhados, foi o fato de ele ter tomado a iniciativa do ataque. Ele atacara, enquanto nós apenas nos defendêramos. Ele estava certo da vitória, enquanto nós apenas lutávamos para sobreviver.

Tudo acabou rápido. Houve silêncio no lugar antes tomado por uivos. Abdullah se virou para nos olhar, segurando a barra de metal no ombro, como se fosse uma espada de samurai. O sorriso que brilhava em seu rosto jovem e corajoso parecia o luar reluzindo no minarete da mesquita branca de Haji Ali.

Mais tarde, enquanto bebíamos um chá persa quente e bem doce no meu barraco, Abdullah explicou que estivera ali, à minha espera, e ouvira os cães. Contou-me que foi investigar o que se passava porque teve a sensação de que algo estava terrivelmente errado. Depois de termos falado várias vezes sobre a aventura, preparei três lugares no chão de terra batida. Esticamos os corpos para descansar.

Abdullah e Tariq caíram no sono sem a menor dificuldade, coisa que eu não conseguia fazer. Fiquei deitado na escuridão que recendia a incenso, cigarros *bidi* e querosene barato e repassei os acontecimentos dos últimos dias através de uma peneira de dúvidas e suspeitas. Aconteceram tantas coisas naqueles dias, muito mais que nos últimos meses, ao que me parecia. Madame Zhou, Karla, o conselho de Khaderbhai, Sapna... Senti-me à mercê de personalidades mais fortes, ou pelo menos mais misteriosas, do que a minha. Senti a irresistível força de uma maré que me empurrava para uma direção que pertencia a outra pessoa, ao destino de outra pessoa. Havia um plano ou um propósito. Eu sentia. Havia indícios, eu tinha certeza, mas não conseguia separá-los de uma movimentada colagem de horas, rostos e palavras. A noite nublada parecia cheia de sinais e presságios, como se o próprio destino estivesse me mandando ir em frente ou me desafiando a ficar no mesmo lugar.

Tariq acordou em sobressalto e sentou-se, olhando à sua volta. Meus olhos estavam acostumados à escuridão. Vi claramente o momento de medo em seu rosto pálido, um medo que se comprimiu até transformar-se em tristeza e determinação diante dos meus olhos. Ele olhou para Abdullah, que dormia em paz, e então olhou para mim. Sem fazer barulho, ele se levantou e arrastou a esteira até ela ficar bem do lado da minha. Voltou a se cobrir com o cobertor fino e se aconchegou ao meu lado. Estendi o braço e ele descansou a cabeça sobre ele. O cheiro do sol estava em seus cabelos.

A exaustão finalmente tomou conta de mim e submergiu minhas dúvidas e confusões. A objetividade sagaz do estado semiadormecido me mostrou o que aqueles novos amigos — Khaderbhai, Karla, Abdullah, Prabaker e todos os outros — tinham em comum. Eram todos, éramos todos, forasteiros naquela cidade. Nenhum de nós havia nascido ali. Éramos todos refugiados, sobreviventes, lançados nas praias da cidade-ilha. Se havia uma ligação entre nós, era a dos exilados, a afinidade daqueles que estão perdidos, solitários e desprovidos.

Quando percebi aquilo, no momento em que compreendi, pude ver a dureza do tratamento que dera ao menino, Tariq, ele próprio um forasteiro em meu

fragmento bruto e esfarrapado da cidade. Com vergonha do egoísmo frio que roubara minha compaixão, profundamente tocado pela coragem e pela solidão do menininho, eu ouvi o som de sua respiração enquanto dormia e deixei que se apoiasse na dor de meu coração. Algumas vezes, amamos com nada além da esperança. Outras vezes choramos com tudo, menos com as lágrimas. No final, tudo se resume a isto: amor e sua responsabilidade, tristeza e sua verdade. E é tudo o que temos para aguentar firme até o próximo amanhecer.



**PARTE TRÊS**

## CAPÍTULO DEZESSETE

— O MUNDO É COMANDADO por um milhão de homens maus, dez milhões de estúpidos e cem milhões de covardes — decretou Abdul Ghani em seu perfeito sotaque inglês de Oxford, enquanto lambia vestígios de bolo de mel dos dedos curtos e grossos. — Os homens maus detêm o poder: são os ricos, os políticos, os fanáticos religiosos. E suas decisões dominam o mundo e o põem em sua trilha de ganância e destruição.

Ele fez uma pausa, olhando para a fonte sussurrante no pátio ensopado pela chuva de Abdel Khader Khan, como se estivesse recebendo inspiração da umidade e da pedra cintilante. Estendeu a mão direita e pegou outro bolinho de mel, colocando-o inteiro na boca. O pequeno sorriso suplicante que me dirigiu, enquanto mastigava e engolia, parecia dizer: *Eu sei que não deveria, mas não consigo resistir.*

— Existe apenas um milhão deles no mundo inteiro, os homens verdadeiramente maus. Os muito ricos e muito poderosos, cujas decisões de fato têm importância, são apenas um milhão. Os estúpidos, que somam dez milhões, são os soldados e os policiais que fazem cumprir as ordens dos malvados. São os exércitos de prontidão dos doze países mais importantes e as forças policiais desses doze e de outros vinte países. No final das contas, são apenas dez milhões com algum tipo de importância ou poder. Costumam ser corajosos, certamente, mas também são estúpidos, pois dão a vida por governos e causas que usam seu corpo e seu sangue como simples peças de um jogo de xadrez. Aqueles governos sempre os traem, os decepcionam ou os abandonam no longo prazo. Não existem homens mais vergonhosamente abandonados pelas nações do que os heróis de guerra.

O jardim circular do pátio no meio da residência de Khaderbhai era aberto ao centro. A chuva da monção caía sobre a fonte e os azulejos: uma chuva tão densa e constante que o céu era um rio, e nossa parte do mundo, uma cachoeira. Apesar da precipitação, a fonte continuava a jorrar, enviando frágeis esguichos de água contra a cascata que despencava do alto. Estávamos sentados sob a proteção do teto da varanda, secos e aquecidos pelo ar úmido enquanto observávamos o aguaceiro e bebericávamos chá doce.

— E cem milhões de covardes — prosseguiu Abdul Ghani, beliscando a asa da xicara com os dedos rechonchudos —, que são os burocratas, encostados, marcadores de ponto, que fazem vista grossa e permitem que os homens maus governem. Eles são o chefe deste departamento, o secretário daquele comitê, o presidente da outra associação. São gerentes, funcionários públicos, prefeitos e membros do Judiciário. Sempre se defendem dizendo que estão apenas cumprindo ordens ou fazendo seu trabalho, que não é um problema pessoal e que, se *eles* não fizessem, outra pessoa o faria, com toda a certeza. São cem milhões de covardes que sabem o que se passa, mas não dizem nada, enquanto assinam o documento que manda um homem ao encontro do pelotão de

fuzilamento ou condena um milhão a uma pena de morte mais lenta, pela fome.

Ele ficou em silêncio, observando a mandala formada pelas veias na parte de trás da sua mão. Momentos depois, deixou o devaneio e olhou para mim, com olhos reluzentes e um sorriso suave e carinhoso.

— É assim — concluiu ele. — O mundo é comandado por um milhão de homens maus, dez milhões de estúpidos e cem milhões de covardes. O restante de nós, os seis bilhões, faz basicamente o que os outros mandam!

Ele soltou uma gargalhada e bateu com a mão na coxa. Era uma gargalhada boa, do tipo que só cessa quando a piada é contada. Eu me peguei dando gargalhadas com ele.

— Você sabe o que isso quer dizer, rapaz? — perguntou, quando o rosto ficou sério o suficiente para formular a pergunta.

— Me conte.

— Esta fórmula, um milhão, dez milhões, cem milhões, é a grande verdade por trás de toda a política. Marx estava errado. Não é uma questão de classes, sabe, porque todas as classes estão nas mãos dessa minoria. Esse conjunto de números é a causa do império e da rebelião. É a fórmula que engendrou nossas civilizações nos últimos dez mil anos. Foi o que construiu as pirâmides. Deflagrou suas Cruzadas. Levou o mundo à guerra. E essa fórmula tem o poder de impor a paz.

— Não são *minhas* cruzadas — corrigi —, mas entendo o que você quer dizer.

— Você o ama? — perguntou ele, mudando de assunto tão subitamente que me pegou desprevenido. Ele costumava fazer aquilo com tanta frequência, alterando o rumo de seus discursos de um tema para outro, que isso se tornou uma espécie de marca registrada de suas conversas. A habilidade em executar esse truque era tanta que, mesmo depois de conhecê-lo bem, mesmo depois que passei a esperar aqueles desvios súbitos, ele ainda conseguia me pegar no contrapé. — Você ama Khaderbhai?

— Eu... Que tipo de pergunta é essa? — quis saber, ainda sorridente.

— *Ele* tem uma grande afeição por  *você* , Lin. Costuma falar muito de você.

Franzi a testa e evitei seu olhar penetrante. Senti uma onda de intenso prazer ao ouvir que Khaderbhai gostava e falava de mim. Ao mesmo tempo, eu não queria admitir, nem para mim mesmo, o quanto sua aprovação era importante. O conflito de emoções — amor e suspeita, admiração e ressentimento — me confundia, como costumava acontecer quando pensava em Khader Khan ou passava um tempo com ele. A confusão transparecia como irritação em meus olhos e em minha voz.

— Quanto tempo você acha que vamos ter que esperar? — perguntei, olhando as portas fechadas que conduziam aos aposentos privados da casa de Khaderbhai. — Preciso me encontrar com alguns turistas alemães hoje à tarde.

Abdul ignorou a pergunta e inclinou-se sobre a mesinha que separava nossas cadeiras.

— Você deve amá-lo — disse ele em um sussurro quase sedutor. — Quer saber por que eu amo Abdel Khader com toda a minha alma?

Estávamos sentados com os rostos tão próximos que eu podia ver as finas

veias vermelhas no branco de seus olhos. O bordado daquelas fibras rubras convergia para a íris castanha como muitos dedos erguidos para apoiar discos dourados, castanho-avermelhados. Sob os olhos havia olheiras profundas, que davam ao rosto sua expressão persistente de introversão recheada de pesar e tristeza. Apesar de todas as piadas e da risada fácil, as olheiras pareciam sempre prestes a romper um reservatório de lágrimas.

Esperávamos o retorno de Khaderbhai havia meia hora. Quando cheguei com Tariq, Khader me cumprimentou com afeição e então se retirou com o menino para orar, deixando-me na companhia de Abdul Ghani. A casa estava completamente silenciosa, a não ser pelo barulho da chuva que caía no pátio e pelo borbulhar da fonte. Dois pombos se aconchegavam do outro lado do pátio.

Abdul e eu nos encaramos em silêncio, mas eu não falei, não respondi à pergunta. *Quer saber por que eu amo este homem?* É claro que eu queria saber. Era um escritor, queria saber de tudo. Mas não gostava de entrar no jogo de perguntas e respostas de Ghani. Não conseguia decifrar suas intenções, nem adivinhar para onde a conversa se encaminharia.

— Eu o amo, meu rapaz, porque ele é um ancoradouro nesta cidade. Milhares de pessoas encontram segurança ao ligar suas vidas à dele. Eu o amo porque ele tem a tarefa de mudar o mundo inteiro, quando outros homens nem sequer se arriscam a *sonhar* com isso. Eu me preocupo porque ele investe tempo, esforço e dinheiro demais nessa causa e temos muitas discordâncias por conta disso, mas o amo pela sua devoção. E, acima de tudo, eu o amo porque é o único homem que conheci, e é o único homem que  *você*  vai conhecer, que pode responder às três grandes perguntas.

— Existem apenas *três* grandes perguntas? — indaguei, incapaz de despir o sarcasmo da voz.

— Sim — respondeu ele com tranquilidade. — *De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos?* São as três grandes perguntas. E se você o ama, Lin, meu jovem amigo, se você o ama, ele vai *lhe* contar esses segredos também. Ele vai *lhe* dizer qual é o sentido da vida. E quando o ouvir falar, quando escutá-lo, você vai saber que ele diz a verdade. E jamais conhecerá outro que responda a essas três perguntas, eu sei disso. Viajei pelo planeta muitas vezes. Perguntei a todos os grandes professores. Antes de conhecer Abdel Khader Khan e juntar minha vida à dele, como um irmão, gastei uma fortuna, várias fortunas, em busca de famosos videntes, místicos e renomados cientistas. Nenhum deles jamais respondeu às três grandes perguntas. Então conheci Khaderbhai. Ele as respondeu. E eu o amo, como irmão, como irmão de minha alma, desde aquele dia. Tornei-me seu criado desde aquele dia até o último minuto que compartilhamos. Ele *vai* *lhe* contar. *O sentido da vida!* Ele vai resolver o mistério para você.

A voz de Ghani era uma nova corrente no rio largo e caudaloso que me arrastava: o rio da cidade e de seus quinze milhões de vidas. O cabelo grosso e castanho, já grisalho, ficava completamente branco junto das têmporas. O bigode, com mais fios brancos que castanhos, descansava sobre lábios delicadamente esculpidos, quase femininos. Uma pesada corrente de ouro reluzia

em seu pescoço na luz vespertina e combinava com o ouro que faiscava em seu olhar. E, enquanto nos encarávamos naquele silêncio aflitivo, lágrimas começaram a encher os cantos avermelhados de seus olhos.

Não conseguia duvidar da profundidade real de seu sentimento, mas também não conseguia entendê-lo por completo. Então uma porta se abriu atrás de nós e o rosto redondo de Ghani se dissolveu em sua máscara habitual de alegre afabilidade. Viramo-nos para ver Khaderbhai entrar com Tariq.

— Lin! — disse ele, com as mãos pousadas sobre os ombros do garoto. — Tariq me contou o quanto aprendeu com você nos últimos três meses.

Três meses. A princípio considerei impossível suportar a companhia do menino por três dias. Entretanto, três meses se passaram tão rápido que, quando chegou a hora de levá-lo de volta para casa, não queria devolvê-lo. Sabia que sentiria sua falta. Era um bom menino. Ele se tornaria um bom homem — o tipo de homem que eu havia tentado me tornar, sem sucesso.

— Ele ainda estaria conosco se você não tivesse mandado buscá-lo — respondi. Havia uma ponta de censura no meu tom. Parecia-me uma arbitrariedade cruel que ele, inadvertidamente, tivesse me deixado meses com o menino e resolvesse tomá-lo de volta da mesma forma abrupta.

— Tariq completou os estudos na nossa escola do Alcorão nos últimos dois anos e agora aprimorou o inglês com você. Está na hora de entrar num colégio, e acho que está bem-preparado.

O tom de Khaderbhai era gentil e paciente. Os olhos sorriam com ar carinhoso e ligeiramente divertido e me prendiam com a mesma firmeza que suas mãos fortes seguravam os ombros do menino sério e solene diante dele.

— Sabe, Lin — disse ele suavemente —, há um ditado na língua pachto que diz que a gente só se torna um homem depois de amar, de forma livre e sincera, uma criança. E a gente só se torna um homem bom quando merece o amor livre e sincero de uma criança.

— Tariq é legal — disse eu, levantando-me para apertar as mãos e me despedir. — É um bom garoto e vou sentir saudades.

Eu não seria o único a sentir saudades. Ele era muito querido por Qasim Ali Hussein. O líder comunitário havia visitado o garoto muitas vezes e o levou em muitas de suas rondas na favela. Jeetendra e Radha o encheram de mimos. Johnny Cigar e Prabaker pegavam no pé dele com carinho e o incluíram nos jogos semanais de críquete. Até Abdullah havia se afeiçoado ao menino. Depois da Noite dos Cães Selvagens, ele passou a visitar Tariq duas vezes por semana para lhe ensinar a arte de lutar com bastões, lenços e com as mãos nuas. Eu os vi muitas vezes naqueles meses, as silhuetas desenhadas no horizonte como personagens de um teatro de sombras, enquanto praticavam em uma pequena faixa de areia próxima à favela.

Apertei a mão de Tariq por último e olhei bem dentro de seus olhos negros tão sinceros e verdadeiros. As lembranças dos últimos três meses se precipitaram sobre a superfície fluida do momento. Lembrei-me de sua primeira briga na favela. Um menino bem maior o havia derrubado, mas Tariq o afastou apenas com a força do olhar, enchendo-o de vergonha. O garoto ficou desconcertado e caiu no choro. Tariq deu-lhe um abraço solícito e selou assim uma grande

amizade. Lembrei-me do entusiasmo de Tariq pelas aulas de inglês que organizei para ele, e de como logo se tornou meu assistente, ajudando outras crianças que também vieram aprender. Eu o vi lutando contra a primeira inundação da monção, cavando conosco um canal de drenagem no terreno pedregoso, com a ajuda de varetas e das mãos nuas. Lembrei-me de seu rosto espiando pela fresta da precária porta do barraco, certa tarde, quando eu tentava escrever. *O que é, Tariq?*, perguntei irritado. *Ah, sinto muito*, respondeu. *Você quer ficar sozinho?*

Deixei a casa de Abdel Khader Khan e comecei o longo caminho de volta para a favela, sozinho, sentindo a falta do garoto. Era como se eu tivesse perdido importância, ou talvez fosse menos *valioso* no mundo diferente que, sem ele, se fechava em torno de mim. Fui ao encontro com os turistas alemães no hotel deles, bem perto da mesquita de Khaderbhai. Era um jovem casal em sua primeira viagem ao subcontinente. Queriam economizar dinheiro trocando marcos alemães no mercado negro e comprar um pouco de haxixe para a jornada pela Índia. Era um casal feliz, bacana — inocente, generoso e encantado com o aspecto espiritual da Índia. Troquei o dinheiro para eles, tirando a minha comissão, e intermediei a compra do haxixe. Ficaram muito gratos e tentaram me pagar mais do que o combinado. Recusei o dinheiro — afinal de contas, um acordo deve ser cumprido —, mas aceitei o convite para fumar com os dois. O cachimbo que preparei não era tão forte para quem morava e trabalhava nas ruas de Bombaim, porém bem mais forte do que eles estavam acostumados. Ficaram tão chapados que dormiam quando fechei a porta do quarto do hotel e caminhei pelas ruas sonolentas da tarde.

Caminhei pela Mohammed Ali Road até a Mahatma Gandhi Road e Colaba Causeway. Poderia ter tomado um ônibus ou um dos numerosos táxis que estavam por ali, mas eu adorava caminhar. Adorava aqueles quilômetros a partir do bazar Chor, que passavam pelo mercado Crawford, a estação Victoria, a fonte Flora, a área de Fort, Regal Circle, cortando Colaba até a doca Sassoon, o World Trade Centre e Back Bay. Caminhei por ali milhares de vezes naqueles anos, e tudo sempre me parecia novo, sempre excitante, sempre inspirador. Enquanto contornava Regal Circle, fiz uma pausa para verificar os cartazes com as próximas atrações do cinema Regal, e ouvi uma voz chamar meu nome.

— Linbaba! Ei, Lin!

Virei-me e encontrei Prabaker com a cabeça para fora da janela do banco do carona de um táxi preto e amarelo. Aproximei-me para apertar sua mão e saudar o motorista, Shantu, primo de Prabaker.

— Estamos voltando para casa. Entre aí e lhe damos uma carona.

— Obrigado, Prabu — disse com um sorriso. — Vou caminhar mesmo. Tenho que passar em alguns lugares antes.

— Tudo bem, Lin! — Prabaker abriu um sorriso. — Mas não se demore demais, como algumas vezes você faz, se não se importa que eu diga isso na sua cara. Hoje é um dia especial, não é?

Acenei até que o sorriso dele desapareceu no congestionamento. Então, dei um pulo quando um automóvel freou bruscamente, cantando pneus. Um Embassador tinha tentado ultrapassar um carro mais lento e batera numa

carroça de madeira puxada à mão, jogando o pesado veículo contra a lateral de um táxi, a dois metros de mim.

Foi um acidente sério. O homem que empurrava a carroça ficou gravemente ferido. Notei que as cordas amarradas ao pescoço e aos ombros — as rédeas e os arreios — o prenderam à canga. O corpo dele, detido pelas cordas, dera uma cambalhota, e ele bateu com a cabeça na dura superfície da rua. Um dos braços estava torcido para trás, fazendo um ângulo assustador. Um pedaço de osso se projetava da canela, logo abaixo do joelho. E as cordas, as mesmas que ele usava diariamente para arrastar a carroça pela cidade, estavam enroladas no pescoço e no peito, e o apertavam a ponto de sufocar.

Corri com outras pessoas, tirando a faca da bainha no cinto na parte de trás das calças. Rapidamente, mas com o maior cuidado possível, cortei as cordas e libertei o homem dos destroços. Ele já tinha certa idade, uns sessenta anos talvez, mas estava em boa forma, era esguio e saudável. Os batimentos cardíacos eram regulares e fortes, uma corrente poderosa para garantir sua recuperação. Suas vias respiratórias estavam desimpedidas, ele respirava com facilidade. Quando abri seus olhos suavemente com os dedos, as pupilas reagiram à luz. Estava atordoado, em choque, mas consciente.

Com a ajuda de outros três homens, ele foi levado da rua para a calçada. O braço esquerdo, frouxo, pendia do ombro. Coloquei-o numa posição mais confortável, fazendo uma curva com o cotovelo. Os espectadores doaram lenços quando solicitei. Com quatro panos amarrados nos cantos, improvisei uma tipoia e preendi o braço junto ao peito. Estava examinando a fratura na perna quando um frenesi de gritos, proveniente dos carros danificados, me obrigou a ficar de pé.

Dez ou mais homens tentavam agarrar o motorista do Ambassador. Era um sujeito imenso, com mais de um metro e oitenta de altura, bem mais pesado do que eu e duas vezes mais largo. Ele fincou as pernas grossas no chão do veículo, apoiou um braço contra o teto e agarrou o volante com a outra mão. A multidão furiosa desistiu depois de um minuto de luta infrutífera e desesperada e voltou sua atenção para o passageiro no banco de trás. Era um sujeito troncado, com ombros fortes, mas muito mais magro e esguio. A multidão o arrastou do banco traseiro e o jogou contra a lateral do carro. Ele cobriu o rosto com os braços, mas as pessoas começaram a lhe dar socos e a arranhá-lo.

Os dois eram africanos. Imaginei que fossem nigerianos. Ao observar da calçada, lembrei-me do choque e da vergonha que sentira ao presenciar a fúria da multidão pela primeira vez, quase dezoito meses antes, no primeiro dia do passeio sinistro de Prabaker pela cidade. Lembrei-me de como me senti impotente e covarde quando a turba levou embora o corpo combatido do homem. Na ocasião eu dissera a mim mesmo que aquela não era minha cultura, nem a minha cidade. A briga não era minha. Dezoito meses depois, a cultura indiana *era* minha, e aquela parte da cidade *era* minha também. Era a área do mercado negro. Minha área. Eu trabalhava ali todos os dias. Até conhecia algumas pessoas naquela multidão assassina. Não podia deixar que voltasse a acontecer sem tentar ajudar.

Gritei mais alto do que o resto e corri para a massa ruidosa. Comecei a puxar

os homens para longe da multidão de corpos.

— Irmãos! Irmãos! Não batam! Não matem! Não batam! — gritei em híndi.

Foi uma negociação complicada. A maioria permitiu que eu os afastasse dali. Meus braços eram fortes. Os homens sentiam a força que os empurrava para o lado. Mas a fúria assassina logo os lançava de volta na turbulência e senti punhos e dedos vindos de todas as partes ao mesmo tempo. Finalmente consegui abrir caminho até o passageiro e separá-lo dos líderes do bando. Com as costas contra a lateral do carro, o homem ergueu os punhos como se estivesse pronto para continuar a se defender. O rosto estava ensanguentado. A camisa, rasgada e manchada de um sangue de cor forte, rubro. Os olhos, arregalados e brancos de medo. Ele respirava com dificuldade, com os dentes cerrados. Mas havia uma coragem resoluta na posição de seu queixo, nos dentes arreganhados. Era um lutador e lutaria até o fim.

Não demorei mais que um segundo para perceber tudo isso, então me virei de costas para ele, para encarar a massa. Com as mãos abertas na minha frente, implorando e apaziguando, pedi aos berros que dessem fim à violência.

Quando corri e tentei salvar o homem, tive a fantasia de que a multidão se acalmaria e ouviria minha voz. As pedras caíam sem força das mãos dos homens arrependidos. A turba, sacudida pela minha coragem eloquente, deixaria o local com olhos baixos, envergonhados. Até agora, nas minhas lembranças daquele momento, daquele perigo, às vezes me rendo ao desejo de que minha voz e meus olhos tivessem mudado os sentimentos das pessoas naquele dia e que o círculo de ódio, ao ser humilhado e desacreditado, tivesse se aberto e se dispersado. Em vez disso, houve apenas um momento de hesitação, seguido de novo ataque com fúria ruidosa, violenta, cada vez mais intensa. Fomos obrigados a lutar para não morrer.

Ironicamente, o tamanho da multidão trabalhava a nosso favor. Estávamos encurralados em uma desajeitada área em L, formada pelos veículos destruídos. A turba nos cercava e não havia por onde escapar. Mas o aperto da própria aglomeração dificultava os movimentos. Recebíamos menos golpes do que aconteceria caso houvesse menos homens a nos atacar. Na agitação, as pessoas acabavam batendo umas nas outras ao extravasar a fúria.

E talvez a fúria *de fato* estivesse começando a abrandar, e houvesse alguma relutância em nos *matar*, apesar do desejo premente de nos fazer sofrer. Conheço essa relutância. Eu já a vi muitas vezes, em muitos mundos violentos. Não consigo explicá-la exatamente. É como se uma consciência coletiva em ação na mente da multidão, com o apelo correto, no momento preciso, pudesse desviar o ódio assassino da vítima. É como se a massa, naquele momento crítico, *desejasse* ser detida, *desejasse* ser impedida de provocar o pior com sua própria violência. E, naquele momento de hesitação, uma única voz, um único punho erguido contra a maldade reunida poderia ser o suficiente para detê-la. Eu vi aquilo na prisão, quando homens dispostos a currar outro prisioneiro foram impedidos por uma voz que lhes despertou a vergonha. Eu vi aquilo na guerra, onde uma voz forte pode enfraquecer e fazer murchar a crueldade odiosa que atormenta um prisioneiro capturado. E talvez tenha visto naquele dia, quando eu e

o nigeriano lutávamos contra a multidão. Talvez fosse a estranheza da situação — um branco, um *gora*, implorando em hindí pela vida de dois negros — que os impediu de cometer um assassinato.

De repente, o carro atrás de nós voltou à vida. O motorista grandalhão tinha conseguido dar partida. Ele ligou o motor e começou gradualmente a dar ré, afastando-se dos destroços. O passageiro e eu nos arrastamos e nos esgueiramos pela lateral do carro enquanto ele recuava para dentro da multidão. Demos golpes para afastar os homens de nós, arrancando suas mãos de nossas roupas. Quando o motorista se virou e abriu a porta de trás, nós dois pulamos para dentro do carro. A pressão da multidão fechou a porta. Vinte, cinquenta mãos davam pancadas, socavam, empurravam, batiam, esmurravam a parte de fora do carro. O motorista se afastou lentamente em direção à Causeway Road. Uma série de projéteis — xícaras de chá, embalagens de alimentos, dezenas de sapatos — despencou sobre o carro. Então nos libertamos, ganhando velocidade na rua movimentada, observando a janela traseira, para ter certeza de que não estávamos sendo seguidos.

— Hassaan Obikwa — disse o passageiro do meu lado, oferecendo-me a mão.

— Lin Ford — respondi, apertando a mão e reparando pela primeira vez que ele usava grande quantidade de ouro. Havia anéis em todos os dedos. Alguns eram enfeitados por diamantes reluzentes, branco-azulados. Havia também um Rolex de ouro incrustado com brilhantes que pendia frouxo em seu pulso.

— Este aqui é Raheem — disse ele, meneando a cabeça para o motorista. O homem imenso no banco dianteiro olhou para trás e abriu um grande sorriso. Ele revirou os olhos com a oração feliz de um sobrevivente e voltou-se para a frente.

— Devo-lhe a minha vida — disse Hassaan Obikwa com um sorriso sombrio. — Nós dois lhe devemos. Eles queriam nos matar, lá atrás, não há a menor dúvida.

— Tivemos sorte — respondi, olhando seu rosto arredondado, saudável e simpático e começando a gostar dele.

Os olhos e os lábios definiam seu rosto. Os olhos eram grandes e separados de forma peculiar, deixando-o levemente parecido com um réptil. Os lábios, tão volumosos, tão suntuosamente talhados, pareciam projetados para uma cabeça bem maior. Os dentes eram brancos e certinhos na frente, mas todos os laterais, de um lado ou de outro, eram cobertos de ouro. Curvas rococó nas abas no grande nariz alargavam um pouco as narinas, como se ele inspirasse um perfume agradavelmente inebriante. Um grande brinco de ouro chamava a atenção sob o cabelo curto e preto, contra a pele negra retinta de seu pescoço grosso, pendurado na orelha esquerda.

Observei a camisa dele, rasgada e ensanguentada, os cortes e hematomas em seu rosto, todos os centímetros de pele exposta. Quando voltei a olhar nos seus olhos, eles reluziam com bom humor e animação. Ele não ficara muito abalado com a violência da multidão. Nem eu. Já havíamos visto coisa pior, passado por coisa pior, e sabíamos disso quando nos entreolhamos. Para falar a verdade, nenhum de nós voltou a mencionar diretamente o incidente depois daquele dia. Olhei dentro de seus olhos reluzentes e senti que meu sorriso também se abria.

— Tivemos uma *puta* sorte!

— Porra, se tivemos! Se tivemos! — concordou ele, rindo muito e retirando o Rolex do punho. Ele o segurou contra a orelha para ter certeza de que ainda funcionava. Satisfeito, recolocou o relógio no pulso e me deu toda a sua atenção. — Mas existe uma dívida, e a dívida ainda é importante, apesar da nossa sorte. Uma dívida como essa... é a maior obrigação de um homem. Você *tem que* me deixar saldá-la.

— Vai ser preciso dinheiro — disse eu. O motorista se voltou para o retrovisor e trocou olhares com Hassaan.

— Mas... essa dívida não pode ser paga com dinheiro — Hassaan respondeu.

— Estou falando do puxador da carroça, aquele homem que você atropelou. E do táxi amassado. Se você me der dinheiro, vou providenciar para que o recebam. Vai ajudar muito e acalmar o ambiente em Regal Circle. É a minha área. Trabalho lá diariamente, e as pessoas vão ficar irritadas por algum tempo. Se você fizer isso, estamos quites.

Hassaan riu, deu um tapa no meu joelho. Era uma boa risada. Honesta, mas perversa; generosa, mas astuta.

— Por favor, não se preocupe — disse ele, ainda rindo muito. — Não é minha área, é verdade, mas tenho alguma influência, mesmo aqui. Posso garantir que o homem ferido vai receber todo o dinheiro de que precisa.

— E o outro também — acrescentei.

— O outro?

— Sim, o outro.

— O outro... *o quê?* — perguntou perplexo.

— O *motorista de táxi*.

— Sim, sim, o motorista de táxi também.

Houve um pequeno silêncio repleto de enigmas e perguntas. Olhei pela janela do carro, mas ainda conseguia sentir seu olhar curioso sobre mim. Voltei a encará-lo.

— Gosto... de motoristas de táxi — disse eu.

— Sim...

— Conheço muitos motoristas de táxi.

— Sim...

— E aquele carro, batido daquele jeito, vai causar muitos problemas para o motorista e sua família.

— Naturalmente.

— Então, quando você vai fazer? — perguntei.

— Fazer o quê?

— Quando você vai mandar o dinheiro para o puxador da carroça e o motorista de táxi?

— Ah — Hassaan Obikwa sorriu, olhando mais uma vez pelo retrovisor para trocar olhares com Raheem. O homenzarrão deu de ombros e voltou a sorrir para o espelho. — Amanhã. Pode ser amanhã?

— Pode — disse, franzindo a testa sem entender o porquê de tantos sorrisos.

— Só queria saber, para que eu possa contar para eles. Não é uma questão de

dinheiro. Posso conseguir algum. Isso já estava nos meus planos, de qualquer maneira. Tenho que dar uma força. Algumas daquelas pessoas... são conhecidas minhas. Por isso é importante. Se você *não* for ajudar, preciso saber para tomar as minhas providências. Só isso.

Tudo aquilo parecia estar ficando muito complicado. Estava arrependido de ter tocado naquele assunto. Comecei a ficar irritado com ele, sem entender o motivo. Então ele me estendeu a mão.

— Dou-lhe minha palavra — disse solenemente. Apertamos as mãos.

Ficamos de novo em silêncio, e depois de alguns instantes dei um tapinha no ombro do motorista.

— Aqui está ótimo — disse, talvez um pouco mais rude do que pretendia. — Vou ficar aqui.

O carro parou junto à calçada, a alguns quarteirões da favela. Abri a porta para sair, mas Hassaan agarrou meu punho com muita força. Por um segundo, calculei o quanto Raheem seria ainda mais forte.

— Por favor, guarde meu nome: Hassaan Obikwa. Você pode me encontrar no gueto africano, em Andheri. Todos me conhecem por lá. Por favor, me procure se precisar de alguma coisa. Quero pagar o que lhe devo, Lin Ford. Aqui está meu telefone. Você pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite.

Peguei o cartão — trazia apenas o nome e o telefone — e apertei sua mão. Acenei com a cabeça para Raheem e saí do carro.

— Obrigado, Lin — exclamou Hassaan, pela janela aberta. — *Inshallah*, a gente se vê por aí.

O carro partiu, e caminhei em direção à favela olhando para as letras douradas do cartão de visita, que guardei no bolso um quarteirão depois. Após alguns minutos, passei pelo World Trade Centre e entrei na favela, lembrando-me, como sempre fazia, da primeira vez que pisei naquele terreno abençoado e sofrido.

Quando me aproximei da casa de *chai* de Kumar, Prabaker saiu para falar comigo. Usava uma camisa de seda amarela, calças pretas e sapatos-plataforma de couro envernizado vermelho e preto. Um lenço de seda vermelho estava amarrado em volta de seu pescoço.

— Ah, Lin! — exclamou, pisando em falso no chão irregular. Ele se segurou em mim tanto para se equilibrar quanto para me cumprimentar amistosamente. — Tem alguém, um sujeito que você conhece, esperando-o na sua casa. Mas um minuto... o que aconteceu com seu rosto? E com sua camisa? Andou brigando com pessoal barra-pesada? Alguém lhe deu uma bela surra. Se quiser, vou com você e digo que ele é um *bahinchudh*.

— Não é nada, Prabu. Está tudo bem — resmunguei, me encaminhando para o barraco. — Você sabe quem é?

— Quem... é? Você quer dizer, quem andou batendo na sua cara?

— Não, não, claro que não! Estou falando do homem que está me esperando no barraco. Você sabe quem é?

— Sim, Lin — disse ele, tropeçando do meu lado e segurando minha manga para se equilibrar.

Caminhamos por mais alguns segundos em silêncio. As pessoas nos saudavam por todos os lados, fazendo convites para tomar chá, lanchar ou fumar.

— E então? — perguntei depois de um tempo.

— E então o quê?

— E então, quem é ele? Quem está no meu *barraco*?

— Ah! — gargalhou ele. — Desculpe-me, Lin. Pensei que você quisesse alguma surpresa, por isso não contei.

— Mas não é uma surpresa, Prabu, porque você me *contou* que havia alguém esperando por mim no barraco.

— Não, não — insistiu ele. — Você ainda não sabe o *nome*, por isso ainda tem uma surpresa. E isso é bom. Se não lhe dissesse que havia alguém lá, você ia entrar no barraco e levar um susto. E isso é uma coisa ruim. Susto é uma surpresa para a qual você não está preparado.

— Muito obrigado, Prabu — respondi. O sarcasmo evaporou assim que pronunciei essas palavras.

Ele não precisava ter se preocupado em me poupar do susto. Quanto mais perto chegava do barraco, mais frequentemente recebia a informação de que um estrangeiro me aguardava. *Olá, Linbaba! Tem um gora na sua casa, esperando por você!*

Quando chegamos ao barraco, lá estava Didier sentado em um banquinho, na sombra da soleira, abanando-se com uma revista.

— É Didier — informou-me Prabaker, sorrindo feliz.

— É. Muito obrigado, Prabu. — Virei-me para Didier, que se levantou para apertar minha mão. — Que surpresa. Que bom vê-lo.

— É bom vê-lo também, meu amigo — respondeu Didier sorrindo, apesar de incomodado com o calor. — Mas, convenhamos, você está com uma aparência um tanto *surrada*, como diria Lettie.

— Não é nada. Um mal-entendido, só isso. Preciso de um minuto para me lavar.

Despi a camisa rasgada e ensanguentada e enchi um terço de um balde com água limpa da *matka* de barro. De pé, sobre as pedras achatadas ao lado do barraco, lavei o rosto, os braços e o peito. Os vizinhos passavam por mim enquanto eu me lavava, sorrindo quando seus olhos encontravam os meus. Era preciso toda uma técnica para se lavar dessa forma, sem desperdiçar uma gota, sem fazer bagunça. Eu havia aprendido aquela técnica, e era uma das centenas de formas como minha vida imitava a deles e se encaixava ao lótus das suas batalhas de amor e esperança com o destino.

— Você aceita um *chai*? — perguntei a Didier enquanto vestia uma camisa branca limpa, na entrada do barraco. — Podemos ir à casa de Kumar.

— Acabei de tomar uma xícara inteira — interrompeu Prabaker, antes que Didier pudesse responder. — Mas, tudo bem, tomo mais um *chai* em nome da amizade. Eu acho.

Ele se sentou conosco na improvisada casa de *chai*. Cinco barracos tinham sido removidos a fim de abrir espaço para um único aposento. Havia um balcão feito a partir de uma antiga cômoda, um teto formado por retalhos de plásticos e

bancos para os fregueses que consistiam em tábuas pousadas precariamente sobre pilhas de tijolos. Tudo fora saqueado do canteiro de obras ao lado da favela. Kumar, o dono, vivia em pé de guerra com os clientes que queriam levar os tijolos e as tábuas para suas próprias casas.

Fomos atendidos pelo próprio Kumar. Fiel à regra vigente na favela que estabelecia que quanto mais dinheiro se ganhava, mais miserável deveria ser a aparência, Kumar estava mais desgrenhado e esfarrapado do que o mais pobre de seus fregueses. Ele arrastou um caixote de madeira manchado, para usarmos como mesa. Avaliou o caixote com um olhar desconfiado e passou um pano nojento sobre ele, que depois enfiou dentro da camiseta.

— Didier, você está com uma aparência terrível — observei, quando Kumar nos deixou para preparar o chá. — Deve ser o amor.

Ele me devolveu um sorriso e sacudiu a cabeça coberta de cachos negros, levantando as palmas das mãos.

— Estou muito cansado, é verdade — disse ele, encolhendo os ombros em um elaborado gesto de autocomiseração. — As pessoas não compreendem o fantástico esforço necessário para um homem simples se corromper. E, quanto mais simples o homem, mais esforço é necessário. Não percebem o quanto me consome esse esforço de enfiar tanta decadência em minha vida, quando não nasci para isso.

— Você talvez esteja procurando sarna para se coçar — zombei.

— Uma coisa de cada vez — respondeu, sorrindo pensativo. — Mas *ocê*, meu amigo, parece ótimo. Talvez apenas, como dizer, um pouco solitário e desinformado. É por isso que Didier está aqui. Tenho as notícias e fofocas mais recentes para você, sabia? Notícias que contam o que as pessoas *fizeram*. Fofocas que contam o quanto *se divertiram* com aquilo.

Eu e ele rimos e Prabaker nos acompanhou, gargalhando tão alto que todos na loja de *chai* se voltaram para olhá-lo.

— Pois bem — continuou Didier. — Por onde começar? Ah, sim, Vikram continua a perseguir Letitia com uma determinação estranhíssima. Ela passou a odiá-lo...

— Acho que *odiar* é um tanto forte — discordei.

— Ah, sim, talvez você tenha razão. Se ela *me* odeia, e com toda a certeza isso é verdade, aquela doce e querida rosa inglesa, então o sentimento que nutre por Vikram é realmente um pouco menos intenso. Que tal *detesta*?

— Acho que detestar seria adequado — concordei.

— *Et bien*, ela passou a detestá-lo, mas, com a persistência de suas dedicadas atenções românticas, ele conseguiu despertar nela o que só posso descrever como uma repulsa afetuosa.

Rimos de novo e Prabaker bateu na coxa, vibrando com tamanha hilaridade que todas as cabeças se voltaram para ele. Didier e eu observamos intrigados. Ele reagiu com um sorriso matreiro, mas reparei que seu olhar se desviou rapidamente para a esquerda. Segui seu olhar e vi sua amada, Parvati, preparando comida na cozinha de Kumar. A trança negra e grossa dos seus cabelos era uma corda que poderia ajudar um homem a escalar até o céu. Sua

figura franzina — minúscula, menor do que o próprio Prabaker — assumia a forma perfeita dos desejos dele. Os olhos, quando ela virou de perfil para nos fitar, eram labaredas negras.

No entanto, Nandita, mãe de Parvati, estava ali, vigiando-a. Era uma mulher formidável, três vezes a largura e o peso das pequenas filhas, Parvati e Sita, e nos lançava olhares ferozes, expressão que combinava a ganância de ter nosso dinheiro e o desprezo pelo sexo masculino. Sorri para ela e sacudi a cabeça. O sorriso que me devolveu tinha uma incrível semelhança com as caretas ferozes que os guerreiros maoris faziam para intimidar os inimigos.

— No último episódio — prosseguiu Didier —, o bom Vikram alugou um cavalo na praia de Chowpatty e cavalgou até o apartamento de Letitia, em Marine Drive, para fazer uma serenata diante da sua janela.

— Funcionou?

— Infelizmente, *non*. O cavalo depositou um carregamento de *merde* no caminho da frente, durante uma parte especialmente tocante da canção, não tenho dúvida, e os numerosos residentes do edifício exprimiram o ultraje que sentiam alvejando o pobre Vikram com comida podre. Letitia, como se notou, lançou os projéteis mais agressivos, com uma pontaria mais certa que a de outros vizinhos.

— *C'est l'amour* — suspirei.

— Exatamente: *merde* e comida podre, *c'est l'amour* — Didier concordou rapidamente. — Acho que devo interferir nesse romance, se é para ele ter uma chance de sucesso. O pobre Vikram, ele está louco de amor e Lettie despreza os loucos acima de tudo. Mas as coisas andam melhores para Maurizio ultimamente. Ele fez algum tipo de negócio com Modena, amante de Ulla, e anda *montado na grana*, como diria Lettie. Agora é um operador importante em Colaba.

Fiz um esforço para manter meu rosto impassível, enquanto pensamentos ciumentos sobre o belo Maurizio, vaidoso com seu sucesso, atravessavam minha mente. A chuva recomeçou e observei lá fora as pessoas correndo, levantando as calças e os sáris para evitar as poças.

— Ontem mesmo — prosseguiu Didier, derramando cuidadosamente o chá da xícara no pires e bebendo do pratinho como fazia a maioria dos favelados — Modena chegou ao Leopold em um carro com motorista. Maurizio está usando um Rolex de dez mil dólares. Mas...

— Mas? — insisti, quando ele fez uma pausa para beber.

— Bem, há um risco terrível no negócio deles. Maurizio nem sempre honra... os acordos que faz. Se ele incomodar as pessoas erradas, vai sofrer grande represália.

— E você? — perguntei, mudando de assunto por não querer que Didier percebesse a serpente de ressentimento que se erguia dentro de mim ao ouvi-lo falar da encrenca em que Maurizio poderia se envolver. — Você não estaria também flertando com o perigo? O seu novo... interesse romântico... não bate muito bem da cabeça, pelo menos foi o que me contaram. Tem um temperamento horrível, segundo Lettie, e mal se controla.

— Ah, ele? — fungou, fingindo indiferença, virando os cantos da expressiva boca para baixo. — De maneira nenhuma. Ele não é perigoso. Mas é desagradável, e desagradável é *pior* do que perigoso, *n'est-ce pas?* É mais fácil viver com um homem perigoso do que com um desagradável.

Prabaker foi comprar três cigarros *bidis* no balcão da loja de Kumar e os acendeu com o mesmo fósforo, segurando-os em uma das mãos e queimando as pontas com a outra. Ele passou um para Didier e outro para mim, e voltou a se sentar, fumando com prazer.

— Ah, sim, tenho outra notícia... Kavita arranhou emprego em um jornal, *The Noonday*. Ela escreve uma coluna. É um trabalho de muito prestígio, pelo que entendo, e o caminho mais curto para chegar ao cargo de subeditor. Ganhou a vaga em uma seleção com muitos candidatos talentosos, e está muito feliz.

— Gosto de Kavita — senti-me inclinado a dizer.

— Sabe de uma coisa? — disse Didier olhando para a brasa do cigarro e então para mim, com ar de verdadeira surpresa. — Eu também.

Rimos de novo e, propositadamente, incluímos Prabaker na piada. Parvati nos observava com os cantos de seus olhos flamejantes.

— Escute — falei, aproveitando uma pausa momentânea da conversa. — Você já ouviu falar em Hassaan Obikwa?

A menção ao novo Rolex de dez mil dólares de Maurizio me fez lembrar o nigeriano. Peguei o cartão dourado e branco no bolso da camisa e o entreguei.

— Mas é claro! — respondeu Didier. — É um Borsalino famoso. Chamam-no de *Ladrão de Defuntos* no gueto africano.

— É um bom começo — resmunguei, com um sorriso cínico nos lábios.

Prabaker bateu na coxa e dobrou-se de tanto rir. Pus a mão em seu ombro para acalmá-lo.

— Dizem que quando Hassaan Obikwa desaparece com um cadáver, nem mesmo o diabo consegue encontrá-lo. Ninguém mais o vê. *Jamais!* Mas como o conheceu? Como conseguiu seu cartão?

— Eu meio que esbarrei nele hoje, mais cedo — respondi, pegando de volta o cartão e guardando-o no bolso.

— Bem, tenha cuidado, amigo — fungou Didier, visivelmente incomodado com a falta de detalhes sobre meu encontro com Hassaan. — Esse Obikwa é como um rei, um rei negro em seu próprio reino. E você sabe o que dizem: *um rei é um inimigo ruim, um amigo pior ainda e um parente funesto*.

Nesse momento, um grupo de rapazes se aproximou de nós. Eram trabalhadores da obra, e quase todos moravam no lado legalizado da favela. Haviam passado pela minha clínica no último ano, a maioria querendo que eu fizesse curativos em ferimentos causados por acidentes de trabalho. Era dia de pagamento no canteiro de obras e eles estavam cheios do entusiasmo e do otimismo que um salário completo leva ao coração de jovens que pegam no pesado. Apertaram a minha mão, um de cada vez, e pararam tempo suficiente para ter certeza de que uma nova rodada de *chai* e bolinhos, que compraram para nós, fosse servida na nossa mesa. Quando partiram, eu tinha um sorriso tão grande quanto os deles.

— O trabalho social parece lhe fazer bem — comentou Didier, através do arco de seu sorriso. — Você parece tão bem, em tão boa forma... por trás dos hematomas e arranhões, quer dizer. Acho que você deve ser um homem muito ruim, no fundo do coração, Lin. Só um homem perverso conseguiria tantos benefícios com tanta caridade. Um homem bom, por outro lado, ficaria simplesmente exausto e mal-humorado.

— Tenho certeza de que você está certo, Didier — disse eu, ainda sorrindo. — Karla disse que você costuma acertar quando aponta o que está errado nas pessoas.

— Por favor, meu amigo — protestou —, assim eu acabo ficando convencido!

O súbito estrondo de muitos tambores eclodiu, batendo ritmadamente do lado de fora da loja de *chai*. Flautas e trompetes se juntaram aos tambores e uma música estridente e extravagante começou. Eu conhecia bem a música e os músicos. Era uma das canções populares e dissonantes que os instrumentistas da favela tocavam sempre que havia alguma espécie de festival ou celebração. Fomos todos para a frente da loja. Prabaker subiu em um banco ao nosso lado para enxergar sobre a multidão.

— O que é isso? Um desfile? — perguntou Didier enquanto observávamos um grande grupo passar lentamente pela loja.

— É Joseph! — exclamou Prabaker, apontando o caminho. — Joseph e Maria! Eles estão chegando!

A alguma distância, podíamos ver Joseph e a esposa, cercados por parentes e amigos, se aproximando de nós com passos lentos e cerimoniais. Diante deles havia um grupo de crianças saltitantes, dançando desinibidas para exprimir um entusiasmo quase histérico. Algumas faziam poses inspiradas em suas cenas de dança favoritas e copiavam os passos das estrelas do cinema. Outras pulavam como acrobatas ou inventavam danças exuberantes, cheias de saltos.

Ao ouvir a banda, observar as crianças e pensar em Tariq — de quem eu já sentia saudades —, lembrei-me de um incidente da prisão. Naquele universo paralelo, há muito tempo, eu me mudei para uma nova cela e descobri um ratinho ali. A criatura entrava por uma rachadura em um respiradouro e se esgueirava para o interior da cela todas as noites. A paciência e a concentração obsessiva são pedras preciosas que garimpamos nos túneis da solidão do cárcere. Com elas e pequenas migalhas de comida, subornei o ratinho ao longo de várias semanas e acabei treinando-o para que comesse na palma da minha mão. Quando os guardas da prisão me mudaram para outra cela, em um rodízio de rotina, contei para o novo morador — um prisioneiro que eu achava que conhecia bem — sobre o ratinho treinado. Na manhã após a mudança, ele me convidou para ver o rato. Ele capturara a criatura confiante e a crucificara de cabeça para baixo em uma cruz feita com uma régua quebrada. Ele riu ao me contar como o ratinho havia se debatido enquanto ele o amarrava pelo pescoço à cruz, com linha de algodão. Espantou-se com o tempo necessário para cravar tachinhas nas patas agitadas.

*Será que existem justificativas para o que fazemos? A pergunta arruinou meu*

sono por muito tempo, depois que vi o atormentado ratinho. Quando agimos, mesmo com as melhores intenções, quando interferimos no mundo, sempre nos arriscamos a provocar um novo desastre, que pode não ser causado diretamente por nós, mas que não aconteceria sem nossa intervenção. *Algumas das piores coisas*, disse Karla certa vez, *foram provocadas por pessoas que tentaram mudar o rumo dos acontecimentos.*

Olhei para as crianças da favela, dançando como coristas do cinema e saltitando como macaquinhos em um templo. Eu estava ensinando algumas delas a falar, ler e escrever em inglês. Com o pouco que haviam aprendido em três meses, algumas já começavam a trabalhar com turistas estrangeiros. Seriam aquelas crianças, pensei eu, os ratinhos que se alimentavam na minha mão? Sua inocência confiante corria o risco de ser arrebatada por um destino que não seria delas, que não poderia acontecer com elas, sem minha intervenção? Que feridas e tormentos aguardavam Tariq simplesmente porque eu tinha me tornado seu amigo e lhe dado aulas?

— Joseph bateu na mulher — explicou Prabaker quando o casal se aproximou. — Agora as pessoas estão fazendo uma grande comemoração.

— Se fazem um desfile desses quando um homem *bate* na mulher, como são as festas quando alguém é assassinado? — comentou Didier, com as sobrancelhas arqueadas em sinal de surpresa.

— Ele vivia bêbado e deu uma surra terrível nela — disse eu, berrando para ser ouvido em meio à balbúrdia. — E a família dela e toda a comunidade lhe impuseram uma pena.

— Eu mesmo lhe dei umas boas lambadas com a vara de bambu — acrescentou Prabaker com o rosto corado, excitadíssimo.

— Nos últimos meses ele se esforçou, manteve-se sóbrio e fez muitos trabalhos pela comunidade — prossegui. — Era parte do castigo e uma forma de recuperar o respeito dos vizinhos. A mulher o perdoou há alguns meses. Os dois têm trabalhado juntos e poupado dinheiro. Agora já guardaram o bastante. E hoje vão partir de férias.

— Bem, existem coisas piores para serem comemoradas — concluiu Didier, permitindo-se sacolejar o ombro e os quadris ao som dos tambores e das flautas. — Ah, eu quase esqueci. Existe uma superstição, uma famosa superstição, relacionada com aquele Hassaan Obikwa. Você precisa conhecê-la.

— Não sou supersticioso, Didier — respondi por sobre o som surdo e lúgubre da música.

— Não seja ridículo — desdenhou. — Todo mundo é supersticioso.

— Essa frase é de Karla — retorqui.

Ele franziu a testa e os lábios, enquanto puxava pela memória.

— É mesmo?

— Com toda a certeza. É uma frase de Karla, Didier.

— Incrível — resmungou. — Pensei que fosse uma das minhas. Você tem certeza?

— Tenho.

— Bem, não importa. A superstição é que todo mundo que conhece Hassaan

Obikwa e lhe diz o nome durante a apresentação mais cedo ou mais tarde acaba virando seu cliente, vivo ou morto. Para evitar tal destino, você não pode dizer seu nome para ele quando o conhece. Ninguém diz. Você não disse seu nome, certo?

O rumor da multidão aumentou. Joseph e Maria estavam próximos. Enquanto chegavam mais perto, vi o sorriso dela, radiante, esperançoso, corajoso, e a expressão dele, de vergonha e determinação. Ela estava linda com o cabelo espesso curto, arrumado para combinar com o corte moderno de seu melhor vestido. Ele tinha emagrecido, parecia em forma, saudável e atraente. Usava uma camisa azul e calças novas. Marido e mulher caminhavam bem juntos, passo a passo, as quatro mãos entrelaçadas. Os parentes os seguiam, segurando um xale azul para pegar notas e moedas jogadas pela multidão.

Prabaker não conseguiu resistir ao chamado da dança. Ele saltou do banco e juntou-se ao emaranhado de corpos que pulavam e se remexiam à frente de Joseph e Maria. Tropeçando e cambaleando sobre seus sapatos-plataforma, ele se lançou no meio dos dançarinos. Os braços se abriram para ajudar no equilíbrio, como se estivesse seguindo uma trilha de pedras dentro de um rio. A camisa amarela faiscava enquanto ele rodopiava, se jogava e ria em sua dança. Didier também foi arrastado pela folia que se espalhava pelo longo caminho até a rua. Eu o vi deslizar e balançar de modo elegante em meio à farra, cativado pelo ritmo da dança até que só as mãos estavam visíveis sobre os cabelos escuros e cacheados.

As meninas jogavam uma chuva de pétalas de crisântemos. Explodiam em nuvens brancas brilhantes e caíam sobre todos nós na multidão. Pouco antes de o casal passar por mim, Joseph virou-se e olhou nos meus olhos. O rosto tinha uma expressão entre o sorridente e o carrancudo. Os olhos queimavam, reluzindo sob as sobrancelhas cerradas pela carranca, enquanto os lábios mantinham um sorriso feliz. Ele meneou a cabeça duas vezes, antes de desviar o olhar.

Joseph não podia saber, é claro; mas, com aquele simples movimento de cabeça, ele tirou uma dúvida que me atormentava desde a prisão. Joseph estava salvo. Era o que fazia seus olhos fervilharem enquanto ele agitava a cabeça. Era a febre da salvação. Aquele olhar, aquele sorriso sério combinava vergonha e júbilo, pois ambos eram essenciais — a vergonha dava ao júbilo um objetivo, e o júbilo dava à vergonha uma recompensa. Nós o tínhamos salvo quando nos juntamos a ele no júbilo, da mesma forma que o fizemos ao testemunhar sua vergonha. E tudo dependeu da nossa ação, da nossa interferência em sua vida, pois nenhum homem se salva sem o amor.

*O que mais caracteriza a raça humana, Karla me perguntou uma vez, a crueldade ou a capacidade de se envergonhar dela?* Pensei que a pergunta fosse incrivelmente inteligente na época, quando a ouvi pela primeira vez, mas sou mais solitário e sábio agora e sei que não é nem a crueldade nem a vergonha que caracterizam a raça humana. É a capacidade de perdoar que nos torna o que somos. Sem o perdão, nossa espécie teria se aniquilado em infundáveis retaliações. Sem o perdão, não haveria história. Sem essa esperança, não haveria arte, pois toda obra de arte de certa forma é um ato de perdão. Sem esse sonho,

não haveria amor, pois cada ato de amor de certa forma é uma promessa de perdão. Nós vivemos porque podemos amar, e amamos porque podemos perdoar.

Os tambores rufavam em direção à rua distante. Afastando-se de nós, os dançarinos mantinham o ritmo, balançando a cabeça como um campo coberto de flores silvestres que oscilavam ao sabor do vento. Quando a música se transformou apenas em um eco em nossas cabeças, a vida cotidiana da favela lentamente recuperou seu espaço pelos becos. Entregamo-nos às nossas rotinas, às nossas necessidades, aos nossos planos esperançosos e inofensivos. E por um momento, um intervalo curto, nosso mundo ficou melhor, porque os corações e os sorrisos que prevaleciam eram quase tão puros e límpidos quanto as pétalas de flores que choviam sobre nossos cabelos e que se agarravam aos nossos rostos como lágrimas brancas e imóveis.

## CAPÍTULO DEZOITO

A PONTA ROCHOSA DA COSTA que circundava a favela começava no manguezal, à esquerda, e avançava por águas mais profundas, fazendo uma curva em formato de lua crescente de ondinhas espumantes até Nariman Point. A monção estava no auge, mas naquele momento nenhuma chuva caía do oceano cinza-escuro do céu, entrecortado por relâmpagos. Aves aquáticas mergulhavam no pântano raso e se aconchegavam em meio às hastes finas e trêmulas do junco. Barcos pesqueiros jogavam redes nas ondas irregulares da baía. As crianças nadavam e brincavam pela costa rochosa, cheia de pedregulhos. Na orla dourada do outro lado da pequena baía, torres de apartamentos luxuosos se erguiam lado a lado, desde a zona das embaixadas até o Point. Nos grandes pátios e áreas de lazer daquelas torres, os ricos caminhavam e tomavam ar. Vistos da favela, à distância, as camisas brancas dos homens e os sáris coloridos das mulheres pareciam contas enfileiradas por uma mente meditativa nos fios negros das ruas de asfalto. O ar ali, naquela faixa rochosa da favela, era limpo e fresco. Os silêncios eram profundos o bastante para abafar os sons ocasionais. A área era conhecida como Colaba Back Bay. Havia poucos lugares na cidade mais adequados para que um homem procurado ficasse sozinho e fizesse um inventário das questões espirituais e físicas quando os presságios pareciam bastante ruins.

Sentei-me sozinho em um rochedo maior e mais plano do que a maioria e fumei um cigarro. Eu fumava naqueles dias porque, como todos os fumantes do mundo, queria morrer tanto quanto queria viver.

A luz do sol atravessou as nuvens encharcadas da monção e, por alguns instantes, as janelas dos edifícios do outro lado da baía se tornaram espelhos deslumbantes, reluzentes ao sol dourado. Então as nuvens carregadas de chuva que tomavam conta da amplitude do horizonte se reagruparam e fecharam lentamente o resplandecente círculo do céu, amontoando-se até que ele pareceu refletir a agitação do mar, com ondas escuras e úmidas de nuvens.

Acendi um novo cigarro com a guimba do último, pensei no amor e no sexo. Pressionado por Didier, que permitia que os amigos guardassem todos os segredos menos os carnisais, eu admitira que não fazia amor desde que chegara à Índia. *É um intervalo muito grande entre os drinques, meu amigo*, dissera ele, espantado, *e acho que seria uma boa ideia ficar bem bêbado, se você entende o que quero dizer; e logo*. E naturalmente ele estava certo: quanto mais tempo eu passava sem sexo, mais importante ele parecia se tornar. Eu vivia cercado por lindas meninas e mulheres indianas, que provocavam pequenas sinfonias de inspiração. Não permitia que meus olhos ou pensamentos se desviassem demais em sua direção — teria posto em risco tudo o que eu era e fazia na condição de médico da favela. Mas *havia* oportunidades com estrangeiras, turistas, nas transações que eu fazia, praticamente dia sim, dia não. Garotas alemãs, francesas e italianas me convidavam para ir a seus quartos de hotel para fumar,

depois que eu as ajudava a comprar haxixe ou maconha. Sabia que queriam mais do que simplesmente fumar. E eu ficava tentado. Às vezes chegava a doer. Mas não conseguia tirar Karla da cabeça. E no fundo — ainda não sei se é o amor, o medo ou o bom senso que gera tal sentimento — minha intuição me dizia com todas as forças que, se eu não esperasse por ela, nada aconteceria entre nós.

Eu não podia explicar aquele amor para Karla, nem para ninguém, nem para mim mesmo. Jamais acreditei em amor à primeira vista até que aconteceu comigo. Então, quando aconteceu, me pareceu que cada átomo do meu corpo havia mudado, como se eu tivesse me tornado carregado de luz e calor. Fiquei diferente para sempre, só de vê-la. E o amor que se abriu em meu coração parecia arrastar o resto da minha vida atrás de si, daquele momento em diante. Ouvia a voz dela a cada som agradável que o vento me trazia. Via seu rosto espelhado em chamas reluzentes, refletidas pela memória, diariamente. Algumas vezes, quando pensava nela, o desejo de tocá-la e beijá-la, de sentir por um minuto o perfume de canela de seus cabelos negros, perfurava meu peito e tirava o ar de meus pulmões. Nuvens pesadas com seu fardo de chuvas da monção se acumulavam sobre a cidade, sobre minha cabeça. Naquelas semanas me parecia que o céu cinzento era formado pelo meu amor melancólico. O próprio manguezal estremecia com meu desejo. E à noite, tantas noites, era meu sono inquieto que revirava, agitava o mar em sonhos lúbricos, até que o sol se erguesse a cada manhã com meu amor por ela.

No entanto ela não estava apaixonada por mim, como havia dito, e não queria que eu estivesse apaixonado por ela. Didier, talvez tentando me avisar, tentando me ajudar ou me salvar, havia dito que nada causa maior pesar nem é mais patético do que a metade de um grande amor fadado ao fracasso. E ele tinha razão, é claro, até certo ponto. Mas eu não podia abandonar aquela esperança de amá-la nem ignorar o instinto que me levava a esperar e esperar.

E havia outros tipos, o amor paternal e o amor filial, que eu sentia por Khaderbhai. Lorde Abdel Khader Khan. Seu amigo, Abdul Ghani, o chamara de ancoradouro, no qual milhares de vidas se prendiam para obter segurança. Minha própria vida parecia ser uma daquelas atreladas a dele. Porém, eu não conseguia ver claramente como o destino nos ligara, nem me sentia completamente livre para partir. Quando Abdul falou sobre sua busca por sabedoria e respostas para três grandes perguntas, inadvertidamente descreveu minha própria busca por algo ou alguém em quem acreditar. Eu havia caminhado pela mesma estrada poeirenta e acidentada em direção a uma fé. Mas todas as vezes em que ouvia uma história de fé, sempre que encontrava um novo guru, o resultado era o mesmo: a história era pouco convincente de alguma maneira, e o guru tinha limitações. Todas as fés exigiam que eu aceitasse certas restrições. Todo professor exigia que eu fechasse os olhos para alguma falha. E lá estava Abdel Khader Khan, sorrindo das minhas suspeitas com olhos cor de mel. *Será que ele é o cara*, comecei a me perguntar. *Será que é ele?*

— É muito bonito, não é? — perguntou Johnny Cigar, sentando-se ao meu lado e fitando a sombria e impaciente agitação das ondas.

— É — respondi, passando o cigarro para ele.

— Nossa vida provavelmente começou dentro do oceano — disse Johnny baixinho. — Há cerca de quatro bilhões de anos. Provavelmente perto de lugares quentes, como vulcões, no fundo do mar.

Virei-me para olhá-lo.

— E por quase todo esse tempo, todas as coisas vivas eram aquáticas e habitavam o mar. Então, há algumas centenas de milhões de anos, talvez um pouco mais, apenas um lapso na grande história da Terra, os seres vivos também começaram a viver sobre a terra.

Eu estava carrancudo e sorridente ao mesmo tempo, surpreso e confuso. Prendi a respiração com medo de que qualquer som pudesse interromper seus pensamentos.

— Mas, de certa forma, você pode dizer que depois de deixar o mar, depois de todos esses milhões de anos vivendo dentro do mar, levamos o oceano conosco. Quando uma mulher concebe um bebê, ela lhe dá água, dentro do seu corpo, para que ele se desenvolva. Aquela água dentro do corpo dela é quase exatamente a mesma água do mar. É tão salgada quanto o mar. Ela produz um pequeno oceano dentro de seu corpo. E não é só isso. Nosso sangue e nosso suor são salgados, praticamente na mesma medida da água do mar. Carregamos oceanos dentro de nós, no sangue e no suor. E choramos oceanos nas nossas lágrimas.

Ele ficou em silêncio e eu, enfim, expressei minha surpresa.

— Onde aprendeu isso? — disparei, talvez um tanto abruptamente.

— Li em um livro — respondeu ele, virando-se para mim com certa timidez nos olhos corajosos e castanhos. — Por quê? Está errado? Eu disse alguma coisa errada? Tenho o livro na minha casa. Você quer que eu pegue?

— Não, não, está certo. Está... certíssimo.

Foi minha vez de ficar em silêncio. Estava furioso comigo mesmo. Apesar do meu profundo conhecimento dos favelados e da dívida que tinha com eles — haviam me abrigado, me dado todo o apoio e a amizade que tinham em seus corações —, eu ainda caía na armadilha do preconceito. Johnny me deixou chocado com seu conhecimento porque, em algum ponto da minha mais recôndita avaliação dos moradores da favela, havia o preconceito de que eles não teriam direito a tal conhecimento. No fundo do meu coração, eu os considerava ignorantes só por serem pobres, embora eu soubesse que não era assim.

— Lin! Lin! — chamou meu vizinho Jeetendra, com um grito assustado. Viramos e vimos que ele escalava as pedras em nossa direção. — Lin! Minha esposa! Minha Radha! Ela está muito doente!

— O que foi? Qual é o problema?

— Está com uma diarreia muito forte. Tem muita febre. E está vomitando — bufou Jeetendra. — Está com uma aparência ruim. Está com uma aparência muito ruim.

— Vamos — grunhi, me levantando e pulando de pedra em pedra até alcançar o caminho que levava de volta à favela.

Encontramos Radha deitada em um cobertor fino no barraco. O corpo se contorcia de dores. O cabelo, úmido, empapado de suor, como o sári rosa que ela

usava. O cheiro do barraco era terrível. Chandrika, mãe de Jeetendra, tentava manter Radha limpa, mas a febre a deixava confusa e com incontinência. Ela vomitou violentamente mais uma vez, enquanto observávamos, e aquilo provocou nova crise de diarreia.

— Quando começou?

— Há dois dias — respondeu Jeetendra, com o desespero retorcendo seus lábios.

— Há *dois* dias?

— Você estava fora, com turistas, chegou muito tarde. Depois você foi para a casa de Qasim Ali e ficou lá até o final da noite passada. Hoje você também passou o dia todo fora, desde cedo. Não estava aqui. No início, achei que era só intestino solto. Mas ela está muito doente, Linbaba. Tentei interná-la três vezes, mas o hospital não a aceitou.

— Ela precisa voltar para o hospital — disse eu, categórico. — Ela está muito mal, Jeetu.

— O que fazer? O que fazer, Linbaba? — indagou ele, choroso, com lágrimas nos olhos e escorrendo pelo rosto. — Não vão aceitar. Tem gente demais no hospital. Gente demais. Esperei seis horas. Seis horas! Do lado de fora, com todos os doentes. No fim, ela me implorou para voltar para cá, para sua casa. Estava tão envergonhada. Então eu voltei, agora mesmo. É por isso que fui procurá-lo e chamá-lo. Estou muito preocupado, Linbaba.

Mandeí que jogasse fora a água da *matka*, que a lavasse completamente, e providenciasse água limpa. Instruí Chandrika a fervê-la, deixando-a borbulhar por dez minutos, e, depois de esfriar, que usasse daquela água para dar de beber a Radha. Jeetendra e Johnny vieram comigo até o barraco onde peguei tabletes de glicose e uma mistura de paracetamol e codeína. Esperava assim reduzir a dor e a febre. Jeetendra tinha acabado de sair com o remédio quando Prabaker entrou correndo. Havia angústia nos olhos e nas mãos que me seguravam.

— Lin! Lin! Parvati está doente! Muito doente! Por favor, venha rápido!

A garota se contorcia em um espasmo de agonia concentrado na barriga. Ela se segurava e se encolhia, então jogava os braços e as pernas para a frente em uma violenta convulsão. Sua temperatura era alta. Estava encharcada de suor. O cheiro de diarreia e vômito era tão intenso dentro da loja de *chai* abandonada que os pais e a irmã da menina seguravam panos contra a boca e o nariz. Os pais de Parvati, Kumar e Nandita Patak, tentavam combater a doença, mas pareciam igualmente impotentes e derrotados. O medo e o desânimo eram tão profundos que baniram o pudor habitual. Eles permitiram que a garota fosse examinada com uma fina roupa de baixo que mostrava os ombros e boa parte de um seio.

O terror tomava conta dos olhos da irmã de Parvati, Sita. Ela se encolheu em um canto do barraco, com o belo rosto contorcido e deformado pelo horror que sentia. Não era uma doença comum e ela sabia disso.

Johnny Cigar falou com a garota em hindi. O tom era áspero, quase brutal. Ele avisou que a vida da irmã estava em suas mãos e ralhou com ela por estar sendo covarde. Momento a momento, sua voz a guiou para fora da floresta negra do medo. Finalmente, ela levantou os olhos como se o visse pela primeira vez.

Ela sacudiu o corpo e engatinhou pelo chão para limpar a boca da irmã com um pano úmido. Com o grito de guerra de Johnny Cigar e o gesto simples e solícito de Sita, a batalha teve início.

Cólera. Ao anoitecer, havia dez casos graves e outras doze suspeitas. Na manhã do dia seguinte, eram sessenta casos avançados e quase uma centena de pessoas com os sintomas. Ao meio-dia, a primeira vítima morreu. Foi Radha, minha vizinha de porta.

O titular da Secretaria de Saúde de Bombaim era um homem exausto, astuto, condoído, com quarenta e poucos anos, chamado Sandeep Jyoti. Os olhos cheios de compaixão tinham quase o mesmo tom escuro de sua pele reluzente de suor. O cabelo era revoltado e ele o puxava para trás frequentemente, com os dedos longos da mão direita. Em volta do pescoço havia uma máscara que ele erguia até a boca ao entrar em um barraco ou encontrar com vítimas da doença. Ele estava ao lado do doutor Hamid, Qasim Ali Hussein, Prabaker e de mim, perto do meu barraco, depois de fazer a primeira inspeção da favela.

— Vamos levar essas amostras e analisá-las — disse ele, acenando para um assistente que guardou amostras de sangue, muco e fezes em uma maleta de metal. — Mas tenho certeza de que você está com a razão, Hamid. Há outros doze surtos de cólera entre este lugar e Kandivli. De modo geral, são poucos casos. Mas existe um surto sério em Thane: mais de cem casos novos por dia. Todos os hospitais regionais estão superlotados. Não é tão ruim assim, para a época da monção. Esperamos manter a infecção restrita a uns quinze ou vinte locais.

Esperei que um dos outros falasse, mas eles simplesmente assentiram, com ar sério.

— Precisamos levar essas pessoas para o hospital — disse eu, finalmente.

— Veja bem — respondeu ele, olhando em volta e respirando fundo —, podemos tratar de alguns dos casos graves. Vou providenciar. Mas não é possível internar todo mundo. Não vou mentir para você. A mesma coisa está acontecendo em outras dez favelas. Estive em todas e a mensagem é igual. Vocês precisam combater aqui, por si mesmos. Têm que superar essa situação.

— Que diabo você tem na cabeça? — grasei, sentindo o medo rondar minhas entranhas. — Já perdemos minha vizinha Radha esta manhã. Temos trinta mil pessoas aqui. É ridículo dizer que temos que lutar sozinhos. Você é a Secretaria de Saúde, pelo amor de Deus!

Sandeep Jyoti observou o assistente fechar as maletas de amostras. Quando se voltou para mim, percebi que seus olhos injetados estavam irritados. Ele se incomodou com o tom indignado, especialmente da parte de um estrangeiro, e estava constrangido pelo fato de sua secretaria não poder fazer mais pelos favelados. Se não tivesse ficado óbvio para ele que eu morava e trabalhava na favela e que as pessoas gostavam de mim e confiavam no meu trabalho, ele teria me mandado para o inferno. Vi todos aqueles pensamentos passarem por seu rosto simpático e cansado, e depois vi um sorriso paciente, resignado, quase afetuosamente substituí-los, enquanto passava a mão no cabelo desalinhado.

— Olha, não preciso ouvir sermão de um estrangeiro, vindo de um país rico, sobre como cuidamos mal de nosso povo ou sobre o valor da vida humana. Sei

que está transtornado e Hamid me diz que você faz um bom trabalho por aqui, mas eu lido com essa situação diariamente, em todo o estado. Existem cem milhões de pessoas em Maharashtra e valorizamos todas elas. Fazemos o melhor que podemos.

— Tenho certeza de que fazem — suspirei em retribuição, estendendo a mão para tocar seu braço. — Sinto muito. Não pretendia jogar a culpa em você. Eu só... Não sei bem o que fazer e... Acho que estou assustado.

— Por que você permanece aqui se pode partir?

Era uma pergunta abrupta, naquelas circunstâncias, e quase grosseira. Eu não poderia respondê-la.

— Não sei. Não sei. Eu amo... amo esta cidade. Por que *você* fica?

Ele examinou meus olhos por mais um instante e então a testa franzida desapareceu para dar lugar a um sorriso gentil.

— Que tipo de ajuda você *pode* nos oferecer? — perguntou o doutor Hamid.

— Não muita, lamento dizer. — Ele viu o pavor nos meus olhos e soltou um suspiro de exaustão vindo do fundo do coração. — Vou providenciar alguns voluntários treinados para dar uma ajuda. Gostaria de poder fazer mais. Mas tenho certeza, sabe, tenho certeza de que vocês conseguem lidar com isso. Provavelmente bem melhor do que imaginam neste momento. Já começaram bem. Onde conseguiram os sais?

— Trouxe-os comigo — Hamid respondeu depressa, pois os sais para terapia de reidratação oral (TRO) haviam sido fornecidos ilegalmente pelos leprosos de Khaderbhai.

— Quando eu lhe disse que achava que tínhamos casos de cólera aqui, ele trouxe o material para TRO e mostrou como usá-lo — acrescentei. — Mas não é fácil. Algumas dessas pessoas estão doentes demais para reter a medicação.

A TRO havia sido criada por Jon Rohde, um cientista que trabalhava com médicos locais e do Unicef em Bangladesh, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. A solução para reidratação oral que ele desenvolveu continha água destilada, açúcar, sal de cozinha e outros minerais em proporções cuidadosamente balanceadas. Rohde sabia que o que mata as pessoas contaminadas pela bactéria do cólera é a desidratação. O fato é que as pessoas evacuem e vomitam até a morte. Ele descobriu que uma solução com água, sal e açúcar ajudava a manter as pessoas vivas por tempo suficiente para que a bactéria fosse eliminada. Os leprosos de Ranjit, a pedido do doutor Hamid, haviam me fornecido caixas com a solução. Eu não sabia se seria possível obter mais ou de quanto precisaríamos.

— Podemos conseguir um carregamento de sais — disse Sandeep Jyoti. — Vamos mandá-lo para vocês o mais rápido possível. A cidade está no seu limite, mas vamos garantir que vocês recebam um grupo de voluntários assim que pudermos. Vou dar prioridade. Boa sorte.

Observamos em silêncio sombrio quando ele deixou a favela, seguindo o assistente. Estávamos com medo.

Qasim Ali Hussein assumiu o controle da situação. Transformou sua casa em uma central de operações. Convocamos uma reunião lá e uns vinte homens e

mulheres apareceram para planejar uma estratégia. Na maioria dos casos, a contaminação do cólera se dá pela água. O *vibrio cholerae* se dissemina pela água contaminada e se aloja no intestino delgado, produzindo febre, diarreia e vômitos que causam desidratação e morte. Resolvemos purificar a água da favela, começando pelos reservatórios e seguindo pelas panelas e baldes em cada um dos sete mil barracos. Qasim Ali apresentou um maço de notas de rúpia da espessura do joelho de um homem e o entregou a Johnny Cigar, encarregando-o de comprar as pastilhas para purificação da água e os demais medicamentos de que precisávamos.

Muita chuva se acumulava em poças e filetes de água por toda a favela, criando locais para a proliferação da bactéria. Foi decidido que uma rede de valas rasas seria criada em pontos estratégicos da favela. Colocaríamos desinfetante nas valas e cada pessoa que passasse por elas teria que se banhar até os tornozelos. Lixeiras plásticas seriam distribuídas em determinados pontos e todas as casas receberiam sabão antisséptico. Cozinhas para o preparo de sopa seriam montadas nas casas de chá e restaurantes, para fornecer alimentos fervidos e seguros, servidos em xícaras e tigelas esterilizadas. Uma equipe foi encarregada de remover os corpos dos mortos e levá-los em uma carroça até o hospital. Minha tarefa era supervisionar o emprego da solução de reidratação oral e preparar lotes de mistura caseira, quando necessário.

Eram imensas obrigações e pesadas responsabilidades, mas nenhum homem ou mulher na reunião hesitou em aceitá-las. É uma característica da natureza humana que as melhores qualidades, rapidamente arregimentadas em tempos de crise, costumem ser as mais difíceis de encontrar em tempos de paz e prosperidade. Os contornos das nossas virtudes são definidos pela adversidade. Mas havia outra razão, nada virtuosa, para que eu estivesse ansioso por aceitar as tarefas — a vergonha. Minha vizinha Radha tinha ficado gravemente doente durante dois dias até morrer, e eu não sabia de nada na ocasião. Fui tomado por um sentimento de que meu orgulho, o excesso de confiança, tinha sido de alguma forma responsável pela doença. Meu ambulatório tinha por base a arrogância — a minha arrogância — e por isso permitira que a doença se espalhasse na sujeira de suas vaidades. Eu sabia que nada do que eu tinha feito ou deixado de fazer causara a epidemia. E sabia que a doença teria atacado a favela mais cedo ou mais tarde, com ou sem a minha presença. Mas não conseguia me livrar do sentimento de que, de alguma maneira, minha presunção havia me transformado em cúmplice.

Uma semana antes, eu havia comemorado com danças e bebidas porque, quando abri a pequena clínica, ninguém apareceu. Nenhum homem, nenhuma mulher ou criança entre milhares precisava da minha ajuda. A fila de espera, que havia começado com centenas, nove meses antes, finalmente desaparecera. E eu dancei e bebi com Prabaker naquele dia, como se tivesse curado as aflições e doenças da favela inteira. Aquela comemoração parecia inútil e estúpida enquanto eu corria pelos becos enlameados para encontrar dezenas de doentes. E havia culpa naquela vergonha também. Durante dois dias, enquanto Radha estava à beira da morte, eu confraternizei com clientes turistas em seus hotéis cinco estrelas. Enquanto ela se encolhia e se debatia no chão úmido de terra batida, eu

chamava o serviço de quarto para pedir mais sorvete e crepes.

Voltei correndo para a clínica. Estava vazia. Prabaker cuidava de Parvati. Johnny Cigar tinha assumido a tarefa de localizar e remover os mortos. Jeetendra, sentado no chão do lado de fora dos barracos, com o rosto entre as mãos, mergulhava na areia movediça do seu luto. Mandei que fizesse várias compras importantes para mim e que fosse a todas as farmácias da área em busca de TRO. Eu o observava se afastar tropegamente na direção da rua, preocupado com ele e com Satish, seu filho pequeno, que também estava doente, quando vi uma mulher à distância, caminhando em minha direção. Antes que eu pudesse *saber* de quem se tratava, meu coração tinha certeza de que era Karla.

Ela vestia um *sahwar kameez* — a roupa mais atraente do mundo, depois do sári — em dois tons de verde-azul. A túnica longa era de um verde mais escuro e as calças, apertadas na altura dos tornozelos, mais claras. Havia também uma longa echarpe amarela, virada para trás, ao estilo indiano, deixando nuvens de cores atrás dela. O cabelo negro tinha sido puxado para trás e preso na altura do pescoço. O penteado valorizava seus grandes olhos verdes — do verde das lagunas, onde a água rasa descansa sobre areia dourada —, suas sobrancelhas negras e a boca perfeita. Os lábios eram como os picos delicados das dunas do deserto ao entardecer; como as cristas das ondas se encontrando no caminho para a praia; como as asas dos pássaros que fazem a corte. Os movimentos de seu corpo, enquanto se aproximava de mim e subia pela trilha precária, eram como o vento de uma tempestade batendo sobre uma fileira de salgueiros jovens.

— O que *você* faz aqui?

— Estou vendo que as aulas de etiqueta valeram a pena — disse ela de uma forma arrastada, com um sotaque muito americano. Ela arqueou uma sobrancelha e tensionou os lábios para dar um sorriso sarcástico.

— Aqui não é seguro — ralhei.

— Eu sei. Didier topou com um de seus amigos. Ele me contou.

— Então, o que está fazendo aqui?

— Vim ajudar você.

— Ajudar *como*? — perguntei, exasperado de preocupação com ela.

— Ajudar você... a fazer seja lá o que for que você *faz* aqui. *Ajudar os outros*. Não é isso que você faz?

— Você precisa ir embora. Não pode ficar. É muito perigoso. As pessoas estão desabando por toda parte. Não sei até que ponto pode piorar.

— Eu não vou embora — disse ela, calmamente, com olhar determinado. Os olhos grandes e verdes reluziam, indomáveis. Eu nunca a vi tão bela. — Eu me importo com você e vou ficar aqui. O que quer que eu faça?

— Isso é ridículo! — suspirei, esfregando o cabelo com frustração. — É terrivelmente estúpido.

— Escute — disse ela, me surpreendendo com um grande sorriso —, você acha que é o único que precisa embarcar nessa jornada pela salvação? Agora me diga com calma: o que você quer que eu faça?

Eu precisava de ajuda, não apenas no trabalho físico de cuidar das pessoas, mas também com a dúvida, o medo e a vergonha que latejavam em minha

garganta e meu peito. Uma das ironias da coragem e a razão pela qual a valorizamos tanto é que achamos mais fácil ser corajosos por alguém do que por nós mesmos. E eu a amava. A verdade era que, apesar das minhas palavras recomendaríamos que ela ficasse em segurança, meu coração fanático, em convivência com meus olhos, queria que ela ficasse.

— Bem, há muito a se fazer. Mas tenha cuidado! E ao primeiro sinal de que... de que você não está bem, pegue um táxi e procure meu amigo Hamid. Ele é médico. Combinado?

Ela estendeu o braço para colocar a mão longa e fina dentro da minha. O aperto era firme e confiante.

— Combinado — disse ela. — Por onde começamos?

Iniciamos com uma volta pela favela, visitando os doentes e fornecendo pacotes com a solução de sais. Aquela altura, já havia mais de cem pessoas com os sintomas de cólera, e metade delas em estado grave. Embora ficássemos poucos minutos com cada vítima, levamos vinte horas nesse trabalho. Sem tempo para parar, bebíamos sopa ou *chai* açucarado em xícaras esterilizadas, nosso único alimento. Quando caiu a noite do dia seguinte, sentamos para fazer a primeira refeição completa. Estávamos exaustos, mas a fome nos fez mastigar *rotis* quentes e duras. Então, um tanto recuperados, partimos para uma nova ronda de visitas aos casos mais graves.

Era um trabalho repugnante. A palavra *cólera* vem do grego *kholera*, que significa *diarreia*. A diarreia do cólera tem um cheiro particularmente desagradável, com o qual é impossível se acostumar. Todas as vezes que entrávamos em um barraco para visitar os doentes, lutávamos contra a vontade de vomitar. Às vezes vomitávamos. E, quando vomitávamos uma vez, o impulso de botar tudo para fora se tornava mais forte do que nunca.

Karla era bondosa e gentil, especialmente com as crianças, e transmitia muita confiança às famílias. Ela manteve o senso de humor apesar do cheiro, do exercício incessante de se abaixar, limpar e dar conforto em cabanas escuras e úmidas. Apesar da doença e da morte. E apesar do medo, quando a epidemia pareceu piorar, de que também fôssemos adoecer e morrer. Durante quarenta horas sem dormir, ela sorria todas as vezes em que eu voltava meus olhos famintos para ela. Estava apaixonado e, mesmo se ela tivesse sido preguiçosa, covarde, mesquinha ou mal-humorada, eu ainda a amaria. Mas ela foi corajosa, solidária e generosa. Trabalhou duro e foi uma boa amiga. E de alguma maneira, naquelas horas de medo, sofrimento e morte, descobri novas formas e razões para gostar da mulher que já amava com todo o meu coração.

Três horas da manhã, no segundo dia, insisti para que ela dormisse, para que nós dois dormíssemos, antes de sermos esmagados pela exaustão. Começamos a percorrer as vielas escuras e desertas. Não havia lua e as estrelas perfuravam a cúpula negra do céu com uma intensidade atordoante. Em um recanto amplo, onde três becos convergiam, parei e ergui o braço para que Karla se calasse. Havia um som distante de arranhões, um sussurrar, um farfalhar de tafetá ou de celofane sendo amassado. Na escuridão, eu não sabia dizer onde o som começava, mas sabia que estava perto, cada vez mais próximo. Estendi o braço

para trás, para agarrar Karla, e a segurei contra minhas costas, virando para a esquerda e para a direita enquanto tentava identificar o som. E elas vieram — as ratazanas.

— Não se mexa! — alertei-a em um sussurro rouco, apertando-a contra as minhas costas com toda a força. — Fique completamente imóvel! Se você não se mexer, vão pensar que você faz parte da paisagem. Senão vão morder!

Vieram centenas, milhares de ratazanas: ondas negras de criaturas que corriam e guinchavam, fugidas dos becos, que roçavam nas nossas pernas como a agitada maré de um rio. Eram enormes, maiores que gatos, gordas e grudentas, correndo pelos becos em uma horda que tinha dois ou três animais montados uns sobre os outros. Passaram por nós na altura dos tornozelos, e depois à altura das canelas, dos joelhos, correndo sobre as costas umas das outras, batendo, esmagando minhas pernas com força brutal. A nossa frente, elas mergulhavam na noite em direção ao encanamento dos esgotos dos prédios dos ricos, como faziam todas as noites na migração entre os mercados próximos e ao longo da favela. Milhares. As ondas negras de ratazanas ferozes pareceram durar dez minutos, embora não possa ter levado tanto tempo. Finalmente se foram. Os becos estavam livres do lixo e dos restos e o silêncio pesou no ar.

— Que... diabo... foi isso? — perguntou ela, boquiaberta.

— As malditas passam aqui todas as noites, a essa hora. Ninguém se importa, porque elas mantêm o lugar limpo e não fazem nada se a gente está dentro do barraco. Mas, se você está no caminho e entra em pânico, elas simplesmente sobem e atacam, até não sobrar nada.

— Tenho que admitir, Lin — disse ela, com a voz firme, mas o medo ainda arregalando seus olhos. — Você sabe como fazer uma garota se divertir.

Mortos de cansaço e aliviados por não termos sido seriamente feridos, abraçamo-nos e cambaleamos de volta ao barraco-ambulatório. Estendi um cobertor sobre o chão de terra batida. Esticamo-nos sobre ele, encostados a uma pilha de cobertores. Fiquei com ela em meus braços. Uma chuva fina batia contra o toldo de lona sobre nós. Em algum lugar, alguém adormecido gritou asperamente e o som tenso e sem sentido vagou de sonho a sonho até provocar uivos de um grupo de cães selvagens que rondavam as imediações da favela. Exaustos demais para dormir imediatamente, formigando com a tensão sexual provocada pelo contato de nossos corpos cansados, ficamos acordados. Karla então contou sua história, com todos os detalhes dolorosos.

Ela nasceu na Suíça, na Basileia, e era filha única. A mãe era suíça, de origem italiana, e o pai, sueco. Eram artistas. O pai pintava e a mãe era soprano. As memórias de Karla Saaranen de seus primeiros anos eram as mais felizes de sua vida. O jovem casal criativo gozava de popularidade e a casa servia de ponto de encontro para poetas, músicos, atores e outros artistas da cidade cosmopolita. Karla cresceu falando quatro idiomas fluentemente e passou muitas horas aprendendo suas árias favoritas com a mãe. No ateliê do pai, ela o observava fazer mágica sobre a tela em branco, com todas as cores e formas de seus sentimentos.

Então, um dia, Ischa Saaranen não conseguiu retornar de uma exposição de suas pinturas na Alemanha. Perto da meia-noite, a polícia informou Anna e

Karla de que seu carro se desgovernara durante uma nevasca. Ele estava morto. Em um ano, a tragédia, que arruinou a beleza de Anna Saaranen e acabou com sua linda voz, por fim lhe tirou a vida. Ela tomou uma overdose de remédios para dormir. Karla ficou sozinha.

O irmão da mãe havia se estabelecido em San Francisco, nos Estados Unidos. A menina órfã tinha apenas dez anos quando se encontrou ao lado daquele desconhecido diante do túmulo da mãe e viajou com ele para juntar-se a sua família. Mario Pacelli era um homenzarrão generoso. Tratou Karla com delicadeza, afeição e respeito sincero. Recebeu-a na família como mais um filho, e esperava que ela viesse a gostar dele e lhe dedicasse uma fração do amor pelos pais mortos que, ele sabia, Karla guardava trancado dentro de si.

Não houve tempo para que esse amor crescesse. Mario, tio de Karla, morreu em um acidente durante uma escalada, três anos depois de sua chegada aos Estados Unidos. A viúva de Mario, Penelope, assumiu o controle sobre sua vida. A tia Penny tinha ciúmes da beleza da menina e de sua inteligência combativa e intimidante — características inexistentes em seus três filhos. Quanto mais Karla se destacava, mais a tia a detestava. *Nenhuma maldade é perversa ou cruel demais*, Didier me disse certa vez, *quando odiamos alguém pelas razões erradas*. Tia Penny fazia Karla passar privações, castigava-a por nada, lhe dava surras e a ridicularizava constantemente. Fazia tudo, menos abandonar a menina nas ruas.

Obrigada a levantar dinheiro para suas despesas, Karla trabalhava todas as noites, depois da escola, em um restaurante, e nos fins de semana, como *baby-sitter*. Um dos pais para quem ela trabalhava voltou para casa sozinho, e mais cedo, em uma noite quente de verão. Tinha ido a uma festa e andara bebendo. Era um homem atraente de quem ela gostava e com quem fantasiava de vez em quando. Quando ele atravessou a sala para ficar a seu lado naquela tórrida noite de verão, ela se sentiu lisonjeada, apesar do fedor de bebida em seu hálito e do brilho vidrado em seus olhos. Ele tocou em seu ombro e ela sorriu. Foi seu último sorriso por muito tempo.

Ninguém além de Karla chamou aquilo de estupro. Ele disse que Karla o seduzira e a tia o apoiou. A órfã suíça de quinze anos deixou a casa da tia e nunca mais a procurou. Mudou-se para Los Angeles, onde encontrou trabalho, dividiu apartamento com outra garota e começou a cuidar da própria vida. Mas, depois do estupro, Karla perdeu a parte do amor que se baseia na confiança. Outros tipos de amor permaneceram dentro dela — a amizade, a compaixão, a sexualidade —, mas o amor que acredita, que confia na constância de outro coração humano, o amor romântico, esse se perdeu.

Ela trabalhou, guardou dinheiro e começou a estudar à noite. Seu sonho era entrar para a universidade — qualquer universidade, em qualquer lugar — e estudar literatura inglesa e alemã. Mas coisas demais foram destruídas naqueles primeiros anos, muitas pessoas amadas se perderam. Ela não conseguia concluir nenhum curso. Não conseguia ficar em nenhum emprego. Era levada pelas circunstâncias, e começou a estudar sozinha, lendo tudo que lhe dava esperança e força.

— E então?

— Então — disse ela lentamente —, um dia eu me vi em um avião rumo a Cingapura e conheci um empresário, um empresário indiano, e minha vida... simplesmente... mudou para sempre.

Ela soltou um suspiro profundo. Eu não sabia dizer se era de desespero ou só de exaustão.

— Fico feliz que tenha me contado.

— Contado o quê?

Ela franzia a testa e o tom era ríspido.

— Sobre... sua vida — respondi.

Ela relaxou.

— Não diga nada — disse ela, permitindo-se um pequeno sorriso.

— Não, estou falando sério. Estou feliz e grato por você ter confiado em mim o bastante para... falar da sua vida.

— E *eu* também estou falando *sério* — insistiu ela, ainda sorridente. — Não diga nada para ninguém, está bem?

— Está bem.

Ficamos alguns momentos em silêncio. Um bebê chorava em algum lugar nas imediações e eu ouvia a mãe tentando acalmá-lo com uma sequenziuzinha de sílabas carinhosas e ao mesmo tempo ligeiramente aborrecidas.

— Por que você frequenta o Leopold?

— O que você quer dizer? — perguntou sonolenta.

— Não sei. Só estava curioso.

Ela riu com a boca fechada, respirando pelo nariz. A cabeça estava pousada sobre meu braço. Na escuridão, seu rosto era uma série de curvas delicadas. Os olhos reluziam como pérolas negras.

— Quero dizer, Didier, Modena, Ulla e até Lettie e Vikram, todos eles têm a ver com o lugar. Você não. Você não tem nada a ver.

— Acho que... *eles* têm a ver *comigo*, mesmo que eu não tenha nada a ver com eles — suspirou.

— Fale-me de Ahmed — pedi. — De Ahmed e Christina.

Ela demorou tanto tempo para responder, que pensei que tivesse dormido. Então falou, com calma, firmeza e equilíbrio, como se prestasse depoimento em um julgamento.

— Ahmed era um amigo. Foi meu melhor amigo durante um tempo, como se fosse o irmão que eu nunca tive. Ele era do Afeganistão. Tinha se ferido na guerra. Veio se recuperar em Bombaim. De certa forma, nós dois fizemos isso. As feridas eram tão graves que ele nunca se recuperou por completo. Seja como for, nós cuidamos um do outro, acho eu, e nos tornamos amigos muito íntimos. Ele se formou em ciências na Universidade de Cabul e falava inglês maravilhosamente bem. Conversávamos sobre livros, filosofia, música, arte e comida. Era um sujeito maravilhoso e gentil.

— E alguma coisa aconteceu com ele — interrompi.

— É — respondeu ela, com uma pequena gargalhada. — Ele conheceu Christina. Foi o que aconteceu com ele. Ela trabalhava para Madame Zhou. Era italiana... muito morena e linda. Fui eu quem apresentou os dois, em uma noite

que ela apareceu no Leopold com a Ulla. As duas trabalhavam no Palácio.

— Ulla trabalhava no Palácio?

— Ulla foi uma das garotas mais populares que Madame Zhou já teve. Depois ela deixou o Palácio. Maurizio tinha um contato no consulado da Alemanha. Ele queria agilizar algum negócio que tinha com um alemão e descobriu que o sujeito era louco por Ulla. Com muita insistência da parte do funcionário do consulado e algumas de suas economias, Maurizio conseguiu comprar a liberdade de Ulla. Maurizio fez com que Ulla dobrasse o sujeito para ele fazer... seja lá o que Maurizio queria. Depois o jogou para escanteio. O sujeito pirou, pelo que ouvi. Deu um tiro na cabeça. A essa altura, Maurizio tinha posto Ulla para trabalhar, para pagar a dívida que tinha com ele.

— Sabe de uma coisa? Venho desenvolvendo uma saudável aversão por Maurizio.

— Era um acordo de merda, para falar a verdade. Mas pelo menos ela estava livre de Madame Zhou e do Palácio. Tenho que fazer justiça a Maurizio: ele provou que era possível. Antes disso, ninguém havia escapado; não sem receber ácido no rosto. Quando Ulla rompeu com Madame Zhou, Christina também quis partir. Madame Zhou foi obrigada a deixar Ulla ir embora, mas jamais abriria mão de Christina também. Ahmed estava louco de paixão por Christina e foi ao Palácio tarde da noite pedir por ela a Madame Zhou. Eu deveria ter ido junto. Fazia negócios com Madame Zhou: meu patrão pedia que eu levasse empresários ali e eles gastavam muito dinheiro, você sabe disso. Achei que ela ia me ouvir. Mas aí me chamaram para outro compromisso. Eu tinha um trabalho... um trabalho... era um contato importante a fazer... não podia recusar. Ahmed foi sozinho. Encontraram o corpo dele e o de Christina em um carro, no dia seguinte, a alguns quarteirões do Palácio. Os tiras... disseram que eles tinham tomado veneno, como Romeu e Julieta.

— Você acha que foi ela, Madame Zhou, e se culpa por isso?

— É por aí.

— Era disso que ela falava naquele dia, pela grade de metal, quando tiramos Lisa Carter dali? Era por isso que você estava chorando?

— Se você quer mesmo saber — disse ela suavemente, a voz despida de toda música e emoção —, ela estava me contando o que fez com os dois antes de mandar matá-los. Ela me contou como brincou com eles antes que morressem.

Correi com força a mandíbula, ouvindo o rumor do ar que entrava e saía pelo meu nariz até que nossos padrões de respiração voltaram a ter o mesmo ritmo.

— E você? — perguntou ela afinal, com os olhos se fechando mais lentamente e se abrindo com menos frequência. — Já ouviu minha história. Quando vai me contar a sua?

Deixei que o silêncio cerrassem seus olhos pela última vez. Ela dormiu. Eu sabia que aquela não era sua história. Pelo menos, não era a história inteira. Eu sabia que as pequenas lacunas e detalhes excluídos daquele resumo eram no mínimo tão importantes quanto as largas pinceladas apresentadas. Dizem que o diabo mora nos detalhes, e eu bem sabia dos diabos que espreitavam e se escondiam nos detalhes da minha própria história. Mas ela me *presenteara* com uma série de novos tesouros. Eu havia descoberto mais sobre ela naquela hora

exausta e murmurante do que nos muitos meses que a antecederam. Os amantes descobrem o caminho graças a essas confidências e descobertas: são as estrelas que usamos para navegar o oceano do desejo. E as estrelas mais brilhantes são as decepções e as tristezas. O presente mais precioso para ofertar a um amante é o sofrimento. Assim, peguei cada tristeza que ela me confessou e as prendi no céu.

Em algum lugar naquela noite, Jeetendra chorava pela esposa. Prabaker secava o rosto suado de Parvati com seu lenço vermelho. Amontoados sobre os cobertores, nossos corpos se uniram pelo cansaço e pelo sono profundo dela, cercados pela doença e a esperança, a morte e a resistência. Beije os dedos adormecidos de Karla e lhe entreguei meu coração para sempre.

PERDEMOS NOVE VIDAS durante a epidemia de cólera. Seis delas, crianças pequenas. Satish, o único filho de Jeetendra, sobreviveu, mas dois de seus melhores amigos morreram. Ambos eram alunos entusiasmados nas minhas aulas de inglês. O cortejo de crianças que se juntou a nós, atrás dos caixões que levavam aqueles corpinhos, enfeitados com guirlandas de flores, manifestava sua dor com tanta tristeza que muitos desconhecidos, nas ruas movimentadas, pararam para fazer uma oração e sentiram os olhos arderem, enchendo-se de lágrimas. Parvati sobreviveu à doença e Prabaker cuidou dela durante duas semanas, dormindo do lado de fora do barraco à noite, sob uma cobertura plástica. Sita assumiu o lugar da irmã na casa de chá do pai e, sempre que Johnny Cigar entrava ou passava pela loja, seus olhos o seguiam lenta e furtivamente, como a sombra de um leopardo.

Karla ficou seis dias, os piores da epidemia, e fez diversas visitas nas semanas que se seguiram. Quando a taxa de infecção caiu para zero e os piores casos estavam sob controle, eu tomei um banho com três baldes de água, troquei de roupa e fui atrás de dinheiro na região turística da cidade. Eu estava quase duro. A chuva tinha sido forte e as inundações em muitas áreas da cidade criaram problemas sérios tanto para os intermediários, traficantes, guias, acrobatas, cafetões, mendigos e cambistas que ganhavam a vida na rua quanto para os comerciantes que tiveram as lojas inundadas.

A concorrência em Colaba pelos dólares dos turistas era amigável, mas supercriativa. Camelôs iemenitas ofereciam adagas com cabo em formato de falcão e trechos do Alcorão bordados à mão. Somalis altos e atraentes anunciavam pulseiras feitas com moedas de prata batidas. Artesãos de Orissa apresentavam imagens do Taj Mahal pintadas sobre folhas de mamão secas e prensadas. Os nigerianos vendiam bengalas de ébano entalhadas com lâminas escondidas dentro da carcaça espiralada. Refugiados iranianos pesavam turquesas polidas em balanças de latão penduradas em galhos de árvore. Vendedores de Uttar Pradesh, cada um com seis ou sete tambores, improvisavam verdadeiros concertos se um turista demonstrasse o mínimo interesse. Exilados do Afeganistão vendiam enormes anéis ornamentais de prata, gravados com inscrições em pacho, enfeitados com ametistas do tamanho dos ovos de pombo.

Transitando por aquele shopping a céu aberto estavam os que ganhavam a vida prestando serviços aos comerciantes e aos próprios vendedores da rua — queimadores de incenso que portavam pilhas perfumadas do produto em bandejas de prata, limpadores de fogão, estofadores de colchão, limpadores de orelha, massageadores de pés, caçadores de ratazanas, vendedores de alimentos e chá, floristas, encarregados de lavanderia, carregadores de água e de botijões e muitos outros. Insinuando-se entre eles, os comerciantes e os turistas, havia bailarinos, cantores, acrobatas, músicos, adivinhos, acólitos dos templos,

engolidores de fogo, domadores de macacos, de cobras e de urso, mendigos, autoflageladores e muitos outros que ganhavam a vida nas ruas movimentadas e voltavam, à noite, para a favela.

Cada um infringia a lei de alguma forma em busca de dinheiro fácil. Mas quem chegava lá mais depressa, os verdadeiros donos da rua, eram aqueles que infringiam a lei profissionalmente: os intermediários do mercado negro. A rua me aceitou naquela complexa rede de esquemas e trapaças por diversas razões. Primeiro, eu trabalhava apenas com turistas que, por cautela ou paranoia, evitavam fazer negócios com indianos; se eu não os abordasse, ninguém o faria. Em segundo lugar, independentemente do que os turistas quisessem, eu sempre os levava ao negociante indiano apropriado; nunca fiz os negócios sozinho. E, em terceiro lugar, eu não era ganancioso; minhas comissões seguiam os padrões estabelecidos pelos escroques mais decentes e respeitáveis da cidade. Também fazia questão de, quando minhas comissões eram boas o bastante, deixar dinheiro nos restaurantes, nos hotéis e com os mendigos da área.

E havia outra coisa, uma razão menos concreta, porém, quem sabe, mais importante do que as comissões ou as suscetibilidades em jogo. O fato de eu, um estrangeiro branco — um homem que a maioria julgava ser europeu —, ter me estabelecido com tanto talento e naturalidade próximo ao degrau mais baixo de seu universo trazia profunda satisfação aos indianos que trabalhavam na rua. Em uma curiosa mistura de orgulho e vergonha, minha presença legitimava seus crimes. O que faziam, no dia a dia, não podia ser tão ruim se um *gora* também fazia. E minha queda os elevava, porque, afinal de contas, não eram piores do que Linbaba, o estrangeiro instruído que vivia do crime e trabalhava nas ruas como eles.

No entanto, eu não era o único estrangeiro a viver do mercado negro. Havia traficantes de drogas, cafetões, vendedores de pedras preciosas e contrabandistas europeus e americanos. Entre eles, dois homens que atendiam pelo nome de George. Um era canadense, o outro, inglês. Eram amigos inseparáveis que viviam das ruas havia anos. Ninguém parecia saber os sobrenomes. Para distingui-los, eram conhecidos pelos seus signos do zodíaco: George Escorpião e George Gêmeos. Os Georges do Zodíaco eram viciados que haviam vendido os passaportes, a última coisa valiosa que possuíam, e passaram a trabalhar com o turismo de heroína — viajantes que vinham para a Índia para se fartar da droga por uma ou duas semanas até voltarem à segurança de seus países. Eram surpreendentemente numerosos, e os Georges do Zodíaco sobreviviam de transações com eles.

Os tiras mantinham os olhos em mim e nos Georges, bem como nos outros estrangeiros que trabalhavam nas ruas. Sabiam exatamente o que fazíamos. Pensavam, cobertos de razão, que não causávamos maiores danos e éramos bons para o mercado negro, que lhes rendia propinas e outras vantagens. Pegavam sua parte dos cambistas e dos traficantes. Deixavam-nos em paz. Deixavam-me em paz.

Naquele primeiro dia depois da epidemia de cólera, faturei cerca de duzentos dólares americanos em três horas. Não era muito dinheiro, mas concluí que bastava. A chuva caía com força a manhã inteira, e ao meio-dia parecia ter se

estabilizado em uma espécie de chuvisco preguiçoso que às vezes dura dias. Eu estava sentado num banco, bebendo caldo de cana fresco sob um toldo listrado perto do hotel President, não muito distante da favela, quando Vikram surgiu no meio da chuva.

— Oi, Lin! Como você está, cara? Que merda de chuva, *yaar*.

Apertamos as mãos e pedi um caldo de cana para ele. Ele jogou o chapéu preto para as costas, que ficou ali, pendurado por um cordão no pescoço. A camisa preta trazia desenhos bordados na frente, junto aos botões. As figuras brancas brandiam laços sob as cabeças. O cinto era feito com moedas de prata americanas, interligadas e presas por uma fivela *concho*. A calça preta de bailarino flamenco era bordada com delicados arabescos brancos na parte de fora da perna e terminava com três botõezinhos de prata. As botas de salto ao estilo cubano tinham tiras de couro que se cruzavam e se prendiam em fivelas na parte de fora.

— O tempo não está muito bom para andar a cavalo, *na*?

— Merda! — cuspiu ele. — Você soube o que aconteceu com Lettie e o cavalo? Meu Deus, cara! Foi há *semanas*, *yaar*. Não vejo você há  *muito* tempo, droga.

— Como está indo com Lettie?

— Nada bem. — Ele suspirou enquanto disse isso, mas o sorriso era feliz. — Mas acho que ela está quase cedendo, *yaar*. É uma garota muito especial. Precisa primeiro esgotar todo o ódio antes de poder entrar na parte do amor. Mas vou conquistá-la, mesmo que o mundo diga que estou maluco.

— Não acho que você seja maluco por ir atrás dela.

— Não acha?

— Não. Ela é uma bela garota. É uma ótima garota. Você é um sujeito legal. E vocês têm mais em comum do que as pessoas imaginam. Os dois têm senso de humor e adoram rir. Ela não suporta hipocrisia, nem você. E você se interessa pela vida de uma maneira que eu acho parecida com a dela. Acho que vocês formam um bom casal, ou pelo menos *vão* formar. Acho também que, no final das contas, você vai conquistá-la, Vikram. Vi o jeito como ela olha para você, mesmo quando está te esculhambando. Ela gosta tanto de você que *precisa* esculhambá-lo. É o jeito dela. Vá em frente e, no final, ela será sua.

— Lin... *escuta*, cara. *É isso aí!* Merda! Eu *gosto* de você. Quer dizer, é uma tremenda viagem, *yaar*. Vou ser seu amigo daqui pra frente. Sou seu parceiro, cara. Se precisar de alguma coisa, me procure. Combinado?

— Claro — sorri. — Pode deixar.

Ele ficou em silêncio, contemplando a chuva. O cabelo, negro e encaracolado, ia até a altura do colarinho na parte de trás, mas era cortado rente na frente e nas laterais. O bigode era cuidadosamente aparado e, pela espessura, parecia ser desenhado com hidrocor. De perfil, o rosto era imponente: a testa comprida terminava com um nariz aquilino e descia por uma boca firme e solene até o queixo confiante e proeminente. Quando se virou para mim, eram os olhos que chamavam a atenção: joviais, curiosos, cintilantes de bom humor.

— Sabe, Lin, eu *amo* de verdade — disse suavemente. Deixou que os olhos

vagassem pela calçada e então os ergueu depressa. — Eu *amo* aquela inglesa de verdade.

— Sabe, Vikram, eu *amo* de verdade — disse eu, imitando o tom da sua voz e a expressão sincera no rosto. — Eu *amo* essa camisa de vaqueiro de verdade.

— O quê? *Esta* velharia? — exclamou, rindo comigo. — Porra, cara, pode ficar com ela.

Ele saltou do banquinho e começou a desabotoar a camisa.

— Não! Não! Eu estava brincando!

— Qual é? Você quer dizer que *não* gosta da minha camisa?

— Não disse isso.

— E o que tem de errado com a droga da minha camisa?

— Não tem nada de errado. Só não quero ficar com ela.

— Tarde demais, cara! — berrou ele, tirando a camisa e jogando-a para mim. — Tarde demais.

Ele vestia uma regata preta sob a camisa, e o chapéu ainda pendia nas costas. O vendedor de caldo de cana tinha um aparelho de som portátil. Começou a tocar uma canção de um recente sucesso do cinema híndi.

— Puxa, eu *amo* essa canção, *yaar!* — exclamou Vikram. — Aumenta o som, *baba!* *Arre*, o máximo, *karo!*

O *wallah!* do caldo de cana gentilmente aumentou o volume até o máximo e Vikram começou a dançar e cantar a letra. Demonstrando surpreendente elegância e graça, ele rodopiou para fora do toldo superlotado e dançou sob a chuva. Um minuto depois de começar a dançar, havia seis, sete e depois oito dançarinos rindo na chuva, enquanto o resto de nós batia palmas, gritava e os saudava.

Vikram voltou seus passos novamente em minha direção e estendeu os braços para pegar meu punho com ambas as mãos. Começou a me arrastar para o baile. Protestei e tentei resistir, mas muitas mãos da rua vieram em seu auxílio e fui empurrado para o grupo de dançarinos. Eu me rendi à Índia, como fazia todos os dias, naquela época e como ainda faço, todos os dias de minha vida, a despeito do lugar do mundo onde esteja. Dancei, seguindo os passos de Vikram, e a rua inteira vibrou conosco.

A canção acabou depois de alguns minutos e, quando nos viramos, encontramos Lettie de pé sob o toldo, observando-nos com ar divertido. Vikram correu para cumprimentá-la e me juntei a eles, chacoalhando o corpo para me secar.

— Não me digam nada! Não quero saber — disse ela, sorridente, mas calando a boca de Vikram com a palma da mão. — O que vocês fazem na privacidade do banho de chuva não é da minha conta. Oi, Lin. Como você vai, querido?

— Bem, Lettie. Que tal a chuva?

— Sua dança da chuva parece estar fazendo milagres. Karla deveria se encontrar comigo e com Vikram, mais ou menos a essa hora. Vamos a um show de jazz em Mahim. Mas ela está ilhada no Taj. Acabou de me ligar. A porta da Índia está toda alagada. As limusines e os táxis flutuam como barquinhos de

papel, e os hóspedes não conseguem sair. Estão presos no hotel, assim como a nossa Karla.

Olhei em volta rapidamente e vi que Shantu, primo de Prabaker, continuava sentado no táxi, estacionado junto com vários outros do lado de fora dos restaurantes, onde eu o vira mais cedo. Conferi o relógio. Eram três e meia da tarde. Sabia que a essa hora os pescadores estariam de volta à praia com o que haviam pescado. Virei-me novamente para Vikram e Lettie.

— Lamento, amigos, tenho que ir! — Devolvi a camisa às mãos de Vikram. — Obrigada pela camisa, cara. Pego na próxima vez. Guarde para mim!

Ligando o taxímetro pela janela do carona, pulei no táxi de Shantu. Lettie e Vikram acenaram enquanto nos afastávamos de modo veloz. Expliquei o plano para Shantu no caminho para a colônia dos *kholi*, que ficava ao lado da nossa favela. O rosto escuro se enrugou até formar um sorriso cansado e ele sacudiu a cabeça, espantado. Mas acelerou um pouco mais o veículo estropiado para fazer o curto percurso pela rua encharcada de chuva.

Na colônia dos pescadores, consegui o apoio de Vinod, paciente do meu posto de saúde e um dos melhores amigos de Prabaker. Ele escolheu uma de suas menores balsas. Colocamos o barquinho leve no teto do táxi e voltamos correndo para a região do hotel Taj, perto do hotel Radio Club.

Shantu trabalhava como taxista dezesseis horas por dia, seis dias por semana. Estava determinado a dar uma vida melhor ao filho e às duas filhas. Economizava dinheiro para a educação e os dotes substanciosos que precisaria providenciar para que as meninas fizessem bons casamentos. Vivia exausto e era constantemente importunado por todos os tormentos, terríveis e triviais, inerentes à pobreza. Vinod sustentava os pais, a esposa e os cinco filhos com os peixes que retirava do mar com seus braços magros e fortes. Por iniciativa própria, havia criado uma cooperativa com outros vinte pescadores pobres. O trabalho em grupo aumentava a segurança, mas sua renda raramente permitia luxos como sandálias novas, livros escolares ou uma terceira refeição a cada dia. Porém, quando entenderam o que eu queria fazer e o motivo, nem Vinod nem Shantu quiseram aceitar dinheiro. Insisti, cheguei a tentar colocar o dinheiro por dentro de suas camisas, mas eles não permitiram. Eram homens pobres, cansados, preocupados, mas eram indianos, e qualquer indiano lhe dirá que, embora o amor talvez não tenha sido inventado na Índia, com toda a certeza foi lá que se aprimorou.

Pusemos a balsa comprida e achatada na água rasa da rua inundada perto do Radio Club, nas imediações da Pensão da Índia, de Anand. Shantu me deu a capa de chuva que usava quando o táxi quebrava e o surrado boné preto de motorista que era seu amuleto da sorte. Ele acenou para nós enquanto Vinod e eu partíamos rumo ao hotel Taj Mahal. Remamos o barco pela rua normalmente ocupada por táxis, caminhões, motocicletas e carros. A água ficava mais profunda a cada remada, até que, na esquina com a Best Street, onde começava o complexo do hotel Taj Mahal, ela chegava à altura da cintura.

Muitas enchentes semelhantes tinham acontecido nas ruas que cercavam o Taj. O hotel foi construído sobre uma alta plataforma de blocos de granito e arenito azul-acinzentado, com dez degraus de mármore que conduziam às

suntuosas entradas. As águas estavam profundas naquele ano — alcançavam o segundo degrau de cima para baixo — e os carros flutuavam, boiando indefesos, batendo no muro que cercava o grande arco da monumental Porta da Índia. Conduzimos o barco até os degraus da entrada principal. O saguão e as portas estavam repletos de gente: ricos empresários que observavam suas limusines boiando na chuva; mulheres em vestidos caros com assinaturas de estilistas do país e do exterior; atores e políticos; filhos e filhas elegantes.

Karla avançou como se estivesse esperando por mim. Aceitou minha mão e subiu. Joguei a capa sobre seus ombros quando ela se sentou no meio do barco, e entreguei-lhe o boné. Ela o colocou na cabeça erguendo a aba com um gesto insolente. Partimos. Vinod decidiu dar uma volta em torno do monumento. Enquanto entrávamos na magnífica câmara abobadada, ele começou a cantar. O monumento tinha uma acústica espetacular. Sua canção de amor ecoava e emocionava quem a escutava.

Vinod nos levou ao ponto de táxi no hotel Radio Club. Estendi o braço para ajudar Karla a sair do barco, mas ela pulou na calçada a meu lado e nos seguramos por um momento. O verde de seus olhos estava mais escuro sob a aba do chapéu. O cabelo negro reluzia com as gotas de chuva. O hálito era doce com os perfumes da canela e das sementes de alcaravia.

Separamo-nos e então abri a porta de um táxi. Ela me entregou a capa e o boné e se sentou no banco traseiro. Não tinha dito uma palavra sequer desde que eu chegara com o barco. Ela se dirigiu ao motorista.

— Mahim — disse ela. — *Challo! Para o Mahim. Vamos!*

Ela voltou a me olhar, enquanto o táxi se afastava da calçada. Havia uma ordem ou uma exigência em seu olhar. Eu não conseguia discernir exatamente o que era. Observei o táxi se afastar. Vinod e Shantu também assistiram à cena e deram tapinhas em meus ombros. Levantamos o barco de Vinod para colocá-lo novamente no teto do táxi. Quando sentei ao lado de Shantu, estendendo o braço esquerdo para segurar o barco, vi um rosto na multidão. Era Rajan, o eunuco que trabalhava para Madame Zhou. Ele me encarava. Seu rosto parecia a máscara da maldade e do ódio de uma gárgula.

Aquele rosto ficou comigo por todo o caminho até a colônia *kholi*, mas quando descarregamos o barco e Shantu concordou em se juntar a mim e a Vinod para o jantar, deixei que o rosto rancoroso de Rajan se desfizesse em minha memória. Pedi comida de um restaurante da região, que nos foi entregue ali, na praia, pelando, em embalagens metálicas. Espalhamos as quentinhas sobre uma velha vela de lona e nos sentamos sob um grande toldo de plástico para comer. Os pais de Vinod, a esposa e os cinco filhos se acomodaram na beira da lona, entre mim e Shantu. A chuva continuou a cair, mas o ar estava morno e uma leve brisa da baía lentamente agitava a noite úmida. Nosso abrigo na areia da praia, ao lado de tantas embarcações, dava para o mar revoltado. Comemos *byriani* de frango, *malai kofta*, *korma* de legumes, arroz, verduras ao *curry*, pedaços de abóbora, batata, cebola e couve-flor empanados, pão *naan* quente, com manteiga, *dhal*, *papadams* e *chutney* de manga verde. Foi um banquete e tanto, e a satisfação que transbordava dos olhares das crianças enquanto se

fartavam pôs a luz das estrelas em nossos sorrisos, ao observá-las.

Quando a noite caiu, voltei para a região turística de Colaba, de táxi. Queria um quarto na Pensão da Índia por algumas horas. Não estava preocupado com o registro C no hotel. Sabia que não precisaria fazer o *check-in* e que Anand não me incluiria na lista de hóspedes. Tínhamos feito um acordo meses antes — aceito na maioria dos hotéis baratos da cidade — que permitia que eu pagasse um *aluguel* por hora diretamente a ele para poder usar o chuveiro ou tratar dos meus negócios em um dos quartos, de tempos em tempos. Queria me barbear. Queria passar uma boa meia hora debaixo do chuveiro, usando bastante xampu e sabão. Queria sentar no vaso de um banheiro revestido de azulejos brancos, esquecer o cólera e remover completamente as últimas semanas da minha pele.

— Ah, Lin! Tão bom ver você! — resmungou Anand, entre os dentes, quando entrei no saguão. Os olhos reluziam com a tensão. O rosto longo e atraente estava sombrio. — Estamos com um problema. Venha rápido!

Ele me levou a um quarto localizado no corredor principal. Uma moça abriu a porta e falou em italiano. Estava perturbada, desgrenhada. O cabelo era uma bagunça, com pedaços de curativo presos entre os fios e alguma coisa parecida com comida. A camisola fina pendia para um lado, revelando as costelas. Era uma viciada, e estava tão chapada que parecia a ponto de apagar, mas havia um pânico sonolento, amortecido, no que ela dizia.

Na cama, havia um jovem esparramado, com uma perna sobre o pé da cama. Estava despido da cintura para cima e com as calças abertas. Uma bota fora descartada e a outra ainda estava calçada no pé esquerdo. Tinha uns vinte e oito anos. Estava morto.

Sem pulso. Sem batimentos cardíacos. Sem respiração. A overdose lançara seu corpo dentro do poço negro e profundo, e o rosto estava tão azulado quanto o céu às cinco da tarde no pior dia de inverno. Puxei seu corpo para a cama e pus um lençol enrolado atrás do pescoço.

— Temos problemas, Lin — disse Anand, secamente. Estava encostado na porta fechada, para impedir que alguém entrasse.

Eu o ignorei e comeci a fazer respiração boca a boca no rapaz. Conhecia a técnica perfeitamente bem. Tinha salvado inúmeros drogados de overdoses quando eu mesmo era um deles. Fizera aquilo cinquenta, oitenta vezes no meu país, pressionando e enchendo de vida os mortos-vivos. Bombeeí o coração do jovem, esperando que voltasse a bater, e enchi seus pulmões de ar. Depois de dez minutos de procedimento, ele engasgou, do fundo dos pulmões, e tossiu. Descansei sobre os joelhos, aguardando para ver se ele já conseguia respirar sozinho. A respiração era lenta. Ficou mais lenta até parar em um suspiro oco. O som parecia tão inexpressivo e sem vida quanto o ar que escapa de uma fissura de camadas de pedra de um gêiser. Recomecei a reanimação. Era um trabalho exaustivo, arrastar o corpo flácido do fundo do poço à superfície com meus braços e pulmões.

A garota apagou duas vezes enquanto eu cuidava do namorado. Anand a esbofeteou e a sacudiu para que acordasse. Três horas depois de entrar no hotel, deixei o quarto na companhia de Anand. Estávamos encharcados de suor, as

camisas úmidas como se tivéssemos ficado na chuva que tamborilava e chacoalhava por trás das janelas. O casal estava acordado, mal-humorado e irritado conosco, apesar do pedido de ajuda, pois havíamos cortado seu barato. Fechei a porta sabendo que em breve alguém, naquela cidade ou em outra, fecharia a porta para eles, para sempre. Todas as vezes que os viciados descem o poço, eles afundam um pouco mais. Fica um pouco mais difícil arrancá-los dali novamente.

Anand me devia uma. Tomei uma chuveirada, me barbeei e aceitei uma camisa limpa e passada. Então nos sentamos no saguão e tomamos *chai*. Alguns homens gostam menos de você quanto mais lhe devem. Outros só começam de fato a gostar da gente quando descobrem que estão em débito. Anand se sentia à vontade com a situação e seu aperto de mão era do tipo que bons amigos usam para substituir uma conversa inteira.

Quando desci para a rua, um táxi parou do meu lado, junto ao meio-fio. Ulla estava no banco traseiro.

— Lin! Por favor, você pode entrar aqui um pouquinho?

A preocupação e o que talvez fosse pavor transformavam a voz dela em pouco mais que um gemido. O rosto belo e pálido estava congelado em uma expressão assustadora.

Sentei-me ao lado dela e o táxi se afastou lentamente da calçada. O carro tinha o cheiro do perfume dela e dos cigarros que ela não parava de fumar.

— *Seedha jao!* — disse ela ao motorista. — *Siga em frente!* Estou com um problema, Lin. Preciso de ajuda.

Era minha noite de bancar o cavaleiro andante. Olhei em seus grandes olhos azuis e resisti ao impulso de fazer uma piada ou um comentário galante. Ela estava com medo. O que a assustava ainda dominava seu olhar. Ela me encarava, mas ainda fitava aquele medo.

— Ah, sinto muito — soluçou, perdendo o controle de repente, e recuperando-se quase tão rapidamente. — Eu nem o cumprimentei direito. Como vai você? Não o vejo há muito tempo. Você está bem? Está com uma ótima aparência.

O sotaque alemão dava uma musicalidade agradável a sua fala. Sorri para ela enquanto luzes coloridas refletiam em seus olhos.

— Estou bem. Qual é o problema?

— Preciso de alguém que vá comigo, que esteja comigo à uma da manhã. No Leopold. Vou estar lá... e preciso que você esteja junto. Você pode? Pode estar lá?

— O Leopold fecha à meia-noite.

— É — disse ela, a voz de novo a ponto de se desfazer em lágrimas. — Mas vou estar lá, em um táxi estacionado do lado de fora. Vou encontrar uma pessoa e não quero ir sozinha. Você pode ir comigo?

— Por que eu? E Modena ou Maurizio?

— Eu confio em você, Lin. Não vai levar muito tempo, a reunião. E vou pagar. Não estou pedindo sua ajuda em troca de nada. Pago quinhentos dólares só para você me fazer companhia. Você pode?

Um alarme soou nas minhas entranhas, como geralmente acontece quando algo pior do que podemos imaginar está prestes a nos atingir. O destino está sempre emitindo sinais para que possamos nos precaver, mas nunca damos importância ao que captamos. É claro que eu a ajudaria. Ulla era amiga de Karla e eu estava apaixonado por Karla. Eu a ajudaria, por Karla, mesmo que não gostasse dela. E eu *gostava* de Ulla: ela era linda, ingénua e audaciosa o suficiente para impedir que a solidariedade se transformasse em piedade. Sorri mais uma vez e pedi ao motorista que parasse o carro.

— Claro. Não se preocupe. Estarei lá.

Ela se inclinou e me deu um beijo no rosto. Sai do táxi. Ela pôs as mãos na beirada da janela e se debruçou. A umidade pousou em seus longos cílios, obrigando-a a piscar.

— Vai estar lá? Promete?

— Uma hora da manhã — disse com firmeza. — Leopold. Estarei lá.

— Promete?

— Sim — eu ri. — Prometo.

O táxi se afastou e ela soltou uma exclamação com tal premência que chego a soar ríspida e quase histérica no silêncio da noite.

— Não me deixe na mão, Lin!

Voltei para a região turística, sem destino, pensando em Ulla e no tal negócio, fosse qual fosse, que seu namorado Modena mantinha em sociedade com Maurizio. Didier tinha me dito que estavam ganhando dinheiro, mas Ulla parecia assustada e infeliz. E Didier também havia dito outra coisa — algo sobre perigo. Tentei me lembrar das palavras que ele usara. Quais eram? *Risco terrível... muita violência...*

Ainda estava com esses pensamentos em mente quando percebi que me encontrava na rua de Karla. Passei na frente do apartamento, no térreo. As grandes portas duplas, que se abriam diretamente para a rua, estavam escancaradas. Uma brisa irrequieta brincava com as cortinas de renda. Vi que havia uma luz suave e amarelada, de vela, no interior.

A chuva aumentou, mas uma inquietude que eu não conseguia evitar nem compreender me fazia continuar andando. A canção de amor de Vinod, a canção que emocionou e ecoou na cúpula do monumento, tocava sem parar na minha cabeça. Meus pensamentos flutuaram até o barco que navegava no lago surreal criado na rua pela monção. O olhar de Karla — ordenando, exigindo — transformou a inquietude em uma espécie de fúria dentro do meu coração. Tive de parar na chuva, algumas vezes, para respirar fundo. Estava me asfixiando de amor e desejo. Havia raiva dentro de mim, e dor. Meus punhos estavam cerrados. Os músculos dos braços, do peito e das costas, tensionados. Pensei no casal de italianos, os doidões do hotel de Anand, e na morte, em morrer. O céu negro e taciturno afinal se rompeu e desabou. Os relâmpagos caíam no mar Árábico e trovões os seguiam como uma salva de palmas ensurdecedora.

Comecei a correr. As árvores estavam escuras; as folhas, completamente úmidas. Pareciam pequenas nuvens, aquelas árvores, derramando sua própria chuva. As ruas estavam vazias. Passei por poças d'água que refletiam o céu

cortado pelos relâmpagos. Toda a solidão e todo o amor que eu conhecia se juntaram, combinaram-se dentro de mim até que meu coração ficou cheio de amor por ela, assim como as nuvens no céu estavam cheias de chuva. Eu corri. E corri. E, de alguma forma, voltei para aquela rua, para a porta da sua casa. E fiquei ali, fustigado pelos relâmpagos, o peito arfando com a intensidade que ainda se agitava dentro de mim quando parei.

Ela veio até as portas abertas olhar o céu. Estava com uma camisola branca fina e sem mangas. Ela me viu de pé na tempestade. Nossos olhares se encontraram e permaneceram grudados. Ela atravessou as portas, desceu dois degraus e caminhou em minha direção. O trovão sacudia a rua, relâmpagos iluminavam seus olhos. Ela veio para os meus braços.

A gente se beijou. Nossos lábios expressavam pensamentos sem palavras: o tipo de pensamento que os sentimentos têm. Nossas línguas se retorciam, serpenteavam em cavernas de prazer. Línguas que anunciavam o que éramos. Seres humanos. Amantes. Lábios deslizaram ao final do beijo e eu a inundei de amor, rendendo-me e também submergindo.

Ergui-a nos braços e a levei para casa, para o quarto que tinha o seu perfume. Deixamos as roupas no piso de cerâmica e então ela me levou para a cama. Deitamo-nos lado a lado, mas sem nos tocar. Na escuridão iluminada pela tempestade, as gotas de suor e de chuva em seu braço eram como muitas estrelas cintilantes, e sua pele, um pedaço do céu noturno.

Apertei os lábios contra o céu, lambi as estrelas para que entrassem em minha boca. Ela levou meu corpo para junto do dela e todos os movimentos eram pura magia. Havia um mundo inteiro de preces em nossas respirações. O suor escorria por regatos que conduziam a ravinas de prazer. Todos os movimentos eram um ondular de pele acetinada. Sob o manto de veludo do carinho, nossas costas se arqueavam com uma vibração que produzia calor, tensionando os músculos para que concluíssem o que as mentes iniciam e os corpos finalizam, sempre vencedores. Eu era dela. Ela era minha. Meu corpo era a sua carruagem e ela o conduzia para o sol. Seu corpo era meu rio, e eu me transformei no mar. E o gemido que juntou nossos lábios, ao final, era o mundo de esperança e tristeza que o êxtase arranca dos amantes ao inundar suas almas com felicidade.

O silêncio pacífico das respirações que nos abraçou e nos envolveu, em seguida, era vazio de carências, de necessidades, de fome, de dor e de qualquer outra coisa além da delicadeza pura e intangível do amor.

— Ah, *merda!*

— O quê?

— Ai, *meu Deus!* Olha a *hora!*

— O quê? O que é?

— Preciso ir — disse eu, pulando da cama e pegando minhas roupas molhadas. — Preciso me encontrar com alguém no Leopold e tenho cinco minutos para chegar lá.

— *Agora?* Você vai sair *agora?*

— Tenho que ir.

— O Leopold vai estar fechado — disse ela, franzindo a testa, sentando-se na cama e se encostando em uma pequena montanha de travesseiros.

— Eu sei — resmunguei, vestindo as botas e amarrando-as. Minhas roupas e botas estavam completamente encharcadas, mas a noite ainda era úmida e quente. A chuva diminuía e a brisa que agitara ligeiramente o ar lânguido desvanecia. Ajoelhei-me ao lado da cama e me curvei para beijar a pele macia da sua coxa. — Preciso ir. Dei minha palavra.

— É tão importante assim?

Um toque de irritação fez surgir rugas em minha testa. Por um momento, fiquei incomodado pelo fato de ela me pressionar, mesmo depois de lhe ter dito que dera a minha palavra: aquilo deveria ter bastado. Mas ela estava linda naquela noite sem luar, e tinha o direito de sentir-se incomodada, ao contrário de mim.

— Desculpe-me — respondi baixinho, passando a mão por seus cabelos negros espessos. Quantas vezes quis fazer aquilo quando estávamos juntos, estender a mão e tocá-la?

— Então vá — disse ela, em voz baixa, olhando para mim com a concentração de uma bruxa. — Vá.

Corri até a Arthur Bunder Road atravessando o mercado deserto. As lonas brancas que cobriam as bancas as faziam parecer um monte de cadáveres envoltos em mortalha na sala de um necrotério. Meus passos rápidos produziam ecos, como se fantasmas corressem comigo. Atravessei a Arthur Bunder e entrei na Mereweather Road, correndo por aquele bulevar de árvores e grandes mansões sem que houvesse vestígios das milhares de pessoas que passavam por ali no horário comercial.

No primeiro cruzamento, dobrei à esquerda para evitar as ruas inundadas e vi um policial de bicicleta, à frente. Corri pelo meio da pista e um segundo policial de bicicleta saiu de uma rua escura assim que passei. Quando eu estava exatamente na metade da rua, um jipe policial apareceu no final. Ouvi um segundo jipe atrás de mim e os ciclistas se aproximaram. O jipe estacionou a meu lado e eu parei. Cinco homens saíram e me cercaram. Houve silêncio por alguns segundos. Era um silêncio tão ameaçador que os tiras estavam quase inebriados, os olhos iluminados com agitação em meio à chuva fina.

— O que está acontecendo? — perguntei em marata. — O que desejam?

— Entre no jipe — rosnou o comandante em inglês.

— Escute, eu falo marata. Será que não podemos... — comecei a falar, mas o sujeito me interrompeu com uma gargalhada áspera.

— Sabemos que você fala marata, seu filho da puta — respondeu ele, em marata. Os outros tiras riram. — Sabemos de tudo. Agora entre na merda do jipe, seu filho da puta, ou vamos lhe dar uma surra com o *lathis* e depois jogamos você lá dentro.

Entre na parte de trás do jipe coberto e eles me fizeram sentar no chão. Havia seis homens ali e todos estavam com as mãos sobre mim.

Percorremos os dois breves quarteirões até a delegacia de Colaba, na frente do Leopold. Quando entramos no prédio da polícia, reparei que a rua diante do Leopold estava deserta. Ulla não estava ali, onde me disse que estaria. *Será que*

*ela armou alguma pra cima de mim?*, pensei, o coração batia forte com terror. Não fazia sentido, mas ainda assim o pensamento se transformou em um verme que corroeu as muralhas que ergui para me proteger.

O oficial encarregado do turno da noite era um marata atarracado, gordo, que, como tantos de seus colegas de trabalho, tentava caber dentro de um uniforme que era, no mínimo, dois números abaixo do dele. Passou pela minha cabeça que o desconforto talvez explicasse seu mau humor. Com certeza, não havia nenhum senso de humor nele nem em qualquer um dos dez policiais que me cercavam e senti uma vontade perversa de rir enquanto aquele silêncio de respirações pesadas e caras feias persistia. Quando o oficial se dirigiu a seus homens, acabou a graça.

— Peguem esse filho da puta e sentem a porrada nele — disse com naturalidade. Se sabia que eu falava marata e que podia compreendê-lo, não deu a menor bola. Falava com os homens como se eu não estivesse ali. — Batam com força. Deem uma boa surra. Façam o favor de não quebrar nenhum osso, mas deem uma boa surra e então o joguem na cadeia com os outros.

Corri. Rompi o círculo de tiras, chegando ao lado de fora em um salto, e alcancei o pátio pedregoso, correndo. Foi um erro estúpido, e não foi o único que cometeria nos meses seguintes. *Os erros são como amores ruins*, disse-me Karla certa vez. *Quanto mais você aprende com eles, mais deseja que nunca tivessem acontecido*. Meu erro naquela noite me levou ao portão principal do complexo, onde colidi com um grupo que retornava de uma ronda policial e me embaralhei em vários homens amarrados e indefesos.

Os tiras me arrastaram de volta para a sala, dando socos e pontapés por todo o caminho. Amarraram minhas mãos para trás com uma corda grosseira de cânhamo e retiraram minhas botas antes de atarem os pés. O oficial baixo e gordo de plantão apresentou um rolo de corda e ordenou aos homens que me amarrassem dos tornozelos aos ombros. Bufando de raiva, ele me viu ser coberto com tantas voltas de corda que me faziam parecer uma múmia egípcia. Os policiais me arrastaram para um cômodo adjacente, me ergueram e me prenderam a um gancho, na altura do peito, com o rosto para baixo. O gancho atravessava várias voltas de corda nas minhas costas.

— Aviãozinho... — rosnou o encarregado, com dentes cerrados.

Os policiais fizeram meu corpo girar cada vez mais rápido. O gancho mantinha minhas mãos presas e deixava minha cabeça pendurada, no nível dos meus pés caídos. Girei, dei voltas até perder a noção do que estava em cima ou embaixo no aposento. Então a surra começou.

Cinco ou seis homens batiam em meu corpo que girava, com força e sempre que podiam, açoitando minha pele com varas de bambu. Os golpes produziam uma dor dilacerante, que atravessava as cordas, acertando-me no rosto, nos braços, nas pernas, nos pés. Eu sentia que estava sangrando. Os gritos se formaram dentro de mim, mas cerrei as mandíbulas e não deixei que saíssem. Não permitiria que eles tivessem esse gostinho. Não deixaria que me ouvissem gritar. O silêncio é a vingança do torturado. Mãos seguraram meu corpo, imobilizando-me enquanto o aposento continuava a girar. Então me giraram na

direção oposta e a surra recomeçou.

Quando a brincadeira acabou, me arrastaram pelos degraus de metal até o cárcere. Eram os mesmos degraus que eu galgara com Prabaker quando tentei ajudar os domadores de urso. *Será que alguém vem me ajudar?*, perguntei a mim mesmo. Ninguém tinha visto minha prisão na rua deserta e ninguém sabia onde eu me encontrava. Ulla, se tivesse aparecido no Leopold, se não estivesse *envolvida* na minha prisão, não saberia de nada. E Karla... o que Karla pensaria a não ser que eu a abandonara depois de termos feito amor? Não me encontraria. Os sistemas carcerários são buracos negros para os corpos humanos: nenhuma luz escapa, nenhuma notícia. Com aquela prisão misteriosa, eu desaparecera em um dos buracos negros mais sinistros da cidade. Eu desaparecera tão completamente, como se tivesse pegado um avião para a África.

E *por que* fui preso? As perguntas zumbiam, formigavam na minha mente em turbilhão. Será que eles sabiam quem de fato eu era? Se não soubessem — se fosse outra coisa, se não tivesse nada a ver com quem eu era —, ainda haveria perguntas, procedimentos de identificação, talvez até verificação de impressões digitais. Minhas digitais estavam arquivadas no mundo inteiro, por meio da Interpol. Era só uma questão de tempo para que minha verdadeira identidade viesse à tona. Eu tinha que mandar um recado para... alguém. Quem poderia me ajudar? Quem era poderoso o bastante para me ajudar? Khaderbhai. Lorde Abdel Khader Khan. Com contatos em toda a cidade, especialmente na área de Colaba, ele acabaria sabendo da minha prisão. Acabaria sabendo antes que fosse tarde demais. Até lá, eu tinha que segurar a onda e tentar lhe mandar um recado.

Enrolado como uma múmia nas cordas, arrastado pelos degraus duros e metálicos, um golpe doloroso após outro, obriguei meus pensamentos a se concentrarem naquele mantra que eu repetia para meu coração agitado: *Mande um recado para Khaderbhai... Mande um recado para Khaderbhai...*

No alto da escada, eles me jogaram no longo corredor da prisão. O oficial de plantão mandou que os prisioneiros tirassem as cordas do meu corpo. Ficou na porta do cárcere, observando, com os punhos nos quadris. A certa altura, ele me chutou duas ou três vezes para incentivá-los a agir mais rápido. Quando todas as cordas foram removidas e entregues aos guardas, ele ordenou que me levantassem e me fizessem ficar de pé, olhando para ele pelo portão aberto. Senti as mãos deles sobre minha pele entorpecida, abri os olhos e, por trás do sangue, vi seu sorriso odioso.

Ele se dirigiu a mim em marata e depois cuspiu no meu rosto. Tentei levantar o braço para reagir, mas os outros presos me contiveram rapidamente. As mãos eram delicadas, mas firmes. Ajudaram-me a entrar na primeira cela aberta e me baixaram no chão de concreto. Levantei o olhar para ver seu rosto enquanto ele fechava o portão. Ele me disse, em uma tradução livre, mas precisa: *Você está fodido. Sua vida acabou.*

Vi as barras metálicas do portão se fecharem e senti um frio paralisante entorpecer meu coração. Metal bateu contra metal. As chaves bateram umas contra as outras e fecharam o trinco. Olhei nos olhos dos homens a minha volta, olhos mortos ou frenéticos, olhos ressentidos ou temerosos. Em algum lugar

dentro de mim, um tambor começou a bater. Talvez fosse meu coração. Senti o corpo, o corpo inteiro, ficar tenso e se fechar como se fosse um punho. Havia um gosto intenso e amargo na minha boca. Lutei para engoli-lo e então eu me lembrei dele. Era o gosto do ódio — meu ódio, o deles, o dos guardas, o do mundo. As prisões são templos onde os demônios aprendem a espreitar. Toda vez que viramos a chave, reviramos a faca do destino, pois toda vez que aprisionamos um homem o enclausuramos no ódio.

---

1 Pessoa responsável por uma atitude específica ou ligada a um serviço ou trabalho. (*N. do E.*)

O PRIMEIRO ANDAR DA CARCERAGEM de Colaba tinha quatro grandes celas por trás de um portão de aço. Um corredor ligava os quatro aposentos. De um lado, o corredor dava acesso às celas. Do outro, contemplava, isolado por grades, o quadrado do complexo policial. Havia mais celas lá embaixo. Foi em uma delas que Kano, o urso, tinha ficado preso. Os que estavam ali para averiguação, aqueles que passavam apenas uma ou duas noites na cadeia, ficavam no térreo. Qualquer um que tivesse probabilidade de ficar preso em Colaba por uma semana ou mais subia os degraus ou era arrastado escada acima, como eu, e passava pelo portão de aço, de correr, para entrar em uma das antessalas do inferno.

Não havia portas depois do portão. O acesso a cada cela era através de um arco vazio, ligeiramente mais largo do que o batente de uma casa comum. Os cômodos tinham mais ou menos três metros quadrados. O corredor, de dezesseis metros de extensão, mal dava para dois homens passarem lado a lado, e mesmo assim com os ombros encostados. No final, havia um mictório e um buraco no chão, com formato de fechadura, que servia de privada, ambos sem portas. Uma pia fornecia água para beber e para se lavar. Ficava sobre o mictório.

As quatro celas e o corredor poderiam abrigar quarenta homens com um nível tolerável de desconforto. Quando acordei na primeira manhã, descobri que éramos, na realidade, duzentos e quarenta. O lugar era uma colmeia, um formigueiro, uma massa contorcida de seres humanos apertados uns contra os outros a cada pequeno movimento de braço ou perna. A privada estava com merda na altura do tornozelo. O mictório transbordava. Lama fedorenta escorria deles até o final do corredor. O ar parado e pegajoso da monção estava carregado de gemidos, murmúrios, conversas, queixas, gritos e berros de homens que enlouqueciam. Fiquei ali três semanas.

A primeira das quatro celas, onde dormi na primeira noite, acomodava apenas quinze homens. Era a mais distante do nauseante cheiro da privada. Era limpa. Havia espaço para deitar. Os homens que residiam ali eram todos ricos — ricos o suficiente para pagar os tiras para espancar quem tentasse se espremer ali sem ser convidado. Era chamada de Taj Mahal, e os residentes, conhecidos como *pandrah kumar*, os *quinze príncipes*.

A segunda cela abrigava vinte e cinco homens. Logo soube que eram todos bandidos: homens que já tinham passado pela penitenciária pelo menos uma vez, e estavam preparados para brigar, de forma rápida e suja, para preservar seu espaço. A cela era conhecida como *chor mahal*, a *morada dos ladrões*, e os homens eram conhecidos como *chapéus pretos*, os *kala topis* — como os leprosos de Ranjit —, porque os ladrões condenados a cumprir pena na infame prisão de Arthur Road eram obrigados a usar um chapéu preto com o uniforme.

A terceira cela tinha quarenta homens espremidos lá dentro, sentados contra a parede, ombro a ombro, revezando-se para se esticar no pequeno espaço que

sobrava no meio. Não eram tão embrutecidos quanto os homens da segunda cela, mas eram orgulhosos e determinados. Diziam-se donos do pequeno espaço onde se sentavam e então brigavam para mantê-los, reagindo às incursões dos recém-chegados. Estavam constantemente sob pressão: todos os dias, pelo menos um deles perdia a disputa e tinha que ceder o lugar para um novato mais durão. Mesmo assim, o número ideal de presos na terceira cela era de quarenta homens e, como raramente passava desse limite, era conhecida como *chaaliss mahal*, ou *morada dos quarenta*.

A quarta cela era conhecida, na gíria da cadeia, como *dukh mahal*, ou *morada do sofrimento*, mas muitos homens preferiam usar o nome dado pela polícia de Colaba para designar a última cela do corredor: *sala de revista*. Quando um novato entrava no corredor pela primeira vez e passava pelo portão de aço, às vezes tentava a sorte na primeira cela. Todos os quinze ocupantes e outros tantos lacaios do corredor se levantavam, dando empurrões, fazendo ameaças e gritando: *Próxima cela! Próxima cela, filho da mãe!* Empurrado pelo corredor pela pressão dos corpos agitados, o homem talvez tentasse entrar na segunda cela. Se ninguém o conhecesse, quem estivesse próximo à porta lhe daria um safanão, um soco na boca. *Próxima cela, filho da puta!* Se o homem, já bastante maltratado, tentasse entrar na terceira cela, ao ser empurrado mais para o fundo do corredor, os dois ou três que ficavam sentados ou de pé na porta lhe dariam socos e o chutariam. *Próxima cela! Próxima cela, seu filho da puta!* Quando o novato finalmente chegava à quarta cela, a sala de revista, ele era cumprimentado como se fosse um amigo antigo e muito bem-vindo. *Entre, amigo! Entre, irmão!*

Quem caísse na besteira de aceitar o convite levava uma surra e era totalmente despido pelos cinquenta ou sessenta homens amontoados naquele ambiente escuro e fétido. Distribuíam-se as roupas de acordo com uma lista de espera determinada por uma ordem precisa e constantemente revista. Vasculhavam-se com muito cuidado as cavidades corporais em busca de joias, drogas ou dinheiro. Qualquer objeto de valor ia para o rei da sala de revista. Nas semanas que passei lá, o rei era um sujeito enorme, parecido com um gorila, sem pescoço, cuja cabeleira começava pouco acima da sua grossa sobrancelha de uma só linha. Os novos recebiam farrapos para vestir — aqueles descartados pelos que haviam recebido as roupas roubadas. Tinham duas opções: deixar a cela e tentar ficar com a centena de homens que viviam no corredor absurdamente lotado ou se juntar à gangue da sala de revista e esperar a oportunidade de pilhar outros novatos infelizes, em uma cadeia de agressões. Pelo que vi naquelas três semanas, um entre cada cinco homens brutalizados e roubados naquela cela fez a segunda opção.

Até no corredor havia uma hierarquia, lutas por espaço para se pôr o pé e gente que desafiava a força ou a coragem dos rivais para defender seu pedaço. As posições próximas ao portão e relativamente distantes da privada eram valorizadas. Mesmo no final do corredor, onde a merda e o mijo se derramavam no chão criando uma espécie de lama repugnante e fedorenta, havia brigas por um centímetro de espaço que tivesse um pouco menos de lodo.

Alguns daqueles homens obrigados a ficar no final do corredor, forçados a ficar com merda na altura dos tornozelos dia e noite, acabavam caindo e morrendo. Um homem morreu na carceragem quando eu estava lá e vários outros foram levados para fora em um estado tão próximo da morte que eu achava impossível fazê-los recuperar a consciência. Outros conseguiram invocar a loucura ensandecida, necessária para lutar minuto a minuto, hora a hora, metro a metro, dia a dia e homem a homem, no interior do intestino de concreto da serpente, até conquistar um lugar onde pudessem ficar de pé e continuar a viver, até que a besta os expelisse pela mesma mandíbula de metal que engoliu suas vidas inteiras.

Recebíamos uma refeição por dia, às quatro da tarde, composta de *dhal* e *roti*, principalmente, ou arroz com um molho ralo de *curry*. Também havia *chai* e uma fatia de pão no início da manhã. Os prisioneiros tentavam se organizar em duas filas, aproximando-se e afastando-se do portão, no qual os tiras entregavam a comida. Mas o amontoado de corpos, a fome desesperada e a ganância de alguns provocavam o caos a cada refeição. Muitos homens deixavam de se alimentar. Alguns ficavam sem comer por um dia ou mais.

Ao entrar na cadeia, todos nós recebíamos um prato raso de alumínio, nosso único bem. Não havia talheres — comíamos com as mãos — e não havia xícaras: o *chai* era despejado nos pratos; nós o bebíamos com as bocas pressionadas na rasa camada de líquido. Mas eles tinham outras utilidades, a primeira delas era servir para criar um fogão improvisado. Se dois daqueles discos de alumínio fossem dobrados em V e usados como apoio, um terceiro poderia ficar sobre eles. Com uma fonte de calor queimando no espaço entre utensílios dobrados e invertidos, criava-se um fogareiro que poderia ser usado para requeentar o chá ou a comida colocada em outro prato raso. O combustível ideal era uma sandália de borracha. Quando se ateva fogo na extremidade de uma delas, a borracha queimava uniforme e lentamente até o outro lado. A fumaça era acre e espessa, com uma fuligem pegajosa que grudava em tudo que tocava. A sala de revista, onde dois desses fogareiros queimavam por algum tempo todas as noites, tinha as paredes e o chão imundos e escurecidos, bem como os rostos de todos os homens que ali habitavam.

Os fogareiros eram uma fonte de renda para os mandachugas da sala de revista: eles os usavam para esquentar, por certo preço, *chai* e alimentos para os homens ricos da cela um. Os guardas permitiam entregas de comida e bebida — para quem podia pagar por isso — durante o dia, mas nada atravessava o portão à noite. Os quinze príncipes, que não relutavam em gastar dinheiro em busca do conforto, haviam subornado os policiais para que providenciassem uma pequena caçarola, várias garrafas e embalagens plásticas, nas quais podiam armazenar *chai* e comida. Daquela forma, quando as entregas cessavam à noite, os príncipes ainda desfrutavam de *chai* quente e lanches.

Como os pratos de alumínio só podiam ser usados como fogareiros por algum tempo até se tornarem quebradiços e se desmancharem, sempre havia demanda por novos. Como a comida e o *chai*, e mesmo as sandálias de borracha usadas como fonte de calor, podiam ser transformados em dinheiro, havia sempre

demanda por eles. Os mais fracos perdiam as sandálias, os pratos e a comida. Quem tivesse coragem de ajudá-los, compartilhando os pratos, era obrigado a engolir a comida às pressas e depois entregá-los para que fossem novamente usados. Às vezes até quatro homens comiam no mesmo prato dessa forma, durante os seis ou sete minutos que os tiras reservavam para a distribuição de alimentos no portão de aço.

Todos os dias eu olhava dentro dos olhos dos famintos. Eu os via observando outros homens engolirem comida quente muito rápido, usando os dedos, enquanto os policiais despejavam as últimas refeições. Eu os via todos os dias, observando, esperando e temendo ficar de fora. A verdade em seus olhos era algo que só descobrimos em meio à fome cruel e desesperada. Tomei para mim aquela verdade, e a parte do meu coração que se partiu ao vê-la jamais se curou.

E toda noite, na cela um, o Taj Mahal, os quinze príncipes, antes de se esticarem para dormir, comiam uma refeição, bebiam chá doce, aquecidos nos fogareiros improvisados da sala de revista.

Mesmo os príncipes, porém, precisavam usar o toalete. O procedimento era tão vil e desumano para eles como para o prisioneiro mais pobre. E nesse aspecto, pelo menos, éramos todos praticamente iguais. A longa jornada através da floresta de membros e corpos no corredor terminava no pântano fedorento. Lá, os ricos, como o restante de nós, fechavam as narinas com pedaços de pano rasgados de uma camisa ou camiseta e prendiam um *bidi* aceso entre os dentes, para aguentar o mau cheiro. Com as calças arregaçadas até os joelhos e as sandálias na mão, atravessavam descalços a sujeira para se acocorar sobre o buraco no chão. A privada não estava entupida e funcionava bem, mas, com mais de duzentos homens usando-a uma ou duas vezes por dia, dia após dia, logo ficava imunda com os dejetos dos que erravam o buraco no chão. Com o tempo, pilhas de excremento escorregavam nas poças de urina que transbordavam do mictório raso. Aquela era a imundície que enfrentávamos para chegar à privada. Quando voltavam para o mictório, os homens ricos lavavam as mãos e os pés na pia, sem sabão, e pisavam em trouxas de farrapos amontoadas como seixos e que formavam uma represa improvisada antes da entrada da sala de revista. Pelo preço de uma guimba de cigarro ou pela metade de um *bidi*, os homens que se acocoravam no lodo limpavam mais uma vez os pés dos ricos nos trapos para que eles então pudessem recomeçar a luta a fim de atravessar o corredor.

Presumia-se que eu tinha dinheiro, pois era um estrangeiro branco. Por isso, os homens ricos da cela um haviam me convidado a se juntar a eles quando acordei em seu aposento na primeira manhã. A ideia me deixou horrorizado. Fui criado em uma família de socialistas fabianos e deles herdei a repulsa obstinada e pouco prática a todas as formas de injustiça social. Impregnado por esses princípios e sendo na juventude produto de uma era revolucionária, tornei-me também um revolucionário. Parte daquele compromisso com *A Causa*, como chamava minha mãe, ainda estava lá, no fundo do meu ser. Além do mais, eu havia vivido na favela por muitos meses, ao lado dos pobres da cidade. Por isso recusei a oferta — com relutância, devo admitir — para desfrutar os confortos dos ricos. Em vez disso, batalhei para entrar na segunda cela, ao lado dos homens

embrutecidos que haviam cumprido pena. Troquei alguns sapatos na entrada, mas, quando ficou claro que eu era capaz de conquistar um lugar na morada dos ladrões, eles se reorganizaram e abriram espaço para mim. Ainda assim, houve algum ressentimento. Os chapéus pretos, como todos os bandidos de respeito, eram homens orgulhosos. Não demorou muito para que criassem uma oportunidade de me testar.

Três dias depois da minha prisão, em uma das longas viagens de volta da privada em meio ao amontoado humano, um homem na multidão de prisioneiros tentou arrancar meu prato. Xinguei-o em hindí e em marata, tornando a ameaça tão grosseira anatomicamente quanto meu vocabulário permitia. Aquilo não o deteve. O sujeito era mais alto e pesava uns trinta quilos a mais que eu. Suas mãos agarraram o prato e nós dois puxamos, mas nem eu nem ele tínhamos a força bruta necessária para levá-lo. Todos ficaram em silêncio. As respirações eram um redemoinho caudaloso de som e ar quente a nossa volta. Tratava-se de um confronto. Ganhar ou perder: ou eu conseguia meu lugar naquele mundo, naquele momento, ou seria obrigado a mergulhar no pântano fétido do final do corredor.

Usando a força que o homem fazia no prato como alavanca, bati a cabeça violentamente contra o seu nariz, cinco, seis, sete vezes, e mais uma vez, no queixo, enquanto ele tentava se afastar. A multidão se alvoroçou. Dezenas de mãos nos empurraram, esmagando meu corpo e meu rosto contra os dele. Espremido pela pressão dos homens amedrontados, impossibilitado de usar as mãos, sem vontade de soltar o prato, mordei seu rosto. Meus dentes perfuraram sua bochecha até que senti o gosto de sangue em minha boca. Ele soltou o prato e berrou. Incontrolavelmente agitado, passou por cima dos corpos do corredor até chegar ao portão de metal. Eu o segui, tentando agarrá-lo. Segurando as barras, ele sacudiu o portão, guinchando por ajuda. Eu o peguei no momento em que o carcereiro virava a chave na fechadura. Agarrei-o enquanto tentava fugir. A camiseta se esticou atrás dele e, por um segundo, ele ficou preso ali, as pernas se mexendo, mas o corpo imóvel. Então a camiseta se rasgou e fiquei com um pedaço dela na mão, enquanto o homem cambaleava pela abertura. Ele se escondeu por trás do carcereiro, as costas coladas na parede. O rosto estava cortado no ponto em que meus dentes haviam se cravado e escorria sangue do nariz até o pescoço e o peito. O portão se fechou. O policial me fitou, sorrindo de forma indecifrável quando usei o trapo para limpar o sangue nas minhas mãos e no prato. Satisfeito, joguei-o no portão. Virei-me e me espremi pela multidão silenciosa, voltando a assumir meu lugar na cela dos ladrões.

— Mandou bem, irmão — disse um rapaz sentado ao meu lado.

— Nem tanto — respondi. — Eu queria a orelha.

— Aaaaah! — encolheu-se, franzindo os lábios. — Provavelmente aquela orelha é mais nutritiva do que a merda de comida que eles nos servem aqui, não é? Qual é o seu crime?

— Não sei.

— Você *não sabe*?

— Eles me pegaram à noite e me trouxeram para cá. Não me disseram qual é a acusação ou por que estou aqui.

Não perguntei por que *ele* se encontrava ali, devido ao protocolo australiano da cadeia, seguido por bandidos da velha geração — que sabem que *existe* um protocolo e que o explicaram *para mim* quando comecei a cumprir pena. De acordo com o protocolo, só se pergunta quais os crimes um homem cometeu quando se gosta dele o bastante para transformá-lo em amigo ou se desgosta o bastante para torná-lo um inimigo.

— Eles lhe deram uma bela coça, cara.

— O aviãozinho, foi como chamaram.

— Aaaaah! — ele se encolheu de novo, levantando os ombros. — Odeio a merda daquele aviãozinho, irmão! Uma vez me amarraram com tanta força que fiquei três dias sem sentir o braço. E você sabe como o corpo incha dentro das cordas quando estão batendo em você por um tempo, *na*? Meu nome é Mahesh. Qual é o seu excelentíssimo nome?

— Pode me chamar de Lin.

— Lin?

— É.

— Nome interessante, cara. Onde você aprendeu a falar marata daquele jeito? Conseguiu até xingar o sujeito de filho da puta antes de começar a comer o rosto dele.

— Em uma aldeia.

— Deve ser uma aldeia da pesada, essa aí.

Sorri pela primeira vez desde que a polícia me pegou. Na prisão, um homem raciona o sorriso porque os predadores encaram-no como uma fraqueza, os fracos o veem como um convite, e os guardas o entendem como uma provocação para experimentar algum novo tormento.

— Eu aprendi a xingar aqui, em Bombaim — expliquei. — Quanto tempo as pessoas costumam ficar aqui?

Mahesh suspirou, e o rosto largo e escuro esboçou uma expressão de sofrimento resignado. Os olhos castanhos e afastados eram tão profundos que pareciam se esconder ou procurar abrigo à sombra de sua testa marcada. O nariz largo, quebrado mais de uma vez, dominava o rosto e lhe dava um ar mais duro do que a boca pequena e o queixo redondo conseguiriam sozinhos.

— *Ninguém* sabe, irmão — respondeu ele, a luz de seus olhos diminuindo. Era o tipo de resposta que Prabaker poderia ter me dado e, de repente, senti falta do meu amiguinho em um segundo de solidão que atravessou meu coração como uma lança. — Cheguei dois dias antes de você. Há um boato de que vamos pegar o caminhão para Road em duas ou três semanas.

— Para onde?

— A prisão de Arthur Road, cara.

— Tenho que mandar um recado para uma pessoa lá fora.

— Vai ter que esperar, Lin. Os guardas daqui, os tiras, andaram dizendo para todos nós que não é para ajudá-lo. É como se tivessem lançado uma maldição sobre você, meu irmão. Provavelmente, vai sobrar merda para mim só por estar *conversando* com você, mas também, foda-se, *yaar*.

— *Preciso* mandar uma mensagem — repeti, com os dentes à mostra.

— Bem, nenhum dos caras que estão saindo vai lhe ajudar, Lin. Estão com medo, como ratinhos dentro de uma bolsa cheia de cobras. Mas você vai conseguir mandar alguns recados de Arthur Road. É uma prisão grande pra caralho, não vai ter nenhum problema. Doze mil sujeitos lá dentro. O governo diz que são menos, mas nós sabemos que são doze mil homens. Mesmo assim, é bem melhor do que isso aqui. Se você for para Road, vai comigo daqui a umas três semanas. Meu caso é roubo. Roubo construções: cobre, arame, canos de PVC. Já fui parar na cadeia três vezes, pelas mesmas coisas. Esta é a quarta. O que posso dizer, irmão? Sou o que chamam de um infrator reincidente da lei antifurto. Desta vez, vou ser condenado a três anos, se tiver sorte; ou cinco anos, se não tiver sorte. Se for para Arthur Road, você vai comigo. Então vamos tentar mandar suas mensagens para fora da cadeia. *Thik hain?* Até lá, fumamos, oramos e mordemos os filhos da puta que tentarem pegar nossos pratos, *na?*

E por três semanas foi exatamente o que fizemos. Fumamos demais, perturbamos os ouvidos do Senhor com nossas orações, brigamos com alguns homens e às vezes confortamos aqueles que estavam perdendo a vontade de fumar, orar e brigar. E um dia vieram pegar nossas impressões digitais, carimbando em uma página aquelas manchas negras e traiçoeiras que prometiam dizer a verdade, a verdade cruel, e nada além daquela verdade. E, depois, Mahesh e eu nos amontoamos com outros homens dentro de um velho caminhão azul — oitenta homens no ventre de um veículo no qual mal cabiam trinta — e fomos levados pelas ruas da cidade que amávamos tanto, a uma velocidade imprudente, até a prisão de Arthur Road.

Dentro dos portões, os guardas nos arrastaram pela traseira do caminhão e mandaram que nos agachássemos no chão, enquanto outros guardas cuidavam dos registros de cada prisioneiro. Foram quatro horas dando um passo à frente ou sentando de cócoras. Fui o último a ser atendido. Os guardas tinham sido informados de que eu compreendia marata. O chefe de segurança testou a informação quando fiquei sozinho com eles, me mandando levantar. Fiquei de pé sobre as pernas doloridas. Ele me mandou agachar de novo. Quando abaixei, mandou que eu me levantasse. Aquilo poderia ter continuado indefinidamente, já que a galeria de guardas em volta estava se divertindo, mas me recusei a brincar. Ele continuou a dar as ordens, mas eu ignorei. Quando ele parou, nos fitamos mergulhados em um tipo de silêncio que só conheci nas prisões ou no campo de batalha. É um silêncio que se pode sentir sobre a pele; de que se sente o cheiro, o sabor, e até mesmo se escuta, de alguma forma, naquele lugar sombrio no fundo da mente. Lentamente, o sorriso pervertido do chefe de segurança se transformou no esgar de ódio que o havia gerado. Ele cuspiu no chão, a meus pés.

— Os britânicos construíram esta cadeia, na época da colônia — sibilou, mostrando os dentes. — Acorrentavam indianos aqui, chicoteavam, enforcavam até matar. Agora a cadeia é *nossa* e você é um prisioneiro britânico.

— Perdoe-me, senhor — disse-lhe com a maior formalidade permitida pela língua marata —, mas não sou britânico. Sou da Nova Zelândia.

— Você é *britânico!* — berrou ele, molhando meu rosto com saliva.

— Sinto muito, mas não sou.

— Sim! Você é britânico! Todos *britânicos*! — retrucou, o rosnado se transformando mais uma vez em sorriso maligno. — Você é *britânico* e nós mandamos na cadeia. Você vai por *ali*!

Ele apontou para uma passagem em arco que conduzia ao interior da prisão. Havia uma curva fechada à direita, logo depois do arco, e eu sabia, como qualquer animal, que alguma armadilha me aguardava. Para me encorajar, os guardas bateram nas minhas costas com os cassetetes. Cambaleei pelo arco e dobrei à direita. Uns vinte homens me esperavam, enfileirados nos dois lados do longo corredor e armados com varas de bambu.

Eu conhecia bem o castigo — melhor do que qualquer outro homem. Passara por um túnel de dor em outro país: a ala disciplinar da prisão da qual eu fugira na Austrália. Lá, os guardas nos haviam obrigado a percorrer um corredor longo e estreito que conduzia aos pequenos pátios onde nos exercitávamos. Enquanto corriamos, eles nos batiam com os cassetetes e nos chutavam até chegarmos à porta de aço no final.

Fiquei postado sob a brutal luz elétrica daquele novo túnel, na prisão de Arthur Road em Bombaim, e tive vontade de rir. *Puxa, rapazes*, eu queria dizer, *não dá para ser um pouquinho mais original?* Mas não conseguia falar. O medo resseca a boca de um homem e o ódio estrangula sua voz. É por isso que não existe uma grande literatura inspirada pelo ódio: o medo e o ódio verdadeiros não têm palavras.

Caminhei lentamente para a frente. Os homens usavam camisas brancas e bermudas, com bonés brancos e cintos largos de couro preto. As fivelas de latão dos cintos continham números e um cargo. O cargo era *supervisor de presos*. Não eram guardas penitenciários, logo descobri. No sistema penitenciário indiano, herdado dos tempos coloniais, os guardas praticamente ignoravam o funcionamento cotidiano da prisão. Aquelas tarefas de manutenção das rotinas, da ordem e da disciplina cabiam aos supervisores de presos. Assassinos condenados e autores de outros crimes graves eram condenados a quinze anos ou mais. Nos cinco primeiros anos, eles eram presos comuns. Nos cinco anos seguintes, adquiriam o privilégio de trabalhar na cozinha, na lavanderia, nas oficinas da prisão ou na limpeza. No último terço da pena, os cinco anos finais, eles frequentemente aceitavam o chapéu, o cinto de couro e a vara de bambu que vinham com o título de supervisor de presos. Então, o poder da vida e da morte estava em suas mãos. Duas filas de assassinos condenados transformados em guardas me aguardavam no túnel. Levantaram as varas e colaram os olhos em mim, antevendo a corrida que poderia privá-los do prazer de me fazer sofrer.

Não corri. Gostaria de poder dizer agora que caminhei, em vez de correr, naquela noite por causa de algum sentimento nobre e corajoso, mas não posso. Pensei sobre isso muitas vezes. Lembrei-me daquela cena e a revivi milhares de vezes, e, cada vez que penso nisso, tenho menos certeza sobre seus *motivos*. *Todo ato virtuoso traz algum segredo sombrio em seu coração*, disse-me certa vez Khaderbhai, e cada risco que assumimos abriga um mistério que não pode ser solucionado.

Caminhei devagar em direção a eles e comecei a pensar na longa área de concreto que vai da praia até o templo em Haji Ali: a mesquita que flutua como um grande navio atracado no mar enluarado. Aquela visão do monumento dedicado ao santo tão reverenciado, e o trajeto entre as ondas até os pavilhões flutuantes, era uma das imagens que eu tinha da cidade de que mais gostava. Para mim, sua beleza era como a do anjo que um homem enxerga no rosto adormecido da mulher amada. E talvez tenha sido apenas aquilo, a beleza única, que me salvou. Eu caminhava para o que havia de pior na cidade, uma de suas máculas mais impiedosas, mas algum instinto inundou minha mente com a beleza que havia encontrado ali — aquele percurso à beira-mar até os minaretes brancos do túmulo do santo.

As varas de bambu estalararam e bateram, lanhando e ferindo meus braços, minhas pernas e minhas costas. Alguns golpes atingiram a cabeça, o pescoço, e o rosto. Ao serem desferidos com toda a força por braços musculosos, os golpes sobre a pele nua eram como uma combinação de queimadura feita com metal quente e choque elétrico. As varas eram pontiagudas. Abriam cortes finíssimos onde atingiam. O sangue começou a escorrer pelo meu rosto e pela pele exposta dos meus braços.

Continuei a avançar lentamente, com toda a firmeza possível. Eu me encolhia a cada golpe no rosto ou na orelha, mas não demonstrava medo, nem fraqueza, nem erguia os braços. Para manter os braços nas laterais do corpo, me agarrei às pernas do meu jeans. E o ataque, que começou com violência frenética, perdeu a intensidade à medida que eu chegava ao final do corredor. Parou completamente quando alcancei os últimos das filas. Foi uma espécie de vitória ver aqueles homens baixarem as varas e seus olhares ao passar por eles. *A única vitória que de fato conta na prisão é a sobrevivência*, me disse certa vez um veterano do sistema penitenciário australiano. Mas a sobrevivência significa mais do que apenas manter-se vivo. Não é só o corpo que precisa sobreviver a uma sentença: o espírito, a vontade e o coração também precisam suportar. Se um deles for abalado ou destruído, não se pode dizer que o homem que caminha para fora do portão, ao término de sua pena, tenha sobrevivido. E é em nome daquelas pequenas vitórias do coração, do espírito e da vontade que às vezes arriscamos o corpo que os abriga.

Já estava escuro quando os supervisores e diversos guardas me guiaram pela prisão até uma das muitas alas com dormitórios. O cômodo espaçoso, com pé-direito alto, tinha uns vinte e cinco passos de comprimento por dez de largura. Tinha janelas com grades que davam vista para as áreas externas em torno do prédio. Havia também dois altos portões de aço, um em cada extremidade da cela. Em um banheiro perto da entrada, encontravam-se três privadas limpas no chão. Quando os guardas nos trancaram, havia cento e oitenta presos na cela e vinte supervisores.

Um quarto da cela era reservado aos supervisores. Eles tinham uma pilha própria de cobertores limpos. Distribuíam-nos de forma a haver espaço livre entre eles, empilhando oito ou dez para criar leitos macios. O restante de nós ficava espremido em duas fileiras no espaço que sobrava na cela, e havia uma

terra de ninguém, com mais ou menos quatro passos de distância, que nos separava dos supervisores.

Cada um de nós tinha um cobertor retirado de uma pilha bem-arrumada na extremidade mais apertada do cômodo. Os cobertores eram dobrados longitudinalmente e dispostos lado a lado sobre o chão de pedra, alinhado contra as paredes. Deitávamos nos cobertores estreitos, esbarrando nos ombros dos vizinhos. Nossas cabeças tocavam as paredes laterais e os pés apontavam para o centro. As luzes fortes permaneciam acesas a noite toda. Os supervisores de plantão se revezavam para caminhar pela cela, no espaço entre as fileiras de pés. Todos portavam apitos em correntes no pescoço, que usavam para chamar os guardas caso houvesse algum problema que não pudessem resolver. Logo descobri que relutavam em usar o apito e que havia pouquíssimos problemas de que não dessem conta.

Os supervisores me deram cinco minutos para lavar o sangue seco do meu rosto, do pescoço e dos braços e para usar a privada absolutamente limpa. Quando voltei à cela principal, ofereceram-me a oportunidade de dormir próximo a eles. Presumiam, sem dúvida, que minha pele branca significava dinheiro. E talvez, de algum modo, tenham se deixado influenciar pelo fato de eu ter caminhado pelo corredor polonês sem correr. Quaisquer que fossem as razões, eu não podia aceitar — eram os mesmos homens que haviam me batido minutos antes, os bandidos que se transformaram em guardas da prisão — e recusei a oferta. Foi um tremendo erro. Enquanto caminhava para a outra extremidade da cela, pegava um cobertor e o estendia ao lado de Mahesh, eles riram com desdém. Estavam furiosos por eu rejeitar o privilégio de me juntar a eles e conspiravam, como costuma acontecer aos covardes com poder, para destruir meu espírito.

Durante a noite, acordei de sonhos monstruosos com uma dor lancinante em minhas costas. Sentei-me, coçando as costas, e encontrei um inseto do tamanho de uma tachinha grudado a minha pele. Arranquei-o e o pus no piso de pedra para examiná-lo. A criatura era cinza-escura, gorda, inchada a ponto de ter uma forma perfeitamente redonda, com uma infinidade de pernas. Esmaguei-a com a mão. O sangue espirrou. Era meu próprio sangue. O inseto havia se banqueteadado enquanto eu dormia. Na mesma hora senti um odor pútrido nas minhas narinas. Foi meu primeiro encontro com o parasita conhecido como *kadmal*, o flagelo dos prisioneiros de Arthur Road. Nada os detinha. Picavam e chupavam sangue todas as noites. As pequenas feridas redondas infeccionavam e transformavam-se em pústulas. Toda noite, eram de três a cinco picadas. Em uma semana, vinte. E, em um mês, havia cem feridas supuradas, infeccionadas no corpo de um homem. E nada os detinha.

Olhei para o estrago deixado pelo *kadmal* esmagado, atônito ao ver quanto sangue aquela minúscula criatura tinha conseguido extrair de mim. De repente, senti uma dor intensa na orelha, quando o supervisor de plantão desceu a vara de bambu contra minha cabeça. Tentei me levantar, tomado pela raiva, mas Mahesh me impediu. Suas mãos prenderam meu braço e ele me arrastou para o chão com toda a força.

O supervisor ficou me olhando feio até que eu deitasse de novo. Voltou a andar pelo quarto iluminado e Mahesh articulou um aviso silencioso para mim. Nossos rostos estavam a uns dez centímetros de distância. Nas duas fileiras, os homens adormecidos jaziam amontoados, braços e pernas entrelaçados durante o sono. O terror nos olhos de Mahesh e o lamento abafado por sua mão que tapava a boca foram as últimas coisas que vi e ouvi naquela primeira noite.

— Não importa o que façam — sussurrou —, não reaja, se quiser continuar vivo. Este não é um lugar de vida, Lin. Estamos todos mortos aqui. Você não pode fazer nada!

Fechei os olhos, fechei o coração e me obriguei a dormir.

OS SUPERVISORES NOS ACORDARAM pouco depois do amanhecer, batendo em qualquer infeliz que ainda dormisse enquanto se aproximavam. Eu estava acordado e pronto, mas também levei uma cacetada. Rosnei com raiva e comecei a me levantar rapidamente, mas Mahesh voltou a me conter. Dobramos os cobertores de acordo com um padrão preciso e colocamos na pilha do nosso lado da cela. Os guardas abriram os portões de aço pelo lado de fora e saímos para o banho matinal em uma área retangular, algo parecida com uma piscina vazia acima do solo ou um poço seco de pedra, com um enorme tanque de ferro fundido em uma extremidade. Quando nos aproximamos, um preso abriu uma válvula na base do tanque, permitindo que saísse um pequeno jato de água de um cano mais ou menos na altura de nossas canelas. Ele subiu uma escada de metal e sentou no alto do tanque para observar. Os homens correram para o cano, segurando os pratos de alumínio rasos sob o fio d'água que escorria dali. O amontoado no tanque era formado por dez homens de profundidade e dez de largura: um imenso nó de músculos e ossos, espremendo-se e lutando para alcançar a água.

Esperei até que a multidão diminuísse, observando os presos se lavarem com a pouca água disponível. Alguns, um em cada vinte, tinham pedaços de sabão e tentavam se ensaboar antes de voltarem ao cano para pegar mais água. Quando consegui me aproximar, o tanque estava quase vazio. O filete de água que coletei em meu prato se agitava com centenas de criaturas parecidas com vermes. Atirei o prato longe, enojado, provocando o riso de diversos homens a minha volta.

— Vermes da água, irmão! — disse Mahesh, enchendo o prato com as criaturas semitransparentes que se agitavam e se retorciam. Ele virou o prato com aquelas coisas nojentas sobre o peito e as costas e foi enchê-lo novamente. — Eles vivem nos tanques. Quando a água baixa, os vermes saem pela torneira, muitos deles, irmão! Mas não tem problema. Não fazem mal. Não picam, como o *kadmal*. Eles só caem e morrem no ar frio, está vendo? Os outros caras brigam para conseguir água com menos vermes. Mas, se esperamos, conseguimos muitos vermes, mas também muita água. É melhor, não é? Vamos lá. *Challo!* É melhor pegar um pouco, senão só amanhã. É isso aí, irmão. Não podemos tomar banho no dormitório. Só os supervisores podem. Deixaram você se lavar ali na noite passada porque estava todo ensanguentado. Mas não vão deixá-lo usar o lavatório de novo. Nós usamos as privadas lá dentro, mas não tomamos banho. É o único banho do dia, irmão.

Segurei o prato sob o fio d'água cada vez mais fraco e derramei a massa agitada de vermes sobre meu peito e minhas costas, como Mahesh tinha feito. Como todos os indianos que eu conhecia, eu usava um short — as *roupas por cima das roupas de baixo*, como Prabaker chamou na aldeia — sob o jeans. Tirei o jeans e o próximo prato de vermes que se retorciam foi para a frente do short.

Quando os supervisores começaram a nos bater com as varas para que voltássemos ao dormitório, eu estava tão limpo quanto possível sem sabão e com o uso de água infestada por vermes.

No dormitório, ficamos acorados durante uma hora, enquanto esperávamos que os guardas fizessem a contagem matinal. Depois de um tempo, a posição nos deixava com as pernas doidas. Sempre que alguém tentava se alongar ou esticar as pernas, porém, os supervisores sentavam o cassetete. Não me mexi. Não queria que tivessem a satisfação de me ver sofrendo. Mas quando fechei os olhos, concentrando-me, molhado de suor, um deles me bateu assim mesmo, do nada. Comecei a me levantar e mais uma vez senti as mãos de Mahesh me contendo, avisando para ficar quieto. Quando um segundo, um terceiro e finalmente um quarto golpe me atingiram a orelha em um intervalo de quinze minutos, não aguentei.

— Venha aqui, seu covarde *filho da puta!* — berrei, levantando-me e apontando para o último que me golpeará. O supervisor, um homem enorme e obeso, conhecido pelos amigos e inimigos como Rahul Grandão, era mais alto do que a maioria. — Vou pegar a *porra* dessa vara e enfiar tão fundo no seu rabo que ela vai sair pelos olhos!

Houve uma implosão silenciosa que engoliu todos os sons. Ninguém se moveu. Rahul Grandão me encarou. A expressão, uma paródia de arrogância bem-humorada, era de pura fúria. Lentamente, os supervisores de prisioneiros começaram a se aproximar para lhe dar apoio.

— Parte para dentro! — gritei em hindi. — Vem, herói! Vamos nessa! Estou pronto!

Subitamente, Mahesh e outros cinco ou seis prisioneiros se levantaram a minha volta e me agarraram, tentando me obrigar a voltar para a posição de cócoras.

— *Por favor*, Lin! — Mahesh sibilou. — Por favor, irmão, por favor! Sente-se de novo. Por favor. Sei o que estou lhe dizendo. Por favor. *Por favor!*

Houve um momento, enquanto puxavam meus braços e ombros, em que Rahul Grandão e eu trocamos olhares em que cada homem identifica a violência latente no outro. O seu sorriso arrogante desbotou, os olhos vacilaram em sinal de derrota. Ele sabia e eu também. Ele estava com medo de mim. Deixei que os homens me jogassem no chão, de volta à posição. Ele girou nos calcanhares e bateu, por puro reflexo, no sujeito mais próximo. A tensão se dissolveu e a contagem recomeçou.

O café da manhã consistia em um único *chapatti* grande. Nós mastigávamos e bebíamos água durante os cinco minutos permitidos, depois os supervisores nos faziam marchar para fora da sala. Atravessamos diversos pátios absolutamente limpos. Em uma passagem larga entre áreas cercadas, os supervisores nos obrigaram a agachar sob a luz do sol, enquanto esperávamos nossa vez de raspar a cabeça. Os bancos de madeira dos barbeiros ficavam à sombra de uma árvore alta. Cada prisioneiro recém-chegado tinha o cabelo cortado por um deles e, em seguida, um segundo barbeiro raspava sua cabeça com uma navalha.

Enquanto esperávamos, ouvimos gritos vindos de dentro de uma das áreas

cercadas, perto do pátio dos barbeiros. Mahesh me cutucou, fazendo sinal com a cabeça para que eu olhasse. Dez supervisores arrastavam um homem para a área vazia atrás da cerca de arame. Os punhos e a cintura estavam amarrados por cordas. Mais cordas prendiam as fivelas de uma grossa coleira de couro apertada no pescoço do homem. Grupos de supervisores brincavam de cabo de guerra com as cordas dos punhos. O homem era muito alto e forte. O pescoço era grosso como o cano de um canhão; o peito e as costas, muito fortes, tinham músculos definidos. Era africano. Eu o reconheci. Era Raheem, motorista de Hassaan Obikwa, o homem que eu havia ajudado a escapar do linchamento próximo a Regal Circle.

Observamos tudo em um silêncio tenso, com as respirações aceleradas. Eles levaram Raheem até o centro do terreno, para perto de um bloco de pedra com cerca de um metro de altura por um metro de largura. Ele relutou e resistiu, mas era inútil. Mais supervisores vieram, com mais cordas. As pernas de Raheem cederam. Três homens puxaram as cordas dos punhos com toda a força. Os braços estavam tão esticados, que achei que talvez tivessem sido arrancados das articulações. As pernas estavam abertas em um ângulo dolorosamente estranho. Outros homens, puxando as cordas que passavam pela coleira de couro, arrastaram seu corpo para o bloco de pedra. Com as cordas, os supervisores estenderam seu braço esquerdo e deixaram que a mão e o antebraço descansassem no bloco. Raheem se deitou ao lado da pedra, com o braço oposto esticado por outro grupo de supervisores. Um deles então subiu na pedra e pulou com os dois pés sobre o braço de Raheem, virando-o para trás, esmagando ossos e cartilagens.

Ele não podia gritar porque a coleira no pescoço era apertada demais, mas a boca abriu e fechou no grito que ouvimos em nossas mentes. As pernas começaram a se agitar, a ter espasmos. Um tremor violento atravessou seu corpo inteiro, terminando com um rápido balançar da cabeça, que seria engraçado se não fosse tão assustador. Os supervisores o arrastaram até que o braço direito pousasse na pedra. O mesmo homem subiu no bloco, sem parar de falar com um dos amigos, apertando uma corda. Depois de uma pausa, ele assoou o nariz com os dedos, se coçou e pulou no braço direito, fazendo com que se partisse para trás. Raheem ficou inconsciente. Os supervisores prenderam os tornozelos com as cordas e arrastaram seu corpo para fora. Os braços pendiam atrás do corpo, sem vida, inertes, como se fossem longas meias negras recheadas com areia.

— Está vendo? — sussurrou Mahesh.

— O que foi *isso*?

— Ele bateu em um dos supervisores — respondeu Mahesh em um sussurro assustado. — Foi por isso que eu o contive. Agora você sabe o que eles podem fazer.

Outro homem se inclinou para perto de nós, falando rápido.

— Nem sempre tem médico por aqui — resfolegou. — Talvez você veja um médico, talvez não. Talvez o colega negro sobreviva, talvez não. Não traz boa sorte brigar com o supervisor, *baba*.

Rahul Grandão caminhou na nossa direção, com a vara pousada no ombro. Parou ao meu lado e baixou-a preguiçosamente sobre as minhas costas. A risada, enquanto ele passava pela fila de homens, foi de uma brutalidade ruidosa, mas também era fraca e falsa, e não me enganou. Eu tinha ouvido aquilo antes, em outra prisão, em outro lugar do mundo. Conhecia bem. A crueldade é uma espécie de covardia. O riso cruel é a forma como os covardes choram quando não estão sós. Lamentam-se fazendo os outros sofrerem.

Acocorado na fila, notei com repulsa que pequenos insetos, piolhos, rastejavam no cabelo do homem na minha frente. Eu vinha sentindo coceira desde que acordara. Até aquele momento, achava que era por causa das picadas do *kadmal*, do cobertor áspero que tinha usado para dormir e por conta dos muitos ferimentos decorrentes do corredor polonês. Olhei para o cabelo do outro homem. Também estava coberto com chatos, agitados. Sabia como era essa coceira em meu corpo e no meu cabelo. Virei para olhar para Mahesh. Seu cabelo estava cheio de piolhos. Esfreguei os cabelos com a palma da minha mão e lá estavam eles — brancos, parecidos com caranguejos, tantos que não dava para contá-los.

Chatos. Os cobertores que nos obrigavam a usar como esteiras estavam infestados. De repente, a coceira que eu sentia se tornou um horror rastejante. Eu sabia que aqueles parasitas nojentos estavam em todo o meu corpo. Quando minha cabeça foi raspada e voltamos para o dormitório, Mahesh me falou sobre os chatos, conhecidos como *sheppesh*.

— *Sheppesh* são horríveis, irmão. Os filhos da puta estão em toda parte. É por isso que os supervisores têm seus próprios cobertores e dormem em um canto da cela. Ali não tem *sheppesh*. Venha e olhe, Lin, vou lhe mostrar o que precisa fazer.

Ele tirou a camiseta e a virou pelo avesso. Segurando as costuras da gola, ele as abriu para mostrar que os *sheppesh* transitavam dentro das costuras.

— São quase invisíveis, irmão, mas a gente não tem dificuldade em *senti-los*, rastejando em cima da gente, *yaar*. Não se preocupe. É fácil matá-los. Você só precisa espremer os malditos com as unhas do polegar, assim.

Observei enquanto ele cuidava da gola da camiseta, matando os piolhos um por um. Ele avançou para as costuras das mangas e, finalmente, para a barra. Havia dezenas e ele esmagou todos habilidosamente, com os polegares.

— Agora a camisa está limpa — disse, dobrando-a com cuidado, mantendo-a distante do corpo, até colocá-la no chão de pedra. — Não tem mais *sheppesh*. Então você enrola uma toalha no corpo, assim, tira as calças e mata os *sheppesh* das calças. Por fim, cuida do corpo: debaixo dos braços, seu rabo, suas bolas. E quando as roupas estão limpas e o corpo está limpo, a gente se veste de novo. E vai ficar bem, sem tantos *sheppesh*, até a noite. Então, a gente pega muitos outros *sheppesh* no cobertor. E não tem possibilidade de dormir sem cobertor, porque os supervisores vão lhe dar uma bela surra se tentar. Não há como evitar. A gente vai começar tudo de novo amanhã. É o que chamamos de colheita de *sheppesh*. Somos fazendeiros todos os dias, em Arthur Road.

Olhei o pátio encharcado pela chuva, ao lado do longo dormitório. Uma centena de homens se ocupava com a colheita, tirando as criaturas das roupas, matando-as metodicamente. Alguns não se importavam. Coçavam e se sacudiam como cães. Permitiam que os piolhos se reproduzissem neles. Para mim, aquela violação pestilenta e rastejante causava um frenesi na superfície da pele. Tirei a camisa e examinei a costura no colarinho. Estava repleta deles, se remexendo, escavando e proliferando. Comecei a matá-los, um a um, costura por costura. Era trabalho para muitas horas, e me dediquei a ele com uma constância fanática, todas as manhãs que passei na prisão de Arthur Road, mas nunca me senti limpo naquele lugar. Mesmo quando sabia ter acabado com todos e me livrado temporariamente, ainda sentia sua agitação, a coceira, o formigamento odioso na minha pele. E pouco a pouco, mês a mês, o horror provocado por aquela infestação rastejante me levou ao limite.

Durante o dia inteiro, entre a contagem da manhã e a refeição da noite, andávamos de um lado para outro no grande pátio ao lado do dormitório. Alguns homens jogavam baralho ou outros jogos. Alguns conversavam com amigos ou tentavam dormir nos caminhos de pedra. Não eram poucos os que se arrastavam, vacilantes, sobre pernas esqueléticas e fracas e falavam loucuras sozinho, trombando com as paredes até que os virássemos delicadamente para que estabelecessem um novo percurso.

O almoço em Arthur Road resumia-se a uma sopa aguada, despejada em nossos pratos rasos de alumínio. A refeição da noite, servida às quatro e meia da tarde, era uma repetição da sopa do dia com a adição de apenas um *chapatti*. Era feita com cascas e partes descartadas de diversas verduras — cascas de beterraba, em um dia; de cenoura no outro; de abóbora, no terceiro, e assim por diante. Usavam-se brotos e partes estragadas de batata, bem como a parte mais dura da abobrinha, a casca da cebola e raspas de nabos. Nunca vimos pedaços de verduras — que iam para os guardas e os supervisores de presos. Na nossa sopa, as raspas de cascas ou de talos flutuavam em um líquido aguado, incolor. O grande tonel que os supervisores empurravam para nossa ala a cada refeição tinha capacidade para cento e cinquenta porções vindas da cozinha. Havia cento e oitenta homens. Para resolver o problema, despejavam dois baldes de água fria no tonel. Faziam isso a cada refeição, com uma contagem e uma pantomima em que demonstravam sua inspiração para resolver o problema graças à diluição. Nunca deixavam de cair na gargalhada.

Às seis horas, depois da refeição da noite, os guardas faziam mais uma contagem e nos trancavam no dormitório comprido. Por duas horas, tínhamos permissão para conversar e fumar haxixe comprado dos supervisores. Os presidiários de Arthur Road recebiam cinco cupons de ração por mês. Quem tinha dinheiro podia adquiri-los. Alguns homens guardavam rolos com centenas. Usavam para comprar chá — dois cupons compravam uma xícara de chá quente —, pão, açúcar, geleia, comida quente, sabão, apetrechos para fazer a barba, cigarros e os serviços dos homens que lavavam as roupas ou faziam outros biscates. Também serviam como moeda no mercado negro da prisão. Por seis cupons um homem podia comprar uma minúscula *goli*, ou *bolota*, de haxixe. Por

cinquenta, uma dose de penicilina. Alguns traficantes também vendiam heroína a sessenta cupons a dose, mas os supervisores tentavam acabar com o negócio a qualquer preço. Esse vício era uma das poucas forças capazes de superar o terror e desafiar a autoridade dos torturadores. A maioria dos homens, são, o bastante para temer o poder quase ilimitado dos supervisores, se satisfazia com o haxixe consentido, e o perfume da droga costumava se espalhar pelo ambiente.

Todas as noites os homens se reuniam em grupos para cantar. Sentavam-se em círculos de doze ou mais, batiam no fundo dos pratos de alumínio como se fossem tambores e entoavam as canções de amor de seus filmes prediletos. Expressavam a dor das desilusões e todas as tristezas da perda. As músicas mais populares poderiam começar em um dos círculos, ter alguns refrões cantados pelo segundo grupo e depois seguir para um terceiro grupo e um quarto, antes de voltar ao primeiro. Em torno de cada círculo com doze ou quinze cantores havia vinte ou trinta outros homens que batiam palmas e faziam a segunda voz. Choravam abertamente enquanto cantavam e com frequência riam juntos. E, com a música, eles ajudavam a manter vivo o amor em seus corações abandonados e esquecidos pela cidade.

Ao final da segunda semana em Arthur Road, encontrei com dois rapazes que estavam para sair. Mahesh me garantiu que eles levariam uma mensagem para mim. Eram garotos simples e analfabetos, recolhidos por serem jovens desempregados. Depois de três meses presos sem nenhuma acusação formal, estavam sendo soltos. Em um pedaço de papel, escrevi o nome e o endereço de Abdel Khader Khan e um bilhete lhe informando que eu estava na cadeia. Entreguei para os homens e prometi recompensá-los quando estivesse na rua. Eles juntaram as mãos numa bênção e partiram, com sorrisos alegres e esperançosos.

Mais tarde, no mesmo dia, os supervisores convocaram os presos do nosso dormitório, com mais violência do que o habitual, e nos forçaram a ficar de cócoras, alinhados, bem próximos uns dos outros. Enquanto olhávamos, os dois rapazes que haviam tentado me ajudar foram arrastados para dentro da cela e jogados contra uma parede. Estavam apenas semiconscientes. Tinham levado uma surra violenta. O sangue escorria das feridas em seus rostos. As bocas estavam inchadas, os olhos, roxos. A pele de seus braços e pernas apresentava um desenho feito com as feridas de vara de bambu.

— Esses cachorros tentaram levar uma mensagem do *gora* para fora da prisão — rugiu Rahul Grandão em hindí. — Qualquer um que tentar ajudar o *gora* vai receber o mesmo. Entenderam? Agora esses dois cães passam mais seis meses na cadeia, na *minha* cela! Seis meses! Se algum de vocês ajudar, já viram.

Os supervisores saíram para dividir um cigarro e nós avançamos para acudir os homens. Lavei as feridas e fiz curativos nas piores com pedaços de pano. Mahesh me ajudou e, quando acabamos, ele me levou para fumar um *bidi*, do lado de fora.

— Não é culpa sua, Lin — disse ele, olhando para o pátio, onde os outros caminhavam, se sentavam ou catavam piolhos das roupas.

— *Claro* que é culpa minha.

— Não, cara — disse ele, com compaixão. — É este lugar, Arthur Road. Esse negócio acontece todos os dias. Não é culpa sua, irmão, nem minha. Mas agora você está com problemas de verdade. Ninguém vai ajudá-lo. É como naarceragem de Colaba. Não sei quanto tempo vai passar aqui. Está vendo o velho Pandu, ali? Está nesta cela há três anos e ainda não foi julgado. Ajay está aqui há mais de um ano. Santosh já está há dois anos, sem acusação, e não sabe quando vai a julgamento. Eu... eu não sei quanto tempo você vai passar nesta cela. E sinto muito, irmão, ninguém vai ajudá-lo agora.

As semanas se passaram e Mahesh estava certo. Ninguém quis se expor à cólera dos supervisores para me ajudar. Todas as semanas alguém deixava a cela. Aproximei-me de tantos quanto pude, da forma mais cautelosa possível, mas ninguém me ajudava. Minha situação estava ficando desesperadora. Depois de dois meses na prisão, calculava ter perdido doze quilos. Eu parecia magro. Meu corpo estava coberto de pequenas feridas supuradas provocadas pelas picadas noturnas diárias do *kadmal*. Os golpes que eu recebia das varas dos supervisores deixaram hematomas nos braços, nas pernas, nas costas, no rosto e na cabeça raspada, careca. E todo o tempo, todos os minutos de cada dia e de cada noite, eu temia que minhas impressões digitais revelassem quem eu realmente era. Quase todas as noites, a preocupação me fazia ter pesadelos com a pena de vinte anos da qual eu escapara na Austrália. Aquela preocupação se alojou em meu peito, apertando meu coração e com frequência se dilatando em uma angústia tão grotesca que eu parecia estar sendo sufocado, asfíxiado. A culpa é a bainha da faca que usamos em nós mesmos, e o amor costuma ser a lâmina. Mas é a preocupação que mantém a faca amolada, e que nos vence, no final das contas.

A frustração, o terror, a preocupação e a dor finalmente chegaram ao auge quando Rahul Grandão, o supervisor que encontrou em mim o bode expiatório para o ódio e a infelicidade que *ele* sofrera em doze anos de prisão, resolveu se exceder nas agressões a mim. Eu estava sentado perto da entrada do dormitório vazio e tentava escrever um conto que me havia ocorrido e que se desenvolvia em minha mente nas últimas semanas. Eu vinha repetindo as frases da história linha a linha, dia a dia, enquanto as criava. Era uma das meditações que me mantinham lúcido. Quando consegui, naquela manhã, arranjar um toco de lápis e um pequeno pedaço de papel da embalagem de açúcar, finalmente me senti pronto para escrever a primeira página. Em um momento de tranquilidade, depois de catar os *sheppesh*, comecei a escrever. Com toda a discrição que a malícia cria até mesmo naqueles que são rudes e desajeitados, Rahul se esgueirou por trás de mim e baixou o *lathi* no meu braço esquerdo com toda a força. A vara tinha uma ponta e o golpe rasgou minha pele longitudinalmente, praticamente do ombro ao cotovelo. O sangue jorrou do corte profundo e se derramou sobre os dedos que usei para fechar a ferida.

Cego de fúria, levantei-me de um salto e arranquei depressa a vara da mão assustada de Rahul. Avancei para cima dele e o obriguei a recuar vários passos no cômodo vazio. Havia uma janela com grades atrás de mim. Arremessei a

vara por trás das grades. Os olhos de Rahul se arregalaram com medo e espanto. Era a última coisa que ele esperava. Apalpou o peito em busca do apito. Acertei-lhe um pontapé vertiginoso. Ele também não esperava aquilo. A sola do meu pé bateu em seu rosto, entre o nariz e a boca. Rahul deu vários passos cambaleantes para trás. Regra número um da briga de rua: não ceda terreno e nunca recue, a não ser que esteja preparando um contra-ataque. Eu o segui, empurrando-o para trás e dando uma série de socos e golpes com a direita. Ele baixou a cabeça e a cobriu com as mãos. Regra número dois da briga de rua: nunca baixe a cabeça. Para causar o maior estrago possível, soquei diretamente as orelhas, as têmporas e a garganta. Ele era mais alto, e pelo menos tão forte quanto eu, mas não sabia brigar. Ele se dobrou, caiu de joelhos, rolando para o lado e implorando misericórdia.

Ergui o olhar e vi que os outros supervisores corriam para mim, vindos do pátio. Recuei para um canto do dormitório e assumi uma posição de caratê enquanto esperava por eles. Correram para mim. Um deles era mais rápido do que os outros. Chegou a uma distância em que eu podia atingi-lo. Chutei rapidamente. Meu pé bateu entre as pernas dele, com toda a força que eu tinha. Dei três socos antes que ele caísse no chão. Seu rosto estava ensanguentado. O sangue manchou a pedra polida do chão, enquanto ele se arrastava para longe de mim. Os demais ficaram paralisados. Estavam em um semicírculo a minha volta, espantados e confusos, com as varas erguidas.

— *Venham!* — berrei em hindi. — O que podem fazer comigo? Conseguem fazer pior do que *isto?*

Soquei meu rosto com força. Soquei de novo, fazendo meu lábio sangrar. Passei minha mão direita no sangue do braço ferido e manchei a minha testa. Lição três da briga de rua: fique sempre mais maluco do que seu adversário.

— Podem fazer pior do que *isto?* — gritei, agora em marata. — Acham que tenho medo *disto?* Venham! Eu *quero!* *Quero* ver vocês me tirarem deste canto! Vão me pegar, vão me pegar, mas um de vocês aí vai perder o olho. Um de *vocês*. Arrancarei o olho de alguém com os meus dedos e o *comerei!* Parte para dentro! Quem vai encarar? E venham logo, porque só Deus sabe como estou *faminto!*

Eles hesitaram e então se afastaram para, amontoados, discutir a situação. Eu os observei, com todos os músculos do corpo tensos e contraídos, como os de um leopardo saltando para matar. Depois de meio minuto de cochichos ásperos, os supervisores tomaram uma decisão. Eles recuaram ainda mais e alguns saíram. Achei que estavam à procura dos guardas, mas voltaram depois de alguns segundos com dez prisioneiros daquele dormitório. Mandaram que os homens se sentassem no chão, me encarando, e começaram a bater neles. As varas subiam e desciam rapidamente. Os homens gritavam e gemiam. A surra acabou, depois de um minuto, e eles mandaram embora os dez homens. Após alguns segundos, eles os substituíram por outros dez.

— Saia daí agora! — ordenou um dos supervisores.

Olhei para os homens sentados no chão e, em seguida, para o supervisor. Sacudi a cabeça. O supervisor deu a ordem e o segundo grupo de dez homens

levou uma surra com varas de bambu. Os gritos se elevavam em ecos lancinantes e nos envolviam naquele quarto de pedra, como um bando de aves assustadas.

— Saia daí agora! — berrou o supervisor.

— Não.

— *Aur dass!* — gritou ele. *Tragam mais dez!*

O próximo grupo de homens intimidados estava reunido, me encarando. Os supervisores ergueram as varas. Mahesh fazia parte desse terceiro grupo. Um dos dois homens surrados e premiados com mais seis meses de pena por tentar me ajudar também estava entre os dez. Eles olhavam para mim em silêncio, mas seus olhos me suplicavam.

Baixei as mãos e dei um passo à frente. Os supervisores vieram correndo e me agarraram com seis pares de mãos. Empurraram-me e me arrastaram para um dos portões com barras de metal e me obrigaram a deitar de costas, com o alto da cabeça apoiado nas barras. Guardavam várias algemas em um armário em seu canto do dormitório. Com dois pares daquelas peças de ferro antiquadas, me acorrentaram pelos punhos às barras, os braços estendidos na altura da minha cabeça. Usaram cordas de fibra de coco para prender minhas pernas pelos tornozelos.

Rahul Grandão ajoelhou-se ao meu lado e aproximou seu rosto do meu. O esforço em se ajoelhar, dobrar-se e lidar com ódios monstruosos o fazia suar e ofegar. Tinha um corte na boca; o nariz estava inchado. Eu sabia que sua cabeça ia doer durante dias por causa dos socos que acertei nas orelhas e nas têmporas. Ele sorriu. A gente nunca pode determinar quanta maldade existe em um homem antes de vê-lo sorrir. De repente me lembrei de um comentário de Lettie sobre Maurizio. *Se os bebês tivessem asas*, disse ela, *ele seria daqueles que as arrancam*. Comecei a rir. Indefeso, com os braços estendidos e acorrentados, eu ri. Rahul Grandão franziu a testa. Seus lábios frouxos e o ar de confusão cretina me fizeram rir mais ainda.

A surra começou. Rahul Grandão se exauriu em um ataque furioso concentrado em meu rosto e em meus genitais. Quando não conseguiu mais erguer a vara, ofegante, os outros supervisores entraram em cena e continuaram o serviço. Golpearam-me com as varas de bambu por vinte minutos ou mais. Então fizeram uma pausa para fumar. Eu estava de short e camiseta, nada mais. As varas haviam me cortado, esfolando a pele, abrindo-a e rasgando-a da sola dos pés ao alto da cabeça.

Após o cigarro, a surra recomeçou. Algum tempo depois, ouvi dizerem que outro grupo de supervisores, de outro dormitório, havia chegado. Novos homens, com braços descansados, açoitaram meu corpo com uma fúria impiedosa. Quando acabaram, um terceiro grupo desferiu um ataque selvagem. Então houve um quarto grupo. Depois, o primeiro grupo, do meu dormitório, me golpeou, dando-me chibatadas com uma brutalidade assassina. Eram dez e meia da manhã quando o flagelo começou. Prosseguiu até as oito horas da noite.

— Abra a boca.

— O quê?

— Abra a boca! — exigiu a voz. Eu não conseguia abrir os olhos, pois minhas pálpebras estavam coladas com sangue seco. A voz era insistente, mas delicada, e vinha de trás de mim, do outro lado das barras. — Precisa tomar seu remédio, senhor! Precisa tomar seu remédio.

Senti o gargalo da garrafa de vidro bater contra minha boca e meus dentes. A água escorreu pelo meu rosto. Meus braços continuavam estendidos diante de mim e presos às barras. Meus lábios se abriram e a água entrou na minha boca. Engoli rapidamente, engasgando e cuspidando. Mãos seguraram minha cabeça e senti que dois comprimidos entravam na minha boca, empurrados pelos dedos de alguém. A garrafa de água voltou, e bebi, tossindo e soltando água pelo nariz.

— Seus comprimidos de Mandrax, senhor — disse o guarda. — Vai dormir agora.

Flutuando sobre as costas, com os braços estendidos, meu corpo estava tão ferido que nenhuma parte se isentava de dor. Não havia forma de medir ou julgar, porque tudo doía, em toda parte. Meus olhos estavam grudados. Minha boca tinha gosto de água e sangue. Adormeci em um lago de pedra pegajosa, atordoante. As vozes que eu ouvia eram o coro de gritos e vagidos de dor que eu prendia, que não soltei, nem ia soltar.

Despertaram-me ao amanhecer com um balde de água. Milhares de feridas gritaram para me acordar. Permitiram que Mahesh lavasse meus olhos com uma toalha úmida. Quando pude abri-los para ver, tiraram as algemas e ergueram-me pelos braços rígidos, conduzindo-me para fora do dormitório. Marchamos pelos pátios vazios e pelos caminhos cuidadosamente varridos, ladeados por canteiros de flores perfeitamente geométricos. Afinal paramos diante de um dos oficiais mais antigos da prisão. Era um homem na casa dos cinquenta anos. O cabelo e o bigode grisalhos estavam bem-aparados em torno de seus traços finos, quase femininos. Vestia pijama e um roupão de brocado de seda. Em meio ao pátio deserto, estava sentado em uma cadeira de espaldar alto, cuidadosamente trabalhada, parecida com o assento de um bispo. Havia guardas a seu lado e atrás dele.

— Não é bem assim que eu gosto de começar o domingo, meu querido amigo — disse ele, usando a mão cheia de anéis para disfarçar um bocejo. — Que diabo de brincadeira é essa?

Seu inglês era a versão precisa e lapidada do idioma, ensinada nas boas escolas indianas. Eu sabia, apenas por aquelas poucas frases e pela forma como foram proferidas, que sua educação era uma versão pós-colonial da minha. Minha mãe, pobre e exaurida pelo trabalho todos os dias de sua vida, havia se esforçado para ganhar dinheiro e me mandar para uma escola exatamente igual à dele. Em outras circunstâncias, poderíamos ter discutido Shakespeare, Schiller ou *O livro de ouro da mitologia*, de Bulfinch. Soube disso ao ouvir aquelas duas frases. O que ele sabia de mim?

— Calado, é? Qual é o problema? Meus homens andaram batendo em você? Os supervisores fizeram alguma coisa?

Encarei-o em silêncio. Na velha tradição das prisões australianas, não se *dedura* — ou melhor, não se delata ninguém. A gente nunca denuncia ninguém,

jamais, por razão alguma.

— Vamos lá. Os supervisores andaram batendo em você?

O silêncio que se seguiu à pergunta foi interrompido subitamente pela cantoria matinal dos mainás. O sol estava completamente acima da linha do horizonte e a luz dourada inundava o ar úmido, fazendo o orvalho evaporar. Senti a brisa da manhã em cada um daqueles mil ferimentos que abriam e repuxavam com sangue seco toda vez que eu me mexia. Com a boca bem fechada, respirei o ar matinal da cidade que eu amava com todo o coração.

— Vocês bateram nele? — perguntou para um dos supervisores, em marata.

— Claro, senhor! — respondeu o homem, obviamente surpreso. — O senhor nos *mandou* bater nele.

— Não mandei que o matassem, seu idiota! Olhem para ele! Parece que lhe arrancaram toda a pele.

O oficial examinou o relógio de ouro por um momento e então suspirou ruidosamente, demonstrando exasperação.

— Muito bem. Seu castigo é o seguinte. Vai usar correntes nas pernas. Precisa aprender a não bater nos supervisores. Deve aprender a lição. E de agora em diante, até nova ordem, você vai receber metade da ração de alimentos. Agora levem-no daqui!

Continuei em silêncio e os homens me levaram de volta ao dormitório. Eu sabia as regras. Tinha aprendido, do jeito mais difícil, que é mais sábio ficar quieto quando as autoridades da prisão abusam do poder: tudo o que a gente faz apenas as enfurece, tudo que se diz só faz piorar a situação. Nada é mais desprezível para o despotismo do que a honradez de suas vítimas.

O encarregado de colocar as correntes era um sujeito de meia-idade, alegre, no nono ano de uma pena de dezessete por duplo assassinato. Havia matado a esposa e o melhor amigo enquanto dormiam juntos. Depois se entregara na delegacia local.

— Foi tudo muito pacífico — disse-me ele em inglês, enquanto fechava um aro de aço em torno do meu tornozelo com a ajuda de alicates. — Partiram enquanto dormiam. Bem, a gente pode dizer que *ele* partiu dormindo. Quando o machado baixou, ela estava acordada, meio acordada, mas não por muito tempo.

Depois de prender os aros no meu tornozelo, ele levantou as correntes que dificultariam meus passos. No meio, havia um aro mais largo, em forma de anel. Ele me entregou uma longa tira de pano grosseiro e me mostrou como passá-la pelo anel e amarrar o pano em minha cintura. Daquela forma, o anel no meio da corrente ficava preso ao pano, um pouco abaixo dos joelhos, e impedia as correntes de se arrastar pelo chão.

— Eles me disseram, sabe, que daqui a dois anos vou virar supervisor — informou-me, dando uma piscadela e abrindo o sorriso, enquanto guardava as ferramentas. — Não se preocupe. Quando isso acontecer, vou tomar conta de você. Você é meu bom amigo inglês, não é? Tudo bem.

A corrente só me permitia dar passos miúdos. Andar mais rápido exigia que eu arrastasse os pés e gingasse com o quadril para poder avançar. Havia outros dois homens na minha cela com grilhões. Ao estudar seus movimentos,

lentamente aprendi a técnica. Depois de alguns dias, eu fazia aquela dança bamboleante sem perceber, como eles. De fato, ao estudá-los e imitá-los, aos poucos descobri que havia mais do que a simples necessidade naquela dança. Tentavam dar alguma graça aos movimentos, impor certa beleza aos passos arrastados e irregulares, para amenizar o ultraje das correntes. Percebi que até numa situação como aquela, os seres humanos descobrem uma arte.

Mas era uma humilhação terrível. As piores coisas que fazem conosco sempre *nos* deixam envergonhados. Sempre atingem uma parte de nós que deseja amar o mundo. E uma minúscula parte do constrangimento que sentimos, quando somos violados, é a vergonha de ser humano.

Aprendi a caminhar com as correntes, mas as razões pela metade deixaram consequências dramáticas. Não parava de emagrecer: uns quinze quilos em um mês, pelas minhas contas. Sobrevivia à base de um pedaço de *chapatti* do tamanho da palma da minha mão e um pires de sopa aguada diariamente. Meu corpo estava esquelético e parecia definhando a cada hora que passava. Os homens tentaram me ajudar com comida contrabandeada. Apanhavam por causa disso, mas continuavam a tentar. Depois de um tempo, recusei suas ofertas de ajuda, porque a culpa que eu sentia quando eram surrados estava me matando da mesma forma que a desnutrição.

As muitas centenas de feridas grandes e pequenas abertas no dia inteiro de surra me causavam dores terríveis. A maioria infeccionou e supurou. Tentei lavá-las com água infestada de vermes, mas não consegui desinfetá-las. As picadas dos *kadmal* aumentavam a cada noite. Eram centenas de picadas, e muitas também infeccionaram e se tornaram feridas purulentas. Os piolhos me atacavam. Mantive a rotina de massacrar as criaturas nojentas e rastejantes todos os dias, mas elas eram atraídas pelos cortes e ferimentos do meu corpo. Acordava e sentia que se alimentavam e se reproduziam nas feridas úmidas e quentes.

As surras, porém, haviam parado depois de meu encontro com o diretor da prisão naquela manhã de domingo. Rahul Grandão ainda me batia de vez em quando, e outros supervisores também me golpeavam às vezes, mas eram gestos de rotina, sem toda a força.

Então um dia, enquanto estava deitado de lado, poupando energia e observando os pássaros ciscarem migalhas no pátio ao lado do dormitório, fui atacado por um homem forte que pulou sobre mim e segurou meu pescoço com ambas as mãos.

— Mukul! Mukul, meu irmãozinho! — rosnou para mim, em híndi. — Mukul! O irmãozinho que você mordeu! Meu irmão!

Ele parecia ser irmão gêmeo do outro. Era alto e troncado. Reconheci o rosto, e no instante em que ouvi as palavras me lembrei do homem que tentara levar meu prato de alumínio no xadrez de Colaba. Eu tinha emagrecido muito. Estava enfraquecido demais pela fome e pela febre. A pressão do seu corpo me esmagava. As mãos impediam que o ar entrasse na minha garganta. Ele estava me matando.

Lição número quatro da briga de rua: sempre guarde alguma reserva. Minhas

últimas energias explodiram em um puxão, com um braço. Baixei o braço entre nossos corpos e segurei suas bolas, apertando e torcendo com toda a força que ainda me restava. Os olhos e a boca se escancararam em um grito estrangulado e ele tentou me jogar para sua esquerda. Rolei com ele. Ele apertou as pernas e dobrou os joelhos, mas minha mão direita não deixou que lhe escapasse o aperto esmagador. Afundei os dedos da outra mão na pele macia acima da clavícula. Fechando os dedos e o polegar em volta da clavícula, usei-a como apoio, para fazer uma alavanca, e comecei a bater nele com a testa. Bati nele seis, dez vezes. Senti seus dentes abrirem um corte na minha testa. Senti seu nariz quebrar e a força se esvaír dele com o sangue, senti a clavícula se torcer até sair do lugar. Continuei a bater com a cabeça. Estávamos ensanguentados e ele fraquejava, mas não se rendia. Continuei a bater.

Eu poderia tê-lo matado a cabeçadas, mas os supervisores me arrancaram dali e me levaram de volta ao portão. As correntes prenderam meus punhos novamente, mas eles mudaram de tática e me acorrentaram de barriga para baixo no chão de pedra. Mãos ásperas rasgaram minha camisa fina. As varas de bambu subiram e desceram com fúria renovada. Os supervisores tinham armado o ataque com aquele homem — era uma armadilha e eles admitiram tudo durante uma das pausas para descansar os braços. Queriam que me batesse até eu perder os sentidos, talvez até eu morrer. Tinha o pretexto ideal. Permitiram que entrasse na cela e autorizaram o acerto de contas. Mas não funcionou. Derrotei o homem deles. E se retiraram ultrajados pelo fato de o plano não ter funcionado. Por isso a surra continuou durante horas, com pausas para cigarros, *chai* e lanchinhos e exhibições particulares do meu corpo ensanguentado para convidados especiais de outras alas da prisão.

No final, soltaram-me do portão. Ouí, com as orelhas cheias de sangue, enquanto discutiam o que fazer comigo. O esfrega posterior à briga, a surra que haviam acabado de me dar, tinha sido tão selvagem e sangrento que os supervisores ficaram preocupados. Tinham ido longe demais e sabiam disso. Não podiam comunicar nada à direção da cadeia. Decidiram ficar em silêncio e mandaram que um de seus asseclas lavasse meu corpo triturado, dilacerado, com água e sabão. Com toda a razão, o homem reclamou daquela odiosa tarefa. Uma chuva de golpes o encorajou e ele se dedicou ao trabalho com afinco. Devo minha vida a ele e, de uma forma estranha, ao homem que tentou me matar. Sem o ataque e o massacre que se seguiu, os supervisores não teriam permitido um banho com água morna e sabão — foi o primeiro e último que recebi na prisão. E aquele banho salvou minha vida, tenho certeza, pois muitas das feridas e das lesões em meu corpo haviam inflamado de tal forma que eu vivia constantemente com febre. Aquele veneno estava me matando. Eu estava fraco demais para me mexer. O homem que me lava — nunca soube sequer seu nome —, com água, sabão e pano macio, proporcionou tal conforto a meus cortes, meus machucados e minhas feridas pustulentas, que lágrimas de alívio correram por meu rosto, misturando-se com o sangue sobre o chão de pedra.

A febre diminuiu, transformando-se em um pequeno calafrio, mas eu ainda passava fome e emagrecia a cada dia. E a cada dia, da sua extremidade da cela, os supervisores se fartavam com três boas refeições. Uma dúzia de presos os

serviam. Lavavam as roupas e os cobertores, esfregavam o chão, preparavam a área de refeições, limpavam a sujeira e, quando algum dos supervisores tinha vontade, faziam massagem nos pés, nas costas e nos pescoços. Eram premiados com menos lanhas do que nós, alguns cigarros e restos de comida. Sentados em torno de um lençol limpo sobre o chão de pedra, os supervisores se refestelavam com os variados pratos que faziam parte das refeições: arroz, *dhals*, *chutneys*, *roti* fresco, peixe, guisados de carne, galinha e sobremesas. Enquanto comiam ruidosamente, jogavam restos de frango, pão ou sobremesa para os asseclas sentados de cócoras, em subserviência simiesca, esperando com olhos arregalados e água na boca.

O cheiro era um tormento monstruoso. Nenhuma comida jamais cheirou tão bem para mim, e, enquanto eu definhava lentamente, aquele aroma passou a representar o mundo inteiro que eu havia perdido. Rahul Grandão não cansava de se deliciar ao me oferecer comida a cada refeição. Segurava uma coxa de frango, agitando-a no ar e fingindo jogar, atraindo-me com seus olhos e sobranceiras erguidas, convidando-me a me tornar um de seus capachos. Às vezes, ele jogava uma coxa ou um doce, e mandava que seus cupinchas deixassem para mim, para o *gora*, incentivando-me a me arrastar para pegar. Como eu não reagia e não queria reagir, ele fazia sinal para os homens, e então dava uma gargalhada baixinha e cruel enquanto eles avançavam e disputavam a comida.

Não queria rastejar pelo chão e pegar a comida, embora estivesse mais fraco a cada dia, a cada hora. Depois de um tempo, minha temperatura voltou a subir e meus olhos ardiavam de febre dia e noite. Visitava a privada, mancando ou me arrastando de joelhos quando me sentia combalido, mas a frequência diminuía. Minha urina tinha uma cor escura e alaranjada. A desnutrição roubou a energia do meu corpo e até os movimentos mais simples — virar de um lado para o outro ou sentar — exigiam tanto daquele recurso tão precioso e limitado que eu relutava antes de me dispor a fazê-los. Ficava deitado, parado, a maior parte do dia e da noite. Ainda tentava retirar os piolhos e me lavar. Mas aquelas tarefas simples me deixavam exausto e ofegante. Meus batimentos cardíacos se aceleravam, mesmo quando eu me deitava, e a respiração era curta e ruidosa, geralmente acompanhada por gemidos fracos e involuntários. Eu estava morrendo de fome, e aprendi que era uma das formas mais cruéis de se matar um homem. Sabia que as migalhas de Rahul me salvariam, mas não podia rastejar pela cela até as imediações do banquete. Ao mesmo tempo, não conseguia afastar os olhos, e todas as refeições que ele devorava eram testemunhadas por meu olhar moribundo.

Muitas vezes me perdia em visões febris de minha família e dos amigos que havia feito e deixado para sempre na Austrália. E também pensava em Khaderbhai, Abdullah, Qasim Ali, Johnny Cigar, Raju, Vikram, Lettie, Ulla, Kavita e Didier. Pensava em Prabaker e desejava poder lhe dizer como amava seu coração honesto, otimista, corajoso e generoso. E, mais cedo ou mais tarde, meus pensamentos sempre se voltavam para Karla, todos os dias, todas as noites, todas as horas que eu contava com meus olhos ardentes.

E parecia, na minha mente sonhadora, que Karla me salvava. Pensava nela quando braços fortes me ergueram, as correntes caíram de meus tornozelos feridos e os guardas me fizeram marchar mais uma vez até a sala do chefe de segurança. Eu pensava nela.

Os guardas bateram na porta. Entraram depois que alguém respondeu. Esperaram do lado de fora. Na pequena sala, vi três homens — o chefe de segurança com cabelo curto e grisalho, um tira à paisana e Vikram Patel — sentados em volta de uma escrivaninha de metal.

— Ah, que *merda!* — gritou Vikram. — Puxa, cara, você está... Você está todo *fodido!* Merda! Merda! O que *fizeram* com esse cara?

O chefe de segurança e o policial trocaram olhares neutros, mas não responderam.

— Sente-se — ordenou o chefe de segurança. Permaneci de pé sobre minhas pernas fracas. — Sente-se, *por favor.*

Sentei-me e encarei Vikram com um espanto que me travou a língua. O chapéu preto e chato, pendurado nas costas pelo cordão no pescoço, o colete preto, a camisa, as calças de bailarino flamenco com arabescos pareciam incrivelmente exóticos. Ao mesmo tempo era a roupa mais reconfortantemente familiar que eu podia imaginar. Meus olhos começaram a perder o foco nos desenhos e arabescos bordados no colete e se dirigiram para seu rosto. Aquele rosto se enrugou e se assustou enquanto me fitava. Eu não via um espelho havia quatro meses. As caretas de Vikram me davam uma boa ideia do quanto ele achava que eu estava perto da morte. Ele me entregou a camisa preta com os laçadores com a qual me presenteara na chuva, quatro meses antes.

— Eu trouxe... Trouxe a camisa... — disse vacilante.

— O que... O que você está fazendo aqui?

— Ordens de um amigo — respondeu. — Um grande amigo seu. Que merda, Lin. Parece que os cães andaram afiando os dentes em você. Não quero apavorá-lo nem nada do gênero, mas parece que o tiraram de baixo da terra, depois de darem cabo de você, cara. Fique frio. Estou aqui. Vou tirar você desta porra de lugar.

Aproveitando a deixa, o chefe de segurança tossiu e fez um gesto para o policial. O policial devolveu o sinal e então ele dirigiu a Vikram um sorriso bondoso, vincando a pele macia do canto dos olhos.

— Dez mil — disse ele. — Em dólares americanos, é claro.

— Dez mil? — explodiu Vikram. — Está maluco? Posso tirar *cinquenta* caras daqui com dez mil. Não *fode*, cara.

— Dez mil — repetiu o chefe de segurança, com a calma e a autoridade de um homem que sabe que levou o único revólver para uma briga de canivetes. Ele pousou a mão na escrivaninha metálica e os dedos se revolveram uma vez em uma pequena ola.

— Nem por um cacete, cara. *Arrey, olhe* só o cara. O que vocês vão me *entregar, yaar?* Vocês foderam o sujeito. Você acha que ele *vale* dez mil nesse estado?

O policial tirou uma pasta de uma fina maleta de vinil e empurrou-a sobre o

tampo da mesa até Vikram. A pasta continha uma única folha de papel. Ao lê-la rapidamente, os lábios de Vikram se entreabriram, os olhos se arregalaram em um ar impressionado e surpreso.

— É você? — perguntou-me. — Você fugiu da cadeia na Austrália?

Olhei para ele com firmeza, sem que meus olhos febris vacilassem. Não respondi.

— Quantas pessoas sabem disso? — perguntou ele ao policial à paisana.

— Não muitas — respondeu o tira, em inglês. — Mas o bastante para que sejam necessários dez mil para manter a informação em sigilo.

— Que merda — suspirou Vikram. — Lá se vai minha chance de pechinchar. Foda-se. Vou ter o dinheiro em meia hora. Deem um banho no cara e façam com que esteja pronto quando eu voltar.

— Tem mais uma coisa — interrompi. Todos viraram para me olhar. — Há dois homens. Na minha cela. Tentaram me ajudar, e os supervisores ou os guardas os puniram com mais seis meses. Mas já cumpriram a pena. Quero que saiam junto comigo.

O policial lançou um olhar curioso para o chefe de segurança. Ele respondeu agitando as mãos e assentindo com a cabeça. A questão era trivial. Os homens seriam libertados.

— E tem outro sujeito — disse eu, com tom indiferente. — O nome dele é Mahesh Malhotra. Ele não pode pagar a fiança. Não é muito, acho que duas mil rúpias. Quero que você permita que Vikram pague a fiança. Quero que ele saia junto comigo.

Os dois homens ergueram as mãos e trocaram expressões idênticas de espanto. O destino de um homem tão pobre e insignificante jamais atrapalharia suas ambições materiais ou seus desencantos espirituais. Voltaram-se para Vikram. O chefe de segurança levantou o queixo como se dissesse: *Ele é maluco, mas se é o que quer...*

Vikram levantou-se para partir, mas ergui a mão e ele se sentou novamente, bem rápido.

— E tem outro — disse eu.

O policial deu uma gargalhada.

— *Aur ek?* — balbuciou enquanto ria. *Mais um?*

— É africano. Está na ala africana. O nome dele é Raheem. Quebraram os braços dele. Não sei se está vivo ou morto. Se estiver vivo, também quero que seja libertado.

O policial virou-se para o chefe de segurança, encolhendo os ombros e erguendo a mão para fazer uma pergunta.

— Conheço o caso — disse o chefe de segurança, sacudindo a cabeça. — É um... caso de polícia. O sujeito era amante da mulher de um inspetor. Com toda a justiça, o inspetor conseguiu que ele viesse parar aqui. E, ao chegar, o brutamontes agrediu um dos meus supervisores. É impossível.

Houve um pequeno silêncio em seguida, enquanto a palavra *impossível* pairava no ar como a fumaça de um charuto barato.

— Quatro mil — disse o policial.

— Rúpias? — perguntou Vikram.

— Dólares — gargalhou o policial. — Dólares americanos. Quatro mil dólares a mais. Dois para nós e nossos parceiros e dois para o inspetor que se casou com a vadia.

— Tem mais alguém, Lin? — resmungou Vikram, muito sério. — Estou só perguntando porque estamos a ponto de conseguir um preço especial pelo lote, você sabe.

Devolvi o olhar. Meus olhos ardiam com a febre, e o esforço para me manter sentado na cadeira me fazia suar e tiritar. Ele estendeu o braço e debruçou-se para apoiar as mãos em meus joelhos despídos. Ocorreu-me que alguns piolhos poderiam passar das minhas pernas para as mãos dele, mas eu não conseguia me privar daquele toque reconfortante.

— Vai dar tudo certo, cara. Não se preocupe. Volto logo. Vou tirar você desta merda de lugar em menos de uma hora. Eu prometo. Vou voltar com dois táxis, para nós e os outros caras.

— Traga três táxis — respondi, com a voz ressoando como se viesse de um novo lugar, sombrio e profundo, que se abria conforme eu começava a aceitar a ideia de que encontraria a liberdade. — Um táxi para você, e os outros dois para mim e os caras. Por causa dos... piolhos.

— Tudo bem — ele hesitou. — Três táxis. Você manda.

Meia hora depois, eu estava ao lado de Raheem no banco traseiro de um Fiat preto e amarelo, atravessando a multidão e o trepidante espetáculo da cidade. Raheem, obviamente, havia recebido alguns cuidados — engessaram-lhe os braços —, mas estava magro e com aspecto doentio, com o olhar carregado de terror. Eu fiquei enjoado só de encará-lo. Ele não disse uma palavra, a não ser para indicar onde queria ficar. Chorava mansa e silenciosamente quando o deixamos em um restaurante que pertencia a Hassaan Obikwa, em Dongri.

Quando retomamos nosso destino, o motorista não parava de olhar, pelo retrovisor, para meu rosto surrado, emaciado e abatido. Por fim lhe perguntei, em um hindí coloquial e grosseiro, se ele tinha um CD de canções de filmes indianos. Atônito, ele respondeu que sim. Indiquei uma das minhas prediletas e ele a encontrou, pondo em volume máximo enquanto o motor roncava e a buzina gritava, abrindo caminho pelo trânsito. Era uma canção que os prisioneiros do amplo dormitório costumavam cantar de grupo em grupo quase todas as noites. Eu a cantei enquanto o táxi me levava de volta para os cheiros, as cores e os sons da minha cidade. O motorista me acompanhou, olhando com frequência para o espelho. Ninguém mente ou esconde segredos ao cantar, e a Índia é um país de cantores que amam aquelas canções que a gente ouve quando chorar não é o bastante.

A canção ainda ressoava dentro de mim quando tirei as roupas, guardando-as em um saco plástico para que fossem jogadas no lixo, e me postei sob o forte jato de água quente do chuveiro de Vikram. Derramei um vidro inteiro de xampu antisséptico em minha cabeça e esfreguei a pele com uma escovinha para unhas. Milhares de cortes, mordidas e escoriações deram sinal de vida, mas meus pensamentos estavam em Karla. Vikram me disse que ela havia deixado a cidade dois dias antes. Ninguém parecia saber para onde ela fora. *Como vou*

*encontrá-la? Onde ela está? Será que me odeia agora? Será que acha que eu a dispensei depois que fizemos amor? Será que pensaria uma coisa dessas de mim? Preciso ficar em Bombaim — ela vai voltar para cá, para a cidade. Preciso ficar e esperar por ela.*

Passei duas horas naquele banheiro pensando, me esfregando e cerrando os dentes para suportar a dor. Minhas feridas estavam em carne viva quando saí enrolado em uma toalha e fui para o quarto de Vikram.

— Puxa, cara — grunhiu ele, sacudindo a cabeça e contraindo-se como se também sentisse a dor.

Olhei para o espelho de corpo inteiro que ficava na porta do seu guarda-roupa. Tinha me pesado na balança do banheiro: estava com quarenta e cinco quilos — metade do peso que eu tinha quando fui preso, quatro meses antes. Estava tão magro que lembrava aqueles sobreviventes dos campos de concentração. Os ossos do esqueleto estavam todos à mostra, até mesmo o crânio, sob meu rosto. O corpo estava coberto de cortes e feridas, e embaixo deles havia o desenho de hematomas profundos, parecendo com um casco de tartaruga.

— Khader soube que você estava preso graças a dois caras da sua cela que foram libertados, uns afegãos. Eles disseram que viram você com Khader uma noite, quando vocês foram ver os cantores cegos, e se lembraram.

Tentei me lembrar deles, da sua aparência, mas não consegui. *Afegãos*, Vikram dissera. Deviam ser muito discretos, pois não tinham falado comigo uma vez sequer em todos aqueles meses que passamos trancados. Não importava quem eram. Eu estava devendo.

— Quando saíram, falaram de você e Khader mandou me chamar.

— Por que você?

— Ele não queria que ninguém soubesse que *ele* era a pessoa que queria tirar você de lá. O preço foi bastante alto, *yaar*. Se soubessem que *ele* estava pagando *baksheesh*, teria sido muito mais caro.

— Mas de onde você o conhece? — perguntei, ainda a contemplar com fascínio e horror meu corpo torturado e macilento.

— Quem?

— Khaderbhai. De onde você o conhece?

— Todo mundo em Colaba o conhece, cara.

— Claro, mas como *você* o conhece?

— Eu fiz um trabalho para ele uma vez.

— Que tipo de trabalho?

— É uma longa história.

— Tenho tempo, se você também tiver.

Vikram sorriu e sacudiu a cabeça. Ficou de pé e atravessou o quarto para servir dois drinques em uma mesinha que funcionava como seu bar particular.

— Um dos *goondas* de Khaderbhai bateu em um garoto rico numa boate — ele começou, entregando-me a bebida. — Foi uma surra e tanto. Pelo que eu ouvi, o menino provocou. Mas a família deu queixa na delegacia. Khaderbhai conhecia meu pai e soube, por ele, que eu tinha contato com o garoto. A gente

estudava na mesma droga de colégio, *yaar*. Ele me procurou e pediu que eu descobrisse quanto queriam para esquecer o assunto. No final das contas, era muito. Mas Khader pagou tudo e um pouco mais. Poderia ter dado uma dura neles, sabe, e assustá-los. Porra, ele poderia ter *matado* todo mundo, *yaar*. Toda a família. Mas não matou. Seu homem tinha agido errado, *na*? Então ele queria agir direito. Pagou e todo mundo saiu satisfeito. Ele é legal, aquele Khaderbhai. Um caso sério, se você me entende, mas legal. Meu pai o respeita e gosta dele, o que quer dizer muita coisa, porque papai não respeita muitos representantes da espécie humana. Sabe, Khader me disse que deseja que você trabalhe para ele.

— Fazendo o quê?

— Não me pergunte — disse, encolhendo os ombros. Começou a jogar na cama algumas roupas limpas e passadas que se encontravam no guarda-roupa. Peça a peça, aceitei a bermuda, a calça, a camisa e as sandálias, e comecei a me vestir. — Ele só disse que é para levá-lo até lá quando estiver melhor. Se eu fosse você, pensaria no caso, Lin. Você precisa se alimentar bem. Precisa ganhar dinheiro rápido. E você precisa de um amigo como ele, *yaar*. Toda aquela história sobre a Austrália... Que diabo de história doida, cara. Eu juro, acho um puta heroísmo esse negócio de fuga e tudo o mais. Com Khader do seu lado, pelo menos você vai ficar seguro por aqui. Com o apoio dele, ninguém vai tentar sacaneá-lo novamente. Você tem um amigo poderoso, Lin. Ninguém brinca com Khader Khan em Bombaim.

— Então por que *você* não trabalha para ele? — perguntei, e sabia que meu tom de voz tinha sido áspero, mais do que pretendia, mas tudo o que eu dizia vinha naquele tom, com as lembranças das surras e dos piolhos ainda me cortando e formigando em minha pele.

— Nunca fui convidado — Vikram respondeu no mesmo tom. — Mas, mesmo que *fosse*, acho que não aceitaria, *yaar*.

— Por que não?

— Não preciso dele como você, Lin. Todos esses caras da máfia dependem uns dos outros, entende? Eles precisam de Khaderbhai tanto quanto ele precisa deles. E eu não preciso dele dessa forma. Mas você sim.

— Você parece ter muita certeza disso — disse eu, virando-me para olhar em seus olhos.

— Eu *tenho*. Khaderbhai me disse que descobriu por que você foi parar na cadeia. Ele disse que alguém poderoso, com muita influência, tinha armado para cima de você, cara.

— Quem foi?

— Ele não me disse. Falou que não sabia. Talvez não quisesse *me* contar. Seja lá como for, Lin, meu irmão, você está com merda até o pescoço. Agora já sabe que os bandidos não perdem tempo em Bombaim e, se você tem um inimigo por aqui, vai precisar de toda a proteção que conseguir. Há duas opções: dar o fora desta porra de cidade ou arrumar aliados, como os caras no duelo de O.K. Corral, sabe?

— O que você faria?

Ele riu. Minha expressão não mudou e seu riso rapidamente se interrompeu.

Ele acendeu dois cigarros e me deu um.

— Eu? Eu ficaria puto dentro das calças, *yaar*. Não uso essas coisas de vaqueiro porque gosto de vacas. Uso porque gosto do jeito como aqueles vaqueiros filhos da mãe resolviam as coisas naqueles tempos. Eu? Eu ia querer saber quem tentou foder a minha vida e ia atrás de vingança. Quando estivesse recuperado, aceitaria a proposta de Khader, ia trabalhar para ele e me vingaria. Mas, olha só, sou um *madachudh* indiano, *yaar*. É isso o que um *madachudh* indiano faria.

Olhei no espelho mais uma vez. As roupas novas pareciam areia sobre minhas feridas abertas, mas escondiam o pior e me davam uma aparência menos assustadora, menos hostil, menos terrível. Sorri para o espelho. Estava testando, tentando me lembrar como era ser eu mesmo. Quase funcionou. Quase consegui. Então uma nova expressão, que não era exatamente a minha, rodopiou no interior dos meus olhos cinzentos. *Nunca mais*. Nunca mais sofreria aquela dor. Nunca mais seria ameaçado por aquela fome. Aquele medo não atravessaria meu coração exilado. *Custe o que custar*, meus olhos me diziam. *Custe o que custar, daqui para a frente*.

— Estou pronto para vê-lo — disse eu. — Vamos agora.

TRABALHAR PARA ABDEL KHADER KHAN foi minha verdadeira iniciação ao crime organizado — até então eu não passava de um homem desesperado, fazendo coisas estúpidas e covardes para alimentar o vício estúpido e covarde em heroína, e depois, um exilado desesperado, ganhando pequenas comissões em transações esporádicas. Embora *fossem* crimes, alguns bem graves, eu não era um criminoso até aceitar Khaderbhai como mestre. Eu era um homem que cometera crimes, e não um criminoso. E existe uma diferença entre as duas categorias. A diferença, como na maior parte das coisas da vida, está na motivação e nos meios. Ao ser torturado na prisão de Arthur Road, recebi a motivação para cruzar aquela linha. Outro homem, mais esperto que eu, teria fugido de Bombaim no instante em que saísse da cadeia. Eu não. Não podia. Queria saber quem me mandara para lá e por quê. Queria vingança. O caminho mais seguro e mais rápido para a desforra era me aliar ao grupo de Khaderbhai na máfia.

Seus ensinamentos na arte de infringir a lei — meu primeiro estágio foi com o palestino Khaled Ansari, com quem aprendi como funciona o câmbio no mercado negro — me forneceram os meios para me tornar aquilo que eu nunca tentara nem desejara ser: um criminoso profissional. E me pareceu bom, muito bom, estar dentro do círculo protetor daquela irmandade. Quando pegava o trem para ir diariamente ao apartamento de Khaled, no estribo do vagão chacoalhante, recebendo o vento quente e seco junto com outros rapazes, meu coração se enchia de entusiasmo com a liberdade daquela viagem louca e imprudente.

Khaled, meu primeiro mestre, era o tipo de homem que carregava o passado nas chamadas dos olhos e as alimentava com pedaços de seu coração partido. Conheci homens como Khaled na cadeia, nos campos de batalha e nos antros frequentados por contrabandistas, mercenários e outros exilados. Todos têm algumas características em comum. São durões, porque existe um tipo de dureza só encontrada na tristeza mais profunda. São honestos porque a verdade do que lhes aconteceu não os deixa mentir. São rancorosos, porque não conseguem esquecer o passado, nem perdoá-lo. E são solitários. A maioria de nós finge, com maior ou menor sucesso, que o presente é algo que podemos partilhar. Mas o passado de cada um é uma ilha deserta. E aqueles como Khaled, que ali naufragam, estão sempre sozinhos.

Khaderbhai me contou um pouco da história de Khaled enquanto me preparava para as primeiras lições. Descobri que Khaled, com apenas trinta e quatro anos, estava completamente sozinho no mundo. Os pais, ambos intelectuais de renome, tinham se destacado na luta pela independência do Estado palestino. O pai morrera na prisão, em Israel. A mãe, as duas irmãs, as tias, os tios e os avós maternos foram assassinados nos massacres de Shatila, no Líbano. Khaled, que fora treinado por guerrilheiros na Tunísia, na Líbia e na Síria, e que ao longo de nove anos participara de inúmeras operações em variadas zonas de

conflito, surtou depois das mortes violentas da mãe e de todos os parentes no campo de refugiados. O comandante do Fattah, ao perceber os sinais daquele surto e dos riscos que trazia, o dispensara do dever.

Embora ainda se dissesse fiel à causa da independência da Palestina, na verdade era insensível a qualquer outra causa que não o sofrimento que suportara e o que vivia para cometer novos crimes. Chegou a Bombaim por recomendação de um guerrilheiro veterano que conhecia Khaderbhai. O chefe da máfia o acolheu. Impressionado com sua educação, seu conhecimento de idiomas e sua dedicação obsessiva, os membros permanentes do conselho de Khaderbhai premiarão o jovem palestino com promoções sucessivas. Três anos depois de Shatila, na época em que o conheci, Khaled Ansari era responsável pelas operações de câmbio de Khaderbhai no mercado negro. O cargo lhe garantia assento no conselho. E quando me senti forte o bastante para aguentar um dia inteiro de estudos, não muito depois de ser libertado da prisão de Arthur Road, o palestino amargurado, solitário e marcado pelas batalhas começou a me instruir.

— Muitos dizem que o dinheiro está na raiz de todo o mal — disse-me Khaled quando nos encontramos em seu apartamento. Seu inglês misturava o sotaque de Nova York com o árabe e o hindí, línguas que ele falava razoavelmente bem. — Mas não é verdade. É o contrário. O dinheiro não está na raiz de todo o mal. O *mal* está na origem de todo *dinheiro*. Não existe dinheiro limpo. Todo o dinheiro do mundo é sujo de alguma forma, porque não existe uma forma limpa de ganhá-lo. Se a gente recebe dinheiro, alguém, em algum lugar, está sofrendo por causa disso. É uma das razões, eu acho, pelas quais quase todo mundo, mesmo os que nunca desrespeitam as leis de outra forma, fica feliz de ganhar mais um ou dois dólares no mercado negro.

— Você ganha a vida assim — disse eu, curioso para saber como ele reagiria.

— E daí?

— Como é que *você* se sente?

— Não sinto nada em relação a isso. O sofrimento é a verdade. Não sofrer é a mentira. Já lhe disse isso. É assim que o mundo funciona.

— Mas com certeza há um tipo de dinheiro que vem com mais sofrimento — insisti — e outro tipo que vem com menos.

— Só existem dois tipos de dinheiro, Lin: o *seu* e o *meu*.

— Ou, nesse caso, o dinheiro de *Khader*.

Khaled riu. Era uma risada triste e curta, a única que lhe sobrara.

— Ganhamos dinheiro para Abdel Khader, é verdade, mas uma parte de tudo que ganhamos é nossa. E é a pequena parte que *nos* pertence que nos mantém no jogo, *na*? Muito bem, vamos começar. *Por que* existem os mercados negros para o câmbio?

— Não sei aonde você quer chegar.

— Vou fazer a pergunta de outra forma — sorriu Khaled. A grossa cicatriz que começava em sua garganta, sob a orelha esquerda, e vincava seu rosto até o canto da boca deixava o sorriso torto, de uma forma inquietante. A metade marcada de seu rosto não sorria de forma alguma, o que fazia a outra metade

parecer ameaçadora ou sofrida quando ele tentava parecer gentil. — Como podemos comprar um dólar americano de um turista por, digamos, dezoito rúpias, quando os bancos oferecem apenas quinze ou dezesseis?

— Porque podemos vendê-lo por *mais* de dezoito? — arrisquei.

— Bom. Bom. Então, como fazemos isso?

— Porque... alguém deseja comprar por este preço, eu acho.

— Exatamente. Mas para quem estamos vendendo?

— Olha só, o máximo que eu já fiz foi juntar os turistas com os caras do câmbio e pegar a minha parte. Não sei o que acontece com os dólares depois. Nunca me inteirei disso.

— O mercado negro existe — disse ele lentamente, como se estivesse me confiando um segredo pessoal e não um fato comercial — porque o mercado formal é muito rigoroso. Nesse caso, no caso do câmbio, o governo e o Banco Central da Índia controlam o mercado formal e são muito severos. Tudo se resume a ganância e controle. Esses são os dois elementos que compõem o crime comercial. Apenas um deles, isoladamente, não é suficiente. A ganância sem controle e o controle sem ganância não geram um mercado negro. Os homens podem ser gananciosos e desejar lucrar, digamos, com *tortas*, mas, se não houver um controle rígido sobre as fornadas, não vai haver mercado negro para *strudel* de maçã. E, se o governo tiver mecanismos de controle muito rigorosos para o saneamento e no entanto não houver ganância para se lucrar com isso, não vai haver um mercado negro para a merda. Quando a ganância se encontra com o controle, você tem um mercado negro.

— Você pensou muito nesse assunto — comentei rindo, mas impressionado e verdadeiramente feliz pelo fato de ele querer me pôr a par da ontologia do crime cambial, e não apenas me informar sobre as formas de cometê-lo.

— Não exagera — respondeu ele, em tom autodepreciativo.

— Não. Estou falando sério. Quando Khaderbhai me mandou para cá, pensei que você ia me entregar algumas tabelas com a cotação do dia e me mandar trabalhar.

— Ah, logo, logo vamos falar de números — sorriu novamente, com um jeito tipicamente americano. Eu sabia que ele havia estudado em Nova York quando era mais jovem. Khaderbhai me contou que ele fora feliz lá, por algum tempo. Um pouco daquela felicidade parecia ter sobrevivido nas vogais longas e arredondadas e em outros americanismos de seu modo de falar. — Mas, primeiro, a gente precisa da teoria, antes de poder lucrar com a prática.

A rúpia indiana, Khaled me explicou, era uma moeda de circulação restrita. Não podia sair da Índia nem ser trocada legalmente por dólares em nenhum outro lugar do mundo. Com sua imensa população, a Índia enviava muitos milhares de executivos e viajantes para o exterior todos os dias. Aquelas pessoas só podiam levar uma quantidade limitada de moeda americana. Podiam trocar uma quantia fixa de rúpias por dólares americanos, e o resto precisava ser convertido em cheques de viagem.

A regra era cumprida de diversas maneiras. Quando alguém queria deixar o país e trocar rúpias por dólares, dentro do limite legal, precisava apresentar um

passaporte e uma passagem de avião no banco. O caixa confirmava a data de partida e marcava tanto o bilhete quanto o passaporte, para indicar que seu titular havia recebido todos os dólares americanos permitidos, em troca das rúpias. A transação não podia ser repetida. Não havia uma maneira legal para o viajante comprar mais dólares americanos para aquela viagem.

Quase todo mundo na Índia tinha pelo menos *alguns* dólares comprados no mercado negro, guardados debaixo do colchão. Das poucas centenas de rúpias que um trabalhador recebia e não declarava no imposto de renda, aos bilhões de rúpias acumuladas com lucros do crime, a economia informal, pelo que diziam, tinha quase a metade do tamanho da economia formal. Nenhuma pessoa com milhares, ou centenas de milhares, de rúpias não declaradas — como muitos executivos indianos — podia comprar cheques de viagem legais com elas. O banco ou o imposto de renda sempre queriam saber de onde vinha o dinheiro. Por isso, a única alternativa era comprar dólares dos cambistas do mercado negro. E todos os dias, em Bombaim, milhões de rúpias em dólares americanos, libras inglesas, marcos alemães, francos suíços e outras moedas eram comprados e vendidos clandestinamente, em uma operação que espelhava de forma sombria o câmbio legalizado.

— Compro mil dólares americanos de um turista por *dezoito* mil rúpias, quando o câmbio oficial é de *quinze* — resumiu Khaled. — Ele fica feliz porque ganhou mais três mil rúpias do que receberia no banco. Então eu vendo os dólares para um executivo indiano por *vinte e um* mil rúpias. Ele fica feliz, porque comprou dólares com dinheiro que não podia declarar. Em seguida, eu guardo essas três mil rúpias e compro mais mil dólares de outro turista por dezoito mil. No fundo, o mercado de moedas está centrado numa equação simples.

Para abordar os turistas e fazê-los trocar dinheiro, o conselho da máfia de Khaderbhai empregava um pequeno exército de agentes, guias, mendigos, gerentes de hotel, mensageiros, donos de restaurante, garçons, lojistas, empregados de companhias aéreas, agentes de viagem, donos de boates, prostitutas e motoristas de táxi. Acompanhar o que faziam era uma das tarefas de Khaled. Pela manhã, ele telefonava para todos os lugares para definir a taxa de câmbio de todas as principais moedas. Havia telefonemas de atualização a cada duas horas, o dia inteiro, informando sobre qualquer flutuação nos valores. Um táxi ficava a sua disposição, com dois motoristas se revezando. Todas as manhãs ele visitava os representantes de cada área e lhes entregava maços de rúpias para alimentar os operadores da rua. Os agenciadores e outros escroques de baixo escalão procuravam os operadores, encaminhando-lhes turistas e executivos. Os operadores trocavam o dinheiro e guardavam em maços a serem recolhidos. Os representantes faziam a ronda durante o dia, fornecendo dinheiro aos operadores, se eles precisassem. Os cobradores faziam várias visitas ao longo do turno de trabalho para pegar os maços de notas estrangeiras.

Khaled supervisionava cobranças pessoais e operações em hotéis, escritórios de companhias aéreas, agências de viagem e outros negócios que exigiam um grau maior de discrição. Fazia a coleta de seus principais cobradores nas regiões

mais relevantes. Uma ao meio-dia, outra tarde da noite. Policiais importantes de cada área eram pagos para não ver nada que pudesse ofendê-los. Em contrapartida, Khaderbhai prometia que qualquer violência que considerasse necessária, caso alguém tentasse roubar seus homens ou impedi-los de trabalhar, seria rápida, precisa e jamais envolveria a polícia, nem ameaçaria seus interesses de forma alguma. A responsabilidade pela manutenção da disciplina e pelo respeito ao controle de Khader cabia a Abdullah Taheri. Sua equipe de *goondas* indianos e veteranos da guerra do Irã contra o Iraque garantia que as infrações fossem raras e impiedosamente punidas.

— Você vai fazer as cobranças comigo — anunciou Khaled. — Com o tempo, aprenderá tudo, mas quero muito que se concentre nas mais complicadas: os hotéis cinco estrelas e as companhias aéreas. Os trabalhos de paletó e gravata. Vou com você, especialmente no começo, mas acho que vai ser bom ter um *gora* bem-vestido, um estrangeiro branco, fazendo entregas nesses lugares. Você ficará invisível. Não irão nem olhar duas vezes. E nossos contatos ficarão bem mais relaxados ao lidar com você. Depois disso, quero que entre no ramo de turismo. Um *gora* também pode ser útil nesse caso.

— O ramo de turismo?

— Ah, você vai adorar — disse ele, encontrando meus olhos com o mesmo sorriso triste. — Vai parecer que valeu a pena passar aquela temporada em Arthur Road, porque é primeira classe o tempo todo.

O ramo de turismo, como me explicou, era um segmento particularmente lucrativo do mercado de câmbio. Envolvia um grande número de pessoas, entre os milhões de indianos que trabalhavam na Arábia Saudita, em Dubai, Abu Dhabi, Muscat, Bahrein, no Kuwait e em outros países do Golfo Pérsico. Os trabalhadores indianos, com contratos de três, seis ou doze meses como empregados domésticos, faxineiros e operários, normalmente recebiam em moeda estrangeira.

A maior parte dos trabalhadores tentava trocar o salário no mercado negro, assim que voltava para a Índia, para ganhar umas rúpias a mais. O conselho da máfia de Khader oferecia um atalho aos empregadores e trabalhadores. Quando vendiam moedas estrangeiras no atacado para Khaderbhai, os patrões árabes recebiam uma taxa ligeiramente favorável, que lhes permitia pagar os trabalhadores em rúpias, pelo valor do câmbio do mercado negro da Índia. Com isso, ficavam com as rúpias excedentes e tinham um lucro líquido a partir do simples *pagamento* dos trabalhadores.

Para muitos empregadores dos países do Golfo, a tentação de tal crime era irresistível. Eles também tinham dinheiro escondido, não declarado, debaixo de seus colchões opulentos. Surgiram sindicatos para organizar o pagamento em rúpias dos empregados temporários, na ocasião de seu retorno à Índia. Os trabalhadores ficavam felizes porque obtinham a cotação do mercado negro sem precisar negociar pessoalmente com cambistas barras-pesadas. E os patrões ficavam satisfeitos porque ganhavam ao fazer o pagamento por intermédio dos sindicatos. O pessoal do mercado negro ficava feliz por causa do fluxo regular de dólar, marco alemão, rial e dirrã que fluía para dentro do rio de demanda criado

pelos executivos indianos com suas viagens. Apenas o governo perdia e ninguém, entre milhares e milhares de pessoas envolvidas no negócio, sentia uma vergonha insuportável por causa disso.

— Eu... esse negócio todo já foi uma especialidade para mim... — disse Khaled quando encerrou a primeira longa lição. Sua voz baixou e eu não sabia se ele estava perdido em recordações ou simplesmente relutando em continuar a conversa. Esperei. — Quando estudava em Nova York — disse ele, finalmente —, eu trabalhava numa tese... Bem, eu *escrevi* uma tese sobre o comércio informal na Antiguidade. É uma área que minha mãe pesquisava antes da guerra de 1967. Quando eu era criança, ela despertou meu interesse pelos mercados negros da Assíria, da Akkad e da Suméria, e como se relacionavam com as rotas de comércio, os impostos e os impérios formados em torno deles. Quando comecei a escrever a tese, eu a chamei de *Babilônia negra*.

— Ótimo título.

Ele me lançou um olhar para ter certeza de que eu não estava zombando dele.

— Estou falando sério — disse eu rapidamente, querendo que ficasse à vontade, pois começava a gostar dele. — Acho que é um bom tema para uma tese, com um título muito atraente. Você deveria ir em frente e terminá-la.

Ele voltou a sorrir.

— Bem, Lin, a vida me trouxe muitas surpresas e, como meu tio de Nova York costumava dizer, a maioria delas não foi muito agradável para alguém obcecado pelo trabalho. Agora estou trabalhando *para* um mercado negro, em vez de estudar um deles. Agora é *Bombaim negra*.

A amargura em sua voz era desconcertante. A mandíbula assumiu uma posição sombria, quase raivosa, enquanto ele fitava as mãos. Procurei trazer a conversa de volta para o presente.

— Sabe, eu me envolvi com uma parte do mercado negro que talvez lhe interesse. Já ouviu falar do mercado de medicamentos dos leprosos?

— Claro — respondeu ele, com os olhos castanho-escuros reluzindo de interesse. Ele passou a mão no rosto e depois nos cabelos curtos, em estilo militar, precocemente grisalhos. O gesto varreu para longe suas lembranças melancólicas e ele me deu toda a atenção. — Ouvi dizer que você conheceu Ranjit... Ele é incrível, não é?

Conversamos sobre Ranjitbhai, o rei de seu pequeno grupo de leprosos, e sobre o mercado negro que haviam organizado por todo o país. Aquele negócio misterioso fascinava a nós dois. Como historiador — ou como homem que havia sonhado em se tornar um historiador, como sua estudiosa mãe —, Khaled se intrigava com a longa evolução e a conduta secreta da organização dos leprosos. Como escritor, eu me emocionava com a história de seu sofrimento e da reação singular que tiveram. Depois de vinte minutos de conversa animada, decidimos visitar Ranjit juntos para descobrir mais sobre a história do mercado negro de medicamentos.

E, com aquela promessa entre exilados, entre pesquisador e escritor, Khaled e eu estabelecemos uma relação simples, mas duradoura, de respeito intelectual.

Tornamo-nos amigos da maneira rápida, sem questionamentos, adotada pelos criminosos, pelos soldados e por outros sobreviventes de desastres. Eu o visitava diariamente em seu apartamento despojado, simples, próximo à estação de Andheri. Os encontros tinham cinco ou seis horas de duração. Os temas variavam livremente de história antiga a política de juros dos bancos centrais, de antropologia a câmbio fixo e flutuante, e, com Khaled Ansari, em um mês aprendi mais sobre aquele crime comum, porém complexo, do que a maioria dos cambistas de dólares e marcos aprendem nas ruas em um ano inteiro.

Quando as aulas acabaram, comecei a trabalhar com Khaled todas as manhãs e noites, sete dias por semana. O pagamento era bom. Ganhava tanto dinheiro que costumava ser pago com grossos maços de rúpia, saídos diretamente do banco, ainda com as notas novas em folha. Já era um homem rico, se comparado aos moradores da favela que foram meus vizinhos, amigos e pacientes durante quase dois anos.

Para apressar a cura dos ferimentos da prisão, eu havia me mudado para um quarto na Pensão da Índia, com as despesas pagas por Khaderbai. O chuveiro limpo, azulejado, e o colchão macio facilitaram o tratamento, mas a mudança tinha outras razões além da simples convalescença. A verdade era que os meses na prisão de Arthur Road haviam deixado mais sequelas espirituais do que físicas. E a vergonha que eu ainda sentia, pelas mortes de minha vizinha Radha e dos dois meninos da minha turma de inglês durante a epidemia de cólera, não me dava paz. Os tormentos na prisão e meus fracassos na epidemia: talvez eu sobrevivesse a um ou outro, isoladamente, e pudesse voltar para aquele espaço querido e miserável quando melhorasse. Mas a combinação era bem mais do que minha frágil autoestima podia suportar. Eu não conseguiria viver na favela, nem dormir uma noite sequer por lá.

Visitava Prabaker, Johnny, Qasim e Jeetendra com frequência e continuei a ajudar na clínica, atendendo duas tardes por semana. No entanto, a estranha mistura de arrogância e despreocupação que me tornara o médico da favela havia desaparecido e eu não esperava reencontrá-la. Há um pouco de arrogância no coração das melhores pessoas. Esse sentimento me abandonou quando não consegui salvar a vida de minha vizinha — quando nem sequer soube que ela estava doente. E há uma inocência essencial e resoluta no coração de quem está determinado a servir. Eu a perdi quando cambaleei para fora da prisão indiana: meu sorriso, tanto quanto meus passos, sentia o peso da lembrança dos grilhões. Sair da favela tinha mais relação com o estado da minha alma do que com as feridas em meu corpo.

Por sua vez, meus amigos da favela aceitaram a decisão sem perguntas nem comentários. Eles me saudavam calorosamente quando eu os visitava e me incluíam nas atividades cotidianas e nos festejos — casamentos, festivais, encontros comunitários, jogos de críquete — como se eu ainda vivesse e trabalhasse com eles. E, apesar do choque e da tristeza que demonstraram ao ver meu corpo macilento e as cicatrizes deixadas na minha pele pelos supervisores, jamais mencionaram a prisão. Uma parte disso, acho eu, devia-se à sensibilidade a minha vergonha. A vergonha que sentiriam se tivessem sido presos. Outra parte, nos corações de Prabaker, Johnny Cigar e quem sabe até de Qasim Ali,

talvez fosse provocada pela culpa — por não terem conseguido me ajudar porque não lhes ocorreu procurar por mim. Nenhum deles percebeu que eu tinha sido preso. Concluíram que eu tinha simplesmente cansado da favela e voltara a minha vida confortável em meu país, como todos os turistas e viajantes que conheciam.

E aquilo também contribuía para minha relutância em voltar. Depois de tudo que eu fizera ali, depois de ser incluído na miséria de tantas e tantas vidas, me estarrecia e me feria que ainda me imaginassem capaz de deixá-los sem me despedir, que tomassem aquilo tudo por um simples capricho.

Por isso, depois que minha saúde melhorou e comecei a ganhar dinheiro de verdade, eu não voltei para a favela. Em vez disso, com a ajuda de Khaderbhai, aluguei um apartamento em Colaba, no final da Best Street, não muito longe do Leopold. Foi meu primeiro apartamento na Índia, minha primeira extravagância de espaço e privacidade, repleto de luxos domésticos como um chuveiro quente e uma cozinha montada. Comia bem, refeições ricas em proteínas e carboidratos, e me forçava a tomar um balde de sorvete diariamente. Engordei. Dormia dez horas seguidas, noite após noite, curando meu corpo dilacerado com as bênçãos terapêuticas do sono. Mas acordava com frequência, dava golpes com os braços, lutava, ainda sentindo o cheiro metálico e úmido de sangue no pesadelo.

Pratiquei caratê e musculação com Abdullah, em sua academia preferida, no sofisticado bairro de Breach Candy. Dois outros jovens gângsteres costumavam se juntar a nós: Salman Mustaan e seu amigo Sanjay, a quem havia conhecido em minha primeira visita ao conselho de Khader. Eram homens fortes e saudáveis, com quase trinta anos, que gostavam de brigar quase tanto quanto de sexo, e eles gostavam muito de sexo. Sanjay, com aparência de galã de cinema, era o brincalhão. Salman era mais quieto e sério. Embora fossem amigos inseparáveis desde a infância, no ringue eram tão violentos quando se enfrentavam como quando tinham a mim e a Abdullah como adversários. Exercitávamo-nos cinco vezes por semana, com dois dias de intervalo para permitir que nossos músculos inchados e lacerados se recuperassem. E era bom. Ajudava. Puxar ferros é um exercício zen para homens violentos. Pouco a pouco meu corpo recuperou a força, a musculatura e a boa forma.

No entanto, por mais que minha condição física melhorasse, eu sabia que minha mente não conseguiria se curar antes que eu descobrisse quem tinha armado minha prisão com a polícia e me enviado para Arthur Road. Eu precisava saber quem era essa pessoa. E qual era o motivo. Ulla tinha saído da cidade — estava escondida, diziam alguns, mas ninguém sabia de quem se escondia, nem por quê. Karla havia partido e ninguém sabia me dizer onde se encontrava. Didier e muitos outros amigos estavam investigando, me ajudando a descobrir a verdade, mas não haviam encontrado nada que me desse uma indicação de quem havia me colocado na prisão.

Alguém conspirara com policiais experientes para me prender sem acusação e enviar para Arthur Road. A mesma pessoa providenciara para que eu fosse surrado cruelmente e com frequência enquanto estivesse na prisão. Era um castigo ou uma vingança. Khaderbhai me confirmara essa parte, mas não podia, ou não queria, me dizer mais nada, a não ser que a tal pessoa não sabia que eu

era um foragido. Aquela informação, sobre a fuga na Austrália, aparecera casualmente, durante a verificação de rotina das impressões digitais. Os policiais envolvidos perceberam, imediatamente, que poderiam lucrar se ficassem quietos e guardaram minha pasta até que Vikram os procurou em nome de Khader.

— Os putos daqueles tiras *gostavam* de você, cara — disse-me Vikram, uma tarde, enquanto estávamos sentados em uma mesa do Leopold, alguns meses depois de eu ter começado a trabalhar para Khaled como operador de câmbio.

— Sei.

— Não, estou falando sério. Eles gostavam. Foi por isso que deixaram você sair.

— Nunca tinha visto aquele tira na minha vida, Vikram. Ele não sabia nada a meu respeito.

— Você não saca — respondeu ele, com paciência. Ele se serviu de outro copo de cerveja Kingfisher gelada e bebeu, demonstrando satisfação. — Conversei com aquele cara, o tira, quando tirei você de lá. Ele me contou tudo. Olha só, quando o primeiro sujeito no setor de digitais descobriu quem você era, quando a verificação revelou que você era procurado na Austrália, ele pirou. Ele pirou ao pensar em quanto *dinheiro* poderia ganhar, sabe, para manter a merda toda em segredo. Uma oportunidade como essa não aparece todos os dias, *na*? Então, sem dizer nada para ninguém, ele procura um policial mais experiente e mostra o relatório sobre as digitais. Aquele tira manda os outros ficarem na moita e se encarrega de levantar quanto dinheiro eles podem ganhar.

Um garçom trouxe minha xícara de café e conversou um pouco comigo em marata. Vikram esperou até que estivéssemos de novo sozinhos para voltar a falar.

— Eles adoram, sabe, todos esses garçons, motoristas de táxis e carteiros, e os tiras também, adoram quando você fala com eles em marata. Que diabo, cara. Eu *nasci* aqui e você fala marata melhor que eu. Nunca aprendi direito. Nunca precisei. É por isso que tantos maratas ficam tão putos, cara. A maioria de nós não liga para o idioma, nem para quem vem morar em Bombaim, nem de onde vêm, *yaar*. Onde é que eu estava? Ah, sim, então o tira tem esse relatório sobre você e está mantendo tudo em segredo, mas, antes de fazer qualquer coisa, ele quer saber mais sobre o tal filho da puta australiano que fugiu da cadeia, *yaar*.

Vikram parou e sorriu para mim até o sorriso se transformar em uma risada brincalhona. Ele usava um colete de couro preto sobre a camisa de seda branca, apesar do calor de trinta e cinco graus. Devia sentir muito calor com aquele jeans preto e pesado e as botas de vaqueiro pretas e enfeitadas, mas sempre parecia estar se sentindo bem; tão bem quanto aparentava estar.

— É uma puta *história*, cara! — gargalhou. — Você escapou de uma prisão de segurança máxima! *Impressionante!* É a melhor história que já ouvi, Lin. E o que me dói é que não posso contá-la para ninguém.

— Você lembra o que Karla disse sobre os segredos, uma vez, quando estávamos juntos aqui?

— Não, cara. O que foi?

— Não é um segredo, a não ser que doa.

— Isso é muito bom — exclamou Vikram, sorridente. — Então, onde é que eu estava? Hoje estou perdendo o fio da meada, cara. É a história com a *Lettie*. Está me deixando maluco, Lin. Ah, sim. O chefe de segurança, o tira com as suas informações, quer investigar você. Então, manda dois de seus homens saírem por aí, fazendo perguntas. Todos os caras com quem você costumava trabalhar na rua o defenderam. Disseram que você nunca enganou ninguém, nunca fodeu com ninguém, e que distribuía muito dinheiro entre os pobres, quando tinha condições.

— Mas os tiras não contaram a ninguém que eu estava em Arthur Road?

— Não, cara. Estavam levantando informações sobre você para descobrir se queriam foder com sua vida e mandá-lo de volta para os tiras australianos. Tudo dependia do que eles iam descobrir. E tem mais. Um dos cambistas diz para os tiras: *Olha aí, se vocês querem saber mais sobre Lin, passem na zhopadpatti, porque é lá que ele mora*. Bem, aí os tiras ficam muito intrigados. Um *gora*, morando na favela. E lá vão eles, dar uma olhada. Não contam para ninguém o que aconteceu com você, mas começam a fazer perguntas e as pessoas dizem coisas como: *Está vendo aquele posto de saúde? Lin construiu e trabalha lá há muito tempo ajudando as pessoas...* E outras coisas do tipo: *Todo mundo aqui se tratou no posto do Lin, de graça, em alguma ocasião, e ele fez um belo trabalho quando a epidemia de cólera veio...* E contaram aos tiras sobre a escolinha que você iniciou: *Está vendo aquela escolinha de inglês? Foi Lin quem começou...* E os tiras ouvem muita coisa sobre esse tal de *Lin*, esse *Linbaba*, o estrangeiro que faz tanta coisa boa, e voltam para o chefe deles contando o que ouviram.

— Ah, deixa disso, Vikram! Você acha *mesmo* que isso fez diferença? Foi o dinheiro, e fico feliz por você ter estado lá para pagar.

Os olhos de Vikram se arregalaram de surpresa e depois se apertaram em uma careta de desaprovação. Ele tirou o chapéu das costas e o examinou, virando-o com as mãos e sacudindo a poeira da aba.

— Sabe, Lin, você está aqui há algum tempo e aprendeu um pouco do idioma, passou pela aldeia, morou na favela, e chegou a ir para a merda da cadeia e tudo o mais, mas ainda não consegue sacar, não é?

— Talvez não — admiti. — Provavelmente não.

— Não entende mesmo porra nenhuma, cara. Aqui não é a Inglaterra, nem a Nova Zelândia, nem a Austrália, nem outra droga de lugar qualquer. Você está na *Índia*, cara. Na Índia. Esta é a terra do coração. Aqui, o coração é o *rei*, cara. A porra do *coração*. É por isso que você está livre. Por isso os tiras lhe devolveram seu passaporte falso e você pode andar por aí sem ser pego, apesar de *saberem* quem você é. Poderiam ter fodido com você, Lin. Poderiam aceitar seu dinheiro, o dinheiro de Khader, e soltar você, e depois arrumar *outros* tiras para o prenderem e o mandarem de volta para casa. Mas não fizeram isso, e não farão, porque gostam de você, cara, é a porra do *coração indiano*. Eles viram tudo o que você fez por aqui e como as pessoas da favela adoram você e pensaram: *Bem, ele se fodeu na Austrália, mas aqui ele fez algo de bom. Se pagar, vamos deixar o filho da puta livre*. Porque eles são *indianos*, cara. É assim que nos

unimos nesse lugar maluco: com o *coração*. Duzentos malditos idiomas, um bilhão de pessoas. A Índia é o coração. É o *coração* que nos une. Não existe outro lugar com pessoas como o meu povo, Lin. Não existe coração igual ao indiano.

Ele estava chorando. Atordoado, vi enquanto secava as lágrimas dos olhos e estiquei-me para pôr a mão em seu ombro. Ele tinha razão, é claro. Embora eu tivesse sido torturado e quase assassinado em uma prisão indiana, eu fora libertado, e eles haviam me devolvido o passaporte antigo. *Existe algum outro país no mundo*, eu me perguntei, *que teria me deixado sair; como a Índia?* E, mesmo na Índia, se os tiras tivessem me investigado e descoberto outra história — que eu ludibriava os indianos, por exemplo, ou explorava prostitutas indianas, ou então que batia em pessoas indefesas —, eles iam pegar meu dinheiro e depois me mandar de volta para a Austrália de qualquer maneira. Era a terra onde o coração era rei. Eu tinha aprendido aquilo com Prabaker, com sua mãe, com Qasim Ali, com a redenção de Joseph. Aprendi aquilo até na prisão, onde homens como Mahesh Malhotra haviam apanhado por contrabandear alimentos para mim quando eu passava fome.

— O que é isso? Uma briga de namorados, talvez? — perguntou Didier, convidando-se para sentar.

— Vai tomar no cu, Didier! — Vikram riu, recompondo-se.

— Puxa, Vikram, que ideia maravilhosa. Talvez você queira me ajudar quando estiver se sentindo melhor. E como você está hoje, Lin?

— Estou bem — sorri. Didier foi uma das três pessoas que caíram em prantos ao me ver esquelético, ainda coberto de feridas, assim que saí da prisão de Arthur Road. O segundo foi Prabaker, cujo choro foi tão intenso que precisei de uma hora inteira para conseguir consolá-lo. A terceira pessoa, inesperadamente, foi lorde Abdel Khader, cujos olhos se encheram de lágrimas quando lhe agradei: lágrimas que escorriam por meu pescoço e meu ombro quando ele me abraçou.

— O que vai querer? — eu lhe perguntei.

— Ah, muito gentil — murmurou ele, roncando de felicidade. — Acho que vou começar por uma garrafa de uísque, limão fresco e soda gelada. Sim. Vai ser um bom *commencement*, não? São muito estranhas e muito tristes essas notícias sobre Indira Gandhi, não acham?

— Que notícias? — perguntou Vikram.

— Acabaram de anunciar que Indira Gandhi está morta.

— É verdade? — indaguei.

— Acho que sim — suspirou ele, com uma solenidade súbita e rara. — A notícia ainda não foi confirmada, mas parece que não há dúvida.

— Foram os *sikhs*? Foi por causa da operação Estrela Azul?

— Sim, Lin. Como você sabia?

— Quando ela mandou invadir o Templo Dourado para pegar Bhindranwale, eu tive a impressão de que aquilo não ia acabar bem.

— O que aconteceu? Foi a KLF?<sup>1</sup> — perguntou Vikram. — Foi uma bomba?

— Não — Didier respondeu, muito sério. — Dizem que foi um dos seus guarda-costas, um dos guarda-costas *sikhs*.

— O próprio *guarda-costas*, droga! — Vikram espantou-se. A boca se abriu e

o olhar vagou perdido na onda de seus pensamentos. — Amigos, eu volto em um minuto. Ouviram aquilo? Estão falando do assunto no rádio, ali no balcão. Vou ouvir e já volto.

Ele correu até o balcão apinhado, onde quinze ou vinte homens se amontoavam para ouvir, com os braços em volta dos ombros um dos outros, enquanto um locutor quase histérico revelava em hindí os detalhes do assassinato. Vikram poderia ter ouvido toda a transmissão de sua cadeira, na mesa — o volume estava no máximo e ouvimos tudo. Foi outra coisa que o levou ao balcão apinhado: uma sensação de solidariedade e companheirismo. Uma necessidade de *sentir* a notícia espantosa através do contato com seus compatriotas, enquanto ouvia tudo.

— Vamos beber — sugeri.

— Sim, Lin — respondeu Didier, fazendo biquinho com o lábio inferior e um gesto com a mão para dispensar um assunto tão perturbador. O gesto não teve efeito. A cabeça pendeu para a frente e ele fitou a mesa diante dele com olhar vazio. — Não posso acreditar. Simplesmente, não dá para acreditar. *Indira Gandhi, morta...* É quase impensável. É quase impossível acreditar que isso seja verdade, Lin. É... você sabe... impossível.

Fiz o pedido para Didier e deixei que meus pensamentos vagassem enquanto ouvíamos os guinchos de lamento do locutor da rádio. De modo bem egoísta, pensei em primeiro lugar no que o assassinato poderia significar para a minha segurança pessoal, depois pensei no efeito sobre as taxas de câmbio no mercado negro. Meses antes, Indira Gandhi havia autorizado uma incursão militar no santuário sagrado dos *sikhs*, o Templo Dourado, em Amritsar. Seu objetivo era expulsar um grupo numeroso e bem armado de militantes *sikhs* que havia entrado ali e se abrigado sob a liderança de um separatista atraente e carismático chamado Bhindranwale. Usando o templo como base, os militantes deslançaram, durante muitas semanas, uma série de atentados contra hindus e contra os que os acusavam de serem *radicais*. Indira Gandhi, às vésperas de uma eleição geral disputadíssima, tinha se preocupado em não parecer fraca e indecisa, caso não agisse. Escolheu a opção que muitos julgavam ser a pior entre as poucas de que dispunha. Mandou um exército enfrentar os rebeldes *sikhs*.

A operação militar para expulsar os militantes do Templo Dourado ficou conhecida como Operação Estrela Azul. Os seguidores de Bhindranwale, que se viam como libertadores e mártires da causa *sikh*, resistiram ao exército de modo imprudente e desesperado. Mais de seiscentas vidas se perderam e muitas centenas de pessoas ficaram feridas. No final, o conjunto do Templo Dourado foi esvaziado, e Indira pareceu tudo, menos indecisa e fraca. Atingiu o objetivo de apaziguar a massa de eleitores hindus, mas a luta separatista *sikh*, chamada de *Khalistan*, ganhou novos mártires. E pelo mundo inteiro havia corações *sikhs* determinados a vingar a invasão sangrenta e profana do mais sagrado de seus santuários.

O rádio no balcão não deu mais detalhes, mas a voz embargada do locutor comunicava o assassinato. Poucos meses depois da Estrela Azul, um dos seguranças *sikhs* da própria Indira a matara. Saíra de cena a mulher que alguns

consideravam despótica, que muitos outros tratavam como mãe do país, e cujo grau de identificação com a nação a tornava indistinguível de seu passado e seu destino. Ela estava morta.

Eu precisava pensar. Tinha que calcular o perigo. As forças de segurança por todo o país entrariam em estado de alerta máximo. Haveria desdobramentos — tumultos, assassinatos, saques, incêndios —, em represália ao assassinato, que atingiriam as comunidades *sikhs*. Eu sabia disso. Todo mundo na Índia sabia. No rádio, o locutor falava sobre o envio de tropas para Délhi e Punjab com o objetivo de conter os distúrbios já esperados. A tensão me traria novos perigos, pois eu era um homem procurado, que trabalhava para a máfia e morava no país com um visto vencido. Por alguns instantes, sentado ali enquanto Didier bebericava seu drinque, enquanto os homens no restaurante se esforçavam para fazer silêncio, e o céu do crepúsculo tingia nossa pele com um tom rosa dourado, meu coração bateu com medo. *Fuja*, meus pensamentos sussurravam. *Fuja enquanto você pode. É sua última chance...*

Mas mesmo então, enquanto formulei com clareza a ideia de fugir da cidade, senti que relaxava e era tomado por uma calma densa e fatalista. Eu não deixaria Bombaim. Eu não podia deixar Bombaim. Estava tão certo daquilo quanto de qualquer outra coisa sobre a minha vida. Havia a questão com Khaderbhai: minha dívida financeira com ele fora deduzida do dinheiro que ganhei com meu trabalho com Khaled, mas havia uma dívida moral ainda mais difícil de pagar. Eu lhe devia minha vida e nós dois sabíamos disso. Ele me abraçara quando deixei a prisão e, chorando por causa do meu estado lastimável, prometeu-me que, enquanto eu permanecesse em Bombaim, estaria sob sua proteção pessoal. Nada parecido com Arthur Road voltaria a acontecer comigo. Ele me entregou uma medalha de ouro com o símbolo *aum* hindu unido a uma lua crescente e a uma estrela dos muçulmanos, que passei a usar no pescoço, preso a uma corrente de prata. O nome de Khaderbhai estava escrito atrás dela em urdu, hindí e inglês. Caso eu tivesse problemas, deveria mostrar a medalha e pedir que entrassem em contato com ele imediatamente. Aquela proteção me pareceu precária, mas era melhor do que qualquer coisa que eu conhecesse desde o início do meu exílio. Seu pedido para que eu trabalhasse para ele, a dívida que eu tinha com ele e a segurança de ser um dos homens de Khader, tudo isso me mantinha na cidade.

E havia Karla. Ela desaparecera enquanto eu estava na prisão e ninguém sabia para onde fora. Eu não tinha a menor ideia de onde começar a procurá-la. Mas ela amava Bombaim. Eu sabia disso. Parecia-me razoável esperar que retornasse. E eu a amava. Eu sofria — emoção que, naqueles meses, era mais intensa até do que meu amor — ao imaginar que ela deveria estar pensando que eu a abandonara. Que tinha conseguido o que queria quando fizemos amor e então simplesmente a dispensara. Eu não poderia sair do lugar sem vê-la mais uma vez e explicar-lhe o que acontecera naquela noite. Por isso eu permanecia ali, na cidade, a um minuto de caminhada da esquina onde nos conhecemos, à espera do seu retorno.

Dei uma olhada no restaurante, menos barulhento que de costume, e

encontrei o olhar de Vikram. Ele sorriu para mim, sacudiu a cabeça. Era um sorriso decepcionado, e os olhos estavam vermelhos com lágrimas não choradas. Mas ainda sorria para me confortar, me dar segurança e me incluir em seu sofrimento estupefocado. E com aquele sorriso, eu subitamente soube que havia mais uma coisa que me mantinha ali. No final, percebi que era o coração indiano do qual Vikram falara — *a terra onde o coração é o rei*. Era o que me mantinha ali quando tantas intuições me aconselhavam a partir. E o coração, para mim, era a cidade. Bombaim me seduzira. Eu estava apaixonado por ela. Havia uma parte de mim inventada por este lugar, que só existia porque eu morava ali, como um *Mumbaiker*, um morador de Bombaim.

— Foi uma tremenda cagada, *yaar* — balbuciou Vikram, quando voltou a se juntar a nós. — Vai haver muito derramamento de sangue por causa disso. No rádio, estão dizendo que bandos do Partido do Congresso estão batendo de casa em casa em Délhi, provocando os *sikhs*.

Ficamos em silêncio, os três, perdidos em especulações e preocupações. Então Didier falou.

— Acho que tenho uma pista para você — disse baixinho, empurrando-nos de volta ao momento presente.

— Sobre a cadeia?

— *Oui*.

— Manda.

— Não é muita coisa. Não acrescenta muito ao que você já sabe... que foi uma pessoa com algum poder, fato que seu patrão Abdel Khader já lhe contou.

— Seja lá o que for, Didier, é mais do que eu tenho no momento.

— Como quiser. Tem... um conhecido meu... que precisa visitar a delegacia de Colaba diariamente. Nós nos encontramos hoje, mais cedo, e ele mencionou o estrangeiro que esteve no xadrez alguns meses antes. O nome que ele usou foi *Mordida de Tigre*. Não faço ideia do que você fez para merecer esse apelido, Lin, mas tenho a impressão de que não é uma história muito lisonjeira, *non?* *Alors*, ele me contou que *Mordida de Tigre*, você, foi traído por uma mulher.

— Ele deu algum nome?

— Não. Perguntei a ele, mas ele disse que não sabia quem era. Disse que era jovem e muito bonita, mas pode ter inventado tais detalhes.

— Esse seu *conhecido* é confiável?

Didier cerrou os lábios e depois bufou.

— Ele é confiável quando se trata de mentir, trapacear e roubar. É até onde vai sua credibilidade, sinto muito, mas nesses assuntos ele é totalmente confiável. Mas, no seu caso, acho que ele não tem por que mentir. Acho que você foi vítima de uma mulher, Lin.

— Então somos dois, *yaar*. Você e eu, irmão — Vikram interrompeu. Ele acabou a cerveja e acendeu a cigarrilha que fumava principalmente por ser uma espécie de acessório a sua vestimenta.

— Tem três meses que você sai com Letitia — observou Didier. A testa estava franzida em sinal de irritação e pouca boa vontade. — Qual é o seu problema?

— Você que deve *me* dizer! Vou com ela a todos os lugares e ainda não consegui marcar um gol. Para falar a verdade, ainda não deu sequer para entrar em campo. Foda-se o campo, *yaar*, ainda não consegui chegar sequer ao bairro dela. Essa mulher está acabando comigo. Este *amor* está acabando comigo. Ela está dando uma de durona. E, meu irmão, quem anda duro sou eu, mas não consigo nada com isso. Juro, estou a ponto de *explodir*!

— Sabe de uma coisa, Vikram? — disse Didier, mais uma vez com olhos brilhando de astúcia e bom humor. — Tenho uma estratégia que deve funcionar com você.

— Didier, cara, eu tento qualquer coisa. Do jeito que as coisas estão, com essa história com a Indira, topo qualquer parada. Sabe lá onde estaremos amanhã, *na*?

— Sim, bem, *attention*! Este plano envolve grande ousadia, planejamento cuidadoso e *timing* perfeito. Qualquer descuido pode lhe custar a vida.

— A vida? Minha *vida*?

— Isso. Não pode haver erros. Mas, se você conseguir, acho que vai conquistar o coração dela para sempre. E aí, como dizem por aqui, você está *a fim* de experimentar?

— Sou o filho da mãe mais *a fim* de todo o maldito bar, *yaar*. Conte tudo!

— Acho melhor eu me mandar agora, para não atrapalhar a conversa de vocês — interrompi, levantando-me e apertando as mãos dos dois. — Obrigado pela dica, Didier. Agradeço muito. E uma dica para você, Vikram: seja lá o que for que planeja experimentar com a Lettie, esqueça a expressão *inglesa de peitinhos tesudos*. Toda vez que você diz isso ela se contorce como se você tivesse acabado de estrangular um filhote de coelho.

— Você acha mesmo? — perguntou, completamente atônito.

— Acho.

— Mas é uma das minhas melhores falas, *yaar*. Na Dinamarca...

— Você não está mais na Dinamarca, Toto.

— Tudo bem, Lin — admitiu ele, rindo. — Escute, quando você descobrir o que aconteceu com o negócio da prisão... Quer dizer, quando você descobrir quem foi o filho da puta que mandou você para lá e... Bem, se precisar de ajuda, conte comigo, tá?

— Claro — respondi, apreciando a boa troca de olhares. — Não esquento.

Paguei a conta e fui embora, caminhando pela Causeway até o trevo do Regal Cinema. A noite chegava, um dos três melhores momentos do dia em Bombaim. O início da manhã, antes do calor, e o final da noite, depois do calor, são especiais, com prazeres especiais, mas são momentos de tranquilidade, com pouca gente. O anoitecer leva as pessoas para as janelas, as sacadas e as portas. Atrai multidões para as ruas. O anoitecer é uma tenda azul-escura para o circo da cidade, e as famílias levam as crianças para as atrações que acontecem em cada esquina e cruzamento. E o crepúsculo é companheiro dos jovens enamorados: o último instante de luz antes que a noite chegue e roube a inocência de seus passeios demorados. Não há hora, no dia ou na noite, em que haja mais

gente nas ruas de Bombaim, e nenhuma luz é tão generosa com o rosto humano quanto a do anoitecer em minha Mumbai.

Caminhei em meio às multidões noturnas, adorando os rostos, os perfumes da pele e dos cabelos, as cores das roupas e as cadências das palavras que me cercavam. Mas eu estava sozinho demais com meu amor pela noite na cidade. E, enquanto isso, um tubarão negro, de dúvida, ódio e suspeita, fazia círculos lentos no oceano dos meus pensamentos. *Uma mulher me traiu. Uma mulher. Uma mulher jovem e muito bonita...*

Uma buzina insistente chamou minha atenção, e vi que Prabaker acenava para mim de dentro de seu táxi. Entrei no carro e pedi que ele me levasse para meu encontro noturno com Khaled, perto da praia de Chowpatty. Uma das primeiras coisas que fiz com o dinheiro que ganhei a serviço de Khaderbhai foi comprar uma licença para que Prabaker dirigisse um táxi. O preço da licença sempre foi proibitivo para ele, mesmo com seu pequeno talento para economizar. Ele dirigia o táxi do primo Shantu ocasionalmente, mesmo sem o documento necessário, mas corria grandes riscos ao fazê-lo. Com a licença, ele poderia procurar qualquer um dos donos das frotas que contratavam motoristas devidamente habilitados.

Prabaker era honesto e muito trabalhador. Mais importante do que isso, era também o homem mais adorável que alguém poderia conhecer. Mesmo os donos das grandes frotas de táxi não eram imunes ao seu charme contagiante. Em pouco menos de um mês, ele conseguiu ficar com um carro em regime semipermanente e cuidava do veículo como se fosse seu. Montou no painel um templo em honra da deusa da riqueza, Lakshmi. A imagem em dourado, rosa e verde se iluminava com uma expressão feroz toda vez que ele pisava no freio, graças a lâmpadas colocadas nos olhos vermelhos da deusa. De tempos em tempos, ele estendia a mão, em um gesto estudado de *showman*, para apertar um tubo de borracha que ficava na base da imagem. Através do que parecia ser uma válvula no umbigo da deusa saía um jato com uma forte e perturbadora mistura de perfumes químicos, borrifando a camisa e as calças do passageiro. Depois de cada aperto, ele lustrava com ar reflexivo o distintivo de motorista de táxi que usava com orgulho ostensivo. Na cidade inteira, havia apenas uma coisa que rivalizava com a afeição que ele sentia pelo Fiat preto e amarelo.

— Parvati. Parvati. Parvati... — disse ele, enquanto acelerávamos pela estação Churchgate, na direção da Marine Drive. Ele estava inebriado pela música do nome dela. — Eu a amo *demais*, Lin! Quando um sentimento terrível deixa a gente feliz, é amor? Quando a gente se preocupa com uma garota mais do que com seu táxi? É amor, não é? É um *grande* amor, não é? Meu *Deus!* Parvati. Parvati. Parvati...

— É amor, Prabu.

— E Johnny tem amor demais por Sita, a irmã da minha Parvati. Amor *demais*.

— Estou feliz por você. E por Johnny. Ele é um bom homem. Vocês dois são bons homens.

— Ah, *sim!* — concordou Prabaker, estapeando a buzina algumas vezes para

dar ênfase. — Somos bons sujeitos! E esta noite vamos sair para um encontro triplo com as irmãs. Vai ser divertido *demais*.

— Tem mais *outra* irmã?

— Outra?

— É, você falou em encontro triplo. São três irmãs? Pensei que fossem apenas duas.

— Isso, Lin, com toda a certeza, só duas irmãs.

— Não seria então um encontro *duplo*?

— Não, Lin. Parvati e Sita sempre levam a mamãe, a esposa de Kumar, a senhora Patak. As meninas sentam numa ponta, e a senhora Nandita Patak senta no meio e Johnny Cigar fica comigo, sentado na outra ponta. É um encontro triplo.

— Parece... um bocado... divertido.

— Isso, divertido! Claro que é divertido! Divertidíssimo! E, quando oferecemos comidas e bebidas para a senhora Patak, podemos olhar as meninas e elas também podem nos olhar. É o nosso programa. É assim que sorrimos para as meninas e piscamos os olhos para elas. Temos sorte com o apetite voraz da senhora Patak, que é capaz de comer sem parar, durante três horas, no cinema. Então há muita comida passando de um lado para o outro e muitas chances de olhar as meninas. E, graças a Deus, é impossível encher a barriga da senhora Patak durante um filme só.

— Ei, devagar... Aquilo ali parece... um arrastão.

Uma multidão, centenas, milhares de pessoas dobravam a esquina e entravam na larga Marine Drive, uns trezentos metros à nossa frente. Avançavam em nossa direção, fechando toda a rua.

— Não é um arrastão, Linbaba — respondeu Prabaker, parando o táxi. — *Tumulto nahim, morcha hain. Não é um arrastão, é um protesto.*

Era evidente que as pessoas estavam enfurecidas. Homens e mulheres sacudiam os punhos ritmadamente, repetindo refrões raivosos. Rostos angustiados sobre pescoços e ombros enrijecidos pela ira. Falavam sobre Indira Gandhi, sobre vingança, sobre os infortúnios que queriam para os *sikhs*. Fiquei tenso quando se aproximaram de nós, mas a torrente humana se abriu para dar passagem ao táxi, passou à nossa volta e seguiu sem nem sequer raspar a manga de uma camisa contra a lateral do carro. Apesar disso, os olhos que nos contemplaram estavam cheios de ódio e crueldade, e eu sabia que, se fosse um *sikh*, se estivesse usando um turbante *sikh* ou uma echarpe *sardarji*, a porta teria sido arrombada.

Enquanto a multidão passava e a rua se esvaziava à nossa frente, virei-me e vi que Prabaker enxugava as lágrimas. Revirou o bolso em busca de um lenço, até tirar um pano imenso, em xadrez vermelho, que usou para passar nos olhos.

— É uma situação muito triste, Linbaba — fungou ele. — É o fim para *Ela*. O que vai acontecer com a nossa Índia agora, sem *Ela*? Eu me pergunto e não consigo encontrar respostas.

*Ela* era uma das palavras mais usadas para se falar de Indira: jornalistas, camponeses, políticos e agentes do mercado negro se referiam a Indira como

*Ela.*

— Sim. Vai ser um caos, Prabu.

Ele parecia tão perturbado que fiquei ali em silêncio durante um tempo, contemplando o mar escuro pela janela. Quando me voltei novamente, vi que estava orando com a cabeça curvada para a frente e as mãos postas na base do volante. Observei seus lábios se mexerem e sussurrarem uma prece, e então ele abriu as mãos, virou a cabeça e sorriu para mim. As sobrancelhas subiram e desceram duas vezes enquanto ele mantinha o sorriso.

— E então, Lin, que tal um pouco de perfume sexy na sua excelentíssima pessoa? — perguntou ele, esticando-se para apertar o bulbo sob a deusa Lakshmi de plástico, no painel do táxi.

— *Não!* — gritei, tentando impedi-lo.

Tarde demais. Ele apertou e um jato vertiginoso de mistura química enjoativa jorrou da barriga da deusa em direção à minha calça e à minha camisa.

— E agora — sorriu ele, ligando o motor e voltando a andar pela Marine Drive — estamos prontos para voltar a viver! Somos sujeitos de sorte, não somos?

— Claro — resmunguei, lutando para respirar o ar puro pela janela. Minutos mais tarde, aproximamo-nos do estacionamento onde eu havia combinado me encontrar com Khaled. — Você pode me deixar bem aqui, Prabu. Vou ficar perto daquela árvore grande.

Ele estacionou ao lado de uma alta tamareira e eu saltei. Discutimos por causa do pagamento da corrida. Prabaker recusou o dinheiro e insisti para que aceitasse. Sugeri um acordo. Ele levaria o dinheiro e usaria para comprar um perfume novo para a deusa de plástico.

— Ah, *sim*, Linbaba! — exclamou ele, finalmente aceitando o dinheiro. — Boa ideia! Estava mesmo pensando que o perfume está quase acabando e é tão caro que eu não queria comprar mais um galão. Agora posso comprar um vidro grande, um vidro grande e novo, e vou poder encher minha Lakshmi durante semanas! Muito obrigado!

— De nada — respondi, rindo mesmo sem querer. — Boa sorte com o encontro triplo.

Ele afastou o carro do acostamento e mergulhou no fluxo do trânsito. Ouvi a buzina tocar uma despedida musical, até que ele finalmente desapareceu.

Khaled Ansari esperava por mim em nosso táxi fretado, a cinquenta metros. Estava no banco traseiro, com as duas portas abertas para pegar uma brisa. Eu não estava atrasado e ele não poderia ter esperado mais do que quinze ou vinte minutos, mas já havia dez guimbas de cigarro no chão, ao lado da porta aberta do táxi. Cada uma delas, eu sabia, era um inimigo esmagado sob seu calcanhar, um desejo violento, uma fantasia brutal do sofrimento que ele infligiria, algum dia, aos que odiava.

E havia muitos, muitos, a quem odiava. Muitíssimos. As imagens da violência que enchiam sua cabeça eram tão reais, ele me dissera, que às vezes ficava enjoado. A raiva era uma dor em seus ossos. O ódio o fazia cerrar as mandíbulas

e ranger os dentes de fúria. O gosto sempre era amargo, dia e noite, todos os minutos em que vivia, tão amargo quanto o gosto da faca escura que ele prendera entre os dentes como guerrilheiro do Fattah, ao se arrastar pelo chão pedregoso em direção à primeira vítima.

— Isso vai matá-lo, Khaled, você sabe disso.

— Então eu fumo demais. E daí? Quem quer viver para sempre?

— Não estou falando dos cigarros, mas do que se passa dentro de você que o faz fumar um atrás do outro. Estou falando do que você faz a si mesmo quando odeia o mundo. Alguém me disse uma vez que, se a gente transformar o coração em arma, acaba sempre usando essa arma contra si mesmo.

— Olha só quem está me dando uma lição, irmão — disse ele. E riu, uma risada miúda. Uma risada triste. — Você não é exatamente o babaca do Papai Noel, Lin.

— Sabe, Khader me falou... de Shatila.

— O que ele lhe disse?

— Que... você perdeu sua família lá. Deve ter sido muito difícil.

— Como você pode saber? — questionou.

Não era uma pergunta ofensiva e não foi feita de forma agressiva, mas havia tanto sofrimento nela, tanta dor, que não pude ignorar.

— Sei o que aconteceu em Sabra e Shatila, Khaled. Sempre me interessei por política. Estava foragido na época em que aconteceu, mas acompanhei as notícias todos os dias, durante meses. Foi... de cortar o coração.

— Eu me apaixonei por uma garota judia, sabe? — Khaled perguntou. Eu não respondi. — Ela era... era uma menina linda, inteligente e talvez, não sei, seja o ser humano mais bonito que conheci na vida. Foi em Nova York. Estudávamos juntos. Os pais eram judeus progressistas. Apoiavam Israel, mas eram contra a ocupação dos territórios. Eu estava com aquela menina, fazendo amor com ela, na noite em que meu pai morreu em uma prisão israelense.

— Você não pode se culpar por ter se apaixonado, Khaled. E não pode se culpar pelo que outras pessoas fizeram a seu pai.

— Claro que posso — disse ele, dando aquele sorriso miúdo e triste. — De qualquer maneira, voltei para casa e cheguei bem a tempo para a Guerra de Outubro, a que os israelenses chamam de Guerra do Yom Kippur. Fomos arrasados. Consegui chegar à Tunísia e fui para um campo de treinamento. Comecei a lutar e continuei lutando até Beirute. Quando os israelenses invadiram, nós resistimos em Shatila. Toda a minha família estava lá e muitos dos meus vizinhos dos velhos tempos. Todos eles, todos nós éramos refugiados, sem ter para onde ir.

— Você foi expulso, com os outros guerrilheiros?

— Fui. Eles não conseguiram nos derrotar, então negociamos uma trégua. Deixamos os campos com nossas armas, sabe, para mostrar que não tínhamos sido vencidos. Marchamos como soldados e houve muitos tiros para o ar. Alguns morreram só por estarem nos olhando. Foi esquisito, como um desfile ou um tipo esquisito de celebração, sabe? Então, quando fomos embora, eles romperam todas as promessas e enviaram a Falange para os campos. Mataram os velhos, as mulheres, as crianças. Todos morreram. Toda a minha família. Todos que deixei

para trás. Nem sei onde estão seus corpos. Eles os esconderam porque sabiam que era um crime de guerra. Você acha... Você acha que devo *parar de pensar nisso*, Lin?

Estávamos diante do mar, em um estacionamento no topo da subida íngreme sobre a Marine Drive, olhando uma parte da praia de Chowpatty. Lá embaixo, a primeira leva de famílias, casais e rapazes que saíam para dar uma volta noturna tentava a sorte no jogo de dardos ou atirava em balões presos em alvos. Os vendedores de sorvete gritavam de suas bancas extravagantes, como aves-do-paraíso em busca de parceiros.

O ódio que envolvia o coração de Khaled era nosso único ponto de discórdia. Foi criado entre amigos judeus. Melbourne, a cidade onde passei a infância e a adolescência, tinha uma grande comunidade judaica, com muitos sobreviventes do Holocausto e seus filhos. Minha mãe era um importante quadro dos círculos socialistas fabianos e havia atraído intelectuais de esquerda das comunidades grega, chinesa, alemã e judaica. Muitos dos meus amigos estudaram no Mt. Scopus, um colégio judaico. Cresci com aqueles meninos, lendo os mesmos livros, curtindo os mesmos filmes e a mesma música, participando de manifestações de apoio às mesmas causas. Alguns daqueles amigos estavam entre os poucos que me deram apoio quando minha vida implodiu em agonia e vergonha. De fato, foi um amigo judeu quem me ajudara a sair da Austrália depois que fugi da prisão. Eu respeitava, admirava e amava todos aqueles amigos. E Khaled odiava todos os israelenses e todos os judeus do mundo.

— Seria como se eu odiasse *todos* os indianos só porque *alguns* deles me torturaram em uma prisão indiana — disse eu, baixinho.

— Não é a mesma coisa.

— Não estou dizendo que é a mesma coisa. Estou tentando... Olha, quando me acorrentaram na parede, lá em Arthur Road, e foram para cima de mim, aquilo durou horas. Depois de um tempo, eu só conseguia sentir o cheiro e o gosto do meu próprio sangue. Tudo o que eu ouvia era o *lathis* me rasgando.

— Eu sei, Lin...

— Não, deixe-me continuar. Houve um minuto, bem no meio daquilo tudo, que foi... tão esquisito... Foi como se eu estivesse flutuando fora de mim, olhando meu próprio corpo lá embaixo, e eles, observando tudo que se passava. E... tive uma sensação tão confusa... uma *compreensão* muito estranha mesmo... sobre tudo que acontecia. Eu sabia *quem* eles eram, *o que* faziam e *por que* faziam. Sabia de tudo perfeitamente bem e então percebi que tinha duas opções: odiá-los ou perdoá-los. E... não sei por quê, nem como, estava completamente claro para mim que eu precisava perdoá-los. Tinha que perdoá-los se quisesse sobreviver. Sei que parece loucura...

— Não parece loucura — disse ele categórico, quase como se estivesse arrependido.

— Para mim, parece loucura. Não consegui ainda... entender direito. Mas foi exatamente isso o que aconteceu. E eu os perdoei. De verdade. E tenho certeza, de alguma forma, que foi *por isso* que eu sobrevivi. Não é que tenha deixado de odiar; que merda, se tivesse me libertado e arranjado uma arma, eu

provavelmente teria matado todo mundo. Ou talvez não. Não sei. Mas o que importa é que eu os *perdoei* ali, naquele momento, no meio de tudo. E tenho certeza de que, se não tivesse feito isso, se tivesse simplesmente odiado, eu não teria sobrevivido até Khader me livrar. Não teria resistido. O ódio teria me matado.

— Ainda assim, não é o que acontece comigo, Lin. Eu compreendo o que você diz, mas os israelenses fizeram mais do que isso. De qualquer maneira, se eu *estivesse* em uma prisão indiana e eles *fizessem comigo* o que fizeram com *ocê*, eu *odiaría* os indianos para sempre. Odiaria todos eles.

— Mas eu não os odeio. Eu os amo. Amo este país. Amo esta cidade.

— Você não pode dizer que não quer vingança, Lin.

— Eu quero me vingar. Você está certo. Preferiria não querer. Gostaria de ser melhor do que sou. Mas quero apenas me vingar de uma pessoa, aquela que armou para cima de mim, e não me vingar de todo o seu país.

— Bem, somos pessoas diferentes — disse ele sem rodeios, com olhos fixos nas chamas da refinaria de petróleo na costa. — Você não compreende. Não *pode* compreender.

— Eu compreendo que o ódio vai matá-lo, Khaled, se você não se livrar dele.

— Não, Lin — respondeu-me, virando-se para me olhar na luz fraca do táxi. Os olhos reluziam e havia um sorriso torto grudado em seu rosto marcado. Era uma expressão parecida com a que Vikram tinha quando falava de Lettie, ou com o rosto de Prabaker ao falar de Parvati. Era o tipo de expressão que alguns homens assumem quando falam de sua experiência com Deus.

— Meu ódio me salvou — disse mansamente, mas com um entusiasmo cheio de nervosismo e ardor. As vogais americanas arredondadas se misturavam aos sons da língua árabe, soprados e aspirados, em uma voz que era alguma coisa entre Omar Sharif e Nicolas Cage. Em outra época, outro lugar, outra vida, Khaled lia poesia em voz alta, em árabe e inglês, fazendo sua plateia rir e chorar. — O ódio é uma coisa muito resistente, você sabe. O ódio é um sobrevivente. Tive de escondê-lo por muito tempo. As pessoas não aguentavam. Ficavam assustadas. Por isso expulsei-o. O estranho é que fui um refugiado por tantos anos, ainda sou, e meu ódio era um refugiado igualzinho a mim. Meu ódio estava fora de mim. Minha família, foram todos mortos... estuprados, massacrados... E eu matei homens... atirei neles... cortei suas gargantas... E meu ódio sobreviveu lá fora. Tornou-se mais forte, mais resistente. E então, um dia acordei trabalhando para Khader, com dinheiro e poder, e pude sentir o ódio voltando para dentro de mim. Está bem aqui agora, onde deve permanecer. E estou feliz. Gosto disso. Preciso disso, Lin. É mais forte do que eu. É mais corajoso do que eu. Meu ódio é meu herói.

Ele manteve um olhar fanático por um momento e então se voltou para o motorista, que cochilava no banco da frente.

— *Challo, bhai!* — disparou ele. *Vamos, irmão!*

Um minuto depois ele rompeu o silêncio com uma pergunta.

— Você ouviu o que aconteceu com Indira?

— Sim. Pelo rádio, no Leopold.

— Os homens de Khader em Délhi ficaram sabendo dos detalhes. A verdade. Ligaram para nos contar pouco antes de eu sair para me encontrar com você. Foi bastante violenta a forma como ela morreu.

— É mesmo? — respondi, ainda pensando no hino ao ódio de Khaled. Eu não estava muito a fim de conhecer os detalhes do assassinato de Indira, mas estava feliz por ele ter mudado de assunto.

— Hoje, às nove da manhã, ela se dirigiu a um portão de segurança da sua casa, a residência do primeiro-ministro. Juntou as mãos para cumprimentar os dois guarda-costas *sikhs* que estavam no portão. Ela conhecia aqueles caras. Só estavam ali a serviço porque ela fez questão. Depois do Templo Dourado, depois da Estrela Azul, aconselharam-na a não manter *sikhs* na sua guarda pessoal. Mas ela insistiu, porque não conseguia acreditar que seus fiéis guardas se voltariam contra ela. Não conseguia entender... quanto ódio despertou neles ao ordenar que o exército atacasse o Templo Dourado. De qualquer maneira, ela juntou as mãos em uma saudação, sorriu e disse: *Namaste*. Um dos guarda-costas pegou a arma de serviço, um 38, e deu três tiros. Atingiu bem nas tripas, no abdome. Ela se encolheu no caminho. O segundo apontou sua Sten e descarregou. Trinta vezes. É uma arma antiga, a Sten, mas faz um estrago à queima-roupa. Pelo menos sete balas atingiram a barriga, três se alojaram no peito e uma atravessou o coração.

Ficamos em silêncio por um tempo. Fui o primeiro a falar.

— E como você acha que o câmbio vai reagir?

— Acho que vai ser bom para os negócios — afirmou ele, sem emoção. — Desde que a sucessão fique clara, como é o caso, com Rajiv, um assassinato é sempre bom para os negócios.

— Mas vai haver confusão. Alguns grupos já estão se organizando para perseguir os *sikhs*. Eu vi uma manifestação no caminho para cá.

— É, eu também vi — disse, virando-se para mim. Seus olhos estavam escuros, quase negros, reluzindo com a veemência de sua dureza deliberada. — Mesmo assim, vai ser bom para os negócios. Quanto mais tumultos, mais mortes, maior a demanda por dólares. Vamos elevar a cotação amanhã de manhã.

— As ruas vão ficar congestionadas. Se houver manifestações ou tumultos, não vai ser fácil andar por aí.

— Vou pegá-lo em casa às sete horas, e vamos direto para o Rajubhai — disse ele, referindo-se à sala de contagem de dinheiro do mercado negro, localizada na área do Fort, e a Raju, o homem que a comandava. — Não vão me impedir. Meu carro consegue passar. O que você vai fazer agora?

— Agora... depois de terminarmos a coleta?

— Isso. Você está com tempo?

— Claro. O que quer que eu faça?

— Deixe-me descer e fique com o carro — disse ele, encostando-se no assento e permitindo que o rosto e o corpo desmornassem em um suspiro de exaustão ou tristeza. — Faça uma ronda e fale com os rapazes. Diga-lhes para ir amanhã, bem cedo, para o Rajubhai. Fale com o maior número deles e os deixe de sobreaviso. Se a coisa ficar mesmo preta, vamos precisar de todo mundo.

— Tudo bem. Vou cuidar disso. Você precisa dormir, Khaled. Parece

cansado.

— Acho que vou mesmo — sorriu ele. — Não vamos ter muito tempo para dormir nos próximos dias.

Ele fechou os olhos por um momento e permitiu que a cabeça seguisse os movimentos do carro. Subitamente, ficou alerta, sentado bem ereto, farejando o ar a sua volta.

— Que diabo de *cheiro* é esse, cara? É alguma espécie de loção pós-barba ou o quê? Já fui atacado com um gás lacrimogêneo que cheirava melhor do que isso!

— Não me pergunte — respondi, segurando o riso entre os dentes e esfregando a mancha do perfume de Prabaker na frente da minha camisa. Khaled riu e voltou o olhar para a escuridão sem estrelas, onde a noite encontra o mar.

Mais cedo ou mais tarde, o destino nos coloca ao lado de pessoas que mostram, uma a uma, tudo o que nós poderíamos nos tornar, mas não deveríamos. Mais cedo ou mais tarde, conhecemos o beberrão, o perdulário, o traidor, a mente cruel e o coração cheio de ódio. Mas o destino é quem joga os dados, é claro, porque normalmente nos pegamos amando ou sentindo pena de quase todas aquelas pessoas. E é impossível desprezar alguém de quem sentimos pena ou ignorar alguém que amamos de verdade. Sentei-me ao lado de Khaled na escuridão, enquanto o táxi nos conduzia ao negócio do crime. Sentei-me a seu lado no turbilhão de sombras coloridas, amando a honestidade e a dureza dele e me apiedando dos ódios que o enfraqueciam e que mentiam para ele. E seu rosto, às vezes refletido pela noite que enchia a janela, estava embebido pelo destino e tão radiante quanto os semblantes que vemos em pinturas de santos condenados, coroados com auréolas.

---

1 Khalistan Liberation Force. (*N. do E.*)

— AONDE QUER QUE VOCÊ VÁ neste mundo, em qualquer sociedade, quando se trata de justiça, é sempre a mesma coisa — me falou lorde Abdel Khader Khan, meu patrão da máfia e padrinho quando completei seis meses de serviço. — Nós concentramos as leis, as investigações, os julgamentos e as punições em quanto de crime há no pecado, em vez de considerar o quinhão de pecado que existe no crime.

Estávamos sentados no movimentado, causticante e maravilhosamente perfumado restaurante Saurabh, na região da doca Sassoon. O Saurabh servia o que muita gente considerava o melhor *masala dhosa*<sup>1</sup> de Bombaim, uma cidade em que cinco mil restaurantes disputavam tal honra. Apesar da distinção, ou talvez por isso mesmo, o Saurabh era pequeno e relativamente desconhecido. Seu nome não aparecia em nenhum guia turístico, nem nas colunas de gastronomia dos jornais diários. Era um restaurante de trabalhadores e vivia cheio, da manhã à noite, de homens e mulheres que o adoravam e que guardavam segredo. Dessa forma, as refeições eram baratas, e a decoração, mínima e funcional. Apesar disso, o restaurante era limpíssimo e as espetaculares velas barrocas de *dhosas* crocantes, levadas às mesas pelos garçons contratados por turnos, abrigavam as mais deliciosas combinações de temperos que se podia encontrar em qualquer prato, em qualquer lugar da cidade.

— Para mim — prosseguiu ele enquanto comíamos —, o oposto é verdadeiro. A coisa mais importante é o quinhão de pecado que há no crime. Você acabou de me perguntar por que não ganhamos dinheiro com prostituição e drogas, como os outros conselhos, e digo a você que é por causa do pecado que há nesses crimes. É por *essa* razão que não vou vender crianças, mulheres, pornografia ou drogas. É por *essa* razão que não permito esses negócios nas minhas áreas. Em todas essas coisas, o pecado do crime é tão grande que um homem precisa abrir mão de sua alma para lucrar. E, se um homem abre mão de sua alma, se ele se torna um desalmado, vai ser preciso um milagre para que ele a recupere.

— Você acredita em milagres?

— Claro que sim. Em nossos corações, todos nós acreditamos em milagres.

— Sinto muito, mas *eu* não acredito — afirmei sorridente.

— Tenho certeza de que *acredita* — insistiu ele. — Você não diria que seu resgate da prisão de Arthur Road foi um milagre, por exemplo?

— Na época me *pareceu* um milagre, tenho que admitir.

— E quando você fugiu da prisão em seu país, a Austrália... Também não foi algo milagroso? — perguntou ele baixinho.

Era a primeira vez que ele mencionava a fuga. Eu tinha certeza de que ele sabia, é claro, e de que pensava sobre isso algumas vezes. Mas, ao tocar no assunto comigo, ele evidenciava a verdadeira natureza do meu resgate da prisão

de Arthur Road. A verdade era que me salvara de duas prisões — uma na Índia e uma na Austrália —, e eu lhe devia em dobro.

— Sim — respondi lentamente, mas com firmeza. — Foi algo milagroso, eu acho.

— Se você não tiver nada contra, isto é, se não achar doloroso, gostaria que me contasse sobre sua fuga da prisão na Austrália. Posso lhe dizer que tenho razões pessoais para achar a história fascinante e ficar muito impressionado.

— Não me importo de falar no assunto — respondi, encontrando seu olhar. — O que gostaria de saber?

— *Por que fugiu?*

Khaderbhai era a única pessoa que me havia feito aquela pergunta. As pessoas na Austrália e na Nova Zelândia me perguntaram sobre a fuga. Queriam saber como escapei da prisão e como me mantive foragido. Só Khader me perguntou por que eu fugi.

— Havia uma ala disciplinar na prisão. Os guardas que cuidavam dela, não todos, mas muitos deles, eram loucos. Eles nos odiavam. Eram loucos de ódio pelos prisioneiros. Não sei por quê. As coisas eram assim. E nos torturavam quase todas as noites. Reagi. Tive de brigar com eles. É minha natureza, eu acho. É o meu jeito. Não sou o tipo de pessoa que consegue aceitar tudo sem reagir. O que fez tudo piorar, naturalmente. Fui... Bem, eles partiram para cima de mim e foi... muito ruim. Só fiquei um tempinho naquela ala. Mas minha sentença era longa e eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, eles encontrariam um motivo para me mandar para lá de novo, ou então eu seria estúpido o bastante para lhes dar um motivo. Não era difícil, pode acreditar. Pensei que, quando me pegassem novamente, quando pusessem as mãos em mim, eles voltariam a me torturar, e eu brigaria de novo e eles provavelmente me matariam. Por isso... fugi.

— Como você fez?

— Depois daquela última surra, deixei que pensassem que tinham me vencido. Assim me deram um tipo de trabalho só permitido aos derrotados. Passei a trabalhar perto do muro da frente da prisão, empurrando um carrinho de mão e fazendo pequenos consertos. Quando chegou a hora, eu escapei.

Ele escutava minha história com atenção. Continuamos a comer enquanto eu falava, sem que Khader me interrompesse sequer uma vez. Ele me observava o tempo todo, e a luz sorridente de seus olhos refletia o fogo dos meus. Parecia apreciar a forma como eu contava a história tanto quanto a própria história.

— Quem era o outro homem... O que fugiu com você?

— O outro cara cumpria pena por assassinato. Era um homem bom, com um grande coração.

— Mas vocês não ficaram juntos?

— Não — respondi, permitindo que meu olhar deixasse o de Khader pela primeira vez. Olhei a entrada do restaurante e observei o fluxo incessante e rítmico de pessoas na rua. Como eu poderia explicar os motivos que me fizeram deixar meu amigo depois da fuga e partir sozinho? Eu mal compreendia aquilo. Decidi relatar os fatos e deixar que ele os interpretasse da forma que preferisse.

— A princípio, passamos um tempo num clube clandestino de motociclistas, uma quadrilha de homens que andavam de motocicleta. O líder tinha um irmão

mais jovem que conheci na prisão. Era um garoto corajoso. Um ano antes da minha fuga, ele se indis pôs com um sujeito muito perigoso pelo simples fato de ser corajoso. Eu me meti e salvei-o da morte. Quando ele soube, contou para o irmão. O irmão mais velho, presidente dos motoqueiros, mandou me avisar que ele me devia uma. Ao fugir, pedi abrigo a ele e à quadrilha, e levei junto o meu amigo. Eles nos deram armas, drogas e dinheiro. Protegeram-nos e nos deram abrigo nos primeiros treze dias, enquanto os tiras viravam a cidade de cabeça para baixo à nossa procura.

Parei, limpando o resto da comida com um pedaço de *roti* de farinha de ervilha. Khaderbhai acabou a comida do prato. Mastigamos vigorosamente, observando um ao outro, com pensamentos e perguntas que enchiam nossos olhos de brilho.

— Na décima terceira noite depois da fuga, quando eu ainda me escondia com os motoqueiros, senti uma vontade irresistível de visitar um antigo professor meu — finalmente prossegui. — Ele dava aulas de filosofia em uma universidade da minha cidade. Era um intelectual judeu, um cara brilhante e muito respeitado no lugar onde fui criado. Mas, apesar de todo esse brilho intelectual, ainda não compreendo por que fui procurá-lo. Não consigo explicar... Eu realmente não compreendo, nem mesmo agora. Eu *tinha* que falar com ele. O sentimento era tão forte que não consegui resistir. Atravessei a cidade, arriscando a vida para vê-lo. Ele disse que tinha *certeza* de que me veria, que estava me esperando. Para começar, falou que eu precisava largar as armas. Tentou me convencer de que não precisaria delas e que só me causariam problemas, se eu não me livrasse delas. Falou que eu devia parar de assaltar e nunca mais fazer tal coisa. Disse que eu tinha pagado pelos crimes que cometera, mas que, se reincidisse, seria morto ou capturado na mesma hora. *Não importa o que você vai precisar fazer para permanecer em liberdade*, disse ele, *não volte a fazer aquilo*. Afirmou que era melhor eu me separar do meu amigo porque, com toda a certeza, ele seria capturado e, se eu estivesse com ele, me aconteceria o mesmo. E me aconselhou a viajar pelo mundo. *Conte para as pessoas quando for necessário que elas saibam*, disse-me. Lembro que ele sorria ao dizer aquilo, como se fosse a coisa mais natural do mundo. *E peça ajuda às pessoas*, disse ele. *Vai dar tudo certo... Não se preocupe... Sua vida é uma grande aventura, e está apenas começando...*

Houve uma pausa, pois me calei mais uma vez. Um garçom se aproximou da mesa para levar nossos pratos vazios, mas Khader fez sinal para que se afastasse. O chefão da máfia me encarou, com olhos dourados que não vacilavam, mas mantinham um ar encorajador e compreensivo.

— Quando deixei a sala dele, a sala do filósofo na universidade, sabia que tudo havia mudado só com aquela conversinha. Voltei a procurar a quadrilha de motoqueiros e meu amigo. Dei-lhe minhas armas e disse que precisava partir. Fui embora sozinho. Ele foi capturado seis meses depois, após uma troca de tiros com a polícia. Continuo livre, se é que essa palavra significa alguma coisa quando se é um foragido, sem ter para onde ir. E é isso. Agora você sabe da história.

— Gostaria de conhecer esse homem — disse Khaderbhai lentamente. — O tal professor de filosofia. Ele lhe deu bons conselhos. Sei que a Austrália é um país muito diferente da Índia, mas me diga: por que você não volta para lá e denuncia às autoridades que foi torturado na prisão? Você não ficaria mais seguro e poderia voltar para sua vida e sua família?

— De onde eu venho, a gente não dedura ninguém — respondi. — Nem mesmo os torturadores. E se eu dedurasse, mesmo se voltasse para lá e prestasse depoimento como testemunha da Coroa, com provas contra os caras que torturam os prisioneiros, ainda assim não haveria garantia de que isso ia acabar. O sistema os protegeria. Nenhum homem em sã consciência confia no sistema judiciário britânico. Quando foi a última vez em que você ouviu falar que um rico foi levado a julgamento? Não acontece. O sistema protege os torturadores e eles se dão bem, não importa o que tenham feito, mesmo com todas as provas do mundo. Eu voltaria para a prisão. Estaria novamente à mercê deles. E eles acabariam comigo. Eu acho... acho que me chutariam até a morte na ala disciplinar. De qualquer maneira, não é uma opção. A gente não dedura ninguém. Não delata ninguém por motivo algum. É um princípio. Talvez o único que nos resta quando estamos trancados em uma cela.

— Mas você acha que esses guardas continuam a torturar outros homens na prisão, da mesma forma que torturavam você? — questionou ele.

— Acho.

— E você tem condições de fazer alguma coisa a respeito, para tentar reduzir o sofrimento deles?

— Talvez sim, talvez não. Como eu disse, não acho que o sistema esteja com pressa em fazer justiça ou em nos defender.

— Mas existe alguma chance, mesmo que remota, de que eles ouçam o que você tem a dizer e acabem com a tortura?

— Há uma chance. Não acredito que seja muito grande.

— Mas ainda assim há uma chance? — insistiu ele.

— Há — respondi categoricamente.

— Então é possível dizer que, de certa forma, você é responsável pelo sofrimento dos outros homens?

A pergunta era tendenciosa, mas o tom era gentil e cheio de compaixão. Fitei-o e tive certeza de que ele não queria me constranger nem me agredir. Khader havia me resgatado da prisão indiana, afinal de contas, e, indiretamente, da prisão australiana sobre a qual estávamos falando.

— Pode-se dizer que sim — respondi com calma. — Mas não muda o princípio. A gente não delata ninguém, por nenhum motivo.

— Não estou tentando montar uma armadilha para você, Lin, nem enganá-lo. Mas, a partir desse exemplo, deve concordar comigo, eu acho, que é possível fazer *a coisa errada* pelas *razões certas*. — Ele sorriu de novo, pela primeira vez desde que eu havia iniciado a história da fuga. — Vamos voltar a esse assunto em outra ocasião. Levantei o tema porque é um ponto muito importante relacionado à forma como levamos nossas vidas e como *devemos* levar nossas vidas. Não há necessidade de se falar sobre isso agora, mas essa questão vai reaparecer em

outra conversa, tenho certeza, portanto gostaria que você se lembrasse disso.

— E o câmbio? — perguntei, aproveitando a oportunidade para tirar o foco de mim e voltar às regras do seu universo moral. — O câmbio não entra na sua lista de crimes cheios de pecado?

— Não. O câmbio não — disse com firmeza. A voz era profunda, as palavras brotavam do diafragma, passavam pelo fundo do peito, e atravessavam o trovejante caminho precioso de sua garganta. O que emergia era um tom de voz que ressoava com a piedade hipnótica de um pregador que lia o Alcorão, mesmo ao falar de seus crimes mais lucrativos.

— E o contrabando de ouro?

— Não. O ouro não. Nem os passaportes. Nem a influência.

Influência era o eufemismo de Khader para uma grande variedade de interações entre o seu grupo de mafiosos e a sociedade na qual ele prosperava. Começava com suborno em uma escala de preços que variavam das informações privilegiadas à obtenção de mercadorias lucrativas. Quando falhavam as propinas, a influência de Khader se estendia à cobrança de dívidas e aos esquemas de proteção dirigidos aos negócios que funcionavam nas áreas sob seu controle. Também não escapava da sua esfera de influência a intimidação, por meio da força ou da chantagem, dos políticos e dos burocratas recalitrantes.

— Então, como você determina o quinhão de pecado em um crime? Quem julga isso?

— O pecado é uma medida do mal — respondeu ele, afastando-se da mesa para permitir que o garçom recolhesse seu prato e as migalhas diante de si.

— Tudo bem. Como você determina quanto *mal* existe em um crime? Quem julga este mal?

— Se você quer mesmo saber sobre o bem e o mal, vamos dar uma caminhada e continuar a conversa.

Ele se levantou e Nazeer, seu companheiro constante, ergueu-se como uma sombra e o seguiu até a pia e o espelho alojados nos fundos do restaurante. Lavaram os rostos e as mãos, gargarejando e cuspidando ruidosamente, como faziam todos os frequentadores do restaurante ao final da refeição. Depois que cumpri meu ritual de lavar, gargarejar e cuspir, encontrei Khaderbhai conversando com o dono do Saurabh na calçada diante do restaurante. Ao se afastarem, o dono abraçou Khader e pediu sua bênção. Ele era hindu e trazia na testa a marca da bênção recebida no templo poucas horas antes. Porém, quando Khaderbhai segurou suas mãos e balbuciou baixinho uma bênção muçulmana, o hindu devoto reagiu com alegria e gratidão.

Khader e eu seguimos em direção a Colaba. Nazeer, troncudo e simiesco, caminhava um metro e pouco atrás de nós, fazendo cara feia. Na doca Sassoon, atravessamos a rua e passamos sob o arco na entrada principal. O cheiro de camarões, que secavam ao sol em montanhas rosadas, fez meu estômago revirar, mas quando vimos o mar, o fedor foi levado por uma brisa forte. Mais perto das docas, tivemos que passar por multidões de homens que empurravam carrinhos de mão e mulheres que carregavam cestas na cabeça, todos levando gelo picado e um fardo com peixes. As fábricas que produziam o gelo e processavam os peixes contribuíam com clangores diligentes que se misturavam

aos gritos dos pregoeiros e vendedores. Na beira do cais estavam vinte grandes barcos de pesca, de madeira, construídos com as mesmas linhas das embarcações que navegavam pelo mar Arábico, na costa de Maharashtra, há quinhentos anos. Aqui e ali, entre eles, se encontravam barcos maiores, mais caros, em metal. O contraste entre aqueles cascos enferrujados e sem graça e as elegantes embarcações de madeira contava uma saga moderna, uma história do mundo que ia da vida no mar como vocação romântica à ambição fria e calculada da busca pelo lucro.

Sentamo-nos em um banco de madeira num canto tranquilo e sombreado da doca, onde os pescadores às vezes se juntavam para dividir uma refeição. Khader fitou os veleiros ancorados, que se mexiam e balançavam ao sabor da maré.

Seu cabelo curto e sua barba estavam quase brancos. A pele firme e sem manchas do rosto magro tinha a cor do trigo amadurecido ao sol. Olhei o rosto — o nariz longo e fino, a testa ampla e os lábios que se curvavam para cima — e pensei, não pela primeira vez nem pela última, se o amor que eu sentia por ele me custaria a vida. Nazeer, sempre vigilante, manteve-se de pé, perto de nós, com a expressão raivosa de quem não aprovava nada neste mundo além do homem que se sentava ao meu lado.

— A história do universo é uma história de movimento — começou Khader, com os olhos ainda voltados para os barcos atracados lado a lado, parecendo cavalos atrelados. — O universo como o conhecemos, nesta entre tantas vidas, começou com uma expansão tão grande, tão rápida, que podemos falar sobre ela, mas não conseguimos *compreendê-la*, nem mesmo *imaginá-la*. Os cientistas chamam essa grande expansão de Big Bang, embora não tenha havido uma *explosão* como a de uma bomba ou coisa parecida. E nos primeiros instantes depois, desde as primeiras frações de attossegundos (quintilionésimos de segundos), o universo era como uma rica sopa feita com pedacinhos de coisas simples. Tão simples que ainda nem eram átomos. Enquanto o universo se expandia e esfriava, aqueles minúsculos fragmentos se combinaram e se tornaram partículas. Então as partículas se combinaram e criaram os primeiros átomos. Os átomos se juntaram e fizeram as moléculas. As moléculas formaram as primeiras estrelas. Aquelas estrelas atravessaram ciclos e explodiram, provocando uma chuva de novos átomos. Os novos átomos se combinaram para fazer mais estrelas e planetas. Todas as coisas que nos constituem vieram daquelas estrelas moribundas. Somos feitos de estrelas, eu e você. Concorda comigo até aqui?

— Claro — sorri. — Não sei para onde você se encaminha, mas até aqui, tudo bem.

— Exatamente — gargalhou ele. — Até aqui, tudo *bem*. Você pode verificar a ciência em tudo o que lhe digo. Aliás, eu *quero* que você verifique tudo o que digo, tudo o que você pode aprender com outras pessoas. Mas tenho certeza de que a ciência está correta, dentro dos limites do que sabemos. Venho estudando tais assuntos com um jovem físico há algum tempo, e os fatos estão essencialmente corretos.

— Fico feliz em acreditar na sua palavra — disse eu, e eu *estava* feliz só por ter sua companhia e sua atenção exclusivamente para mim.

— Continuando, então. Nenhuma dessas coisas, nenhum desses processos, nenhuma dessas ações de *união* são o que pode ser descrito como eventos aleatórios. O universo tem uma *natureza* para si e sobre si parecida com a *natureza humana*, se você preferir, e sua natureza é combinar, construir e se tornar mais complexo. É o que *sempre* faz. Se as circunstâncias estão corretas, partículas de matéria sempre se juntam para fazer arranjos mais complexos. E esse fato relativo ao modo de funcionamento do nosso universo, esse movimento em direção à ordem, às combinações de coisas organizadas, tem um nome. Na ciência ocidental, chama-se de *tendência à complexidade*, e é o modo como o universo funciona.

Três pescadores vestidos com *lungis* e regatas se aproximaram de nós timidamente. Um deles portava duas cestas de arame com copos de água e *chai* quente. Outro portava um prato cheio de *ladoo* doce. O último levava um cachimbo e dois *golis* de haxixe nas palmas das mãos.

— Quer chá, senhor? — perguntou um dos homens educadamente, em híndi. — Fumam conosco?

Khader sorriu e assentiu com a cabeça. Os homens se aproximaram rapidamente, entregando copos de *chai* para Khader, Nazeer e para mim. Acocoraram-se no chão, diante de nós, e prepararam o cachimbo. Khader teve a honra de acendê-lo. Fiquei com a segunda *dumm*. O cachimbo deu duas voltas no grupo e terminou com o último homem, que soltou a palavra *Kalaass... Acabou...* junto com uma nuvem de fumaça azulada.

Khader continuou a falar comigo em inglês. Eu tinha certeza de que os homens não conseguiam compreendê-lo, mas permaneceram conosco e observavam seu rosto atentamente.

— Continuando, o universo, como o conhecemos e por tudo que podemos saber sobre ele, vem se tornando mais complexo desde o início. Isso acontece porque faz parte *da sua natureza*. A *tendência para a complexidade* levou o universo da simplicidade quase perfeita ao tipo de complexidade que encontramos a nossa volta, em todos os lugares que olhamos. O universo está sempre fazendo isso. Sempre se movimenta do mais simples para o mais complexo.

— Acho que sei aonde você quer chegar.

Khader riu. Os pescadores riram com ele.

— O universo — prosseguiu —, este universo que conhecemos, começou com uma simplicidade quase total e vem se tornando mais complexo há cerca de quinze bilhões de anos. Depois de mais alguns bilhões de anos, vai ser ainda mais complexo do que é hoje. Em cinco bilhões, em dez bilhões, vai sempre ficar mais complexo. Está se encaminhando para... *alguma coisa*; para algum tipo de complexidade definitiva. *Nós* talvez não cheguemos lá. Um átomo de hidrogênio talvez não chegue lá, nem uma folha, nem um homem, nem um planeta, até aquela complexidade final. Mas estamos nos encaminhando para lá... Tudo no

universo se encaminha nessa direção. E aquela complexidade definitiva para a qual nos destinamos é o que costumamos chamar de Deus. Se você não gosta da palavra Deus, pode chamar de Complexidade Suprema. Não importa como chame, o universo inteiro está indo para lá.

— Mas o universo não é bem mais aleatório do que isso? — perguntei, sentindo o fluxo do seu argumento e procurando desviá-lo. — E os asteroides gigantes e coisas do gênero? Nós, quer dizer, nosso planeta poderia ser transformado em fragmentos por um asteroide gigante. Existe de fato uma probabilidade estatística de que grandes colisões *venham* a ocorrer. E se o nosso Sol está morrendo, e um dia vai morrer, não seria isso o *oposto* da complexidade? Como esse fato se encaixa nesse movimento em direção à complexidade, se todo este planeta complexo for transformado em simples átomos e nosso Sol morrer?

— Boa pergunta — respondeu Khaderbhai. Um sorriso feliz revelou a série de dentes cor de marfim, ligeiramente separados. Ele estava se divertindo com a discussão e eu percebi que nunca o tinha visto tão animado, tão entusiasmado. As mãos perambulavam no espaço que nos separava, ilustrando alguns pontos, enfatizando outros. — Nosso planeta pode ser esmagado, é verdade, e um dia nosso belo Sol vai morrer. E somos, até onde sei, a expressão mais desenvolvida da complexidade em nosso cantinho de universo. Com certeza, nossa extinção seria uma perda terrível. Seria um desperdício terrível de todo aquele progresso. Mas o *processo* continuaria. Nós mesmos somos expressões desse processo. Nossos corpos são filhos de todos os sóis e todas as estrelas que morreram antes de nós, criando os átomos que nos constituem. E se fôssemos destruídos por um asteroide ou pela nossa própria mão, bem, em outro lugar do universo, nosso nível de complexidade, *este* nível de complexidade com uma consciência capaz de compreender o processo, seria replicado. Não estou falando de *gente* exatamente como a gente. Quero dizer que seres pensantes tão complexos quanto nós apareceriam em outra parte do universo. *Nós* deixaríamos de existir, mas o processo continuaria. Talvez isso esteja acontecendo em milhões de mundos, no instante em que falamos. De fato, é muito provável que esteja ocorrendo em todo o universo, porque é o que o universo *faz*.

Foi minha vez de rir.

— Tudo bem, tudo bem. Você quer dizer, deixe-me adivinhar, que tudo o que contribui para isso é bom, certo? E que qualquer coisa que siga a outra direção, na sua interpretação, seria mau, *na*?

Khaderbhai voltou toda a sua atenção para mim, com uma sobrancelha erguida com ar divertido, de censura, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Era uma expressão que já havia visto no rosto de Karla mais de uma vez. Talvez ele considerasse grosseiro meu tom ligeiramente irônico. Não era minha intenção. Era uma espécie de defesa, na realidade, porque eu não conseguia achar inconsistências na sua lógica e estava impressionadíssimo com a força dos argumentos. Talvez ele estivesse apenas surpreso. Ele me disse uma vez, mais tarde, que uma das coisas de que gostava em mim era o fato de eu não ter medo dele, e que meu destemor o surpreendia pelo atrevimento e pela insensatez. A despeito da razão para o sorrisinho e a sobrancelha arqueada, ele levou algum

tempo para prosseguir.

— No fundo você está correto. Qualquer coisa que eleve, promova ou acelere o movimento em direção à Complexidade Suprema é *boa* — disse ele, pronunciando as palavras tão lentamente e com uma precisão tão cuidadosa que tive certeza de que já havia dito aquelas frases várias vezes. — Qualquer coisa que iniba, impeça ou atrase esse movimento em direção à Complexidade Suprema é *ruim*. A coisa mais maravilhosa sobre *esta* definição de bem e mal é que, ao mesmo tempo, é objetiva e universalmente aceita.

— Existe algo realmente objetivo? — indaguei, acreditando estar enfim em terreno mais seguro.

— Quando afirmamos que a definição de bem e mal é objetiva, o que queremos dizer é que é tão objetiva quanto pode ser em determinada época, e levando em conta o que sabemos sobre o universo. Essa definição é baseada no que sabemos sobre o funcionamento do universo. Não se baseia na sabedoria revelada por nenhuma fé ou movimento político. É comum aos melhores princípios de todos eles, mas se baseia mais naquilo que *sabemos* do que no que *acreditamos*. Nesse sentido, ela é objetiva. Naturalmente, o que *sabemos* sobre o universo e o lugar que ocupamos nele muda à medida que ampliamos nossas informações e acumulamos descobertas. Não somos nunca *perfeitamente* objetivos em relação a nada, é verdade, mas podemos ser menos ou mais objetivos. E quando definimos bem e mal com base no que *sabemos*, nossos conhecimentos no momento atual, somos tão objetivos quanto possível dentro dos limites imperfeitos de nossa compreensão. Você aceita isso?

— Quando você diz que objetivo não significa de modo algum objetivo, eu aceito. Mas como é possível encontrar uma definição *universalmente* aceita, levando-se em consideração tantas religiões diferentes, sem falar dos ateus, dos agnósticos e dos simplesmente confusos, como eu? Não tenho a intenção de ser ofensivo, mas acho que a maior parte dos crentes tem interesse demais em seus próprios refúgios de Deus e Paraíso para concordar com qualquer coisa, se é que você me entende.

— É uma questão válida e não me sinto ofendido — Khader meditou olhando para os pescadores silenciosos a seus pés. Ele trocou um grande sorriso com eles e prosseguiu. — Quando falamos que essa definição de bem e mal é universalmente aceita, o que queremos dizer é que qualquer pessoa racional e razoável, qualquer hindu, muçulmano, budista, cristão ou judeu racional e razoável, qualquer ateu, aliás, pode aceitar que se trata de uma definição *razoável* de bem e mal, pois se baseia no que sabemos sobre o funcionamento do universo.

— Acho que entendo o que você fala — disse, depois que ele ficou em silêncio. — Mas não consigo acompanhá-lo no que diz respeito... à *física* do universo, acho eu. Por que deveríamos aceitar *isso* como base para nossa moralidade?

— Se me permite dar um exemplo, Lin, talvez fique mais claro. Vou usar a analogia da forma como medimos comprimento, porque é muito relevante nos dias de hoje. Você vai concordar, eu acho, que existe necessidade de se definir

uma medida padrão de comprimento, certo?

— Você quer dizer como jardas e metros, coisas assim?

— Exatamente. Se não tivermos um critério comum para medir comprimento, nunca vamos chegar a um acordo sobre quanto de terra pertence a você, quanto é meu, ou como cortar a madeira quando vamos construir uma casa. Seria o caos. A gente brigaria pela terra e as casas desmoronariam. Ao longo da história, sempre tentamos encontrar um padrão de medida de comprimento. Você está me acompanhando, mais uma vez, nessa viagem mental?

— Estou com você — respondi, rindo e pensando para onde os argumentos do chefe da máfia estavam me conduzindo.

— Bem, depois da Revolução Francesa, os cientistas e as autoridades do governo decidiram organizar o sistema de medir e pesar as coisas. Introduziram o sistema decimal, baseado em uma unidade de comprimento que chamaram de *metre*, do grego *metron*, que significa *medida*.

— Tudo bem...

— E o primeiro modo como tentaram medir o comprimento de um metro foi transformando-o na décima milionésima parte da distância entre o equador e o polo Norte. Mas seus cálculos se baseavam na ideia de que a Terra era uma esfera perfeita, e a Terra, como sabemos agora, *não* é uma esfera perfeita. Tiveram que abandonar essa forma de estabelecer o que era um metro. Então decidiram, em vez disso, chamar de metro a distância entre duas linhas bem finas em uma barra feita com uma liga de platina e irídio.

— Platina...

— E irídio. Sim. Mas as barras feitas com a liga de platina e irídio se desgastam e encolhem muito lentamente, embora também sejam muito duras, e a unidade de medida sempre mudava. Mais recentemente, os cientistas perceberam que a barra de platina e irídio que vinham usando como medida teria um tamanho bem diferente daqui, digamos, a mil anos.

— E... isso era um problema?

— Não para se construir casas e pontes — disse Khaderbhai, me levando mais a sério do que eu pretendia.

— Mas não era precisa o suficiente para os cientistas — sugeri, com mais seriedade.

— Não. Eles queriam um critério imutável que pudesse ser usado para medir todas as coisas. E depois de mais algumas tentativas, usando diferentes técnicas, fixou-se o padrão internacional do metro apenas no ano passado, como sendo a distância que um fóton de luz se desloca no vácuo durante a tricentésima milionésima parte de um segundo. Agora, naturalmente, vem a pergunta de como se estabeleceu o *segundo* como medida de *tempo*. É uma história igualmente fascinante e posso contá-la antes de continuarmos a falar do metro.

— Estou satisfeito em... ficar com o metro por enquanto — resisti, rindo mesmo sem querer.

— Muito bem. Acho que você consegue ver aonde quero chegar. Nós evitamos o caos ao construirmos casas e dividirmos as terras e assim por diante,

quando estabelecemos um padrão para a unidade de comprimento. Chamamos isso de metro, e depois de muitas tentativas decidimos uma forma de estabelecer o tamanho daquela unidade básica. Do mesmo jeito, só podemos evitar o caos no mundo dos negócios humanos ao estabelecermos um padrão de medida para uma unidade de moralidade.

— Estou acompanhando.

— No momento, a maior parte das maneiras como definimos a unidade de moralidade é semelhante na intenção, mas diferente nos detalhes. Assim, os sacerdotes de uma nação abençoam seus soldados quando eles partem para a guerra e os imãs de *outro* país abençoam *seus* soldados quando eles partem para combater os outros. E todo mundo que se envolve na matança diz que Deus está do seu lado. Não existe uma definição objetiva e universalmente aceita de bem e mal. Até que a encontremos, vamos prosseguir justificando nossas ações e condenando os outros.

— E você está considerando a *física* do universo uma espécie de barra de platina e irídio?

— Bem, eu acho que nossa definição é mais próxima, em precisão, à medida de fóton-segundo do que à barra de platina e irídio, mas a ideia está essencialmente correta. Acho que quando procuramos uma forma objetiva para medir o bem e o mal, uma maneira que todas as pessoas consideram razoável, não existe nada melhor do que estudar o funcionamento do universo e sua natureza, a característica que define toda a sua história, e o fato de que ele se dirige constantemente a uma complexidade cada vez maior. Não podemos encontrar caminho melhor do que o emprego da natureza do próprio universo. E todos os textos sagrados, de todas as grandes religiões, nos dizem para fazer isso. O Alcorão, por exemplo, nos diz com frequência, nos instrui, a estudar os planetas e as estrelas para encontrar a verdade e o significado.

— Ainda tenho que fazer a pergunta. Por que usar *este* fato relativo à tendência para a complexidade e não outro qualquer? Isso também não é arbitrário? Ainda não se trata de uma opção em relação ao *fato* que você escolhe para basear sua moralidade? Não estou tentando ser tacanho. É que, de fato, acho que ainda parece bastante arbitrário.

— Eu entendo sua dúvida — sorriu Khader, erguendo os olhos para o horizonte por um momento. — Eu também era muito cético quando comecei a seguir esse rumo. Mas agora me convenci de que não existe uma forma melhor de se pensar sobre o bem e o mal, pelo menos no momento. Não quer dizer que essa vai ser a melhor definição *para sempre*. A mesma coisa vai acontecer com a medida do metro. Haverá no futuro uma forma ligeiramente mais precisa. Aliás, a melhor definição atual emprega a distância percorrida por um fóton de luz no *vácuo*, como se nada acontecesse no vácuo. Mas sabemos que todo tipo de coisas acontece no vácuo. Existem muitas, muitas reações acontecendo no vácuo, o tempo todo. Estou certo de que no futuro será encontrada uma maneira ainda melhor de se medir o metro. Mas, no momento, essa é a melhor de que dispomos. E com a moralidade, o fato de existir a tendência para a complexidade, e de o universo estar fazendo isso o tempo todo e sempre ter agido

assim, é a melhor forma que temos para ser objetivos em relação ao bem e ao mal. Partimos desse fato, em vez de usarmos outro, pois é o *maior* fato em relação ao universo. É o único que envolve o universo inteiro, ao longo de toda a sua história. Se você puder me fornecer uma forma melhor para ser objetivo em relação ao bem e ao mal, capaz de envolver pessoas de todas as fés, os descrentes e toda a história do universo, então eu ficaria muito feliz, muito mesmo, em ouvi-la.

— Tudo bem. Tudo bem. Então o universo se dirige para Deus ou para alguma Complexidade Suprema. Qualquer coisa que contribua para isso é boa. Qualquer coisa que atrapalhe é ruim. Ainda me deixa com o problema de quem *julga* o mal. Como *sabemos*? Como vamos saber se estamos fazendo uma coisa que contribui ou que atrapalha?

— Boa pergunta — disse Khader, levantando-se e passando a mão nos vinctos de suas calças folgadas de linho e na camisa de algodão branco, na altura dos joelhos. — De fato, é a pergunta *correta*. E no *tempo* correto, vou lhe dar uma boa resposta.

Ele se virou para olhar os três pescadores, que também haviam se levantado e esperavam atenciosamente. Por um momento, senti-me tentado a acreditar que ele não sabia responder à pergunta. Mas aquela esperança arrogante se dissolveu enquanto o via conversar com os pescadores descalços. Havia uma certeza inabalável em todas as declarações de Khader, uma segurança indiscutível, decisiva, que instruía e apaziguava mesmo quando ele estava imóvel e silencioso. Sabia que *havia* uma resposta para minha pergunta. Sabia que ele me *diria* quando julgasse que era a hora certa.

Enquanto estava a seu lado, escutei a conversa. Ele perguntava aos homens se tinham reclamações, se os pobres sofriam perseguições na doca. Quando lhe disseram que não havia problemas, bem naquele momento, ele perguntou se havia trabalho e se as tarefas eram distribuídas com justiça entre os que mais precisavam. Tranquilizado a respeito disso, ele perguntou sobre as famílias e os filhos. O final da conversa foi sobre o trabalho na frota pesqueira da doca Sassoon. Contaram sobre as ondas tempestuosas e gigantescas, os barcos frágeis, os amigos que fizeram e os que perderam no mar. Ele lhes contou sobre a única vez em que havia navegado em águas profundas, durante uma tempestade violenta, em um dos compridos barcos de pesca de madeira. Contou como havia se amarrado à embarcação e como orara com fervor até que vissem novamente a terra. Eles riram e tentaram tocar seus pés, em uma respeitosa despedida, mas ele os ergueu pelos ombros e apertou suas mãos. Quando se afastou, eles saíram com as costas eretas e as cabeças erguidas.

— Como foi o trabalho com Khaled? — Khader me perguntou enquanto caminhávamos de volta pelas docas.

— Muito bom. Gosto dele. Gostei de trabalhar com ele. Ainda estaria com ele se você não tivesse me posto para trabalhar com Madjid.

— E como vai isso? Como vão as coisas com nosso Madjid?

Hesitei. Certa vez, Karla me disse que os homens revelam o que *pensam* quando desviam o olhar, e o que *sentem* quando vacilam. *Com as mulheres*, disse

ela, é o contrário.

— Estou aprendendo o que preciso saber. Ele é um bom professor.

— Mas... você estabeleceu uma relação mais pessoal com Khaled Ansari, não é?

Era verdade. Khaled era irritadiço e havia uma parte de seu coração que estava sempre cheia de ódio, mas eu gostava dele. Madjid era bondoso, paciente e generoso comigo, porém eu não sentia nada por ele além de uma inquietude vaga e premonitória. Depois de quatro meses no mercado negro, Khaderbhai havia decidido que eu deveria aprender sobre o negócio de contrabando de ouro e me enviara para Madjid Rhustem. Em sua casa com vista para o mar, junto à elite abastada em Juhu, eu descobrira as muitas formas com que o ouro era contrabandeado para a Índia. A fórmula de Khaled de *ganância e controle* se aplicava ao negócio do ouro. Controles governamentais muito rigorosos sobre a importação colidiam diretamente com a demanda insaciável da Índia pelo metal dourado.

O grisalho Madjid controlava as substanciosas importações de ouro de Khader e cuidava da operação havia quase dez anos. Com paciência inesgotável, ele me ensinara tudo o que julgava que eu precisava saber sobre o metal e as artes do contrabando. Seus olhos escuros me fitavam sob as espessas sobrancelhas grisalhas hora após hora, enquanto ministrava as lições. Embora comandasse um grande número de homens fortes e pudesse ser duro com eles quando necessário, seus olhos lacrimejantes só demonstravam gentileza em relação a mim. Mesmo assim, eu não sentia nada por ele a não ser uma inquietação desconfiada. Quando saía de sua casa, após qualquer lição, era invadido por uma sensação de alívio: um alívio que eliminava o som da sua voz e a visão de seu rosto da minha mente, como a água que poderia limpar uma mancha nas minhas mãos.

— Não. Não existe uma ligação. Mas ele é um bom professor, como eu disse.

— Linbaba — respondeu Khader, com a voz profunda retumbando o nome que os favelados usavam para me chamar. — Gosto de você.

Meu rosto ficou corado de emoção. Era como se meu próprio pai tivesse me dito aquelas três palavras. E ele nunca disse. O poder daquelas palavras tão simples — o poder que Khader tinha sobre mim — me fez perceber o modo perfeito e completo como ele havia preenchido o papel da figura paterna em minha vida. Lá no fundo, secretamente, o garotinho que eu costumava ser desejava que Khader fosse meu pai — meu verdadeiro pai.

— Como está Tariq? — perguntei.

— Tariq vai muito bem, *nushkur Allah. Graças a Deus.*

— Sinto saudades. Ele é um ótimo menino — disse. Ao sentir saudade dele, eu também sentia saudades da minha filha. Sentia saudades de minha família. Sentia saudades dos meus amigos.

— Ele também sente saudades — disse Khader lentamente, com um tom que parecia pesaroso — Diga-me, Lin, o que você quer? Por que está aqui? O que realmente deseja em Bombaim?

Estávamos nos aproximando de seu carro estacionado. Nazeer foi na frente,

correndo com as pernas curtas e grossas, para abrir as portas e ligar o motor. Khader e eu permanecemos próximos, encarando um ao outro.

— Quero ser livre — disse eu.

— Mas você é livre — retrucou.

— Para falar a verdade, não sou.

— Você está falando sobre a Austrália?

— Estou. Não é só isso. Mas é principalmente isso.

— Não se preocupe — disse ele. — Eu lhe dou minha palavra de que nada de mal vai acontecer com você em Bombaim. Nada de mal vai acontecer com você, enquanto usar a medalha com meu nome no pescoço, enquanto trabalhar para mim. Você está seguro aqui, *Inshallah*.

Ele segurou minhas mãos entre as dele e murmurou uma bênção, do mesmo jeito que fizera com o dono do Saurabh. Caminhamos até o carro, e eu o observei se abaixar para entrar. Alguém havia pichado o nome Sapna em uma parede suja, nas imediações. A tinta estava praticamente fresca, não deveria estar ali havia mais de uma semana. Se Khader percebeu, não deixou transparecer. Nazeer bateu a porta e correu para o outro lado do carro.

— Na semana que vem, quero que você comece a estudar passaportes com meu amigo Ghani — disse Khader. Nazeer acelerou o motor, esperando instruções para partir. — Aposto que vai achar interessante o negócio de passaportes.

Ele estava sorrindo para mim quando Nazeer se afastou, mas foi a careta de Nazeer, por trás dele, que permaneceu mais tempo na minha cabeça. O homem me odiava, ao que parecia, e mais cedo ou mais tarde eu teria de acertar os ponteiros com ele. Uma demonstração de como eu estava perdido e solitário no meu exílio era a vontade que eu tinha de enfrentá-lo. Era mais baixo, mas tão forte quanto eu, talvez um pouco mais pesado. Eu sabia que seria uma boa luta.

Arquivei a violência futura na pasta de assuntos pendentes e iminentes, chamei um táxi e fui até a área de Fort. O distrito comercial de gráficas, papelarias, armazéns e fabricantes de luminárias, conhecido apenas como Fort, fornecia material para os escritórios das vizinhanças. As ruas estreitas e as construções da região estavam entre as mais antigas da cidade. A atmosfera de outra época, uma era de cortêsias formais e empertigadas, permanecia naqueles escritórios de advocacia, nas editoras e em outros empreendimentos intelectuais que tinham a sorte de exibir um endereço em Fort havia muitas décadas.

Um dos negócios mais recentes era a agência de viagens controlada por Khaderbhai por meio de prepostos e administrada por Madjid Rhustem. Ela cuidava dos planos de viagem de milhares de homens e mulheres com contratos para trabalhar nos países do Golfo. Oficialmente, providenciava passagens aéreas, vistos, permissões de trabalho e acomodações em albergues no Golfo. Informalmente, os agentes de Madjid cuidavam para que a maior parte dos trabalhadores que voltava ao país usasse entre cem e trezentos gramas de ouro cada, em correntes, pulseiras, anéis e broches. O ouro chegava aos portos do Golfo de muitas procedências. Uma parte era obtida em compras oficiais no atacado. Boa parte era roubada. Viciados, batedores de carteira e arrombadores

de toda a Europa e a África roubavam joias e depois as vendiam para traficantes e receptadores. Um percentual do ouro roubado em Frankfurt, Johannesburgo ou Londres acabava chegando aos portos do Golfo através do mercado negro. Os homens de Khader em Dubai, Abu Dhabi, Bahrein e em todas as outras capitais do Golfo derretiam o metal e o transformavam em grossas pulseiras, correntes e broches. Em troca de uma pequena comissão, os trabalhadores usavam as joias ao voltarem para a Índia e nossos homens as recolhiam no aeroporto internacional, em Bombaim.

Anualmente, a agência de viagens em Fort organizava a viagem de pelo menos cinco mil trabalhadores. O ouro que traziam para o país era retrabalhado, quando necessário, em uma pequena oficina próxima à agência, e então vendido no bazar Zhaveri, ou no mercado de joias. O lucro daquela parte da operação de ouro era superior a quatro milhões de dólares americanos anuais, isentos de impostos, e os experientes gerentes de Khader eram todos ricos e respeitados.

Apresentei-me aos funcionários da agência de viagens Transact. Madjid tinha saído, mas os três gerentes estavam ocupados. Quando aprendi como funcionava a operação de contrabando de ouro, sugeri que a agência deveria informatizar seus arquivos e manter um banco de dados com as informações dos trabalhadores que obtiveram sucesso em uma de nossas missões. Khader havia aprovado a sugestão e os homens estavam transferindo as informações dos arquivos em papel para os computadores. Examinei o trabalho e fiquei satisfeito com o progresso. Conversamos por algum tempo e, como Madjid não retornava, fui procurá-lo na pequena ourivesaria nas imediações.

Madjid ergueu os olhos com um sorriso quando entrei na oficina e, em seguida, voltou a se concentrar nas balanças. Correntes e pulseiras de ouro, separadas em diversas categorias, eram pesadas individualmente e depois, mais uma vez, em lotes. As quantidades eram registradas em um livro contábil e depois comparadas com os números em outro livro, que acompanhava as vendas no bazar Zhaveri.

Naquele dia, menos de duas horas depois de Khaderbhai ter me falado sobre o bem e o mal, observei pilhas de correntes de ouro e de grossas pulseiras caseiras serem pesadas e catalogadas, e senti que mergulhava em um baixo-astral do qual não conseguia me livrar. Estava feliz por Khaderbhai ter me instruído a deixar Madjid e a começar a trabalhar com Abdul Ghani. O metal dourado que empolgava tantos milhões na Índia me deixava constrangido. Eu havia gostado do trabalho com Khaled Ansari e o mercado de câmbio. Sabia que apreciaria trabalhar com Abdul Ghani na operação com passaportes: afinal de contas, os passaportes eram fundamentais para um foragido. Mas trabalhar com ouro, em tais quantidades, era perturbador. O ouro acende fogueiras no olhar com um tipo diferente de cor para a cobiça. O dinheiro quase sempre é apenas um meio para se chegar a um fim. Mas, para muitos, o ouro é uma finalidade em si mesmo e o amor que nutrem por esse tipo de coisa pode desmerecer o próprio amor.

Despedi-me de Madjid pela última vez, informando-lhe que Khaderbhai tinha outra tarefa para mim. Não lhe forneci informações sobre o fato de estar começando a trabalhar com Abdul Ghani na operação com passaportes. Tanto

Madjid como Ghani eram do conselho da máfia de Khader. Eu tinha certeza de que eles conheciam a natureza de todas as decisões que me afetavam, antes de mim. Trocamos um aperto de mãos. Ele me puxou para si, em uma tentativa desajeitada, meio rígida, de me dar um abraço. Sorriu e me desejou sorte. Era um sorriso falso, mas não havia maldade nele. Madjid Rhustem era simplesmente o tipo de pessoa que acha que sorrir é um ato de vontade. Agradei-lhe a paciência, mas não devolvi o sorriso.

Quando fiz minha última ronda pelos joalheiros do bazar Zhaveri, senti-me trêmulo e agitado. Era uma raiva aleatória associada à sensação de inutilidade: a ansiedade de olhos arregalados e punhos cerrados que geralmente se inflama em uma vida desperdiçada. Eu deveria me sentir feliz, ou pelo menos mais feliz. Tinha a garantia de Khader de que me encontrava em segurança. Ganhava um bom dinheiro. Trabalhava diariamente com pilhas de ouro com mais de um metro de altura. Em breve aprenderia tudo o que precisava saber sobre passaportes. Poderia comprar o que quisesse. Estava em boa forma, saudável e livre. Deveria me sentir mais feliz.

*A felicidade é um mito*, disse Karla, certa vez. *Foi inventada para nos fazer comprar coisas*. Enquanto suas palavras ondulavam o fluxo dos meus sentimentos sombrios e eu me lembrava de seu rosto e de sua voz, achei que talvez estivesse certa, afinal de contas. Então recordei aqueles momentos em que Khaderbhai conversara comigo como se falasse com um filho, naquele mesmo dia. E havia felicidade naquilo. Eu não podia negar. Mas não era suficiente: por mais verdadeiros, profundos e até mesmo puros que fossem, aqueles sentimentos não bastavam para levantar meu ânimo.

A sessão de treinamento com Abdullah foi intensa naquele dia. Ele aceitou meu ar taciturno e enfrentamos em silêncio a extenuante série de exercícios. Depois de uma chuvairada, ele me ofereceu carona de moto até meu apartamento. Seguimos pela August Kranti Marg, no caminho que partia da costa na altura de Breach Candy. Não usávamos capacetes, e uma brisa quente e seca batia em nossos cabelos e nossas camisas largas de seda como se fosse um rio de vento. De repente, sua atenção foi atraída por um grupo de homens reunidos de pé, na porta de um café. Imaginei que fossem iranianos como ele. Abdullah deu meia-volta e parou a uns trinta metros deles.

— Você fica aqui — disse ele, desligando o motor e deixando o veículo descansar no apoio lateral. Nós dois saltamos. Ele não tirava os olhos do grupo. — Se houver algum problema, você pega a moto e se manda.

Ele caminhou pela calçada na direção dos homens, prendendo o cabelo negro em um rabo de cavalo e retirando o relógio. Tirei a chave da ignição e o segui. Um deles viu Abdullah e o reconheceu enquanto ele se aproximava. Deu alguma espécie de aviso. Os outros se viraram depressa. A briga começou sem uma palavra sequer. Eles se deslocavam ferozmente, jogavam-se sobre ele, atingindo seus próprios pares no frenesi de lhe acertar um soco. Abdullah se manteve em posição, cobrindo a cabeça com os punhos apertados contra as têmporas. Os cotovelos protegiam o corpo. Quando se abateu a fúria do ataque inicial, ele desferiu golpes para a esquerda e para a direita, acertando todos. Corri e me

juntei a ele, tirando um sujeito das suas costas. Dei-lhe uma rasteira, arrastando-o com a perna até ele cair. Ele tentou se livrar e me puxou para o chão. Aterrissei ao lado do seu corpo, com o joelho em seu peito, e dei-lhe um soco na virilha. Ele tentou se levantar e eu voltei a bater nele, quatro ou cinco vezes, na bochecha e na mandíbula. Ele rolou para o lado, encolhendo os joelhos contra o peito.

Vi Abdullah se livrar de um dos agressores com um perfeito cruzado de direita que fez o nariz do sujeito explodir em sangue. Levantei-me num salto, com as costas contra as de Abdullah, e me pus em posição de caratê. Os três que permaneciam de pé recuaram, inseguros. Quando Abdullah os atacou, gritando com toda a força, eles se viraram e saíram correndo. Olhei para Abdullah. Ele balançou a cabeça. Deixamos que partissem.

A multidão de indianos que havia se reunido para acompanhar a luta nos seguiu com o olhar enquanto voltávamos para a motocicleta. Sabia que, se tivéssemos lutado contra indianos — de qualquer região da Índia, de qualquer classe social, grupo étnico ou religioso —, a rua inteira teria se juntado para nos enfrentar. Como a briga era entre estrangeiros, as pessoas estavam curiosas, até mesmo excitadas, mas não queriam se envolver. Quando passamos por eles, rumo a Colaba, começaram a se dispersar.

Abdullah nunca me contou o motivo daquela briga e nunca lhe perguntei. Na única vez em que falamos do assunto, anos depois, ele disse que começou a gostar de mim naquele dia. Ele gostou de mim, segundo ele, não porque eu havia participado da luta, mas porque nunca lhe perguntei qual era o motivo. Ele admirava aquilo mais do que qualquer coisa que sabia a meu respeito.

Perto de minha casa, na Colaba Causeway, pedi para Abdullah diminuir a velocidade. Reparei numa garota que caminhava pelo meio da rua, como um nativo, para evitar as multidões na calçada. Estava diferente, algo mudada, mas eu reconheci na mesma hora o cabelo louro, as pernas longas e bem-torneadas e o rebolado. Era Lisa Carter. Pedi para Abdullah encostar a moto na frente dela.

— Oi, Lisa.

— Ah — suspirou ela, erguendo os óculos escuros para apoiá-los na cabeça.

— É Gilbert. Como vão as coisas na embaixada?

— Ah, você sabe — gargalhei. — Uma crise ali, um resgate aqui. Você está ótima, Lisa.

O cabelo dela estava mais longo e espesso que da última vez que a vi. O rosto, mais cheio e saudável, mas o corpo estava esguio e atlético. Ela usava frente única e minissaia brancas e sandálias trançadas. As pernas e os braços finos ostentavam um bronzeado dourado-escuro. Ela parecia linda. Ela *era* linda.

— Parei de me ferrar e resolvi me tratar — resmungou, fazendo uma cara feia que não era escondida por um sorriso intenso e falso. — O que posso lhe dizer? É uma coisa ou outra. Não dá para fazer as duas ao mesmo tempo. Quando se está sóbrio e em boa forma, é o *mundo* que fica ferrado.

— A ideia é essa — respondi, rindo até que ela risse comigo.

— Quem é o seu amigo?

— Abdullah Taheri, esta é Lisa Carter. Lisa, este é Abdullah.

— Bela moto — ronronou ela.

— Você gostaria de... dar uma volta? — perguntou ele, sorrindo e mostrando todos os dentes brancos e saudáveis.

Ela olhou para mim. Levantei as mãos em um gesto que dizia  *você é quem sabe, menina*. Saltei da moto e me juntei a ela na rua.

— É aqui que eu fico — eu disse. Lisa e Abdullah ainda estavam se encarando. — A garupa está livre, se você quiser.

— Tudo bem — sorriu ela. — Vamos nessa.

Ela puxou a saia para cima e subiu na garupa. Os dois ou três homens, entre as centenas que ocupavam a rua, que ainda não olhavam para ela se juntaram aos outros. Abdullah apertou minha mão, sorrindo como um garotinho. Engatou a marcha e desapareceu no trânsito intenso.

— Bela moto — disse uma voz atrás de mim. Era George Gêmeos.

— Não são muito seguras, essas Enfields — respondeu outra voz, com um forte sotaque canadense. Era George Escorpião.

Eles moravam na rua, dormiam nas soleiras e caçavam comissões entre os turistas que desejavam comprar drogas pesadas. E dava para ver. Estavam sujos, com a barba por fazer, descabelados. Eram também inteligentes, honestos e incondicionalmente leais um ao outro.

— E aí, como vão as coisas?

— Bem, rapaz, muito bem — respondeu George Gêmeos, com o som de Liverpool no sotaque. — Temos um cliente, sabe, lá pelas seis da tarde.

— Bata na madeira — acrescentou Escorpião com o cenho franzido, como se já antecipasse os problemas que poderiam chegar com a noite.

— Vai dar tudo certo — disse Gêmeos, animadamente. — Bom cliente. Bela comissãozinha.

— Se tudo der certo e nada der errado — refletiu Escorpião, com preocupação.

— Deve ser alguma coisa na água — resmunguei, observando o pontinho branco da camisa de Abdullah ou da saia de Lisa desaparecer na distância.

— O que foi? — perguntou Gêmeos.

— Ah, nada. Só que todo mundo parece estar se apaixonando nos últimos tempos.

Eu pensava em Prabaker, Vikram e Johnny Cigar. E conhecia aquele olhar que vi no rosto de Abdullah quando ele se afastou. Estava bem mais do que simplesmente interessado.

— Engraçado você mencionar isso... O que você entende por motivação sexual, Lin? — perguntou-me Escorpião.

— Como assim?

— Por assim dizer — insinuou Gêmeos, com uma piscadela indecente.

— Será que você não pode levar nada a sério por um minuto? — ralhou Escorpião. — Motivação sexual, Lin... O que você entende por isso?

— O que exatamente você está querendo dizer?

— É um debate nosso, sabe...

— Uma *conversa* — interrompeu Gêmeos. — Não é um debate. Estou

*conversando com você, não debatendo.*

— Estamos tendo essa *conversa* sobre o que move as pessoas.

— Vou ser sincero, Lin — disse Gêmeos, suspirando intensamente. — Estamos nessa conversa há duas semanas, e Escorpião ainda não vê a luz da razão.

— Como eu disse, estamos nessa discussão sobre o que move as pessoas — insistiu George Escorpião, com o sotaque canadense e o tom professoral em uma combinação que parecia a narração de um documentário e deixava o amigo inglês extremamente irritado. — Veja você, Freud disse que somos movidos pelo impulso *sexual*. Adler discordou e disse que era o impulso pelo *poder*. Então Victor Frankl falou que o sexo e o poder eram importantes, mas que quando não conseguimos nem sexo nem poder ainda existe uma coisa que nos impulsiona e nos leva adiante...

— Sim, sim, o impulso para encontrar um *sentido* — acrescentou Gêmeos. — O que é exatamente a mesma coisa dita com palavras diferentes. Sentimos um impulso pelo poder porque o poder nos dá o sexo, e temos um impulso pelo sentido porque nos ajuda a compreender o sexo. No final das contas, tudo tem a ver com o sexo, não importa como você chame. Aquelas outras ideias são apenas como *roupas*. Quando a gente tira as roupas, sobra apenas o sexo, não é?

— Não, você está errado — discordou Escorpião. — Somos impulsionados pelo desejo de encontrar sentido na vida. Temos que saber do que se trata. Se fosse apenas por sexo ou poder, ainda seríamos chimpanzés. É o *sentido* que nos torna seres humanos.

— É o sexo que nos torna seres humanos, Escorpião — retrucou Gêmeos, com o olhar malicioso ainda mais perverso. — Mas já faz tanto tempo que você provavelmente esqueceu.

Um táxi parou ao nosso lado. O passageiro no banco traseiro esperou por um momento em uma nesga de sombra e então, lentamente, debruçou-se em direção à janela. Era Ulla.

— Lin — disse ela, resfolegante. — Preciso da sua ajuda.

Ela usava óculos escuros com armação negra e tinha um lenço amarrado na cabeça cobrindo o cabelo louro. O rosto estava pálido, magro e abatido.

— Já ouvi... essa história antes, Ulla — respondi, sem me mover na direção do táxi.

— Por favor. Estou falando sério. Por favor, entre. Tenho uma coisa para lhe contar... Algo que você deseja saber.

Não me mexi.

— Por favor, Lin. Sei onde Karla está. Vou lhe dizer se você me ajudar.

Virei-me e apertei as mãos dos Georges. Ao apertar a mão de Escorpião, passei-lhe uma nota de vinte dólares americanos. Eu a tinha tirado do bolso ao ouvir suas vozes e a guardei à mão, pronta para entregar-lhes quando nos despedissemos. No mundo em que viviam, eu sabia que aquilo era dinheiro suficiente para fazê-los ficar ricos por uma noite — caso a *comissãozinha* não desse certo.

Abri a porta e entrei no táxi. O motorista voltou ao trânsito, examinando-me

com frequência pelo espelho retrovisor.

— Não sei por que você está zangado comigo — choramingou Ulla, tirando os óculos e olhando sorradeira para mim. — Por favor, não fique zangado, Lin. Por favor, não fique zangado.

Eu não estava zangado. Pela primeira vez em muito tempo, eu não estava zangado. *Escorpião está com a razão*, pensei. *É o sentido que nos torna humanos*. Lá estava eu, mergulhando mais uma vez em um oceano de sentimentos pela simples menção de um nome. Eu procurava uma mulher, procurava Karla. Estava me envolvendo com o mundo e correndo riscos. Tinha uma razão. Tinha uma missão.

E então eu compreendi, na excitação do momento, o que havia causado minha desolação na casa de Madjid e o que me deixara tão irritado naquele dia. Eu entendi perfeitamente que aquele sonho momentâneo — o desejo infantil de que Khader fosse de fato meu pai — havia me lançado no turbilhão indócil de desespero em que se transforma, com tanta frequência, o amor entre pais e filhos. E, ao enxergar isso, ao percebê-lo e lembrar disso, encontrei a força para afastar a escuridão do meu coração. Olhei para Ulla. Fitei os labirintos azuis de seus olhos e me perguntei, sem raiva nem tristeza, se ela teria mesmo participado da traição, se tinha mesmo me enviado para a cadeia.

Ela pôs a mão no meu joelho. Apertou com força, mas a mão tremia. Senti os segundos perfumados se expandirem em torno de nós. Estávamos encurralados, presos, cada um do seu jeito. E, mais uma vez, estávamos a ponto de estabelecer a nossa trêmula teia de ligações.

— Fica fria. Vou ajudar se puder — disse eu, com calma e firmeza. — Agora me fale de Karla.

---

1 Prato tradicional no sul da Índia. Espécie de crepe feito com massa de arroz, com consistência crocante e recheado com batatas temperadas com *masala* (mistura de duas ou mais ervas, especiarias e aromatizantes). Geralmente, é acompanhado de *curd* (molho de iogurte).

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

À MEIA-NOITE, NO HORIZONTE, a grande roda turva de estrelas se ergueu das ondas, úmida e trêmula, e a luz amarelada de uma fatia de lua se acomodou sobre o mar, cintilando sobre a espuma das ondas. Era uma noite quente, silenciosa e perfeitamente clara. O convés da balsa de Goa estava lotado, mas consegui arranjar um espaço livre a alguma distância de um grande grupo de turistas jovens. A maioria deles estava chapada com maconha, haxixe e ácido. O som de música para dançar retumbava das bocas negras e escandalosas de um aparelho portátil. Sentados nas mochilas, eles se sacudiam e batiam palmas ritmadas, gritavam para poder ser ouvidos pelos outros e riam com frequência. Estar a caminho de Goa deixava-os felizes. Os turistas de primeira viagem estavam em busca de um sonho. Os veteranos voltavam ao único lugar do mundo onde se sentiam verdadeiramente livres.

Ao navegar rumo a Karla, contemplando as estrelas e ouvindo os garotos que haviam comprado passagem para viajar no convés da balsa, eu compreendia sua empolgação inocente e esperançosa, e de alguma forma, guardadas as devidas proporções, eu até compartilhava daquele sentimento. Mas meu rosto estava endurecido. Meus olhos estavam endurecidos. E essa dureza separava meus sentimentos dos deles de uma forma tão nítida e inviolável quanto aquele metro de convés me separava da celebração tumultuada e animada. E enquanto estava sentado ali, na balsa que sacudia suavemente, pensei em Ulla: pensei no medo que cintilava em seus olhos azuis de safira quando ela conversou comigo no banco traseiro do táxi.

Ulla precisava de dinheiro naquela noite, mil dólares, e eu lhe dei. Ela precisava de mim para acompanhá-la ao quarto de hotel onde havia deixado as roupas e os pertences. Fomos juntos e, apesar de não parar de tremer de medo, recolhemos tudo e pagamos a conta sem nenhum incidente. Ulla estava encenada por causa de algum negócio que envolvia Modena e Maurizio. O negócio, como tantas das pequenas falcatruas de Maurizio, dera errado. Os homens que haviam perdido dinheiro não estavam dispostos a aceitar o prejuízo e deixar o assunto para lá, ao contrário de outros, no passado. Queriam o dinheiro e queriam sangue de alguém, não exatamente nessa ordem.

Ela não me contou quem eram. Não me contou por que a consideravam um alvo ou o que planejavam fazer, caso a pegassem. Eu não perguntei. Deveria ter perguntado, é claro. Teria me poupado muitos problemas. No longo prazo, ajudaria a salvar uma ou duas vidas. Mas eu não estava muito interessado em Ulla. Queria saber de Karla.

— Ela está em Goa — disse Ulla, quando deixamos o hotel.

— Onde em Goa?

— Não sei. Em uma das praias.

— Existem muitas praias em Goa, Ulla.

— Eu sei, eu sei — choramingou, encolhendo-se ao perceber minha irritação.

— Você disse que sabe onde ela está.

— Eu sei. Está em Goa. Eu *sei* que ela está em Goa. Ela me escreveu de Mapusa. Só recebi a carta ontem. Ela está em algum lugar perto de Mapusa.

Relaxe um pouco. Colocamos seus pertences dentro do táxi que nos aguardava e dei instruções ao motorista para seguir até o apartamento de Abdullah, em Breach Candy. Olhei com atenção as ruas a nossa volta e estava quase convencido de que ninguém nos vigiava. Quando o carro arrancou, recostei-me em silêncio durante algum tempo, observando as ruas escuras que passavam pela janela.

— Por que ela foi embora?

— Não sei.

— Ela deve ter lhe dito alguma coisa. É uma garota bem comunicativa.

Ulla riu.

— Ela não me disse nada. Se você quer saber minha opinião, eu acho que partiu por sua causa.

Meu amor por Karla se horrorizou com a ideia. Minha vaidade comemorou tal lisonja. Abafei o conflito ao empregar um tom mais ríspido.

— *Deve* ter acontecido mais alguma coisa. Ela estava com medo de alguma coisa?

Ulla riu de novo.

— Karla não tem medo de nada.

— Todo mundo tem medo de alguma coisa.

— De que você tem medo, Lin?

Virei-me devagar para fitá-la, vasculhando seu rosto naquela luz fraca em busca de indícios de inveja, de algum significado ou alusão oculta na pergunta.

— O que aconteceu naquela noite em que você deveria se encontrar comigo no Leopold? — perguntei.

— Não consegui chegar lá. Não me deixaram ir. Modena e Maurizio mudaram os planos no último minuto e me impediram.

— Acho que me lembro de você ter dito que queria que *eu* fosse lá por *não* confiar neles.

— É verdade. Bem, confio em Modena, sabe, mais ou menos, mas ele não consegue resistir a Maurizio. Ele não sabe dizer não a Maurizio.

— Ainda não tenho uma explicação — grunhi.

— Eu sei — ela suspirou, completamente transtornada. — Estou tentando explicar. Maurizio tinha planejado uma parada. Bem, para falar a verdade, ele tinha planejado um roubo, e me botou no meio. Maurizio estava me usando porque os caras que pretendia roubar gostavam de mim e confiavam em mim, você sabe como é.

— É, eu sei como é.

— Ah, por favor, Lin, não tive culpa de não ter aparecido naquela noite. Eles queriam que eu me encontrasse sozinha com os clientes. Eu estava com medo porque sabia o que Maurizio planejava fazer e por isso pedi sua ajuda, como amigo. Então eles mudaram o plano e nos encontramos em outro lugar, e eu não podia sair para avisar. Tentei encontrá-lo no dia seguinte para explicar e pedir

desculpas, mas você... tinha desaparecido. Procurei em toda parte, juro. Fiquei muito mal por não ter me encontrado com você no Leopold, como havia prometido.

— Quando soube que eu estava preso?

— Depois que você saiu. Encontrei Didier e ele me disse que você estava com uma péssima aparência. Foi a primeira coisa que eu... Espere aí... Você acha que *eu* tenho alguma coisa a ver com a sua prisão? Você pensa *isso*?

Encarei-a por alguns segundos antes de responder.

— E você *teve*?

— Ah, merda! Ah, Deus — lamuriou-se, enrugando o lindo rosto em uma feição de terrível angústia. Ela sacudiu a cabeça para um lado e para o outro rapidamente, como se tentasse impedir que um pensamento ou um sentimento se enraizasse. — Pare o carro! Motorista! *Band karo!* *Abi, abi!* *Band karo!* — *Agora, agora! Pare!*

O motorista estacionou sobre a calçada ao lado de uma fileira de lojas fechadas. A rua estava deserta. Ele desligou o motor e nos observou pelo espelho retrovisor.

Ulla tentou abrir a porta. Estava chorando. Em sua agitação, ela travara a maçaneta, que não queria abrir.

— Acalme-se — disse eu, afastando delicadamente suas mãos da maçaneta e segurando-as nas minhas. — Está tudo bem. Acalme-se.

— Não está nada bem — soluçou. — Não sei como nos metemos nessa confusão. Modena é muito ruim de transação. Eles fizeram uma confusão, ele e Maurizio. Estavam passando um monte de gente para trás, você sabe, mas sempre davam um jeito de se safar. Mas esses caras são diferentes. Estou muito assustada. Não sei o que fazer. Vão nos matar. Todos nós. E você acha que fui eu quem o entregou para a polícia? Por que faria isso, Lin? Você acha que eu sou esse tipo de pessoa? Sou tão ruim assim que me considera capaz de uma coisa dessas? Você acha que eu sou o quê?

Estiquei o braço para abrir a porta. Ela saiu e se apoiou na lateral do carro. Saltei e me juntei a ela. Ulla tremia e soluçava. Segurei-a nos braços até que parasse de chorar.

— Está tudo bem, Ulla. Não acho que você tenha nada a ver com aquilo. Nunca pensei que você estivesse envolvida. De verdade. Nem mesmo quando você não apareceu naquela noite no Leopold. Perguntar para você... foi uma forma de encerrar o assunto. É uma pergunta que eu precisava fazer. Você entende?

Ela olhou para o meu rosto. As luzes da rua faziam arcos em seus olhos grandes e azuis. A boca estava frouxa de cansaço e medo, mas os olhos se fixavam em uma esperança distante e inabalável.

— Você realmente a ama, não é?

— Sim.

— Que bom — disse, sonhadora e triste, desviando o olhar. — O amor é uma coisa boa. E Karla... Ela precisa muito de amor. Modena me ama também, sabe. Ele me ama muito, de verdade...

Ela se perdeu naqueles pensamentos por alguns instantes e então jogou bruscamente a cabeça para trás para me fitar. As mãos agarraram meus braços enquanto eu a segurava.

— Você vai encontrá-la. Comece por Mapusa e vai encontrá-la. Ela vai ficar em Goa por mais algum tempo. Foi o que me disse na carta. Está em algum lugar bem na praia. Na carta, contou que podia ver o mar da sua porta. Vá até lá, Lin, encontre-a. Procure-a e você a encontrará. No mundo inteiro, só o amor importa. Só o amor...

E as lágrimas de Ulla ficaram comigo, transbordando luz até se dissolverem no mar cintilante e enluarado ao redor da balsa. E suas palavras, *só o amor importa*, se repetiam como contas de um rosário de possibilidades, enquanto a música e os risos se chocavam a minha volta.

Quando a luz daquela longa noite se transformou em amanhecer e a balsa atracou em Panjim, capital de Goa, eu fui o primeiro a entrar no ônibus para Mapusa. Os quinze quilômetros entre Panjim e Mapusa (que se pronuncia *Muppsa*) serpenteavam entre bosques frondosos, passavam por palacetes construídos segundo os estilos e gostos de quatrocentos anos de governo colonial português. Mapusa servia como centro de transportes e comunicação para o norte de Goa. Cheguei numa sexta-feira, dia de feira, e as multidões matinais já estavam ocupadas em fazer negócios e pechinchar. Abri caminho até um ponto de táxi e motocicleta. Depois de uma negociação que invocou uma respeitável assembleia de divindades de pelo menos três religiões e incorporou referências desairosas e carnavais às irmãs de nossos respectivos amigos e conhecidos, um negociante concordou em me alugar uma motocicleta Enfield Bullet por um preço razoável. Paguei um depósito e o aluguel de uma semana adiantado, arranquei com a moto e deixei a confusão do mercado rumo às praias.

A Bullet 350 cilindradas da Enfield da Índia era uma motocicleta monocilíndrica de quatro tempos, construída de acordo com os planos do modelo original da British Royal Enfield dos anos 1950. Famosa tanto por seu manuseio idiossincrático quanto por sua confiabilidade e sua durabilidade, a Bullet era uma moto que exigia que o condutor estabelecesse um relacionamento com ela. Esse relacionamento envolvia tolerância, paciência e compreensão por parte do motorista. Em troca, a Bullet fornecia uma espécie de prazer elevado, celestial, ao sabor do vento, que os pássaros com certeza conhecem, pontuado, com alguma frequência, por experiências de quase morte.

Passei o dia percorrendo as praias de Calangute a Chapora. Verifiquei todos os hotéis e hospedarias, salpicando o terreno árido com uma chuva de propinas pequenas mas tentadoras. Encontrei-me com os cambistas, traficantes, guias turísticos, ladrões e gigolôs locais em cada uma das praias. A maioria deles vira garotas estrangeiras que correspondiam à descrição, mas nenhum tinha certeza de ter visto Karla. Parei para tomar chá, suco ou lanchar nos principais restaurantes da praia, fazendo perguntas para os garçons e gerentes. Todos foram muito prestativos, ou tentaram ser, porque falei com eles em marata e híndi. Porém, ninguém a vira, e, quando as poucas pistas que eu consegui não deram em nada, o primeiro dia de buscas encerrou-se com decepção.

O dono do restaurante Seashore em Anjuna, um marata jovem e robusto chamado Dashrant, foi o último dos habitantes da região com quem falei, quando o sol começou a se pôr. Preparou-me uma refeição substanciosa com folhas de couve recheadas de batatas, vagem com gengibre, berinjela com *chutney* azedo e quiabo frito. Quando a comida ficou pronta, ele trouxe seu próprio prato para a mesa e me fez companhia. Insistiu que encerrássemos a refeição com um copo longo de *feni* de coco fermentado, seguido por outro copo longo de *feni* de caju. Depois de se recusar a receber o pagamento de um *gora* que falava sua língua natal, Dashrant trancou o restaurante e me acompanhou, como guia, na traseira da motocicleta. Ele achava muito romântica minha busca por Karla — muito indiano, disse ele —, e queria que eu ficasse por perto, como seu hóspede.

— Há algumas estrangeiras bonitas na área — ele me contou. — Uma delas, se Bhagwan desejar, pode ser seu amor perdido. Primeiro você dorme, amanhã procura... Com a mente limpa, não é?

Montados na moto, patinamos com as pernas esticadas por uma rua de areia fofa, ladeada por altas palmeiras. Segui suas instruções até chegar a uma pequena casa. A estrutura quadrada era feita de bambu, estacas de coco e folhas de palmeira. Ficava perto do restaurante, com uma ampla vista do mar escuro. Entrei e encontrei um único aposento, que ele iluminou com velas e lamparinas. O piso era de areia. Havia uma mesa e duas cadeiras, uma cama com colchão de borracha sem coberta e uma arara metálica para pendurar as roupas. Uma *matka* grande estava cheia de água limpa. Ele anunciou com orgulho que a água fora retirada naquele dia de um poço da região. Havia uma garrafa de *feni* de coco sobre a mesa, e dois copos. Dashrant me garantiu que a moto e eu ficaríamos a salvo naquele lugar, porque todos na região sabiam que a casa era sua. E me entregou a chave da corrente e do cadeado da porta, dizendo para eu ficar até encontrar a garota. Partiu, piscando e sorrindo para mim. Escutei-o cantar enquanto caminhava de volta para seu restaurante entre as palmeiras esguias.

Encostei a moto no chalé e a prendi com uma corda até o pé da cama, cobrindo-a com areia. Esperava ser acordado com o movimento se alguém tentasse roubá-la. Exaurido e decepcionado, caí na cama e adormeci em segundos. Foi um sono reparador, sem sonhos, mas acordei depois de quatro horas, agitado demais para voltar a dormir. Calcei as botas, peguei uma lata com água e fui ao toalete nos fundos do chalé. Como muitos toaletes em Goa, não passava de um declive íngreme e liso atrás de um buraco. Os dejetos desciam a ladeira até uma via estreita. Porcos selvagens, negros e peludos, típicos de Goa, vagavam pelos caminhos e os devoravam. Enquanto eu caminhava de volta à casa para lavar as mãos, vi um rebanho de suínos pretos trotando pelo caminho. Era um método eficiente e ecologicamente correto para se remover os detritos, mas a visão daqueles porcos se banqueteando era um argumento eloquente a favor do estilo de vida vegetariano.

Caminhei até a praia, que não ficava a mais de cinquenta passos do chalé de Dashrant e sentei nas dunas para fumar um cigarro. Já era quase meia-noite e a praia estava deserta. A lua, quase cheia, estava pregada como uma medalha no

peito do céu. *Uma medalha para quê?*, pensei. *Ferido em ação, talvez. Uma condecoração militar.* O luar se derramava sobre as ondas que quebravam na areia, como se a própria luz trouxesse as ondas, como se uma grande rede de luz prateada proveniente da lua houvesse capturado o mar inteiro e o arrastasse para a praia, onda a onda.

Uma mulher se aproximou de mim, com uma cesta na cabeça. Os quadris se mexiam e balançavam no ritmo das ondulações que beijavam seus pés. Ela se voltou para mim e deixou a cesta cair a meus pés, acocorando-se para me olhar nos olhos. Ela vendia melancias, tinha uns trinta e cinco anos, e aparentava estar bem acostumada com turistas e suas manias. Enquanto mastigava vigorosamente nozes de bétel, fez um gesto com a palma da mão aberta em direção à metade de uma melancia que ainda estava no grande cesto. Era muito tarde para ela andar pela praia. Imaginei que estivera tomando conta de alguma criança ou cuidando de um parente e que agora voltava para casa. Quando me viu ali, sozinho, resolveu arriscar e ver se tinha a sorte de fazer uma última venda naquela noite.

Eu disse, em marata, que ficaria feliz em comprar uma fatia de melancia. Ela reagiu com ar de agradável surpresa e, depois das perguntas costumeiras sobre onde e como aprendi a falar a língua, cortou uma fatia generosa para mim. Comi a *kalinga*, doce e deliciosa, cuspidando as sementes na areia. Ela me observou comer e tentou recusar quando coloquei uma nota, e não uma simples moeda, dentro do cesto. Enquanto se levantava, pondo o cesto na cabeça, comecei a cantar uma música antiga e triste, muito popular, da trilha sonora de um filme hindí.

*Ye doonia, ye mehfil*  
*Mere kam, ki nahi...*

O mundo inteiro, todas as pessoas,  
Não significa nada para mim...

Ela deu gritinhos de satisfação e ensaiou alguns passos de dança elegantes, antes de se afastar lentamente pela praia.

— É por isso que gosto de você, sabe? — disse Karla, sentando-se ao meu lado com um único e gracioso movimento.

O som de sua voz e a visão de seu rosto me deixaram sem fôlego e fizeram meu coração disparar. Tanta coisa havia se passado desde a última vez que eu a vira, a primeira vez que fizemos amor, que uma onda febril de emoção fez lágrimas arderem em meus olhos. Eu teria chorado, se fosse um homem diferente, um homem melhor. E, quem sabe, as coisas teriam sido diferentes.

— Achei que você não acreditava no amor — respondi, esforçando-me para domar meus sentimentos, determinado a não deixá-la perceber o efeito que exercia sobre mim, o poder que tinha sobre mim.

— O que o *amor* tem a ver com isso?

— Achei... Achei que você estava falando de amor.

— Não. Eu disse que é por isso que eu *gosto* de você — retrucou, rindo e olhando para a lua. — Mas acredito no amor. Todo mundo acredita no amor.

— Não tenho certeza. Acho que muita gente parou de acreditar no amor.

— As pessoas não pararam de acreditar no amor. Não pararam de desejar o amor. Só não acreditam mais em finais felizes. Ainda acreditam no amor, em se apaixonar, mas agora sabem que... Sabem que os romances raramente terminam tão bem quanto começam.

— Achei que você odiava o amor. Não foi o que você disse lá na Aldeia do Céu?

— Eu odeio o amor, do mesmo jeito que odeio o *ódio*. Isso não quer dizer que não acredite neles.

— Não existe ninguém no mundo igual a você, Karla — disse suavemente, sorrindo para seu perfil enquanto ela fitava a noite e o mar. Ela não respondeu.

— Então... por que você...

— Por que eu o quê?

— Por que você gosta de mim... Sabe, o que você acabou de dizer.

— Ah, isso — ela sorriu, me encarando e erguendo uma sobrancelha quando nossos olhos se encontraram. — Porque sabia que você me encontraria. Sabia que não precisava mandar nenhum recado ou avisar onde eu estava. Sabia que você me encontraria, que viria. Não sei como, mas eu simplesmente sabia. E então, quando vi você cantar para aquela mulher na praia... Você é um sujeito muito maluco, Lin. Amo isso. Acho que é daí que vem sua bondade... da sua maluquice.

— Minha *bondade*? — perguntei, sinceramente surpreso.

— Sim. Existe muita bondade em você, Lin. É muito... muito difícil resistir à bondade verdadeira em um homem durão. Não lhe contei, ou contei, quando nós trabalhávamos juntos na favela. Eu estava tão orgulhosa de você. Sabia que deveria estar apavorado e muito preocupado, mas apenas sorria para mim, e estava sempre ali, do meu lado, todas as vezes que eu acordava ou quando eu ia dormir. Admiro o que você fez ali como poucas coisas que já vi na vida. E não costumo admirar muita coisa.

— O que você está fazendo aqui em Goa, Karla? Por que partiu?

— Faz mais sentido perguntar por que *você* fica lá.

— Tenho meus motivos.

— Exatamente. E tive meus motivos para partir.

Ela virou a cabeça para observar uma figura distante e solitária na praia. Parecia um andarilho, um guru. Quis perguntar de novo e descobrir o que a fizera deixar Bombaim, mas sua expressão era tão tensa que decidi aguardar.

— O que você sabe sobre minha temporada em Arthur Road? — perguntei.

Ela estremeceu, ou talvez tenha reagido assim por causa da brisa do mar. Estava vestida com uma regata amarela larga e *lungi* verde. Os pés descalços estavam enterrados na areia e ela abraçava os joelhos.

— O que você quer dizer?

— Os tiras me prenderam naquela noite, depois que saí de sua casa para encontrar com Ulla. Eles me pegaram logo depois que a gente se despediu. O

que você achou que tinha acontecido comigo quando desapareci?

— Eu não soube de nada naquela noite. Não podia adivinhar.

— Você achou... Achou que eu tivesse simplesmente largado você?

Ela fez uma pausa, franzindo a testa, pensativa.

— No início foi o que pensei. Ou coisa parecida. E acho que odiei você. Depois, comecei a fazer perguntas. Quando descobri que você não tinha voltado nem mesmo para o posto na favela, que ninguém tinha visto você, achei que deveria estar... fazendo alguma coisa... importante.

— Importante — gargalhei. Não foi uma gargalhada de satisfação. Foi amarga, irritada. Tentei afastar aqueles sentimentos de mim. — Lamento, Karla. Não consegui mandar um recado. Não pude me comunicar com você. Estava louco de preocupação com medo de que... De que você estivesse me odiando por ter sumido daquela forma.

— Quando ouvi que você estava na cadeia, fiquei desolada. Foi uma época muito ruim para mim. Esse negócio que eu estava fazendo... começou a dar errado. Tão errado, de uma forma tão ruim, Lin, que acho que nunca mais vou voltar a fazê-lo. E então tive notícias suas. E fiquei tão... Bem... tudo mudou assim, como um passe de mágica. Tudo.

Eu não conseguia entender o que ela estava dizendo. Tinha certeza de que era importante e queria lhe fazer mais perguntas, mas a figura solitária, a apenas alguns metros de distância, se aproximou de nós em passos lentos e solenes. O momento passou.

Era, de fato, um guru. Alto, magro, com a pele escura como a terra, estava enfeitado com dúzias de colares, amuletos e pulseiras. O cabelo era um emaranhado de tranças que chegava à altura da sua cintura. Enquanto equilibrava um cajado comprido nos ombros, ele juntou as mãos para nos cumprimentar e abençoar. Retribuímos o cumprimento e o convidamos para se sentar conosco.

— Vocês têm haxixe? — perguntou ele, em híndi. — Gostaria de fumar nesta linda noite.

Pesquei um pedaço de haxixe no bolso e joguei para ele, junto com um cigarro com filtro.

— Que Bhagwan abençoe a sua bondade — entoou.

— E que Bhagwan também lhe abençoe — respondeu Karla em perfeito híndi. — Ficamos muito felizes em ver um devoto de lorde Shiva na lua cheia.

Ele sorriu, mostrando as falhas na arcada dentária, e começou a preparar um cachimbo. Quando ficou pronto, ergueu as palmas das mãos para chamar nossa atenção.

— Agora, antes de fumarmos, quero dar a vocês um presente em agradecimento — disse ele. — Vocês compreendem?

— Sim, compreendemos — disse eu, sorrindo para retribuir a luz em seus olhos.

— Ótimo. Eu abençoo os dois. Minha bênção vai acompanhá-los para sempre. Eu os abençoo assim...

Ele ergueu os braços sobre a cabeça e então dobrou os joelhos, tocando a testa na areia, com os braços estendidos. Ergueu-se novamente sobre os joelhos e

elevou as mãos, repetindo o gesto várias vezes enquanto balbuciava palavras incompreensíveis.

Por fim, voltou a se apoiar nos pés, exibindo o sorriso cheio de falhas, e depois acenou para que eu acendesse o cachimbo. Fumamos em silêncio. Quando terminamos, recusei a sobra do haxixe. O guru se levantou para partir, aceitando o presente com um solene meneio de cabeça. Quando o olhamos, ele levantou lentamente o cajado para apontar a lua quase cheia. Na mesma hora vimos e compreendemos o que ele queria dizer — o desenho na superfície da lua, que algumas culturas chamam de *coelho*, nos pareceu subitamente uma figura ajoelhada que erguia os braços em oração. Rindo feliz, o *sadhu* se afastou, caminhando pelas dunas delicadas.

— Eu amo você, Karla — disse-lhe quando voltamos a ficar sozinhos. — Amei você no segundo em que a vi. Acho que amei você desde que o amor começou a existir no mundo. Amo sua voz. Amo seu rosto. Amo suas mãos. Amo tudo o que você faz e amo a forma como você faz tudo. Seu toque parece mágica. Amo a forma como sua mente funciona e as coisas que você diz. E embora tudo isso seja verdade, não consigo compreender nem explicar, nem para você nem para mim mesmo. Eu simplesmente amo você. Simplesmente amo você com todas as forças. Você faz o que Deus deve fazer: você me dá uma razão para viver e para amar o mundo.

Ela me beijou e nossos corpos se juntaram na areia macia. Ela segurou minhas mãos entre as dela e, com os braços estendidos sobre nossas cabeças, fizemos amor enquanto a lua, em oração, seduzia o mar, provocando as ondas para que se quebrassem e desmornassem na perfeição encantada da costa.

E, na semana que se seguiu, brincamos de ser turistas em Goa. Visitamos todas as praias na costa do mar Árábico, de Chapora a Cabo Rama. Dormimos duas noites no maravilhoso ouro branco da praia de Colva. Inspecionamos todas as igrejas na antiga colônia de Goa. O Festival de São Francisco Xavier, que acontecia todos os anos no aniversário da morte do santo, nos envolveu com imensas multidões de peregrinos felizes e histéricos. As ruas estavam lotadas de gente com suas melhores roupas. Mercadores e camelôs vinham de todo o território. Procissões de cegos, aleijados e doentes, à espera de um milagre, passeavam em direção à basílica do santo. Xavier, um monge espanhol, foi um dos sete primeiros jesuítas na ordem fundada pelo amigo Inácio de Loyola. Xavier morreu em 1552. Tinha apenas quarenta e seis anos, mas suas espetaculares missões de catequese à Índia, então chamada simplesmente de Extremo Oriente, criaram uma lenda duradoura. Depois de muitos enterros e exumações, o corpo bem desenterrado de São Francisco afinal encontrou repouso na Basílica do Bom Jesus, em Goa, no início do século XVII. Ainda conservadíssimo — alguns diriam até que milagrosamente —, era exibido ao público de dez em dez anos. Embora parecessem imunes à decomposição, os restos mortais do santo sofreram uma série de amputações e subtrações ao longo dos séculos. Uma portuguesa arrancara um dos dedos do pé com uma mordida, no século XVI, na esperança de ficar com uma relíquia. Partes da mão direita foram enviadas para centros religiosos, bem como pedaços do santo intestino.

Karla e eu oferecemos gorjetas exorbitantes para os guardiões da basílica, sem parar de rir, mas eles se recusaram terminantemente a nos deixar dar uma olhada no venerável cadáver.

— Por que você começou a assaltar? — ela me perguntou em uma daquelas noites quentes com céu de cetim, ao som das ondas melodiosas e suaves.

— Eu lhe contei. Meu casamento acabou, perdi minha filha. Pirei e me envolvi com drogas. Então fui roubar para bancar meu vício em heroína.

— Não é isso. Por que você escolheu *assaltar*? Por que não foi fazer outra coisa?

Era uma boa pergunta, que ninguém no sistema de justiça — tiras, advogados, juiz, psiquiatra ou mesmo o diretor do presídio — havia formulado.

— Pensei nisso. Pensei muito. Parece esquisito, eu sei, mas acho que tem muito a ver com televisão. Todos os heróis de TV tinham uma arma. E havia uma coisa *corajosa*... nos assaltos à mão armada. Sei que não há nada de corajoso nisso. É uma covardia assustar as pessoas com uma arma, mas me parecia a forma mais corajosa de roubar dinheiro naquele tempo. Eu não conseguiria bater na cabeça de velhinhas para roubar suas bolsas ou arrombar a casa de ninguém. De certa forma, parecia *justo*, pois eu tinha uma boa chance, todas as vezes, de levar um tiro das pessoas que eu roubava ou da polícia, e morrer.

Ela me observou em silêncio, com a respiração quase no mesmo ritmo da minha.

— E havia algo mais... Esse herói especial existe na Austrália...

— Continue — insistiu.

— Chamava-se Ned Kelly. Era um rapaz que se complicou com os homens da lei. Apesar de durão, na verdade não era um homem *embrutecido*. Jovem e agitado, caiu numa armadilha dos tiras que não iam com a cara dele. Um policial beberão tinha uma queda pela irmã dele e tentou seduzi-la. Ned impediu e foi aí que a encrenca começou. Mas não foi só isso. Odiavam-no por muitas razões, principalmente pelo que ele representava: uma espécie de espírito rebelde. E me identifiquei com ele porque fui um revolucionário.

— Acontecem revoluções na Austrália? — perguntou ela, com um riso intrigado. — Nunca ouvi falar.

— Não há revoluções — eu a corrigi —, só revolucionários. Eu fui um deles. Era anarquista. Aprendi a atirar, a fazer bombas. Estávamos prontos para entrar na luta quando a revolução viesse, o que, naturalmente, nunca aconteceu. E tentávamos impedir que nosso governo participasse da Guerra do Vietnã.

— A Austrália participou da Guerra do Vietnã?

Foi minha vez de rir.

— Pois é. Fora da Austrália, a maior parte das pessoas não sabe disso. Mas entramos na guerra do lado dos Estados Unidos. Soldados australianos morreram junto aos soldados americanos, e rapazes australianos foram convocados. Muitos se recusaram a ir, como os americanos que se opuseram à guerra. Muitos foram para a cadeia por não desejarem lutar. Não fui para a cadeia. Fiz bombas, organizei passeatas e lutei com os tiras nas barricadas, até que houve uma

mudança de governo e a Austrália saiu da guerra.

— Você ainda é um deles?

— Um deles?

— Ainda é um anarquista?

Era uma pergunta difícil de responder, porque me obrigava a comparar o homem que eu havia sido com o que eu me permitira tornar.

— Os anarquistas... — comecei e vacilei. — Nenhuma filosofia política que eu conheça ama tanto a espécie humana quanto o anarquismo. Todas as outras formas de se olhar o mundo dizem que as pessoas precisam ser controladas, comandadas e governadas. Só os anarquistas confiam nos seres humanos a ponto de deixar que cuidem de si mesmos. E eu costumava ser otimista assim no passado. Costumava acreditar e pensar assim. Mas não acredito mais. Portanto, não... Acho que deixei de ser um anarquista.

— E aquele herói, quando você praticava assaltos à mão armada, você se identificava com ele?

— Com Kelly, com Ned Kelly, sim, acho que sim. Ele tinha uma gangue de rapazes, o irmão mais novo e dois dos seus melhores amigos, e faziam esses assaltos. Os tiras mandaram uma tropa de choque atrás dele, mas Ned os derrotou e alguns policiais morreram.

— O que aconteceu com ele?

— Foi pego. Houve um tiroteio. O governo declarou guerra contra ele. Enviaram um monte de homens atrás dele e cercaram a quadrilha em um hotel no mato.

— Um hotel num mato?

— No mato. É assim que chamamos o interior, na Austrália. De qualquer maneira, Ned e seus homens foram cercados por um exército de tiras. O melhor amigo levou um tiro na garganta e morreu. O irmão caçula e o outro garoto, chamado Steve Hart, se mataram com as últimas balas para não serem capturados. Tinham dezenove anos. Ned tinha uma armadura de aço, capacete e proteção para o peito. Foi para cima do exército de tiras, com as duas armas cintilando. Eles se cagaram de medo, a princípio, e fugiram. Mas os oficiais os obrigaram a retornar à luta. Atiraram nas pernas de Ned. Depois de um julgamento fajuto, com falsos testemunhos, Ned Kelly foi condenado à morte.

— Eles o mataram?

— Mataram. As últimas palavras dele foram: *A vida é assim*. Foi a última coisa que ele disse. Enforcaram-no e depois lhe cortaram a cabeça e a usaram como peso de papel. Antes de morrer, ele disse ao juiz que o condenara que eles se encontrariam em pouco tempo, num tribunal superior. O juiz morreu pouco depois.

Ela acompanhava a história observando minha expressão enquanto eu a contava. Estiquei o braço para pegar um punhado de areia e deixei que ela escorresse entre meus dedos. Dois grandes morcegos passaram sobre nossas cabeças. Estavam tão perto que pudemos ouvir o farfalhar seco de suas asas.

— Quando era criança, eu adorava a história de Ned Kelly. E não era o único. Artistas, escritores, músicos e atores trabalharam com ela, de um modo ou

de outro. Ele conquistou um lugar dentro de nós, na psique australiana. É a coisa mais parecida com Che Guevara ou Emiliano Zapata de que dispomos. Quando a heroína detonou meu cérebro, acho que comecei a afundar numa fantasia que misturava a vida dele e a minha. Mas era uma versão corrompida da história. Ele era um ladrão que se tornou revolucionário. Eu era um revolucionário que se tornou ladrão. Sempre que eu assaltava, e fiz isso muitas vezes, tinha certeza de que os tiros iam estar ali e que eu seria morto. Eu *esperava* que isso acontecesse. Via a cena inteira na minha cabeça. Podia vê-los me mandando parar. Então eu sacava a arma e eles atiravam até que eu morresse. Eu esperava que os tiros me fuzilassem na rua. Era assim que eu queria morrer...

Ela pôs o braço em volta do meu ombro. Com a mão livre, segurou meu queixo e virou minha cabeça para que eu pudesse ver seu sorriso.

— Como são as mulheres na Austrália? — perguntou, passando a mão no meu cabelo louro e curto.

Eu ri e ela me deu um soco na costela.

— Estou falando sério! Conte como elas são.

— Bem, elas são lindas — disse eu, olhando para *seu* rosto lindo. — Há muitas mulheres bonitas na Austrália. E elas gostam de conversar e gostam de farra. São bem animadas. E muito diretas. Odeiam enrolação. Não há nada que se compare a uma australiana quando se trata de tirar sarro de um homem.

— Tirar um *sarro*?

— Significa debochar — eu ri. — Fazer a gente murchar, sabe, esculhambar, fazer a gente parar de se achar tão incrível. Fazem isso muito bem. E, se elas vão para cima desse jeito, pode ter certeza de que o cara fez por merecer.

Ela se deitou na areia com as mãos atrás da cabeça.

— Acho que os australianos são muito doidos — disse ela. — E gostaria muito de ir lá.

E tudo deveria ter sido feliz, deveria ter sido simples, deveria ter sido sempre bom como durante aqueles dias e noites de amor em Goa. Deveríamos ter construído uma vida feita de estrelas, mar e areia. E eu deveria ter dado ouvidos a ela — que praticamente não me falou nada, mas deu alguns sinais. Agora sei que ela pôs sinais tão claros quanto as constelações sobre as nossas cabeças nas palavras e expressões. Mas eu não escutei. Quando estamos apaixonados, não costumamos prestar atenção à essência do que a pessoa amada diz, ao mesmo tempo que nos inebriamos, no êxtase, pela forma como aquilo é dito. Eu estava apaixonado por seus olhos, mas não os decifrava. Eu amava sua voz, mas não ouvia o medo e a angústia que carregava.

E, quando a última noite chegou e passou, acordei de madrugada para me preparar para a viagem de volta a Bombaim e a encontrei de pé, na porta, olhando para a pérola cintilante do mar.

— Não volte — disse ela, enquanto eu punha minhas mãos em seus ombros e beijava seu pescoço.

— O quê? — dei uma risada.

— Não volte para Bombaim.

— Por que não?

— Porque eu não quero.

— O que *isso* quer dizer?

— Exatamente o que eu disse... Não quero que você vá.

Eu ri, porque achei que era uma piada.

— Tudo bem — disse eu, sorrindo e esperando o desfecho da piada. — Então *por que* você não quer que eu vá?

— Preciso de uma razão? — quis saber.

— Bem... *Precisa*.

— Acontece que eu *tenho* razões. Mas não vou lhe dizer.

— Não vai?

— Não. Não acho que eu deva. Quando digo que tenho razões, isso deveria bastar para você... se você me ama do jeito que diz.

Sua atividade foi tão veemente e sua posição, tão inflexível e inesperada que eu fiquei surpreso demais para me zangar.

— Tudo bem, tudo bem — disse eu, de maneira sensata —, vamos tentar de novo. Preciso voltar para Bombaim. Por que *você* não vem *comigo*? Então poderemos ficar juntos para sempre e coisa e tal.

— Não vou voltar — disse ela, categoricamente.

— Por que cargas d'água não vai voltar?

— Não posso... Simplesmente, não *quero* ir e também não quero que *você* vá.

— Bem, não vejo problema. Posso fazer o que tenho para fazer em Bombaim, e você pode esperar aqui. Vou voltar assim que terminar.

— Não quero que você vá — repetiu ela, no mesmo tom.

— Calma, Karla. Eu preciso voltar.

— Não, você não precisa.

Meu sorriso se transformou numa cara feia.

— Preciso, sim. Prometi a Ulla que estaria de volta em dez dias. Ela ainda está encrocada. Você sabe disso.

— Ulla pode cuidar de si mesma — chiou, ainda se recusando a virar e me olhar.

— Você está com ciúmes de Ulla? — perguntei, sorrindo, enquanto estendia a mão para acariciar seus cabelos.

— Não seja idiota! — retrucou. Ela se virou e havia fúria em seus olhos. — Gosto de Ulla, mas estou lhe dizendo que ela pode tomar conta de si mesma.

— Acalme-se. Qual é o problema? Você sabia que eu ia voltar. Falamos sobre isso. Estou entrando na operação de passaportes. Você sabe como é importante para mim.

— Eu *arranjo* um passaporte para você. Arranjo *cinco* passaportes!

Minha teimosia começou a falar mais alto.

— Não quero que *você* me arranje um passaporte. Quero aprender como fabricá-los e transformá-los. Quero aprender tudo... Tudo que eu conseguir. Vou me ensinar a ajeitá-los e falsificá-los. Se eu aprender, vou estar livre. E quero ser livre, Karla. *Livre*. É o que desejo.

— Por que seria diferente com *você*? — questionou.

— O que você está falando?

— Ninguém consegue o que quer — disse ela. — Ninguém consegue. Ninguém.

A fúria dela se transformou em algo pior, algo que eu nunca vira nela: uma tristeza resignada e derrotada. Eu sabia que era um pecado provocar tal sentimento em uma mulher, em qualquer mulher. E, ao ver seu sorrisinho perder a força e desaparecer, percebi que eu pagaria por aquilo, mais cedo ou mais tarde.

Falei com ela com brandura, lentamente, tentando chegar a um acordo.

— Mandei Ulla para a casa do meu amigo Abdullah. Ele está tomando conta dela. Não posso largá-la ali. Preciso voltar.

— Não vou estar aqui da próxima vez que procurar por mim — disse ela, voltando-se para se apoiar mais uma vez no batente da porta.

— O que você quer dizer?

— O que acabei de dizer.

— Isso é uma espécie de ameaça? É um ultimato?

— Dê o nome que quiser — respondeu desanimada, como se acabasse de acordar de um sonho. — É apenas um fato. Se você voltar para Bombaim, vou desistir de você. Não vou com você, nem vou esperá-lo. Fique comigo aqui, agora, ou volte sozinho. A escolha é sua. Mas, se for embora, está tudo acabado entre nós.

Fiquei olhando para ela, confuso, zangado e apaixonado.

— Você precisa me dar mais alguma coisa — disse eu, mais baixinho. — Precisa me explicar o motivo. Você tem que falar comigo, Karla. Não pode simplesmente me dar um ultimato, sem razão, e esperar que eu aceite tudo. Existe uma diferença entre uma escolha e um ultimato. Uma escolha significa que, antes de decidir, você sabe o que se passa e por quê. Não sou o tipo de homem que aceita um ultimato. Se fosse, não teria fugido da prisão. Você não pode me *dizer* o que fazer, Karla. Não pode me *dar ordens* sem explicação. Não sou esse tipo de homem. Você precisa me dizer o que está acontecendo.

— Não posso.

Suspirei e falei com aparente tranquilidade, mas meus dentes estavam cerrados.

— Acho que não me expliquei... direito. O fato é que não existe muita coisa para se respeitar em mim. Mas o pouco que sobra é *tudo* o que eu tenho. Um homem precisa se respeitar, Karla, antes de conseguir respeitar qualquer pessoa. Se eu ceder e fizer o que você deseja que eu faça, sem um motivo, não vou me respeitar. E, se não me disser a verdade,  *você* também não me respeitaria. Assim, pergunto mais uma vez: o que está acontecendo?

— Não posso...

— Você quer dizer que não *quer*.

— Quero dizer que eu não posso — falou baixinho e então me olhou direto nos olhos. — E não quero. É assim que as coisas são. Você acabou de me dizer que faria qualquer coisa por mim. Quero que você fique. Não quero que volte para Bombaim. Se você *voltar*, está tudo acabado entre nós.

— Que tipo de homem eu seria — perguntei, tentando sorrir — se aceitasse uma coisa dessas?

— Acho que esta é a resposta e você já fez sua escolha — suspirou, forçando o caminho para sair do chalé.

Arrumei minhas coisas e prendi a mochila na moto. Quando tudo estava pronto, fui até o mar. Ela saiu das ondas e caminhou lentamente em minha direção, arrastando os pés na areia. A regata e o *lungi* colaram em seu corpo. O cabelo negro reluziu, escorrido e úmido, sob o sol. A mulher mais linda que eu já vira.

— Eu amo você — disse, quando entrou nos meus braços e nos beijamos. Falei as palavras contra seus lábios, seu rosto, seus olhos. Apertei-a com força. — Eu amo você. Tudo vai dar certo. Você vai ver. Vou voltar logo.

— Não — respondeu ela, de forma rude. O corpo não estava rígido, mas completamente imóvel, a vida e o amor o abandonaram. — Não vai dar tudo certo. Não vai dar certo. Acabou. E não estarei mais aqui depois de hoje.

Olhei em seus olhos e senti meu próprio corpo endurecer, esvaziado pelo orgulho. Minhas mãos deixaram seus ombros. Virei-me e caminhei para a moto. Ao passar pelo último pequeno penhasco com vista para a praia, a nossa praia, parei a moto e protegi os olhos com as mãos para procurar por ela. Mas ela havia desaparecido. Não havia nada além das ondas que quebravam como as espinhas recurvadas de golfinhos brincalhões e a imensidão vazia da areia, desarrumada e sem vestígios.

UM CRIADO SORRIDENTE abriu a porta e me acompanhou ao aposento, fazendo gestos para que eu permanecesse em silêncio. Não precisava ter se dado o trabalho. A música estava tão alta que eu não poderia ser ouvido mesmo se gritasse. Ele deitou a mão como se fosse um pratinho e fingiu beber chá, mímica para me oferecer *chai*. Assenti. Ele fechou a porta silenciosamente, deixando-me sozinho com Abdul Ghani. A figura corpulenta estava em pé, diante da curva aberta de uma janela com vista ampla para os terraços, sacadas iluminadas por sáris verdes e amarelos pendurados para secar ao sol e telhados cor de ferrugem.

A sala era imensa. No teto, rosetas enfeitadas circundavam três grossas correntes de ouro que pendiam de grande altura, com três candelabros rebuscados. Na extremidade do cômodo, perto da porta principal, havia uma longa mesa de jantar com doze cadeiras de espaldar alto em teca. Um armário de mogno com a largura da mesa ficava encostado na parede. Sobre ele, um enorme espelho de vidro rosado. Ao lado do armário, uma estante de livros ia do chão ao teto e preenchia o resto da parede. Do outro lado do salão, quatro grandes janelas se abriam para revelar os galhos mais altos e as folhas frescas dos plátanos que sombreavam a rua lá embaixo. No meio do cômodo, entre a muralha de livros e as janelas, tinha sido montado um escritório. Uma poltrona em teca e couro, diante da porta principal, ficava atrás de uma escrivaninha. A outra extremidade do salão tinha sido decorada para receber pessoas, com estofados de couro e poltronas confortáveis. Atrás dos sofás, duas enormes janelas em arco inundavam a sala com a brilhante luz do sol. Portas duplas conduziam a uma ampla sacada com vista para jardins suspensos, varais e gárgulas esquecidas do centro de Colaba.

Abdul Ghani estava bem ali, ouvindo a música e o canto que trovejavam pelos alto-falantes de um sofisticado sistema de som embutido na estante de livros. As vozes e a música eram familiares, e, depois de alguns momentos de concentração, eu me lembrei. Eram os Cantores Cegos, os mesmos que eu ouvi como convidado de Khaderbhai na noite em que o conheci. Não me lembrava de ter escutado a canção naquela apresentação, mas fui tocado imediatamente pela paixão e pela força. Enquanto o emocionante conjunto de vozes terminava, ficamos em um silêncio palpitante que parecia à prova de ruídos das outras residências do prédio e da rua lá embaixo.

— Você os conhece? — perguntou, sem se virar.

— Sim. São os Cantores Cegos, eu acho.

— É isso mesmo — disse ele com aquela combinação da musicalidade indiana e do tom de um locutor da BBC que eu tinha aprendido a apreciar. — Adoro a música deles, Lin, mais do que qualquer outra coisa que já ouvi, de qualquer procedência. Mas, do fundo do meu coração, preciso dizer que estou com medo. Cada vez que os ouço, e isso acontece todos os dias, quando estou por aqui, tenho a sensação de que estou ouvindo o meu próprio réquiem.

Ele ainda não havia se voltado para mim e eu permaneci de pé, quase no centro do longo salão.

— Deve ser... perturbador.

— Perturbador... — disse ele, baixinho. — Sim. É perturbador. Conte-me, Lin, você acredita que uma atitude genial pode nos fazer perdoar as centenas de defeitos e falhas que a tornaram possível?

— É... difícil de dizer. Não sei muito bem aonde você quer chegar, mas acho que depende de quantas pessoas serão beneficiadas e quantas sairão machucadas.

Ele se virou para mim e percebi que estava chorando. As lágrimas desciam sem parar, com rapidez e facilidade, de seus grandes olhos, e despencavam das bochechas gorduchas sobre a frente da sua longa camisa de seda. A voz, porém, era calma e controlada.

— Você soube que o nosso Madjid foi assassinado na noite passada?

— Não — franzi a testa, chocado pela notícia. — Assassinado?

— Sim. Assassinado. Executado como um animal em sua própria casa. O corpo foi esquartejado e encontraram pedaços em diferentes cômodos da casa. O nome Sapna foi pintado nas paredes com o sangue dele. A polícia culpa os fanáticos seguidores desse tal de Sapna. Lamento, Lin. Perdoe minhas lágrimas, por favor. Infelizmente essa história horrível me afetou profundamente.

— Não, de forma alguma. Eu... eu volto em outra hora.

— Claro que não. Você está aqui e Khader quer que comecemos a trabalhar logo. Vamos beber chá enquanto me recupero. Então nós examinamos o negócio dos passaportes, eu e você.

Ele caminhou até a aparelhagem de som e tirou a fita cassete dos Cantores Cegos. Depois de guardá-la na caixinha de plástico dourado, aproximou-se de mim e a colocou na minha mão.

— Quero que você fique com essa fita. É um presente meu — disse ele, com os olhos e as bochechas ainda úmidos de lágrimas. — Preciso parar de ouvir isso. E tenho certeza de que você vai apreciar.

— Muito obrigado — balbuciei, quase tão confuso pelo presente quanto pela notícia da morte de Madjid.

— De nada, Lin. Venha se sentar comigo. Você esteve em Goa, não é? Conhece nosso jovem lutador Andrew Ferreira? Sim? Então sabe que ele é de Goa. Ele vai para lá com frequência, junto com Salman e Sanjay, quando tenho trabalho para eles. Vocês precisam ir todos juntos, algum dia. Eles vão lhe mostrar as atrações *especiais*, se é que você me entende. Então me diga: como foi sua viagem?

Eu respondi, tentando dedicar toda a atenção à conversa, mas minha mente estava em Madjid. Madjid morto. Não podia dizer que gostava dele ou mesmo que confiava nele. Entretanto sua morte, seu assassinato, me abalou e me encheu de uma estranha e nervosa agitação. Ele fora assassinado. *Executado*, como havia dito Abdul, na casa em Juhu, onde estudamos juntos e ele me ensinou sobre o ouro e os crimes dourados. Pensei na casa. Lembrei-me da vista para o mar, da piscina com azulejos roxos, do quarto de oração despojado, com paredes

verde-claras, onde Madjid flexionava os velhos joelhos cinco vezes por dia e tocava o chão com as sobrelhas espessas e grisalhas. Lembrei-me de sentar do lado de fora, perto da piscina e esperar enquanto ele se dedicava às orações. Lembrei-me de fitar a água arroxeadada enquanto as sílabas murmuradas das orações zumbiam rumo às frondes oscilantes das palmeiras debruçadas em torno da piscina.

E mais uma vez tive a sensação de estar numa armadilha, em um destino que não fora traçado nem pelas minhas ações nem pelos meus desejos. Era como se as próprias constelações não passassem de contornos da imensa jaula que se revolvia e se reorganizava, de forma incompreensível, até o momento particular que o destino havia reservado para mim. Havia muitas coisas que eu não compreendia, muitas coisas que eu não me permitia indagar. E me sentia agitado naquela teia de ligações e segredos. O cheiro do perigo e o odor do medo tomavam conta dos meus sentidos. A adrenalina que apertava meu coração, que me fazia sentir vivo, era tão poderosa que só uma hora mais tarde, quando entramos na oficina de passaportes de Abdul Ghani, eu consegui dar toda a atenção ao homem e ao momento que compartilhávamos.

— Este é Krishna e este é Villu — disse Ghani, apresentando-me a dois homens morenos, baixos e esguios, tão parecidos que pensei que poderiam ser irmãos. — Existem muitos especialistas neste ramo, muitos homens e mulheres com olhos de detetive para captar os detalhes e a mão firme e a segurança de um cirurgião. Mas minha experiência de dez anos com as artes das falsificações me diz que os nativos de Sri Lanka, como Krishna e Villu, são os melhores do mundo.

Em resposta ao elogio, os dois abriram enormes sorrisos que mostravam dentes perfeitamente brancos. Eram belos. Seus rostos eram formados por traços finos e quase delicados, em uma harmonia de contornos e curvas suaves. Eles voltaram ao trabalho enquanto passeávamos pelo salão.

— Esta é a caixa de luz — explicou Abdul Ghani, com um aceno da mão rechonchuda indicando uma mesa comprida. Era coberta com vidro opaco branco. Luzes fortes brilhavam em seu interior. — Nosso melhor homem na caixa de luz é Krishna. Ele examina as páginas dos passaportes autênticos, procurando marcas-d'água e padrões ocultos. Dessa forma pode replicar tais efeitos onde for necessário.

Inclinei-me sobre o ombro de Krishna para observá-lo enquanto examinava a página de informações de um passaporte britânico. Um complexo padrão de linhas onduladas descia do alto, passando por uma foto, até chegar ao pé da página. Krishna copiava em outro passaporte o padrão de linhas onduladas na margem de outra foto, criando as linhas com uma caneta hidrográfica de ponta fina. Com a ajuda da caixa de luz, ele sobrepunha os dois padrões para verificar a existência de irregularidades.

— Villu é o homem dos carimbos — disse Abdul Ghani, levando-me para outra mesa comprida. Numa prateleira atrás da mesa havia fileiras de inúmeros carimbos de borracha. — Ele pode recriar qualquer carimbo, por mais complexo que seja seu desenho. Carimbos de visto, de saída e entrada, de permissão especial, o que precisarmos. Temos três máquinas de corte para reproduzi-los.

Custaram muito caro, pois precisei importá-las da Alemanha. Gastei quase a mesma quantia em *baksheesh* para que passassem pela alfândega e chegassem a nossa oficina sem perguntas desagradáveis. Mas Villu é um artista e geralmente prefere ignorar minhas lindas máquinas e fazer os novos carimbos à mão.

Observei Villu criar um novo carimbo sobre uma matriz de borracha. Ele copiou uma ampliação fotográfica do original — um carimbo de saída do aeroporto de Atenas — e cortou o novo carimbo com bisturis e lixas de joalheiro. Testes com a almofada de tinta revelaram pequenas imperfeições. Quando foram eliminadas, Villu usou um pedaço de lixa para gastar um canto do selo. Aquela imperfeição proposital dava à imagem impressa em tinta uma aparência natural e autêntica sobre a página. O carimbo completo se juntou a dezenas de outros na prateleira, esperando sua vez de ser usado em passaportes recentemente alterados.

Abdul Ghani concluiu a visita pela fábrica, apresentando os computadores, o equipamento de fotocópia, as impressoras, as fresas de perfilar — para desbastar e cortar metais — e os estoques de papel e tintas especiais. Quando acabei de ver tudo que era possível em uma primeira visita, ele me ofereceu uma carona para Colaba. Eu recusei e perguntei se poderia passar algum tempo com os falsificadores de Sri Lanka. Ele pareceu ficar satisfeito com meu entusiasmo, ou talvez apenas achasse engraçado. Quando partiu, ouvi um suspiro profundo, pois a tristeza pela perda do amigo voltava a tomar conta dele.

Krishna, Villu e eu bebemos *chai* e conversamos três horas sem parar. Embora não fossem irmãos, os dois eram tâmeis e vinham da mesma aldeia na península de Jaffna. O conflito entre os Tigres Tâmeis — os Tigres da Libertação do Tamil Eelam — e o Exército de Sri Lanka destruiu a aldeia. Quase todos os membros das duas famílias tinham sido mortos. Os dois rapazes escaparam com a irmã de Villu, um primo, os avós de Krishna e suas duas jovens sobrinhas, com menos de cinco anos. Um barco pesqueiro os trouxe para a Índia, pela rota do tráfico ilegal de pessoas entre Jaffna e a costa de Coromandel. Chegaram a Bombaim e viveram sob um pedaço de plástico, como moradores de rua.

Sobreviveram àquele primeiro ano com a ajuda de biscates mal remunerados e uma série de pequenos crimes. Então, um dia, um vizinho da calçada, que descobrira que eles sabiam ler e escrever bem em inglês, pediu que alterassem uma licença. O trabalho ficou bom e trouxe um fluxo cada vez maior de visitantes ao toldo de plástico onde habitavam, em uma calçada em Bombaim. Ao ouvir falar de suas habilidades, Abdul Ghani recomendou a Khaderbhai que lhes desse uma chance de mostrar seu talento. Dois anos depois, na época em que os conheci, Krishna e Villu dividiam um apartamento amplo e confortável com os sobreviventes das duas famílias, poupavam parte de seus generosos salários e eram indiscutivelmente os mais bem-sucedidos falsificadores de Bombaim, a capital indiana da falsificação.

Eu queria aprender tudo. Queria a mobilidade e a segurança que sua habilidade com passaportes poderia me oferecer. Falavam inglês bem. Meu entusiasmo alimentou sua simpatia natural e aquela conversa inicial fluiu com bom humor. Foi um começo de amizade promissor.

Passei a visitar Krishna e Villu diariamente durante uma semana depois daquela reunião. Os rapazes trabalhavam muitas horas e, em alguns dias, fiquei com eles por dez horas seguidas, observando e fazendo centenas de perguntas. Eles manipulavam duas categorias de passaporte: os autênticos, usados, e aqueles que estavam em branco, ainda sem uso. Os passaportes usados tinham sido roubados por batedores de carteira, perdidos pelos turistas ou vendidos por viciados ensandecidos da Europa, da África, das Américas e da Oceania. Os passaportes em branco eram raros. Tinham sido vendidos por funcionários corruptos dos consulados, das embaixadas e dos departamentos de imigração, da França à Turquia, passando pela China. Aqueles encontrados na área de influência de Khaderbhai eram comprados imediatamente, a qualquer preço, e entregues a Krishna e Villu. Eles me mostraram um passaporte canadense original, em branco, como exemplo. Ficava guardado em um cofre à prova de fogo junto com outros do Reino Unido, da Alemanha, de Portugal e da Venezuela.

Com paciência, habilidade e recursos suficientes, os dois falsificadores podiam mudar quase qualquer coisa em um passaporte para adaptá-lo às exigências do novo usuário. As fotos eram substituídas, as marcas nas bordas ou as reentrâncias de um pesado carimbo eram imitadas usando instrumentos tão modestos quanto uma agulha de crochê. Às vezes, a costura da encadernação precisava ser cuidadosamente desfeita e uma série de páginas era substituída por outras em branco de um passaporte diferente. Datas, detalhes e carimbos sofriam alterações ou eram apagados com solventes químicos. Inseriam-se novas informações na tonalidade apropriada, selecionada em um abrangente catálogo de tintas de impressão. Algumas mudanças desafiavam a análise minuciosa dos especialistas, e nenhuma podia ser detectada em exames de rotina.

Naquela primeira semana dedicada ao estudo dos passaportes, encontrei um novo apartamento, confortável e seguro, para Ulla em Tardeo, não muito distante da mesquita de Haji Ali. Lisa Carter, que visitava Ulla quase todos os dias no apartamento de Abdullah — e visitava, com muito mais interesse, o próprio Abdullah —, concordou em morar com ela. Fizemos a mudança de seus pertences com a ajuda de uma pequena frota de táxis. As duas mulheres se entendiam muito bem. Bebiam vodca, trapaceavam nos jogos de tabuleiro e nas partidas de buraco, apreciavam o mesmo tipo de filme em vídeo e trocavam roupas. Também descobriram, nas semanas que passaram com acesso à cozinha surpreendentemente bem-abastecida de Abdullah, que gostavam da comida que a outra preparava. O novo apartamento era um recomeço para as duas e, apesar do medo permanente que Ulla sentia por causa de Maurizio e suas trapaças, ela e Lisa estavam felizes e otimistas.

Continuei com as sessões de musculação e caratê com Abdullah, Salman e Sanjay. Estávamos em forma, ágeis e fortes. E, à medida que os dias de treinamento se transformavam em semanas, Abdullah e eu ficamos mais próximos, como amigos e irmãos, do mesmo modo que acontecia com Salman e Sanjay. Era o tipo de intimidade que não necessitava de palavras para se manter: muitas vezes nos encontrávamos, íamos até a academia, nos exercitávamos,

treinávamos um pouco de boxe, passávamos meia hora trocando golpes de caratê sem falar mais de dez palavras. Em algumas ocasiões, bastava que ele olhasse no meu olho ou que eu captasse uma expressão diferente em seu rosto para que caíssemos na gargalhada e rissemos tanto que acabávamos desabando no tatame. E dessa forma, sem palavras, lentamente abri meu coração para Abdullah e comecei a amá-lo.

Depois de voltar de Goa, eu tinha conversado com o líder da favela, Qasim Ali Hussein, e com várias pessoas, entre as quais Johnny Cigar. Eu via Prabaker no táxi dia sim, dia não. Mas havia tantos novos desafios e recompensas no trabalho na oficina de passaportes de Ghani, e isso me deixava tão ocupado e empolgado, que acabei parando de trabalhar, mesmo ocasionalmente, no posto que eu fundara no meu antigo barraco na favela.

Na primeira visita que fiz à favela depois de muitas semanas, fiquei surpreso ao encontrar Prabaker se contorcendo em passos de dança enquanto os músicos de lá ensaiavam uma de suas canções mais populares. O pequeno guia vestia seu uniforme de motorista de táxi: camisa cáqui e calças brancas. Usava um lenço roxo no pescoço e sandálias de plástico amarelas. Aproximando-me dele sem ser observado, contemplei-o em silêncio durante um tempo. Sua dança conseguia combinar movimentos sugestivos de quadril com expressões faciais e gestos de mão completamente inocentes e infantis. Com um charme brincalhão, mantinha, em um momento, as palmas das mãos abertas ao lado do rosto sorridente para, em seguida, jogar seus quadris para a frente e para trás com uma caretinha resoluta. Quando ele finalmente virou e me viu, seu rosto explodiu naquele sorriso imenso, singularmente amplo e generoso, e correu para me cumprimentar.

— Ah, Lin! — exclamou ele, apertando a cabeça contra o meu peito em um abraço carinhoso. — Tenho novidades! Tenho novidades fantásticas! Procurei você em todos os lugares, em todos os hotéis com mulheres nuas, em todos os bares com pessoas do mercado negro, em todas as favelas sórdidas, em todos...

— Já entendi, Prabu. E aí, quais são as novidades?

— Vou me casar! Estou preparando meu casamento com Parvati! Você consegue acreditar?

— Claro que sim. Parabéns. Imagino que você esteja ensaiando agora para a festa.

— Ah, sim! — concordou, jogando os quadris para mim algumas vezes. — Quero criar uma coreografia bem sensual para todo mundo na festa. Está bem sensual não está?

— É... sensual... com certeza. Como vão as coisas por aqui?

— Muito bem. Nenhum problema. Ah, Lin! Eu esqueci! Johnny está se casando também. Vai se casar com Sita, irmã da minha bela Parvati.

— Onde ele está? Quería cumprimentá-lo.

— Está lá na costa, sabe, naquelas pedras onde costuma sentar e ficar sozinho. O mesmo lugar em que você também gostava de ficar sozinho. Você vai encontrá-lo ali.

Fui embora, mas olhei para trás e vi Prabaker encorajando a banda com estocadas mecânicas de seus quadris estreitos. Nos confins da favela, onde os

rochedos negros despencavam no mar, encontrei Johnny Cigar. Usava uma regata branca e um *lungi* xadrez verde. Ele se segurava com os braços, recostado para trás, contemplando o mar. Era praticamente o mesmo lugar onde ele havia me falado sobre a água do mar, o suor e as lágrimas, na noite em que teve início o surto de cólera, havia tantos meses.

— Parabéns — disse eu, sentando ao lado dele e lhe oferecendo um cigarro.

— Obrigado, Lin — sorriu ele, sacudindo a cabeça. Guardei o maço, e por um tempo nós dois olhamos as pequenas ondas petulantes que batiam na costa rochosa.

— Sabe, fui trazido ao mundo... bem ali, na Marinha, em Nagar. Isto é, a concepção, não meu nascimento — disse ele, fazendo sinal com a cabeça na direção do complexo da Marinha indiana. Estávamos separados de Nagar por uma curva da costa, mas uma linha direta de visão nos permitia ver com nitidez as casas, os chalés e as barracas. — Minha mãe era de Délhi, de uma família de cristãos. Ganhavam um bom dinheiro a serviço dos britânicos, mas perderam posição e privilégios depois da independência. Eles se mudaram para Bombaim quando minha mãe tinha quinze anos. O pai dela arranhou um emprego burocrático na Marinha. Eles moravam em um *zhopadpatti* perto daqui. Minha mãe se apaixonou por um marinheiro. Era um jovem alto, de Amritsar, com o melhor bigode de Nagar. Quando ela ficou grávida, a família a expulsou. Ela tentou pedir ajuda ao meu pai, mas ele deixou Nagar e ela nunca mais o viu, nem ouviu falar dele.

Johnny fez uma pausa, respirando pelo nariz com os lábios bem apertados. Os olhos estavam contraídos pela claridade do mar cintilante e a brisa fresca e persistente. Atrás de nós podíamos ouvir os ruídos da favela — os pregões dos vendedores ambulantes, o som da batida das roupas contra a pedra na área destinada à lavagem, as brincadeiras das crianças, uma reclamação enfezada e a música estridente que embalava os quadris mecânicos de Prabaker.

— Ela comeu o pão que o diabo amassou, Lin. Estava nos últimos meses da gravidez quando foi expulsa. Mudou-se para um ajuntamento de moradores de rua, na área do mercado Crawford, e passou a usar um sári branco de viúva, fingindo ter um marido morto. Teve que fazer isso. Preciso se tornar uma viúva para o resto da vida, antes mesmo de se casar. É por isso que nunca me casei. Estou com trinta e oito anos. Posso ler e escrever muito bem, minha mãe fez questão de que eu estudasse, e faço a contabilidade para todas as lojas e negócios da favela. Faço a declaração de renda de todos os homens que precisam pagar os impostos. Ganho bem a vida aqui e sou respeitado. Deveria ter me casado há quinze ou vinte anos. Mas ela foi viúva, a vida inteira, por minha causa. E eu não poderia fazê-lo. Não me permitiria casar. Eu tinha esperança de vê-lo, o marinheiro com o melhor bigode. Minha mãe guardava uma foto muito antiga, desbotada, dos dois juntos, ele com ar muito sério, severo. É por isso que moro nesta área. Sempre esperei vê-lo. E nunca casei. Ela morreu na semana passada, Lin. Minha mãe morreu na semana passada.

Ele se virou para mim e o branco de seus olhos reluzia com as lágrimas que ele não deixava rolar.

— Ela morreu na semana passada. E agora vou me casar.

— Lamento por sua mãe, Johnny. Mas tenho certeza de que ela ficaria feliz por você se casar. Acho que você vai ser um bom pai. Aliás, eu *sei* que você vai ser um bom pai. Tenho certeza disso.

Ele me encarou, e seus olhos falavam uma língua que eu podia sentir, mas não conseguia entender. Quando o deixei, ele fitava a imensidão do mar, encrespado e enfeitado de branco pela ação do vento.

Voltei para a favela e andei até chegar ao posto. Uma conversa com Ayub e Siddhartha, dois rapazes que eu havia treinado para assumir o posto, me garantiu que estava tudo bem. Dei-lhes algum dinheiro para gastos de emergência e deixei dinheiro com Prabaker para os preparativos do casamento. Fiz uma visita de cortesia a Qasim Ali Hussein, e me permiti aceitar sua hospitalidade e tomar um *chai*. Jeetendra e Anand Rao, dois dos meus antigos vizinhos, nos acompanharam, ao lado de vários outros homens que eu conhecia bem. Qasim Ali comandou a conversa, falando sobre o filho Sadiq, que estava trabalhando no Golfo. Em seguida, falamos sobre os conflitos religiosos e comunitários na cidade, sobre a construção das torres gêmeas, que ainda deveria durar pelo menos dois anos, e sobre os casamentos de Prabaker e Johnny Cigar.

Foi um encontro animado e agradável, e me levantei para partir com a força e a confiança que aqueles homens honestos, simples e decentes sempre me inspiravam. Eu dera apenas alguns passos, quando o jovem *sikh* Anand Rao me alcançou e passou a me acompanhar.

— Linbaba, estamos com um problema aqui — disse em voz baixa. Era um homem incrivelmente solene na maior parte do tempo, mas naquele momento sua expressão era inequivocamente sombria. — Aquele Rasheed, o sujeito com quem eu dividia o barraco. Você se lembra?

— Sim. Rasheed. Eu me lembro dele — respondi, pensando no rosto magro e barbudo, nos olhos indóceis e culpados do homem que foi meu vizinho, junto com Anand, por mais de um ano.

— Ele está se metendo com coisas ruins — declarou Anand Rao com aspereza. — A esposa e a irmã vieram da terra natal. Saí do barraco quando chegaram. Ele está vivendo com as duas, sozinho, há algum tempo.

— E *daí*? — perguntei enquanto caminhávamos juntos. Não imaginava aonde Anand Rao queria chegar e estava sem paciência. Era o tipo de reclamação vaga e insinuada que me chegava quase todos os dias em que vivi na favela. Na maior parte dos casos, essas reclamações não davam em nada. Na maior parte das vezes, o melhor era não me envolver.

— Bem — hesitou Anand Rao, talvez sentindo minha impaciência —, é que... ele está... Alguma coisa está muito errada e eu... Precisa haver...

Ele se calou, fitando as sandálias nos pés. Pus a mão em seu ombro largo, magro e orgulhoso. Aos poucos seus olhos se ergueram e encontraram os meus, em um apelo silencioso.

— O problema é dinheiro? — perguntei, pondo a mão no bolso. — Você precisa de dinheiro?

Ele se encolheu como se eu tivesse acabado de xingá-lo. Manteve o olhar por

um momento, antes de se virar e voltar para dentro da favela.

Caminhei pelas ruas conhecidas e disse para mim mesmo que estava tudo bem. Anand Rao e Rasheed haviam dividido o barraco por mais de dois anos. Era de se esperar que estivessem estremecidos porque a esposa e a irmã de Rasheed tinham se mudado para a cidade e obrigado Anand a deixar o barraco. E não era da minha conta. Eu ri, sacudindo a cabeça enquanto caminhava, tentando compreender por que Anand Rao reagira tão mal à oferta de dinheiro. Não era tão absurdo imaginar que ele estivesse precisando, e lhe oferecer. Na caminhada de trinta minutos entre a favela e o Leopold, dei dinheiro para outras cinco pessoas, entre elas os dois Georges do Zodíaco. *Ele vai superar, seja lá o que for*, disse para mim mesmo. *Pelo menos, eu não tenho nada a ver com isso*. Mas as mentiras que contamos para nós mesmos são os fantasmas que assombram a casa vazia à meia-noite. Embora eu tenha tirado Anand e a favela da cabeça, eu sentia o hálito da mentira fantasmagórica no meu rosto, enquanto caminhava pela longa e movimentada Causeway naquela tarde quente.

Entreí no Leopold e Didier agarrou meu braço antes que eu pudesse falar ou me sentar, conduzindo-me até um táxi que esperava lá fora.

— Procurei você por toda parte — resfolegou Didier, enquanto o táxi se afastava da calçada. — Estive nos lugares mais abomináveis a sua procura.

— As pessoas não param de me dizer isso.

— Bem, Lin, você deveria mesmo tentar passar mais tempo em lugares onde se sirva uma bebida decente. Talvez não ajude a localizá-lo, mas, com certeza, vai ser mais agradável.

— Para onde estamos indo, Didier?

— A grande estratégia de Vikram, *minha* soberba estratégia, aliás, para capturar o coraçãozinho empedernido e frio de nossa inglesa Letitia se desenrola agora, enquanto conversamos.

— É. Bem, desejo tudo de bom para ele — franzi a testa —, mas estou com fome. Tudo o que eu quero agora é devorar ruidosamente um prato de *pulao*<sup>1</sup> no Leopold. Eu posso saltar aqui mesmo.

— Não! Não é possível! — opôs-se Didier. — Letitia é uma mulher muito teimosa. Ela recusaria ouro e diamantes se alguém insistisse para que ficasse com eles. Ela não vai seguir a estratégia, a menos que alguém a convença. Alguém como você, meu amigo. E isso precisa acontecer daqui a meia hora. Exatamente seis minutos depois das três.

— E o que faz você pensar que Lettie vai me dar ouvidos?

— Você é o único de nós que ela não odeia agora ou não odiou em algum momento do passado. Para Letitia, a declaração *Eu não odeio você* é um poema de amor apaixonado. Ela vai ouvi-lo. Tenho certeza. Sem você o plano vai fracassar. E, como se amar uma mulher como Letitia já não fosse um sinal de problemas mentais, o bom Vikram arriscou a vida várias vezes para tornar esse plano possível. Você não imagina quantos preparativos nós fizemos, Vikram e eu, para este momento.

— Bem, ninguém me disse *nada* — reclamei, ainda pensando no delicioso prato de *pulao* do Leopold.

— Mas é exatamente por isso que eu procurei você em toda Colaba! Não tem escolha, Lin. Precisa ajudá-lo. Conheço você. Existe dentro de você, como em mim, uma confiança mórbida no amor e um fascínio pela loucura que o amor provoca em suas vítimas.

— Eu não diria isso com essas palavras, Didier.

— Pode dizer do jeito que quiser — respondeu ele, rindo pela primeira vez — Mas você tem a doença do amor, Lin, e sabe, no fundo do coração, que precisa ajudar Vikram da mesma forma que *eu*.

— Ah, meu Deus — cedi, acendendo um cigarro para enganar a fome. — Vou fazer o que puder para ajudar. Qual é o plano?

— Ah, é bem complicado...

— Um minuto — disse eu, levantando a mão para interrompê-lo depressa. — Esse plano de vocês é perigoso?

— Bem...

— Envolve infringir a lei?

— Bem...

— Foi o que pensei. Então, não me diga nada até chegarmos lá. Já tenho muito com que me preocupar.

— *D'accord*. Sabia que podíamos contar com você. *Alors*, falando em preocupações, tenho uma noticiuzinha que pode ser de algum valor para você.

— Vamos lá.

— A mulher que fez a queixa contra você, a mulher que o colocou na cadeia *não* é indiana. Tenho certeza absoluta disso. É uma estrangeira que mora aqui, em Bombaim.

— Mais nada?

— Não. Eu lamento, mas não sei de mais nada. Pelo menos por enquanto. Mas não vou sossegar até descobrir tudo.

— Obrigado, Didier.

— De nada. Você está com ótima aparência, aliás. Talvez melhor do que antes de ir para a cadeia.

— Obrigado. Estou um pouco mais forte e mais em forma.

— E um pouquinho... mais louco... Será?

Eu ri, evitando olhar para ele porque era verdade. O táxi parou na estação de Marine Lines. Era a primeira estação ferroviária depois do terminal central da cidade, em Churchgate Depot. Subimos pela rampa de pedestres e encontramos Vikram com vários amigos, à nossa espera, na plataforma.

— *Droga!* Graças a *Deus* você chegou, cara! — disse ele, sacudindo minha mão com um aperto duplo e frenético. — Achei que não viria.

— Onde está Letitia? — perguntou Didier.

— Está lá na plataforma, *yaar*, comprando um refrigerante. Veja só, lá está ela, logo depois da casa de chá.

— Ah, sim. E ela sabe alguma coisa sobre seu plano?

— Não sabe porra nenhuma. Estou com medo de que não dê certo, *yaar*. E se ela morrer, Didier? Não vai ficar bem para nós, cara, se meu pedido matá-la!

— Matá-la não seria um bom começo — considerei.

— Não se preocupe. Vai dar certo. — Didier tentou acalmá-lo, embora ele secasse a testa com um lenço perfumado enquanto os olhos vasculhavam os trilhos que aguardavam o próximo trem. — Vai funcionar. Você precisa ter fé.

— Foi o que disseram em Jonestown, *yaar*.

— O que você quer que eu faça, Vikram? — perguntei, esperando acalmá-lo.

— Muito bem — respondeu ele, resfolegando como se tivesse acabado de subir correndo uma escadaria. — Muito bem. Primeiro, a Lettie precisa ficar bem aqui, olhando para você. Exatamente como estou fazendo agora.

— Ahã.

— Precisa ser bem *aqui*. Exatamente *aqui*. Já conferimos isso mais de cem vezes, cara, e tem que ser bem aqui. Você entendeu?

— Acho... que sim. Você está dizendo que ela precisa ficar bem...

— Aqui!

— Aqui? — provoqueei.

— Que merda, cara, estou falando sério!

— Tudo bem! Calma. Você quer que eu faça a Lettie ficar bem aqui.

— É. Aqui. E sua tarefa é convencê-la a colocar o diabo da venda.

— A... venda?

— É. Ela precisa colocar a venda, Lin. Não vai funcionar sem isso. E ela precisa continuar com os olhos vendados, mesmo se as coisas ficarem assustadoras.

— Assustadoras...

— É. É a sua tarefa. Só precisa convencê-la a colocar a venda quando dermos o sinal, e a mantê-la, *yaar*, mesmo se ela estiver gritando um pouco.

— Gritando...

— É. Pensamos em amordaçá-la, mas chegamos à conclusão de que uma mordaca seria um pouco contraproducente, *yaar*, porque ela poderia ficar apavorada com a história da mordaca. E já vai se apavorar o bastante sem usar a porra de uma mordaca.

— Uma... mordaca...

— É. Lá vem ela! Preste atenção ao sinal.

— Olá, Lin, seu filho da puta gordo — disse Lettie, dando-me um beijo no rosto. — Você está mesmo ganhando umas carnes, não é, meu filho?

— Você também está ótima — respondi, sorrindo pelo prazer de vê-la.

— E, afinal de contas, o que está acontecendo? — perguntou ela. — Parece que a turma está toda reunida.

— Você não sabe? — perguntei, encolhendo os ombros.

— Não, claro que não. Vikram disse apenas que nós íamos encontrar com você e Didier... Olá, Didier... E aqui estamos nós. O que está acontecendo?

O trem que vinha da estação Churchgate apareceu, aproximando-se de nós com velocidade constante. Vikram fez o sinal, arregalando os olhos o máximo que seus músculos permitiam e sacudindo a cabeça. Pus as mãos nos ombros de Lettie, virando-a delicadamente até que se encontrasse no lugar indicado por Vikram, de costas para os trilhos.

— Você confia em mim, Lettie? — perguntei.

Ela sorriu para mim.

— Um pouquinho — respondeu.

— Tudo bem — assenti. — Bem, quero que você faça uma coisa. Vai parecer esquisito, eu sei, mas se você não fizer, nunca vai saber o quanto Vikram a ama, o quanto *todos* nós a amamos. É uma surpresa que bolamos para você. É sobre o amor...

O trem reduziu a velocidade por trás dela, enquanto chegava à estação. Os olhos estavam reluzentes. Um sorriso faiscou e desapareceu em seus lábios abertos. Ela estava intrigada e excitada. Vikram e Didier gesticulavam feito doidos atrás dela, me apressando. O trem parou com um rangido triunfante de metal.

— Então, aqui está... Você precisa colocar esta venda e tem que me prometer não tirá-la até a gente mandar.

— É só isso?

— Bem, é — dei de ombros.

Ela me olhou. Encarou-me. Fitou meus olhos. Ergueu as sobrelhas e virou os cantos da boca para baixo, enquanto considerava a hipótese. Então assentiu.

— Tudo bem — riu. — Vamos fazer isso.

Vikram pulou para a frente com a venda e a amarrou, perguntando-lhe se estava apertada demais. Ele a fez dar um ou dois passos para trás, na direção do trem, então mandou que levantasse os braços sobre a cabeça.

— Levantar os braços? Que história é essa? Se você fizer cócegas, Vikram, vai me pagar!

Uns homens apareceram na beira do teto do vagão. Eles estavam deitados lá no alto. Abaixaram-se, pegaram os braços erguidos de Lettie, levantando seu corpo sem esforço e levando-a para o teto com eles. Lettie soltou um grito, mas o som penetrante se confundiu com o apito estridente do guarda da estação. O trem começou a andar.

— Venha! — Vikram gritou para mim, subindo pela parte de fora do vagão, para se juntar a ela.

Olhei para Didier.

— Não, não, meu amigo! — gritou ele. — Isso não é para mim. Vá! Corra!

Corri ao lado do trem e escalei a parte de fora do vagão até chegar ao alto. Ali havia uma dúzia de homens ou mais. Alguns eram músicos. Sentavam-se juntos, carregando tablas, címbalos, flautas e pandeiros no colo. À frente, no teto empoeirado, encontrava-se um segundo grupo. Lettie estava sentada no meio dele. Ainda usava a venda. Os homens a seguravam pelos ombros — um em cada braço e dois por trás — para garantir sua segurança. Vikram estava ajoelhado diante dela. Enquanto eu me arrastava pelo teto, ouvi-o implorar para me juntar a eles.

— Prometo, Lettie. Vai ser uma surpresa e tanto.

— Ah, mas é uma puta *surpresa* — gritou ela. — E não é nem a metade do que você vai receber quando eu descer daqui, Vikram Patel, seu filho da mãe!

— Oi, Lettie! — exclamei. — Uma vista maravilhosa, não é? Ah, desculpe. Esqueci que está com a venda. *Vai ser* uma vista maravilhosa quando puder vê-

la.

— Que diabo de maluquice é essa, Lin? — berrou ela para mim. — Diga para esses desgraçados me soltarem!

— Não seria uma boa ideia, Lettie — respondeu Vikram. — Eles estão segurando você para que não caia nem se levante e esbarre em algum cabo ou coisa parecida, *yaar*. É só mais meio minuto, eu prometo, e você vai entender o que está acontecendo.

— Eu entendo, não se preocupe. Eu entendo que você é um homem morto, Vikram, quando eu descer daqui. É melhor você me jogar desse maldito teto agora. Estou lhe dizendo! Se você pensa que eu...

Vikram desamarrou a venda e observou-a enquanto ela olhava em volta, tomando consciência de que se encontrava no alto de um trem que corria a toda a velocidade. A boca se abriu e o rosto se encheu lentamente com um imenso sorriso.

— Uau! É... Uau! É mesmo uma vista *incrível!*

— Olhe só! — ordenou Vikram, virando-se para apontar na direção do alto dos vagões. Alguma coisa havia sido estendida sobre os trilhos, bem mais alto do que o teto do trem. Estava pendurada entre os postes que amparavam os cabos de eletricidade. Era uma enorme faixa, inflada pela brisa constante como se fosse a vela de um navio, com palavras pintadas. A medida que nos aproximamos, a escrita ficou nítida o bastante para ser lida. As palavras eram formadas por letras com a altura de um homem. Elas enchiam toda a largura da faixa:

### LETITIA, EU AMO VOCÊ

— Eu estava com medo de que você ficasse de pé e se machucasse — disse Vikram. — Foi por isso que esses sujeitos ficaram segurando seus braços.

De repente os músicos começaram a tocar os acordes retumbantes de uma conhecida canção de amor. Suas vozes se sobrepunham ao som das tablas e do gemido das flautas. Vikram e Lettie fitaram-se, os olhos grudados enquanto o trem se aproximava de uma estação, parava e saía mais uma vez. Na metade do caminho para a estação seguinte, nos aproximamos de outra faixa. Vikram tirou os olhos dela e virou-se para a frente. Ela seguiu o olhar dele. Mais palavras estavam escritas em tecido branco esticado:

### QUER SE CASAR COMIGO?

Passamos sob a flâmula em direção à luz suave da tarde. Lettie chorava. Os dois choravam. Vikram se jogou para a frente e a envolveu em seus braços. Eles se beijaram. Observei os dois por um momento e depois me volvei para os músicos. Eles sorriram para mim, sacudindo as cabeças e rindo enquanto cantavam. Fiz uma pequena dança da vitória para eles enquanto o trem sacudia e rugia ao longo dos subúrbios.

Milhões de sonhos nasciam ali, à nossa volta, todos os dias. Milhões de sonhos morriam e renasciam. O ar úmido estava denso de sonhos em toda parte, na

minha Mumbai. Minha cidade era uma estufa escaldante, tórrida, repleta de sonhos. Ali, naquele teto de metal cor de ferrugem, nasceu um novo sonho de amor. E pensei em minha família enquanto atravessávamos o ar úmido e sonhador. E pensei em Karla. E dancei sobre aquela serpente de aço enquanto ela deslizava, sinuosa, ao longo das ondulações do mar infinito e indestrutível.

Embora Vikram e Lettie tenham desaparecido por uma semana depois que ela aceitou o pedido, uma leveza e um otimismo muito parecidos com felicidade se disseminaram pela turma do Leopold. Quando ele finalmente retornou, aquele sentimento positivo saudou Vikram com afeição sincera. Abdullah e eu tínhamos acabado de malhar e pegamos no pé dele impiedosamente, por conta da sua alegria exausta e delirante. Depois, quando Vikram começou a tagarelar a respeito do amor, nós comemos em um silêncio faminto e proposital. Didier estava triunfante, regozijando-se pelo sucesso de seu plano romântico e exigindo modestos tributos, sob a forma de bebidas, de todas as pessoas que conhecíamos.

Tirei os olhos do prato de comida e vi um sujeito, um dos garotos que trabalhavam para os agentes do mercado negro, gesticular para mim com ar de ansiedade. Deixei a mesa e caminhei até a calçada para falar com ele.

— Lin! Você está em uma grande encrenca — disse ele com pressa, olhando nervosamente para a esquerda e a direita — Três homens. Africanos. Grandes. Muito fortes. Estão à sua procura. Querem matá-lo.

— Matar?

— Isso. Com certeza. Melhor ir embora. Saia depressa de Bombaim por algum tempo!

Ele saiu correndo e eu o perdi de vista na multidão. Confuso mas despreocupado, voltei para a mesa. Tinha comido apenas duas garfadas, quando outro homem me chamou na rua. Era George Gêmeos.

— Acho que você está em maus lençóis, companheiro — disse ele. O tom era animado, mas seu rosto estava tenso e assustado.

— Ahã.

— Parece que tem três africanos enormes, nigerianos, acho eu, querendo acabar com sua raça, se é que você me entende.

— Onde eles estão?

— Não sei, amigo. Eu vi quando falavam com alguns meninos de rua, mas então pegaram um táxi e saíram. Os caras são grandes pra caralho, eu juro. Encheram aquele táxi e ainda sobrava. Saía músculo pela janela, você me entende?

— Qual é o problema?

— Não tenho a mínima ideia, parceiro. Eles não disseram nada, Lin. Só sei que estão à sua procura e não têm boas intenções. Eu ficaria de olhos bem abertos, prestando atenção onde piso, querido.

Pus a mão no bolso, mas ele segurou meu punho.

— Não, amigo. É por conta da casa. Quer dizer, não está certo, seja lá o que for.

Ele saltitou para longe, atrás de um trio de turistas alemães, e eu voltei para o restaurante. Com o aviso de George Gêmeos reforçando o primeiro, comecei a ficar *preocupado*. Precisei de mais tempo do que o habitual para encerrar a

refeição. Logo depois, apareceu um terceiro visitante. Era Prabaker.

— Lin! — disse ele, em frenesi. — Tenho más notícias!

— Eu sei, Prabu.

— Três homens, africanos, querem dar uma surra em você e matá-lo. Estão fazendo perguntas por toda parte. São uns sujeitos enormes! Parecem búfalos! Você precisa cair fora!

Levei cinco minutos para acalmá-lo e, mesmo assim, tive de inventar uma missão — procurar os africanos nos hotéis que ele conhecia bem — para tirá-lo de perto de mim. Sozinho mais uma vez com Didier, Vikram e Abdullah, examinamos minhas opções em um silêncio cada vez mais longo. Vikram foi o primeiro a falar.

— Tudo bem, então achamos os filhos da puta e quebramos suas cabeças, *yaar* — sugeriu ele, olhando de rosto em rosto em busca de apoio.

— Depois que os matarmos — acrescentou Abdullah.

Vikram sacudiu a cabeça de um lado para o outro, concordando.

— Duas coisas são certas — disse Didier, lentamente. — Primeiro, você não pode ficar sozinho, Lin, em hipótese nenhuma, até que tudo seja resolvido.

Vikram e Abdullah assentiram.

— Vou chamar Salman e Sanjay — decidiu Abdullah. — Você não vai ficar sozinho, Lin, meu irmão.

— E, segundo — prosseguiu Didier —, os outros, não importa quem nem quais são seus motivos, não podem continuar em Bombaim. Precisam ir embora, de um jeito ou de outro.

Levantamo-nos para pagar a conta e partir. Didier segurou meu braço enquanto os outros se dirigiam ao caixa. Ele me fez sentar em uma cadeira a seu lado. Pegou um guardanapo de pano, fez movimentos sob o tampo da mesa por um momento e então me entregou uma trouxa. Era uma pistola embrulhada no guardanapo. Ninguém sabia que Didier andava armado. Eu tinha certeza de que eu era a primeira pessoa a ver e a segurar a arma. Agarrei o embrulho e fui me juntar aos demais, que deixavam o restaurante. Olhei para trás e vi que ele assentia com gravidade, os cachinhos negros balançando em volta do rosto.

Nós os encontramos, mas levou o dia inteiro e boa parte da noite. No final das contas, foi Hassaan Obikwa, outro nigeriano, que nos forneceu a pista decisiva. Os homens eram turistas, recém-chegados à cidade e Obikwa não os conhecia. Ele não tinha uma ideia clara de seus motivos — sabia apenas que tinha alguma relação com drogas —, mas sua rede de contatos confirmou que eles estavam determinados a me prejudicar.

Raheem, motorista de Hassaan, praticamente recuperado dos ferimentos que sofrera na prisão, descobriu que estavam em um dos hotéis da região de Fort. Ele se ofereceu para *resolver* o assunto. Tinha consciência de sua dívida comigo por ter comprado sua liberdade da prisão de Arthur Road. Com uma expressão sincera, quase tímida, ofereceu-se para matar os homens de forma lenta e dolorosa, como um favor pessoal para mim. Parecia achar que era o mínimo que poderia fazer, diante das circunstâncias. Recusei. Tinha de saber qual era o problema e precisava acabar com aquilo. Claramente decepcionado, Raheem

aceitou a decisão e então nos conduziu a um pequeno hotel em Fort. Esperou lá fora com nossos dois carros, e nós entramos. Salman e Sanjay permaneceram com ele, tomando conta da rua. Sua missão era deter os tiras, se eles chegassem, ou pelo menos enrolá-los o suficiente para nos dar tempo de deixar o hotel.

Um dos contatos de Abdullah, sussurrando, nos enfiou em um quarto contíguo ao dos três africanos. Encostamos os ouvidos na parede e ouvimos claramente suas vozes. Estavam fazendo piadas e conversando sobre assuntos gerais, trivialidades. Finalmente um deles fez um comentário que me deu um frio na espinha.

— Ele tem uma medalha — disse um deles. — No pescoço. Aquela medalha é de ouro. Quero a medalha de ouro.

— Eu gosto dos sapatos, das botas que ele usa — disse outra voz. — Quero os sapatos.

Continuaram a conversar sobre o plano. Discutiram um pouco. Um dos homens era mais contundente do que os outros. Finalmente, todos concordaram com sua ideia de me seguir do Leopold até o estacionamento atrás do meu edifício, que costumava estar vazio, e então me bater até a morte e tirar tudo do meu cadáver.

Era muito esquisito ficar ali, no escuro, ouvindo os detalhes do meu próprio assassinato. Meu estômago se contraiu e se revirou em uma mistura de náusea e raiva. Esperava ouvir alguma pista, alguma referência à razão para aquilo, mas eles não mencionaram nada. Abdullah escutava com a orelha esquerda colada na fina divisória, e eu, com a direita. Nossos olhos estavam a menos de um palmo de distância. O sinal para nos movermos era tão sutil e discreto que era como se nossas mentes tivessem transmitido a mensagem.

Vikram, Abdullah e eu ficamos do lado de fora, em frente à porta do quarto deles, com uma chave mestra na fechadura. Nós contamos *três... dois... um...* então virei a chave e tentei abrir. Não estava trancada por dentro. Fui para trás e chutei a porta, abrindo-a. Houve um segundo, três segundos de completa imobilidade enquanto os homens surpresos e assustados nos encaravam, de mandíbulas abertas e olhos arregalados. O mais próximo de nós era um sujeito calvo, alto e muito robusto, com cicatrizes profundas nas bochechas que seguiam um padrão regular. Usava regata e bermuda. De pé, atrás dele, havia outro, ligeiramente mais baixo, vestido apenas de sunga. Estava curvado sobre uma penteadeira que batia na altura da cintura, prestes a cheirar uma carreira de heroína. O terceiro era ainda mais baixo, mas tinha o peito e os braços muito fortes. Estava deitado em uma das três camas, no canto mais distante do quarto, segurando uma revista *Playboy*. Havia um cheiro forte no quarto. Era o cheiro de suor e medo. Uma parte dele era minha.

Abdullah fechou a porta do quarto por trás de si, muito lenta e suavemente, e a trancou. Ele usava roupas negras: estava quase sempre com calça e camisa pretas. Vikram vestia a roupa preta de vaqueiro. Por acaso, eu também estava com uma camiseta e uma calça pretas. Devíamos estar parecendo membros de algum clube ou alguma gangue diante dos olhos esbugalhados dos africanos.

— Que *porra...* — berrou o grandalhão.

Corri para ele e dei um soco na sua boca, mas ele teve tempo de levantar as mãos. Agarramo-nos, os punhos voando, completamente atacadados.

Vikram saltou para o homem que estava na cama. Abdullah cuidou do homem na penteadeira. Foi uma luta breve e suja. Éramos seis — seis homens grandes em um quarto. Não havia para onde ir, a não ser para cima do outro.

Abdullah acabou rápido com o adversário. Ouvi um grito assustado, abafado, quando Abdullah desferiu um golpe forte, um direto de direita na garganta do homem. Com o canto do olho, percebi que o brutamontes caía para trás, segurando desesperadamente o pescoço. O sujeito na cama ficou de pé rápido e deu chutes, tentando usar a vantagem de estar em um plano mais elevado. Abdullah e Vikram derrubaram a cama, fazendo o homem escorregar por trás dela. Pularam sobre a cama virada e caíram sobre ele, pisando e chutando até que parasse de se mexer.

Segurei a alça da regata do homenzarrão com minha mão esquerda e soquei-o com a direita. Ignorando os socos que recebia na cabeça, ele conseguiu pôr as mãos em volta do meu pescoço e começou a apertá-lo. Minha garganta se fechou. Sabia que o ar que eu havia inspirado seria o último até eu acabar com ele. Procurei seu rosto, em desespero, com minha mão direita. Meu polegar encontrou o olho dele. Queria enfiá-lo no seu cérebro, mas ele mexeu a cabeça e o dedo escorregou entre o olho e a camada dura de osso da têmpora. Enfiei o polegar com mais força até arrancar o olho da órbita e ele ficou ali pendurado por cordões ensanguentados. Tentei alcançá-lo e arrancá-lo ou enfiar o polegar na órbita vazia, mas ele se afastou o máximo possível. O olho estava pendurado na sua bochecha e eu golpeei a cabeça com o punho, tentando esmagá-lo.

Era um homem forte. Não desistiu. Suas mãos me apertavam com mais força. Meu pescoço era forte e os músculos estavam bem desenvolvidos, mas eu sabia que ele tinha força suficiente para me matar. Procurei a pistola em meu bolso. Precisava atirar nele. Tinha de matá-lo. Estava tudo certo. Eu não me importava. Acabara o ar em meus pulmões e meu cérebro explodia em redemoinhos Mandelbrot de luz colorida. Eu estava morrendo e *queria* matá-lo.

Vikram acertou um banco pesado na parte de trás da cabeça calva do homenzarrão. Apagar um homem não é algo tão fácil quanto parece nos filmes. É verdade que um golpe de sorte pode fazer mais do que um tiro, mas já fui atingido por barras de ferro, pedaços de madeira, botas e muitos punhos fortes e só apaguei uma vez na vida. Vikram bateu cinco vezes na parte de trás da cabeça do homem com o banco pesado, usando toda a força, até que o sujeito balançou e caiu. Derrotado e grogue, a parte de trás de sua cabeça estava amassada. Eu sabia que o crânio tinha fraturado em diversos pontos. De alguma forma, ele ainda conseguiu permanecer consciente.

Ficamos em cima deles durante meia hora, superando sua relutância inicial em falar. Raheem se juntou a nós, falando em inglês e no dialeto nigeriano. Os passaportes diziam que eram “cidadãos nigerianos com visto de turista”. Outras informações nas carteiras e bagagens mostravam que tinham passado por Lagos antes de chegar a Bombaim. Pouco a pouco, a história veio à tona. Eram seguranças: matadores profissionais enviados por um gângster de Lagos para me punir por uma grande transação de heroína e Mandrax que tinha dado errado. O

negócio envolvia uns sessenta mil dólares — dinheiro que seu chefe em Lagos havia perdido no golpe de Bombaim. O golpista, quem quer que fosse, tinha me apontado como o idealizador do plano. O responsável pela perda do dinheiro.

Os brutamontes de aluguel entregaram essa informação, mas em seguida vacilaram. Não queriam me dar o nome do responsável. Não queriam dizer quem tinha armado para cima de mim. Não podiam trai-lo sem a permissão expressa do patrão nigeriano. Insistimos e eles foram convencidos a falar. O nome do homem era Maurizio Belcane.

Devolvi o olho do nigeriano para dentro da órbita, mas ele se acomodou em um ângulo esquisito. Pelo jeito como virou a cabeça para me olhar, supus que não conseguia enxergar e desconfiei que nunca mais ficaria na posição correta. Fechamos o olho com fita adesiva e ataduras na cabeça. Tratei dos outros homens. Então falei com eles.

— Esses caras vão levá-los para o aeroporto. Vocês esperarão no estacionamento. Há um avião para Lagos amanhã de manhã. Vocês viajarão nele. Compraremos as passagens com seu dinheiro. E que fique claro: não tenho nada a ver com isso. Não é culpa sua, a culpa é de Maurizio. Mas isso não me deixa mais feliz. Vou ensinar Maurizio a nunca mais contar mentiras a meu respeito. Agora é um problema meu. Podem voltar para seu patrão e dizer a ele que Maurizio vai receber o que merece. Mas, se voltarem para cá, nós os mataremos. Compreendem? Se voltarem a Bombaim, vocês morrem.

— É isso aí, vocês *entenderam*, seus filhos da puta? — gritou Vikram, dando um chute. — Se vierem aqui foder com *indianos*, vocês estão *fodidos!* A Índia *acabou* para vocês! Se voltarem aqui, vou cortar a porra das suas *bolas*, *pessoalmente!* Estão vendo meu chapéu? Veem a marca na porra do meu chapéu, seus *bahinchudh*? Vocês deixaram essa marca na porra do meu *chapéu!* Vocês não podem sair por aí fodendo o *chapéu* de um indiano! E não podem foder com indianos por razão *nenhuma*, com ou sem chapéu! Nunca! Especialmente quando eles *usam* chapéu!

Deixei-os e peguei um táxi para o novo apartamento de Ulla. Ela saberia do paradeiro de Maurizio, se é que alguém sabia. Minha garganta doía e eu mal conseguia falar. Só conseguia pensar no revólver dentro do meu bolso. Ele se ampliou na minha cabeça até se tornar imenso, até que o padrão de sulcos no cabo ficou do tamanho da casca de uma árvore de cortiça. Era uma Walther P38, uma das melhores pistolas semiautomáticas de todos os tempos. Atirava projéteis de 9mm de um pente com oito balas, e, na minha cabeça, vi as oito entrarem no corpo de Maurizio. Murmurei o nome, *Maurizio, Maurizio*, e uma voz dentro da minha cabeça, uma voz que eu conhecia muito bem, disse: *Livre-se da arma antes de vê-lo...*

Bati com força na porta do apartamento e, quando Lisa a abriu, passei direto por ela para encontrar Ulla sentada em um sofá na sala de estar. Estava chorando. Levantou os olhos quando entrei e vi que seu olho esquerdo estava inchado, como se tivesse apanhado.

— *Maurizio!* — exclamei. — Onde ele está?

— Lin, eu não posso — soluçou ela. — Modena...

— Não estou interessado em Modena. Quero Maurizio. Diga onde ele está!

Lisa bateu no meu braço. Virei-me e reparei pela primeira vez que ela estava segurando uma enorme faca de cozinha. Ela jogou a cabeça em direção ao quarto mais próximo. Olhei para Ulla e de novo para Lisa. Ela assentiu lentamente.

Ele estava escondido no armário. Quando o tirei de dentro, ele me pediu, implorou, para que não o machucasse. Agarrei a parte de trás do seu cinto e fui para a porta do apartamento. Ele gritou por socorro, mas eu bati em seu rosto com a pistola. Maurizio voltou a gritar e bati novamente, com mais força. Seus lábios se afastaram querendo berrar outra vez, mas fui mais rápido e dei uma coronhada no alto de sua cabeça enquanto ele se encolhia. Ele ficou quieto.

Lisa rosnava para ele, brandindo a faca.

— Você tem sorte de eu não ter enfiado isso em suas *tripas*, seu filho da puta! Se você voltar a bater nela, eu *mato* você!

— O que ele queria aqui? — perguntei para ela.

— É tudo uma questão de dinheiro. Modena está com a grana. Ulla chamou Maurizio...

Ela parou, chocada pela fúria que via em meu rosto quando olhei para Ulla.

— Eu sei, eu sei, ela não deveria ter ligado para ninguém, mas ligou e falou com ele sobre este lugar. Ela ia encontrar os dois aqui, esta noite. Mas Modena não apareceu. Não é culpa dela, Lin. Ela não sabia o que Maurizio tinha aprontado com você. Ele acabou de nos contar, há um minuto. Disse que deu seu nome para uma dupla de bandidos nigerianos. Enfiou *você* na história para livrar a própria pele. Ele disse que precisava do dinheiro para fugir, porque os caras viriam atrás dele depois de acabar com você. O herói aqui estava tentando descobrir onde Modena está, enchendo Ulla de porrada, quando você chegou.

— Onde está o dinheiro? — perguntei para Ulla.

— Não sei, Lin — gritou ela. — *Foda-se* o dinheiro! Eu não queria saber dele, para começo de conversa. Modena tinha vergonha de me ver trabalhando. Ele não compreende que eu prefiro trabalhar nas ruas e saber que ele está seguro a ver uma maluquice dessas. Ele me ama. Ele me ama. Modena não teve nada a ver com você e os nigerianos, Lin, eu juro. Foi ideia de Maurizio. Já faz semanas que isso aconteceu. É por isso que ando tão assustada. E então, esta noite, Modena pegou o dinheiro que Maurizio roubou, o dinheiro roubado dos africanos, e escondeu. Fez isso por mim. Ele me ama, Lin. Modena me ama.

Ela desabou num pranto sem fim. Virei-me para Lisa.

— Vou levá-lo comigo.

— Ótimo! — respondeu ela.

— Vocês vão ficar bem?

— Vamos. Vamos ficar ótimas.

— Vocês têm dinheiro?

— Temos, não se preocupe.

— Vou mandar Abdullah para cá o mais rápido possível. Mantenham as portas trancadas e não deixem ninguém entrar além de nós, certo?

— Tudo bem — sorriu ela. — Obrigada, Gilbert. É a segunda vez que você me salva.

— Esqueça.

— Não, não vou esquecer — disse ela, fechando e trancando a porta atrás de nós.

Gostaria de poder dizer que não bati nele. Ele era grandinho e forte o suficiente para se defender, mas não tinha estômago para brigar, e não foi nenhuma grande vitória bater nele. Maurizio não lutou, nem mesmo resistiu. Gemeu, chorou, implorou. Gostaria de dizer que um senso rigoroso de justiça e de vingança justificado pelo mal que ele me causara cerrou meus punhos e me fez bater nele. Mas não consigo ter certeza. Mesmo agora, muitos anos depois, não tenho certeza de que a violência que pratiquei não vinha de algo mais sombrio, mais profundo e bem menos justificável do que uma retaliação irada. O fato era que eu sentia inveja de Maurizio havia muito tempo. E, de alguma forma pequena mas terrível, talvez eu tenha agredido sua beleza e não apenas sua traição.

Por outro lado, naturalmente, eu deveria tê-lo matado. Quando o deixei quebrado e ensanguentado nas imediações do hospital St. George, uma voz interior me avisou que o assunto não estava encerrado. E eu hesitei, debruçando sobre seu corpo com olhos de assassino, mas não consegui matá-lo. Alguma coisa que ele havia dito ao implorar para que eu parasse de bater segurou a minha mão. Disse que dera meu nome, que havia me entregado aos bandidos nigerianos quando precisou atribuir a outra pessoa a responsabilidade pelo roubo, porque tinha inveja de mim. Tinha inveja da minha segurança, da minha força e das minhas amizades. Tinha inveja de mim. E, por causa dessa inveja, ele me odiava. Nisso, não éramos tão diferentes, Maurizio e eu.

Esse sentimento ainda estava comigo, intacto, no dia seguinte, quando os nigerianos partiram e fui ao Leopold, procurando Didier para devolver a arma não usada. O sentimento ainda estava comigo, turvando minha mente com raiva misturada com arrependimento, quando encontrei Johnny Cigar à minha espera, do lado de fora. Ainda estava lá enquanto tentava me concentrar e compreender suas palavras.

— Uma coisa muito ruim — disse ele. — Anand Rao matou Rasheed esta manhã. Cortou sua garganta. É a primeira vez, Lin.

Eu sabia o que ele queria dizer. Era o primeiro assassinato na nossa favela. Era a primeira vez que um morador matava outro na favela de Cuffe Parade. Havia vinte e cinco mil habitantes naquela pequena região. Eles brigavam, discutiam e implicavam o tempo todo, mas ninguém, nenhum deles, jamais matou outro. E naquele momento de choque, lembrei-me subitamente de Madjid. Ele também fora assassinado. Eu tinha conseguido, de alguma maneira, afastar a lembrança de sua morte da minha mente alerta e funcional, mas aquilo vinha corroendo lenta e incessantemente, o tempo todo, minha fachada de serenidade. E ela desmoronou com a notícia da morte de Rasheed. E aquele outro assassinato — a execução, como Ghani dissera —, do velho contrabandista de ouro, do chefe da máfia, se confundiu com o sangue nas mãos de Anand. Anand, cujo nome significa *feliz*. Anand, que tentou conversar comigo sobre o

assunto, que me procurara na favela para pedir ajuda e nada recebeu.

Apertei as mãos no rosto e passei-as no cabelo. A rua à nossa volta estava movimentada e colorida como sempre. A multidão no Leopold ria, conversava e bebia, como sempre. Mas algo havia mudado no mundo que eu e Johnny conhecíamos. A inocência se perdera e nada seria como antes. Ouvi as palavras se atropelando em minha mente. *Nada será como antes... Nada será como antes...*

E a visão, o tipo de cartão-postal enviado pelo destino, piscou diante dos meus olhos. Havia morte nessa visão. Havia loucura. Havia medo. Mas era uma imagem turva. Eu não conseguia ver com clareza. Não conseguia enxergar os detalhes. Não sabia se a morte e a loucura aconteciam comigo ou à minha volta. E, de certa forma, eu não me importava. Das muitas maneiras que em mim assumiam a vergonha e o arrependimento raivoso, eu não me importava. Pisquei os olhos, limpei o nó da garganta e fui para a rua, mergulhando na música, nos risos e na luz.

---

1 Arroz com legumes e temperos indianos. (N. do E.)



# PARTE QUATRO

— OS INDIANOS são os italianos da Ásia — declarou Didier, com um sorriso sábio e malicioso. — Com toda a justiça, também é possível dizer que os italianos são os indianos da Europa, mas acho que você me entende. Existe muita coisa dos italianos nos indianos, bem como dos indianos nos italianos. São povos da Virgem Maria: exigem uma deusa, mesmo quando a religião não lhes fornece uma. Os homens dos dois países cantam quando estão felizes, as mulheres dançam quando caminham para a loja da esquina. Para eles, a comida é música dentro do corpo, e a música é comida dentro do coração. Os idiomas da Índia e da Itália fazem de cada homem um poeta e criam algo de belo em qualquer *banalité*. São nações onde o amor — *amore, pyaar* — transforma, em qualquer esquina, um borsalino em cavaleiro, uma camponesa em princesa, basta apenas que seus olhares se encontrem por um segundo. É o segredo do meu amor pela Índia, Lin, porque meu primeiro grande amor era italiano.

— Onde você nasceu, Didier?

— Lin, meu corpo nasceu em Marselha, mas meu coração e minha alma nasceram dezesseis anos depois, em Gênova.

Ele conseguiu atrair a atenção de um garçom e fez um gesto preguiçoso para pedir outro drinque. Mal havia tocado na bebida que estava na mesa diante dele, por isso imaginei que Didier se preparava para fazer um de seus discursos mais longos. Eram duas da tarde de uma quarta-feira nublada, três meses depois da “noite dos assassinos”. As primeiras chuvas da monção só chegariam na semana seguinte, mas havia uma expectativa, uma tensão, que acelerava todos os corações da cidade. Era como se um vasto exército estivesse se juntando na periferia para promover um ataque irrefreável. Eu gostava da semana anterior à monção: a expectativa e a empolgação que via nos outros era como a complicada inquietação emocional que *eu* sentia praticamente o tempo todo.

— Minha mãe era uma mulher bela e delicada, é o que as fotos revelam — prosseguiu Didier. — Tinha apenas dezoito anos quando nasci e menos de vinte quando morreu. Foi vítima da gripe. Mas havia boatos cruéis, que ouvi muitas vezes, de que meu pai não lhe dava atenção e era também, como diria, *pão-duro* demais para gastar dinheiro com médicos. Em todo caso, ela morreu antes que eu completasse dois anos, e não tenho nenhuma lembrança dela.

“Meu pai dava aulas de química e matemática. Era bem mais velho que minha mãe quando se casaram. Quando comecei a estudar, ele ocupava o posto de diretor da escola. Era um homem brilhante, pelo que me disseram, pois só um judeu brilhante poderia chegar à posição de diretor de uma escola francesa. O *racisme*, o antisemitismo, em Marselha e seus arredores, naquela época, era como uma doença, uma culpa que não parava de incomodar. Meu pai era um obstinado — o que permite que alguém se torne matemático é um tipo de teimosia, não é? Talvez a *própria* matemática seja um tipo de teimosia, o que

você acha?”

— Talvez — respondi, sorridente. — Nunca pensei dessa forma, mas talvez você tenha razão.

— *Alors*, depois da guerra meu pai voltou para Marselha, para a mesma casa que tinha sido obrigado a abandonar quando os antissemitas assumiram o controle da cidade. Ele havia lutado na Resistência e se feriu no combate corpo a corpo com os alemães. Por isso, ninguém ousava desafiá-lo. Pelo menos não na sua frente. Mas tenho certeza de que sua cara de judeu, seu orgulho judeu e a bela e jovem noiva judia lembravam aos bons cidadãos de Marselha os milhares de judeus franceses traídos e enviados para a morte. Para ele, foi um triunfo gélido voltar para a casa que precisou abandonar e para aquela comunidade que o traiu. E essa frieza consumiu seu coração depois que minha mãe morreu. Mesmo seu toque, quando penso nisso agora, era gelado. Até a mão, ao encostar em mim.

Ele fez uma pausa e deu um gole na bebida, tornando a colocar o copo com cuidado, lentamente, no mesmo círculo de umidade que havia deixado sobre a mesa à sua frente.

— Bem, ele era um homem brilhante — prosseguiu, erguendo os olhos para encontrar os meus com um sorriso apressado. — E um professor brilhante, a não ser para uma pessoa. E essa pessoa era eu. Fui seu único fracasso. Não tinha cabeça para a ciência ou para a matemática. Eram linguagens que eu nunca conseguia decifrar ou compreender. Meu pai reagiu à minha estupidez com brutalidade. Sua mão fria, como me parecia na infância, era tão grande que, quando ele me batia, meu corpo inteiro se abalava e ficava machucado pela palma dura do gigante e os chicotes de seus dedos. Eu tinha medo dele e vergonha dos meus fracassos escolares, por isso matava aula com frequência e acabei me envolvendo com o que algumas pessoas chamam de *más companhias*. Estive muitas vezes nos tribunais e passei dois anos no reformatório para menores antes dos treze anos. Aos dezesseis, deixei a casa, a cidade e o país de meu pai para sempre.

“Fui parar em Gênova por acaso. Já esteve lá? Eu lhe digo uma coisa: é a obra-prima da costa da Ligúria. E um dia, na praia em Gênova, conheci alguém que abriu minha vida para todas as coisas boas e belas que existem no mundo. Ele se chamava Rinaldo. Tinha quarenta e oito anos então, e eu estava com dezesseis. Vinha de uma família com algum título antigo, pertencia a uma linhagem nobre que remontava ao tempo de Colombo. Mas ele morava em uma casa magnífica nos penhascos, sem a menor pretensão de pertencer à elite. Era um intelectual, o único verdadeiro homem renascentista que eu conheci. Ele me ensinou os segredos da antiguidade, a história da arte, a música da poesia e a poesia da música. Também era belo, de cabelos brancos e prateados como a lua cheia e olhos cinzentos e tristes. Quando comparadas com as mãos brutais de meu pai e seu toque gelado, as de Rinaldo eram longas, esguias, mornas, expressivas, e ele fazia carinho em tudo o que tocava. Aprendi o que é amar com toda a mente e o corpo e nasci nos braços dele.”

Ele começou a tossir e tentou limpar a garganta pigarreando, mas a tosse se transformou em um acesso que sacudiu seu corpo em espasmos dolorosos.

— Você precisa parar de fumar e de beber tanto, Didier. E deve se exercitar um pouquinho, de vez em quando.

— Ah, *faça-me o favor!* — Ele estremeceu, apagando o cigarro e procurando outro dentro do maço à sua frente, assim que a tosse cedeu. — Não há nada mais deprimente do que bons conselhos. Fico feliz se você não me importunar. Falando sério, estou chocado. Você com certeza *sabe* disso, não? Há alguns anos, sofri tanto ao receber um bom conselho de modo tão ofensivamente gratuito que acabei deprimido durante seis meses. Foi por pouco... Quase não consegui me recuperar.

— Desculpe — sorri. — Não sei o que deu em mim.

— Está perdoado. — Ele fungou, entornando um copo de uísque enquanto o garçom trazia o seguinte.

— Sabe — ralhei —, Karla diz que só fica deprimido quem não sabe ficar triste.

— Bem, ela está errada — declarou ele. — Sou um especialista em *tristesse*. É a expressão humana mais perfeita e definitiva. Existem muitos animais que conseguem exprimir felicidade, mas apenas o homem tem o gênio para exprimir uma tristeza magnífica. E, para mim, isso é algo especial. Uma meditação diária. A tristeza é minha única arte.

Ele fez um muxoxo por alguns minutos, aborrecido demais para continuar, mas então ergueu os olhos para encontrar os meus e caiu na gargalhada.

— Você teve notícias dela? — perguntou.

— Não.

— Mas sabe onde ela se encontra?

— Não.

— Ela saiu de Goa?

— Perguntei a um cara que conheço por lá, Dashrant... É o dono de um restaurante na praia onde ela estava. Pedi para ficar de olho nela e ver se estava bem. Liguei na semana passada e ele me contou que ela tinha ido embora. Tentou convencê-la a ficar, mas... Bem, você sabe.

Didier franziu os lábios com ar reflexivo. Nós dois observamos os movimentos, os desocupados, a animação e a correria na rua, a menos de dois metros, além da ampla entrada do Leopold.

— *Et bien*. Não se preocupe com Karla — disse Didier, finalmente. — Pelo menos, ela está segura.

Presumi que Didier queria dizer que Karla podia se cuidar, ou talvez que tivesse um bom anjo da guarda. Eu estava errado. Havia algo mais naquela afirmação. Eu deveria ter perguntado o que ele queria dizer, é claro. Muitos anos depois daquela conversa, já me indaguei milhares de vezes como minha vida poderia ter sido se eu simplesmente tivesse pedido esclarecimento sobre aquele comentário. Em vez disso, com a cabeça repleta de suposições e o coração cheio de orgulho, mudei de assunto.

— E então... o que aconteceu?

— Aconteceu? — perguntou ele, confuso.

— O que aconteceu com você e Rinaldo em Gênova?

— Ah, sim. Nós nos amávamos, era verdade. Mas ele cometeu um erro de julgamento. Resolveu testar meu sentimento. Deixou que eu descobrisse o esconderijo onde guardava uma grande soma em dinheiro. Não consegui resistir à tentação. Peguei a grana e fugi. Eu o amava, mas surrupiei o dinheiro e dei no pé. Apesar de toda a sabedoria, ele não sabia que o amor não pode ser testado. A honestidade pode ser testada, assim como a lealdade. Mas não existe um teste para o amor. O amor dura para sempre, depois que começa, mesmo se passamos a odiar quem amamos. Ele permanece porque nasce de uma parte de nós que não morre.

— Você tornou a vê-lo?

— Sim. Sim, voltei. Outro golpe de sorte me levou a Gênova, quase quinze anos depois. Caminhei pelo mesmo bulevar de areia onde ele havia me ensinado a ler Rimbaud e Verlaine. Então o vi. Estava sentado com um grupo de homens da sua idade — tinha mais de sessenta anos na época —, e eles acompanhavam uma partida de xadrez disputada por dois idosos. Ele vestia um cardigã cinza e um cachecol de veludo preto, embora não fizesse muito frio naquele dia. Quase não tinha cabelo. Aquela coroa de prata tinha... desaparecido. O rosto estava todo encovado e a pele era uma mistura infeliz de cores ruins, como se ele se recuperasse de uma doença grave. Talvez estivesse *sucumbindo* a uma doença grave. Não sei. Passei por ele, desviando o olhar, para que não me reconhecesse. Cheguei a fingir um jeito de andar esquisito, encolhido, para disfarçar. No último momento, olhei de volta para ele, observando como tossia violentamente em um lenço. Havia sangue, eu acho, manchando o lenço branco. Caminhei cada vez mais rápido até sair correndo com a pressa de um homem aterrorizado.

Mais uma vez, ficamos em silêncio e permitimos que nossos olhos se perdessem na multidão de transeuntes, seguindo por um instante um homem de turbante azul e, no seguinte, uma mulher de máscara negra, véu e xador.

— Sabe, Lin, vivi o que muita gente, ou a maioria das pessoas, chamaria de uma vida perversa. Fiz muitas coisas que poderiam ter me posto na cadeia e outras que, em algumas nações, me levariam a ser condenado à morte. Posso dizer que não me orgulho de muito do que fiz. Mas existe apenas um ato, em toda a minha vida, do qual realmente me envergonho. Passei correndo por aquele grande homem, e tinha tempo, dinheiro e boa saúde que me permitiam ajudá-lo. Fiz isso não porque me sentisse culpado por ter roubado seu dinheiro. Nem porque temesse a doença ou o compromisso que poderia acarretar. Passei correndo por aquele homem brilhante e bom, que me amou e me ensinou a amar, simplesmente porque ele estava velho... porque não era mais bonito.

Ele virou a bebida, examinou o copo vazio por um momento e depois o colocou na mesa com muita delicadeza e cuidado, como se fosse uma bomba a ponto de explodir.

— *Merde!* Vamos beber, meu amigo! — exclamou ele, finalmente, mas minha mão ficou sobre a dele, impedindo que chamasse o garçom.

— Não posso, Didier. Preciso encontrar Lisa no Sea Rock. Ela me pediu para ir até lá. Preciso ir embora agora, se quiser chegar a tempo.

Por alguma razão, ele contraiu o queixo — um pedido, talvez, ou outra

confissão. Minha mão permaneceu sobre a dele.

— Olha, você pode ir, se quiser. Não é uma reunião particular, e é um belo passeio até Juhu.

Ele deu um sorriso suave e escorregou a mão para livrá-la da minha. Ainda olhando dentro dos meus olhos, ergueu a mão, apontando um dedo. Um garçom veio até a mesa. Sem olhar para ele, Didier pediu outro uísque. Depois que paguei a conta e fui para a rua, ele tossiu novamente, encurvado sobre uma das mãos e segurando o copo com a outra.

Eu tinha comprado uma moto, uma Enfield Bullet, um mês antes. O sabor da adrenalina em duas rodas que havia experimentado em Goa me perseguira, até que acabei me rendendo e fui com Abdullah ao mecânico que cuidava da moto dele. O mecânico, um tâmil chamado Hussein, adorava motos e adorava Abdullah acima de tudo. A Enfield que me vendeu estava em perfeitas condições e nunca me deixou na mão. Vikram ficou tão impressionado que comprou outra com Hussein, menos de uma semana depois. Às vezes passeávamos juntos, Abdullah, Vikram e eu, com as três motos lado a lado e o sol iluminando nossas bocas sorridentes.

Naquela tarde, quando deixei Didier no Leopold, dirigi lentamente e me dei tempo e espaço para pensar. Karla abandonara a casinha na praia de Anjuna. Eu não fazia a menor ideia de onde ela poderia estar. Ulla me contou que Karla havia parado de lhe escrever, e eu não tinha motivo para duvidar dela. Portanto, Karla tinha sumido e não havia como encontrá-la. E todos os dias eu acordava depois de sonhar com ela ou pensar nela. Todas as noites, eu dormia com a faca do arrependimento atravessada no peito.

Enquanto eu dirigia, meus pensamentos vagaram para Khaderbhai. Ele parecia muito satisfeito com o trabalho que eu fazia para a organização que comandava. Eu supervisionava certas movimentações de ouro contrabandeado nos aeroportos doméstico e internacional, trocava dinheiro vivo com agentes em hotéis cinco estrelas e escritórios de empresas de aviação, e organizava a compra de passaportes de estrangeiros. Eram tarefas que um *gora* podia executar com mais sucesso e discrição do que um indiano. Minha visibilidade era uma forma irônica e estranha de camuflagem. Os estrangeiros chamavam a atenção na Índia. Em algum ponto dos cinco milênios ou mais de história, a cultura havia decidido abolir de seu repertório a mirada casual e indiferente. Quando cheguei a Bombaim, o contato visual variava do olhar provocante ao intenso, boquiaberto e arregalado. Não havia malícia naquilo. Os olhos que me encontravam e me seguiam por todo canto eram inocentes, curiosos e quase sempre amistosos. E aquele exame minucioso tinha seus benefícios: na maioria dos casos, as pessoas olhavam fixamente para quem eu *era*, e não para o que eu *fazia*. Os estrangeiros eram examinados até se tornarem invisíveis. Assim, eu entrava e saía de agências de viagens, hotéis de luxo, companhias aéreas ou escritórios, seguido a cada passo por olhares que *me* viam, mas não enxergavam os crimes que eu cometia em nome do grande Khan.

Passei na frente da mesquita de Haji Ali, acelerando no trânsito vespertino da larga avenida, e, enquanto prosseguia, perguntei a mim mesmo por que Abdel

Khader Khan nunca fazia referências ao assassinato de seu amigo e companheiro Madjid. Aquilo ainda me incomodava e eu queria lhe fazer perguntas, mas a única vez em que mencionei seu nome, pouco depois do assassinato, Khader pareceu tão abalado pela dor que eu mudei de assunto. E, à medida que os dias se transformaram em semanas, e as semanas se escoaram em meses silenciosos, descobri que era impossível forçar tal assunto em nossas conversas. Era como se fosse *eu* quem guardasse segredos. E, por mais que minha mente estivesse impregnada de pensamentos relativos ao assassinato, nunca os mencionei para ele. Em vez disso, conversávamos sobre negócios ou filosofia. E, durante as nossas longas conversas, ele finalmente respondeu a minha grande pergunta. Lembrei-me da animação refletida em seus olhos e do orgulho, talvez, quando provei que havia compreendido seu ensinamento. E enquanto ia do Leopold ao encontro de Lisa, naquele dia da confissão de Didier, lembrei-me, palavra por palavra, sorriso por sorriso, da explicação do grande Khan.

— Então, você compreende a argumentação até aqui?

— Sim — respondi-lhe. Eu tinha ido até a mansão em Dongri naquela noite, uma semana antes, para apresentar-lhe um relatório sobre as mudanças que eu recomendara e iniciara na fábrica de passaportes comandada por Abdul Ghani. Com a aprovação e o apoio de Ghani, nós havíamos expandido a operação para que passasse a incluir todo o pacote de documentos de identidade — carteiras de motorista, contas de banco, cartões de crédito, até carteirinhas de clubes esportivos. Khader estava encantado com o progresso de tais inovações, mas logo mudou de assunto para conversar sobre seus temas favoritos: o bem e o mal e o propósito da vida.

— Talvez você possa repetir para mim — assentiu ele, contemplando a movimentação irreverente e salpicadora dos jorros de água da fonte. Os cotovelos pousaram nos braços da poltrona de vime branco. As pontas dos dedos alisavam a parte superior dos lábios e o impecável bigode grisalho.

— Ah... claro. Você dizia que todo o universo se dirige rumo a uma complexidade final. Isso ocorre desde que o mundo existe, e os físicos chamam tal fenômeno de *tendência à complexidade*. E... qualquer coisa que o favoreça é boa e qualquer coisa que o atrapalhe é ruim.

— Muito bem — disse Khader, erguendo uma sobrancelha com o sorriso que me ofereceu. Como costumava acontecer, eu não sabia muito bem se ele expressava aprovação, escárnio ou as duas coisas. Khader não parecia sentir ou expressar nenhuma emoção sem sentir um pouco do seu oposto. Talvez aconteça com todos nós, em alguma medida. Mas, com o lorde Abdel Khader Khan, era impossível saber o que ele pensava ou como se sentia em relação a alguém. A única vez que enxerguei toda a verdade em seu olhar — em uma montanha coberta de neve chamada Consolo para as Magoas —, já era tarde demais, e nunca mais voltei a vê-la.

— E esta complexidade final — prosseguiu ele — pode ser chamada de Deus, ou de Espírito Universal ou de Complexidade Final, como preferir. Pessoalmente, não tenho problemas em chamá-la de Deus. Todo o universo se

move em direção a Deus, em uma tendência à complexidade final que é Deus.

— Isso ainda não responde a uma pergunta que fiz da última vez. Como você determina se uma coisa é boa ou ruim?

— É verdade. Eu lhe prometi responder a essa pergunta muito boa, meu jovem Lin, e você terá minha resposta. Mas primeiro precisa me responder outra questão. Por que é errado matar?

— Bem, não acho que seja *sempre* errado.

— Ah — ponderou ele, com os olhos cor de âmbar reluzindo no mesmo sorriso astuto. — Bem, preciso lhe dizer que é *sempre* errado. Essa questão se esclarecerá mais tarde, durante a nossa discussão. Por enquanto, concentre-se no tipo de assassinato que *você* considera errado e me diga *por que* é errado.

— Bem, tirar a vida de alguém contraria as leis.

— Que leis?

— As leis da sociedade. A lei da Terra — sugeri, sentindo que o chão filosófico cedia sob meus pés.

— Quem faz essa lei? — ele perguntou com delicadeza.

— Os políticos aprovam as leis. As leis do Código Penal foram herdadas... da civilização. As leis contra o assassinato remontam ao... talvez existam desde os tempos das cavernas.

— E por que matar era errado para *elas*?

— Você quer dizer... Bem, eu diria que é porque existe apenas uma vida. A gente tem apenas uma chance, e tirá-la é uma coisa terrível.

— Uma tempestade de raios também é terrível. E será que isso a torna algo errado ou perverso?

— Não, claro que não — respondi, com alguma irritação. — Veja, não sei por que *precisamos* saber o que está por trás das leis contra o assassinato. Temos apenas uma vida, e, se a gente tira a vida de alguém sem uma boa razão, está fazendo uma coisa errada.

— Sim — disse ele, pacientemente. — Mas *por que* é errado?

— É errado, só isso.

— Ai está o ponto a que todos nós chegamos — concluiu Khader, com mais seriedade na voz. Ele pôs a mão no meu pulso, pousado no braço da minha cadeira a seu lado, e tamborilou para destacar os pontos importantes. — Se você perguntar para as pessoas por que matar ou qualquer outro crime é errado, elas lhe dirão que é contra a lei, ou que é errado segundo a Bíblia, os Upanishads, o Alcorão ou os Oito Caminhos de Buda, ou ainda de acordo com os pais ou outra autoridade qualquer. Mas não sabem *por que* é errado. O que dizem pode ser *verdade*, mas não sabem *por que*.

“Para saber sobre qualquer ato, intenção ou consequência, precisamos fazer duas perguntas. Primeira: o que aconteceria se *todo mundo* fizesse tal coisa? Segunda: *ajudaria* ou *atrapalharia* o movimento rumo à complexidade?”

Ele fez uma pausa quando um criado entrou junto com Nazeer. O criado trouxe *chai suleimani*<sup>1</sup> doce e preto em copos longos, além de uma variedade de doces irresistíveis em uma bandeja de prata. Nazeer lançou um olhar

questionador para Khaderbhai e fez uma careta de absoluto desprezo para mim. Khader agradeceu aos dois e eles nos deixaram a sós mais uma vez.

— No caso do assassinato — prosseguiu Khader, depois de bebericar o chá através de um cubo de açúcar branco. — O que aconteceria se *todo mundo* matasse? *Ajudaria* ou *atrapalharia*? Diga-me.

— Obviamente, se todo mundo sáisse por aí matando, a humanidade acabaria sendo dizimada. Portanto... *não* ajudaria.

— Sim. Nós, seres humanos, somos a mais complexa combinação de matéria que conhecemos, mas não somos o estágio *mais avançado* do universo. Nós também vamos nos desenvolver e mudar, como todas as coisas. Mas, se matarmos de maneira indiscriminada, não chegaremos lá. Vamos dizimar nossa espécie, e todo o progresso alcançado ao longo de milhões, bilhões de anos, vai se perder. O mesmo pode ser dito em relação ao roubo. O que aconteceria se *todo mundo* roubasse? *Ajudaria* ou *atrapalharia*?

— Sim, entendo aonde quer chegar. Se todo mundo sáisse por aí roubando, ficaríamos tão paranoicos que gastaríamos tempo e dinheiro demais nisso, o que nos atrapalharia e nunca chegaríamos...

— A complexidade final — completou para mim. — *É por esse motivo* que matar e roubar são coisas erradas. Não é por causa de um livro, de uma lei ou de um guia espiritual que nos diz isso, mas porque, se todos fizessem, não avançaríamos rumo à complexidade final que é Deus, junto com o resto do universo. E o oposto também é verdadeiro. Por que o amor é *bom*? Bem, o que aconteceria se todos se amassem? *Ajudaria* ou *atrapalharia*?

— Ajudaria — concordei, rindo, pego pela armadilha que ele havia preparado para mim.

— Sim. Na verdade, o amor universal aceleraria imensamente o movimento em direção a Deus. O amor é bom. A amizade é boa. A lealdade é boa. A liberdade é boa. A honestidade é boa. Antes, nós sabíamos que essas coisas eram boas, sempre soubemos dentro de nossos corações e todos os grandes mestres nos diziam isso, mas agora, com essa definição de bem e mal, podemos ver *por que* são boas. Da mesma forma que podemos ver *por que* roubar e matar são coisas ruins.

— Mas, às vezes... — protestei. — Você sabe, e a legítima defesa? E matar para se defender?

— Sim, Lin, boa questão. Quero que imagine uma situação. Você está em um quarto com uma escrivanhinha diante de você. No outro lado do cômodo está sua mãe. Um homem cruel segura uma faca na garganta dela. Ele vai matá-la. Na escrivanhinha, há um botão. Se você apertá-lo, o sujeito morre. Se não apertá-lo, ele mata sua mãe. São as únicas opções. Se não fizer nada, sua mãe morre. Se apertar o botão, o homem morre e ela é salva. O que você faz?

— O sujeito já era — respondi sem hesitar.

— Pois é — suspirou, talvez desejando que eu levasse mais tempo para chegar à decisão de apertar o botão. — E se você fizesse isso, se salvasse sua mãe de um assassino perverso, estaria fazendo a coisa certa ou errada?

— A coisa certa — respondi com a mesma rapidez.

— Não, Lin, lamento dizer — discordou, franzindo a testa. — Acabamos de ver que, nos termos dessa nova e objetiva definição de bem e mal, matar é sempre errado porque, se todos o fizessem, não nos dirigiríamos rumo a Deus, à complexidade final, com o restante do universo. Portanto, é errado matar. Mas suas razões eram boas. Portanto, a verdade dessa decisão é que você fez a coisa errada pelas razões certas...

Uma semana depois da pequena palestra de Khader sobre ética, enquanto eu dirigia contra o vento e costurava com a moto no trânsito arcaico e moderno sob nuvens escuras e ameaçadoras, aquelas palavras ecoavam na minha cabeça. *A coisa errada pelas razões certas*. Fui em frente e, mesmo quando parei de pensar na lição de Khader, aquelas palavras ainda permaneciam no espaço cinzento dos sonhos, onde a memória se encontra com a inspiração. Sei agora que eram como um mantra e que meu instinto — o murmúrio do destino na escuridão — tentava me avisar alguma coisa com a repetição. *A coisa errada... pelas razões certas*.

Mas naquele dia, uma hora depois da confissão de Didier, eu deixei que os avisos murmurados se dissipassem. Certo ou errado, não queria pensar sobre as razões — não sobre minhas razões para fazer o que fazia, nem nas de Khader ou de outra pessoa qualquer. Eu apreciava as conversas sobre o bem e o mal, mas apenas como um jogo, uma diversão. Não queria de fato a verdade. Estava cansado da verdade, especialmente da minha própria, e não podia enfrentá-la. Assim, os pensamentos e as premonições ecoaram e passaram por mim em rajadas de vento úmido. E, quando fiz a última curva no litoral nas imediações do hotel Sea Rock, meu pensamento estava tão claro quanto o horizonte imenso, preso no limite de um mar escuro e revoltoso.

O Sea Rock, tão luxuoso e opulento quanto os demais hotéis cinco estrelas de Bombaim, exibia como atração especial o fato de ter sido construído sobre as rochas da praia de Juhu. De todos os seus principais restaurantes, bares e centenas de outras janelas, o Sea Rock mirava as incessantes ondulações do mar Arábico. O hotel também oferecia um dos melhores e mais ecléticos bufês de almoço da cidade. Eu estava faminto e feliz de ver que Lisa esperava por mim no saguão. Ela usava uma camisa azul-celeste engomada com o colarinho virado para cima e saia-calça da mesma cor. O cabelo louro estava preso em uma trança embutida. Já fazia mais de um ano que ela se livrara da heroína. Estava bronzeada, tinha a aparência saudável e confiante.

— Oi, Lin — sorriu ela, cumprimentando-me com um beijo no rosto. — Você chegou na hora.

— Ótimo. Estou morrendo de fome.

— Não. Você chegou bem na hora de conhecer Kalpana. Um minuto... Ela já está vindo.

Uma jovem de cabelo curto, cortado à moda ocidental, jeans de cintura baixa e camiseta vermelha e justa se aproximou de nós. Ela usava um cronômetro pendurado no pescoço e segurava uma prancheta. Devia ter uns vinte e seis anos.

— Oi — disse eu, depois de ser apresentado por Lisa. — Aqueles equipamentos lá fora são seus? Os furgões de produção e todos aqueles cabos?

Estão filmando?

— A gente *devia* estar filmando, *yaar* — respondeu ela com as vogais exageradas do sotaque de Bombaim que eu tanto amava e que, inconscientemente, imitava. — O diretor foi a algum lugar com uma das dançarinas. Era para ser segredo, *yaar*, mas todo mundo está falando nisso. Temos uma pausa de quarenta e cinco minutos. Apesar de ser mais ou menos dez vezes o tempo que nosso amigo vai precisar, pelo que me contaram sobre seus talentos.

— Ótimo — sugeri, batendo palmas. — Isso nos dá tempo para almoçar.

— Que se dane o almoço, vamos primeiro ficar doidões, *yaar* — opôs-se Kalpana. — Você tem haxixe?

— Tenho — dei de ombros. — Claro.

— Você veio de carro?

— Estou com uma moto Bullet.

— Tudo bem, vamos usar meu carro. Está no estacionamento.

Deixamos o hotel e nos sentamos em seu Fiat novo para fumar. Enquanto eu preparava o baseado, ela me contou que era assistente de produção daquele e de vários outros filmes. Uma de suas tarefas era supervisionar a contratação de figurantes. Ela passara a tarefa para um agente, mas ele estava tendo dificuldade em encontrar estrangeiros para fazer pequenas participações, sem diálogos, meramente decorativas.

— Kalpana falou sobre isso no jantar na semana passada — resumiu Lisa, quando a outra começou a fumar. — Ela me disse que não conseguiam encontrar estrangeiros para figurações nos filmes... você sabe, pessoas para uma cena de festa ou numa discoteca, ou britânicos do período colonial, coisas do tipo. Então... pensei em você.

— Ahã.

— Seria ótimo se você pudesse arranjar *goras* para mim, quando precisarmos — disse Kalpana, com o que parecia ser um muito bem-ensaiado olhar malicioso. Ensaiado ou não, funcionava às mil maravilhas. — Nós fornecemos condução para trazê-los para a filmagem e depois para levá-los de volta. Damos um almoço completo no intervalo. E pagamos cerca de duas mil rúpias por dia, por pessoa. Pagamos isso para  *você*, além de uma comissão por cabeça. O que você paga *para eles*, bem, é problema seu. A maior parte fica feliz em fazer de graça e se surpreende muito quando descobre que nós *pagamos* para que participem dos filmes.

— O que me diz? — perguntou Lisa, com os olhos reluzindo através do filtro rosado do haxixe.

— Estou interessado.

Minha mente examinava as vantagens adicionais daquele acordo. Algumas eram óbvias. Os cineastas formavam um grupo bastante próspero e costumavam viajar com frequência. Poderiam, portanto, precisar de dólares do mercado negro e de documentos, de tempos em tempos. Também estava claro para mim que o trabalho com o recrutamento de figurantes era importante para Lisa. Por si só, isso já era o suficiente para que eu me envolvesse. Eu gostava dela e ficava

feliz em ver que se esforçava para gostar de mim.

— Bom — concluiu Kalpana, abrindo a porta e saltando para o estacionamento. Caminhamos de volta ao saguão, os três de óculos escuros. Apertamos as mãos no mesmo lugar onde havíamos nos conhecido meia hora antes.

— Almozem vocês — disse ela. — Vou voltar para o set. Estamos no salão de baile. Quando terminarem, basta seguirem os cabos para me encontrar. Vou apresentá-lo à turma e você pode começar imediatamente. Precisamos de alguns estrangeiros para as filmagens de amanhã, aqui. Dois caras e duas moças, *yaar*. Louros, tipo suecos, se puder encontrar. Ei... foi haxixe da Caxemira, não foi? Vamos nos dar bem, Lin, eu e você. *Ciao! Ciao*, querido.

No restaurante, Lisa e eu fizemos pratos de estivador e comemos sentados de frente para o mar.

— Kalpana é legal — disse ela, entre uma garfada e outra. — Às vezes é terrivelmente sarcástica e é muito ambiciosa... Não se engane... Mas é direta e amiga de verdade. Quando me falou sobre esse trabalho, pensei em você. Achei que você poderia... tirar algum proveito disso...

— Obrigado — disse eu, encontrando seu olhar e tentando entender o que dizia. — Obrigado por ter pensado em mim. Quer ser minha sócia?

— Quero — respondeu rapidamente. — Esperava... Esperava que você fizesse essa proposta.

— Podemos trabalhar juntos — sugeri. Acho que não vou ter problemas para conseguir estrangeiros para atuar no cinema, mas não quero fazer o resto. Você pode cuidar dessa parte, se quiser. Pode organizar o transporte, acompanhá-los no set, fazer os pagamentos, essas coisas. Eu os convenço e você cuida a partir daí. Vou ficar feliz em trabalhar com você, se estiver interessada.

Ela sorriu. Era um bom sorriso, do tipo que a gente tem vontade de preservar.

— Eu adoraria — exclamou, corando de constrangimento sob o bronzado. — Preciso mesmo fazer alguma coisa, Lin, e acho que estou pronta. Quando Kalpana mencionou esse negócio de elenco, eu queria aceitar na mesma hora, mas fiquei nervosa demais para assumir tudo sozinha. Obrigada.

— Não por isso. Como vão as coisas com Abdullah?

— Hummm — balbuciou ela, terminando de mastigar a comida. — Não estou *trabalhando*, se é que você me entende, e isso já é alguma coisa. Não estou trabalhando no Palácio, nem me drogando. Ele me deu dinheiro. Muito dinheiro. Não sei de onde veio. Não me importo. Nunca vi tanta grana em toda a minha vida. Fica nesta maleta de metal. Ele me deu e pediu que eu tomasse conta e que usasse quando fosse preciso. Foi um tanto assustador, assim meio... não sei... como um último pedido, testamento, ou coisa parecida.

Sem perceber, ergui uma sobrancelha com uma expressão intrigada. Ela percebeu, pensou por um momento e então respondeu.

— Confio em você, Lin. Você é o único cara em quem confio nesta cidade. Uma coisa engraçada. Abdullah me deu dinheiro e tudo o mais, e acho que eu o amo de uma forma meio insana, mas não confio nele. Você acha que é uma coisa horrível de se dizer do homem com quem a gente vive?

- Não.
- Você confia nele?
- Confio cegamente.
- Por quê?

Hesitei e as palavras não vieram. Terminamos a refeição e nos recostamos, contemplando o mar.

— Passamos por algumas coisas — disse eu, depois de um tempo. — Mas não é só isso. Confiei nele antes de qualquer coisa acontecer. Não sei o que é. Um homem confia em outro quando identifica muito de si nele, eu acho. Ou talvez quando vê coisas que gostaria de encontrar em si mesmo.

Ficamos em silêncio por algum tempo, ambos preocupados, provocando o destino de uma forma teimosa, cada um à sua maneira.

— Você está pronta? — perguntei-lhe.

Ela assentiu.

— Vamos ao set.

Seguimos as trepadeiras negras de cabos transmissores dos geradores estacionados do lado de fora do hotel. Eles nos conduziram por uma entrada lateral. Passamos por um cortejo de assistentes agitados antes de chegar ao salão de jantar, que fora alugado para a produção. O local estava cheio de gente, de luzes fortíssimas, painéis refletores ofuscantes, câmeras e equipamentos. Segundos depois de entrarmos, alguém gritou *Silêncio, por favor!* E teve início um barulhento número musical.

Os filmes hindí não se prestam a todos os gostos. Alguns estrangeiros que conheci me disseram detestar o tumulto caleidoscópico de números musicais irrompendo aleatoriamente entre mães chorosas, apaixonados suspirosos e vilões violentos. Entendia o ponto de vista, mas não concordava. Um ano antes, Johnny Cigar havia me falado que em vidas passadas eu devo ter sido indiano pelo menos seis vezes. Considerei um grande elogio, mas só quando acompanhei pela primeira vez uma filmagem de Bollywood foi que compreendi exatamente o que ele queria dizer. Adorei do fundo do meu coração a cantoria, as danças e a música, desde o primeiro instante.

Os produtores haviam alugado um amplificador de dois mil watts. A música tomou conta do salão de jantar e sacudiu nossos ossos. As cores pareciam as mesmas do mar tropical. Aqueles milhões de luzes eram tão atordoantes quanto um lago banhado pelo sol. Os rostos, tão belos quanto os entalhados nas paredes dos templos. O frenesi da dança misturava antigas técnicas clássicas e lascívia exuberante e entusiasmada. E o conjunto, aquela expressão provavelmente coerente de amor e vida, de drama e comédia, montava-se a partir da elegância delicada e discreta de um gracioso gesto de mão, ou de uma sedutora piscadela de olhos.

Durante uma hora observamos o número musical ser ensaiado, aprimorado e finalmente registrado em celuloide. No intervalo, Kalpana me apresentou a Cliff de Souza e Chandra Mehta, dois dos quatro produtores do filme. De Souza tinha trinta anos, era de Goa, alto, com cabelos crespos, sorriso desconcertante e passos longos. Chandra Mehta se aproximava dos quarenta. Estava acima do peso, mas à vontade com esse fato: um daqueles homens grandes que se

expandem para corresponder à grande ideia que fazem de si mesmos. Gostei dos dois, e, apesar de estarem ocupados demais para jogar conversa fora, aquele primeiro encontro foi cordial e simpático.

Ofereci a Lisa uma carona de volta para a cidade, mas ela havia combinado voltar com Kalpana e preferiu esperar. Dei-lhe o telefone do meu apartamento novo, dizendo-lhe para ligar se precisasse de mim. Ao atravessar o saguão, vi que Kavita Singh também saía do hotel. Nós dois tínhamos andado tão ocupados nos últimos meses — ela escrevendo sobre crimes, e eu, cometendo-os —, que durante muitas semanas mal nos vimos.

— Kavita! — gritei, correndo para encontrá-la. — É exatamente a mulher que eu queria ver! A repórter número um, do jornal número um de Bombaim. Como você está? Parece... *ótima!*

Estava vestida com um terninho de seda cor de marfim. Carregava uma bolsa de linho da mesma cor. O blazer, com uma fileira de botões na frente, tinha um decote profundo, e era óbvio que ela não usava nada por baixo.

— Ah, deixa disso! — retrucou, sorrindo, embaraçada. — É meu traje vestida-para-arrasar. Entrevistei Vasant Lal. Acabou agora.

— Você está com trânsito entre os poderosos — disse eu, lembrando-me das fotos do político populista. As incitações que ele fazia à violência haviam resultado em tumultos, incêndios criminosos e assassinatos. Cada vez que o via na televisão ou lia um de seus discursos preconceituosos no jornal, ele me fazia pensar no louco brutal que chamava a si mesmo de Sapna: uma versão legalizada e política do assassino psicopata.

— Havia um verdadeiro ninho de cobras naquela suíte, eu lhe garanto, *baba*. Mas consegui a entrevista. Ele tem um fraco por peitos grandes. — Ela pôs um dedo na minha cara. — Não diga *nada!*

— Ei! — tentei acalmá-la, erguendo as mãos e sacudindo a cabeça. — Não vou... dizer nada, *yaar*. Absolutamente nada. Estou só *olhando*, viu? E gostaria de ter três olhos, mas não vou falar nada!

— Seu filho da mãe! — estrilou, rindo com os dentes cerrados. — Ah, que merda, o que está acontecendo com o mundo, cara, quando um dos sujeitos mais importantes da cidade se recusa a falar com  *você* , mas concede uma entrevista de duas horas para os seus *peitos*? Os homens são mesmo tarados doentes, não acha?

— Você me pegou, Kavita — suspirei.

— Porcos filhos da puta, *yaar*.

— Não dá para discutir. Quando você tem razão, tem razão.

Ela me encarou com desconfiança.

— Por que você está sendo tão simpático, Lin?

— Escute, para onde você está indo?

— O quê?

— Aonde você vai? Digo, agora.

— Eu ia pegar um táxi para a cidade. Estou morando perto da fonte Flora.

— Que tal uma carona na minha moto? Quero conversar com você. Preciso que me ajude com um problema.

Kavita não me conhecia bem. Seus olhos eram da cor da casca da árvore de canela, salpicados de faíscas douradas. Ela me olhou de cima a baixo com aqueles olhos, e o exame minucioso não conseguiu lhe inspirar total confiança.

— Que tipo de problema? — perguntou-me.

— Tem a ver com um assassinato — respondi. — E quero que você ponha a história na primeira página. Eu lhe conto tudo na sua casa. E, no caminho, você pode me falar de Vasant Lal. Vai precisar gritar da garupa da moto, mas isso vai ajudar a esquecer essa história, *na*?

Uns quarenta minutos depois, estávamos sentados no seu apartamento, no quarto andar de um prédio sem elevador, nos arredores de Fort, perto da fonte Flora. Era um minúsculo apartamento com uma cama dobrável, cozinha precária e uma centena de vizinhos barulhentos. Possuía, porém, um banheiro espetacular, grande o suficiente para abrigar uma máquina de lavar e uma secadora sem ficar apertado. Havia também uma sacada fechada por grades antigas de ferro que dava para a ampla e movimentada praça em volta da fonte.

— O nome dele é Anand Rao — disse-lhe, dando um gole no café expresso forte que ela havia preparado para mim. — Ele dividia um barraco, na favela, com um sujeito chamado Rasheed. Eram meus vizinhos quando eu morava por lá. Então, a mulher de Rasheed e sua irmã vieram morar com eles, vindas de uma aldeia no Rajastão. Anand deixou o barraco para dar espaço para Rasheed e sua família.

— Espere aí — interrompeu Kavita. — É melhor eu anotar.

Ela se levantou e caminhou até uma escrivaninha enorme e entulhada, de onde pegou um bloco, uma caneta e um gravador. Havia tirado o terninho e vestido calças largas e uma camiseta. Ao vê-la caminhar, seguindo seus movimentos graciosos, rápidos e determinados, pela primeira vez percebi como era bonita. Quando voltou e ligou o gravador, sentando sobre as próprias pernas na poltrona, enquanto se preparava para escrever, Kavita me pegou olhando para ela.

— *O que foi?* — perguntou.

— Nada — eu sorri. — Muito bem, então Anand Rao conheceu a mulher de Rasheed e a irmã dela. Gostou das duas. Eram tímidas, mas simpáticas, alegres e gentis. Agora, lendo nas entrelinhas, acho que Anand se interessou pela irmã. De qualquer maneira, um belo dia Rasheed diz para a esposa que a única forma de ajeitarem a vida e montarem a lojinha de seus sonhos é vender um rim, um dos rins dele, em um hospital particular. Ela se opõe, mas ele por fim a convence de que é a única chance que têm. Bem, aí ele volta do hospital e diz que tem uma notícia boa e uma ruim. A boa notícia é que realmente desejam um rim. A má notícia é que não querem um rim de *homem*. Querem um rim de *mulher*.

— Certo — suspirou Kavita, sacudindo a cabeça.

— Pois é. O cara era um príncipe. Muito bem. A mulher se assusta, como era de se esperar, mas Rasheed a convence e ela vai ser operada.

— Você sabe onde isso aconteceu? — perguntou Kavita.

— Sei. Anand Rao checou tudo e contou para Qasim Ali, o líder da favela. Ele tem os detalhes. Anand Rao ouviu falar nisso quando a esposa de Rasheed

volta do hospital, e fica furioso. Ele conhece bem Rasheed, dividiram o barraco por dois anos, não esqueça, e sabe que é um vigarista. Anand discute com Rasheed, mas não adianta. Rasheed fica todo ofendido. Derrama querosene sobre si e manda Anand atear fogo se não confia nele, se o considera mesmo um sujeito tão canalha. Anand diz apenas para ele tomar conta das mulheres e deixa por isso mesmo.

— Quando isso aconteceu?

— A operação foi há seis meses. Bem, depois disso, Rasheed diz para a mulher que ele passou no hospital mais de vinte vezes, tentando vender o próprio rim, mas ninguém quer. Ele argumenta que o dinheiro que conseguiram pelo rim dela é apenas a metade do que precisam para montar o negócio. Diz também que ainda estão à procura de rins de mulheres e começa a fazer campanha para ela vender o rim *da irmã*. A esposa é contra a ideia, mas Rasheed fica em cima da irmãzinha, dizendo que, se ela não vender o rim, todo o sacrifício da outra terá sido em vão. Elas finalmente cedem. Rasheed manda a irmã mais nova de sua mulher para o hospital e ela volta sem um dos rins.

— Que sujeito — resmungou Kavita.

— Pois é. Bem, nunca gostei dele. Era um desses caras que sorriem por conveniência, sabe, e não porque sentem vontade por alguma razão. Como o sorriso de um chimpanzé.

— E o que aconteceu? Ele foi embora com o dinheiro, suponho.

— É. Rasheed pegou o dinheiro e sumiu. As duas irmãs ficaram arrasadas. A saúde delas se deteriorou. Desceram bem depressa a ladeira. Acabaram no hospital. Primeiro uma, depois a outra, ambas entraram em coma. Deitadas lado a lado nos leitos do hospital, foram dadas como mortas com minutos de diferença. Anand estava lá, com algumas pessoas da favela. Ficou tempo o bastante para ver quando foram cobertas com lençóis. Então saiu correndo do hospital. Estava fora de si, com raiva e... culpa, eu acho. Foi procurar Rasheed. Conhecia todos os antros onde ele costumava beber. Encontrou Rasheed deitado em uma lixeira, chapado de tanto beber. Dera dinheiro para que alguns meninos afugassem os ratos do seu corpo bêbado. Anand expulsou os garotos e sentou ao lado de Rasheed. Ouviu seus roncos. Então cortou sua garganta e esperou que o sangue parasse de jorrar.

— Terrível — balbuciou Kavita, sem tirar os olhos do bloco.

— Verdade. Anand se entregou e fez uma confissão completa. Foi acusado de assassinato.

— E você quer que eu...?

— Quero que você transforme essa história numa matéria de primeira página. Quero que comece uma espécie de movimento popular em torno dele, porque se o condenarem, o que certamente vai acontecer, talvez não sejam tão rigorosos. Quero que ele tenha algum apoio enquanto estiver na cadeia e que fique preso o mínimo possível.

— Você *quer* muita coisa.

— Eu sei.

— Bem — disse ela com a testa franzida —, é uma história interessante, mas

tenho que dizer, Lin, que aparecem muitas histórias como essa todos os dias. Mulheres queimadas, crimes por causa de um dote, prostituição infantil, escravidão, infanticídio feminino. Há uma guerra contra as mulheres na Índia, Lin. É uma briga de foice, e na maior parte dos casos elas são as vítimas. Eu quero ajudar seu amigo, mas não vejo isso como uma matéria de primeira página, *yaar*. De qualquer maneira, não sou eu que decido. Sou nova no jornal, não se esqueça.

— Tem mais coisa — insisti. — A melhor parte da história é que as irmãs não morreram. Meia hora depois de serem dadas como mortas, a esposa de Rasheed se mexeu sob o lençol. Minutos depois, sua irmã também se mexeu e gemeu. Estão vivas e muito bem. O barraco delas, na favela, virou uma espécie de templo. Vem gente de toda parte da cidade para ver as irmãs milagrosas que ressuscitaram. É a melhor coisa que aconteceu aos negociantes do local. Estão faturando horrores com os peregrinos. E as irmãs estão mais ricas do que poderiam ter sonhado. As pessoas jogam dinheiro para elas, uma rúpia ou duas por vez, e a soma está crescendo. Elas organizaram uma instituição de caridade com esposas abandonadas. Acho que só o fato de terem voltado do mundo dos mortos é o suficiente para que essa história vá para a primeira página.

— *Arrey yaar, baba!* — exclamou Kavita. — Tudo bem. Primeiro, você precisa me dar o contato das mulheres. Elas são fundamentais. Depois, preciso entrevistar Anand Rao na prisão.

— Eu levo você.

— Não — insistiu ela. — Preciso falar sozinha com ele. Não quero que seja sugestionado por você, ou responda para você. Preciso ver como ele se sai por si mesmo. Se vamos fazer uma campanha para ajudá-lo, ele vai precisar se virar sozinho, *yaar*. Mas você pode falar com ele primeiro, abrir caminho para a entrevista. Vou tentar vê-lo nas próximas duas ou três semanas. Temos muito a fazer.

Durante duas horas, conversamos sobre a campanha e respondi muitas de suas perguntas. Deixei-a feliz e entusiasmada, cheia de ideias e determinação. Fui direto a Nariman Point e comprei uma refeição escaldante de um dos furgões estacionados na praia. Mas meu apetite não era tão grande quanto eu havia imaginado, e não comi nem a metade. Desci até as pedras para lavar as mãos na água do mar, no lugar exato onde Abdullah se apresentara a mim havia três anos.

As palavras de Khader voltavam a boiar na corrente veloz e rasa dos meus pensamentos: *a coisa errada pelas razões certas...* Pensei em Anand Rao, na prisão de Arthur Road, no grande dormitório com os supervisores e os piolhos. Deixei o pensamento se esvaír na brisa. Kavita havia me perguntado por que o caso de Anand Rao era tão importante para mim. Não lhe contei que ele viera me procurar antes de cometer o assassinato, uma semana antes de cortar a garganta de Rasheed. Não lhe contei que eu o dispensara e o insultara, aviltando-o com uma oferta de dinheiro. Enrolei-a com uma resposta qualquer e deixei que pensasse que eu estava apenas tentando ajudar um amigo, tentando fazer a coisa certa.

Certa vez Khaderbhai disse que todo ato virtuoso tem uma motivação sombria e secreta. Pode não ser verdade com todo mundo, mas o era em relação a mim. Por trás das poucas coisas boas que eu fizera no mundo, sempre havia uma motivação sombria. O que sei agora e não sabia naquela época é que, a longo prazo, as motivações são mais importantes nas boas que nas más ações. Quando toda a culpa e a vergonha pelo mal se esgotam, é o bem que fizemos que pode nos salvar. Então, quando se trata de salvação, os segredos que guardamos, as motivações que escondemos, saem das sombras. Elas grudam em nós, aquelas motivações sombrias de nossas boas ações. A subida para a redenção é mais íngreme se o bem que fizemos está manchado por uma vergonha secreta.

Mas na época eu não sabia disso. Lavei as mãos no mar frio e indiferente, e minha consciência estava tão silenciosa e distante quanto as estrelas, mudas e inalcançáveis.

---

1 Chá com limão e condimentos. (*N. do E.*)

OS PASSAPORTES USADOS, chamados de livros por nós, falsificadores e contrabandistas, precisavam ser analisados antes de poderem ser vendidos ou usados pelos nossos homens. Havia sempre o perigo de que os viciados, os foragidos ou os estrangeiros indigentes que os vendiam fossem procurados por algum crime grave em sua terra ou em outros países. Muitos muambeiros foram pegos assim. Compraram passaportes, fizeram as alterações necessárias, partiram em missão e acabaram presos em um aeroporto estrangeiro porque seus donos originais eram procurados por assassinato, roubo ou pelas mais variadas modalidades de contrabando. Para garantir a satisfação de nossa clientela e a segurança de nossos mensageiros, Abdul Ghani submetia cada novo passaporte comprado ou roubado a dois níveis de exame minucioso.

Um fiscal da alfândega com acesso a um computador do aeroporto internacional de Bombaim servia como primeiro filtro. Em hora e local de sua escolha, ele recebia uma folha com o país de origem, a numeração e o nome original de cada passaporte a ser verificado. Um ou dois dias depois, ele devolvia a folha com uma linha riscando os que acusavam algum tipo de problema em seu computador. Alguns apresentavam problemas porque havia mandados de prisão em nome dos titulares. Outros, porque existia alguma suspeita em relação ao dono: um palpite de que pudesse estar envolvido no tráfico de drogas ou no contrabando de armas, ou ainda de uma ligação política que deixava os serviços de segurança de orelha em pé. Independentemente do motivo, os passaportes com problemas não podiam ser vendidos no mercado negro nem usados pelos mensageiros de Ghani.

Mesmo assim, os livros vetados ainda tinham suas utilidades. Era possível canibalizá-los, desmanchando a costura, e usar as páginas em branco em outro passaporte aproveitável. Havia também outras aplicações dentro da Índia. Embora os estrangeiros precisassem mostrar os passaportes para preencher os Formulários C ao se registrarem em hotéis, todas as cidades tinham sua cota de estabelecimentos que não eram tão exigentes em relação à semelhança — ou à diferença — entre o documento e seu portador. Para aqueles hotéis, qualquer um servia. Embora não conseguissem viajar para fora da Índia com um documento suspeito, um homem ou uma mulher poderia utilizá-lo para se deslocar *dentro* do país em segurança, satisfazendo as exigências legais básicas a serem cumpridas por qualquer gerente de hotel responsável.

Os livros que passavam pelo crivo da alfândega eram enviados para um segundo filtro, nos escritórios das companhias aéreas. Todas as grandes mantinham suas próprias listas de passaportes perigosos ou problemáticos. A inclusão de um nome e um número na lista era provocada por qualquer coisa, da falta de crédito e negócios fraudulentos com uma empresa aérea até qualquer tipo de incidente que envolvesse comportamento violento de um passageiro dentro do avião. Naturalmente, quando os contrabandistas tratavam de seus

negócios, buscavam evitar qualquer tipo de exame que não fosse apenas superficial e rotineiro por parte dos funcionários da empresa, da equipe da alfândega ou da polícia. Eles descartavam todo passaporte que pudesse despertar qualquer nível de suspeita. Os homens de Abdul Ghani nos escritórios da maior parte das empresas aéreas de Bombaim verificavam os números e os nomes nos documentos que adquiríamos e nos informavam sobre os possíveis problemas. Os livros limpos, os que passavam pelos dois filtros — pouco menos da metade dos que obtínhamos — eram vendidos ou usados pelos mensageiros de Khader.

A clientela que comprava os passaportes ilegais de Ghani se dividia em três categorias. A primeira era a dos refugiados econômicos, gente obrigada a sair de seus países por conta da fome ou motivada pela busca de uma vida melhor em outro lugar. Havia turcos querendo trabalhar na Alemanha, albaneses querendo trabalhar na Itália, argelinos querendo trabalhar na França, e pessoas de diversos países asiáticos que queriam trabalhar no Canadá e nos Estados Unidos. Uma família, um grupo de famílias, ou às vezes toda a comunidade de uma aldeia, juntava seus poucos recursos para adquirir um dos passaportes de Abdul e enviar um filho querido para uma das terras prometidas. Ao chegar lá, ele trabalhava para saldar a dívida e depois comprar novos passaportes para outros rapazes e moças. Eram vendidos por um preço que variava de cinco a vinte e cinco mil dólares. A rede de Khaderbhai emitia cerca de cem desses passaportes da pobreza todos os anos, e seu lucro anual, descontadas as despesas, era de mais de um milhão de dólares.

Os refugiados políticos compunham a segunda categoria de clientes. As revoltas que enviavam essas pessoas ao exílio costumavam ser violentas. Eram vítimas de guerras e de conflitos relacionados com comunidades, religiões e etnias. Às vezes, a reviravolta acontecia por vias legais: milhares de moradores de Hong Kong que não tinham cidadania britânica se tornaram clientes em potencial com uma simples assinatura, quando a Grã-Bretanha decidiu, em 1984, devolver sua antiga colônia à China no prazo de treze anos. Pelo mundo afora, a qualquer momento, havia vinte milhões de refugiados vivendo em campos e abrigos. Os falsificadores de passaporte de Abdul Ghani nunca ficavam ociosos. Um novo livro custava a essas pessoas algo em torno de dez mil a cinquenta mil dólares. O preço mais alto era determinado pelos riscos maiores de tentar *entrar* em zonas de guerra e pela grande demanda de *escapar* delas.

O terceiro grupo de clientes dos passaportes ilegais de Abdul era formado por criminosos. Ocasionalmente, eram homens como eu — ladrões, contrabandistas, matadores de aluguel —, que precisavam de uma nova identidade para ficar fora do alcance da polícia. Porém, na maior parte dos casos, os clientes especiais de Abdul Ghani eram do tipo mais propenso a construir e encher prisões do que a cumprir pena dentro delas. Eram ditadores, líderes de golpes militares, agentes da polícia secreta e burocratas de regimes corruptos obrigados a fugir quando seus crimes eram descobertos ou se havia mudança de regime. Um fugitivo ugandense, um homem com quem eu mesmo despachei, havia roubado mais de um milhão de dólares fornecido por agências internacionais para obras de infraestrutura essenciais, incluindo um hospital infantil. O hospital nunca foi

construído. Em vez disso, as crianças doentes, feridas e moribundas eram transportadas para um acampamento distante e abandonadas à própria sorte. Em uma reunião de que participei em Kinshasa, no Zaire, este sujeito me pagou duzentos mil dólares por dois livros — um passaporte suíço perfeito e imaculado e um canadense, virgem e original — e viajou em segurança para a Venezuela.

Os representantes de Abdul na América do Sul, na Ásia e na África faziam contato com responsáveis por desvio de dinheiro, torturadores, burocratas e militares que haviam apoiado tiranos derrubados. Lidar com eles me deixava com mais raiva e vergonha do que qualquer outra coisa que eu fazia a serviço de Khaderbhai. Na juventude, quando vivia em liberdade, dediquei-me a escrever artigos em jornais e panfletos. Passei anos pesquisando e expondo crimes e violações perpetrados por esses homens. Pus minha própria pele em risco ao apoiar suas vítimas em uma centena de manifestações de protesto que acabaram em confronto com a polícia. E ainda sentia um pouco do velho ódio, da asfixiante sensação de ultraje, ao lidar com eles. Mas aquela vida ficara para trás. O ativista social revolucionário perdera seus ideais para a heroína e o crime. E eu também era um homem procurado; também havia uma recompensa por minha cabeça. Eu era um bandido e vivia um dia de cada vez. Entre mim e a tortura da prisão só havia o conselho da máfia de Khader.

Portanto, fiz meu trabalho na organização de Ghani, ajudando assassinos em série a escapar das sentenças de morte que haviam decretado para tantos outros e que finalmente receberam de seus conterrâneos. Mas eu não gostava daquilo, nem deles. E deixava que soubessem disso. Eu os colocava contra a parede a cada negociação, encontrando algum alívio na fúria que provocava. E eles regateavam de forma afrontosa, aqueles desrespeitadores dos direitos humanos, tão indignados por precisarem gastar o dinheiro que haviam arrancado da boca de outras pessoas. Mas, no final, todos cediam e concordavam com nossos termos. No final, pagavam bem.

Ninguém mais na organização de Khaderbhai parecia compartilhar essa sensação de ultraje e de vergonha. Provavelmente não existe um grupo mais cético em relação à política e aos políticos do que os criminosos profissionais. Sob seu ponto de vista, todos os políticos são cruéis e corruptos, e todos os sistemas políticos favorecem os ricos e poderosos em detrimento dos pobres e indefesos. Com o tempo, em certa medida, comecei a compartilhar essa visão, porque conheci a experiência que a fundamentava. A prisão nos dera um conhecimento íntimo da violação dos direitos humanos, e todos os dias os tribunais confirmavam o que havíamos aprendido sobre o direito: os ricos de qualquer país, sob qualquer sistema político, sempre obtinham a melhor justiça que o dinheiro podia comprar.

Por outro lado, os criminosos da organização de Khader demonstravam um tipo de igualitarismo que teria enchido de inveja comunistas e cristãos gnósticos. Não se importavam com cor, credo, raça ou orientação política dos clientes. Não os julgavam quando eles faziam perguntas sobre o passado. Todas as vidas, por mais inocentes ou perversas, se reduziam a uma pergunta: *Qual a urgência do passaporte?* A resposta estabelecia o preço, e cada comprador com dinheiro para

pagar renascia, sem um passado, sem crimes, no momento do negócio. Nenhum cliente era melhor do que o outro, nenhum era pior.

Movido pelo mais puro espírito amoral das forças de mercado, Abdul Ghani atendia às necessidades de generais, mercenários, corruptos e torturadores sem a menor demonstração de culpa ou consternação. A liberdade desses homens rendia dois milhões de dólares anuais de lucro. Embora não tivesse pruridos éticos sobre a *fonte* dessa renda, ou sobre seu recebimento, Abdul Ghani era religiosamente supersticioso quanto à forma de *gastá-la*. Todos os dólares recebidos dessa clientela maléfica eram usados em um programa de resgate, criado por Khader, para iranianos e afegãos exilados de guerra. Todos os passaportes comprados pelos líderes militares ou seus cupinchas pagavam outros cinquenta livros, carteiras de identidade ou documentos de viagem para refugiados iranianos ou afegãos. Assim, em um daqueles labirintos psicológicos que o destino gosta de construir a partir da ganância e do medo, os preços elevados pagos pelos tiranos salvavam muitos daqueles que haviam sido arruinados pela tirania.

Krishna e Villu me ensinaram tudo o que sabiam sobre o negócio dos passaportes. Com o tempo, comecei a fazer experiências, criando novas identidades para mim com livros americanos, canadenses, holandeses, alemães e britânicos. Meu trabalho não era tão bom quanto o deles, nem jamais seria. Bons falsificadores são artistas. Sua visão artística deve abranger a mancha cuidadosa e criativa que dá a cada página uma autenticidade falsificada, além da precisão dos detalhes inventados ou modificados. Cada página que criam é uma pintura em miniatura, uma minúscula expressão de sua arte. O ângulo preciso de um carimbo ligeiramente entortado, um borrão ocasional em outro são tão significativos naquelas pequenas telas quanto a forma, a posição e a cor de uma rosa caída no quadro de um grande mestre. A despeito da habilidade que a tarefa exige, o efeito sempre nasce da intuição artística. E a intuição não pode ser ensinada.

Minhas habilidades, em vez disso, foram empregadas nas histórias que precisavam ser inventadas para cada passaporte recém-criado. Em geral, havia intervalos de meses, ou mesmo de anos, nos registros de viagens contidos nos livros que obtínhamos de estrangeiros. Alguns tinham vistos expirados, e tal lapso precisava ser eliminado do documento antes que este pudesse ser usado. Ao carimbar a saída do aeroporto de Bombaim *antes* de o último visto vencer, como se o dono houvesse deixado o país enquanto ainda estava válido, eu definia um histórico de movimentações de um país para o outro, em cada passaporte, a partir do banco de carimbos de entrada e saída criado por Villu. Pouco a pouco eu atualizava o livro e finalmente fornecia um novo visto para a Índia e um carimbo de entrada no aeroporto de Bombaim.

A sequência de entradas e saídas que acontecia naquele intervalo sempre era cuidadosamente planejada. Krishna e Villu tinham uma coleção de diários de bordo das principais companhias aéreas, com as listas de todos os voos domésticos e internacionais da Europa, da Ásia, da África e das Américas, com datas de partida e chegada. Se carimbássemos um passaporte britânico

informando que o dono chegara a Atenas em 4 de julho, por exemplo, tínhamos certeza de que um voo da British Airways havia pousado no aeroporto de Atenas naquele dia. Assim, todos os livros tinham uma história pessoal de viagens e experiência respaldada por diários, tabelas de horários, informações sobre o tempo, que forneciam a seu novo portador uma história plausível.

Meu primeiro teste com passaportes que falsifiquei para mim mesmo foi numa rota de escalas domésticas conhecida como *embaralhamento duplo*. Milhares de refugiados afegãos e iranianos em Bombaim tentavam obter asilo no Canadá, na Austrália, nos Estados Unidos e em outros países, mas os governos se negavam a levar em conta seus pedidos. Se conseguissem chegar lá, àqueles países ocidentais, eles poderiam pedir asilo e se submeter aos processos de análise do mérito de seus pedidos. Por *serem* mesmo refugiados políticos e necessitarem de asilo, os pedidos realizados dentro do país onde se encontravam costumavam ser bem-sucedidos. O truque estava em fazê-los chegar ao Canadá, à Suécia ou a qualquer outro lugar, antes de tudo.

O sistema que usávamos era o *embaralhamento duplo*. Quando iranianos ou afegãos em Bombaim tentavam comprar passagens para os países nos quais pretendiam pedir asilo, eles precisavam mostrar que tinham vistos válidos. Mas não podiam obtê-los por via legal, e os falsos eram impeditivos, pois eram verificados imediatamente no registro consular. Por isso, eu comprava uma passagem para o Canadá ou a Suécia com um visto falso. Por ser um *gora*, um estrangeiro bem-vestido, de aparência europeia, nunca me sujeitaram a nada além de um exame superficial. Ninguém se dava o trabalho de verificar se meu visto era verdadeiro. O refugiado que eu ajudava então comprava uma passagem para o trecho doméstico — de Bombaim para Délhi — no mesmo avião. Ao embarcarmos, recebíamos cartões: o meu era verde, um cartão de embarque internacional, e o dele era vermelho, doméstico. No ar, trocávamos de cartões. No aeroporto de Délhi, só tinham permissão para permanecer a bordo os passageiros com cartões de embarque verdes, internacionais. Com o meu cartão vermelho à mão, eu descia em Délhi e o refugiado prosseguia até o Canadá, a Suécia, ou qualquer outro destino escolhido. Na chegada, ele pedia asilo e tinha início o processo de análise. Em Délhi, eu passava a noite em um hotel cinco estrelas e depois comprava outra passagem para continuar o processo — o embaralhamento duplo — com outro refugiado na rota Délhi–Bombaim.

O sistema funcionava. Naqueles anos, tiramos do país centenas de médicos, engenheiros, arquitetos, acadêmicos e poetas iranianos e afegãos e os levamos aos países escolhidos.

Eu ganhava três mil dólares por um embaralhamento duplo e, por algum tempo, fiz dois por mês. Depois de três meses de voos domésticos de ida e volta entre Bombaim e Délhi, Calcutá ou Madras, Abdul Ghani me enviou para a primeira missão internacional. Levei um embrulho com dez passaportes para o Zaire. Com as fotos dos destinatários — enviadas da capital Kinshasa —, Krishna e Villu trabalharam os passaportes de forma a se transformarem em falsificações perfeitas. Depois de selados com plástico, preendi-os com fita adesiva no corpo sob três camadas de roupas e voei até a confusão escaldante e

ostensivamente armada do aeroporto de Kinshasa.

Era uma missão perigosa. Na época, o Zaire tinha se tornado uma terra de ninguém neutra, em meio às sangrentas guerras que agitavam Angola, Moçambique, Namíbia, Sudão, Uganda e Congo. Era o feudo pessoal do visivelmente maluco ditador Mobutu, e uma porcentagem de todos os lucros dos crimes cometidos no reino ia para seu bolso. Mobutu era um queridinho das potências ocidentais, pois comprava todas as armas mortíferas que lhe eram oferecidas, por mais caras que fossem. Nunca ninguém manifestou preocupação com o fato de ele voltar tais armamentos contra sindicalistas ou seus opositores dentro do país. Aqueles governos acolhiam o ditador de forma calorosa, em recepções reais e presidenciais, enquanto centenas de homens e mulheres eram torturados até a morte em suas prisões. Os mesmos governos me perseguiram por intermédio da agência de polícia internacional, a Interpol, e eu não tinha a menor dúvida de que seu aliado adoraria me entregar para eles — como um mimo, por assim dizer — se a missão dos passaportes desse errado e eu acabasse preso na capital.

Mesmo assim, gostei do desregramento de Kinshasa, uma cidade que florescia como mercado de trocas de todo tipo de contrabando, de ouro e drogas a lançadores de foguete. A cidade estava cheia de mercenários, fugitivos, criminosos, agentes do mercado negro e oportunistas de olhos arregalados e punhos prontos para ação, vindos de toda a África. Senti-me em casa e teria ficado mais tempo, mas em menos de setenta e duas horas entreguei os passaportes e recebi o pagamento de cento e vinte mil dólares. Era dinheiro de Khaderbhai. Fiquei ansioso por entregá-lo. Pulei no primeiro voo de volta para Bombaim e me apresentei a Abdul Ghani.

Com a missão, ganhei dez mil dólares americanos, experiência e uma apresentação ao ramo africano da organização de Ghani. Os contatos e a experiência valiam o risco, ao que me parecia na época. O dinheiro era pouco importante. Teria feito o trabalho por metade daquilo ou menos. Sabia que a maior parte das vidas humanas em Bombaim valia bem menos do que isso.

O mais importante é que havia perigo. Para alguns, o perigo é uma espécie de droga, ou até mesmo um afrodisíaco. Para mim, como foragido, vivendo todos os dias e todas as noites da minha vida com medo de ser morto ou capturado, o perigo era algo diferente; era uma das lanças que eu usava para matar o dragão do estresse. Ajudava-me a dormir. Ao ir a lugares perigosos e participar de atividades arriscadas, uma nova e diferente onda de medo me invadia. Aquele medo novo escondia o terror que costumava me assombrar quando acordado. Uma vez que o trabalho estava pronto e a sensação diminuía e passava, eu me afogava em uma paz exausta.

E não estava sozinho naquela ânsia por trabalhos imprudentes. Durante a missão, encontrei outros agentes, contrabandistas e mercenários com olhos brilhantes movidos a adrenalina, parecidos com os meus. Também fugiam de alguma coisa: todos tinham medo de algo que não podiam esquecer ou enfrentar. E só o dinheiro do perigo, ganho correndo riscos, os ajudava a escapar por algumas horas e dormir.

Seguiram-se uma segunda, uma terceira e uma quarta viagem à África, sem

incidentes. Usei três passaportes distintos, partindo de diferentes aeroportos internacionais indianos e chegando a outros a cada vez, e depois pegando voos domésticos para Bombaim. Os voos de embaralhamento duplo entre Délhi e Bombaim prosseguiram. As tarefas especiais que eu desempenhava com os cambistas de Khaled e alguns dos contrabandistas de ouro me deixaram ocupado o suficiente, na maior parte do tempo, para não pensar muito em Karla.

Perto do final da monção, visitei a favela e juntei-me a Qasim Ali em sua ronda diária. Enquanto ele verificava as calhas e ordenava reparos em barracões danificados, lembrei-me de como eu o admirava e dependia dele quando morava ali. Ao caminhar ao lado de Qasim Ali com minhas botas novas e meu jeans negro, observei os rapazes fortes, descalços e de *lungis* cavarem o solo com as mãos, como eu já havia feito. Observei-os escorar as paredes e limpar as valas entupidas, garantindo que a favela permaneceria seca até o fim das chuvas. E os invejei. Invejei a importância do trabalho e sua sincera devoção. Eu conhecera aquilo tão bem — aquela dedicação fervorosa e incondicional. Recebera sorrisos de orgulho e gratidão dos moradores quando o serviço árduo foi concluído. Mas aquela vida havia acabado para mim. Suas virtudes e recompensas estavam tão distantes e eram tão irrecuperáveis quanto a vida que eu experimentara e perdera na Austrália.

Talvez percebendo meu humor sombrio, Qasim nos conduziu à área aberta onde Prabaker e Johnny cuidavam dos primeiros preparativos para seus casamentos. Johnny e uma dúzia de outros vizinhos erguiam a estrutura de uma *shamiana*, ou tenda grande, onde as cerimônias aconteceriam. A alguma distância, outros homens construíam um pequeno palco onde os casais ficariam sentados depois dos ritos e receberiam presentes dos amigos e familiares. Johnny cumprimentou-me calorosamente e explicou que Prabaker estava trabalhando no táxi alugado e que voltaria ao anoitecer. Juntos, caminhamos em volta da estrutura, examinando a construção e discutindo os méritos e os custos das coberturas de plástico ou algodão.

Johnny me convidou para o chá e levou-me para junto da equipe que montava o palco. Jeetendra, meu antigo vizinho, supervisionava o projeto. Parecia ter se recuperado da dor que o abatera por tantos meses depois que perdeu a esposa na epidemia de cólera. Não estava tão forte — a pança que lhe era característica se transformara em uma pequena proeminência sob a camiseta —, mas os olhos haviam voltado a brilhar com esperança, e o sorriso não era falso. O filho, Satish, tinha crescido rápido. Quando apertei sua mão, passei-lhe discretamente uma nota de cem rúpias. Ele a aceitou, da mesma forma furtiva, e guardou-a no bolso da bermuda. O sorriso era carinhoso, mas ainda estava marcado pela morte da mãe. Havia um vazio no olhar: um buraco negro de dor e choque que engolia todas as perguntas e não liberava nenhuma resposta. Quando voltou ao trabalho, cortando pedaços de corda de fibra de coco para os homens amarrarem nas vigas de sustentação de bambu, seu rosto jovem assumiu um ar entorpecido. Eu conhecia aquela expressão: algumas vezes a percebia, por acaso, no espelho. É como parecemos quando a parte da felicidade que é confiante e inocente nos é arrancada e nos culpamos por sua perda, com

ou sem razão.

— Você sabe onde arranjei meu nome? — Johnny me perguntou enquanto bebíamos o delicioso *chai* quente da favela.

— Não — respondi, sorrindo para combinar com o riso em seus olhos. — Você nunca me contou.

— Nasci na calçada, perto do mercado Crawford. Minha mãe tinha um cantinho ali, um barraco feito com plástico e duas varas. O plástico era amarrado à parede, embaixo de um outdoor todo quebrado, sabe, e apenas pedaços de dois cartazes diferentes continuavam à mostra. Em um lado, havia parte do cartaz de um filme com o nome *Johnny*. No outro, via-se um fragmento de anúncio de charutos com, você adivinhou, apenas a palavra *Cigar* aparecendo.

— E ela gostou — prossegui. — E ela...

— Chamou-me de Johnny Cigar. Como você sabe, os pais a tinham expulsado de casa e meu pai a abandonara. Por isso, ela se recusou terminantemente a me dar o nome dessas famílias. Durante o tempo todo em que estive em trabalho de parto, até me dar à luz, naquela calçada, ela fitou aquelas palavras, *Johnny* e *Cigar*, e achou que era um *signal*. Era uma mulher muito, muito teimosa.

Ele olhou para o palquinho, observando enquanto Jeetendra, Satish e outros erguiam pedaços de compensado para fazer o piso da estrutura.

— Johnny é um bom nome — disse eu, depois de um tempo. — Gosto dele. E lhe deu boa sorte.

Ele sorriu para mim, e o sorriso se transformou em gargalhada.

— Eu só fico feliz por não ter sido um anúncio de laxante ou coisa parecida! — balbuciou, me fazendo rir e cuspir o chá.

— Está demorando um pouco esse casamento de vocês — observei, quando conseguimos voltar a conversar. — Por que o atraso?

— Kumar quer bancar o homem de negócios bem-sucedido e vai dar um dote para cada filha. Prabaker e eu dissemos que não acreditamos nisso. Não queremos dote, sabe? É um costume um tanto antiquado. Aliás, o pai de Prabaker não tem a mesma opinião. Ele mandou uma lista, lá da aldeia, dos presentes que quer receber. Quer um relógio de ouro, um Seiko automático; uma bicicleta nova, entre outras coisas. O modelo de bicicleta que escolheu, nós avisamos, é grande demais. Avisamos que suas pernas são muito curtas para alcançar os pedais, quanto mais o chão, *yaar*, mas ele está obcecado pela tal bicicleta. De qualquer maneira, estamos esperando que Kumar junte tudo. O casamento está marcado para o final de outubro, antes da festa do Diwali,<sup>1</sup> e tudo o mais.

— Vai ser uma semana e tanto. Meu amigo Vikram também se casa nessa semana.

— Você vem para os casamentos, Lin? — ele perguntou, com uma pequena e tensa ruga na testa. Johnny era um homem que concedia favores aos outros com generosidade. Como costuma acontecer com pessoas assim, ele não conseguia fazer pedidos nem exprimir seus desejos com a mesma facilidade.

— Eu não perderia por nada neste mundo — respondi às gargalhadas. — Estarei lá com os sinos e tudo. Sem exagero: quando ouvir os sinos tocando, vai

saber que estou a caminho.

Quando o deixei, ele falava com Satish. O menino o escutava atentamente e fitava seu rosto, com olhos tão inexpressivos quanto uma lápide. Lembrei-me de como ele agarrara minha perna no dia em que Karla apareceu na favela; como a brindara com um sorriso sincero e tímido. A memória cortou meu coração inerte. Dizem que a gente nunca pode voltar para casa, e é verdade, naturalmente. Mas o oposto também é verdadeiro. A gente precisa voltar, e vai sempre voltar, e não pode se tolher de voltar, por mais que tente.

Eu precisava de distração, por isso fui de moto até os estúdios de cinema da R.K., acelerando o motor e costurando com muita frequência e muita velocidade entre os carros. No dia anterior, havia contratado oito estrangeiros e os mandara para Lisa. Não era difícil encontrar e convencer pessoas a fazer figurações em filmes de Bollywood. Os mesmos turistas alemães, suíços, suecos ou americanos — que teriam reagido com desconfiança e hostilidade aos agentes indianos — manifestavam entusiasmo quando eu os abordava. Nos anos em que morei na favela e trabalhei como guia turístico, havia conhecido todo tipo de visitante estrangeiro. Desenvolvi um estilo de abordagem que conquistava rapidamente sua confiança. Combinava duas partes de *showman*, duas partes de bajulador e uma parte de galanteador, com um toque de malícia, uma pitada de arrogância e um quê de desdém.

O trabalho como guia turístico também me permitira fazer amizades em diversos restaurantes importantes de Colaba. Durante anos levei meus grupos ao Café Mondegar, ao Picadilly, Dipty's Juice Bar, Edward the Eighth, Mezban Restaurant, Apsara Café, Strand Coffee House, Ideal e outros frequentados por turistas, e os encorajara a gastar. Quando precisava de estrangeiros para pequenos papéis nos filmes de Bollywood, eu percorria esses cafés e restaurantes. Os donos, os gerentes e os garçons sempre me cumprimentavam calorosamente. Quando via um grupo adequado de rapazes e moças, eu os abordava com um convite para trabalhar em um filme indiano. Com o apoio dos funcionários, eu geralmente conseguia que confiassem em mim e aceitassem a proposta em questão de minutos. Depois, ligava para Lisa Carter para providenciar o transporte no dia seguinte.

O sistema funcionava bem. Trabalhávamos juntos havia poucos meses, mas Lisa já arregimentava elencos para os principais estúdios e produtores. O grupo mais recente — os estrangeiros que contratei na véspera — foi nosso primeiro trabalho para o famoso estúdio R.K.

Eu estava curioso para ver o grande e prestigioso complexo, e enquanto atravessava os portões de entrada meu ânimo subiu à altura das grandes velas cinzentas nas cumeeiras onduladas do telhado. Para Lisa Carter e outros como ela, o glamour do mundo do cinema inspirava uma admiração quase reverente. Eu não tinha tal sentimento, mas também não lhe era indiferente. Todas as vezes que entrava na terra da fantasia de um estúdio, um pouco da mágica capturava meu coração, me animava, me iluminava com a luz da surpresa, retirando-me daquele mar sombrio que com tanta frequência tomava conta da minha vida.

Os guardas me deram as indicações para chegar ao galpão onde Lisa e o grupo de alemães me aguardava. Cheguei durante um intervalo da filmagem e

encontrei Lisa servindo chá e café para os jovens estrangeiros. Eles estavam sentados em duas mesas — duas das várias mesas arrumadas em torno de um palco, em um cenário projetado para reproduzir uma boate moderna. Eu cumprimentei-os, troquei alguns gracejos e, em seguida, Lisa me levou para um canto.

— Que tal são eles? — perguntei, quando ficamos a sós.

— São ótimos — respondeu, feliz. — São pacientes, descontraídos e estão se divertindo, eu acho. Vai ser uma boa filmagem. Você mandou pessoas ótimas nas últimas semanas, Lin. Os estúdios estão muito satisfeitos. A gente podia... Você sabe, a gente podia transformar isso num negócio de verdade, eu e você.

— Você gosta disso, não é?

— É claro que gosto — disse ela, com um sorriso que me atravessou por inteiro. Então sua expressão se alterou e ganhou mais solenidade, certa determinação; o tipo de determinação que se encontra em gente que faz tudo do jeito mais difícil, sem esperança. Ela era linda: uma beldade das praias da Califórnia na floresta carnal de Bombaim; uma líder de torcida que conseguira escapar das garras da morte da heroína e da asfixia sensual do Palácio de Madame Zhou. Sua pele era límpida e bronzeada. Os olhos azul-celeste irradiavam determinação. O cabelo longo, louro e encaracolado estava preso, em um penteado elegante que complementava o decoro de seu discreto conjunto marfim. *Ela venceu a heroína*, me peguei pensando enquanto buscava seu olhar. *Ela venceu. Ela largou aquilo*. De repente, percebi como era corajosa e que a coragem dela — quando se sabia que estava ali e como procurá-la — era tão palpável e arrebatadora quanto a ameaça feroz e impessoal no olho de um tigre.

— Gosto desse trabalho — disse ela. — Das pessoas e das tarefas. Gosto da vida. Acho que  *você*  também deveria gostar.

— Gosto de  *você*  — sorri.

Ela riu e enroscou o braço no meu, nos conduzindo a um passeio pelo set.

— O filme se chama *Paanch Paapi* — disse ela.

— Cinco beijos...

— Não. *Paapi*, não é *papi*. É um trocadilho. *Paapi* quer dizer *ladrão* e *papi* significa *beijo*. Então, na verdade, o título é *Cinco ladrões*, mas faz piada com *Cinco beijos*, porque se trata de uma comédia romântica. A protagonista é Kimi Katkar, que eu acho deslumbrante. Não é a melhor dançarina do mundo, mas é uma garota bonita. O protagonista masculino é Chunkey Pandey. Ele poderia ser bom, bom *de verdade*, se não fosse tão cheio de si.

— Falando nisso, você teve mais problemas com Maurizio?

— Não ouvi nada sobre ele, mas estou preocupada com Ulla. Ela não apareceu em casa. Recebeu uma ligação de Modena anteontem à noite e saiu correndo. Foi o primeiro sinal de vida em semanas. Não tenho notícias dela desde então, e ela prometeu telefonar.

Passei a mão pelas rugas da minha testa até meu cabelo despenteado.

— Ulla sabe o que está fazendo — grunhi. — Ela não é problema seu nem meu. Eu a ajudei porque ela me pediu. Porque gosto dela. Mas estou ficando cansado desse negócio de Ulla-Maurizio-Modena, você entende? E Modena falou

com ela a respeito do dinheiro?

— Não sei. Talvez.

— Nem o dinheiro nem Modena apareceram até agora. Os caras na rua me contaram. Maurizio anda por toda parte à procura de Modena. Não vai desistir até encontrá-lo. E Ulla que se cuide. Sessenta mil dólares não são nenhuma fortuna, mas tem gente que morre por menos. Se Modena está com a grana, é melhor que fique longe de Ulla enquanto Maurizio estiver atrás dele.

— Eu sei. Eu sei.

Os olhos dela ficaram subitamente vidrados, apreensivos.

— Não estou preocupado com Ulla — disse eu, com mais suavidade. — Estou preocupado com você. Se Modena está de volta, você deveria ficar perto de Abdullah por um tempo. Ou de mim.

Ela me olhou com os lábios tão tensos que estavam quase brancos por causa daquilo que *queria* dizer, mas não conseguia ou não podia.

— Fale-me sobre a cena — sugeri, tentando nos afastar do redemoinho negro e frio em que se transformava a vida de Ulla. — O que está acontecendo neste filme?

— É uma boate, ou pelo menos uma versão cinematográfica de uma boate. O herói rouba uma joia de um político rico, eu acho... alguma coisa parecida... e corre para lá, a fim de se esconder. Ele observa a garota, Kimi, fazendo um exuberante número de dança, e se apaixona. Quando os tiras aparecem, ele esconde a joia na peruca que ela está usando. O resto do filme mostra como ele tenta se aproximar da garota para recuperar a joia.

Ela fez uma pausa, examinando meu rosto e tentando decifrar o que meus olhos diziam.

— É... Acho que você pensa que isso é uma tremenda bobagem.

— Não, não penso — ri. — Eu gosto disso. Gosto muito. No mundo real, o sujeito ia apenas lhe dar uma surra e pegar a joia. Talvez até atirasse nela. Prefiro a versão de Bollywood.

— Eu também — disse ela, rindo. — Adoro. Eles juntam tudo a partir de telas pintadas e pedacinhos de madeira e é... é como se estivessem criando sonhos ou coisa parecida. Sei que parece piegas, mas é o que acho. Adoro esse mundo, Lin, e não quero voltar para o outro.

— Ei, Lin! — uma voz atrás de mim chamou meu nome. Era Chandra Mehta, um dos produtores. — Você tem um minuto?

Deixei Lisa com os turistas alemães e juntei-me a Chandra Mehta sob uma armação de metal que amparava uma complexa árvore de luzes brilhantes. Ele usava um boné de beisebol com a aba para trás, bem apertado na cabeça, o que fazia seu rosto parecer mais redondo. A calça Levi's desbotada estava abotoada sob a barriga proeminente e uma longa camisa *kurta* a cobria. Ele suava no ambiente moderadamente úmido do estúdio fechado.

— E aí, cara, como vai? Estava esperando para vê-lo, *yaar*. — A voz cochichada tinha um tom conspiratório. — Vamos lá fora respirar um pouco. Meus malditos miolos estão fervendo aqui dentro, *yaar*.

Enquanto caminhávamos por entre prédios com cúpulas de metal, atores em

seus figurinos cruzavam nosso caminho, junto com homens carregando objetos de cena e peças de equipamentos. Em certo ponto, um grupo de nove dançarinas bonitas, vestidas com exóticos trajes de plumas, passou por nós a caminho de um set de filmagem. Elas me fizeram virar a cabeça, obrigando meu corpo a segui-la até eu praticamente andar de ré. Chandra Mehta não lhes deu sequer uma olhada.

— Escute, Lin, o que eu quero conversar com você... — disse ele, tocando no meu cotovelo enquanto andávamos. — Tenho um amigo, sabe? É um empresário com muitos contatos nos Estados Unidos. *Achaa*, como devo dizer... Ele está com problemas para converter seu fluxo de caixa de rúpias em dólares, *yaar*. Eu queria que você... Um passarinho me contou que você pode ser muito útil quando o fluxo não corresponde às expectativas.

— Presumo que, quando tudo flui corretamente, este caixa é em dólares.

— Sim — sorriu ele. — Estou feliz que você compreenda o problema.

— E de quanto seria a diferença do fluxo?

— Ah, acho que uns dez mil resolvem o problema.

Eu lhe informei a taxa de câmbio atual para dólares americanos estabelecida por Khaled Ansari, e ele aceitou as condições. Combinei em encontrá-lo no set no dia seguinte. Ele deveria estar com as rúpias — uma quantidade bem mais volumosa de moedas, se comparada com os dólares — em uma mochila, de modo que eu pudesse levá-las na moto. Apertamos as mãos. Em consideração ao homem que eu representava, o lorde Abdel Khader Khan, cujo nome nunca seria mencionado nem por Mehta nem por mim, pus uma pressão ligeiramente desagradável no aperto de mão. Era uma dorzinha de nada que eu lhe infligia, uma simples fisgada, mas corroborava o olhar ameaçador acima do meu sorriso amistoso.

— Não comece nada se você achar que vai se enrolar, Chandra — avisei-lhe, quando o aperto de mãos repercutiu em seu olhar. — Ninguém gosta que lhe passem a perna. E os meus amigos, menos ainda.

— Ah, *claro* que não, *baba!* — brincou, sem conseguir disfarçar totalmente a luz de alarme que se acendeu em seu olhar. — Sem problema. *Koi baht nahi! Não se preocupe!* Estou muito grato a você por me ajudar... quer dizer... resolver o problema do meu *amigo*, *yaar*.

Caminhamos de volta ao estúdio e encontrei Lisa com o outro produtor, Cliff de Souza.

— Oi, cara! Você serve! — disse Cliff sem me cumprimentar, agarrando meu braço e me arrastando para as mesas do cenário da boate. Olhei para Lisa, mas ela apenas ergueu os braços num gesto que dizia: “*Dê o seu jeito, cara.*”

— O que está acontecendo, Cliff?

— Precisamos de outro cara, *yaar*. Precisamos de um *gora* sentado entre estas duas lindas moças.

— Ah, não, você não precisa — resisti, tentando me livrar sem machucá-lo. Estávamos à mesa. As duas garotas alemãs se levantaram e vieram me arrastar para o assento entre elas. — Não posso fazer isso! Não sei representar! Não fico à vontade na frente da câmera! Não sei fazer isso!

— *Na, komm' schon! Hör' auf!* — disse uma das garotas. — Não foi você que nos garantiu ontem que isso seria muito fácil, *na?*

Eram mulheres atraentes. Eu havia selecionado o grupo exatamente por ser formado por homens e mulheres atraentes e saudáveis. Seus sorrisos me desafiavam a juntar-me a elas. Pensei no que aquilo significava: participar de um filme que seria visto por trezentos milhões de espectadores em dez ou mais países, enquanto eu estava foragido e era o homem mais procurado da Austrália. Era uma tolice. Era perigoso.

— Ah, por que não? — dei de ombros.

Cliff e os assistentes se afastaram, enquanto os atores se posicionavam. O astro, Chunky Pandey, era um jovem de Bombaim, simpático e atlético. Tinha visto alguns de seus filmes com amigos indianos, e me surpreendi ao constatar que ele era consideravelmente mais atraente e carismático ao vivo do que parecia na tela. Um assistente de maquiagem segurava um espelho enquanto Chunky penteava e ajeitava o cabelo. A intensidade do olhar que ele dedicava ao espelho era tão constante que parecia um cirurgião em meio a um procedimento crucial e complexo.

— Você perdeu a melhor parte — sussurrou uma das alemãs. — Esse cara levou um tempão para aprender as marcações da cena. Errou muitas vezes. E todas as vezes que ele errava, aquele homenzinho com o *Spiegel*, o *espelho*, saltava e a gente ficava vendo-o pentear o cabelo de novo. Se usassem simplesmente as cenas em que ele se enrola e penteia o cabelo, enquanto o homenzinho segura o espelho, garanto a você, seria uma comédia de sucesso.

O diretor do filme estava ao lado do cinegrafista, com um olho na lente da câmera. Então, deu as últimas instruções para os iluminadores. Depois de um sinal, o assistente de direção mandou fazer silêncio no estúdio. O cinegrafista anunciou que a filmagem estava começando.

— *Música!* — ordenou o diretor. — *E... ação!*

A música trovejou no set, proveniente de alto-falantes dignos de um estádio. Eu jamais ouvira a trilha sonora de um filme indiano tocada tão alto, e adorei aquilo. Os bailarinos, inclusive a estrela Kimi Katkar, desfilaram no palco artificial. Atravessando o cenário e a multidão de figurantes, Kimi requebrou pelo palco e abriu caminho de mesa em mesa, dançando e fingindo que cantava a canção o tempo todo. O herói entrou na dança e depois se escondeu debaixo da mesa, quando apareceram os atores que interpretavam os tiras. A sequência inteira durava apenas cinco minutos no filme, mas levou a manhã inteira para ser ensaiada e a maior parte da tarde para ser filmada. Minha primeira experiência no *show business* resultou em dois breves movimentos de câmera que captaram meu grande sorriso enquanto Kimi parava, sedutoramente, atrás da minha cadeira.

Mandamos os turistas estrangeiros de volta para o hotel em dois táxis. Lisa voltou comigo na garupa da Bullet. Era uma noite quente e ela tirou o blazer e o grampo do cabelo antes de subir na moto. Segurou minha cintura com os braços e apertou o rosto nas minhas costas. Era a carona ideal: do tipo que se entrega com total confiança e deixa seu corpo se fundir aos movimentos do motorista.

Através da minha fina camisa branca, senti a pressão de seus seios em minhas costas. A camisa estava aberta, ao sabor do vento morno, e as mãos dela apertavam a pele tensa da minha cintura. Eu nunca usava capacete. Havia um preso na garupa, para um carona, mas ela preferiu não usá-lo. Vez por outra, quando parávamos no trânsito ou para fazer uma curva, um golpe de vento jogava seu cabelo longo e encaracolado sobre meu ombro, e para dentro da minha boca. O perfume de verbena permanecia em meus lábios. As coxas dela me apertavam com suavidade, como uma promessa ou uma ameaça de sua força. Lembrei-me daquelas coxas, da pele suave como o luar na palma da minha mão naquela noite na casa de Karla. E, como se lesse meus pensamentos ou pensasse na mesma coisa, ela falou quando a moto parou num sinal:

— Como está o menino?

— O menino?

— Aquele menininho que estava com você naquela noite, na casa de Karla, lembra?

— Está ótimo. Eu o vi na semana passada, na casa do tio. Não é mais tão pequeno. Está crescendo depressa. Estuda numa escola particular. Não gosta muito de lá, mas vai se adaptar.

— Você sente saudades dele?

O sinal abriu e engatei a moto, acelerando para entrar no cruzamento ao som do ronco intermitente do motor. Não respondi. Claro que sentia saudades dele. Era um bom menino. Sentia saudades da minha filha. Sentia saudades de minha mãe e de toda a minha família. Sentia saudades dos amigos, de todos eles, e tinha certeza, naqueles anos desesperados, de que nunca mais os veria. Sentir saudades das pessoas que eu amava era uma espécie de luto para mim, e era pior, muito pior, pelo fato de não estarem mortas — pelo que eu sabia. Meu coração, às vezes, era um cemitério repleto de lápides em branco. E quando eu ficava sozinho em meu apartamento, noite após noite, aquele luto e aquela saudade me sufocavam. Havia muito dinheiro sobre a cômoda do quarto, e passaportes recém-falsificados que poderiam me levar... a qualquer lugar. Mas não havia para onde ir: não havia lugar que não estivesse esvaziado de significado, identidade e amor, devido ao vácuo deixado por aqueles de quem eu sentia falta, que estavam perdidos para sempre.

Eu era o fugitivo. Eu era o desaparecido. Eu era o soldado desconhecido, morto em combate. Mas, no turbilhão da minha fuga, os desaparecidos eram *eles*. Em meu exílio, o mundo inteiro que eu conhecera havia desaparecido. Os foragidos correm, mesmo contrariando seu coração, tentando aniquilar o passado, e, com este, todos os vestígios que revelam quem foram, de onde vieram, e aqueles que os amaram. E correm para sumir, para sobreviver, mas sempre fracassam. Podemos negar o passado, mas não fugir de seu tormento, pois é uma sombra que fala e que se mantém lado a lado com a verdade do que somos, passo a passo, até a nossa morte.

E da paleta de tons roxos e rosados do entardecer, ergueu-se uma noite negra e azulada à nossa volta. Mergulhamos em túneis de luz, com o vento marinho. As vestes do crepúsculo escorregavam dos ombros da cidade. As mãos de Lisa passavam como o mar pela minha pele endurecida, como uma carícia ondulante

e formigante do mar. E por um momento, enquanto andávamos de moto juntos, nos tornamos apenas um: um desejo, uma promessa a se dissolver em compromisso, uma boca sentindo o gosto do perigo e do prazer. E algo — talvez o amor ou o medo — me incitava a escolher, colocando sussurros no vento morno: *Você nunca vai ser mais jovem ou mais livre do que neste momento.*

— É melhor eu ir.

— Não quer tomar um café ou alguma coisa? — perguntou ela, com a mão na chave na porta do apartamento.

— É melhor eu ir.

— Kavita está superenvolvida na história que você lhe passou, sobre as moças da favela. As moças que ressuscitaram. Só fala nisso. As Irmãs Azuis, é como ela as chama. Não sei por quê, mas é um nome bem legal.

Ela estava puxando papo, me prendendo ali. Olhei para dentro do céu que estava em seus olhos.

— É melhor eu ir.

Duas horas depois, completamente desperto e ainda sentindo a pressão de seus lábios no beijo de boa-noite, não fiquei surpreso ao ouvir o telefone.

— Você pode vir para cá imediatamente? — perguntou ela, quando atendi.

Fiquei em silêncio, lutando para encontrar uma forma de dizer *não* que parecesse um *sim*.

— Estou tentando encontrar Abdullah, mas ele não atende — prosseguiu ela. Então percebi um tom assustado, traumatizado, em sua voz.

— O que foi? O que aconteceu?

— Tivemos problemas... houve um problema...

— Foi o Maurizio? Você está bem?

— Ele está morto — balbuciou. — Eu o matei.

— Tem mais alguém aí?

— Alguém? — repetiu, de modo nebuloso.

— Tem mais alguém aí, no apartamento?

— Não. Quer dizer, *tem*... Ulla está aqui com ele, no chão...

— Escute! — ordenei. — Tranque a porta. Não deixe ninguém entrar.

— A porta foi arrombada — murmurou, com a voz enfraquecida. — Ele arreventou o trinco quando arrombou a porta para entrar aqui.

— Tudo bem. Empurre alguma coisa contra a porta, uma cadeira ou algo parecido. Mantenha a porta fechada até que eu chegue aí.

— Ulla está péssima. Ela... está transtornada.

— Vai dar tudo certo. Apenas feche a porta. Não ligue para mais ninguém. Não fale com ninguém e não deixe ninguém entrar. Faça duas xícaras de café com muito leite e açúcar... quatro colheres de açúcar... e sente-se com Ulla para beber. Dê-lhe alguma bebida forte também, se ela precisar. Estou a caminho. Vou chegar em dez minutos. Agente firme e fique fria.

Dirigindo noite adentro, abrindo caminho pelas ruas movimentadas, serpenteando com a moto em uma teia de luzes, não senti nada: nem medo, nem pavor, nem um calafrio de excitação. Andar com a moto na faixa vermelha significa acelerar tanto, em todas as mudanças de marcha, que a agulha do

conta-giros fica na faixa vermelha, indicando que o motor está no limite. Era o que nós fazíamos, todos nós, cada um do seu jeito, Karla, Didier, Abdullah e eu: dirigíamos nossas vidas no limite. E Lisa. E Maurizio. Mandávamos a agulha para a faixa vermelha.

Um mercenário holandês em Kinshasa me disse certa vez que a única hora em que ele parava de se odiar era quando o risco que enfrentava se tornava tão grande que ele agia sem pensar ou sentir nada. Preferia que ele não tivesse me dito aquilo, pois sabia exatamente o que queria dizer. E, naquela noite, dirigi, levantei voo, e a tranquilidade de meu coração era quase como estar em paz.

---

1 Festa religiosa hindu, também conhecida como *festival das luzes*, celebrada no primeiro dia do mês lunar Kartika, que ocorre em outubro e novembro. (N. do E.)

EM MINHA PRIMEIRA LUTA DE FACA, aprendi que existem dois tipos de pessoa que se envolvem em um conflito mortal: as que matam para viver e as que vivem para matar. Os que gostam da matança talvez entrem em uma briga com mais fogo e fúria, mas o homem ou a mulher que luta para viver, que mata apenas para sobreviver, geralmente termina vencedor. Se o tipo matador começa a perder, sua razão para lutar se esvai. Se isso acontece com o tipo sobrevivente, sua razão para lutar se inflama com ferocidade ainda maior. E disputas mortais com armas assassinas, ao contrário da luta de socos comum, são perdidas e ganhas pelas razões que persistem quando o sangue começa a jorrar. O fato é que a luta para salvar uma vida oferece mais motivação do que a luta para extinguir outra.

Minha primeira briga com faca foi na cadeia. Como a maior parte das confusões na cadeia, começou por um motivo trivial e terminou em selvageria. Meu adversário era um sujeito forte, em boa forma, veterano de muitas disputas. Era um aproveitador, ou seja, roubava dinheiro e cigarros de homens mais fracos. Inspirava medo na maioria e, sem ser particularmente dotado de discernimento, confundia aquele medo com respeito. Eu não o respeitava. Detesto brigões por causa de sua covardia, e os desprezo pela crueldade. Nunca conheci um sujeito durão de verdade que rapinasse os fracos. Durões detestam brigões tanto quanto brigões detestam durões.

E eu era bastante durão. Cresci em um bairro operário, brutal, e briguei a vida inteira. Ninguém no sistema penitenciário sabia disso na ocasião, porque eu não tinha uma carreira no crime, nem um passado. Comecei minha experiência na prisão como réu primário. E, além disso, eu era um intelectual. Tinha jeito e atitudes de intelectual. Alguns respeitavam aquilo, outros achavam ridículo, mas ninguém me temia. De qualquer maneira, a longa pena que eu cumpria — vinte anos de trabalhos forçados por assaltos à mão armada — fazia com que a maioria se contivesse. Eu era um azarão. Ninguém sabia como eu reagiria diante de um teste de verdade, e não eram poucos os que estavam curiosos para conferir.

Quando chegou a hora, o teste foi com aço faiscante, dentes quebrados e olhos revirados, arregalados e selvagens como os de um cão raivoso. Ele me atacou na lavanderia da prisão, o único lugar que não era diretamente observado pelos guardas que patrulhavam as passarelas entre as torres de vigia. Foi um ataque de surpresa, sem provocação, conhecido na gíria da cadeia como *pega de boqueira*. Ele estava armado com uma faca de mesa, afiada com paciência infinitamente maligna no chão de pedra da cela. O corte estava afiado o bastante para barbear um homem ou cortar sua garganta. Eu nunca andara com faca, nem usara uma em minha vida antes da prisão. Mas lá dentro, onde pessoas eram atacadas e esfaqueadas dia sim, dia não, eu segui o conselho dos veteranos que sobreviveram a longas temporadas ali. *É melhor ter uma arma e não precisar*

*dela*, disseram-me mais de uma vez, *do que precisar dela e não a ter*. Minha faca era um ferrão de metal com a espessura do dedo masculino e pouco maior que a mão. O cabo era feito com fita crepe e se ajustava confortavelmente a minha mão. Quando a briga começou, ele não sabia que eu estava armado, mas nós dois, cada um a sua maneira, esperávamos que alguém terminasse morto. Ele queria *me* matar e eu tinha certeza de que precisava *matá-lo* para sobreviver.

Meu adversário cometeu dois erros. O primeiro foi lutar na defensiva. Tirando partido do elemento surpresa, ele se atirou sobre mim e atingiu-me com duas facadas, no peito e no antebraço. Deveria ter continuado com tudo, golpeando, rasgando, me esfaqueando, mas recuou e fez pequenos círculos com a faca. Talvez esperasse que eu me rendesse — a maior parte dos seus oponentes se rendia com rapidez, derrotada pelo medo que sentia dele e pela visão do próprio sangue. Ou talvez estivesse tão seguro de que venceria que estava simplesmente brincando comigo, me provocando para prolongar a emoção de matar. Fosse qual fosse o motivo, ele perdeu a vantagem e a briga naquele primeiro recuo. Ele me deu tempo para puxar minha faca de dentro da camisa e me posicionar para golpeá-lo. Vi a surpresa em seu olhar, e foi minha deixa para o contra-ataque.

Seu segundo erro foi segurar a faca como uma espada e como se ele participasse de um duelo de esgrima. Um homem golpeia por baixo quando espera que a faca, como um revólver, brigue por ele. Mas naturalmente uma faca não é um revólver e, em uma luta dessas, não é a arma que briga: é o *homem*. Ela só está ali para ajudá-lo a encerrar a disputa. O jeito certo de segurar é como se fosse uma lança, com a lâmina para baixo e o punho que a segura ainda livre para socar. Essa forma confere força máxima aos golpes de cima para baixo e uma arma a mais, que é o punho fechado.

De cócoras, ele pulou de um lado para o outro, fazendo grandes arcos com a faca, com os braços abertos. Era destro. Assumi uma posição de boxeador, com o punhal na mão direita. Dei um passo com o pé direito, arrastando o esquerdo para manter o equilíbrio, e parti para cima dele. Ele investiu duas vezes com a lâmina e depois se jogou para a frente. Desviei-me para o lado e o atingi com uma combinação de três socos: direita-esquerda-direita. Um deles acertou em cheio. O nariz quebrou e seus olhos se encheram de lágrimas, arderam e a visão ficou turva. Ele voltou a avançar e tentou me atingir com a faca pela lateral. Agarrei seu pulso com a mão esquerda, entrei no espaço entre suas pernas e o golpeei no peito. Tentei atingir o coração ou um dos pulmões. Não consegui, mas afundei a lâmina até o cabo na carne tenra abaixo da clavícula. Ela saiu pelas costas logo abaixo da escápula.

Ele ficou preso em um pedaço da parede entre uma máquina de lavar e uma secadora. Usando a faca para imobilizá-lo e prendendo o pulso que segurava a faca com minha mão esquerda, tentei morder seu rosto e seu pescoço, mas ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro com tanta velocidade que dei preferência às cabeçadas. Nossas cabeças se chocaram diversas vezes até que, com um esforço desesperado das suas pernas, ele nos jogou no chão juntos. Soltou a faca na queda, mas minha lâmina deixou seu peito. Ele começou a se

arrastar até a porta da lavanderia. Eu não sabia se tentava escapar ou se procurava uma nova vantagem. Não arrisquei. Minha cabeça estava na altura das suas pernas. Estiquei-me e agarrei o cinto nas suas calças. Usei-o para manter o equilíbrio e o esfaqueei duas vezes na coxa, e mais uma vez, e outra. Atingi o osso mais de uma vez, sentindo o impacto por todo o meu braço. Larguei o cinto, estendi a mão esquerda para pegar a faca dele, tentando alcançá-la de forma a também usá-la.

Ele não fez escândalo. Digo isso em sua defesa. Ele gritou muito para que eu parasse, dizendo que se rendia — *Eu me rendo! Eu me rendo! Eu me rendo!* —, mas não berrou. Parei e o deixei sobreviver. Eu mal conseguia ficar de pé. Ele tentou mais uma vez se arrastar até a porta da lavanderia, mas o impedi com o pé em seu pescoço e pisei na lateral da sua cabeça. Tinha de impedi-lo. Se ele sáisse da lavanderia enquanto eu estava lá, se os guardas o vissem, eu passaria seis meses ou mais na ala disciplinar.

Enquanto ele jazia grunhindo no chão, tirei minhas roupas ensanguentadas e troquei-as por outras, limpas. Um dos prisioneiros que limpavam a cadeia estava do lado de fora da lavanderia, sorrindo pela porta, com prazer e sem maldade. Passei para ele a trouxa de roupas sujas. Ele escondeu as peças ensanguentadas dentro do balde de limpeza e as jogou no incinerador, atrás da cozinha. Na saída da lavanderia, entreguei as armas para outro homem, que as enterrou no jardim da prisão. Quando eu me encontrava em segurança, longe da cena, o sujeito que tentou me matar mancou até a sala do chefe de segurança e desabou. Foi levado ao hospital. Não voltei a vê-lo e ele nunca abriu a boca. Digo isso em sua defesa também. Era um bandido, um aproveitador e tentara me matar sem o menor motivo, mas não era um delator.

Sozinho em minha cela, depois da briga, examinei os ferimentos. O rasgão em meu antebraço tinha rompido uma veia. Eu não podia mostrar ao médico da cadeia porque seria logo associado à briga e ao ferido. Tinha esperanças de que sarasse. Havia um corte profundo que ia do ombro esquerdo ao meio do peito. Era também uma ferida aberta e sangrava profusamente. Em uma tigela metálica, queimei dois pacotes de papel para enrolar cigarros até se tornarem cinzas brancas, e as esfreguei em ambas as feridas. Era doloroso, mas elas fecharam imediatamente. O sangramento estancou.

Jamais falei da briga a ninguém, mas a maioria dos presos logo tomou conhecimento, e todos souberam que eu havia sobrevivido ao teste. A cicatriz branca em meu peito, que todos viam diariamente no chuveiro da prisão, os fazia lembrar minha disposição para lutar. Era uma advertência, como as listras brilhantes e coloridas na pele de uma serpente marinha. Ainda está ali, aquela cicatriz, tão comprida e branca depois de todos esses anos. E continua a ser uma advertência. Eu a toco e vejo o assassino implorando piedade. Eu me lembro, refletida nas esferas cheias de medo de seus olhos, no espelho do destino, da visão odiosa e deformada que me tornei naquela briga.

Minha primeira briga de faca não foi a última, e, enquanto examinava o cadáver de Maurizio Belcane, senti as lembranças frias e penetrantes de minhas próprias experiências de esfaquear e ser esfaqueado. Estava com o rosto para baixo, ajoelhado, com a parte superior do corpo em um canto do sofá e as pernas

no chão. Ao lado da mão direita, frouxamente dobrada, havia um estilete afiado, caído no tapete. Uma faca de cozinha com cabo preto estava enterrada até o fundo em suas costas, um pouco à esquerda da coluna, e logo abaixo da escápula. Era uma faca longa, larga e afiada. Já tinha visto aquela faca na mão de Lisa, na última vez que Maurizio cometera o erro de aparecer no apartamento sem ter sido convidado. Era uma lição que ele deveria ter aprendido de primeira. Mas não aprendemos, é claro. *E está certo*, disse Karla certa vez, *porque, se aprendêssemos tudo que deveríamos na primeira vez, não precisaríamos do amor para nada*. Bem, Maurizio havia aprendido a lição no final das contas, do jeito mais difícil, mergulhado no próprio sangue. Ele era o que Didier chamava de um homem *totalmente maduro*. Um dia, quando critiquei Didier por ser imaturo, ele me disse que tinha orgulho e prazer em ser imaturo. *O homem, ou mulher, totalmente maduro*, disse ele, *tem apenas mais dois segundos de vida*.

Aqueles pensamentos se sobrepuseram em minha mente como bolas de aço nas mãos do capitão Queeg, o personagem do livro *O motim do Caine*. A culpa foi da faca, naturalmente: a lembrança de esfaquear e ser esfaqueado. Lembrei-me dos segundos vívidos de cada vez em que fui esfaqueado. Lembrei-me das facas cortando minha carne, penetrando em meu corpo. Ainda podia sentir as lâminas de aço dentro de mim. Era como uma queimadura. Era como o ódio. Era como o pensamento mais perverso do mundo. Sacudi a cabeça, respirei fundo e voltei a olhá-lo.

A faca talvez tivesse perfurado um dos pulmões e penetrado no coração. Fosse como fosse, havia acabado com ele rapidamente. Seu corpo despencara sobre o sofá e mal havia se movido. Segurei um punhado do seu cabelo espesso e escuro para levantar sua cabeça. Os olhos mortos estavam semiabertos e os lábios levemente puxados para trás, em um sorriso congelado. Por incrível que pareça, havia pouco sangue. O sofá absorvera a maior parte. *Precisamos nos livrar do sofá*, me surpreendi pensando. O tapete não havia sofrido grandes danos e podia ser limpo. A violência não tinha afetado muito a sala. A mesa de centro tinha uma perna quebrada e as trancas da porta da frente estavam tortas. Voltei minha atenção para as mulheres.

Ulla tinha um corte que ia da maçã do rosto quase até o queixo. Limpei a ferida e a fechei com esparadrapo em toda a extensão. Não era profunda e eu esperava que sarasse rapidamente, mas tinha certeza de que deixaria uma cicatriz. Por acaso, a lâmina seguiu a curva natural da bochecha e da mandíbula, acentuando o formato do rosto. Sua beleza foi comprometida pelo ferimento, mas não devastada. Os olhos, porém, estavam arregalados, trespassados por um terror que se recusava a abandoná-los. Havia um *lungi* no braço do sofá, ao lado dela. Coloquei-o sobre seus ombros e Lisa lhe entregou uma xícara de *chai* doce e quente. Quando cobri o corpo de Maurizio com um cobertor, ela estremeceu. O rosto se amarrotou com ondas de dor, e ela chorou pela primeira vez.

Lisa estava calma. Vestia jeans e suéter, trajes que só um nativo de Bombaim poderia usar em uma noite tão quente, úmida e sem vento. Havia a marca de um soco em volta do olho e da bochecha. Quando Ulla voltou a se

acalmar, nós atravessamos o cômodo para ficar perto da porta, longe de seus ouvidos. Lisa pegou um cigarro, baixou a cabeça para acendê-lo com o meu fósforo, soltou a fumaça e, pela primeira vez desde que eu chegara ao apartamento, olhou diretamente para mim.

— Que bom que você veio. Que bom que está aqui. Não pude fazer nada. Tive que fazer isso, ele...

— Pare com isso, Lisa! — eu a interrompi. O tom foi ríspido, mas minha voz era baixa e afetuosa. — Não foi você quem o esfaqueou. Foi *ela*. Posso ver nos olhos dela. Conheço aquele olhar. Ulla ainda está enfiando a faca nele agora, ainda vê toda a cena na sua cabeça. Vai ficar com aquele olhar por algum tempo. Você está tentando protegê-la, mas não vai ajudar se mentir para mim.

Ela sorriu. Dadas as circunstâncias, foi um sorriso muito bom. Se não estivéssemos ao lado de um morto com uma faca no coração, eu teria achado irresistível.

— O que aconteceu?

— Não quero que a prejudiquem, só isso — respondeu ela, com firmeza. O sorriso se fechou em uma linha fina e severa, formada por seus lábios tensos.

— Nem eu. O que aconteceu?

— Ele arrombou a porta e a cortou. Estava transtornado, fora de si. Acho que estava sob o efeito de alguma coisa. Berrava com ela, que não conseguia responder. Ainda estava mais maluca do que ele. Passei uma hora com ela antes de ele aparecer por aqui. Ela me falou de Modena. Não fiquei surpresa que estivesse maluca. Merda, Lin... É uma história ruim. Ela ficou fora de si. De qualquer maneira, ele arrombou a porta como um gorila e a cortou. Estava coberto de sangue... de Modena, acho eu. Era assustador. Tentei pular nele com a faca da cozinha. Ele me deu um belo soco no olho e me derrubou. Caí de bunda no sofá. Ele pulou em cima de mim e estava a ponto de começar a brincar com aquele canivete quando Ulla lhe enfiou a faca nas costas. Ele morreu em um segundo. Juro. Um segundo. Um segundinho. Bem assim. Estava olhando para mim, depois morreu. Ela salvou minha vida, Lin.

— O mais provável é que você tenha salvado a vida dela, Lisa. Se não estivesse aqui, seria *ela* quem estaria agarrada ao sofá com uma faca nas costas.

Ela começou a tremer. Peguei-a em meus braços e a segurei por um tempo, amparando-a. Quando se acalmou, trouxe-lhe uma cadeira da cozinha e ela sentou, ainda trêmula. Dei alguns telefonemas até localizar Abdullah. Expliquei o que havia acontecido, com o mínimo de palavras possível, pedi que entrasse em contato com Hassaan Obikwa, no gueto africano, e o trouxesse ao apartamento com um carro.

Pouco a pouco, enquanto esperávamos por Abdullah e Hassaan, a história veio à tona. Ulla ficou subitamente cansada, mas eu não podia deixá-la dormir. Ainda não. Depois de algum tempo, ela começou a falar, acrescentando um detalhe aqui e outro ali ao relato de Lisa, e depois, aos poucos, começou a contar a história inteira.

Maurizio Belcane conheceu Sebastian Modena em Bombaim, onde os dois ganhavam dinheiro explorando prostitutas estrangeiras. Maurizio era filho único

de pais florentinos que morreram em um desastre aéreo quando ele era criança. De acordo com o que dizia a Ulla sempre que ficava bêbado, foi criado com indiferença por parentes distantes que o toleravam com relutância, em um lar sem amor. Aos dezoito anos, ele se apossou da primeira parte da sua herança e fugiu para o Cairo. Aos vinte e cinco, já havia dilapidado a fortuna deixada pelos pais. O resto da família passou a ignorá-lo, tanto pela sua situação de penúria quanto pelos inúmeros escândalos que acompanharam suas experiências libertinas pelo Oriente Médio e pela Ásia. Aos vinte e sete anos, ele se descobriu em Bombaim, agenciando prostitutas europeias.

O principal parceiro para as operações de Maurizio em Bombaim era Sebastian Modena, o espanhol tímido e melancólico. Com trinta anos na época, Modena abordava árabes e indianos ricos. Seu físico mirrado e o jeitão tímido jogavam a seu favor, deixando os clientes à vontade, aplacando seus medos e suspeitas. Ele ficava com um quinto do que Maurizio cobrava das estrangeiras. Ulla acreditava que Modena estava bastante feliz com o acordo injusto, em que o trabalho sujo ficava com ele e a maior parte do dinheiro ia para Maurizio. Ele se via como um peixe-piloto e enxergava o italiano alto e atraente como um tubarão.

Seu histórico era bem diferente do de Maurizio. Nascido em uma família de ciganos andaluzes com treze filhos, Modena cresceu com a ideia de que era o menor da ninhada. Aprendeu mais no crime do que em qualquer outra disciplina — era praticamente analfabeto — e abriu seu caminho, de trapaça em trapaça, ao longo da Turquia, do Irã, do Paquistão e da Índia. Aplicava pequenos golpes em turistas e jamais se demorava nos lugares que visitava. Então conheceu Maurizio, e por dois anos bancou o cafetão, correndo atrás de clientes e levando-os às meninas que trabalhavam para o parceiro.

Poderiam ter continuado assim por muito tempo, mas um dia Maurizio entrou no Leopold com Ulla. Desde o primeiro instante em que seus olhares se encontraram, segundo Ulla, ela soube que Modena ficou completamente apaixonado. Ela o incentivou, pois sua devoção era útil. Ela fora comprada do Palácio de Madame Zhou e Maurizio estava determinado a recuperar o investimento o mais rápido possível. Instruía o apaixonado Modena a arranjá-lhe trabalho duas vezes por dia, sem folga, até que a dívida fosse saldada. Torturado pelo que entendia como traições a seu amor, Modena pressionou o parceiro a liberar Ulla de suas obrigações. Maurizio recusou, ridicularizando os sentimentos que o espanhol nutria pela prostituta, insistindo que a fizesse trabalhar dia e noite.

Ulla fez uma pausa na história quando uma batida na porta anunciou a chegada de Abdullah. O iraniano alto entrou silenciosamente, vestido de preto, como uma criatura feita da própria noite. Cumprimentou-me com um abraço e sacudiu levemente a cabeça para Lisa. Ela se aproximou dele e o beijou no rosto. Ele tirou o cobertor para olhar o corpo de Maurizio. Sacudindo a cabeça, com os cantos da boca para baixo, em ar de aprovação profissional diante do golpe certo, ele voltou a cobrir o corpo e balbuciou uma oração.

— Hassaan está ocupado. Vai estar aqui em uma hora, mais ou menos — disse ele.

— Você lhe disse o que preciso que ele faça?

— Ele sabe — respondeu, erguendo uma das sobrancelhas em um sorriso tenso.

— Ainda está calmo lá fora?

— Verifiquei antes de entrar. O prédio está tranquilo, bem como a rua em volta.

— Até agora não houve nenhuma reação dos vizinhos. Ele derrubou a porta com um chute, segundo Lisa, e não houve tantos gritos assim. Quando cheguei, o vizinho estava ouvindo música bem alto. Era uma festa ou coisa parecida. Não acho que alguém tenha percebido o que aconteceu.

— Nós... temos que *chamar* alguém! — gritou Ulla de súbito, levantando-se e deixando o *lungi* cair de seus ombros. — Precisamos... chamar um médico... chamar a polícia...

Abdullah correu para ela e a abraçou com surpreendente carinho e compaixão. Sentaram-se um ao lado do outro e ele a embalou, murmurando palavras de conforto. Observei-os com uma ponta de vergonha, pois deveria ter cuidado dela daquela forma carinhosa muito tempo antes. Mas o fato era que a morte de Maurizio me comprometia e eu sentia medo. Tinha razões para querer que ele morresse, e já o havia surrado com meus próprios punhos por essas mesmas razões. Em outras palavras, tinha motivos para cometer um assassinato. As pessoas sabiam disso. Eu me encontrava naquela sala com Lisa e Ulla e parecia que eu estava ali para ajudar, respondendo a seu apelo, mas não era tudo. Eu também estava ali para me ajudar. Estava ali para ter certeza de que nenhuma parte da pegajosa teia da sua morte se grudaria na minha pessoa. E era por isso que não havia nenhuma delicadeza em mim e que todo o carinho veio de um assassino iraniano chamado Abdullah Taheri.

Ulla voltou a falar. Lisa serviu-lhe um drinque com vodca e suco de lima. Ela engoliu tudo e prosseguiu com a história. Demorou um bom tempo, porque estava nervosa e assustada. De vez em quando omitia detalhes importantes e se perdia na ordem cronológica, mencionando os fatos à medida que se lembrava deles, e não na sequência em que aconteceram. Tivemos que fazer perguntas e estimulá-la a fazer um relato mais cronológico. Pouco a pouco ouvimos a história inteira.

Modena foi o primeiro a conhecer o nigeriano — o empresário que queria gastar sessenta mil dólares com heroína. Ele o apresentou a Maurizio, e o africano se despediu do dinheiro rápido demais, com facilidade demais. Maurizio roubou a grana e planejava seguir em frente, mas Modena tinha outras ideias. Ele aproveitou a oportunidade para libertar Ulla e se livrar de Maurizio, o homem a quem não perdoava por explorá-la. Ele pegou o dinheiro e se escondeu, atraindo os capangas do nigeriano para Bombaim. Para distrair os africanos, compreensivelmente sedentos de sangue, e ganhar tempo para procurar Modena, Maurizio havia me denunciado e dito que eu ficara com o dinheiro. Abdullah e eu conhecíamos muito bem a parte seguinte da história.

Apesar de toda a covardia que demonstrou em relação a mim e do terror de que os nigerianos pudessem ir atrás dele, Maurizio Belcane não podia

simplesmente se esquecer do prejuízo e deixar a cidade. Não podia livrar seu coração da raiva assassina que nutria por Modena e da sede de pôr as mãos no dinheiro que haviam roubado. Durante semanas ele vigiou Ulla e a seguiu por toda parte. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, Modena entraria em contato. Quando o espanhol afinal a procurou, Ulla foi encontrá-lo. Sem perceber, ela conduziu o italiano enlouquecido ao hotel barato de Dadar onde seu antigo parceiro se escondia. Maurizio invadiu o quarto, mas encontrou Modena sozinho. Ulla não estava mais lá. O dinheiro havia desaparecido. Modena estava doente. Alguma moléstia o consumira. Ulla achava que talvez fosse malária. Maurizio o amordaçou, amarrou-o à cama e começou a aplicar-lhe o estilete. Mais resistente do que se poderia imaginar e taciturno até o fim, Modena não lhe contou que Ulla se escondia no quarto ao lado, a apenas alguns passos de distância, com todo o dinheiro.

— Quando Maurizio parou de usar a faca... de cortar... e saiu do quarto, esperei muito tempo — disse Ulla, fitando o tapete e estremeçando sob o cobertor. Lisa estava sentada no chão, a seus pés. Com delicadeza, ela retirou o copo dos dedos de Ulla e lhe deu um cigarro. Ulla o aceitou, mas não fumou. Fitou Lisa e virou o pescoço para olhar no rosto de Abdullah e depois no meu.

“Eu estava com tanto medo — lamentou-se. — Com medo demais. Depois de um tempo, entrei no quarto e o vi deitado na cama. Havia um trapo amarrado à sua boca. Ele estava preso na cama e só podia mexer a cabeça. Estava todo cortado. No rosto. No corpo. Em toda parte. Havia muito sangue. Muito sangue. Ele não parava de me olhar, com aqueles olhos negros fixos, fixos. Eu o deixei ali... e... e fugi.”

— Você o largou ali? — perguntou Lisa, surpresa.

A outra assentiu.

— Nem sequer o desamarrou?

Ela assentiu novamente.

— *Meu Deus!* — exclamou Lisa, com amargura. Ela ergueu a cabeça, olhando para Abdullah e para mim com olhos angustiados. — Ela não tinha me contado essa parte da história.

— Ulla, me escute. Você acha que ele ainda pode estar lá? — perguntei.

Ela fez que sim uma terceira vez. Olhei para Abdullah.

— Tenho um grande amigo em Dadar — disse ele. — Onde fica o hotel? Qual é o nome?

— Não sei — balbuciou ela. — É ao lado do mercado. No fundo, onde jogam fora o lixo. O cheiro é muito ruim. Espere aí, eu me lembro. Eu disse o nome no táxi. Chama-se Kabir. É isso. É esse o nome. Ai, meu Deus! Quando fui embora, eu só pensei... Eu tinha certeza de que o encontrariam... e... o libertariam. Vocês acham que ele ainda está naquela cama até *agora*? Vocês acham?

Abdullah ligou para o amigo e conseguiu que alguém fosse ao tal hotel.

— Onde está o dinheiro? — eu quis saber.

Ela hesitou.

— O *dinheiro*, Ulla, me *entregue* o dinheiro.

Ela se levantou trêmula, amparada por Lisa, e foi até o seu quarto. Instantes

depois, voltou com uma bolsa de viagem. Ela me entregou, com uma expressão estranhamente contraditória — sedutora e contrariada, na mesma medida. Abri a bolsa e retirei diversos maços de notas de cem dólares americanos. Contei vinte mil dólares e pus o resto dentro da bolsa. Devolvi-lhe a bolsa.

— Dez mil vão para Hassaan — declarei. — Cinco mil são para providenciar um novo passaporte e uma passagem para a Alemanha para você. Cinco mil, para fazer a limpeza deste lugar e para instalar Lisa em um apartamento do outro lado da cidade. O resto é seu. E de Modena, se ele sobreviver.

Ela queria responder, mas uma suave batida na porta anunciou a chegada de Hassaan. O nigeriano musculoso e troncudo entrou, cumprimentou calorosamente a mim e a Abdullah. Como nós, estava habituado ao calor de Bombaim e usava uma pesada jaqueta de sarja e jeans verde-garrafa sem demonstrar o menor desconforto. Removeu o cobertor do corpo de Maurizio, beliscou a pele, dobrou o braço morto e fungou o cadáver.

— Tenho um plástico bom — disse ele, abrindo uma folha de plástico no chão. — Temos que tirar todas as roupas. E todos os anéis e colares. Só queremos o homem. Depois, arrancamos os dentes.

Como não respondi, nem reagi, ele fez uma pausa e percebeu que eu olhava para as duas mulheres. Seus rostos estavam rígidos de pavor.

— Que tal... botar Ulla no chuveiro — sugeri a Lisa, com um sorrisinho sombrio. — Tome um banho também. Creio que daqui a pouco estará tudo acabado.

Lisa levou Ulla ao banheiro e abriu o chuveiro. Jogamos o corpo de Maurizio no plástico e tiramos as roupas. A pele era pálida, sem brilho, e em alguns pontos, acinzentada. Em vida, Maurizio foi um homem alto, de belo porte. Morto e nu, parecia mais magro, mais frágil. Eu deveria me compadecer dele. Mesmo que jamais, e de maneira nenhuma, tenhamos sentido compaixão por certas pessoas em vida, deveríamos nos compadecer dos mortos quando os olhamos e os tocamos. A piedade é a parte do amor que não pede retribuição, e por isso todos os seus atos são um tipo de oração. E os mortos precisam de preces. O coração silencioso, o peito imóvel, sem respirar, as luzes apagadas do olhar invocam nossas orações. Cada morto é um templo em ruínas, e, quando nossos olhos caminham para lá, devemos sentir piedade e rezar.

Mas eu não sentia pena dele. *Você teve o que merecia*, pensei enquanto o enrolávamos no plástico. Eu me senti desprezível e perverso por pensar nisso, mas as palavras rastejaram por meu cérebro como um murmúrio assassino que toma conta de uma multidão raivosa. *Você teve o que merecia*.

Hassaan trouxe consigo uma espécie de cesto de lavanderia com rodinhas. Nós o empurramos do corredor para a sala. O corpo de Maurizio começava a ficar duro e fomos obrigados a pressionar suas pernas para que coubessem. Empurramos o cesto e o carregamos por dois lances de escada, sem sermos observados por ninguém, e saímos na rua deserta, onde o furgão de Hassaan estava estacionado. Seus homens usavam o furgão diariamente para fazer entregas de peixe, pão, frutas, verduras e querosene em suas lojas no gueto africano. Colocamos o cesto com rodinhas na traseira do veículo e cobrimos o

corpo enrolado em plástico com pães, cestas de verduras e bandejas de peixe.

— Obrigado, Hassaan — disse eu, apertando sua mão e lhe entregando dez mil dólares. Ele enfiou o dinheiro na frente da jaqueta.

— Não — trovejou ele com sua voz grave de baixo, respeitada de forma irrestrita no gueto. — Estou muito feliz em fazer este trabalho. Agora, Lin, estamos quites. Completamente quites.

Ele acenou para Abdullah com a cabeça e foi embora, caminhando meio quarteirão até seu carro. Raheem debruçou-se para fora do furgão exibindo um grande sorriso para mim, antes de dar partida no motor com um gesto rápido do pulso. Ele se afastou sem olhar para trás. O carro de Hassaan o seguiu, a algumas centenas de metros. Nunca mais ouvimos sequer um murmúrio a respeito de Maurizio. Havia boatos de que Hassaan Obikwa tinha um fosso no meio da sua favela. Alguns diziam que era cheio de ratos. Outros afirmavam que era repleto de caranguejos. Outros ainda juravam que ele mantinha enormes porcos lá dentro. Independentemente do tipo de criaturas famintas, todos os rumores davam conta de que eram alimentadas, ocasionalmente, com cadáveres, um pedacinho de cada vez.

— Dinheiro bem gasto — balbuciei Abdullah, com expressão neutra, enquanto víamos o furgão se afastar.

Voltamos ao apartamento e consertamos as fechaduras, para que a porta pudesse ser trancada depois que saíssemos. Abdullah telefonou para outro contato e providenciou que dois homens de confiança passassem ali no dia seguinte. Receberam instruções para levar uma serra para cortar o sofá em pedaços e depois removê-los em sacos de lixo. Deveriam também limpar o tapete e deixar o apartamento em ordem, eliminando qualquer vestígio de seus ocupantes mais recentes.

O telefone tocou tão logo ele desligou. O contato em Dadar tinha notícias. Modena fora descoberto pelos funcionários do hotel dentro do quarto e levado às pressas para o hospital. O contato visitara o hospital e descobrira que o paciente, debilitado e ferido, havia deixado a enfermaria. Da última vez em que foi visto, ele estava em um táxi, em alta velocidade. O médico que o atendera duvidava que ele passasse daquela noite.

— É estranho — disse eu, quando Abdullah terminou de dar as notícias. — Eu conhecia Modena, sabe... acho que o conhecia bem. Eu o encontrei no Leopold... sei lá... uma centena de vezes. Mas não consigo me lembrar da voz dele. Não consigo me lembrar de como era. Não consigo ouvir sua voz em minha cabeça, se é que você me entende.

— Eu gostava dele — disse Abdullah.

— Fico surpreso em ouvir isso.

— Por quê?

— Não sei muito bem — respondi. — Ele era tão... *submisso*.

— Teria sido um bom soldado.

Ergui as sobrancelhas, ainda mais surpreso. Modena não era apenas submisso. Ao que me parecia, era um fraco. Não conseguia imaginar o que Abdullah queria dizer. Não sabia, naquela época, que os bons soldados se caracterizam pela capacidade de resistência, e não pelo mal que conseguem

infligir.

E, quando tudo se resolveu de uma forma ou de outra — quando Ulla deixou a cidade e voltou para a Alemanha, Lisa se mudou para um novo apartamento e as últimas perguntas sobre Modena, Maurizio e Ulla rarearam, esgotaram-se e cessaram —, era o espanhol misteriosamente desaparecido que com mais frequência dominava meus pensamentos. Fiz dois embaralhamentos duplos até Délhi e de volta a Bombaim nas duas semanas seguintes. Dei sequência voando até Kinshasa com dez novos passaportes para a rede de Abdul Ghani e voltando em setenta e duas horas. Tentei me manter ocupado e me concentrar no trabalho, mas dentro da minha cabeça eu via com excessiva frequência uma imagem dele, de Modena, amarrado na cama e fitando Ulla, vendo que ela partia e o deixava, observando-a ir embora com o dinheiro. E amordaçado, sem poder berrar. O que ele devia ter pensado quando ela entrou no quarto... *Estou salvo...* E no que devia ter pensado ao ver o terror no rosto dela. Havia mais alguma coisa em seus olhos: seria repugnância ou algo ainda mais terrível? Será que ela parecia aliviada? Parecia feliz em se livrar dele? E o que ele sentiu quando Ulla se virou e saiu, deixando-o ali, fechando a porta ao partir?

Quando eu estava na cadeia, me apaixonei por uma atriz de um programa de televisão muito popular. Visitava a prisão para dar aulas para nosso grupo de teatro. Nós nos entendemos bem. Ela era uma atriz brilhante. Eu era um escritor. Ela era a voz e o gesto. Eu via minhas palavras respirarem e se movimentarem nela. Comunicávamo-nos na linguagem abreviada comum aos artistas no mundo inteiro: ritmo e alegria. Depois de algum tempo, ela me disse que estava apaixonada por mim. Acreditei e ainda acredito que era verdade. Durante meses, alimentamos o caso com migalhas de tempo roubado das aulas de teatro e das longas cartas que eu fazia chegar a ela, clandestinamente, através do sistema ilegal de correios da cadeia.

Então os problemas me alcançaram e fui literalmente jogado na ala disciplinar. Não sei como os canas descobriram nosso romance, mas, logo que cheguei, eles começaram a me interrogar sobre o assunto. Estavam furiosos. Consideravam uma afronta humilhante à sua autoridade, e talvez à sua masculinidade, o caso da atriz com o prisioneiro, que se desenrolava havia meses bem debaixo de seus narizes. Espancaram-me com botas, punhos e cassetetes, tentando me obrigar a admitir que tínhamos sido amantes. Queriam usar minha confissão para processá-la. Durante uma surra, seguraram sua foto. Era um retrato sorridente de um anúncio que eles encontraram no grupo teatral da cadeia. Disseram-me que era só eu fazer que sim com a cabeça para que parassem as surras. *Basta um sinal com a cabeça*, me disseram segurando a foto diante de meu rosto ensanguentado. *Apenas um sinal com a cabeça, é tudo o que você precisa fazer e acabamos com isso.*

Nunca admiti nada. Guardei o amor dentro do cofre de meu coração, enquanto tentavam alcançá-lo destroçando minha pele e meus ossos. Então, certo dia, sentado na cela, depois de uma surra, eu tentava fazer o sangue parar de escorrer do meu rosto e do nariz quebrado para dentro da minha boca, quando a portinhola na parte inferior da entrada da minha cela se abriu. Uma carta voou

para dentro e aterrissou no chão. A portinhola se fechou. Arrastei-me até a carta e de volta para a cama, para lê-la. Era uma carta dela. Para terminar com o relacionamento. Ela dizia que havia conhecido outro homem. Era um músico. Seus amigos insistiram que ela rompesse comigo porque eu cumpria uma sentença de vinte anos na cadeia e não havia futuro para nós dois. Ela amava o novo namorado e planejava se casar com ele quando terminasse sua turnê com a orquestra sinfônica. Esperava que eu compreendesse. Lamentava, mas a carta era de despedida para sempre. Ela não voltaria a me ver.

O sangue do meu rosto quebrado respingou na página. Obviamente os canas tinham lido tudo antes de me entregar. Riam por trás da porta. Riam. Eu os ouvia comemorarem sua vitória com aquelas risadas. Fiquei pensando se o novo namorado, o músico, suportaria ser torturado em nome de seu amor. Talvez suportasse. Nunca se pode dizer o que as pessoas guardam dentro de si até que a gente comece a tirar tudo de dentro delas, uma esperança de cada vez.

E, de alguma maneira, nas semanas após a morte de Maurizio, o rosto de Modena, ou melhor, a imagem em minha mente de seu rosto amordaçado, ensanguentado, com olhar perdido, se confundiu com minhas próprias lembranças do amor que perdi na cadeia. Não sabia bem o motivo: não me parecia haver uma razão especial para que o destino de Modena se entrelaçasse ao meu. Mas se entrelaçava, e eu sentia algo sombrio dentro de mim, que era entorpecido demais para ser tristeza e frio demais para ser raiva.

Tentei lutar contra esse sentimento. Mantive-me tão ocupado quanto possível. Trabalhei em mais dois filmes de Bollywood, em pequenas participações — como figurante em uma festa e em uma cena de rua. Encontrei-me com Kavita, insistindo mais uma vez para que visitasse Anand na prisão. Quase todas as tardes eu fazia musculação e praticava boxe e caratê com Abdullah. Dedicava um dia ou outro ao posto de saúde da favela. Ajudei Prabaker e Johnny a se prepararem para os casamentos. Ouvi as lições de Khaderbhai e mergulhei em livros, manuscritos, pergaminhos e antigas cerâmicas entalhadas da imensa coleção particular de Abdul Ghani. Mas não havia trabalho nem cansaço que pudessem tirar aquela escuridão de dentro de mim. Pouco a pouco, o rosto torturado do espanhol e seus olhos que gritavam no silêncio se confundiam com minhas próprias recordações: o sangue respingando na página, enquanto nenhum sou saía de minha boca. Todos aqueles momentos que permanecem conosco, silenciados, exigem um canto escondido de nossos corações. É o lugar para onde o amor, como os elefantes, se arrasta para morrer. É o lugar onde o orgulho se permite chorar. E, naquelas noites solitárias e naqueles dias meditativos, o rosto de Modena estava sempre ali, olhando para a porta.

E, enquanto eu trabalhava e me preocupava, o Leopold mudava para sempre. A turma que costumava bater ponto por ali havia se dispersado e desaparecido. Karla tinha sumido. Ulla tinha sumido. Modena tinha sumido e provavelmente estava morto. Maurizio estava morto. Certa vez, quando estava ocupado demais para parar e tomar um drinque, passei pelos amplos arcos da entrada e não reconheci nenhum rosto familiar. Mas Didier continuava em sua mesa favorita, todas as noites, cuidando dos negócios e aceitando bebidas de velhos amigos. Aos poucos, um novo grupo se formou em torno dele, com um estilo novo e diferente.

Lisa Carter trouxe Kalpana Iyer uma noite para tomar umas e outras, e a jovem assistente de produção se tornou frequentadora do Leopold. Vikram e Lettie estavam nas últimas etapas dos preparativos do casamento e paravam para tomar um café, uma cerveja ou fazer um lanche quase todos os dias. Anwar e Dilip, dois jovens jornalistas que trabalhavam com Kavita Singh, aceitaram seu convite para aparecer e dar uma olhada no lugar. Na primeira visita, encontraram Lisa Carter, Kalpana, Kavita e Lettie com três garotas alemãs que trabalharam para Lisa como figurantes em um filme — sete jovens bonitas, inteligentes e cheias de energia. Anwar e Dilip eram rapazes saudáveis, felizes e sem compromissos. Passaram a ir ao Leopold todos os dias e todas as noites depois disso.

O ambiente criado pelo novo grupo era diferente do que havia se desenvolvido em torno de Karla Saaranen. A sagacidade indelével e a inteligência penetrante de Karla haviam inspirado seu grupo de amigos a conversas mais profundas e risadas mais raras e mais difíceis. O novo grupo se inspirou no tom mais errático de Didier, que combinava a expressiva mordacidade de seu sarcasmo com sua tendência ao vulgar, ao obscuro e ao escatológico. A risada era mais ruidosa e provavelmente mais frequente, mas eu não guardava comigo nenhuma tirada em especial das piadas ou dos piadistas.

Então, certa noite, um dia depois de Vikram se casar com Lettie e algumas semanas após Maurizio entrar no fosso de Hassaan Obikwa, enquanto estava sentado com o novo grupo, tomado pelas rumorosas ondas de bom humor que o faziam gesticular, vi Prabaker através do arco de entrada. Ele acenou para mim e eu saí da mesa para me encontrar com ele em seu táxi, estacionado nas imediações.

— Oi, Prabu, qual é a novidade? Estamos comemorando o casamento de Vikram! Ele e Lettie se casaram ontem.

— Sim, Linbaba. Desculpe por atrapalhar os recém-casados.

— Está tudo bem. Eles não estão aqui. Foram para Londres encontrar os pais dela. Mas o que há?

— *O que há*, Linbaba?

— Isso, quer dizer, o que você veio fazer aqui? Amanhã é o *seu* grande dia. Achei que você fosse encher a cara com Johnny e os outros caras na *zhopadpatti*.

— Só depois desta conversa. Então eu vou — respondeu, brincando nervosamente com o volante. As duas portas abertas deixavam a brisa entrar. Era uma noite quente. As ruas estavam cheias de casais, famílias e rapazes solteiros que tentavam encontrar um vento fresco ou alguma novidade que desviasse sua atenção do calor. A multidão que caminhava pela rua ao lado dos carros estacionados começou a contornar a porta aberta de Prabaker. Ele a bateu com força.

— Você está bem?

— Ah, estou sim, Lin. Estou muito, muito bem — disse ele. Então me olhou. — Sinceramente, *baba*, não. Para falar a verdade, estou muito, muito mal.

— O que é?

— Bem, como posso lhe contar essa história? Linbaba, você sabe que vou me

casar com Parvati amanhã. Você sabe, *baba*, a primeira vez que vi minha Parvati já tem mais de seis anos, foi quando ela tinha dezesseis anos. Naquela primeira vez, quando ela chegou à *zhopadpatti*, antes de seu pai Kumar abrir a loja de *chai*, ela morava em um pequeno barraco com a mãe, o pai e a irmã, Sita, que vai casar com Johnny Cigar. Naquele primeiro dia, ela levava uma *matka* de água retirada do poço da companhia. Ela a carregava na cabeça.

Ele fez uma pausa, observando o movimento da rua pelo para-brisa, como se olhasse um aquário. As unhas beliscavam a capa de borracha com estampa de pele de leopardo com a qual protegera o volante. Dei-lhe um tempo.

— De qualquer maneira — prosseguiu ele —, eu a observava. Ela tentava carregar a *matka* pesada e andar no caminho cheio de buracos. E aquela *matka* devia ser muito velha, com barro muito fino, porque de repente se quebrou em muitos pedaços e derramou toda água em cima dela. Ela chorou, chorou muito. Eu a olhei e senti...

Ele parou, olhando o movimento da rua mais uma vez.

— Pena dela? — sugeri.

— Não, *baba*. Eu senti...

— Triste? Você se sentiu triste por ela?

— Não, *baba*. Senti uma ereção, nas minhas calças, sabe, quando o pênis fica todo duro, você pode imaginar.

— Pelo amor de Deus, Prabu! Eu sei o que é uma *ereção* — resmunguei. — Continue. O que aconteceu?

— Nada aconteceu — respondeu ele, surpreso com minha irritação e com ar de quem havia acabado de levar uma bronca. — Mas daquele momento em diante, eu nunca me esqueci do meu grande, grande sentimento por ela. Agora vou me casar e esse grande, grande sentimento fica maior a cada dia.

— Não sei se me agrada o rumo que isso está tomando, Prabu — balbuciei.

— Quero lhe perguntar, Lin — disse ele, quase engasgando com as palavras. Ele se virou para mim. Lágrimas saíam de seus olhos e rolavam pelas bochechas até seu colo. A voz veio em soluços. — Ela é linda demais. Sou um homem muito baixo e pequeno. Você acha que posso ser um marido bondoso e bom de cama?

Disse a Prabaker, dentro do táxi e vendo-o chorar, que o amor engrandece os homens e o ódio os torna pequenos. Falei que ele, meu amiguinho, era um dos maiores homens que eu havia conhecido, pois não existia ódio em seu coração. E lhe afirmei que, quanto mais o conhecia, maior ele parecia para mim, e tentei explicar-lhe como isso era raro. E brinquei e ri com ele até que o sorriso grande, tão grande quanto o maior desejo de uma criança, voltasse a seu rosto redondo e gentil. Prabaker rumou para a despedida de solteiro que o aguardava na favela, tocando triunfantemente a buzina, até desaparecer de vista.

Muito tempo depois que ele partiu, a noite que caminhou comigo foi mais solitária do que a maioria. Não voltei ao Leopold. Em vez disso, andei pela Causeway, passei pelo meu apartamento e segui em frente até a favela de Prabaker, em Cuffe Parade. Encontrei o lugar onde Tariq e eu enfrentamos a matilha perversa na Noite dos Cães Selvagens. Ainda havia uma pequena pilha de madeira e pedras no local. Sentei-me ali, fumando no escuro e observando a

lenta elegância dos moradores da favela que se dirigiam ao amontoado de barracos pelo caminho empoeirado. Sorri. Pensar no poderoso sorriso de Prabaker sempre me fazia sorrir por reflexo, como se olhasse para um bebê feliz e saudável. Então a visão do rosto de Modena flutuou da luz trêmula das lanternas e das vaporosas colinas de fumaça e tornou a desaparecer antes de se completar. A música começou a tocar dentro da favela. Um grupo de rapazes que passava por ali acelerou o passo para seguir em direção ao som. A despedida de solteiro de Prabaker havia começado. Ele me convidara, mas não consegui encontrar energia para ir. Sentei-me por ali, próximo o suficiente para ouvir os sons da felicidade, mas longe o bastante para não senti-la.

Por muitos anos eu dissera a mim mesmo que o amor me fortaleceu quando os guardas da prisão tentaram me obrigar a trair a atriz e nosso romance. De alguma forma, a assombração de Modena me revelou a verdade. Não foi o amor que me manteve em silêncio, tampouco minha coragem: foi a teimosia que me deu forças para aguentar tudo, uma teimosia obstinada, pura e simples. Não havia nada de nobre nela. E, apesar de todo o desdém que eu nutria pela covardia dos brigões, *eu* não me tornara um deles quando entrei em desespero? Quando as garras de dragão do vício em heroína se cravaram em minhas costas, eu me transformei num homem pequeno, minúsculo. Tornei-me tão pequeno que precisava usar uma arma. Precisava apontar uma arma para as pessoas, entre elas muitas mulheres, para obter dinheiro. Para conseguir dinheiro. Nesse aspecto, de que maneira eu era diferente de Maurizio, que explorava mulheres para conseguir dinheiro? E se tivessem atirado em mim durante um daqueles assaltos, se os tiras tivessem me executado como eu desejava e esperava na época, minha morte teria merecido tão pouca piedade quanto a morte do italiano enlouquecido.

Levantei-me e me espreguicei, olhando à minha volta e pensando nos cães, na luta e na coragem do pequeno Tariq. Quando comecei o caminho de volta à cidade, ouvi subitamente gargalhadas felizes que vinham da festa de Prabaker, seguidas por uma explosão rumorosa de aplausos. E a música diminuiu na distância até se tornar tão fraca e pequenina quanto qualquer revelação.

Ao caminhar pela noite, sozinho com a cidade durante horas, eu a amei com minha perambulação, como havia feito na época em que morava na favela. Perto do alvorecer, comprei um jornal, encontrei um café e comi um farto desjejum, matando o tempo com um segundo e um terceiro bule de *chai*. Havia uma matéria na terceira página do jornal descrevendo os dons milagrosos das Irmãs Azuis, como tinham se tornado conhecidas a viúva e a irmã de Rasheed. Era um texto publicado em todo o país com a assinatura de Kavita Singh. Ela contava brevemente a história das irmãs e então relatava vários depoimentos em primeira mão de testemunhas de curas milagrosas atribuídas aos poderes místicos delas. Uma mulher alegava ter sido curada de tuberculose, outra insistia que sua audição tinha sido completamente restaurada, e um idoso declarava que seus pulmões doentes estavam de novo fortes e saudáveis depois de ter simplesmente tocado na bainha de seus trajes azul-celeste. Kavita explicava que o nome Irmãs Azuis não foi escolhido por elas: usavam sempre azul porque, ao

acordarem do coma, no qual compartilharam um sonho de estarem flutuando no céu, seus devotos haviam passado a lhes chamar daquele jeito. A matéria terminava com o relato da própria Kavita sobre seu encontro com as moças e sua convicção de que eram, sem dúvida, seres especiais. Quem sabe, até sobrenaturais.

Paguei a conta e peguei uma caneta emprestada do caixa para sublinhar vários trechos da matéria. Enquanto nas ruas se desenrolava o emaranhado matinal de sons, cores e comoção, tomei um táxi e me aventurei no trânsito arriscado até a prisão de Arthur Road. Depois de três horas de espera, cheguei à área de visitação. Era um simples cômodo dividido ao meio por duas telas de alambrado separadas por um espaço vazio de uns dois metros. De um lado ficavam os visitantes, espremidos e segurando no arame para guardar lugar. Do outro, atrás do vão e da outra cerca, estavam os prisioneiros, espremidos e também segurando o arame para manter o equilíbrio. Havia cerca de vinte prisioneiros. No espaço semelhante, reservado aos visitantes, havia uns quarenta de nós. Cada homem, cada mulher, cada criança dentro do cômodo dividido estava aos berros. Havia muitos idiomas — reconheci seis e parei de contar quando a porta se abriu do lado dos prisioneiros. Anand entrou, abrindo caminho em direção à cerca.

— Anand! Anand! Aqui! — gritei.

Seus olhos me encontraram e ele sorriu para me saudar.

— Linbaba, que bom vê-lo! — gritou ele para mim.

— Você está com boa aparência, cara! — exclamei. Ele *estava* com boa aparência. Eu sabia como era difícil conseguir isso naquele lugar. Sabia do esforço que ele despendia diariamente para catar os piolhos de suas roupas e se banhar na água infestada por vermes. — De verdade.

— *Arrey*, você também está ótimo, Lin.

Eu não parecia ótimo. Sabia disso. Parecia preocupado, culpado e cansado.

— Estou... um pouco cansado. Meu amigo Vikram, lembra? Ele se casou ontem. Anteontem, para falar a verdade. Andei a noite inteira.

— Como está Qasim Ali? Está bem?

— Está — respondi, corando um pouco pela vergonha de não ver mais com a mesma frequência o homem bom e nobre que comandava a favela. — Olhe! Olhe aqui no jornal. Saiu uma reportagem sobre as irmãs. Você é mencionado. Podemos usar isso para ajudá-lo. Podemos criar algum tipo de solidariedade à sua causa, antes de seu caso ir a julgamento.

Seu rosto belo, longo e esguio se fechou, juntando-lhe as sobrancelhas e transformando os lábios comprimidos em um vinco tenso e desafiador.

— Você não deve fazer isso, Lin! — respondeu-me, aos berros. — Essa jornalista, essa Kavita Singh, esteve aqui. Eu a mandei embora. Se ela voltar, vou mandá-la embora de novo. Não quero nem vou tolerar nenhuma ajuda. Quero ser punido pelo que fiz com Rasheed.

— Mas você não compreende — insisti. — As moças agora são famosas. As pessoas acham que elas são santas, que podem fazer milagres. Milhares de devotos visitam a *shopadpatti* toda semana. Quando souberem que você tentava

ajudá-las, vão apoiá-lo. Talvez sua pena seja reduzida à *metade*, ou *menos* ainda.

Eu berrava tanto, tentando ser ouvido em meio ao estardalhaço, que já começava a ficar rouco. Estava tão quente sob a pressão de tantos corpos que minha camisa já tinha ficado encharcada e grudava-se à pele. Será que eu tinha ouvido direito? Parecia-me impossível que rejeitasse qualquer ajuda para reduzir sua sentença. Sem aquela ajuda, com toda a certeza ele passaria pelo menos quinze anos ali. *Quinze anos neste inferno*, pensei, fitando seu rosto através da tela de arame. *Como ele pode recusar nossa ajuda?*

— Lin! Não! — exclamou ele, mais alto do que antes. — Fiz aquilo com Rasheed. Sabia o que estava fazendo. Sabia o que aconteceria. Fiquei sentado ao lado dele durante muito tempo antes de fazê-lo. Tive escolha. Devo ser punido.

— Mas eu *preciso* ajudar você. Tenho que *tentar*.

— Não, Lin, por favor! Se você me tirar o castigo, não haverá sentido para o que eu fiz. Não haverá honra. Nem para mim, nem para elas. Você não vê? Eu *mereci* este castigo. Eu fiz o meu destino. Estou lhe implorando como amigo. Por favor, não permita que escrevam mais nada sobre mim. Escrevam sobre as senhoras. As irmãs. Sim! Mas deixem que eu viva a paz do meu destino. Você promete, Linbaba? Você jura?

Meus dedos se prenderam aos losangos de arame da cerca. Senti o metal frio e enferrujado chegar aos meus ossos. O barulho naquele cômodo de madeira era como uma tempestade caindo nos telhados desgastados da favela. Súplicas, ameaças, adoração, saudades, choros, gritos, risos e refrões histéricos gritados de jaula a jaula.

— Jure para mim, Lin — disse ele, o desespero chegando até mim através de seus olhos suplicantes.

— Está bem, está bem — respondi, lutando para fazer as palavras saírem da pequena prisão na minha garganta.

— Jure para mim!

— Tudo bem! Tudo bem! Eu juro. Por Deus, eu juro... Não vou tentar ajudá-lo.

Seu rosto relaxou e o sorriso voltou, fazendo meus olhos arderem com tanta beleza.

— Muito obrigado, Linbaba! — gritou, feliz — Por favor, não pense que sou ingrato, mas não quero que você volte aqui. Não quero que me visite. Pode deixar algum dinheiro para mim, de vez em quando, se lembrar. Mas, por favor, não volte. Agora, esta é a minha vida. É a minha vida. Vai ser difícil para mim se você voltar. Vou *pensar* nas coisas. Agradeço muito a você, Lin, e lhe desejo toda a felicidade do mundo.

As mãos soltaram o arame da cerca. Ele as juntou, em um gesto de bênção, curvando a cabeça ligeiramente, de forma que perdi o contato com seus olhos. Sem se agarrar à cerca, ficou à mercê da multidão de prisioneiros e, segundos depois, foi para trás, desaparecendo na agitação de acenos de rostos e mãos diante do arame. Uma porta no fundo do cômodo se abriu atrás dos prisioneiros e vi Anand escapular para dentro da luz quente e amarela do dia, com a cabeça e os ombros finos corajosamente erguidos.

Fui para a rua, do lado de fora da prisão. Meu cabelo estava úmido de suor e minhas roupas, encharcadas. Apertei os olhos na luz do sol e fitei a rua movimentada, tentando me obrigar a sintonizar com o ritmo e a correria, tentando não pensar em Anand na cela comprida com os supervisores, com Rahul Grandão, com a fome, as surras, os imundos e rastejantes insetos nocivos. Mais tarde, naquela noite, eu estaria com Prabaker e Johnny Cigar, amigos de Anand, durante a celebração de um casamento duplo. Mais tarde, naquela noite, Anand estaria amontoado, dormindo um sono agitado, coberto de piolhos, com duzentos homens, no chão de pedra. E aquilo se repetiria por quinze anos.

Peguei um táxi para meu apartamento e tomei um banho quente, escaldando sob o jato do chuveiro as lembranças da coceira e das criaturas rastejantes da minha pele. Depois, telefonei para Chandra Mehta para acertar os últimos detalhes da apresentação das bailarinas que contratei para o casamento de Prabaker. Depois, liguei para Kavita Singh e lhe disse que Anand queria que interrompêssemos a campanha. Ela ficou aliviada, acho eu. Seu coração bondoso sofrera por ele e, desde o início, ela temera pelo fracasso da campanha e pelo risco de esmagá-lo sob o peso de uma esperança perdida. Também ficou feliz por ele ter aprovado os artigos que escrevia sobre as Irmãs Azuis. As moças a fascinavam, e ela havia combinado a visita de um documentarista à favela. Queria conversar sobre o projeto, e percebi a agitação entusiasmada em sua voz, mas a interrompi, prometendo ligar depois.

Fui para minha pequena sacada e deixei que os sons e os cheiros da cidade se acomodassem na pele do meu peito nu. Lá embaixo, em um pátio, vi três rapazes ensaiando os movimentos e os passos de uma dança copiada de um filme de Bollywood. Eles caíram na gargalhada quando erraram a sequência, depois comemoraram muito quando afinal completaram tudo sem um erro sequer. Em outro pátio, algumas mulheres estavam acoradas, lavando pratos com pequenas buchas de fibra de coco e uma longa barra de sabão cor de coral. A conversa delas chegava a mim sob a forma de risadas e gritinhos, à medida que se escandalizavam com as fofocas e os comentários mordazes a respeito dos estranhos hábitos dos maridos das vizinhas. Então ergui os olhos e vi um senhor idoso sentado diante de uma janela na minha frente. Nossos olhares se encontraram e eu sorri. Ele estava me observando, da mesma forma que eu observava os outros lá embaixo. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro e me devolveu o sorriso, alegremente.

E tudo estava bem. Eu me vesti, desci até a rua. Fiz a ronda pelos centros de coleta de moedas do mercado negro, visitei a fábrica de passaportes de Abdul Ghani e inspecionei o setor de contrabando de ouro que eu havia reestruturado em nome de Khader. Em três horas, cometi trinta crimes ou mais. E sorri quando as pessoas sorriram para mim. Quando necessário, fiz *cara de mau*, como dizem os gângsteres, para afastá-las e fazer que baixassem os olhos, assustadas. Caminhei como os *goondas* e falei como eles, em três línguas diferentes. Estava com uma boa aparência. Fazia o meu trabalho. Ganhava dinheiro e continuava livre. Mas no quarto escuro, no fundo da minha cabeça, outra imagem entrou para a galeria secreta — a imagem de Anand com as palmas das mãos unidas, o

sorriso radiante se transformando em uma bênção e uma oração.

Tudo o que a gente sente, através do tato, do paladar ou da visão, ou mesmo com o pensamento, tem um efeito maior que zero. Algumas coisas, como o som de um pássaro piando na distância ao passar por sua casa à noite, ou uma flor vislumbra com o canto dos olhos, têm um efeito tão ínfimo que não pode ser detectado. Outras coisas, como o triunfo, a decepção e algumas imagens, como a nossa própria refletida no olhar do homem que a gente acabou de esfaquear, se juntam à galeria secreta e transformam nossa vida para sempre.

Aquela imagem de Anand, da última vez que o vi, provocou tal efeito sobre mim. Não era a compaixão por ele que me afetava tão profundamente, embora eu sentisse a piedade que só um homem acorrentado é capaz de sentir. Não era vergonha, embora estivesse sinceramente envergonhado de não lhe ter dado ouvidos quando ele tentou me contar sobre Rasheed. Era outra coisa, algo tão estranho que se passaram anos até que eu compreendesse por completo. Foi a inveja que pregou aquela imagem na minha cabeça. Eu invejei Anand quando ele se virou e saiu com as costas eretas e a cabeça erguida, rumo a longos anos de sofrimento. Invejei sua paz, sua coragem e a perfeita compreensão de si mesmo. Khaderbhai me disse, certa vez, que, se invejamos alguém pelas razões certas, estamos na metade do caminho em direção à sabedoria. Espero que ele tenha errado sobre isso. Espero que a inveja boa nos leve mais longe, pois uma vida inteira se passou desde aquele dia diante da cerca de arame, e ainda invejo a serena comunhão de Anand com o destino e sonho com ela do fundo do meu coração imperfeito e esforçado.

OLHOS SINUOSOS como a espada de Perseu, como as asas dos falcões em pleno voo, como as bordas reviradas das conchas, como as folhas do eucalipto no verão — olhos indianos, de bailarinas, os mais belos do mundo, fitavam com total concentração os espelhos que os criados seguravam a sua frente. As bailarinas que contratei para as cerimônias de casamento de Johnny e Prabaker já usavam os figurinos, cobertos modestamente pelos xales. Na loja de *chai* na entrada da favela, esvaziada para o evento, elas fizeram os ajustes finais no cabelo e na maquiagem com velocidade profissional, conversando animadamente sobre a vida alheia. Um lençol de algodão pendurado no vão da porta era fosco o bastante, sob a luz dourada da lamparina, para revelar sombras indistintas, excitantes, inflamando os desejos intensos de muitos dos que se aglomeravam do lado de fora, onde eu montava guarda e mantinha os curiosos à distância.

Finalmente ficaram prontas e eu removi o pano de algodão. Dez bailarinas, coristas de Film City, apareceram. Usavam as tradicionais blusas *choli*, bem justas, e sáris enrolados. As roupas eram em amarelo-canário, rubi, azul-pavão, esmeralda, rosa-crepúsculo, dourado, roxo, prateado, creme e tangerina. As joias — tiaras, enfeites de trança, brincos, aros de nariz, colares, correntes de cintura, pulseiras e tornozeleiras — reluziam tanto sob as luzes das lanternas e das lâmpadas elétricas que as pessoas chegavam a piscar e recuar quando as contemplavam. Cada pesada tornozeleira trazia centenas de minúsculos sinos, e, quando as bailarinas começaram seus passos sinuosos pela favela silenciosa e encantada, o som sibilante daqueles sininhos de prata era o único que marcava seus passos. Então começaram a cantar:

*Aaja Sajan, Aaja  
Aaja Sajan, Aaja*

Venha para mim, meu amor, venha para mim  
Venha para mim, meu amor, venha para mim

A multidão que as precedia e as cercava manifestou ruidosamente sua aprovação. Um pelotão de garotinhos escalou a trilha esburacada adiante das moças, retirando pedregulhos e galhos, e varrendo o caminho com vassouras de folha de palmeira. Outros rapazes caminhavam ao lado das bailarinas, abanando-as com grandes leques em formato de pera, feitos com tiras trançadas de cana. Mais adiante, um grupo de músicos que eu havia contratado junto com as bailarinas se aproximou do palco do casamento silenciosamente, em uniformes brancos e vermelhos. Prabaker e Parvati sentavam-se de um lado, e Johnny Cigar e Sita, do outro. Os pais de Prabaker, Kishan e Rukhmabai, vieram de Sunder para participar do evento. Planejavam passar um mês inteiro na cidade, hospedando-se em um barraco ao lado do de Prabaker. Sentaram-se diante do

palco com Kumar e Nandita Patak Uma imensa pintura de flor de lótus preenchia o espaço entre eles, e lâmpadas coloridas formavam uma teia reluzente sobre suas cabeças.

Quando entraram lentamente no local, louvando o amor, as bailarinas pararam ao mesmo tempo e bateram os pés. Giraram sem sair do lugar, em sentido horário, em perfeita sincronia. Os braços se movimentaram com a graça do pescoço de um cisne. As mãos e os dedos se agitavam como lenços de seda ao vento. Então, de repente, bateram com os pés três vezes e os músicos iniciaram uma execução desvairada e envolvente da canção de cinema mais popular do mês. E, saudadas por todas as gargantas a sua volta, as garotas dançaram em milhões de sonhos.

Muitos daqueles sonhos me pertenciam. Eu havia contratado as dançarinas e os músicos sem saber que tipo de apresentação planejavam fazer para o casamento de Prabaker. Chandra Mehta os recomendara e me garantira que sempre cuidavam da programação. Aquela primeira transação de câmbio no mercado negro encomendada por Mehta — os dez mil dólares americanos de que precisava — havia gerado frutos negros. Por intermédio dele, conheci outras pessoas do mundo do cinema que queriam ouro, dólares e documentos. Nos meses anteriores, minhas visitas aos estúdios de cinema haviam se tornado mais frequentes, e os lucros de Khaderbhai não paravam de crescer. Essa ligação rendia uma recompensa mútua: o povo dos *filmi* — como eram chamados em Bollywood — achava emocionante a associação, a uma distância prudente, com o poderoso chefe da máfia; e o próprio Khan não era indiferente ao glamour que permeava o mundo do cinema. Quando procurei Chandra Mehta para que me ajudasse a conseguir as bailarinas, duas semanas antes do casamento de Prabaker, ele partiu do pressuposto de que o Prabaker em questão era um *goonda* importante, a serviço de Khaderbhai. Ele dedicou tempo e atenção especiais aos arranjos, escolhendo cada garota a partir do que sabia sobre suas habilidades e fazendo com que o grupo fosse acompanhado pelos melhores músicos do estúdio. A apresentação, quando afinal a vimos, teria deixado satisfeito o gerente da casa noturna mais depravada da cidade. A banda executou as dez músicas mais populares da temporada. As moças dançaram e cantaram todas, enfatizando as insinuações eróticas e sensuais de cada verso. Entre os milhares de vizinhos e convidados presentes ao casamento da favela, alguns ficaram agradavelmente escandalizados, mas a maior parte se deliciou com aquela malícia — sobretudo Prabaker e Johnny. E eu, ao ver pela primeira vez como eram lúbricas as versões sem censura das danças, passei a enxergar com novos olhos os gestos sutis que observara tantas vezes nos filmes hindí.

Dei cinco mil dólares americanos para Johnny Cigar como presente de casamento. Era o suficiente para comprar o barraco que desejava na favela da Marinha em Nagar, perto do local onde fora concebido. Nagar era uma favela legalizada, e adquirir um barraco ali significava não ter mais medo de ser despejado. Ele teria um lar seguro onde poderia continuar seu trabalho como contador e consultor fiscal não oficial para muitas centenas de trabalhadores e pequenos negócios nas favelas das redondezas.

Meu presente para Prabaker foi a licença para ter seu táxi. O dono da pequena frota de táxis vendeu-a depois de uma dura negociação. Paguei demais pelo carro e pelo documento, mas o dinheiro não significava nada para mim. Era dinheiro sujo, o tipo que escorre entre os dedos mais depressa do que aquele que foi ganho com trabalho duro e legalizado. Se não conseguimos respeitar a forma com a qual o ganhamos, o dinheiro passa a não ter valor. Se não podemos usá-lo para melhorar a vida de nossas famílias e das pessoas amadas, não tem nenhum valor. De qualquer maneira, em respeito às formalidades da tradição, eu amaldiçoei o dono da frota, ao fechar o negócio, com a mais educada e terrível das pragas comerciais indianas — *Que você tenha dez filhas e que todas se casem bem!* —, uma sequência de compromissos com dotes capaz de dilapidar qualquer fortuna.

Prabaker ficou tão encantado e animado com o presente que abandonou o ar sério que assumira no papel de noivo austero, explodindo em comemorações. Pulou, ficou de pé, deu alguns passos daquela dança sexy com estocadas de quadril antes da solenidade da ocasião sobrepujá-lo mais uma vez, quando então voltou a sentar perto da noiva. Juntei-me à multidão frenética, rodopiante, de homens diante do palco e dancei até que a camisa fina que eu usava se grudasse em meu corpo, como algas marinhas nas ondas à beira-mar.

Ao voltar para meu apartamento naquela noite, sorri ao pensar como o casamento de Vikram havia sido diferente. Dois dias antes de Prabaker e Johnny se casarem com as noivas-irmãs, Vikram se casou com Lettie. Apesar da acirrada e até mesmo violenta oposição da família, Vikram havia optado por uma cerimônia de casamento civil. Respondeu às lágrimas e às súplicas de seus entes queridos sempre com a mesma frase: *Esta é a nova Índia, yaar*. Poucos familiares conseguiram enfrentar a agonia daquele repúdio público ao antigo, deslumbrante e rebuscado cerimonial hindu que planejavam havia tanto tempo para ele. No final das contas, só sua irmã e sua mãe se juntaram ao pequeno círculo dos amigos de Lettie e assistiram aos noivos trocarem promessas de amor e fidelidade pelo resto de seus dias. Não houve música, nem cor, nem danças. Lettie usou um conjunto cor de ouro velho, um chapéu de palha de abas largas com rosas de organdi. Vikram vestiu um paletó preto comprido, um colete preto e branco com brocados, calças de vaqueiro pretas com detalhes prateados e seu querido chapéu. A cerimônia levou apenas alguns minutos, depois Vikram e eu praticamente carregamos sua mãe arrasada até o carro que a esperava.

No dia seguinte, levei Vikram e Lettie ao aeroporto de carro. O plano era repetir a cerimônia em Londres, diante da família de Lettie. Quando Lettie foi ligar para a mãe a fim de confirmar os horários de chegada, Vikram teve chance de me falar francamente.

— Muito obrigado pelo trabalho que você fez em meu passaporte, cara — disse com um sorriso. — A merda daquela prisão por porte de drogas na Dinamarca... é uma coisinha de nada, mas poderia ter me dado uma enorme dor de cabeça, *yaar*.

— Não foi nada.

— E os dólares. A cotação que você nos arranjou foi do cacete. Sei que você

fez um negócio especial, *yaar*, e vou retribuir o favor de alguma forma, quando voltarmos.

— Está tudo bem.

— Sabe, Lin, você deveria mesmo sossegar, cara. Não quero jogar areia na sua vida, nem nada parecido. Digo isso apenas como amigo, um amigo que o ama como a um irmão. Você vai se dar mal, cara. Estou com um mau pressentimento. Acho... acho que você deveria *sossegar*.

— Sossegar...

— É, cara. É isso aí, *yaar*.

— Isso *o quê?*

— É assim que a droga desse jogo funciona. Você é um homem. É isso o que um homem precisa fazer. Não quero me meter nos seus assuntos pessoais, mas é meio triste que ainda não tenha percebido isso.

Eu ri, mas ele se mantinha carrancudo.

— Lin, um homem precisa encontrar uma boa mulher e, quando a encontra, tem que conquistar seu amor. Precisa merecer seu respeito e alimentar sua confiança. E então deve fazer essas coisas pelo resto de suas vidas. Até os dois morrerem. É assim que funciona. É a coisa mais importante do mundo. É esse o tipo de cara que você é, *yaar*. Um homem é verdadeiramente um homem quando conquista o amor de uma boa mulher, ganha seu respeito e mantém sua confiança. Antes disso, não é nada.

— Diga isso para Didier.

— Não, cara, você não está entendendo. É a mesma coisa com Didier, mas o que ele precisa é encontrar um bom *sujeito* e amá-lo. Acontece o mesmo com todos nós. O que estou tentando lhe dizer é que você *encontrou* uma boa mulher. Você *já* a encontrou. Karla é uma boa mulher, cara. E você mereceu a droga do respeito dela. Ela me disse algumas vezes, cara. Falou sobre o cólera e tudo aquilo que aconteceu na *zhopadpatti*. Você a nocauteou com aquela história de Cruz Vermelha. Ela o respeita! Mas você não alimenta a sua confiança. Você não confia nela, Lin, porque não confia em si mesmo. E estou com medo por você, cara. Sem uma boa mulher, um homem como você, homens como eu e você, está pedindo encrenra, *yaar*.

Lettie se aproximou de nós. A determinação sombria cedeu nos olhos dele, levada pelo olhar de amor que devolveu a ela.

— Estão chamando nosso voo, Lin, meu querido — disse ela. O sorriso era mais triste do que eu esperava e, talvez por isso, mais doloroso. — Precisamos ir. Aqui, quero que você fique com isso. É um presente nosso.

Ela me entregou uma tira de tecido preto, dobrada, com quase um metro de comprimento e a largura de uma mão. Quando a abri, encontrei um cartãozinho no meio.

— É a venda — disse ela. — Você sabe, do teto do trem, no dia em que Vikram me pediu em casamento. Queremos que fique com isso. Como uma lembrança, sabe? E no cartão está o endereço de Karla. Ela nos escreveu. Continua em Goa, mas em uma região diferente. Caso você esteja interessado, sabe? Adeus, querido. Cuide-se.

Observei os dois partirem, feliz por eles, mas ocupado demais com o trabalho para Khader e os preparativos do casamento de Prabaker para dar atenção ao conselho de Vikram. Depois, a visita a Anand, a última visita, empurrou a voz de Vikram ainda mais fundo no coro de discursos, avisos e opiniões dentro da minha cabeça. Mas, quando me sentei sozinho no apartamento, na noite do casamento de Prabaker, e tirei o bilhete e a faixa negra da venda de dentro do bolso, lembrei-me de todas as palavras que ele me dissera. Beberiquei um drinque e fumei cigarros em um silêncio tão profundo que podia ouvir o sussurro do tecido macio da venda, a farfalhar e escorregar entre meus dedos. As sedutoras dançarinas, enfeitadas com sinos, haviam sido acompanhadas até o ônibus e receberam um respeitável cachê. Prabaker e Johnny tinham conduzido as noivas para táxis que esperavam para levá-los a um hotel simples mas confortável, nos arredores da cidade. Por duas noites, eles conheceriam as alegrias da intimidade do amor, antes de retomarem seus amores públicos na aglomeração da favela. Vikram e Lettie já estavam em Londres, preparando-se para repetir as juras que significavam tudo para meu amigo obcecado por caubóis. E eu estava sentado em uma poltrona, completamente vestido, sozinho, sem confiar *nela*, como Vikram havia dito, porque não confiava em mim mesmo. Por fim, quando adormeci, o bilhete e a venda escorregaram dos meus dedos.

E, por três semanas depois daquela noite, tentei escapar da solidão que os três casamentos felizes haviam revelado em meu coração aceitando todas as tarefas que me ofereceram e fechando todos os acordos que pude imaginar. Transporteiei uma leva de passaportes para Kinshasa, me hospedando, como fui instruído, no hotel Lapierre. Era um prédio de três andares quase esquelético em uma via paralela à rua principal de Kinshasa. O colchão era limpo, mas o chão e as paredes pareciam feitos com madeira de caixão reciclada. O cheiro sepulcral era avassalador e uma umidade suarenta encheu minha boca com sabores sombrios e não identificáveis. Fumava um Gitanes atrás do outro e gargarejava com uísque belga para eliminá-los. Caçadores de rato patrulhavam os corredores com sacos nada discretos, repletos de animais gordos que se contorciam. Colônias de baratas haviam tomado posse das gavetas da cômoda. Por isso, pendurei minhas roupas, meus artigos de toalete e outros itens pessoais em ganchos e pregos tortos convenientemente martelados em toda superfície capaz de abrigá-los.

Na minha primeira noite, fui despertado de um sono leve por tiros no corredor, atrás da minha porta. Ouvi um baque, como se um corpo caísse, e então passos arrastados que empurravam alguma coisa pesada para trás pelo assoalho de madeira do corredor. Peguei a faca e abri a porta. Havia homens de pé nas três outras portas do corredor, atraídos pelos sons, como eu. Eram todos europeus. Dois deles seguravam pistolas e o outro tinha uma faca parecida com a minha nas mãos. Olhamo-nos e então vimos o rastro de sangue que se estendia pelo corredor até desaparecer. Como se reagíssemos a um sinal secreto, fechamos as portas sem trocar nenhuma palavra.

Depois de Kinshasa, fui para uma missão na ilha Maurício, e meu hotel propiciou um contraste agradável e bem-vindo. Chamava-se Mandarin e ficava em Curepipe. A estrutura original foi construída para parecer uma reprodução

em pequena escala de um castelo escocês. A semelhança era bem nítida no sinuoso caminho de acesso que atravessava um jardim inglês. Dentro do prédio, porém, o hóspede penetrava no reino do barroco chinês, projetado pela família chinesa que agora era dona do hotel. Sentei-me sob imensos dragões, que soltavam fogo pelas ventas, e comi brócolis com ervilhas, espinafre ao alho, vagem frita e cogumelos em molho de feijão preto, sob a luz de lanternas de papel, enquanto as janelas se abriam para muralhas fortificadas, arcos góticos e arbustos podados com a forma de botões de rosa.

Meus contatos, dois indianos de Bombaim que moravam em Maurício, chegaram em um BMW amarelo, como combinado. Entrei pela porta traseira e mal havia balbuciado uma saudação quando eles dispararam em tal velocidade que fui jogado para um canto do assento. Zunimos por estradas vicinais em velocidade quatro vezes maior que a permitida por quinze minutos aterrorizantes. Então eles estacionaram o carro em uma alameda silenciosa e deserta. O carro superaquecido esfriou, emitindo uma série de barulhos. Os dois homens exalavam um forte cheiro de rum.

— Muito bem, passe os livros — disse um dos contatos, virando-se para trás, do assento do motorista.

— Não estou com eles — rosnei entre os dentes.

Os contatos se entreolharam e voltaram a me fitar. O motorista ergueu as lentes dos óculos, revelando olhos que pareciam ter sido guardados em um copo de vinagre, ao lado da sua cama.

— Você não está com os livros?

— Não. Eu estava tentando lhes dizer isso no caminho para cá, seja lá onde estivermos, mas vocês não paravam de repetir *fique frio!* *Fique frio!* E não me davam atenção. Bem, será que agora estamos *frios* o bastante? Hein?

— Não estou frio, cara — disse o passageiro.

Eu me vi refletido nas lentes de seus óculos. Não estava com uma cara boa.

— Seus idiotas! — grunhi, passando a falar em híndi. — Vocês quase nos mataram por nada! Dirigindo como um motorista de táxi desvairado de Bombaim, com os tiras na sua cola! Os passaportes estão guardados na merda do hotel. Eu os deixei por lá porque queria ter certeza de que eram vocês os filhos da puta. Agora a única certeza que eu tenho é que vocês têm cérebros piores que os de duas moscas no saco de um vira-lata.

O passageiro levantou os óculos e os dois sorriram tanto quanto as ressacas permitiam.

— Onde aprendeu a falar híndi desse jeito? — perguntou o motorista. — Que coisa, *yaar*. Você fala como um filho da puta nascido em Bombaim. Fantástico, *yaar!*

— Porra, impressionante, cara! — acrescentou o amigo, sacudindo a cabeça com ar de admiração.

— Mostrem-me o dinheiro — retruquei.

Eles riram.

— O dinheiro — insisti. — Quero vê-lo.

O passageiro levantou uma bolsa que estava a seus pés e a abriu, revelando

muitos maços de notas.

— Que merda é *essa*?

— É o dinheiro, irmão — respondeu o motorista.

— Isso não é dinheiro — disse eu. — Dinheiro é verde e tem escrito *Em Deus confiamos*. Exibe ainda o retrato de um americano morto porque vem dos Estados Unidos. Isso aí não é dinheiro.

— São rúpias de Maurício, irmão — choramingou o passageiro, magoado com o insulto a sua moeda.

— Não se pode gastar essa merda em nenhum outro lugar além da República de Maurício — desdenhei, lembrando o que havia aprendido sobre moedas restritas e abertas enquanto trabalhava com Khaled Ansari. — É uma moeda de circulação restrita.

— É claro que eu sei, *baba* — sorriu o motorista. — Combinamos com Abdul. Não temos os dólares no momento, cara. Toda a merda do dinheiro está comprometida com outras transações. Por isso vamos pagar em rúpias de Maurício. Você pode trocá-las por dólares a caminho de casa, *yaar*.

Suspirei, respirando lentamente e obrigando-me a trazer calma ao pequeno redemoinho que minha mente produzia. Olhei pela janela. Estávamos estacionados no que parecia ser uma densa floresta. Árvores altas, tão verdes quanto os olhos de Karla, sacudiam e estremeciam com o vento em toda a nossa volta. Não havia ninguém nem nada por perto.

— Vamos ver o que temos aqui. Dez passaportes por sete mil dólares cada um. São setenta mil dólares. Com um câmbio de, digamos, trinta rúpias de Maurício por dólar, a soma é de dois milhões e cem mil rúpias. É por isso que vocês trouxeram uma sacola tão grande. Agora, me perdoem se pareço estúpido, cavalheiros, mas onde é que vou conseguir trocar dois milhões de rúpias por dólares sem precisar da merda de um *certificado de câmbio*?

— Não tem problema algum — respondeu o motorista rapidamente. — Temos um cambista, *yaar*. Serviço de primeira classe. Ele vai cuidar de tudo para você. Está combinado.

— Tudo bem — sorri. — Vamos logo encontrá-lo.

— Você vai ter que ir sozinho, cara — disse o passageiro, rindo alegremente. — Ele está em Cingapura.

— *Cinga-porra!* — berrei, como se o pequeno redemoinho houvesse crescido em minha mente.

— Não fique assim tão perturbado, *yaar* — respondeu o motorista com delicadeza. — Está tudo combinado. Abdul Ghani concordou. Ele vai telefonar para o hotel ainda hoje. Aqui, pegue o cartão. Você passa em Cingapura no caminho de casa... Tudo bem, tudo bem, Cingapura não é exatamente no caminho de Bombaim, mas se for para lá primeiro, *vai* estar no caminho, não é? Então, quando chegar a Cingapura, você procura o sujeito deste cartão. Ele é um cambista licenciado. É um homem de Khader. Vai trocar todas as rúpias por dólares e vai dar tudo certo. Sem problema. Tem até uma comissão para você. Vai ver só.

— Tudo bem — suspirei. — Vamos voltar para o hotel. Se Abdul confirmar,

fazemos o negócio.

— Para o hotel — disse o motorista, escorregando os óculos sobre os pontos negros de seus olhos.

— Para o hotel! — repetiu o passageiro, e o Exocet amarelo se lançou mais uma vez pelas estradas sinuosas.

A viagem por Cingapura transcorreu sem um incidente sequer, e o fiasco de câmbio de Maurício forneceu alguns benefícios inesperados. O cambista de Cingapura — um indiano de Madras chamado Shekky Ratnam — se tornou um contato precioso, e pela primeira vez travei contato com a lucrativa rota de contrabando de câmeras fotográficas e produtos eletrônicos de Cingapura para Bombaim.

Quando parti para o hotel Oberoi para me encontrar com Lisa Carter, depois de entregar os dólares para Abdul Ghani e pegar meu pagamento, senti-me otimista e esperançoso pela primeira vez em muito tempo. Comecei a achar que tinha deixado para trás o astral pesado que baixara em mim depois da noite de núpcias de Prabaker. Eu viajei para Zaire, ilha Maurício e Cingapura com passaportes falsificados sem levantar a menor suspeita. Na favela, sobrevivera dia após dia graças a pequenas comissões que ganhava com turistas, e tinha apenas meu comprometido passaporte neozelandês. Um ano depois, eu morava em um apartamento moderno, meus bolsos estavam estufados com meus últimos lucros ilegais e eu tinha cinco passaportes com cinco nomes e nacionalidades diferentes, cada um com a minha foto. Um mundo de possibilidades se abria para mim.

O hotel Oberoi ficava em Nariman Point, no cabo da foice dourada desenhada por Marine Drive. A estação de Churchgate e a fonte Flora ficavam a uma caminhada de cinco minutos. Mais dez minutos em uma direção levavam à estação Victoria e ao mercado Crawford. Dez minutos na outra direção, a partir da fonte Flora, levavam até Colaba e ao monumento Porta da Índia. O Oberoi não tinha a mesma condição de cartão-postal da cidade que o hotel Taj desfrutava, mas compensava essa deficiência com personalidade e elegância. Seu piano-bar, por exemplo, era uma pequena obra-prima de luzes e espaços reservados, enquanto a *brasserie* disputava, com determinação, o título de melhor restaurante de Bombaim. Ao deixar a claridade da luz do dia e penetrar no ambiente escuro, de texturas ricas, da *brasserie*, parei e pisquei até meus olhos encontrarem Lisa e seu grupo. Ela e outras duas moças estavam sentadas com Cliff de Souza e Chandra Mehta.

— Espero não estar atrasado — disse eu, enquanto apertava as mãos.

— Não, acho que todos *nós* chegamos *antes da hora* — brincou Chandra Mehta, com a voz ecoando pelo aposento.

As garotas riram histericamente. Chamavam-se Reeta e Geeta. Eram aspirantes a atrizes ainda no primeiro degrau da escalada — um almoço com importantes nomes do segundo escalão — e exultavam com um entusiasmo tão evidente que não parecia muito diferente do pânico.

Sentei-me na cadeira vaga entre Lisa e Geeta. Lisa usava um suéter fino vermelho vivo sob um blazer de seda preta, com uma saia. O top prateado de

elastano e os jeans brancos usados por Geeta eram apertados o suficiente para deixar explícitos todos os detalhes anatômicos. Era uma garota bonita, com uns vinte anos talvez, e o cabelo comprido estava preso em um rabo de cavalo no alto da cabeça. As mãos brincavam com o guardanapo, dobrando e desdobrando um canto do pano. Reeta usava um corte de cabelo curto e arrumado que caía bem no rosto pequeno com ar travesso. Vestia uma blusa amarela decotada e ousada e calça jeans. Cliff e Chandra estavam de terno e pareciam a caminho ou voltando de uma reunião de alguma importância.

— Estou morrendo de fome — disse Lisa alegremente. Sua voz estava animada e confiante, mas ela apertou tanto a minha mão sob a mesa que as unhas entraram na minha pele. Era um encontro importante para ela. Sabia que Mehta planejava nos propor uma sociedade formal no negócio de recrutamento de elenco, que desenvolvíamos extraoficialmente. Lisa queria um contrato. Ansiava pelo reconhecimento que apenas um contrato poderia fornecer. Queria seu futuro por escrito. — Vamos comer!

— O que vocês acham se eu fizer o pedido para todos? — sugeriu Chandra.

— Como é você quem vai pagar, eu não me importo — disse Cliff, rindo e piscando para as moças.

— Claro — concordei. — Sinta-se à vontade.

Ele chamou o garçom com um olhar e dispensou o menu, dando direto sua lista de preferências. Começamos com uma sopa branca feita com cordeiro cozido em leite de amêndoas sem casca, seguimos com um frango grelhado com escabeche de pimenta-do-reino, cominho e manga, e terminamos, depois de muitos acompanhamentos, com salada de frutas, bolinhos *kachori* ao mel e sorvete *kulfi*.

Ao ouvir a longa e precisa lista de pratos proferida por Mehta, sabíamos que seria um longo almoço. Relaxei e me deixei levar pela sequência de belos pratos e boas conversas.

— Ainda não me disse o que acha — provocou Mehta.

— Você está dando mais atenção a isso do que deveria — disse Cliff de Souza, sacudindo a mão como se quisesse esquecer o assunto.

— Nada disso, cara — insistiu Mehta. — Aconteceu bem na porta do meu maldito escritório, *yaar*. Se dez mil pessoas começam a gritar na janela do seu escritório que querem matar você, é difícil ignorar.

— Não estavam se referindo a *você pessoalmente*, Chandrababu.

— Nada pessoal. Mas é a mim e a todos os meus semelhantes que eles querem pegar. Vamos lá, não é tão ruim assim para você, tem que admitir. Sua família é de Goa. Vocês falam concani. Concani e marata são línguas muito parecidas. Você fala marata tão bem quanto inglês. Mas eu não falo uma palavra sequer. Ainda assim, nasci aqui, *yaar*, e meu pai nasceu aqui antes de mim. Tem seu negócio em Bombaim. Nós pagamos impostos aqui. Meus filhos estudam aqui. Toda a minha vida está em Bombaim, cara. Mas eles gritam *Maharashtra para os maratas* e querem nos expulsar do único lar que conhecemos.

— Você precisa entender também o ponto de vista deles — acrescentou Cliff, baixinho.

— Ver a minha *expulsão* do ponto de vista *deles* — retorquiu Mehta com tal veemência que várias cabeças se voltaram para ele das outras mesas. Ele prosseguiu em tom mais baixo, porém com a mesma intensidade. — Devo compreender o meu *assassinato* do ponto de vista *deles*, não é?

— Eu amo você, meu amigo, como amo meu terceiro cunhado — respondeu Cliff, com um largo sorriso. Mehta riu com ele, e as meninas o acompanharam, claramente aliviadas pelo fato de a tensão à mesa ter se diluído com aquela piadinha. — Não quero ver ninguém machucado, muito menos você, Chandrabhai. Tudo que estou dizendo é que você precisa enxergar as coisas do ponto de vista deles para compreender o que sentem. O marata é a primeira língua deles. Nasceram aqui, em Maharashtra. Seus antepassados, lá atrás... Quem sabe, há três mil anos ou mais, nasceram aqui. E então eles olham Bombaim e veem que os melhores empregos, os negócios, as empresas estão nas mãos de pessoas que vêm de outras partes da Índia. Ficam malucos. E acho que têm certa razão.

— E as cotas de emprego? — protestou Mehta. — Os correios, a polícia, as escolas, o banco estadual e muitos outros lugares, como o sistema de transportes, reservam empregos para as pessoas que falam marata. Mas não é suficiente para aqueles malucos filhos da puta. Querem nos mandar embora de Bombaim e de Maharashtra. Mas vou lhe dizer uma coisa. Se conseguirem o que querem, se nos expulsarem, vão perder boa parte do dinheiro, do talento e da capacidade que faz deste lugar o que é.

Cliff de Souza deu de ombros.

— Talvez seja o preço que estejam dispostos a pagar; não que eu concorde com eles. Só acho que pessoas como seu avô, que vieram para cá de Uttar Pradesh com uma mão na frente e a outra atrás e montaram negócios bem-sucedidos, devem algo ao Estado. Aqueles que têm alguma coisa dividem um pouco com os que não têm nada. As pessoas que você chama de fanáticas só se fazem ouvir porque há um pouco de verdade no que dizem. As pessoas estão irritadas. Os migrantes que enriqueceram estão sendo culpados. Pode ficar pior, meu querido terceiro cunhado, e não gosto de pensar em como isso vai acabar.

— O que você acha, Lin? — perguntou-me Chandra Mehta, pedindo apoio. — Você fala marata. E mora aqui. Mas é um forasteiro. O que acha?

— Aprendi a falar marata em uma pequena aldeia chamada Sunder — disse em resposta. — É a língua natal das pessoas dali. Não falam hindí bem e nada de inglês. Falam marata puro, *shudha*, e Maharashtra é seu lar há dois mil anos. Cinquenta gerações cultivaram a terra naquele lugar.

Fiz uma pausa para dar chance a que fizessem comentários ou questionassem o que eu havia dito. Todos comiam e ouviam com atenção. Prossegui.

— Quando voltei para Bombaim com meu guia, Prabaker, fui morar na favela, onde ele e outras vinte e cinco mil pessoas moram. São todos de Maharashtra, de aldeias parecidas com Sunder. Vivem em tamanha pobreza que cada refeição lhes custa uma coroa de espinhos de preocupações e trabalho quase escravo. Acho que ver gente de outras partes da Índia morando em boas casas, enquanto eles se banham nas sarjetas de sua própria capital, deve deixá-

los com o coração apertado.

Consumi algumas garfadas, esperando uma resposta de Mehta. Depois de alguns instantes, ele falou.

— Mas olhe bem, Lin, isso não é tudo — disse ele. — Existem muitas outras coisas.

— Não, você está certo. Não é tudo — concordei. — Não existem apenas nativos de Maharashtra naquela favela. Existem punjabis, tâmeis, *karnatakans*, bengalis, assameses e caxemirenses. E não são apenas hindus. São *sikhs*, muçulmanos, cristãos, budistas, parses e jainistas. Os problemas daqui não são apenas de Maharashtra. Os pobres, como os ricos, vêm de todas as partes da Índia. Mas os pobres são numerosos demais, e os ricos, muito poucos.

— *Arrey baap!* — bufou Chandra Mehta. *Meu Deus!* — Você parece Cliff. Ele é um comunista filho da puta. Esse é um de *seus* delírios, *yaar*.

— Não sou comunista nem capitalista — disse sorrindo. — Sou mais do tipo *me-deixem-em-paz-ista*.

— Não acredite nele — interrompeu Lisa. — Quando se está numa encrenca, é a pessoa a quem se deve procurar.

Voltei-me para ela. Nossos olhos se encontraram por alguns instantes e nos sentimos ao mesmo tempo bem e culpados.

— O fanatismo é o oposto do amor — disse eu, lembrando uma das palestras de Khaderbhai. — Um sábio me disse certa vez... ele é muçulmano, aliás... que tem mais em comum com um judeu racional e razoável do que com um fanático da sua própria religião. Ele tem mais afinidade com um cristão, um budista ou um hindu racional e razoável do que com um fanático da sua própria religião. Na verdade, ele tem mais em comum com um *ateu* racional e razoável do que com um fanático da sua religião. Concordo com ele e sinto a mesma coisa. Também concordo com Winston Churchill, que definiu um fanático como alguém que *não vai* mudar de ideia e que *não consegue* mudar de assunto.

— E, por falar nisso — riu Lisa —, vamos mudar de assunto. Vamos lá, Cliff, conto com você para me deixar a par de todas as fofocas sobre os romances no set de *Kanoon*. O que está acontecendo por lá?

— Isso! Isso! — Reeta exclamou animadamente. — E conte tudo sobre a novata. Há tanta coisa escandalosa em torno dela que não consigo sequer dizer seu nome em voz alta, *yaar*. E tudo, qualquer coisa, sobre Anil Kapoor! Morro de amores por ele!

— E Sanjay Dutt! — acrescentou Geeta, estremecendo de forma dramática ao mencionar seu nome. — É verdade que você foi à festa dele em Versova? Ai, meu Deus! Eu *adoraria* estar lá! Conte tudo para a gente!

Incorajado por aquela curiosidade febril, Cliff de Souza contou histórias sobre as estrelas de Bollywood, e Chandra Mehta acrescentou fofocas de arrepiar. Durante o almoço, ficou claro que Cliff estava de olho em Reeta e que Chandra Mehta dirigia boa parte de sua atenção a Geeta. A longa refeição era o começo de um longo dia e de uma longa noite que haviam planejado passar juntos. Aproximando-se dos seus verdadeiros interesses, com parte dos pensamentos voltada para os prazeres noturnos que estavam por vir, os homens

do cinema aos poucos desviaram suas fofocas e piadas para o campo do sexo e dos escândalos sexuais. Eram histórias engraçadas, algumas vezes beirando o bizarro. Estávamos todos às gargalhadas, quando Kavita Singh entrou no restaurante. A risada ainda atravessava o grupo quando apresentei Kavita ao resto da mesa.

— Com licença — disse ela, com uma expressão tão tensa, provocada por imensas preocupações, que se recusa a se dissipar. — Preciso falar com você, Lin.

— Pode falar sobre o caso aqui mesmo, Kavita — sugeri, ainda alegre com os risos do último minuto. — Vão achar interessante.

— Não é sobre o caso — insistiu com firmeza. — É sobre Abdullah Taheri.

Levantei-me imediatamente e pedi licença, fazendo sinal para que Lisa ficasse ali e esperasse minha volta. Kavita e eu caminhamos até a entrada do restaurante. Quando ficamos sozinhos, ela falou:

— Seu amigo Taheri está numa tremenda encrenca.

— O que você quer dizer?

— Ouvi boatos de alguém da editoria de polícia do *Times*. Ele disse que Abdullah está na mira dos tiras. A ordem é: *Atirem quando o virem*, segundo ele.

— O quê?

— Os agentes receberam instruções para capturá-lo com vida, se possível, mas sem correr riscos. Têm certeza de que ele está armado e de que vai reagir se tentarem prendê-lo. Ao menor sinal de hesitação da parte dele, as orientações são para que se atire sem piedade.

— Por quê? Qual é o problema?

— Achem que ele é o tal do Sapna. Receberam uma denúncia bem-fundamentada, com provas. Têm certeza de que é ele e vão pegá-lo. Hoje. Talvez já tenha acontecido. Você não pode foder com os tiras em Bombaim, não quando se trata de um assunto tão sério. Estou procurando por você há duas horas.

— Sapna? Não faz sentido — disse eu. Mas fazia sentido. Fazia completo sentido, de alguma forma, e eu não conseguia entender por quê. Estavam faltando peças demais; perguntas demais que eu nunca fizera, e que deveria ter feito muito tempo antes.

— Não sei se faz ou não sentido. Agora é a realidade — disse ela, a voz estremecendo com resignação e compaixão. — Eu o procurei em todos os lugares. Didier me disse que você estava aqui. Sei que Taheri é um grande amigo seu.

— É. Ele é um amigo — disse eu, lembrando-me subitamente de que falava com uma jornalista. Fitei o carpete escuro e tentei encontrar sentido ou direção na tempestade de areia dos meus pensamentos. Então levantei a cabeça e encontrei seus olhos.

— Obrigado, Kavita. Agradeço muito. Muito obrigado. Preciso ir.

— Escute — disse ela em voz mais baixa. — Eu mandei a matéria. Passei por telefone assim que a ouvi. Se for publicada no jornal vespertino, talvez obrigue os tiras terem mais cuidado. Só para você saber, não acho que foi ele. Não consigo

acreditar. Sempre gostei dele. Tive uma queda por ele durante algum tempo, assim que você começou a levá-lo ao Leopold. Talvez ainda tenha uma queda por ele, *yaar*. De qualquer maneira, não acho que ele seja Sapna, nem que tenha feito aquelas... coisas terríveis.

Ela foi embora, sorrindo para mim e chorando por ele ao mesmo tempo. Na mesa, pedi licença por interromper o almoço e dei uma desculpa esfarrapada para sair. Sem perguntar se ela queria ir, puxei a cadeira de Lisa e levantei a bolsa que estava pendurada no encosto.

— Ah, Lin, você tem mesmo que ir? — Chandra reclamou. — Nós ainda nem falamos sobre o negócio de recrutamento de elenco.

— Você conhece mesmo Abdullah Taheri? — perguntou Cliff, com um ligeiríssimo toque de acusação em sua pergunta.

Fuzilei-o com os olhos.

— Sim.

— E você vai levar a bela Lisa com você — Chandra disse, fazendo biquinho. — É uma dupla decepção.

— Já ouvi falar tanto dele, *yaar* — insistiu Cliff. — Como o conheceu?

— Ele salvou a minha vida, Cliff — disse com mais rispidez do que pretendia.

— Na primeira vez que o vi, na casa de haxixe dos Babas de Pé, ele salvou minha vida.

Segurei a porta da *brasserie* para Lisa e olhei para a mesa. Cliff e Chandra tinham juntado as cabeças e cochichavam, sem incluir na conversa as garotas perplexas.

Na motocicleta, do lado de fora do hotel, contei tudo o que sabia para Lisa. Seu bronzado saudável de repente desbotou, e seu rosto empalideceu, mas ela se controlou depressa. Concordou comigo que o primeiro passo, logicamente, era uma visita ao Leopold. Abdullah poderia estar lá ou talvez tivesse deixado um recado com alguém. Ela estava assustada e senti seu medo tensionando os músculos de seus braços enquanto ela se agarrava nas minhas costas. Avançamos em meio ao trânsito terrivelmente lento, confiando na sorte e no instinto, do jeito que Abdullah faria. No Leopold, encontramos Didier bebendo sozinho, já nas profundezas de um abismo líquido.

— Acabou — falou com a voz empastada, servindo-se de mais uma dose de uísque de uma garrafa grande. — Acabou tudo. Eles o mataram há uma hora. Todos estão falando no assunto. As mesquitas em Dongri estão fazendo orações para o morto.

— Como você sabe? — quis saber. — Quem lhe contou?

— As orações para o morto — balbuciou ele, jogando a cabeça para a frente.

— Que expressão ridícula e redundante! Não *existe* outro tipo de oração. *Toda* oração é para os mortos.

Agarrei a frente da sua camisa e o sacudi. Os garçons, que gostavam de Didier tanto quanto eu, me vigiavam e calculavam até que ponto me deixariam ir.

— Didier, me escute! Como você sabe? Quem lhe contou? Onde aconteceu?

— A polícia esteve aqui — disse ele, subitamente lúcido. Os olhos azul-claros

se encontraram com os meus como se ele estivesse procurando alguma coisa no fundo de um lago. — Estavam contando vantagens para o Mehmet, um dos donos. Você conhece Mehmet. Ele também é iraniano, como Abdullah. Alguns tiras da delegacia de Colaba, do outro lado da rua, participaram da emboscada. Disseram que ele foi cercado em uma ruazinha perto do mercado Crawford. Mandaram que se rendesse e que ele ficou completamente parado. Contaram que seu cabelo longo esvoaçava ao vento, assim como suas roupas negras. Falaram sobre isso por um bom tempo. É estranho terem falado sobre as roupas... e o cabelo, não acha, Lin? O que quer dizer? Então... disseram que ele puxou duas armas do casaco e começou a atirar. Eles reagiram na mesma hora. Ele levou tantos tiros que o corpo ficou mutilado, segundo disseram. Foi destroçado pela fuzilaria.

Lisa começou a chorar. Ela sentou ao lado de Didier, que a abraçou automaticamente, num reflexo de dor e choque. Ele não a olhou, nem deu sinais de perceber sua presença. Batia no seu ombro e balançava de um lado para o outro, mas a expressão de tristeza seria a mesma se estivesse sozinho, abraçando a si mesmo.

— Houve uma grande aglomeração — prosseguiu ele. — Estavam todos transtornados. Os policiais estavam nervosos. Queriam levar o corpo para o hospital em um de seus camburões, mas a multidão atacou o carro e o tirou da rua. A polícia levou o corpo para a delegacia do mercado Crawford. A multidão os seguiu até lá, gritando, berrando improperários. Ainda estão lá, eu acho.

A delegacia do mercado Crawford. Eu tinha de ir até lá. Precisava ver o corpo. Tinha de vê-lo. Talvez estivesse vivo...

— Espere aqui — falei para Lisa. — Espere com Didier ou pegue um táxi para casa. Vou voltar.

Uma lança perfurou meu corpo, bem do lado do coração, e atravessou o alto do meu peito. A lança da morte de Abdullah, de imaginar seu corpo morto. Fui de moto até o mercado Crawford, e cada golfada de ar que eu respirava empurrava a lança para mais perto do meu coração.

Perto da delegacia, fui obrigado a abandonar a moto porque uma multidão furiosa tomava conta da rua. A pé, logo me encontrei no meio de um frenesi de pessoas desvairadas, sem rumo. Na maior parte, eram muçulmanos. O que consegui compreender pelos refrões que repetiam e as palavras de ordem é que não eram simples pranteadores. A morte de Abdullah havia deflagrado uma fogueira de descontentamentos e antigos sofrimentos nos rincões esquecidos dos pobres, em torno do mercado. Os homens gritavam uma confusão de queixas e clamavam por seus próprios pleitos. Eu ouvia orações ecoando de diversos lugares.

Em meio à legião de gritos, havia o caos, e cada passo em direção à delegacia foi conquistado com esforços, empurrões, brigas, força e vontade. Ondas de homens me varriam para os lados e então me levavam para a frente e para trás. Empurravam-me, socavam-me e chutavam-me. Mais de uma vez, quase tropecei e fui pisoteado, escapando no último momento ao prender meus dedos em uma camisa, barba ou xale. Finalmente avistei a delegacia e a polícia. Usavam capacetes e escudos e formavam filas com três ou quatro por toda a

extensão do prédio.

Um homem ao meu lado na multidão agarrou minha camisa e começou a me socar na cabeça e no rosto. Eu não tinha ideia do motivo da agressão — talvez nem ele mesmo compreendesse —, mas não fazia diferença. Os socos foram desferidos e fui atingido. Eu me cobri com as mãos e tentei escapar. A mão dele estava presa na camisa e eu não conseguia me desvencilhar. Cheguei mais perto, enfiei meus dedos nos seus olhos e dei-lhe um soco na cabeça, bem na frente da orelha. A mão me soltou e ele caiu para trás, mas outros começaram a me socar. A multidão se abriu à minha volta e eu assumi posição, socando aleatoriamente, atingindo qualquer coisa que estivesse ao meu alcance.

A situação era ruim. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, eu perderia a energia e o efeito surpresa que mantinha a multidão afastada. Outros homens correram para cima de mim, mas um de cada vez, sem nenhuma técnica. Levaram golpes fortes e se afastaram. Dei solavancos, acertando qualquer um que se aproximasse, mas eu estava cercado e não podia vencer. Era apenas o fascínio da multidão pela briga que a impedia de avançar, numa montanha avassaladora de corpos.

Uma falange decidida de oito ou dez homens interrompeu o círculo e fiquei cara a cara com Khaled Ansari. Eu agia por instinto e quase o soquei. Ele estendeu as duas mãos, acenou para pedir que eu parasse. Seus homens abriram caminho com dificuldade pela multidão e Khaled me empurrou atrás dele. Alguém me deu um soco na cabeça pelas minhas costas. Virei e corri novamente para a multidão, desejando brigar com todos os homens da cidade, desejando brigar até que eles me deixassem inconsciente, até que não pudesse mais sentir aquela lança, a lança da morte de Abdullah, em meu peito. Khaled e dois de seus amigos me envolveram com seus braços e me arrastaram para longe daquele inferno desvairado que a rua havia se tornado.

— O corpo não está aqui — disse-me Khaled quando encontramos minha moto. Ele limpou o sangue do meu rosto com um lenço. Meu olho inchava rapidamente e pingava sangue do nariz e de um corte no lábio inferior. Eu não tinha sentido os golpes. Não sentia dor. A dor estava toda em meu peito, junto ao meu coração, e eu a aspirava, exalava e tornava a aspirá-la.

— A multidão invadiu o lugar. Centenas de pessoas. Foi antes de chegarmos aqui. Quando os tiras os afastaram, foram para a cela onde tinham colocado o corpo, e ela estava vazia. A multidão soltou todos os prisioneiros e levou o corpo.

— Ai, meu Deus — gemi. — Porra. Ai, meu Deus.

— Nossos homens vão encontrá-lo — disse Khaled, em voz baixa e confiante. — Vamos descobrir o que aconteceu. Vamos encontrar... Vamos encontrar o corpo.

Voltei ao Leopold e vi Johnny Cigar sentado na mesa de Didier. Didier e Lisa tinham ido embora. Desabei numa cadeira ao lado de Johnny, tal como Lisa havia feito algumas horas antes. Apoiando os cotovelos sobre a mesa, esfreguei os olhos com os cantos das mãos.

— Uma coisa horrível — disse Johnny.

— É.

— Não devia ter acontecido.

— Não.

— E não precisava ter acontecido. Não dessa forma.

— É.

— Ele não precisava ter aceitado aquela corrida. Era a última da noite, mas ele não precisava. Tinha faturado bastante ontem.

— O quê? — perguntei, olhando para ele com uma careta que era raivosa em seu atordoamento.

— O acidente de Prabaker — disse ele.

— O quê?

— O acidente — repetiu ele.

— Que... acidente?

— Ai, meu Deus, Lin, pensei que você já soubesse — disse ele, com o sangue lhe fugindo do rosto até sua garganta apertada. A voz falhou e os olhos se encheram de lágrimas. — Pensei que você soubesse. Quando vi seu rosto ainda agora, seu jeito, achei que você soubesse. Estou esperando por você há quase uma hora. Vim encontrá-lo assim que saí do hospital.

— Hospital... — repeti estupidamente.

— O hospital St. George. Ele está na UTI. A operação...

— Que operação?

— Ele se machucou... se machucou muito, Lin. A operação foi... ele ainda está vivo, mas...

— Mas o quê?

Johnny caiu em prantos e só conseguiu recuperar o controle depois de respirar fundo algumas vezes e cerrar o queixo com um esforço tremendo.

— Ele pegou dois passageiros já muito tarde. Para falar a verdade, eram quase três da manhã. Um homem e a filha, que queriam ir para o aeroporto. Havia um carrinho de mão na estrada. Você sabe como esses caras resolvem pegar atalhos à noite, na estrada principal. É proibido, mas eles fazem isso, *yaar*, para encurtar os quilômetros empurrando aqueles carros pesados. O carrinho estava cheio de aço para construção. Pedacos compridos. Os donos perderam o controle na colina. Escapou das suas mãos e a coisa toda desabou na frente do táxi. Uma parte do aço atravessou a janela. O homem e a mulher no banco traseiro morreram na hora. As cabeças foram cortadas. Completamente cortadas. Prabaker foi atingido no rosto.

Ele voltou a chorar e estendi a mão para confortá-lo. Turistas e fregueses das outras mesas olharam de relance para nós, mas rapidamente desviaram os olhos. Quando se recuperou um pouco, pedi um uísque para ele, que o engoliu de uma vez, como Prabaker havia feito no dia em que o conheci.

— Como ele está?

— O médico diz que ele vai morrer com certeza, Lin — Johnny soluçou. — Perdeu toda a mandíbula. O aço a cortou inteiramente. Foi tudo embora, todos os dentes. Há um grande buraco, só um grande buraco, onde costumavam ficar a boca e a mandíbula. O pescoço está aberto. Não chegaram a botar ataduras no rosto dele, porque o tal buraco tem um monte de tubos e fios. Para mantê-lo vivo. Ninguém consegue dizer como ele sobreviveu naquele carro. Ficou preso por

duas horas. Os médicos acham que ele vai morrer esta noite. É por isso que tentei encontrá-lo. Ele tem ferimentos graves no peito, na barriga e na cabeça. Vai morrer, Lin. Ele vai morrer. Temos que ir lá.

Entramos na unidade de tratamento intensivo e encontramos Kishan e Rukhmabai sentados ao lado da cama, chorando nos braços um do outro. Parvati, Sita, Jeetendra e Qasim Ali estavam todos ali postados, em silêncio solene, aos pés da cama. Prabaker estava inconsciente. Uma série de máquinas monitorava seus sinais vitais. Tubos e fios de metais estavam colados no seu rosto — no que havia sobrado do seu rosto. Aquele sorriso grande, deslumbrante e solar havia sido arrancado dele. Havia simplesmente... desaparecido.

Em uma sala dos plantonistas, no térreo, encontrei o médico responsável por seus cuidados. Tirei um maço de notas de cem dólares do cinto e lhe ofereci, pedindo para me manter informado. Ele não quis aceitar. Não havia esperança, explicou. Prabaker tinha horas, talvez apenas minutos, de vida. Foi por isso que ele havia permitido que a família e os amigos ficassem a seu lado. Não havia nada a fazer, disse ele, além de esperar e assistir à sua morte. Voltei ao quarto de Prabaker e entreguei o dinheiro a Parvati, junto com tudo que havia recebido pelo meu último trabalho.

Encontrei um banheiro no hospital e lavei o rosto e o pescoço. Os cortes e as feridas no meu rosto enchiam minha cabeça dolorida com lembranças de Abdullah. Não podia suportar tais pensamentos. Não aguentava a imagem do meu corajoso amigo iraniano, cercado por tiras, atingido até seu corpo estar destroçado e ensanguentado. Olhei no espelho, sentindo a queimadura ácida das lágrimas. Dei tapas em meu rosto para me manter desperto e voltei para o andar onde Prabaker se encontrava.

Fiquei com os outros, ao pé da cama, por três horas. Exausto, comecei a cochilar e tive de admitir que não conseguia mais ficar acordado. Em um canto relativamente tranquilo, juntei duas cadeiras contra a parede e dormi. Fui engolido por um sonho quase na mesma hora. O sonho me levou a Sunder. Eu flutuava nas ondas murmurantes de vozes naquela primeira noite na aldeia, quando o pai de Prabaker pôs a mão em meu ombro e eu cerrei os dentes diante das estrelas. Quando acordei desse sonho, Kishan *estava* sentado ao meu lado com a mão em meu ombro. Nossos olhares se encontraram e nós dois soluçamos incontrolavelmente.

No final, quando era certo que Prabaker morreria e todos nós sabíamos disso, quando aceitamos que ele tinha de morrer, passamos quatro dias e quatro noites assistindo ao sofrimento de seu corajoso corpinho, ou do que restou dele, aquele quase Prabaker com sorriso amputado. Depois de dias e noites assistindo sua dor e seu tormento, comecei a querer que ele morresse, a desejar que isso acontecesse com todo o coração. Eu o amava tanto que, no final, encontrei um canto vazio em uma lavanderia, na qual a torneira não parava de pingar na pia de concreto, e caí de joelhos onde havia duas pegadas marcadas no cimento fresco. Implorei a Deus que o deixasse morrer. Então ele morreu.

No barraco que ele um dia dividiu com Parvati, Rukhmabai, a mãe de Prabaker, soltou os cabelos que lhe batiam nas coxas. Estava sentada na soleira, de costas para o mundo. O cabelo negro era uma cachoeira noturna. Ela cortou

tudo, com lâminas afiadas, bem rente à cabeça, e os longos fios despencaram como uma sombra que desaparecia.

A princípio, quando amamos alguém de verdade, nosso maior medo é de que a pessoa querida pare de nos amar. O que devemos temer, naturalmente, é que *nós* não paremos de amá-las, mesmo depois que morrem e desaparecem da Terra. Pois ainda o amo com todo o meu coração, Prabaker. Ainda o amo. E às vezes, meu amigo, o amor que sinto e não posso lhe dar esmaga meu peito e me impede de respirar. Às vezes, até hoje, meu coração se afoga numa tristeza que não conhece estrelas, nem risos, nem sono, sem a sua presença.

A HEROÍNA É UM TANQUE DE PRIVAÇÃO SENSORIAL para a alma. Ao flutuar no mar morto da droga, não há sensação de dor, arrependimento ou vergonha, nenhum sentimento de culpa ou sofrimento, nenhuma depressão e nenhum desejo. O universo adormecido entra em cena e envolve todos os átomos da existência. A imobilidade e a paz insensíveis dispersam o medo e o sofrimento. Os pensamentos ficam à deriva, como algas marinhas, e desaparecem em uma sonolência distante e acinzentada, imperceptíveis, indeterminados. O corpo sucumbe a uma letargia criogênica: o coração apático bate fraco e a respiração se reduz lentamente a sussurros aleatórios. O denso torpor do nirvana torna os membros mais pesados, e, cada vez mais profundamente, se desliza e escorrega para o alheamento, o barato perfeito e eterno.

Essa absolvição química tem um preço, como tudo mais no universo, que é a luz. A primeira luz que os viciados perdem é a dos olhos. O olhar de um drogado é tão desprovido de luz quanto o de uma estátua grega, quanto chumbo batido, ou um buraco de bala nas costas de um morto. Em seguida, apaga-se a luz do desejo. Os viciados matam o desejo com a mesma arma que aniquilam a esperança, o sonho e a honra: o porrete feito de sua necessidade. E, quando todas as outras luzes da vida desaparecem, a última que se perde é a do amor. Mais cedo ou mais tarde, no fundo do poço, o drogado prefere desistir da mulher que ama a ficar sem a droga. Mais cedo ou mais tarde, todo dependente de droga pesada se transforma em um demônio exilado.

Levitei. Flutuei, boiei no líquido da droga na colher, que era tão grande quanto uma sala. A jangada da paralisia provocada pelo entorpecente atravessou o pequeno lago na colher, e os jangadeiros que se cruzavam na minha cabeça pareciam guardar uma resposta, algum tipo de resposta, em sua simetria. Olhei para eles sabendo que a resposta estava lá e poderia me salvar. Então fechei meus olhos de chumbo batido mais uma vez e me perdi. Às vezes, eu despertava. Às vezes, ficava desperto o suficiente para querer mais entorpecimento. Às vezes, eu despertava o bastante para me lembrar de tudo.

Não houve sepultamento para Abdullah, pois não havia corpo para ser enterrado. O cadáver desaparecera durante o tumulto, assim como o de Maurício — completamente, como uma estrela resplandecente e exausta. Juntei-me aos outros para levar o corpo de Prabaker ao *ghat*, o crematório. Corri com eles pelas ruas. Acompanhei-os sob o fardo enfeitado de guirlandas com seu corpinho, repetindo os nomes de Deus, e observei enquanto queimava. Depois disso, a dor perambulava pelas vielas da favela e eu não consegui permanecer ali, com os amigos e os familiares que choravam por ele. Reuniram-se próximo ao local onde Prabaker havia se casado semanas antes. Restos da decoração do casamento ainda estavam pendurados nos tetos de alguns barracos. Falei com Qasim Ali, Johnny, Jeetendra e Kishan Mango, mas depois parti e fui para

Dongri. Tinha perguntas para Abdel Khader Khan: questões que rastejavam dentro de mim como as criaturas dentro da fossa de Hassaan Obikwa.

A casa perto da mesquita de Nabila estava fechada, trancada com pesados cadeados e completamente silenciosa. Ninguém no pátio da frente da mesquita ou nas lojas da rua sabia dizer quando ele partira ou quando retornaria. Frustrado e irritado, fui procurar Abdul Ghani. A casa estava aberta, mas os criados me disseram que ele havia saído da cidade de férias, e só deveria voltar em algumas semanas. Visitei a fábrica de passaportes e encontrei Krishna e Villu envolvidos no trabalho. Eles confirmaram que Ghani lhes deixara instruções e dinheiro para várias semanas de trabalho e avisara que estava tirando férias. Quando cheguei ao apartamento de Khaled Ansari, encontrei o segurança de plantão, que me disse que Khaled estava no Paquistão, e não fazia ideia de quando o amargo palestino estaria de volta.

Os outros membros do conselho da máfia de Khader também tinham desaparecido da mesma forma súbita e conveniente. Farid estava em Dubai. O general Sobhan Mahmoud, na Caxemira. Ninguém me atendeu à porta da casa de Keki Dorabjee, e todas as janelas tinham as persianas cerradas. Rajubhai, que nunca havia perdido um dia de trabalho na contabilidade em Fort, visitava um parente doente em Délhi. Até os gerentes e lideranças do segundo escalão estavam fora da cidade ou simplesmente inacessíveis.

Os que permaneciam, os negociantes de ouro, cambistas e contatos do ramo de passaporte em toda a cidade, foram bem-educados e simpáticos. Para eles, o trabalho parecia prosseguir no ritmo de sempre, com as mesmas atividades. Minhas próprias tarefas permaneciam idênticas. Esperavam por mim em todos os armazéns, centros de trocas, joalherias e outras bases do império de Khader. Havia instruções para mim com todos os negociantes de ouro, homens do câmbio e agentes que compravam e roubavam passaportes. Eu não sabia se isso era um elogio à minha capacidade — minha função se mantinha mesmo na ausência do conselho — ou se me consideravam tão insignificante no contexto geral que não merecia sequer uma explicação.

Fosse qual fosse o motivo, eu me sentia desesperadamente solitário na cidade. Havia perdido Prabaker e Abdullah, meus amigos mais próximos, na mesma semana, e sem eles perdera a referência no mapa psíquico que diz *Você está aqui*. A personalidade e a identidade pessoal funcionam um pouco como as coordenadas do mapa de ruas desenhado pelas interseções de nossos relacionamentos. Sabemos quem somos e nos definimos pelas referências às pessoas que amamos e por nossas razões para amá-las. Eu *era* o ponto no tempo e no espaço em que a violência selvagem de Abdullah se encontrava com a delicadeza feliz de Prabaker. À deriva e, de certa forma, com uma definição perdida por suas mortes, percebi com desconforto e surpresa o quanto também passara a depender de Khader e do conselho de chefes. Minhas interações com a maioria deles haviam sido circunstanciais, ao que me parecia, mas eu sentia a falta do conforto de suas presenças na cidade quase tanto quanto da companhia de meus amigos mortos.

E eu estava irado. Levei um tempo para compreender aquela raiva e

perceber que Khaderbhai era sua causa e seu alvo. Eu o culpava pela morte de Abdullah: por não o proteger e não o salvar. Não podia acreditar que Abdullah, o amigo querido, era o brutal e louco Sapna. Mas eu *estava* disposto a acreditar que Abdel Khader Khan tinha alguma ligação com Sapna e os assassinatos. Além do mais, sentia-me traído por sua deserção. Era como se ele houvesse me abandonado para enfrentar... tudo... sozinho. Era uma ideia ridícula, naturalmente, e bastante egocêntrica. A verdade era que centenas de homens de Khader continuavam a trabalhar em Bombaim e eu lidava com muitos diariamente. Mas ainda me sentia assim: traído e abandonado. Uma frieza, formada pela dúvida e pelo medo raivoso, começou a se espalhar dentro de mim, até a raiz do meu sentimento por Khan. Eu ainda o amava, ainda estava ligado a ele como um filho a um pai, mas ele não era mais meu herói reverenciado e sem máculas.

Um guerrilheiro *mujahedin* me contou certa vez que o destino nos fornece três professores, três amigos, três inimigos e três grandes amores na vida. Mas esses doze personagens costumam estar disfarçados e nunca podemos saber direito quem são antes de amá-los, abandoná-los ou lutar contra eles. Khader era um dos doze, mas seu disfarce era sempre o melhor. Naqueles dias de abandono e raiva, quando meu coração enlutado cambaleava em direção ao desespero, comeci a pensar nele como meu inimigo, meu amado inimigo.

E, de negócio em negócio, de crime em crime, dia a dia, minha vontade, determinação e esperança se dirigiram cambaleantes até o fundo do poço. Lisa Carter conseguiu o contrato com Chandra Mehta e Cliff de Souza. Para ajudá-la, participei da reunião em que o acordo foi fechado e assinei o contrato na condição de seu sócio. Os produtores consideravam importante meu envolvimento. Eu era seu salvo-conduto para o dinheiro sujo da máfia de Khader Khan — uma fonte que jorrava sem parar, praticamente inexaurível. Não mencionaram aquela ligação na época, mas foi um fator decisivo para que fechassem o negócio com Lisa. O contrato especificava que Lisa e eu forneceríamos *juvens figurantes* estrangeiros para três grandes estúdios. Os termos de pagamentos e comissões foram estipulados para os dois anos seguintes.

Depois da reunião, Lisa me acompanhou até a moto, estacionada na amurada da Marine Drive. Ficamos sentados no mesmo lugar onde Abdullah havia posto a mão no meu ombro, anos antes, quando o mar agitado tomava conta da minha cabeça. Estávamos sós, Lisa e eu, e a princípio conversamos como fazem as pessoas solitárias — em fragmentos de queixas e pedaços de conversas que já havíamos mantido conosco, sozinhos.

— Ele sabia que isso ia acontecer — disse ela, depois de uma pausa longa e silenciosa. — Foi por isso que me deu o dinheiro na maleta. Falamos sobre o assunto. *Ele* falou sobre o assunto; sobre ser assassinado. Você sabe da guerra no Irã? Da guerra contra o Iraque? Ele quase foi morto algumas vezes. Aquilo ficou na cabeça dele, tenho certeza. Acho que queria morrer, por ter fugido da guerra e deixado os amigos e a família para trás. No fundo, bem no fundo mesmo, acho que ele queria morrer daquele jeito.

— Talvez — respondi, contemplando a sublime indiferença do mar. — Karla

me disse, em certa ocasião, que todos nós tentamos o suicídio diversas vezes em nossas vidas e, mais cedo ou mais tarde, temos sucesso.

Lisa riu, porque eu a surpreendi com a citação, mas o riso se desmanchou em um longo suspiro. Ela jogou a cabeça para trás, para deixar que o vento brincasse com seus cabelos.

— O lance com Ulla — disse ela baixinho. — Aquilo está me matando, Lin. Não consigo tirar Modena da cabeça. Leio os jornais todos os dias, procurando encontrar alguma notícia sobre ele; talvez alguém o tenha encontrado ou coisa parecida. É esquisita... a história com Maurizio, sabe? Fiquei mal de pensar no assunto por muitas semanas. Eu chorava o tempo todo, quando andava na rua, lia um livro ou tentava dormir. Não conseguia comer nada sem ficar enjoada. Não conseguia parar de pensar no cadáver... e na faca... Como deveria ter sido quando Ulla enfiou a faca nele... Mas agora parece que ficou para trás. Ainda está ali, sabe? Lá dentro das minhas entranhas. Mas não me assusta mais. E até Abdullah... não sei se estou em estado de choque, de negação ou coisa parecida, mas não me permito... pensar nele. É como... como se eu *aceitasse* aquilo. Mas com Modena... só fica pior. Não consigo parar de pensar nele.

— Eu também o vejo — balbuciei. — Vejo seu rosto, e nem estive lá, naquele quarto de hotel. Não é bom.

— Eu deveria ter batido nela.

— Em Ulla?

— *Sim*, em Ulla!

— Por quê?

— Aquela... *vaca*... insensível! Ela o deixou ali, naquele quarto, amarrado. Ela criou problemas para você, para mim, e... Maurizio. Mas, quando nos contou sobre Modena, eu a abracei e a levei para o chuveiro, tomei conta dela como se tivesse acabado de me dizer que não tinha alimentado os peixinhos dourados do aquário. Eu deveria tê-la esbofetado, ou dado um soco no seu queixo, chutado sua bunda, qualquer coisa. E agora ela foi embora e eu ainda estou preocupada com Modena.

— Algumas pessoas são assim — disse eu, sorrindo diante da raiva dela, porque eu sentia a mesma coisa. — Sempre conseguem nos fazer sentir pena, por mais que pareça estúpido e nos irrita depois. São uma espécie de canário nas minas de carvão de nossos corações. Se pararmos de sentir pena delas quando afundam, ficamos encrencados. E, de qualquer maneira, eu não me envolvi porque queria *ajudá-la*. Eu queria ajudar você.

— Ah, eu sei, eu sei — suspirou. — Não é culpa de Ulla. De verdade. O Palácio virou a cabeça dela. Virou completamente. Todo mundo que trabalhou para Madame Zhou ficou desse jeito. Você deveria ter visto Ulla no passado, quando começou a trabalhar lá. Era maravilhosa, devo lhe dizer. E meio... inocente... De um jeito que nós não éramos mais, se é que você me entende. Eu *já* era meio maluca quando comecei a trabalhar lá. Mas aquilo também ferrou comigo. Nós... tínhamos... Fazíamos umas coisas bem esquisitas por lá...

— Você já me contou — disse eu, com delicadeza.

— Eu lhe contei?

— Sim.

— O que eu lhe contei?

— Você me contou... muita coisa. Na noite em que passei na casa de Karla para pegar minhas roupas. Fui com o menino, Tariq. Você estava bêbada e muito doída.

— E eu lhe falei sobre isso?

— Sim.

— *Meu Deus!* Não me lembro. Estava entrando em crise de abstinência. Foi a primeira noite, quando tentei largar a droga... quando *larguei* a droga. Mas me lembro do garoto... E lembro que você não quis transar comigo.

— Ah, eu *queria* muito.

Ela virou a cabeça rapidamente e nossos olhares se encontraram. Havia um sorriso nos lábios, mas um pequeno vinco marcava sua testa. Ela usava um *salwar kameez* vermelho. Sob a forte brisa marinha, a camisa de seda longa e larga colava em seus seios e nos contornos de seu corpo. Os olhos azuis cintilavam com coragem e outros mistérios. Ela exibia uma mistura de audácia, fragilidade e dureza. Tinha se libertado de uma vida que a asfixiava no Palácio de Madame Zhou e conseguira se livrar da heroína. Para salvar a vida de uma amiga e a sua própria, ajudara a matar um homem. Perdera seu amante, Abdullah, meu amigo, com o corpo destroçado e mutilado por balas. E estava tudo ali, dentro de seus olhos, no rosto magro, mais magro do que deveria ser. Estava tudo ali, se a gente soubesse o que e onde procurar.

— Afinal de contas, como você foi parar no Palácio? — perguntei. Ela teve um ligeiro sobressalto com a mudança de assunto.

— Não sei — suspirou. — Fugi de casa quando era criança. Não aguentava a minha família. Sai assim que pude. Depois de alguns anos, eu era uma adolescente viciada, que trabalhava nas ruas de Los Angeles e recebia surras mensais do cafetão do mês. Então apareceu um cara, um sujeito legal, tranquilo, solitário e delicado. Seu nome era Matt. Fiquei apaixonada. Foi meu primeiro amor de verdade. Era músico e já tinha visitado a Índia algumas vezes. Ele tinha certeza de que poderíamos juntar dinheiro para recomeçar nossas vidas se traficássemos drogas de Bombaim para os Estados Unidos. Disse que pagaria as passagens se eu concordasse em levar a droga. Quando chegamos aqui, ele desapareceu com tudo: nosso dinheiro, meu passaporte. Não sei o que aconteceu. Não sei se ele mudou de ideia, se encontrou outra pessoa para fazer o serviço ou se decidiu fazer tudo sozinho. Não sei. No final das contas... fiquei presa em Bombaim, completamente viciada em heroína, sem dinheiro e sem passaporte. Comecei a trabalhar em um quarto de hotel, me virando para sobreviver. Depois de alguns meses, apareceu um tira por lá e me disse que eu ia para a cadeia. Ia para uma prisão indiana... a menos que aceitasse trabalhar para uma amiga dele.

— Madame Zhou.

— Acertou.

— Mas me conte uma coisa: você chegou a *vê-la*? Chegou a falar com ela *pessoalmente*?

— Não. Quase ninguém fala com ela ou a vê, a não ser Rajan e o irmão dele. Karla a conheceu pessoalmente. Karla a odeia. Karla a odeia mais que... Nunca vi nada parecido na vida. É tanto ódio que ficou meio maluca, sabe? Pensa em Madame Zhou quase o tempo todo e vai pegá-la, mais cedo ou mais tarde.

— Foi por causa do que aconteceu com o amigo dela, Ahmed, e com Christina — murmurei. — Ela acha que Madame Zhou mandou matar os dois e se culpa por isso. Não consegue esquecer.

— É verdade! — ela respondeu espantada, com o rosto franzido e sorridente. — Ela lhe contou isso?

— Contou.

— É... — ela riu — impressionante! Karla nunca fala disso com ninguém. Estou falando sério, com *ninguém*. Mas, para falar a verdade, acho que *não* é tão surpreendente assim. Você realmente mexeu com ela. Sabe aquela época em que o cólera tomou conta da favela e tudo o mais? Ela falou daquilo várias semanas. Como se tivesse sido algum tipo de experiência mística, uma espécie de revelação transcendental. E falava muito de você. Eu nunca a vi tão... *inspirada*, acho eu.

— Quando Karla me convenceu a resgatar você do Palácio — perguntei sem olhar para ela —, foi por sua causa, ou foi apenas uma forma de acertar as contas com Madame Zhou?

— Você está querendo dizer que éramos apenas peças no joguinho de Karla, eu e você? É isso que está me perguntando?

— Algo do tipo.

— Acho que diria que sim, nós éramos. — Ela tirou a longa echarpe do pescoço e a segurou na palma da mão, olhando-a fixamente. — Ah, você sabe, Karla *gosta* de mim, tenho certeza disso. Ela me contou coisas que ninguém sabe, nem mesmo você. E gosto dela. E ela morou nos Estados Unidos, sabe? Foi criada lá e tinha uma relação com o lugar. Acho que fui a única americana que trabalhou no Palácio. Mas no fundo, bem no fundo, existia a guerra contra Madame Zhou. Acho que fomos manipulados, eu e você. Mas não importa, sabe? Ela me tirou dali... *você* me tirou dali, junto com ela, e estou superfeliz. Não importam quais eram as razões dela. Eu não a recrimino nem acho que você deveria.

— Eu não a recrimino — suspirei.

— Mas?

— Mas... nada. Não demos certo, Karla e eu, mas eu...

— Você ainda a ama?

Virei a cabeça para olhá-la, mas, quando seus olhos azuis se encontraram com os meus, mudei de assunto.

— Você voltou a ouvir falar de Madame Zhou?

— Nada.

— Não andou fazendo perguntas sobre você? Nada?

— Nada, graças a Deus. É estranho... Não odeio Madame Zhou. Não sinto nada por ela, de um jeito ou de outro, só sei que não quero me aproximar dela nunca mais. Mas eu *odeio* seu criado, Rajan. Quando se trabalha no Palácio, é

com ele que a gente tem que lidar e prestar contas. O irmão cuida da cozinha, mas Rajan é o responsável pelas garotas. E é um tremendo filho da puta, o tal Rajan. Ele anda por toda parte como se fosse um fantasma. Parece que tem olhos na parte de trás da cabeça. É a criatura mais assustadora do mundo, eu juro. Eu nunca vi essa tal de Madame Zhou. Ela fala com a gente pela grade de metal. Há pelo menos uma em cada cômodo e assim ela pode acompanhar o que está acontecendo, falar com as meninas e os clientes. É um lugar assustador, Lin. Preferia morrer a voltar para lá.

Houve outro silêncio. As ondas batiam contra as pedras e os seixos na base da amurada. As gaiotas voavam, atentas ao vento, em busca de sinais de coisas que rastejavam e se remexiam sob as pedras.

— Quanto ele deixou com você?

— Não sei muito bem — disse ela. — Nunca contei. É muita coisa. Setenta, oitenta mil. Bem mais do que levou Maurizio a retalhar Modena, sabe, e acabar morrendo. É uma loucura, não é?

— Você deveria pegar o dinheiro e dar o fora daqui.

— Essa é boa. Achei que tínhamos acabado de assinar um contrato de dois anos com Mehta e a produtora dele. Você sabe, o contrato que vai tirar nosso pé da lama.

— Foda-se o contrato.

— Calma, Lin.

— Foda-se o contrato. Você tem que dar o fora daqui. Não sabemos que diabos está acontecendo. Não sabemos por que Abdullah está morto. Não sabemos o que ele fez ou deixou de fazer. Se ele *não era* Sapna, então as coisas estão ruins. Se *era* Sapna, as coisas ficam muito piores. Você deveria pegar o dinheiro e simplesmente... ir embora.

— Ir para onde?

— Para qualquer lugar.

— Você vem?

— Não. Tenho que resolver uns problemas aqui. E estou... estou acabado, de certa forma. Mas você deve ir.

— Você não compreende, não é? — perguntou ela. — Não se trata do dinheiro. Se eu voltar agora, vou gastar boa parte dele aplicada em meu braço. Preciso ter mais do que grana. Estou tentando *construir* alguma coisa aqui, com cinema. E posso fazer isso aqui. Sou *alguma coisa* neste lugar. Sou alguém. As pessoas me olham quando ando pela rua, porque sou diferente.

— Você seria *alguém* aonde quer que fosse — disse eu, sorrindo para ela.

— Não ria de mim, Lin.

— Não estou brincando, Lisa. Você é uma garota bonita e tem bom coração. É por isso que as pessoas olham para você.

— Pode dar certo — insistiu ela. — Sinto isso lá no fundo. Não concluí meus estudos, Lin, e não sou inteligente como você. Não aprendi a fazer nada. Mas isso aqui... isso pode dar muito certo. Eu poderia, não sei... começar a produzir filmes, quem sabe, um dia. Eu poderia... fazer alguma coisa boa.

— Você é boa. Você vai fazer coisas boas aonde for.

— Não. Esta é a minha chance. Não vou voltar, não vou a *lugar nenhum*, até conseguir. Se não o fizer, se não *tentar*, tudo terá sido em vão. Maurizio... e tudo o mais que aconteceu terá sido por nada. Se eu partir, quero sair com a cabeça erguida e o bolso cheio de dinheiro que ganhei com meu próprio suor.

Olhei para o vento, sentindo o dia alternar entre o cálido e o fresco e mais uma vez cálido no meu rosto e nos meus braços, enquanto a brisa ia e voltava pela baía. Uma pequena frota de canoas de pescadores passou por nós, a caminho do refúgio arenoso próximo à favela. De repente me lembrei do dia da inundação, navegando pela entrada do hotel Taj Mahal e sob a cúpula imponente do monumento Porta da Índia. Lembrei-me da canção de amor de Vinod e da chuva na noite em que Karla veio para os meus braços.

E, fitando as ondas incessantes e eternas, recordei-me de tudo que perdera desde aquela noite tempestuosa: com a prisão, a tortura, a partida de Karla, a partida de Ulla, a partida de Khaderbhai e do conselho, Anand preso, Maurizio morto, Modena provavelmente morto, Rasheed morto, Abdullah morto e — não era possível — *Prabaker* também morto. E eu era um deles: caminhando, conversando e fitando as ondas agitadas, mas tão morto em meu coração quanto todo o resto.

— E você? — perguntou ela. Eu podia sentir seus olhos em mim e ouvir as emoções guardadas na sua voz: compaixão, carinho, talvez amor. — Se eu ficar, e eu vou ficar *com toda a certeza*, o que *você* vai fazer?

Encarei-a por um tempo, lendo as runas dentro de seus olhos azul-celeste. Então, deixei a amurada, segurei-a em meus braços e a beijei. Foi um longo beijo. Vivemos uma vida inteira naquele beijo: nós vivemos, amamos e envelhecemos juntos, depois morremos. Quando nossos lábios se afastaram, aquela vida que poderíamos ter tido se retirou de cena, transformando-se em uma faísca de luz que sempre reconheceríamos nos olhos um do outro.

Eu poderia tê-la amado. Talvez já a amasse um pouco. Mas às vezes a pior coisa que se pode fazer a uma mulher é amá-la. E eu ainda amava Karla. Eu amava Karla.

— O que *eu* vou fazer? — disse, repetindo a pergunta. Segurei os ombros dela com as mãos, mantendo-a na distância dos meus braços. Sorri. — Vou ficar *doidão*.

Fui embora sem olhar para trás. Paguei três meses de aluguel do meu apartamento e uma *baksheesh* considerável para o vigia do estacionamento e do prédio. Fiquei com um bom passaporte falsificado no bolso, guardei os demais e um monte de dinheiro em uma mochila e deixei-a, junto com a moto Enfield Bullet, sob os cuidados de Didier. Depois, peguei um táxi para a casa de ópio de Gupta-ji, perto da rua das Dez Mil Prostitutas, rua Shoklaji. Subi os desgastados degraus de madeira até o terceiro andar e entrei na jaula que os viciados constroem para si mesmos, uma barra de aço reluzente e afiada de cada vez.

Gupta-ji fornecia um grande cômodo com vinte colchonetes e apoios de cabeça de madeira para os fumantes de ópio. Para aqueles com necessidades especiais, reservava outros cômodos atrás desse salão. Passei por uma entrada bem pequena e entrei no discreto corredor que conduzia aos tais cômodos. Era

tão baixo que eu tinha que me curvar, quase engatinhando. O cômodo que escolhi tinha um catre com um colchão de paima, um tapete velho, um pequeno armário com portas de vime, um abajur com cúpula de seda e uma grande *matka* de barro cheia de água. As paredes em três lados eram feitas de esteiras de junco esticadas sobre molduras de madeira. A última parede, na cabeceira da cama, dava para a movimentada rua dos comerciantes árabes e muçulmanos, mas as persianas nas janelas estavam fechadas, por isso havia apenas pontos de luz do sol que atravessavam as frestas. Não havia teto. Em vez disso, viam-se ao alto pesadas vigas que se cruzavam e se juntavam para apoiar as telhas de barro. Passei a conhecer muito bem aquela vista.

Gupta-ji pegou o dinheiro e as instruções e me deixou sozinho. O quarto, tão perto do teto, era muito quente. Tirei a camisa e apaguei o abajur. O quartinho escuro era como uma cela de prisão à noite. Sentei-me na cama e as lágrimas vieram quase no mesmo instante. Eu já havia chorado em Bombaim antes. Tinha derramado lágrimas depois de conhecer os leprosos de Ranjit, quando o desconhecido lavou meu corpo torturado na prisão de Arthur Road, e com o pai de Prabaker, no hospital. Mas aquela tristeza e aquele sofrimento tinham sempre sido abafados: de algum modo, eu havia conseguido engolir a pior parte, a grande inundação de lágrimas. Mas ali, naquela pequena cela, com o peito dilacerado por causa da morte de Abdullah e Prabaker, eu perdi o controle.

As lágrimas, quando chegam para alguns homens, são piores do que surras. Esses indivíduos se ferem mais com soluços do que com botas e cassetetes. As lágrimas começam no coração, mas alguns de nós renegam o coração com tanta frequência, por tanto tempo, que quando ele fala não ouvimos apenas uma tristeza, mas centenas de mágoas. Sabemos que chorar é bom e natural. E que não é uma fraqueza, mas uma espécie de força. Apesar disso, o choro nos desenraíza do solo e desabamos como árvores caídas.

Gupta-ji me deu tempo. Quando finalmente ouvi o som de seus passos arrastados se aproximando da porta, sequei a tristeza do rosto e acendi o abajur. Ele me trouxe o que eu havia pedido — uma colher de metal, água destilada, seringas descartáveis, heroína e um maço de cigarros — e arrumou esses itens sobre a pequena cômoda. Uma garota o acompanhava. Chamava-se Shilpa e fora designada para ser minha criada, como ele informou. Era jovem, com menos de vinte anos, mas já marcada pela expressão melancólica da profissional. A esperança, pronta para rosnar ou submeter-se como um vira-lata surrado, vacilava em seus olhos. Mandeí os dois embora e preparei uma dose de heroína.

A dose ficou na seringa por quase uma hora. Coloquei a agulha junto a uma veia forte e saudável do braço por cinco vezes, só para tornar a afastá-la, sem aplicar. E, durante toda aquela hora escaldante, fitei o líquido na seringa. Lá estava ela. A droga da degradação. A maior de todas, a droga que havia me levado a cometer crimes estúpidos e violentos, que me pusera na cadeia, que me custara a família e as pessoas queridas. A droga do tudo e do nada: ela tira tudo e não lhe devolve nada. Mas o *nada* que fornece, o vazio insensível que proporciona, às vezes é tudo que se deseja.

Enfie a agulha na veia, retirei a gota de sangue que confirmava o pico perfeito e apertei o êmbolo até o final. Antes de tirar a agulha do braço, a droga transformou minha mente no Saara. Quente, seco, reluzente, sem forma, as dunas da droga abafaram todos os pensamentos e enterraram a civilização esquecida da minha cabeça. O calor também encheu meu corpo, acabando com milhares de dorezinhas, pontadas e desconfortos que suportamos e ignoramos todos os dias que ficamos caretas. Não havia dor. Não havia nada.

E então, com o deserto ainda na cabeça, senti meu corpo mergulhar e emergir em um lago sufocante. Teria se passado uma semana depois daquela primeira experiência? Um mês? Arrastei-me até a jangada e flutuei sobre o lago letal da colher, levando o Saara no meu sangue. E aquelas vigas, lá no alto: havia uma espécie de recado nelas, um recado sobre como e por que nossas vidas se encontram. Khader e Karla e Abdullah e eu. Nossas vidas se interligavam de uma maneira peculiar e profunda. Estava ali, nas vigas, a chave para o código.

Mas fechei os olhos. Lembrei-me de Prabaker. Lembrei que ele trabalhava muito e até tarde na noite em que morreu, pois era dono do táxi e patrão de si mesmo. Eu comprara o táxi. *Ele ainda estaria vivo se eu não tivesse comprado aquele táxi.* Ele era o camundongo que eu treinei e alimentei com migalhas na cela da prisão. O camundongo que havia sido crucificado. E às vezes a brisa de uma hora sóbria e nítida me trazia uma imagem de Abdullah no minuto que antecedeu sua morte, encurralado por seus matadores. Sozinho. Eu deveria ter estado lá. Estava com ele todos os dias. Eu deveria estar com ele. Os amigos não deixam os outros partirem assim — sozinhos com a morte e o destino. E onde estava seu corpo? E se ele fosse Sapna? Meu amigo, meu amigo querido, poderia ser um assassino cruel, insano e mutilador? O que Ghani me disse? *Pedaços do corpo esquarterjado de Madjid foram encontrados por toda a casa...* Poderia eu ter amado o homem que fez isso? O que significava ter uma parte pequena e insistente de mim que temia que ele fosse Sapna, e ainda assim o amava?

E mais uma vez disparei a bala de prata em meu braço e despenquei na jangada à deriva. E encontrei a resposta nas vigas. E tinha certeza de que compreenderia tudo com um pouquinho mais de droga, e um pouquinho mais, e um pouquinho mais.

Despertei e encontrei um rosto furioso, falando energicamente em uma língua que eu não compreendia. Era uma cara feia, uma careta, definida por rugas profundas que desciam em linhas curvas a partir dos olhos, do nariz e da boca. E o rosto tinha mãos, mãos fortes, e fui erguido por elas, retirado da jangada da minha cama e colocado sobre meus pés vacilantes.

— *Venha comigo!* — grunhiu Nazeer em inglês. — *Venha, agora!*

— *Foda-se...* — disse eu, lentamente, fazendo uma pausa para obter o efeito máximo. — *Foda-se.*

— *Você vem!* — repetiu ele. Sua raiva estava tão à flor da pele que o fazia estremecer e ele abriu a boca inconscientemente, deixando à mostra seus dentes de baixo.

— Não — disse eu, voltando para a cama. — *Você... vai!*

Ele me empurrou e me fez olhá-lo de novo. Havia muita força em seus

braços. Ele agarrou meus punhos com mãos que pareciam algemas de metal.

— *Agora! Venha!*

Eu tinha passado três meses no quarto de Gupta-ji. Foram três meses com heroína diariamente, comendo dia sim, dia não, e tendo como único exercício a pequena caminhada de ida e volta ao banheiro. Não sabia, mas havia perdido doze quilos — boa parte dos músculos do meu corpo. Estava magro, fraco e bestificado por causa das drogas.

— Tudo bem — disse eu, fingindo um sorriso. — Tudo bem. Por favor, me largue. Preciso pegar as minhas coisas.

Ele me soltou enquanto eu acenava para a mesinha onde estavam minha carteira, meu relógio e meu passaporte. Gupta-ji e Shilpa aguardavam no corredor. Juntei meus pertences e os coloquei nos bolsos, fingindo cooperar com Nazeer. Quando julguei ter chegado o momento correto, joguei-me sobre ele com um golpe de direita. Deveria ter acertado. Eu o teria acertado se estivesse saudável e sóbrio, mas errei completamente e perdi o equilíbrio. Nazeer deu um soco no meu plexo solar, bem embaixo do coração. Curvei-me, sem ar, desamparado, mas meus joelhos ficaram rígidos e as pernas não se dobraram. Ele ergueu minha cabeça e com a mão esquerda agarrou meu cabelo, afastou o punho direito, na altura do ombro, hesitou sobre a precisão da sua mira e enfiou um soco no meu queixo. Toda a força de seu pescoço, seus ombros e suas costas estavam naquele golpe. Vi os lábios de Gupta-ji fazerem um biquinho e os olhos se contraírem numa expressão de dor, e depois seu rosto explodiu em uma chuva de faíscas que deixou o mundo mais escuro do que uma caverna repleta de morcegos adormecidos.

Foi a única vez na minha vida em que me apagaram. Parecia que eu caía para sempre e que o chão se encontrava a uma distância infinita. Depois de um tempo, tive uma vaga consciência de movimentos, de estar flutuando no espaço e pensei: *Está tudo bem, é só um sonho provocado pelas drogas, vou acordar a qualquer minuto e tomar outra dose.*

Então caí mais uma vez, com um estrondo, na jangada. Mas a cama-jangada onde eu flutuara por três longos meses tinha mudado. De algum modo, estava diferente — lisa e macia. E havia um novo e maravilhoso aroma, um delicioso perfume. Era *Coco*. Eu conhecia muito bem. Era Karla. Era o perfume na pele de Karla. Nazeer havia me carregado nos ombros escada abaixo, até a rua, onde me jogou no banco traseiro de um táxi. Karla estava ali. Minha cabeça repousou em seu colo. Abri meus olhos para ver seu lindo rosto. E seus olhos verdes me encararam com compaixão, preocupação e algo mais. Cerrei os olhos e, na escuridão em movimento, eu soube o que era aquela outra coisa em seu olhar. Era repugnância. Ela sentia repugnância por minha fraqueza, por meu vício em heroína, pelo mau cheiro provocado por minha negligência e pela autoindulgência. Então senti suas mãos em meu rosto, e era como um choro. Seus dedos acariciando minhas bochechas eram lágrimas.

Quando o táxi finalmente parou, Nazeer me carregou por dois lances de escada com a mesma facilidade com que teria levado um saco de farinha. Recuperei a consciência enquanto ainda estava caído sobre seu ombro, olhando

para Karla, que subia os degraus atrás de nós. Tentei sorrir para ela. Entramos em uma grande casa pela porta dos fundos, que se abria para uma cozinha. Depois da cozinha grande e moderna, chegamos a uma sala de estar gigantesca, com uma parede de vidro que dava para uma praia dourada e o mar cor de safira. Nazeer me tirou do ombro e me abaixou com mais delicadeza do que eu esperava sobre uma pilha de almofadas ao lado da parede de vidro. A última dose que eu havia injetado, pouco antes que ele me raptasse da casa de Gupta-ji, tinha sido grande. Grande demais. Eu estava grogue e a ponto de apagar. A necessidade de fechar os olhos e me render ao torpor tomou conta de mim em ondas quase irresistíveis, que me faziam submergir.

— Não tente se levantar — disse Karla, ajoelhando-se ao meu lado e lavando meu rosto com uma toalha úmida.

Eu ri, porque era a última coisa que me passava pela cabeça. Ao rir, senti de leve a dor na ponta do meu queixo e na articulação da minha mandíbula, apesar do torpor da droga.

— O que está acontecendo, Karla? — perguntei, ouvindo minha voz falhar até se transformar em um gorjeio desafinado enquanto eu falava. Três meses de completo silêncio e de torpor haviam distorcido minha fala com lapsos de disritmia e gaguejos. — O que você está fazendo aqui? O que *eu* estou fazendo aqui?

— Você achou que eu ia deixá-lo naquele lugar?

— Como você soube? Como me encontrou?

— Seu amigo Khaderbhai o encontrou. Pediu que eu o trouxesse para cá.

— Ele pediu a *você*?

— Sim — disse ela, fitando meus olhos com tal intensidade que cortava o barato, como a luz do sol que penetra pela névoa do amanhecer.

— Onde ele está?

Ela sorriu, e o sorriso era triste porque fiz a pergunta errada. Agora sei disso. Não estou mais chapado. Aquela foi a minha chance de saber toda a verdade, ou pelo menos tudo que ela sabia. Se eu tivesse feito a pergunta certa, ela teria me contado a verdade. Aquela era a força por trás do seu olhar tão intenso. Ela estava pronta para me contar tudo. Mas eu não havia feito a pergunta certa. Não perguntara sobre ela, mas sobre ele.

— Não sei — respondeu, erguendo-se com a ajuda das mãos para ficar de pé ao meu lado. — Ele deveria estar aqui. Acho que vai chegar logo. Mas não vou poder esperar. Tenho que ir.

— *O quê?* — Eu me sentei e tentei afastar a cortina da droga para vê-la, para falar com ela e mantê-la comigo.

— Preciso ir — repetiu, caminhando energicamente até a porta. Nazeer a esperava ali, os braços musculosos saltando do seu tronco amplo. — Não posso fazer nada. Tenho muitas coisas para resolver antes de partir.

— Partir? O que você quer dizer com *partir*?

— Vou sair de Bombaim mais uma vez. Tenho trabalho. É importante e... Bem, preciso fazê-lo. Estarei de volta dentro de seis ou oito semanas. Vejo você então, quem sabe.

— Mas isso é uma loucura. Não entendo. Se é para simplesmente me largar agora, você deveria ter me deixado *lá*.

— Olha só — disse ela, sorrindo com paciência. — Cheguei ontem e estou tentando não ficar. Não vou sequer passar no Leopold. Vi Didier esta manhã... ele manda lembranças, aliás. Mas é só. Não vou ficar por aí. Concordei em ajudar a acabar com o pequeno pacto suicida que você fez no Gupta-ji. Agora você está aqui, em segurança, e preciso ir.

Ela se virou e falou com Nazeer. Falavam em urdu e eu compreendia apenas uma entre três ou quatro palavras da conversa. Ele riu, ao ouvi-la, e virou-se para me olhar com o desdém habitual.

— O que ele disse? — perguntei-lhe quando ficaram em silêncio.

— Você não vai querer saber.

— Vou, sim.

— Ele acha que você não vai conseguir — respondeu ela. — Eu disse que você vai se desintoxicar na marra aqui e que ficará esperando pela minha volta dentro de alguns meses. Para ele, isso não vai acontecer. Diz que assim que a síndrome de abstinência bater, você vai sair correndo daqui para se picar. Fiz uma aposta que você consegue.

— Quanto você apostou?

— Mil paus.

— Mil paus — falei pensativo. Era uma bolada, naquelas circunstâncias.

— É. Todo o dinheiro que ele tem, todo o seu pé-de-meia. Está apostando tudo porque acha que você vai entregar os pontos. Diz que você é fraco. Que é por isso que se droga.

— O que você acha?

Ela riu, e era tão raro ver e ouvir seu riso que ingeri aquelas sílabas animadas, arredondadas, como se fossem alimento, bebida, ou uma droga. Apesar do barato e da doença, eu sabia perfeitamente que o maior tesouro e o maior prazer de minha vida estavam naquela risada, em fazer aquela mulher rir e sentir o riso de seus lábios borbulhando contra meu rosto e minha pele.

— Eu lhe disse que um homem bom é tão forte quanto a mulher ideal precisa que ele seja.

Então ela se foi. Fechei os olhos e, uma hora ou um dia depois, tornei a abri-los, encontrando Khaderbhai sentado ao meu lado.

— *Utma hain* — ouvi a voz de Nazeer dizer. *Ele acordou.*

Não acordei bem. Estava alerta e careta, sentindo necessidade de heroína. Tinha um gosto horrível na boca e meu corpo inteiro doía.

— Hummm — murmurou Khader. — Você já sente dor.

Tentei me apoiar nos travesseiros e olhei em volta. Entardecia e as sombras compridas da noite se arrastavam sobre a praia, atrás do vidro. Nazeer estava sentado em um pedaço do tapete próximo à entrada da cozinha. Khader usava calças largas, camisa e um colete-túnica dos *pathans*. As roupas eram verdes, a cor favorita do Profeta. Parecia mais velho, depois de poucos meses. Também estava mais em forma, mais calmo e determinado do que eu jamais o vira.

— Você está com fome? — perguntou ele quando o fitei, sem falar. — Quer

tomar um banho? Aqui você tem tudo. Pode se banhar sempre que quiser. Pode comer, temos muita comida. Pode trocar de roupa. Elas estão aqui para você.

— O que aconteceu com Abdullah? — quis saber.

— Você precisa melhorar.

— Porra, o que aconteceu com Abdullah? — berrei, com uma voz que falhava.

Nazeer me observava. Aparentava calma, mas eu sabia que ele podia saltar sobre mim a qualquer momento.

— O que você quer saber? — perguntou Khader com delicadeza, evitando me olhar e balançando a cabeça lentamente enquanto fitava o tapete entre seus joelhos cruzados.

— Ele era Sapna?

— Não — respondeu ele, virando-se para encarar a dureza do meu olhar. — Sei que as pessoas dizem isso, mas lhe dou minha palavra de que não era Sapna.

Soltei um suspiro profundo e exausto de alívio. Senti meus olhos arderem com as lágrimas e mordi minha boca para evitar que se derramassem.

— Por que *dizem* que ele era Sapna?

— Os inimigos de Abdullah fizeram a polícia acreditar nisso.

— Que inimigos? Quem são?

— Homens do Irã. Inimigos que vieram de seu país.

Lembrei-me da briga, da misteriosa briga. Abdullah e eu havíamos travado com um grupo de iranianos na rua. Tentei recordar outros detalhes daquele dia, mas não conseguia pensar além da culpa, da dor aguda do arrependimento de não ter perguntado a Abdullah quem eram aqueles homens e por que havíamos brigado.

— Onde está o Sapna *verdadeiro*?

— Está morto. Eu encontrei o sujeito, o Sapna de verdade. Agora ele está morto. Fizemos pelo menos isso pelo Abdullah.

Relaxe nas almofadas e fechei os olhos por um momento. Meu nariz começava a escorrer e a garganta estava irritada e fechada. Em três meses, consegui desenvolver uma extrema dependência — três gramas por dia de heroína branca tailandesa, da pura. A crise de abstinência estava se apossando de mim rapidamente, e eu sabia que ia passar duas semanas na ala disciplinar do inferno.

— Por quê? — perguntei-lhe, depois de um tempo.

— O que você quer dizer?

— Por que foi atrás de mim? Por que mandou esse tal de Nazeer me trazer para cá?

— Você trabalha para mim — respondeu ele, sorridente. — E, agora, tenho uma tarefa para você.

— Bem, infelizmente não estou em condições no momento.

Comecei a sentir cólicas estomacais. Grunhi e olhei para o outro lado.

— Claro — concordou ele. — Primeiro, precisa se recuperar. Mas depois, dentro de três ou quatro meses, você vai ser o homem certo para fazer essa tarefa para mim.

— Que... que tipo de tarefa?

— É uma missão. Uma espécie de missão sagrada, pode-se dizer. Você sabe andar a cavalo?

— *Cavalo?* Não sei nada sobre cavalos. Se puder ser de moto... quando eu melhorar, ou seja, se melhorar... pode contar comigo.

— Nazeer vai lhe ensinar a montar. Ele é, ou foi, o melhor cavaleiro em uma aldeia onde vivem os melhores cavaleiros da província de Nangarhar. Aqui perto temos estábulos com cavalos, e você pode aprender a montar na praia.

— Aprender a montar... — balbuciei, sem saber se estaria vivo dali a uma hora, ou duas, e se o pior ainda estava por vir.

— Ah, sim, Linbaba — disse ele, com um sorriso, enquanto esticava o braço e tocava meu ombro com a palma da mão. Assustei-me com o gesto e estremei, mas o calor da sua mão pareceu entrar em mim e fiquei quieto. — Você só vai conseguir chegar a Kandahar se for a cavalo, porque as estradas estão minadas e vêm sendo bombardeadas. Você vai ver, quando for com meus homens para a guerra no Afeganistão, que precisa aprender a montar.

— Afeganistão?

— Sim.

— O que cargas-d'água faz você pensar que eu vou para o Afeganistão?

— Não sei se você vai ou não — respondeu ele com o que parecia ser uma tristeza sincera. — Eu vou para lá. Para o Afeganistão, meu lar, que não vejo há mais de cinquenta anos. E estou convidando você, *lhe pedindo*, para ir comigo. A escolha é sua, naturalmente. É uma tarefa perigosa, com certeza. Não vou ficar desapontado se decidir não ir comigo.

— Por que eu?

— Preciso de um *gora*, um estrangeiro, sem medo de infringir um grande número de leis internacionais e que possa passar por americano. Vamos a um lugar onde existem muitos clãs rivais, e eles brigam entre si há centenas de anos. Têm uma longa tradição de invasões mútuas e de pilhar tudo o que podem nesses ataques. Apenas duas coisas os unem: o amor a Alá e o ódio aos invasores russos. Estão combatendo com dinheiro e armas dos americanos. Se eu tiver um americano comigo, vão nos deixar em paz e permitir nossa passagem sem nos molestar ou roubar mais do que o razoável.

— Por que você não arranja um americano... um de verdade, quer dizer?

— Tentei. Não consegui encontrar um que fosse louco o bastante para correr o risco. É por isso que preciso de você.

— O que vamos contrabandear nessa missão no Afeganistão?

— O que costuma ser contrabandeado para uma guerra: armas, explosivos, passaportes, dinheiro, ouro, peças de equipamentos e remédios. Vai ser uma viagem interessante. Se passarmos por esses clãs fortemente armados que adorariam levar o que nós temos, vamos deixar as mercadorias com uma unidade de guerrilheiros *mujahedin* que fazem um cerco a Kandahar. Estão lutando contra os russos nesse lugar há dois anos e precisam dos suprimentos.

Perguntas se retorciam em minha mente trêmula, centenas delas, mas a abstinência me dominava. Um suor frio e pegajoso, resultado dessa luta, banhou

minha pele. Quando finalmente vieram, as palavras eram apressadas e vacilantes.

— Por que  *você*  vai fazer isso? Por que  *Kandahar* ? Por que esse lugar?

— Os  *mujahedin* , os homens que estão cercando Kandahar, são meu povo, da minha aldeia. São também da aldeia de Nazeer. Estão em um  *jihad* , uma guerra santa, para expulsar os invasores russos de nossa pátria. Nós os ajudamos de muitas formas, até agora. Chegou o momento de ajudá-los com armas, e com meu sangue, se necessário.

Ele olhou para o meu rosto trêmulo, meus olhos injetados. Voltou a sorrir, apertando os dedos em meu ombro até que a dor daquele toque, o seu toque, era tudo que eu sentia por um momento.

— Primeiro você precisa se recuperar — disse ele, diminuindo a pressão dos dedos e tocando meu rosto com a palma da mão. — Que Alá esteja com você, meu filho.  *Allah ya fazak!*

Assim que ele saiu, fui ao banheiro. As cólicas estomacais me cortavam como as garras de uma águia, e depois revolviam meu intestino com ferrões de agonia. A diarreia me sacudiu com espasmos convulsivos. Eu me lavei, tremendo com tanta violência que meus dentes chegavam a bater uns nos outros. Olhei no espelho e vi meus olhos com pupilas tão dilatadas que a íris parecia completamente negra. Quando a luz volta, quando a heroína acaba e tem início a síndrome de abstinência, ela se precipita pelos canais negros dos olhos.

Com uma toalha enrolada na cintura, voltei para o salão principal. Eu estava magro. Encurvado, tremia e gemia involuntariamente. Nazeer me olhou de cima a baixo, com uma expressão de desprezo se formando em seu espesso lábio superior. Ele me entregou uma muda de roupas limpas. Eram cópias exatas dos trajes afegãos verdes de Khader. Eu me vesti, trêmulo, e perdi o equilíbrio algumas vezes. Nazeer me observava, com os punhos pousados na cintura. O ar de desdém vincava seu lábio como sulcos abertos de um marisco. Todos os seus gestos eram muito barulhentos e amplos, exagerados como uma pantomima, mas seus olhos escuros eram ferozes e ameaçadores. Subitamente percebi que ele me lembrava o ator do cinema japonês, Toshiro Mifune. Era uma caricatura muito feia de Mifune, com ares de ogro.

— Você conhece Toshiro Mifune? — perguntei a ele entre risadas desesperadas e doloridas. — Você conhece Mifune? Hein?

Como resposta, ele caminhou até a porta da frente e a abriu. Tirou algumas notas de cinquenta rúpias do bolso e as jogou no chão.

—  *Jaa, bahinchudh!*  — grunhiu, apontando a porta aberta.  *Saia, seu filho da puta!*

Cambaleei até a pilha de almofadas apoiadas na grande janela e desabei. Cobri-me com um cobertor, contorcendo-me com o flagelo da dor e das cólicas provocadas pela privação da droga. Nazeer fechou a porta da casa e assumiu seu lugar no tapete, sentando-se de pernas cruzadas, com as costas eretas, enquanto me observava.

Todos nós lidamos com a ansiedade e a pressão, em maior ou menor grau, com a ajuda do coquetel de substâncias químicas produzidas pelo corpo e

liberadas no cérebro. Entre as mais importantes está o grupo das endorfinas. As endorfinas são neurotransmissores peptídicos que têm a capacidade de aliviar a dor. A ansiedade, o estresse e a dor provocam uma reação das endorfinas, como um mecanismo natural para lidar com a situação. Quando tomamos opiáceos — morfina, ópio ou heroína, especialmente —, o corpo para de produzir endorfinas. Ao pararmos com as drogas, há um intervalo de cinco a catorze dias até que o corpo recomece o ciclo de produção de endorfinas. Nesse meio-tempo, no fundo do poço negro e torturante daquela semana ou duas sem heroína e sem endorfinas, aprendemos como de fato são a ansiedade, o estresse e a dor.

*Como é*, perguntou-me Karla certa vez, *a crise de abstinência de heroína?* Tentei explicar. Pense em todas as vezes na vida em que você ficou assustada de verdade. Alguém se esgueira por trás quando você acha que está sozinha e grita para assustá-la. Uma gangue de bandidos a cerca. Você despenca, num sonho, de uma altura enorme ou fica bem na beira de um abismo profundo. Alguém a segura debaixo d'água e, sem ar, você luta, briga para nadar até a superfície. Você perde o controle do carro e vê o muro se aproximando diante de seu grito mudo. Então some tudo isso, todos esses pavores, e sinta-os ao mesmo tempo, na mesma ocasião, hora após hora, dia após dia. E pense em todas as dores que já sentiu — a queimadura com óleo quente, o corte com um caco de vidro, o osso quebrado, a raladura no cascalho ao cair em uma estrada acidentada no inverno, as dores de cabeça, de ouvido e de dente. Some tudo, os chutes no saco, os piores e mais viscerais gritos de dor, e sinta-os todos ao mesmo tempo, hora após hora, dia após dia. Então pense em todas as angústias que já conheceu. Lembre-se da morte de uma pessoa amada, da rejeição de um amante. Recorde-se dos sentimentos de fracasso, vergonha e indizível remorso. Some tudo, todos os sofrimentos e as tristezas de partir o coração, e sinta tudo ao mesmo tempo, hora após hora, dia após dia. É assim. A síndrome de abstinência de heroína é a vida em carne viva.

Com a mente desprotegida, sem as endorfinas naturais do cérebro, o ataque da ansiedade enlouquece homens e mulheres. Todo viciado em crise de abstinência é louco. A loucura é tão intensa e cruel que alguns morrem por causa dela. E na insanidade temporária daquele mundo atormentado, esfolados, cometemos crimes. E, anos depois, se sobrevivemos e ficamos bem, a recordação lúcida daqueles crimes nos deixa infelizes, confusos e com nojo de nós mesmos, como homens e mulheres que, sob tortura, traem os companheiros e seu país.

Depois de dois dias e duas noites desse tormento, eu sabia que não conseguiria superar aquilo. A maior parte dos vômitos e da diarreia já havia passado, mas a dor e as angústias ficavam piores, bem piores, a cada minuto. Por trás dos gritos que percorriam meu sangue, havia uma voz calma e insistente: *Você pode acabar com isso... pode consertar isso... você pode acabar com isso... pegue o dinheiro... compre uma dose... acabe com essa dor...*

O catre de bambu e fibra de coco de Nazeer ficava na outra extremidade do salão. Cambaleei na sua direção, acompanhado de perto pelo robusto afeição, ainda sentado no tapete, perto da porta. Trêmulo, gemendo de dor, arrastei o

catre para perto da grande janela que dava para o mar. Arranquei um lençol de algodão e comecei a rasgá-lo com os dentes. Ele cedeu em alguns pontos e eu rasguei o algodão ao comprido, para cortar tiras de tecido. Com movimentos frenéticos, perto do pânico, joguei duas grossas colchas bordadas sobre as cordas da cama para fazerem as vezes de colchão e me deitei. Usando duas tiras, amarrei meus tornozelos na cama. Com uma terceira, prendi meu pulso esquerdo. Então me deitei e virei a cabeça para olhar Nazeer. Eu segurava a tira restante e lhe pedia com os olhos para amarrar meu braço direito. Foi a primeira vez que nos olhamos com franqueza.

Ele se levantou do quadrado no tapete e caminhou em minha direção, mantendo o olhar. Pegou a tira de pano da minha mão e amarrou meu pulso direito na moldura da cama. Um grito aprisionado de pânico escapou da minha boca aberta, e mais outro. Mordí minha língua, cortando a carne nas laterais até o sangue escorrer por meus lábios. Nazeer acenou lentamente. Ele arrancou mais uma tira grossa do lençol e a enrolou como um saca-rolhas. Enfiou-a entre meus dentes e amarrou a mordança por trás da minha cabeça. E eu mordí o rabo do diabo. E gritei. E virei a cabeça para ver meu próprio reflexo amarrado à noite, na janela. E, por algum tempo, fui Modena, esperando, observando e gritando com o olhar.

Fiquei amarrado naquela cama por dois dias e duas noites. Nazeer cuidou de mim com carinho e constância. Estava sempre ali. Todas as vezes que abria os olhos, sentia sua mão áspera na minha testa, enxugando o suor e as lágrimas nos meus cabelos. Sempre que os relâmpagos da dor me faziam retorcer uma perna, um braço ou o estômago, ele estava ali, massageando, aquecendo o ponto da dor. Toda vez que eu gemia ou gritava, com a mordança na boca, ele me fitava nos olhos, encorajando-me a resistir e vencer. Ele tirava a mordança quando eu engasgava com um pouco de vômito ou quando meu nariz entupido não me deixava respirar, mas era um homem forte e sabia que eu não queria que meus gritos fossem ouvidos. Quando eu fazia um sinal com a cabeça, ele substituí-a mordança e a prendia com força.

E então, quando percebi que eu estava forte o suficiente para ficar ou franco demais para partir, fiz um sinal para Nazeer, piscando os olhos, e ele tirou a mordança pela última vez. Desamarrou, uma a uma, as tiras nos meus pulsos e tornozelos. Trouxe-me um caldo feito com frango, cevada e tomate, sem tempero algum além do sal. Foi a coisa mais nutritiva e saborosa que experimentei na vida. Ele me deu na boca, uma colherada após outra. Depois de uma hora, quando terminei de comer a pequena tigela, ele sorriu para mim pela primeira vez, e aquele sorriso foi como a luz do sol nos rochedos à beira-mar, depois de uma chuva de verão.

A síndrome de abstinência pode durar duas semanas, mas os cinco primeiros dias são os piores. Se você consegue atravessar esses cinco dias, se consegue rastejar até a sexta manhã sem drogas, sabe que ficou limpo e que vai conseguir vencer. Nos oito ou dez dias seguintes, você se sente melhor e um pouco mais forte a cada hora. As câibras diminuem, a náusea passa, a febre e os calafrios se dissipam. Depois de algum tempo, a pior parte é simplesmente não conseguir dormir. A gente se deita na cama à noite, revirando-se para um lado e para o

outro sem encontrar posição, e o sono nunca chega. Naqueles últimos dias de longas noites, eu me tornei um Baba de Pé: não me sentava nem me deitava dia e noite, até que a exaustão me derrubava e eu caía no sono.

E a crise passa e a gente sobrevive à mordida de cobra do vício em heroína como o sobrevivente de qualquer desastre: atônito, ferido para sempre e feliz por estar vivo.

Nazeer considerou minhas primeiras piadinhas sarcásticas, doze dias depois, um sinal para começar meu treinamento. A partir do sexto dia, passei a caminhar com ele como forma de fazer um exercício leve e respirar ar puro. O primeiro desses passeios foi lento e hesitante e eu voltei para casa depois de quinze minutos. No décimo segundo dia, caminhei toda a extensão da praia, na esperança de me cansar a ponto de dormir. Finalmente ele me levou ao estábulo onde ficavam os cavalos de Khader. Era um abrigo para barcos que fora adaptado e ficava a um quarteirão da praia. Os cavalos eram treinados para atender cavaleiros iniciantes e levavam turistas para passear na praia na alta temporada. O cavalo branco e a égua cinza eram animais grandes e dóceis. Nós os pegamos com o administrador do estábulo e os levamos para a praia plana, de areia dura.

Não há animal no mundo com um senso mais acurado para a paródia do que o cavalo. Um gato pode fazer você parecer desajeitado; um cão talvez o deixe com cara de estúpido, mas só um cavalo pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo. E então, com apenas um abanar de rabo ou uma pisada em seu pé, ele deixa a gente saber que fez tudo de propósito. Algumas pessoas sabem no primeiro contato que vão cavalgar bem, em harmonia com o animal. Não sou um desses. Uma amiga minha tem um estranho efeito antimagnético sobre as máquinas: os relógios param de funcionar em seu pulso, os rádios começam a sofrer interferências e as fotocopiadoras entram em pane quando ela se aproxima. Meu relacionamento com cavalos é parecido.

O corpulento afegão juntou as mãos a fim de me impulsionar para montar no animal castrado, fazendo sinais com a cabeça para eu subir e piscando para me encorajar. Eu pus o pé em suas mãos e saltei sobre o cavalo branco, mas no mesmo instante em que me sentei nas costas daquela criatura até então tão tímida e bem-treinada, ela me derrubou com uma empinada prodigiosa. Voei sobre o ombro de Nazeer e aterrissei na areia com um baque. O cavalo galopou pela praia sem mim. Nazeer observou, boquiaberto. O animal só se acalmou e voltou para perto de mim quando ele catou um saco e colocou sobre sua cabeça.

Foi o início da lenta e relutante aceitação por parte de Nazeer do fato de que eu jamais passaria do pior cavaleiro que ele conhecia. O desapontamento deveria ter me lançado ainda mais profundamente no poço de seu desdém, mas, na realidade, desencadeou a reação oposta. Nas semanas que se seguiram, ele se tornou solícito, até mesmo carinhoso comigo. Para Nazeer, a minha absoluta falta de aptidão com cavalos era uma aflição terrível, tão lamentável quanto uma doença dolorosa e debilitante. E mesmo nos meus melhores momentos, quando conseguia permanecer alguns minutos sobre o animal e o convencia a fazer um círculo ao sacudir minhas pernas nas laterais e puxar as rédeas com ambas as mãos, minha falta de jeito o levava à beira de lágrimas.

De qualquer forma, insisti nas aulas e me exercitava todos os dias. Consegui fazer vinte séries de trinta flexões de braço com um minuto de repouso entre cada uma. Depois das flexões, fazia quinhentos abdominais, corria cinco quilômetros e nadava quarenta minutos no mar. Depois de quase três meses dessa rotina, estava em boa forma e forte.

Nazeer queria que eu adquirisse experiência cavalcando em terreno acidentado. Então combinei com Chandra Mehta visitas à área de montaria no rancho-estúdio de Film City. Muitos filmes tinham cenas de cavalaria. Os animais eram tratados por muitos homens que moravam nas vastas extensões de terreno acidentado e estavam de plantão para cenas de ação e para atuar com dublês. Os cavalos eram muito bem-treinados, mas, menos de dois minutos depois de Nazeer e eu termos montado nas éguas marrons que nos designaram, a minha me jogou numa pilha de potes de cerâmica. Nazeer assumiu as rédeas da minha montaria e sentou-se na sela, sacudindo a cabeça com enorme pesar.

— Ei, que truque incrível, *yaar!* — exclamou um dos dublês. Havia cinco deles montando em nossa companhia e todos riram. Dois saltaram dos cavalos para me ajudar.

Dois quedas depois, quando eu subia na sela, exausto, ouvi uma voz familiar. Olhei em volta e vi um grupo de cavaleiros. Na frente estava um vaqueiro que parecia Emiliano Zapata, com um chapéu preto pendurado nas costas por um cordão de couro.

— Eu *sabia* que era você! — berrou Vikram. Ele aproximou seu cavalo do meu e apertou minha mão calorosamente. Seus companheiros se juntaram a Nazeer e aos dublês e todos foram embora trotando, deixando-nos sozinho.

— O que *you* está fazendo aqui?

— Eu sou o *dono* deste lugar, cara! — Ele abriu bem os braços. — Bem, mais ou menos. Lettie comprou uma parte, em sociedade com Lisa.

— *Minha* Lisa?

Ele ergueu uma sobrancelha com ar curioso.

— *Sua* Lisa?

— Você entendeu.

— Claro — disse ele, sorrindo muito. — Ela e Lettie, sabe, estão cuidando da agência de figurantes, aquela que vocês começaram. E está dando certo, cara. Trabalham bem juntas. Decidi entrar no negócio também. Seu amigo, Chandra Mehta, me disse que havia uma cota disponível do estábulo. Puxa, tem *tudo* a ver comigo, você não acha?

— Ah, não tenho a menor dúvida disso, Vikram.

— Então entrei com uma parte do maldito dinheiro e agora venho aqui toda semana. Vou fazer uma figuração na porra de um filme amanhã! Venha me ver levando um tiro, irmão!

— É uma proposta tentadora — disse eu, rindo com ele. — Mas amanhã vou deixar a cidade por um tempo.

— Você vai partir? Por quanto tempo?

— Não sei exatamente. Um mês, talvez um pouco mais.

— Depois você volta?

— Claro. Guarde um vídeo da cena. Quando eu voltar, vamos ficar doidões e ver você sendo assassinado em câmera lenta.

— Ah! Feito! Vamos lá! Vamos cavalgar juntos, cara!

— Não, não! — berrei. — Nunca vou conseguir fazer este cavalo acompanhar você, Vikram. Sou o pior cavaleiro do mundo. Já caí deste aqui umas três vezes. Se conseguir *andar* com ele em linha reta, vou ficar feliz.

— Puxa, irmão Lin! Já sei o que vou fazer: vou lhe emprestar o meu chapéu. Nunca falha, cara. É um chapéu da sorte. Você está com dificuldade porque está sem chapéu.

— Não... não acho que o chapéu vai dar jeito, cara.

— A merda do chapéu é mágico, cara, juro para você.

— Você nunca me viu montando um cavalo.

— E você nunca usou esse chapéu. Ele pode resolver tudo. Além do mais, você é um *gora*. Não quero ofender sua brancura, *yaar*, mas esses cavalos são *indianos*. Precisam de um pouquinho do *estilo* indiano, só isso. Fale em híndi com eles, dance um pouquinho e você vai ver.

— Acho que não vai dar certo.

— *Claro* que vai. Vamos lá, desça daí e dance comigo.

— O quê?

— Venha cá e dance comigo.

— Não vou dançar para os cavalos, Vikram — declarei com toda a dignidade e sinceridade que pude reunir em uma sequência de palavras tão esquisita.

— Claro que vai! Desça daí agora e vamos dançar para fazer um pouquinho de mágica indiana. Os cavalos precisam *ver* o filho da mãe indiano e maneirola que existe dentro dessa fachada branca e bem-comportada, cara. Juro, eles vão adorar, e você vai montar como a porra do Clint Eastwood!

— Não quero montar como Clint Eastwood.

— Claro que quer — riu ele. — Todo mundo quer.

— Não vou fazer isso.

— Vamos lá.

— De jeito nenhum.

Ele desceu do animal e começou a puxar minhas botas para fora dos estribos. Exasperado, saltei e fiquei a seu lado, encarando os dois cavalos.

— Faça *assim*! — disse Vikram, sacudindo os quadris e começando uma sequência de dança do cinema. Ele começou a cantar, batendo as mãos no ritmo.

— Vamos lá, *yaar*! Solte um pouco dessa *Índia* que tem dentro de você. Não fique todo europeu para cima de mim.

Existem três coisas às quais nenhum indiano consegue resistir: um rosto bonito, uma música bonita e o convite para uma dança. Eu era indiano o bastante, da minha forma maluca e branquela, para dançar com Vikram, nem que fosse simplesmente por não suportar vê-lo dançar sozinho. Sacudindo a cabeça e rindo mesmo sem querer, entrei na dança. Ele me guiou, acrescentando novos movimentos até fazermos as voltas, os passinhos e os gestos em perfeita sincronia.

Os cavalos nos observavam com aquele ar peculiar aos equinos, que mistura

uma timidez espantada e um bufo de puro desdém. Mesmo assim, dançamos e cantamos para ele na vastidão verdejante das colinas, sob um céu azul tão seco quanto a fumaça de uma fogueira no deserto.

E, quando a dança acabou, Vikram falou com meu cavalo em híndi, deixando que ele farejasse o chapéu negro. Depois, entregou-me o chapéu e mandou que eu o usasse. Eu o coloquei na cabeça e montamos nas selas.

O diabo é que funcionou. Os cavalos aceleraram e, aos poucos, chegaram a um galope. Pela primeira e única vez em minha vida, eu quase pareci um cavaleiro. Durante quinze minutos, senti a exaltação, a sinergia destemida com o generoso animal. Segui Vikram de perto e voei sobre colinas íngremes, conquistei-as e depois me lancei morro abaixo contra lufadas de vento e arbustos esporádicos. Avançamos com facilidade pelos terrenos mais planos, então Nazeer passou a acompanhar nosso galope, com os outros cavaleiros. Por algum tempo, por um momento, fomos tão indomáveis e livres como só os cavalos podem nos ensinar a ser.

Eu ainda ria e tagarelava com Nazeer quando subimos a escada e entramos na casa na praia, duas horas depois. Atravessei a porta com um sorriso animado e encontrei Karla, em pé, perto da grande parede de vidro, fitando o mar. Nazeer a cumprimentou com uma afeição rude. Um sorrisinho de nada deixou a testa dele e chegou ao queixo, tentando se esconder por trás da cara feia. Ele pegou uma garrafa com um litro de água, uma caixa de fósforos e algumas folhas de jornal da cozinha e saiu da casa.

— Ele está nos deixando a sós — disse ela.

— Eu sei. Vai fazer uma fogueira na praia. Ele faz isso às vezes.

Fui até ela e a bejei. Foi um beijo rápido, quase tímido, mas com todo o amor do meu coração. Quando nossos lábios se afastaram, nós nos abraçamos, de frente para o mar. Depois de algum tempo, vimos Nazeer lá na praia, catando pedaços de madeira e trapos secos para fazer uma fogueira. Ele amassou o jornal entre os gravetos, acendeu o fogo e sentou-se ao lado dele, olhando para o mar. Não estava com frio. Havia uma brisa quente naquela noite. O fogo era para nos mostrar, ao cair da noite sobre as ondas ao sol do crepúsculo, que ele ainda estava ali, na praia. Que permanecíamos sozinhos.

— Gosto de Nazeer — disse ela, com a cabeça pousada em meu pescoço e meu peito. — Ele é muito gentil e tem bom coração.

Era verdade. Eu sabia disso. Havia descoberto finalmente, da forma mais difícil. Mas como *ela* podia saber aquilo se o conhecia tão pouco? Um dos meus piores defeitos, naqueles anos de exílio, era a incapacidade de enxergar a bondade nos outros. Nunca percebia a bondade que havia em um homem ou uma mulher antes de lhes dever mais do que poderia retribuir. Pessoas como Karla enxergavam a bondade de relance, enquanto eu fitava, fitava e geralmente não via nada além da cara feia ou do olhar amargo.

Observamos a praia, cada vez mais escura, e Nazeer, sentado ao lado da fogueirinha com as costas eretas. Uma das minhas pequenas vitórias sobre Nazeer, quando ainda estava fraco e dependia da sua força, foi com o idioma. Aprendi expressões em sua língua mais rápido do que ele as compreendia na minha. Minha fluência o obrigara a se comunicar comigo em urdu na maior

parte do tempo. Quando tentava falar inglês, as palavras saíam desajeitadas, com sílabas truncadas, repletas de significado e quase despidas de sentido. Eu zombava do seu inglês precário, exagerando minha confusão e exigindo que ele repetisse, que tropeçasse de uma frase enigmática para outra até me xingar em urdu e pachto e depois se calar.

Mas, para falar a verdade, seu inglês remendado era sempre eloquente, e muito parecido com uma poesia cadenciada. Era breve, com certeza, mas isso acontecia porque o supérfluo havia sido eliminado e o que permanecia era um idioma puro e preciso, só dele — um pouco mais que um slogan e menos que um provérbio. Contra minha vontade, e sem que ele soubesse, comecei a repetir algumas das suas expressões. Certa vez, enquanto escovava a égua cinza, ele me disse: *Todo cavalo bom, todo homem não bom*. Por muitos anos, quando via crueldade, traição e outros tipos de egoísmo, principalmente em mim mesmo, eu me pegava repetindo a frase de Nazeer: *Todo cavalo bom, todo homem não bom*. E naquela noite, apertando o coração de Karla contra o meu, ao ver a dança do fogo de Nazeer na areia, lembrei-me de outro de seus ditados em inglês. *Sem amor não é vida*, costumava dizer. *Sem amor não é vida*.

Prendi Karla em meus braços como se aquilo pudesse me curar, e não fizemos amor até que a última estrela da noite se iluminasse em nossa ampla janela para o céu. Suas mãos eram beijos na minha pele. Meus lábios abriram a folha encolhida de seu coração. Ela respirava em murmúrios, me guiando, e eu falava no mesmo ritmo dela, ecoando meus desejos. O calor nos uniu e nós nos envolvemos com tato, paladar e sons perfumados. Refletidos no vidro, éramos silhuetas, imagens transparentes — a minha cheia do fogo da praia, a dela cheia de estrelas. Afinal esses reflexos nítidos de nós se derreteram, se uniram e se fundiram.

Foi bom, muito bom, mas ela não disse que me amava em nenhum momento.

— Eu amo você — sussurrei, e as palavras saíam dos meus lábios para os dela.

— Eu sei — respondeu ela, recompensando-me e ao mesmo tempo sentindo pena. — Eu sei.

— Não preciso fazer esta viagem, você sabe.

— Por que *vai*?

— Não sei bem. Sinto... que devo lealdade a ele, a Khaderbhai, e ainda estou em débito, de alguma maneira. Porém é mais do que isso. É... você já teve a sensação, em relação a qualquer coisa, de que sua vida é uma espécie de *prelúdio* ou coisa parecida, como se tudo que você tivesse feito o conduzisse a este momento, e você soubesse, de alguma forma, que um dia chegaria ali? Não estou explicando bem, mas...

— Sei o que você quer dizer — ela me interrompeu depressa. — E, sim, já *senti* isso. Fiz uma coisa, certa vez, que foi a minha vida inteira, mesmo os anos que ainda não vivi, em um segundo.

— O que foi?

— Estávamos falando de você — ela me corrigiu, evitando meu olhar. —

Sobre não precisar ir para o Afeganistão.

— Bem — sorri —, como eu disse, não tenho que ir.

— Então não vá — disse ela, categórica, virando a cabeça para olhar a noite e o mar.

— Você quer que eu fique?

— Quero que fique em segurança. E... que seja livre.

— Não perguntei isso.

— Eu sei — suspirou.

Senti uma pequena inquietação em seu corpo, contra o meu, que dizia que ela queria se mover. Não me movi.

— Vou ficar — disse baixinho, lutando contra meu coração, sabendo que cometia um erro — se você disser que me ama.

Ela fechou a boca, apertou os lábios com tanta força que eles formaram uma cicatriz branca. Lentamente, célula a célula, seu corpo recolheu para dentro de si tudo o que havia me entregado momentos antes.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ela.

Eu não sabia. Talvez fosse a síndrome de abstinência, tudo o que eu tinha passado nos últimos meses, e a vida nova que eu sentia ter ganhado. Talvez fosse a morte — a de Prabaker, de Abdullah, a que eu temia secretamente me aguardar no Afeganistão. Não importava a razão, era estúpido, despropositado e até mesmo cruel, e eu não conseguia parar de desejá-la.

— Se você disser que me ama — repeti.

— Não amo — murmurou afinal. Tentei impedi-la com a ponta dos dedos sobre a boca, mas ela virou a cabeça para me encarar e a voz era forte e nítida. — Não amo. Não consigo. Não vou amar.

Quando Nazeer voltou da praia, tossindo e pigarreando bem alto para anunciar sua chegada, já tínhamos tomado banho e nos vestido. Ele sorriu — coisa rara, aquele sorriso — para mim e para ela. Mas a tristeza fria em nossos olhos fez seu rosto se fechar, e ele desviou o olhar.

Vimos Karla partir em um táxi, naquela longa e solitária noite antes de irmos para a guerra de Khader. Quando os olhos de Nazeer finalmente encontraram os meus, ele acenou com a cabeça, de modo lento e solene. Encarei-o por alguns momentos, mas então foi a minha vez de desviar os olhos. Não queria enfrentar a estranha combinação de dor e euforia que enxergava nele, porque sabia o que significava. Karla tinha partido, com certeza, mas havia um mundo inteiro de amor e beleza que fora perdido naquela noite. Como soldados da causa de Khader, precisávamos deixar tudo para trás. E o outro mundo, que outrora fora ilimitado com as possibilidades do que ainda poderíamos ser, encolhia-se a cada hora até interromper-se bruscamente como o disparo de um tiro.

NAZEER ME DESPERTOU antes do amanhecer e deixamos a casa quando os primeiros raios de luz rompiam a escuridão da noite. Ao sairmos do táxi, no aeroporto, vimos Khaderbhai e Khaled Ansari perto da entrada do terminal doméstico, mas os ignoramos. Khader havia preparado um itinerário complexo, que nos levaria de Bombaim a Quetta, no Paquistão, próximo à fronteira afegã, depois de quatro escalas. Fomos instruídos a parecer o tempo todo viajantes solitários e não interagir de forma nenhuma. Partíamos com ele para atravessar ilegalmente três fronteiras internacionais e interferir em uma guerra entre os *mujahedin*, do Afeganistão, e o poderoso Golias, a União Soviética. Ele planejava cada detalhe visando o sucesso da missão, preparando-se inclusive para um possível fracasso. Um de seus cuidados foi assegurar-se de que, se um de nós fosse morto ou capturado em algum momento, o rastro de ligações até Bombaim fosse tão impessoal quanto a machadinha de um alpinista.

Era uma viagem longa e começou silenciosa. Nazeer, como sempre seguindo estritamente as instruções de Khaderbhai, não proferiu sequer uma palavra no primeiro trecho, entre Bombaim e Karachi. Uma hora depois de termos nos registrado em quartos separados do hotel Chandni, porém, eu ouvi uma batida leve na porta. Antes que eu pudesse abrir metade da porta, ele entrou e a fechou. Os olhos arregalados revelavam um misto de empolgação e nervosismo, e seu comportamento era agitado, quase frenético. Fiquei incomodado e um tanto aborrecido com aquele medo evidente e pousei a mão em seu ombro.

— Calma, Nazeer. Você está me assustando, irmão, com essa inquietação.

Ele percebeu a condescendência por trás do meu sorriso, mesmo sem compreender de todo as palavras. Cerrou a mandíbula com ar decidido e impenetrável e franziu a testa energicamente. Tínhamos ficado amigos, Nazeer e eu. Ele abriu o coração para mim. Mas para ele a amizade era medida pelo que os homens fazem e suportam um pelo outro, e não pelo que compartilham e apreciam. Ficava confuso e até mesmo atormentado por eu quase sempre desdenhar de sua imensa seriedade. A ironia era que, na realidade, nós dois éramos igualmente sérios e circunspectos, mas a austeridade *dele* era tão extrema que me fazia esquecer minha sisudez e provocava um desejo infantil e brincalhão de zombar dele.

— Russos... em toda parte — disse ele, em voz baixa, mas com uma intensidade dura e áspera. — Russos... sabem de tudo... conhecem todos os homens... pagam para saber de tudo.

— Espiões russos? — perguntei. — Em Karachi...

— Em toda parte do Paquistão — assentiu, virando a cabeça para o lado, para cuspir no chão. Não sei se o gesto era de desdém ou superstição. — Perigo demais! Não converse com ninguém! Você vai... Casa Faloodah... Bazar Bohri... hoje... *saade char baje*.

— *Quatro e meia* — repeti. — Você quer que eu encontre alguém na Casa

Faloodah, no bazar Bohri às quatro e meia? É isso? Com quem devo me encontrar?

Ele me concedeu um pequeno sorriso sombrio e então abriu a porta. Espiou o corredor e saiu de modo tão furtivo e rápido quanto entrou. Olhei para o relógio de pulso. Uma hora. Eu tinha três horas pela frente. Para as missões de contrabando de passaporte, Abdul Ghani havia me presenteado com um cinto porta-dinheiro, criado com exclusividade por ele. O cinto era feito de vinil resistente, à prova d'água, bem mais largo que seus similares. Usado na barriga, podia guardar dez passaportes e uma boa quantidade de dinheiro. Naquele primeiro dia em Karachi, guardava quatro dos meus livros. O primeiro era britânico, e eu o havia usado para adquirir as passagens de avião e de trem e para me registrar no hotel. O segundo era um passaporte americano novinho, que Khaderbhai queria que eu utilizasse na missão no Afeganistão. Os outros dois, um suíço e um canadense, eram para situações de emergência. Havia também um fundo de dez mil dólares, pago adiantado, como parte da minha remuneração por aceitar a perigosa missão. Enrolei o grosso cinto em volta do corpo, sob a camisa, enfiei o canivete na bacia na parte de trás das calças e saí do hotel para explorar a cidade.

Estava quente, mais do que o normal no mês de novembro, e uma chuva ligeira e fora de estação havia deixado as ruas enevoadas com um vapor espesso. Naqueles dias, Karachi era uma cidade tensa e perigosa. Por vários anos, a junta militar que assumira o poder no Paquistão e executara Zulfikar Ali Bhutto, o primeiro-ministro eleito democraticamente, governara o país fomentando suas divisões internas. Eles haviam explorado os conflitos entre comunidades étnicas e religiosas, estimulando a violência. Incitavam os grupos étnicos nativos — em particular os síndis, *pachtuns* e punjabis — contra os imigrantes, conhecidos como *mohajirs*, que tinham se dirigido para a recém-fundada nação do Paquistão quando houve a separação da Índia. O Exército apoiava secretamente extremistas de grupos rivais com armas, dinheiro e uma criteriosa distribuição de favores. Quando os tumultos que haviam provocado e fomentado finalmente irromperam, os generais deram ordens para que a polícia atirasse. As manifestações raivosas contra a violência policial foram então contidas por tropas do Exército. Dessa forma, as forças armadas, cujas operações veladas haviam *criado* os conflitos sanguinolentos, passaram a ser vistas como a única força capaz de preservar a ordem e a lei.

À medida que os massacres e as retaliações sangrentas se sucediam com crescente brutalidade, sequestros seguidos de tortura se tornaram acontecimentos rotineiros. Fanáticos de um grupo capturavam partidários de outra facção e lhes infligiam tormentos sádicos. Muitos dos raptados pereceram naquele terrível cativeiro. Outros desapareceram e seus corpos jamais foram encontrados. E, quando um ou outro grupo se tornava forte o suficiente para ameaçar o equilíbrio desse jogo mortal, os generais incitavam conflitos violentos *no interior* do próprio grupo, para enfraquecê-lo. Os fanáticos então começaram a destruir os seus, assassinando e mutilando rivais que pertenciam a suas próprias comunidades étnicas.

Cada novo ciclo de violência e revanche garantia, naturalmente, que não importava o tipo de governo que surgia ou se dissolvia no país. Apenas o Exército seria fortalecido e poderia exercer um poder de fato.

Apesar da tensão dramática — e por causa dela —, Karachi era um bom lugar para fazer negócios. Os generais, que agiam como um clã mafioso sem a coragem, o estilo e a solidariedade que caracterizam os chefões com um nome a zelar no mundo do crime, haviam assumido o controle do país por meio da força. Mantinham toda a nação como refém sob a mira de muitas armas e pilhavam seu tesouro. Não demoraram a deixar claro para as grandes potências e países produtores de armas que as forças armadas do Paquistão queriam comprar. Os países civilizados reagiram com entusiasmo e durante anos Karachi recebeu comitivas de vendedores de armamentos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da China, da Suécia, da Itália e de outros países. Não menos empenhados na busca de negócios com a camarilha de generais estavam os representantes da ilegalidade — agentes do mercado negro, contrabandistas de armas, piratas e mercenários. Eles enchiam os cafés e os hotéis: estrangeiros de cinquenta países com o crime na cabeça e a aventura no coração.

De certa forma, eu era um deles, um aproveitador, tirando vantagens da guerra no Afeganistão como os demais, mas não me sentia à vontade em sua companhia. Durante três horas, vaguei do restaurante para o hotel e, em seguida, para uma loja de *chai*, sentando-me próximo ou mesmo com grupos de estrangeiros que procuravam dinheiro fácil. As conversas eram desanimadoras. A guerra no Afeganistão ainda tinha uns bons anos pela frente — era o que a maioria conjecturava animadamente. Era preciso admitir que os generais estavam sob considerável pressão. Havia boatos de que Benazir, filha do primeiro-ministro morto, planejava voltar ao Paquistão, depois do exílio em Londres, para liderar a aliança democrática que se opunha à junta. Mas, com um pouco de sorte e convívio, os oportunistas esperavam que o Exército permanecesse no poder por mais alguns anos, assim como os canais de corrupção solidamente estabelecidos.

A conversa tratava de *colheitas de dinheiro*, eufemismo para o contrabando e o comércio ilegal de mercadorias, que encontravam grande demanda em toda a fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão. Cigarros, especialmente os americanos, eram vendidos na passagem de Khyber por um valor dezesseis vezes superior ao já inflacionado preço de Karachi. Todo tipo de medicamento gerava lucros que aumentavam a cada mês. Havia uma incrível demanda por roupas de inverno, adequadas a climas nevados. Um contrabandista alemão, de espírito empreendedor, havia dirigido um caminhão Mercedes de Munique a Peshawar, lotado de sobras de uniformes do Exército alemão apropriados para as montanhas, incluindo roupas de baixo térmicas. Havia vendido tudo, até mesmo o caminhão, por cinco vezes o valor de compra. O comprador era um comandante militar afegão, favorecido pelas potências ocidentais e suas agências, entre as quais a CIA americana. Após a jornada de milhares de quilômetros, passando por Alemanha, Áustria, Hungria, Romênia, Bulgária, Turquia, Irã e Paquistão, as roupas não chegaram aos guerrilheiros *mujahedin* nas montanhas cobertas de

neve do Afeganistão. Foram armazenadas pelo comandante em Peshawar, para esperar o final da guerra. O traidor e seu pequeno exército acompanhavam o conflito na segurança de suas fortalezas no Paquistão. O plano era lançar um ataque de suas tropas depois que a verdadeira luta com os russos houvesse acabado e a guerra já estivesse vencida.

As notícias daquele novo mercado — um comandante com dinheiro da CIA e doido para comprar suprimentos a qualquer preço — agitavam a comunidade de oportunistas estrangeiros em Karachi. Ouvi a história do bem-sucedido alemão e de seu caminhão de uniformes em três versões ligeiramente diferentes ao longo daquela tarde. De forma febril, como acontece nas corridas do ouro, os estrangeiros transmitiam a história entre si, enquanto procuravam e fechavam negócios para o envio de enlatados, fardos de lã de carneiro, contêineres com peças de motor, um depósito cheio de fogareiros de segunda mão e estoques de todo tipo de armamento, de baionetas a lança-granadas. E por toda parte, em todas as conversas, eu ouvia o mesmo refrão sombrio e desesperado: *Se a guerra continuar por mais um ano, estamos feitos...*

Melancólico e atormentado por emoções contraditórias, entrei na Casa Faloodah, no bazar Bohri, e pedi uma de suas bebidas doces e multicoloridas. O *faloodah* era um preparado obscenamente doce feito com macarrão branco, leite, essência de rosas e outros xaropes adocicados. A Casa Firni, no bairro de Dongri em Bombaim, perto da casa de Khaderbhai, era mercedidamente famosa pelos deliciosos *faloodahs*, mas eles pareciam insípidos se comparados com as fabulosas criações servidas na Casa Faloodah, em Karachi. Quando um copo longo de leite adocicado nas cores rosa, vermelho e branco apareceu perto da minha mão direita, olhei para o garçom para agradecer e vi que Khaled Ansari carregava duas doses.

— Pela sua aparência, você precisa de algo mais forte do que isso, cara — disse ele, com um sorriso pequeno e triste, ao sentar-se ao meu lado. — O que está acontecendo? Ou, se for o caso, o que *não* está acontecendo?

— Não é nada — suspirei, retribuindo o sorriso.

— Vamos lá — insistiu ele. — Diga logo.

Examinei seu rosto sincero, aberto e com uma cicatriz e me ocorreu que Khaled me conhecia melhor do que eu o conhecia. Será que eu teria percebido o quanto *ele* estava transtornado, caso nossos papéis fossem trocados e *ele* houvesse entrado na Casa Faloodah com preocupações tão perturbadoras? Provavelmente não. Khaled costumava ser tão melancólico que eu não teria pensado duas vezes no assunto.

— Bem, acho que é apenas certa crise de consciência. Andei fazendo uma pesquisa, visitando alguns dos restaurantes e *chaikhanas*<sup>1</sup> de que você me falou, alguns lugares que os caras do mercado negro e os mercenários costumam frequentar. Achei bem deprimente. Há muita gente aqui que deseja que a guerra prossiga para sempre e está se lixando para quem mata ou morre.

— Estão ganhando dinheiro — deu de ombros. — Não é a guerra deles. Não espero que se importem. É como as coisas são.

— Eu sei, eu sei. Não é a história do *dinheiro* — franzi a testa, procurando as

palavras e não a emoção que as provocara. — É que... se quisermos definir uma mente doentia, doentia *pra valer*, será difícil encontrar uma pior que a de alguém que *deseja* que uma guerra, qualquer guerra, se *prolongue*.

— E você... se sente... meio *contaminado*... um tanto parecido com eles? — perguntou Khaled com delicadeza, olhando para o copo.

— Talvez. Não sei. Nem pensaria no assunto, se eu ouvisse as pessoas falarem desse jeito em outro lugar. Não me incomodaria se eu não estivesse aqui, fazendo exatamente a mesma coisa.

— Não é *exatamente* a mesma coisa.

— É, sim, quase a mesma coisa. Khader está me pagando. Portanto, ganho dinheiro com a situação, como eles. E faço contrabando de mais merda para abastecer uma briga de merda, como todos eles.

— E talvez você esteja começando a se perguntar que diabo está fazendo aqui...

— Isso também. Você acredita que eu não tenho a menor ideia? Honestamente, não sei que diabo estou fazendo aqui. Khader me pediu para ser seu *americano*, e é o que estou fazendo. Mas não sei o motivo.

Ficamos em silêncio por um tempo, bebendo e ouvindo os rumores e a agitação que nos cercavam na movimentada Casa Faloodah. Um grande rádio portátil tocava gazéis românticos em urdu. Eu podia ouvir conversas em três ou quatro idiomas, dos fregueses próximos. Não conseguia entender as palavras, nem sequer identificar quais línguas eram: balúchi, uzbeque, tajique, parse...

— Ótimo! — disse Khaled, usando uma colher comprida para levar o macarrão até a boca.

— É doce demais para o meu paladar — respondi, bebendo aquilo, de qualquer maneira.

— Algumas coisas *devem* ser doces demais — respondeu ele, com uma piscadela, enquanto sugava pelo canudo. — Se os *faloodahs* não fossem doces *demais*, não teriam graça.

Acabamos as bebidas e saímos para caminhar ao sol do final da tarde, fazendo uma pausa na entrada para acender os cigarros.

— Vamos sair em direções diferentes — balbuciou Khaled enquanto protegia com as mãos o fósforo que acendia meu cigarro. — Continue a andar por ali, rumo ao sul, por alguns minutos. Eu alcanço você. Não precisa se despedir.

Ele deu meia-volta e se afastou, caminhando na beira da rua, na faixa movimentada de pedestres entre a calçada e os carros.

Eu me virei e caminhei na direção oposta. Alguns minutos depois, na periferia do bazar, um táxi freou bruscamente ao meu lado. A porta de trás se abriu e sentei-me ao lado de Khaled. Outro homem se encontrava no banco dianteiro, ao lado do motorista. Tinha uns trinta e poucos anos, cabelo curto, castanho-escuro, que começava a rarear em uma testa larga e alta. Os olhos fundos eram de um castanho tão escuro que pareciam negros até a luz do sol atingir diretamente as íris e revelar tons terrosos se revolvendo lá dentro. Os olhos fitavam sem vacilar, com inteligência, sob sobrancelhas negras que praticamente se juntavam. O nariz era reto e descia até um lábio superior curto, uma boca

firme e determinada e um queixo arredondado. Era evidente que o homem havia se barbeado naquele dia, provavelmente pouco tempo antes, mas uma sombra negro-azulada escurecia a parte inferior do rosto, contornando as linhas bem-definidas da barba. Era um semblante expressivo, quadrado, simétrico, atraente em sua força e nas proporções, e não por nenhum traço marcante.

— Este é Ahmed Zadeh — anunciou Khaled, enquanto o táxi voltava a andar.  
— Ahmed, este é Lin.

Apertamos as mãos, segurando-as com a mesma franqueza e amabilidade. Seu rosto forte talvez parecesse severo, não fosse por uma expressão peculiar que o fazia estreitar os olhos ligeiramente e vincar o rosto quando sorria. Sempre que se concentrava ou não estava completamente descontraído, Ahmed Zadeh exibia uma expressão de quem procurava um amigo em meio a uma multidão de desconhecidos. Era uma expressão afável, que me fez gostar dele na mesma hora.

— Ouvi falar muito de você — disse ele, soltando minha mão e descansando o braço no assento dianteiro do táxi. Falava um inglês hesitante mas claro, com um sotaque melodioso do norte da África, que combinava francês e árabe.

— Espero que nem tudo tenha sido bom — disse eu, rindo.

— Você ia preferir que as pessoas falassem mal de você?

— Não sei. Meu amigo Didier diz que elogiar as pessoas pelas costas é terrivelmente injusto, pois elas não podem se defender das coisas boas que são ditas.

— *D'accord!* — gargalhou Ahmed. — Isso mesmo!

— Merda, isso me lembra de uma coisa — interrompeu Khaled, vasculhando os bolsos até encontrar um envelope dobrado. — Quase esqueci. Estive com Didier na noite anterior à sua viagem. Ele estava à sua procura. Como eu não podia dizer onde você se encontrava, ele me pediu para lhe entregar esta carta.

Peguei o envelope e guardei no bolso da camisa, para ler quando estivesse sozinho.

— Obrigado — balbuciei. — Então, o que está acontecendo? Para onde vamos?

— Para uma mesquita — respondeu Khaled com aquele sorrisinho triste. — Vamos pegar um amigo primeiro, depois nos encontraremos com Khader e outros caras que vão atravessar a fronteira conosco.

— Quantos caras?

— Uns trinta, eu acho, quando estivermos todos reunidos. A maioria já se encontra em Quetta ou em Chaman, perto da fronteira. Vamos partir amanhã: eu, você, Khaderbhai, Nazeer, Ahmed e outro cara, Mahmoud. É um amigo meu. Acho que você não o conhece. Vou apresentá-los dentro de alguns minutos.

— Somos uma versão reduzida das Nações Unidas, *non?* — Ahmed debochou. — Abdel Khader Khan, do Afeganistão, Khaled, da Palestina, Mahmoud, do Irã e você, da Nova Zelândia... Sinto muito, agora você é nosso *americano*. E eu sou da Argélia.

— E tem mais — acrescentou Khaled. — Um sujeito do Marrocos, um do Golfo, um da Tunísia, dois do Paquistão e um do Iraque. O resto é afegão, mas

de diferentes partes do Afeganistão e grupos étnicos diversos.

— *Jihad* — disse Ahmed, com um sorriso sombrio, quase assustador. — Guerra santa... esse é nosso dever sagrado: resistir aos invasores russos e libertar a terra muçulmana.

— Não deixe que ele comece com isso, Lin — gemeu Khaled. — Ahmed é comunista. Vai atacá-lo com Mao e Lênin em seguida.

— Você não se sente um pouco... comprometido? — perguntei, provocando a minha sorte. — Voltando-se contra um exército socialista?

— *Que tipo* de socialistas? — retorquiu, franzindo os olhos com mais fúria. — *Que tipo* de comunistas? Não me interprete mal... Os russos fizeram algumas coisas boas no Afeganistão...

— Ele tem razão nisso — interrompeu Khaled. — Construíram muitas pontes, todas as principais estradas e muitas escolas.

— E também represas para água potável e hidrelétricas... coisas boas. E eu os apoiei por isso. Mas, quando invadiram o Afeganistão para promover mudanças à força, eles jogaram fora todos os princípios em que supostamente acreditam. Não são marxistas e leninistas de verdade. Os russos são imperialistas, e eu os combati em nome de Marx, Lênin, Mao...

— E Alá — sorriu Khaled.

— Sim, e Alá — concordou Ahmed, exibindo um sorriso de dentes muito brancos e batendo na parte de trás do assento com a palma da mão aberta.

— Por que fizeram isso? — perguntei-lhe.

— Talvez Khaled possa explicar melhor — respondeu, passando a bola para o palestino, veterano de várias guerras.

— O Afeganistão é um prêmio — começou Khaled. — Não existem grandes reservas de petróleo, ouro, nem nada que as pessoas possam querer, mas ainda é uma grande recompensa. Os russos o desejam porque fica bem na sua fronteira. Tentaram o controle através da diplomacia, com pacotes de ajuda, programas de assistência e tudo o mais. Em seguida, fizeram seus homens chegar ao poder, num governo que não passava de um teatro de fantoches. Os americanos detestaram, por causa da Guerra Fria e daquela conversa fiada sobre se sentirem ameaçados, por isso desestabilizaram o lugar ao apoiar os únicos caras que estavam de fato irritados com as marionetes russas: os religiosos mulás. Aqueles barbudos tinham ficado fora de si diante das mudanças que os russos implementaram no país: permitiram que as mulheres trabalhassem, frequentassem a universidade e saíssem às ruas sem estarem completamente cobertas pela burca. Quando os americanos lhes ofereceram armas, bombas e dinheiro para atacar os russos, eles não perderam a chance. Depois de um tempo, os russos decidiram deixar as aparências para lá, e invadiram o país. Agora temos uma guerra.

— E o Paquistão — concluiu Ahmed Zadeh — quer o Afeganistão porque está crescendo muito rápido, rápido demais, e deseja a terra. Querem criar um grande país com a combinação de duas nações. E, por causa dos generais, o Paquistão pertence aos Estados Unidos. Assim, os Estados Unidos os ajudam. Estão treinando homens, guerreiros, em escolas religiosas, madraçais, em todo o

Paquistão. Os guerrilheiros são chamados de talibãs e vão entrar no Afeganistão quando ganharmos a guerra. E nós vamos ganhar a guerra, Lin. Mas a próxima, eu não sei...

Virei para a janela, e, como se isso fosse um sinal, os dois começaram a conversar em árabe. Ouvi o fluxo harmonioso e rápido de sílabas e deixei que meus pensamentos navegassem naquela música sibilante. Do lado de fora, as ruas ficavam menos organizadas, os prédios pareciam mais pobres e mal-conservados. Muitas das construções de barro e arenito eram moradias com apenas um andar. Embora evidentemente habitadas por famílias inteiras, pareciam inacabadas: foram ocupadas e utilizadas como abrigos tão logo erguidas.

Passamos por bairros inteiros compostos por essas construções precárias e apressadas — bairros-dormitórios montados para lidar com as imensas levas de imigrantes das aldeias em direção à cidade, que se expandia rapidamente. As ruas transversais e outras avenidas revelavam que a duplicação daquelas estruturas rudes se estendia até onde a vista podia alcançar, dos dois lados da via principal.

Depois de quase uma hora avançando lentamente por ruas insuportavelmente cheias, fizemos uma parada rápida para permitir que outro homem se juntasse a nós no banco traseiro. Seguindo as instruções de Khaled, o motorista deu meia-volta e retornou pelo mesmo caminho congestionado.

O recém-chegado era Mahmoud Melbaaf, um iraniano de trinta anos. À primeira vista sua fisionomia — de cabelos pretos e grossos, maçãs do rosto proeminentes, olhos da cor de uma duna ao crepúsculo — me lembrou tanto Abdullah, meu querido amigo morto, que chegou a doer. Não demorou muito e a semelhança se dissolveu. Os olhos de Mahmoud eram um pouco esbugalhados, os lábios, menos cheios, e o queixo era pontudo, como se tivesse sido feito para um cavanhaque. Na realidade, era um rosto muito diferente.

Mas, ao pensar tão claramente em Abdullah Taheri e sentir a dor lancinante da sua perda, compreendi parte do motivo que me levou até lá, com Khaled e os demais, numa jornada para a guerra de outra pessoa. Uma parte fundamental da minha prontidão em enfrentar os riscos de assumir a missão de Khader era a culpa que ainda sentia por ter deixado Abdullah morrer sozinho, cercado por armas. Eu me colocava em posição equivalente, cercando-me de armas inimigas. E no instante em que pensei aquilo, quando aquelas palavras até então não ditas apareceram no muro cinzento da minha cabeça — *desejo de morrer* —, eu rejeitei a ideia com um tremor que sacudiu toda a superfície da minha pele. E, pela primeira vez em todos os meses desde que concordara em trabalhar para Abdel Khader Khan, senti medo e soube que naquele momento minha vida não significava mais do que um punhado de areia que eu apertava dentro do meu punho cerrado.

Saltamos do carro a um quarteirão da mesquita Masjid-i-Tuba. Fizemos uma fila indiana, com vinte metros entre cada um de nós, chegamos à mesquita e tiramos os sapatos. Um *hadji* idoso cuidava dos sapatos enquanto murmurava o *zikkir* de meditação. Khaled enfiou uma nota dobrada na mão cheia de calos e

artrite do homem. Ao entrar na mesquita, ergui o olhar e soltei uma exclamação de surpresa e alegria.

O interior do templo era fresco e absolutamente limpo. Mármore e ladrilhos de pedra reluziam de pilares estriados, arcos de mosaico e vastas extensões de pisos decorados. Acima de tudo, o que chamava a atenção de modo irresistível era uma enorme cúpula de mármore branco. A cobertura espetacular tinha diâmetro equivalente a uns cem passos e era enfeitada por minúsculos espelhos reluzentes. Enquanto permaneci ali, boquiaberto diante daquela beleza, as luzes se acenderam e a grande superfície curva sobre nossas cabeças cintilou como o sol que bate em um milhão de cristas de ondinhas de um lago agitado pelo vento.

Khaled nos deixou imediatamente, prometendo voltar o mais rápido possível. Ahmed, Mahmoud e eu caminhamos até um caramanchão que dava vista para a cúpula e nos sentamos no lustroso piso de cerâmica. Ainda faltava algum tempo para a oração da noite — eu ouvira o chamado do muezim quando estávamos no táxi —, mas já havia muitos homens absortos em suas preces por toda a mesquita. Ao ter certeza de que eu estava bem-acomodado, Ahmed anunciou que aproveitaria a oportunidade para orar. Pediu licença e se encaminhou para a fonte. Com rosto, mãos e pés lavados de acordo com o ritual, ele retornou a um pequeno espaço aberto sob o domo e deu início a sua prece.

Eu o observei com uma pontinha de inveja diante da facilidade com que iniciava sua comunicação com Deus. Não sentia nenhuma necessidade de me juntar a ele, mas a sinceridade daquela meditação me fez sentir-me bem mais solitário, de alguma forma, sozinho com minha mente sem ligações.

Ele concluiu a oração e, enquanto caminhava de novo em nossa direção, Khaled voltou. Tinha um ar preocupado. Sentamos perto um do outro, com as cabeças quase tocando.

— Temos problemas — sussurrou. — A polícia passou no seu hotel.

— Os tiras?

— A polícia política — respondeu Khaled. — O ISI. O serviço secreto.

— O que queriam? — perguntei.

— Você. Todos nós. Fomos denunciados. Também passaram na casa de Khader. Vocês dois tiveram sorte. Ele havia saído e não conseguiram pegá-lo. O que trouxe do hotel? O que deixou lá?

— Estou com os passaportes, o dinheiro e a faca — respondi.

Ahmed sorriu para mim.

— Sabe, acho que vou gostar de você — sorriu ele.

— O resto está lá — prossegui. — Não é muita coisa. Roupas, objetos pessoais, alguns livros. É isso. Há também as passagens... as passagens de avião e de trem que comprei. Deixei-as na minha mala de mão. São as únicas coisas com meu nome. Tenho certeza.

— Nazeer pegou sua mala de mão e saiu do hotel um minuto antes de os tiras entrarem — disse Khaled, com um aceno de cabeça para me tranquilizar. — Mas foi tudo que ele conseguiu levar. O gerente é um dos nossos e avisou Nazeer. O importante é: quem contou para os tiras que estamos aqui? Só pode ser alguém do lado de Khader. Alguém de dentro, bem próximo. Não gosto disso.

— Não compreendo — murmurei. — Por que os tiras estão tão interessados

na gente? O Paquistão apoia o Afeganistão na guerra. Eles deveriam *querer* que a gente levasse coisas para os *mujahedín*. Deveriam nos *ajudar* a fazer isso.

— Estão ajudando *alguns* afegãos, mas nem *todos*. Os caras para quem vamos levar o material, os caras perto de Kandahar, são homens de Massoud. O Paquistão os odeia porque eles não vão aceitar Hekmatyar ou nenhum outro líder da resistência que seja pró-Paquistão. O Paquistão e os americanos escolheram Hekmatyar como próximo líder do Afeganistão, depois da guerra. Mas os homens de Massoud cospem sempre que ouvem seu nome.

— É uma guerra maluca — acrescentou Mahmoud Melbaaf em um murmúrio áspero e rouco. — Os afegãos lutam entre si há muito tempo, há milhares de anos. A única coisa melhor do que lutar entre si é lutar... como se diz... contra uma invasão. Vão vencer os russos, com certeza, mas continuarão a lutar.

— Os paquistaneses querem ter certeza de que vão ganhar a *paz*, depois que os afegãos vencerem a guerra — Ahmed disse em seguida. — Para eles não importa quem vai ganhar a guerra; querem controlar a paz. Se pudessem, levariam todas as nossas armas, nossos remédios e outros suprimentos para entregar a seus homens...

— Seus representantes — murmurou Khaled, com o sotaque nova-iorquino explodindo nas palavras sussurradas. — Ei, vocês estão ouvindo?

Prestamos atenção e ouvimos cantos e música vindos do lado de fora da mesquita.

— Eles começaram — disse Khaled, pondo-se de pé com leveza atlética. — Hora de ir.

Nós nos levantamos e saímos da mesquita para buscar os sapatos. Ao contornarmos o prédio na escuridão crescente, chegamos mais perto da cantoria.

— Já ouvi... Já ouvi esses cantos antes — eu disse para Khaled enquanto caminhávamos.

— Conhece os Cantores Cegos? — perguntou ele. — Ah, com certeza, é *claro* que conhece. Você estava lá em Bombaim com Abdel Khader quando eles cantaram para nós. Foi a primeira vez que vi você.

— Você estava lá naquela noite?

— Claro. Estávamos todos lá. Ahmed, Mahmoud e Siddiqi, que você ainda não conheceu. Muitos outros que estarão conosco nesta viagem. Estavam todos lá naquela noite. Foi nossa primeira grande reunião para esta missão no Afeganistão. Foi por isso que nos encontramos. Era o assunto da reunião. Você não sabia?

Ele riu ao fazer a pergunta, e seu tom era tão honesto e franco como sempre, mas as palavras vararam minha mente. *Você não sabia? Você não sabia?*

*Khader já planejava a viagem tanto tempo antes, pensei, naquela noite em que nos conhecemos.* Lembrei-me com absoluta clareza do salão enfumaçado onde os Cantores Cegos se apresentaram para uma plateia particular. Lembrei-me da comida e do haxixe que fumamos. Lembrei-me de alguns rostos conhecidos que encontrei naquela noite. *Será que todos estavam envolvidos na missão?* Lembrei-me de um jovem afegão que cumprimentara Khaderbhai com tamanho respeito,

curvando-se tanto que deixou à mostra a pistola que guardava entre as dobras da roupa.

Ainda pensava naquela primeira noite, ruminava as perguntas que não conseguia responder, quando Khaled e eu encontramos um grande grupo com centenas de homens, sentados de pernas cruzadas no chão de cerâmica do amplo pátio adjacente à mesquita. Os Cantores Cegos encerravam a canção e eles aplaudiam, gritando *Allah! Allah! Subhaan allah!* Khaled nos conduziu por entre a multidão até um ambiente relativamente abrigado, onde Khader estava sentado com Nazeer e muitos outros.

Quando nossos olhares se encontraram, Khaderbhai ergueu a mão, fazendo um gesto para que eu me juntasse a ele. Quando me aproximei, ele segurou minha mão e me puxou para baixo, para que me sentasse a seu lado. Várias cabeças se voltaram em nossa direção. Emoções conflitantes se atropelavam em meu coração atormentado: medo, por ser tão ostensivamente associado a Khader Khan, e uma onda de orgulho por ele ter chamado a mim, entre tantos outros, para sentar-se a seu lado.

— A roda acabou de concluir um ciclo completo — ele murmurou para mim, pondo a mão em meu antebraço e falando no meu ouvido. — Nós nos conhecemos, eu e você, com os Cantores Cegos, e agora vamos ouvi-los de novo, no momento em que começamos essa importante missão.

Ele lia meus pensamentos e, eu tinha certeza, o fazia intencionalmente: sabia muito bem o atordoante impacto de suas palavras. Senti uma súbita raiva dele, um ressentimento abrupto até mesmo com o toque de sua mão no meu braço.

— Você providenciou que os Cantores Cegos se apresentassem aqui? — perguntei-lhe, olhando para a frente, com um tom agressivo na voz. — Como planejou tudo desde a primeira vez que nos encontramos, não é?

Ele permaneceu em silêncio até que afinal me virei para encará-lo. Quando nossos olhares se encontraram, senti que uma lágrima estava prestes a rolar, e a controlei com um ranger de dentes. Deu certo, e meus olhos permaneceram secos, mas a mente estava em polvorosa. O homem de pele cor de canela e barba branca bem-aparada havia me usado e me manipulado, bem como a todos que conhecia, como se fôssemos escravos acorrentados. Porém, havia tanto amor em seus olhos dourados que, para mim, aquilo era a medida exata de algo pelo qual eu sempre ansiara nos recônditos do meu coração. O amor em seus olhos, que sorriam suavemente ao mesmo tempo que demonstravam preocupação, era o sentimento de um pai: o único amor paterno que tive oportunidade de conhecer.

— A partir deste momento, você fica conosco — sussurrou ele, ainda me encarando. — Não pode voltar ao hotel. A polícia tem uma descrição sua e vai continuar a procurá-lo. É culpa minha e você precisa me perdoar. Alguém próximo nos traiu. Não fomos capturados por sorte nossa e azar dele. Vai ser punido. Seu erro o denunciou. Sabemos agora quem é e o que deve ser feito a ele. Mas isso é para depois de nossa missão. Amanhã viajamos para Quetta. Precisamos permanecer lá por algum tempo. Quando chegar a hora, vamos atravessar a fronteira e entrar no Afeganistão. E a partir deste dia, enquanto permanecer no Afeganistão, sua cabeça vai estar a prêmio. Os russos pagam

bem pela captura de estrangeiros que ajudam o *mujahedin*. E temos poucos amigos por aqui, no Paquistão. Acho que precisamos providenciar alguns trajes regionais para você. Vamos vesti-lo como um rapaz da minha aldeia, um pachto, como eu. Sim, com um gorro para cobrir seus cabelos brancos e um *pattu*, um xale, para jogar sobre seus ombros largos e o peito. Você será meu filho de olhos azuis. O que acha?

O que eu achava? Os Cantores Cegos pigarrearam ruidosamente. O grupo começou a introdução de uma nova canção com o gemido plangente do harmônio e a paixão arrebatadora da tabla. Vi os dedos longos e esguios dos músicos baterem e acariciarem as superfícies trêmulas dos tambores e senti meus pensamentos se afastarem de mim na cadência da música. O governo do meu próprio país, a Austrália, havia posto minha cabeça a prêmio e recompensava as informações que levassem a minha captura. E ali, do outro lado do mundo, a mesma coisa voltava a acontecer. Mais uma vez, quando a dor e o enlevo desenfreados dos Cantores Cegos atravessavam a multidão de ouvintes; mais uma vez, enquanto os olhos da multidão reluziam com o êxtase de sua devoção; mais uma vez eu me rendi ao momento fatídico e senti que minha vida inteira girava junto com a roda.

Então me lembrei do bilhete em meu bolso: a carta de Didier, que Khaled me entregara no táxi duas horas antes. Envolvido por uma onda supersticiosa de coincidências, de histórias que se repetiam, fiquei desesperado para saber o que dizia a carta. Tirei-a do bolso e a segurei próximo aos olhos, sob a luz amarelada das lâmpadas acima de nossas cabeças.

Caro Lin,

Esta carta é para lhe dizer, *mon cher ami*, que descobri quem foi a mulher que o delatou à polícia e mandou que o prendessem e o surrassem de forma tão brutal. Que horror! Até agora, continuo desolado! Bem, a mulher que fez isso é Madame Zhou, dona do Palácio. Por enquanto, não descobri a razão para seus atos, mas, mesmo sem compreender seus motivos para fazer coisas tão terríveis com você, fontes confiáveis me garantem que esta é a verdade.

Espero notícias suas em breve.

Seu amigo,

Didier

Madame Zhou? Por quê? Enquanto fazia a pergunta dentro da minha cabeça, eu já havia encontrado a resposta. Subitamente me lembrei de um rosto me fitando com ódio inexplicável. Era Rajan, o criado eunuco de Madame Zhou. Lembrei-me de tê-lo visto no dia da inundação, quando resgatamos Karla do hotel Taj Mahal no barco de Vinod. E me lembrei do ódio mortal em seus olhos ao me ver com Karla e quando parti no táxi de Shantu. Mais tarde, na mesma noite, fui preso e a tortura começou. Madame Zhou tinha me punido por ousar desafiar-la, por me passar por funcionário do consulado americano, por levar Lisa Carter para longe dela e, sim, talvez por amar Karla.

Rasguei a carta em pedaços e guardei os fragmentos no bolso. Eu estava

calmo. O medo desaparecera. Ao final daquele longo dia em Karachi, eu sabia por que ia para a guerra de Khader e por que voltaria. Eu ia porque precisava do amor de Khaderbhai, o amor paterno que se derramava de seus olhos e preenchia uma ausência em minha vida. Quando tantos amores haviam se perdido — minha família, meus amigos, Prabaker, Abdullah, até mesmo Karla —, aquele olhar amoroso de Khader era tudo que me importava no mundo.

Parecia estúpido. Era estúpido ir para a guerra por amor. Ele não era santo nem herói, eu sabia disso. Não era sequer meu pai. Mas por nada além daqueles segundos de olhar amoroso, eu sabia que o acompanharia nesta guerra e em qualquer outra que ainda estivesse por vir. E não era uma estupidez maior que sobreviver apenas por ódio e para voltar e me vingar. Porque, em resumo, era simplesmente isto: eu o amava o bastante para pôr minha vida em risco e a odiava o suficiente para sobreviver e me vingar. E me vingaria, eu sabia, se resistisse à guerra de Khader: eu encontraria Madame Zhou e a mataria.

Cerrei minha mente em torno desses pensamentos como alguém que fecha a mão no cabo de uma faca. Os Cantores Cegos anunciavam as alegrias e as agonias de seu amor por Deus. Além de mim, à minha volta, os corações reagiam com enlevo aos cânticos. Khaderbhai virou a cabeça, fitou meus olhos e assentiu lentamente. Sorri para seus olhos dourados, repletos de minúsculas luzes oscilantes, segredos e os prazeres sagrados invocados pelos cânticos. E, graças a Deus, me senti satisfeito, sem medo e quase feliz.

---

1 Casa de chá. (*N. do E.*)

PASSAMOS UM MÊS em Quetta — um longo mês de espera, com as frustrações de falsas partidas. A demora foi provocada por um comandante *mujahedin* chamado Asmatullah Achakzai Muslim. Era o líder do povo Achakzai, na região de Kandahar, nosso destino final. Os Achakzai eram um clã de pastores de ovelhas e cabras, que originalmente integrava o clã dominante dos Durrani. Em 1750, o fundador do Afeganistão moderno, Ahmed Shah Abdali, separou os Achakzai dos Durrani e os estabeleceu como clã independente. Isso seguiu a tradição afegã, que permitia que um subclã se separasse quando atingisse determinado tamanho ou força. Também foi um reconhecimento por parte de Ahmed Shah, guerreiro astuto e pai da nação, de que os Achakzai representavam uma força a ser respeitada e apaziguada. Durante dois séculos, os Achakzai ampliaram sua posição e seu poder. Ganharam merecida reputação como guerreiros ferozes, e sabia-se que todos os integrantes do clã seguiriam o líder sem questionamentos. Durante os primeiros anos da guerra contra os russos, Asmatullah Achakzai Muslim transformou seus homens em uma milícia bem armada e disciplinada. Tornaram-se os líderes, em sua região, da luta pela independência: a *jihad* para expulsar os invasores soviéticos.

Perto do final de 1985, enquanto nos preparávamos em Quetta para entrar no Afeganistão, Asmatullah começou a vacilar em relação a seu compromisso com a guerra. A resistência na região de Kandahar dependia tanto de sua milícia que entrou em colapso quando ele retirou seus homens da linha de frente e começou negociações secretas com os russos e o governo de marionetes em Cabul. Outras unidades *mujahedin* que não estavam sob o controle de Asmatullah, como os homens de Khader nas montanhas ao norte da cidade, permaneciam em posição, mas estavam isoladas. Todas as rotas de fornecimento de suprimentos eram perigosamente vulneráveis aos ataques russos. A incerteza nos obrigou a esperar até que Asmatullah decidisse se continuaria o *jihad* ou mudaria de lado, passando a apoiar os russos. Ninguém podia prever que decisão ele tomaria.

Embora estivéssemos impacientes e agitados por conta da espera — que parecia interminável à medida que os dias se arrastavam e se transformavam em semanas —, aproveitei bem meu tempo. Estudava frases em parse, urdu e pachto e cheguei a aprender algumas palavras em dialetos tadjique e uzbeque. Cavalgava diariamente. Apesar de nunca eliminar meus gestos cômicos de balançar os braços e as pernas ao fazer os animais pararem ou se virarem na direção desejada, eu às vezes conseguia apelar saltando, em vez de ser jogado de costas no chão.

Todo dia lia livros de uma coleção esquisita e eclética fornecida pelo paquistanês Ayub Khan, o único integrante de nosso grupo nascido em Quetta. Por julgarem que era perigoso demais eu sair de nosso quartel-general em um rancho nos arredores da cidade, Ayub me trazia livros da biblioteca central. A biblioteca tinha um acervo obscuro e fascinante de livros em inglês, herança dos

tempos da colonização britânica. O nome da cidade, Quetta, vinha da palavra *kwatta*, que significa *forte* em pachto. A proximidade com a passagem de Chaman, rota para o Afeganistão, e com a passagem de Bolan, rota para a Índia, garantiu sua importância militar e econômica por um milênio. O velho forte foi inicialmente ocupado pelos britânicos, em 1840, mas eles foram obrigados a abandoná-lo após doenças se abaterem sobre a tropa e a resistência feroz dos afegãos minar a força colonial. Voltou a ser utilizado em 1876 e se tornou importante domínio britânico na região da fronteira noroeste da Índia. O Imperial Staff College, para militares na Índia britânica, foi estabelecido ali, onde cresceu um próspero centro comercial cercado por um espetacular anfiteatro natural formado pelas montanhas vizinhas. Um violento terremoto, no último dia de maio de 1935, destruiu a maior parte da cidade e matou vinte mil pessoas, mas Quetta foi reconstruída. Seus bulevares amplos e limpos e seu clima agradável tornaram a cidade um dos destinos turísticos mais populares do norte do Paquistão.

Para mim, limitado ao rancho, a principal atração da cidade era a seleção aleatória de livros trazida por Ayub. Com intervalos de poucos dias, ele aparecia na minha porta, com um sorriso esperançoso, e me entregava um embrulho cheio de livros, como se fosse um tesouro de uma escavação arqueológica.

E, assim, eu cavalgava durante o dia para me acostumar com o ar mais rarefeito a uma altitude de mil e quinhentos metros, e à noite lia diários e relatos de exploradores desaparecidos muito tempo atrás, edições esgotadas de clássicos gregos, volumes de Shakespeare com anotações excêntricas e uma tradução em *terza rima*, atordoante e apaixonada, da *Divina comédia*, de Dante.

— Alguns pensam que você é um estudioso de obras sagradas — disse-me Abdel Khader Khan, na entrada do meu quarto certa noite, depois de um mês em Quetta. Fechei o livro que lia e na mesma hora me levantei para cumprimentá-lo. Ele pegou minha mão e a segurou entre as suas, murmurando uma bênção. Como aceitou a cadeira que lhe ofereci, sentei-me em um banco a um metro de distância. Ele tinha um pacote embrulhado em camurça bege sob o braço. Colocou-o na minha cama e se recostou aconchegadamente.

— A leitura ainda é uma coisa um tanto misteriosa em meu país natal; causa um pouco de medo e muita superstição — disse Khader com ar cansado, passando a mão no rosto escuro. — Apenas quatro em cada dez homens sabem ler, e metade desse número, no caso das mulheres.

— Onde você aprendeu... tudo que sabe? — perguntei-lhe. — Onde aprendeu a falar inglês tão bem, por exemplo.

— Fui educado por um senhor inglês muito culto — riu ele mansamente, iluminando-se com as lembranças. — Assim como o pequeno Tariq foi educado por você.

Peguei dois cigarros de um maço, acendi-os com um fósforo e entreguei-lhe um.

— Meu pai era o líder de seu clã — prosseguiu Khader. — Era um homem rigoroso, mas também justo e sábio. No Afeganistão, os líderes se formam pelo mérito: são bons oradores, sábios administradores de dinheiro e corajosos, quando é necessário brigar. Não existe liderança hereditária, e o filho desprovido

de sabedoria, coragem ou habilidade para falar com seu povo pode ser substituído por alguém com mais capacidade. Meu pai desejava muito que eu o sucedesse e continuasse sua obra, que consistia em tirar seu povo da ignorância e garantir o bem-estar futuro. Um místico sufi, um santo que visitava a área quando nasci, disse a ele que eu me tornaria uma estrela brilhante na história do meu povo. Meu pai desejou isso de todo o coração, mas infelizmente eu não demonstrei nenhuma das aptidões necessárias a um líder, nem me interessei em obtê-las. Em resumo, fui uma tremenda decepção. Ele me mandou para a casa do meu tio, aqui em Quetta. E meu tio, na época um próspero comerciante, me deixou sob os cuidados de um inglês que se tornou meu preceptor.

— Que idade você tinha?

— Estava com dez anos quando deixei Kandahar e passei cinco anos como aluno do escudeiro Ian Donald Mackenzie.

— Deve ter sido bom aluno — comentei.

— Talvez — respondeu pensativo. — Na verdade, acho que o escudeiro Mackenzie era um professor muito bom. Anos depois, ouvi dizer que os escoceses são conhecidos por seus modos azedos e austeros. Alguns me contaram que eles são pessimistas, que preferem ver as coisas pelo lado sombrio. Se isso é verdade, em alguma medida, não revela que os escoceses também acham esse lado sombrio muito, muito engraçado. O escudeiro Mackenzie era um homem que ria com os olhos, mesmo quando estava me tratando com a maior severidade. Todas as vezes que penso nele, me lembro desse riso. E ele adorava Quetta. Adorava as montanhas e o ar frio no inverno. Tinha pernas grossas e fortes, feitas para subir as trilhas montanhosas, e ele vagava pelas colinas todas as semanas, muitas vezes apenas em minha companhia. Era um homem feliz, que sabia rir, e um grande professor.

— O que aconteceu quando ele parou de lhe dar aulas? — perguntei. — Você voltou para Kandahar?

— Voltei, mas não foi o retorno alegre que meu pai esperava. Veja bem, um dia depois de Mackenzie deixar Quetta, eu matei um homem, no bazar, em frente ao armazém do meu tio.

— Com quinze anos?

— Sim. Eu tinha quinze anos na primeira vez em que matei um homem.

Ele ficou em silêncio e eu ponderei o peso e a medida daquelas palavras... *na primeira vez...*

— Para falar a verdade, não houve motivo, foi uma armadilha do destino, uma briga que surgiu do nada. O homem batia numa criança. Era seu filho e eu não deveria ter interferido. Mas era uma surra cruel e não suportei assistir àquilo. Sentindo-me importante por ser filho de um chefe de aldeia e sobrinho de um dos comerciantes mais prósperos de Quetta, ordenei que passasse de bater. Ele se ofendeu, é claro, e houve uma discussão. A discussão se transformou em briga. E ele morreu, esfaqueado no peito com a adaga que tentou usar contra mim.

— Foi em legítima defesa.

— Sim. Havia muitas testemunhas. Foi na rua principal do bazar. Meu tio, muito influente na época, conversou com as autoridades e me mandou de volta para Kandahar. Infelizmente, a família do homem que matei se recusou a

aceitar a indenização oferecida por meu tio e enviou dois homens atrás de mim. Fui avisado e ataquei primeiro. Matei os dois com tiros do rifle de cano longo do meu pai.

Ele voltou a ficar em silêncio durante algum tempo, olhando fixamente para um ponto no chão, entre nossos pés. Eu ouvia a música, distante e abafada, vinda do outro lado do conjunto. Havia muitos quartos que se irradiavam de um pátio central, maior e não menos grandioso do que aquele da casa de Khader em Bombaim. De alguns dos aposentos mais próximos eu escutava o murmúrio borbulhante de conversas baixas e o tamborilar de uma ocasional gargalhada. No quarto ao lado, que pertencia a Khaled Ansari, ouvi o inconfundível clique de uma Kalashnikov AK-74, fuzil de assalto, ao ser engatilhado e disparado sem balas, depois de uma limpeza.

— A sangrenta rixa que começou com aquelas mortes, e com a tentativa de me matar, destruiu a minha família e a deles — disse Khader de modo categórico, retomando a história. Tinha um ar sombrio e parecia que o espírito se esvaía, de modo invisível, de seus olhos baixos, enquanto ele falava. — Um do nosso lado, dois do deles. Dois do nosso lado, um do deles. Meu pai tentou muitas vezes encontrar uma forma de pôr um fim àquela situação, mas era impossível. Havia um demônio que passava de um homem a outro e enlouquecia cada um com a sede de vingança. Tentei sair da minha casa, pois eu era a razão daquela rixa, mas meu pai não permitiu e eu não podia me opor a ele. Aquilo prosseguiu por muitos anos, e a matança continuou por todo esse tempo. Perdi dois irmãos e meus dois tios, irmãos de meu pai. Quando meu próprio pai foi gravemente ferido em um ataque e não podia me deter, pedi para minha família espalhar o boato de que eu havia sido morto. Deixei meu lar. A rixa terminou tempos depois e a paz foi restaurada. Mas eu estava morto para a minha família, pois havia jurado a minha mãe que jamais retornaria.

A brisa que atravessava a janela com moldura de metal, fresca no início da noite, tornou-se subitamente gelada. Levantei-me para fechar a janela e então enchi um copo com água de uma moringa de barro que estava na mesa de cabeceira. Khader aceitou-o, murmurou uma oração e bebeu a água. Devolveu-me ao acabar. Enchi o mesmo copo mais uma vez e sentei-me no banco para beber. Não disse nada, com medo de que, se fizesse a pergunta ou o comentário errado, ele parasse de falar e fosse embora. Estava calmo. Parecia completamente descontraído, mas o brilho risonho havia abandonado seu olhar. Também era perturbadoramente incomum o fato de conversar com tanta franqueza sobre sua vida. Havia discorrido durante longas horas a respeito do Alcorão ou da vida do profeta Maomé, ou ainda sobre a base científica, racional, de sua filosofia moral, mas nunca o ouvira falar tanto de si, nem sabia de ninguém com tal experiência. No silêncio que se prolongava, olhei para o rosto esguio e cheguei a controlar o som da minha respiração para não incomodá-lo.

Vestíamos trajes afegãos típicos, constituídos de uma camisa longa e frouxa e calça com cintura larga. As roupas dele eram em um tom verde-claro desbotado e as minhas, em azul-claro e branco. Usávamos sandálias de couro à guisa de chinelos. Embora eu fosse mais pesado e tivesse o peito mais largo, éramos mais ou menos da mesma altura e envergadura. O cabelo curto e a barba dele eram

brancos. Meu cabelo curto era louro, quase branco. Eu estava bronzeado, com um tom que lembrava sua pele cor de amêndoa. Se não fosse pelo céu guardado em meus olhos azuis e pelo dourado nos deles, poderíamos ser confundidos com pai e filho.

— Como você saiu de Kandahar e entrou na máfia de Bombaim? — perguntei-lhe afinal, quando temi que o silêncio prolongado, mais do que qualquer pergunta, o fizesse ir embora.

Ele se virou para me encarar. O sorriso era radiante: um sorriso novo, delicado, espontâneo, que nunca aparecera em seu rosto antes, em nenhuma conversa comigo.

— Quando fugi da minha casa em Kandahar, atravessei o Paquistão e a Índia até chegar a Bombaim. Como um milhão de outros homens. Como *milhões*, eu esperava fazer fortuna na cidade dos heróis do cinema indiano. A princípio, morei em uma favela, semelhante àquela de que agora sou dono, perto do World Trade Centre. Praticava diariamente o idioma híndi e aprendi rápido. Com o tempo, observei que era possível ganhar dinheiro comprando ingressos de cinema e os revendendo por um preço superior, quando as salas afixavam avisos de Lotação Esgotada. Decidi usar o pouco dinheiro que havia economizado para investir em ingressos dos filmes mais populares de Bombaim. Depois, ficava do lado de fora e, assim que apareciam os avisos, vendia-os. Lucrei bastante com isso.

— Cambista — disse eu. — É como chamamos. O mercado negro movimentava muito dinheiro nos grandes jogos de futebol no meu país.

— Sim. E ganhei muito dinheiro na primeira semana de trabalho. Já começava a sonhar em me mudar para um bom apartamento e me vestir com belas roupas, talvez até comprar um carro. Então, uma noite, eu estava do lado de fora do cinema com os ingressos, quando dois homens muito grandes se aproximaram de mim, mostraram-me as armas... tinham uma espada e uma faca de açougueiro... e exigiram que eu fosse com eles.

— *Goondas* da área — eu ri.

— *Goondas* — repetiu, rindo comigo. Para quem o conhecia como lorde Abdel Khader Khan, o chefão, comandante de um império do crime em Bombaim, era hilário imaginá-lo como um rapazote de dezoito anos abordado por dois bandidos de rua.

— Eles me levaram para ver *Chota Gulab*, o Rosinha. Tinha aquele nome por causa de uma marca na bochecha, feita por uma bala que atravessou seu rosto, quebrando-lhe a maior parte dos dentes e deixando uma cicatriz espremida como uma rosa. Era o chefão daquela área naqueles tempos e, antes de mandar baterem em mim até a morte, como exemplo, queria dar uma olhada no sujeito imprudente que invadira seu pedaço.

“Estava furioso. ‘O que você está fazendo, vendendo ingressos na minha área?’, ele me perguntou em uma mistura de híndi e inglês. Era um inglês bem ruim, mas ele queria me intimidar, como se fosse um juiz no tribunal. ‘Você sabe quantos *morreram*, quantos precisei *matar*, quantos homens bons eu *perdi*, para controlar a venda de ingressos de cinema no mercado negro nesta área?’

“Fiquei aterrorizado, admito, e achei que minha vida não ia durar mais do que alguns minutos. Por isso, joguei fora a cautela e falei com audácia. ‘Agora vai precisar eliminar mais um aborrecimento, Gulabji’, disse-lhe, em um inglês muito superior ao dele, ‘pois não tenho outro jeito de ganhar dinheiro, não tenho família e nada a perder. A não ser, é claro, que você possa oferecer um emprego decente para um jovem leal e talentoso.’

“Ele caiu na gargalhada e perguntou onde eu havia aprendido a falar inglês tão bem, e quando lhe contei minha história, ele me deu trabalho imediatamente. Então, mostrou-me seus dentes esmigalhados, abrindo bem a boca para exibir as próteses de ouro. Olhar a boca de Chota Gulab era considerado uma grande honra entre seus homens, e alguns dos seus *goondas* ficaram com ciúmes por eu ter conhecido a famosa boca de maneira tão íntima ainda no meu primeiro encontro com ele. Gulab gostou de mim e se tornou uma espécie de pai em Bombaim, mas a partir do momento em que apertei sua mão eu me vi cercado de inimigos.

“Fui trabalhar como soldado, lutando com punhos, espadas, machadinhas e martelos para garantir o domínio de Chota Gulab na região. Eram tempos ruins, antes do sistema de conselho entrar em vigor, e havia confrontos todos os dias e todas as noites. Depois de algum tempo, um de seus homens criou uma antipatia especial por mim. Ressentido por meu relacionamento próximo com Gulabji, ele encontrou um motivo para arranjar briga comigo. Então eu o matei. E, quando o melhor amigo *dele* me atacou, eu também o matei. Depois matei um sujeito em nome de Chota Gulab. E matei de novo. E de novo.”

Ele ficou em silêncio, olhando para o ponto onde o chão se encontrava com a parede de tijolos. Depois de um tempo, falou:

— E de novo.

Repetiu as palavras e formou-se um silêncio cada vez mais denso a nossa volta, que parecia pressionar meus olhos flamejantes.

— E de novo.

Observei enquanto ele chafurdava no passado, os olhos reluzindo com as lembranças. Em seguida, voltou àquele momento.

— É tarde. Aqui, quero lhe dar um presente.

Ele abriu o pacote embrulhado em camurça e mostrou uma pistola dentro de um coldre lateral, vários pentes, munição e uma caixa de metal. Ao abrir a tampa da caixa, ele expôs um estojo de limpeza com óleo, pó de grafite, pequenas lixas, escovas e uma corda de limpeza nova.

— É uma pistola Stechkin APS — disse ele, pegando a arma e removendo o pente. Certificou-se de que não havia bala alguma no tambor e me entregou a pistola. — É russa. Você vai encontrar muita munição nos russos mortos, se precisar lutar contra eles. É uma arma com nove milímetros de calibre, com pente de vinte tiros. Você pode dar um único tiro ou pôr no automático. Não é a melhor arma do mundo, mas é confiável, e a única arma leve com mais balas, que pode ser encontrada aonde vamos, é uma Kalashnikov. Quero que você a use ostensivamente em todos os momentos daqui por diante. Você come com ela, dorme com ela e, mesmo quando for tomar banho, mantenha-a a seu alcance.

Quero que todos que estão conosco e todos que nos virem saibam que você a tem. Entende?

— Sim — respondi, olhando para a arma em minhas mãos.

— Eu lhe contei que existe um prêmio para a cabeça de todos os estrangeiros que ajudam os *mujahedim*. Quero que seja assim, que qualquer um que pense na recompensa, em obtê-la com sua cabeça, também pense na Stechkin que você carrega. Sabe limpar uma pistola automática?

— Não.

— Muito bem. Vou mostrar como se faz. Depois, você deve tentar dormir. Partimos para o Afeganistão às cinco, antes do amanhecer, amanhã. A espera acabou. Chegou a hora.

Khaderbhai me ensinou a limpar a Stechkin. Era mais complicado do que eu havia imaginado e levou quase uma hora para que me mostrasse todos os procedimentos necessários para cuidados, consertos e manutenção. Foi uma hora emocionante e homens e mulheres violentos entenderão o que quero dizer quando afirmo que fiquei inebriado de prazer. Confesso, mesmo envergonhado, que apreciei mais aquela hora com Khader, aprendendo a usar e limpar a pistola automática Stechkin, do que as centenas de horas que havia passado com ele, aprendendo sua filosofia. E nunca me senti tão próximo dele quanto naquela noite, empoleirados sobre o cobertor da cama, desmontando e montando a arma assassina.

Quando ele partiu, apaguei a luz e me deitei, mas não consegui dormir. No escuro, minha mente continuava acesa, como se eu tivesse ingerido caféina em excesso. A princípio, pensei nas histórias que Khader me contara. Desloquei-me para aquela época diferente na cidade que agora conhecia tão bem. Imaginei o Khan jovem, em forma, perigoso, lutando em nome de Chota Gulab, o gângster com a cicatriz de uma pequena rosa no rosto. Eu sabia de outras partes da história de Khader — ouvira de alguns *goondas* que trabalhavam para ele em Bombaim. Eles me contaram como Khaderbhai assumira o controle do pequeno império de Gulab, quando o homem da cicatriz foi assassinado em frente a um de seus cinemas. Descreveram as guerras de gangues que irromperam por toda a cidade e falaram da coragem de Khader e da brutalidade com que esmagava os inimigos. Eu também sabia que Khaderbhai era um dos criadores do sistema de conselho, que havia trazido a paz para a cidade ao dividir territórios e cargos entre as gangues sobreviventes.

Fiquei imaginando, ao me deitar no escuro perfumado pelos odores de cera de assoalho e pelos trapos da arma e do óleo de limpeza, por que Khaderbhai ia para a guerra. Ele não precisava ir — havia centenas de homens como eu, preparados para morrer em seu lugar. Lembrei-me de seu sorriso estranhamente radiante quando me contou sobre o primeiro encontro com Chota Gulab. Recordei como suas mãos foram rápidas e ágeis ao me ensinar a limpar e usar a arma. E passou pela minha cabeça que talvez ele estivesse ali, arriscando a vida ao nosso lado, simplesmente por sentir saudade daqueles dias desvairados da juventude. A ideia me preocupou porque eu tinha certeza de que era verdade, pelo menos em parte. Mas o outro motivo — ele julgara que era o momento

certo de terminar o exílio e visitar sua casa e sua família — me preocupava ainda mais. Não conseguia esquecer o que ele havia me dito. A rixa sangrenta que matara tantos e o obrigara a partir terminara somente quando ele jurou, para a mãe, nunca mais voltar.

Depois de algum tempo, meus pensamentos ficaram à deriva e me peguei revivendo, momento a momento, a longa noite que antecedeu minha fuga da prisão. Aquela também foi uma noite insone, para medos incontroláveis, euforia e terror. E, como fiz depois daquela noite, anos antes, levantei-me da cama antes dos primeiros movimentos da manhã e me aprontei na escuridão.

Logo após o amanhecer, pegamos o trem para a passagem de Chaman. Nosso grupo tinha doze integrantes, mas ninguém abriu a boca durante as várias horas de viagem. Nazeer sentou-se a meu lado. Ficamos sozinhos durante boa parte da jornada, mas ele manteve um silêncio sepulcral. Com meus olhos claros ocultos por óculos escuros, eu fitava a janela e tentava me perder com a visão espetacular da paisagem.

A viagem de trem entre Quetta e Chaman era uma das glórias do famoso sistema ferroviário do subcontinente. Os trilhos contornavam despenhadeiros profundos e atravessavam rios de beleza atordoante. Peguei-me repetindo os nomes das cidades por onde passávamos, como se lesse versos de poesia. De Kuchlaagh a Bostaan e a pequena travessia do rio em Yaaru Kaarez, o trem subiu até Shaadizai. Em Gulistan, houve nova subida, com uma curva radical que seguia o antigo lago seco em Qila Abdullah. E a joia daquela coroa de trilhos de aço era, naturalmente, o túnel Khojak. Construído pelos britânicos ao longo de muitos anos no final do século XIX, ele se abria através de quatro quilômetros de rocha maciça e era o maior do subcontinente.

Em Khaan Kili, o trem fez uma série de curvas fechadas, e, na última parada regional antes de Chaman, descemos com alguns moradores empoeirados e fomos recebidos por um caminhão coberto. Quando a área ficou vazia, subimos no veículo com decoração extravagante e seguimos pela estrada principal na direção de Chaman. Porém, antes de chegarmos à cidade, pegamos uma estrada vicinal que parecia terminar em uma trilha deserta, com um conjunto de árvores e algumas pastagens mirradas, uns trinta quilômetros ao norte da estrada principal e da passagem de Chaman.

Descemos e, enquanto o caminhão se afastava, nos reunimos sob a sombra das árvores com o grupo principal de homens, que ali nos esperava. Era a primeira vez que estávamos todos reunidos. Éramos trinta homens, e por um momento me lembrei daqueles que se reuniam em grupos semelhantes nos pátios das prisões. Os guerrilheiros pareciam duros e determinados, e embora muitos fossem esguios, quase magros, pareciam saudáveis e em boa forma.

Tirei os óculos escuros. Enquanto observava os rostos, meus olhos encontraram os de um homem que me devolveu um olhar vindo das profundezas das trevas. Tinha uns cinquenta anos, ou quase isso, e talvez fosse o mais velho do grupo, depois de Khaderbhai. O cabelo curto era grisalho, sob uma boina afegã marrom, idêntica à que eu usava. O nariz pequeno e reto dividia um rosto longo e pontudo com rugas tão profundas sob as bochechas flácidas que parecia ter sido esculpido com um machado. Tinha grandes bolsas sob os olhos. Suas

sobrancelhas eram ostensivamente pontudas, como as asas de um morcego pregadas em seu rosto, mas foram de fato os olhos que me capturaram e me prenderam.

Enquanto o fitava, retribuindo sua mirada psicótica, o homem começou a cambalear em minha direção. Depois de alguns passos desajeitados, seu corpo se contorceu de forma mais eficiente e ele passou a andar rápido, cobrindo os trinta metros que nos separavam com passos longos, felinos e arrastados. Esquecendo-me da arma que carregava, movi instintivamente a mão para o cabo da faca e dei meio passo para trás com o pé direito. Eu conhecia os olhos. Eu conhecia o olhar. O homem queria brigar comigo, talvez até me matar.

Assim que me alcançou, esbravejando alguma coisa em um dialeto que não consegui reconhecer, Nazeer apareceu do nada e ficou diante de mim, impedindo-lhe a passagem. Ele gritou algo em resposta ao homem, que o ignorou, olhando fixamente para mim, repetindo aos berros a mesma pergunta. Nazeer repetiu a resposta, gritando como o outro. O guerreiro enlouquecido tentou empurrar Nazeer com ambas as mãos, para tirá-lo do caminho, mas talvez ele tivesse mais sorte se resolvesse empurrar uma árvore. O robusto afegão manteve a posição, obrigando o louco a tirar os olhos de mim pela primeira vez.

Uma multidão havia se formado a nossa volta. Nazeer manteve os olhos grudados no homem desvairado e falou em tom brando e suplicante. Esperei, tenso e pronto para lutar. *Ainda nem cruzamos a fronteira, pensei, e já vou ter que esfaquear um de nossos homens...*

— Ele perguntou se você é russo — Ahmed Zadeh murmurou ao meu lado, com o “r” arrastado do sotaque argelino. Lancei-lhe um olhar e ele apontou para o meu quadril. — A arma. E seus olhos claros. Ele pensa que você é russo.

Khaderbhai caminhou entre os homens e pôs a mão no ombro do louco. Ele se virou imediatamente e, com olhos que pareciam prestes a chorar, examinou o rosto de Khader. Khader repetiu o que Nazeer vinha murmurando, no mesmo tom reconfortante. Eu não podia compreender tudo, mas o sentido estava claro. *Não. Ele é americano. Os americanos estão aqui para nos ajudar. Ele está aqui conosco para lutar contra os russos. Vai nos ajudar a matar os russos. Ajudar. Vamos matar muitos russos juntos.*

Quando o homem virou novamente para mim, sua expressão havia se alterado de maneira tão drástica que fiquei a ponto de sentir pena um momento depois de estar pronto para atravessar-lhe o peito com minha faca. Os olhos ainda estavam perturbados, estranhamente arregalados, mas o ar frenético desaparecera e se transformara em um desconsolo tão infeliz e lamentável que seu rosto me fez lembrar muitos dos casebres de pedra arruinados que tínhamos visto pelas estradas. Ele mirou mais uma vez o rosto de Khader e um sorriso vacilante tremulou em seus traços, como se fosse animado por uma corrente elétrica. Virou-se e voltou para a multidão. Os homens embrutecidos abriram caminho, com uma mistura de compaixão e medo no olhar, ao vê-lo passar.

— Sinto muito, Lin — disse Abdel Khader, baixinho. — Seu nome é Habib. Habib Abdur Rahman. É professor. Bem, ele foi professor em uma aldeia do

outro lado dessas montanhas. Ensinava aos pequenos, às criancinhas. Quando os russos invadiram, há sete anos, ele era um homem feliz com uma jovem esposa e dois filhos fortes. Ele se juntou à resistência, como todos os rapazes da região. Dois anos depois, voltou de uma missão e descobriu que os russos haviam investido contra a aldeia. Tinham usado algum tipo de gás que ataca os nervos.

— Eles negam — interrompeu Ahmed Zadeh. — Mas, enquanto lutam esta guerra, testam novas armas. Muitos equipamentos usados aqui, minas terrestres e foguetes, são experimentais, nunca antes empregados em uma guerra. Como o gás usado na aldeia de Habib. Não há uma guerra como esta.

— Habib entrou sozinho na aldeia — continuou Khader. — Todos estavam mortos. Todos os homens, mulheres e crianças. Todas as gerações de sua família: os avós dos dois lados, os pais, os sogros, os tios e as tias, os irmãos e as irmãs, a esposa e os filhos. Todos mortos em apenas uma hora de um dia. Mesmo os animais, as cabras, as ovelhas, as galinhas, estavam mortos. Até os insetos e aves. Nada se movia. Nada vivia e nada sobreviveu.

— Ele... enterrou... todos os homens... todas as mulheres... todas as crianças... — acrescentou Nazeer.

— Ele enterrou todo mundo — assentiu Khader. — A família, os amigos de infância, os vizinhos. Levou muito tempo para fazer isso, completamente sozinho, e no fim foi um inferno. Então, quando terminou, ele pegou a arma e voltou para sua unidade *mujahedin*. Mas a perda o transformou de uma maneira terrível. A partir de então, ele era um homem diferente. Dali em diante, fazia tudo que podia para capturar um russo ou um soldado afegão lutando ao lado dos russos. E, quando capturava — ele *capturou* muitos deles porque ficou extremamente eficiente nisso —, ele os torturava até a morte empalando-os com uma estaca de metal afiada, feita com o cabo de madeira e um pedaço da pá que usou para enterrar a família. Está com ela agora. Você pode vê-la presa no alto da mochila. Ele amarra os prisioneiros com as mãos para trás, com a estaca encostada nas costas. No momento em que perdem a força, a estaca de metal começa a rasgar seus corpos, penetrando na barriga. Habib então se debruça sobre eles, encarando-os, e cospe nas bocas que gritam.

Khaled Ansari, Nazeer, Ahmed Zadeh e eu fizemos um silêncio profundo, rompido apenas por nossas respirações, à espera de novas palavras de Khader.

— Não existe um homem que conheça melhor do que Habib essas montanhas e a região que vai daqui a Kandahar — Khader concluiu, soltando um suspiro cansado. — É o melhor guia. Sobreviveu a centenas de missões na área e vai nos levar aos nossos homens em Kandahar. E não há ninguém mais leal ou confiável, porque não existe ninguém no Afeganistão que odeie tanto os russos como Habib Abdur Rahman. Mas...

— Ele é completamente maluco — sugeriu Ahmed Zadeh, dando de ombros. De repente, me peguei gostando dele e ao mesmo tempo sentindo falta do meu amigo Didier. Era o tipo de resumo pragmático e brutalmente honesto que Didier faria.

— É, sim — concordou Khader. — Ele é maluco. A dor destruiu sua mente. E, por mais que precisemos dele, existe sempre a necessidade de vigiá-lo o

tempo todo. Todas as unidades *mujahedin* daqui até Herat o expulsaram. Estamos lutando contra o Exército afegão, que defende os russos, mas o fato é que *são afegãos*. Recebemos a maior parte das informações de soldados do Exército afegão que querem nos *ajudar* a derrotar seus mestres russos. Habib não consegue fazer essa distinção sutil. Tem uma única compreensão sobre esta guerra: matar a todos rápida ou lentamente. E ele prefere matá-los lentamente. Há tanta violência e crueldade dentro dele que assusta tanto os amigos quanto os inimigos. Por isso precisa ser vigiado enquanto estiver conosco.

— Vou tomar conta dele — declarou com firmeza Khaled Ansari, e todos nós nos voltamos para nosso amigo palestino. O rosto tinha um ar de sofrimento, raiva e determinação. A pele sobre as sobrancelhas estava tensa e a boca formava uma linha larga de determinação inabalável.

— Muito bem... — começou Khader, e poderia ter dito mais, porém, com aquelas duas palavras de consentimento, Khaled nos deixou e se encaminhou até a figura encurvada e miserável de Habib Abdur Rahman.

Ao vê-lo partir, fui tomado por um desejo instintivo, arrebatador, de chamá-lo e impedi-lo. Era uma tolice — um medo irracional de perdê-lo, de perder outro amigo. Era tão ridículo, tão pequeno em seu ciúme, que engoli tudo e não disse nada. Então o observei sentar em frente a Habib. Vi quando estendeu a mão para erguer o rosto ofegante e assassino do desvairado, até que nossos olhares se encontraram e eu soube, sem compreender, que tínhamos perdido Khaled.

Arrastei meus olhos para longe deles, como os barqueiros se arrastam por um lago, jogando ganchos no fundo. Minha boca ficou seca. Meu coração era um prisioneiro esmurrando as paredes dentro de mim. Minhas pernas pareciam pesadas, presas ao solo por raízes de vergonha e terror. E, enquanto mirava as montanhas impenetráveis, senti que o futuro estremecia em mim como o trovão que tremula os ramos cansados de um salgueiro em meio à tempestade.

NAQUELES ANOS, A ESTRADA PRINCIPAL de Chaman atravessava um afluente do rio Dhari a caminho de Spin Baldaq, Dabrai e Melkaarez, na rota da autoestrada para Kandahar. Eram menos de duzentos quilômetros. De carro, levavam-se apenas algumas horas. Nós não pegamos a autoestrada, naturalmente, nem tínhamos carros. Fomos a cavalo, atravessando centenas de passagens pelas montanhas, e a mesma viagem levou mais de um mês.

Passamos o primeiro dia acampados à sombra das árvores. Nossa bagagem — as mercadorias que contrabandeávamos para o Afeganistão e nossos suprimentos pessoais — estava espalhada em um pasto nas imediações, coberta por peles de ovelha e de cabras, para dar a impressão de um rebanho se alguém sobrevoasse a área. Havia até mesmo algumas cabras verdadeiras entre as falsas. Quando a noite trouxe a escuridão, um murmúrio animado tomou conta do acampamento. Logo ouvimos o bater abafado de cascos quando nossos cavalos se aproximaram. Havia vinte montarias e quinze animais de carga. Eram menores do que os cavalos que eu aprendera a montar e meu coração se encheu de esperança de que talvez fosse mais fácil controlá-los. A maior parte dos homens se afastou imediatamente para colocar a bagagem no lombo dos animais. Ia me juntar a eles, mas Nazeer e Ahmed Zadeh me interceptaram. Traziam dois cavalos.

— Este é o meu — anunciou Ahmed. — E aquele é o seu.

Nazeer me entregou as rédeas e examinou as correias da pequena e esguia sela afegã. Depois de se assegurar de que tudo estava como deveria, ele fez que sim com a cabeça.

— Cavalos bom — disse ele, nos grunhidos ásperos que eram sua versão de bom humor.

— Todo cavalo bom — respondi, citando suas palavras. — Todo homem não bom.

— O cavalo é magnífico — comentou Ahmed, com um ar de admiração dirigido ao meu animal. Era uma égua alazã, de peito largo e pernas fortes, grossas e relativamente curtas. Os olhos eram alertas e destemidos. — Nazeer a escolheu para você, entre todos os animais. Foi o primeiro a montá-la e alguns homens estão desapontados lá atrás. Ele é um bom juiz.

— Temos trinta pessoas, pelas minhas contas, mas há menos de trinta animais de montaria aqui, com certeza — comentei, dando tapinhas no pescoço do cavalo e tentando estabelecer um primeiro contato.

— É, alguns montam, alguns andam — respondeu Ahmed. Ele pôs o pé esquerdo no estribo e subiu na sela sem o menor esforço. — A gente se reveza. Há cabras, dez cabras com nosso grupo, e eles vão tomar conta delas. E também vamos perder alguns de nossos homens no caminho. Os cavalos são um presente para o povo de Khader, perto de Kandahar. Camelos seriam mais apropriados para esta viagem. Na minha opinião, a melhor opção seriam os jumentos, por

causa das passagens estreitas. Mas os cavalos são animais mais imponentes. Acho que Khader insistiu em usar cavalos porque a nossa aparência será importante quando fizermos contato com os clãs selvagens, aqueles que vão querer nos matar, pegar nossas armas e remédios. Os cavalos nos farão parecer importantes a seus olhos. E serão um presente de muito prestígio para o povo de Khader Khan. Ele planeja presentear-los no caminho de volta de Kandahar. Iremos montados até Kandahar, mas voltaremos a pé para casa!

— Você disse que vamos *perder* alguns homens? — perguntei, franzindo a testa.

— Sim! — ele riu. — Alguns homens vão nos deixar pelo caminho, para voltar para suas aldeias. Mas, sim, pode ser que alguns venham a morrer nesta viagem. Mas *nós*, eu e você, vamos sobreviver, *Inshallah*. Temos bons cavalos. É um bom começo.

Ele conduziu o cavalo com desenvoltura e galopou até um grupo montado que se formara em torno de Khaderbhai, a cinquenta metros. Olhei para Nazeer. Ele fez um sinal para que eu montasse o cavalo, com uma piscadela encorajadora e oferecendo-me uma oração sussurrada. Nós dois esperávamos que eu fosse jogado no chão, e seus olhos começaram a fechar, antevendo o pior. Pus um pé no estribo e dei impulso com o outro. Caí na sela com mais força do que planejava, mas a égua reagiu bem e baixou a cabeça duas vezes, pronta para se deslocar. Nazeer abriu um olho e me viu acomodado sobre o cavalo novo. Satisfeito, cheio de orgulho inconsciente, ele abriu um daqueles raros sorrisos para mim. Puxei as rédeas para virar a cabeça do animal e cutuquei-o com os calcanhares. A égua reagiu com calma, mas com elegância e estilo em seus movimentos. Logo começou um trote gracioso e me levou imediatamente ao grupo de Khaderbhai.

Nazeer nos acompanhou correndo, um pouco atrás e à esquerda. Olhei por cima do ombro e trocamos expressões de surpresa e espanto. O cavalo me fazia ter uma boa figura. *Tudo vai ficar bem*, sussurrei para mim mesmo, sabendo, assim que as palavras deixaram a neblina espessa da esperança vã em minha mente, que eu havia proferido uma fórmula azarada. O ditado *quanto maior o orgulho, maior a queda* é uma condensação da segunda parte do Livro dos Provérbios, 16:18 — A soberba precede a destruição, e a altivez do espírito precede a queda —, atribuída a Salomão. Se disse *mesmo* tais palavras, Salomão devia ser um homem que conhecia profundamente os cavalos, bem melhor do que eu ao me juntar ao grupo de Khader e frear o animal, como se soubesse — como se *um dia* viesse a saber — o que estava fazendo sobre uma sela.

Khader falava em pacho, urdu e parse, transmitindo instruções de última hora ao grupo. Inclinei-me para cochichar com Ahmed Zadeh.

— Onde fica a passagem? Não consigo vê-la na escuridão.

— Que passagem? — sussurrou ele.

— A passagem pelas montanhas.

— Você está falando de *Chaman*? — perguntou, surpreso com a pergunta. — É lá atrás, a uns trinta quilômetros de nós.

— Não, quero saber como atravessamos aquelas montanhas para entrar no

Afeganistão — falei, acenando para as muralhas de rocha maciça que começavam a se erguer a menos de um quilômetro, coroadas pelo céu noturno.

— Não vamos *atravessar* as montanhas — respondeu Ahmed, fazendo um pequeno gesto com as rédeas na mão. — Vamos passar *por cima* delas.

— Por cima...

— *Oui*.

— Esta noite.

— *Oui*.

— No escuro.

— *Oui* — ele repetiu com seriedade. — Mas não tem problema. Habib, o *fou*, o louco, sabe o caminho. Vai nos conduzir.

— Estou feliz que tenha me contado. Estava preocupado, devo admitir, mas agora me sinto bem melhor.

Os dentes brancos reluziram ao soltar uma gargalhada, e depois, com um sinal de Khaled, nós começamos a andar, formando lentamente uma fila única que se estendia por quase cem metros. Havia dez homens caminhando, vinte montados, quinze animais de carga e um rebanho de dez cabras. Reparei, com profundo incômodo, que Nazeer era um dos homens que caminhavam. Era absurdo e artificial que um cavaleiro tão bom ficasse a pé, enquanto eu cavalgava. Eu o vi a minha frente na escuridão, acompanhei o movimento ritmado das suas pernas grossas, ligeiramente arqueadas, e jurei para mim mesmo que, na primeira parada para descanso, o convenceria a se revezar comigo no cavalo. Por fim tive sucesso na empreitada, mas Nazeer foi persuadido com tanta relutância que pareceu infeliz na sela, só voltando a se animar quando trocamos de posição e ele tornou a erguer o olhar para me ver, no caminho rochoso.

É claro que a gente não *monta* um cavalo para subir a montanha. A gente empurra e arrasta, às vezes até ajuda a *carregar*, o animal ladeira acima. Ao nos aproximarmos da base dos rochedos íngremes que formam a cadeia de Chaman, que separa o sudoeste do Afeganistão do Paquistão, tornou-se evidente que na verdade existiam vãos, caminhos e trilhas que conduziam pelas montanhas e nos permitiam andar sobre elas. O que pareciam muralhas uniformes de rocha nua e montanhosa eram, vistas de perto, ravinas ondulantes e fendas em diferentes patamares. Saliências de pedra e de terra nua serpenteavam por essas encostas rochosas. Em alguns lugares essas saliências eram tão largas e planas que pareciam parte de uma estrada construída pelo homem. Em outros, eram tão estreitas e irregulares que cada passo humano ou de cavalo exigia uma reflexão meticulosa e ousada antes de ser executado. E toda aquela travessia — sôfrega, cambaleante, escorregadia — pela barreira de montanhas foi feita na escuridão.

Éramos uma pequena caravana, se comparada aos poderosos cortejos tribais do passado que haviam percorrido a rota da seda entre a Turquia, a China e a Índia. Mas naquele tempo de guerra, o tamanho do grupo era notável. O medo de ser visto de cima era constante. Khaderbhai impôs um rigoroso blecaute: nem um cigarro, nem uma tocha ou lâmpada podiam ser acesos durante a marcha. Aquela primeira noite era de lua crescente, mas ocasionalmente os caminhos

escorregadios nos conduziam por estreitos desfiladeiros onde a rocha lisa se erguia abruptamente, mergulhando-nos em sombras. Naqueles corredores de paredes negras era impossível enxergar a própria mão diante do rosto. Toda a coluna avançava lentamente pelas rachaduras na muralha de rocha, homens, cavalos e cabras pressionados contra a pedra, esbarrando uns nos outros.

No centro de uma dessas ravinas tão negras, ouvi um gemido baixo que logo aumentou de volume. Eu caminhava, ou patinava, entre dois cavalos. Tinha as rédeas do meu cavalo presas na mão direita e o rabo do cavalo à frente enroscado na mão esquerda. Meu rosto esbarrava contra uma parede de granito, e o caminho sob meus pés não era mais largo que a extensão do meu braço. Quando o som aumentou de volume e intensidade, os dois animais tiveram a mesma reação instintiva e bateram os cascos no chão, com medo. Então o gemido subitamente se transformou em um rugido que sacudiu toda a montanha e eclodiu em um grito explosivo e ensurdecedor, um barulho satânico bem sobre nossas cabeças.

O cavalo que eu segurava com a mão esquerda parou bruscamente e recuou na minha frente, me fazendo soltar o rabo. Ao tentar recuperá-lo, perdi o equilíbrio no escuro e caí de joelhos, com o rosto raspando na muralha de rocha. Meu cavalo estava aterrorizado, tão assustado quanto eu, e tentou avançar pelo caminho estreito, seguindo o impulso de correr. Ainda segurava as rédeas e as usei para me levantar, mas o animal voltou a me golpear com a cabeça e eu senti que escorregava do caminho. O medo atravessou meu peito e apertou meu coração enquanto eu caía, deslizava e despencava da trilha para o vácuo escuro. Todo o meu corpo caiu e parou com um solavanco, pois ainda estava seguro pelas rédeas.

Eu estava pendurado sobre um abismo negro. Milímetro a milímetro, senti que escorregava, à medida que o couro cedia, e me afastava ainda mais da beirada da estreita saliência acima de mim. Eu ouvia os gritos dos homens. Eles tentavam acalmar os animais e chamavam pelos nomes dos amigos para saber se estavam a salvo. Eu ouvia relinchos assustados e bufos de protesto. O ar na ravina estava denso com os cheiros de urina, bosta e suor de homens amedrontados. E eu ouvia o bater, o raspar dos cascos enquanto meu cavalo lutava para manter o equilíbrio. De repente percebi que, por mais forte que fosse, seu equilíbrio naquela trilha irregular e escorregadia era tão precário que meu peso poderia ser o bastante para arrastá-lo para o abismo comigo.

Debati-me com a mão esquerda na escuridão impenetrável. Agarrei as rédeas e comecei a me arrastar de volta para o alto. Pus as pontas dos dedos na beirada do caminho pedregoso e então engoli um grito quando voltei a cair na fissura sombria. As rédeas me seguraram mais uma vez, mas a situação era desesperadora. Eu me balançava sobre uma fenda. O animal, temendo ser arrastado para baixo, tremia e sacudia a cabeça violentamente. Inteligente como era, tentava livrar-se dos arreios e freios. A qualquer momento, eu sabia, teria êxito. Soltei um grunhido de raiva entre meus dentes cerrados e tornei a me arrastar até a beira da saliência.

Com esforço, me coloquei de joelhos, ofegante, exausto e suado. Nesse momento, uma intuição que começa pelo medo e culmina em uma descarga de

adrenalina me fez dar um pulo para cima e para a direita na mesma hora em que o cavalo do meu vizinho deu um coice na noite escura e cega. Se eu não tivesse me mexido, teria sido atingido em cheio na lateral da cabeça e minha guerra teria terminado bem ali. O reflexo salvador me fez ser atingido pelo coice na altura do quadril e da coxa, lançando-me contra a parede e a cabeça do meu próprio cavalo. Joguei os braços em volta do pescoço do animal, tanto para me reconfortar com o toque quanto para sustentar minhas pernas dormentes e o quadril dolorido. Ainda estava abraçado à cabeça da égua quando ouvi passos e senti que as mãos de alguém deslizavam da parede e atingiam as minhas costas.

— Lin! É você? — perguntou Khaled Ansari para a escuridão.

— Khaled! Sou eu! Você está bem?

— Claro. Caças aéreos! Porra! Dois deles. Não estavam muito acima. Uns trinta metros, cara, não mais que isso. *Porra!* Arrebentaram a barreira do som! Que barulho!

— Eram russos?

— Não, acho que não. Não assim tão perto da fronteira. Provavelmente eram paquistaneses, aviões americanos com pilotos locais, invadindo um pouquinho o espaço aéreo afegão para deixar os russos nervosos. Também não vão muito longe. Os pilotos dos MiG russos são bons demais. Mas os paquistaneses gostam de lembrá-los de que estão aqui, de qualquer maneira. Tem certeza de que está bem?

— Claro, claro — menti. — Vou ficar bem melhor depois que sairmos desta porra de escuridão. Você pode achar que eu sou frouxo, mas gosto de ver para onde estou indo quando tento conduzir um cavalo por uma saliência à beira de um abismo com dez andares de altura.

— Eu também — riu Khaled. Era um risinho triste, mas me banhei na segurança que ele me transmitia. — Quem estava atrás de você?

— Ahmed — respondi. — Ahmed Zadeh. Eu o ouvi xingando em francês, lá atrás. Acho que está bem. Nazeer estava atrás dele. E sei que Mahmoud, o iraniano, estava perto dele em algum ponto. Havia uns dez atrás de mim, contando os caras que tocavam as cabras.

— Vou verificar — disse Khaled, me dando um reconfortante tapinha no ombro. — Vá em frente. Siga esta parede por mais uns cem metros mais ou menos. Não está longe. Ainda vai haver um pouco de luar quando sair desta ravina. Boa sorte.

E por alguns momentos, assim que alcancei o tênue oásis de luar, senti-me em segurança, confiante. Em seguida fomos em frente, agarrando as pedras frias e cinzentas do cânion e, minutos depois, estávamos mais uma vez na escuridão, onde só contávamos com a fé, o medo e a vontade de sobreviver.

Viajamos à noite com tanta frequência que às vezes parecíamos *tatear* o caminho para Kandahar como cegos, com a ponta dos dedos. E, como cegos, confiávamos em Habib como nosso guia, sem questionamentos. Nenhum dos afegãos do grupo vivia nas regiões fronteiriças, e todos dependiam, tanto quanto eu, do seu conhecimento sobre aquelas passagens secretas e os acidentados caminhos de pedra.

Quando não liderava a coluna, porém, Habib inspirava bem menos confiança. Uma vez o encontrei quando eu escalava algumas pedras, procurando um lugar para urinar durante uma parada para descanso. Ele estava ajoelhado diante de um pedaço de pedra quadrado, e batia com a testa nele. Pulei para fazê-lo parar e descobri que estava chorando, aos soluços. O sangue da sua testa aberta escorria pelo rosto e se misturava com as lágrimas na barba. Derramei um pouco de água do meu cantil em um canto da minha echarpe e limpei o sangue de sua cabeça para examinar as feridas. Eram largas e irregulares, mas superficiais. Ele permitiu que eu o levasse de volta ao grupo, sem protestar. Khaled veio correndo e me ajudou a passar uma pomada e colocar um curativo limpo em sua testa.

— Eu o deixei sozinho — balbuciou Khaled quando terminamos. — Achei que estava rezando. Ele me disse que queria rezar, mas eu tinha uma sensação...

— Acho que ele *estava* rezando — respondi.

— Estou preocupado — confessou Khaled, fitando meus olhos com uma mistura febril de tristeza e medo. — Ele não para de armar minas em toda parte. Está com vinte granadas sob aquela capa. Tentei lhe explicar que uma mina não tem consciência: pode matar, com a mesma facilidade, um pastor nômade da região ou um de *nós*, assim como um soldado russo ou afegão. Ele não entende. Apenas sorri para mim e volta a fazer aquilo um pouco mais furtivamente. Ele colocou explosivos em alguns dos cavalos ontem. Disse que era para ter certeza de que os russos não vão pôr as mãos neles. Eu perguntei: “E a gente? E se os russos puserem as mãos em nós? Será que *a gente* também deveria se carregar com explosivos?” Ele respondeu que era um problema que o preocupava o tempo todo: como ter certeza de que estaríamos mortos antes que os russos nos passem, e como matar mais russos *depois* que estivéssemos mortos.

— Khader sabe disso?

— Não. Estou tentando controlar Habib. Sei o que ele passou, Lin. Já vivi isso. Depois que minha família foi morta, durante dois anos fiquei tão pirado quanto ele. Sei o que passa na sua cabeça. Lá dentro existem tantos amigos mortos e inimigos, que ele só pensa numa coisa: matar russos. E, até que consiga sair dessa, vou ficar com ele o máximo possível e tomar conta dele.

— Acho que você deveria falar com Khader — suspirei, sacudindo a cabeça.

— Vou fazer isso — suspirou ele como resposta. — Vou fazer isso. Em breve. Vou falar com Khader em breve. Ele vai melhorar. Habib vai melhorar. De alguma forma, já está melhorando. Podemos conversar muito bem com ele no momento. Ele vai superar.

Mas, à medida que as semanas passavam, todos nós prestávamos mais atenção em Habib, de uma forma mais temerosa, e pouco a pouco percebemos por que tantas unidades *mujahedin* o haviam dispensado.

Com os sentidos em alerta para ameaças externas e internas, viajamos à noite, e às vezes durante o dia, em sentido norte, junto à fronteira montanhosa, rumo a Pathaan Khel. Perto do *khel*, ou aldeia, tomamos a direção norte-noroeste e chegamos a um terreno desértico e montanhoso, cortado por riachos de água limpa e cristalina. Habib planejou um percurso aproximadamente

equidistante entre cidades e aldeias maiores, evitando sempre as principais artérias utilizadas pelos moradores. Avançamos lentamente entre Pathaan Khel e Khairo Thaana, entre Humai Khaarez e Haji Aagha Muhammad. Cruzamos rios entre Loe Kaarez e Yaaru. Zigueagueamos entre Mullah Mustafa e a pequena aldeia de Abdul Hamid.

Os locais, que exigiam tributos, nos pararam em três ocasiões. Sempre se revelavam em um ponto estratégico, no alto, com as armas apontadas na nossa direção, antes que suas forças terrestres saíssem dos esconderijos para barrar nosso avanço e impedir o recuo. Todas as vezes Khader erguia a bandeira *mujahedin* em verde e branco, bordada com uma frase do Alcorão:

*Inalillahey wa ina illai hi rajiaon*  
Viemos de Deus e a Deus retornamos

Apesar de não reconhecerem o estandarte de Khader, os clãs locais respeitavam o idioma e a intenção. No entanto, as posturas enérgicas e beligerantes permaneciam até que Khader, Nazeer e nossos guerreiros afegãos lhes explicassem que o grupo viajava com um americano, sob a sua proteção. Quando os piratas locais examinavam meu passaporte e meus olhos azul-acinzentados, nos recebiam como companheiros e nos convidavam para beber chá e comer com eles. O convite era um eufemismo para a honra de lhes pagar um tributo. Embora nenhum dos piratas que encontramos tivesse vontade de atrapalhar a ajuda americana, tão vital para que resistissem nos longos anos de guerra, nem de atacar uma caravana patrocinada por americanos, era impensável que atravessássemos seus territórios sem conceder-lhes alguns benefícios. Khader levava um suprimento de mercadorias para *baksheesh* justamente com esse objetivo. Carregava sedas azuis e verdes, com ricos bordados em fios de ouro. Tinha machados, facas de lâminas espessas e conjuntos de costura. Havia binóculos Zeiss — Khader me dera um par que eu usava diariamente —, lentes de aumento para ler o Alcorão e relógios automáticos indianos de boa qualidade. E, para os líderes dos clãs, guardava um pequeno tesouro de barrinhas de ouro, cada uma com uma tolá, ou cerca de dez gramas, todas gravadas com o emblema afegão.

Khader não apenas tinha previsto esses ataques piratas. Ele contava com eles. Depois que as cortesias formais e as negociações em torno dos tributos eram concluídas, Khader providenciava o reabastecimento de nossa caravana junto ao líder do clã local. Recebíamos assim rações para a viagem e também alimentação para nós e nossos animais nas aldeias que estavam sob controle ou proteção do líder do clã.

O reabastecimento era essencial. A munição, as peças de máquinas e os remédios que carregávamos eram a prioridade. Sobrava pouco espaço para carga extra. Assim, levávamos um pouquinho de comida para os cavalos — dois dias de ração, no máximo —, mas nada para nos alimentar. Cada homem tinha um cantil com água, mas se compreendia que aquilo era uma ração de emergência, para ser usada com parcimônia por nós ou pelos cavalos. Em

muitos dias, tudo o que tínhamos era um copo de água para beber e um pedacinho de pão *naan* para comer. Eu era vegetariano, sem fanatismos, no início daquela viagem. Durante anos, preferi uma dieta à base de frutas e vegetais, quando possível. Depois de três semanas de caminhada, arrastando cavalos pelas montanhas e rios gelados, varado de fome, eu devorava carne de cordeiro e cabrito oferecida pelos piratas e arrancava a carne malpassada dos ossos com os dentes.

As encostas íngremes das montanhas eram áridas, destituídas de vida, queimadas por ventos gelados, mas toda planície, por menor que fosse, era cheia de vida, verdejante. Viam-se flores selvagens em forma de estrelas vermelhas e outras parecidas com pompons azuis. Despontavam arbustos pequenos, com folhinhas amarelas que as cabras apreciavam, e muitas outras variedades de gramíneas selvagens com sementes secas para os cavalos. E o musgo verde-limão, e líquens pálidos recobriam muitas rochas. O impacto daqueles tapetes macios e verdejantes entre as infundáveis montanhas de rocha nua que ondulavam como as costas de um crocodilo era maior do que seria em uma paisagem mais fértil e hospitaleira. Reagíamos com prazer a cada nova visão de uma inclinação coberta de verde ou de uma charneca — uma reação profunda, subliminar à vitalidade armazenada na cor verde. Muitos daqueles guerreiros embrutecidos, caminhando com dificuldade entre os cavalos, se abaixavam para colher um pequeno buquê de flores e simplesmente sentir sua beleza nas mãos calosas e ressecadas.

Minha condição de americano de Khader nos ajudava a avançar pelas terras áridas dos piratas locais, mas também nos custou uma semana, quando paramos pela terceira e última vez. Para evitar a pequena aldeia de Abdul Hamid, nosso guia Habib nos conduziu a um pequeno cânion com largura suficiente para apenas três ou quatro cavalos, lado a lado. Muralhas íngremes de rocha se erguiam nos dois lados da trilha por quase um quilômetro antes que o funil se abrisse para um vale mais largo e comprido. Era um lugar perfeito para uma emboscada, e, já prevendo isso, Khader seguiu na frente do grupo com o estandarte verde e branco desfraldado.

O confronto aconteceu quando já havíamos avançado cerca de cem metros dentro da garganta. Ouviu-se um ulular assustador vindo do alto — vozes de homens elevadas de forma a imitar o som agudo dos lamentos das mulheres das tribos —, e uma súbita precipitação de pedregulhos, como uma pequena avalanche, se derramou no cânion a nossa frente. Como os outros, virei-me sobre a sela e vi um pelotão de homens das tribos locais assumirem posições atrás de nós, apontando armas de diversos modelos para nossas costas. Paramos imediatamente, ao primeiro som. Khader prosseguiu lentamente por mais uns duzentos metros. Parou ali, com as costas eretas sobre a sela, a brisa forte e gelada fazendo a bandeira tremular.

Os segundos de um longo minuto se passaram com as armas atrás de nós e pedras sobre nossas cabeças. Então, uma figura solitária apareceu, indo na direção de Khader sobre um animal alto. Embora o camelo báctrio de duas corcovas seja nativo do Afeganistão, o homem vinha em um dromedário árabe, com apenas uma corcova, do tipo que suportava longas viagens num frio

extremo, criado ao norte da região de Tajik. Tinha um tufo de cabelo na cabeça, pelagem densa e desganhada no pescoço, pernas longas e fortes. O homem montado naquele animal impressionante era magro e esguio e parecia ser dez anos mais velho que Khader, que havia muito já passado dos sessenta. Usava uma longa túnica branca sobre calças à moda afegã e um colete de sarja preto, sem mangas, que lhe batia na altura dos joelhos. Um turbante branco suntuoso estava majestosamente arrumado em sua cabeça. A barba grisalha, aparada na região do lábio superior e da boca, descia do queixo até esbarrar em seu peito magro.

Alguns dos meus amigos em Bombaim chamavam esse tipo de barba de *wahabi*, por causa dos muçulmanos ortodoxos da Arábia Saudita, que aparavam a barba dessa forma para imitar o estilo preferido pelo profeta. Era um sinal para nós, ali no cânion, de que o desconhecido tinha pelo menos tanta autoridade moral quanto poder temporal. Esse segundo atributo era enfatizado com efeito espetacular por um *jezail*, rifle de cano longo, uma verdadeira antiguidade que ele mantinha ereto, equilibrado no seu quadril. Carregada pela boca, a arma era decorada em todas as superfícies de madeira disponíveis com discos reluzentes, arabescos e diamantes cortados em metal e moedas de prata, polidos até ficarem esplendidamente brilhantes.

O homem se postou ao lado de Khaderbhai, encarando-nos, a um braço de distância de nosso Khan. Sua postura era de comandante, e ficou claro que estava acostumado a ser tratado com respeito por todos. Era, de fato, um dos poucos homens que conheci que se igualava a Abdel Khader Khan em estima — talvez até mesmo em veneração — graças à postura e à simples força de uma vida bem-vivida.

Depois de uma demorada conversa, Khaderbhai virou o cavalo delicadamente para nos encarar.

— Senhor John! — exclamou ele, dirigindo-se a mim pelo nome que constava em meu passaporte americano falso. Em seguida, falou em inglês — Venha até aqui, por favor!

Bati com os calcanhares no cavalo, produzindo o que eu esperava ser um som encorajador. Todos os olhos no chão e acima de nós estavam postos sobre mim, eu sabia, e naqueles longos e silenciosos segundos, tive uma visão da montaria me lançando ao chão bem aos pés de Khader. Mas a égua reagiu com um trote elegante e abriu caminho pela coluna até parar ao lado de Khader.

— Este é Hajji Mohammed — anunciou Khader e fez um gesto amplo com a palma da mão aberta. — Ele é o Khan, o líder de todas as pessoas, de todos os clãs e de todas as famílias daqui.

— *Asalaam aleikum* — cumprimentei-o, colocando a mão sobre o coração em um gesto de respeito.

Como me considerava um infiel, o líder não respondeu à minha saudação. O profeta Maomé intimava seus seguidores a retribuir a saudação pacífica de um crente com outra, ainda mais educada. Assim, a saudação *Asalaam aleikum*, Que a paz esteja contigo, deveria ser respondida com pelo menos *Wa aleikum salaam wa rahmatullah*, E que contigo esteja a paz e a compaixão de Alá. Em vez disso, o

homem me olhou do alto do seu camelo e me cumprimentou com uma pergunta difícil.

— Quando você nos dará Stingers para a nossa luta?

Todos os afegãos fizeram a mesma pergunta para mim, o americano, desde que havíamos entrado no país. Embora Khaderbhai traduzisse aquilo, mais uma vez eu compreendia as palavras e havia ensaiado uma resposta.

— Em breve, se for da vontade de Alá, e o céu se tornará tão livre quanto as montanhas.

Era uma boa resposta e Hajji Mohammed ficou satisfeito, mas a pergunta era muito melhor e merecia uma resposta à altura, em vez da minha mentira cheia de esperanças. Os afegãos, de Mazar-i-Sharif a Kandahar, sabiam que, se os americanos lhes tivessem dado os mísseis Stinger no início da guerra, os *mujahedin* teriam derrotado os invasores meses depois. Os Stingers significavam limpar os céus dos odiados e mortalmente eficientes helicópteros russos. Mesmo os formidáveis MiG eram vulneráveis a um míssil Stinger acionado manualmente. Sem a insuperável vantagem no ar, os russos e suas marionetes afegãs seriam obrigados a enfrentar a resistência *mujahedin* na terra — um tipo de guerra que eles nunca poderiam vencer.

Para os afegãos mais céticos, os americanos se recusaram a fornecer os Stingers nos primeiros sete anos do conflito porque desejavam que a Rússia ganhasse terreno suficiente para gastar vultosas somas para conquistá-lo e mantê-lo. Se e quando os Stingers finalmente chegassem, os russos sofreriam uma derrota que lhes custaria tanto em homens e recursos, que todo o império soviético entraria em colapso.

Estivessem os céticos certos ou errados, o jogo mortal se desenrolou exatamente dessa forma. Os mísseis Stinger mudaram os rumos do conflito quando foram introduzidos, alguns meses depois de Khader nos conduzir ao Afeganistão. Os russos estavam tão enfraquecidos pela guerra de resistência travada por aqueles mesmos aldeões afegãos e milhões de outros parecidos, que seu monstruoso império desmoronou. Isso resultou em um custo de um milhão de vidas afegãs. Custou um terço da população, obrigada a deixar sua terra natal. Custou uma das maiores ondas de migração forçada na história da humanidade — três milhões e meio de refugiados atravessando a passagem de Khyber até Peshawar, e mais um milhão de exilados no Irã, na Índia e nas repúblicas muçulmanas da União Soviética. Custou cinquenta mil homens, mulheres e crianças que tiveram um ou mais membros amputados em consequência das explosões de minas terrestres. Custou a alma e o coração do Afeganistão.

E eu, um criminoso procurado, trabalhando para um chefe da máfia, personificava um americano, e encarava aquela gente e mentia sobre armas que não poderia lhes entregar.

Hajji Mohammed gostou tanto da minha resposta que convidou nosso grupo à festa de casamento de seu filho mais novo. Preocupado com os efeitos de uma recusa, que poderia ofender o líder idoso, e ao mesmo tempo sinceramente emocionado pelo convite generoso, Khader aceitou. Quando os tributos foram combinados — Hajji Mohammed foi um negociador inflexível, exigindo e

recebendo o cavalo de Khader como presente pessoal —, Khaderbhai, Nazeer e eu concordamos em acompanhar o líder ao *khel*.

O resto de nossa coluna acampou em um vale verdejante, com água potável em abundância. A interrupção de nossa marcha forçada nos permitiu cuidar dos cavalos e os deixar descansar. Os animais de carga necessitavam de atenção constante e, com as mercadorias escondidas em uma caverna, eles estavam livres para pastar e perambular pelo campo. Nossos homens se preparavam para um banquete feito com quatro cordeiros assados, arroz indiano aromático e chá verde fresco fornecido pela aldeia de Hajji como contribuição pela nossa participação no *jihad*. Depois de resolvida a questão dos tributos, os anciãos da aldeia de Hajji Mohammed — como todos os líderes de clãs afegãos que encontramos na viagem — nos reconheceram como companheiros de causa e ofereceram toda ajuda possível. Enquanto Khader, Nazeer e eu nos afastávamos do acampamento e nos dirigíamos ao *khel*, os sons de cantorias e risos nos seguiam, eco atrás de eco cheio de alegria. Era a primeira vez que ouvíamos tal despreocupação depois de vinte e três dias de jornada.

A aldeia de Hajji Mohammed estava em festa quando chegamos. O encontro proveitoso e sem derramamento de sangue com nossa coluna de homens armados havia aumentado a emoção e a expectativa do casamento. Khader explicou como os rituais elaborados do matrimônio afegão vinham se desenvolvendo meses antes de nossa chegada. Tinham acontecido visitas cerimoniais entre as famílias do noivo e da noiva. Em todas as ocasiões, pequenos presentes, como lenços ou doces perfumados, tinham sido trocados e cortesias minuciosas foram observadas. O dote da noiva, com tecidos bordados de maneira extravagante, sedas importadas, perfumes e joias, foi exibido em público para que todos pudessem admirar, e depois guardado pela família do noivo. O noivo tinha até visitado a futura esposa em segredo e lhe dera presentes pessoais ao falar com ela. De acordo com o costume, era estritamente proibido que ele fosse visto pelos homens da família dela durante a visita secreta, mas a tradição também exigia que fosse auxiliado pela mãe da moça. A mãe dedicada, garantiu-me Khader, havia permanecido com o casal enquanto eles conversavam pela primeira vez, agindo como dama de companhia. Depois de tudo aquilo, o casal estava pronto para o auge da cerimônia de casamento, que deveria acontecer dentro de três dias.

Khader me informou dos mínimos detalhes dos rituais, e eu identifiquei uma premência em seus modos professorais, normalmente tão delicados. A princípio supus — acho que corretamente — que ele estava voltando a se familiarizar com os costumes de seu povo, depois de cinco longas décadas de exílio. Revivia as cenas e os festejos da juventude e demonstrava a si mesmo que continuava a ser um afegão, por tudo que seu coração sabia e sentia. Mas, conforme as lições prosseguiram, nos dias seguintes, a intensidade de sua atenção nunca se abalou. Por fim, percebi que as longas explicações e as histórias eram mais por mim do que por ele. Estava me dando um curso intensivo sobre a nação onde eu poderia morrer e ter meu corpo enterrado. Tentava encontrar sentido naquilo — na minha vida com ele e na minha possível morte — da única forma que sabia. E ao

compreender aquilo, sem jamais comentar com ele, ouvi cuidadosamente e aprendi tudo que podia.

Parentes, amigos e outros convidados chegavam à aldeia de Hajji naqueles dias. As quatro casas principais do complexo, o *kal'a* dos homens, eram construções altas e quadradas feitas em tijolos de barro. Muros altos circundavam o *kal'a*, e uma grande moradia ficava em cada um dos quatro cantos. O *kal'a* das mulheres era um conjunto de construções separado, que ficava atrás de muros ainda mais altos. Na ala masculina, dormíamos no chão e preparávamos nossas refeições. A casa onde fiquei com Khader e Nazeer já se encontrava lotada, mas, à medida que novos convidados chegavam, nós simplesmente nos apertávamos um pouco mais. Dormíamos de roupa, amontoados no chão, cada um com a cabeça ao lado dos pés do vizinho. Existe uma teoria que afirma que roncar à noite, durante o sono, é um reflexo de defesa subconsciente — no período paleolítico, era um aviso que assustava os predadores em potencial da boca da caverna onde nossos ancestrais se acomodavam para um sono vulnerável. Aquele grupo de nômades afegãos, criadores de camelos, pastores de ovelhas e cabras, fazendeiros e guerrilheiros dava credibilidade à ideia, pois roncava de forma tão ruidosa e com tal ferocidade persistente, durante a noite longa e fria, que seria capaz de assustar um bando de leões famintos e afastá-los correndo, como se não passassem de ratinhos atordoados.

Durante o dia, os mesmos homens preparavam receitas complexas para o casamento de sexta-feira. Os pratos incluíam iogurtes com diferentes sabores, queijos picantes de leite de ovelha ou cabra, bolos de forno feitos com farinha de milho, tâmaras, nozes e mel, biscoitos assados com manteiga de leite de cabra e, naturalmente, uma variedade de carnes *halal* e *pulao* de verduras. Enquanto as comidas eram preparadas, vi alguns homens arrastarem uma moenda operada com os pés até uma área aberta, onde o noivo passou uma hora de tensão afiando a lâmina de uma adaga grande e trabalhada. O pai da noiva observava o esforço com ar crítico. Depois de se assegurar de que a arma estava adequadamente letal, ele aceitou com seriedade o presente do mais jovem.

— O noivo acabou de afiar a faca que será usada pelo pai da noiva, se ele algum dia maltratar a garota — explicou Khader, enquanto olhávamos.

— É um costume muito bom — ponderei.

— Não é um costume — Khader me corrigiu, soltando uma risada. — É ideia do pai da noiva. Nunca ouvi falar nisso antes. Mas, se funcionar, pode se tornar um costume.

Diariamente os homens também ensaiavam danças rituais com músicos e cantores que tinham sido contratados para complementar a celebração pública e formal. A dança me deu oportunidade de conhecer um novo e inesperado lado de Nazeer. Ele se lançou no grupo com graça e paixão. Além disso, meu amigo baixo, de pernas arqueadas, cujos braços fortes pareciam projetar-se de seu pescoço e seu peito grossos como o tronco de uma árvore, era de longe o melhor bailarino e logo conquistou admiração. Toda a vida interior secreta e invisível daquele homem, junto com dons espirituais e criativos, se expressava por inteiro

na dança. E aquele rosto — já disse, certa vez, que jamais vi um rosto em que o sorriso parecia tão derrotado —, aquele rosto marcado por caretas se transfigurou na dança, até que sua beleza honesta e generosa se tornou tão radiante que encheu meus olhos de lágrimas.

— Conte-me mais uma vez — ordenou Abdel Khader Khan, com um sorriso maroto no olhar, enquanto observávamos os bailarinos à sombra de um muro.

Eu ri. Quando me virei para olhá-lo, ele também riu.

— Vai lá — insistiu. — Faça isso para me agradecer.

— Mas você já me ouviu dizer isso vinte vezes. Que tal me responder uma pergunta dessa vez?

— Fale de novo, então respondo sua pergunta.

— Tudo bem. Lá vai. O universo começou há cerca de cinquenta bilhões de anos, em simplicidade quase absoluta, e desde então vem se tornando mais e mais complexo. O movimento da simplicidade à complexidade está embutido na teia e na trama do universo e é chamado de tendência à complexidade. Somos produto desse processo, como as aves, as abelhas, as árvores e as estrelas, até mesmo as *galáxias* de estrelas. E, se formos eliminados por uma explosão cósmica, como o impacto de um asteroide ou coisa parecida, alguma outra expressão de nosso nível de complexidade surgirá, pois é o que o universo *faz*. E isso provavelmente ocorre em toda parte. Como estou indo até agora?

Esperei, mas, como ele não respondeu, continuei o meu resumo.

— Bem, a complexidade final, o lugar para onde vai toda essa complexidade, é o *quê*, ou *quem*, poderíamos chamar de Deus. E qualquer coisa que promova, acentue ou acelere esse movimento em direção a Deus é boa. Qualquer coisa que o iniba, dificulte ou o impeça é má. E, se queremos saber se alguma coisa é boa ou má, como a guerra, a morte e o contrabando de armas para as guerrilhas *mujahedin*, por exemplo, devemos nos perguntar: *O que aconteceria se todos fizessem isso? Isso nos ajudaria, neste pequeno pedaço de universo, a chegar lá, ou nos atrasaria?* Assim podemos saber se o que queremos fazer é bom ou mau. E, o que é mais importante, sabemos *por que* é bom ou mau. Pronto, como foi?

— Muito bom — disse ele, sem me olhar. Enquanto eu discorria sobre seu modelo cosmológico, ele mantinha os olhos fechados e assentia com a cabeça, tensionando os lábios em um meio-sorriso. Quando concluí, ele se virou para mim, o sorriso se abriu e o prazer e a malícia iluminaram seus olhos. — Sabe, se quisesse, você poderia exprimir essa ideia tão bem e tão precisamente quanto eu. E venho trabalhando nisso, pensando sobre isso, praticamente a vida inteira. Não consigo descrever a minha felicidade ao ouvir você me dizer com suas próprias palavras.

— Acho que as palavras são suas, Khaderji. Você me ensinou muita coisa. Mas tenho alguns problemas. Posso fazer minha pergunta agora?

— Sim.

— Muito bem. Neste mundo, existem coisas como as rochas, que *não estão* vivas, e coisas vivas, como as árvores, os peixes e as pessoas. Sua cosmologia não me diz de onde vêm a vida e a consciência. Se as rochas são feitas do mesmo material que as pessoas, por que não estão vivas também? Ou melhor, de

onde vem a vida?

— Conheço você bem o bastante para ter certeza de que deseja uma resposta curta e direta à pergunta.

— Acho que gosto de respostas curtas e diretas para *todas* as perguntas — respondi, rindo.

Ele ergueu uma sobrancelha diante da minha afirmação tola e petulante e depois sacudiu a cabeça lentamente.

— Você conhece o filósofo inglês Bertrand Russell? Já leu algum livro dele?

— Sim. Li algumas coisas, na universidade e na prisão.

— Ele era um dos favoritos do querido escudeiro Mackenzie. — Khader sorriu. — É raro eu concordar com as conclusões de Bertrand Russell, mas gosto da forma como as desenvolve. Em todo o caso, ele disse: *Qualquer coisa que possa caber dentro de uma casca de noz deve permanecer por lá*. E concordo com ele nesse ponto. Mas, vamos lá, a resposta para sua pergunta é a seguinte: a vida é uma característica de todas as coisas. *Característica* é uma das minhas palavras preferidas em inglês. Se você não tem o inglês como língua nativa, a palavra *característica* tem uma sonoridade incrível, como o rufar de um tambor ou o crepitar da madeira no fogo. Continuando, todos os átomos do universo têm características de vida. Quanto mais complexa a forma como esses átomos estão reunidos, mais complexa é a expressão da característica de vida. Uma rocha é uma combinação muito simples de átomos, por isso a vida nela é tão simples que não a podemos ver. Um gato é uma combinação muito complexa, por isso a vida é tão óbvia. Mas a vida está ali, em tudo, mesmo na rocha, mesmo quando não a podemos ver.

— De onde você tirou essa ideia? Está no Alcorão?

— Para falar a verdade, é um conceito que aparece, de uma maneira ou de outra, na maioria das grandes religiões. Alterei-o ligeiramente para se adequar ao que aprendemos sobre o mundo nas últimas centenas de anos. Mas o Alcorão me dá inspiração para esse tipo de estudo, pois me exige que estude tudo e aprenda tudo para servir a Alá.

— Mas de onde vem essa *característica de vida*? — insisti, certo de que por fim o havia encurralado em um beco sem saída reducionista.

— A vida, como as outras características de todas as coisas do universo, tal como a consciência, o livre-arbítrio, a tendência à complexidade e até mesmo o amor, foi trazida ao universo pela luz, no princípio do tempo como o conhecemos.

— No Big Bang? Você está falando disso?

— Sim. A expansão do Big Bang aconteceu de um ponto chamado de singularidade, outra das minhas palavras favoritas no inglês, que é quase infinitamente denso e quente, mas não ocupa espaço nem tempo, como entendemos essas coisas. O ponto é um caldeirão em ebulição de energia luminosa. Alguma coisa provocou sua expansão, ainda não sabemos o que foi, e, da luz, todas as partículas e todos os átomos se originaram, assim como o espaço, o tempo e todas as forças que conhecemos. Portanto, a luz deu a cada pequena partícula um conjunto de características, no começo do universo. E à medida que

aquelas partículas se combinam de formas mais complexas, as características aparecem de forma cada vez mais complexa.

Ele fez uma pausa, examinando meu rosto enquanto eu tentava digerir os conceitos, as perguntas e as emoções que rodopiavam em minha mente. *Ele escapou de mim mais uma vez*, pensei, furioso com ele por ter uma resposta para minha pergunta, e ao mesmo tempo impressionado, cheio de respeito e admiração, pela mesma razão. Havia algo estranhamente incoerente nas sábias lições — às vezes parecidas com sermões — do chefe da máfia, Abdel Khader Khan. Sentado ali, encostado em um muro rochoso numa aldeia praticamente da Idade da Pedra no Afeganistão, com uma carga de armas e antibióticos contrabandeados nas imediações, a dissonância criada por seu discurso calmo e profundo sobre o bem e o mal, sobre a luz, a vida e a consciência, era o suficiente para me encher de irritação exasperada.

— O que acabei de explicar é a relação entre consciência e matéria — declarou Khader, fazendo outra pausa até encontrar meu olhar. — É uma espécie de teste, e agora você sabe disso. Você deve aplicá-lo a todo homem que diz conhecer o significado da vida. Todos os gurus que encontrar, todos os professores, os profetas e os filósofos devem saber responder a essas duas perguntas: *Qual é a definição objetiva e universalmente aceita de bem e mal?* e *Qual é a relação entre consciência e matéria?* Se não puderem responder a essas duas perguntas, como eu fiz, eles não passaram no teste.

— Como você *sabe* tanto de física? — quis saber. — Tudo isso sobre partículas, singularidades e o Big Bang?

Ele me fitou, apreendendo toda a extensão do meu insulto inconsciente: *Como um gângster afegão como você sabe tanto sobre ciência e conhecimentos avançados?* Voltei a olhá-lo, lembrando-me de um dia na favela, com Johnny Cigar, quando cometi o erro cruel de imaginar que ele era ignorante simplesmente por ser pobre.

— Já ouviu falar no ditado: *Quando o aluno está pronto, o professor aparece?* — perguntou-me às gargalhadas. Parecia estar rindo de mim, e não comigo.

— Sim — sibilei pacientemente, entre os dentes.

— Bem, nesse ponto dos meus estudos de filosofia e religião, quando passei a precisar do conhecimento especial de um cientista, alguém apareceu. Sabia que havia muitas perguntas para mim na ciência da vida, das estrelas e na química. Mas, infelizmente, não eram coisas ensinadas pelo meu querido escudeiro Mackenzie, a não ser da forma mais elementar. Então conheci um físico que trabalhava no Centro de Pesquisas Atômicas Bhabha, em Bombaim. Era um homem muito bom, mas na época tinha um fracasso pelo jogo. Arranjou muita encrenca para si. Perdeu um bocado de dinheiro que não lhe pertencia. Jogava em um dos clubes que pertence a um sujeito que eu conhecia bem, que trabalhava para mim, se eu precisasse. E os problemas não terminavam aí. O cientista estava envolvido com uma mulher. Apaixonou-se e fez coisas estúpidas em nome desse amor, por isso corria muitos perigos. Quando me procurei, resolvi esses problemas e mantive o assunto estritamente entre nós. Ninguém conhece os detalhes de suas indiscrições nem sabe de minha participação no

desenrolar dessas questões. Em troca, ele vem me ensinando desde aquele dia. Seu nome é Wolfgang Persis, e combinei que você vai encontrá-lo, se quiser, assim que voltarmos.

— Há quanto tempo ele lhe dá aulas?

— Estudamos juntos uma vez por semana nos últimos sete anos.

— *Meu Deus!* — exclamei, pensando com certa dose de prazer maldoso que o sábio e poderoso Khader era capaz de sacrifícios, quando lhe convinha. Quase ao mesmo tempo, fiquei envergonhado por ter aquele pensamento: eu amava Khader Khan o suficiente para segui-lo em uma guerra. Não era possível que o cientista também o amasse? E, ao pensar nisso, sabia que sentia ciúmes daquele homem, do cientista que eu não conhecia e provavelmente jamais encontraria. O ciúme, como o amor defeituoso que o gera, não respeita o tempo, o espaço nem os argumentos razoáveis. O ciúme pode ressuscitar os mortos com uma única ironia ou odiar um completo desconhecido apenas pelo som de seu nome.

— Você está fazendo perguntas sobre a vida — disse Khader baixinho, mudando de assunto — porque está pensando sobre a morte. E está pensando em tirar uma vida, se for necessário atirar em alguém. Estou certo?

— Está — balbuciei. Ele estava certo, mas eu não me preocupava em ter que matar alguém no Afeganistão. A vida que eu queria tirar estava empoleirada em um trono, no quarto secreto de um bordel grotesco chamado Palácio, em Bombaim. Madame Zhou.

— Lembre-se — insistiu Khader, com a mão pousada em meu antebraço para enfatizar suas palavras. — Às vezes é necessário fazer a coisa errada pelas razões certas. O importante é ter certeza de que nossos motivos são corretos e admitirmos o que há de errado, sem mentir para nós mesmos e tentando acreditar que fazemos o que é certo.

Mais tarde, depois que os rodopios e o clamor dos festejos nupciais chegaram ao final, quando voltamos a nos juntar e retomamos nossa difícil caminhada pela montanha, tentei desfazer a coroa de espinhos que havia envolvido meu coração com as palavras de Khader. *A coisa errada pelas razões certas...* No passado, ele me atormentara com essa frase. Eu a ruminava em minha mente, como um urso mastiga uma tira de couro que o prende pela perna. Na minha vida, as coisas erradas costumavam ser feitas pelos motivos errados. Mesmo as coisas *certas* que eu fiz também eram maculadas pelas razões erradas.

Fui tomado pela melancolia. Era um estado de ânimo mal-humorado e desconfiado do qual não conseguia me desvencilhar. Enquanto cavalgávamos no inverno, pensei muito em Anand Rao, meu vizinho na favela. Lembrei-me do rosto de Anand sorrindo para mim através da grade metálica na sala de visitas da prisão de Arthur Road: aquele semblante gentil e belo, tão sereno, suavizado pela paz que havia tomado conta de seu coração. Ele havia feito a coisa errada pelas razões certas, segundo entendia. Aceitara calmamente a punição que *merecera*, como se fosse um privilégio ou um direito. E, finalmente, depois de dias e noites pensando demais, amaldiçoei Anand. Amaldiçoei-o para tirá-lo da minha cabeça, pois uma voz — minha própria voz, ou talvez a de meu pai — não parava de me dizer que eu nunca conheceria tal paz. Jamais chegaria àquele Éden da

alma, no qual a aceitação da punição e o reconhecimento do certo e do errado afastam os tormentos que se alojam em um coração exilado, como pedras em um terreno árido.

Seguíamos em direção ao norte, novamente à noite. Subimos e cruzamos a estreita passagem Kussa nas montanhas Hada. A viagem de trinta quilômetros em linha reta se transformou para nós em um percurso de quase cento e cinquenta quilômetros de subidas e descidas. Então, expostos à amplidão do céu, nos deslocamos em solo mais plano por quase cinquenta quilômetros para cruzar três vezes o rio Arghastan e seus afluentes, antes de alcançarmos o pé da passagem de Shahbad. E ali, com minha mente ainda sufocada por acertos e erros, fomos atacados com tiros pela primeira vez.

A ordem de Khader para que começássemos de imediato a subida da passagem de Shahbad salvou muitas vidas, inclusive a minha, naquela noite fria. Estávamos exaustos, depois da longa marcha acelerada pela planície aberta. Muitos entre nós esperavam descansar aos pés das montanhas, mas Khader insistiu que fôssemos em frente, percorrendo toda a coluna e gritando para que avançássemos no mesmo ritmo. Assim, nos deslocávamos com rapidez quando aconteceram os primeiros disparos. Ouvi o som: uma batida oca de metal, como se alguém tamborilasse ao lado de um tanque vazio de petróleo com um pedaço de cano de cobre. Estupidamente, a princípio não pensei em tiros e continuei a marcha para a frente, puxando o cavalo pelas rédeas. Então as balas se aproximaram de seus alvos e acertaram o chão, integrantes de nossa coluna e as muralhas de rocha a nossa volta. Os homens se dispersaram em busca de proteção. Caí no chão, enfiando o rosto na poeira do caminho pedregoso e dizendo a mim mesmo que aquilo não podia estar acontecendo, que eu não tinha visto o sujeito a minha frente ser destruído pelas costas enquanto tentava avançar. Nossos homens começaram a atirar a minha volta. Com a respiração acelerada e poeira na boca, rígido de medo, eu estava na guerra.

Poderia ter permanecido ali, com o rosto no chão e o coração martelando seu terror sísmico na superfície da terra, se não fosse pelo meu cavalo. Eu soltara as rédeas e o animal empinava, apavorado. Temi que me pisoteasse. Com dificuldade, fiquei de pé e lutei para recuperar as rédeas que se agitavam e retomar o controle da situação. A égua, que fora de uma obediência tão impressionante até aquele momento, de repente se transformara no pior da coluna. Empinava e corcoveava. Batia com os cascos no chão e tentava me arrastar para trás. Agitava-se e nos fazia andar em pequenos círculos, tentando encontrar um ângulo em que pudesse me dar um coice. Chegou a me morder, na altura do cotovelo, causando intensa dor, apesar das três camadas de roupa.

Olhei para a esquerda e para a direita. Aqueles que estavam mais próximos da passagem tentavam correr até lá, levando as montarias em direção às prateleiras rochosas para se abrigar. Os que se encontravam imediatamente a minha frente e atrás de mim haviam conseguido fazer seus animais se abaixarem e estavam agachados ao lado ou atrás deles. Apenas o meu continuava de pé e extremamente visível. Sem a habilidade de cavaleiro, tentar convencer um cavalo a se deitar em uma zona de batalha é algo difícilimo. Outros relinchavam de medo, e cada demonstração de terror apavorava ainda

mais minha égua. Queria salvá-la, fazer que se abaixasse e se transformasse em um alvo menos evidente, mas também estava preocupado com minha segurança. O fogo inimigo acertava as rochas acima de mim e ao meu lado, e a cada abalo eu me encolhia, como um cervo que cutuca um espinheiro.

Esperar por uma bala é uma sensação muito esquisita: a experiência mais próxima de que consigo me lembrar é despencar no espaço e aguardar que o paraquedas se abra. Há um gosto especial, singular; um cheiro diferente na pele; e uma dureza nos olhos, como se subitamente se transformassem em metal frio. No exato momento em que decidi desistir e deixar que a égua cuidasse de si mesma, ela cedeu e seguiu o movimento de meus braços que a arrastavam para baixo. Lancei-me sobre ela, usando sua barriga como escudo. Para tentar acalmá-la, estendi o braço para acariciar sua espádua. Minha mão encontrou uma ferida sangrenta. Ergui a cabeça e vi que tinha sido atingida por dois disparos: um na altura da espádua e outro na barriga. As feridas desfaziam-se em sangue a cada esforço que fazia para respirar. O animal chorava — não tenho outra palavra para descrever. O som era de um soluço arfante, entrecortado, lamuriendo. Encostei minha cabeça na dele e abracei seu pescoço.

Os homens do meu grupo concentravam o fogo num cume a cerca de cento e cinquenta metros de distância. Com o corpo rente ao chão, levantei os olhos por trás do rabo do cavalo e vi nuvens de fumaça subirem e se espalharem naquela direção, enquanto balas e mais balas se cravavam na terra.

Então acabou. Ouvi Khader gritar em três idiomas para que os homens parassem de atirar. Esperamos por longos minutos, em uma imobilidade que grunhia, gemia e soluçava. Ouvi passos que esmagavam as pedras nas imediações. Ao erguer os olhos, vi Khaled Ansari correndo abaixado na minha direção.

— Você está bem, Lin?

— Estou — respondi, pela primeira vez pensando se eu também tinha sido atingido. Passei as mãos nas pernas e nos braços. — Tudo bem, estou aqui. Acho que ainda estou inteiro. Mas atiraram na minha égua. Ela está...

— Estou fazendo uma contagem! — ele me interrompeu, erguendo as palmas das mãos para me acalmar e me fazer parar de falar. — Khader me mandou para ver se você está bem e para fazer uma contagem de cabeças. Volto logo. Fique aqui e não se mexa.

— Mas ela está...

— Está *liquidada*! — declarou ele, que logo amenizou seu tom. — O cavalo está perdido, Lin. Está liquidado. Não é o único. Habib vai dar cabo deles. Fique aqui e mantenha a cabeça baixa. Vou voltar.

Ele partiu abaixado, parando aqui e ali pela coluna, atrás de mim. Minha égua respirava com dificuldade, gemendo a cada três ou quatro inspirações. O sangue jorrava devagar, mas sem parar. A ferida da barriga produzia um fluido negro, mais escuro do que sangue. Tentei acalmá-la, acariciando seu pescoço, e percebi que não a batizara. Parecia-me incrivelmente cruel, de alguma maneira, deixar que ela morresse sem nome. Vasculhei minha cabeça e quando retirei a rede dos pensamentos das profundezas tenebrosas, lá estava um nome, reluzente e sincero.

— Vou chamá-la de Claire — sussurrei no ouvido da égua. — Era uma

garota muito bonita. Sempre me fazia parecer bem por onde passássemos. Quando estávamos juntos, era como se soubesse o que estava fazendo. E, na verdade, não comecei a amá-la até ela se afastar de mim pela última vez. Claire falou que eu *me interessava por tudo e não me comprometia com nada*. Uma vez me disse isso. E estava certa. Estava certa.

Eu balbuciava, delirante, em estado de choque. Agora conheço os sintomas. Já os vi em outros homens que encaram um tiroteio pela primeira vez. Existem alguns, raros, que sabem exatamente o que fazer: as armas devolvem o fogo antes mesmo de seus corpos terminarem de se abaixar instintivamente. Outros riem, não conseguem parar. Alguns choram, chamam pela mãe, pela esposa ou por Deus. Outros ficam tão quietos, encolhidos interiormente, que assustam até os amigos. Alguns falam, como eu fiz com meu cavalo moribundo.

Habib se aproximou de mim correndo em zigue-zague e me viu falando no ouvido da égua. Examinou-a por inteiro, passando as mãos nas feridas, apalpando o couro cheio de veias à procura das balas. Tirou a faca da bainha. Era uma faca longa, com a ponta serrilhada. Ele a colocou na garganta do animal e então parou. Seus olhos loucos encontraram os meus. Houve uma explosão dourada em torno das pupilas que pareciam pulsar e girar. Eram olhos grandes, mas a loucura neles era maior, arregalando-os como se quisessem explodir para fora do cérebro. Ao mesmo tempo, tinha sanidade suficiente para perceber minha tristeza impotente e me oferecer a faca.

Talvez eu devesse ter pegado a faca e matado o cavalo, minha égua, eu mesmo. Talvez isso fosse o que um homem bom, comprometido, teria feito. Não consegui. Olhei para a faca e para a garganta trêmula do animal e vi que não conseguiria. Sacudi a cabeça. Habib a enfiou e terminou com uma torção de pulso sutil, quase elegante. A égua estremeceu, mas se manteve calma. Quando a faca deixou a garganta, o sangue jorrou impulsionado pelo coração, manchando seu peito e o chão. Lentamente, a mandíbula relaxou, os olhos ficaram vidrados e o grande coração parou de bater.

Desviei a vista dos olhos mansos, mortos e destemidos do cavalo para a doença que galopava nos olhos de Habib, e o momento que compartilhamos foi tão carregado de emoção, tão absurdamente estranho aos mundos que eu conhecia, que minha mão escorregou sem querer pelo meu corpo até a arma no coldre. Habib sorriu para mim, um sorriso simiesco cheio de dentes, impossível de decifrar, e foi em frente, até o próximo cavalo ferido.

— Você está bem?

— Você está bem?

— Você está bem?

— O quê?

— Eu perguntei se você está bem. — disse Khaled, sacudindo um punhado de tecido diante de meu peito até que eu o olhasse.

— Estou. Claro — Focalizei seu rosto, pensando em quanto tempo havia passado fitando meu cavalo morto, com a mão pousada em sua garganta perfurada. Olhei para o céu. A noite estava chegando, faltavam apenas alguns minutos. — Como foram... como foram as coisas?

— Perdemos um homem. Madjid. Um cara da região.

— Eu vi. Estava bem na minha frente. As balas o escancararam como um abridor de latas. Porra, cara, foi tão rápido. Estava vivo e de repente suas costas foram destroçadas e ele caiu no chão como uma marionete quebrada. Tenho certeza de que estava morto antes de os joelhos tocarem o chão. Foi rápido *assim!*

— Você tem certeza de que está bem? — perguntou Khaled quando parei para tomar fôlego.

— Estou bem para *caralho!* — retruquei, carregando o sotaque australiano no palavrão. O brilho de seus olhos me deixou irritado por mais uma fração de segundo, mas aí percebi o afeto e a preocupação em seu rosto. Em vez disso, eu ri. Aliviado, ele riu comigo. — Claro que estou bem. E vou ficar bem melhor se você parar de perguntar. Estou só... abalado... é isso. Preciso de um tempo. *Meu Deus!* Um homem acabou de ser morto de um lado, e meu cavalo foi morto do outro. Nem sei dizer se tenho sorte ou azar.

— Você tem sorte — respondeu rapidamente Khaled. O tom era mais sério do que seus olhos risonhos. — Foi muito ruim, mas poderia ter sido pior.

— Pior?

— Não usaram nenhum armamento pesado. Nada de morteiro nem de metralhadoras. Teriam usado se as possuíssem, e seria muito pior. Isso significa que era uma pequena patrulha, provavelmente de afegãos, não de russos, nos tentando ou tentando a sorte. Do jeito que foi, tivemos três feridos e perdemos quatro cavalos.

— Onde estão os feridos?

— Lá na frente, na passagem. Quer dar uma olhada neles?

— Claro, claro. Ajude-me com as minhas coisas.

Tiramos a sela e os estribos do meu cavalo morto e marchamos pela fileira até a boca da estreita passagem. Os feridos estavam deitados, abrigados atrás da pedra. Khader ficou por perto, franzindo a testa para observar a planície atrás de mim. Ahmed Zadeh retirava com delicadeza e rapidez as roupas de um dos feridos. Olhei para o céu cada vez mais escuro.

Um dos homens quebrara um braço. O cavalo havia caído sobre ele quando levou um tiro. Era uma fratura séria, múltipla, do antebraço, perto do pulso. Um osso se projetava em um ângulo estranho, mas permanecia envolvido pela pele, sem perfurá-la. Precisava ser posto no lugar. Quando Ahmed Zadeh tirou a camisa do segundo homem, vimos que fora atingido por duas balas. Ambas ainda se encontravam em seu corpo e não podiam ser retiradas sem uma cirurgia delicada. Uma delas, na parte superior do tórax, havia esmigalhado a clavícula. A outra se alojara no estômago, abrindo uma enorme ferida que atravessava seu corpo na altura dos quadris, e, sem dúvida, era fatal. O terceiro homem, um fazendeiro chamado Siddiqi, tinha um sério ferimento na cabeça. Seu cavalo o jogara contra as pedras e ele bateu com o alto da cabeça em um rochedo. Sangrava e, obviamente, tinha uma fratura de crânio. Meus dedos deslizaram pelas beiradas do osso quebrado, pegajoso e umedecido por seu sangue. O couro cabeludo havia se dividido em três partes. Uma delas estava tão solta que eu sabia que sairia se eu a puxasse. Os ossos do crânio se mantinham unidos graças

ao emaranhado dos cabelos. Havia também um grande inchaço na base do crânio, no ponto onde a cabeça encontra o pescoço. Estava inconsciente e eu duvidava que ele voltasse a abrir os olhos.

Olhei para o céu mais uma vez. Havia tão pouca luz, tão pouco tempo. Precisava tomar uma decisão, fazer uma escolha e, quem sabe, ajudar um homem a sobreviver ao passo que os outros morreriam. Eu não era médico tampouco tinha experiência no campo de batalha. A tarefa fora delegada para mim, ao que parecia, porque eu sabia um pouco mais do que os outros e estava disposto a fazê-lo. Estava frio. Eu estava com frio. Ajoelhava-me em uma poça grudenta de sangue e podia sentir minhas calças encharcadas na altura dos joelhos. Quando levantei os olhos para ver Khader, ele fez um sinal com a cabeça, como se lesse meus pensamentos. Mortificado de culpa e medo, cobri Siddiqi com uma manta, para mantê-lo aquecido, e depois o abandonei para cuidar do homem com o braço quebrado.

Khaled abriu um grande estojo de primeiros socorros ao meu lado. Joguei no chão uma garrafa plástica com antibiótico em pó, sabão antisséptico, gaze e tesouras, aos pés de Ahmed Zadeh, que estava do lado do homem baleado. Dei instruções rápidas de como limpar e cuidar das feridas e, enquanto Ahmed começava a trabalhar, voltei minha atenção para o braço quebrado. O homem falava comigo com urgência. Eu conhecia bem seu rosto. Ele tinha um talento especial para cuidar das cabras indisciplinadas. Vira-o muitas vezes, seguido pelas criaturas temperamentais, enquanto perambulava em volta de nosso acampamento.

— O que ele disse? Não consigo entender.

— Ele perguntou se vai doer — balbuciou Khaled, tentando manter a voz e a expressão reconfortantemente neutras.

— Isso já aconteceu comigo — respondi. — Uma coisa bem parecida. Sei exatamente o quanto vai doer. Dói tanto, irmão, que acho que você deve tirar a arma dele.

— Certo — respondeu Khaled. — Droga.

Ele deu um grande sorriso, tocou de leve o chão ao lado do ferido, tirando gradualmente a Kalashnikov da sua mão e do seu alcance. Então, quando a escuridão nos envolveu, cinco de seus amigos o seguraram. Torci e puxei o braço quebrado até que parecesse o membro reto e saudável que já havia sido e que nunca mais voltaria a ser.

— *Ee-Allah! Ee-Allah!* — gritou sem parar, com os dentes cerrados.

Quando o braço fraturado estava enfaixado e preso em talas de plástico duro, e já havíamos fechado as feridas do homem baleado, enrolei apressadamente um curativo na cabeça do inconsciente Siddiqi. No mesmo instante partimos pela passagem estreita. A carga estava distribuída pelos animais sobreviventes. O homem baleado montava um cavalo, apoiado por amigos dos dois lados. Siddiqi foi amarrado em um dos animais de carga, bem como o corpo de Madjid, o afegão morto durante o ataque. O restante de nós caminhava.

A subida era íngreme, mas curta. Ofegante no ar rarefeito, trêmulo com um frio que penetrava em meus ossos, empurrei e arrastei os cavalos relutantes junto com os outros. Os guerreiros afegãos jamais se queixavam, nem resmungavam.

Quando uma ladeira demonstrou ser mais íngreme do que qualquer outra daquela viagem, finalmente parei, resfolegando, para recuperar as forças. Dois homens se viraram e perceberam que eu havia parado. Deslizaram pelo caminho até me encontrar, abrindo mão de metros preciosos que haviam acabado de conquistar. Com imensos sorrisos e tapinhas encorajadores no ombro, eles me ajudaram a arrastar um cavalo encosta acima e depois partiram para ajudar quem estava na frente.

— Esses afegãos talvez não sejam as melhores companhias do mundo para se viver — bufou Ahmed Zadeh, enquanto lutava para subir pela trilha, atrás de mim. — Mas com certeza são as melhores companhias do mundo para se morrer!

Depois de cinco horas de subida, chegamos ao nosso destino, um acampamento nas montanhas Shar-i-Safa. O local era protegido da visão aérea por uma prodigiosa saliência de pedra. Embaixo, o chão fora escavado para formar uma vasta caverna que levava a uma rede de outras interligadas. Vários abrigos menores, camuflados, cercavam a caverna, formando um anel que alcançava as beiradas do acidentado platô na montanha.

Khader nos mandou parar sob a luz da lua cheia nascente. Habib, seu guia, havia alertado sobre nossa chegada e os *mujahedin* esperavam por nós — e pelos suprimentos que trazíamos — com grande empolgação. No meio da coluna, recebi um recado de que Khader queria me ver. Corri para a frente, para me encontrar com ele.

— Vamos entrar no acampamento por esta trilha. Khaled, Ahmed, Nazeer, Mahmoud e mais alguns. Não sabemos exatamente quem está lá. O ataque que sofremos na passagem de Shahbad me diz que Asmatullah Achakzai se bandeou para o lado dos russos mais uma vez. A passagem era dele há três anos e deveríamos estar seguros ali. Habib diz que o acampamento não apresenta riscos e que lá estão homens nossos, esperando por nós. Mas ainda estão escondidos e não vão sair para nos receber. Acho que será melhor que nosso americano entre conosco, na dianteira, atrás de mim. Não posso mandar você fazer isso. Só posso pedir. Você cavalga conosco?

— Sim — respondi, esperando que as palavras parecessem mais firmes em seus ouvidos que nos meus.

— Ótimo. Nazeer e os outros prepararam os cavalos. Vamos sair imediatamente.

Nazeer levou vários cavalos para a frente e, exaustos, subimos nas selas. Khader deveria estar bem mais cansado do que eu e seu corpo provavelmente enfrentava mais dores e incômodos, mas ele montava com as costas eretas e segurava o estandarte verde e branco apoiado no quadril, com um braço rígido. Procurando imitá-lo, sentei-me ereto e cutuquei o animal, para que ele avançasse. Nossa pequena coluna seguia lentamente sob um luar prateado tão intenso que projetava imensas sombras nas paredes cinzentas de pedra.

O acesso ao acampamento por aquele aclave ao sul era feito por uma trilha estreita e pedregosa que formava uma curva regular e graciosa da direita para a esquerda. Ao lado da trilha, à nossa esquerda, ficava um precipício com uns

trinta metros de profundidade, que despencava em uma pilha de rochedos. À direita, ficava a face lisa de uma parede de pedra. Quando estávamos mais ou menos na metade do caminho, observados atentamente por nossos homens e os *mujahedin* do acampamento, comecei a sentir cãibras irritantes no quadril direito. As cãibras evoluíram rapidamente para uma dor lancinante e, quanto mais eu tentava ignorá-la, mais insuportável se tornava. Para diminuir a pressão no quadril, tirei o pé direito do estribo e tentei esticar minha perna. Com todo o peso do corpo sobre a perna esquerda, levantei-me um pouco na sela. De modo inesperado, o pé esquerdo cedeu, pois minha bota escorregou do estribo. Senti que caía da sela, na lateral, em direção ao abismo coberto de pedras.

Os instintos de autopreservação fizeram meus membros se agitarem. Agarrei-me ao pescoço do animal com os braços e a perna direita enquanto escorregava de um lado para o outro. No tempo que se leva para cerrar os dentes, eu caí da sela e me enrosquei, de cabeça para baixo, no pescoço do cavalo. Mandei que parasse, mas ele me ignorou, avançando pela trilha estreita. Não podia soltá-lo. O caminho era tão apertado, o penhasco tão íngreme, que eu tinha certeza de que cairia se o soltasse. E o cavalo não parava. Então continuei a segurar com os braços e as pernas enrolados em seu pescoço, de cabeça para baixo, enquanto a cabeça do animal balançava de um lado para o outro junto à minha.

Primeiro, ouvi nossos homens rindo. Era uma risada impotente, vacilante, abafada, que nos faz sentir uma dor na costela durante dias. E temos certeza de que nos matará se não conseguirmos respirar em seguida. Depois, ouvi os guerrilheiros *mujahedin* gargalhando no acampamento. Arqueei a cabeça para trás e vi Khader em sua sela, olhando em volta e rindo tanto quanto os demais. Então *eu* comecei a rir, e meus braços agarrados ao cavalo se enfraqueceram, fazendo-me rir de novo. E, quando soltei um angustiado e rouco *Eia! Pare! Band karo!*, os homens riram mais ainda.

E foi assim que entrei no acampamento dos guerrilheiros *mujahedin*. Eles se agacharam a minha volta imediatamente, me ajudando a sair do pescoço do cavalo e ficar de pé. Nossos homens nos seguiram pela trilha estreita e se aproximaram para me dar tapinhas nas costas e nos ombros. Ao ver tal familiaridade, os *mujahedin* resolveram fazer o mesmo. Passaram-se quinze minutos até que o último homem saísse do meu lado e eu pudesse me sentar para descansar minhas pernas trêmulas.

— Convidar você para cavalgar não foi a melhor das ideias de Khader — disse Khaled Ansari, deslizando na pedra para se sentar ao meu lado, com as costas apoiadas nela. — Mas *porra*, cara, você ficou popular *de verdade* depois de chegar aqui com aquele truque. Foi com certeza a coisa mais engraçada que esses caras viram em toda a vida.

— Pelo amor de Deus! — suspirei, soltando uma última risada involuntária. — Durante um mês inteiro, cavalguei sobre mais de cem montanhas, cruzei dez rios, na maior parte do tempo no escuro, e foi tudo bem. Chego ao acampamento e estou pendurado no pescoço do cavalo como se fosse a porra de um macaco.

— Não comece de novo! — explodiu Khaled, soltando gargalhadas com as

mãos na barriga.

Ri com ele e, embora estivesse exausto e conformado com o ridículo da situação, não queria mais rir. Assim olhei para a direita, para evitar seu olhar. Uma lona com estampa de camuflagem fornecia abrigo para nossos feridos. Sob as sombras ao lado dela, os homens descarregavam os cavalos e levavam os suprimentos para a caverna. Vi Habib arrastando alguma coisa longa e pesada para longe, por trás da fila de trabalhadores, para dentro da escuridão.

— O que... — comecei, ainda rindo. — O que Habib está fazendo ali?

Khaled ficou alerta na mesma hora e se levantou em um salto. Sua urgência me apressou e pulei atrás dele. Corremos até uma fileira de rochas que ficava na beirada do platô montanhoso e, ao contorná-la, o vimos ajoelhado, com as pernas ao lado de um corpo. Era Siddiqi. Enquanto toda a atenção se voltava para os fascinantes lotes de carga, Habib arrastara o homem inconsciente sob o toldo de lona. No momento em que o alcançamos, Habib enfiou a longa faca no pescoço dele e a girou delicadamente. As pernas de Siddiqi se contorceram num leve espasmo e então ficaram imóveis. Habib retirou a faca, virou-se e nos encontrou olhando fixamente para ele. O horror e a raiva em nossa expressão pareceram apenas alimentar a loucura que queimava em seus olhos. Ele sorriu.

— Khader! — Khaled gritou, com o rosto tão pálido quanto as pedras banhadas pelo luar a nossa volta. — Khaderbhai! *Iddar ao! Venha cá!*

Ouvi um grito de resposta em algum lugar atrás de nós, mas não me mexi. Meus olhos estavam em Habib. Ele se virou para me encarar, passando a perna sobre o homem assassinado e agachando-se, como se estivesse prestes a pular em cima de mim. O sorriso demente estava congelado em seu rosto, mas os olhos ficaram mais sombrios — mais assustados, talvez, ou mais astuciosos. Ele virou a cabeça depressa, inclinando-a em um ângulo estranho, como se ouvisse com intensidade animal um som perdido na noite distante. Não escutei nada além dos sons do acampamento atrás de mim e do gemido suave do vento ao atravessar cânions, ravinas e caminhos secretos. Naquele instante, a terra, a montanha, o próprio Afeganistão me pareciam tão desoladores, tão desprovidos de beleza e suavidade que eram como a paisagem da loucura de Habib. Senti que estava encurralado no labirinto pétreo de seu cérebro alucinado.

Enquanto ele ouvia, tenso e abaixado como um animal, com o rosto afastado de mim, soltei o prendedor do meu coldre. Tirei a arma e fiquei com ela nas mãos. Respirando com dificuldade, segui as instruções de Khader mecanicamente, sem perceber o que tinha feito até ter soltado a trava e colocado uma carga na câmara, engatilhando a arma. Os sons fizeram Habib voltar a me encarar. Ele viu a arma na minha mão. Estava apontada para seu peito. Tornou a fitar meus olhos, movendo o olhar lentamente, de uma forma quase lânguida. A longa faca ainda estava na sua mão. Não sei como era o meu aspecto ao luar. Eu não devia estar com boa aparência. Tinha tomado uma decisão: se ele se mexesse um milímetro sequer na minha direção, eu apertaria o gatilho quantas vezes fossem necessárias para acabar com ele.

Ele abriu um sorriso, que se transformou numa gargalhada — ou algo parecido. A boca se mexeu, a cabeça balançou, mas não houve som. E os olhos, que ignoravam Khaled completamente, transmitiam um recado aos meus. Então

pude ouvir sua voz em minha mente. *Está vendo? Estou certo de não confiar em ninguém... Vocês querem me matar... Todos vocês... Vocês querem que eu morra... Mas não tem problema... Não me importo... Dou a minha permissão... Quero que façam isso...*

Escutamos um som, um passo, atrás de nós. Khaled e eu saltamos e giramos, assustados, até vermos Khader, Nazeer e Ahmed Zadeh correndo para nos encontrar. Quando olhamos para trás, Habib havia desaparecido.

— O que há de errado? — perguntou Khader.

— É Habib — respondeu Khaled, procurando um sinal do louco na escuridão. — Ele ficou louco... ele é louco... Matou Siddiqi... Arrastou seu corpo até aqui e enfiou-lhe a faca na garganta.

— Onde ele está? — quis saber Nazeer, em um tom irritado.

— Não sei — respondeu Khaled, sacudindo a cabeça. — Você viu quando ele se foi, Lin?

— Não. Eu também me virei para ver Khader, e, quando olhei de novo, ele simplesmente... havia... desaparecido. Acho que deve ter pulado para dentro da ravina.

— Ele *não pode* ter pulado — disse Khaled, franzindo a testa. — São uns cinquenta metros até lá embaixo. Ele *não pode* ter pulado.

Abdel Khader se ajoelhou ao lado do morto, sussurrando orações, com as palmas da mão para cima.

— Podemos procurá-lo amanhã — disse Ahmed, pondo a mão no ombro de Khaled para reconfortá-lo. Ele olhou para o céu noturno. — Não resta muito do luar para trabalharmos. Ainda temos muito a fazer. Não se preocupem. Se ainda estiver por perto, vamos encontrá-lo amanhã. E, se não encontrarmos, se ele tiver partido, talvez não seja a pior opção para nós, *non?*

— Quero guardas de olho nele esta noite. — ordenou Khaled. — Nossos homens, os que conhecem bem Habib, e não os caras daqui.

— *Oui* — concordou Zadeh.

— Não quero que atirem nele, se possível — prosseguiu Khaled. — Mas não devem correr risco. Verifiquem todas as coisas dele, verifiquem o cavalo, sua bagagem. Vejam que armas ou explosivos podem estar com ele. Não dei uma boa olhada antes, mas acho que ele tem algumas coisas dentro do agasalho. *Porra*, isso é uma merda.

— Não se preocupe — sussurrou Zadeh, voltando a pousar a mão no ombro de Khaled.

— Não posso evitar — insistiu o palestino, olhando em volta na escuridão. — É um péssimo começo. Acho que ele está ali, nos espreitando, agora mesmo.

Quando Khader completou as orações, levamos o corpo de Siddiqi de volta para o abrigo de lona e o embrulhamos em um pano até que os rituais fúnebres pudessem ser realizados, no dia seguinte. Trabalhamos por mais algumas horas e depois nos deitamos na caverna, lado a lado, para dormir. Os roncoss foram sonoros e os homens exaustos tiveram um sono agitado, mas fiquei acordado por outras razões. Meus olhos voltavam ao lugar sem luar, cheio de sombras, onde Habib desaparecera. Khaled tinha razão. A guerra de Khader não tinha

começado bem e as palavras ecoavam em minha mente alerta. *Um péssimo começo...*

Tentei fixar o olhar nas estrelas nítidas e perfeitas que reluziam no céu escuro daquela noite malfadada, mas seguidas vezes perdia a concentração e me pegava observando de novo as margens escuras do platô. E sabia, da maneira inexplicável como sabemos que o amor acabou ou descobrimos que um amigo é falso e não gosta de nós, que a guerra de Khader terminaria muito pior do que havia começado, para todos nós.

## CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

MORAMOS COM OS GUERRILHEIROS no complexo de cavernas da cordilheira de Shar-i-Safa durante dois meses, os dias cada vez mais frios. Foi um período difícil sob diversos aspectos, mas nossa fortaleza na montanha jamais foi atacada diretamente e estávamos em relativa segurança. O acampamento situava-se a cinquenta quilômetros de Kandahar, em linha reta. Ficava a vinte quilômetros da principal rodovia de Cabul e a cinquenta quilômetros no sudeste da represa de Arghandab. Os russos ocupavam Kandahar, mas seu controle do sul da capital era frágil e o local estava sujeito a uma série de cercos. Misseis atingiam o centro da cidade e a guerrilha nos arredores causava baixas constantes. A estrada principal era controlada por diversas unidades bem-armadas de *mujahedin*. Os comboios de tanques e caminhões vindos de Cabul eram obrigados a forçar a passagem por barricadas para reabastecer Kandahar, e assim o faziam mensalmente. Unidades do Exército regular afegão, leais ao governo fantoche de Cabul, protegiam a represa Arghandab, de importância estratégica, mas ataques frequentes ameaçavam seu domínio sobre os preciosos recursos. Dessa forma, estávamos mais ou menos no centro de uma triade de violentas zonas de conflito, cada uma exigindo mais e mais homens e armas. A cordilheira de Shar-i-Safa não oferecia nenhuma vantagem estratégica aos nossos inimigos. Por isso a luta não chegava até nós, nas nossas bem-disfarçadas cavernas nas montanhas.

Naquelas semanas, o tempo se transformou no frio cruel de um inverno rigoroso. A neve caía em rajadas uivantes que nos deixavam encharcados dentro dos uniformes remendados, compostos por múltiplas camadas de tecido. Uma névoa gelada se deslocava tão lentamente por entre as montanhas que às vezes ficava suspensa por horas seguidas: imóvel, branca e impenetrável ao olhar, como vidro fosco. O chão estava sempre enlameado ou congelado, e até as muralhas de pedra das cavernas que habitávamos pareciam reverberar e tremer com a friagem da estação.

Parte do carregamento de Khader consistia em ferramentas e peças de equipamentos. Montamos duas oficinas nos primeiros dias depois de nossa chegada e ambas ficaram ocupadas durante as semanas rastejantes do inverno. Havia um pequeno torno que aparafusamos a uma mesa artesanal. Funcionava graças a um motor a diesel. Os guerrilheiros tinham certeza de que as forças inimigas estavam longe e não poderiam nos ouvir. Ainda assim, abafávamos o barulho com um pequeno iglu formado por sacos de estopa que cobriam o motor, deixando vãos para a entrada de ar e a saída de gases. O mesmo motor alimentava um rebolo e uma furadeira de alta potência.

Com aqueles equipamentos, os guerrilheiros consertavam as armas e às vezes faziam adaptações para cumprir novos e diferentes objetivos. O principal desses armamentos era o morteiro. Depois das aeronaves e dos tanques, a mais eficiente arma de batalha no Afeganistão era o morteiro russo de oitenta e dois

milímetros. Os guerrilheiros os compravam, roubavam ou capturavam no combate homem a homem, geralmente ao custo de vidas humanas. Passavam a ser usados contra os russos que os haviam trazido ao país para conquistá-lo. Nossas oficinas desmontavam morteiros, os recondicionavam e os empacotavam em sacos encerados para serem utilizados em zonas de combate tão distantes quanto Zaranj, no oeste, e Kunduz, no norte.

Além de alicates e ferramentas para moldar cartuchos, da munição e dos explosivos, o carregamento de Khader também incluía peças para as Kalashnikovs que ele adquirira nos bazares de armas de Peshawar. A AK russa — *Avtomat Kalashnikova* — foi projetada por Mikhail Kalashnikov na década de 1940, em resposta às inovações em matéria de armamentos feitas pelos alemães. Perto do final da Segunda Guerra Mundial, os generais do Exército alemão desobedeceram às ordens expressas de Adolf Hitler e produziram um fuzil de assalto automático. O projetista Hugo Schmeisser, usando o princípio de um conceito anterior dos russos, desenvolveu uma arma mais curta, leve, que disparava um pente de trinta balas a uma velocidade de cem tiros por minuto. Hitler ficou tão impressionado com a arma que proibira anteriormente, que a batizou de *Sturmgewehr*, ou *Fuzil Tempestade*, e ordenou imediatamente sua produção em massa. Já era tarde demais para ajudar o esforço de guerra nazista, mas o Tempestade, de Schmeisser, abriu caminho para todos os fuzis de assalto no restante do século.

A AK-47, de Kalashnikov, o mais popular e disseminado dos novos fuzis de assalto, funcionava desviando alguns dos gases propulsores produzidos pelo disparo para um cilindro sobre o cano. O gás abaixava o pistão que forçava o parafuso para trás, contra a mola, e engatilhava a arma para mais um tiro. O fuzil pesava cerca de cinco quilos, tinha capacidade para trinta balas em seu pente curvo de metal e lançava projéteis de 7,62 milímetros a uma velocidade de setecentos metros por segundo, com alcance efetivo de mais de trezentos metros. No modo automático, disparava mais de cem tiros por minuto, e cerca de quarenta tiros por minuto no semiautomático, na função de tiro individual.

O fuzil tinha suas limitações, e os guerrilheiros *mujahedin* sabiam explicá-las com desenvoltura. A baixa velocidade de saída da pesada bala de 7,62 milímetros desenhava uma trajetória curva que exigia ajustes delicados para conseguir atingir um alvo a trezentos metros ou mais. O clarão do disparo da AK era tão intenso, sobretudo com a recente série 74, que cegava o atirador à noite e costumava denunciar sua posição. O cano aquecia rapidamente, tornando-se quente demais para alguém segurar. Às vezes, um projétil esquentava tanto dentro da câmara que esta explodia no rosto do atirador. Isso explicava por que tantos guerrilheiros mantinham a arma afastada de seus corpos, ou sobre suas cabeças, no campo de batalhas.

Apesar de tudo, o fuzil funcionava à perfeição depois de totalmente imerso na água, na lama ou na neve e continuava a ser uma das máquinas mortíferas mais eficientes e confiáveis já inventadas. Nas primeiras quatro décadas depois de sua criação, foram produzidas cinquenta milhões de unidades — mais do que qualquer outra arma de fogo em toda a história —, e a Kalashnikov, sob todas as

formas, foi considerada a arma de assalto preferida de revolucionários, soldados do Exército, mercenários e bandidos em todo o mundo.

A AK-47 original era fabricada em aço forjado e laminado. A AK-74, produzida na década de 1970, era feita com peças de metal moldado. Alguns dos guerrilheiros afegãos mais velhos rejeitaram a versão mais nova, com projéteis menores, de 5,45 milímetros, e o pente de plástico cor de laranja, dando preferência à solidez da AK-47, mais pesada. Alguns dos mais jovens adotaram o modelo 74, descartando o fuzil mais pesado como uma velharia. Os modelos usados vinham do Egito, da Síria, da Rússia e da China. Embora na prática fossem idênticos, os guerrilheiros geralmente tinham suas preferências, e o comércio de armas, mesmo dentro de uma unidade, era intenso.

As oficinas de Khader consertavam e recondicionavam AKs de qualquer série, e as modificavam de acordo com a necessidade. As oficinas eram lugares populares. Os afegãos geralmente manifestavam um desejo insaciável de conhecer as armas e aprender mais sobre elas. Não se tratava de uma curiosidade frenética nem brutal. Era simplesmente necessário saber manipular armas em uma terra que já fora invadida por Alexandre, o Grande, os hunos, os sacas, os citas, os mongóis, os *moghuls*, os safávidas, os britânicos e os russos, entre muitos outros. Mesmo quando não estavam estudando ou ajudando na oficina, os homens se reuniam ali para beber chá preparado em fogareiros, fumar e falar das pessoas amadas.

E durante dois meses trabalhei com eles diariamente. Derreti chumbo e outros metais na pequena forja. Ajudei a juntar gravetos e carreguei água de uma fonte que ficava ao pé de uma das ravinas das cercanias. Movimentando-me com dificuldade pela neve fina, cavei novas latrinas e cuidadosamente as fechei e as escondi quando se encheram. Fabriquei novas peças no torno e derreti as aparas helicoidais de metal para produzir mais peças. De manhã, cuidava dos cavalos, que estavam abrigados em outra caverna, mais abaixo da montanha. Quando era minha vez de ordenhar as cabras, eu batia o leite para fazer manteiga e ajudava a preparar o pão *naan*. Se algum homem precisava de cuidados para um corte, um arranhão ou um tornozelo torcido, eu pegava o estojo de primeiros socorros e fazia o que podia para curá-lo.

Apreendi os refrões de algumas canções e, à noite, quando as fogueiras se apagavam e nos juntávamos para nos aquecer, eu cantava com a mesma suavidade dos homens. Ouvi as histórias sussurradas no escuro, que Khaled, Mahmoud e Nazeer traduziam para mim. Todos os dias, quando rezavam, eu me ajoelhava com eles em silêncio. E à noite, envolvido pelas respirações e roncões de seus sonos com cheiros de soldado — odores de fumaça, graxa das armas, sabão de sândalo barato, urina, merda, suor encharcando a sarja, pelos não lavados de homens e cavalos, loções, amaciantes de sela, cominho e coentro, pasta de dente de hortelã, *chai*, tabaco e tantos outros —, eu sonhava que eles estavam junto aos lares e aos corações que desejávamos tanto ver.

Então, quando o segundo mês acabou e as últimas armas foram consertadas e adaptadas, quando os suprimentos que havíamos trazido estavam praticamente esgotados, Khaderbhai ordenou que nos preparássemos para a longa caminhada

de volta. Ele planejava fazer um desvio para oeste, na direção de Kandahar, afastando-se da fronteira com o Paquistão, para entregar alguns cavalos a sua família. Depois disso, com mochilas e armas leves, marcharíamos à noite até alcançarmos a segurança da fronteira paquistanesa.

— Os cavalos estão quase prontos — avisei a Khader quando terminei de arrumar minhas coisas. — Khaled e Nazeer vão voltar para cá quando tudo estiver terminado. Pediram que eu lhe avisasse.

Estávamos no topo achatado de um monte com vista panorâmica para os vales e, mais adiante, para a planície desértica que se estendia do pé das montanhas até Kandahar, no horizonte. Na ocasião, a neblina e a neve haviam cedido, possibilitando-nos uma vista ampla da região. Havia uma massa de nuvens espessas e escuras a leste, e o ar frio estava úmido com a chuva e a neve que viria, mas naquele momento podíamos ver até o fim do mundo. Nossos olhos inverniais se banhavam em toda aquela beleza.

— Em novembro de 1878, no mesmo mês em que começamos esta missão, os britânicos abriram caminho pela passagem de Khyber, e assim começou a segunda guerra afgã contra eles — disse Khader, ignorando minhas informações, ou talvez reagindo a elas a sua maneira. Ele olhou fixamente para a névoa ondulante no horizonte, provocada pela fumaça e pelo fogo na distante Kandahar. Eu sabia que os clarões no horizonte podiam ser de mísseis, disparados contra a cidade por homens que um dia moraram ali e trabalharam como professores e comerciantes. Na guerra contra os invasores russos, eles se transformaram em demônios exilados, fazendo chover fogo nas próprias casas, lojas e escolas.

“Pela passagem de Khyber veio um dos soldados mais temidos, brutais e corajosos de todo o período do domínio colonial inglês. Seu nome era Roberts, lorde Frederick Roberts. Ele capturou Cabul e impôs uma cruel lei marcial. Em apenas um dia, oitenta e sete soldados afgãos foram enforcados em praça pública. Destruíram-se prédios e mercados, aldeias foram incendiadas e centenas de afgãos foram mortos. Em junho, um príncipe afgão chamado Ayub Khan anunciou um *jihad* para expulsar os britânicos. Ele saiu de Herat com dez mil homens. Foi meu antepassado, um homem da minha família, e muitos parentes meus participaram do exército que ele reuniu.”

Ele parou de falar e me lançou um olhar, com um brilho dourado embaixo das sobrancelhas grisalhas. Os olhos sorriam, mas o queixo estava erguido e os lábios tão apertados, que ficavam embranquecidos nas bordas. Depois de se assegurar de que eu o ouvia, voltou a fitar o horizonte ardente e continuou:

— O oficial britânico encarregado de Kandahar na época, um homem chamado Burrows, tinha sessenta e três anos, a minha idade hoje. Ele deixou a cidade com mil e quinhentos soldados britânicos e indianos e se encontrou com o príncipe Ayub em um lugar chamado Maiwand. Você pode ver daqui, de onde estamos sentados, quando o tempo está bom. Na batalha, os dois exércitos usaram canhões, matando centenas de homens das formas mais terríveis que você possa imaginar. Quando se encontraram, frente a frente, eles atiraram de uma distância tão curta que as balas perfuravam um corpo e atingiam outro. Os britânicos perderam metade de seus homens. Os afgãos, dois mil e quinhentos.

Mas ganharam a batalha, e seus inimigos foram obrigados a se retirar para Kandahar. O príncipe Ayub bloqueou imediatamente a cidade e começou então um cerco.

Fazia um frio intenso no alto da elevação fustigada pelo vento, apesar da luminosidade. Senti que os braços e as pernas ficavam dormentes e quis me levantar e bater os pés, mas não queria incomodar Khader. Em vez disso, acendi dois cigarros e lhe entreguei um deles. Ele aceitou, erguendo uma sobranceira em agradecimento, e deu dois longos tragos antes de prosseguir.

— Lorde Roberts. Sabe de uma coisa, Lin? Meu primeiro professor, o querido escudeiro Mackenzie, sempre me disse isso: *Bobs é seu tio*. Passou a ser algo que eu também dizia, para imitá-lo. Então, um dia, ele me explicou de onde vinha essa expressão. Era do lorde Frederick Roberts, porque, veja só, o homem que matou centenas de pessoas do meu povo era tão gentil com seus soldados que eles o chamavam de *tio Bobs*. E diziam que, enquanto ele estivesse no comando, tudo ficaria bem, pois *Bobs é seu tio*. Depois que ele me contou isso, nunca mais repeti tal frase, nunca mais. É uma coisa muito estranha: meu querido escudeiro Mackenzie era neto de um homem que lutou no exército de lorde Roberts. O avô dele e meus parentes se enfrentaram durante a segunda guerra britânica contra o Afeganistão. É por isso que o escudeiro Mackenzie tinha tanto fascínio pela história do meu país e tanto conhecimento sobre as guerras. E, graças a Alá, eu o tive como amigo e professor, enquanto ainda estavam vivos homens que traziam cicatrizes da guerra que matou o avô dele e o meu.

Khaderbhai fez outra pausa e ficamos ouvindo o vento, sentindo a primeira ferroada de neve que trazia; o vento gelado que começava na distante Bamiyan e arrastava neve, gelo e ar frio de todas as montanhas até Kandahar.

— E então lorde Roberts deixou Cabul com dez mil homens para acabar com o cerco a Kandahar. Dois terços eram soldados indianos. Bons guerreiros, aqueles sipaios indianos. Roberts marchou com eles de Cabul a Kandahar, uma distância de quase quinhentos quilômetros, em vinte e dois dias. Uma extensão bem maior do que a que percorremos, eu e você, em nossa viagem desde Chaman. E você sabe que levamos um mês, com bons cavalos e a ajuda das aldeias no caminho. Eles marcharam, das neves frias das montanhas ao calor do deserto, e, depois de vinte dias dessa inacreditável caminhada pelo inferno, lutaram em uma grande batalha contra o exército do príncipe Ayub Khan e o derrotaram. Roberts salvou os britânicos na cidade. A partir daquele dia, mesmo depois de ter se tornado marechal de campo de todos os soldados do império britânico, ele passou a ser conhecido como Roberts de Kandahar.

— O príncipe Ayub morreu?

— Não. Ele fugiu. Depois, os britânicos puseram um parente próximo, Abdul Rahman Khan, no trono do Afeganistão. Também meu ancestral, ele governou o país com uma sabedoria tão especial que os britânicos não tinham um real domínio do Afeganistão. A situação era exatamente a mesma de antes de o grande soldado e assassino, *Bobs, seu tio*, abrir caminho pela passagem de Khyber para lutar. Mas o que essa história tem de importante, agora que estamos sentados aqui contemplando as fogueiras da minha cidade ardente, é que

Kandahar é a chave para o Afeganistão. Cabul é o coração, mas Kandahar é a alma desta nação, e quem governa Kandahar também governa o Afeganistão. Quando os russos forem obrigados a deixar minha cidade, eles vão perder a guerra. Só depois disso.

— Eu odeio tudo isso — suspirei, convencido de que a nova guerra não mudaria nada: as guerras não podem mudar as coisas. *É a paz que deixa as marcas mais profundas*, pensei. Lembro-me de pensar nisso, parecia uma ideia sábia, e de esperar uma oportunidade para introduzir a questão na conversa. Sei de tudo sobre aquele dia. Cada palavra, todos aqueles pensamentos tolos, inúteis, descuidados, como se o destino acabasse de me esfregá-los na cara. — Odeio tudo isso e estou feliz por estarmos voltando para casa hoje.

— Quem são seus amigos por aqui? — ele me perguntou. A pergunta me surpreendeu, e eu não conseguia adivinhar sua intenção. Ele percebeu minha confusão e voltou a perguntar, com ar de quem se divertia. — Daques que conheceu aqui, nesta montanha, quem são seus amigos?

— Bem, Khaled, obviamente, e Nazeer...

— Então Nazeer agora é seu amigo?

— É — eu ri. — Ele é um amigo. E gosto de Ahmed Zadeh. E de Mahmoud Melbaaf, o iraniano. Suleiman é legal, Jalalaad, que é um garoto doido, e Zaher Rasul, o fazendeiro.

Khader assentiu, enquanto eu fazia a lista, mas, como não fez nenhum comentário, senti vontade de continuar.

— *Todos* são homens bons, eu acho. Todo mundo aqui. Mas... com os dois tive mais afinidade. É o que você quer dizer?

— O que você mais gosta de fazer aqui? — perguntou ele, mudando de assunto de forma inesperada, com a mesma rapidez de seu robusto amigo, Abdul Ghani.

— O que mais gosto... é uma maluquice e nunca pensei que diria isso, mas acho que é cuidar dos cavalos.

Ele sorriu, e o sorriso se transformou em gargalhada. Eu tinha certeza, de algum jeito, que ele pensava na noite em que eu havia chegado ao acampamento pendurado no pescoço do meu cavalo.

— Tudo bem — dei um sorriso forçado. — Não sou o melhor cavaleiro do mundo.

Ele gargalhou mais ainda.

— Mas comecei a sentir a falta deles quando chegamos aqui e você nos mandou abrigar os cavalos mais abaixo na montanha. É engraçado. Acho que me acostumei com eles por perto, e sempre me faz bem visitá-los, escovar seus pelos e alimentá-los.

— Eu compreendo — murmurou ele, lendo meus olhos. — Diga-me, quando os outros fazem as orações, você os acompanha... Já vi você algumas vezes ajoelhado atrás deles, não muito próximo. Que palavras você diz? São orações?

— Não... não digo nada — respondi, franzindo a testa. Acendi mais dois cigarros, não por necessidade, mas pela distração e pelo pouco de calor que forneciam.

— O que você pensa, então, se não está falando? — perguntou ele, aceitando o segundo cigarro no momento em que descartava a guimba do primeiro.

— Não chamo de orações. Acho que não são. Penso principalmente em pessoas. Penso na minha mãe... e na minha filha. Penso em Abdullah... e Prabaker... já lhe falei sobre ele, meu amigo que morreu. Lembro-me dos amigos e das pessoas que eu amo.

— Você pensa em sua mãe. E em seu pai?

— Não.

Disse aquilo prontamente — rápido demais, talvez — e senti que ele me observava com atenção à medida que os segundos se passavam.

— Seu pai está vivo, Lin?

— Acho que sim. Mas... não tenho certeza. E não faz diferença.

— Seu pai deve fazer diferença para você — declarou ele, desviando o olhar mais uma vez. Pareceu-me, naquele momento, uma recriminação desdenhosa: ele não sabia nada sobre meu pai nem sobre meu relacionamento com ele. Eu estava tão perdido em ressentimentos, velhos e novos, que não percebi a angústia em sua voz. Não notei, como vejo agora, que ele também era um filho exilado, que falava sobre o próprio pai.

— Você é mais pai para mim do que ele — disse, e, embora sentisse que era verdade e que eu abria meu coração, as palavras saíram com um tom irritado, quase rancoroso.

— Não diga isso! — retrucou, lançando-me um olhar furioso. Foi o mais próximo que estive de manifestar raiva na minha frente, e me encolhi involuntariamente por conta daquela súbita veemência. Sua expressão logo se abrandou e ele estendeu o braço para pôr a mão no meu ombro. — E seus sonhos? Quais são seus sonhos aqui?

— Sonhos?

— Sim, me conte sobre seus sonhos.

— Não tenho sonhado muito — respondi, esforçando-me para lembrar. — É estranho, sabe, mas tive pesadelos durante muito tempo desde que fugi da prisão. Pesadelos sobre ser capturado, ou brigar para impedir isso. Mas desde que chegamos aqui, não sei se é o ar rarefeito ou se é porque fico tão cansado e com frio quando vou dormir, ou talvez seja apenas a preocupação com a guerra, mas parei de ter pesadelos. Aqui não. Na verdade, cheguei a ter alguns sonhos bons.

— Continue.

Eu não queria prosseguir. Os sonhos eram com Karla.

— São só... sonhos felizes, sobre estar apaixonado.

— Bom — murmurou ele, assentindo várias vezes com a cabeça e tirando a mão do meu ombro. Parecia satisfeito com a resposta, mas tinha um ar abatido, quase sombrio. — Eu também tive sonhos aqui. Sonhei com o Profeta. Nós, muçulmanos, não devemos contar para ninguém quando sonhamos com o Profeta. É uma coisa muito boa, maravilhosa, e bem comum entre os fiéis, mas somos proibidos de contar o que sonhamos.

— Por quê? — perguntei, trêmulo de frio.

— Porque somos terminantemente proibidos de descrever seus traços ou falar sobre ele como alguém que é visto. Foi o desejo do próprio Profeta, para

que nenhum homem ou mulher viesse a adorá-lo ou desviasse sua devoção de Deus. Mas *sonhei* com ele. E não sou um muçulmano muito bom, não é? Porque estou lhe contando sobre o sonho. Ele estava a pé, caminhando em algum lugar. Eu vinha atrás, montado em meu cavalo... Era um cavalo branco, lindo e perfeito... E, apesar de não ter visto seu rosto, eu sabia que era ele. Por isso, desci do cavalo e o dei para ele. E baixei o rosto, respeitosamente, o tempo todo. Mas, por fim, ergui os olhos para vê-lo se afastar na direção da luz do sol poente. Esse foi meu sonho.

Ele estava calmo, mas eu o conhecia bem o bastante para ver a tristeza que sombreava seu olhar. E havia outra coisa, algo tão novo e estranho que precisei de alguns instantes para perceber o que era: medo. Abdel Khader Khan estava com medo, e aquilo fez minha própria pele se arrepiar e se contrair. Era inimaginável. Até aquele momento eu realmente acreditava que Khaderbhai não tinha medo de nada. Abalado e preocupado, procurei mudar de assunto.

— Khaderji, sei que estou mudando de assunto, mas você pode me responder uma pergunta? Eu estava pensando no que você me falou há algum tempo. Você disse que a vida, a consciência e todas as outras coisas vêm da luz, no Big Bang. Você quer dizer que a luz é Deus?

— Não — ele respondeu, e aquela expressão temerosa desapareceu de seu rosto, substituída por algo que eu só podia interpretar como um sorriso amoroso. — Não acho que a luz seja Deus. Acho que é possível e é razoável dizer que a luz é a *linguagem* de Deus. A luz pode ser a forma como Deus fala ao universo e a todos nós.

Fiquei satisfeito por ter conseguido mudar o assunto e o estado de espírito da conversa e me levantei. Bati com os pés no chão e com as mãos nas laterais do corpo para fazer o sangue circular. Khader me acompanhou e começamos a curta caminhada de volta ao acampamento, assoprando para aquecer nossas mãos geladas.

— E por falar em luz, *esta* é uma luz estranha — ofeguei. — O sol brilha, mas é frio. Não há calor nele, e a gente se sente perdido entre o sol frio e as sombras ainda mais frias.

— *Naquela praia, em retalhos de velas bruxuleantes...* — Khader fez uma citação e eu virei o pescoço tão rápido que senti uma pontada de dor.

— O que você disse?

— Era uma citação — respondeu Khader, lentamente, sentindo como aquilo era importante para mim. — É o verso de um poema.

Tirei a carteira do bolso e vasculhei-a até encontrar um papel dobrado. A página estava tão amarrotada e gasta que, quando abri, exibia fendas e rasgões. Era o poema de Karla: aquele que copiei do diário, dois anos antes, quando fui ao apartamento dela com Tariq, na Noite dos Cães Selvagens. Eu carregara aquilo comigo desde então. Na prisão de Arthur Road, os encarregados haviam arrancado a página de mim e rasgado em muitos pedaços. Quando Vikram pagou o suborno para me livrar da cadeia, eu tornei a escrever o texto de cabeça e o carregava comigo todos os dias, por onde eu ia. O poema de Karla.

— Este poema — disse eu, agitado, segurando a folha de papel surrada e

esvoaçante para que ele a visse. — Ele foi escrito por uma mulher chamada Karla Saaränen. Aquela que você mandou à casa de Gupta-ji com Nazeer para... para me tirar de lá. Estou espantado que você o conheça. É incrível.

— Não, Lin — respondeu ele, com tom calmo. — O poema foi escrito por um poeta sufi chamado Sadiq Khan. Sei seus poemas de cor, muitos deles. É meu poeta favorito. Também é o preferido de Karla.

As palavras eram como gelo em meu coração.

— O poeta favorito de Karla?

— Acredito que sim.

— E você... conhece Karla bem?

— Eu a conheço muito bem.

— Achei... achei que você tivesse conhecido Karla quando me tirou da casa de Gupta. Ela disse... quer dizer, *pensei* que ela tivesse dito que conheceu você nessa ocasião.

— Não, Lin, não é isso. Conheço Karla há anos. Ela trabalha para mim. Ou melhor, ela trabalha para Abdul Ghani, e Ghani trabalha para mim. Mas ela *deve* ter lhe contado isso, não? Você não sabia? Estou muito surpreso. Tinha *certeza* de que Karla falava de mim. Certamente, eu falei de  *você*  para ela muitas vezes.

Minha mente parecia os ruidosos aviões de caça que haviam guinchado sobre nossas cabeças na ravina escura: só barulho e medos tenebrosos. O que Karla disse quando estávamos deitados, lado a lado, lutando para não dormir, depois de enfrentar a epidemia de cólera? *Eu estava em um avião e conheci um empresário, um empresário indiano, e minha vida mudou para sempre...* Seria Abdul Ghani? Era o que ela queria dizer? Por que eu não lhe perguntei mais sobre seu trabalho? Por que ela não me contou? E o que fazia para Abdul Ghani?

— O que ela faz para você... para Abdul?

— Muitas coisas. Ela tem muitos talentos.

— Conheço os talentos dela — rosnei com raiva. — O que ela faz para você?

— Entre outras coisas — respondeu Khader, devagar e com precisão —, ela procura estrangeiros talentosos e úteis como você. Busca pessoas que podem trabalhar para nós, quando precisamos.

— O quê? — perguntei, cuspiendo aquelas palavras que na realidade não eram uma pergunta. Parecia que pedaços de mim, pedaços congelados de meu rosto e de meu coração, se estilhaçavam a minha volta.

Ele começou a falar, mas eu o interrompi rapidamente.

— Você está dizendo que Karla me recrutou... para  *você* ?

— Isso. Ela fez isso. E estou muito feliz que tenha feito.

De repente, o frio estava dentro de mim, correndo por minhas veias, e meus olhos eram feitos de neve. Khader continuou a caminhar, mas quando percebeu que eu havia parado, interrompeu o passo. Ainda sorria quando se virou para me olhar. Khaled Ansari se aproximou de nós naquele instante e bateu as mãos ruidosamente.

— Khader! Lin! — ele nos saudou com o sorrisinho triste que eu tinha passado a amar. — Tomei uma decisão. Pensei um pouco, Khaderji, como você tinha sugerido, mas decidi ficar. Pelo menos por algum tempo. Habib esteve aqui

na noite passada. Os vigias o viram. Ele andou fazendo muitas maluquices... As coisas que fez com prisioneiros russos e até com alguns dos afegãos perto daqui, na estrada de Kandahar, nas últimas semanas... Bem, é uma merda assustadora, e olhe que é difícil me impressionar com esse tipo de coisa. É tão esquisito que os homens querem fazer algo a respeito. Estão muito assustados e vão atirar nele assim que o virem. Falam em ir atrás dele como se caçassem um animal selvagem. Eu tenho que... tenho que tentar ajudá-lo e convencê-lo a voltar para o Paquistão comigo. Então... pode ir sem mim hoje à noite. Eu vou... vou voltar em algumas semanas, na próxima viagem. É isso, eu acho. Foi... o que vim dizer.

Houve um silêncio gelado depois daquele pequeno discurso. Encarei Khader, esperando que ele falasse. Eu estava nervoso e com medo. Era um medo especial — o tipo de terror glacial que só o amor inspira. Khader me devolveu o olhar, adivinhando meus pensamentos. Khaled olhou para um e para o outro, confuso e preocupado.

— E aquela noite em que conheci você e Abdullah? — perguntei, falando com os dentes cerrados por causa do frio e do medo ainda mais frio que me atravessava como espasmos de câibras.

— Você se esquece — Khader Khan respondeu com um pouco mais de gravidade. O rosto estava tão sombrio e determinado quanto o meu. Nunca me passou pela cabeça que ele também se sentia decepcionado e traído. Eu me esquecera de Karachi e das batidas policiais. Eu me esquecera de que havia um traidor em seu círculo, alguém próximo, que fizera uma armadilha para capturar ou matar a ele, a mim e ao resto de nós. Eu via seu sombrio desapego apenas como uma cruel indiferença com meus sentimentos. — Você conheceu Abdullah um bom tempo antes da noite em que fomos apresentados. Você o encontrou no templo dos Babas de Pé, não é verdade? Ele estava ali para proteger Karla. Ela não o conhecia muito bem. Não estava segura, não sabia se podia confiar em você em um lugar desconhecido. Queria alguém que pudesse ajudá-la, se você estivesse com más intenções.

— Ele era o guarda-costas dela... — balbuciei, pensando que *ela não confiava em mim...*

— Era, Lin, e um bom guarda-costas. Eu entendo que houve violência naquela noite. Abdullah fez alguma coisa para salvá-la... e talvez para salvar você. Não é verdade? Era a função de Abdullah, proteger meu pessoal. Foi por isso que mandei que ele o seguisse quando meu sobrinho Tariq foi ficar com você na *zhopadpatti*. E, na primeira noite, ele o ajudou a enfrentar alguns cães selvagens, não foi? E durante todo o tempo que Tariq ficou em sua companhia, Abdullah ficou por perto, junto a você e a Tariq, como eu ordenei.

Eu não escutava. Minha mente estava cheia de flechas raivosas, voando na direção de um tempo e um lugar passados. Eu procurava por Karla — a Karla que eu conhecia e amava —, mas todos os momentos com ela começavam a revelar seus segredos e mentiras. Lembrei-me da primeira vez que a encontrei, do primeiro segundo, de como ela havia impedido que eu fosse atropelado por um ônibus. Aconteceu em Arthur Bunder Road, na esquina perto de Causeway,

perto da Pensão da Índia. Era o coração da zona turística. Será que ela estava ali à espreita, em busca de estrangeiros como eu, à procura de recrutas úteis que pudessem trabalhar para Khader quando necessário? É claro que estava. Eu havia feito a mesma coisa, de certa forma, quando morava na favela. Eu ficava parado ali, no mesmo lugar, procurando estrangeiros que tinham acabado de desembarcar do avião e queriam trocar dinheiro ou comprar haxixe.

Nazeer se aproximou de nós. Ahmed Zadeh estava alguns passos atrás dele. Eles ficaram junto de Khaderbhai e Khaled, olhando para mim. Nazeer franziu o rosto numa careta e examinou o céu de norte a sul, calculando quantos minutos faltavam para que a tempestade de neve nos atingisse. Os preparativos para a viagem de volta estavam concluídos, tudo havia sido verificado, e ele estava ansioso para partir.

— E a ajuda que você me deu no posto de saúde? — perguntei, sentindo-me fraco, sabendo que se soltasse os joelhos e deixasse minhas pernas relaxarem elas se dobrariam sob mim. Como Khader ficou em silêncio, repeti a pergunta. — E o posto de saúde? Por que me ajudou com o posto? Era parte do seu plano? *Deste plano?*

Um vento gelado soprou na amplidão do platô e nós trememos, abalados por sua força ao chicotear nosso rosto e nossas roupas. O céu escureceu rapidamente, quando uma série de nuvens escuras atravessou as montanhas e avançou na direção da planície distante e da cidade moribunda e cintilante.

— Você fez um bom trabalho por lá — disse ele.

— Não foi o que perguntei.

— Acho que não é hora de falar dessas coisas, Lin.

— É hora, sim — insisti.

— Há coisas que você não vai compreender — declarou, como se já tivesse pensado no assunto várias vezes.

— Apenas conte.

— Muito bem. Todos os medicamentos que trouxemos para cá, para este acampamento, todos os antibióticos e a penicilina para a guerra, nos foram fornecidos pelos leprosos de Ranjit. Eu precisava saber se seria seguro usar esses produtos aqui.

— Meu Deus... — gemi.

— Então aproveitei a oportunidade, o estranho fato de que você, um estrangeiro sem ligações com uma família ou uma embaixada, tinha montado um posto de saúde na minha própria favela. Aproveitei para testar os suprimentos nas pessoas da *shopadpatti*. Eu precisava ter certeza, você compreende, antes de levar os medicamentos para a guerra.

— Pelo amor de Deus, Khader! — rosnei.

— Eu precisava...

— Só um *maluco* faria uma coisa dessas, porra!

— Calma, Lin! — retrucou Khaled. Os outros homens pareciam tensos, dos dois lados de Khader, como se temessem que eu o atacasse. — Você passou dos limites, cara!

— *Eu* passei dos limites! — vociferei, sentindo que os dentes batiam, e eu

lutava para fazer meus membros dormentes obedecerem aos comandos da minha mente. — *Eu* passei dos limites! Ele usa as pessoas da favela como cobaias, como ratos de laboratório, ou outra porra qualquer, para testar os antibióticos. Ele *me* usa para convencê-los a fazer isso, porque confiam em mim... e sou *eu* quem passou dos limites?

— Ninguém se machucou — berrou Khaled em resposta. — Os medicamentos eram bons e o trabalho que você fez lá foi ótimo. As pessoas ficaram bem.

— Devíamos sair do frio agora e conversar — interrompeu Ahmed Zadeh, rapidamente, tentando ser conciliador. — Khader, você vai ter que esperar que pare de nevar para partir. Vamos entrar.

— Você precisa entender — disse Khader com firmeza, ignorando-o. — Foi uma decisão de guerra: vinte vidas em risco para salvar mil, e mil em risco para salvar um milhão. E tem que acreditar em mim, sabemos que os medicamentos eram bons. A probabilidade de que os leprosos de Ranjit tivessem nos fornecido medicamentos falsificados era muito pequena. Tínhamos quase certeza de que eram seguros quando os entregamos para você.

— Fale-me de Sapna. — Lá estava exposto meu mais profundo medo em relação a ele, e sobre minha proximidade com ele. — Também foi obra sua?

— Eu não era Sapna. Mas sou o mentor de seus crimes. Sapna matou para mim, para a causa. E, se quer saber toda a verdade, eu lucrei muito com o trabalho sangrento dele. Por causa de Sapna, por ele ter existido, pelo medo que causava e porque me comprometi a encontrá-lo e detê-lo, os políticos e a polícia permitiram que eu levasse todo tipo de arma de Bombaim até Karachi e Quetta, para esta guerra. O sangue que Sapna derramou serviu para azeitar nossas engrenagens. E eu faria isso de novo. Eu usaria os crimes de Sapna e cometeria outros, com minhas próprias mãos, se isso ajudasse a nossa causa. Nós temos um *causa*, Lin, todos nós. Lutamos, vivemos e talvez venhamos a morrer em nome dessa causa. Se vencermos essa luta, vamos mudar toda a história, para sempre, desta época, deste lugar, com essas batalhas. É a nossa causa: mudar o mundo inteiro. Qual é a *sua* causa? Qual é a *sua* causa, Lin?

Quando os primeiros flocos começaram a rodopiar em torno de nós, eu estava com tanto frio que estremecia, sacudia, não conseguia controlar os tremores no meu queixo.

— E... e Madame Zhou... quando Karla me mandou fingir que eu era um americano. Também foi ideia *sua*? Era *seu* plano?

— Não. Karla tem uma guerra particular com Zhou e tinha seus próprios motivos. Mas aprovei o plano de usá-lo para conseguir tirar a amiga do Palácio. Queria ver se você conseguiria. Tinha a ideia, mesmo naquela época, de que um dia você seria o meu americano no Afeganistão. E você foi bem, Lin. Não são muitas pessoas que se dão tão bem contra Zhou no Palácio dela.

— Mais uma coisa, Khader — gaguejei. — Quando eu estava na cadeia... você teve alguma coisa a ver com isso?

Houve um silêncio duro, do tipo sepulcral, quando se ouviu apenas o som das respirações, e que se insinuava na memória mais profundamente do que o som

mais estridente.

— Não — ele respondeu afinal. — Mas a verdade é que poderia ter tirado você dali logo na primeira semana, se tivesse escolhido fazê-lo. Soube de tudo quase imediatamente. E tinha condições de ajudá-lo, mas não ajudei. Não no momento em que poderia ter ajudado.

Virei-me para Nazeer e Ahmed Zadeh. Eles me fitaram sem emoção. Meus olhos se voltaram para Khaled Ansari. Ele devolveu meu olhar com expressão angustiada e desafiadora, que comprimiu todo seu rosto dentro do corte irregular da cicatriz que dividia seus traços.

Todos sabiam. Todos sabiam que Khader havia me deixado lá. Mas estava tudo bem. Khader não me devia nada. Não fora ele quem me mandara para lá. Não tinha que me libertar. E ele me libertou, no final: tirou-me da cadeia e salvou minha vida. Estranho pensar nas surras que eu e outros homens levamos tentando enviar minha mensagem para ele... e, mesmo se tivéssemos conseguido, mesmo se fizéssemos a mensagem chegar, Khader a teria ignorado e me deixado ali até estar pronto para agir. O problema era que toda a esperança havia sido vazia, sem significado. E, quando se prova a um homem que sua esperança é inútil, que é inútil esperar, a gente mata a parte iluminada e crédula que deseja ser amada.

— Você queria ter certeza de que eu ficaria... muito grato a você. Então você... me deixou lá. Foi isso?

— Não, Lin. Foi apenas um azar, seu *kismet* naquela época. Eu tinha um acordo com Madame Zhou. Ela estava nos ajudando, nos encontros com os políticos, a obter favores de um dos generais do Paquistão. Ele era... um contato dela. Na verdade, era o cliente especial de Karla. Foi ela quem levou, pela primeira vez, o general para Madame Zhou. Era uma ligação da maior importância. Ele era fundamental para os meus planos. E Madame Zhou ficou muito zangada com você; nada menos do que sua prisão seria capaz de satisfazê-la. Queria que você morresse por lá. Assim que meu trabalho acabou, no primeiro dia, enviei seu amigo Vikram para resgatá-lo. Você precisa acreditar quando digo que nunca quis feri-lo. Eu gosto de você. Eu...

Ele parou de súbito, porque eu pus a mão no coldre, na altura do quadril. Khaled, Ahmed e Nazeer se prepararam imediatamente e ergueram as mãos, mas estavam longe demais para me alcançar em um único salto e sabiam disso.

— Se você não der meia-volta e sair daqui, Khader, juro por Deus, juro por Deus, vou fazer uma coisa que vai nos liquidar. Não me importo com o que pode acontecer comigo, desde que eu não precise olhar para a sua cara, falar com você ou ouvi-lo de novo.

Nazeer deu um passo lento, quase casual, e se postou na frente de Khader, protegendo-o com o corpo.

— Juro por Deus, Khader. Neste exato momento, não me importo se vou ficar vivo ou morrer.

— Mas estamos indo embora para Chaman agora, assim que a neve parar — Khader respondeu, e foi a única vez que ouvi sua voz vacilar e falhar.

— Estou falando sério. Não vou com você. Vou ficar aqui. Irei sozinho. Ou ficarei aqui. Não dou a mínima. Apenas... caia... fora... daqui. Estou sentindo

náuseas só de *olhar* para você!

Ele se manteve no lugar por mais um momento, e senti uma vontade imperiosa de pegar a arma e atirar nele: um desejo que me afogava em ondas geladas, trêmulas de repugnância e raiva.

— Você precisa saber disto — disse ele afinal. — Não importa o que eu fiz de errado, eu fiz pelas razões certas. Nunca deixei que enfrentasse mais do que eu pensava que você poderia suportar. E você também deveria saber, deve saber, que sempre o considerei como amigo e filho amado.

— E você precisa saber disto — respondi-lhe, com a neve se acumulando em meus cabelos e ombros. — Eu odeio você do fundo do meu coração, Khader. Toda a sabedoria termina simplesmente assim, não é? Colocando ódio no coração das pessoas. Você me perguntou qual é a minha causa. A única que eu tenho é a minha liberdade. E, neste exato momento, isso significa me livrar de você, para sempre.

O rosto dele estava contraído pelo frio. A neve havia se acomodado sobre o bigode e a barba e era impossível adivinhar sua expressão. Mas os olhos dourados reluziam através da bruma acinzentada, e o antigo amor continuava neles. Então ele se virou e desapareceu. Os outros o acompanharam e fiquei sozinho na tempestade com a mão gelada e trêmula no coldre. Soltei a fivela de segurança, saquei a Stechkin e engatilhei-a com rapidez e habilidade, exatamente como ele havia me ensinado. Segurei-a ao meu lado, apontada para o chão.

Os minutos se passaram — os minutos assassinos em que eu poderia ter ido atrás dele para matá-lo e depois morrer. E tentei largar a arma, mas ela não caía dos meus dedos gelados e dormentes. Tentei soltar a arma com a mão esquerda, mas meus dedos estavam tão endurecidos que eu desisti. E, na rodopiante cúpula de neve branca em que havia se transformado meu mundo, ergui os braços, como fizera no passado sob a chuva cálida da aldeia de Prabaker. E eu estava sozinho.

Quando escalei o muro da prisão muitos anos antes, era como se tivesse escalado um muro no limiar do mundo. Ao ganhar liberdade, perdi o mundo inteiro que eu conhecia e todo o amor que havia nele. Em Bombaim, sem perceber, tentei criar um novo mundo de amor que pudesse lembrar o que eu havia perdido, e até substituí-lo. Khader era meu pai. Prabaker e Abdullah, meus irmãos. Karla, minha amante. E então, um por um, eu os perdi. Outro mundo se perdeu.

Um pensamento nítido passou por minha cabeça, sem ser chamado, crescendo na mente como as palavras de um poema declamado. Eu sabia por que Khaled Ansari estava tão determinado a ajudar Habib. De repente, entendi perfeitamente o que Khaled de fato queria fazer. *Ele está tentando se salvar*, disse eu, mais de uma vez, sentindo os lábios dormentes estremecerem com as palavras, mas ouvindo-as em minha cabeça. E eu sabia, enquanto dizia as palavras e pensava nelas, que eu não odiava Khader ou Karla, que eu não conseguia odiá-los.

Não sei por que meus sentimentos mudaram tão rápida e completamente. Talvez fossem a arma em minha mão — o poder que me dava de tirar uma vida

ou deixá-la existir — e os instintos mais profundos da minha natureza que me haviam impedido de usá-la. Talvez fosse por ter perdido Khaderbhai. Pois, quando ele se afastou de mim, eu sabia em meu sangue — o sangue que eu podia sentir no ar espesso e branco, o sangue que eu podia sentir na boca — que tudo estava acabado. A despeito da razão, a mudança me atravessou como a chuva da monção no bazar de aço e não deixou nenhum vestígio do ódio fumegante e homicida que eu sentira momentos antes.

Ainda estava furioso por ter dedicado tanto amor filial a Khader e ter permitido que minha alma, contrariando os desejos da minha consciência, tivesse implorado por seu amor. Estava furioso pelo fato de ele me considerar descartável, uma ferramenta a ser usada para obter o que queria. E estava louco de raiva por ele ter me roubado a única coisa da minha vida — meu trabalho como médico na favela — que poderia ter me redimido, pelo menos na minha cabeça, e que talvez servisse para contrabalançar todo o mal que eu fizera. Até o pouco de bem que eu pratiquei fora corrompido e conspurcado. A raiva dentro de mim era tão dura e pesada quanto chumbo, e eu sabia que levaria anos para que melhorasse, mas eu não conseguia odiá-los.

Mentiram para mim e me traíram, deixando pontas afiadas onde minha confiança fora guardada, e eu não gostava, nem respeitava, nem os admirava mais, mas ainda os amava. Não tinha escolha. Eu entendi aquilo perfeitamente, ali na fúria branca da neve. Não se pode matar o amor. Não se pode sequer matá-lo com o ódio. É possível matar a paixão, o carinho, até a solidão. É possível matar todos eles, ou entorpecê-los e transformá-los em um pesar denso e melancólico, mas não se pode matar o amor. O amor é a busca apaixonada por uma verdade além de si mesmo e, uma vez que se tenha sentido de uma forma sincera e completa, é eterno. Todo ato de amor, todos os momentos em que o coração se entrega, é uma parte do bem universal. É uma parte de Deus, ou do que chamamos de Deus, e não pode morrer.

Depois que a neve parou de cair, postei-me um pouco afastado de Khaled para ver Khaderbhai, Nazeer e os homens deixarem o acampamento com os cavalos. O grande Khan, o chefe da máfia, meu pai, sentava-se ereto em sua sela. Segurava o estandarte enrolado na mão. E não olhou para trás.

Minha decisão de me separar de Khaderbhai e ficar com Khaled e os outros no acampamento aumentava o perigo para mim. Eu era bem mais vulnerável sem o Khan do que em sua companhia. Era razoável imaginar, ao vê-lo partir, que eu não conseguiria voltar para o Paquistão. Cheguei a dizer tais palavras para mim: *Não vou conseguir... não vou conseguir...*

Mas não foi medo o que senti enquanto lorde Abdel Khader Khan cavalgava na neve. Aceitei meu destino, ele até me agradou. *Finalmente*, pensei, *vou receber o que mereço*. De alguma forma, aquele pensamento me deixou em paz. O que senti, no lugar do medo, foi esperança de que ele sobrevivesse. Estava acabado, encerrado, e eu não queria tornar a vê-lo. Mas, enquanto observava seu caminho pelo vale de sombras brancas, eu esperava que ele sobrevivesse. Rezei para que ele ficasse em segurança. Rezei com todas as minhas dores e eu o amei. Eu o amava.

OS HOMENS TRAVAM GUERRAS por lucro ou por princípios, mas lutam nelas pela terra e pelas mulheres. Mais cedo ou mais tarde, outras causas e motivos irresistíveis se afogam em sangue e perdem o significado. Mais cedo ou mais tarde, a morte e a sobrevivência embotam os sentidos. Mais cedo ou mais tarde, a sobrevivência se torna a única lógica, e a morte, a única voz e visão. Então, quando os melhores amigos morrem aos gritos e homens bons, enlouquecidos pela dor e pela fúria, perdem a cabeça no poço sangrento, quando toda a justiça e toda a beleza do mundo explodem, levando junto braços, pernas e cabeças de irmãos, filhos e pais, o que faz os homens continuarem a lutar e a morrer, ano após ano, é o desejo de proteger a terra e as mulheres.

A gente sabe que é verdade quando os escuta, horas antes de entrarem na batalha. Falam sobre seus lares e sobre as mulheres que amam. E a gente sabe que é verdade ao vê-los morrer. Se está perto de sua terra ou sobre ela em seus últimos momentos, um moribundo tenta alcançá-la e apertar um punhado de solo na mão. Se puder, vai erguer a cabeça e olhar a montanha, o vale ou a planície. E, se está muito distante do lar, vai pensar nele e falar sobre o lugar. Fala de sua aldeia, da cidade natal ou daquela onde cresceu. A terra importa, no final. E, no último instante, ele não grita por suas causas. Ele murmura ou exclama o nome de uma irmã, de uma filha, de uma amante ou da mãe, junto com o nome do seu Deus. O fim espelha o princípio. E restam uma mulher e uma cidade.

Três dias depois de Khaderbhai deixar o acampamento e eu vê-lo se afastar na neve nova e macia, os vigias do posto ao sul, do lado do acampamento que ficava na direção de Kandahar, gritaram que homens se aproximavam. Corremos para a extremidade sul para ver uma confusão de formas, talvez duas ou três silhuetas humanas, se arrastando para subir a encosta íngreme. Vários de nós pegaram os binóculos ao mesmo tempo e os ajustaram imediatamente. Distingui um homem que rastejava para subir a encosta de joelhos e que arrastava duas figuras de bruços. Depois de alguns instantes de exame, reconheci os ombros fortes, as pernas arqueadas e o uniforme azul-acinzentado. Entreguei o binóculo para Khaled Ansari e atirei-me na encosta numa corrida escorregadia.

— É Nazeer! — gritei. — Acho que é Nazeer!

Fui um dos primeiros a alcançá-lo. Ele olhava para o chão e respirava com dificuldade. As pernas empurravam a neve, procurando apoio, e as mãos agarravam trapos de pano presos à garganta de dois homens. Ele os havia arrastado até aquele lugar, um em cada mão. Era impossível estimar a distância que havia percorrido, mas parecia ter sido longa, a maior parte montanha acima. O sujeito na mão esquerda de Nazeer, mais próximo a mim, era Ahmed Zadeh. Estava vivo, mas parecia gravemente ferido. O outro era Abdel Khader Khan. Ele estava morto.

Foram necessários três de nós para arrancar os dedos de Nazeer das roupas. Ele estava tão exausto, com tanto frio, que não conseguia falar. A boca abria e

fechava, mas a voz era apenas sons roucos, longos e vacilantes. Dois homens agarraram suas roupas pelos ombros e o conduziram de volta ao acampamento. Abri as roupas de Khader na altura do peito, esperando ressuscitá-lo, mas, quando pus a mão em seu corpo, a pele estava gelada, dura. Ele morrera havia muitas horas, talvez mais de um dia. O corpo estava rígido. Os braços e as pernas, ligeiramente dobrados, nos cotovelos e nos joelhos, e as mãos encolhidas em garras. O rosto, porém, se mantinha sereno e imaculado, sob uma fina mortalha de neve, com olhos e boca fechados, como se dormisse um sono pacífico. Estava tão delicadamente morto, que meu coração se recusava a crer que ele tinha partido.

Quando Khaled Ansari sacudiu meu ombro, acordei como de um sonho, embora soubesse que estava bem desperto o tempo inteiro, desde que os vigias deram o primeiro alarme. Eu estava ajoelhado na neve, ao lado do corpo de Khader, acalentando a bela cabeça nos braços, contra meu peito, mas não tinha lembrança de ter feito aquilo. Ahmed Zadeh havia desaparecido. Os homens o levaram de volta ao acampamento. Khaled, Mahmoud e eu arrastamos e carregamos com dificuldade o corpo de Khader de volta para a grande caverna.

Juntei-me a um grupo de três homens que cuidava de Ahmed Zadeh. As roupas do argelino estavam empedradas, com sangue congelado na altura da cintura, sob o peito. Nós a cortamos, pedaço a pedaço, e, no momento em que chegamos às feridas abertas, vivas e ensanguentadas na sua pele, ele abriu os olhos.

— Estou ferido... — disse ele em francês, depois em árabe e inglês.

— É, companheiro — respondi, encontrando seu olhar. Esbocei um pequeno sorriso, mas me pareceu forçado e sem graça, e tenho certeza de que ofereceu pouco conforto a ele.

Havia pelo menos três ferimentos, mas era difícil ter certeza. A barriga fora rasgada com um talho cruel que devia ter sido causado por estilhaços de morteiro. Pelo que pudemos observar, o pedaço de metal estava dentro dele, pressionando a espinha. Havia outras feridas abertas na coxa e na virilha. Ele tinha perdido tanto sangue que a pele estava encarquilhada e cinzenta em torno dos ferimentos. Não conseguia imaginar que danos tinham sofrido o estômago e outros órgãos internos. Havia um cheiro forte de urina, outros dejetos e secreções. Era um milagre que tivesse sobrevivido por tanto tempo. Parecia que o frio o mantivera vivo. Mas o relógio corria: tinha horas ou minutos de vida, e não havia nada que eu pudesse fazer por ele.

— É muito grave?

— É sim, companheiro — respondi, e não pude evitar que minha voz falhasse. — Não há nada que eu possa fazer.

Agora, eu queria não ter dito nada. Das centenas de coisas que desejava nunca ter dito ou feito em minha vida perversa, aquela pequena manifestação de sinceridade está lá em cima, bem no alto da lista. Eu não havia percebido como a esperança de salvação contribuía para que ele resistisse. E então, com aquelas palavras, eu o vi mergulhar novamente no lago escuro. A pele perdeu a cor e cessou a pequena tensão, fruto da vontade, que a mantinha firme, com pequenos tremores, do queixo ao joelho. Eu queria lhe preparar uma injeção de morfina,

mas sabia que estava assistindo à sua morte e não consegui tirar minha mão da dele.

Sua vista clareou e ele olhou em volta, para as paredes da caverna, como se as visse pela primeira vez. Mahmoud e Khaled estavam de um lado. Eu me ajoelhei do outro. Ele fitou nossos rostos com olhos arregalados de medo. Era o terror desolado de um homem que sabe que o destino o abandonou e que a morte já está lá dentro, esticando-se, dilatando-se e ocupando o espaço de vida que costumava ser dele. Era um olhar do qual me tornaria íntimo nas semanas que se seguiram e nos anos posteriores. Mas ali, naquele dia, era novidade para mim e senti um arrepio no couro cabeludo, semelhante ao dele.

— Devíamos ter usado jumentos — disse com um fio de voz.

— O quê?

— Khader deveria ter usado jumentos. Eu lhe disse desde o início. Você me ouviu. Todos vocês me ouviram.

— Sim, companheiro.

— Jumentos... nesse tipo de missão. Fui criado nas montanhas. Conheço-as bem.

— Sim, companheiro.

— Devíamos ter usado jumentos.

— Sim — repeti, sem saber como reagir.

— Mas ele era orgulhoso demais, Khader Khan. Queria sentir... a grandiosidade do momento... a volta do herói a seu povo. Queria levar-lhe cavalos... tantos bons cavalos.

Ele parou de falar, engasgado por uma série de grunhidos que começavam em seu estômago ferido e subiam até o peito trêmulo. Um fio de secreção escura, de sangue e bile, escorria do nariz e do canto da boca. Ele parecia não perceber.

— Só por isso voltamos para o Paquistão pela direção errada. Para entregar aqueles cavalos a seu povo, nos dirigimos para a morte.

Ele fechou os olhos, gemendo de dor, mas então os abriu rapidamente.

— Se não fosse pelos cavalos... teríamos ido para leste, rumo à fronteira, direto para a fronteira. Foi... foi seu *orgulho*, você entende?

Levantei a cabeça, trocando olhares com Khaled e Mahmoud. Khaled encontrou meus olhos, mas depois os desviou rapidamente para se concentrar no amigo moribundo. Mahmoud manteve os olhos nos meus até que nós dois assentimos com a cabeça. Era um gesto tão sutil, que passaria despercebido a um observador, mas sabíamos bem o que tínhamos reconhecido e com o que havíamos concordado. Era verdade. Foi o orgulho que provocou o fim do grande homem. E, por mais estranho que possa parecer para outra pessoa, só naquele momento, ao compreender o orgulho que acarretou a queda, comecei verdadeiramente a aceitar a morte de Khaderbhai e a sentir o profundo vazio de sua perda.

Ahmed falou um pouco mais. Disse-nos o nome de sua aldeia e nos deu instruções para encontrá-la, a partir da cidade grande mais próxima. Contou-nos sobre o pai e a mãe, as irmãs e os irmãos. Ele queria que soubessem que havia morrido pensando neles. E foi o que fez aquele argelino corajoso e risonho, que

sempre parecia procurar um amigo em uma multidão de desconhecidos: morreu com o amor pela mãe nos lábios. E o nome de Deus escapou com seu último suspiro.

Estávamos congelando, gelados até os ossos pela imobilidade que adotamos enquanto Ahmed morria. Outros homens assumiram a tarefa de limpar seu corpo de acordo com os rituais para um enterro muçulmano. Khaled, Mahmoud e eu fomos ver como estava Nazeer. Ele não estava ferido, mas tão exaurido, completamente esgotado, que seu sono parecia com o de um homem em coma. A boca estava aberta, os olhos, semicerrados, deixando o branco à mostra. Estava aquecido e parecia se recuperar de sua provação. Nós o deixamos e examinamos o corpo de nosso finado Khan.

Uma única bala havia atravessado a lateral de Khader, abaixo das costelas, e parecia ter se deslocado direto ao coração. Não havia ferimento de saída, mas do lado esquerdo do peito o sangue estava coagulado e viam-se hematomas. O projétil da AK-74 russa, naqueles anos, tinha uma ponta oca. O núcleo metálico da bala pendia para trás, fazendo a ponta se abrir. Ao se chocar contra um corpo, ela lacerava, em vez de simplesmente perfurar. Tal munição foi condenada pela lei internacional, mas quase todos os afegãos mortos em batalha traziam feridas horribles causadas por aqueles projéteis cruéis. Assim foi com nosso Khan. A bala o estraçalhou por dentro. A ferida aberta, irregular, na lateral, tinha deixado um rastro de destruição em seu peito, que terminava num lótus azul-escuro sobre o coração.

Cientes de que Nazeer ia querer preparar pessoalmente o corpo de Khaderbhai para o enterro, enrolamos o Khan em cobertores e o deixamos em uma trincheira rasa, na neve, perto da entrada das cavernas. Tínhamos acabado a tarefa quando um som sibilar, vibrante, nos fez levantar. Entrelhamo-nos em uma confusão amedrontada. Então, uma explosão violenta sacudiu o chão abaixo de nós com um fulgor cor de laranja e fumaça cinza-escura. O morteiro tinha atingido o chão a uma distância superior a cem metros, na extremidade mais afastada do complexo, mas o ar a nossa volta já estava impregnado com seu cheiro e sua fumaça. Houve então uma segunda explosão, e uma terceira, e corremos para a boca da caverna e nos jogamos sobre o monte de homens que se contorciam como pólvora e tinham chegado antes de nós. Braços, pernas e cabeças se chocavam, quando nos abaixávamos aterrorizados e os morteiros rasgavam o chão pedregoso lá fora como se fosse feito de papel machê.

A situação era ruim e ficou pior a cada dia depois disso. Quando o ataque terminou, fizemos uma busca entre os destroços escurecidos e na cratera do complexo. Dois homens morreram. Um deles era Kareem, cujo antebraço quebrado eu cuidara na noite anterior à nossa chegada ao acampamento. Outros dois ficaram tão gravemente feridos que tínhamos certeza de que morreriam. Boa parte dos suprimentos foi destruída, incluindo os tambores de combustível que usávamos para o gerador e os fogareiros. Os fogareiros e as lamparinas eram fundamentais para o aquecimento e para cozinharmos. Perdêmos a maior parte do combustível, assim como toda a nossa reserva de água. Começamos a limpar os destroços — meu estojo médico estava escurecido e queimado pelo fogo — e reunir os suprimentos restantes na grande caverna. Os

homens ficaram em silêncio, preocupados e assustados. Tinham suas razões.

Enquanto outros se ocupavam de tais tarefas, fui cuidar dos feridos. Um deles havia perdido um pé e parte da perna abaixo do joelho. Havia fragmentos metálicos no seu pescoço e na parte superior do braço. Ele tinha dezoito anos e se juntara à unidade com o irmão mais velho, seis meses antes de chegarmos. O irmão foi morto durante um ataque contra um posto avançado dos russos, perto de Kandahar. O menino estava morrendo. Arranquei pedaços de metal de seu corpo com uma pinça longa de aço inoxidável e um alicate que roubei do kit dos mecânicos.

Eu não podia fazer nada de muito significativo pela perna ferida. Limpei a lesão, tentei remover o máximo de osso estilhaçado que pude retirar com o alicate. Os urros dele se assentaram em minha pele numa camada de suor oleoso, e eu estremecia a cada golpe do vento gelado. Fiz suturas na carne lacerada, onde havia pele limpa e rígida o bastante para suportá-las, mas não havia jeito de fechar completamente a ferida. Um grosso pedaço de osso se projetava para fora. Cheguei a pensar em usar um serrote para eliminar o osso e criar um toco com melhores condições, mas não sabia ao certo que procedimento adotar. Tinha medo de deixar a ferida num estado pior do que se encontrava. Não tinha certeza... E existe um limite para a quantidade de gritos que você pode provocar quando não tem segurança do que está fazendo. No final, cobri o ferimento com pó antibiótico e o envolvi em gaze não aderente.

O segundo ferido sofrera o impacto de uma explosão no rosto e no pescoço. Os olhos foram destruídos, bem como a maior parte do nariz e da boca. De certa forma, ele lembrava os leprosos de Ranjit, mas seus ferimentos estavam tão vivos e ensanguentados e os dentes, tão esmigalhados, que as deformações de Ranjit pareciam até leves, em comparação. Tirei fragmentos metálicos de seus olhos, do couro cabeludo e do pescoço. As lesões na garganta eram sérias, e, embora ele respirasse sem tanta dificuldade, meu palpite era que seu estado pioraria. Depois de fazer os curativos, apliquei uma injeção de penicilina e uma ampola de morfina nos dois homens.

Meu maior problema era o sangue, e a necessidade de repor o que os feridos haviam perdido. Nenhum dos guerrilheiros *mujahedin* que encontrei sabia dizer seu tipo sanguíneo ou o dos companheiros. Por isso, foi impossível relacionar os doadores compatíveis ou montar um banco de sangue. Como meu sangue era do tipo O, conhecido por ser o doador universal, meu corpo era a única fonte de sangue para as transfusões, e eu me tornei um banco de sangue ambulante para toda a unidade de combate.

Normalmente, um doador fornece cerca de meio litro de sangue por sessão. Como o corpo carrega cerca de seis litros, o sangue doado não consiste em mais de um décimo do volume total. Eu doei pouco mais de meio litro para cada ferido, usando o equipamento de soro intravenoso que Khader contrabandeara. Fiquei imaginando se o equipamento viera de Ranjit e seus leprosos enquanto furava minhas veias e as dos guerrilheiros feridos com agulhas que vinham em embalagens abertas e não em pacotes lacrados. As transfusões consumiram cerca de vinte por cento do meu sangue. Foi demais. Eu me sentia tonto e ligeiramente enjoado, sem saber se os sintomas eram reais ou produzidos pelo

meu medo. Eu sabia que não seria capaz de doar sangue por algum tempo, e o desespero da situação — a minha e a deles — esmagava meu peito com apertos e espasmos de angústia.

Era um trabalho sórdido, assustador, e eu não tinha sido treinado para fazê-lo. O curso de primeiros socorros que completei quando jovem fora abrangente, mas não abordara o tratamento de feridas de guerra. E o trabalho que fiz no posto da favela ajudava pouco nas montanhas. Naquela situação, eu contava apenas com o instinto — o mesmo instinto de ajudar e curar que me compeliu a salvar da overdose viciados em heroína da minha própria cidade, ao que me parecia muito tempo atrás. Em grande parte, era, naturalmente, um desejo secreto — como acontecia com Khaled em relação a Habib, o louco cruel — de receber ajuda, de ser salvo e de me curar. E, embora não fosse muito, nem o bastante, era tudo o que eu tinha. Por isso, fiz o melhor que pude, tentando não vomitar, nem chorar, nem demonstrar meu medo, e depois lavei as mãos na neve.

Quando Nazeer se recuperou o suficiente, insisti em enterrar Abdel Khader Khan obedecendo estritamente às regras do ritual. Fez isso antes de comer ou mesmo de beber um copo de água. Observei Khaled, Mahmoud e Nazeer se limparem, orem juntos, e então prepararem o corpo de Khaderbhai para o enterro. O estandarte verde e branco tinha se perdido, mas um dos *mujahedin* forneceu sua própria bandeira como mortalha. Sobre o fundo branco e simples, lá estava a frase:

*La illa ha ill'Allah*

Não existe outro deus além de Alá

Mahmoud Melbaaf, o iraniano que estivera conosco desde aquela viagem de táxi em Karachi, foi tão carinhoso, dedicado e amoroso em suas palavras, que meus olhos não paravam de buscar seu rosto calmo e forte enquanto ele trabalhava e orava. Se estivesse enterrando o próprio filho, não poderia ser mais delicado ou clemente, e foi naquele momento, durante o enterro, que comecei a estimá-lo como amigo.

Encontrei o olhar de Nazeer no final da cerimônia e, imediatamente, baixei o rosto para encarar o chão gelado junto a minhas botas. Ele sentia uma mistura de dor, tristeza e vergonha. Havia vivido para proteger e servir Khader Khan. Mas o Khan estava morto, e ele, vivo. Pior do que isso, ele não estava sequer ferido. Sua própria vida, o simples fato de permanecer no mundo, parecia uma traição. Cada batida de seu coração, um novo ato de traição. E aquela dor e a exaustão cobraram tal preço que ele acabou gravemente doente. Parecia ter perdido dez quilos. O rosto ficou encovado e com olheiras profundas. Os lábios racharam, descascaram. As mãos e os pés me preocupavam. Eu os havia examinado e sabia que a cor e o calor não haviam retornado completamente a eles. Achei que ele tinha sofrido queimaduras de frio ao se arrastar pela neve.

Havia, na verdade, uma tarefa que dava um objetivo, se não um significado, a sua vida naquele momento, mas eu não sabia daquilo então. Khaderbhai lhe dera uma última instrução, uma tarefa a ser executada no caso da sua morte

durante a missão. Ele dera o nome de um homem e ordenara que Nazeer o matasse. Nazeer seguia a instrução mesmo naquela ocasião, simplesmente se mantendo vivo para poder executar o assassinato. Era o que lhe dava alento, e sua vida inteira se encolheu até adquirir o tamanho daquela sombria obsessão. Sem saber de nada, à medida que os dias frios que se seguiram ao enterro de Khader se tornavam semanas mais frias ainda, eu me preocupava constantemente com o equilíbrio mental do afegão durão e leal.

Khaled Ansari sofreu transformações menos óbvias mas igualmente profundas em consequência da morte de Khader. Enquanto muitos de nós, chocados, dedicávamos uma atenção densa e tediosa às rotinas, Khaled se tornou mais enérgico e impetuoso. Enquanto eu com frequência me perdia à deriva de meditações atordoadas, tristonhas e amargas sobre o homem que tínhamos amado e perdido, Khaled assumia novas tarefas quase todos os dias e sempre estava concentrado. Como veterano de diversas guerras, ele tomou para si o papel de conselheiro, desempenhado por Khaderbhai, junto ao comandante *mujahedin* Suleiman Shahbadi. Em todas as deliberações, o palestino era intenso, incansável, cuidadoso a ponto de se tornar solene. Não eram características novas em Khaled, que sempre fora um homem ardoroso e sombrio — mas, depois da morte de Khader, havia nele uma esperança e uma vontade de vencer que eu jamais vira antes. E ele orava. Desde o dia em que enterramos o Khan, Khaled passou a ser o primeiro a chamar os homens para a oração e o último a erguer os joelhos da pedra gelada.

Suleiman Shahbadi, o afegão mais idoso em nosso grupo — havia vinte de nós, incluindo os feridos —, tinha sido líder comunitário, ou *Kandedar*, de um grupo de aldeias perto de Ghazni, a dois terços da distância até Cabul. Estava com cinquenta e dois anos e era um veterano, com cinco anos de guerra. Tinha experiência em todas as formas de combate, do cerco, passando pelas escaramuças de guerrilha, à batalha campal. Ahmed Shah Massoud, o líder informal da resistência contra os russos, tinha designado Suleiman para organizar os comandos do sul, nas imediações de Kandahar. Todos os homens de nossa unidade etnicamente eclética sentiam tal admiração por Massoud que não seria exagero chamar aquilo de amor. E, pelo fato de a nomeação de Suleiman partir diretamente de Massoud, o Leão de Panjsher, os homens lhe dedicavam o mesmo respeito reverente.

Quando Nazeer se recuperou o suficiente para fazer um relatório completo, apenas três dias depois de o encontrarmos na neve, Suleiman Shahbadi convocou uma reunião. Era um homem baixo com mãos e pés grandes e expressão melancólica. Sete vincos e rugas, como os sulcos deixados na terra por um agricultor, marcavam sua testa larga e alta. Um turbante branco e enrolado cobria sua calva. A barba grisalha, escura, era aparada ao redor da boca e logo abaixo da mandíbula. As orelhas eram ligeiramente pontudas — efeito exagerado pelo contraste com a brancura do turbante —, e aquele toque endiabrado combinava com a amplidão da boca para sugerir um humor insolente que, no passado, ele talvez tivesse exercitado. Mas naqueles dias, na montanha, o rosto era dominado pela expressão dos olhos. Eram olhos de uma indizível

tristeza. Uma tristeza drenada e esvaziada de lágrimas. Era uma expressão que angariava nossa simpatia e, ao mesmo tempo, nos impedia de fazer amizade com ele. Pois, apesar de toda a sua sabedoria, coragem e bondade, aquela tristeza era tão profunda que ninguém se arriscava a tocá-la.

Com quatro vigias a postos em volta do campo e dois feridos, havia catorze de nós reunidos na caverna para ouvir as palavras de Suleiman. Estava extremamente frio — próximo de zero grau, ou abaixo disso — e nos sentamos juntos para dividir o calor.

Desejei ter sido mais empenhado em meus estudos de *dari* e pachtó, durante a longa temporada em Quetta. Os homens falavam as duas línguas naquela reunião, e em todas que aconteceram depois. Mahmoud Melbaaf traduzia o *dari* para o árabe, para Khaled, que, por sua vez, vertia para o inglês, inclinando-se primeiro para a esquerda, para ouvir Mahmoud, e depois para a direita para me sussurrar as palavras. Era um processo longo e lento, e fiquei espantado e envergonhado ao ver que os homens esperavam pacientemente que todas as frases fossem traduzidas para mim. A visão corrente dos europeus e americanos sobre os afegãos, vistos como homens selvagens e sanguinários — descrição que sempre encantava os próprios afegãos quando a ouviam — foi desmentida por todos os contatos diretos que tive com eles. Cara a cara, os afegãos eram generosos, amigáveis, honestos, cuidadosos e delicados comigo. Não disse nada naquela primeira reunião, nem em nenhuma outra que se seguiu. Ainda assim, me incluíam em cada palavra que compartilhavam.

O relato de Nazeer sobre o ataque que havia matado nosso Khan foi alarmante. Khader deixara o acampamento com vinte e seis homens, levando todas as montarias e todos os animais de carga, e seguiu uma rota que tudo indicava ser segura para sua aldeia natal. No segundo dia de caminhada, ainda a um dia e uma noite da aldeia de Khaderbhai, eles foram obrigados a parar para o que pensaram ser uma rotineira troca de tributos com o líder de um clã local.

Houve perguntas ásperas sobre Habib Abdur Rahman nesse encontro. Nos dois meses que se passaram desde que ele nos deixara, depois de matar o pobre e inconsciente Siddiqi, Habib instituíra uma guerra individual de terror no que, para ele, era uma nova área de operações — a cordilheira de Shar-i-Safa. Torturara um oficial russo até a morte. De acordo com seus critérios de justiça, dava o mesmo tratamento a soldados do Exército afegão e guerrilheiros *mujahedin* que julgava não serem totalmente comprometidos com a causa. O horror dessas torturas tinha conseguido apavorar a todos na região. Dizia-se que ele era um fantasma, ou o *Shaitaan*, o Grande Satã em pessoa, vindo para dilacerar o corpo dos homens e arrancar dos crânios as máscaras de seus rostos humanos. O que costumava ser um corredor relativamente tranquilo entre zonas de guerras foi tomado subitamente por uma agitação de soldados e guerrilheiros furiosos, aterrorizados, todos jurando encontrar e matar o demônio Habib.

Ao perceber que se tratava de uma armadilha preparada para capturar Habib e que os homens que o cercavam eram hostis à causa, Khaderbhai tentou partir em paz. Deixou quatro cavalos como tributo e reuniu os homens. Estavam fora do território inimigo quando os primeiros tiros foram disparados no pequeno

cânion. A batalha durou meia hora. Quando acabou, Nazeer contou dezoito corpos da coluna de Khader. Alguns tinham sido mortos enquanto jaziam feridos. Cortaram-lhes a garganta. Nazeer e Ahmed Zadeh só haviam sobrevivido porque foram esmagados por um emaranhado de corpos, cavalos e homens, e pareciam estar mortos.

Um cavalo sobrevivera ao conflito com um ferimento sério. Nazeer fez o animal se levantar e amarrou nas suas costas os corpos de Khader e Ahmed, moribundo. O animal avançou corajosamente pela neve durante um dia e metade de uma noite, antes de se dobrar, desabar e morrer a três quilômetros do acampamento. Depois, Nazeer arrastou os dois corpos pela neve, até que o encontramos. Não fazia ideia do que havia acontecido com os cinco homens da coluna que desapareceram. Talvez tivessem escapado, pensou ele, ou poderiam ter sido capturados. Uma coisa era certa: entre os inimigos mortos, Nazeer identificara uniformes do Exército afegão e alguns novos equipamentos russos.

Suleiman e Khaled Ansari concluíram que o ataque de morteiro a nossa posição estava relacionado à batalha que tirara a vida de Abdel Khader. Supunham que a unidade do Exército afegão havia se reorganizado e, talvez seguindo a trilha de Nazeer, ou agindo a partir de informações arrancadas dos prisioneiros, tinha iniciado o ataque. Suleiman deduziu que haveria outros, mas duvidava que fossem partir para um ataque direto àquela posição. Uma ofensiva desse tipo custaria muitas vidas e poderia não ser bem-sucedida. Se os soldados russos oferecessem apoio às unidades afegãs, porém, talvez acontecessem ataques de helicóptero quando o céu clareasse. De qualquer maneira, teríamos baixas. No final das contas, poderíamos perder nossa posição privilegiada.

Depois de muitas conversas sobre as limitadas opções de que dispúnhamos, Suleiman decidiu iniciar dois contra-ataques também com morteiros. Com essa finalidade, precisávamos de informação confiável a respeito das posições do inimigo e de sua força. Ele começou a instruir um jovem nômade *hazarbuz* em boa forma, chamado Jalalaad, para a missão de reconhecimento, mas então ficou paralisado, olhando a boca da caverna. Nós nos viramos e soltamos exclamações de surpresa ao ver uma silhueta esfarrapada e desganhada na moldura oval de luz na entrada. Era Habib. Ele havia penetrado no acampamento sem ser percebido pelos vigias — uma tarefa misteriosamente complicada —, e estava diante de nós, a dois curtos passos de distância. Fico satisfeito em dizer que não fui o único a procurar uma arma.

Khaled correu para a frente, com um sorriso tão grande e sincero que cheguei a me sentir mal, e fiquei ainda mais ressentido com Habib por inspirar aquele sorriso. Ele trouxe o louco para dentro da caverna e o fez se sentar ao lado do atônito Suleiman. Então, totalmente calmo e senhor de si, Habib começou a falar.

Ele havia visto as posições dos inimigos, falou, e sabia qual era a força de que dispunham. Observara o ataque de morteiros ao nosso acampamento e, depois, se esgueirara até os acampamentos inimigos, tão perto que podia ouvi-los decidir o que comeriam no almoço. Ele nos guiaria até pontos estratégicos, de onde poderíamos lançar morteiros e matá-los. Aqueles que não morressem imediatamente, ele os queria para si. Era seu preço.

Os homens discutiram a proposta de Habib, falando abertamente na sua frente. Alguns se preocupavam por estarmos colocando nossa vida nas mãos do mesmo maluco cujas monstruosas torturas haviam trazido a guerra para nossa caverna. A associação com a sua perversidade traria má sorte, diziam. Mau comportamento e má sorte. Outros temiam que matássemos muitos soldados do Exército afegão.

Uma das contradições aparentemente esquisitas da guerra era que afegãos enfrentavam afegãos com uma verdadeira relutância e lamentavam sinceramente todas as mortes. Havia uma história tão longa de divisões e conflitos entre clãs, e tantas divisões étnicas no Afeganistão, que ninguém, além de Habib, odiava de verdade os afegãos que lutavam do lado dos russos. O ódio verdadeiro, onde existia, estava reservado para a versão afegã da KGB, conhecida como KHAD. O traidor Najibullah, que acabou tomando o poder e se nomeou governante do país, encabeçou a infame força policial durante anos, e era responsável por muitas das suas indizíveis torturas. Não havia um guerrilheiro da resistência no país que não sonhasse em apertar o laço e levantá-lo no ar pelo pescoço. Os soldados, até os oficiais do Exército, porém, eram um assunto diferente. Eram conterrâneos, muitos deles recrutados, fazendo o que precisavam para sobreviver. E, de sua parte, os integrantes do Exército costumavam enviar informações vitais sobre os movimentos das tropas russas ou bombardeios para os guerrilheiros *mujahedin*. Na verdade, a guerra nunca teria sido ganha sem sua ajuda secreta. E um ataque surpresa com morteiros nos dois postos do Exército identificados por Habib custaria muitas vidas de afegãos.

A longa discussão se encerrou com a decisão de lutar. Nossa situação foi considerada tão perigosa que não tínhamos escolha a não ser partir para um contra-ataque e afastar o inimigo da montanha.

O plano era bom e deveria ter funcionado, mas, com tanta coisa na guerra, trouxe apenas o caos e a morte. Quatro vigias permaneceram no acampamento e eu fiquei para trás, para cuidar dos feridos. Os catorze homens da expedição foram divididos em dois grupos. Khaled e Habib comandavam o primeiro; Suleiman, o segundo. Seguindo as instruções de Habib, instalaram os morteiros a cerca de um quilômetro dos acampamentos inimigos — uma distância que estava dentro do alcance máximo efetivo. O bombardeio começou logo depois do amanhecer e durou meia hora. Quando entraram nos destroços do acampamento, as equipes de ataque encontraram oito soldados afegãos. Nem todos estavam mortos. Habib foi cuidar dos sobreviventes. Indignados com o que haviam permitido, nossos homens voltaram ao acampamento, esperando não tornar a ver o louco.

Menos de uma hora depois de retornarem, uma chuva de explosões sibilantes, ruidosas, caiu sobre nosso acampamento, sob a forma de um bombardeio. Enquanto o ataque mortal perdia a intensidade, rastejamos de nossos esconderijos e então ouvimos um estranho e vibrante zumbido. Khaled estava a alguns metros de mim. Vi o medo passar por seu rosto marcado. Ele começou a correr na direção de uma pequena cobertura fornecida por rachaduras nas paredes de pedra do lado oposto às cavernas. Gritava e acenava para que eu o seguisse. Dei o passo na sua direção e então congelei quando um helicóptero

russo se ergueu como uma espécie de inseto imenso e monstruoso na beirada do complexo. É impossível descrever como aquelas máquinas parecem imensas e ameaçadoras quando se está sob seu fogo. O monstro enche o olhar e a mente e, por um ou dois segundos, parece não existir nada no mundo além do metal, do barulho e do horror.

No instante em que apareceu, ele atirou sobre nós e se afastou como um falção que desce para atacar sua presa. Dois foguetes cruzaram o ar, rumo às cavernas. Deslocaram-se a uma velocidade incrível, bem mais rápido do que meus olhos podiam segui-los. Eu me virei e vi um deles atingir o penhasco de pedra sobre a entrada do complexo de cavernas, explodindo em uma chuva de fumaça, chamas, pedras e fragmentos de metal. Imediatamente depois, o segundo foguete entrou na boca da caverna e explodiu.

A onda de choque me atingiu como algo físico, como se eu estivesse na beira de uma piscina e alguém me empurrasse com as palmas das mãos. Caí de costas e resfoleguei, lutando para respirar. Eu podia ver a entrada das cavernas. Os feridos estavam lá. Outros homens se escondiam ali. Por entre a fumaça negra e as chamas, eles começaram a sair correndo ou se arrastando para fora. Um deles era um comerciante pachto chamado Alef. Tinha se tornado um dos preferidos de Khaderbhai por causa de suas piadas e sátiras irreverentes sobre mulás pomposos e outras personalidades políticas locais. Seu dorso estava todo queimado, da cabeça até as coxas. As roupas, em chamas. Queimavam-se e consumiam-se em torno da pele nua, estraçalhada, das costas. Os ossos — um do quadril e a escápula — estavam nitidamente visíveis e se movimentavam, à mostra na ferida aberta, enquanto ele rastejava.

Ele gritava pedindo socorro. Cerrei os dentes para correr até alcançá-lo, mas o helicóptero tornou a aparecer. Rugiu sobre nossas cabeças a uma grande velocidade por duas vezes, desenhando círculos fechados para nos atacar de novos ângulos. Então ele ficou pairando com uma indiferença arrogante e destemida perto da beirada do platô que fora nosso abrigo. No momento em que comecei a avançar, ele lançou mais dois foguetes nas cavernas, e depois mais dois. A salva iluminou todo o interior da caverna, por um instante, e derreteu a neve com uma bola de fogo flamejante e uma chuva de fragmentos metálicos incandescentes. Um deles aterrissou a um metro de distância de mim. Chocou-se contra a neve e ardeu com um silvo ruidoso por alguns segundos. Afastei-me rastejando atrás de Khaled e enfiei meu corpo em uma das fendas estreitas da rocha.

Começou o tiroteio das metralhadoras, varrendo o espaço aberto e destroçando o corpo dos feridos que estavam expostos por lá. Então ouvi outro tipo de arma, com um tom diferente, e percebi que um de nossos homens atirava contra o helicóptero. Era o som de uma PK, uma de nossas metralhadoras russas, que devolvia o fogo. Foi seguido rapidamente por uma segunda série de disparos de outra PK: *chum-chum-chum-chum*. Dois de nossos homens atiravam contra o helicóptero. Minha única reação instintiva foi me esconder da cruel e eficiente máquina de matar, mas eles não apenas se expunham à besta, mas a desafiavam e enfrentavam sua reação.

Ouviu-se um grito de alguém atrás de mim e, logo depois, um foguete sibilou,

saindo de perto do meu esconderijo na pedra em direção ao helicóptero. Era um projétil disparado de uma das AK-74 de nossos homens. Não acertou o alvo, assim como os dois seguintes, mas os disparos chegavam mais perto e convenceram o piloto a evitar maiores prejuízos e partir.

Um grande grito subiu aos céus, saído da boca dos homens: *Allah hu Akbar! Allah hu Akbar! Allah hu Akbar!* Khaled e eu saímos de nosso esconderijo na pedra e encontramos quatro homens correndo e atirando na aeronave. Um fino fio de fumaça negra saía de algum lugar a dois terços do comprimento da máquina enquanto ela mergulhava na distância, emitindo o guincho metálico de um motor que funcionava a toda a potência.

O rapaz que abriu o contra-ataque era Jalalaad, o nômade *hazarbuz*. Ele entregou a pesada PK para um amigo, agarrou uma AK-74 com pente duplo e saltou em busca de soldados inimigos que talvez tivessem se aproximado sob a cobertura do helicóptero. Dois outros jovens correram com ele, escorregando e pulando pela encosta nevada.

Fizemos uma busca por sobreviventes no interior do complexo. Éramos vinte no início do ataque, incluindo os dois feridos. Depois, nos reduzimos a onze: Jalalaad e outros dois jovens, Juma e Hanif, que haviam saído com ele em busca de soldados afegãos ou russos que estivessem em nosso perímetro defensivo; Khaled; Nazeer; um guerrilheiro muito jovem chamado Ala-ud-Din; três homens feridos; Suleiman, e eu. Havíamos perdido nove homens — um a mais do que os oito afegãos que matáramos no ataque de morteiros.

Nossos feridos estavam em estado grave. Um homem ficara tão queimado que os dedos se fundiram como se fossem a pinça de um caranguejo e seu rosto não tinha mais vestígios da condição humana. Ele respirava por uma cavidade de pele vermelha em seu rosto. Talvez fosse a boca, aquele buraco trêmulo no rosto, mas não havia como ter certeza. As respirações eram árduas, produziam sons ásperos que diminuía e enfraqueciam enquanto eu os ouvia. Dei-lhe morfina e passei para o próximo. Era um fazendeiro de Ghazni chamado Zaher Rasul. Ele costumava me trazer chá verde quando eu lia um livro ou fazia anotações em meu diário. Gentil e humilde, tinha quarenta e dois anos — um senhor de idade em um país onde a expectativa de vida para os homens ficava em média nos quarenta e cinco anos. Não se via seu braço abaixo do ombro. O mesmo projétil que lhe arrancara o braço havia penetrado seu corpo e o cortara do peito ao quadril, no lado direito. Não havia como saber que pedaços de metal ou de pedra poderiam estar abrigados nas feridas. Ele orava um *zikkir* repetitivo:

Deus é grande  
Deus me perdoa  
Deus é misericordioso  
Deus me perdoa

Mahmoud Melbaaf aplicava um torniquete no toco esfacelado de ombro que sobrou. Quando soltou, o sangue jorrou sobre nós em jatos fortes e mornos. Mahmoud voltou a apertar o torniquete. Olhei em seus olhos.

— Artéria — disse eu, esmagado pela tarefa que enfrentava.

— Sim. Debaixo do braço. Você está vendo?

— Estou. Precisa ser costurada, grampeada ou coisa parecida. Temos que fazer com que pare de sangrar. Ele já perdeu sangue demais.

O que sobrava do estojo médico, enegrecido e coberto de cinzas, foi reunido sobre um pedaço de lona diante dos meus joelhos. Encontrei uma agulha de sutura, um alicate de mecânico enferrujado e um pouco de fios de seda. Senti um frio congelante vindo do solo coberto de neve e, com as mãos dormentes, dei vários pontos na artéria e na carne, na área inteira, afoito para estancar aquele jato de sangue vermelho e quente. A linha prendeu várias vezes. Meus dedos rígidos tremiam. O homem estava desperto e consciente, e sentia dores terríveis. Berrava e uivava sem parar, mas sempre voltava à oração.

Apesar do frio intenso, a região dos meus olhos estava empapada de suor, quando acenei com a cabeça para Mahmoud, pedindo que soltasse o torniquete. O sangue vazou pelos pontos. Era um fluxo muito mais lento, mas eu sabia que aquele filete ainda o mataria no longo prazo. Comecei a colocar chumacos de gaze na ferida e preparar um curativo de pressão, mas as mãos ensanguentadas de Mahmoud seguraram meus punhos com força. Ergui os olhos e vi que Zaher Rasul havia parado de orar e de sangrar. Estava morto.

Eu respirava com dificuldade. Era o tipo de respiração que causa mais prejuízos do que benefícios. Subitamente, percebi que não me alimentava havia muitas horas e que estava faminto. Com aquele pensamento — fome, comida —, passei mal pela primeira vez. Senti uma onda úmida de náusea tomar conta de mim e sacudi a cabeça para me livrar dela.

Quando voltamos a atenção para o homem queimado, descobrimos que ele também havia sucumbido. Cobrei o corpo imóvel com um pedaço de lona de camuflagem. Minha última visão de seu rosto chamuscado, sem traços e derretido se transformou em uma oração de agradecimento. Uma das verdades mais dolorosas vividas por um médico no campo de batalha é que rezamos quase com igual fervor e frequência para que os homens morram e para que vivam. O terceiro ferido era o próprio Mahmoud Melbaaf. Havia minúsculos fragmentos de metal cinza e preto e o que parecia ser plástico derretido em suas costas, seu pescoço e na parte de trás da cabeça. Felizmente, o jato de material quente só havia penetrado nas camadas superficiais de sua pele, como farpas. De qualquer maneira, foi preciso trabalhar durante uma hora para livrá-lo daquilo. Lavei as feridas e apliquei pó antibiótico, fazendo curativos onde era possível.

Fizemos um balanço de nossos suprimentos e reservas. Tínhamos duas cabras no início do ataque. Uma delas fugiu e nunca mais a vimos. A outra foi encontrada em um beco sem saída formado entre altas escarpas rochosas. Aquela cabra era nosso único alimento. A farinha virara cinzas, assim como o arroz, a *ghee* e o açúcar. As reservas de combustível foram consumidas por completo. Os instrumentos médicos de aço inoxidável tinham sido atingidos diretamente, e a maior parte se transformou em pedaços de metal inúteis. Vasculhei os escombros para recuperar o que tinha sobrado de antibióticos, desinfetantes, pomadas, curativos, agulhas de sutura, linha, seringas e ampolas de morfina. Tínhamos munição e alguns medicamentos, podíamos derreter a neve

para obter água, mas a falta de comida era um problema sério.

Éramos nove. Suleiman e Khaled decidiram que precisávamos deixar o acampamento. Havia uma caverna em outra montanha, a aproximadamente doze horas de caminhada, a leste, onde imaginavam que poderíamos ficar abrigados de ataques. Os russos, com certeza, mandariam outro helicóptero nas próximas horas, no máximo. As forças terrestres não estariam distantes.

— Todos os homens devem encher dois cantis com neve e guardá-los dentro das roupas, perto do corpo, durante a caminhada — Khaled me disse, traduzindo as ordens de Suleiman. — Vamos carregar armas, munição, remédios, cobertores, um pouco de combustível, madeira e a cabra. Mais nada. Vamos lá!

Partimos em marcha com o estômago vazio, e aquele estado nos acompanharia pelas quatro semanas seguintes, enquanto nos encolhíamos na nova caverna na montanha. Um dos jovens amigos de Jalalaad, Hamif, tinha trabalhado como açougueiro em sua cidade natal. Ele matou a cabra, tirou a pele, limpou as vísceras e a esquartejou quando chegamos. Preparamos o fogo com a madeira que levamos dos destroços de nosso acampamento e uma gota de combustível para uma das lamparinas. A carne foi cozida — cada naco, exceto as partes como as pernas do animal, abaixo da junta do joelho, consideradas *haram*, ou proibidas de serem consumidas pelos muçulmanos. A carne cuidadosamente cozida foi racionada em pequenas porções diárias. Armazenamos a maior parte em uma geladeira improvisada, feita com gelo e neve que cavamos do solo. E depois, por quatro semanas, mordiscamos a carne ressecada e nos encolhemos quando a fome nos contorcia com a vontade de comer mais.

O fato de a carne de uma cabra ter conseguido manter nove homens vivos durante quatro semanas foi uma prova da disciplina e do apoio mútuo e bondoso. Tentamos muitas vezes escapular do acampamento e alcançar um dos *khels* da vizinhança para obter mais alimentos. Mas os vilarejos estavam ocupados por tropas inimigas, e toda a cordilheira, cercada por patrulhas compostas por unidades do Exército afegão comandadas pelos russos. As torturas de Habib combinadas aos danos que infligimos ao helicóptero geraram uma determinação furiosa nos soldados russos e afegãos. Em uma missão de busca de alimentos, nossos batedores ouviram um anúncio que ecoava pelo vale mais próximo. Os russos haviam instalado um alto-falante em um jipe militar. Um afegão, falando em pachto, nos descrevia como bandidos e criminosos e dizia que uma força-tarefa especial tinha sido montada para a nossa captura. Puseram nossas cabeças a prêmio. Nossos batedores quiseram atirar no veículo, mas acharam que podia ser uma armadilha para nos fazer sair do esconderijo. Deixaram-no passar, e as palavras dos caçadores ecoaram pelos cânions de pedra pura como o uivo de lobos à espreita.

Guiados, ao que parecia, por informações falsas — ou talvez seguindo a trilha das execuções sangrentas de Habib —, os russos baseados nas aldeias vizinhas concentraram as buscas em outra cadeia de montanhas ao norte de onde nos encontrávamos. Enquanto permanecêssemos em nossa caverna remota, parecíamos estar seguros. Então esperamos, encurralados, famintos e assustados,

durante as quatro semanas mais frias do ano. Nós nos escondíamos, rastejando pelas sombras durante o dia, e nos amontoávamos sem luz ou calor na escuridão, todas as noites. E lentamente, uma hora gelada após a outra, a faca da guerra cortou os desejos e as esperanças, até que o que sobrou para nós, dentro do abraço duro e desolador de nossos próprios braços em torno de nosso corpo trêmulo, foi a vontade solitária de sobreviver.

EU NÃO CONSEGUIA ENFRENTAR a perda de Khaderbhai, meu pai ideal. Eu ajudara a enterrá-lo, por Deus, com minhas próprias mãos. Mas não lamentei nem chorei sua perda. Esse tipo de tristeza não seria verdadeiro o bastante, pois meu coração não acreditava que ele estava morto. Eu o amara demais, era o que achava naquele inverno de guerra, para que ele simplesmente morresse e sumisse. Se tanto amor pudesse desaparecer sob a terra e não falar mais, não sorrir mais, tal amor não existia. E eu não acreditava naquilo. Tinha certeza de que haveria uma recompensa, de alguma forma, e permanecia esperando por ela. Na época não sabia, como sei agora, que o amor é uma via de mão única. O amor, como o respeito, não é algo que se obtenha, é algo que se entrega. Mas, sem saber disso naquelas semanas amargas, sem pensar assim, me afastei daquele vazio da minha vida, onde houvera tanta esperança de amor, e me recusei a sentir saudade ou a dor da perda. Eu me encolhia dentro da camuflagem sombria da neve e das sombras da pedra. Mastigava fragmentos endurecidos da carne de cabra que nos sobrava. E a cada minuto repleto de batidas de coração e de fome me arrastava para cada vez mais longe da dor e da verdade.

Finalmente, é claro, nosso suprimento de carne acabou se esgotando e convocou-se uma reunião para se discutir as opções que nos restavam. Jalalaad e os afegãos mais jovens queriam arriscar: atravessar as linhas inimigas e partir para as regiões desérticas da província de Zabul, perto da fronteira com o Paquistão. Suleiman e Khaled concordaram com relutância que não havia outra opção, mas queriam informações confiáveis a respeito da posição dos inimigos antes de darem início a um ataque surpresa. Com essa finalidade, Suleiman enviou o jovem Hanif em uma missão de reconhecimento que o levaria a fazer uma ampla curva do sudoeste ao norte e ao sudeste da nossa posição. Ele ordenou que o rapaz estivesse de volta em vinte e quatro horas e que viajasse apenas à noite.

A espera pela volta de Hanif foi longa, gelada e faminta. Bebíamos água, mas aquilo só fazia aliviar o tormento por alguns minutos e nos deixava ainda mais famintos. As vinte e quatro horas se transformaram em dois dias e depois em um terceiro, sem sinal dele. Na manhã do terceiro dia, demos Hanif por morto ou capturado. Juma, um criador de camelos do minúsculo enclave Tajik no sudoeste do Afeganistão, próximo ao Irã, se ofereceu como voluntário para procurá-lo. Tinha pele morena, rosto fino, nariz aquilino, lábios grossos e expressivos. Era amigo de Hanif e Jalalaad — com o tipo de proximidade que os homens nas guerras e nas prisões descobrem, contra todas as expectativas, e que raramente se expressam em palavras e gestos.

Os clãs de criadores de camelo em Tajik, de Juma, eram tradicionais rivais do povo de Mohmand Hazarbutz, de Hanif e Jalalaad, no transporte nômade de mercadorias. A disputa entre os grupos tinha se intensificado com a rápida

modernização do Afeganistão. Em 1920, um em cada três afegãos era nômade. Duas gerações depois, nos anos 1970, apenas dois por cento do povo era constituído de nômades. Embora fossem rivais, os três rapazes tinham sido obrigados a trabalhar em conjunto por causa da guerra e se tornaram amigos inseparáveis. A amizade se desenvolvera em meses traíçoeiramente tediosos que se interpunham a temporadas de lutas, e foi testada muitas vezes no combate. Na batalha mais bem-sucedida, eles usaram minas terrestres e granadas para destruir um tanque russo. Cada um usava uma faixa de couro em volta do pescoço com um pedacinho de metal do tanque, como lembrança.

Quando Juma afirmou que ia procurar Hanif, sabíamos que não poderíamos impedi-lo. Com um suspiro cansado, Suleiman permitiu que ele partisse. Juma se recusou a esperar até o anoitecer. Pendurou a arma no ombro e se arrastou para fora do acampamento na mesma hora. Estava sem comer havia três dias, como todos nós, e o sorriso que dirigiu a Jalalaad, ao olhar para trás pela última vez, era iluminado de força e coragem. Observamos o rapaz partir, vimos sua sombra esguia e encolhida varrer o disco de encostas nevadas abaixo de nós.

A fome aumentava a sensação de frio. Era um inverno longo e inclemente, e nevava sobre as montanhas a nossa volta dia sim, dia não. A temperatura ficava um pouco acima de zero grau durante o dia, mas caía para níveis insuportáveis abaixo de zero, a partir do entardecer até bem depois da aurora. Minhas mãos e meus pés estavam quase sempre frios; dolorosamente frios. A pele do meu rosto se endurecia, tão rachada quanto os pés dos agricultores da aldeia de Prabaker. Urinávamos nas mãos para combater a sensação dolorosa do frio e aquilo nos aquecia momentaneamente. Mas sentíamos tanto frio que uma mijada era um problema sério. Primeiro, havia o medo de abrir nossas roupas o mínimo que fosse, depois o calafrio que se seguia ao esvaziamento da bexiga cheia de líquido morno. Perder aquele calor fazia a temperatura corporal baixar depressa, e tentávamos adiar até o último instante.

Juma não voltou naquela noite. À meia-noite, acordados pela fome e pelo medo, demos um pulo ao ouvir um barulhinho de nada na escuridão. Sete armas foram apontadas ao mesmo tempo. Então, soltamos exclamações de espanto quando um rosto pairou entre as sombras, bem mais próximo do que esperávamos. Era Habib.

— O que você está fazendo, meu irmão? — Khaled perguntou delicadamente, em urdu. — Deu um grande susto na gente.

— Eles estão aqui — respondeu ele em uma voz racional, calma, que parecia vir de outra mente ou de outro lugar, como se ele fosse um médium falando durante o transe. Seu rosto estava imundo. Estávamos todos sujos e barbudos, mas a imundície de Habib era tão repugnante e densa que chegava a ser chocante. Como o pus que deixa uma ferida infectada, a sujeira parecia sair de todos os seus poros a partir de algo podre que ele carregava dentro de si. — Estão em toda parte, em volta de vocês. E vêm para cá pegá-los, matá-los, assim que chegarem reforços, amanhã ou no dia seguinte. Em breve. Sabem onde vocês estão. Vão matar todos. Só há uma saída agora.

— Como nos encontrou aqui, irmão? — perguntou Khaled, com a voz tão calma e distante quanto a de Habib.

— Vim com vocês. Sempre estive por perto. Não me viram?

— Meus amigos Juma e Hanif — perguntou Jalalaad. — Você os viu em algum lugar?

Habib não respondeu. Jalalaad repetiu a pergunta, mais energicamente.

— Você os viu? Eles estavam no acampamento russo? Foram capturados?

Fez-se um silêncio denso de medo e de odores repugnantes da carne decomposta que se prendia a Habib. Ele parecia meditar, ou talvez ouvir alguma coisa que mais ninguém escutava.

— Diga-me, *bach-e-kaka* — Suleiman perguntou delicadamente, usando o termo familiar empregado para *sobrinho* —, o que você quer dizer quando fala que só há *uma* saída agora?

— Estão em toda parte — respondeu Habib, com o rosto deformado por seu olhar boquiaberto e psicótico. Mahmoud Melbaaf traduzia para mim, sussurrando em meu ouvido. — Eles não têm homens em número suficiente. Colocaram minas em todas as saídas mais fáceis da montanha. O norte, o leste e o oeste estão completamente minados. Só o sudeste está seguro, porque acham que vocês não vão tentar fugir por ali. Deixaram esse caminho livre, para virem até aqui e pegá-los.

— Não podemos sair por esse caminho — sussurrou Mahmoud para mim, quando Habib parou subitamente. — Os russos tomam conta do vale que fica a sudeste daqui. É o caminho que usam para ir a Kandahar. Quando vierem atrás de nós, virão dessa direção. Se formos por ali, vamos morrer, e eles sabem disso.

— Agora eles estão no sudeste. Mas amanhã, por um dia, estarão todos no lado mais distante da montanha, no noroeste — disse Habib. A voz continuava calma e composta, mas o rosto ostentava o olhar de uma gárgula, e o contraste perturbava a todos nós. — Apenas alguns deles vão permanecer ali amanhã. Só alguns vão ficar, enquanto os outros colocam as últimas minas nas encostas a noroeste, logo depois do amanhecer. Se vocês tomarem a iniciativa, atacarem e lutarem com eles amanhã, no sudeste, só haverá alguns. Vocês podem abrir caminho e escapar. Mas só amanhã.

— Quantos são ao todo? — perguntou Jalalaad.

— Sessenta e oito. Têm morteiros, mísseis e seis metralhadoras pesadas. São numerosos demais para vocês conseguirem se esgueirar por eles durante a noite.

— Mas *você* passou — Jalalaad insistiu, desafiadoramente.

— Não podem me ver — respondeu Habib, com serenidade. — Sou invisível para eles. Não conseguem me ver até que eu enfie a faca na garganta deles.

— É ridículo! — esbravejou Jalalaad. — São soldados. Você é um soldado. Se você pode passar por eles, nós também podemos.

— Seus homens voltaram? — perguntou Habib, voltando pela primeira vez o olhar enlouquecido para o jovem guerrilheiro. Jalalaad abriu a boca para falar, mas as palavras se afogaram no pequeno mar agitado de seu coração. Ele baixou os olhos e sacudiu a cabeça. — Você conseguiria entrar neste acampamento sem ser visto ou ouvido, como eu? Se você tentar passar por eles, vai morrer, com seus amigos. Você não consegue passar por eles. Eu consigo, mas você não.

— Mas você acha que conseguimos passar, se lutarmos? — Khaled fez a

pergunta baixinho, mas nós ouvimos bem a premência embutida nela.

— Sim. É a única saída. Estive em todos os lugares desta montanha, e me aproximei tanto deles que pude ouvi-los se coçar. É por isso que estou aqui. Vim lhes dizer como se salvar. Mas minha ajuda tem um preço. Todos os que vocês não matarem amanhã, aqueles que sobreviverem, serão meus. Vocês me darão.

— Sim, sim — concordou Suleiman, apaziguadamente. — Venha, *bach-e-kaka*, me conte o que você sabe. Queremos que revele tudo. Sente-se conosco e diga o que sabe. Não temos comida, por isso não podemos lhe oferecer uma refeição. Eu lamento.

— Tem comida — interrompeu Habib, apontando atrás de nós, para as sombras na beira de nosso acampamento. — Sinto cheiro de comida ali.

Era verdade, os pedaços apodrecidos da cabra morta — os cortes *haram* do animal — jaziam em uma pequena pilha em meio à neve semiderretida. Apesar de todo o frio e mesmo em meio à neve, a carne crua já havia começado a estragar. Não sentíamos o cheiro àquela distância, mas Habib parecia sentir.

O comentário do louco provocou um longo debate sobre proibição e liberação religiosa de se comer alimentos *haram*. Eles não eram rigorosos no cumprimento da fé. Oravam todos os dias, mas não obedeciam à risca os horários das três sessões prescritas pelos xiitas, nem as cinco dos sunitas. Eram homens de fé, e não ostensivamente religiosos. Ainda assim, em tempos de guerra, com todos os perigos que enfrentávamos, a última força que desejavam desafiar era a divina. Eram guerreiros santos, *mujahedin*: acreditavam que se tornariam mártires no instante em que morressem em batalha e que teriam um lugar garantido no céu, cercado por lindas donzelas. Não queriam se corromper com alimentos proibidos quando estavam tão perto de chegar ao paraíso. Era um tributo à sua fé, na realidade, que a simples discussão sobre a carne *haram* não tivesse ocorrido antes de passarmos fome durante um mês e sem comer nada por cinco dias.

De minha parte, confessei a Mahmoud Melbaaf que vinha pensando na carne descartada quase sem parar, nos últimos dias. Não era muçulmano e não era proibido de consumi-la. Mas vivia tão próximo aos guerreiros, por tantas semanas dolorosas, que ligava meu destino ao deles. Não comeria nada enquanto passassem fome. Eu queria comer a carne, mas só se concordassem em me acompanhar.

Suleiman deu a opinião decisiva sobre o assunto. Lembrou-lhes que, embora fosse ruim para um muçulmano consumir alimentos *haram*, morrer de fome quando havia alimentos *haram* disponíveis era um mal maior. Os homens decidiram cozinhar a carne apodrecida em uma sopa, antes do amanhecer. Então, fortalecidos pela refeição, usáramos as informações de Habib sobre a posição do inimigo para abrir nosso caminho e sair das montanhas.

Nas longas semanas em que ficamos escondidos, à espera, sem calor ou alimentos quentes, nos distraíamos e oferecíamos apoio mútuo com as histórias que contávamos. Naquela última noite, depois de vários falarem, chegou a minha vez. Semanas antes, na primeira história, contei sobre minha fuga da prisão. Embora escandalizados quando confessei que era um *gunaa*, ou pecador, e que tinha sido posto na cadeia como criminoso, ficaram empolgados com o relato e

fizeram muitas perguntas depois. Minha segunda história foi sobre a Noite dos Assassinos: como Abdullah, Vikram e eu encontramos os assassinos nigerianos, lutamos contra eles e os derrotamos, e depois os expulsamos do país; como persegui Maurizio, o homem que havia causado tudo aquilo, e o cobri de socos; e como quis matá-lo, mas poupei sua vida apenas para me arrepender depois, quando ele atacou Lisa Carter e obrigou Ulla a matá-lo.

Aquela história também tinha sido muito bem-recebida e, enquanto Mahmoud Melbaaf se postava ao meu lado para traduzir a terceira história, pensei que pudesse voltar a despertar aquele entusiasmo. Minha mente examinou a lista de heróis. Havia tantos homens e mulheres, a começar pela minha própria mãe, cuja coragem e cujo sacrifício inspiravam as memórias que tinha deles. Mas, ao começar a falar, me peguei contando a história de Prabaker. As palavras, como uma espécie de oração desesperada, deixaram meu coração espontaneamente.

Contei-lhes que Prabaker deixara sua aldeia paradisíaca para se dirigir à cidade quando ainda era um menino; havia voltado na adolescência, com o turbulento Raju e outros amigos, para enfrentar a ameaça dos *dacoits*. Descrevi como Rukhmabai, a mãe de Prabaker, encorajara os homens da aldeia, e como o jovem Raju havia disparado o revólver ao caminhar em direção ao prepotente líder dos *dacoits*, até matá-lo. E falei que Prabaker adorava festas, dança e música e tinha salvado a mulher que amava da epidemia de cólera e se casado com ela. Contei como havia morrido, numa cama de hospital, cercado por nosso amor e nossa tristeza.

Depois que Mahmoud terminou de traduzir minhas últimas palavras, houve um longo silêncio, enquanto meditavam sobre a história. Eu estava acabando de me convencer de que tinham ficado tão comovidos quanto eu com a vida do meu amiguinho quando as perguntas começaram.

— E então, quantas *cabras* eles tinham naquela aldeia? — perguntou Suleiman, com ar sério.

— Ele quer saber quantas cabras... — Mahmoud começou a traduzir.

— Entendi, entendi — disse eu, sorridente. — Bem, até onde posso lembrar, umas oitenta, talvez cem. Cada casa tinha duas ou três cabras, mas algumas chegavam a ter seis ou oito.

Aquela informação inspirou uma discussão rumorosa, com muitos gestos, mais animada e polêmica do que qualquer debate político ou religioso que ocasionalmente acontecera entre eles.

— Qual... a *cor*... dessas cabras? — perguntou Jalalaad.

— As cores — Mahmoud explicou, gravemente. — Ele quer saber as cores das cabras.

— Bem, deixe-me ver, eram marrons, eu acho, brancas e algumas pretas.

— Eram grandes como aquelas do Irã? — Mahmoud traduziu a fala de Suleiman. — Ou magrelas como as do Paquistão?

— Bem, eram *desse* tamanho... — sugeri, mostrando com as mãos.

— Quanto leite — perguntou Nazeer, envolvido na discussão, mesmo sem querer — eles tiravam dessas cabras todos os dias?

— Não sou um especialista em cabras...

— Tente — insistiu Nazeer. — Tente lembrar.

— Ah, merda. Eu... acho que estou chutando, vejam só, mas eu diria que elas davam uns dois litros por dia... — arrisquei, erguendo as palmas das mãos, indefeso.

— Esse amigo, quanto ele ganhava como motorista de táxi? — perguntou Suleiman.

— Seu amigo saiu sozinho com uma mulher antes do casamento? — queria saber Jalalaad, fazendo todos rirem e alguns lhe jogarem pedrinhas.

Assim, a sessão avançou por todos os temas que lhes interessavam, até que pedi licença e encontrei um lugar relativamente protegido onde podia olhar para o vazio enevoado do céu gelado e encoberto. Tentava combater o medo que rondava meu estômago vazio e atacava meu coração dentro da caixa torácica.

Amanhã. Vamos abrir caminho. Ninguém havia dito, mas eu sabia que os outros pensavam que morreríamos. Também estavam animados, relaxados demais. Toda a tensão e todo o medo das últimas semanas havia se esvaído deles assim que tomamos a decisão de lutar. Não era o alívio feliz de homens que sabem que estão a salvo. Era algo mais... algo que eu havia visto no espelho, em minha cela, na noite que antecedeu minha fuga desesperada da prisão, algo que vira nos olhos do homem que fugiu comigo. Era a exaltação de homens que arriscavam tudo, a vida e a morte, em um lance de dados. Em algum momento do dia seguinte, estaríamos livres ou mortos. A mesma resolução havia me enviado para o muro da frente do presídio e agora nos levava à beira do abismo, direto para o fogo inimigo: é melhor morrer lutando do que como um rato encurralado. Eu fugira da prisão, atravessara o mundo e os anos para me encontrar na companhia de homens que sentiam a mesma coisa que eu em relação à liberdade e à morte.

E eu ainda estava com medo: com medo de ser ferido, de levar um tiro na espinha e ficar paraplético, de ser capturado com vida e torturado em outra prisão por mais um guarda. Ocorreu-me que Karla e Khaderbhai teriam alguma coisa inteligente a me dizer sobre o medo. E, ao pensar neles, me dei conta de como estavam distantes daquele momento, da montanha e de mim. Percebi que não precisava mais da genialidade deles: não podia ajudar. Toda a inteligência do mundo não evitaria o nó no estômago provocado pelo medo. Quando a gente sabe que vai morrer, a inteligência não oferece conforto. No final, o talento é inútil e a inteligência vazia. O conforto vem, se é que vem, da estranha mistura de tempo, lugar e sentimento que costumamos chamar de sabedoria. Para mim, naquela última noite antes da batalha, vinha do som da voz de minha mãe e da vida e da morte do meu amigo Prabaker... *Deus lhe dê descanso, Prabaker. Ainda amo você, e o sofrimento, quando penso em você, está grudado aos meus olhos e ao meu coração como estrelas brilhantes e ardentes...* Meu conforto naquele lugar gelado era a lembrança do rosto sorridente de Prabaker e o som da voz de minha mãe. *O que você fizer na vida, faça com coragem, assim não vai errar muito...*

— Aqui, pegue um — disse Khaled, se agachando ao meu lado e me

oferecendo um dos dois cigarros pela metade que segurava na mão nua.

— Meu Deus! — exclamei. — Onde você conseguiu isso? Achei que haviam acabado na semana passada.

— Acabaram — disse ele, acendendo os cigarros com um isqueiro pequeno, a gás. — A não ser por estes. Guardei para uma ocasião especial. Acho que é a hora. Estou com uma sensação ruim, Lin. Uma sensação muito ruim. Está dentro de mim e não consigo afastá-la esta noite.

Era a primeira vez que trocávamos mais do que uma ou duas palavras essenciais desde a noite em que Khader partira. Tínhamos trabalhado e dormido lado a lado, todos os dias e todas as noites, mas raramente eu o encarava, e evitava com tanta indiferença a conversa com ele que ele também mantinha o silêncio comigo.

— Olha... Khaled... sobre Khader e Karla... não se sintá... quer dizer... não estou...

— Não — ele me interrompeu. — Você tem toda a razão para ficar furioso. Eu entendo seu ponto de vista. Sempre entendi. Você recebeu um tratamento injusto, e eu disse isso a Khader na noite em que ele partiu. Ele deveria ter confiado em você. É uma coisa engraçada... O sujeito em quem ele mais confiava, o único em quem confiava completamente, acabou se revelando um assassino enlouquecido, o homem que nos entregou.

O sotaque nova-iorquino com a sonoridade árabe me envolveu como uma onda cálida e espumante. Tive vontade de abraçá-lo. Sentira falta da segurança que sempre encontrara no som daquela voz e no sofrimento honesto que via no rosto marcado. Estava tão feliz em recuperar sua amizade que confundi o que ele dizia sobre Khaderbhai. Achei, sem pensar, que ele falava sobre Abdullah. Não era o caso, e aquilo se perdeu, assim como centenas de outras oportunidades de conhecer a verdade em uma só conversa.

— Você conhecia bem Abdullah? — perguntei-lhe.

— Muito bem — respondeu ele, com o sorrisinho se transformando em um franzir de testa inquisitório: *Qual o rumo desta conversa?*

— Você gostava dele?

— Não muito.

— Por que não?

— Abdullah não acreditava em nada. Era um rebelde sem causa em um mundo onde não existe um número suficiente de rebeldes para as causas verdadeiras. Não gosto, e não confio mesmo, em gente que não acredita em nada.

— Isso me inclui?

— Não — gargalhou ele. — Você acredita em muitas coisas. É por isso que gosto de você. É por isso que Khader amava você. Ele amava você, sabe? Ele me disse isso em várias ocasiões.

— E eu acredito em quê? — desdenhei.

— Você acredita nas pessoas — respondeu rapidamente. — Aquele negócio com o posto de saúde da favela e tudo o mais. A história que você contou esta noite sobre a aldeia. Você teria se esquecido daquela merda se não acreditasse nas pessoas. Aquele trabalho na favela, quando o cólera atacou o lugar... Khader

adorou quando você estava lá. E eu também. Merda, acho que por um tempo você chegou a fazer Karla acreditar também. Você precisa entender, Lin. Se Khader tivesse escolha, se houvesse uma forma melhor de ele fazer o que era necessário, ele teria feito. Tudo aconteceu do jeito que tinha de acontecer. Ninguém queria foder com você.

— Nem Karla? — sorri, saboreando o último trago do cigarro e então o apagando no chão.

— Bem, talvez Karla — admitiu ele, soltando uma gargalhada breve e triste.

— Mas Karla é assim. Acho que o único cara que ela nunca fodeu foi Abdullah.

— Eles ficaram juntos? — perguntei, tão surpreso que não pude evitar uma pontada de ciúme que fez cerrar minhas sobrancelhas.

— Bem, não dá para dizer *juntos* — respondeu ele com a voz firme, me olhando nos olhos. — Mas *eu* fiquei. Cheguei a morar com ela.

— Você *o* quê?

— Morei com ela... durante seis meses.

— O que aconteceu? — perguntei, rangendo os dentes e me sentindo estúpido por causa disso. Não tinha direito de ficar com raiva ou ciúme. Nunca perguntei a Karla sobre seus amantes, e ela nunca me perguntou nada.

— Você não sabe disso, não é?

— Não teria perguntado se soubesse.

— Ela me largou — disse ele, lentamente — mais ou menos na época em que você apareceu.

— Ah, cara, que merda...

— Tudo bem — ele sorriu.

Ficamos em silêncio por um momento, ambos revivendo os anos anteriores. Lembrei-me de Abdullah, na amurada perto da mesquita de Haji Ali, na noite em que o encontrei com Khaderbhai. Ele havia falado que uma mulher lhe ensinara a frase astuta que dissera em inglês. Devia ter sido Karla. Claro que era Karla. E me recordei da rigidez dos modos de Khaled assim que o conheci e, de súbito, percebi que ele devia estar sofrendo na época, talvez me culpando por isso. Enxerguei com clareza o quanto devia ter lhe custado ser simpático e gentil comigo no princípio.

— Sabe — ele prosseguiu, depois de um tempo —, você precisa mesmo ser cauteloso com Karla, Lin. Ela é... *vingativa*... sabe? E ferida. Foi gravemente ferida em todos os lugares que importam. Eles de fato ferraram sua cabeça quando ela era criança. É meio maluca. Fez alguma coisa nos Estados Unidos, antes de vir para a Índia. E isso também ferrou com ela.

— O que ela fez?

— Não sei. Alguma coisa muito séria. Ela nunca me contou o que foi. *Contornávamos* o assunto, por assim dizer. Acho que Khaderbhai sabia o que era porque foi o primeiro a conhecê-la, sabe?

— Não, eu não sabia disso — respondi, franzindo a testa ao pensar como eu conhecia pouco a mulher que amava havia tanto tempo. — Por que... Por que você acha que ela nunca me falou sobre Khaderbhai? Eu já a conhecia fazia muito tempo quando a gente trabalhava para ele, e ela nunca me disse nada. *Eu*

cheguei a falar dele, mas ela nunca abriu a boca. Nem sequer mencionou o nome dele.

— Acho que era só por lealdade a ele, sabe? Não acredito que seja algum problema com você, Lin. O fato é que ela é incrivelmente leal... Bem, ela *era* incrivelmente leal a ele. Pensava nele como um pai, eu acho. O pai dela morreu quando ainda era pequena. E o padrasto morreu quando ela era bem jovem. Khader apareceu bem a tempo de salvá-la, por isso virou seu pai.

— Você disse que ele foi o primeiro a conhecê-la?

— Sim, num avião. É uma história meio esquisita, pelo que ela me contou. Ela não se lembrava de entrar no avião. Fugia de alguma coisa, algo que ela fez, e estava com problemas. Acabou entrando em vários aviões diferentes, saindo de diversos aeroportos, no espaço de alguns dias, eu acho. E então ela estava nesse avião rumo a Cingapura, que partiu de... não sei bem... de algum lugar. Deve ter tido um colapso nervoso, ou coisa parecida, porque ela pirou e depois disso só se lembra é de estar numa caverna, na Índia, com Khaderbhai. E então ele a deixou com Ahmed, que cuidou dela.

— Ela me falou dele.

— Falou? Ela não fala muito nisso. Gostava desse cara. Ele cuidou dela por uns seis meses, até que ela melhorasse. Ele a trouxe de volta à vida, de volta à luz. Ficaram muito amigos. Acho que ele foi a coisa mais parecida com um irmão que ela teve.

— Você estava com ela... quer dizer, você a *conhecia* na época em que ele foi morto?

— Não sei se ele foi *morto*, Lin — declarou Khaled, franzindo muito a testa, enquanto o nó de lembranças se revolvía em sua memória. — Sei que Karla acredita nisso... que Madame Zhou o matou, e matou a moça...

— Christina.

— Isso, Christina. Mas eu conhecia Ahmed muito bem. Era um sujeito delicado... muito simples, muito sensível. Era bem do tipo que se envenenaria junto com a namorada, como em um filme romântico, se achasse que nunca poderia viver livremente com ela. Khader examinou o assunto com muito cuidado, porque Ahmed era um dos seus, e ele tinha certeza de que Zhou não tinha nada a ver com o assunto. Ele a isentou.

— Mas Karla não aceitou?

— Não, ela não se convenceu. E, para piorar, aquilo realmente ferrou com ela. Ela chegou a dizer que amava você?

Hesitei, em parte pela relutância em abrir mão da pequena vantagem que poderia ter em relação a ele, se acreditasse que ela disse, e em parte por lealdade a Karla — porque era um assunto dela, afinal de contas. Acabei respondendo: precisava saber por que ele fazia a pergunta.

— Não.

— Isso é mau — disse ele categórico. — Achei que você seria o homem certo.

— Homem certo?

— O homem certo para ajudá-la... a superar o passado. Alguma coisa muito

ruim aconteceu com essa moça. Ela passou por muitas coisas ruins. E Khader só piorou a situação, eu acho.

— Como?

— Ele a pôs para trabalhar para ele. Khader a salvou, ao conhecê-la, e a protegeu do que ela temia nos Estados Unidos. Depois Karla conheceu esse sujeito, um político, e ele ficou bem caidinho por ela. Khader precisava do cara e então a fez trabalhar para ele, e não acho que ela estava preparada para aquilo.

— Que tipo de trabalho?

— Você sabe como ela é bonita... Aqueles olhos verdes, a pele branca, muito branca.

— Ah, merda — suspirei, lembrando-me do que Khader me dissera certa vez sobre a quantidade de crime em um pecado e de pecado em um crime.

— Não sei o que Khader tinha em mente — concluiu Khaled, sacudindo a cabeça cheio de dúvidas e espanto. — Não era... típico dele, para dizer o mínimo. Sinceramente, não acho que tenha considerado aquilo... *prejudicial* para ela. Mas, pelo jeito, ela ficou abalada interiormente. Era como se seu próprio pai... a mandasse fazer aquela merda. E acho que ela não o perdoou. Mas era incrivelmente leal, ao mesmo tempo. Nunca compreendi. Mas foi assim que acabei ficando com ela. Vi tudo acontecer e senti pena, se é que você me entende. Depois de um tempo, uma coisa levou à outra. Nunca cheguei a me aproximar dela de fato. Nem você. Acho que ninguém vai conseguir. Nunca.

— Nunca é muito tempo.

— Tudo bem, você tem razão. Só estou tentando lhe avisar. Não quero que sofra mais, irmão. Já passamos por coisas demais, *na*? E não quero que *ela* sofra.

Ele voltou a ficar em silêncio. Contemplamos as rochas e o chão gelado, evitando os olhos um do outro. Alguns minutos trêmulos se passaram. Por fim, ele respirou fundo, se levantou, dando tapinhas nos braços e nas pernas para afastar o frio. Também me levantei, tremendo, batendo com os pés dormentes no chão. No último momento possível, com a mesma impulsividade que usaria para romper um emaranhado de plantas, Khaled lançou os braços ao redor do meu corpo e me abraçou. A força em seus braços era intensa, mas a cabeça lentamente se encostou à minha, com suavidade, como a cabeça relaxada de uma criança adormecida.

Quando ele se afastou, virou o rosto e não consegui ver seus olhos. Ele foi embora e eu o segui mais devagar, colocando as mãos debaixo dos braços para enfrentar o frio. Foi só quando fiquei sozinho que me lembrei do que ele havia dito: *Estou com uma sensação ruim, Lin. Uma sensação muito ruim...*

Resolvi falar com ele sobre o assunto, mas naquele exato momento Habib saiu de uma sombra ao meu lado. Dei um pulo, assustado.

— Que *porra* é essa! — explodi. — Você me deu um *puta* susto! Não *faça* isso, Habib!

— Tudo bem, tudo bem — disse Mahmoud Melbaaf, postando-se ao lado do louco.

Habib balbuciou alguma coisa para mim, falando tão depressa que eu não consegui compreender uma única sílaba. Os olhos estavam saindo da órbita. O

efeito era acentuado pelas bolsas escuras e pesadas embaixo deles, que repuxavam as pálpebras inferiores e revelavam um excesso de branco sob o círculo fraturado da íris.

— O quê?

— Está tudo bem — Mahmoud repetiu. — Ele quer falar com todo mundo. Tem uma mensagem para todos os homens esta noite. Ele me procurou e pediu que eu traduza para o inglês o que ele diz. Você é o último, antes de Khaled. Quer falar com Khaled por último.

— O que ele disse?

Mahmoud pediu para ele repetir. Habib falou de novo, exatamente da mesma forma rápida e elétrica demais, fitando meus olhos como se esperasse que um inimigo ou algum monstro emergisse de dentro deles. Encarei-o com a mesma firmeza: tinha ficado trancado com homens violentos e loucos e sabia que era melhor não tirar os olhos dele.

— Ele diz que homens fortes fazem a sorte acontecer — Mahmoud traduziu.

— O quê?

— Homens fortes, eles fazem por si mesmos, a sorte.

— Homens fortes fazem a própria sorte? É o que ele quer dizer?

— Exatamente isso — concordou Mahmoud.

— O que significa?

— Não sei — respondeu Mahmoud, sorrindo com paciência. — É só o que ele diz.

— Ele sai por aí dizendo isso para todo mundo? — perguntei. — Que um homem forte faz sua própria sorte?

— Não. Para mim, ele disse que o Profeta, que a paz esteja com Ele, era um grande soldado antes de ser um grande professor. Para Jalalaad, falou que as estrelas brilham porque estão cheias de segredo. É diferente para cada um. E estava com muita pressa em dizer essas coisas. É muito importante para ele. Não compreendo, Lin. Acho que é porque vamos lutar amanhã.

— Mais alguma coisa? — perguntei, assombrado com o diálogo.

Mahmoud perguntou para Habib se havia algo mais que ele quisesse dizer. Mantendo o olhar fixo, Habib tagarelou alguma coisa em pacto e parse.

— Ele diz apenas que não existe sorte. Quer que você acredite nele. Ele insiste que um homem forte...

— Faz a própria sorte — completei a tradução. — Bem, diga a ele que fico agradecido pela mensagem.

Mahmoud falou, e por alguns instantes Habib me fitou com mais intensidade, procurando em meus olhos um reconhecimento ou uma resposta que eu não podia lhe dar. Então se virou e afastou-se, com aquele andar encurvado, meio agachado, que eu achava mais assustador e alarmante do que a loucura evidente em seus olhos esbugalhados.

— *E agora*, o que ele pretende? — perguntei para Mahmoud, aliviado de vê-lo se afastar.

— Vai encontrar Khaled, eu acho — respondeu Mahmoud.

— Que merda, está frio! — exclamei.

— Está. Também estou com frio. Sonho o dia inteiro que esse frio vai acabar.

— Mahmoud, você estava em Bombaim quando fomos ouvir os Cantores Cegos com Khaderbhai, não estava?

— Estava. Foi o primeiro encontro para todos nós, todos juntos ao mesmo tempo. Eu vi você ali pela primeira vez.

— Desculpe-me. Não o conheci naquela noite, nem reparei em você. O que eu queria perguntar é como você conheceu Khaderbhai.

Mahmoud deu uma gargalhada. Era algo tão raro de se ver que reagi abrindo um sorriso. Ele havia emagrecido durante a missão — como todos nós. A pele estava grudada nas maçãs do rosto salientes e no queixo pontudo, coberto com uma barba espessa e escura. Os olhos, mesmo na frieza do luar, eram como o bronze polido de um vaso de templo.

— Estou numa rua em Bombaim, comprando um passaporte com um amigo, e sinto uma mão no meu ombro. É Abdullah. Ele me diz que Khader Khan quer me ver. Vou até Khader, no carro. Saímos juntos, conversamos e depois disso passo a ser um de seus homens.

— Por que ele escolheu você? O que o fez escolhê-lo e o que fez você se juntar a ele?

Mahmoud franziu a testa. Parecia refletir sobre o assunto pela primeira vez.

— Eu fazia oposição ao xá Pahlavi — começou ele. — A polícia secreta do xá, a Savak, matou muita gente e pôs muita gente na cadeia, para levar surras. Meu pai morreu na prisão. Minha mãe morreu na prisão. Por lutarem contra o xá. Eu era pequeno na época. Quando cresço, luto contra o xá. Duas vezes na cadeia. Duas surras e choques elétricos no corpo, dor demais. Luto pela revolução no Irã. O aiatolá Khomeini faz a revolução no Irã e assume o poder, quando o xá foge para os Estados Unidos. Mas a polícia secreta Savak é a mesma. Agora trabalha para Khomeini. Mais uma vez vou para a cadeia. Mais uma vez, surras e choque elétrico. As mesmas pessoas do xá, exatamente as mesmas, passam a trabalhar para Khomeini. Todos os meus amigos morrem na cadeia e na guerra contra o Iraque. Fujo e venho para Bombaim. Faço negócios, negócios do mercado negro, com outros iranianos. Então, Abdel Khader Khan me transforma em um de seus homens. Em minha vida, só conheci um grande homem. Khader. E agora ele está morto...

Ele engasgou com as palavras e secou uma lágrima de cada olho com a manga do casaco grosseiro.

Foi um longo discurso e estávamos congelando, e ainda assim eu poderia ter feito mais perguntas. Queria saber de tudo — de tudo que preenchia as lacunas entre o que Khaderbhai me dissera e os segredos que Khaled me revelara. Mas naquele momento ouvimos um tétrico grito de terror. Subitamente o som cessou, como se tivesse sido cortado com uma tesoura de jardinagem. Olhamos um para o outro e buscamos as armas, com a mesma reação.

— Por aqui! — gritou Mahmoud, correndo pela neve escorregadia e úmida, com passos curtos e cuidadosos.

Chegamos à origem do som junto com os outros homens. Nazeer e Suleiman atravessaram o grupo para ver o que olhávamos. Congelaram, silenciosos e imóveis, diante da visão de Khaled Ansari ajoelhado junto ao corpo de Habib Abdur Rahman. O louco estava caído de costas. Morto. Havia uma faca em sua

garganta, de onde saíram palavras de boa sorte momentos antes. A faca fora enfiada no pescoço e torcida, exatamente da forma como Habib fizera com os cavalos e com Siddiqi. Mas não era a faca de Habib que fitávamos espetada no pescoço enlameado e musculoso, como se fosse um graveto do leito de um rio. Conhecíamos aquela faca muito bem. Tínhamos visto aquele cabo de chifre entalhado, tão singular, centenas de vezes. Era a faca de Khaled.

Nazeer e Suleiman puseram as mãos sob os braços de Khaled e o ergueram com delicadeza, para afastá-lo do corpo. A princípio, ele aceitou a ajuda, mas depois se desvencilhou deles e ajoelhou ao lado do corpo. O xale *pattu* de Habib estava levantado em torno do peito. Khaled puxou alguma coisa da frente do colete à prova de balas usado pelo morto. Era metal, dois pedaços de metal pendurados em tiras de couro no pescoço de Habib. Jalalaad veio correndo e os arrebatou. Eram os fragmentos do tanque russo que ele, Hanif e Juma guardaram de lembrança; os pedaços que seus amigos usavam pendurados no pescoço.

Khaled levantou-se, se virou e afastou-se lentamente do cadáver. Pus minha mão em seu ombro quando ele passou por mim, e caminhei a seu lado. Atrás de mim, ouvia uivos de raiva de Jalalaad, que investia contra o corpo de Habib com o cabo de sua Kalashnikov. Virei para trás e vi os olhos ensandecidos do desvaído esmagados pelos movimentos de subida e descida da arma. E, em uma daquelas deformações do coração compadecido, peguei-me com pena de Habib. Eu mesmo tive gana de matá-lo mais de uma vez e sabia que eu estava satisfeito por vê-lo morto, mas meu coração se lamentava tanto naquele momento, que sofri como se ele fosse um amigo. *Era um professor*, ouvi em meus pensamentos. O homem mais violento e perigoso que eu conhecera tinha trabalhado como professor de jardim de infância. Não conseguia afastar esse pensamento — como se fosse a única verdade que importava naquele momento.

E, quando os homens finalmente arrastaram Jalalaad para longe, não havia sobrado nada além de sangue, neve, cabelo e ossos partidos onde houvera uma vida e uma mente torturada.

Khaled voltou para a caverna. Balbuciava alguma coisa em árabe. Seus olhos estavam radiantes, cheios de uma visão que os iluminava, e seu rosto marcado assumiu um ar determinado quase assustador.

Na caverna, ele retirou o cinto que usava para prender o cantil na cintura. Deixou que caísse no chão. Ergueu a cartucheira sobre a cabeça, tirando-a do ombro, e também deixou que caísse. Depois, vasculhou os bolsos, esvaziando todo seu conteúdo, ficando apenas com as roupas que usava. A seus pés estavam os passaportes falsos, o dinheiro, cartas, a carteira, as armas, as joias, e até mesmo as fotografias vincadas e amassadas da sua família morta havia tanto tempo.

— O que ele está dizendo? — perguntei ansiosamente para Mahmoud. Eu havia passado as últimas quatro semanas evitando o olhar de Khaled e rejeitando sua amizade com frieza. De repente, fiquei com um medo insuportável de perdê-lo, de já tê-lo perdido.

— É o Alcorão — respondeu Mahmoud em um sussurro. — Está repetindo

suras do Alcorão.

Khaled deixou a caverna e caminhou até a beirada do complexo. Corri para impedi-lo e o empurrei de volta com ambas as mãos. Ele permitiu o empurrão e então voltou na minha direção. Lancei os braços em volta dele e o arrastei para trás alguns passos. Ele não resistiu. Olhava diretamente para a frente, para aquela visão enfurecedora que só ele podia ver enquanto recitava versos do Alcorão, de uma poesia hipnótica. E quando eu o soltei, ele continuou a sair do acampamento.

— Ajudem-me! — gritei. — Vocês não veem? Ele vai embora! Ele vai lá para fora!

Mahmoud, Nazeer e Suleiman se adiantaram, mas, em vez de me ajudarem a segurar Khaled, eles agarraram meus braços e, delicadamente, me fizeram largá-lo. Khaled começou a andar para a frente na mesma hora. Lutei para me libertar e corri para impedi-lo, mais uma vez. Gritei para ele, dei tapas em seu rosto, tentando fazê-lo perceber o perigo. Ele não resistiu nem reagiu. Senti lágrimas quentes em meu rosto frio, ardendo nas rachaduras de meus lábios congelados. Senti soluços recolhidos em meu peito como um rio que corria sobre seixos gastos, sem parar, sem parar, sem parar. Segurei-o com força, com um braço em volta de seu pescoço e outro na cintura, as mãos presas nas suas costas.

Mesmo magro e enfraquecido como estava naquelas semanas, Nazeer era forte demais para mim. Suas mãos de aço agarraram meus pulsos e me afastaram de Khaled. Mahmoud e Suleiman o ajudaram a me segurar, enquanto eu lutava e tentava segurar a jaqueta de Khaled. Depois, observamos enquanto ele caminhava para fora do acampamento e mergulhava no inverno que, de uma forma ou de outra, havia arruinado ou destruído todos nós.

— Você não viu? — Mahmoud me perguntou, depois que ele partiu. — Você não viu o rosto dele?

— Sim, eu vi, eu vi — soluzei, cambaleando de volta para a caverna até cair na cela apertada do meu tormento.

Fiquei ali durante horas, sem dormir, imundo, faminto, irritado e inconsolável. E talvez tivesse morrido ali — algumas dores às vezes deixam a gente sem braços ou pernas —, mas o cheiro de comida me fez reviver. Os homens tinham decidido que não podiam esperar mais para cozinhar o resto da carne estragada. Ferveram tudo em uma panela naquele momento, abandonando a fumaça sem parar e protegendo a chama com cobertores.

A sopa ficou pronta muito antes do amanhecer e tínhamos direito a uma tigela, copo ou caneca. O fedor da carne estragada era mais do que nossos estômagos vazios podiam aguentar, a princípio. Todos nós vomitamos os goles sórdidos e nauseantes que sorvemos. Mas a fome tem vontade própria, uma vontade muito anterior a qualquer outra que louvamos e bajulamos no palácio da mente. Estávamos famintos demais para recusar alimentos, e depois da terceira tentativa, ou da quinta, no caso de alguns, conseguimos manter na barriga o caldo repugnante e malcheiroso. Em seguida, a dor causada pela sopa quente em nossos estômagos vazios foi tão intensa como ter a barriga cheia de anzóis. Mas a sensação também passou e todos se obrigaram a tomar três porções e mastigar os pedaços endurecidos da carne apodrecida.

Nas duas horas seguintes, nos revezamos em corridas até as pedras, à medida

que a comida fazia o percurso pelos intestinos, que andavam presos e subitamente resolviam se manifestar.

Finalmente, quando nos recuperamos, quando todas as orações foram feitas e cada homem estava pronto, nos reunimos perto da extremidade sudeste, no lugar que Habib havia recomendado para nosso ataque. Ele nos garantia que a encosta íngreme era nossa única chance de abrir caminho para a liberdade. Como planejara lutar ao nosso lado, não tínhamos motivo para desconfiar do conselho.

Éramos seis. Os outros cinco eram Suleiman, Mahmoud Melbaaf, Nazeer, Jalalaad e Ala-ud-Din, um jovem tímido, de vinte anos, com um sorriso de menino e olhos verdes desbotados de velho. Seu olhar encontrou o meu e ele acenou com a cabeça, de forma encorajadora. Retribuí com um sorriso, e seu rosto se abriu em um sorriso maior ainda, enquanto a cabeça assentia de modo mais vigoroso. Desviei o olhar, envergonhado por ter passado tanto tempo com ele, meses de dificuldade, sem tentar conversar sequer uma vez. Íamos morrer juntos e eu não sabia nada sobre ele. Nada.

A alvorada incendiou o céu. Nuvens carregadas pelo vento, deslocando-se pela imensidão da planície, estavam em chamas, avermelhadas pelos primeiros beijos ardentes do sol da manhã. Apertamos as mãos, nos abraçamos, verificamos as armas mais uma vez e fitamos as encostas íngremes que se estendiam até a eternidade.

O fim, quando acontece, chega sempre antes da hora. A pele do meu rosto estava tensa, contraída pelos músculos do pescoço e da mandíbula, que por sua vez eram tensionados pelos ombros, braços e mãos queimadas pelo frio, agarradas à agonia final de uma arma.

Suleiman deu o sinal. Meu estômago se contraiu e travou, tão rígido quanto a terra insensível sob minhas botas. Levantei-me e atravessei a saliência. Começamos a descida da encosta. Era um dia magnífico, o melhor e mais claro em meses. Lembrei-me de pensar, semanas antes, que o Afeganistão, como a cadeia, não tinha auroras nem crepúsculos nas jaulas de pedra de suas montanhas. Mas a luz daquela manhã foi a mais linda que eu já tinha visto. Quando as encostas mais íngremes se transformaram em uma descida mais gradual, aumentamos a velocidade, correndo sobre os últimos resquícios de neve rosada até o terreno acidentado, verde-cinza, que ficava adiante.

As primeiras explosões que ouvimos estavam distantes demais para me intimidar. *Tudo bem. Lá vem. É isso...* As palavras atravessavam minha cabeça como se outra pessoa as tivesse dito: como se alguém, um treinador, me preparasse para o fim. Depois, as explosões se aproximaram à medida que os morteiros inimigos começaram a acertar a mira.

Olhei a nossa fileira e vi que os outros corriam mais que eu. Apenas Nazeer continuava a meu lado. Tentei acelerar. Minhas pernas pareciam duras e dormentes: vi que se mexiam, corriam, davam um passo após o outro, mas eu não conseguia senti-las. Precisei de uma enorme força de vontade para enviar a mensagem para as pernas e ordenar que aumentassem sua velocidade. E por fim, desajeitadamente, comeci a correr mais rápido.

Dois morteiros explodiram bem perto de mim. Continuei a correr, esperando pela dor e pelo golpe de misericórdia. Meu coração se revolvia em meu peito e a

respiração vinha ofegante, através de pequenas lufadas de ar frio. Eu não conseguia ver a posição dos inimigos. A mira do morteiro era de bem mais de um quilômetro, mas eu sabia que eles deviam estar mais perto do que isso. Então, os primeiros tiros espocaram, o rá-tá-tá-tá das AK-74 — as deles e as nossas. Sabia que estavam próximos. Próximos o bastante para nos matar e para que os matássemos.

Meus olhos varriam o solo à frente, em busca de rochas e pedras, na tentativa de achar o caminho mais seguro. Um homem foi ao chão, à esquerda da minha fileira. Era Jalalaad. Ele estava correndo ao lado de Nazeer, e a menos de cem metros de mim. Uma granada explodiu diante dele e destruiu seu corpo jovem. Olhei para baixo de novo e pulei sobre rochas e pedras, tropecei, mas não caí. Vi Suleiman, uns cinquenta metros a minha frente, segurar a garganta e depois tombou para a frente, dando mais alguns passos com o corpo recurvado, como se procurasse alguma coisa no chão. Seu corpo se encolheu e desabou, rolando para o lado. O rosto e o pescoço estavam ensanguentados, quebrados, rasgados. Tentei desviar, mas o terreno era acidentado e repleto de pedras, e precisei pular por cima dele enquanto corria.

Vi os primeiros clarões do fogo das Kalashnikovs inimigas. Estavam distantes, a pelo menos duzentos metros, bem mais longe do que eu imaginara. Uma bala traçante zuniu, a um passo de mim à esquerda. Não íamos conseguir. Era impossível. Não eram numerosos — não havia tantas armas atirando —, mas tinham muito tempo para fazer a mira e nos acertar. Iam nos matar. Então uma série selvagem de explosões eclodiu nas fileiras inimigas. *Idiotas! Eles explodiram seus próprios morteiros*, pensei, e uma rajada que lembrava fogos de artifício sacudiu o mundo inteiro, vinda de toda parte ao mesmo tempo. E Nazeer ergueu o fuzil e atirou enquanto corria. E vi Mahmoud Melbaaf atirando à minha frente, à direita, no lugar que Suleiman ocupara. E ergui minha arma e apertei o gatilho.

Houve um grito horrendo, arrepiante, de algum lugar muito próximo. De repente percebi que era meu, mas não conseguia interrompê-lo. Olhei para os homens, os corajosos e belos homens ao meu lado, correndo na direção das armas, e que Deus me perdoe por pensar, e dizer isso, mas foi glorioso, foi glorioso, se a glória fosse a exaltação magnífica e extasiada. Era como o amor, se o amor fosse pecado. Era como a música, se a música pudesse matar. E escalei um muro da prisão a cada passo acelerado.

Então, em um mundo silencioso como o mar mais profundo, minhas pernas se paralisaram e a terra quente, imunda, arenosa e explosiva encheu meus olhos e minha boca. Alguma coisa atingiu minhas pernas. Algo duro, quente e cruelmente afiado atingiu as minhas pernas. Tomei para a frente como se estivesse correndo no escuro e esbarrasse em um tronco de árvore caído. Um projétil de morteiro. Os fragmentos de metal. O silêncio do choque ensurdecedor. A pele queimada. A terra que cegava. A árdua luta para respirar. Um odor tomou conta da minha cabeça. Era o odor da minha própria morte — é de sangue, alga marinha, terra úmida e cinzas de madeira queimada o cheiro da morte antes de morrer —, então caí com tanta força no chão que mergulhei

numa escuridão profunda e sem sonhos. E a queda era eterna. E não havia luz, nenhuma luz.



**PARTE CINCO**

QUANDO A GENTE ENCARA o olho frio e sem vida da câmera, ela sempre zomba da verdade. A fotografia em preto e branco mostrava quase todos os homens da unidade *mujahedin* de Khader naquele tipo de retrato formal que faz as pessoas do Afeganistão, do Paquistão e da Índia parecerem mais rígidas, carrancudas e inibidas do que de fato são. Era impossível perceber, por aquela imagem, o quanto aqueles homens adoravam rir e como sorriam com facilidade. Nenhum deles olhava direto para a lente da câmera. Todos os olhares, à exceção do meu, estão um pouco acima ou abaixo, um pouco à direita ou à esquerda. Só os meus olhos me fitavam diretamente quando segurei o retrato nas mãos enfaixadas e me lembrei do nome de cada um que compunha as fileiras desorganizadas.

Mazdur Gul, o pedreiro, cujo nome significa *trabalhador*, de mãos eternamente acinzentadas por décadas de trabalho com granito... Daoud, que gostava de ser chamado de David, na versão em inglês, e sonhava em visitar a grande cidade de Nova York e comer em um bom restaurante... Zamaanat, com um nome que poderia ser traduzido por *confiança* e um sorriso corajoso que ocultava a vergonha agoniada que sentia pelo fato de toda a sua família estar passando fome em Jalozai, um imenso campo de refugiados perto de Peshawar... Hajji Akbar, designado como médico da unidade simplesmente por ter passado dois meses internado em um hospital de Cabul e que me saudara com orações e uma pequena dança dervixe de alegria quando assumi o trabalho ao chegar ao acampamento da montanha... Alef, o debochado comerciante pachto que morreu se arrastando na neve com as costas destroçadas e as roupas em chamas... Juma e Hanif, dois garotos turbulentos que morreram assassinados pelo louco Habib... Jalalaad, seu amigo corajoso, morto no último ataque... Aladud-Din, cujo nome em inglês é encurtado para Aladim e que escapou sem ferimentos... Suleiman Shahbadi, da testa franzida e dos olhos tristes, que morreu nos guiando durante o tiroteio.

E, no meio do grupo, havia outro, menor, mais coeso, centrado em torno de Abdel Khader Khan: Ahmed Zadeh, o argelino que morreu com uma das mãos na terra gelada e a outra apertada na minha... Khaled Ansari, que matou o louco Habib e depois partiu para o mundo perdido da neve asfíxica... Mahmoud Melbaaf, que, como Ala-ud-Din, sobreviveu ao último ataque sem cicatrizes nem ferimentos... Nazeer, que ignorou as próprias feridas para arrastar meu corpo inconsciente até um local seguro... e eu. De pé, atrás, ligeiramente à esquerda de Khaderbhai. Na foto, meu ar era confiante, resoluto, controlado. E a câmera, como dizem, não mente.

Foi Nazeer quem me salvou. A granada que explodiu tão perto de nós, enquanto corríamos na direção das armas, estourou no ar. O impacto rompeu meu tímpano esquerdo. No mesmo momento ensurdecido, fragmentos da cápsula que explodiu nos atravessaram como uma chuva de metal quente. Não

fui atingido por nenhum dos maiores, mas oito estilhaços pequenos acertaram minhas pernas abaixo dos joelhos — cinco em uma perna, três na outra. Dois fragmentos menores atingiram meu corpo — um na barriga e um no peito. Penetraram nas muitas camadas de roupa, perfurando até o espesso cinto portador e as sólidas tiras de couro de minha bolsa de primeiros socorros, até queimar minha pele. Também fui atingido na testa, acima do olho esquerdo.

Eram fragmentos minúsculos. O maior tinha o tamanho do retrato de Abraham Lincoln na moeda americana de um centavo. Ainda assim, se deslocavam a tal velocidade que me derrubaram. A terra arremessada pela explosão salpicou meu rosto, cegando-me, sufocando-me. Desabei no chão e mal consegui virar para o lado antes do impacto. Infelizmente, voltei o tímpano rompido para o chão e a violência do golpe agravou ainda mais o ferimento. Apaguei.

Nazeer, que tinha se ferido nas pernas e no braço, arrastou meu corpo inconsciente até o abrigo de uma vala rasa, parecida com uma trincheira. Ele mesmo desabou ali, fazendo as vezes de escudo até que o bombardeio acabasse. Ficou deitado, com os braços em volta do meu pescoço, e foi atingido nas costas, na altura do ombro direito. Aquele pedaço de metal poderia ter me atingido e me matado, se o homem de Khader não me protegesse com seu amor. Quando tudo se acalmou, ele me arrastou até um local seguro.

— Foi Sayeed, certo? — perguntou Mahmoud Melbaaf.

— O quê?

— Foi Sayeed quem tirou o retrato, não foi?

— Isso. Isso. Foi Sayeed. Chamavam-no de *Kishmishi*...

A palavra nos fez lembrar do jovem e tímido guerrilheiro pachto. Ele via Khaderbhai como a personificação de todos os heróis guerreiros e o seguia por toda parte com ar de adoração, com um olhar que ele baixava rapidamente quando o Khan se dirigia para ele. Havia sobrevivido à varíola na infância e o rosto tinha ficado completamente coberto por dúzias de pequenas manchas marrons, arredondadas. O apelido, *Kishmishi*, usado afetuosamente pelos guerrilheiros mais velhos, queria dizer *uvas passas*. Como era tímido demais para posar conosco, tinha se oferecido para tirar a foto.

— Ele estava com Khader — murmurei.

— Sim, no final. Nazeer viu seu corpo ao lado de Khader, muito próximo ao dele. Acho que ele teria pedido para ficar com Abdel Khader mesmo se soubesse, *antes* da investida, que seriam atacados e mortos. Acho que ele pediria para morrer assim. E não seria o único.

— Onde foi que você conseguiu isso?

— O filme era de Khaled, lembra? A única câmera permitida por Khader era a dele. O filme estava com as outras coisas que ele tirou dos bolsos e jogou no chão quando nos deixou. Eu trouxe comigo. Mandeí revelar na semana passada. Chegou esta manhã. Achei que você gostaria de vê-los antes de partirmos.

— Partir? Para onde vamos?

— Temos que sair daqui. Como está se sentindo?

— Estou ótimo — menti. — Estou bem.

Sentei-me no catre e pus as pernas na lateral. Quando meus pés encontraram o chão, senti uma dor tão intensa nas canelas que não consegui conter os gemidos. Outra dor feroz fazia minha testa latejar. Tateei a cabeça com os dedos enfaixados e encontrei um curativo sob uma faixa de gaze enrolada como um turbante. Uma terceira dor, no ouvido esquerdo, exigiu minha atenção. Minhas mãos doíam e meus pés envoltos por três ou mais camadas de meias pareciam queimar. O lado esquerdo do meu quadril doía intensamente no lugar onde o cavalo me dera o coice quando os caças rasgaram os céus acima de nossas cabeças meses antes. O ferimento nunca sarou por completo e eu suspeitava que um osso havia se lascado sob a carne tenra. Meu antebraço estava dormente na altura do cotovelo, onde minha égua me mordera em um momento de pânico. Aquele ferimento também acontecera meses antes e não tinha sarado.

Com o corpo dobrado e o peso sobre as coxas, eu sentia a magreza da minha barriga e percebia como minhas pernas estavam mais finas. Eu tinha perdido peso depois da temporada de fome na montanha. Emagrecera demais. Meu estado geral era péssimo. Eu estava mal. Então minha mente se voltou para os curativos em minhas mãos e senti uma onda de pânico me penetrar, como uma lança na minha espinha.

— O que você está fazendo?

— Preciso tirar estas ataduras — retruquei, rasgando-as com os dentes.

— Espere! Espere! — gritou Mahmoud. — Eu ajudo.

Enquanto desenrolava lentamente as volumosas ataduras, eu sentia o suor escorrer das minhas sobrancelhas e descer pelo rosto. Quando todos os curativos foram retirados, fitei as garras deformadas em que haviam se transformado as minhas mãos e as mexi, flexionando os dedos. Ulcerações provocadas pelo frio rasgavam minhas mãos em todas as articulações dos dedos, e os hematomas escuros eram terríveis. Mas todos os dedos e suas pontas continuavam ali.

— Você deve agradecer a Nazeer — murmurou Mahmoud baixinho, enquanto examinava minhas mãos rachadas e descascadas. — Queriam cortar seus dedos, mas ele não permitiu. E não deixou que saíssem do seu lado até terem tratado todos os seus ferimentos. Ele os obrigou a cuidar das queimaduras de frio em seu rosto, também. Estava com a Kalashnikov e a sua pistola automática. Aqui... ele me pediu para entregá-la quando você acordasse.

Ele apresentou a Stechkin enrolada em gaze. Tentei segurá-la, mas minhas mãos não aguentaram o peso.

— Vou guardar para você — sugeriu Mahmoud, com um sorrisinho sem graça.

— Onde ele está? — perguntei, ainda atordoado pela dor, mas me sentindo melhor e mais forte a cada minuto.

— Ali — indicou Mahmoud, sacudindo a cabeça. Virei-me e vi Nazeer, dormindo de lado em um catre semelhante ao meu. — Está descansando, mas pronto para se mexer. Precisamos sair logo daqui. Nossos amigos vêm nos buscar a qualquer momento e precisamos estar preparados para partir.

Olhei em volta. Encontrávamo-nos em uma grande barraca cor de areia com o chão forrado e cerca de quinze camas de campanha. Vários homens em trajes

afegãos — calças largas, túnicas, coletes compridos e sem manga nos mesmos tons de verde-claro — se movimentavam entre as camas. Abanavam os feridos com ventarolas de palha, lavavam-nos com baldes de água e sabão ou saíam para se livrar do lixo através de uma fenda estreita na porta de lona. Alguns dos feridos gemiam ou manifestavam sua dor em idiomas que eu não compreendia. Depois de meses nos picos nevados do Afeganistão, o ar daquela planície paquistanesa era denso, quente e pesado. Havia tantos cheiros fortes sobrepostos que meus sentidos os rejeitaram e se concentraram em um aroma particularmente pungente: o inconfundível perfume do arroz *basmati*, preparado em algum lugar nas redondezas.

— Estou com uma fome do cacete, cara. Eu juro.

— Daqui a pouco vamos comer bem — garantiu Mahmoud, permitindo-se soltar uma risada.

— Onde estamos? No Paquistão?

— Isso — riu ele de novo. — Do que você se lembra?

— Não muito. Lembro-me de correr. Atiravam em nós... de uma boa distância. Tinha morteiros em toda parte. Lembro... que fui atingido...

Tateei os curativos que enfaixavam minhas canelas dos joelhos ao tornozelo.

— E caí no chão. Depois... lembro... foi um jipe? Um caminhão? O que aconteceu?

— É. Eles nos levaram. Os homens de Massoud.

— Massoud?

— Ahmed Shah. O Leão em pessoa. Seus homens atacaram a represa e as duas estradas principais: para Cabul e Quetta. Montaram um cerco em Kandahar. Ainda estão lá, fora da cidade, e não vão sair, eu acho, até a guerra acabar. E nós entramos no meio, meu amigo.

— Eles nos resgataram...

— Era, como se diz, o mínimo que podiam fazer por nós.

— O *mínimo* que podiam fazer?

— Sim. Porque foram eles que nos mataram.

— O quê?

— É. Quando escapamos da montanha, correndo, o Exército afegão atirou na gente. Os homens de Massoud nos viram e acharam que éramos o inimigo. Estavam muito distantes de nós. Começaram a usar os morteiros.

— Nossos aliados atiraram em nós?

— Todo mundo atirou. Quer dizer, todo mundo disparou ao mesmo tempo. O Exército afegão também mirou em nós, mas acho que os morteiros que nos acertaram vieram do nosso lado. E aquilo fez o Exército afegão e os soldados russos fugirem. Eu matei dois deles enquanto escapavam. Os homens de Ahmed Shah Massoud tinham Stingers. Os americanos lhes deram em abril, e desde então os russos deixaram de usar helicópteros. Agora os *mujahedin* podem revidar em qualquer lugar. A guerra vai acabar em dois ou três anos, *Inshallah*.

— Abril... em que mês estamos?

— Estamos em maio.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há quatro dias, Lin — respondeu baixinho.

— Quatro dias... — Pensei que tinha sido apenas uma noite, uma longa noite de sono. Olhei para trás de novo, para a silhueta adormecida de Nazeer. — Tem certeza de que ele está bem?

— Está ferido aqui... e ali. Mas ele é forte e pode se locomover. Vai ficar bem, *Inshallah*. Ele é como um *shotor!* — gargalhou ele, usando a palavra *parse* para camelo. — Ele põe uma coisa na cabeça e ninguém é capaz de fazê-lo mudar de ideia.

Ri com ele pela primeira vez desde que despertara. O riso levou minhas mãos para a cabeça, em um esforço para deter a dor latejante que causara.

— Eu não queria ser a pessoa a tentar fazer Nazeer mudar de ideia em relação a nada.

— Nem eu — concordou Mahmoud. — Os soldados de Massoud levaram você, Nazeer e eu em um carro, um bom carro russo. Depois, transferiram você e Nazeer para um caminhão, para percorrer a estrada até Chaman. Em Chaman, os guardas da fronteira paquistaneses queriam ficar com as armas de Nazeer. Ele lhes deu dinheiro, um pouco do seu dinheiro, que estava no porta-dólar, e ficou com as armas. Escondemos você nos cobertores, junto com dois mortos. Nós os pusemos sobre você e mostramos aos guardas da fronteira, dizendo que queríamos dar um bom enterro muçulmano para esses homens. Então entramos em Quetta, neste hospital, e de novo queriam ficar com as armas de Nazeer. Mais uma vez, ele deu dinheiro. E queriam cortar seus dedos, por causa do cheiro...

Pus as mãos no nariz e as cheirei. Ainda guardavam um odor fétido, pútrido. Não era forte, mas nítido o bastante para me fazer lembrar a carne de cabra podre que comemos no último jantar na montanha. Meu estômago se revirou, arqueando-se como um gato assustado. Mahmoud pegou rapidamente um prato de metal e o colocou perto do meu rosto. Vomitei, cuspendo bile verde-escura na bacia. Caí de joelhos, impotente.

Quando a náusea passou, voltei a sentar-me no catre e, com gratidão, peguei o cigarro que Mahmoud acendeu para mim.

— Vá em frente — balbuciei.

— O quê?

— Você estava falando... sobre Nazeer...

— Ah, sim, sim. Ele tirou a Kalashnikov escondida sob o *pattu* e apontou para eles. Disse que ia matar todo mundo se amputassem seus dedos. Queriam chamar os guardas, os seguranças do campo, mas Nazeer estava na porta da tenda com a arma. Não podiam passar por ele. E eu estava do outro lado, dando cobertura. Então, eles cuidaram de você.

— Que procedimento médico dos diabos, hein? Um afegão com uma Kalashnikov apontada para seu médico.

— É, sim — concordou ele, sem ironia. — E, em seguida, cuidaram de Nazeer. E, depois de dois dias sem dormir, com muitas feridas, Nazeer caiu no sono.

— Não chamaram os guardas quando ele foi dormir?

— Não. Todos aqui são afegãos. Os médicos, os feridos, os guardas, todo mundo. Menos a guarda do campo, que é paquistanesa. Os afegãos não gostam da polícia paquistanesa. Têm muitos problemas com ela. Todo mundo tem. Mas me deram permissão para eu ficar com as armas de Nazeer enquanto ele dorme. E eu o vigio. E vigio você. Espere... acho que nossos amigos chegaram!

As longas abas na entrada da barraca se abriram completamente, deixando-nos atordoados com a luz amarelada de um dia quente. Quatro homens entraram. Eram afegãos, guerrilheiros veteranos, endurecidos, com olhos que me fitavam como se contemplassem o cano decorado de um rifle *jezail*. Mahmoud levantou-se para cumprimentá-los e sussurrou algumas palavras. Dois deles acordaram Nazeer. Ele dormia profundamente, mas ao primeiro toque se levantou e agarrou-os, pronto para brigar. Tranquilizado pelas suas feições pacíficas, virou a cabeça para verificar como eu estava. Ao me ver acordado e sentado, Nazeer abriu um sorriso tão grande que chegava a parecer um pouco preocupante naquele rosto que sorria tão raramente.

Os dois homens o ajudaram a ficar de pé. A coxa direita estava enfaixada. Ele se apoiou nos ombros deles e mancou até a luz do sol. Os outros me ajudaram a levantar. Tentei caminhar, mas o melhor que consegui fazer foi dar alguns pequenos passos arrastados e cambaleantes. Depois de alguns segundos daquele esforço constrangedor, fizeram uma cadeira com os braços e me ergueram tranquilamente.

Nas seis semanas seguintes, esta foi a rotina de nossa convalescença: alguns dias, talvez até uma semana, em um lugar, seguido pela mudança abrupta para outra barraca, casebre de favela ou quarto escondido. O serviço secreto paquistanês, o ISI, tinha um odioso interesse em todos os estrangeiros que entram no Afeganistão durante a guerra sem sua permissão. O problema para Mahmoud Melbaaf, nosso guardião naquelas semanas vulneráveis, era o fascínio que nossa história exercia sobre os refugiados e exilados que nos abrigavam. Escureci meu cabelo louro e usava óculos escuros na maior parte do tempo. Mas, a despeito de nosso cuidado e nossa dissimulação nas favelas ou nos acampamentos por onde passávamos, havia sempre alguém que sabia quem eu era. A tentação de falar sobre o contrabandista de armas americano, ferido em batalha ao lado dos *mujahedin*, era irresistível. Uma conversa desse tipo seria o suficiente para despertar a curiosidade de qualquer investigador, de qualquer agência. E, se a polícia secreta tivesse me encontrado, teria descoberto que o americano, na realidade, era um foragido da Austrália. Aquilo significaria promoção para alguns e uma emoção especial para os torturadores que me acolheriam antes de me entregarem para as autoridades australianas. Assim, nos mudávamos com frequência e rapidez e não falávamos com ninguém além de poucos a quem confiávamos nossas vidas tortuosas.

Pouco a pouco, os detalhes vieram à tona: a história mais completa da batalha que havíamos interrompido e do nosso resgate. Os soldados russos e afegãos que tinham cercado nossa montanha formavam um regimento, e provavelmente eram comandados por um capitão. Seu único propósito na operação das montanhas Shar-i-Safa era capturar e matar Habib Abdur Rahman. Havia uma

enorme recompensa para sua prisão, mas o horror causado por suas atrocidades transformou a missão, na mente dos caçadores, em uma empreitada bem mais pessoal. Estavam tão abismados com seu ódio selvagem e tão obcecados pela ideia de capturá-lo que não detectaram o sorrateiro avanço das forças de Ahmed Shah Massoud. Quando tentamos chegar à liberdade a partir das informações de Habib de que a maior parte dos russos e dos afegãos estava ocupada com a instalação de minas no outro lado da montanha, os vigias atordoados do acampamento inimigo, praticamente desertado, abriram fogo. Talvez tenham pensado que o próprio Habib vinha atrás deles, pois atiraram de forma selvagem e indisciplinada. Aquela ação precipitara o ataque planejado pelos *mujahedin* de Massoud, que devem ter imaginado que se tratava de uma movimentação preventiva dos russos. As explosões que eu havia visto e ouvido ao correr em direção ao inimigo — *eles explodiram seus próprios morteiros, os idiotas* — eram, na verdade, tiros certos dos morteiros de Massoud na direção dos russos. As explosões que nos atingiram foram apenas acidentais: fogo amigo, como se costuma dizer.

E esse foi o momento exultante que eu chamei de *glorioso* em minha cabeça, ao correr para as armas: o estúpido desperdício de vidas sob aquele fogo amigo. Não havia glória. Nunca há. Só existem a coragem, o medo e o amor. E a guerra líquida a todos, um a um. A glória pertence a Deus, naturalmente; é isso que a palavra de fato quer dizer. E não é possível servir a Deus com uma arma.

Quando tombamos, os homens de Massoud perseguiram o inimigo por toda a montanha, até encontrar o resto do regimento, que então se ocupava das minas. A batalha que se seguiu foi um verdadeiro massacre. Nenhum integrante da força designada para capturar e matar Habib Abdur Rahman conseguiu sobreviver. Ele teria apreciado isso, aquele louco, se estivesse vivo para ouvir a história. Sei exatamente como teria sorrido, com a enorme boca aberta sem deixar escapar nenhum som e os olhos enlouquecidos pela dor, esbugalhados por ódios inflados.

Durante todo aquele dia frio e sua noite abrupta, Nazeer e eu permanecemos no campo de batalha. Enquanto tremíamos sob as sombras cada vez mais longas do crepúsculo, os *mujahedin* e os sobreviventes de nossa unidade voltaram da luta para nos procurar. Mahmoud e Ala-ud-Din trouxeram da montanha desnuda os corpos dos mortos — Suleiman e Jalalaad.

Os soldados de Massoud haviam se juntado a guerrilheiros Achakzai independentes para tomar conta da estrada de Chaman desde a passagem até o perímetro defensivo dos russos, no cerco de Kandahar, a menos de cinquenta quilômetros da cidade. O deslocamento para Chaman, por meio da passagem até o Paquistão, foi rápido e sem incidentes. Fomos em um caminhão, levando nossos amigos mortos, e chegamos à alfândega em algumas horas — a mesma viagem que levou um mês nas montanhas, com os cavalos de Khader.

Nazeer recuperou-se rapidamente e começou a ganhar peso. As feridas no braço e na parte de trás do ombro cicatrizaram bem e não lhe deram muitos problemas. Mas a lesão maior e mais profunda na coxa direita parecia ter danificado os ligamentos entre músculo, osso e tendões, do quadril ao joelho. A

parte superior da perna ficou enrijecida e ele mancava, girando a direita em torno do quadril, em vez de projetá-la para a frente para realizar o movimento.

No entanto, seu estado de espírito estava relativamente bom e ele ansiava voltar a Bombaim. Estava tão ansioso, na verdade, que sua impaciência com a lentidão de minha recuperação começou a me irritar. Algumas vezes respondi com aspereza, quando as suas perguntas solícitas — *Está melhor? Vem agora? Vamos agora?* — se tornaram insuportavelmente irritantes. Eu não sabia naquele momento que ele tinha uma missão à sua espera em Bombaim, a última missão designada por Khader. Só aquilo o fazia suportar a dor e a vergonha de ter sobrevivido a Abdel Khader. E diariamente, à medida que nossa saúde melhorava, seu compromisso com a última ordem de Khader se tornava mais sufocante, e sua negligência — como ele a via —, mais degradante.

Eu tinha minhas próprias preocupações. As feridas da perna fechavam com rapidez, e a pele da minha testa cicatrizou sobre uma pequena saliência de osso, mas meu tímpano rompido infeccionou e era fonte de uma dor constante e quase insuportável. Qualquer pedaço de comida, gole de água, cada palavra que eu dizia ou barulho mais alto que ouvia, tudo me fazia sentir ferroadas de escorpião nos nervos do rosto e da garganta, que penetravam também em meu cérebro febril. Todos os movimentos do corpo ou viradas de cabeça me atravessavam com dores lancinantes. Toda vez que eu inspirava, espirrava ou tossia amplificava o tormento. Quando me mexia acidentalmente durante o sono e esbarrava com a orelha ferida no travesseiro, aquilo fazia eu me levantar com gritos que acordavam quem estivesse a cinquenta metros de distância.

E então, depois de três semanas de dor enlouecedora e torturante e doses cavalares, automedicadas, de penicilina e assepsias seguidas de antibióticos, a ferida fechou e a aflição se afastou de mim como fazem as memórias, como marcos em uma praia distante e enevoada.

Minhas mãos sararam em torno do tecido destruído das juntas. O tecido que de fato congela nunca fica curado de todo, naturalmente, e aquele ferimento foi um dos muitos que se acomodaram sob minha pele naqueles anos de exílio. Carreguei o sofrimento da montanha de Khader em minhas mãos, e cada dia frio me remete àquele lugar, com as mesmas dores que senti quando segurei a arma antes da batalha. Apesar de tudo, sob a temperatura mais amena do Paquistão, meus dedos se flexionavam, se mexiam e me obedeciam. Minhas mãos estavam prontas para o trabalho que as aguardava: uma pequena vingança em Bombaim. Apesar de mais magro depois de todas as provações, meu corpo também estava mais rígido e forte que nos meses anteriores, quando partimos para a guerra de Khader.

Nazeer e Mahmoud organizaram nossa viagem de volta com uma série de baldeações de trem. Os dois adquiriram um pequeno arsenal no Paquistão e decidiram contrabandear as armas para Bombaim. Esconderam-nas em fardos de tecidos e as enviaram sob os cuidados de três afegãos que falavam híndi com fluência. Viajamos em vagões diferentes e nunca demos sinal de conhecer os homens, mas o carregamento ilícito estava sempre em nossa cabeça. A ironia da situação — saímos para contrabandear armas para o Afeganistão e voltávamos

trazendo armas para Bombaim — me fez soltar risadas, sentado no vagão da primeira classe. Mas era um riso amargo, que deixou meu rosto com uma expressão que fez os outros passageiros desviarem o olhar.

Precisamos de pouco mais de dois dias para retornar a Bombaim. Eu viajava com o passaporte britânico falso que usara para entrar no Paquistão. De acordo com os registros, meu visto estava vencido. Com o pouco charme sorridente que consegui evocar e a última parte do dinheiro que Khader me dera, os últimos dólares americanos, subornei policiais paquistaneses e indianos com apenas um piscar de olhos. E uma hora após o alvorecer, oito meses depois de termos partido, caminhei no calor intenso e frenético, na efervescência trabalhadora da minha amada Bombaim.

De uma distância discreta, Nazeer e Mahmoud Melbaaf supervisionaram a retirada e o transporte de seu carregamento militar. Prometi a Nazeer que o encontraria naquela noite no Leopold e os deixei na estação.

Peguei um táxi. Sentia-me inebriado pelos sons, as cores, a movimentação deslumbrante da cidade-ilha. Mas precisava me concentrar. Estava praticamente sem dinheiro. Mandeí o motorista seguir até o centro de coleta de câmbio do mercado negro, na região de Fort. Pedi que me aguardasse e subi correndo os três lances da estreita escada de madeira até a sala de contagem. Uma lembrança de Khaled fez meu coração se apertar — *eu costumava subir essas escadas com Khaled, com Khaled, com Khaled* —, ergui o queixo para me proteger dela, ao mesmo tempo que tentava engolir a dor que vinha das minhas canelas machucadas. Fui reconhecido por dois homenzarrões que pareciam muito concentrados em não fazer nada nas imediações da sala. Trocamos apertos de mãos, todos com grandes sorrisos.

— E quais são as notícias de Khaderbhai? — perguntou um deles.

Olhei para seu rosto jovem e endurecido. O nome dele era Amir. Sabia que era corajoso, de confiança e muito dedicado ao Khan. Por uma fração de segundo, me pareceu que estava fazendo uma piada sobre a morte de Khader, por incrível que pareça, e senti um impulso raivoso de acertá-lo. Então percebi que ele simplesmente não sabia. *Como é possível? Por que não sabem?* O instinto me mandou não responder à pergunta. Fixei em meus olhos e minha boca um sorrisinho duro e impassível, e passei por ele para bater na porta.

Quem abriu foi um homem baixo, gordo, com os cabelos rareando, vestido com uma regata branca e *dhoti*, que na mesma hora lançou as mãos para um aperto duplo. Era Rajubhai, supervisor das coletas de câmbio para o conselho da máfia de Abdel Khader Khan. Ele me puxou para dentro do aposento e fechou a porta. A sala de contagem era o coração do seu universo pessoal e comercial, e ele passava vinte horas por dia lá dentro. O cordão fino e desbotado, branco e rosa, atravessado em seu ombro, sob a regata, era uma declaração de que ele era um hinduísta devotado, um dos muitos que trabalhavam no interior do império basicamente muçulmano de Abdel Khader.

— Linbaba! Tão bom ver você! — disse ele com um sorriso feliz. — *Khaderbhai kahan hain?* — perguntou. *Onde está Khaderbhai?*

Tive que me concentrar para não deixar a surpresa aparecer em meu rosto.

Rajubhai era um veterano, com lugar cativo nas reuniões do conselho. Se *ele* não sabia que Khader estava morto, ninguém mais na cidade sabia. E, se a morte de Khader era ainda um segredo, deveria ser por insistência de Mahmoud e Nazeer. Os dois não haviam mencionado nada para mim. Eu não conseguia entender. Fossem quais fossem seus motivos, decidi que os apoiaria e manteria o sigilo sobre o assunto.

— *Hum akela hain* — respondi, devolvendo o sorriso. *Estou sozinho.*

Não era uma resposta para a pergunta e ele franziu os olhos com a palavra.

— *Akela...* — repetiu. *Sozinho...*

— Sim, Rajubhai, e preciso de algum dinheiro bem rápido. Um táxi me espera.

— Você precisa de dólares, Lin?

— Dólares *nahin*. *Sirrupia*. — falei. *Dólares não. Só rúpias.*

— De quanto precisa?

— *Do-do-teen hazaar* — respondi, usando a gíria dois-dois-três mil, o que sempre quer dizer três mil.

— *Teen hazaar!* — bufou ele, mais pelo hábito do que por preocupação. Três mil rúpias eram uma soma considerável para os agentes de rua ou na favela, mas uma ninharia no contexto das operações de câmbio do mercado negro. O escritório de Rajubhai via passar quantias mais de cem vezes superiores todos os dias, e em algumas ocasiões ele já havia me entregado sessenta mil rúpias de uma vez só, como salário e participação nas comissões.

— *Abi, bhai-ya, abi!* — disse, com pressa. *Agora, irmão, agora!*

Rajubhai virou a cabeça e gesticulou erguendo as sobrancelhas para um de seus funcionários. O homem entregou três mil rúpias em notas usadas, mas limpas, de cem rúpias. Por hábito, Rajubhai conferiu as notas no pequeno maço antes de me entregar. Tirei duas, guardando-as no bolso da camisa, e enfiar o resto em um bolso mais escondido, dentro do meu colete comprido.

— *Shukria, chacha. Main jata hu.* — Sorri. *Obrigado, tio. Estou indo.*

— Lin! — exclamou ele, segurando-me pela manga. — *Hamara beta Khaled, kaisa hain?* — perguntou. *Como está nosso filho, Khaled?*

— Khaled não está conosco — disse eu, lutando para manter um tom de voz e uma expressão neutros. — Ele saiu em viagem, uma *yatra*, e não sei quando voltaremos a vê-lo.

Desci pulando os degraus de dois em dois, até chegar ao táxi, sentindo o impacto de cada salto estremecer minhas canelas. O motorista voltou imediatamente para o trânsito e pedi que fosse até uma loja de roupas que eu conhecia em Colaba Causeway. Um dos orgulhos hedonistas de Bombaim é a infundável variedade de roupas relativamente baratas e bem-feitas, que sempre muda para refletir as últimas tendências da Índia e do exterior. No campo de refugiados, Mahmoud Melbaaf tinha me fornecido um colete de sarja azul comprido, uma camisa branca e calça grosseira em tecido marrom. As roupas tinham servido para a viagem de Quetta, mas em Bombaim elas eram quentes e esquisitas demais: chamavam a atenção para mim, quando eu precisava da

camuflagem da moda atual. Escolhi calça jeans preta, com bolsos fortes e profundos, um novo par de tênis para substituir minhas botas destruídas e uma camisa larga de seda branca para usar sobre o jeans. Mudei de roupa no provador e prendi a faca na bainha do cinto da calça, escondendo-a com a camisa.

Enquanto esperava no caixa, inadvertidamente vi meu reflexo em um espelho anguloso, que revelava três quartos do meu perfil. Era um rosto tão endurecido e pouco familiar que fiquei assustado quando percebi que era o meu. Lembrei-me da fotografia tirada pelo tímido Kishmishi e olhei de novo para o espelho. Havia uma fria indiferença em meu semblante — e talvez uma determinação — que não tinha sequer começado a reluzir nos olhos que fitavam com tanta confiança a lente da câmera de Khaled. Peguei os óculos escuros e os coloquei. *Será que mudei tanto assim?* Esperava que a dureza da expressão suavizasse depois que eu tomasse um banho quente e me livrasse da barba espessa. Mas a verdadeira dureza estava dentro de mim, e eu não tinha certeza se era apenas resistência e obstinação ou se era algo mais cruel.

O motorista de táxi seguiu minhas instruções e parou o carro perto da entrada do Leopold. Paguei e me vi no meio da movimentada Causeway por um minuto, fitando a ampla entrada do restaurante onde minha fática ligação com Karla e Khaderbhai havia de fato começado. Toda porta é uma passagem que, além do espaço, atravessa também o tempo. A mesma entrada que nos conduz para dentro e para fora de um aposento nos leva ao passado desse mesmo lugar e ao desdobrar incessante de seu futuro. As pessoas sempre souberam disso, no fundo de sua mente, de sua imaginação. Ainda é possível encontrar essas entradas ornamentadas e saudá-las respeitosamente em todas as culturas, da Irlanda ao Japão. Dei um, dois passos e estiquei a mão direita para tocar no batente da porta e depois tocar meu peito, na altura do coração, em uma saudação ao destino e em homenagem aos amigos e inimigos mortos que entravam comigo.

Didier Levy estava sentado na cadeira de sempre, de onde tinha vista privilegiada da clientela da casa e da rua movimentada atrás dela. Conversava com Kavita Singh. Ela olhava para outro lado, mas ele viu quando me aproximei da mesa. Nossos olhares se encontraram e se prenderam por um segundo, enquanto liamos as mudanças de expressão um do outro, como adivinhos que tentam encontrar os significados na magia de ossos espalhados.

— Lin! — berrou ele, lançando-se para a frente, me envolvendo com seus braços e me beijando nas duas bochechas.

— É bom ver você, Didier.

— Bah! — cuspiu ele, limpando a boca com a parte de trás da mão. — Se esta barba é moda para os santos guerreiros, agradeço às forças que me protegem e fazem de mim um ateu e um covarde!

Havia mais alguns fios grisalhos, pensei eu, na massa de cachos escuros que roçavam a gola de sua jaqueta. Os olhos azul-claros pareciam um pouco mais cansados e avermelhados. Mas a malícia perversa e libertina ainda arqueava suas sobrancelhas, o ar de desdém brincalhão que eu conhecia e tanto amava ainda estava ali, franzindo seu lábio superior. Ele era o mesmo, na mesma cidade, e era bom estar de volta.

— Olá, Lin — Kavita me cumprimentou, afastando Didier para me dar um abraço.

Estava linda. O cabelo castanho-escuro, espesso, estava desarrumado, desgrenhado. As costas, eretas. O olhar, límpido. E, quando ela me abraçou, o toque amistoso e casual de seus dedos em meu pescoço me pareceu um prazer tão delicado — depois do sangue e da neve do Afeganistão — que ainda consigo senti-lo, mesmo depois de tantos anos.

— Sente-se, sente-se! — gritou Didier, gesticulando aos garçons para pedir mais bebidas. — *Merde*, ouvi dizer que você tinha morrido, mas não acredite! É tão *bom* vê-lo de novo! Precisamos tomar um porre histórico esta noite, *non?*

— Não — respondi, resistindo à pressão que ele pôs em meu ombro. O desapontamento em seus olhos suavizou meu tom, se não meu estado de espírito. — Ainda está um pouco cedo e preciso ir. Preciso... fazer uma coisa.

— Muito bem — cedeu ele, com um suspiro. — Mas você *tem* que tomar *um* drinque comigo. Seria muito pouco civilizado de sua parte deixar a minha companhia sem permitir ao menos uma pequena transgressão de sua pessoa tão santa. Afinal de contas, qual é a graça de voltar do mundo dos mortos se não for para encher a cara com os amigos?

— Tudo bem — aceitei, sorrindo para ele, mas ainda de pé. — Uma dose. Vou tomar um uísque. Duplo. Isso é transgressor o bastante para você?

— Ai, Lin — sorriu ele. — Será que existe alguém nesse mundo tão doce que seja transgressor o bastante para mim?

— Em um mundo com tão pouca força de vontade, deve haver alguém, Didier. A gente vive em nome da esperança.

— Mas é claro — disse ele, e nós dois rimos.

— Vou deixar vocês — anunciou Kavita, debruçando-se para beijar meu rosto. — Preciso voltar para o trabalho. Vamos nos encontrar, Lin. Você parece... Você parece bem extravagante. Parece uma ótima pauta, *yaar*, se é que eu já vi uma na minha frente.

— Claro — sorri. — Tenho uma ou duas matérias. Em *off*, naturalmente. Mas isso é conversa para um jantar inteiro.

— Vou esperar ansiosamente — disse ela, sustentando o olhar por uns instantes para ter certeza de que eu o sentia em vários lugares do corpo ao mesmo tempo. Ela interrompeu o contato visual para dar um sorriso para Didier. — Seja perverso com alguém por mim, Didier. Não quero ouvir que você ficou todo sentimental, *yaar*, só porque Lin está de volta.

Ela saiu e meus olhos a seguiram. Quando as bebidas chegaram, Didier insistiu que eu me sentasse com ele.

— Meu querido amigo, você pode comer em pé, se necessário, e pode ficar de pé para fazer amor, se for capaz, mas é impossível beber uísque de pé. É um ato de vandalismo. Um homem que não se senta para tomar uma bebida alcoólica com a nobreza do uísque, a não ser que esteja fazendo um brinde em nome de alguma coisa ou de uma causa nobre, é um animal, nada pode detê-lo.

Então nos sentamos e ele ergueu o copo na mesma hora, para brindarmos.

— Aos vivos! — sugeri.

— E os mortos? — perguntei, com o copo ainda na mesa.

— E aos mortos! — respondeu, com um sorriso grande e caloroso.

Ergui meu copo, bati no dele e entornei o uísque duplo de uma vez.

— E agora — disse ele com firmeza, deixando o sorriso de lado com a mesma rapidez com que o fizera aparecer no olhar. — Qual é o problema?

— Por onde quer que eu comece? — ironizei.

— Não, meu amigo. Não estou falando da guerra. Há mais alguma coisa, uma determinação muito grande em seu rosto, e quero saber o que está por trás dela.

Encarei-o em silêncio, secretamente feliz por estar de novo na companhia de uma pessoa que me conhecia bem o bastante para interpretar minhas rugas.

— Vamos lá, Lin. Seu olhar está carregado de encrenca. Qual é o problema? Se você quiser, se for mais fácil, pode começar me contando o que aconteceu no Afeganistão.

— Khader está morto — disse eu, de supetão, fitando o copo vazio em minhas mãos.

— Não! — espantou-se ele, assustado e ressentido na mesma exclamação.

— Sim.

— Não, não, não. Eu teria ouvido alguma coisa... A cidade inteira ficaria sabendo.

— Vi o corpo. Ajudei a arrastá-lo montanha acima, até nosso acampamento. Ajudei a enterrá-lo. Ele está morto. Estão todos mortos. Somos os únicos dos que partiram daqui: Nazeer, Mahmoud e eu.

— Abdel Khader... Não pode ser...

Didier estava completamente pálido, o que parecia afetar até a cor de seus olhos. Chocado com as notícias — parecia que alguém lhe dera uma bofetada —, ele desmoronou na cadeira e a boca se abriu. Começou a escorregar pela lateral e tive medo de que caísse no chão ou até que sofresse um derrame.

— Acalme-se — disse-lhe baixinho. — Não faça cena comigo, Didier. Você está uma merda, cara. Sai dessa!

Seus olhos cansados vagaram até encontrar os meus.

— Existem coisas, Lin, que simplesmente não podem acontecer. Eu estou há doze, treze anos em Bombaim, sempre com a presença de Abdel Khader Khan...

Ele baixou o olhar de novo e se perdeu em um devaneio tão intenso em pensamentos e sentimentos que a cabeça estremeceu e seu lábio inferior tremelicou com a turbulência. Fiquei preocupado. Já tinha visto homens desabarem antes. Na prisão, vi alguns sucumbirem, fragmentados pelo medo e pela vergonha, e depois serem assassinados pela solidão. Mas havia todo um processo: era preciso que se passassem semanas, meses ou anos. O colapso de Didier aconteceu em questão de segundos, e eu o via murchar e esvair-se no intervalo de uma batida do coração.

Contornei a mesa e me sentei a seu lado, trazendo-o para perto de mim com o braço em volta de seu ombro.

— Didier! — sibilei em um cochicho áspero. — Preciso ir. Você está me ouvindo? Vim atrás das minhas coisas, aquelas que deixei com você enquanto

estava com Nazeer, me livrando da droga. Você se lembra? Deixei minha moto, a Enfield, com você. Deixei passaportes, dinheiro e outros pertences. Lembra? É muito importante. Preciso dessas coisas, Didier. Você se lembra?

— Mas é claro — respondeu ele, voltando a si com uma pequena e rabugenta sacudida de queixo. — Suas coisas estão em segurança. Não tenha medo. Elas continuam comigo.

— Você ainda mora no apartamento em Merriweather Road?

— Sim.

— É lá que estão as minhas coisas? Estão lá?

— O quê?

— Pelo amor de Deus, Didier! Saia dessa! Venha. Vamos juntos até seu apartamento. Preciso me barbear, tomar um banho e me organizar. Tenho algo... muito importante a fazer. *Preciso* de você, cara. Não vá me sacanear agora!

Ele piscou, virou a cabeça para me olhar, o lábio superior já se preparando para fazer o ar de deboche habitual.

— Qual é o significado de tal declaração? — perguntou, com ar de indignação. — Didier Levy não sacaneia *ninguém!* A não ser, é claro, que seja bem de manhãzinha. Você sabe, Lin, que eu detesto essas pessoas *matinais* quase tanto quanto detesto a polícia. *Alors*, vamos lá!

No apartamento de Didier, eu me barbeei, tomei uma chuveirada e pus as roupas novas. Didier insistiu para que eu comesse. Preparou uma omelete enquanto eu vasculhava as duas caixas com meus pertences até encontrar o dinheiro — uns nove mil dólares americanos —, as chaves da moto e meu melhor passaporte falso. Era um canadense, com a minha foto e todos os detalhes inseridos. O visto turístico falsificado tinha expirado. Eu tinha que renová-lo depressa. Se meus planos dessem errado, ia precisar de muito dinheiro e de um passaporte bom e limpo.

— Aonde você vai agora? — perguntou Didier enquanto eu colocava a última garfada de comida na boca e ele se levantava para lavar os pratos na pia.

— Primeiro preciso renovar meu passaporte — respondi, ainda mastigando. — Depois, vou fazer uma visita a Madame Zhou.

— *O quê?*

— Tenho assuntos para tratar com Madame Zhou. Vou zerar minha conta com ela. Khaled me entregou... — parei, faltaram-me as palavras, e o pensamento em Khaled Ansari turvou minha mente por um instante, graças à simples menção de seu nome. Era uma tempestade branca de emoções que se agitavam a partir da última lembrança, a derradeira imagem que eu guardava dele, caminhando para dentro da noite e da neve. Afastei-a da cabeça com grande esforço. — Khaled me entregou seu bilhete, no Paquistão. Obrigado por me informar, aliás. Ainda não consigo entender. Não sei por que ela ficou tão enfurecida a ponto de querer me mandar para a cadeia. Não havia nada de pessoal no que aconteceu, de minha parte. Mas agora é. A temporada de quatro meses em Arthur Road tornou o assunto pessoal. É por isso que preciso da moto. Não quero pegar um táxi. É por isso também que preciso do meu passaporte em

dia. Se os tiras me pedirem os documentos, vou ter que apresentar um livro em perfeitas condições.

— Mas então você não *sabe*? Madame Zhou foi atacada na semana passada... Não, foi há dez dias. A multidão, uma multidão de partidários do Shvinsina, invadiu o Palácio e o destruiu. Houve um grande incêndio. Invadiram o prédio e destruíram tudo. Depois, puseram fogo. O prédio ainda está de pé. As escadarias e os quartos do andar superior ainda existem. Mas o lugar está arruinado e nunca mais vai abrir. Vão demoli-lo em breve. O prédio acabou, Lin, e ela também, *La Madame*.

— Ela morreu? — perguntei, trincando os dentes.

— Não. Está viva. E continua lá, pelo que dizem. Mas seu poder acabou. Não tem nada. Ela não *é* nada. Virou uma mendiga. Seus criados buscam migalhas de comida na rua para levar para ela comer, enquanto esperam a demolição. Está acabada, Lin.

— Ainda não.

Fui até a porta do apartamento e ele correu para se juntar a mim. Nunca o tinha visto se movimentar com tanta rapidez. Sorri diante da estranheza do fato.

— Por favor, Lin, que tal reconsiderar? Podemos nos sentar juntos, beber uma ou duas garrafas, *non*? Você vai se acalmar.

— Já estou *bastante* calmo — respondi, sorrindo diante da sua preocupação. — Não sei o que vou fazer. Mas preciso encerrar esse episódio, Didier. Não consigo... deixar para lá. Preferia deixar. Mas, sei lá, existem tantas coisas envolvidas nessa história.

Eu não conseguia lhe explicar. Era mais do que simples vingança — eu sabia disso —, mas a teia de ligações entre Zhou, Khaderbhai, Karla e eu era tão pegajosa, com vergonhas, segredos e traições, que eu não conseguia encará-la nem falar sobre o assunto com meu amigo.

— *Bien* — suspirou ele, lendo a determinação escrita em meu rosto. — Se você vai atrás dela, então tenho que ir também.

— Nada disso... — comecei, mas ele me interrompeu com um gesto enfurecido da mão.

— Lin! Fui eu quem lhe contou essa... essa coisa *horrível* que ela fez com você. Agora preciso acompanhá-lo, ou serei responsável por tudo que acontecer. E você sabe, meu amigo, que detesto a responsabilidade quase tanto quanto detesto a polícia.

DIDIER LEVY ERA O PIOR carona do mundo. Ele me segurava com tanta força, com tanta rigidez, que ficava difícil dirigir a moto. Didier urrava quando nos aproximávamos de carros e gania quando os ultrapassávamos. Em curvas fechadas, radicais, tremia de terror, tentando desfazer a inclinação necessária da moto. Sempre que eu parava em um sinal, ele punha os dois pés no chão para esticar as pernas e reclamar de câibras nos quadris. Toda vez que eu acelerava, ele arrastava os pés na rua e levava vários segundos até encontrar o apoio. E, quando os táxis ou outros veículos se arriscavam a chegar perto demais de nós, ele chutava ou sacudia o punho, demonstrando freneticamente sua indignação. Ao chegarmos ao nosso destino, calculei que o perigo enfrentado durante a viagem de trinta minutos com Didier no trânsito veloz equivalia a mais ou menos um mês sob a mira de armas no Afeganistão.

Estacionei na frente da fábrica de passaportes operada por meus amigos cingaleses Villu e Krishna. Alguma coisa estava errada. As placas, lá fora, haviam mudado e as portas duplas estavam escancaradas. Subi os degraus, dei uma olhada e percebi que a oficina não funcionava mais ali. Tinha sido substituída por uma linha de produção de guirlandas de flores.

— Algum problema? — perguntou Didier quando voltei a montar na moto e dei partida.

— Sim. Vamos ter que fazer outra parada. Eles se mudaram. Preciso encontrar Abdul e descobrir onde fica a nova oficina.

— *Alors* — choramingou ele, espremendo-me com a mesma intensidade que usaria se estivéssemos dividindo um paraquedas. — O pesadelo continua.

Minutos depois, deixei-o com a moto perto da entrada da mansão de Abdul Ghani. O segurança me reconheceu e jogou a mão para o alto, em uma saudação teatral. Pus uma nota de vinte rúpias na outra mão, enquanto ele abria a porta, e entrei no saguão, onde fui recebido por dois empregados. Eles me conheciam bem e me levaram para o andar de cima com sorrisos grandes e amistosos, fazendo pequenos gestos e comentários sobre o comprimento do meu cabelo e os quilos que perdera. Um dos homens bateu na porta do espaçoso escritório de Abdul Ghani e esperou, com a orelha colada nela.

— *Ao!* — respondeu Ghani, lá dentro. *Entre!*

O empregado entrou, fechando a porta ao passar, e voltou alguns momentos depois. Sacudiu a cabeça e tornou a escancará-la. Entrei e ela se fechou. A luz do sol resplandecia nas grandes janelas arqueadas. As sombras desenhavam ferrões e garras no chão encerado. Abdul estava sentado em uma poltrona de espaldar alto, de frente para a janela, e só se viam suas mãos gorduchas, unidas, parecidas com salsichas expostas na vitrine de um açougueiro.

— Então é verdade.

— O quê? — perguntei, contornando a poltrona para olhá-lo. Fiquei chocado ao perceber com aqueles nove meses haviam envelhecido o velho amigo de

Khader. O cabelo espesso tornou-se grisalho, quase branco, e as sobrancelhas também apresentavam toques prateados. O nariz fino estava cercado por rugas profundas que desciam pela curva da boca até o queixo flácido. Os lábios, que já tinham sido os mais sensuais que eu vira em Bombaim, pareciam tão rachados quanto os de Nazeer durante a temporada nas montanhas nevadas. As bolsas sob os olhos despencavam até as maçãs do rosto e me fizeram lembrar, com temor, aquelas do louco Habib. E os olhos — risonhos em dourado e âmbar — estavam sem brilho, esvaziados das alegrias altivas e dos enganos inúteis que outrora refletiam de sua vida apaixonada.

— Você está aqui — respondeu ele, com o seu familiar sotaque de Oxford, sem me olhar. — E a verdade é *essa*. Onde está Khader?

— Abdul, sinto muito... ele morreu — respondi imediatamente. — Foi... foi morto pelos russos. Ele tentava alcançar sua aldeia, na volta para Chaman, onde queria deixar alguns cavalos.

Abdul segurou o peito e soluçou como uma criança, choramingando e gemendo desvairadamente enquanto lágrimas em abundância jorravam de seus olhos grandes. Depois de alguns momentos, ele se recuperou e me olhou.

— Quem sobreviveu, além de você? — perguntou boquiaberto.

— Nazeer... e Mahmud. E um rapaz chamado Ala-ud-Din. Só nós quatro.

— E Khaled? Onde está Khaled?

— Ele... partiu para a neve na última noite, e não voltou. Os homens disseram que ouviram tiros mais tarde, de uma grande distância. Não sei se estavam atirando em Khaled. Eu... não sei o que aconteceu com ele.

— Então vai ser Nazeer... — balbuciu.

Os soluços recomeçaram e ele mergulhou o rosto nas mãos carnudas. Eu observei com constrangimento, sem saber o que fazer ou dizer. Desde o momento em que segurara o corpo de Khader nos braços naquela encosta nevada, eu me recusava a aceitar sua morte. E continuava com raiva de Khader Khan. Enquanto mantivesse aquela raiva diante de mim, como um escudo, amar e lamentar a perda de Khan eram prodígios muito ocultos e distantes em meu coração. Enquanto permanecesse com raiva, eu combateria as lágrimas e a saudade infinita que faziam que Ghani se encontrasse em estado tão deplorável. Enquanto estivesse com raiva, eu poderia me concentrar na tarefa que tinha nas mãos — levantar informações sobre Krishna, Villu e a fábrica de passaportes. Estava a ponto de perguntar o que tinha acontecido com eles, quando Ghani voltou a falar.

— Você sabe quanto nos custou, além do preço de uma vida... tão singular... Sabe quanto nos custou a maldição do herói de Khader? Milhões. Gastamos milhões para lutar na guerra dele. Nós o apoiamos, de uma forma ou de outra, há anos. Talvez você imagine que é uma quantia com a qual podemos arcar. Não é tanto dinheiro, afinal de contas. Mas você está errado. Não há organização que possa suportar uma maldição do herói tão insana quanto a de Khader. E não pude fazê-lo mudar de ideia. Não pude salvá-lo. O dinheiro não queria dizer nada para ele, você não entende? Não é possível argumentar com um homem que não tem noção do dinheiro e do seu... valor. É uma coisa que todos os homens civilizados têm em comum, não concorda? E, se o dinheiro não significa nada, não existe

civilização. Não há nada.

Ele se perdeu em murmúrios incompreensíveis. As lágrimas escorriam pelos pequenos rios em seu rosto e caíam em seu colo iluminadas pelo sol.

— Abdulbhai — disse eu, depois de um tempo.

— O quê? Quando? É agora? — perguntou com um terror subitamente vivo no olhar. O lábio inferior se enrijeceu em uma curva cruel de malícia que eu nunca havia visto nem imaginado antes daquele momento.

— Abdulbhai, quero saber para onde foi a oficina. Onde estão Krishna e Villu? Fui à antiga fábrica, mas não encontrei ninguém lá. Tenho que fazer algumas mudanças no meu passaporte. Preciso saber para onde foram.

O medo em seus olhos se reduziu a um ponto, que reluziu. A boca voltou a se encher com alguma coisa que lembrava o antigo sorriso voluptuoso e ele me fitou com uma concentração ávida e faminta.

— É claro que você quer saber — sorriu, usando as palmas das mãos para secar as lágrimas. — Está bem aqui, Lin, nesta casa. Nós reconstruímos o porão e a instalamos ali. Há um alçapão no chão da cozinha. Iqbal vai lhe mostrar o caminho. Os rapazes estão trabalhando neste momento.

— Obrigado — disse eu, hesitando por um instante. — Tenho um trabalho a fazer, mas... vou voltar mais tarde ou amanhã, no máximo. Vejo você então.

— *Inshallah* — disse, baixinho, voltando o rosto para as janelas mais uma vez. — *Inshallah*.

Atravessei a casa e fui até a cozinha, levantei a pesada porta do alçapão. Precisei descer uma dúzia de degraus até chegar ao porão bem-iluminado. Krishna e Villu me receberam com alegria e foram imediatamente trabalhar em meu passaporte. Havia poucas coisas que os empolgavam mais do que uma falsificação desafiadora, e eles tagarelaram animadamente até concordarem com o melhor método para resolver o problema.

Enquanto trabalhavam, examinei a nova oficina. Era uma área espaçosa, bem mais ampla do que o porão da mansão de Abdul Ghani. Caminhei uns trinta ou cinquenta metros, passando por mesas de luz, impressoras, fotocopiadoras e armários. Calculei que a oficina se estendia sob a outra enorme casa na rua ao lado. Parecia-me provável que tivessem comprado a casa vizinha e ligado os dois porões. Se isso fosse verdade, imaginei que deveria haver uma saída na outra casa. Estava procurando por ela quando Krishna veio me avisar que a renovação do visto estava pronta. Fiquei intrigado com a disposição dos porões e prometi a mim mesmo voltar o quanto antes, para inspecionar cuidadosamente o local.

— Desculpe fazer você esperar — resmunguei para Didier quando tornei a montar na moto. — Levou mais tempo do que eu esperava. Mas o passaporte está pronto. Podemos ir direto para a casa de Madame Zhou agora.

— Não tenha pressa, Lin — suspirou Didier, me agarrando com toda a força, enquanto enfrentávamos o trânsito. — A melhor vingança, como o melhor sexo, se faz lentamente e com os olhos abertos.

— Esta frase é de Karla? — gritei para trás, enquanto a moto ganhava velocidade em meio às correntes de metal.

— *Non*, acho que é minha! Mas... mas não tenho certeza! — respondeu ele,

aos berros, e nós dois rimos, pensando nela com amor.

Estacionei a moto na entrada de um prédio a um quarteirão do Palácio. Caminhamos pelo outro lado da rua até termos passado meio quarteirão, observando se havia sinais de atividade lá dentro. A fachada parecia intacta, sem danos, embora as tábuas de madeiras e as placas de metal nas janelas, bem como as pranchas pregadas na porta principal, indicassem a destruição promovida pela multidão. Demos a volta e passamos mais uma vez diante do prédio, à procura de uma entrada.

— Se ela está lá e os criados lhe trazem comida, eles não entram e saem por *aquela* porta.

— Isso, é exatamente o que pensei — concordou Didier. — Deve haver outra entrada.

Encontramos uma passagem estreita que dava acesso aos fundos dos prédios na rua. Em contraste com a rua principal, limpa e alta, o beco de acesso era imundo. Caminhamos cuidadosamente entre poças fétidas de líquido negro e pilhas não identificáveis de detritos oleosos. Olhei para Didier e, pela sua careta infeliz, eu sabia que ele calculava quantos drinques precisaria tomar para livrar suas narinas daquele fedor. As paredes e cercas dos dois lados do beco eram feitas de pedra, tijolos e cimento, remendados ao longo de muitas décadas e recobertos por um emaranhado de plantas, musgo e trepadeiras.

Contamos cada prédio a partir da esquina, até encontrarmos os fundos do Palácio. Avançamos em direção a um portão baixo de madeira, colocado num muro alto de pedras. O portão se abriu ao toque. Entramos então em um espaçoso pátio que deveria ter sido um recanto belo e extravagante antes do ataque da multidão. Pesados potes de barro tinham sido derrubados e despedaçados, a terra e as flores que continham, derramadas em uma confusão enlameada. A mobília do jardim fora destruída. Até o piso de cerâmica se encontrava rachado em muitos pontos, como se alguém o tivesse martelado.

Encontramos uma porta enegrecida que conduzia à casa. Estava destrancada e se abriu para dentro com um rangido lamentoso e enferrujado.

— Espere aqui. — Meu tom não permitia nenhum tipo de protesto. — Vigie para mim. Se alguém entrar por aquele portão, segure-o ou faça algum tipo de sinal.

— Como quiser — suspirou ele. — Não demore. Não gosto daqui. *Bonne chance*.

Entrei. A porta se fechou atrás de mim, e na mesma hora desejei ter trazido uma lanterna. Estava escuro, e o chão, entulhado com pratos quebrados, panelas, potes e outros recipientes jogados entre pedaços de mobília chamuscados e vigas caídas. Avancei lentamente pela cozinha do térreo e segui até um longo corredor que levava à frente do casarão. Passei por vários aposentos queimados. Em um deles, o fogo tinha sido tão feroz que o chão sumira e as vigas tostadas se revelavam pelos vãos, como costelas de algum grande animal.

Perto da frente da casa, encontrei a escadaria que eu havia subido, anos antes, quando vim com Karla salvar Lisa Carter. O papel de parede Compton, antes tão rico em cores e texturas, estava chamuscado e descascava nas paredes

cheias de bolhas. A própria escada fora carbonizada, e o carpete, consumido até se transformar em fibrosos montes de cinzas. Escalei lentamente, experimentando cada degrau antes de colocar todo o meu peso sobre ele. Um degrau desmoronou sob mim quando eu me encontrava na metade do caminho. Engatinhei mais depressa até o primeiro andar.

Precisei fazer uma pausa para que meus olhos se acostumassem à escuridão. Depois de alguns momentos, consegui distinguir os vãos no chão e comecei a me deslocar com cuidado, evitando-os. O fogo havia incinerado algumas partes da casa, deixando buracos e tocos escurecidos, ao mesmo tempo que poupava completamente outras áreas. Essas seções imaculadas estavam tão limpas e continuavam tão exatamente como eu me lembrava delas que aumentavam a sensação de estranhamento do lugar. Era como se eu estivesse me movimentando entre o passado, antes do fogo, e o presente arruinado: parecia que minhas próprias memórias criavam aquelas zonas grandiosas e intocadas na casa.

Em algum ponto daquela ampla passagem no andar superior, meu pé atravessou uma área coberta de papel e minha reação foi dar um passo para trás, esbarrando na parede atrás de mim. Ela desabou e dei por mim caindo, desajeitadamente, sacudindo os braços para encontrar algo mais sólido em que me agarrar em meio aos destroços. Aterrissei com um estrondo, bem mais rápido do que esperava, e na mesma hora percebi que me encontrava no interior de um dos corredores secretos de Madame Zhou. A parede que eu atravessara parecia tão sólida quanto as outras, mas era apenas uma lâmina de compensado revestida com o onipresente papel Compton.

Levantei-me e sacudi as roupas em um corredor muito baixo e estreito que serpenteava à frente, seguindo os cantos e o formato dos cômodos que contornava. Havia grades de metal nas paredes dos aposentos por onde passava o corredor secreto. Algumas ficavam na parte de baixo, perto do chão, e outras, mais em cima. Sob as grades de metal mais altas havia degraus. Do mais baixo desses degraus, olhei para dentro de uma sala através de uma abertura em forma de coração. Eu conseguia ver todo o aposento: o espelho rachado na parede, a cama queimada e desabada e o criado-mudo enferrujado, ao lado. Havia vários degraus acima daquele onde eu subi e imaginei Madame Zhou agachada no mais alto deles, respirando silenciosamente enquanto olhava e olhava.

O corredor dava diversas voltas, e perdi a direção, sem saber se estava olhando a parte da frente ou a de trás da casa naquela escuridão. Em um ponto, o corredor secreto se inclinava acentuadamente. Subi até que as grades de metal mais altas desapareceram e esbarrei em uma série de degraus no escuro. Continuei a subida às cegas e encontrei uma porta. Era pequena, com painéis de madeira — tão pequena e de dimensões tão perfeitas que poderia ser de uma casa de bonecas. Experimentei a maçaneta. Ela girou com facilidade na minha mão. Abri e recuei imediatamente, diante da invasão de luzes que vinham de dentro.

Entre num quarto do sótão, iluminado por uma fileira de quatro janelinhas com vitrais, que lembravam capelas e se projetavam para fora do telhado da casa. O fogo havia alcançado o cômodo, mas não conseguira destruí-lo. As

paredes estavam escurecidas, manchadas com colunas de fumaça, e o teto tinha buracos que revelavam a espessa camada entre o cômodo e o teto do quarto logo abaixo. Partes do recinto, porém, permaneciam bastante sólidas e intocadas pelas chamas. Naquelas ilhas de chão exoticamente acarpetado e paredes imaculadas, a mobília continuava intacta. E, sentada em uma cadeira rígida e com braços, que lembrava um trono, se encontrava Madame Zhou, com o rosto contorcido por um olhar insano.

Ao me aproximar, percebi que aquele olhar maligno não era dirigido a mim. Ela mirava com ódio e desdém algum momento do passado, algum lugar, uma pessoa ou um acontecimento aferrado a sua mente com a mesma força das correntes que prendem um urso de circo. O rosto estava maquiado com uma espessa camada de cosméticos. Era uma máscara mais trágica que grotesca, por conta de todos os exageros desvairados. A boca pintada era maior do que os lábios. As sobrancelhas, maiores que as verdadeiras. As bochechas borradas ficavam acima das maçãs do rosto. Quando me aproximei o bastante, vi que um fio de saliva escorria do canto da boca até cair no colo. O cheiro de álcool, de gim puro, a envolvia, junto com outros odores, mais fétidos e nauseabundos. O cabelo estava quase escondido por uma peruca. Os cachos espessos da peruca ao estilo Pompador pendiam tortos, revelando fios curtos, grisalhos e escassos. Vestia um *cheongsam* de seda verde. A gola do vestido cobria o pescoço, quase até o queixo. As pernas estavam dobradas, com os pés repousando sobre o assento da cadeira ao lado. Eram pés minúsculos — do tamanho dos de uma criança — calçados em chinelos macios de seda. As mãos, tão flácidas e sem expressão quanto a boca, jaziam no colo como objetos levados pelas ondas numa praia deserta.

Era impossível discernir sua idade ou nacionalidade. Poderia ser espanhola. Talvez russa. Poderia ter ascendência indiana, ou chinesa, ou mesmo grega. E Karla tinha razão. Ela *fora* bonita no passado. Era o tipo de beleza que consiste na soma de partes, e não em algum traço marcante. Uma beleza que toca o olho, mais do que o coração; que azeda se não for alimentada por alguma bondade interior. Ela não era mais bonita naquele momento. Era feia. E Didier também tinha razão: fora surrada, derrotada e estava acabada. Flutuava no lago negro e logo afundaria nas águas escuras. No lugar antes ocupado por sua mente, havia um vazio, sem desejos, que substituíra as demandas da vida cruel e cheia de tramóias.

De pé, ali, invisível a seus olhos, fiquei atônito e confuso ao perceber que não sentia raiva nem sede de vingança. Sentia vergonha de ter enchido meu coração de rancor. A parte de mim que queria aquilo — *O quê? Eu queria mesmo matá-la?* — era a que se parecia com ela. Olhei-a e enxerguei a mim, meu próprio futuro, meu destino, se não pudesse livrar meu coração do espírito vingativo.

E eu sabia, também, que aquela vingança que eu alimentara e planejava durante as semanas da minha convalescença no Paquistão não era apenas dela. Eu tentava punir a mim mesmo, atingir uma culpa que só consegui enfrentar naquele momento de vergonha em que a vi. Sentia-me culpado pela morte de Khader. Eu era o americano dele — sua garantia contra guerreiros e piratas. Se

estivesse com ele, como deveria, quando tentou levar os cavalos para a aldeia, o inimigo talvez não tivesse atirado nele.

Era uma tolice e, como costuma acontecer com toda culpa, só representava uma parte da história. Havia uniformes e armas russos em alguns dos mortos perto do corpo de Khader. Nazeer havia me contado. Se eu estivesse lá, provavelmente não mudaria nada. Teriam me capturado ou me matado e o resultado, para Khader, seria o mesmo. Mas a razão não tinha muita relação com a culpa que eu sentia, no fundo do coração, desde o momento em que vi seu rosto sem vida encoberto pela neve. Depois que enfrentei aquele sentimento, não consegui me livrar da vergonha. E, de alguma forma, a culpa e a tristeza pesadosa me transformaram. Senti a pedra rancorosa se desprender da mão cheia de ódio que desejava jogá-la. Tornei-me leve como se estivesse cheio de luz e flutuasse. E fiquei livre — livre o bastante para sentir pena de Madame Zhou e até perdoá-la. E então, ouvi o grito.

Um urro lancinante, tão agudo quanto o de um porco selvagem, fez com que eu me virasse o suficiente para ver Rajan, o criado eunuco de Madame Zhou, correr para cima de mim a toda a velocidade. Desequilibrado pelo ataque, tropecei para trás com seus braços presos ao meu peito, até cairmos e atravessarmos uma das janelas do sótão. Eu estava curvado para trás, olhando o céu azul, o criado enlouquecido e as vigas da casa, atrás da sua cabeça. Senti o inconfundível gotejar de sangue no alto e na parte de trás da minha cabeça, onde o vidro quebrado fez cortes profundos. Mais pedaços pontiagudos de vidro caíram enquanto lutamos na janela estilhaçada. Sacudi a cabeça de um lado para o outro para proteger meus olhos. Rajan ficou agarrado a mim e me empurrou para a frente com os pés, com um estranho rastejar que não o ajudou a ganhar espaço. Precisei de um instante para compreender que ele tentava me jogar pela janela — arremessar a nós dois daquela altura. E estava conseguindo. Meus pés começavam a se levantar do chão e eu escorregava cada vez mais pela pequena abertura da janela.

Grunhi com fúria e desespero e me agarrei à moldura da janela, nos arrastando de volta ao sótão com toda a minha força. Rajan caiu para trás e voltou a ficar de pé numa velocidade espantosa e se jogou sobre mim, de novo aos gritos. Não havia um jeito de escapar de seu rápido ataque, e voltamos a ficar atacadados. Suas mãos se fecharam na minha garganta. Minha mão esquerda rasgou seu rosto, à procura do olho. Suas unhas longas e curvas eram afiadas e perfuraram a pele do meu pescoço. Gritando de dor, encontrei a orelha dele com os dedos da mão esquerda e puxei sua cabeça o bastante para que pudesse socá-la com a direita. Com o punho, martelei seu rosto seis, sete, oito vezes, até que ele se livrou de mim, rasgando a orelha, que ficou pendurada em sua cabeça.

Ele deu um passo para trás e ficou ali, ofegante, fitando-me com um ódio que estava além do medo e da razão. O rosto estava coberto de sangue; os lábios abertos mostravam um dente quebrado, e sobre um dos olhos, no lugar onde ficava a sobrancelha raspada, havia um corte profundo. A careca estava cortada e ensanguentada onde ele havia acertado o vidro. O sangue cobria um dos olhos e supus que o nariz estivesse quebrado. Ele deveria ter parado. Precisava parar.

Não parou.

Com um grito estranho e estridente, ele tornou a investir. Desviei e acertei um golpe curto e forte, de direita, na lateral da sua cabeça, mas ele esticou a mão cheia de garras ao cair e segurou-se em minhas calças. Aquilo nos fez perder o equilíbrio e ele rastejou como um caranguejo para subir em cima de mim, mirando meu pescoço. Mais uma vez, as unhas entraram no meu ombro e na minha garganta.

Ele era esguio, mas alto e forte. Eu tinha perdido tanto peso na guerra de Khader que deveríamos ter a mesma força. Rolei uma, duas vezes, mas não consegui me livrar dele. Sua cabeça estava perto demais da minha, e eu não podia socá-lo. Senti a boca e os dentes em meu pescoço. Fazia força para a frente, batendo a cabeça na minha e mordendo. Ele enfiou as unhas longas e afiadas quase até os dedos.

Estendi a mão e encontrei a faca. Tirei-a da bainha e a enfiei em seu corpo. A lâmina penetrou na coxa, na altura do quadril. Ele ergueu a cabeça, soltando um uivo de dor, e eu o esfaqueei no pescoço, perto do ombro. A faca penetrou fundo pela frente, atravessando o ombro, esmigalhando pedaços de osso e tendão no caminho. Ele bateu a garganta e rolou para longe de mim, até seu corpo encontrar a parede. Estava vencido. Não tinha mais forças para lutar. Tinha acabado. Então ouvi o grito.

Virei a cabeça e vi Rajan se arrastando do vão entre o assoalho destroçado e o teto do quarto abaixo. Era o mesmo homem, ao que parecia, mas estava inteiro, sem ferimentos: a mesma careca, as sobrancelhas raspadas, os olhos maquiados e as longas unhas pintadas de verde, como uma serpente. Virei rapidamente e percebi que Rajan continuava ali, enroscado e gemendo contra a parede. *É o irmão gêmeo, pensei com estupidez. São dois. Por que ninguém me avisou?* E me virei no momento em que o gêmeo partiu para cima de mim aos guinchos. Tinha uma faca na mão. Segurava a lâmina fina e curva como uma espada, fazendo um arco cruel ao correr. Permiti que terminasse o movimento frenético e então me aproximei, baixando minha faca. Ela cortou seu braço e seu ombro, mas ele ainda podia se mover. A faca dele se voltou contra mim. Ele era rápido — veloz o bastante para atingir meu antebraço. O sangue jorrou da ferida e a raiva me jogou contra ele, com o punho direito socando enquanto eu dava estocadas. Então senti uma dor súbita e tenebrosa atingir a parte de trás da minha cabeça e percebi que tinha levado uma pancada pelas costas. Cambaleei e me virei até encontrar o Rajan ferido, com a camisa tingida pelo próprio sangue. Havia um pedaço de madeira em sua mão. Minha cabeça zumbia com a força do golpe. O sangue corria das feridas em meu rosto, meu pescoço, meus ombros e na parte macia do antebraço. Os gêmeos voltaram a guinchar e eu sabia que estavam a ponto de atacar mais uma vez. Uma minúscula semente de dúvida amadureceu e se abriu em minha mente pela primeira vez, desde que aquela disputa bizarra havia começado: *Talvez eu não consiga vencer dessa vez...*

Sorri para eles, me preparando para o ataque com os punhos erguidos e o pé esquerdo na frente. *Tudo bem, pensei. Vamos lá. Vamos acabar com isso.* Eles correram em minha direção, soltando aquele urro estridente mais uma vez. O

Rajan com um pedaço de pau o balançou diante de mim. Ergui o braço esquerdo para bloquear o golpe. Ele atingiu meu ombro com força, mas enfiei o punho direito em seu rosto e ele caiu para trás, dobrando os joelhos ao atingir o chão. O irmão deu um talho no meu rosto. Abaixei-me e tentei desviar, mas a lâmina abriu um corte atrás da minha cabeça, sobre o pescoço. Consegui enfiar minha faca em seu ombro, até o punho. Queria atingir o peito, mas aquela ferida foi útil, pois a mão dele que carregava a faca ficou frouxa como uma alga marinha e ele se afastou de mim aos guinchos, em pânico.

Anos de raiva vieram à tona: toda a raiva dos anos de prisão que eu escondera na cova rasa do meu autocontrole rancoroso. O sangue que escorria pelo meu rosto, vindo dos cortes e arranhões da minha cabeça, era raiva líquida, vermelha e densa, saindo da minha mente. Uma força furiosa fortaleceu os músculos dos meus braços, dos meus ombros e das minhas costas. Olhei para Rajan e seu irmão gêmeo e depois para a imbecil na cadeira. *Mate-os todos*, pensei, inspirando o ar por entre meus dentes cerrados e voltando a grunhir. *Vou matar todos eles*.

Ouvi alguém me chamar da beira do abismo em que Habib e todos os que se parecem com ele haviam despencado.

— Lin! Onde está você, Lin?

— Aqui, Didier! — respondi, aos gritos. — No sótão! Você está bem perto! Pode me ouvir?

— Eu estou ouvindo! — gritou. — Estou chegando.

— Cuidado! — exclamei, ofegante. — Tem dois sujeitos aqui em cima e... porra, cara... eles não são muito amistosos!

Ouvi o som de seus passos e o palavrão que soltou quando tropeçou na escuridão. Ele abriu a portinha e se abaixou para entrar no aposento. Segurava um revólver. Fiquei feliz em vê-lo. Observei sua expressão ao tomar conhecimento da cena — o sangue em meu rosto e meus braços, o sangue no corpo dos gêmeos, a personagem que babava na cadeira. Vi sua fisionomia surpresa e perplexa tornar-se grave e se acomodar em uma linha sombria e irritada na boca. Então ele ouviu o grito.

O irmão de Rajan, aquele da faca, soltou um berro aterrorizante e partiu para cima de Didier, que lhe apontou a pistola sem a menor hesitação e atirou na virilha, na altura do quadril. Ele se dobrou e se jogou de lado, com uivos de dor, enquanto rolava pelo chão, encolhido sobre o ferimento. Rajan mancou até a cadeira parecida com um trono e se colocou na frente de Madame Zhou, protegendo-a com o peito desnudo. Concentrou seu ódio no olhar de Didier e nós dois soubemos que ele estava disposto a levar um tiro para protegê-la. Didier deu um passo na sua direção e colocou a pistola na altura do coração de Rajan. O rosto do francês se contraía em uma expressão severa, mas os olhos claros estavam calmos, cintilantes com seu domínio tranquilo e absoluto da situação. Aquele era o homem de verdade, a lâmina de aço no interior da bainha enferrujada e desgastada. Didier Levy: um dos sujeitos mais habilidosos e perigosos de Bombaim.

— Quer que eu vá em frente? — perguntou-me, com o rosto mais duro do

que qualquer outra coisa no cômodo.

— Não.

— *Não?* — resfolegou, sem tirar os olhos de Rajan. — Olhe bem para você. Veja o que fizeram, Lin. Você deveria atirar neles.

— Não.

— Deveria, no mínimo, machucá-los.

— Não.

— É perigoso deixá-los vivos. Você tem uma história... não muito boa com essas pessoas.

— Tudo bem — balbuciei.

— Deveria atirar em pelo menos *um* deles, *non?*

— Não.

— Muito bem. Então eu atiro neles por você.

— Não — insisti. Eu estava grato por ele ter impedido que os dois me matassem, porém mais ainda por ter chegado a tempo de me impedir de matá-los. Ondas crescentes de náusea e alívio tomaram conta da minha mente vermelho-sangue, fazendo a raiva se esvaír de mim. Estremeci quando o último sorriso de vergonha se insinuou em meu olhar. — Não quero atirar neles... e não quero que *você* atire. Para começar, não queria brigar com eles. Não teria brigado se não tivessem me atacado primeiro. Estão fazendo o que eu faria se a amasse. Apenas tentam protegê-la. Não lutam contra mim. Não tenho nada a ver com isso. É ela. Vamos deixá-los em paz.

— E *ela?*

— Você tinha razão — disse eu, em voz baixa. — Está acabada. Já está morta. Lamento não ter lhe dado ouvidos. Acho... que precisava ver com meus próprios olhos.

Estendi a mão para cobrir a arma de Didier. Rajan se encolheu e se dobrou. O gêmeo, gritando de dor, começou a se arrastar pela parede para longe de nós. Então puxei a mão de Didier lentamente para baixo, até que a pistola ficou a seu lado. Encarei Rajan. Vi a surpresa e o medo em seus olhos negros se transformarem em alívio. Ele sustentou o olhar por mais um momento e depois mancou até o lado do irmão.

Com Didier bem atrás de mim, abri caminho pelo corredor secreto e pelas escadas enegrecidas.

— Eu lhe devo uma, Didier — admiti, sorrindo no escuro.

— Com certeza — respondeu ele, e então as escadas desmoronaram aos nossos pés e despencamos por entre a madeira queimada e quebrada até atingirmos o chão duro lá embaixo.

Engasgando e tossindo com a nuvem de poeira de carvão e fibras, retorci-me junto do amigo caído para tentar me sentar. O pescoço estava duro e dolorido e eu havia aterrissado sobre o pulso e o ombro, machucando os dois, mas parecia intacto e sem fraturas. Didier caiu em cima de mim e eu o ouvi gemendo, rabugento.

— Você está bem, cara? Meu Deus, que queda! Você está bem?

— Agora chega — grunhiu Didier. — Vou voltar lá em cima e dar um *tiro*

naquela mulher!

Rimos enquanto saíamos mancando do Palácio, e o riso permaneceu conosco ao lavarmos nossos ferimentos e cuidarmos deles. Didier me deu uma calça e uma camisa limpas. Seu guarda-roupa era surpreendentemente elegante e colorido para alguém que se vestia de forma tão sem graça no Leopold. Ele explicou que a maior parte daquelas roupas coloridas havia sido deixada por ex-amantes, que nunca voltaram para buscá-las, e eu pensei em Karla me dando as roupas que haviam pertencido a outros homens. O riso voltou a ganhar força enquanto comíamos juntos no Leopold e Didier me contava de seus mais recentes desastres românticos. Ainda gargalhávamos quando Vikram Patel subiu correndo os degraus com os braços abertos cumprimentando-me com entusiasmo.

— Lin!

— Vikram!

Levantei-me bem a tempo de receber seu abraço exuberante. Segurando meus ombros com os braços estendidos, ele me examinou, franzindo a testa ao ver os cortes na minha cabeça e no meu rosto.

— Porra, cara, o que aconteceu com você? — perguntou ele. Ainda usava roupas negras, inspiradas pelo sonho de vaqueiro, mas eram mais discretas e sutis. Influência de Lettie, *supus*. Embora o novo estilo sem tantos excessos lhe caísse bem, fiquei aliviado e contente ao ver seu adorado chapéu pendurado nas costas, preso pelo cordão no pescoço.

— Você precisava ver os outros sujeitos — respondi, olhando de relance para Didier.

— Mas por que você não me avisou que estava de volta, cara?

— Cheguei hoje e andei meio ocupado. Como está Lettie?

— Ela está ótima, *yaar* — respondeu ele, animadamente, ocupando uma cadeira. — Está entrando nesse mundo dos negócios, nessa porra de multimídia, com Karla e o namorado dela. Vai ser bom para caramba.

Virei para Didier, que deu de ombros sem querer se comprometer e depois lançou um olhar raivoso para Vikram, com os dentes arreganhados de fúria.

— Merda, cara! — Vikram se desculpou, claramente abalado. — Achei que você soubesse. Achei que Didier tivesse lhe contado, *yaar*.

— Karla voltou para Bombaim — Didier explicou, calando Vikram com outra expressão severa. — Ela está com outro homem, um namorado, como ela diz. Seu nome é Ranjit, mas ele gosta que o chamem de Jeet.

— Não é um sujeito ruim — acrescentou Vikram, com um sorriso esperançoso. — Acho que você vai gostar dele, Lin.

— Sem essa, Vikram! — Didier fez um ar de nojo para mim.

— Tudo bem — disse eu, sorrindo para cada um deles.

Conseguí atrair a atenção do garçom e fiz um sinal, pedindo uma nova rodada de bebidas. Ficamos em silêncio até que chegassem e fossem servidas. Depois, com os copos no ar, sugeri um brinde.

— A Karla! — propus. — Que ela tenha dez filhas e que todas se casem bem!

— A Karla! — repetiram os outros, batendo os copos e engolindo as bebidas.

Já estávamos no nosso terceiro brinde — em nome do bichinho de estimação de alguém, acho eu — quando Mahmoud Melbaaf entrou no ambiente feliz, barulhento e agitado do restaurante e me fitou com olhos que ainda estavam lá em cima, nas montanhas geladas da guerra.

— O que aconteceu com você? — perguntou rapidamente, examinando os cortes em meu rosto e minha cabeça quando me ergui para cumprimentá-lo.

— Nada — sorri.

— Quem fez isso? — perguntou, mais incisivo.

— Tive um encontro com os rapazes de Madame Zhou — respondi, e ele relaxou um pouco. — Por quê? O que houve?

— Nazeer me disse que você estaria aqui — sussurrou ele com uma expressão tensa e angustiada. — Estou feliz por encontrá-lo. Nazeer mandou você não ir a lugar nenhum. Não faça nada por alguns dias. Há uma guerra em andamento... uma guerra de quadrilhas. Lutam pelo poder de Khader. Não é seguro. Fique longe dos lugares *dundah*.

A palavra *dundah*, ou negócios, era usada como gíria para as operações de Khader no mercado negro de Bombaim. De alguma forma, haviam se transformado em alvos.

— O que aconteceu? Qual é o problema?

— O traidor, Ghani, está morto — respondeu ele. Apesar da voz calma, seus olhos eram duros e determinados. — Os homens dele, seus companheiros na máfia de Khader, também vão morrer.

— Ghani?

— Isso. Você tem dinheiro, Lin?

— Tenho — resmunguei, pensando em Abdul Ghani. *Ele era paquistanês. Tinha que ser ele. As ligações com a polícia secreta, o ISI, só podiam ser dele. Claro que foi ele. Óbvio que ele era o traidor. Foi ele quem tentou nos prender e nos matar em Karachi. Era isso o que Khaled queria dizer na noite antes da batalha: não era Abdullah, mas Ghani, Abdul Ghani...*

— Você tem onde ficar? Um lugar seguro?

— O quê? Tenho.

— Ótimo — disse ele, apertando minha mão calorosamente. — Então vamos nos encontrar aqui, dentro de três dias, à uma da tarde, *Inshallah*.

— *Inshallah* — respondi, e ele saiu. Sua cabeça elegante estava erguida, seus passos eram corajosos e altivos, o porte, ereto.

Voltei a me sentar, evitando os olhares de meus amigos até que conseguisse disfarçar o horror que eu sabia que eles encontrariam em meus próprios olhos.

— O que é? — perguntou Didier.

— Nada — menti, sacudindo a cabeça e dando um sorriso forçado. Procurei meu copo e o ergui para voltar a brindar. — Onde estávamos mesmo?

— Íamos fazer um brinde ao cachorro de Ranjit — lembrou Vikram, muito sorridente —, mas eu gostaria de incluir o cavalo dele, se não for tarde demais.

— Você não sabe se ele *tem* um cavalo — opôs-se Didier.

— Também não sabemos se ele tem um cachorro — argumentou Vikram —,

mas isso não é empecilho. Ao cachorro de Ranjit!

— Ao cachorro de Ranjit! — repetimos.

— E ao cavalo dele! — acrescentou Vikram. — E ao cavalo do vizinho dele!

— Ao cavalo de Ranjit!

— Aos cavalos... em geral!

— E para os amantes de toda parte! — propôs Didier.

— E para os amantes... de toda parte... — respondi.

Mas de alguma forma, por algum motivo, o amor morrera dentro de mim, e de repente eu percebi aquilo, tive certeza de tudo. Meu sentimento por Karla não tinha acabado por completo. Nunca termina por completo. Mas eu não sentia o ciúme de outros tempos pelo desconhecido Ranjit. Não tinha raiva dele, nem nenhuma mágoa por causa dela. Sentia-me entorpecido e vazio ali, como se a guerra, a perda de Khaderbhai e Khaled, o confronto com Madame Zhou e os gêmeos tivessem aplicado uma espécie de anestesia em meu coração.

E, no lugar da dor, havia uma sensação de espanto — eu não conseguia descrever de outra forma — diante da traição de Abdul Ghani. Por trás daquela estupefação quase espiritual, um terror pulsante e fatalista. Pois, mesmo então, o futuro sangrento causado por sua traição se desdobrava e se derramava em nossas vidas como o desabrochar repentino de uma rosa do deserto que se desmancha, vermelha, sobre a terra árida e estéril.

UMA HORA DEPOIS DE EU SAIR da mansão de Abdul Ghani para enfrentar Madame Zhou, Nazeer e três de seus principais homens de confiança arrombaram a porta da casa ao lado e avançaram pela comprida oficina do subsolo, que ligava as duas casas. Ao mesmo tempo que eu abria caminho entre os escombros do Palácio arruinado de Madame Zhou, Nazeer e seus companheiros, usando máscaras de tricô negras, empurravam a porta do alçapão na cozinha de Ghani e invadiam a casa. Renderam o cozinheiro, um segurança, dois criados de Abdul e os falsificadores cingaleses, Villu e Krishna, e os trancaram em um pequeno aposento do porão. Enquanto eu escalava a escadaria chamuscada do Palácio para chegar ao sótão onde Madame Zhou estava, Nazeer se esgueirou até o grandioso escritório de Abdul e o encontrou sentado na poltrona, choroso e imóvel. E, quando eu abri o punho cerrado da vingança e passei a sentir pena do meu inimigo derrotado, a Madame que babava, Nazeer cumpriu a vingança em nome de Khader Khan e em seu próprio, matando o traidor que nos entregara no Paquistão.

Dois homens seguraram os braços de Abdul na poltrona. Um terceiro puxou sua cabeça para trás e manteve seus olhos abertos. Nazeer retirou a máscara. Fitando os olhos de Abdul, apunhalou-o no coração. Abdul devia saber que estava condenado à morte. Ficou sentado ali, sozinho, à espera de seus assassinos. Mas dizem que o grito que soltou veio das profundezas do inferno, que o clamava naquele momento.

Jogaram o corpo no assoalho encerado. Depois, enquanto eu lutava contra Rajan e seu irmão gêmeo no sótão do outro lado da cidade, Nazeer e seus homens utilizaram pesadas machadinhas para cortar as mãos, os pés e a cabeça de Abdul. Espalharam os pedaços do cadáver pela enorme casa, da mesma forma como Abdul Ghani mandara os assassinos de Sapna fazerem com os destroços do corpo do velho e leal Madjid. E quando deixei o Palácio, com o coração livre e quase em paz depois de tantos meses fixado na vingança, Nazeer e seus cúmplices soltaram Krishna, Villu e os criados — que consideraram não fazer parte das trapaças de Ghani —, e então deixaram a mansão para caçar os integrantes da facção de Ghani e liquidá-los.

— Fazia muito tempo que Ghani estava pirando, *yaar* — disse Sanjay Kumar, numa tradução livre das palavras de Nazeer, do urdu para o inglês. — Ele achava que Khader havia enlouquecido. Pensava que ele estava, como se diz, *obcecado*, sabe? Botou na cabeça que Khader ia perder todos os negócios, o dinheiro e o poder no conselho. Para ele, Khader passava tempo demais pensando no Afeganistão, na guerra, em todas essas coisas. E ele sabia que Khader tinha todas essas missões planejadas: negócios em Sri Lanka, na Nigéria e por aí vai. Assim, como não chegou a um acordo com Khader e não conseguiu fazê-lo mudar de ideia, resolveu inventar toda essa história de Sapna. As ações de Sapna eram uma operação de Ghani desde o início.

— A história inteira? — perguntei.

— Com certeza — respondeu Sanjay. — De Khader e de Ghani, dos dois. Mas o responsável era Ghani. Eles usavam a história para obter o que queriam dos tiras e do governo.

— Como?

— A ideia de Ghani era deixar todo mundo doido, os tiras, os políticos e os outros conselhos, com um inimigo em comum, que era Sapna. Quando os caras de Sapna começaram a esquarterjar as pessoas e espalhar os pedaços por toda parte, a falar sobre uma revolução e sobre Sapna ser o rei dos ladrões e tudo o mais, todo mundo ficou preocupado. Ninguém sabia quem estava por trás daquilo. Isso fez com que trabalhassem *com* a gente para pegar o filho da puta, em troca da nossa ajuda. Mas o objetivo de Ghani era atingir o próprio Khader.

— Não tenho certeza se no início ele queria — interrompeu Salman Mustaan, sacudindo a cabeça para seu grande amigo, como forma de enfatizar o que queria dizer. — Acho que ele começou, como sempre, dando apoio total a Khader. Mas a história de Sapna, aquilo era um negócio esquisito, cara, e acredito que deu um nó na cabeça dele.

— Seja como for — continuou Sanjay, ignorando os pequenos detalhes. — O resultado é o mesmo. Ghani tem uma quadrilha, os homens de Sapna, sua própria quadrilha, que só aceita ordens dele. E ele começa matando os filhos da puta por toda parte. Eram, em sua maioria, pessoas de quem ele queria mesmo se livrar, por razões comerciais, e não vejo problema nisso. Então está tudo certo, *yaar*. A porra da cidade enlouquece caçando este filho da mãe do Sapna, e todos os inimigos tradicionais de Khader resolvem ajudá-lo a contrabandear armas, explosivos e outras porcarias através de Bombaim, porque querem que *ele* os ajude a descobrir quem é Sapna e a acabar com ele. É um plano maluco, mas funciona, *yaar*. Então, um belo dia, um tira o procura. Era aquele tal de Patil... Você conhece esse cara, Lin, o subinspetor Suresh Patil. Ele trabalhava em Colaba. E é um babaca, *yaar*.

— Mas um babaca esperto — balbuciou Salman, respeitosamente.

— Ah, claro. É um babaca muito esperto. E ele diz para Ghani que a turma de Sapna deixou uma pista na cena do último assassinato, e que ela conduz ao conselho de Khader Khan. Ghani pira. Ele vê que toda a merda que andou fazendo pode aparecer bem na porta da sua casa. Percebe então que precisa fazer um sacrifício. Alguém do próprio conselho de Khader Khan, sabe, do núcleo dele, para ser esquarterjado e despistar os tiras. Concluíram que, se os tiras vissem um de nossos homens transformado em picadinho, pensariam que Sapna era nosso inimigo.

— E ele escolheu Madjid — Salman concluiu. — E funcionou. Patil era o tira encarregado do caso e estava lá quando puseram os pedaços do corpo de Madjid em sacolas. Ele sabia como Madjid era próximo a Khaderbhai. O pai de Patil... esse *sim*, um tira durão, *yaar*... tinha uma história com Khaderbhai. Ele o mandou para a cadeia uma vez.

— Khaderbhai foi para a prisão? — perguntei, desapontado por nunca ter feito essa pergunta ao Khan, embora tivéssemos conversado sobre o assunto

diversas vezes.

— Claro — Salman riu. — Ele chegou a fugir de Arthur Road.

— Você está de brincadeira!

— Você não sabia disso, Lin?

— Não.

— É uma história e tanto, *yaar* — declarou Salman, sacudindo a cabeça com entusiasmo. — Você precisa pedir para Nazeer lhe contar em alguma ocasião. Ele era o apoio de Khader Khan do lado de fora, durante a fuga. Naquela época, eles eram doidos, Nazeer e Khaderbhai, *yaar*.

Em concordância, Sanjay deu um tapa forte, bem-humorado, nas costas de Nazeer. Acertou exatamente o mesmo lugar onde ele se ferira e eu sabia que aquele tapa devia ter doído, mas agiu como se nada tivesse acontecido. Em vez disso, examinou meu rosto. Era minha primeira reunião formal depois da morte de Abdul Ghani e do fim da guerra de duas semanas que custara seis vidas e devolveu o poder do conselho da máfia às mãos da facção de Nazeer e Khader. Encontrei seu olhar e assenti lentamente com a cabeça. O rosto severo, que nunca sorria, suavizou-se por um instante, antes de recuperar a habitual seriedade.

— Pobre Madjid — disse Sanjay, com um suspiro pesado. — Ele foi apenas... como se chama aquele boi?

— Boi de piranha.

— Isso, boi de piranha. Os tiras, aquele babaca do Patil e seus homens, concluíram que não havia ligação entre Sapna e o conselho de Khader. Eles sabiam como Khader adorava Madjid e começaram a procurar em outros lugares. Ghani estava acima de qualquer suspeita, e depois de um tempo sua gangue voltou a esquartejar filhos da puta. Os negócios de sempre.

— Como Khader se sentia em relação a isso?

— Em relação a quê? — perguntou Sanjay.

— Ele está querendo saber sobre a morte de Madjid — interrompeu Salman.  
— Não é isso, Lin?

— É.

Houve uma pequena hesitação, enquanto os três olhavam para mim. Tinham expressões sombrias, quase ressentidas, como se eu lhes tivesse feito uma pergunta grosseira ou constrangedora. Mas os olhos, iluminados por segredos e mentiras, pareciam tristonhos e arrependidos.

— Khader aceitou tranquilamente — respondeu Salman. Senti o coração mudar de ritmo e murmurar sua dor.

Estávamos no Mocambo, um restaurante e café em Fort. Era limpo, com um bom serviço e um ar boêmio. Empresários ricos da região se misturavam a chefões do crime, advogados e celebridades do cinema e da indústria da televisão, que se desenvolvia rapidamente. Eu gostava do lugar e estava satisfeito por Sanjay tê-lo escolhido para nosso encontro. Tínhamos encarado uma refeição enorme, mas saudável, e *kulfi* de sobremesa, e já tomávamos o segundo café. Nazeer estava sentado a minha esquerda, com as costas voltadas para um canto do salão, em frente à porta para a rua principal. A seu lado estava Sanjay

Kumar, jovem e valente chefão hindu do subúrbio de Bandra, que foi meu companheiro de malhação. Ele conquistara uma posição permanente no que sobrou do conselho da máfia de Khader. Tinha trinta anos, era robusto, com boa forma e cabelos castanho-escuros, nos quais usava o secador para deixá-los volumosos como os dos heróis do cinema. Tinha um rosto atraente. Os olhos castanhos, separados, bem-protégidos por sobrancelhas altas, esbanjavam humor e confiança sobre um nariz largo, uma boca sorridente e um queixo suavemente arredondado. Ria com facilidade, uma risada sempre boa, calorosa, por mais frequente que fosse. E era generoso: não deixava que ninguém pagasse a conta. Ao contrário do que alguns pensavam, essa não era uma forma de ostentar, mas seu instinto de dar e compartilhar. Também era corajoso e confiável em dias de violentas crises, bem como no cotidiano mais corriqueiro. Era fácil gostar dele, e eu *gostava*. De vez em quando precisava me lembrar, com certo esforço, de que ele fora um dos que cortaram as mãos, os pés e a cabeça de Abdul Ghani com uma machadinha de açougueiro.

O quarto homem na mesa, sentado ao lado de Sanjay, como sempre, era Salman, seu melhor amigo. Salman Mustaan nasceu no mesmo ano que Sanjay e foi criado com ele no populoso e agitado subúrbio de Bandra. Foi uma criança precoce, pelo que me disseram, que surpreendera os pais pobres ao se tornar o melhor aluno em todas as matérias do colégio. Seu sucesso era ainda mais notável pelo fato de que, desde os cinco anos, o menino trabalhava com o pai, vinte horas por semana, depenando galinhas e fazendo a limpeza de uma granja da região.

Eu conhecia bem sua história, a partir de casos que me contara e confidências que me fizera enquanto nos exercitávamos na academia de Abdullah. Quando Salman anunciou que ia abandonar os estudos para dedicar mais horas ao trabalho e ajudar o sustento da família, um professor que conhecia Abdel Khader Khan pediu ao chefão que intercedesse em seu favor. Salman se tornou uma das crianças que recebiam bolsas de estudo de Khaderbhai — como meu conselheiro no posto de saúde da favela, o doutor Hamid — e decidiu-se que ele seria preparado para uma carreira de advogado. Khader matriculou Salman em uma escola católica administrada por jesuítas. Todos os dias, o menino da favela usava um uniforme branco limpo e estudava ao lado dos filhos da elite. Recebeu uma boa formação — o inglês falado de Salman era eloquente e seu conhecimento geral abarcava história, geografia, literatura, ciências e arte. Mas havia uma turbulência na personalidade do menino e uma fome de emoções que nem mesmo os braços fortes e as bengaladas dos jesuítas conseguiram dobrar.

Enquanto Salman enfrentava os jesuítas, Sanjay arranjava um trabalho na quadrilha de Khaderbhai. Trabalhou como mensageiro, levando recados e mercadorias contrabandeadas entre os escritórios da máfia pela cidade. Nas primeiras semanas de trabalho, Sanjay foi esfaqueado em uma briga com homens de uma quadrilha rival, que haviam tentado roubá-lo. O garoto reagiu e escapou dos agressores, deixando o pacote com o contrabando no centro de coleta de Khader, mas o ferimento foi grave e ele levou dois meses para se recuperar. Salman, seu amigo de infância, recriminou-se por não estar com Sanjay e abandonou a escola na mesma hora. Implorou ao Khan permissão para

se juntar ao amigo e trabalhar com ele como mensageiro. Khader concordou, e desde então os dois atuaram juntos na execução de todos os crimes do catálogo do conselho.

Na época, tinham apenas dezesseis anos. Semanas antes de nosso encontro no Mocambo, eles completaram trinta. Os garotos turbulentos se tornaram homens durões, que enchiam suas famílias de presentes e tinham em comum uma atitude um tanto espalhafatosa e agressiva. Embora tivessem apoiado as irmãs em casamentos de prestígio, ambos eram solteiros em um país onde aquilo era, no mínimo, pouco patriótico, para não se dizer sacrílego. Recusavam-se a casar, segundo Salman, porque acreditavam ou pressentiam que morreriam de forma violenta e ainda jovens. A perspectiva não os assustava nem os preocupava. Encaravam aquilo como uma troca justa: emoções, poder e riqueza suficiente para que suas famílias ficassem bem eram a contrapartida de vidas curtas que se encerrariam no beco sem saída da ponta de uma faca ou do cano de um revólver. E quando o grupo de Nazeer venceu a guerra contra a gangue de Ghani, os dois amigos passaram a ocupar postos no novo conselho: agora eram jovens chefões da máfia, graças a seus próprios méritos.

— Acho que Ghani *tentou* dizer a Khaderbhai o que estava em seu coração — disse Salman, pensativo, a voz clara e o inglês perfeitamente fluente e no tom exato. — Ele falou sobre a tal maldição do herói por mais ou menos um ano, antes de decidir inventar Sapna.

— Foda-se, *yaar* — grunhiu Sanjay. — Quem ele pensava que era para dar avisos a Khaderbhai? Quem era ele para nos encrencar com Patil e precisar mandar sua quadrilha esquarterar o velho Madjid? E, depois de tudo, ele ainda foi lá e delatou todo mundo para os filhos da puta dos tiras paquistaneses, *yaar*. Foda-se. Se eu pudesse desenterrar o *madachudh* e matá-lo de novo, faria isso hoje mesmo. Faria *todos os dias*. Seria um puta hobby.

— Quem era o verdadeiro Sapna? — perguntei. — Quem fazia as matanças para Abdul? Lembro que Khader certa vez me falou, depois do assassinato de Abdullah, que ele havia encontrado o Sapna verdadeiro. Disse que o matara. Quem era ele? E por que o matou, se estava trabalhando para ele?

Os dois rapazes se voltaram para Nazeer. Sanjay lhe fez algumas perguntas em urdu. Era um ato de respeito em relação ao homem mais velho: eles sabiam dos fatos tão bem quanto Nazeer, mas acatavam suas lembranças e o incluíam na discussão. Compreendi a maior parte da resposta de Nazeer, mas esperei que Sanjay traduzisse.

— Seu nome era Jeetendra. Chamavam-no de Jeetudada. Era um matador que manejava o revólver e a machadinha em Délhi. Ghani o trouxe para cá, junto com outros quatro sujeitos. Para falar a verdade, ele manteve os caras em hotéis cinco estrelas durante todo o maldito tempo, dois *anos*, cara! *Bahinchudh!* E ele se queixava o tempo todo de que Khader gastava dinheiro com os *mujahedin*, a guerra e tudo o mais enquanto mantinha esses psicopatas filhos da puta em hotéis cinco estrelas durante dois anos!

— Jeetudada tomou um porre quando Abdullah foi assassinado — acrescentou Salman. — Aquilo lhe deu nos nervos, sabe, todo mundo dizendo que

Sapna estava morto. Ele vinha cuidando do assunto Sapna durante quase dois anos e isso mexeu com a cabeça dele. Ele começou a acreditar na merda que ele, ou melhor, Ghani, havia inventado.

— Que estúpido, *yaar* — interrompeu Sanjay. — É um nome de *mulher*, Sapna. É a porra de um nome de *mulher*. É como se eu me chamasse de Lucy, ou coisa parecida. Que tipo de filho da mãe faz isso, *yaar*?

— O tipo que mata onze pessoas — respondeu Salman — e quase escapa. De qualquer maneira, ele ficou completamente bêbado na noite da morte de Abdullah, quando todo mundo dizia que Sapna estava morto. E ele abriu a boca e saiu dizendo para quem quisesse ouvir que *ele* era o verdadeiro Sapna. Estavam em um bar no hotel President. E ele começa a berrar que está pronto para contar tudo: quem estava por trás dos assassinatos, quem planejou, quem pagou por eles.

— *Gandu* maldito — rosnou Sanjay, empregando a gíria local para “babaca”. — Nunca conheci um desses psicopatas que não fosse dedo-duro, *yaar*.

— Para nossa sorte, havia uma maioria de estrangeiros naquela noite, e ninguém sabia do que ele falava. Um dos nossos estava lá no bar e mandou Jeetu fechar a matraca. Jeetudada disse que não tinha medo de Abdel Khader Khan, porque também tinha planos para ele. Falou que Khader ia acabar em pedaços, exatamente como Madjid. Então ele começa a brandir um revólver. Nosso homem telefonou para Khader na mesma hora. E o Khan foi lá e cuidou pessoalmente do assunto. Foi com Nazeer, Khaled, Farid, Ahmed Zadeh, o jovem Andrew Ferreira e alguns outros.

— Perdi essa, que merda! — praguejou Sanjay. — Queria cuidar daquele *maakachudh* desde o primeiro dia, principalmente depois do que aconteceu com Madjid. Mas eu estava em Goa, a trabalho. De qualquer maneira, Khader resolveu tudo.

— Ele foi encontrado perto do estacionamento do hotel President. Jeetudada e seus comparsas tentaram reagir. Houve um grande tiroteio. Dois de nossos homens ficaram feridos. Um deles foi Hussein... você sabe, ele agora cuida dos números no Ballard Pier. Foi assim que perdeu o braço. Levou uma rajada de tiros de carabina e aquilo praticamente lhe arrancou o braço. Se Ahmed Zadeh não tivesse feito um curativo e o arrastado para o hospital, ele teria sangrado até a morte, ali no estacionamento. Os quatro que estavam lá, Jeetudada e os outros três, foram massacrados. O próprio Khaderbhai deu tiros de misericórdia em suas cabeças. Mas um daqueles caras de Sapna não estava no estacionamento e conseguiu fugir. Não conseguimos encontrá-lo. Ele voltou para Délhi e desapareceu. Nunca mais ouvimos falar dele.

— Eu gostava daquele Ahmed Zadeh — disse Sanjay em voz baixa, dispensando o que, para ele, era um elogio extravagante, acompanhado por um pequeno suspiro triste de recordações.

— É — concordei, me lembrando do homem que sempre parecia à procura de um amigo na multidão. Aquele que morreu segurando a minha mão. — Ele era um bom sujeito.

Nazeer voltou a falar, com seu estilo raivoso, grunhindo as palavras como se

fossem ameaças.

— Quando os tiras paquistaneses foram informados sobre Khaderbhai — traduziu Sanjay —, era óbvio que Abdul Ghani estava por trás de tudo.

Assenti. Era *óbvio*. Abdul Ghani era do Paquistão. Tinha ligações estreitas e em altas esferas. Ele me dissera isso mais de uma vez, nos tempos em que eu trabalhava para ele. Perguntei-me por que aquilo não me ocorreu na época, quando a polícia deu a batida em nosso hotel no Paquistão. A primeira coisa que pensei foi que eu simplesmente gostava demais dele para suspeitar, o que era verdade. Mas o fato era que talvez eu tenha me sentido lisonjeado por sua atenção: Ghani foi meu padrinho no conselho, junto com o próprio Khader, e investiu tempo, energia e carinho em nossa amizade. E mais um fator pode ter desviado minha atenção em Karachi; minha mente estava repleta de vergonha e vingança. Lembrei-me da visita à mesquita, quando me sentei ao lado de Khaderbhai e Khaled para ouvir os Cantores Cegos. Rememorei a leitura da carta de Didier e a decisão, sob a luz amarelada e inconstante das lâmpadas, de matar Madame Zhou. Lembrei-me de pensar naquilo e de voltar a cabeça e encontrar o amor nos olhos dourados de Khader. Será que aquele amor e aquela raiva seriam capazes de ocultar uma coisa tão importante e tão óbvia quanto a traição de Ghani? E se não consegui perceber aquilo, o que mais teria deixado passar?

— Não se esperava que Khader sáisse do Paquistão — acrescentou Salman. — Nem Khaderbhai, nem Nazeer, nem Khaled, tampouco você. Abdul Ghani achava que era a chance de acabar com todo o conselho de uma vez só, todos os caras do conselho que não estavam do lado dele. Mas Khaderbhai tinha seus amigos no Paquistão e foi avisado. E você escapou da armadilha. Acredito que Abdul deve ter compreendido que estava liquidado a partir daquele dia. Mas ele permaneceu quieto e não se mexeu. Torcia, acho, para que Khader e todos vocês não sobrevivessem à guerra...

Nazeer o interrompeu, impaciente com o idioma inglês, que ele desprezava. Achei que compreendia o que ele dizia e traduzi suas palavras, pedindo a Sanjay que confirmasse se meu entendimento estava correto.

— Khader mandou Nazeer manter segredo sobre Abdul Ghani. Disse que, se alguma coisa acontecesse com ele na guerra, Nazeer deveria voltar para Bombaim e vingá-lo. Era isso?

— Isso — Sanjay fez que sim com a cabeça. — Você entendeu. E, depois, tivemos que cuidar do resto dos caras que estavam do lado de Ghani. Não sobrou nenhum. Estão todos mortos ou fora de Bombaim.

— O que nos leva à seguinte questão — Salman sorriu. Era um gesto raro, mas bondoso: o sorriso de um homem cansado, infeliz, endurecido. O rosto comprido era um pouco torto, com um olho mais baixo do que o outro, numa diferença equivalente a um dedo, um nariz quebrado que calcificara torto, e uma boca que se retorcia em um canto, onde um punho partira o lábio e uma sutura apertara a pele em excesso. O cabelo curto formava uma linha perfeitamente arredondada em sua testa, como uma auréola escura que caía sobre suas orelhas ligeiramente de abano. — Queremos que você cuide dos passaportes por um tempo. Krishna e Villu insistem muito. Estão um pouco...

— Um pouco abalados — interrompeu Sanjay. — Estão apavorados porque tinha gente sendo esquarterada por toda a Bombaim, a começar pelo próprio Ghani, enquanto estavam lá dentro daquele maldito porão. Agora a guerra acabou e nós ganhamos, mas eles continuam assustados. Não podemos nos dar ao luxo de perdê-los, Lin. Queremos que trabalhe com eles e os acalme. Perguntam por você o tempo todo e precisam de sua ajuda. Gostam de você, cara.

Olhei para cada um e parei em Nazeer. Se eu compreendia direito, era uma oferta tentadora. A facção vitoriosa de Khader havia reorganizado o conselho da máfia local sob o comando do velho Sobhan Mahmoud. Nazeer havia se tornado membro do conselho, bem como Mahmoud Melbaaf. Os novos nomes incluíam Sanjay, Salman, Farid e outros três chefões nascidos em Bombaim. Os últimos seis falavam marata tão bem quanto híndi e inglês. Aquilo me dava um ponto de contato muito significativo e singular com eles, pois eu era o único *gora* que conheciam que sabia falar marata. Era o único estrangeiro que fora algemado na prisão de Arthur Road. E um dos pouquíssimos homens, de qualquer origem, que sobrevivera à guerra de Khader. Gostavam de mim. Confiavam em mim. Viam-me como uma peça valiosa. A guerra da máfia estava encerrada. Na *Pax Mafía* que agora prevalecia em sua parte da cidade, havia fortunas a serem conquistadas. E eu precisava de dinheiro. Vivia de minhas economias e estava quase quebrado.

— O que exatamente você está pensando? — perguntei a Nazeer, sabendo que a resposta viria de Sanjay.

— Você cuida dos livros, dos carimbos, de todos os assuntos de passaporte, dos alvarás, vistos e cartões de crédito — respondeu ele, rapidamente. — Vai ter total controle. Exatamente como era nos tempos de Ghani. Nenhum problema. O que precisar, você terá. E vai receber sobre os lucros. Estou pensando em cinco por cento, mas a gente pode conversar se você achar pouco, *yaar*.

— E pode visitar o conselho sempre que quiser — acrescentou Salman. — Na condição de observador, se é que você me entende. O que tem a dizer?

— Vocês precisariam tirar a oficina do porão de Ghani — disse eu em voz baixa. — Não gostaria de trabalhar ali e não me surpreende que Villu e Krishna tenham ficado assustados com o lugar.

— Sem problema — Sanjay riu, dando um tapinha na mesa. — Vamos vender o lugar de qualquer maneira. Sabe, irmão Lin, aquele gordo filho da puta do Ghani pôs os dois casarões, o dele e o do vizinho, no nome do cunhado. Não há nada de errado nisso... É uma coisa que *todos* nós fazemos. Mas valem um bocado de dinheiro, Lin. São mansões do cacete, *baba*. Assim, depois que a gente cortou e fatiou o gordo filho da puta, o cunhado decide que não quer passar as casas para o nosso nome. Resolve bancar o durão e começa a falar em botar advogados e a polícia na jogada. Então tivemos que amarrá-lo sobre um grande *dubba* cheio de ácido, *yaar*, para baixar a bola dele. Agora não vê a hora de passar tudo para o nosso nome. Mandamos Farid cuidar do negócio. Ele resolveu tudo. Mas ficou muito putado, *yaar*, com a arrogância do cunhado de Ghani, ficou com muita raiva do *madachudh* por tê-lo obrigado a montar a história do barril de

ácido e tudo mais. Ele gosta de manter a simplicidade, nosso irmão Farid. Aquela história toda de pendurar o babaca sobre o ácido foi um tanto... como é que você diz, Salman? Qual são as palavras?

— De mau gosto — sugeriu Salman.

— Isso. O negócio foi de mau gosto. Farid gosta de ser respeitado, senão parte para a perseguição e fuzila o filho da puta. Então, do jeito que estava irritado, ele resolveu ficar com o imóvel do sujeito também, obrigando o cunhado a nos passar a *própria* casa, só por ter sido tão *madachudh* por conta das mansões de Ghani. Ele ficou sem nada, e nós, com *três* casas para vender, em vez de uma.

— É um negócio cruel e perverso, essa história de mercado imobiliário — concluiu Salman, com um sorriso maroto. — Quero que a gente entre nele assim que possível. Vamos assumir uma das grandes imobiliárias. Farid está cuidando do assunto. Tudo bem, Lin. Se você não quer trabalhar na casa de Ghani, onde é que gostaria de ficar?

— Gosto de Tardeo — sugeri. — Algum lugar perto de Haji Ali.

— Por que Tardeo? — perguntou Sanjay.

— Gosto de lá. É limpo... e tranquilo. E é perto de Haji Ali, que adoro. Tenho uma espécie de ligação sentimental com o lugar.

— *Thik hain*, Lin — concordou Salman. — Que seja Tardeo. Vamos mandar Farid começar a busca imediatamente. Mais alguma coisa?

— Vou precisar de alguns mensageiros, caras em quem eu confie. Gostaria de escolher meus próprios homens.

— Em quem você está pensando? — indagou Sanjay.

— Vocês não conhecem. São caras de fora. Mas são bons. Johnny Cigar e Kishore. Confio nos dois e sei que posso contar com eles.

Sanjay e Salman se entreolharam e depois olharam para Nazeer. Ele assentiu.

— Sem problema — disse Salman. — Só isso?

— Mais uma coisa — acrescentei, virando-me para Nazeer. — Quero que Nazeer seja meu contato no conselho. Se houver algum problema, por alguma razão, quero despachar com Nazeer em primeiro lugar.

Nazeer voltou a assentir, concedendo-me um sorrisinho no fundo dos olhos.

Apertei as mãos de um por um para fechar o acordo. A situação foi um pouco mais formal e solene do que eu esperava e precisei tensionar o queixo com força para não cair na gargalhada. E aquelas atitudes, a seriedade deles e meu impulso irresistível de rir, registravam a diferença entre nós. Apesar de tudo que eu gostava em Salman, Sanjay e nos outros — e a verdade era que eu amava Nazeer e lhe devia minha vida —, a máfia, para mim, era um meio de atingir um objetivo, e não se confundia com o próprio objetivo. Para eles, a máfia era uma família, um elo indestrutível que os prendia a cada minuto, até o último suspiro. A seriedade deles exprimia tal obrigação sagrada de um olhar para o outro, de uma mão lavar a outra, mas eu sabia que eles não acreditavam que significava o mesmo para mim. Eles me aceitavam e trabalhavam comigo — o branco, o *gora* maluco que foi para a guerra com Abdel Khader Khan —, mas esperavam que eu os abandonasse mais cedo ou mais tarde, para voltar ao

outro mundo, o das minhas lembranças e do meu sangue.

Eu não pensava assim, nem esperava que isso acontecesse, por ter queimado todas as pontes que poderiam me levar de volta para casa. E, embora eu tivesse que me esforçar para não rir diante da seriedade da pequena cerimônia, o aperto de mãos tinha, na realidade, me introduzido formalmente nas fileiras do crime organizado. Até aquele momento, eu cometera crimes a serviço de Khader Khan. Por mais difícil que seja para alguém de fora desse mundo compreender, eu poderia dizer, com toda a sinceridade, que os cometera por amor a ele; em nome da minha segurança pessoal, com certeza, mas por trás de todos os outros motivos se encontrava o amor paterno que eu ansiava receber dele. Com a morte de Khader, eu poderia ter rompido com tudo. Poderia ter ido... para praticamente qualquer lugar. Poderia ter feito... outra coisa. Mas não fiz. Juntei meu destino ao deles e me tornei um gângster, em nome de nada além do dinheiro, do poder e da proteção que a irmandade prometia.

Infringir as leis para ganhar a vida me mantinha ocupado: tão ocupado que eu conseguia esconder meus sentimentos do meu próprio coração. Tudo aconteceu rapidamente, depois daquela reunião no Mocambo. Farid encontrou as novas instalações em uma semana. O prédio de dois andares, a uma curta caminhada da mesquita flutuante de Haji Ali, tinha servido para abrigar os arquivos de um setor da administração municipal. Quando a seção se mudou para escritórios mais amplos e modernos, eles deixaram a maior parte das cadeiras, das mesas, dos armários e das prateleiras para trás. Ajustavam-se bem a nossas necessidades. Passei uma semana supervisionando uma equipe de faxineiros e trabalhadores, que tiravam a poeira e poliam todas as superfícies enquanto mudavam a posição da mobília para abrir espaço para as máquinas e as mesas de luz do porão de Ghani.

Nossos homens carregaram esses equipamentos especializados em um grande caminhão coberto e fizeram a entrega nas novas instalações tarde da noite. A rua estava estranhamente silenciosa quando o pesado caminhão manobrou até as portas duplas de nossa nova fábrica. Mas o som de sirenes e da movimentação dos carros de bombeiro era ouvido à distância. De pé, ao lado do nosso caminhão, eu observava a rua deserta, na direção daquela barulhada frenética.

— Deve ser um incêndio e tanto — balbuciei para Sanjay e ele caiu na gargalhada.

— Farid botou fogo — disse Salman, respondendo pelo amigo. — Dissemos que não queríamos ninguém vendo a gente transferir essas coisas para a fábrica nova, então ele provocou um incêndio para desviar as atenções. É por isso que a rua está tão vazia. Todo mundo que ainda está acordado foi ver o incêndio.

— Ele pôs fogo em uma empresa concorrente — riu Sanjay. — Agora entramos oficialmente no ramo imobiliário, porque nossos maiores rivais acabam de fechar as portas, devido aos estragos provocados. Vamos abrir nossa corretora amanhã, não muito longe daqui. E, esta noite, nenhum filho da puta curioso vai estar aqui para ver a mudança para a nova oficina. Farid matou dois coelhos com uma só cajadada, *na?*

Assim, enquanto o fogo e a fumaça turvavam o céu de meia-noite e os sinos

e as sirenes soavam a um quilômetro de distância, nós orientávamos na transferência dos pesados equipamentos para a nova fábrica. E Krishna e Villu foram trabalhar quase na mesma hora.

Nos meses em que fiquei longe, Ghani havia seguido minha sugestão de ampliar o foco da operação, passando a produzir alvarás, certificados, diplomas, licenças, cartas de crédito, crachás e outros documentos. Era um negócio promissor na emergente economia de Bombaim, e com frequência trabalhávamos até o amanhecer para atender à demanda. E o próprio negócio gerava mais negócios: à medida que as autoridades e instituições modificavam seus documentos para se proteger das nossas falsificações, nós os copiávamos detalhadamente e voltávamos a falsificá-los, a um custo extra.

— É uma espécie de competição da Rainha de Copas — disse eu a Salman Mustaan, depois que a nova fábrica de passaportes já funcionava a todo o vapor havia seis meses.

— *Lal ka Rani?* — perguntou ele. *Uma Rainha de Copas?*

— É. Tem a ver com biologia. Tem relação com hospedeiros, como o corpo humano, e os parasitas, como vírus e coisas semelhantes. Estudei o assunto quando cuidava do posto de saúde na *zhopadpatti*. Os hospedeiros, nosso corpo, e os vírus, o que nos faz adoecer, vivem em uma difícil competição. Quando o parasita ataca, o hospedeiro desenvolve uma defesa. Então o vírus se modifica para superar essa defesa, e o organismo desenvolve uma nova defesa. E isso nunca termina. Chama-se competição da Rainha de Copas. Vem da história de *Alice no País das Maravilhas*, sabe?

— Conheço — respondeu Salman. — Lemos na escola. Mas nunca entendi.

— Isso não é um problema. Ninguém entende. Em todo o caso, a menininha Alice encontra a Rainha de Copas, que corre incrivelmente rápido mas nunca parece chegar a lugar nenhum. Ela diz para Alice que, em seu país, é preciso correr a toda a velocidade para não sair do lugar. E o mesmo acontece com a gente e as instituições que emitem passaportes, as agências reguladoras e os bancos do mundo inteiro. Eles mudam os passaportes e os outros documentos para dificultar a nossa vida. E nós encontramos formas de falsificá-los. E eles continuam a modificar a forma de fazê-los, e continuamos a descobrir novas maneiras de falsificá-los e adaptá-los. É uma competição da Rainha de Copas, e todos precisam correr rápido à beça para ficar no mesmo lugar.

— Acho que você está fazendo mais do que se manter no mesmo lugar — afirmou ele. Seu tom era tranquilo, mas categórico. — Está fazendo um trabalho do cacete, Lin. O negócio das identidades é de matar, é um mercado enorme. A demanda não para. E o trabalho é bom. Até agora, todos que usaram seus livros têm passado por qualquer parte sem problemas, *yaar*. Aliás, é por isso que o chamei para almoçar conosco hoje. Tenho uma surpresa para você, uma espécie de presente, e tenho certeza de que vai gostar. É uma maneira de lhe agradecer, *yaar*, pelo ótimo trabalho.

Não olhei para ele. Caminhávamos rapidamente, lado a lado, pela Mahatma Ghandi Road, em direção ao cruzamento de Regal Circle, em uma tarde quente e sem nuvens. Nos pontos em que a calçada estava repleta de gente parada nas

bancas, partíamos para a rua, com um fluxo lento e incessante de trânsito atrás de nós e ao nosso lado. Eu não olhei para Salman porque tinha passado a conhecê-lo bem o bastante naqueles seis meses para saber que estava constrangido pelos elogios com que decidi me brindar. Salman era um líder nato, mas, como muitos que têm o dom do comando e o instinto para mandar, ele se incomodava profundamente com todas as expressões da arte de liderar. No fundo, era um homem humilde, e a humildade o tornava honrado.

Lettie disse certa vez que achava estranho e incongruente me ouvir descrever criminosos, assassinos e mafiosos como pessoas honradas. A confusão, eu acho, era dela, e não minha. Ela confundia honra com virtude. A virtude se refere ao que fazemos, e a honra diz respeito ao modo como o fazemos. É possível participar de uma guerra de forma honrada — a Convenção de Genebra existe por essa razão —, e você pode manter a paz sem honra nenhuma. Em essência, a honra é a arte de ser humilde. E os gângsteres, assim como os tiras, os políticos, os soldados e os clérigos, só são bons se permanecerem humildes.

— Você sabe — afirmou ele, enquanto nos dirigíamos para uma calçada mais ampla diante da varanda dos prédios da universidade. — Estou feliz que o lance com seus amigos, aqueles que no começo você queria que o ajudassem com os passaportes, não tenha dado certo.

Franzi a testa e permaneci em silêncio, acompanhando o ritmo de seus passos rápidos. Johnny Cigar e Kishore haviam recusado o convite para trabalhar comigo na fábrica de passaportes, e isso me deixara surpreso e desapontado. Partira do pressuposto de que eles não hesitariam em aproveitar a oportunidade de ganhar dinheiro — muito mais do que já haviam sonhado ganhar sozinhos. Jamais podia imaginar as expressões entristecidas e ofendidas que apagaram seus sorrisos quando, afinal, compreenderam que eu lhes oferecia nada mais do que uma chance de ouro para cometer crimes comigo. Nunca passara pela minha cabeça que talvez não quisessem fazer tal coisa. Nem tampouco que eles se recusariam a trabalhar com criminosos e para criminosos.

Lembrei-me de me afastar de seus sorrisos petrificados, forçados e constrangidos naquele dia. Uma pergunta havia entrado na minha cabeça como um punho cerrado, bem atrás dos olhos: *Será que eu estava assim tão fora de sintonia com os pensamentos e os sentimentos dos homens decentes?* A pergunta ainda reverberava seis meses depois. A resposta ainda me encarava das vitrines espelhadas das lojas por onde passávamos pelo caminho.

— Se aqueles seus homens estivessem trabalhando — prosseguiu Salman —, eu não teria deixado Farid com você. E estou supercontente de tê-lo deixado com você. Ele é um cara bem mais feliz. Ficou muito mais descontraído. Ele gosta de você, Lin.

— Também gosto dele — respondi depressa, sorrindo apesar da testa franzida. E era verdade. Gostava de Farid e estava feliz por tê-lo como amigo próximo.

Farid, o jovem tímido mas competente que conheci em minha primeira visita ao conselho da máfia de Khader, mais de três anos antes, tinha se transformado em um homem durão, destemido e raivoso, cujo sentimento de lealdade ocupava

plenamente sua jovem vida. Quando Johnny Cigar e Kishore recusaram minhas ofertas de trabalho, Salman designou Farid e Andrew Ferreira, de Goa, para trabalharem comigo. Andrew era falante e inteligente, mas sentia falta da companhia de seus jovens amigos bandidos, e não ficamos tão próximos. Farid, porém, tinha passado a maior parte dos dias e das noites comigo. Gostávamos um do outro e nos compreendíamos.

— Ele estava quase pirando, eu acho, quando Khader morreu e tivemos de liquidar os homens de Ghani — confidenciou-me Salman. — A situação ficou bem complicada, você se lembra, todos nós fizemos... coisas *pouco habituais*. Mas Farid ficou doido. Estava começando a me preocupar. Às vezes, no nosso ramo, é preciso pegar pesado. É como as coisas são. Mas o problema é quando você começa a *gostar* disso, *na*? Precisei conversar com ele. “Farid”, eu lhe disse, “esquartejar gente não deve ser a primeira opção. Deve estar lá embaixo na lista. Não deve sequer se encontrar na mesma página da primeira opção.” Mas ele foi em frente e continuou a fazer isso. Então, mandei que fosse trabalhar com você. E agora, depois de seis meses, ele é um sujeito bem mais calmo. Deu muito certo, *yaar*. Acho que vou precisar mandar para você os filhos da puta mais cruéis e mais malucos, Lin, para que dê um jeito neles.

— Ele se culpava por não estar lá quando Khader morreu — disse eu, enquanto contornávamos a curva da galeria de arte Jehangir, prédio coroado com uma cúpula. Ao vermos uma pequena brecha no trânsito, corremos para atravessar o cruzamento em Regal Circle, desviando e costurando entre os carros.

— *Todos* nos culpamos — balbuciou Salman, em voz baixa, quando chegamos a um lugar na frente do cinema Regal.

Era uma frase mínima, três palavrinhas, e não dizia nada de novo, nada além do que eu já sabia. Porém, aquela pequena frase tremeu em meu coração, e uma avalanche de lamentações começou a estremecer, sair do lugar e desmoronar. Por quase um ano e até aquele momento, minha raiva de Khaderbhai havia me protegido da dor de sua perda. Outros haviam desabado, se desintegrado e ficado furiosos diante do choque e da tristeza por sua morte. Fiquei tão exasperado com ele que minha cota de sofrimento ainda estava ali, abafada sob a neve, naquelas montanhas onde ele morreria. Eu tinha uma sensação de perda. Havia sentido quase desde o início. E não odiava o Khan — eu sempre o amei e ainda o amava naquele instante em que paramos na porta do cinema, à espera de nossos amigos. Mas eu não havia de fato sofrido sua perda — não como fizera por Prabaker, ou mesmo por Abdullah. De alguma forma, o comentário casual de Salman, de que todos nos culpávamos por não estar com Khader quando ele morreu, havia abalado minha tristeza congelada, e a lenta e inexorável avalanche da saudade começou bem ali, naquele momento.

— Acho que estamos um pouco adiantados — observou Salman, animadamente, e eu estremei ao me obrigar a voltar minha atenção para aquele momento, ao lado dele.

— É.

— Eles vêm de carro, nós viemos andando e *ainda* assim chegamos na

frente.

— É uma boa caminhada. À noite, é ainda melhor. Faço muito este passeio: da Causeway até a estação Victoria e de volta. É um dos meus preferidos na cidade.

Salman me fitou com um sorriso nos lábios e a testa franzida de forma a exagerar ligeiramente a linha torta de seus olhos cor de amêndoa.

— Você gosta mesmo deste lugar, não é? — perguntou.

— Com certeza — respondi, um pouco na defensiva. — Não quer dizer que goste de tudo daqui. Há muita coisa de que *não* gosto. Mas amo este lugar. Adoro Bombaim e acho que sempre vou adorar.

Ele sorriu e olhou para o fim da rua. Lutei para controlar meu rosto e manter a expressão calma e serena. Mas era tarde demais. A dor já havia começado.

Agora sei o que estava acontecendo comigo, o que me fazia sucumbir, o que estava prestes a me consumir e quase me destruir. Didier deu até um nome para isso — dor assassina, foi como ele chamou: o tipo de sofrimento que aguarda e faz emboscada, sem aviso nem piedade. Agora sei que a dor assassina pode se esconder por anos e então atacar subitamente, no mais feliz dos dias, sem motivo ou explicação plausível. Mas naquele dia, seis meses depois de começar a trabalhar na fábrica de passaportes e quase um ano após a morte de Khader, eu não conseguia entender o estado de espírito sombrio e trêmulo que tomava conta de mim e se dilatava em uma tristeza que eu negara por tanto tempo. Como não podia compreender, tentei lutar contra ela como se luta contra o sofrimento e o desespero. Mas a gente não consegue engolir a dor assassina e simplesmente forçá-la a ir embora. O inimigo nos persegue, passo a passo, e sabe de todos os nossos atos antes mesmo que a gente tenha tempo de executá-los. O inimigo é nosso próprio coração dolorido e, quando ele ataca, não erra.

Salman virou-se mais uma vez para mim, os olhos cor de âmbar reluzindo sob a capa de seus pensamentos.

— Naquela vez, quando fizemos a guerra para nos livrar dos homens de Ghani, Farid tentava ser um novo Abdullah. Ele o amava, sabe? Ele o amava como a um irmão. E acredito que tentava *ser* Abdullah. Acho que pensava que precisávamos de um novo Abdullah para ganhar a guerra. Mas não funciona assim, não é? Tentei explicar a ele. Digo isso para todos os rapazes... especialmente aqueles que tentam ser como *eu*. Você só poder ser você. Quanto mais tenta se tornar outra pessoa, mais se atrapalha. Olhe, lá estão os caras!

Um Ambassadeur branco parou na nossa frente. Farid, Sanjay, Andrew Ferreira e Amir — um muçulmano de Bombaim, durão, com quarenta anos — saíram do carro e se juntaram a nós. Apertamos as mãos enquanto o carro se afastava.

— Vamos esperar um minuto, enquanto Faisal estaciona — sugeriu Sanjay.

Era verdade que Faisal, que cuidava do esquema de extorsão com Amir, estava estacionando o carro. Também era fato — e talvez mais importante — que Sanjay estava se divertindo com nosso grupo, que chamava a atenção na tarde quente e despertava olhares furtivos, mas febris, da maior parte das moças que passavam por nós na rua movimentada. Éramos *goondas*, chefões do crime,

e quase todo mundo sabia disso. Nossas roupas eram novas, caras e seguiam a última moda. Estávamos todos em boa forma. Éramos autoconfiantes. Todos perigosos e armados.

Faisal apareceu na esquina e acenou com a cabeça para avisar que o carro estava estacionado em local seguro. Juntamo-nos a ele e caminhamos três quarteirões até o hotel Taj Mahal em fila indiana. O caminho de Regal Circle até o Taj Mahal atravessava praças espaçosas e repletas de gente. Mantivemos nossa fileira com facilidade, pois a multidão nos dava passagem. As cabeças se viravam e uma onda de cochichos nos seguia.

Subimos os degraus de mármore branco do Taj e nos dirigimos ao restaurante Shamiana, no térreo. Dois garçons nos acomodaram em uma mesa comprida, perto de uma janela alta com vista para o pátio, reservada para o grupo. Sentei-me em uma das cabeceiras da mesa, a mais próxima à saída. O estado de espírito sombrio, estranho e avassalador despertado pela curta frase de Salman se acentuava a cada minuto. Eu queria poder ir embora a qualquer minuto, mas sem deixar o grupo preocupado. Os garçons me cumprimentaram com sorrisos largos, chamando-me de *gao-alay*, ou conterrâneo, o equivalente indiano ao *paisano* da Itália. Eles me conheciam bem — *o gora* que falava marata — e tagarelamos por algum tempo no dialeto aldeão que aprendera em Sunder, havia mais de quatro anos.

A comida chegou e os homens comeram com apetite. Eu também estava com fome, mas não conseguia comer e me limitei a beliscar apenas para não parecer mal-educado. Tomei duas xícaras de café preto e tentei fazer minha mente perturbada e tempestuosa acompanhar as conversas. Amir descrevia o filme que havia visto na noite anterior — uma história hindí, em que os chefões eram bandidos cruéis e o herói, sozinho e desarmado, superava a todos. Contou nos mínimos detalhes todas as sequências de luta e os homens caíram na gargalhada. Amir era um homem cheio de cicatrizes, com cabeça achatada, sobrancelhas grossas e um bigode que percorria a ondulação sobre seu lábio superior, como a proa larga de um barco da Caxemira. Ele adorava rir e contar casos, e sua voz segura e sonora atraía a atenção.

Faisal, o companheiro constante de Amir, era ex-campeão de boxe da liga juvenil. Quando fez dezenove anos, após um ano de duras lutas profissionais, ele descobriu que seu agente havia desviado e gastado todas as economias que ele lhe confiara, proveniente das lutas. Faisal foi atrás do homem. Quando o encontrou, bateu nele sem parar, até que estivesse morto. Cumpriu oito anos de prisão pelo crime e foi banido do boxe pelo resto da vida. Na cadeia, o adolescente ingênuo e temperamental se transformou em um rapaz frio e calculista. Um dos caçadores de talento de Khaderbhai o recrutou na prisão e ele cumpriu seu estágio na máfia nos últimos três anos de sua pena. Nos quatro anos que se seguiram a sua libertação, Faisal trabalhara como principal capanga de Amir no promissor esquema de extorsão. Era rápido, impiedoso e determinado a cumprir qualquer tarefa designada a ele. O nariz quebrado e achatado, aliado à bela cicatriz que cortava a sobrancelha esquerda, lhe dava uma aparência assustadora e endurecia o que de outra forma seria um rosto supernormal e

atraente.

Eram sangue novo, os novos chefões da máfia, senhores da cidade: Sanjay, o assassino eficiente que parecia um astro de cinema; o simpático Andrew, de Goa, que sonhava em assumir um lugar no conselho da máfia; Amir, o veterano endurecido com dom para contar histórias; Faisal, o assecla frio que fazia apenas uma pergunta — *Dedo, braço, perna ou pescoço?* — quando recebia uma tarefa; Farid, também conhecido como o Subnador, que resolvia problemas com fogo e medo e que criara seis irmãos mais novos sozinho, quando os pais morreram em uma favela acometida pelo cólera; e Salman, o tranquilo, humilde, líder nato, que controlava a vida de centenas de pessoas no pequeno império que herdara e que mantinha com mão de ferro.

E eram meus amigos. Mais do que amigos, eram meus irmãos naquela irmandade do crime. Estávamos ligados pelo sangue — nem todo ele derramado por outras pessoas — e por infindáveis obrigações. Se eu precisasse deles, não importava o que tivesse feito nem o que queria que fizessem, eles me ajudariam. Se precisassem de mim, eu estaria ali, sem hesitação ou arrependimento. Eles sabiam que podiam contar comigo. Souberam disso quando Khader me convidou a acompanhá-lo na guerra e eu fui, arriscando minha vida. Eu sabia que podia contar com eles. Quando precisei, Abdullah ficou ao meu lado para ajudar a resolver o problema com o corpo de Maurizio. Pedir ajuda para se livrar do cadáver de alguém assassinado é uma prova importante. Não são muitos os que passam nesse teste. Todos naquela mesa haviam passado, alguns mais de uma vez. Era uma turma de confiança. A equipe perfeita para mim, um foragido com a cabeça a prêmio. Nunca tinha me sentido tão seguro — nem mesmo sob a proteção de Khaderbhai —, e não deveria me sentir sozinho.

Mas eu *estava* sozinho por duas razões. A máfia era deles, não minha. Para eles, a organização sempre vinha em primeiro lugar. Eu era leal aos homens, não à máfia; aos irmãos, e não à irmandade. Trabalhava para a máfia, mas não passei a fazer parte dela. Não sou do tipo que adere. Nunca encontrei um clube, um clã ou uma ideia que fosse mais importante para mim do que os homens e as mulheres que acreditavam neles.

E havia outra diferença entre mim e os homens daquele grupo — uma divergência tão profunda que a amizade sozinha não conseguiria superá-la. Eu era o único homem daquela mesa que nunca matara um ser humano, por impulso ou a sangue-frio. Até Andrew, o amistososo e tagarela Andrew, havia disparado sua Beretta contra um inimigo encurralado — um dos matadores de Sapna — e esvaziado sete balas no peito do homem até ele morrer, como diria Sanjay, duas ou três vezes.

Bem naquele momento, as diferenças me pareciam imensas e insuperáveis — muito maiores e mais significativas do que as centenas de talentos, desejos e tendências que tínhamos em comum. Eu escapulia deles, exatamente naquele lugar, ali, na mesa comprida do Taj. Enquanto Amir contava histórias e eu tentava assentir com a cabeça, sorrir e gargalhar com os outros, a tristeza alojou-se no meu peito. O dia, que tinha começado bem e deveria ter sido como qualquer outro, sandalara com as palavrinhas de Salman. O salão estava quente,

mas eu sentia frio. Minha barriga tinha fome, mas eu não conseguia comer. Embora cercado de amigos em um restaurante imenso e lotado, estava mais solitário do que uma sentinela *mujahedin* na véspera de uma batalha.

Ergui os olhos e vi Lisa Carter entrar no restaurante. O cabelo louro e comprido tinha sido cortado. O estilo novo e curto combinava bem com seu rosto bonito, honesto e aberto. Ela vestia roupas azul-claras — sua cor favorita —, uma camisa larga com calça, e, para combinar, óculos escuros de armação azul presos nos cabelos pesados. Parecia uma criatura de luz, feita de céu e luz branca e límpida.

Sem pensar, levantei-me, pedi licença e deixei meus amigos. Ela viu quando me aproximei. Revelou-se em seu rosto um sorriso tão grande quanto esperança de um apostador, enquanto ela abria os braços para me abraçar. Então ela soube. Uma das mãos tocou em meu rosto, as pontas dos dedos lendo o braille das cicatrizes, enquanto a outra pegava meu braço e me conduzia para fora do restaurante, até o saguão do hotel.

— Não vejo você há semanas — disse ela quando nos sentamos em um canto tranquilo. — O que há de errado?

— Nada — menti. — Você ia almoçar?

— Não. Ia só tomar um café. Estou hospedado aqui, na ala antiga, que dá para a Porta. É uma vista que vale um milhão de dólares e um ótimo quarto. Vou ficar nele durante três dias, enquanto Lettie costura um acordo com um grande produtor. Este é um dos benefícios que ela conseguiu arrancar dele. O negócio do cinema... o que posso dizer?

— Como vai o negócio?

— Ótimo — disse ela com um sorriso. — Lettie ama cada minuto. Ela agora trabalha com todos os estúdios e diretores de elenco. Faz isso melhor do que eu. Seus contratos são cada vez mais vantajosos. E eu fico com os turistas. Prefiro essa parte. Gosto de conhecê-los e de trabalhar com eles.

— E você gosta porque, mais cedo ou mais tarde, por mais legais que sejam, eles sempre vão embora?

— É. Por isso também.

— Como está Vikram? Não o vejo desde... desde a última vez que vi você e Lettie.

— Ele está legal. Você conhece Vikram. Seu tempo agora está bem mais livre. Sente falta daquele trabalho de dublê. Gostava muito e era ótimo naquilo. Mas deixava Lettie maluca. Ele vivia pulando de caminhões em movimento, atravessando janelas e coisas parecidas. Ela ficava muito preocupada, por isso o fez desistir daquilo.

— E o que ele está fazendo agora?

— Virou uma espécie de chefe, sabe? É o vice-presidente executivo da empresa que Lettie começou com Kavita, Karla e Jeet. E eu. — Ela interrompeu a ponto de dizer alguma coisa, depois foi em frente. — Ela andou perguntando por você.

Fitei-a sem dizer nada.

— Karla — explicou ela. — Quer vê-lo, eu acho.

Mantive o silêncio. Eu gostava um pouco do fato de tantas emoções

atravessarem a paisagem imaculada do seu rosto.

— Você chegou a ver o trabalho dele como dublê? — perguntou ela.

— De Vikram?

— É. Ele fez muita coisa antes que Lettie o mandasse parar.

— Andei ocupado. Mas quero muito saber de Vikram.

— Por que não o procura?

— Eu vou fazer isso, sim. Ouvi dizer que ele passa os dias no mercado de Colaba. Quero muito vê-lo. Trabalho muitas noites, por isso não tenho passado no Leopold. É que... tenho andado... ocupado.

— Eu sei — disse ela baixinho. — Talvez ocupado demais, Lin. Sua aparência não está nada boa.

— Dá um tempo — suspirei, tentando não rir. — Malho todo dia. Pratico boxe ou caratê dia sim, dia não. Não podia estar mais em forma.

— Você sabe o que quero dizer — insistiu ela.

— Sim, eu entendo. Escute, é melhor eu deixar você ir...

— Não. É melhor você não deixar.

— Não? — disse eu, com um sorriso fingido.

— Isso. Você precisa vir comigo agora até o meu quarto. Podemos pedir café. Venha. Vamos lá.

E ela tinha razão: a vista era espetacular. Barcos turísticos rumo às cavernas da ilha Elephanta ou de volta à praia se erguiam sobre as ondas e as venciam, deslizando orgulhosos. Centenas de embarcações menores oscilavam como aves que limpam as penas da asa na água rasa, enquanto imensos cargueiros, ancorados no horizonte repousavam naquela superfície imóvel de sossego onde o oceano se transforma em baía. Na rua abaixo, os turistas desfilavam, criando coloridas guirlandas com seus movimentos através e em torno da galeria alta de pedra do monumento Porta da Índia.

Ela tirou os sapatos e sentou na cama com as pernas cruzadas. Sentei-me perto dela, na beirada da cama. Fitei o chão, perto da porta. Ficamos em silêncio por algum tempo, ouvindo os ruídos que entravam no quarto com uma brisa que mexia as cortinas, fazendo-as se encher e se esvaziar.

— Eu acho — começou ela, respirando fundo — que você devia morar comigo.

— Bem, isso é...

— Escute — interrompeu ela, erguendo as palmas das mãos para que eu fizesse silêncio. — Por favor.

— É que eu não acho...

— Por favor.

— Tudo bem — sorri, sentando-me mais para o meio da cama, de forma a apoiar as costas na cabeceira.

— Encontrei um lugar. É em Tardeo. Sei que você gosta de lá. Eu também. Eu sei que você vai gostar do apartamento, porque é o tipo de lugar que tem a ver com nós dois. Acho que é aí que estou tentando chegar, o que quero dizer. Gostamos das mesmas coisas, Lin. E temos muito em comum. Nós dois vencemos a droga. É uma coisa difícil pra cacete, e você sabe disso. Não são muitos que conseguem. Mas nós dois conseguimos, e acho que é porque somos

parecidos, eu e você. Nós ficaríamos bem juntos, Lin. Nós ficaríamos... muito bem.

— Não tenho certeza... de ter vencido a droga, Lisa.

— Você venceu, Lin.

— Não. Eu não posso dizer que nunca mais vou tocar naquilo, então não posso dizer que venci a droga.

— Mais um motivo para que a gente se junte, não vê? — ela insistia, implorava com o olhar, à beira das lágrimas. — Vou manter você na linha. Eu *posso* dizer que nunca mais vou tocar nas drogas, porque eu *detesto* aquilo. Se ficarmos juntos, podemos trabalhar com cinema, nos divertir e tomar conta um do outro.

— Tem coisas demais...

— Escute, se você está preocupado com a Austrália e a cadeia, a gente poderia ir para outro lugar... algum lugar onde nunca irão nos encontrar.

— Quem lhe falou sobre isso? — perguntei, mantendo o rosto impassível.

— Karla me contou — respondeu sem vacilar. — Foi na mesma conversa que ela me disse para tomar conta de você.

— Karla disse isso?

— Disse.

— Quando?

— Muito tempo atrás. Perguntei a ela sobre você... sobre os sentimentos em relação a você e o que queria fazer.

— Por quê?

— Como assim *por quê*?

— Quero dizer — respondi lentamente, segurando sua mão —, por que você quis saber sobre os sentimentos de Karla?

— Por que eu estava a fim de você, seu bobo! — ela explicou, fitando meus olhos por um segundo e depois desviando. — Foi por isso que fiquei com Abdullah, para deixar você com ciúmes, ou interessado, ou pelo menos para estar mais perto de você através dele, porque ele era seu amigo.

— Meu Deus — suspirei. — Sinto muito.

— Ainda é Karla? — perguntou-me, com o olhar acompanhando as subidas e descidas da cortina na janela. — Você ainda está apaixonado por ela?

— Não.

— Mas você ainda a *ama*.

— Sim.

— E... o que sente por mim? — perguntou-me.

Não respondi, porque não queria que ela soubesse a verdade. Eu mesmo não queria saber. E o silêncio se adensou e dilatou-se até eu conseguir sentir o formigamento e a pressão sobre a minha pele.

— Tenho um amigo — ela disse, afinal. — É um artista plástico. Um escultor. O nome dele é Jason. Você o conhece?

— Não, acho que não.

— Ele é inglês e tem um jeito bem inglês de ver as coisas. É bem diferente do nosso, do estilo americano, quer dizer. Ele tem um ateliê enorme perto da

praia de Juhu. Vou lá de vez em quando.

Ela se calou de novo. Ficamos sentados ali, sentindo a brisa, mais fresca ou mais morna, à medida que o ar da rua e da baía invadia o quarto. Eu percebia seus olhos sobre mim com um rubor de vergonha. Fitei nossas mãos unidas sobre a cama.

— Da última vez que fui lá, ele trabalhava em uma ideia nova. Estava preenchendo embalagens com gesso, usando aquelas fôrmas de plástico que costumavam conter brinquedos, sabe, aquelas caixas de isopor que ficam em volta de um televisor novo. Ele chama isso de espaços negativos. Emprega esse material como moldes e faz esculturas. Já criou uma centena de coisas desse tipo... formas criadas a partir de caixas de ovos, embalagens vazias de escovas de dente e de fones de ouvido.

Virei-me para olhá-la. O céu em seu olhar guardava minúsculas tempestades. Os lábios, esculpido com pensamentos secretos, estavam cheios da verdade que ela tentava me contar.

— Andei por ali, no ateliê, sabe, examinando todas aquelas esculturas brancas e pensei: é isso que *eu* sou. É o que sempre fui. A vida inteira. Espaço negativo. Sempre à espera de alguém, alguma coisa ou algum tipo de sentimento verdadeiro que me preencha e me dê uma razão...

Quando a beijeí, a tempestade de seus olhos azuis veio para nossas bocas. As lágrimas que deslizaram por sua pele com perfume de limão eram mais doces que o mel das abelhas sagradas no jardim do Templo de Jasmim de Mombadevi. Deixei que chorasse por nós. Deixei que vivesse e morresse por nós nas longas e lentas histórias contadas por nossos corpos. Então, quando as lágrimas pararam, ela nos cercou de uma beleza elegante e espontânea, que era só dela: nascida de um coração corajoso e materializada pela verdade de seu amor e de sua carne. E quase funcionou.

Beijamo-nos de novo, enquanto eu me preparava para deixar o quarto — bons amigos, amantes, unidos um ao outro ali e para sempre pelo contato e pelas carícias de nossos corpos, mas não completamente curados nem restabelecidos por isso. Ainda não.

— Ela ainda está aí, não é? — disse Lisa, enrolando uma toalha no corpo para ficar de pé à beira da janela, na brisa.

— Estou deprimido hoje, Lisa. Não sei por quê. Foi um longo dia, não tem nada a ver conosco. Eu e você... foi bom... pelo menos, para mim.

— Para mim também. Mas acho que ela ainda está aí, Lin.

— Não. Eu não estava mentindo antes. Não sou mais apaixonado por ela. Alguma coisa aconteceu quando voltei do Afeganistão. Ou então no Afeganistão. Simplesmente... acabou.

— Vou lhe contar uma coisa — murmurou ela, e se voltou para me encarar, falando com uma voz mais firme e clara. — É sobre ela. Acredito em você, não que disse, mas acho que precisa saber disto antes de falar que acabou.

— Não preciso...

— Por favor, Lin! É coisa de mulher. *Preciso* lhe contar porque você não pode dizer que tudo acabou, a não ser que saiba a verdade sobre ela... a não ser

que você entenda como ela funciona. Se eu contar e nada mudar, ou se não fizer diferença para seus sentimentos, então vou saber que você está livre.

— E se *fizer* diferença?

— Bem, talvez ela mereça uma segunda chance. Não sei. Só posso lhe dizer que nunca compreendi Karla até ela me contar. Depois disso, passou a fazer sentido. Então... acho que você precisa saber. De qualquer maneira, se vai haver alguma coisa entre nós, eu quero ficar livre... do passado, quer dizer.

— Tudo bem — cedi, sentando-me em uma cadeira perto da porta. — Vá em frente.

Ela se sentou mais uma vez na cama, pousando o queixo sobre os joelhos bem enrolados na toalha. Ela havia mudado, eu não podia ignorar — talvez uma espécie de sinceridade no jeito como seu corpo se movimentava, e uma expressão nova, quase lânguida, que suavizava seus olhos. Eram mudanças provocadas pelo amor, por isso eram belas. Eu me perguntei se ela enxergava alguma diferença em mim, enquanto eu me sentava imóvel e silencioso perto da porta.

— Karla lhe falou por que deixou os Estados Unidos? — perguntou ela, sabendo a resposta de antemão.

— Não — respondi, preferindo não repetir o pouco que Khaled havia me contado na noite em que ele se perdeu na neve.

— Foi o que pensei. Ela me disse que não ia lhe contar. Eu achei que era uma maluquice, que ela precisava ser franca com você. Mas ela não quis. É engraçado como as coisas são, não é? Naquela época eu queria que você soubesse porque achava que talvez quisesse se afastar dela. Agora estou lhe contando para que você lhe dê mais uma chance, se quiser. De qualquer forma, lá vai. Karla deixou os Estados Unidos porque precisava. Estava fugindo... porque matou um cara.

Eu ri. A princípio, uma risadinha, mas que cresceu, precipitou-se involuntariamente até se tornar uma gargalhada estrepitosa. Dobrei-me, apoiando-me nas coxas para manter o equilíbrio.

— Não é assim tão engraçado, Lin — disse Lisa, com a testa franzida.

— Não — gargalhei, lutando para recuperar o controle. — Não é... é que... *Merda!* Se você soubesse quantas vezes eu temi mencionar *minha* vida louca e arruinada para *ela!* Eu dizia a mim mesmo que não tinha o direito de amá-la porque eu era um foragido. Você precisa admitir que é bem engraçado.

Lisa me encarou, balançando ligeiramente ao abraçar os joelhos. Ela não ria.

— Tudo bem — suspirei, recuperando o controle. — Tudo bem. Continue.

— Havia um cara — ela prosseguiu em um tom que deixava claro como considerava o assunto sério. — Era o pai de uma das crianças de quem ela costumava cuidar, quando era menina.

— Ela me falou sobre isso.

— Falou? Então você sabe. Ninguém fez nada sobre o assunto. E aquilo pirou a cabeça dela. Um belo dia, ela arranhou uma arma, foi até a casa do sujeito quando ele estava sozinho e atirou. Seis vezes. Duas no peito, disse ela, e quatro na virilha.

— Descobriram que foi ela?

— Ela não tem certeza. Sabe que não deixou impressões digitais na casa. E ninguém a viu ir embora. Ela se livrou da arma. Deu o fora dali, saiu do país o mais rápido possível. Nunca mais voltou, por isso não sabe se existe alguma coisa contra ela ou não.

Encostei-me na cadeira e soltei o ar de forma longa e lenta. Lisa me observava com atenção, os olhos azuis ligeiramente apertados, me fazendo lembrar o jeito como olhava para mim anos antes, no apartamento de Karla.

— Mais alguma coisa?

— Não — respondeu ela, sacudindo a cabeça lentamente, mas mantendo os olhos nos meus. — É isso.

— Tudo bem — suspirei, passando a mão no rosto e levantando-me para partir. Fui até ela e me ajoelhei na cama, a seu lado, com o rosto próximo ao dela. — Fico feliz que você tenha me contado, Lisa. Faz as coisas... fiquem bem mais claras... acho eu. Mas não muda os meus sentimentos. Gostaria de ajudá-la, se pudesse, mas não consigo esquecer... o que aconteceu... E também não consigo perdoar. Queria perdoar. Tudo seria mais simples. É muito ruim amar alguém que não se pode perdoar.

— Não é tão ruim quanto amar uma pessoa que você não pode ter — retrucou ela, e eu a beijei.

Desci sozinho no elevador até o saguão, junto com uma multidão de minhas imagens espelhadas: a meu lado e atrás de mim, imóveis e silenciosas, nenhuma era capaz de me encarar. Depois de atravessar as portas de vidro, desci os degraus de mármore e atravessei o amplo pátio que separa o monumento Porta da Índia do mar. Sob a sombra arqueada, apoiei-me na amurada e contemplei os barcos que levavam turistas de volta para a marina. *Quantas dessas vidas*, pensei, enquanto observava os viajantes fazendo poses para as câmeras, *são felizes, despreocupadas e simplesmente... livres? Quantas estão sofrendo? Quantas estão...*

E assim fui envolvido por todas as trevas daquela tristeza evitada havia tanto tempo. Percebi que vinha rangendo os dentes, que meu queixo estava tenso e endurecido, mas que eu não conseguia relaxar os músculos. Virei a cabeça e vi um dos meninos de rua, alguém que eu conhecia bem, fazendo negócio com um jovem turista. O garoto, Mukul, olhou rapidamente para a esquerda e para a direita e passou um pacotinho branco para o turista. O homem tinha cerca de vinte anos: alto, em boa forma, bonito. Supus que se tratava de um estudante alemão, e eu tinha bom olho para essas coisas. Não fazia muito tempo que ele estava na cidade. Eu conhecia os sinais. Era jovem, com dinheiro para gastar e um mundo inteiro de experiências pela frente. E ele saltitava quando se afastou para se juntar aos amigos. Mas havia veneno no pacote na sua mão, que, se não o matasse imediatamente, em um quarto de hotel em algum lugar, entraria fundo em sua vida, como entrou na minha, até envenenar todos os segundos.

Eu não me importava — com ele, comigo ou com qualquer outra pessoa. Eu queria aquilo. Desejava a droga naquele momento, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Minha pele se lembrava da onda acetinada de êxtase e do

arrepio febril do medo. A fome pelo esquecimento, indolor, sem culpa e tristeza, rodopiava dentro de mim, irradiando-se como um tremor a partir da minha coluna até as veias espessas e saudáveis de meu braço. E eu queria aquilo: o minuto dourado da noite longa e melancólica da heroína.

Mukul me olhou e sorriu por força do hábito, mas a expressão se transformou em incerteza. Então ele soube. Também tinha bom olho. Morava nas ruas e conhecia aquele jeito. O sorriso voltou, mas era diferente. Havia certa sedução nele — *Está bem aqui... Eu tenho bem aqui... Da boa... Venha pegar* — e o ar de triunfo e desdém do traficante, minúsculo e cruel. *Você não é melhor do que eu... Não vale nada... E, mais cedo ou mais tarde, vai me implorar...*

O dia morria. Cada brilho cintilante, atordoante, das ondas da baía mudava de cor, de um branco reluzente ao rosa e a um vermelho-sangue desbotado. O suor escorreu em meus olhos enquanto eu fitava Mukul. Minha mandíbula doía, os lábios estremeciam com a tensão: a tensão de não reagir, não falar, não assentir com a cabeça. Ouvi ou me lembrei de uma voz: *Basta sacudir a cabeça, é tudo o que você precisa fazer para acabar com isso...* E lágrimas de dor fervilharam dentro de mim, incansáveis como a maré que batia contra a amurada. Mas eu não podia chorar, e me sentia afogar em uma tristeza que era maior do que o coração que tentava contê-la. Apertei as mãos contra a pequena cordilheira de arenito lapidado no alto da amurada, como se pudesse enfiar meus dedos no interior da cidade e me salvar ao agarrá-la.

Mas Mukul... Mukul sorria, prometendo a paz. E eu sabia que havia muitas formas de encontrar aquela paz — poderia fumá-la em um cigarro, persegui-la num pedaço de papel-alumínio, ou cheirá-la, dar baforadas em um cachimbo com ela, aplicá-la na veia, ou simplesmente comê-la, engoli-la e esperar que o entorpecimento se espalhasse e abafasse todas as dores do planeta. E Mukul, decifrando a agonia suada como se fosse uma página suja em um livro sujo, se aproximou lentamente de mim, deslizando pelo muro de pedra úmida. E ele sabia. Sabia de tudo.

Senti a mão de alguém tocar meu ombro. Mukul sobressaltou-se, como se tivesse acabado de levar um coice, e recuou, os olhos mortos obscurecendo-se no esplendor do crepúsculo. E virei a cabeça para fitar o rosto de um fantasma. Era Abdullah, meu Abdullah, meu amigo, morto em uma emboscada policial havia muitos e sofridos meses. O cabelo longo tinha sido cortado e estava volumoso como o de um astro de cinema. Não usava mais as roupas negras. Vestia-se com uma camisa branca e calça cinza com corte da moda. E aquelas roupas diferentes pareciam estranhas — era algo quase tão estranho quanto vê-lo ali. Mas se tratava Abdullah Taheri, seu fantasma, tão atraente quanto Omar Sharif aos trinta anos de idade, tão letal quanto um gato prestes a atacar, uma pantera negra, e com aqueles olhos da cor da areia na palma da mão, meia hora antes do crepúsculo. Abdullah.

— É tão bom vê-lo de novo, Lin, meu irmão. Vamos entrar e tomar *chai*?

Foi isso. Só isso.

— Bem, eu... eu não posso.

— Por que não? — perguntou o fantasma, franzindo a testa.

— Para início de conversa — resmunguei, usando a mão para proteger os olhos do sol do final da tarde, enquanto o fitava —, porque você está morto.

— Não estou morto, irmão Lin.

— Sim...

— Não. Você falou com Salman?

— Salman?

— Sim. Ele combinou tudo, para que eu encontrasse você no restaurante. Era uma surpresa.

— Salman... me disse... que haveria uma surpresa.

— E *eu* sou a surpresa, irmão Lin — sorriui o fantasma. — Você ia se encontrar *comigo*. Ele queria lhe fazer uma surpresa. Mas você saiu do restaurante. Os outros esperaram por você. Só que você não voltou. Por isso vim procurá-lo. Agora a surpresa se transformou em um verdadeiro susto.

— Não diga isso! — retruquei, ainda agitado e confuso, lembrando-me de alguma coisa que Prabaker havia me dito certa vez.

— Por que não?

— Não importa! Dane-se, Abdullah... Isso é... isso é a porra de um sonho esquisito, cara.

— Estou de volta — disse ele calmamente, com uma pequena ruga de preocupação vincando sua testa. — Estou aqui novamente. Levei tiros da polícia. Você sabe disso.

O tom da conversa era impassível. Não havia nada de diferente no céu do entardecer, atrás da sua cabeça, ou nos transeuntes. Nada combinava com a indefinição de um sonho. Mas tinha que ser um sonho. Então o fantasma ergueu a camisa branca para revelar muitas feridas curadas ou em processo de cicatrização, que formavam anéis escuros, e cortes com a espessura de um polegar.

— Veja, irmão Lin — disse o morto. — Levei muitos tiros, sim. Mas sobrevivi. Tiraram meu corpo da delegacia do mercado Crawford. Levaram-me a Thana, onde fiquei nos primeiros dois meses. Depois, segui para Délhi. Foi um ano de muitas operações. Não foi um ano bom, Lin. Então, levei mais um ano para começar a melhorar, *Nushkur'allah*.

— Abdullah — exclamei, indo abraçá-lo. O corpo era forte. Morno. Vivo. Apertei-o com força, prendendo as mãos atrás das suas costas. Senti a pressão de sua orelha em meu rosto e o cheiro de sabão da sua pele. Ouvi a voz passando do seu peito para o meu, como ecos do oceano, soando, ressoando, onda a onda nas praias de areia úmida ao anoitecer. De olhos fechados, abraçado a ele, flutuei na água escura da tristeza que eu vivenciara por ele, por nós dois. Apavorado, com medo de estar enlouquecendo, de aquilo ser um sonho, um pesadelo, eu o preendi até sentir que as mãos fortes me afastavam delicadamente à distância de seus braços estendidos.

— Está tudo bem, Lin — sorriui ele. O sorriso era complexo, alterando-se entre o carinho, o consolo e algum espanto, talvez, diante da emoção nos meus olhos. — Está tudo bem.

— *Não* está tudo bem! — grunhi, afastando-me dele. — O que aconteceu,

porra? Por onde você andou? E por que não me contou nada?

— Eu não podia contar para você.

— Claro que podia, droga! Não seja tão estúpido!

— Não — insistiu ele, passando a mão pelos cabelos e franzindo os olhos para me lançar um olhar determinado. — Você se lembra de uma vez, quando andávamos de motocicleta e vimos uns caras? Eram do Irã. Eu o mandei ficar com as motos, mas você não fez isso. Preferiu me seguir, e brigamos juntos com aqueles homens. Lembra?

— Lembro.

— Eram meus inimigos. E também eram inimigos de Khader Khan. Tinham uma ligação com a polícia secreta do Irã, a nova Savak.

— Será que a gente pode... esperar um minuto — interrompi, tentando me apoiar na amurada. — Preciso de um cigarro.

Abri a caixa para lhe oferecer um.

— Você esqueceu? — perguntou ele, sorrindo feliz. — Não fumo cigarro e você também não deveria, irmão Lin. Só fumo haxixe. Tenho um pouco, você quer?

— Porra nenhuma — disse eu, às gargalhadas, acendendo o cigarro. — Não vou ficar doído com um fantasma.

— Esses caras, os sujeitos com quem brigamos, tinham alguns negócios por aqui. Principalmente com drogas, mas também com armas e às vezes com passaportes. E nos espionavam, dando informação sobre qualquer um dos desertores da guerra do Iraque. Muitos milhares fugiram para cá, para a Índia, muitos milhares que odeiam o aiatolá Khomeini. Os espões do Irã fizeram relatórios sobre nós para a nova Savak. E odeiam Khader porque ele queria ajudar os *mujahedin* no Afeganistão, e porque ajudava muitos iranianos. Você compreende essa história, irmão Lin?

Eu compreendia. A comunidade de expatriados iranianos de Bombaim era imensa e eu tinha muitos amigos que haviam perdido sua terra natal, as famílias, e sobreviviam com dificuldade. Alguns trabalhavam para uma gangue já estabelecida, como o conselho de Khader. Outros formaram suas próprias quadrilhas e se ofereciam para fazer o trabalho sujo em um negócio que se tornava cada vez mais sangrento. Eu sabia que a polícia secreta iraniana tinha espões que circulavam entre os exilados, informando sobre eles e, às vezes, também sujando um pouquinho as mãos.

— Prossiga — disse eu, sorvendo o ar enfumaçado pelo meu cigarro.

— Quando aqueles homens, espões, fizeram seus relatórios, nossas famílias no Irã sofreram muito. Mães, irmãos, pais, eles os colocaram na prisão da polícia secreta. Torturaram as pessoas nesse lugar. Alguns morreram. Minha irmã foi torturada e estuprada por causa do meu dossiê. Meu tio foi morto porque minha família não conseguiu pagar rápido o suficiente o que solicitaram. Quando descobri isso, falei para Abdel Khader Khan que queria deixá-lo, para poder pegar aqueles caras, os espões do Irã. Ele me pediu para não sair. Nós os enfrentaríamos juntos. Disse-me que encontraríamos cada um deles, e prometeu que me ajudaria a matar todos.

— Khaderbhai... — disse eu, soltando fumaça.

— E nós pegamos, alguns deles. Farid e eu, com a ajuda de Khader. Eram nove no começo. Pegamos seis. Trucidamos aqueles sujeitos. Os outros três sobreviveram. Três homens. E eles sabiam alguma coisa sobre nós. Sabiam que havia um espião no conselho, muito próximo a Khader Khan.

— Abdul Ghani.

— É — disse ele, virando a cabeça para cuspir diante da menção do nome do traidor. — Ghani veio do Paquistão. Tinha muitos amigos na polícia secreta do Paquistão. O ISI. Eles trabalham em conjunto com a polícia secreta do Irã, a nova Savak e com a CIA e o Mossad.

Assenti, escutando e pensando em uma coisa que Abdul Ghani me dissera certa vez. *Todas as polícias secretas do mundo trabalham juntas, Lin, e esse é seu maior segredo.*

— Então, o ISI do Paquistão contou para a polícia secreta iraniana sobre o contato no conselho de Khader.

— Abdul Ghani. Sim — respondeu ele. — No Irã, ficaram muito preocupados. Perderam seis bons espiões. Ninguém conseguiu encontrar os corpos daqueles traidores. Sobraram apenas três. Por isso esses três homens iranianos foram trabalhar com Abdul Ghani. Ele lhes disse como poderiam fazer uma armadilha para mim. Naquela época, não sei se você se lembra, nós não sabíamos disso, que Sapna estava trabalhando para Ghani e maquiando contra nós. Khader não sabia. Eu não sabia. Se eu soubesse, teria eu mesmo deixado os pedaços daqueles homens de Sapna dentro do fosso de Hassaan Obikwa. Mas não fazia ideia. Quando caí na armadilha, perto do mercado Crawford, os iranianos atiraram primeiro, à queima-roupa. Os policiais pensaram que era eu quem estava atirando. Atiraram em mim. Estava morrendo, sabia disso, então peguei meus revólveres e atirei na polícia. O resto, você sabe.

— Nem tudo — grunhi. — Não sei o bastante. Eu estive lá naquela noite em que você levou os tiros. Estava no meio da multidão na delegacia do mercado Crawford. Foi uma loucura. Todo mundo dizia que você tinha levado tantos tiros que o rosto ficara irreconhecível.

— Havia muito sangue. Mas os homens de Khader me reconheceram. Provocaram um tumulto e depois lutaram passo a passo até entrar na delegacia e retirar meu corpo dali, levando-me para o hospital. Khader estacionou um caminhão nas redondezas, e tinha um médico... Você o conhece, o doutor Hamid, lembra-se dele? E eles me salvaram.

— Khaled estava lá naquela noite. Foi ele quem fez o resgate?

— Não. Khaled foi um dos homens que provocaram o tumulto. Foi Farid quem levou meu corpo.

— Farid, o Subornador, tirou você dali — gaguejei, estupefato por ele não ter me dito nada naqueles meses todos em que trabalhamos juntos. — Ele sabia de tudo o tempo todo?

— Sabia. Se você tiver um segredo, Lin, confie-o ao coração de Farid. Ele é o melhor de todos, meu irmão, agora que Abdel Khader se foi. Depois de Nazeer, Farid é o melhor. Nunca se esqueça disso.

— E o que aconteceu com os outros três caras? Os iranianos? O que aconteceu com eles depois que você levou os tiros? Khader conseguiu pegá-los?

— Não. Quando Abdel Khader matou Sapna e seus homens, eles fugiram para Délhi.

— Um dos homens de Sapna fugiu. Você sabe disso?

— Sim, ele também foi para Délhi. Quando fiquei forte, não completamente curado, mas forte o bastante para lutar, há dois meses, fui procurar os quatro sujeitos e os amigos. Peguei um deles. Um dos iranianos. Acabei com ele. Agora só restam três daquela época: dois espões do Irã e um dos matadores que agiam com Sapna, da turma de Ghani.

— Você sabe onde estão?

— Aqui. Na cidade.

— Tem certeza?

— Tenho. É por isso que voltei a Bombaim. Mas agora, irmão Lin, precisamos voltar ao hotel. Salman e os outros estão nos esperando lá em cima. Querem fazer uma festa. Vão ficar felizes porque eu o encontrei. Viram você saindo há algumas horas com uma moça bonita e me disseram que eu não o encontraria.

— Era Lisa — disse eu, lançando um olhar inconsciente para trás, para a janela do quarto no primeiro andar do Taj. — Você... quer vê-la?

— Não — sorriu ele. — Conheci alguém, a prima de Farid, Ameena. Ela vem cuidando de mim há mais de um ano. É uma boa moça. Queremos nos casar.

— Sai daqui, porra! — balbuciei, mais chocado pela sua intenção de casar do que pelo fato de ter sobrevivido à fuzilaria assassina.

— Pois é — sorriu, abrindo os braços para me dar um abraço impulsivo —, mas vamos lá, os outros estão esperando. *Challo*.

— Vá na frente — respondi, com um sorriso que combinava com seu ar feliz. — Daqui a pouco a gente se vê.

— Não, venha comigo, Lin — pressionou ele. — Venha agora.

— Preciso de um minuto — insisti. — Daqui a pouco eu chego lá.

Ele hesitou por um instante, mas depois sorriu, sacudiu a cabeça e tornou a atravessar o arco na direção do hotel Taj.

A noite obscurecia a auréola brilhante da tarde. Uma névoa de fumaça poeirenta e de vapor encobria o horizonte, silenciosa e fervilhante, como se o céu, nos confins do mundo, se dissolvesse nas águas da baía. A maior parte dos barcos e das balsas já estava atracada em segurança em seus lugares habituais nas docas, lá embaixo. Outros se erguiam, caíam e se erguiam de novo, balançando, presos pelas âncoras. A maré cheia jogava as ondas fortes contra o longo muro de pedra onde eu me encontrava. Aqui e ali, pelo bulevar, jatos de espuma, como um arfar de esforço, batiam e caíam sobre as calçadas brancas. Os transeuntes contornavam as fontes intermitentes ou atravessavam os súbitos borrifos aos risos. Nos pequenos mares dos meus olhos, naqueles mínimos oceanos azul-acinzentados, as ondas de lágrimas batiam com fúria contra a parede da minha força de vontade.

*Você o mandou?*, sussurrei para o Khan, meu pai morto. A dor assassina havia me lançado contra a parede em que meninos de rua vendiam heroína. E então,

quando era quase tarde demais, Abdullah havia aparecido. *Você o mandou para me salvar?*

O sol poente, aquela pira funerária no céu, queimava meus olhos. Desviei o olhar para seguir as últimas rajadas de cereja e magenta que reluziam e se esvaíam na superfície espelhada e safira do oceano. E, ao contemplar a agitação da baía, tentei enquadrar meus sentimentos dentro da moldura do pensamento e dos fatos. De uma maneira estranha, esquisita, eu havia me reencontrado com Abdullah e voltado a perder Khaderbhai no mesmo dia, na mesma hora. E a experiência, aquele fato, sua inexorabilidade, me ajudou a compreender. O sofrimento que eu rejeitara levava tanto tempo para me encontrar porque eu não conseguia permitir que fosse embora. Em meu coração, eu ainda o prendia com a mesma força que usara para abraçar Abdullah minutos antes. No fundo, eu ainda me encontrava na montanha, ajoelhado na neve, abraçando aquela bela cabeça.

E, enquanto as estrelas reapareciam lentamente no céu silencioso e infinito, cortei a última amarra do luto e me rendi à maré persistente do destino. Deixei que partisse. Disse as palavras sagradas: *Eu o perdoo...*

E foi bom. E foi certo. Deixei que as lágrimas rolassem. Permiti que meu coração sofresse pelo amor paterno, como ondas altas que batiam contra a amurada, e sangravam no caminho largo e branco.

O TERMO *MÁFIA* vem da palavra siciliana que significa “gabar-se”. E, se você perguntar a qualquer homem sério que comete crimes para sobreviver, ele vai lhe dizer que é só isso — a vontade de se mostrar, o orgulho — que no final nos trai. Mas nunca aprendemos. Talvez não seja possível infringir leis sem se gabar disso para alguém. Talvez seja inconcebível um foragido sem algum tipo de orgulho. Por certo, naqueles últimos meses da velha máfia, a irmandade que Khaderbhai tinha planejado, conduzido e dominado, havia muita ostentação e bastante orgulho. Mas foi a última vez que qualquer um de nós naquele canto do submundo do crime em Bombaim pôde dizer, com completa honestidade, que se orgulhava de ser um bandido.

Khader Khan estava morto havia quase dois anos, mas seus preceitos e princípios ainda dominavam as operações cotidianas do conselho da máfia que ele fundara. Khader odiava a heroína e se negava a traficar a droga ou permitir que alguém além dos viciados de rua a negociassem nas áreas que ele controlava. A prostituição também o horrorizava. Considerava aquilo um negócio que maltratava as mulheres, degradava os homens e se tornava uma praga para a comunidade onde ocorria. Seu círculo de influência se estendera a todas as ruas, praças e prédios por muitos quilômetros quadrados. Naquele pequeno reino, qualquer homem ou mulher que não mantivesse seu envolvimento com prostituição e pornografia restrito a níveis muito baixos e discretos de atividade corria o risco de uma punição exemplar. E aquela situação se mantinha sob o novo conselho chefiado por Salman Mustaan.

O velho Sobhan Mahmoud ainda era o chefe oficial do conselho, mas estava com uma doença grave. Nos anos que se seguiram à morte de Khader, ele sofreu dois derrames que comprometeram seriamente sua fala e sua movimentação. O conselho o transferira para a casa de praia de Khader, em Versova — a mesma onde enfrentei os efeitos da crise de abstinência com Nazeer. Garantiram que o velho chefe recebesse os melhores tratamentos médicos e providenciaram que sua família e seus criados o acompanhassem. Aos poucos, Nazeer preparava o jovem Tariq, sobrinho de Khader, para o que se imaginava ser uma posição de liderança. Apesar da linhagem do garoto, da sua maturidade e de seus modos incrivelmente sérios — não havia ninguém, homem ou menino, cuja intensidade séria e ardorosa me fizesse lembrar tanto de Khaled —, Tariq era considerado jovem demais para reivindicar um lugar no conselho ou mesmo para participar de suas reuniões. Em vez disso, Nazeer lhe confiava deveres e responsabilidades que o familiarizavam de forma mais gradual com o mundo que ele poderia vir a comandar um dia. Na prática, Salman Mustaan era o chefe, o novo Khan, o comandante do conselho e o líder da máfia de Khaderbhai. E Salman, como todos que o conheciam podiam atestar, era de corpo e alma um homem de Khaderbhai. Ele comandava as ações do clã como se o senhor de cabelos grisalhos ainda estivesse por ali, vivo, aconselhando-o e

alertando-o em reuniões particulares todas as noites.

A maior parte dos homens apoiava Salman sem pestanejar. Eles compreendiam os princípios e concordavam que mereciam ser mantidos. Em nossa área de atuação na cidade, as palavras *goonda* e *chefão* não eram consideradas insultantes. As pessoas da região sabiam que nosso ramo da máfia impedia, de forma mais eficiente do que a polícia, que a heroína e os crimes de exploração sexual tomassem conta das ruas. A polícia, afinal de contas, era suscetível às propinas. De fato, o clã de Salman se encontrava na curiosa posição de subornar os tiras — os mesmos que recebiam grana de cafetões e traficantes — para fazer vistas grossas quando era preciso atropelar um traficante de heroína recalcitrante e jogá-lo contra uma parede, ou dar marteladas nas mãos de um explorador de mulheres.

Os veteranos do distrito trocavam acenos e comparavam a relativa paz dali com o caos que agitava as ruas de outros bairros. As crianças admiravam os jovens chefões e às vezes os adotavam como heróis. Os restaurantes, bares e outros negócios saudavam os homens de Salman por preservar a paz e manter padrões morais relativamente elevados. E os níveis de delação nas áreas sob seu controle, a quantidade de informação não solicitada fornecida à polícia — um indicador seguro da popularidade ou impopularidade pública — era menor que em qualquer outra região em toda a imensa extensão de Bombaim. Tínhamos orgulho e princípios. Éramos quase tão honrados quanto acreditávamos ser.

Porém, existiam certos rumores dentro do clã, e algumas reuniões do conselho testemnhavam discussões enérgicas e inconclusivas sobre o futuro do grupo. O tráfico de heroína enriquecia todas as outras facções da máfia. Os novos milionários da droga ostentavam carros importados, roupas da moda e brinquedinhos eletrônicos de última geração nos lugares mais exclusivos e dispendiosos da cidade. Mais importante ainda: usavam aquela renda inesgotável proveniente dos opiáceos para contratar mais homens — mercenários muito bem-pagos para lutar com golpes sujos e duros. Pouco a pouco, aquelas quadrilhas ampliaram seus territórios em disputas que mataram alguns de seus melhores integrantes, deixaram outros tantos feridos e fizeram os tiras da cidade inteira acender varetas de incenso para agradecer a boa sorte.

Com lucros igualmente altos derivados do novo e insaciável mercado para os vídeos importados de pornografia explícita, alguns dos conselhos rivais haviam acumulado dinheiro suficiente para bancar o mais elevado símbolo de status a ser conquistado por uma quadrilha: um grupo de pistoleiros. Invejando a riqueza acumulada por essas quadrilhas, enfurecidos por suas conquistas territoriais e temerosos pelo aumento do seu poder, alguns dos homens de Salman Mustaan insistiam para que ele mudasse suas orientações. O primeiro entre esses críticos era Sanjay, o amigo mais antigo e mais chegado de Salman.

— Você deveria se encontrar com Chuha — disse Sanjay energicamente, quando ele, Farid, Salman e eu tomávamos *chai* em uma lojinha em Maulana Azad Road, ao lado das miragens verdes e brilhantes da pista de corrida de Mahalaxmi. Ele falava sobre Ashok Chandrashekar, um influente capanga da quadrilha de Walidlalla. Ele empregara o apelido de Ashok, *Chuha*, que quer

dizer *Rato*.

— Já vi o sacana, *yaar* — suspirou Salman. — Eu me encontro com ele o tempo todo. Sempre que um de seus caras tenta espremer um pedacinho do nosso território, eu acerto os ponteiros com Chuha. Todas as vezes que nossos rapazes arranjam uma briga com os dele e lhes dão uma surra, eu me encontro com Chuha. Quando ele propõe uma fusão dos nossos conselhos, nós nos vemos. Conheço o sacana bem demais. Esse é o problema.

O conselho de Walidlalla fazia fronteira com o nosso. As relações entre as quadrilhas costumavam ser, de maneira geral, respeitadas, mas não cordiais. Walid, o líder, tinha sido muito amigo de Khaderbhai e ambos foram fundadores do sistema de conselhos. Embora Walid tivesse passado a trabalhar com heroína e pornografia, modalidades que, assim como Khaderbhai, ele desprezava no passado, também insistia para que não acontecessem conflitos com o grupo de Salman. Chuha, seu segundo em comando, tinha ambições que Walid não conseguia controlar. Isso levava a disputas e até mesmo batalhas entre as quadrilhas e, com frequência excessiva, obrigava Salman a se encontrar com o Rato em jantares tensos e formais que aconteciam em campo neutro, na suíte de um hotel cinco estrelas.

— Não, você nunca chegou de fato a ter uma *conversa* com ele, de homem para homem, sobre o *dinheiro* que podemos ganhar. Se conversasse, irmão Salman, sei que constataria que ele diz muita coisa sensata. Está ganhando os tubos com a porra da *garad*, cara. Os viciados não param de pedir mais. Ele precisa trazer *vagões* dela todos os dias. E o lance dos filmes pornô, cara, é uma loucura. Eu juro! É um negócio do cacete, *yaar*. Ele faz quinhentas cópias de cada filme e vende cada uma a quinhentos. São dois *lakhs* e meio, Salman, para cada porra de filme pornô! Se a gente pudesse ganhar tanta grana matando pessoas, o problema de superpopulação da Índia poderia ser resolvido em um mês. Você precisa apenas conversar com ele, irmão Salman.

— Não gosto desse cara — declarou Salman. — E também não confio nele. Um dia desses, acho que vou ter que liquidar o *madachudh* de uma vez por todas. E essa não é uma forma muito promissora de começar um negócio, *na*?

— Se chegar a esse ponto, eu mato o *gandu* para você, irmão, e será um prazer. Mas até então, antes que a gente precise *matá-lo*, podemos ganhar um monte de dinheiro com ele.

— Eu não acho.

Sanjay olhou para os outros integrantes da mesa, em busca de apoio, e finalmente apelou para mim.

— Vamos lá, Lin. O que você acha?

— São negócios do conselho, Sanju — respondi, sorrindo para sua seriedade. — Não me dizem respeito.

— Mas é por isso que estou lhe perguntando, Linbaba. Você tem uma posição independente. Conhece Chuha. Sabe quanto dinheiro se pode ganhar com a heroína. E ele tem boas ideias sobre como se ganhar dinheiro, você não acha?

— *Arrey*, não pergunte a ele! — interrompeu Farid. — Não pergunte, a

menos que queira ouvir a verdade.

— Não, vamos lá — insistiu Sanjay, com os olhos mais brilhantes. Ele gostava de mim e sabia que eu gostava dele. — Diga-me a verdade. O que você acha dele?

Dei uma olhada para Salman, que assentiu com a cabeça, da mesma forma que Khader teria feito.

— Acho que Chuha é o tipo de cara que faz com que os crimes violentos sejam malvistas — disse eu.

Salman e Farid cuspiram o chá de tanto rir e depois se secaram com os lenços.

— Certo — Sanjay franziu a testa, com os olhos ainda reluzentes. — Do que... *exatamente*... você não gosta nele?

Dei outra olhada para Salman. Ele sorriu, erguendo as sobrancelhas e as palmas das mãos em um gesto que dizia *Não olhe para mim*.

— Chuha é um aproveitador — respondi. — E eu não gosto de gente assim.

— Ele é o quê?

— Um aproveitador, Sanjay. Ele bate em quem não pode reagir e tira deles o que deseja. No meu país, chamamos esses caras de aproveitadores, porque eles são capazes de *pisar* nos indefesos para roubar deles.

Sanjay olhou para Farid e Salman com o olhar vazio, de inocência confusa.

— Eu não vejo problema — disse ele.

— Não, sei que *youcê* não considera isso um problema. E está tudo bem. Não espero que todo mundo pense como eu. A verdade é que a maioria das pessoas não pensa assim. E eu compreendo. Entendo. Sei que é o modo como muita gente vence na vida. Mas não é porque eu compreendo esse fato que eu vou concordar com ele. Conheci caras desse tipo na cadeia. Alguns tentaram me passar para trás. Eu meti a faca neles. Ninguém tentou de novo. A notícia se espalhou. Se você tentar sacanear esse cara, ele vai lhe enfiar a faca. Então me deixaram em paz. E é exatamente esse o problema. Eu os respeitaria bem mais se continuassem a tentar se aproveitar de mim. Eu não teria parado de brigar com eles. Eu continuaria a esfaqueá-los, sabe, mas com mais respeito. Pergunte ao garçom daqui, Santosh, o que ele pensa de Chuha. Vieram aqui na semana passada, Chuha e seus homens, e enfiaram a porrada no cara por causa de cinquenta paus.

A palavra *paus* significava “rúpias” na gíria de Bombaim. Eu sabia que cinquenta rúpias era quanto Sanjay costumava dar de gorjeta para os garçons e para os bons motoristas de táxi.

— O cara é um milionário safado, a julgar por toda merda que ele diz — falei —, e passa por cima de um trabalhador honesto como Santosh por causa de cinquenta paus. Não posso respeitar uma coisa dessas. E no fundo do seu coração, Sanjay, acho que você também não respeita. Não vou fazer nada em relação ao assunto. Não é da minha conta. Chuha garante o seu quebrando a cara das pessoas. Eu compreendo. Mas, se ele tentar passar por cima de *mim*, vou lhe enfiar a faca. E, juro, cara, vou gostar disso.

Houve um pequeno silêncio enquanto Sanjay tensionava os lábios, virava

para cima a palma da mão e olhava para Salman e Farid. Depois, os três caíram na gargalhada.

— Você perguntou a ele! — Farid riu.

— Tudo bem, tudo bem — concedeu Sanjay. — Perguntei ao cara errado. Lin é um sujeito maluco, *yaar*. Tem ideias malucas. Foi para o Afeganistão com Khader, cara! Por que fui perguntar isso a um cara maluco o bastante para ir para o Afeganistão? Você cuidava daquele posto de saúde na *zhopadpatti*, sem ganhar um mísero centavo. Por favor, me lembre disso, irmão Lin, se eu voltar a pedir sua opinião sobre os negócios, *na*?

— Mais uma coisa — acrescentei, mantendo um ar sério.

— Ai, *Baghwan!* — exclamou Sanjay. — Ele tem mais uma coisa a dizer!

— Se você pensar nos slogans, vai entender aonde quero chegar.

— Slogans? — protestou Sanjay, fazendo os amigos rirem ainda mais. — Que diabo de slogan, *yaar*?

— Você sabe do que estou falando. O slogan ou lema da quadrilha de Walidlalla é *Pahiley Shahad, Tab Julm*. Se não me engano, a tradução é *Primeiro educação, depois indignação*, ou até mesmo, *crueidade*. Certo? E não é isso o que dizem uns para os outros?

— É, sim, é o que dizem, cara.

— E qual é nosso slogan? O slogan de Khader?

Eles se entreolharam e sorriram.

— *Saatch au Himmat* — eu disse em voz alta para eles. — *Verdade e coragem*. Conheço muitos caras que gostam do slogan de Chuha. Acham que é inteligente e engraçado. E parece cruel, por isso consideram coisa de macho. Mas eu não gosto. Prefiro o de Khader.

Ouvi o som de um motor de Enfield. Levantei os olhos e vi que Abdullah estacionava a moto na porta da loja e acenava para mim. Estava na hora de partir. Eu tinha falado a verdade, como a encarava, e tudo o que dissera fora sincero, mas no *fundo* do coração sabia que a argumentação de Sanjay, embora não fosse melhor do que a minha, acabaria prevalecendo. A quadrilha Walidlalla, sob o comando de Chuha, era o futuro de todos os conselhos da máfia, em certo sentido, e sabíamos disso. Walid ainda era a cabeça do conselho que levava seu nome, mas estava velho e doente. Havia transferido tanto poder para Chuha, que o jovem chefe era quem realmente comandava. Agressivo e bem-sucedido, Chuha conquistava mais territórios a cada mês, fosse na base da força ou da negociação. Mais cedo ou mais tarde, se Salman não concordasse com uma fusão com ele, aquela expansão levaria a um conflito aberto e a uma guerra.

Eu esperava, é claro, que o conselho de Khader, sob o comando de Salman, saísse vencedor. Mas sabia que, se ganhássemos, seria impossível assumir o território de Chuha sem também absorver os negócios de heroína, prostituição e pornografia. Era o futuro inevitável. Simplesmente, havia dinheiro demais em jogo. E o dinheiro, quando a pilha fica muito alta, é parecido com um grande partido político: faz tanto mal quanto bem, delega poder demais a poucos e, quanto mais a gente se aproxima, mais se suja. No longo prazo, Salman poderia

evitar a briga com Chuha ou derrotá-lo e assumir seus negócios. *O destino sempre nos dá duas opções*, George Escorpião me disse em certa ocasião: *aquela que você deveria escolher e aquela que você escolhe*.

— Mas, vejam só — disse eu, me levantando da mesa —, não tenho nada com isso. E, francamente, seja como for, não ligo. Minha carona chegou. Vejo vocês mais tarde.

Saí sob protestos de Sanjay e risadas de seus amigos se sobrepondo ao rumor de xícaras e copos.

— *Bahinchudh! Gandu!* — Sanjay berrou — Você não pode ferrar com meu discurso desse jeito e simplesmente ir embora, *yaar!* Volte aqui!

Quando me aproximei, Abdullah deu partida na moto e a tirou do apoio, pronto para sair.

— Você está com pressa de malhar — falei, ajeitando-me na garupa, atrás dele. — Relaxe. Por mais rápido que a gente chegue lá, eu ainda vou lhe dar uma surra, irmão.

Durante nove meses havíamos nos exercitado juntos em uma pequena academia, sombria, quente, úmida e muito boa, perto da área de Elephant Gate, do Ballard Pier. Era uma academia para *goondas*, montada por Hussein, aquele que perdera um braço na batalha de Khader com os matadores de Sapna. Havia halteres, banquinhos, um tatame de judô e um ringue de boxe. O cheiro de suor masculino, novo e antigo, impregnava as luvas de couro, os cintos e os cabos. Era tão intenso e asqueroso que a academia era o único prédio naquele quarteirão evitado pelas ratazanas e pelas baratas. Viam-se manchas de sangue nas paredes e no chão de madeira. Os jovens bandidos que treinavam ali acumulavam mais ferimentos e contusões durante a semana de exercícios do que os casos de emergência no hospital municipal, em uma noite agitada de sábado.

— Hoje não — gargalhou Abdullah, olhando para trás e conduzindo a moto pela pista de alta velocidade. — Não vamos lutar hoje, Lin. Tenho uma surpresa para você. Uma surpresa boa!

— Agora fiquei preocupado — gritei para ele. — O que é?

— Você lembra quando o levei para ver o doutor Hamid? Sabe aquela surpresa?

— É, eu me lembro.

— É melhor do que isso. Bem melhor.

— Ahã. Bem, ainda não fiquei tranquilo. Quero outra pista.

— Lembra quando mandei aquele urso para você dar um abraço?

— Kano? Claro.

— Bem, é *muito* melhor do que isso!

— Um médico e um urso — gritei, mais alto que o rugido do motor. — Existem muitas possibilidades entre um e outro, irmão. Mais uma pista.

— Rá! — ele riu, ao parar diante de um sinal. — Só digo o seguinte: a surpresa é tão boa que você vai me perdoar por tudo que sofreu quando pensou que eu tinha morrido.

— Já perdoei você, Abdullah.

— Não, irmão Lin. Sei que não me desculpou. Ganhei muitos hematomas e

já fiquei bem dolorido com nossos treinos de boxe e caratê.

Não era verdade: nunca batia nele com a mesma força que ele aplicava em mim. Embora estivesse melhor e em boa forma, ainda não recuperara totalmente aquela força incomum, a vitalidade carismática que apresentava antes do tiroteio com a polícia. E, quando ele tirava a camisa para lutar comigo, a visão do seu corpo cheio de marcas — era como se tivesse sido atacado pelas garras de animais selvagens e queimado com ferro em brasa — sempre refreava meus golpes. Mas nunca admiti isso para *ele*.

— Tudo bem — eu gargalhei. — Se é assim que você quer brincar, eu não perdoou você!

— Mas, quando você encontrar o que o espera — exclamou ele, rindo comigo —, vai esquecer completamente, de coração. Agora vamos lá! Pare de fazer perguntas e me conte: o que Salman disse a Sanjay sobre aquele porco... aquele Chuha?

— Como você sabe que estávamos falando sobre isso?

— Deu para ver a cara de Salman — respondeu ele, aos gritos. — E Sanjay me disse esta manhã que queria pedir a Salman, mais uma vez, para fazer negócios com Chuha. Então, o que Salman disse?

— Você sabe a resposta — retruquei, em voz um pouco mais baixa, quando paramos no trânsito.

— Ótimo! *Nushkur'Allah*. — disse. *Graças a Deus*.

— Você realmente odeia o Chuha, não é?

— Eu não o odeio — esclareceu, andando com o fluxo de veículos. — Só quero acabar com a raça dele.

Ficamos em silêncio durante um tempo, respirando o vento morno e observando os negócios do mercado negro que se desenrolavam nas ruas em que nós dois costumávamos perambular com tanta frequência. Havia centenas de grandes e pequenas falcatruas e negociatas acontecendo a nossa volta a cada minuto, e conhecíamos todas.

Quando estávamos presos no trânsito, atrás de um ônibus enguiçado, olhei para a calçada e vi Taj Raj, um batedor de carteiras que costumava trabalhar na área da Porta da Índia, perto do hotel Taj Mahal. Ele sobrevivera a um ataque com machadinha, anos antes, que quase lhe custara a cabeça. O ferimento fazia com que falasse com uma espécie de sussurro chacoalhante, e a cabeça se posicionava em um ângulo estranho, de forma que, quando ele a sacudia para concordar com alguém, parecia a ponto de despencar. Ele trabalhava com o golpe do tropeçar-cair-afanar com o amigo Indra, encarregado dos tropeços. Indra, também conhecido como Poeta, dizia quase todas as suas frases em rimas. As primeiras estrofes pareciam de uma beleza comovente, mas invariavelmente se transformavam em descrições e alusões sexuais tão pervertidas e repugnantes que homens fortes e cruéis estremeciam ao ouvi-las. Reza a lenda que certa vez Indra recitou sua poesia pelo microfone em um festival ao ar livre e conseguiu afastar todos os compradores e vendedores do mercado de Colaba. Mesmo a polícia, pelo que se dizia, havia se mantido à distância, horrorizada, até que a exaustão venceu o Poeta. Só quando ele fez uma pausa para respirar, foram atrás

dele. Eu conhecia os dois e gostava deles, embora nunca tivesse permitido que chegassem a menos de um metro dos meus bolsos. E, como era de se esperar, assim que o ônibus finalmente voltou à vida e o trânsito fluiu, eu vi que Indra fingia ser cego — não era sua melhor interpretação, mas dava para o gasto — e tropeçava em um estrangeiro. E Taj Raj, o pedestre prestativo, ajudava ambos a se levantarem e aliviava o turista do peso de sua carteira.

— Por quê? — perguntei, quando nos movimentávamos pelo espaço de novo liberado.

— Por que o quê?

— Por que você quer matar Chuha?

— Sei que ele teve uma reunião... com aqueles caras do Irã. — Abdullah gritou para trás. — Dizem que trataram de negócios. Sanjay confirma que foram só negócios. Mas acho que era mais que isso. Para mim, ele trabalhava com eles, contra Khader Khan. Contra nós. Por esse motivo, Lin.

— Tudo bem — respondi, feliz em ver confirmada minha intuição sobre Chuha, mas preocupado com meu turbulento amigo iraniano. — Mas não faça nada sem mim, está bem?

Ele riu e virou a cabeça para me mostrar os dentes brancos.

— Estou falando sério, Abdullah. Prometa isso para mim!

— *Thik hain*, irmão Lin! — exclamou ele, em resposta. — Vou chamá-lo quando chegar a hora!

Ele freou a moto e a estacionou em frente à Strand Coffee House, uma das minhas espeluncas favoritas para o café da manhã, perto do mercado de Colaba.

— Que diabos está acontecendo? — reclamei enquanto caminhávamos rumo ao mercado. — É uma surpresa e tanto... passo por aqui quase todos os dias.

— Eu sei — respondeu com um sorriso enigmático. — E não sou o único que sabe disso.

— O que quer dizer?

— Você vai descobrir, irmão Lin. Aqui estão seus amigos.

Encontramos com Vikram Patel e os George do Zodíaco, Escorpião e Gêmeos, confortavelmente sentados em sacos cheios de lentilha, ao lado de uma banca de grãos, bebendo copos de *chai*.

— Olá, cara! — saudou-me Vikram. — Pegue um saco e sinta-se em casa.

Abdullah e eu apertamos as mãos de todos e depois nos sentamos nas fileiras de sacos. George Escorpião fez sinal para que um vendedor de *chai* nos trouxesse mais dois copos. A oficina de passaportes costumava me deixar ocupado à noite porque Krishna e Villu — ambos com filhos pequenos e famílias cada vez maiores — tinham resolvido mudar seus turnos para ganhar valiosas horas diurnas em casa. Aquele trabalho com os livros e outros compromissos com o conselho de Salman me impediam de ir ao Leopold com a mesma frequência do passado. Quando podia, me encontrava com Vikram e os Georges perto do apartamento de Vikram na periferia do mercado de Colaba. Vikram ficava por ali quase todo dia, depois de almoçar com Lettie. Ele me mantinha atualizado com notícias do Leopold: Didier tinha se apaixonado de novo e Ranjit, o novo namorado de Karla, se tornava popular. Os Georges me contavam o que se

passava nas ruas.

— Achemos que você não ia aparecer hoje, cara — disse Vikram assim que o chá chegou.

— Abdullah me deu uma carona — respondi, franzindo a testa ao perceber o misterioso sorriso do meu amigo —, e ficamos presos no trânsito. Mas valeu a pena. Pudemos assistir de camarote a Taj Raj e Indra darem seus tropeções em MG Road. Foi um espetáculo e tanto.

— O nosso Taj Raj não é mais o mesmo — comentou Gêmeos, acentuando o sotaque do sul de Londres nas vogais das duas últimas palavras. — Não é mais tão ágil. Desde o acidente, sabe, ele perdeu um pouco do *timing*. Quer dizer, era de se esperar, não é? Quase perdeu a porra da cabeça e não espanta que tenha ficado sequeado.

— Nesse momento — interrompeu George Escorpião, abaixando a cabeça e assumindo um ar solene e piedoso que todos nós conhecíamos bem e tínhamos mais ainda —, acho que deveríamos baixar nossas cabeças e orar.

Fitamos um ao outro com olhos arregalados e alarmados. Nós nos sentíamos relaxados demais para querer sair dali, e Escorpião sabia disso. Estávamos encurralados.

— Oh, Senhor — começou Escorpião.

— Oh, Deus — resmungou Gêmeos.

— E Senhora — prosseguiu Escorpião —, espírito infinito yin-yang no céu. Nós vos pedimos humildemente que hoje escutai as preces de cinco almas que pusestes no mundo e que deixastes sob o cuidado temporário de Escorpião, Gêmeos, Abdullah, Vikram e Lin.

— O que ele quer dizer com temporário? — cochichou-me Vikram. Minha resposta foi dar de ombros.

— Por favor, ajudai-nos, Senhor — entou Escorpião, com os olhos cerrados, o rosto voltado para o firmamento, que parecia se encontrar mais ou menos no meio da sacada localizada no terceiro andar da Academia Veejay Premnaath de Tintura de Cabelos e Furos de Orelha. — Por favor, guiai-nos de forma a saber e a fazer o que é certo. E Senhor, podeis começar, se for da Vossa vontade, ajudando-nos com o negociozinho que vamos fazer esta noite com o casal belga. Não preciso vos dizer, Senhor e Senhora, como é complicado fornecer cocaína de boa qualidade aos nossos clientes em Bombaim. Mas, graças à Providência Divina, conseguimos encontrar dez gramas de pó de primeira. E, considerando a seca terrível nas ruas, podemos dizer que foi uma belíssima demonstração da Vossa obra, Deus, se o Senhor aceitar também minha admiração profissional. De qualquer maneira, Gêmeos e eu poderíamos fazer bom uso da comissão daquela transação e seria bem legal se não levássemos cano, nem fôssemos surrados, mutilados ou assassinados... A não ser, naturalmente, que este seja Vosso plano. Por isso, iluminai o caminho e enchei nossos corações de amor. Estou desligando agora, mas mantendo o canal aberto, como sempre, e eu digo Amém.

— Amém! — respondeu Gêmeos, claramente aliviado pelo fato daquela oração ser bem mais curta do que outras que Escorpião fazia.

— Amém — soluçou Vikram, enxugando uma lágrima dos olhos com as costas da mão fechada.

— *Astagfirullah* — murmurou Abdullah. *Perdoe-me Alá.*

— Então que tal comer alguma coisa? — sugeriu Gêmeos animadamente. — Não há nada como um pouquinho de religião para abrir o apetite, não é?

Naquele momento, Abdullah inclinou-se para a frente para sussurrar em meu ouvido esquerdo.

— Olhe devagar... não, devagar! Olhe ali, atrás da loja de amendoins, perto da esquina. Está vendo? É sua surpresa, irmão Lin. Você o vê?

Então, enquanto eu ainda sorria, meus olhos foram atraídos para uma figura encurvada que nos observava das sombras, sob um toldo.

— Ele vem para cá todo dia — sussurrou Abdullah. — E não fica apenas aqui. Vai a alguns lugares onde você também costuma ir. Ele o vigia. Espera e vigia.

— Vikram! — balbuciei, querendo ouvir outro testemunho que confirmasse o que eu via. — Olhe! Ali na esquina!

— O quê, cara?

Com minha atenção voltada para ele, o sujeito se retirou para as sombras, virou-se e partiu, mancando, como se todo o lado esquerdo de seu corpo estivesse comprometido.

— Você não o viu?

— Não, cara. Quem é? — reclamou Vikram, levantando-se comigo para forçar a vista na direção de meu olhar frenético.

— É Modena! — berrei e saí correndo atrás do espanhol manco. Não voltei a olhar para Vikram, Abdullah e os Georges. Não respondi ao chamado de Vikram. Não pensei no que fazia nem no motivo que me levava a persegui-lo. Minha mente tinha apenas um pensamento, uma imagem, uma palavra. *Modena...*

Ele era veloz e conhecia bem as ruas. Enquanto mergulhava em portais ocultos e vãos quase invisíveis entre os prédios, passou pela minha cabeça que talvez eu fosse o único estrangeiro da cidade que conhecia aquelas ruas tão bem quanto ele. Para falar a verdade, poucos indianos — só biscateiros, ladrões e viciados — poderiam acompanhar o seu ritmo. Ele se arrastou por um buraco que alguém havia aberto em um muro alto de pedra e que servia de acesso entre uma rua e outra. Contornou uma divisória que parecia de tijolos, sólida, mas que era feita de lona pintada e esticada. Pegou atalhos através de lojas improvisadas sob o abrigo de arcos e costurou seu caminho pelo labirinto de varais onde se estendiam sáris em cores fortes, recém-lavados.

Então ele cometeu um erro: entrou em um beco estreito que costumava ser dominado por moradores de rua e suas famílias, expulsos de apartamentos da região. Eu conhecia bem aquele lugar. Havia cerca de uma centena de homens, mulheres e crianças morando naquela passagem. Faziam rodízio para dormir em uma espécie de mezanino que construíram sobre a rua calçada de pedras, entre as paredes de dois prédios vizinhos. Faziam tudo o mais naquele cômodo comprido, escuro e estreito em que a rua se convertera. Modena desviou de grupos sentados e em pé, entre fogareiros e cabines de banho e jogadores de carta sobre um cobertor. Então, no final, ele virou à esquerda, em vez de entrar à direita. Era um beco sem saída, cercado de muros altos. Estava completamente

escuro e terminava em um ângulo fechado onde o espaço fazia uma curva em torno do canto cego de outro prédio. Às vezes usávamos aquele lugar para negociar com traficantes em quem não se confiava muito, porque só havia um acesso. Contornei a esquina, apenas alguns passos atrás dele, e fiquei ali, ofegante, forçando os olhos a vararem a escuridão. Não conseguia enxergá-lo, mas sabia que ele se encontrava ali.

— Modena — disse eu baixinho, a voz ecoando no escuro. — É o Lin. Só quero conversar com você. Não estou tentando... você sabe que estou aqui. Vou só colocar minha mochila no chão e acender um cigarro, tudo bem? Um para você. Um para mim.

Coloquei a mochila no chão, devagar, esperando que ele tentasse sair correndo e passasse por mim. Peguei um maço de *bidis* do bolso da camisa e separei dois. Segurei-os entre o terceiro e o quarto dedos, com a ponta mais grossa para dentro, como fazia todo pobre da cidade, consegui abrir uma caixa de fósforos e riscar um deles. Com a chama nos cigarros, me permiti olhar para cima e o vi, escondendo-se do pequeno arco de luz fornecida pelo fósforo. Quando o fogo se apagou, estendi o braço para lhe oferecer um dos cigarros acesos. Novamente na escuridão, depois que o fósforo apagou, esperei um, dois, três segundos e depois senti seus dedos, mais suaves e delicados no gesto do que eu teria imaginado, se fecharem em torno dos meus e aceitarem o cigarro.

Quando tragou, pude ver seu rosto pela primeira vez com clareza. Era grotesco. Maurizio havia cortado e esculpido tanto sofrimento na pele fina que quase dava medo de olhar. Na luz fraca e alaranjada, vislumbrei o sorriso de desdém que reluzia nos olhos de Modena quando ele reconheceu o horror nos meus. Quantas vezes, eu me perguntei, ele já teria visto aquele horror nos olhos de outras pessoas — o terror enorme e pálido que sentiam ao imaginar tais cicatrizes nos próprios rostos e o tormento em suas almas? Quantas vezes os outros se encolheram, como eu, e se afastaram de suas feridas, como se fossem as chagas abertas por alguma doença? Quantas vezes ele havia visto outros homens perguntarem a si mesmos: *O que ele fez? O que ele fez para merecer isso?*

A faca de Maurizio havia aberto as duas bochechas, sob os olhos castanhos. Os cortes tinham cicatrizado, formando duas marcas compridas em Y, que se arrastavam das pálpebras inferiores e desciam como terríveis lágrimas falsas. As pálpebras inferiores, permanentemente vermelhas e em carne viva, se abriam em pequenas trincheiras de agonia que revelavam cada globo ocular. O septo e as laterais do nariz tinham sido cortados até o osso. Ao cicatrizar, a pele se fechara de maneira irregular, nas laterais, mas não no centro, onde o corte tinha sido profundo demais. O grande buraco que ficou no lugar das narinas lembrava o focinho de um porco e se inflava a cada inalação de ar. Havia muitos outros cortes ao lado dos olhos, em volta do queixo e em toda a extensão da testa, abaixo dos cabelos.

Era como se Maurizio tivesse tentado descascar toda uma camada do rosto de Modena, e as centenas de cicatrizes que envolviam seus traços se acumulavam aqui e ali em montinhos de carne que corresponderiam aos dedos esticados das

mãos de um homem. Eu sabia que havia outras cicatrizes e feridas sob suas roupas: os movimentos de seu braço e sua perna esquerdos eram desajeitados, como se as articulações do cotovelo, do ombro e do joelho tivessem se enrijecido em torno de feridas que nunca se fecharam por completo.

Era uma mutilação monstruosa, uma desfiguração tão calculada em sua crueldade, que me senti entorpecido, incapaz de reagir. Reparei que não havia marcas em sua boca, nem ao redor dela. Pensei por que motivo a sorte havia deixado intactos seus lábios sensuais e bem-esculpidos, tão isentos de marcas. Então me lembrei de que Maurizio o havia amordaçado ao amarrá-lo na cama, tirando de vez em quando o pano torcido para obrigá-lo a falar. E, ao observar Modena dar tragos no cigarro, aquela boca perfeita e sem marcas me pareceu o pior e mais terrível dos ferimentos.

Fumamos os *bidis* até o toco e meus olhos se acostumaram à escuridão. Aos poucos percebi como ele era pequeno. Como havia encolhido com o efeito dos ferimentos do lado esquerdo. Sentia-me muito maior do que ele. Dei um passo para trás, na direção da luz, levantei a mochila e sacudi a cabeça, encorajador.

— *Garam chai pio?* — perguntei. *Vamos tomar um chá quente?*

— *Thik hain* — respondeu. *Tudo bem.*

Fui na frente, pelo beco, e entrei em uma loja de *chai* onde os trabalhadores de um moinho e de uma padaria descansavam entre os turnos. Os homens, diversos deles, se espremeram no banco de madeira para abrir espaço. Estavam cobertos de farinha branca no cabelo e no corpo inteiro. Pareciam fantasmas ou um monte de estátuas de pedra que ganhou vida. Os olhos, sem dúvida irritados pela farinha, eram vermelhos como as brasas embaixo dos fornos onde trabalhavam. Os lábios úmidos, de bebericar o chá, eram sanguessugas negras pregadas no branco fantasmagórico de sua pele. Eles nos encararam com a habitual curiosidade indiana, assumida, mas desviaram o olhar rapidamente quando Modena se voltou para eles.

— Lamento ter fugido — disse ele baixinho, com os olhos pregados nas mãos que se agitavam no colo.

Esprei que dissesse mais alguma coisa, mas ele fechou a boca em uma careta tensa e respirou ruidosa e regularmente pelo nariz aberto.

— Você... você está bem? — perguntei quando o chá chegou.

— *Jarur* — respondeu ele, com um sorrisinho. *Certamente.* — *Você está bem?*

Achei que ele estava sendo sarcástico e não escondi a irritação contida em minha testa franzida.

— Não quis ofendê-lo — disse ele, sorrindo de novo. Era um sorriso estranho, muito perfeito na curva da boca e muito deformado nas bochechas enrijecidas que puxavam as pálpebras inferiores para pequenos poços de angústia. — Estou apenas oferecendo ajuda, se precisar. Tenho dinheiro. Ando sempre com dez mil rúpias.

— O quê?

— Ando sempre...

— Sim, sim, eu ouvi. — Ele falava baixo, mesmo assim olhei para os

funcionários da padaria para ver se também o haviam escutado. — Por que estava me vigiando no mercado?

— Estou sempre vigiando vocês. Quase todos os dias. Vigio você, Karla, Lisa e Vikram.

— Por quê?

— *Preciso* vigiar vocês. É uma das formas que tenho de saber como encontrá-la.

— Encontrar quem?

— Ulla. Quando ela voltar. Não vai saber onde estou. Não... não vou mais ao Leopold nem a nenhum lugar que costumávamos frequentar. Quando ela me procurar, vai falar com você ou um dos outros. E a encontrarei. Vamos ficar juntos.

Ele fez seu pequeno discurso com tanta calma, depois bebericou o chá com ar tão distraído e satisfeito que aquilo acentuava a estranheza de seu desvario. Como podia pensar que Ulla, que o abandonara à morte naquela cama ensanguentada, voltaria da Alemanha para ficar com ele? E, mesmo se voltasse, como não se horrorizaria diante daquele rosto transformado em uma máscara de luto?

— Ulla... foi para a Alemanha, Modena.

— Eu sei — sorriu ele. — Estou feliz por ela.

— Não vai voltar.

— Ah, vai — disse ele, categoricamente. — Tenho certeza. Ela me ama. Vai voltar para mim.

— Por que... — comecei a frase, mas decidi abandonar o raciocínio. — Como você vive?

— Tenho um emprego. Um bom emprego. Ganho bastante dinheiro. Trabalho com Ramesh, um amigo meu. Eu o conheci... depois que fui ferido. Ele cuidou de mim. Na casa dos ricos, quando nasce um filho, nós vamos lá e eu visto minhas roupas especiais. Uso uma fantasia.

A horrenda ênfase que ele deu à última palavra e o sorrisinho torto que a acompanhou me fizeram sentir um calafrio na pele dos braços. Uma parte daquela perturbação ressoou na minha voz quando repeti a palavra.

— Fantasia?

— Sim. Tem um rabo comprido, orelhas pontudas e uma colar com caveirinhas no pescoço. Faço um demônio, um espírito perverso. E Ramesh faz um *sadhu* sagrado, um homem santo; ele me bate e me expulsa da casa. E eu volto, fingindo que estou tentando roubar o bebê. As mulheres gritam quando chego perto do bebê. Ramesh me bate de novo. Eu volto mais uma vez, e novamente ele me bate, e por fim me bate tanto que fico moribundo e saio correndo. As pessoas pagam muito dinheiro pelo espetáculo.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Não. Foi uma ideia nossa, minha e de Ramesh. Mas, depois que a primeira família rica nos pagou, todas as outras queriam ter certeza de que o espírito perverso seria afastado de seus garotinhos. E nos pagam um bom dinheiro, todas elas. Tenho um apartamento. Não sou o proprietário, é claro, mas paguei um ano

de aluguel adiantado. É pequeno, mas confortável. Um bom lugar para viver com Ulla. A gente pode ver as ondas do mar da janela principal. Minha Ulla ama o mar. Sempre quis uma casa perto da praia...

Encarei-o, fascinado tanto pela sua forma de falar quanto pelo que queria dizer. Modena fora um dos homens mais introvertidos que conheci. Quando nós dois frequentávamos o Leopold, ele passava semanas, às vezes até um mês, sem pronunciar sequer uma palavra na minha presença. Mas o novo Modena, o sobrevivente marcado, gostava de falar. Eu fora obrigado a persegui-lo até um beco sem saída para que ele dissesse alguma coisa, é verdade, mas depois que começou, tornou-se surpreendentemente tagarela. Enquanto o escutava e me acostumava à versão deformada e expansiva do homem, percebi a melodia de seu sotaque espanhol ao se alternar, com fluência, entre o híndi e o inglês. Misturava as duas línguas com uma costura perfeita incorporando palavras de uma à outra em um idioma híbrido, só dele. Perdido na suavidade daquela voz, perguntei-me se esse seria o segredo do misterioso elo que existira entre os dois, Ulla e Modena: se eles conversavam horas e horas quando estavam sozinhos, se aquela terna eufonia, aquela voz musical, os mantivera unidos.

Então, de um jeito tão repentino que me pegou desprevenido, o encontro com Modena foi encerrado. Ele se levantou para pagar a conta e saiu do beco, esperando por mim na entrada.

— Preciso *ir* — disse ele, olhando nervosamente para a esquerda e a direita antes de me encarar, com o rosto ferido. — Ramesh está lá, a essa hora, na frente do hotel President. Quando voltar, Ulla vai ficar lá, vai se hospedar ali. Adora aquele hotel. É o seu favorito. Adora a região de Back Bay. E chegou um avião da Alemanha esta manhã. Um avião da Lufthansa. Talvez ela esteja lá.

— Você verifica... depois de cada voo?

— Verifico. Não entro lá — murmurou ele, erguendo a mão como se fosse tocar no rosto, mas passando os dedos pelos cabelos curtos e grisalhos. — Ramesh entra no hotel para mim. Procura seu nome, Ulla Volkenberg, para ver se ela está lá. Um dia vai encontrar. Ela estará lá.

Ele começou a se afastar de mim, mas eu o impedi pousando a mão em seu ombro.

— Escute, Modena, não fuja de mim da próxima vez, está bem? Se precisar de alguma coisa, se houver algo que eu possa fazer, me peça. Estamos combinados?

— Não vou mais fugir — disse ele, muito sério. — É que virou um hábito. Foi só o costume de fugir de você. Não era eu, só o impulso. Não tenho medo de você. Sei que é meu amigo.

Ele se virou para ir embora, mas eu o impedi de novo, aproximando-o de mim para que eu pudesse cochichar em seu ouvido.

— Modena, não diga a ninguém que você anda por aí com tanto dinheiro. Prometa.

— Ninguém mais sabe disso, Lin — ele me garantiu, sorrindo com aqueles olhos fundos para mim. — Só você. Eu não contaria para mais ninguém. Nem Ramesh sabe que tenho tanto dinheiro comigo. Ele não faz ideia de que eu guardo o dinheiro. Não sabe sequer sobre o apartamento. Acha que eu gasto com drogas

a parte do que ganhamos juntos. E eu não uso drogas, Lin. Você sabe disso. Nunca uso. Apenas deixo que ele pense isso. Mas você é diferente, Lin. Você é meu amigo. Posso falar a verdade. Posso confiar em você. Por que não confiaria no homem que matou o próprio demônio?

— O que você quer dizer?

— Estou falando de Maurizio, o inimigo mortal.

— Não matei Maurizio — disse eu, olhando para as cavernas de paredes vermelhas dos seus olhos.

Sua boca perfeita se alargou, acompanhando um olhar cúmplice. A expressão repuxou ainda mais as cicatrizes em forma de Y no lugar das pálpebras inferiores. A abertura dos olhos era tão perturbadora naquele traçado avermelhado que precisei me controlar para não recuar quando ele estendeu a mão para pousar a palma no meu peito.

— Não se preocupe, Lin. O segredo está seguro comigo. Fico *feliz* por você ter matado Maurizio. Não só por minha causa. Eu o conhecia. Era o melhor amigo... o *único* amigo dele. Se ele sobrevivesse depois do que fez comigo, não haveria limite para sua perversidade. É assim que um homem destrói sua alma... Ele perde o último limite da perversidade. E eu o observei quando ele me dilacerava com a faca, e quando foi embora, e soube que ele havia perdido a alma. O que fez lhe custou a alma... as coisas que aprontou comigo.

— Você não precisa falar sobre isso.

— Não, não há problema agora em falar sobre ele. Maurizio estava com medo. Vivia com medo. Passou a vida inteira com medo de... tudo. E era cruel. Isso lhe dava poder. Conheci um monte de homens poderosos em minha vida e sei de uma coisa: todos eles tinham medo e eram cruéis. É a... *combinação*... que lhes dava poder sobre outros homens. Eu não tinha medo. Não era cruel. Não tinha poder. Era... você sabe, como o sentimento que eu tenho por minha Ulla... eu era *apaixonado* pelo poder de Maurizio. E então, depois que ele me deixou ali, sobre a cama, e Ulla entrou no quarto, eu vi o medo em seus olhos. Ele a encheu de medo. E a fez ter tanto medo que, quando viu o que ele tinha feito comigo, ela fugiu e me deixou ali. E quando a vi partir e fechar a porta...

Modena hesitou, engolindo em seco, os lábios cheios e sem cicatrizes estremecendo com as palavras. Eu queria que ele parasse, para poupá-lo das lembranças e talvez para me poupar também. Mas, quando comecei a falar, ele pôs mais pressão na palma que mantinha contra o meu peito, silenciando-me e fitando mais uma vez meus olhos.

— Odiei Maurizio pela primeira vez. Meu povo, as pessoas do meu sangue não querem odiar, porque, quando odiamos, nós o fazemos com toda a alma, e nunca conseguimos perdoar a pessoa odiada. Mas odiei Maurizio, quis que ele morresse e o amaldiçoei com aquele desejo. Não pelo que ele aprontou *comigo*, mas pelo que fez com minha Ulla e pelo que ele faria no futuro, como um homem sem alma. Portanto, não se preocupe, Lin. Não vou falar com ninguém sobre o que você fez. E estou feliz. Agradeço de coração por ter acabado com ele.

Uma voz nítida, vinda de dentro de mim, dizia que eu deveria lhe contar o que

havia acontecido de fato. Ele precisava saber da verdade. E eu *queria* que ele soubesse. Uma emoção que eu não conseguia entender completamente — o último vestígio de raiva contra Ulla, talvez, ou um desdém invejoso por sua confiança nela — me fez querer sacudi-lo, gritar a verdade e magoá-lo. Mas eu não conseguia falar. Não conseguia me mexer. E, quando seus olhos ficaram cheios de água e as lágrimas correram, fazendo o percurso exato das cicatrizes que cortavam seu rosto, eu mantive o olhar, assenti e não disse mais nada. Modena repetiu o gesto com a cabeça, lentamente, em resposta. Ele me interpretou errado, acho, ou eu o interpretei errado. Nunca vou saber.

*Os silêncios podem ferir com a mesma força das chicotadas*, escreveu certa vez o poeta Sadiq Khan. Mas às vezes ficar em silêncio é a única forma de dizer a verdade. Vi Modena se virar e afastar-se, mancando, e sabia que o instante sem palavras que havíamos compartilhado, com sua mão sobre meu peito, seus olhos chorosos e lacerados perto dos meus, seria bem mais precioso e honesto para nós dois, por mais incorreto ou equivocado que fosse, do que a verdade fria, sem amor, de seu mundo solitário, ou do meu.

*E talvez ele estivesse certo*, pensei. Quem sabe, a forma que escolheu para se lembrar de Maurizio e Ulla era correta. Com certeza, ele havia lidado com a dor que lhe causaram de uma forma bem melhor do que eu, ao enfrentar uma dor parecida. Quando meu casamento terminou em traição e amargura, mergulhei na droga. Não podia suportar que aquele amor tivesse acabado e que a felicidade se consumisse tão rápido em cinzas e tristeza. Por isso, arruinei minha vida e magoei muita gente com a minha queda. Modena, por sua vez, havia trabalhado, economizado e esperava que seu amor voltasse. Ao pensar naquilo — seu jeito de conviver com o que sofrera —, enquanto refazia o caminho para me reencontrar com Abdullah e os outros, descobri algo que eu deveria saber, como Modena, desde o início. Era uma coisa simples, tão simples que precisei encontrar uma dor tão grande quanto a dele para ser sacudido e enxergá-la. Ele fora capaz de lidar com aquela dor porque aceitava sua própria parcela de culpa. Eu nunca havia admitido — até aquele momento — minha responsabilidade no fracasso do casamento e na dor que se seguira. Por isso, jamais consegui lidar com o assunto.

Então, ao entrar na balbúrdia iluminada do mercado, eu aceitei a culpa e senti meu coração se expandir e se desdobrar, largando seus fardos de medo, ressentimentos e inseguranças. Caminhei entre o movimento das bancas e, quando me juntei a Abdullah, Vikram e aos Georges, eu estava sorridente. Respondi suas perguntas sobre Modena e agradei a Abdullah pela surpresa. Ele estava certo: depois daquilo, eu o perdoei por tudo. E, embora não conseguisse encontrar as palavras para explicar a transformação que vivenciara, ele percebeu, eu acho, que o sorriso diferente que eu lhe dei vinha de uma nova paz, nascida naquele dia e que lentamente começou a crescer dentro de mim.

O manto do passado é constituído de retalhos de sentimentos e costurado com fios do acaso. Na maior parte do tempo, o melhor que podemos fazer é nos envolver nele para encontrar conforto, ou arrastá-lo às nossas costas, quando lutamos para ir em frente. Mas tudo tem sua razão e seu sentido. Todas as vidas,

os amores, as ações, os sentimentos e os pensamentos têm suas próprias motivações e significados: seu início e o papel que desempenha no final. Às vezes, nós entendemos. Às vezes vemos o passado com tanta clareza, e deciframos a história de suas partes com tal precisão, que cada ponto dado pelo tempo revela seu objetivo e uma espécie de mensagem que se desenrola dele. Nada na vida, a despeito de ter sido bem ou mal vivida, é mais sábio do que o fracasso, nem mais claro que a tristeza. E, naquela minúscula e preciosa sabedoria que tiramos deles, mesmo aqueles inimigos temidos e odiados, o sofrimento e o fracasso, têm suas razões e o direito de existir.

O DINHEIRO FEDE. Uma pilha de dinheiro novo fede a tinta, ácido e água sanitária como a sala de impressões digitais em uma delegacia. O dinheiro velho, fustigado por esperança e cobiça, tem ranço de flores mortas que ficaram tempo demais entre as páginas de um romance barato. Quando a gente põe muito dinheiro, novo e velho, em um único aposento — milhões de rúpias contados duas vezes e presos em maços com elásticos —, ele fede. *Amo dinheiro*, Didier me disse certa vez, *mas detesto o cheiro. Quanto mais felicidade me dá, maior a vontade que tenho de lavar as mãos depois*. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. No salão de contagem de câmbio da máfia, uma caverna sem ventilação em Fort, onde as luzes quentes eram luminosas o bastante para detectar as falsificações mais perfeitas, e os ventiladores de teto nunca giravam rápido o suficiente para não correr o risco de levantar uma única nota das mesas, o cheiro de dinheiro era como o suor e a sujeira nas botas de um coveiro.

Algumas semanas depois do encontro com Modena, eu entrei na sala de contagem de Rajubhai, esbarrando nos *goondas*, numa brincadeira infantil e bruta que todos apreciavam, e me espantei com a quantidade de ar fresco nas escadas. Uma voz chamou meu nome e eu parei no terceiro degrau, apoiado no corrimão de madeira. Olhei para cima e vi Rajubhai debruçado para fora da entrada. O gerente de câmbio de Khader — não, *de Salman* —, baixinho, gordinho e careca, estava vestido, como sempre, com um *dhoti* e uma regata branca. Ele se debruçava na entrada, eu sabia, porque nunca deixava o aposento antes de trancá-lo, no fechamento à meia-noite, todas as noites. Quando precisava usar o banheiro, ia até uma instalação privativa, com um espelho que lhe permitia vigiar o salão. Era um contador dedicado — o melhor da máfia —, mas não apenas entrega à profissão mantinha Rajubhai em atividade nas mesas de contagem. Fora daquele aposento movimentado, ele era um homem rabugento, desconfiado e estranhamente envelhecido. Lá dentro, de alguma forma, se tornava mais rechonchudo, extrovertido e confiante. Era como se a ligação física o conectasse a uma força psíquica: enquanto uma parte de seu corpo se mantivesse no aposento, ele continuava ligado à energia, ao poder, ao dinheiro.

— Linbaba! — gritou para mim, com a parte inferior do corpo oculta pelo batente. — Não se esqueça do casamento! Você vai, não é?

— Claro — devolvi-lhe o sorriso. — Estarei lá!

Desci rapidamente os três lances de escada, brincando e empurrando os *goondas* de plantão em cada andar, e esbarrando nos homens à porta. Ao final da rua, reconheci os sorrisos de dois outros que vigiavam a porta. Havia exceções, mas a maioria dos jovens bandidos gostava de mim. Eu não era o único estrangeiro trabalhando com um conselho da máfia — havia um irlandês no conselho de Bandra, um conhecido mercenário americano com importante

atuação no tráfico de drogas, um holandês que trabalhava com uma quadrilha em Khar, e alguns outros espalhados pela cidade —, mas eu era o único *gora* do conselho de Salman. Eu era o estrangeiro *deles*. O orgulho indiano florescia como videiras novas, verdes, brancas e cor de laranja, nascidas da terra pós-colonial ressecada. E aqueles foram os últimos anos em que ser estrangeiro, ser britânico ou parecer e ter jeito de britânico, bastava para conquistar os corações e provocar a curiosidade das pessoas.

O convite de Rajubhai para o casamento da filha era significativo: queria dizer que eu tinha sido aceito como membro daquele grupo. Durante meses, trabalhei lado a lado com Salman, Sanjay, Farid, Rajubhai e outros do conselho. Meu serviço no ramo de passaportes trazia quase tanto dinheiro quanto toda a operação com o câmbio. Meus contatos nas ruas investiam grandes somas em ouro, mercadorias e câmbio. Eu me exercitava na academia de boxe com Salman Mustaan e Abdullah Taheri em dias alternados. Por meio da amizade com Hassaan Obikwa, formei uma nova aliança com seus aliados no gueto negro. Era uma ligação útil, que nos trouxera novos homens, dinheiro e mercados. A pedido de Nazeer, participei da delegação que havia fechado um acordo com exilados afegãos na cidade para fornecimento de armas — um acordo que garantia um suprimento constante para o conselho de Salman feito a partir das regiões controladas por semiautônomos na fronteira entre Paquistão e Afeganistão. Eu tinha amizade, respeito e mais dinheiro do que conseguia gastar, mas só depois de receber o convite de Rajubhai para o casamento da filha eu soube que havia sido completamente aceito. Ele era um veterano do conselho de Salman. O convite era o endosso que me dava as boas-vindas ao círculo mais fechado de confiança e carinho. Você pode trabalhar com e para a máfia, realizar o tipo de trabalho que merece reconhecimento, mas não faz parte do grupo até que o convidem para visitar suas casas e beijar os bebês.

Caminhei pelas fronteiras invisíveis de Fort e me aproximei da fonte Flora. Um táxi que passava diminuiu a velocidade, ao meu lado, o motorista fazia gestos insistentes para me convencer a entrar no carro. Mandei-o embora. Sem perceber que eu falava hindí, ele dirigiu ao meu lado em velocidade de tartaruga e debruçou-se pela janela para falar.

— Ei, seu filho da puta branco, não vê que o táxi está vazio? O que está fazendo? Caminhando numa tarde quente como se fosse um bode branco perdido por aí?

— *Kai paijey tum?* — perguntei de modo rude, em marata. *O que você quer?*

— *Kai paijey?* — repetiu ele, atordoado por ouvir aquela frase em marata.

— Qual é seu problema? — perguntei em um duro dialeto marata, usado nos becos do cidade. — Você não entende marata? Esta é a nossa Bombaim, e ela é nossa. Se você não consegue falar marata, o que está fazendo em Bombaim? Você tem um cérebro de bode dentro dessa cabeça de filho da puta?

— *Arrey!* — sorriu ele, passando para o inglês. — Você fala marata, *baba?*

— *Gora chierra, kala maan* — disse em resposta, fazendo gestos circulares sobre meu rosto e meu coração. *Rosto branco, coração negro*. Passei para o hindí, empregando a forma mais educada do pronome *você* para deixá-lo à

vontade. Sou branco por fora, irmão, mas completamente hindustâni por dentro. Só estou dando uma volta, matando o tempo. Por que não procura alguns turistas de verdade e deixa em paz os pobres indianos como eu, *na?*

Ele soltou uma gargalhada e pôs a mão para fora da janela do táxi para apertar a minha, suavemente, então se afastou a toda.

Continuei a caminhar, evitando as calçadas lotadas e caminhando no corredor mais rápido, na rua, ao lado dos carros. Ao inspirar profundamente o ar da cidade, minhas narinas por fim se livraram do cheiro da sala de moedas. Eu me dirigia de volta a Colaba, para o Leopold, para me encontrar com Didier. Queria caminhar porque me sentia feliz por estar de volta àquela parte da cidade, a minha preferida. O trabalho com o conselho da máfia de Salman me levou aos subúrbios mais distantes, e havia muitos lugares prediletos: de Mahalaxmi a Malad; de Cotton Green a Thana; de Santa Cruz e Anderi ao Distrito dos Lagos, na Film City Road. Mas a verdadeira sede do poder se encontrava naquela península comprida que se iniciava com a curva radical de Marine Drive e seguia a costa em forma de cimitarra até o World Trade Centre. E foi ali, naquelas ruas movimentadas, a poucos pontos de ônibus do mar, que a cidade conquistara meu coração e eu aprendera a amá-la.

Estava quente na rua, quente o bastante para consumir praticamente todos os pensamentos das mentes turbulentas. Como qualquer morador de Bombaim, como todo *Mumbaiker*, eu já caminhara naquele trecho entre a fonte Flora e a Causeway umas mil vezes, e, como eles, sabia onde encontrar brisa fresca e sombras pelo caminho. Meu couro cabeludo, o rosto e a camisa ficavam encharcados de suor após alguns segundos sob o sol — o batismo de toda caminhada à luz do dia — e depois refrescavam e secavam completamente em um minuto de vento e sombra.

Enquanto eu me movimentava entre o trânsito e as pessoas que faziam compras, meus pensamentos estavam no futuro. Paradoxalmente, de uma forma até perversa, no momento em que eu era aceito no coração secreto de Bombaim, também sentia uma vontade muito forte de partir. Compreendia as duas forças, por mais contraditórias que pudessem parecer. Muito do que eu amei em Bombaim vinha dos corações, das mentes e das palavras de seres humanos — Karla, Prabaker, Khaderbhai e Khaled Ansari. De uma forma ou de outra, todos tinham partido, mas havia uma constante sensação de melancolia que suas lembranças traziam em cada rua, templo e pedaço de costa que eu amava na cidade. Porém, surgiam novas fontes de amor e inspiração — novos começos que vinham à tona das terras devolutas tomadas pela perda e pela desilusão. Minha posição no novo conselho da máfia de Salman estava garantida. As oportunidades de negócio se abriam na indústria cinematográfica de Bollywood e nos ramos mais recentes da televisão e da multimídia: recebia ofertas de trabalho semana sim, semana não. E, a cada noite que se passava, eu estava mais perto de amar Lisa Carter.

Uma tristeza que permanecia em todos os meus lugares favoritos me pressionava a deixar a cidade, ao mesmo tempo que um novo amor e a aceitação me empurravam para mais perto de seu coração. E eu não conseguia

decidir, enquanto caminhava na longa extensão entre Flora e Causeway, para onde ir. Por mais que eu pensasse sobre o passado conflituoso ou sobre a tristeza e a promessa do presente, não conseguia dar o salto de confiança, da fé no futuro. Faltava alguma coisa: algum cálculo, alguma prova ou uma nova revelação sobre a minha vida que tornaria tudo mais nítido. Eu tinha certeza, mas não sabia o que era. Assim, movimentava-me entre o frenético fluxo de carros, motos, ônibus, caminhões e carrinhos de mão e o vaguear de turistas e pedestres, e deixava meus pensamentos se perderem no calor e na rua.

— Lin! — exclamou Didier quando atravessei um amplo arco e me dirigi às várias mesas unidas onde ele se encontrava. — Acabou de chegar da academia, *non?*

— Não, estava caminhando. Pensando. Exercitando a mente, e talvez a alma.

— Não tenha medo! — ordenou-me, fazendo um sinal para o garçom. — Eu curo essa doença todos os dias. Ou pelo menos todas as noites. Abra espaço para ele, Arturo. Vá um pouquinho para lá e deixe que sente ao meu lado.

Arturo, um jovem italiano que se escondia em Bombaim por conta de algum problema não revelado com a polícia de Nápoles, era a nova paixão de Didier. Baixo e esguio, tinha um rosto de boneca que muitas garotas invejariam. Falava pouco inglês e reagia a qualquer abordagem, por mais gentil que fosse, com o mesmo tremor petulante de irritação. Em consequência, muitos dos amigos de Didier o ignoravam e calculavam o tempo que faltava para o relacionamento entrar em colapso, o que variava entre alguns meses, no máximo, e algumas semanas.

— Karla acabou de sair — disse Didier, em voz mais baixa, enquanto eu apertava sua mão. — Vai ficar chateada. Ela queria...

— Eu sei — sorri. — Ela queria me ver.

As bebidas chegaram e Didier bateu seu copo contra o meu. Dei um gole e o deixei na mesa a seu lado.

Várias pessoas da indústria cinematográfica, que trabalhavam com Lisa Carter, estavam na mesa, junto com um grupo de jornalistas, colegas de Kavita Singh. Ao lado de Didier encontravam-se Vikram e Lettie. Pareciam mais felizes e saudáveis do que nunca. Havia comprado um apartamento novo no coração de Colaba, perto do mercado, meses antes. Embora o investimento houvesse esgotado suas economias e os obrigasse a pedir dinheiro emprestado aos pais de Vikram, era uma prova de sua fidelidade recíproca e da confiança que depositavam no futuro de seu promissor negócio no cinema. Os dois continuavam empolgados com a mudança.

Vikram me saudou calorosamente, levantando-se da cadeira para me dar um abraço. Suas roupas de pistoleiro haviam desaparecido, peça a peça, por insistência de Lettie e também por conta do amadurecimento do seu gosto. Tudo o que sobrara da fantasia de Clint Eastwood eram o cinto de prata e as botas pretas de vaqueiro. O querido chapéu, abandonado com muita relutância quando ele se viu com frequência cada vez maior nas salas de reunião de grandes empresas e não nos estábulos dos dublês, agora pendia em um gancho no meu apartamento. Era um dos meus bens mais preciosos.

Quando me abaixei para beijar Lettie, ela segurou o ombro da minha camisa,

me puxou para perto e murmurou na minha orelha.

— Fique frio, cara — murmurou misteriosamente. — Fique frio.

Ao lado de Lettie estavam os produtores de cinema Cliff de Souza e Chandra Mehta. Como às vezes acontece com grandes amigos, Cliff e Chandra pareciam trocar a substância de seus corpos de tempos em tempos, de forma que Cliff ficara ligeiramente mais magro e anguloso, enquanto Chandra ganhara peso em uma proporção quase perfeita. Quanto mais diferentes fisicamente, mais parecidos ficavam de outras maneiras. Na verdade, aqueles colegas tão próximos, que trabalhavam e se divertiam juntos quarenta horas seguidas, usavam os mesmos gestos, as mesmas expressões faciais e frases, e por isso passaram a ser chamados, nos estúdios dos filmes que produziam, de Tio Gordo e Tio Magro.

Eles ergueram os braços com o mesmo cumprimento entusiasmado de quando me aproximei, embora cada um tivesse suas próprias razões para ficar feliz em me ver. Cliff de Souza tinha se apaixonado por Kavita Singh desde que eu os apresentara e esperava que eu pudesse convencê-la a gostar dele. Como eu a conhecia havia mais tempo, sabia muito bem que nenhum poder no mundo poderia influenciar Kavita a fazer nada que não estivesse de acordo com seu desejo e sua vontade. Ainda assim, ela parecia gostar bastante dele, e os dois tinham muitas afinidades. Estavam perto da casa dos trinta, ainda solteiros — uma condição tão rara na classe média alta indiana, naqueles tempos, que suas famílias sofriam com isso em todas as festas e festivais de um calendário movimentado. Ambos profissionais da mídia, se orgulhavam de sua independência e seu talento artístico. Também eram movidos pela mesma tolerância instintiva de pesquisar, examinar com equilíbrio, todos os pontos de vista em qualquer conflito de interesses. E eram pessoas atraentes. As belas formas de Kavita e seu olhar sedutor complementavam com perfeição a angulosidade esguia e o sorriso travesso e sem jeito dele.

De minha parte, gostava dos dois e não via motivos para resistir ao impulso de bancar o santo casamenteiro e me intrometer. Em público, deixava claro que gostava de Cliff de Souza e, em particular, eu o elogiava discretamente para ela sempre que surgia uma oportunidade. Tinham chance — uma boa chance, ao que me parecia —, e meu coração torcia pelo bem dos dois.

Chandra Mehta, por outro lado, estava feliz em me ver, porque eu era seu elo mais próximo com o dinheiro sujo do conselho de Salman, e o único que ele poderia descrever como amigável. Como Khader, Salman Mustaan viu muitas vantagens no acesso ao mundo do cinema de Bombaim por intermédio de Chandra Mehta. Novas regulamentações em níveis federal e estadual haviam aumentado as restrições ao fluxo de capital, tornando mais difícil a lavagem de dinheiro no mercado negro. Por muitas razões — sem contar o irresistível glamour associado à indústria —, os políticos haviam eximido o cinema de muitos daqueles controles monetários e de investimentos. Eram anos de crescimento econômico, e os filmes de Bollywood viviam uma era de renascimento em estilo e confiança. Ficaram maiores e melhores, e passaram a buscar um mercado mais amplo, em escala mundial. Porém, enquanto os orçamentos dos filmes de sucesso aumentavam, os produtores exauriam as

fontes de renda tradicionais. Aquela convergência de interesses levou muitos produtores e estúdios a estranhas manobras com os chefões: filmes sobre *goondas* eram financiados pela máfia, e os lucros de grandes sucessos sobre assassinos profissionais retornavam para novos crimes e golpes na vida real, que por sua vez se tornavam tema de roteiros e de novos filmes financiados por mais dinheiro da máfia.

E eu interpretava meu papel, por assim dizer, como ligação entre Chandra Mehta e Salman Mustaan. A relação era lucrativa. O conselho de Salman havia despejado *crores* na Mehta-De Souza Productions — um *crore* significa dez milhões de rúpias — e tinha saído com dinheiro limpo e não declarável. O primeiro contato com Chandra Mehta, quando ele me pediu para encontrar alguns milhares de dólares no mercado negro, havia prosperado e se transformado em uma ligação à qual o corpulento produtor não conseguia resistir ou recusar. Estava cada vez mais rico. Mas os homens que despejavam riquezas em sua empresa o assustavam, e cada contato era permeado pelo cheiro da desconfiança que nutriam por ele. E assim Chandra Mehta sorria para mim, ficava feliz em me ver e tentava reforçar os laços tímidos da nossa amizade toda vez que nossos caminhos se cruzavam.

Eu não me importava. Gostava de Chandra Mehta e dos filmes de Bollywood. Permitia que ele me arrastasse para seu mundo abastado e cheio de preocupações.

Ao lado dele na mesa, encontrava-se Lisa Carter. Seu cabelo louro e espesso já tinha crescido o suficiente para voltar a pender sob seu rosto de camafeu. Os olhos azuis estavam luminosos, transbordantes de paixão. Estava bronzeada e muito saudável. Ganhara até algum peso — coisa que ela execrava, mas que eu e todos os homens em volta dela admirávamos. E havia algo novo e muito diferente em seus modos: uma suavidade calorosa e relaxada em seu sorriso; uma risada bem-disposta que predispunha os outros a rirem com ela; e uma leveza de espírito que procurava e costumava encontrar o que havia de melhor nas pessoas que conhecia. Durante semanas, meses, observei essas mudanças ocorrerem e se consolidarem nela, e a princípio achava que estavam associadas ao meu afeto. Embora não mantivéssemos formalmente nenhum tipo de relacionamento — ela continuava a viver em seu apartamento, e eu, no meu —, éramos amantes e bem mais do que amigos. Depois de um tempo, percebi que as mudanças não eram provocadas por mim, mas apenas por ela. Comecei a ver a profundidade do poço do seu amor e o quanto sua felicidade e sua segurança dependiam de trazer esse sentimento à tona e compartilhá-lo. E o amor era lindo nela. Lisa nos presenteava com um céu límpido dentro daqueles olhos, e uma manhã de verão em seu sorriso.

Ela beijou meu rosto quando fui cumprimentá-la. Devolvi o beijo, pensando, ao recuar, por que uma pequena ruga de preocupação parecia vincar sua testa, sobre seus olhos azuis.

Em seguida, na mesa comprida, vinham os jornalistas Dilip e Anwar. Eram jovens, saídos havia poucos anos da universidade, e ainda aprendendo seu trabalho nas abóbadas anônimas de *The Nooday*, jornal diário de Bombaim. De

noite, com Didier e sua pequena corte, eles conversavam sobre os furos de reportagem do dia, como se tivessem desempenhado papéis fundamentais nas sacações ou seguido seus próprios instintos até o final da investigação. Sua empolgação, seu entusiasmo, sua ambição, sua esperança desmesurada no futuro encantavam tanto a turma do Leopold, que Kavita e Didier se sentiam obrigados a responder uma vez ou outra com tiradas sarcásticas. Dilip e Anwar reagem bem, rindo e geralmente devolvendo no mesmo nível, até que todo o grupo gritava e batia na mesa, se divertindo.

Dilip era um rapaz alto, de pele clara e olhos amendoados, nascido no Punjab. Anwar, da terceira geração de nativos de Bombaim em sua família, tinha pele mais escura, era mais baixo e o mais sério dos dois. *Sangue novo*, me dissera Lettie, com um sorriso, alguns dias antes daquela tarde. Era uma expressão que ela havia usado certa vez para se referir a mim, quando eu chegara a Bombaim. E, enquanto contornava a mesa e observava os dois rapazes que conversavam com tanta paixão e determinação, me ocorreu que, no passado, antes da heroína e do crime, minha vida fora parecida com a deles. Eu havia sido tão feliz, saudável e esperançoso quanto eles. Ficava contente por conhecê-los e saber que eram parte dos prazeres e das promessas da turma do Leopold. E era certo que estivessem por lá, como estava correto que Maurizio tivesse partido, que Ulla e Modena tivessem partido e que eu, um dia, também partiria.

Devolvi seus apertos de mão calorosos e passei pelos dois até chegar a Kavita Singh, sentada ao lado deles. Kavita se levantou para me abraçar. Era um abraço carinhoso e apertado, de uma mulher que sabe que pode confiar naquele homem, ou quando tem certeza de que seu coração pertence a outra pessoa. Um raro abraço entre estrangeiros. Partindo de uma mulher indiana, tratava-se de uma experiência de extrema intimidade. E era importante. Eu vivia na cidade fazia muitos anos. Podia me comunicar em marata, híndi e urdu. Era capaz de me sentar com bandidos, moradores da favela ou atores de Bollywood e merecer sua atenção, e às vezes seu respeito. Mas poucas coisas fizeram-me sentir tão aceito, em todos os grupos indianos de Bombaim, quanto o abraço carinhoso de Kavita Singh.

Nunca contei isto a ela — o que aquela aceitação carinhosa e incondicional significou para mim. Uma boa parte — grande demais — do bem-estar que senti naqueles anos de exílio ficou trancada na cela da prisão do meu coração: aquelas altas muralhas de medo, a pequena janela gradeada da esperança, a cama dura da vergonha. Agora posso dizer. Agora eu sei que, quando o momento amoroso e honesto chega, ele deve ser captado e pronunciado, pois pode nunca mais voltar. E, sem falar, manifestar e viver as coisas que declaramos de coração para coração, aqueles sentimentos reais e verdadeiros fenecem e perecem na mão que se lembra e tenta alcançá-los tarde demais.

Naquele dia, enquanto o véu rosa-acinzentado da noite envolvia lentamente a tarde, eu não disse nada para Kavita. Deixei o meu sorriso, uma coisa feita com pedras quebradas, subir e descer do alto da sua afeição ao chão sob seus pés. Ela pegou meu braço e me conduziu para ser apresentado ao homem sentado a seu lado.

— Lin, não sei se você já foi apresentado a Ranjit — disse ela, enquanto ele se levantava e apertávamos as mãos. — Ranjit é... amigo de Karla. Ranjit Choudry, este é Lin.

De repente, entendi o que Lettie queria dizer com aquele comentário misterioso — *Fique frio, rapaz* — e por que Lisa não conseguia desfazer a ruga de preocupação na testa.

— Pode me chamar de Jeet — sugeri eu. O sorriso era grande, natural, confiante.

— *Tudo bem* — respondi calmamente, apesar de não sorrir. — Prazer em conhecê-lo, *Jeet*.

— Também é um prazer conhecer você — retribui, com a pronúncia arredondada e musical ensinada nas melhores escolas particulares e universidades de Bombaim, meu sotaque favorito entre todas as belas formas de se falar o inglês. — Já ouvi falar de você muitas vezes.

— *Acha?* — respondi sem pensar, exatamente como faria qualquer indiano da minha idade. A palavra, em tradução literal, significa *bom*. Naquele contexto e com tal inflexão, significava *verdade?*

— É — riu ele, soltando minha mão. — Karla fala muito de você. É uma espécie de herói para ela, tenho certeza de que sabe disso.

— É engraçado — respondi, sem saber muito bem se ele era tão inocente quanto parecia ser. — Uma vez ela me disse que só existem três tipos de heróis: os mortos, os feridos e os suspeitos.

Ele jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada, com a boca bastante aberta para revelar uma perfeita dentadura indiana. Ainda rindo, encontrou meu olhar e sacudiu a cabeça com surpresa.

*Então é isso, em parte, pensei. Ele entende as piadas dela. Gosta do jeito como ela brinca com as palavras. Ele compreende o que sente por elas e sua astúcia. É um dos motivos pelos quais ela gosta dele, tudo bem.*

O resto era mais óbvio. Ele tinha um corpo ágil, de altura média, parecida com a minha, um rosto expansivo e atraente. Mais do que a soma de bons traços — malares proeminentes, testa larga e distinta, olhos expressivos cor de topázio, um nariz marcante, boca sorridente e queixo firme —, aquele era o tipo de rosto que, no passado, seria qualificado de galante: o velejador solitário, o montanhista, o aventureiro da selva. Usava cabelo curto, que começava a apresentar entradas na testa, mas até aquilo lhe caía bem, como se fosse a opção preferencial para homens atléticos e saudáveis. E as roupas — eu as conhecia bem, graças às expedições de compras que fazia com Sanjay, Andrew, Faisal e outros mafiosos às mais caras lojas da cidade. Não havia um chefe respeitável de Bombaim que não apertasse os lábios e sacudisse a cabeça para demonstrar aprovação ao guarda-roupa de Ranjit.

— Bem — disse eu, movimentando os pés para cumprimentar Kalpana, a última amiga, sentada na ponta da mesa. Ela trabalhava como primeira assistente de direção para as produções de Mehta-De Souza, e se preparava para se tornar diretora. Kalpana me lançou um olhar e piscou.

— Espere — pediu Ranjit, baixinho mas com pressa. — Eu queria lhe falar...

sobre as suas histórias... seus contos...

Virei-me e fiz uma cara feia para Kavita Singh, que deu de ombros e levantou as palmas das mãos, desviando os olhos.

— Kavita deixou que eu os lesse, e eu queria lhe dizer que são muito bons. Pelo menos, *eu* acho que são bons.

— Bem, obrigado — balbuciei, tentando mais uma vez passar por ele.

— De verdade. Eu li todos, achei fantásticos.

Existem poucas coisas mais embaraçosas do que uma demonstração espontânea de admiração sincera vinda de alguém a quem você está determinado a não gostar, sem o menor motivo. Senti que começava a corar ligeiramente, de vergonha.

— Obrigado — disse eu, colocando a verdade em meus olhos e em minha voz pela primeira vez — É bom pra caramba ouvir isso, mesmo que Kavita não devesse ter mostrado os contos para ninguém.

— Sei disso — respondeu ele, rapidamente. — Mas acho que você *deveria*... mostrá-los para alguém. Não se adaptam ao meu jornal. Não é o canal correto para publicação. Mas *The Noonday*, bem... seria perfeito para as histórias. E sei que as comprariam por um preço bem justo. O editor, Anil, é meu amigo. Conheço seu gosto e sei que vai adorar seus contos. Não os mostrei para ele, naturalmente. Não faria isso sem a sua permissão. Mas eu disse que tinha lido e que os acho bons. Ele quer conhecê-lo. Se você levar as histórias, tenho certeza de que vão se dar bem. De qualquer maneira, está em suas mãos. Ele quer conhecê-lo. Mas é com você. Seja lá o que decidir, desejo-lhe tudo de bom.

Ele sentou e eu passei para cumprimentar Kalpana e assumir meu lugar ao lado de Didier. Fiquei tão distraído pela conversa com Ranjit — *Jeet* — Choudry que mal ouvi Didier anunciar que planejava uma viagem à Itália com Arturo. *Três meses*, eu o ouvi dizer, e lembrei-me de pensar que três meses na Itália poderiam se transformar em três anos e que talvez eu o perdesse. O pensamento era tão estranho que não me permiti examiná-lo. Bombaim sem Didier era como... Bombaim sem o Leopold, ou sem a mesquita de Haji Ali ou o monumento Porta da Índia.

Afastei a ideia, olhei em volta para a mesa de amigos sorridentes, que bebiam e conversavam, e enchi o copo vazio que havia dentro de mim, servindo-me de seus sucessos e suas esperanças em meus olhos. Depois, voltei minha atenção para Ranjit, namorado de Karla. Eu tinha feito o dever de casa e me informado sobre ele nos últimos meses. Sabia que era o segundo filho — alguns diziam, o favorito — entre os quatro de Ramprakash Choudry, um motorista de caminhão que fez fortuna reabastecendo cidades costeiras de Bangladesh atingidas por ciclones. Os primeiros trabalhos para o governo renderam contratos importantes que exigiam frotas de caminhões e, depois de um tempo, aluguel de aeronaves e navios. No meio do caminho, Choudry adquirira um jornal de pequena circulação em Bombaim como parte da fusão com uma empresa de atividades mais diversificadas, que envolviam transporte e comunicações. Ele tinha entregado o jornal para o filho Ranjit, que acabara de se formar em administração e era o primeiro, dos dois lados da família, a completar o ensino

médio e receber educação superior. Ranjit vinha cuidando do jornal, rebatizado *The Daily Post*, havia oito anos. Seu sucesso com *The Post*, como se sabia, permitira que Ranjit embarcasse no incipiente ramo da produção independente para televisão.

Ele era rico, influente, popular, e dono de um talento empresarial na imprensa, no cinema e na televisão: um barão da comunicação em formação. Corriam boatos de ressentimentos por parte do irmão mais velho de Ranjit, Rahul, que acompanhara o pai no negócio de transportes desde o início da adolescência e não recebera os benefícios de uma educação particular, privilégio que favoreceu Ranjit e os irmãos mais novos. Também havia fofocas sobre os mais novos, sobre as festas malucas que às vezes organizavam e as grandes propinas necessárias para livrá-los de encrencas. Porém não se ouvia nenhuma crítica a Ranjit, em nenhum campo. E, afora aquelas poucas preocupações, sua vida parecia ser abençoada.

Como Lettie dissera certa vez, ele era um partidão e tanto. E enquanto observava com os amigos — ouvindo mais do que falando, sorrindo mais do que franzindo a testa, rindo de si mesmo e cheio de consideração, diplomático e atencioso —, precisei admitir para mim mesmo que era um homem encantador. E, estranhamente, senti pena dele. Há alguns anos, ou mesmo há alguns meses, eu teria sentido inveja por ele ser tão encantador — *um cara tão legal*, como muita gente me dizia quando eu perguntava sobre ele. Eu o teria odiado. Mas não sentia nada parecido com isso por Ranjit Choudry. Ao contrário, enquanto o observava, lembrando-me demais do que havia sentido por Karla e pensando nela com clareza pela primeira vez... em muito tempo... senti pena do barão das comunicações, rico e atraente, e lhe desejei sorte.

Conversei com Lisa e o pessoal do outro lado da mesa por meia hora, e depois levantei os olhos e vi Johnny Cigar, de pé, na ampla entrada, gesticulando para chamar minha atenção. Feliz por ter uma desculpa para ir embora, virei-me para Didier e fiz que olhasse para mim.

— Escute, se você está falando sério sobre passar três meses na Itália...

— É claro que estou... — ele começou, mas eu o interrompi rapidamente.

— E, se você precisa mesmo de alguém para tomar conta da sua casa enquanto estiver viajando, acho que tenho as pessoas certas.

— Ah, é? E quem são?

— Os Georges — respondi. — Os Georges do Zodíaco. Gêmeos e Escorpião. Didier ficou chocado.

— Mas esses... esses *Georges*... eles são, como posso dizer?

— Confiáveis? — sugeri. — Honestos. Limpos. Leais. Corajosos. E, acima de tudo, a qualificação mais importante para situações como essa: não estão nem um pouco interessados em permanecer em seu apartamento nem um minuto a mais do que você gostaria. De fato, vou ter uma trabalhadora incrível para convencê-los a ficar lá. Eles *gostam* da rua. Não vão querer fazer isso. Mas, se eu deixar que saibam que é um favor pessoal, talvez concordem. Vão tomar conta da sua casa muito bem e passarão três meses vivendo em segurança, em um lugar decente.

— *Decente?* — desdenhou Didier. — O que quer dizer com *decente*? Meu apartamento não encontra paralelos em Bombaim, Lin. Você sabe disso. *Excelente*, eu poderia compreender. *Maravilhoso*, eu aceitaria. Mas *decente... non!* É como dizer que eu moro no mercado de peixe e, bem, que eu *lavo* tudo com a mangueira diariamente!

— Então, o que acha? Preciso ir.

— *Decente?* — fungou ele.

— Sai dessa, cara. Esqueça isso!

— Bem, sim, talvez você tenha razão. Não tenho nada contra eles. O George do Canadá, o Escorpião, fala um pouco de francês. É verdade. Sim. Sim. Acho uma boa ideia. Diga para me procurarem e vou conversar com eles, e dar instruções bem detalhadas.

Despedi-me às gargalhadas e me encontrei com Johnny Cigar na porta do restaurante. Ele se aproximou de mim.

— Você pode vir comigo? Agora? — perguntou.

— Claro. Vamos a pé ou de táxi.

— Acho que um táxi é melhor, Lin.

Abrimos caminho por entre o tumulto de pedestres até a rua e encontramos um táxi. Eu sorria enquanto chamávamos o táxi e entrava nele. Fazia meses que tentava encontrar um jeito de ajudar os Georges Gêmeos e Escorpião com algo mais significativo do que o dinheiro que lhes dava de tempos em tempos. As férias de Didier com Arturo forneciam a oportunidade perfeita. Eu sabia que a estada no apartamento de Didier somaria anos às suas vidas: três meses sem a pressão de viver nas ruas e com a garantia de boa saúde que apenas um lar e comida caseira podem oferecer. E também sabia que, com os Georges do Zodíaco em seu apartamento, Didier ficaria preocupado o bastante para que seu retorno a Bombaim fosse mais provável e também antes do previsto.

— Para onde vamos? — perguntei a Johnny.

— Para o World Trade Centre — disse ele ao motorista, sorrindo para mim, mas claramente preocupado com alguma coisa.

— Qual é o problema?

— Estamos com um problema na *shopadpatti* — respondeu ele.

— Tudo bem — disse, sabendo que ele não diria mais nada sobre o assunto até o momento apropriado. — Como está o bebê?

— Vai bem, muito bem — riu ele. — Ele segura meus dedos com tanta força. Vai ser grande e forte... maior que o pai, com certeza. E o filho de Prabaker, filho de Parvati, irmã da minha Sita, também é lindo. Ele é tão parecido com Prabaker... nos traços e no sorriso.

Não queria pensar em meu amigo querido e morto.

— E como vai Sita? E as meninas? — perguntei.

— Vão bem, Lin, todas estão bem.

— Você precisa tomar cuidado, Johnny — avisei-lhe. — Três filhos em menos de três anos... Antes que se dê conta, você vai virar um sujeito velho e gordo com nove crianças pulando a sua volta.

— É um belo sonho — suspirou ele, feliz.

— E o trabalho? Como você está indo... Como vão as suas contas?

— Também vão bem, muito bem, Lin. Todo mundo paga impostos e ninguém gosta disso. Meu negócio vai bem. Sita e eu decidimos comprar a casa vizinha à nossa e construir uma maior para a família.

— Que ótimo! Mal posso esperar para ver.

Houve um breve silêncio e então Johnny se virou para mim com ar preocupado, quase atormentado.

— Lin, naquele tempo em que me convidou para trabalhar com você e eu recusei...

— Não tem problema, Johnny.

— Não, tem problema, sim. Eu quero lhe dizer. Eu deveria ter ido trabalhar com você.

— Você está com problemas? — perguntei, sem compreender o que ele dizia. — Os negócios não vão tão bem assim quanto disse? Está precisando de dinheiro?

— Não, não, está tudo bem comigo. Mas, se eu ficasse ao seu lado naquela época, tomando conta de você, talvez você não estivesse mais trabalhando no mercado negro com aqueles *goondas* por todos esses meses.

— Não, Johnny.

— Eu me culpo diariamente, Lin — disse ele, com os lábios apertados e uma expressão angustiada. — Acho que você me pediu para trabalhar com você, para ser seu parceiro, porque precisava de um amigo naquele tempo. Fui um mau amigo, Lin, e me culpo. Todos os dias, eu me sinto mal por causa disso. Lamento muito ter recusado.

Pus a mão em seu ombro, mas ele não me olhava nos olhos.

— Olhe só, Johnny, você precisa entender. O que eu faço, não acho bom, mas também não considero ruim. Você acha ruim. E eu respeito. Admiro isso. E você é um bom amigo.

— Não — murmurou ele com os olhos ainda baixos.

— Sim — insisti. — Adoro você, cara.

— Lin! — disse ele, agarrando meu braço com uma preocupação súbita e premente. — Por favor, por favor, tenha cuidado com esses *goondas*. Por favor! Sorri, tentando acalmá-lo.

— Cara — protestei —, você vai me dizer por que estamos fazendo este passeio?

— Ursos! — disse ele.

— Ursos?

— Bem, para falar a verdade, sabe, o problema é apenas *um* urso. Você conhece Kano? Kano, o urso?

— Claro que sim — resmunguei. — Urso *bahinchudh*, o que aconteceu? Foi preso de novo?

— Não, não, Lin. Não está na cadeia.

— Que bom. Pelo menos ele não é um reincidente.

— Para falar a verdade, ele *fugiu* da cadeia.

— Merda...

— E agora é um urso foragido, com a cabeça a prêmio, ou as patas, ou qualquer parte que consigam pegar.

— Kano está foragido?

— Sim. Tem até um cartaz de *procura-se*.

— *O quê?*

— Um cartaz de *procura-se* — explicou pacientemente. — Tiraram uma foto dele, do Kano, com seus dois acompanhantes azulados, quando o prenderam de novo. Agora, eles colocaram aquela foto no cartaz.

— *Eles quem?*

— O governo do estado, a polícia de Maharashtra, a Força de Segurança das Fronteiras e Serviço de Proteção à Vida Selvagem.

— Meu Deus, o que foi que Kano fez? Quem ele matou?

— Não matou ninguém, Lin. A história, o que aconteceu, é que o Serviço de Proteção tem uma nova orientação, para acabar com a crueldade contra os ursos de circo. Não sabem que seus treinadores o amam, como se fosse um irmão mais velho, que ele também os ama e que eles nunca o machucariam. Mas orientação é orientação. Então os caras capturaram Kano e o levaram para a prisão de animais. Ele chorava sem parar, sentindo a falta dos treinadores azuis. E os treinadores estavam do lado de fora da cadeia de animais e também choravam e choravam. Ai dois daqueles sujeitos da Proteção, segurança de plantão, ficaram muito transformados com todo aquele choro e começaram a bater nos homens azuis com o *lathis*. Deram uma bela surra. Kano viu que seus donos estavam apanhando e simplesmente perdeu o controle. Destruiu a jaula e conseguiu fugir. Os dois treinadores se encheram de coragem, atacaram os sujeitos da Proteção e fugiram com Kano. Agora estão escondidos em nossa *zhopadpatti*, no barraco que você costumava ocupar. E precisamos tentar tirá-los da cidade sem que sejam capturados. Nosso problema é como levar Kano da *zhopadpatti* até Nariman Point. Um caminhão espera por eles lá. O motorista concordou em transportar Kano e seus domadores.

— Não é fácil — murmurei. — E ainda por cima com um maldito cartaz de *procura-se* com a foto do urso e dos caras azuis. *Meu Deus!*

— Você vai nos ajudar, Lin? Sentimos muita pena daquele urso. O amor é algo muito especial nesse mundo. Quando dois homens têm tanto amor nos corações, mesmo que seja por um urso, esse amor precisa ser protegido, não é?

— Bem...

— Não é?

— Claro que sim — sorri. — Com certeza. Vou ficar feliz em ajudar, se puder. E você também pode me fazer um favor.

— Qualquer coisa.

— Tente me arranjar um desses cartazes com o retrato do urso e dos dois sujeitos azuis. Preciso de um.

— Um cartaz?

— Sim, é uma longa história. Não se preocupe com isso. Se você encontrar um deles, pegue para mim. Você tem um plano?

O táxi encostou perto da favela enquanto a noiteinha, esvaziada do pôr do sol e

clara o bastante para revelar as primeiras estrelas, levava crianças brincalhonas, ainda aos gritos, de volta para casa, onde a fumaça do jantar pairava no ar cada vez mais fresco.

— O plano — anunciou Johnny enquanto caminhávamos às pressas pelos becos tão familiares, acenando e sorrindo para os amigos no caminho — é disfarçar o urso.

— Não sei — disse eu, em dúvida. — Ele é bem alto, pelo que me lembro, e muito grande.

— A princípio, pusemos um chapéu e um casaco nele, e até um guarda-chuva pendurado no paletó, como um cara que trabalha em escritório.

— Como ele ficou?

— Não deu muito certo — respondeu Johnny sem um vestígio sequer de ironia ou sarcasmo. — Ainda parecia um urso, mas um urso com roupas.

— Não diga.

— É. Agora o plano é vesti-lo com trajes muçulmanos, sabe? Do Afeganistão? Cobrir o corpo todo e deixar só os buracos para ele poder ver.

— Uma burca.

— Exatamente. Os garotos foram até Mohammed Ali Road para comprar a maior que pudessem encontrar. Já devem estar... Ah, veja! Já estão aqui, e podemos experimentar e ver como ficou.

Encontramos um grupo de uma dúzia de homens e o mesmo número de mulheres e crianças, reunido perto do barraco onde eu morei e trabalhei durante quase dois anos. Embora eu tivesse deixado a *zhopadpatti* convencido de que nunca mais poderia morar ali, sempre me emocionava ao ver o barraco humilde e ficar perto dele. Os poucos estrangeiros que levei à favela — ou mesmo os indianos, como Kavita Singh e Vikram, que me visitaram — ficavam horrorizados com o lugar e espantados em pensar que eu havia escolhido morar ali por tanto tempo. Não conseguiam compreender que, todas as vezes que chegava à favela, eu sentia vontade de abandonar tudo e me render a uma vida mais simples e pobre, porém mais rica em respeito, em amor e em uma ligação próxima ao mar de corações humanos que nos cercava. Não conseguiam entender o que significava a pureza da favela: haviam passado por lá, visto a miséria e a imundície com seus próprios olhos. Não enxergavam a pureza. Mas não tinham *morado* naquela terra milagrosa nem aprendido que, para sobreviver em tal agitação de esperança e tristeza, era preciso ser escrupulosa e dolorosamente honesto. Aí estava a fonte daquela pureza: acima de tudo, os moradores eram sinceros consigo mesmos.

Assim, com meu coração desonesto se emocionando diante da proximidade da minha antiga e favorita morada, juntei-me ao grupo e soltei uma exclamação de espanto quando uma enorme figura encoberta surgiu do lado do barraco e ficou entre nós.

— Puta merda! — exclamei ao ver aquela forma imensa, gigantesca. A burca em azul-acinzentado cobria o urso da cabeça ao chão. Peguei-me tentando imaginar o tamanho da mulher para quem a vestimenta fora concebida, pois o urso era pelo menos uma cabeça mais alto que o maior homem em nosso grupo.

— Puta merda!

Enquanto olhávamos, o vulto disforme deu alguns passos desajeitados e, ao balançar e se jogar para a frente, derrubou um tamborete e uma jarra de água.

— Talvez — sugeriu Jeetendra, prestativo — ela seja um tipo de mulher muito alta, gorda... e *desajitada*.

O urso se abaixou subitamente e então caiu sobre as quatro patas. Nós o seguimos com os olhos. A figura vestida na burca azul-acinzentada se projetou para a frente, emitindo um ronco baixo que lembrava um gemido.

— Talvez — corrigiu Jeetendra — seja uma mulher pequena, gorda... e que *grunhe*.

— Uma mulher que *grunhe*? — protestou Johnny Cigar. — Que diabos é isso?

— Não sei — choramingou Jeetendra. — Só estou tentando ajudar.

— Você vai ajudar esse urso a voltar para a cadeia — murmurei —, se deixá-lo sair daqui desse jeito.

— A gente poderia experimentar de novo o chapéu e o casaco — sugeriu Joseph. — Quem sabe com um chapéu maior... e... um casaco mais na moda.

— Não acho que a moda seja o problema — suspirei. — Pelo que Johnny me diz, vocês precisam fazer Kano sair daqui e ir para Nariman Point sem que os tiras percebam, não é?

— Isso, Linbaba — respondeu Joseph. Na ausência de Qasim Ali Hussein, que desfrutava de seis meses de férias em sua aldeia natal com a maior parte da família, Joseph estava encarregado de tomar conta da favela. Aquele que tinha sido surrado e castigado pelos vizinhos pela brutal agressão à esposa havia se tornado um líder. Nos anos que se seguiram à surra, Joseph tinha parado de beber, recuperado o amor da mulher e conquistado o respeito dos vizinhos. Ingressara em todos os conselhos e comitês importantes e trabalhara mais que qualquer outro do grupo. Tão significativa era sua transformação e sua sóbria dedicação ao bem-estar da família e da comunidade que, quando Qasim Ali o nomeou seu substituto temporário, nenhum outro nome foi proposto. — Há um caminhão estacionado perto de Nariman Point. O motorista diz que vai levar Kano e tirá-lo da cidade, do estado. Ele devolverá o urso e seus treinadores a sua terra natal, em Uttar Pradesh, lá pelos lados de Gorakhpur, perto do Nepal. Mas o motorista está com medo de se aproximar daqui para pegar Kano. Ele quer que levemos o urso até *ele*. Como vamos fazer, Linbaba? Como podemos passar despercebidos com um urso desse tamanho? Certamente uma patrulha da polícia verá Kano e o prenderá. E também vão nos prender por ajudar um urso foragido. E então? O que acontece então? Como vamos fazer, Linbaba? Aí é que está o problema. Foi por isso que pensamos em disfarces.

— *Kano-walleh kahan hey?* — perguntei. *Onde estão os domadores de Kano?*

— Aqui, *baba!* — respondeu Jeetendra, empurrando os dois para a frente.

Eles haviam se lavado e removido a tinta azul brilhante que normalmente cobria seus corpos e tiraram todos os ornamentos de prata. As longas tranças e mechas enfeitadas estavam escondidas sob turbantes e eles usavam roupas simples, camisas e calças brancas. Sem os adereços e a cor, os homens azuis pareciam desanimados, muito menores e mais esguios que as fantásticas

criaturas que eu vira pela primeira vez na favela.

— Digam-me, será que Kano consegue ficar sentado em um estrado?

— Consegue, *baba!* — disseram com orgulho.

— Por quanto tempo ele consegue ficar parado?

— Por uma hora, se estivermos junto, perto dele, conversando com ele. Talvez por mais tempo, *baba*, a menos que precise fazer xixi. E, nesse caso, ele sempre avisa antes.

— Certo. Será que ele consegue ficar sentado em um pequeno estrado móvel, com rodas, se nós o empurrarmos? — perguntei a eles.

Houve algumas discussões enquanto eu tentava explicar o tipo de estrado ou banca que tinha em mente: um sobre rodas, usado para carregar frutas, verduras e outras mercadorias pelas favelas e exibi-las para venda. Quando ficou claro e encontraram o carrinho e o levaram para a clareira, os domadores do urso sacudiram a cabeça animados, para dizer que sim, sim, sim, Kano ficaria sentado naquele tipo de banca móvel. Acrescentaram que era possível mantê-lo bem firme com a ajuda de cordas e que Kano não se aborreceria com tal recurso se eles lhe explicassem sua necessidade. Mas eles queriam saber: o que eu tinha em mente?

— Quando estava a caminho com Johnny, ainda agora, passei pela oficina do velho Rakeshbaba — expliquei rapidamente. — As lâmparinas estavam acesas e vi muitas partes de suas esculturas de Ganesha. Algumas eram bem grandes. São todas feitas de papel machê, por isso não pesam muito e são ocas por dentro. Acho que são grandes o bastante para caberem no alto da cabeça de Kano e cobrirem seu corpo se ele estiver sentado. Com um pouco de seda para enfeitar, algumas guirlandas de flores na decoração...

— Então... você acha que... — gaguejou Jeetendra.

— Nós devemos fantasiar Kano de Ganesha — completou Johnny Cigar — e empurrá-lo no carrinho como se fosse uma procissão de Ganpatti até Nariman Point, bem no meio da rua. É uma ótima ideia, Lin!

— Mas Ganesha Chaturthi terminou na semana passada — disse Joseph, referindo-se ao festival anual em que centenas de figuras de Ganesha, algumas tão pequenas que cabiam na palma da mão e outras com até dez metros de altura, atravessavam a cidade até a praia de Chowpatty e eram então lançadas ao mar, em meio a uma multidão de quase um milhão de pessoas. — Eu mesmo fui *o mela* em Chowpatty. A temporada acabou, Linbaba.

— Eu sei. Também estive lá. Foi por isso que tive essa ideia. Não acho que faz diferença o fato de a festa já ter acabado. Eu não estranharia se deparasse com um Ganpatti em *qualquer* época do ano. Algum de vocês ficaria desconfiado ao ver um Ganesha em um carrinho, sendo empurrado pela rua?

Ganesha, o deus com cabeça de elefante, era indiscutivelmente o mais popular do panteão hinduísta, e eu tinha certeza de que ninguém pensaria em parar e fazer uma revista em um pequeno cortejo tendo como destaque uma grande escultura do deus sobre um carrinho.

— Acho que ele tem razão — concordou Jeetendra. — Ninguém vai dizer nada sobre um Ganesha. Afinal de contas, ele é o Senhor dos Obstáculos, *na?*

O deus com cabeça de elefante era conhecido como Senhor dos Obstáculos e Grande Solucionador de Problemas. As pessoas em dificuldade apelavam a ele com orações, da mesma forma como alguns cristãos recorrem a seus santos padroeiros. Também era o protetor dos escritores.

— Não vai ser um problema empurrar um Ganesha até Nariman Point — enfatizou Maria, a esposa de Joseph. — Mas como vamos fantasiar o urso Kano? O problema é esse. Pôr o vestido já foi uma tarefa e tanto.

— Ele não gostou do vestido — disse um dos domadores, com bom senso. — É um urso macho, sabe, e sensível em relação a esses assuntos.

— Mas não vai se chatear com a fantasia de Ganesha — acrescentou o amigo. — Sei que vai achar tudo muito divertido. Ele gosta muito de atenção, devo dizer. É um de seus dois maus hábitos: esse e o fato de paquerar garotas.

Estávamos falando em hindí, e o último comentário foi rápido demais para mim.

— O que ele disse? — perguntei para Johnny. — Qual é o outro mau hábito de Kano?

— Paquerar — respondeu Johnny. — Garotas.

— Paquerar? Que diabos querem dizer com isso?

— Bem, não tenho muita certeza, mas acho que...

— Não! — eu o interrompi, querendo esquecer a pergunta. — Por favor... não me diga o que isso quer dizer.

Olhei para todos aqueles rostos cheios de expectativa. Por um momento, senti uma onda de espanto e inveja diante do fato de que aquela pequena comunidade de vizinhos e amigos se preocupasse tanto com os problemas de dois domadores de urso itinerantes — e com o urso, é claro. Aquele evidente envolvimento entre eles, e o apoio incondicional — mais forte e intenso do que a cooperação que eu encontrara na aldeia de Prabaker —, era algo que eu havia perdido ao deixar a favela para viver em um mundo mais rico e confortável. Jamais descobrira aquilo em nenhum outro lugar, a não ser na cordilheira do amor de minha mãe. E, por ter conhecido esse sentimento com eles, no passado, na terra sublime e miserável coberta por aqueles barracos paupérrimos, nunca parei de desejá-lo nem de buscá-lo.

— Bem, essa é a minha única ideia — voltei a suspirar. — Se o cobrirmos com farrapos, frutas ou coisa parecida e tentarmos empurrá-lo até lá, ele vai se mexer e fazer barulho. Se nos virem, vão nos parar. Mas, se o deixarmos parecido com Ganesha, podemos cantar, rezar e nos amontoar em volta dele e fazer nosso próprio barulho, do jeito que quisermos. E não acho que os tiras vão pensar em nos parar. O que *você* acha, Johnny?

— Eu *gosto* — disse Johnny, sorrindo feliz ao apreciar o plano. — É um plano muito bom e digo que devemos tentar.

— Sim, *eu* também gosto dele — disse Jeetendra, com os olhos arregalados de empolgação. — Mas, sabe, precisamos nos apressar. O caminhão só vai esperar mais uma ou duas horas, eu acho.

Todo mundo assentiu ou sacudiu a cabeça, expressando concordância: Satish, filho de Jeetendra; Maria; Faroukh e Raghuram, os dois amigos que haviam

brigado e depois tinham sido amarrados pelos tornozelos por Qasim Ali, como castigo; e Ayub e Siddhartha, dois rapazes que cuidavam do posto de saúde desde que eu deixara a favela. Finalmente, Joseph sorriu e deu permissão. Com Kano andando de quatro ao nosso lado, abrimos caminho pelos becos já escurecidos até o grande barraco duplo onde funcionava a oficina de Rakeshbaba.

O velho escultor ergueu as sobrelhas grisalhas quando entramos no barraco, mas fingiu nos ignorar e continuou com seu trabalho de lixar e polir uma parte recém-moldada de um friso religioso com quase dois metros de extensão. Ele trabalhava em uma mesa longa feita de tábuas grossas, presas, que repousavam sobre dois tripés de carpinteiro. Aparas de madeira e de fibra de vidro cobriam a mesa e jaziam em lascas e espirais, misturadas a pedaços de papel machê junto a seus pés descalços. Partes de formas esculpidas e moldadas — cabeças, membros e corpos com barrigas deslumbrantemente arredondadas — repousavam no chão do barraco em meio a uma venerável profusão de placas, relevos, estátuas e outras peças.

Levamos algum tempo para convencê-lo. O artista era reconhecidamente rabugento e a princípio imaginou que tentávamos zombar dos deuses e dele com uma brincadeira ou embuste. No final, três fatores o persuadiram a nos ajudar. Em primeiro lugar, o apelo apaixonado dos domadores de urso ao dom de Ganesha, Senhor dos Obstáculos, para solucionar problemas. O deus com cabeça de elefante, como descobrimos, era o favorito do velho Rakeshbaba no populoso plano das divindades. Em segundo lugar, a sutil sugestão de Johnny de que a tarefa talvez estivesse além da capacidade criativa do escultor demonstrou ser um golpe muito eficaz. Rakeshbaba berrou que ele seria capaz de disfarçar o próprio Taj Mahal de escultura de Ganesha, se assim o quisesse, e que a camuflagem do urso não passava de uma ninharia para um artista tão talentoso. Em terceiro lugar, e talvez o mais importante de tudo, o próprio Kano. Aparentemente impaciente na viela, a criatura corpulenta entrou à força no barraco e deitou-se ao lado de Rakeshbaba com as quatro patas para o ar. O escultor ranzinza na mesma hora se transformou em uma criança brincalhona e risonha, ao se curvar para acariciar a barriga do urso e brincar com as patas que se remexiam suavemente. No final, ele se levantou e mandou todo mundo embora da oficina, menos os domadores e o urso. O carrinho de madeira foi trazido para dentro e o artista magro e grisalho fechou as cortinas de vime na entrada.

Preocupados, mas animados, esperamos do lado de fora, contando histórias e comentando as novidades. A favela havia sobrevivido à última monção com poucos danos, segundo Siddhartha, e sem nenhum surto de doença. Para celebrar o nascimento do quarto neto, Qasim Ali Hussein havia levado os familiares para sua aldeia natal, no estado de Karnataka. Estava bem de saúde, com boa disposição, segundo me confirmaram todas as vozes. Jeetendra parecia ter se recuperado — se é que tal coisa é possível — da morte da esposa na epidemia de cólera. Embora tivesse jurado nunca mais se casar, ele trabalhava, orava e ria o bastante para que sua alma brilhasse dentro de seus olhos. Seu filho Satish, que passara uma temporada aborrecido e brigão, depois da morte da mãe, havia superado a apatia do luto e estava noivo de uma menina que conhecia desde

criança na favela. O casal ainda era jovem demais para se casar, mas o noivado deu alegria aos dois e era um compromisso para o futuro que alegrava o coração de Jeetendra. Um por um, cada um de seu jeito, todos do grupo, naquela noite, elogiaram Joseph, o redimido, o novo líder que baixou o olhar timidamente e só voltou a erguê-lo para dividir um sorriso constrangido com Maria, que estava a seu lado.

Enfim Rakeshbaba afastou as cortinas de junco e nos chamou de volta para a oficina. Amontoamo-nos e entramos sob a luz dourada das lâmparinas. Exclamações de espanto, alguns de nós respiravam fundo, outros soltavam o ar ao contemplar a escultura concluída. Kano não estava apenas disfarçado — tinha sido transfigurado sob a forma do deus com cabeça de elefante. Uma enorme máscara fora adaptada à cabeça do urso e descansava sobre um corpo rosado, barrigudo, com braços. Retalhos de seda azul-clara contornavam a base da figura, onde se encontrava pousada no carrinho. Guirlandas de flores foram colocadas sobre a mesa achatada, em volta do pescoço do deus, escondendo a emenda da cabeça.

— O urso Kano está mesmo aí? — perguntou Jeetendra.

Ao som da sua voz, o urso virou a cabeça. O que vimos foi o deus vivo, Ganesha, voltar a cabeça de elefante para nos encarar com seus olhos pintados. Era o movimento de um animal, é claro, completamente diferente de um gesto humano. Todo mundo, inclusive eu, deu um salto de surpresa e medo. As crianças berraram e recuaram, recolhendo-se à proteção das pernas e dos braços dos adultos.

— *Bhagwaaaaan* — sussurrou Jeetendra.

— Uau — concordou Johnny Cigar. — O que acha, Lin?

— Estou... feliz por não estar doído — balbuciei, olhando fixamente para o deus que inclinava a cabeça e soltava um gemido baixo. Obriguei-me a agir. — Vamos lá. Vamos resolver isso!

Saimos da favela com um grupo de pessoas que nos apoiava. Depois de passar pelo World Trade Centre e entrar na avenida residencial que levava à área de Back Bay, entoamos um cântico. Os que se encontravam mais próximos do carrinho puseram as mãos nele e ajudaram a empurrar. Aqueles que estavam na periferia, como Johnny e eu, se juntaram aos outros e começaram a cantar também. Quando a caminhada ganhou velocidade, os cânticos se tornaram mais vigorosos. Em pouco tempo, muitos dos integrantes de nosso grupo pareciam ter esquecido que estávamos contrabandeando um urso e soltavam as vozes com devoção semelhante, tenho certeza, à que fora demonstrada uma semana antes, na procissão de verdade.

Enquanto caminhávamos, me ocorreu que a favela andava estranhamente sem cães abandonados. Reparei que não havia nenhum pelas ruas. Lembrei-me de como os cães reagiram com violência à primeira visita de Kano à favela, e tive vontade de mencionar aquilo para Johnny.

— *Arrey, kutta nahin* — disse eu. *Puxa, não há cães aqui.*

Johnny, Narayan, Ali e alguns outros que escutaram o comentário viraram o rosto para mim rapidamente e me encararam com olhos arregalados de espanto

e preocupação. Dito e feito, segundos depois, ouviu-se um ruidoso ganido vindo da calçada a nossa esquerda. Um cão saiu do seu esconderijo e se lançou sobre nós, latindo furiosamente. Era uma coisinha esquelada e envelhecida, pouco maior que uma ratazana de Bombaim, mas latia alto o bastante para romper a tela de sons de nossos cânticos.

Naturalmente, não levou mais do que alguns segundos para que outros cachorros se juntassem àqueles uivos. Vieram da esquerda e da direita, sozinhos e em grupos, latindo, ganindo, uivando de modo assustador. Em uma tentativa de afastá-los, aumentamos o volume de nossos cânticos, enquanto mantínhamos os olhos atentos às mandíbulas dos animais.

Ao nos aproximarmos da região de Back Bay, passamos por um *maidan*, ou campo, onde um grupo de músicos de casamento, com uniformes vermelhos e amarelos, complementados com chapéus altos e emplumados, ensaiava suas canções. Viram na nossa pequena procissão uma oportunidade de praticar suas músicas em movimento e se puseram atrás de nós e executaram uma versão arrebatadora, mas não exatamente melodiosa, de uma canção religiosa muito popular. Estimulados pelo espetáculo em que se transformara nossa missão de facilitadores da fuga, crianças alegres e adultos piedosos deixaram as calçadas e se juntaram a nós, acompanhando os cânticos ensurdecedores e aumentando o número de seguidores para mais de cem almas.

Sem dúvida agitado pela multidão empolgada e pelos latidos frenéticos, Kano se balançava no carrinho de um lado para o outro, virando a cabeça para seguir os sons mais altos. Em determinado ponto, passamos por um grupo de policiais e eu me arrisquei a lançar-lhes um olhar. Vi que estavam completamente parados, boquiabertos, virando a cabeça ao mesmo tempo enquanto passávamos, como se fossem uma fileira de marionetes com boca de palhaço em um espetáculo de rua.

Depois de muitos longos minutos daquela algazarra, estávamos tão perto de Nariman Point que já dava para ver a torre do hotel Oberoi. Preocupado com a possibilidade de não nos livrarmos da banda, corri para entregar um maço de notas na mão do maestro, com instruções para que virasse à direita, seguindo pela Marine Drive. Quando nos aproximamos do mar, ele conduziu seus músicos para a direita e nós dobramos à esquerda. Animados talvez pelo bem-sucedido desfile com nosso pequeno séquito, os músicos começaram a tocar uma seleção de sucessos para dançar enquanto nos afastávamos rumo às luzes mais claras da avenida oceânica. A maior parte da multidão pulou e dançou atrás deles. Até os cães, que se distanciaram demais de seu território, nos deixaram e voltaram para as sombras de onde haviam saído.

Empurramos o carrinho um pouco mais, pela avenida à beira-mar, em direção ao lugar deserto onde o caminhão estava estacionado. Naquele momento, ouvi uma buzina próxima. Senti um aperto no coração ao pensar que poderia ser a polícia e, lentamente, me virei para olhar. Vi então Abdullah, Salman, Sanjay e Farid de pé, ao lado do carro de Salman. Tinham parado no amplo estacionamento da baía, coberto de pedrinhas, onde não havia outro veículo além daquele.

— Está tudo bem, Johnny? — perguntei. — Você pode cuidar de tudo agora?

— Claro, Lin — respondeu ele. — O caminhão está bem ali, na nossa frente, você está vendo. O resto a gente faz.

— Tudo bem, vou sair então, cara. Depois me conte como tudo terminou. Encontro você amanhã. Ah, e veja se consegue um daqueles cartazes de *procura-se*, irmão!

— Tudo bem! — gargalhou ele, enquanto eu me afastava.

Atravessei a rua para me juntar a Salman, Abdullah e aos outros. Estavam comendo na embalagem para viagem comprada em um dos *trailers* de Nariman estacionados perto da amurada. Quando os cumprimentei, Farid lançou no chão as embalagens e guardanapos que estavam no teto do carro. Senti o calafrio de culpa que os ocidentais invariavelmente têm em relação a jogar lixo na rua e me lembrei de que a bagunça seria coletada pelos catadores que dependiam da sujeira para ganhar a vida.

— Que raios você estava fazendo naquele desfile? — perguntou-me Sanjay depois de todos os cumprimentos

— É uma longa história — sorri.

— Aquilo ali era um Ganpatti muito assustador — disse ele. — Nunca vi nada parecido. Era como se fosse de verdade. Parecia se mexer. Tive um sentimento religioso. Eu digo para você, cara, vou pagar um *bahinchudh* para acender incenso quando chegar em casa.

— Vamos lá, Lin — provocou Salman. — O que era aquilo, *yaar*?

— Bem — grunhi, sabendo que nenhuma explicação pareceria razoável. — Precisávamos fazer um urso sair escondido da favela e trazê-lo até este local, bem aqui, porque os tiras têm um mandado contra ele e querem prendê-lo.

— O que precisava sair escondido? — perguntou Farid, educadamente.

— Um urso.

— Que tipo... de urso?

— Um urso de circo, naturalmente — disse secamente.

— Sabe, Lin — pronunciou Sanjay com uma expressão alegre, enquanto palitava os dentes com um fósforo —, você faz umas coisas muito esquisitas.

— Você está falando do *meu* urso? — perguntou Abdullah, de súbito interessado.

— É, dane-se você. A culpa é sua, se você se lembra.

— Por que você diz que o urso é seu? — Salman queria saber.

— Porque fui eu que arranjei aquele urso — respondeu Abdullah. — Eu o mandei para o irmão Lin há muito tempo.

— Para quê?

— Bem, era uma questão de abraços — começou Abdullah, gargalhando.

— Não começa — disse eu, com os lábios cerrados, pedindo com o olhar que ele encerrasse o assunto.

— Qual é o problema com a porra desses *ursos*? — perguntou Sanjay. — Ainda estamos falando de ursos?

— Ah, merda! — interrompeu Salman, olhando por cima do ombro de Sanjay. — Faisal está com muita pressa. E Nazeer está com ele. Parece encrenca.

Um Ambassadeur estacionou ao nosso lado. Outro carro o seguiu, dois segundos depois. Faisal e Amir saltaram do primeiro. Nazeer e Andrew saíram às pressas do segundo. Vi que mais um homem deixava o carro de Faisal e esperava ali, observando a rua. Reconheci as feições do meu amigo Mahmoud Melbaaf. Outro sujeito, um bandido parrudo chamado Raj, esperava com o garoto Tariq no segundo carro.

— Estão aqui! — anunciou Faisal, ofegante, ao se juntar a nós. — Eles deveriam vir amanhã, eu sei, mas já chegaram. Eles se juntaram com Chuha e seus homens.

— Já? Quantos são? — perguntou Salman.

— Só eles — respondeu Faisal. — Se agirmos agora, vamos pegar todos. O resto da quadrilha está em um casamento, em Thana. É como um sinal dos céus, ou coisa parecida. É a melhor oportunidade que poderíamos ter. Mas precisamos ser bem rápidos!

— Não posso acreditar — balbuciou Salman, como se falasse para si mesmo.

Senti um frio na barriga e então um aperto. Sabia exatamente do que estavam falando e o que significava para nós. Havia dias que ouvíamos relatos e boatos de que Chuha e sua quadrilha do conselho de Walidlalla haviam entrado em contato com o sobrevivente de Sapna e com dois membros de sua família, um irmão e um cunhado. Planejavam um ataque contra o nosso grupo. A guerra de fronteira para a conquista de um novo território fora deflagrada, jogando o conselho de Chuha contra o nosso, e Chuha estava faminto.

A conexão Sapna-Irã, todos sobreviventes do malsucedido golpe de Abdul Ghani, descobrira a hostilidade entre os conselhos e tinha aparecido no momento certo para tirar partido da ganância e da ambição de Chuha. Haviam prometido armas novas e contatos lucrativos no tráfico de heroína paquistanesa. Eram renegados: os matadores de Sapna que trabalhavam sem Abdul Ghani e os iranianos que não contavam com apoio oficial da Savak. O ódio os unia. Queriam vingar as mortes dos amigos, e seu ódio havia se combinado ao de Chuha para encher suas mentes com ideias assassinas.

A situação andava tão tensa, havia tanto tempo, que Salman infiltrara um de seus homens na quadrilha de Chuha: Tony Pequeno, um bandido de Goa desconhecido em Bombaim. Ele fornecia informações preciosas. Foram seus relatórios que alertaram Salman sobre a conexão Sapna-Irã e o ataque iminente. Com a confirmação de Faisal sobre chegada deles à casa de Chuha, sabíamos que havia apenas uma opção a ser considerada por Salman. Lutar. Fazer guerra. Acabar com os matadores de Sapna e os espiões iranianos de uma só vez. Acabar com Chuha. Anexar seu território. Assumir suas operações.

— Porra, cara! Não dá para ter mais sorte! — vibrou Sanjay, com olhos reluzentes sob a luz da rua.

— Tem certeza? — perguntou Salman, encarando o amigo Amir, um senhor mais velho, com olhar mais austero.

— Tenho certeza, Salman — disse Amir, passando a mão no cabelo curto e grisalho que cobria sua cabeça achatada. Com a mesma mão, ele torceu as pontas de seu grosso bigode enquanto falava. — Eu mesmo os vi. Os caras de Abdullah, do Irã, chegaram há meia hora. Os filhos da puta de Sapna, sabe, estão

lá o dia inteiro. Chegaram de manhã. Tony Pequeno nos avisou assim que pôde. Faz duas horas que os vigiamos, na casa de Chuha. Da última vez que falou comigo, Tony Pequeno disse que estavam se reunindo com Chuha, seus homens mais próximos, os Sapnas e os caras do Irã. Esperavam que os iranianos chegassem aqui para então nos atacar. Logo. Talvez amanhã à noite. Depois de amanhã, no máximo. Chuha mandou avisar muito mais gente. Estão vindo de Délhi e Calcutá. Trabalham em alguma espécie de plano para nos atacar em dez lugares ao mesmo tempo, para impedir nossa reação. Eu disse para Tony voltar e nos avisar quando os iranianos chegassem. Estávamos vigiando o lugar, como sempre. Então vimos que aparentemente eles chegaram um dia antes, mas tínhamos quase certeza. Pouco depois, Tony Pequeno saiu e acendeu um cigarro. Era o sinal. São eles, os caras que estão atrás de Abdullah. Agora estão todos juntos e nós nos encontramos a apenas dois minutos de distância. Sei que é cedo, mas temos que ir. Precisamos fazer isso agora, Salman, nos próximos cinco minutos.

— Quantos são, ao todo? — quis saber Salman.

— Chuha e seus comparsas — respondeu Amir, de um jeito arrastado. Acho que seu estilo lento e suave deu a todos uma nova disposição: ele não estava, ou não parecia estar, nem de longe tão nervoso quanto o restante de nós. — Então são seis. Um deles, Manu, é bom. Você o conhece. Ele acabou com os irmãos Harshan, os três, sozinho. Seu primo Bichchu também é um bom lutador. Não é à toa que o chamam de Escorpião. O resto, incluindo Chuha, aquele *madachudh*, não vale muita coisa. Tem também os Sapnas, que somam mais três. E os dois iranianos. São onze. Talvez um ou dois a mais, no máximo. Hussein está vigiando o lugar. Ele vai nos dizer se chegou mais alguém.

— Onze — murmurou Salman, evitando o olhar dos homens enquanto pensava na situação. — E nós somos... onze... doze, se contarmos Tony Pequeno. Mas vamos precisar deixar dois na rua, em frente à casa de Chuha. Um de cada lado, para atrapalhar os tiros, se eles forem atrás de nós enquanto estivermos na casa. Vou dar um telefonema antes de entrarmos, para que eles fiquem longe, mas precisamos ter certeza. Talvez outros homens de Chuha estejam chegando, por isso vamos precisar de pelo menos dois do lado de fora. Não me importo de lutar para entrar, mas não quero lutar para sair, sem necessidade. Hussein já está lá. Faisal, você é o número dois lá fora, na rua, certo? Ninguém entra nem sai, só a gente.

— Sem problemas — garantiu o jovem.

— Verifiquem as armas agora, com Raj. Vejam se estão carregadas.

— Eu já estou pronto — disse ele, pegando armas de alguns dos homens e depois correndo para os carros, onde Raj e Mahmoud aguardavam.

— E dois de vocês vão levar Tariq para a casa de Khader — prosseguiu Salman.

— Foi ideia de Nazeer trazê-lo conosco — interrompeu Andrew. — Ele não queria deixá-lo sozinho quando Faisal e Amir viessem nos dar a notícia. Eu disse para ele não trazer o garoto, mas vocês sabem como é Nazeer quando enfia uma ideia na cabeça.

— Nazeer pode levar o garoto para a casa de Sobhan Mahmoud, em

Versova, e cuidar dele — declarou Salman. — E você vai com ele.

— Puxa, cara! — queixou-se Andrew. — Por que *eu* tenho que fazer isso? Por que *eu* preciso perder toda a ação?

— Preciso de dois homens de olho no velho Sobhan e no garoto. Especialmente no garoto. Nazeer tinha razão em não deixá-lo sozinho. Tariq é um alvo. Enquanto estiver vivo, o conselho pertence a Khader. Se o matarem, Chuha vai ganhar muito de seu poder. O mesmo acontece com o velho Sobhan. Tirem o garoto da cidade e garantam que ele e Sobhan Mahmoud fiquem em segurança.

— Mas por que *eu* tenho que perder a ação, cara? Por que logo *eu*? Mande outra pessoa, Salman. Deixe-me ir com você até a casa de Chuha.

— Você vai discutir comigo? — disse Salman, franzindo os lábios com raiva.

— Não, cara — rosou Andrew, com petulância. — Eu faço isso. Vou levar o garoto.

— Então sobram oito de nós — concluiu Salman. — Sanjay e eu, Abdullah e Amir, Raj e Tony Pequeno, Farid e Mahmoud...

— Nove — interrompi. — Somos nove.

— Você deve partir, Lin — disse Salman, em voz baixa, erguendo os olhos para encontrar os meus. — Eu ia mesmo pedir a você para pegar um táxi e avisar a Rajubhai e os rapazes na oficina de passaportes.

— Não vou deixar Abdullah — disse com veemência.

— Talvez você possa acompanhar Nazeer — sugeriu Amir, que era amigo chegado de Andrew.

— Eu deixei Abdullah uma vez — declarei. — Não vou fazer isso de novo. É o destino ou coisa parecida. Tenho essa sensação, Salman. Sinto que não devo abandonar Abdullah. Estou dentro. Também não vou deixar Mahmoud Melbaaf. Vou com eles. Vou com você.

Salman manteve o olhar, franzindo a testa enquanto meditava. Estupidamente, passou pela minha cabeça que seu rosto um pouco disforme — com um olho mais baixo do que o outro, o nariz torto depois de ter sido quebrado, a boca com uma cicatriz no canto — encontrava uma elegante simetria apenas naquele momento, quando o fardo de pensamentos vincava suas feições em uma carranca cheia de determinação.

— Tudo bem — concordou ele, afinal.

— Que *porra* é essa? — explodiu Andrew. — *Ele* vai, mas eu fico bancando a *babá*?

— Calma, Andrew — disse Farid, num tom apaziguador.

— Calma o cacete! Estou cheio desse *gora* filho da puta, cara. Só porque Khader gostava dele, e ele foi para o Afeganistão, qual é? Khader está morto, *yaar*. O tempo de Khader passou.

— Relaxe, cara — interveio Amir.

— *Relaxar* o quê? Quero que Khader se foda e seu maldito *gora* também!

— Olha lá como fala — resmunguei, com os dentes cerrados.

— Ah, é? — perguntou ele, jogando o rosto para a frente, beligerante. — Bem, quero que sua irmã se foda. Que tal? Gosta disso?

— Não tenho irmã — disse em hindí, em tom indiferente. Alguns riram.

— Bem, então que tal eu comer sua mãe — provocou — e lhe dar de presente uma irmãzinha?

— Já chega! — rosnei, preparando-me para lutar com ele. — Levante suas mãos! Levante a porra das suas mãos! Vamos lá!

A coisa poderia ter ficado feia. Eu não lutava muito bem, mas conhecia os golpes. Podia bater com força. E, naqueles anos, se estivesse em maus lençóis, não temia enfiar a ponta de uma faca no corpo de alguém. Andrew era habilidoso. Com uma arma na mão, era mortal. Enquanto Amir se movimentou para apoiá-lo, bem atrás de seu ombro direito, Abdullah assumiu uma postura semelhante atrás de mim. Uma luta criaria um grande tumulto. A gente sabia. Mas o jovem de Goa não ergueu os punhos e um segundo se transformou em cinco, em dez, em quinze. Parecia que sua disposição para agir não era tão grande quanto para falar.

Nazeer acabou com o impasse. Colocando-se entre nós, ele agarrou Andrew pelo punho e pela manga da camisa. Eu conhecia bem aquela pegada. Sabia que Andrew precisaria matar o afegão parrudo se quisesse se soltar. Nazeer fez uma pausa que durou apenas o suficiente para me lançar um olhar confuso e misterioso, parte censura, parte orgulho, parte raiva e parte lamento, antes de arrastar o jovem de Goa para trás do círculo de homens. Ao chegar ao carro, empurrou Andrew para o banco do motorista e depois foi para trás, com Tariq. Andrew deu partida e afastou-se em alta velocidade, cuspidando pedrinhas e poeira enquanto dava meia-volta e pegava a Marine Drive. Quando o carro passou por mim, vi o rosto de Tariq na janela. Estava pálido. Só os olhos, como patas de animais selvagens na neve, davam alguma pista do que se passava em sua mente ou em seu coração.

— *Mai jata hu* — repeti depois que o carro passou. *Estou indo*. Todos riram. Eu não sabia se riam da veemência do meu tom ou da simplicidade tosca da frase em hindí.

— Acho que já entendemos, Lin — disse Salman. — Ficou bem claro, *na*? Tudo bem, você vai com Abdullah, dando cobertura. Há uma ruazinha atrás da casa de Chuha... Abdullah, você a conhece. Recebe o fluxo de duas ruas, da principal e da que vira a esquina e dá para as outras casas do quarteirão. Nos fundos da casa de Chuha tem um quintal. Eu já o vi. Há duas janelas, ambas com grades pesadas e apenas uma porta para a casa. É preciso descer dois degraus. Você ficam de olho nesse lugar. Ninguém entra quando começarmos. Se fizermos tudo direito, alguns deles vão tentar correr para essa saída. Não os deixem escapar. Segurem todos ali no quintal. O restante de nós vai entrar pela frente. E as armas, Faisal?

— Sete — respondeu ele. — Duas carabinas de cano curto, duas automáticas, três revólveres.

— Eu fico com uma das automáticas — ordenou Salman. — Abdullah, você pega a outra. Vai ter que dividir com ele, Lin. As carabinas não prestam lá dentro, é perto demais e não queremos desperdiçar bala. Quero que fiquem na rua, para nos dar a melhor cobertura, se precisarmos. Faisal, você leva as

carabinas e entrega uma para Hussein. Quando acabarmos, vamos sair pelos fundos, passando por Abdullah e Lin. Não vamos sair pela frente, então podem encher de buracos qualquer coisa que tente entrar ou sair, depois que tivermos chegado. As outras três armas são para Farid, Amir e Mahmoud. Raj, você vai precisar dividir conosco. Tudo bem?

Os homens assentiram e sacudiram a cabeça, concordando.

— Escutem, se esperarmos, podemos conseguir mais trinta homens e outras trinta armas para entrar conosco. Sabemos disso. Mas talvez não estejam mais lá. Já perdemos bem uns dez minutos só com essa conversa. Se partirmos agora, podemos fazer um ataque surpresa rápido, acabando com a raça deles, sem deixar ninguém escapar. Quero liquidá-los, dar fim ao seu negócio neste momento, esta noite. Mas prefiro que vocês decidam. Não vou obrigar ninguém que não esteja preparado. Vocês querem esperar mais homens ou ir agora?

Um por um, os homens falaram rapidamente, a maioria usando uma única palavra, *Abi*, que quer dizer “agora”. Salman assentiu, fechou os olhos e murmurou uma oração em árabe. Quando voltou a abri-los, estava comprometido, totalmente comprometido, pela primeira vez. Os olhos faiscavam de ódio e com a terrível fúria assassina que ele mantinha sob controle.

— *Saatch... aur himmat* — disse ele, encarando cada homem. *Verdade... e coragem.*

— *Saatch aur himmat* — responderam.

Sem mais uma palavra, os homens pegaram as armas, entraram nos carros e se dirigiram para a casa de Chuha, a poucos minutos de distância, na elegante Sardar Patel Road. Antes que eu pudesse organizar minhas ideias ou pensar com clareza no que estava fazendo, me peguei rastejando por uma rua estreita com Abdullah em uma escuridão suficiente para que eu sentisse a dilatação das minhas pupilas. Depois, pulamos uma cerca de madeira e caímos no quintal da casa do inimigo.

Ficamos juntos, no escuro, por alguns instantes, verificando o mostrador luminoso dos relógios e prestando atenção aos sons, enquanto nossos olhos se acostumavam. Abdullah sussurrou a meu lado e eu quase dei um pulo.

— Nada — cochichou com uma voz que lembrava o farfalhar de um cobertor de lã. — Não há ninguém aqui, nem por perto.

— Parece tranquilo — respondi, consciente de que minha voz baixa era áspera e ofegante de medo. Não havia luzes nas janelas ou atrás da porta azul nos fundos da casa.

— Bem, eu cumpri minha promessa — cochichou Abdullah, misteriosamente.

— O quê?

— Você me fez prometer que o levaria comigo, quando fosse matar Chuha. Lembra?

— Claro — respondi, com o coração batendo mais rápido do que deveria. — É preciso ter cuidado, eu acho.

— Serei cuidadoso, irmão Lin.

— Não... Quer dizer, é preciso ter cuidado com o que se deseja na vida, *na?*

— Vou tentar abrir aquela porta — resfolegou Abdullah, perto da minha orelha. — Se abrir, vou entrar.

— *O quê?*

— Você espera aqui, ao lado da porta.

— *O quê?*

— Você espera aqui...

— Nós *dois* deveríamos esperar aqui! — sussurrei.

— Eu sei — respondeu ele, rastejando silenciosamente como um leopardo rumo à porta.

Meio desajeitado, como um gato se espreguiçando depois de uma longa soneca, eu fui atrás dele. Quando alcancei os dois largos degraus que desciam até a porta azul, eu o vi abri-la e entrar na casa como se fosse a sombra de um pássaro que voava. Ele empurrou a porta e a fechou sem fazer um ruído.

Sozinho no escuro, tirei a faca da bainha, às minhas costas, e segurei o punho com a mão direita, com a ponta para baixo. Olhando para o escuro, concentrei-me totalmente nas batidas do meu coração, tentando obrigá-lo a diminuir o ritmo aceleradíssimo. Depois de um tempo, funcionou. Senti as pulsações se acalmarem, o que conduziu minha mente a se fechar em torno de um único e imutável pensamento. Pensei em Khaderbhai e no refrão que ele tanto me fez repetir: *A coisa errada pelas razões certas*. E eu sabia, ao repetir as palavras na assustadora escuridão, que a luta com Chuha, a guerra, a disputa pelo poder, era sempre igual, em toda parte, e sempre estava errada.

Salman e os outros, assim como Chuha, os matadores de Sapna e os demais, fingiam que seus pequenos reinos os transformavam em reis. Que as disputas pelo poder os tornavam mais poderosos. E não eram. Não podiam ser. Vi aquilo com bastante clareza, como se fosse o primeiro a decifrar um teorema matemático. O único reino que transforma um homem em rei é o reino da sua própria alma. O único poder que tem algum significado real é o poder de melhorar o mundo. E apenas homens como Qasim Ali Hussein e Johnny Cigar eram esse tipo de rei e tinham tal poder.

Intimidado e amedrontado, pressionei a orelha contra a porta e tentei ouvir Abdullah ou os outros lá dentro. O receio que se agitava em mim não era o temor da morte. Eu não tinha medo de morrer, mas sim de ficar ferido a ponto de não conseguir andar nem ver, ou, por alguma razão, não poder fugir e ser capturado. Acima de tudo, eu tinha medo disto — de ser capturado e jogado na prisão mais uma vez. Ao colar minha orelha na porta, rezei para que nenhum ferimento me enfraquecesse. *Deixe que aconteça aqui*, pedi. *Permita-me passar por isso ou morrer aqui...*

Não sei de onde vieram. Senti as mãos em cima de mim antes de ouvir qualquer ruído. Dois sujeitos me jogaram com força contra a porta. Instintivamente, golpeei com a direita.

— *Chaku! Chaku!* — um deles gritou. *Faca! Faca!*

Não consegui ser rápido o bastante com a faca para imobilizá-los. Um deles me segurou contra a porta, pela garganta. Era um homenzarrão, muito forte. O outro usou ambas as mãos e tentou me obrigar a soltar a faca. Ele não era tão

forte e não conseguiu me fazer largar a arma. Depois, um terceiro desceu os degraus na escuridão e, com a ajuda de mais essas mãos, eles torceram meu pulso e me fizeram soltar a faca.

— *Gora kaun hai?* — o recém-chegado perguntou. *Quem é este branquelo?*

— *Bahinchudh! Malum nahi* — o homenzarrão falou. *O filho da puta! Eu não sabia.*

Eles me encararam, obviamente surpresos por terem tropeçado em um estrangeiro com a orelha grudada na porta, armado com uma faca.

— *Kaun hai tum?* — perguntou-me em tom quase amistoso. *Quem é você?*

Não respondi. Só conseguia pensar que de alguma forma eu precisava avisar Abdullah. Não conseguia entender como tinham chegado àquele lugar sem fazer um ruído sequer. O portão dos fundos não poderia ter rangido. Os sapatos ou *chappals* deviam ter solas de borracha macia. Fosse como fosse, eu tinha permitido que me pegassem de surpresa, e precisava avisar Abdullah.

Subitamente, me debati como se tentasse escapar. A artimanha surtiu efeito. Todos gritaram comigo e três pares de mão me jogaram contra a porta azul. Um dos homens menores se postou ao meu lado, prendendo meu braço esquerdo. O outro homem baixo segurou meu braço direito. Durante a briga, consegui bater forte com as botas na porta três vezes. *Abdullah deve ter ouvido*, pensei. *Está tudo bem... ele foi avisado... Vai saber que alguma coisa está errada...*

— *Kaun hai tum?* — perguntou-me novamente o homenzarrão. Ele tirou uma das mãos da minha garganta e a fechou, colocando-a ameaçadoramente perto da minha cabeça, logo abaixo dos olhos. *Quem é você?*

Mais uma vez me recusei a responder, encarando-o. Suas mãos, firmes como algemas, me prendiam à porta.

Ele socou meu rosto. Consegui mexer a cabeça um pouquinho, mas senti o golpe no queixo e na bochecha. Usava anéis ou um soco-inglês. Não dava para ver, mas eu sentia a dureza do metal contra a minha pele.

— O que está fazendo aqui? — perguntou em inglês. — Quem é você?

Permaneci em silêncio e ele voltou a me golpear, o punho atingindo meu rosto três vezes. *Já passei por isso...* pensei. *Já passei por isso...* Estava de volta à prisão, na Austrália, na surda — os punhos, as botas, os cassetetes... *Já passei por isso...*

Ele fez uma pausa, esperando que eu falasse. Os dois homens menores sorriram para ele e depois para mim. *Aur*, disse um deles. *Mais. Bata nele de novo.* O homenzarrão se afastou e esmurrou meu corpo. Eram socos lentos, calculados, profissionais. Senti que perdia o fôlego e era como se a vida se esvasse de mim. Ele foi do corpo para o peito, a garganta, o rosto. Senti que mergulhava naquela água negra onde os lutadores vencidos escorregam e caem. Eu estava liquidado. Era o meu fim.

Não estava com raiva deles. Eu tinha posto tudo a perder. Deixei que me surpreendessem — provavelmente *passaram* por cima de mim. Fora para lá para lutar, e deveria estar alerta. A culpa era minha. De alguma maneira, eu deixei que assim o fizessem, pisei na bola e a culpa era minha. Tudo o que queria fazer

era avisar Abdullah. Tentei chutar a porta, sem força, esperando que ele ouvisse e fugisse, fugisse, fugisse...

Desabei na mais completa escuridão e todo o peso do mundo caiu sobre mim. Quando cheguei ao chão, ouvi gritos e percebi que Abdullah abrira a porta, deixando que desabássemos sobre ele. No escuro, com os olhos vermelhos e inchados, ouvi uma arma disparar duas vezes, vi os clarões. Então o mundo foi tomado pela luz, e eu pisquei, atordoado pela luminosidade, quando outra porta se abriu, em algum lugar, e homens correram em nossa direção. A arma disparou de novo duas, três vezes, e eu saí de baixo do homenzarrão para ver minha faca, perto dos meus olhos, reluzindo no chão ao lado da porta azul aberta.

Agarrei a faca no momento em que um dos sujeitos mais baixos tentava engatinhar sobre mim e sair porta afora. Sem pensar, levantei a mão e enfiei a lâmina em seu quadril. Ele urrou e eu subi nele, passando a faca em seu rosto, perto dos olhos.

É impressionante como um pouco de sangue alheio — ou muito sangue, se você aguentar — é capaz de dar força aos braços e injetar adrenalina analgésica nos ferimentos dolorosos. Louco de fúria, virei-me e vi Abdullah atracado com dois homens. Havia corpos no chão do aposento. Eu não conseguia dizer quantos eram. Tiros zuniam de todas as direções e acima de nós, nos outros cômodos do prédio. Pareciam vir de diversos lugares da casa ao mesmo tempo. Ouviam-se gritos, uivos. Eu sentia o cheiro de merda, mijo e sangue. Alguém fora atingido barriga. Esperava que não fosse eu. Minha mão esquerda bateu a barriga e procurou ferimentos.

Abdullah dava socos nos dois caras. Golpeavam-se, mordiam-se. Comecei a engatinhar na sua direção, mas senti a mão de um deles me puxar para trás. A mão era forte. Muito forte. Era o homenzarrão.

Ele levava um tiro, eu tinha certeza, mas não conseguia ver sangue na camisa nem nas calças. Ele me arrastou, como se eu não passasse de uma tartaruga na rede de um pescador. Quando o alcancei, ergui a faca para golpeá-lo, mas ele foi mais rápido. Socou-me do lado direito da virilha. Não consegui acertar em cheio, mas foi o suficiente para fazer que eu me dobrasse e rolasse pelo chão, com uma dor insuportável. Senti que ele cambaleava a meu lado e usava meu corpo para se equilibrar, enquanto se levantava. Rolei para o lado, vomitando bile, e vi que ele se erguia e dava um passo na direção de Abdullah.

Eu não podia deixar aquilo acontecer. Foram muitas as vezes que meu coração havia murchado ao pensar na morte de Abdullah: sozinho, cercado por armas. Lutei contra a dor e, em uma série de movimentos dificultados pelo sangue espalhado no chão, pulei e afundei a faca nas costas do sujeito corpulento. O golpe foi alto, logo abaixo da escápula. Senti o tremor do osso, ao receber a lâmina, desviando a ponta para o lado, na direção do ombro. Ele era forte. Deu mais dois passos, arrastando meu corpo consigo, pendurado pela faca, antes de se dobrar e cair. Cai em cima dele, tentando ver Abdullah. Ele estava com os dedos nos olhos de alguém. A cabeça do sujeito estava virada para trás, apoiada no joelho de Abdullah. As mandíbulas cederam, o pescoço estalou como um pedaço de lenha seca no fogo.

Duas mãos me puxaram, arrastando-me na direção da porta dos fundos.

Tentei reagir, mas as mãos fortes e delicadas arrancaram a faca dos meus dedos. Então ouvi a voz de Mahmoud Melbaaf e soube que estávamos em segurança.

— Vamos, Lin — disse o iraniano, rapidamente e muito baixo, ao que parecia, depois da violência sangrenta que tropejara à nossa volta.

— Preciso de uma arma — balbuciei.

— Não, Lin. Acabou.

— Abdullah? — perguntei, enquanto Mahmoud me arrastava para o quintal.

— Está trabalhando — respondeu. Ouvi os gritos de dentro da casa terminando, um por um, como pássaros que se aquietam enquanto a noite atravessa um lago imóvel. — Você consegue ficar de pé? E andar? Precisamos ir embora agora!

— Porra, eu consigo sim.

Quando alcançamos o portão dos fundos, uma coluna dos nossos homens passou correndo por nós. Faisal e Hussein carregavam um homem. Farid e Tony Pequeno, outro. Sanjay tinha o corpo de mais um sobre seu ombro direito. Soluçava, enquanto apertava o corpo junto ao peito e o ombro.

— Perdemos Salman — anunciou Mahmoud, seguindo meu olhar, enquanto os deixávamos passar por nós. — e Raj também. Amir está mal... vivo, mas gravemente ferido.

Salman. A última voz de sensatez do conselho de Khader. O último homem de Khader. Apressei-me pela rua até os carros que nos aguardavam e senti que a vida se esvaía de mim, como quando o homenzarrão me bateu, na porta azul. Tinha acabado. O velho conselho da máfia havia morrido com Salman. Tudo mudara. Olhei para os outros dentro do carro: Mahmoud, Farid e Amir, ferido. Tinham ganhado a guerra. Os matadores de Sapna haviam sido destruídos, afinal. Um capítulo, um livro de vida e morte que se abria com o nome de Sapna, se fechara para sempre. Khader tinha sido vingado. A traição rebelde de Abdul Ghani fora finalmente derrotada. E os iranianos, os inimigos de Abdullah, já não existiam mais: estavam tão silenciosos quanto a casa coberta de sangue onde Abdullah... trabalhava. E a quadrilha de Chuha havia sido esmagada. A guerra por territórios estava encerrada. Estava encerrada. A roda dera uma volta completa e nada seria como antes. Havia vencido, mas todos choravam. Todos eles. Choravam.

Deixei a cabeça cair para trás, no encosto do assento do carro. A noite, aquele túnel de luzes que junta promessas e orações, voou sobre nós, pelas janelas. Lenta e desoladamente, o punho do que fizéramos abriu a palma cheia de garras do que havíamos nos tornado. A raiva se abrandou até se transformar em tristeza, como sempre acontece, como sempre precisa acontecer. E nada do que desejávamos, não fazia nem uma hora, era tão rico em esperança ou significado quanto uma única lágrima.

— O quê? — perguntou Mahmoud, com o rosto próximo ao meu. — O que você disse?

— Espero que aquele urso tenha conseguido escapar — balbuciei por entre meus lábios cortados e ensanguentados, enquanto meu espírito combalido começava a alçar voo e deixar meu corpo ferido, e o sono, como a névoa

matinal das florestas, tomou conta da minha mente melancólica. — Espero que aquele urso tenha conseguido escapar.

A LUZ DO SOL SE ESPATIFAVA NA ÁGUA , espalhando uma série de lascas brilhantes como cristal sobre as ondas que se esparramavam, fartas, na ampla meia-lua da baía. Diante da chegada do crepúsculo, pássaros de fogo faziam manobras simultaneamente, em bandos, como se fossem bandeiras de seda agitadas pelo vento. De um pátio cercado por muros baixos, na ilha de mármore branco da mesquita de Haji Ali, eu observava os peregrinos e os devotos moradores da cidade que caminhavam, deixando o templo rumo à costa, pelo caminho de pedras achatadas. A chegada da maré cobriria a trilha, eles sabiam, e então só poderiam voltar para casa de barco. Os sofrendores ou arrependidos, assim como outros nos dias anteriores, haviam lançado guirlandas de flores na maré ainda baixa. Montadas na maré alta, aquelas flores vermelhas e laranja, brancas e cinza retornavam, enfeitando o próprio caminho com o amor, a perda, a saudade que inspiraram as orações à beira-mar, feitas por milhares de corações partidos a cada dia.

E nós, nossa irmandade, havíamos nos reunido no templo para prestar as últimas homenagens, como se costuma dizer, e orar pela alma de nosso amigo Salman Mustaan. Era a primeira vez, desde a noite em que ele fora morto, que o grupo se reencontrava. Durante semanas depois da batalha com Chuha e sua quadrilha, tínhamos nos separado para nos esconder e cuidar de nossas feridas. Houvera rebuliço na imprensa, é claro. Estamparam-se as palavras *carnificina* e *massacre* nas páginas dos jornais de Bombaim, como se fossem a manteiga no pão doce de um guarda da prisão. Soaram clamores por uma justiça obscura e uma punição impiedosa. E não restavam dúvidas de que a polícia de Bombaim poderia ter feito prisões. Os tiras certamente sabiam qual era a quadrilha responsável pelas pequenas pilhas de corpos encontradas na casa de Chuha. Mas tinham quatro boas razões para não fazerem nada: razões bem mais convincentes para a polícia municipal do que a injusta indignação da imprensa.

Primeiro, não havia ninguém dentro de casa, nas ruas ao redor ou em qualquer lugar de Bombaim que se dispusesse a testemunhar contra nós, mesmo extraoficialmente. Segundo, a batalha tinha liquidado em definitivo os matadores de Sapna, coisa de que os tiras gostariam de ter cuidado pessoalmente. Terceiro, a quadrilha de Walidlalla, sob a liderança de Chuha, matara um policial alguns meses antes, quando ele esbarrou em uma grande negociação de drogas perto da fonte Flora. O caso permaneceu sem solução, oficialmente, porque os tiras não tinham provas para apresentar no tribunal. Mas eles souberam, praticamente desde o dia em que tudo aconteceu, que o sangue fora derramado pelos aliados de Chuha. A chacina em sua casa era algo bem próximo ao que os policiais desejavam fazer com o Rato e seus homens — e que teriam conseguido, mais cedo ou mais tarde, se Salman não tivesse sido mais rápido. E, quarto, o pagamento de um *crore* de rúpias, apropriado das operações de Chuha e distribuído generosamente para uma pequena multidão de peritos, permitira que

os promotores públicos lavassem as mãos, impotentes.

Em particular, os tiras disseram a Sanjay, novo líder do conselho de Khader, que o relógio estava correndo, e que ele havia apostado todas as fichas naquele lance de dados. Queriam paz — e prosperidade prolongada, naturalmente — e, se Sanjay não conseguisse colocar seus homens na linha, eles o fariam. *Aliás, disseram-lhe, depois de aceitarem a propina de dez milhões de rúpias, momentos antes de o devolverem às ruas, aquele sujeito Abdullah, de seu grupo, não queremos voltar a vê-lo. Nunca mais. Ele morreu uma vez em Bombaim. Vai morrer de novo, definitivamente, se tornarmos a encontrá-lo...*

Um por um, depois de semanas escondidos, nós voltamos à cidade e às tarefas que nos cabiam na quadrilha de Sanjay, como passou a ser conhecida. Retornei de Goa e assumi meu posto na operação de passaportes, ao lado de Villu e Krishna. Quando afinal fomos convocados a nos reunir em Haji Ali, fui até o templo em minha moto Enfield, e caminhei com Abdullah e Mahmoud Melbaaf pela trilha lambida por pequenas ondas.

Mahmoud comandou as orações, ajoelhado à frente do grupo. A pequena sacada, uma das muitas que cercavam a mesquita-ilha, era só nossa. Voltado para Meca, com a brisa brincando com sua camisa branca, Mahmoud falou a todos os homens que se ajoelhavam ou estavam de pé atrás dele.

Louvido seja Deus, o Senhor do Universo

O Clemente, o Piedoso

Soberano do Dia do Julgamento!

Só a vós nós adoramos, e só a vós imploramos por socorro.

Guie-nos pelo caminho reto.

Farid, Abdullah, Amir, Faisal e Nazeer — o núcleo muçulmano do conselho — se ajoelhavam atrás de Mahmoud. Sanjay era hinduísta. Andrew, cristão. Eles estavam de joelhos ao meu lado, atrás do grupo que orava. Fiquei de pé com a cabeça baixa e as mãos postas. Conhecia as palavras das orações e a rotina simples de ficar de pé, ajoelhar, reverenciar. Eu poderia ter participado. Sabia que Mahmoud e os outros teriam adorado isso. Mas não conseguia me colocar ao lado deles. A separação que eles achavam tão fácil e instintiva — isto aqui é minha vida criminosa, aquilo ali, minha vida religiosa — era impossível para mim. Falei com Salman, murmurando minha esperança de que ele tivesse encontrado a paz, onde quer que estivesse. Porém eu tinha consciência demais das trevas em meu coração para oferecer qualquer coisa além daquela pequena oração. Então fiquei em silêncio, sentindo-me um impostor, um espião naquela ilha de devoções, enquanto a noite ametista abençoava a sacada com sua luz dourada e lilás. E as palavras da oração de Mahmoud pareciam se adequar perfeitamente a minha honra murcha e meu orgulho cada vez mais escasso: *aqueles que provocaram sua ira... aqueles que se perderam...*

No final das preces, nós nós abraçamos, de acordo com a tradição, e seguimos de volta pelo caminho em direção à costa. Mahmoud foi à frente. Todos nós havíamos orado, à nossa maneira, e chorado por Salman, mas não

parecíamos fazer parte do grupo de visitantes devotos que frequentava o templo sagrado. Usávamos óculos escuros, roupas novas. Eu era o único que não exibia o equivalente ao salário anual de um contrabandista em correntes de ouro, relógios, anéis e pulseiras. E nos gabávamos. Desfilávamos: aqueles passinhos cheios de ginga que os bandidos dão quando armados e perigosos. Era um cortejo esquisito e tão ameaçador que precisamos nos esforçar muito para que os mendigos profissionais no caminho aceitassem as notas de rúpia que oferecíamos como esmola.

Três carros estavam estacionados perto da amurada à beira-mar. Quase exatamente no mesmo lugar em que eu encontrara Abdullah na noite em que conheci Khaderbhai. Minha moto estava atrás dos veículos e parei ali para me despedir.

— Venha comer conosco, Lin — convidou Sanjay, com carinho sincero.

Eu sabia que a refeição seria divertida, depois do melancólico ritual no templo e que incluiria uma seleção de drogas e de garotas bonitas, alegres e bobas. Fiquei feliz com o convite, mas recusei.

— Obrigado, cara, mas tenho um encontro.

— *Arrey*, então a leve com você, *yaar* — sugeri Sanjay. — É uma mulher, não é?

— É, sim. Mas... precisamos conversar. Vejo vocês mais tarde.

Abdullah e Nazeer queriam me acompanhar até a moto. Tínhamos dado apenas alguns passos, quando Andrew correu atrás de nós e me pediu que parasse.

— Lin — disse ele, afobado e nervoso —, é sobre o que aconteceu conosco no estacionamento. Eu... eu só queria dizer... que sinto muito, *yaar*. Venho esperando para... lhe pedir desculpas, sabe?

— Tudo bem.

— Não... não está tudo bem.

Ele me puxou pelo braço, próximo ao cotovelo, levando-me para longe dos ouvidos de Nazeer. Aproximou-se de mim e falou baixo e rápido.

— Não lamento pelo que disse sobre Khaderbhai. Sei que ele era o chefe e tudo o mais, e que você... de certa forma o amava...

— É verdade. De certa forma, eu o amava.

— Ainda assim, não me arrependo do que disse sobre ele. Sabe, toda aquela pregação sagrada não impediu que ele entregasse o velho Madjid para Ghani e os matadores de Sapna, quando precisou que alguém se ferrasse para manter os tiras longe. Madjid era amigo dele, *yaar*. Mas ele permitiu que o cortassem em pedaços, só para confundir a polícia.

— Bem...

— E todas aquelas regras, sobre isso e aquilo, sabe, no final das contas não deram em nada. Sanjay me encarregou das garotas de Chuha e dos vídeos. E Faisal e Amir passaram a tomar conta da *garad*. Vamos faturar montes de *crores* com esses negócios. Vou ganhar um lugar no conselho, assim como eles. Então, os dias de Khaderbhai ficaram para trás, como eu tinha dito.

Fitei os olhos castanhos de Andrew e soltei um profundo suspiro. A antipatia

que eu sentia por ele cozinhava em fogo brando desde a noite no estacionamento. Eu não me esquecia do que ele dissera, nem de como estivéramos a ponto de brigar. O único efeito de seu pequeno discurso foi me deixar mais irritado. Se não tivéssemos acabado de sair da cerimônia fúnebre em homenagem a um amigo comum, eu já teria batido nele.

— Sabe, Andrew — resmunguei, sem sorrir. — Preciso lhe dizer uma coisa: não estou gostando muito desse seu pedido de desculpas.

— Esse não é o pedido de desculpas, Lin — me explicou, franzindo a testa, surpreso. — Queria pedir desculpas pela sua mãe e pelo que disse sobre ela. Sinto muito, cara. Sinto muito, muito mesmo. Foi uma coisa horrível de dizer... sobre a sua mãe ou sobre a de *qualquer um*. Ninguém pode ofender os outros assim. Você teria todo o direito de me dar a porra de um tiro. E... estou feliz para cacete que você não tenha feito isso. As mães são sagradas, *yaar*, e tenho certeza de que a sua é uma senhora muito boa. Então, por favor, eu lhe peço, aceite as minhas desculpas.

— Tudo bem — disse eu, estendendo a mão. Ele a agarrou com as duas e a sacudiu vigorosamente.

Abdullah, Nazeer e eu nos afastamos e seguimos até a moto. Abdullah estava estranhamente quieto. O silêncio que ele carregava consigo era ameaçador, perturbador.

— Você vai voltar para Délhi hoje à noite? — perguntei.

— Vou — respondeu ele. — À meia-noite.

— Quer que eu o deixe no aeroporto?

— Não. Obrigado. É melhor você não ir. Não deve haver policiais a minha procura. Se você estiver por lá, vamos chamar atenção. Mas talvez eu volte a vê-lo em Délhi. Há um trabalho a fazer em Sri Lanka. Você deve ir comigo.

— Não sei, não, cara — hesitei, sorrindo surpreso diante de sua seriedade. — Há uma guerra em Sri Lanka.

— Não existe um homem nem um lugar sem guerra — respondeu Abdullah, e percebi que era a frase mais profunda que ele já me dissera. — A única coisa que podemos fazer é escolher um lado e lutar. É a única escolha que temos, com quem lutamos e contra quem lutamos. É a vida.

— Eu... espero que haja mais do que isso, irmão. Mas, que merda, talvez você tenha razão.

— Acho que você pode fazer isso comigo — insistiu ele, claramente preocupado com o que me propunha. — É o último trabalho para Khaderbhai.

— O que você quer dizer?

— Khader Khan me pediu para cuidar dessa tarefa para ele quando... o *sinhal*, acho que é esse o nome, ou a mensagem, viesse de Sri Lanka. E agora a mensagem chegou.

— Sinto muito, irmão. Não sei do que você está falando — declarei com delicadeza, sem querer dificultar as coisas para ele. — Acalme-se e me explique. Que mensagem?

Ele falou rapidamente com Nazeer, em urdu. O homem mais velho sacudiu a cabeça várias vezes, depois disse alguma coisa sobre nomes, ou sobre não

mencionar nomes. Nazeer virou a cabeça para mim e me presenteou com um grande e afetuoso sorriso.

— Na guerra de Sri Lanka — explicou Abdullah —, os Tigres Tâmeis estão lutando contra o Exército cingalês. Os Tigres são hinduístas, os cingaleses, budistas. Mas no meio deles existem os outros, muçulmanos do Tâmil, sem armas nem exército. São mortos por todos, ninguém os defende. Precisam de passaportes, dinheiro... e ouro. Temos que ajudá-los.

— Khaderbhai — prosseguiu Nazeer — fez este plano. Só três homens. Abdullah, eu e um *gora*, você. Três homens. Nós vamos.

Eu tinha uma dívida com ele. Nazeer jamais mencionaria aquilo, eu sabia, nem ficaria chateado comigo se eu não o acompanhasse. Passamos por muita coisa juntos. Mas eu *devia* minha vida a ele. Seria muito difícil dizer não. E havia outra coisa — algo de sábio, de intensamente generoso — naquele raro sorriso que ele me dera. Ele parecia me oferecer mais do que apenas uma oportunidade de trabalhar com ele e quitar minha dívida. Responsabilizava-se pela morte de Khader, mas ao mesmo tempo sabia que eu ainda me sentia culpado e envergonhado por não estar a seu lado, fingindo ser seu americano, quando Khader foi morto. *Ele está me dando uma oportunidade*, pensei, enquanto voltava o olhar para Abdullah e novamente para ele. *Está me dando a chance de encerrar o capítulo.*

— Então, quando seria essa viagem, mais ou menos?

— Em breve — riu Abdullah. — Dentro de alguns meses, não mais que isso. Vou para Délhi. Mandarei alguém levá-lo para lá, quando chegar a hora. Dois, três meses, irmão Lin.

Ouvi uma voz na minha cabeça — não exatamente uma voz, mas ecos de palavras murmuradas, como pedras quicando sobre a superfície imóvel de um lago — *Assassino... Ele é um assassino... Não vá... Afaste-se... Fuja agora...* E a voz tinha razão, evidentemente. Estava certíssima. E gostaria de poder dizer que levei mais tempo do que aquelas poucas batidas de coração para decidir acompanhá-lo.

— Dois, três meses — respondi, oferecendo minha mão. Ele a apertou, segurando-a com as duas mãos. Olhei para Nazeer e sorri, enquanto falava fitando seus olhos. — Vamos fazer o trabalho de Khader. Vamos encerrá-lo.

Nazeer tensionou a mandíbula, repuxando os músculos das bochechas e exagerando a curva de sua boca voltada para baixo. Ele franziu a testa, mirando as sandálias em seus pés como se fossem filhotes desobedientes. Então, de súbito, se lançou sobre mim em um abraço torturante. Era um abraço de lutador, violento, vindo de um homem cujo corpo nunca aprendera a linguagem do coração — a não ser quando dançava —, e que acabou do mesmo jeito abrupto e furioso como havia começado. Ele soltou os braços e me empurrou para trás com o peito, sacudindo a cabeça e estremeçando, como se um tubarão acabasse de passar por ele em águas rasas. Ergueu rapidamente o rosto, e o carinho que avermelhava seus olhos competia com a carranca de advertência estampada na sua boca de ferradura. Eu sabia que, se mencionasse aquele momento ou ousasse fazer qualquer referência a ele, perderia para sempre sua amizade.

Dei partida na moto e me posicionei, afastando-me do meio-fio com as pernas, rumo a Nana Chowke Colaba.

— *Saatch aur himmat* — exclamou Abdullah quando passei por ele.

Acenei e sacudi a cabeça, mas não consegui responder ao lema. Não sabia quanto de coragem ou de verdade existia na minha decisão de acompanhá-los na missão em Sri Lanka. Não muito, pelo que me parecia enquanto me afastava deles, de todos eles, e me entregava ao calor da noite e aos movimentos do trânsito.

Uma lua avermelhada despontava do mar quando alcancei a estrada Back Bay, que seguia até Nariman Point. Estacionei a moto ao lado de uma barraca de bebidas, travei-a e joguei as chaves para o gerente, que era um amigo da favela. Com a lua atrás de mim, saí pela calçada ao lado da curva comprida de praia arenosa, onde os pescadores consertavam as redes e os barcos surrados. Havia um festival, naquela noite, na região da doca Sassoon. A celebração havia atraído a maior parte das pessoas que moravam nos barracos e abrigos da praia. A rua por onde eu andava estava quase deserta.

Então eu a vi. Estava sentada na beira de um velho barco de pesca semienterrado na areia da praia. Só a proa e alguns metros da parte superior da embarcação se destacavam no mar de areia. Vestia a túnica de um *salwar* sobre calças largas. Os joelhos estavam encolhidos e ela descansava o queixo sobre os braços enquanto olhava fixamente para a água escura.

— É por isso que eu gosto de você, sabe? — disse eu, sentando-me a seu lado numa das bordas do barco encalhado.

— Olá, Lin — respondeu ela, sorridente, com olhos verdes tão escuros quanto a água. — Estou feliz em vê-lo. Achei que você não viria.

— Seu recado pareceu meio... urgente. Quase não o recebi. Por sorte, esbarrei com Didier a caminho do aeroporto e ele me disse.

— A sorte é o que acontece quando o destino se cansa de esperar — murmurou ela.

— Sem essa, Karla — respondi, às gargalhadas.

— Velhos hábitos — sorriu ela — são mais difíceis de mudar, ficam mais arraigados.

Seus olhos examinaram meus traços por um momento, como se procurassem uma referência familiar num mapa. O sorriso desapareceu lentamente.

— Vou sentir falta de Didier.

— Eu também — murmurei, pensando que, àquela altura, ele provavelmente já estava no ar, a caminho da Itália. — Mas acho que vai voltar logo.

— Por quê?

— Pus os Georges do Zodíaco para cuidarem do apartamento dele.

— Oooh — assustou-se, fazendo a forma de um beijo com os lábios perfeitos.

— É. Se isso não o fizer voltar depressa, nada mais vai funcionar. Você sabe o quanto ele ama aquele apartamento.

Ela não respondeu, mas seu olhar demonstrou a intensidade de seus pensamentos.

— Khaled está aqui, na Índia — comentou com veemência, olhando nos meus olhos.

— Onde?

— Em Délhi... Bem, para falar a verdade, *perto* de Délhi.

— Desde quando?

— Recebi a notícia há dois dias. Foi verificada. Acho que é ele.

— Que notícia?

Ela desviou o olhar na direção do mar e soltou um suspiro longo e lento.

— Jeet tem acesso a todos os serviços de telex. Um deles enviou uma notícia sobre um novo líder espiritual chamado Khaled Ansari, que viajou a pé desde o Afeganistão, atraindo multidões de seguidores por onde passava. Quando vi aquilo, pedi que Jeet checasse para mim. Seu pessoal enviou uma descrição, e é compatível.

— Uau... graças a Deus... graças a Deus.

— É, talvez — murmurou ela. Vestígios do antigo mistério e da malícia reluziam em seu olhar.

— Você tem certeza que é ele?

— Tenho certeza suficiente para ir até lá — respondeu, me olhando mais uma vez.

— Você sabe onde ele está... agora, quer dizer?

— Não exatamente, mas acho que sei para onde ele vai.

— Para onde?

— Varanasi. Idriss, o professor de Khaderbhai, mora lá. Está bem velho, mas ainda dá aula.

— O *professor* de Khaderbhai? — perguntei, atônito em pensar que tinha passado centenas de horas com Khader, ouvindo suas palestras filosóficas, e ele nunca havia mencionado o nome.

— É. Eu o encontrei certa vez, bem no começo, logo que cheguei à Índia com Khader. Eu estava... não sei... acho que pode-se dizer que eu tive um colapso nervoso. Havia aquele avião indo para Cingapura. Nem sei como fui parar lá. E entrei em pane... simplesmente pirei. E Khader estava no mesmo voo. Ele me abraçou. Conteí tudo para ele... tudo mesmo... tudo. E depois disso só me lembro de estar nessa caverna com uma gigantesca escultura do Buda e esse sujeito chamado Idriss, o professor de Khader.

Houve uma pausa enquanto Karla deixava que essas memórias a levassem ao passado, mas ela logo se libertou e voltou ao presente.

— Acho que é para onde Khaled vai. Ele deve procurar Idriss. O velho guru o fascinava. Era obcecado em conhecê-lo. Não sei por que nunca o fez, mas acho que é para onde está indo. Ou talvez já esteja lá. Ele costumava me fazer perguntas sobre o professor o tempo todo. Idriss ensinou a Khader tudo o que sabia sobre a teoria da solução e...

— Sobre o quê?

— A teoria da solução. Khader a chamava assim, mas ele disse que foi Idriss que a batizou. Era sua filosofia de vida, a filosofia de Khader sobre como o universo está sempre se dirigindo rumo...

— À complexidade — eu interrompi. — Eu conheço. Conversamos muito sobre isso. Mas ele nunca a chamou de teoria da solução. E jamais me falou sobre Idriss.

— É engraçado, porque acho que ele amava Idriss como a um pai, sabe? Uma vez ele o chamou de mestre de todos os mestres. E ele queria ir morar lá, perto de Varanasi, com Idriss. De qualquer maneira, é onde vou começar a procurar Khaled.

— Quando?

— Amanhã.

— *Tudo bem* — respondi, evitando seu olhar. — E isso... isso tem a ver com... bem, com você e Khaled, sobre o que aconteceu antes?

— Você consegue ser muito *babaca* às vezes, Lin, sabia disso?

Olhei para ela sério, mas não respondi.

— Você sabia que Ulla está na cidade? — perguntou ela, depois de um tempo.

— Não. Quando ela chegou? Você a viu?

— É só o que eu sei. Ela me mandou um recado. Estava no President e queria me ver o quanto antes.

— Você foi?

— Não queria — disse, pensativa. — Se *você* recebesse um recado de Ulla, você teria ido?

— Acho que sim — respondi, contemplando a baía onde o luar desenhava curvas de serpente sobre as ondas suaves. — Mas não por causa *dela*. Por causa de Modena. Eu o encontrei há algum tempo. Ainda é doido por ela.

— Eu estive com ele hoje à noite — disse ela, baixinho.

— Hoje?

— Sim. Ainda há pouco. Com ela. Aquilo me deixou louca. Fui ao hotel, até o quarto dela. Havia outro cara lá dentro, um sujeito chamado Ramesh...

— Modena me falou dele. São amigos.

— Então esse cara abriu a porta, eu entrei e vi Ulla sentada na cama, encostada na parede. E Modena, deitado no colo dela, com a cabeça apoiada no ombro dela. Aquele rosto...

— Eu sei. É uma coisa terrível.

— Era esquisito. Aquela cena estava me deixando doida. Não sei bem por quê. E Ulla me contou que herdou muito dinheiro do pai... A família de Ulla é muito rica, sabia? São praticamente os donos da cidade onde ela nasceu na Alemanha, mas fingiam que não a conheciam desde que ela pegou pesado com as drogas. Não recebia nada deles havia muito tempo, até que o pai morreu. Então Ulla herdou o dinheiro e resolveu voltar e procurar Modena. Sentia-se culpada, disse ela, e não podia viver em paz consigo mesma. Então ela o encontrou. Ele a esperava. E estavam juntos quando fui vê-la, como em uma... uma espécie de história de amor.

— Cacete, então ele estava certo — falei baixo. — Ele me disse... *sabia* que ela ia voltar para ele, e foi o que aconteceu. Eu nunca acreditei. Achei que estava doido.

— E o jeito como eles estavam, com ele sobre as pernas dela. Sabe a *Pietà*, de Michelangelo? Parecia exatamente aquilo. Era tão estranho. Aquilo me abalou mesmo. Algumas coisas são tão esquisitas que deixam a gente exasperada, sabe?

— O que ela queria?

— Como assim?

— Por que ela a chamou no hotel?

— Ah, entendi — disse ela, com um sorrisinho. — Ulla sempre quer *alguma coisa*.

Levantei uma sobrancelha, devolvendo seu olhar, mas sem dizer nada.

— Ela queria que eu arranjasse um passaporte para Modena. Ele está aqui há anos. Seu visto já expirou faz muito tempo. E Modena tem alguns problemas com a polícia espanhola, com seu nome verdadeiro. Precisa de um novo passaporte para retornar à Europa. Ele poderia passar por italiano. Ou português, quem sabe.

— Deixe comigo — falei com calma, achando que afinal sabia o motivo de ter sido chamado para aquele encontro. — Vou providenciar amanhã. Sei como encontrá-lo para as fotos ou o que for necessário, embora não dê para confundir *seu* rosto na imigração. Vou cuidar disso.

— Obrigada — disse ela, encontrando meu olhar com tal intensidade que meu coração começou a bater mais rápido dentro do peito. *É sempre uma tolice*, me disse Didier certa vez, *ficar sozinho com alguém que você não deveria ter amado*. — O que você está fazendo, Lin?

— Estou sentado com você — respondi, sorridente.

— Não, digo, o que você vai fazer? Vai ficar em Bombaim?

— Por quê?

— Eu ia perguntar... se você gostaria de ir comigo, procurar Khaled.

Eu ri, mas ela não me acompanhou.

— É a segunda melhor proposta que me fazem hoje.

— A *segunda* melhor? — disse com a voz arrastada. — Qual foi a melhor?

— Fui convidado para participar da guerra em Sri Lanka.

Ela apertou os lábios com força, reprimindo uma resposta desafortada, mas ergui minhas mãos, em um gesto de rendição, e falei rápido.

— Estou só brincando, Karla, só brincando. Calma. Quer dizer, *é verdade* que recebi um convite para ir a Sri Lanka, mas estou apenas... você sabe.

Ela relaxou, voltando a sorrir.

— Estou fora de forma. Faz muito tempo, Lin.

— Então... por que este convite agora?

— Por que não?

— Isso não basta, Karla, e você sabe.

— Tudo bem — suspirou ela, me lançando um olhar e depois o desviando, para seguir a brisa que desenhava na areia. — Acho que esperava encontrar alguma coisa parecida... parecida com o que vivemos em Goa.

— E o... *Jeef*? — perguntei, ignorando a abertura que ela me dava. — O que ele pensa da sua ideia de ir à procura de Khaled?

— Levamos vidas separadas. Fazemos o que temos vontade. Vamos aonde queremos.

— Parece bem... *sem compromisso* — comentei, lutando para encontrar uma palavra que não fosse mentirosa e que não a ofendesse. — Didier fez parecer que era bem mais sério que isso. Ele me disse que o cara pediu você em casamento.

— Ele pediu — respondeu ela, com firmeza.

— E então?

— E então o quê?

— Você vai... se casar com ele?

— Vou. Acho que vou.

— Por quê?

— Por que não?

— Não comece de novo.

— Desculpe — disse ela, suspirando, com um sorriso cansado. — Tenho andado com uma turma diferente. Por que me casar com Jeet? Ele é um sujeito legal, saudável, cheio da grana. E, puxa, acho que vou me sair melhor do que ele no quesito gastar dinheiro.

— Então você está me dizendo que está disposta a morrer por este amor.

Ela riu e depois virou para mim, subitamente séria. Os olhos, claros com o luar; os olhos, do verde dos nenúfares depois da chuva. O cabelo longo, negro como os seixos de um rio na floresta; o cabelo que parecia conter a própria noite na manta dos meus dedos. Os lábios, iluminados pelas luzes incandescentes das estrelas; lábios com a maciez das pétalas da camélia aquecidos por sussurros secretos. Linda. E eu a amava. Eu ainda a amava tanto, com tanta intensidade, mas sem calor nem convicção. Aquele amor que precipitava, desamparado, sonhador, que alçava voo. E de repente eu soube naqueles segundos de... adoração distanciada, eu acho... que o poder dela sobre mim havia acabado. Ou, mais que isso, seu poder se transferira para mim e se tornara meu. Eu tinha todas as cartas. E então eu quis compreender. Não me bastava simplesmente saber o que havia acontecido conosco. Eu queria entender tudo.

— Por que você não me contou, Karla?

Ela soltou um leve suspiro de angústia, esticou as pernas para enterrar os pés descalços na areia. Ao ver pequenas cascatas de areia macia se derramarem sobre seus pés em movimento, ela falou em um tom indiferente, monótono, como se estivesse escrevendo uma carta — ou, talvez, se lembrando de uma carta que escrevera no passado e jamais me enviara.

— Eu sabia que você ia me perguntar isso e acho que foi por esse motivo que esperei tanto para procurá-lo. Deixei que as pessoas soubessem que eu estava por aí e perguntei por você, mas não fiz nada, até hoje, porque... eu sabia que você ia fazer essa pergunta.

— Se torna as coisas mais fáceis — interrompi, com um tom mais áspero do que pretendia —, sei que você botou fogo no Palácio de Madame Zhou...

— Ghani lhe contou?

— Ghani? Não. Cheguei sozinho a essa conclusão.

— Ghani cuidou de tudo para mim. Foi a última vez que nos falamos.

— A última vez que falei com ele foi uma hora antes da sua morte.

— Ele lhe disse alguma coisa sobre ela? — perguntou-me, talvez na

expectativa de que houvesse partes que não precisaria me contar.

— Sobre Madame Zhou? Não. Ele não disse nada.

— Ele me contou... muita coisa — suspirou. — Preencheu algumas lacunas. Acho que foi Ghani que me fez perder a cabeça com ela. Ele me disse que ela havia mandado Rajan o seguir e que mexeu os paunzinhos com os tiras para mandar prendê-lo quando Rajan lhe contou que a gente dormiu junto. Sempre a odiei, mas aquilo passou dos limites. Foi simplesmente... demais para mim. Ela não podia me deixar curtir aquele tempo com você. Não queria permitir. Então cobrei alguns favores de Ghani e ele providenciou tudo. O tumulto. Foi um grande incêndio. Eu mesma ajudei a botar fogo.

Karla fez uma pausa, contemplando os pés na areia, e apertou as mandíbulas. Os reflexos das luzes cintilavam em seus olhos. Por um momento, me permiti imaginar como aqueles olhos verdes deviam ter reluzido diante do fogo, enquanto ela via o Palácio arder em chamas.

— Também sei dos Estados Unidos — disse eu, depois de um tempo. — Sei o que aconteceu lá.

Ela me olhou rapidamente, decifrando meu olhar.

— Lisa — disse ela. Não respondi. Então, como é típico das mulheres, percebendo imediatamente o que não poderia saber, ela sorriu. — Que bom... Lisa e você. Você e Lisa. É... muito bom.

Minha expressão permaneceu inalterada e seu sorriso se esvaiu quando ela olhou de novo para a areia.

— Você matou alguém, Lin?

— Quando? — perguntei, sem saber se ela se referia ao Afeganistão ou à pequena batalha contra Chuha e sua quadrilha.

— Alguma vez.

— Não.

— Fico feliz — ela suspirou mais uma vez. — Gostaria...

Ela ficou em silêncio novamente por um momento. De algum lugar atrás da praia deserta vinham sons do festival: gargalhadas ruidosas e felizes que se sobrepunham ao estrondo dos metais de uma banda. Mais próximo de nós, a música do oceano se esparramava sobre as areias, e as palmeiras estremeciam com o frescor da brisa.

— Quando fui lá... quando entrei na casa, no cômodo onde ele se encontrava, ele sorriu para mim. Estava... de fato... feliz em me ver. E, por uma fração de segundo, mudei de ideia e pensei... que tudo tivesse terminado. Então vi outra coisa exatamente naquele sorriso... algo de sujo e... ele disse... *Sabia que você ia querer mais, um dia desses...* ou coisa parecida. E ele... assim... começou a olhar para um lado e para o outro, para ter certeza de que ninguém ia chegar...

— Está tudo bem, Karla.

— Ao ver a arma, foi pior, porque ele começou... não a implorar... pediu *desculpas*... Ficou bem claro, bem claro mesmo, que ele sabia o que tinha feito comigo... ele sabia... de tudo, e de como tinha sido ruim. E aquilo foi muito pior. Depois, eu o matei. Não houve tanto sangue assim. Achei que teria. Talvez mais tarde. E não me lembro do resto, até me encontrar no avião com o braço de

Khader em torno de mim.

Ela ficou em silêncio. Inclinei-me para pegar uma concha em forma de cone, espiralada, com uma ponta quebrada e afiada. Apertei-a contra a palma da mão até quase perfurar a pele e em seguida a joguei na areia ondulada. Quando voltei a olhá-la, descobri que me fitava, com a testa muito franzida.

— O que você quer? — perguntou, abruptamente.

— Quero saber por que nunca me falou sobre Khaderbhai.

— Você quer mesmo?

— Claro que sim.

— Eu não podia confiar em você — declarou, voltando a desviar o olhar. — Não é bem isso... Quer dizer, eu não *sabia* se podia confiar em você. Agora acho que... eu *sei*, eu poderia ter confiado em você desde o início.

— Tudo bem. — Meus dentes se tocavam e meus lábios não se mexeram.

— Tentei lhe contar. Tentei fazer que ficasse comigo em Goa. Você sabe disso.

— Teria sido importante — retruquei, mas depois suspirei como ela, e suavizei meu tom de voz. — *Provavelmente* ajudaria se me contasse que trabalhava para Khader... que havia me recrutado para ele.

— Quando fugi... quando fui para Goa, estava muito mal. A história de Sapna... foi ideia minha. Você sabia disso?

— Não. *Meu Deus*, Karla.

Seus olhos se contraíram quando ela percebeu o desapontamento e a raiva em meu rosto.

— Não a parte dos assassinatos — ela explicou e pareceu chocada, eu acho, ao se dar conta de que eu tinha entendido errado e a considerava capaz de conceber os assassinatos de Sapna. — Aquilo foi ideia de Ghani, sua contribuição. Eles precisavam levar e trazer coisas, passando por Bombaim, e careciam da ajuda de pessoas que não queriam colaborar. Minha ideia era criar um inimigo comum, Sapna, e fazer com que todos se unissem para derrotá-lo. Era para ser algo com cartazes e pichações, mais alguns alarmes falsos de bomba, coisa inofensiva... para parecer que havia um líder carismático e perigoso à solta. Mas Ghani não achou que aquilo era assustador o bastante. Por isso começou com os assassinatos...

— E você foi embora... para Goa.

— É. Você sabe onde eu ouvi pela primeira vez notícias sobre os assassinatos, sobre o que Ghani estava fazendo com minha ideia? Naquela Aldeia do Céu... naquele almoço que fui com você. Seus amigos falavam no assunto. E aquilo me deixou realmente abalada na ocasião. Fiquei um tempo tentando parar com aquilo, de alguma maneira. Mas foi inútil. Depois Khader me contou que você estava na cadeia... Mas teria que ficar lá até que Madame Zhou fizesse o que ele queria. E então, ele... ele me fez trabalhar com o paquistanês, o jovem general. Era um dos meus contatos e gostava de mim. Por isso eu... eu fiz aquilo. Eu cuidei dele enquanto você estava lá, até Khader conseguir o que queria. E, depois, eu simplesmente... larguei tudo. Estava cheia daquilo.

— Mas você voltou para ele.

— Tentei fazer você ficar comigo.

— Por quê?

— O que você quer dizer?

Estava franzindo a testa e parecia irritada com a pergunta.

— Por que você queria que eu ficasse com você?

— Não lhe parece óbvio?

— Não. Sinto muito. Não parece. Você me amava, Karla? Não estou perguntando se você me amava como eu a amava. Quer dizer... você me amava de alguma forma? Chegou a me amar, Karla?

— Eu gostava de você...

— É...

— Não, é verdade. Eu gostei de você mais que de qualquer outra pessoa que conheci. E para mim é muita coisa, Lin.

Minha mandíbula estava travada, e voltei a cabeça para o outro lado. Ela esperou alguns instantes e falou comigo novamente.

— Não podia lhe contar sobre Khader. Não podia. Ia parecer que eu estava trairdo ele.

— Mas me trair era diferente, imagino...

— Sem essa, Lin, não foi assim. Se você tivesse ficado comigo, nós *dois* teríamos nos afastado daquele mundo, mas mesmo assim eu não poderia lhe contar nada. De qualquer forma, não importa. Você não ia ficar comigo, então achei que nunca mais voltaria a vê-lo. Depois, recebi um recado de Khader dizendo que você estava na casa de Gupta, tentando se matar com droga, e que ele precisava de mim para ajudá-lo a sair dali. Foi por isso que voltei. Foi assim que voltei para ele.

— Eu não entendo, Karla.

— *O que* você não entende?

— Por quanto tempo você trabalhou para Khader e Ghani, antes da história com Sapna?

— Uns quatro anos.

— Então você deve ter visto muitas outras coisas... pelo menos, deve ter *ouvido* falar. Você trabalhava para a máfia de Bombaim, porra, ou pelo menos para um ramo da máfia. Trabalhava para um dos maiores chefes de Bombaim, como eu. Você *sabia* que eles matavam pessoas *antes* que Ghani enlouquecesse com a milícia de Sapna. Por que... depois de tudo isso, você pirou de repente com a história de Sapna? Não consigo entender.

Ela estava muito atenta a mim. Eu sabia que era esperta o suficiente para perceber que eu estava contra-atacando com perguntas, mas seus olhos me disseram que ela via além. Embora eu tivesse tentado ocultar, notei que Karla havia captado as farpas do ceticismo e da censura moral em meu tom. Quando acabei, ela respirou fundo e pareceu a ponto de falar, mas então parou, como se reconsiderasse a resposta que deveria dar.

— Você acha que eu os deixei — prosseguiu, finalmente, com um pequeno vinco de surpresa na testa — e fui para Goa porque queria ser... o quê?... *perdoada* pelo que havia feito? Ou por ter participado daquilo? É isso?

— Foi isso?

— Não. Eu queria ser perdoada, e ainda quero, mas não por isso. Eu os deixei porque não sentia nada em relação aos assassinatos. Estava atordoada... e... acho que pirei, a princípio, pelo fato de Ghani ter modificado tanto a ideia. E não gostei disso. Achei uma coisa estúpida. Considerei desnecessário e imaginei que traria problemas que não precisávamos ter. E tentei convencer Khaderbhai a mudar de ideia. Tentei fazê-los parar. Mas não *senti* nada em relação a isso, mesmo quando eles mataram Madjid. E eu... eu gostava do velho Madjid. Era o melhor deles, de certa forma. Mas não senti nada quando ele morreu. E não senti nada, nem um pouquinho, quando Khader me disse que precisava deixar você na cadeia e permitir que fosse surrado. Eu gostava de você, mais que de qualquer outra pessoa, mas não me senti mal, nem lamentei. De alguma forma, eu compreendia que precisava ser assim, que era ruim, e que era apenas um grande azar que precisasse acontecer com  *você* . Eu não sentia nada. E aí eu percebi... foi quando entendi que precisava me afastar.

— E Goa? Você não pode me dizer que aquilo não significou nada.

— Não. Quando você chegou a Goa e me encontrou, como eu sabia que ia acontecer, foi... muito bom. Comecei a pensar, *é assim que é... é disso que as pessoas costumam falar tanto...* Mas você não quis ficar. Precisava voltar, voltar para *ele*, e eu sabia que ele queria isso, talvez até precisasse de você. E não podia lhe dizer o que conhecia dele, porque eu tinha uma dívida e não tinha certeza se podia confiar em você. Então o deixei partir. E, quando você se foi, não senti nada. Nada mesmo. Não queria ser perdoada pelo que havia feito. Queria ser perdoada... e ainda quero, e é por isso que vou procurar Khaled e Idriss... porque não *lamento* nada, não me arrependo de nada. Sou fria por dentro, Lin. Gosto das pessoas e das coisas, mas não amo nada nem ninguém, nem a mim mesma, e não me importo com isso. E, sabe, a coisa mais estranha é que, na realidade, não *quero* me importar com nada.

E lá estava. Consegui tudo — toda a verdade e os detalhes de que precisava saber desde aquele dia na montanha, na crueldade gelada da neve, quando Khader me falou sobre ela. Acho que esperava me sentir... satisfeito, talvez, e vingado, por obrigá-la a me contar o que havia feito e seus motivos. Ou, quem sabe, ser liberado, reconfortado, só por ouvir o que ela tinha a dizer. Mas não foi assim. Senti um vazio: do tipo que é triste, mas tranquilo; que lamenta, mas não se desespera; partido; com alguma sequela, porém mais límpido e claro do que antes. E então eu soube o que era aquele vazio: há um nome para ele, uma palavra que usamos com frequência, sem nos dar conta do universo de paz que ela envolve. A palavra é *liberdade*.

— Não sei se adianta alguma coisa — disse eu, estendendo a mão para tocar no seu rosto. — Eu a perdoo, Karla. Eu a perdoo e amo você e sempre vou amar.

Nossos lábios se encontraram como ondas que sobem e descem no redemoinho do mar furioso. Senti que caía: livre e despencando do amor que se abria, como pétalas de lótus, dentro de mim. E juntos desabamos pela extensão de seu cabelo negro até a areia ainda morna no interior do barco enclanhado.

Quando nossos lábios se afastaram, as estrelas deixaram aquele beijo e

chegaram a seus olhos verde-mar. Uma era de desejos passou daquele olhar para o meu. Uma era de paixão passou dos meus olhos cinzentos para os dela. Toda a fome, toda a ânsia faminta de carne e esperanças, fluiu de um para o outro: o momento em que nos conhecemos; as tiradas engraçadas no Leopold; os Babas de Pé; a Aldeia do Céu; o cólera; a passagem das ratazanais; os segredos que ela me sussurrara, exausta, quase ao adormecer; a cantoria no barco, durante a enchente, quando passamos pelo monumento; a tempestade que aconteceu quando fizemos amor pela primeira vez; a alegria e a solidão em Goa, e nosso amor que lançava sombras na vidraça, na última noite antes da guerra.

E não havia mais palavras. Não havia mais astúcia quando a acompanhei até um táxi estacionado nas proximidades. Voltei a beijá-la. Um longo beijo, um adeus. Ela sorriu para mim. Foi um sorriso bom, um belo sorriso, quase o melhor dela. Observei as luzes vermelhas do táxi reluzirem, se tornarem manchinhas e desaparecerem na imensidão da noite.

Sozinho na rua estranhamente silenciosa, comecei a caminhar em direção à favela de Prabaker — sempre pensei nela como sendo a favela de Prabaker, e ainda penso assim — para pegar a moto. Minhas sombras dançavam a cada poste, deixando o ódio para trás de mim e avançando. As canções do oceano se afastaram. A avenida avançava para além da costa e transformava-se em ruas amplas, ladeadas por árvores, na nova península conquistada do mar, pedra sobre pedra, pela cidade-ilha que não parava de crescer.

Os sons da celebração chegavam até mim, vindos das ruas ao meu redor. O festival havia acabado e as pessoas começavam a voltar. Garotos ousados, montados em bicicletas, zuniam entre os pedestres, velozes demais, mas sem tocar sequer em uma manga de camisa. Garotas inacreditavelmente lindas, usando sáris novos e coloridos, passavam, recebendo olhares de rapazes que haviam perfumado as camisas e a pele com sabonete de sândalo. As crianças dormiam, carregadas sobre ombros, com pernas e braços frouxos como roupas molhadas no varal. Alguém cantou uma canção de amor e uma dúzia de vozes acompanhou cada verso. Todos os homens e todas as mulheres que caminhavam de volta a um barraco na favela ou a um belo apartamento sorriam, ouvindo as palavras tolas e românticas.

Três rapazes que cantavam perto de mim viram meu sorriso e levantaram as mãos, questionadores. Ergui meus braços e cantei, juntando minha voz às deles, surpreendendo-os de uma forma agradável com o que eu sabia. Lançaram seus braços de desconhecidos em volta de mim e empurraram nossas almas unidas pela música até a indestrutível ruína da favela. *Todo mundo, no mundo inteiro*, disse Karla, certa vez, *foi indiano em pelo menos uma de suas vidas passadas*. E eu ri ao pensar nela.

Não sabia o que fazer. A primeira parte era bastante clara — tinha uma dívida com o afegão parrudo, Nazeer. Ele me dissera certa vez, quando conversamos sobre a culpa que eu continuava a sentir pela morte de Khader: *Boa arma, bom cavalo, bom amigo, boa batalha. Você conhece alguma forma melhor para o Grande Khan morrer?* E um minúsculo fragmento daquele pensamento ou sentimento também se aplicava a mim. Era correto, de algum modo — embora

eu não conseguisse explicar nem para mim mesmo —, e adequado que eu arriscasse a vida na companhia de bons amigos, no curso de uma importante missão.

E havia tantas coisas que eu precisava aprender, tanto que Khaderbhai queria me ensinar. Eu sabia que seu professor de física, de quem ele me falara no Afeganistão, estava em Bombaim. E o outro professor, Idriss, encontrava-se em Varanasi. Se eu voltasse a Bombaim, depois da missão com Nazeer em Sri Lanka, existiria um mundo de conhecimentos a ser descoberto e apreciado.

Enquanto isso, na cidade, meu lugar no conselho de Sanjay estava garantido. Havia trabalho, dinheiro e um pouco de poder. Por algum tempo, encontraria segurança naquela irmandade para escapar do alcance da lei australiana. Tinha amigos no conselho, no Leopold e na favela. E, sim, talvez eu tivesse até uma oportunidade de amar.

Quando alcancei a moto, continuei a caminhar na direção da favela. Não sabia bem a razão. Seguia um instinto e talvez me sentisse atraído pela lua cheia. As passagens estreitas, aqueles becos tortuosos de lutas e sonhos, eram tão familiares para mim, tão reconfortantemente seguros que me espantei ao pensar no medo que sentira ali um dia. Vaguei sem plano, sem objetivo, e avancei de sorriso em sorriso, enquanto homens, mulheres e crianças que haviam sido meus pacientes e vizinhos erguiam os olhos e me viam passar. Avancei em meio a vapores com odor de cozinha e sabão de banho, de bancas de animais e lamparinas a querosene, de incenso e sândalo que se desprendiam de milhares de pequenos templos em milhares de pequenos lares.

Numa esquina, esbarrei em alguém e, quando nossos rostos se ergueram para os pedidos de desculpas, nos reconhecemos imediatamente. Era Mukesh, o jovem ladrão que me ajudara na cadeia de Colaba e na prisão de Arthur Road: o homem cuja liberdade eu exigi quando Vikram pagou pela minha.

— Linbaba! — exclamou ele, segurando meu antebraço. — Tão bom ver você! *Arrey!* Como vão as coisas?

— Estou só de visita — respondi, rindo com ele. — O que  *você*  está fazendo aqui? Está com ótima aparência! Afinal de contas, como  *você*  está?

— Sem problemas,  *baba! Bilkul fit, hain!*  — disse.  *Estou completamente bem!*

— Já comeu? Gostaria de tomar um  *chai* ?

— Obrigado,  *baba* , não. Estou atrasado para uma reunião.

—  *Achcha?*  — murmurei.  *Ah, é?*

Ele se aproximou para cochichar.

— É um segredo, mas sei que posso confiar em você, Linbaba. Vou me encontrar com alguns caras que andam com Sapna, o rei dos ladrões.

— O quê?

— É — sussurrou. — Esses caras  *realmente*  conhecem aquele Sapna. Falam com ele quase todos os dias.

— Não é possível — disse eu.

— É possível sim, Linbaba. São amigos dele. E vamos organizar um exército... um exército de pobres. Vamos ensinar àqueles muçulmanos quem é que manda em Maharashtra! Sapna matou o chefe da máfia, Abdul Ghani,

dentro de sua casa, e espalhou os pedaços do corpo por toda parte! E, depois disso, os muçulmanos aprenderam a ter medo da gente. Preciso ir agora. Vamos nos ver logo, não é? Adeus, Linbaba!

Ele disparou pelos becos. Eu me virei e voltei a caminhar sem sorrisos, em um estado de espírito que se tornara angustiado, irritado e sombrio. E depois, como sempre acontecia, Bombaim, minha Mumbai, me apoiou nas costas largas de uma fidelidade revigorante. Peguei-me próximo a um grupo de devotos reunidos diante do barraco novo e espaçoso que pertencia às Irmãs Azuis. Homens e mulheres estavam de pé à margem da aglomeração, enquanto outros se sentavam ou se ajoelhavam em um semicírculo de luz suave na entrada da cabana. E ali na porta, emolduradas por auréolas de lamparinas e coroadas com a fumaça azul de incenso, estavam as próprias Irmãs Azuis. Radiantes. Serenas. Seres de tamanha compaixão, de tranquilidade tão sublime que meu coração partido e exilado entregou seu amor a elas, como acontecia com todos os homens e mulheres que as viam.

Naquele momento, senti um puxão na manga da camisa. Virei a cabeça e encontrei o que parecia ser o fantasma de um sorriso gigantesco grudado ao corpo de um homenzinho. O fantasma me sacudiu e depois se dobrou para a frente, rapidamente, para tocar os pés, na saudação tradicional para um pai ou uma mãe. Era Kishan, pai de Prabaker. Ele explicou que estava na cidade para passar férias com Rukhmabai, sua mulher, e Parvati, a viúva de Prabaker.

— Shantaram! — ele me recriminou quando comecei a falar com ele em hindi. — Você esqueceu todo o seu belo marata?

— Perdão, pai! — eu ri, começando a falar marata. — Estou tão feliz em vê-lo. Onde está Rukhmabai?

— Venha! — respondeu ele, pegando minha mão como se eu fosse uma criança e me conduzindo pela favela.

Chegamos ao grupinho de casas, que incluía meu próprio barraco, aglomerado em volta da casa de *chai* de Kumar, perto da meia-lua do mar. Johnny Cigar estava ali com Jeetendra, Qasim Ali Hussein e a esposa de Joseph, Maria.

— Estávamos falando de você! — exclamou Johnny quando apertei sua mão e cumprimentei os outros. — Acabamos de dizer que seu barraco está vazio de novo, e nos lembrávamos do incêndio, naquele primeiro dia. Foi um dos grandes, *na?*

— Foi, sim — murmurei, pensando em Raju e nos outros que morreram na ocasião.

— E então, Shantaram — ralhou uma voz em marata, vinda de trás de mim —, agora você é um sujeito importante demais para falar com sua pobre mãe da aldeia?

Virei-me e vi que Rukhmabai estava de pé, perto de nós. Abaixei-me para tocar nos seus pés, mas ela me impediu e juntou as mãos para me cumprimentar. Parecia mais triste e mais velha no carinho de seu sorriso, e o luto havia colocado fios grisalhos em seu cabelo negro. Mas ele crescia de novo. O cabelo longo que vira cair como uma sombra que desaparecia voltava a crescer

e havia uma esperança viva no corpo daqueles fios espessos.

Ela me fez olhar para a mulher com trajas brancas de viúva, a seu lado. Era Parvati, e com ela estava uma criança, um filho. Ele se segurava à saia do sári para se equilibrar. Cumprimentei Parvati e, quando voltei a atenção para o menino e olhei em seu rosto, fiquei tão chocado que meu queixo caiu. Virei-me para os adultos e todos sorriram, sacudindo as cabeças para demonstrar a mesma admiração, pois a criança era a cara de Prabaker. Ele não era apenas parecido com Prabaker, o garoto era uma cópia perfeita do homem que nós todos amávamos mais que a qualquer outro. E, quando ele sorriu para mim, foi o sorriso dele, de Prabaker, imenso, capaz de abraçar o mundo, que eu vi naquele rosto perfeitamente redondo.

— *Baby dijiye?* — perguntei. *Posso segurá-lo?*

Parvati assentiu. Estendi os braços e ele veio sem resistir.

— Qual é o seu nome? — perguntei, balançando o garoto em meus quadris, e observando seu sorriso.

— Prabu — respondeu Parvati. — Ele se chama Prabaker.

— Ah, Prabu — ordenou Rukhmabai —, dê um beijo no tio Shantaram.

O garoto beijou meu rosto rapidamente e depois abraçou meu pescoço com seus bracinhos, com força, e me apertou. Eu o abracei também, bem perto do coração.

— Sabe, Shantu — sugeriu Kishan, batendo na barriga redonda e dando um sorriso do tamanho do mundo —, sua casa está vazia. Estamos todos aqui. Você podia ficar conosco esta noite. Podia dormir aqui.

— Pense bem, Lin — avisou Johnny Cigar, sorrindo para mim. A lua cheia estava em seu olhar e iluminava seus dentes brancos e fortes. — Se você ficar, as pessoas vão saber. Em primeiro lugar, vai acontecer uma festa esta noite, e depois, quando você acordar, vai haver uma maldita fila de pacientes, *yaar*, esperando para vê-lo.

Devolvi o garoto aos braços de Parvati e passei a mão no rosto e nos cabelos. Ao ver as pessoas, ao ouvir as respirações, os empurrões, os risos, a música da favela a minha volta, me lembrei de uma das frases preferidas de Khaderbhai. *Todas as batidas de um coração humano*, dissera ele muitas vezes, *abrem um universo de possibilidades*. E parecia finalmente compreender o que isso queria dizer. Ele tentava me dizer que todo ser humano tem o poder de transformar seu destino. Sempre achei que o destino fosse algo imutável: predeterminado no nascimento e tão constante quanto as estrelas no céu. Mas de repente percebi que a vida é mais estranha e bela do que isso. A verdade é que, não importa o tipo de jogo, não importa que a sorte seja boa ou ruim, é possível mudar completamente nossa vida com um único pensamento ou um gesto de amor.

— Bem, perdi a prática de dormir no chão — disse eu, sorrindo para Rukhmabai.

— Você pode ficar com a *minha* cama — sugeriu Kishan.

— Ah, não! — protestei.

— Ah, sim! — insistiu ele, arrastando o catre para fora de seu barraco e para dentro do meu. Johnny, Jeetendra e os outros me abraçavam e fingiam lutar

comigo até me render, nossos gritos e risos se espalhavam rumo à eternidade do mar.

Pois é o que fazemos. Colocamos um pé na frente, depois o outro. Erguemos o olhar para receber o grunhido e o sorriso do mundo, mais uma vez. Pensamos. Agimos. Sentimos. Acrescentamos nossas pequenas influências às marés de bem e de mal que inundam e ressecam o mundo. Arrastamos nossas cruces de sombras na promessa de mais uma noite. Empurramos nossos corações corajosos com a promessa de um novo dia. Com amor: a busca apaixonada por uma verdade diferente da nossa. Com vontade: o desejo puro e inefável de ser salvo. Enquanto o destino esperar, continuamos a viver. Deus nos ajude. Deus nos perdoe. Continuamos a viver.

## **SOBRE O AUTOR**



Gregory David Roberts, como o herói deste romance, foi durante muitos anos

um foragido da justiça. Em 1978, depois de se divorciar, perder a guarda da filha e ser preso por uma série de assaltos cometidos para bancar seu vício em heroína, ele foi posto em uma prisão de segurança máxima na Austrália, condenado a uma pena de dezenove anos. Em 1980, fugiu pelo muro da frente do presídio e, nos dez anos seguintes, driblou as autoridades, tornando-se o criminoso mais procurado da Austrália.

Passou a maior parte desse período em Bombaim (atualmente chamada de Mumbai). Instituiu um posto médico gratuito para os moradores de uma favela e trabalhou como falsificador, contrabandista, traficante de armas e soldado da máfia local. Foi finalmente capturado na Alemanha e extraditado para a Austrália, onde passou dois anos na solitária e cumpriu sua sentença. Na prisão, escreveu Shantaram. Reside em Mumbai e dedica-se em tempo integral ao ofício de escritor.